

de chamar-me para
 presença de quadros ou preparativos
 (crio) dela. Telegrafem-me para o
 para onde sigo amanhã
 que em frente.

Itinerário do MPLA através de documentos de Lúcio Lara

dedicada

Brassaville, 13 de Abril de 1964

PROGRAMA QUE ANIMA
 O ESTUDO PROPOSTO

5 DE DEZEMBRO DE
 1960.

4 DE JANEIRO DE 19

Fait à Dar-es-Salaam, le 25 novembre 1964

Secretariado das Relações Exteriores
 Américo Gonçalves



Nicolau Spencer
 Alexia Pascoal

Dr. Lúcio Lara

Handwritten signatures and notes

Na P.L.A. Tel. 40-15
 BRASSAVILLE

origem incobada para abrigos
 das individualidades



MOVIMENTO POPULAR DE LIB
 DE ANGOLA
 (M. P. L. A.)
 B. P. 720 - TEL. 2.452
 LÉOPOLDVILLE



Em nome do Comando
 Américo Gonçalves

Leopoldville, 18 de



um amplo movimento...

MOVIMENTO POPULAR DE LIBERTACAO
 DE ANGOLA
 M.P.L.A.
 51, Avenue Toubour de Tabora
 B.P. 720 - Tel. 2452
 LÉOPOLDVILLE

AGOSTINHO NETO - Presidente do C. D.
 JOSE EDUARDO - Vice Presidente do
 da O.M.A.
 - dum Comité de Apoio
 - da Juventude

Leopoldville, 11 de Maio de 1963

vol. III
 (1963-1964)

Felo Comité Directora

Agostinho Neto
 Presidente

DOC47/63

Okwafaka Lokueta,

Ceili ka ci vanguarda. Ci i
 Bu ka tave kubu...

um amplo movimento...

Itinerário do MPLA
através de documentos
de
Lúcio Lara

FICHA TÉCNICA

Título:

Um amplo movimento...
Itinerário do MPLA através de documentos de Lúcio Lara
(Vol. III – 1963-1964)

© *Copyright*: Lúcio Lara

Edição:

Lúcio Lara

Execução Gráfica:

Lito Tipo

Tiragem:

1ª edição: Dezembro 2006

2000 exemplares

Depósito Legal n.º 4052/2006

Luanda - República de Angola

Vol. III

(1963-1964)

Índice

| | |
|---|-----------|
| AO LEITOR (SOBRE OS VOLUMES II E III) | 1 |
| INTRODUÇÃO DE MARIA DA CONCEIÇÃO NETO | 3 |
| DOCUMENTOS DE 1963 A 1964 | 15 |
| Informação do MPLA sobre a formação do EPLA (Léopoldville, 10.01.63) | 17 |
| Declaração de Agostinho Neto na 4ª Comissão da ONU (Rabat, Janeiro 63)..... | 18 |
| Carta de Matias Miguéis a Viriato da Cruz (Léopoldville, 10.01.63) | 22 |
| Carta do CD do MPLA a Matias Miguéis (Léopoldville, 15.01.63)..... | 23 |
| Comunicado de Guerra do MPLA (Léopoldville, 24.01.63)..... | 23 |
| Comunicado de Guerra do MPLA (Léopoldville, 25.01.63)..... | 24 |
| Relatório de L. Almeida sobre a visita de A. Neto à Alemanha (? , 25.01.63) | 25 |
| Carta do MPLA à UPA e ao PDA (Léopoldville, 25.01.63)..... | 30 |
| Carta do MPLA em Conakry para o MPLA em Léopoldville (Conakry, | |
| 25.01.63) | 31 |
| Carta de Jonas Savimbi ao CD do MPLA (Léopoldville, 29.01.63) | 34 |
| Carta de Viriato da Cruz a Matias Miguéis (Rabat?, 30.01.63) | 35 |
| Carta de V. Cruz a Z. Miguel, Borges, Santos, Amaro e L. Miguel (Rabat?, 31.01.63)..... | 36 |
| Bilhete de Viriato da Cruz a Matias Miguéis (Rabat?, Sem data)..... | 41 |
| Carta de Jorge Pires ao MPLA (Moscou, Janeiro 63)..... | 42 |
| Ordem de Serviço do DOQ do MPLA (Léopoldville, Janeiro 63) | 43 |
| Declaração do MPLA sobre o 4 de Fevereiro (Léopoldville, 04.02.63)..... | 44 |
| Carta de Viriato da Cruz a Matias Miguéis (? , 06.02.63) | 45 |
| Ofícios Religiosos pelo 4 de Fevereiro (Léopoldville, 08.02.63) | 46 |
| Carta de José Belo Chipenda a Armindo Fortes (EUA?, 08.02.63) | 46 |
| Entrevista com Agostinho Neto (? , 09.02.63) | 48 |
| Relatório do Comandante Benedito (? , 09.02.63) | 50 |
| Programa das Comemorações do 4 de Fevereiro (Léopoldville, 09.02.63)..... | 52 |
| Comunicado de Guerra do MPLA nº 3/63 (Léopoldville, 11.02.63)..... | 53 |
| Comunicado de Guerra do MPLA nº 4/63 (Léopoldville, 11.02.63)..... | 53 |
| Circular do DOQ do MPLA (Léopoldville, 17.02.63) | 54 |
| Circular do Departamento de Economia e Finanças do MPLA (Léopoldville, | |
| 18.02.63) | 59 |
| Comunicado de Guerra do MPLA nº 5/63 (Léopoldville, 18.02.63)..... | 60 |
| Teste para Monitores Políticos do DOQ do MPLA (Léopoldville, 20.02.63) | 60 |
| Missão de Luiz de Azevedo Júnior no Congo Central (Léopoldville, 22.02.63) | 62 |
| Convocatória do MPLA aos Comitês de Acção de Léopoldville | |
| (Léopoldville, 22.02.63)..... | 62 |
| Comunicado do MPLA sobre Expulsão de Graça Tavares (Léopoldville, 27.02.63) | 63 |

| | | | |
|---|-----|--|-----|
| Carta de Graça Tavares a Lúcio Lara (? , 28.02.63)..... | 65 | Reparos e Críticas de Matias Miguéis (Léopoldville, 27.04.63)..... | 142 |
| Carta de Nkrumah a Luiz de Azevedo Júnior (Accra, 28.02.63) | 67 | Carta de Eduardo dos Santos (Argel, 01.05.63) | 143 |
| Discurso de Agostinho Neto na Abertura da Escola de Quadros (Léopoldville, 28.02.63)..... | 68 | Carta de Viriato da Cruz a Matias Miguéis (Bandung, 02.05.63) | 146 |
| “A Revolução Angolana” (Léopoldville, Sem data) | 72 | Autorização do Governo do Kwango a actividades do CVAAR (Kenge, 06.05.63).... | 146 |
| Circular do Dep. das Relações Exteriores do MPLA (Léopoldville, Sem data) | 75 | Relatório do Rev. Domingos da Silva sobre José Domingo (Léopoldville, 08.05.63) | 147 |
| Carta de Jorge Pires a Lúcio Lara (Moscovo, 02.03.63) | 76 | Carta de Mabika Kalanda a Agostinho Neto (Léopoldville, 11.05.63) | 149 |
| Comunicado sobre Fundação da MJOA (Léopoldville, 06.03.63) | 78 | Comunicado do MPLA sobre ataque da UPA (Léopoldville, 14.05.63)..... | 149 |
| Comunicado de Guerra do MPLA nº 6/63 (Léopoldville, 08.03.63)..... | 79 | Carta de Viriato da Cruz a Matias Miguéis (Argel, 15.05.63) | 150 |
| Carta de Viriato da Cruz a Matias Miguéis (Rabat, 11.03.63) | 80 | Relatório do EPLA sobre o Esquadrão Vermelho (Léopoldville, Maio? 63)..... | 151 |
| Comunicado sobre viagem de A. Neto à Europa e África do Norte (Léopoldville, 11.03.63) | 86 | Outro Relatório do EPLA sobre o Esquadrão Vermelho (Léopoldville, 17.05.63)..... | 159 |
| Comunicado do MPLA sobre Equipa de Futebol (Léopoldville, 13.03.63)..... | 86 | Carta do MPLA ao CD da UPA (Léopoldville, 17.05.63) | 163 |
| Carta de Viriato da Cruz a Matias Miguéis (Rabat?, 13.03.63)..... | 88 | Declaração do MPLA à Imprensa sobre ataque da UPA (Léopoldville, 19.05.63) | 164 |
| Carta de Agostinho Neto a Cyrille Adoula (Léopoldville, 15.03.63)..... | 89 | Carta de Matias Miguéis a Viriato da Cruz (Léopoldville, 31.05.63) | 165 |
| Carta de Agostinho Neto a Joseph Kasavubu (Léopoldville, 15.03.63) | 91 | Relatórios dos Dispensários de Fronteira do CVAAR (Léopoldville, Sem data) | 167 |
| Organização do CVAAR (Léopoldville, 20.03.63)..... | 92 | Conferência de Imprensa de Mário de Andrade (Léopoldville, Maio 63) | 171 |
| Panfleto do MPLA (Léopoldville, 20.03.63) | 97 | Documento que estaria na origem da FDLA (Léopoldville, Maio? 63) | 173 |
| Carta da Direcção do MPLA a Autoridades Congolesas (Léopoldville, 26.03.63)..... | 99 | Autorização do Min. do Interior do Kongo Central para o MPLA (Mpumbu, 07.06.63) | 174 |
| Comissão dos Estudantes Angolanos nos Estados Unidos (Nova York, 29.03.63) | 100 | Declaração do MPLA sobre Proposta do Governo Português (Léopoldville, 10.06.63) | 175 |
| Relatório ao Departamento de Segurança do MPLA (Léopoldville, Março 63) | 101 | Constituição do Conselho Político Nacional (Léopoldville, 10.06.63)..... | 176 |
| Apelo de José Belo Chipenda a Armindo Fortes (Nova Iorque, 02.04.63)..... | 115 | Comunicado do MPLA sobre Confª dos Chefes de Estado Africanos (Léopoldville, 13.06.63)..... | 178 |
| Criação do Conselho Disciplinar do MPLA (Léopoldville, 06.04.63) | 116 | Convocatória do Dep. de Quadros para a Assembleia da JMPLA ((Léopoldville, 21.06.63) | 180 |
| Comunicado do MPLA sobre decisões do Conselho Disciplinar (Léopoldville, Sem data) | 117 | Declaração do MPLA sobre o Comité de Coordenação (Léopoldville, 25.06.63)..... | 181 |
| Carta de Viriato da Cruz a Matias Miguéis (Accra, 08.04.63)..... | 118 | Memorando do MPLA às Autoridades Congolesas (Léopoldville, 25.06.63) | 182 |
| Anúncio do Concurso para o Hino do MPLA (Léopoldville, 09.04.63) | 118 | Memorando do MPLA ao Comité de Coordenação (Dar-es-Salam, 25.06.63) | 187 |
| Carta de Graça Tavares a Matias Miguéis (Frankfurt/Main, 10.04.63)..... | 119 | Carta de G. Yumbu ao Presidente da Câmara dos Representantes (Léopoldville, 25.06.63)..... | 190 |
| Comunicado do MPLA transcrevendo Telegramas (Léopoldville, 12.04.63)..... | 119 | Carta Aberta do Rev. Domingos da Silva (Léopoldville, 26.06.63) | 191 |
| Comunicado do CD do MPLA (Léopoldville, 12.04.63) | 120 | Delegação do MPLA recebida pelo Min. Negócios Estrangeiros do Congo (Léopoldville, 27.06.63)..... | 195 |
| Relatório de Miranda Marcelino (? , Março 63?) | 123 | Delegação do MPLA recebida pelo Primeiro-Ministro Congolês (Léopoldville, 28.06.63)..... | 196 |
| <u>Seminário Nacional da Juventude Angolana</u> Discurso de A. Neto ao Seminário da Juventude (Léopoldville, 14.04.63) | 126 | Comunicado do MPLA sobre Reconhecimento do GRAE (Léopoldville, 29.06.63) | 200 |
| Saudação da JMPLA ao Seminário da Juventude (Léopoldville, 13-21.04.63) | 131 | Relatório de Noémia Tavira sobre a Confª de Addis Abeba (Addis Abeba, Junho 63)..... | 200 |
| Discurso do Delegado da JDA ao Seminário da Juventude (Léopoldville, 13-21.04.63)..... | 133 | Texto do MPLA contra a UPA (Léopoldville, Sem data)..... | 204 |
| Discurso do Delegado do MPLA ao Seminário da Juventude (Léopoldville, 13-21.04.63)..... | 134 | Discurso de F. Youlou na Confª dos Movimentos Nacionalistas Angolanos (Brazzaville, 01.07.63) | 206 |
| Comunicado do MPLA sobre a política colonial (Léopoldville, 18.04.63)..... | 135 | Declaração do MDIA na Confª dos Movimentos Nacionalistas Angolanos (Léopoldville, 01.07.63)..... | 207 |
| Carta de Agostinho Neto a Matias Miguéis (Léopoldville, 22?.04.63) | 139 | | |
| Carta de Viriato da Cruz a Matias Miguéis (Roma, 23.04.63) | 140 | | |
| Declaração do MPLA sobre o 2º Aniversário da CONCP (Léopoldville, 24.04.63)..... | 141 | | |

| | |
|--|-----|
| Memorando do MPLA ao Comité dos Nove da OUA (Dar-es-Salam, 01.07.63) | 209 |
| Resolução do Congresso da NGWIZAKO (Léopoldville, 01.07.63)..... | 210 |
| Cronologia dos Acontecimentos (Reconhecimento do GRAE) (? , Sem data) | 212 |
| Carta Circular do GRAE (Léopoldville, 02.07.63) | 213 |
| Lista dos Membros do GRAE (Léopoldville, Sem data) | 214 |
| Princípios e Fundação da FDLA (Léopoldville, 02.07.63) | 215 |
| Comunicado do MDIA sobre a saída de J.P. Bala (Léopoldville, 05.07.63)..... | 217 |
| Proclamação do Grupo de Viriato da Cruz (Léopoldville, 05.07.63) | 217 |
| Carta do Grupo de Viriato da Cruz aos membros do CD (Léopoldville, 05.07.63) | 219 |
| Carta da Assembleia do Kwango ao Presidente do MPLA (Kenge, 05.07.63) | 222 |
| Circular do MPLA sobre o Reconhecimento do GRAE (Léopoldville, 06.07.63) | 223 |
| Carta assinada por V. Cruz, M. Miguéis e J. Miguel para a FNLA (Léopoldville, 06.07.63)..... | 225 |
| Comunicado do MPLA sobre Expulsão de J. Domingos, V. Cruz, M. Miguéis e J. Miguel (Léopoldville, 06.07.63)..... | 226 |
| Comunicado do MPLA sobre a Expulsão do Grupo de Viriato da Cruz (Léopoldville, 06.07.63)..... | 228 |
| Confrontos na residência do M'Binza (Léopoldville, 07.07.63) | 228 |
| Carta de Mário de Andrade a Lúcio Lara (Dar-es-Salam, 07.07.63) | 229 |
| Convenção da FDLA (Léopoldville, 07.07.63)..... | 230 |
| Dois Panfletos sobre jogo da equipa de futebol (Brazzaville, Julho 63) | 233 |
| Convite do FDLA para uma Confª de imprensa (Léopoldville, 09.07.63) | 235 |
| Comunicado do MPLA sobre a Constituição da FDLA (Léopoldville, 09.07.63)..... | 235 |
| Comunicado do MPLA sobre Provocações do “Grupo Viriato” (Léopoldville, 09.07.63) | 236 |
| Carta de Fulbert Youlou ao MPLA (Brazzaville, 09.07.63) | 238 |
| Carta do Rev. Domingos da Silva a Cyrille Adoula (Léopoldville, 10.07.63)..... | 239 |
| Confª de Imprensa do Presidente da FDLA (Léopoldville, 10.07.63) | 240 |
| Circular do MPLA sobre a Constituição da FDLA (Léopoldville, 12.07.63) | 243 |
| Carta de Demissão de Manuel Lima (Léopoldville, 13.07.63) | 244 |
| Carta de V. Cruz, M. Miguéis e J. Domingos à Comissão de Conciliação (Léopoldville, 16.07.63) | 245 |
| Comunicado da NGWIZAKO (Léopoldville, 16.07.63)..... | 246 |
| Alocução do Presidente da FDLA para apresentar na Comissão de Conciliação (Léopoldville, Julho 63) | 247 |
| Carta do Presidente do MPLA à Comissão de Conciliação (Léopoldville, 17.07.63) | 252 |
| Carta de “Jovens do EPLA” aos Dirigentes da FDLA (Léopoldville, 18.07.63) | 253 |
| Desmentido do CD sobre Mário de Andrade (Léopoldville, 18.07.63)..... | 254 |
| Relatório Geral da Missão de Bons Ofícios (Léopoldville, 19.07.63) | 255 |
| Comunicado do Comité Executivo da FDLA (Léopoldville, 19.07.63) | 259 |
| Comunicado do MPLA sobre Comissão de Bons Ofícios (Léopoldville, Julho 63) ... | 260 |
| Comunicado transcrevendo declarações de Mário de Andrade (Dar-es-Salam?, 20.07.63)..... | 261 |
| Carta do MPLA à Comissão de Conciliação do Comité dos 9 da OUA (Léopoldville?, Julho? 63)..... | 262 |
| Comunicado da JMPLA sobre nova Direcção (Léopoldville, 22.07.63) | 263 |
| Esboço de Documento Orientador sobre a JMPLA (Léopoldville, 23.07.63) | 264 |
| Carta do MNC/Lumumba ao MPLA (Léopoldville, 24.07.63) | 266 |
| Carta de Demissão de Mário de Andrade, ao MPLA (Dar-es-Salam?, 24.07.63)..... | 267 |
| Abertura da Representação da FDLA (Brazzaville, 27.07.63) | 267 |
| Circular sobre a Representação da FDLA (Léopoldville, 27.07.63) | 269 |
| Carta da JMPLA à Juventude da URSS (Léopoldville, 29.07.63) | 270 |
| Esclarecimento da FDLA sobre a Declaração de Angelino Alberto em Luanda (Léopoldville, 02.08.63)..... | 271 |
| Carta Circular aos Nacionalistas Angolanos (Léopoldville, 02.08.63) | 272 |
| Carta de Eduardo dos Santos (Argel, 05.08.63) | 274 |
| Memorando do MPLA ao Comité de Coordenação (Dakar, 06.08.63) | 275 |
| Comunicado do MPLA sobre Eleições em Angola (Léopoldville, 09.08.63) | 286 |
| Carta de Agostinho Neto aos camaradas na Argélia (Léopoldville, 27.08.63)..... | 287 |
| Carta de Agostinho Neto a Mário de Andrade (Brazzaville, 30.08.63) | 292 |
| Manuscrito de Lúcio Lara sobre Mendonça Balombo (Brazzaville?, Agosto? 63)..... | 293 |
| Carta Confidencial de Vasco Cabral a Lúcio Lara (Conakry, 06.09.63) | 294 |
| Circular do MPLA aos Militantes (Léopoldville, 06.09.63) | 295 |
| Carta de Savimbi (GRAE) a um Deputado do Katanga (Jadotville, 06.09.63) | 297 |
| Lista do grupo de Viriato da Cruz (Léopoldville, 14.09.63)..... | 298 |
| Carta do Comité Preparatório da Confª de Quadros ao CD (Léopoldville, 19.09.63) | 299 |
| Carta de Mário de Andrade ao Comité Director (Rabat, 23.09.63) | 300 |
| Carta de Mário de Andrade a Eduardo dos Santos (Rabat, 23.09.63) | 301 |
| Carta de Deolinda Rodrigues a Agostinho Neto (Boma, 27.09.63) | 301 |
| Declaração do MPLA sobre reformas legislativas do governo português (Brazzaville, 28.09.63) | 304 |
| Carta de Spiele M. Philippe a Agostinho Neto e Lúcio Lara (Moanda, 01.10.63)..... | 307 |
| Carta do Comité Preparatório da Confª de Quadros ao CD (Brazzaville, 01.10.63) | 309 |
| Encerramento da Representação do MPLA no Congo-Léo (Léopoldville, 21.10.63) | 310 |
| Carta de Brito Sozinho ao Comité Director do MPLA (Conakry, 29.10.63)..... | 311 |
| Comunicado do CVAAR (Léopoldville, 31.10.63)..... | 313 |
| Carta Circular do CVAAR anunciando a partida de Léopoldville (Léopoldville, 31.10.63)..... | 314 |
| Protesto contra UPA e Encerramento do CVAAR (Léopoldville, Sem data)..... | 315 |
| Autorização de Passagem de Armamento do MPLA pelo Congo Central (Benzeke-Futi, 31.10.63) | 316 |
| Carta do DOQ sobre Realização da Confª de Quadros (Léopoldville, 01.11.63) | 317 |
| Autorização para Reagrupamento de Refugiados (Léopoldville, 05.11.63)..... | 318 |
| Carta Circular da Direcção da JMPLA (Brazzaville, 07.11.63) | 318 |

| | | | |
|---|-----|--|-----|
| Carta do Comité Director a Mário de Andrade (Brazzaville, 13.11.63) | 320 | Mensagem a Chipenda e a Condessa (Brazzaville, 04.01.64) | 396 |
| Autorização para uma Representação do MPLA no Congo Central | | Actas das Sessões da Comissão Especial (Brazzaville, 03.01.64)..... | 396 |
| (Benzeke-Futi, 15.11.63) | 321 | Mensagem a todas as Organizações amigas (Brazzaville, 10.01.64) | 408 |
| Carta do CD do MPLA a Kasavubu (Brazzaville, 18.11.63) | 322 | Relatório Geral da Confª de Quadros (Brazzaville, 10.01.64) | 409 |
| Desmentido sobre Angolanos no Conflito Argelo-Marroquino (Brazzaville, | | Lei de Disciplina do Combatente (Brazzaville, Sem data) | 436 |
| 19.11.63) | 323 | Carta de Luís de Almeida a “Caros Companheiros” (B’dorf, 10.01.64) | 444 |
| Comunicado do MPLA sobre prisão de Chipenda e Condessa (Brazzaville, | | Carta de Lúcio Lara ao Embaixador do Vietname (Brazzaville, 11.01.64)..... | 446 |
| 22.11.63) | 324 | Mensagem do GP do MPLA a Chu En Lai (Brazzaville, 11.01.64)..... | 447 |
| Circular do MPLA sobre prisão de Chipenda e Condessa (Brazzaville, 22.11.63) | 325 | Carta de Lúcio Lara ao Embaixador da China (Brazzaville, 11.01.64) | 449 |
| Circular do Departamento de Organização e Quadros do MPLA (Léopoldville, | | Informação do Rev. Domingos da Silva (Léopoldville, 12.01.64) | 449 |
| Sem data) | 326 | Comunicado de Imprensa do MPLA sobre libertação de Chipenda e Condessa | |
| Comunicado do MPLA sobre Expulsão do Congo-Léo (Brazzaville, 25.11.63) | 327 | (Brazzaville, 13.01.64) | 451 |
| Comunicado do MPLA sobre Reabertura do Dispensário do CVAAR | | Comunicado do MPLA sobre Armindo Freitas (Brazzaville, 15.01.64)..... | 452 |
| (Brazzaville, 26.11.63) | 330 | Carta do MPLA ao Comité de Coordenação da OUA (Brazzaville, 18.01.64) | 452 |
| Comunicado do CVAAR (Léopoldville, 27.11.63)..... | 331 | Circular do MPLA sobre o 4 de Fevereiro (Brazzaville, 18.01.64)..... | 453 |
| Nota do MPLA ao Comité de Coordenação para a Libertação de África | | Carta do MPLA ao Governo do Tanganika (Brazzaville, 18.01.64)..... | 455 |
| (Brazzaville, 30.11.63) | 332 | Circular do DOQ do MPLA sobre a Confª de Quadros (Brazzaville, 21.01.64) | 456 |
| Carta do CD do MPLA a Ahmadou Ahidjo (Brazzaville, 30.11.63) | 337 | Circular da OMA (Brazzaville, 29.01.64) | 457 |
| Carta de Deolinda a Lúcio Lara (? , 31.11.63) | 339 | Comunicado da JMPLA sobre a JUPA (Brazzaville, 30.01.64) | 458 |
| Carta de Mário de Andrade ao MPLA (Rabat, 05.12.63) | 339 | Relatório do EPLA sobre a zona do Congo Brazzaville (Brazzaville, 31.01.64) | 460 |
| Autorização do Governo do Congo Central a D. Chipenda (Mpumbu, 06.12.63) ... | 340 | Carta do GP do MPLA ao Rev. Domingos da Silva (Brazzaville, 01.02.64) | 463 |
| Carta de Agostinho Neto a Carlos Veiga Pereira (Léopoldville?, 06.12.63) | 341 | Carta do GP do MPLA a Deolinda Rodrigues (Brazzaville, 01.02.64)..... | 464 |
| Acta da Reunião de Angolanos em Frankfurt (Frankfurt/Main, 07.12.63)..... | 342 | <u>1º Congresso Nacional da UNTA</u> | |
| Comunicado do MPLA sobre prisão de Chipenda e Condessa (Brazzaville, | | Discurso de Abertura do 1º Congresso da UNTA (Léopoldville, 01.02.64) | 465 |
| 16.12.63) | 347 | Resoluções do 1º Congresso da UNTA (Léopoldville, 04.02.64) | 467 |
| Carta de Gentil Viana ao CD do MPLA (Brazzaville, 23.12.63)..... | 348 | Lista de membros do Bureau Nacional da UNTA (Léopoldville, 04.02.64) | 471 |
| Carta de Agostinho Neto a Gentil Viana (Brazzaville, 23.12.63) | 350 | Discurso de Encerramento do 1º Congresso da UNTA (Léopoldville, | |
| Declaração do MPLA sobre regresso de Refugiados a Angola (Brazzaville?, | | 04.02.64) | 472 |
| 23.12.63) | 350 | Discurso de Agostinho Neto pelo 4 do Fevereiro (Brazzaville, 04.02.64) | 473 |
| Carta de Desidério da Graça ao CD do MPLA (Brazzaville, 26.12.63)..... | 353 | Hino do MPLA (? , Sem data)..... | 481 |
| Carta do Comité Director a Gentil Viana (Brazzaville, 27.12.63)..... | 354 | Carta de Lúcio Lara a Joe Nordmann (Brazzaville, 06.02.64) | 482 |
| Lista do Grupo treinado na Argélia (? , Sem data)..... | 355 | Comunicado do MPLA sobre o GRAE (Brazzaville, 06.02.64) | 484 |
| Ficha Individual de Militante do MPLA (Brazzaville, Sem data)..... | 357 | Relatório de Agostinho Neto sobre fronteira de Cabinda (Brazzaville, 07.02.64) | 486 |
| Boletim de Inscrição da Secção Desportiva do DOQ (Léopoldville, Sem data) | 358 | Convite para Confª de Imprensa em Londres (Londres, 10.02.64) | 488 |
| Depoimento dos Camaradas do Piri ao EPLA (? , Sem data) | 359 | Proposta sobre material necessário e plano de Banga (Brazzaville, 13.02.64)..... | 489 |
| Panfleto do MPLA em Moanda (Moanda, Sem data) | 360 | Petição do GP do MPLA à OUA (Brazzaville, 20.02.64)..... | 495 |
| Organigrama do Dep. de Organização e Quadros do MPLA (? , Sem data) | 361 | Comunicado de Imprensa do MPLA (Brazzaville, 24.02.64) | 500 |
| Carta de Luísa Gaspar a Lúcio Lara (Friburgo, 03.01.64) | 362 | Carta de Agostinho Neto a Lúcio Lara (Lagos, 28.02.64) | 501 |
| Carta de António Rebelo de Macedo a Luís de Almeida (Lausanne, 03.01.64) | 363 | Intervenção do MPLA perante o Comité dos Nove (Lagos, 29.02.64) | 502 |
| <u>A Conferência de Quadros do MPLA</u> | | Relatório de missão de José Mendes em Accra (Accra?, Sem data)..... | 503 |
| Lista dos participantes à Confª de Quadros (Brazzaville, 03.01.64) | 370 | Proposta de Benedito ao CD do MPLA (Brazzaville, 02.03.64)..... | 505 |
| Proposta para Ordem de Trabalhos (Brazzaville, 02.01.64) | 372 | Comunicado sobre a Confª de Lagos (Brazzaville, 09.03.64) | 507 |
| Relatório do CD do MPLA à Confª de Quadros (Brazzaville, 03.01.64) | 373 | Comunicado do MPLA sobre Comité dos Nove (Brazzaville, 13.03.64)..... | 508 |
| Discurso de Abertura por Benigno Vieira Lopes (Brazzaville, 03.01.64) | 394 | Comunicado do MPLA sobre o 4 de Fevereiro (Brazzaville, 14.03.64) | 509 |
| Demissão do Comité Director (Brazzaville, 04.01.64) | 395 | | |

| | | | |
|---|-----|---|-----|
| Circular do MPLA pela libertação de J. Pinto de Andrade (Brazzaville, 14.03.64) | 511 | Carta Programática do CEA (Argel, Maio 64) | 573 |
| Circular da CONCP sobre Reunião de Líderes da CONCP (Rabat, 15.03.64) | 512 | Relatório de Luciano Sebastião (Léopoldville, Sem data) | 581 |
| Informações da Zona-B (Zona B, 19.03.64) | 515 | Intervenção do MPLA no Comité de Libertação da OUA (Dar-es-Salam, 03.06.64) | 583 |
| Declaração do MPLA sobre Viriato da Cruz e o GRAE (Brazzaville, 20.03.64) | 516 | Ordem de Trabalhos e Comunicado da Reunião da CNA (Praga, 02.06.64) | 589 |
| Carta de Lúcio Lara ao Comando Operacional de Brazzaville (Dolisie, 20.03.64) | 517 | Relatório de Cadete com lista de nomes (Léopoldville, 09.06.64) | 592 |
| Carta de Lúcio Lara e José Mendes a Cuba (Accra, 23.03.64) | 519 | Declaração à Imprensa sobre presos em Luzumo (Brazzaville, 11.06.64) | 597 |
| Carta da FDLA à N'TOBAKO acompanhada de um Convite (Léopoldville, 24.03.64) | 520 | Circular da UGEAN sobre a COSEC (Argel, 15.06.64) | 602 |
| Relatório de Março, por Eugénio Veríssimo da Costa (Kimango, 25.03.64) | 521 | Circular da JMPLA e um Questionário (Brazzaville, 15.06.64) | 603 |
| Carta do Governo Provincial do Kwango a Agostinho Neto (Kenge, 28.03.64) | 522 | Comunicado da UGEAN sobre assassinatos da FNLA (Argel, 23.06.64) | 606 |
| Entrevista de Lúcio Lara para a Rádio Ghana (Accra, Março 64) | 523 | Documento do MPLA “Batalhemos pela Unidade” (? , Sem data) | 608 |
| Informação sobre a situação geral da Luta (Accra, Março 64) | 525 | Documento da JMPLA “Vigilância Jovem Angolano” (Brazzaville, 03.07.64) | 613 |
| Relatório de José Mendes (Accra, 01.04.64) | 529 | Carta de Lázaro A. Diogo ao MPLA (? , 06.07.64) | 615 |
| Informação assinada por Toto (Brazzaville, 09.04.64) | 533 | Carta de Florentino Duarte a Jonas Savimbi (Lausanne, 15.07.64) | 616 |
| Relatório assinado por Toto Toto Kyta (Léopoldville, 10.04.64) | 533 | Memorando do MPLA à Conferência Cimeira da OUA (Cairo, 17.07.64) | 620 |
| Relatório assinado por Nicolau Spencer e Aleixo Pascoal (Brazzaville, 13.04.64) | 534 | “Lista dos militantes do MPLA...” e “Lista de material...” (Brazzaville, 18.07.64) | 631 |
| Carta do Comité Sindical do MPLA ao Comité Director (Brazzaville, 14.04.64) | 537 | Colectânea de documentos “Crise no seio do GRAE” (Brazzaville, 26.07.64) | 636 |
| Comunicado de Imprensa da JMPLA (Brazzaville, 14.04.64) | 539 | Comunicado do MPLA sobre Comité de Libertação da OUA (Brazzaville, 30.07.64) | 643 |
| Carta Circular do CD do MPLA (Brazzaville, 14.04.64) | 540 | Comunicado do MPLA sobre Conferência do Cairo (Brazzaville, 01.08.64) | 644 |
| Comunicado do MPLA sobre Militantes presos (Brazzaville, 17.04.64) | 541 | Comunicado do MPLA sobre prisão de Kalundungu (Brazzaville, 07.08.64) | 646 |
| Circular da UGEAN às Secções (Argel, 21.04.64) | 542 | Comunicado de Viriato da Cruz em nome da JMPLA (Léopoldville, 07.08.64) | 647 |
| Comunicado do MPLA sobre V. Cruz e a FNLA (Brazzaville, 23.04.64) | 543 | Comunicado da JMPLA sobre falso Comunicado da JMPLA (Brazzaville, 18.08.64) | 649 |
| Resolução da UGEAN (Rep. Fed. Alemã, 24.04.64) | 544 | Apelo do MPLA ao Governo do Congo-Léo e à OUA (Brazzaville, 09.08.64) | 651 |
| Declaração da UGEAN sobre prisões no Brasil (Argel, 24.04.64) | 546 | Comunicado de Guerra do MPLA (Brazzaville, 12.08.64) | 653 |
| Comunicado de Imprensa do MPLA sobre prisões no Brasil (Brazzaville, 30.04.64) | 546 | Comunicado de Imprensa do MPLA sobre Kinkuzu (Brazzaville, 13.08.64) | 653 |
| Rascunho de L. Lara para a Confª de Estados Africanos Não-Independentes (? , Sem data) | 547 | Comunicado de Imprensa do MPLA sobre prisões no Brasil (Brazzaville, 28.08.64) | 656 |
| “A situação angolana” – Texto de Keve Hoji (Accra, Sem data) | 552 | Declaração à Imprensa de J. Kalundungu e J. Liahuca (Brazzaville, 28.08.64) | 657 |
| Moção dos trabalhadores do MPLA (Brazzaville, 01.05.64) | 559 | Comunicado do MPLA sobre reintegração de M. Andrade (Brazzaville, 31.08.64) | 661 |
| Regimento provisório do GP do MPLA (Brazzaville, 06.05.64) | 560 | Carta Circular da UGEAN sobre o Congresso (Argel, 01.09.64) | 661 |
| Circular da UGEAN sobre reunião da Comissão Nac. de Angola (Argel, 10.05.64) | 564 | Comunicado de Guerra do MPLA (Brazzaville, 05.09.64) | 664 |
| Apelo do MPLA “para uma acção urgente” (Brazzaville, Maio 64) | 565 | Encontro de Estudantes Angolanos nos EUA (Nova Iorque, 05-07.09.64) | 665 |
| Credencial para Lúcio Lara (Brazzaville, 12.05.64) | 565 | Carta do GRAE à Segurança Nacional Congoleza (Elizabethville, 17.09.64) | 666 |
| Declaração do MPLA sobre reunião do Comité de Libertação da OUA (Brazzaville, 16.05.64) | 566 | Relatório sobre a Situação política e militar (Brazzaville, 26.09.64) | 667 |
| Carta de militantes ao GP do MPLA (Léopoldville, 22.05.64) | 568 | Comunicado do MPLA sobre a prisão de Chipenda e Ciel da Conceição (Brazzaville, 26.09.64) | 670 |
| Declaração do MPLA sobre a Jornada de Libertação de África (Brazzaville, 24.05.64) | 570 | Conjunto de documentos para a Comissão dos Três (OUA) (Brazzaville, Setembro 64) | 671 |
| Carta de Aníbal de Melo ao GP do MPLA (Brazzaville, 25.05.64) | 571 | Comunicado sobre morte de António dos Santos Ambrósio (Brazzaville, 14.10.64) | 678 |
| Carta do Rev. Domingos da Silva a Aníbal de Melo (Brazzaville, 28.05.64) | 572 | Comunicado de Guerra do MPLA (Brazzaville, 15.10.64) | 680 |
| Comunicado da JMPLA sobre morte de Cirilo C. Silva (Brazzaville, 29.05.64) | 573 | Programa de acção da OMA (Brazzaville, 22.10.64) | 681 |

| | |
|--|-----|
| Relatório da Delegação do MPLA à Confª dos Não-Alinhados (Brazzaville, 23.10.64) | 682 |
| Carta do Rev. Domingos da Silva a L. Lara (Léopoldville, 27.10.64) | 689 |
| Exposição do Rev. Domingos da Silva ao Governo da RDC (Léopoldville, 30.10.64) | 690 |
| Comunicado de Guerra do MPLA (Brazzaville, 02.11.64) | 692 |
| Relatório do Comité de Conciliação (?, Sem data) | 692 |
| Comunicado de Imprensa do MPLA (Brazzaville, 10.11.64) | 695 |
| Mensagem de Agostinho Neto no “Angola Combatente” (Brazzaville, 22.11.64) | 695 |
| Resolução da OUA sobre o Relatório do “Comité dos 3” (Dar-es-Salam, 25.11.64) | 699 |
| Comunicado da JMPLA sobre África do Sul e Congo (Brazzaville, 25.10.64) | 700 |
| “Classificação Geral das principais povoações...” (Banga, 30.11.64) | 701 |
| Circular do Centro de Estudos Angolanos (Argel, Novembro 64) | 702 |
| Circular da JMPLA sobre prisões no Lobito (Brazzaville, 01.12.64) | 703 |
| Reconhecimento do MPLA pelo Comité dos Nove (Brazzaville, 03.12.64) | 704 |
| Proclamação da AMANGOLA (Brazzaville, 11.12.64) | 705 |
| Relatório de Viagem de Jhony Fletcher Nkumba (Léopoldville, 14.12.64) | 709 |
| Comunicado de Guerra do MPLA (Brazzaville, 26.12.64) | 714 |
| Circular da Reunião da Direcção Político-Militar (Brazzaville, 29.12.64) | 715 |
| Informação do MPLA sobre instalação na fronteira de Cabinda (Dolisie, Sem data) | 716 |
| Relatório de Willem Bossier (Brazzaville, Sem data) | 720 |
| FOTOGRAFIAS | 725 |
| CORRESPONDÊNCIA DE NOMES DE CIDADES E PAÍSES | 745 |
| ÍNDICE REMISSIVO | 747 |

Índice das Fotografias

| | |
|--|-----|
| Inauguração da Escola de Quadros (Fevereiro 1963) | 70 |
| Inauguração da Escola de Quadros (Fevereiro 1963) | 71 |
| Seminário da Juventude Angolana (Abril 1963) | 134 |
| Reunião da FDLA (Julho 1963) | 216 |
| Daniel Chipenda | 271 |
| Gentil Viana | 348 |
| Conferência de Quadros (Brazzaville, 03-10 de Janeiro 1964) | 373 |
| Aleixo Pascoal | 535 |
| Carnet de Séjour de Lúcio Lara sob o nome de “Ahmed Lara” | 727 |
| Carnet de Séjour do Congo Léopoldville para Lúcio Lara | 728 |
| Cartão de Membro do MPLA de Lúcio Lara | 728 |
| Carte de Séjour do Congo Brazzaville para Lúcio Lara | 729 |
| Passaporte Diplomático do Congo Brazzaville para Lúcio Lara | 730 |
| Primeira visita ao maquis de Cabinda (Davezies, Henda, L. Lara) | 731 |
| 2ª Região Militar - Formatura | 731 |
| 2ª Região - Desfile com a 1ª bandeira do MPLA | 732 |
| 2ª Região Militar - Mobilização | 732 |
| Mário de Andrade, Lúcio Lara e Cdte Slimane (Janeiro 1963) | 733 |
| Visita da Delegação argelina ao Comando do MPLA (Janeiro 1963) | 733 |
| Visita da Delegação argelina ao MPLA em Brazzaville (Janeiro 1963) | 734 |
| Militantes do MPLA (Congo-Brazzaville - 1964-65) | 734 |
| Lúcio Lara, Nicolau Spencer e Timóteo | 735 |
| Boso em casa de L. Lara em Brazzaville | 735 |
| Membros do MPLA com Soviéticos em Brazzaville (1964-65) | 736 |
| Encontro de Escritores Afro-Asiáticos (1964) | 736 |
| Comemorações do 4 de Fevereiro, em Argel (1963) | 737 |
| Manifestação em Argel, para comemorar o 4 de Fevereiro (1963) | 737 |
| 1º Grupo de Pioneiros que cantou o Hino do MPLA | 738 |
| Grupo de jovens numa actividade cultural | 738 |
| Panfleto para a Libertação do Rev. Pinto de Andrade | 739 |
| Capa de “Juventude e Revolução” (nº 1 - Set.1964) | 740 |
| Capa de “Boletim do Militante” (nº 3 - Set.1964) | 741 |
| Capa de “Vitória ou Morte” (1961-1964, em francês) | 742 |
| “Vitória ou Morte” (Fev-Abr. 1964, em inglês) | 743 |

Ao leitor

(sobre os Volumes II e III)

Em 1997 foi publicado por Ruth e Lúcio Lara, meus pais, o primeiro volume de “Um Amplo Movimento... Itinerário do MPLA através de documentos e anotações de Lúcio Lara – (até Fev. 1961)”. Ruth passou anos a arrumar e a classificar os documentos que o marido foi acumulando e empenhou-se para que esses documentos pudessem ser publicados, pensando sobretudo nas gerações que não viveram a luta pela independência. Para esse 1º volume, Lúcio Lara fez um enquadramento da época com alguns comentários. O livro teve duas edições em Angola e uma edição em Portugal.

A ideia dos meus Pais era continuar a publicar progressivamente os documentos em vários volumes, abarcando assim toda a época da luta de libertação nacional. Assim iniciaram a classificação e selecção dos documentos que seriam publicados num 2º volume, abarcando os anos de 1961 a 1965. Infelizmente, a minha mãe deixou-nos demasiado cedo e o trabalho ficou suspenso... A saúde do meu pai foi-se degradando e a sua memória – instrumento imprescindível para este trabalho – já não nos pode ajudar.

Cada vez mais pressionados por leitores do 1º Volume, sentimos a responsabilidade de continuar essa tarefa. Foi assim que, apesar de nunca me ter interessado muito por História, decidi deixar o meu emprego por dois anos e envolver-me neste projecto de continuar o trabalho deles para a publicação desse 2º volume. Paralelamente, iríamos criando condições para se realizar um desejo dos meus Pais – criar um centro de documentação que permitisse que livros e documentos, relacionados com a luta de libertação nacional, convenientemente conservados e inventariados, estivessem disponíveis para quem os quisesse consultar.

Juntámos um grupo de algumas pessoas para saber até que ponto esse projecto seria possível e todos asseguraram a confiança e o apoio necessários, com maior ou menor expectativa em relação ao resultado final. Foi assim, com esse apoio, que me aventurei nesta tarefa que nunca pensei fosse tão longa e trabalhosa. Mais de três anos depois, creio que valeu a pena.

Optámos pela publicação de dois volumes devido à quantidade de documentos, e pela mesma razão, em vez de abarcar cinco anos, apenas abarca quatro (1961-1964). É um tempo curto mas muito rico em acontecimentos relevantes para a história da nossa luta de libertação. Foi muitas vezes difícil excluir documentos porque todos nos pareciam importantes. Como regra geral (mas com excepções) deixámos de lado os que foram publicados em boletins e jornais, assim como aqueles cujo conteúdo se repetia.

Tal como foi feito no 1º volume, preparámos uma lista dos documentos não publicados (a maioria). Mas em vez de ser publicada em anexo (o que acrescentaria provavelmente umas trinta páginas a cada volume) estará à disposição dos interessados que nos contactarem.

As fotografias e os facsímiles de documentos incluídos no livro são do Lúcio Lara. Algumas fotografias estão em mau estado (desfocadas ou manchadas) e por essa razão as cópias do livro também não são boas, mas achámos que seria importante publicá-las apesar do seu mau estado de conservação.

Pedimos a uma historiadora, Maria da Conceição Neto, que fizesse um enquadramento histórico da época e desse a sua opinião sobre os documentos que iriam ser escolhidos para publicar. O Paulo, meu irmão, pesquisou o arquivo de fotografias da família e ajudou a resolver as múltiplas questões que podem dificultar um trabalho destes. Ambos foram indispensáveis para me ajudarem a situar os documentos, a fazer a cronologia da época e a explicar-me muita coisa sobre esse tempo.

Como neste volume não foi possível contar com o contributo das anotações de Lúcio Lara, decidimos publicar os documentos por ordem cronológica, com algumas excepções que o leitor entenderá. Como alguns documentos não têm datas, procurámos inseri-los no lugar mais provável, de acordo com o seu conteúdo.

Os documentos originais em francês ou inglês são traduzidos para facilitar a leitura, mas cópias dos documentos originais estarão ao dispor de quem necessitar consultá-los.

Algumas vezes, mesmo existindo uma versão traduzida, ela não é fidedigna, e nesses casos preferimos traduzir a partir do original (em francês ou inglês).

A grafia foi actualizada e foram corrigidos os erros ortográficos “mais chocantes” que aparecem nos documentos originais.

Manteve-se a apresentação geral do volume anterior, mas com pequenas alterações estéticas.

O Índice Remissivo, por razões práticas, inclui apenas nomes próprios, siglas e “acontecimentos” como Conferências, Seminários ou Assembleias. Quando não há a certeza de quem se trata no texto, não aparece a indicação no índice remissivo, para se evitar cometer algum erro.

Agradecemos a todos os que nos apoiaram neste trabalho e em particular aos Grupos África da Suécia e ao Instituto Nórdico de Estudos Africanos (NAI) pelo apoio financeiro sem o qual este trabalho teria levado muito mais tempo. Também não podemos deixar de agradecer ao Fernando Campos da LitoTipo que esteve sempre disponível para nos ajudar com a impressão do livro, e ao Rui Sérgio que pacientemente me iniciou no programa de paginação e me ajudou a “construir” o livro...

Uma lembrança muito especial vai para Jorge Pires (Piricas) que fazia parte do grupo de amigos engajados neste trabalho, e que nos deixou sem o ver concluído. A muitos outros deveríamos agradecer, mas eles sabem-no e não os vou citar aqui senão a lista seria interminável.

O espírito desta publicação continua a ser o mesmo do primeiro volume e queremos com isso incentivar mais iniciativas do género.

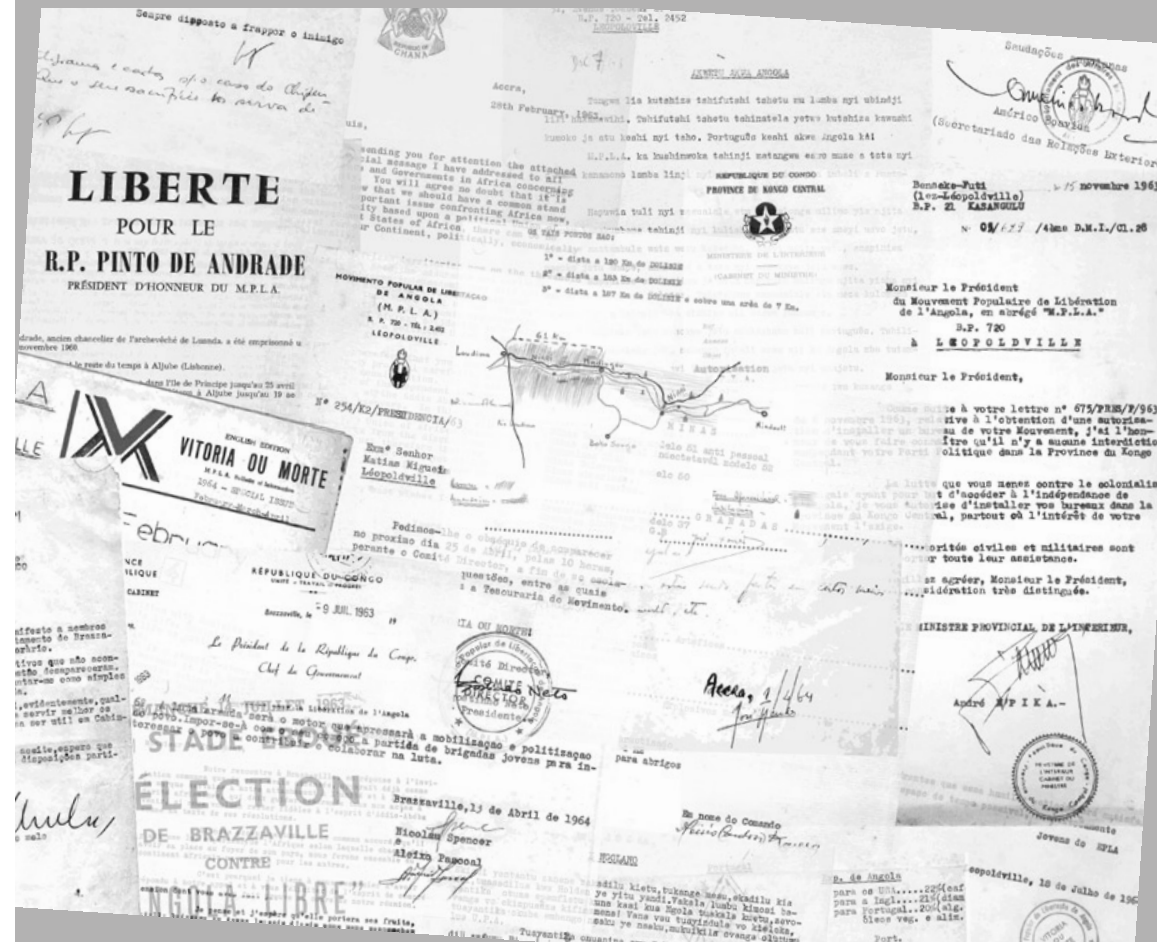
Retomando as palavras de Lúcio Lara, “...esta obra a que nos propomos, [é a] nossa homenagem aos mortos e aos vivos que lutaram pelos nossos objectivos, para que disso saibam a juventude e os estudiosos.”

Luanda, Setembro 2006

Wanda Lara

Introdução de Maria da Conceição Neto

DOCUMENTOS 1963 - 1964



Informação do MPLA sobre a formação do EPLA

[policopiada]

MOVIMENTO POPULAR DE LIBERTAÇÃO
DE ANGOLA
MPLA
51, Avenue Tombeur de Tabora
B. P. 720 – Tel. 2452
LÉOPOLDVILLE¹

AO POVO ANGOLANO

Caros compatriotas!

A hora da nossa libertação está próxima.

A Pátria exige de nós maiores sacrifícios nesta arrancada final.

O MPLA que muito admira o heroísmo com que o Povo Angolano tem suportado o peso da guerra que os portugueses levaram ao nosso país sentiu-se no dever de organizar um verdadeiro exército para dar combate àqueles que usurparam as nossas terras, saquearam as nossas riquezas, violaram as nossas irmãs, e assassinaram os nossos parentes.

Esse exército que se chama EPLA já se encontra dentro de Angola.

Dentro de pouco tempo o EPLA começará uma nova guerra contra os soldados portugueses para vingar os nossos mortos e libertar definitivamente a nossa Pátria.

O dever de todos os angolanos que amam a sua Pátria é servir por todos os meios ao seu alcance essa mesma Pátria.

A melhor maneira dos angolanos servirem Angola no momento em que o EPLA vai começar um novo combate contra a tropa assassina de Salazar é ajudar o EPLA.

QUEM AJUDA O EPLA AJUDA A PÁTRIA!

VITÓRIA OU MORTE!

[carimbo do CD DO MPLA]
AM/PT

Léopoldville, 10 de Janeiro de 1963
O COMITÉ DIRECTOR

mo tshino masualale jetu mahanga imbali eswe ali ku Angola mba tutam-
bule tshifutshi tshetu nyi tshipwe kumoko jetu nyi anajetu.

Tshipema nyi vumbi yietuswe tuli akwa Angola twa kuzanga
tshamuenemuene mavo jetu tulinge tunazange.

Hapwua muze masuale etu maputula njita nyi masualale a Ngan-
ga Salazar, tshipema twa kwatshise. Atu eswe tshinatela kukuatshisa
EPLA. mba tuhase kuheta mavo.

KUNGANYIALA NYI KUPWA

¹ Como este endereço se repete, doravante será assinalado por "Endereço do MPLA em Léopoldville".

Declaração de Agostinho Neto na 4ª Comissão da ONU

[*policopiada, em francês*]

[*carimbo do CEA*]

[Artigo “As colónias portuguesas face à ONU”, in *Bulletin d'Information* da CONCP – Janeiro 63]

AS COLÓNIAS PORTUGUESAS FACE À ONU

Declaração do Dr. Agostinho Neto, Presidente do MPLA

Senhor Presidente,
Digníssimos Delegados,

Faltaria ao meu dever se não exprimisse de imediato os meus sinceros agradecimentos aos digníssimos delegados a esta Comissão por me terem dado a ocasião de tomar a palavra aqui, em nome do Movimento Popular de Libertação de Angola.

Somos sensíveis a todos os sinais de apreço que os diversos representantes dos países membros da ONU quiseram testemunhar a favor da nossa causa, durante os debates sobre os territórios ainda sob o jugo da dominação colonial portuguesa. Nunca duvidámos que o relatório do Comité dos Sete suscitaria a maior atenção da vossa parte.

O nosso povo não ignora o papel positivo que a ONU, e em particular esta Comissão, não deixam de jogar para que triunfe o direito do povo angolano à autodeterminação e à independência.

O interesse particular que os países de África e da Ásia sempre dedicaram à defesa e à divulgação do nosso combate sublinha a solidariedade actuante que esses países manifestam para com a luta do povo angolano.

As tarefas e as imensas responsabilidades que pesam sobre o nosso Movimento levaram-nos recentemente a reunir uma Conferência Nacional em Léopoldville.

Este acontecimento inédito na história do nacionalismo angolano, não deixará de ter, estamos certos, uma estrondosa repercussão num futuro próximo. Compreenderão a razão porque fiquei retido até à data na capital do Congo.

Senhor Presidente:

Declarámos a 24 de Maio último, diante do Comité dos Sete, que desde o mês de Janeiro deste ano o Governo Português aumentou as forças armadas e repressivas em Angola. Citando a imprensa portuguesa, demonstrámos que, desde essa data, houve um envio sucessivo de contingentes militares para Angola, que a marinha ao serviço da guerra colonial foi reforçada, as milícias dos colonos reorganizadas e o “povoamento” branco acelerado. Assinalámos igualmente em que condições se desenvolvia a campanha dita psicossocial, cujo objectivo essencial é garantir a mão-de-obra às grandes empresas agrícolas e industriais dos colonos através do trabalho forçado. A campanha psicossocial também tem como objectivo liquidar os angolanos suspeitos de actividades políticas.

A situação dos nossos presos políticos submetidos às torturas foi evocada nesse relatório. Devemos afirmar mais uma vez que um certo número de nacionalistas, julgados pelas autoridades portuguesas, foi praticamente condenado à prisão perpétua, e que a maior parte dos nacionalistas mais conhecidos presos em Luanda em 1959, foram deportados para as Ilhas de Cabo Verde. O Reverendo Padre Pinto de Andrade, que a 3 de Dezembro último foi eleito por aclamação Presidente de Honra do MPLA, continua a ser submetido a um regime de excepção em Portugal, onde se encontra detido no Forte de Caxias.

No mesmo relatório que tivemos a honra de apresentar ao Comité dos Sete, fizemos notar que Portugal não poderia manter essas medidas repressivas sem o apoio financeiro, material e técnico que a OTAN concede ao Governo fascista de Salazar. Sejam quais forem as garantias dadas pelo Governo português e por certos países membros da OTAN sobre a não utilização das armas desta organização na guerra levada a cabo em Angola, o certo é que o nosso povo, no seu esforço de resistência nacional, continua a sofrer os efeitos do armamento de proveniência ocidental.

O aparelho de repressão militar do Governo português não cessa de crescer e de ser encaminhado para Angola. Assim, a 12 de Agosto, o “Diário de Luanda” anunciava a entrega da “esquadilha Porto” ao sub-secretário da aeronáutica militar, cito: “...como uma contribuição à luta que se desenrola pela defesa de Portugal em Angola...” O mesmo jornal anunciava nessa data, a partida de um contingente militar e de 120 colonos para Angola. No discurso que o sub-secretário da aeronáutica, Kaulza de Arriaga, pronunciou a 6 de Dezembro último, diante do seu sucessor, declarou, e cito: “... Vocês terão de terminar, no ultramar, a instalação de certas infraestruturas logísticas e operacionais, particularmente bases aéreas para pára-quedistas. Prosseguirão com um cuidado especial, o equipamento das unidades do ultramar com helicópteros médios bem como a constituição de uma equipa de bombardeiros de longo raio de acção...”

Todos esses exemplos mostram a decisão que o Governo Português continua a manter, de não respeitar as recomendações da ONU, no que diz respeito às possibilidades de uma solução negociada do conflito que opõe o povo angolano à administração colonial.

O primeiro-ministro Salazar, na sua última alocução, reafirmou o velho mito da necessidade de ali (entenda-se em Angola) se defender Portugal.

Parece-nos portanto que a posição do Governo português pode ser resumida por esta afirmação do ex-ministro das colónias, cito: “... As circunstâncias actuais no mundo mostram que os países com responsabilidades no ultramar só podem assegurar a simples sobrevivência física dos seus nacionais à custa do exercício do poder político...” Diário de Luanda, de 12 de Maio de 1962.

Tal é aliás o sentido das conclusões a que chegou a reunião do Conselho Ultramarino Português no mês de Outubro último, que, segundo os seus próprios termos, reafirmou solenemente a unidade nacional, não concebendo a pátria portuguesa fora da sua estrutura pluriracial e pluricontinental.

Como se vê, o reformismo português em matéria colonial é de uma extrema prudência...

Senhor Presidente:

A política do Movimento Popular de Libertação de Angola foi objecto de um amplo debate durante a Primeira Conferência Nacional. Redefinimos aí a linha política, adoptámos um novo programa de acção e procedemos a uma mudança completa das estruturas do nosso Movimento.

A Conferência condenou vigorosamente o tribalismo, o regionalismo, o sectarismo, a intolerância racial e religiosa.

A Conferência insistiu na salvaguarda da unidade nacional e da integridade do território angolano, tal como está definido pela ONU, na sua resolução sobre as fronteiras africanas.

A primeira Conferência Nacional aprovou as condições mínimas para a abertura de uma eventual negociação com o Governo português, condições que comportam nomeadamente o reconhecimento do direito do povo angolano à autodeterminação e à Independência, a libertação dos presos políticos, a retirada de todas as forças armadas para suas bases de origem, as garantias para o exercício das liberdades fundamentais, e a fixação da data da ascensão de Angola à Independência.

O MPLA não pretende confundir a luta levada a cabo contra o colonialismo português com o povo português. Assim, encoraja a oposição democrática portuguesa no seu combate pelo derrube do regime fascista de Salazar, desde que a oposição se manifeste por actos a favor do direito do povo angolano à autodeterminação e à independência. Da mesma forma, o MPLA encoraja a acção dos grupos políticos dirigidos por portugueses progressistas nascidos em Angola, que, a exemplo de alguns, visam neutralizar o apoio que os colonos concedem às forças de repressão e estão dispostos a bater-se pelos mesmos objectivos que os dos movimentos nacionalistas angolanos.

A Conferência reafirmou o neutralismo positivo que o MPLA pratica na sua política externa, declarando que nenhum país nem nenhuma organização tem o monopólio da ajuda à luta de libertação do povo angolano. Em relação a isso, a Conferência adoptou os cinco princípios que devem orientar a política externa do MPLA:

1 – Criação de uma diplomacia militante que, pelo seu carácter e pelos métodos utilizados, seja o reflexo da organização político-militar.

2 – Coordenação da acção directa com os movimentos nacionalistas das colónias portuguesas, agrupados no seio da “Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas” (CONCP).

3 – Reforço das alianças africanas com os movimentos dos países dependentes, em particular com os do centro e sul de África. Alargamento da presença do MPLA nos países africanos independentes.

4 – Reafirmação do não-alinhamento sobre a política dos blocos.

5 – Internacionalização do problema angolano.

6 – Essa internacionalização engloba a aceitação de voluntários africanos que os governos dos países amigos queiram pôr à nossa disposição, como o fez o Governo Argelino, na voz do Presidente Ben Bella.

A linha política adoptada pela Conferência Nacional clarificou o conteúdo da luta de libertação do povo angolano, que leva à defesa dos interesses das massas camponesas na base da aliança de todas as forças produtivas da nação.

Partindo de uma crítica das actividades do passado, a primeira Conferência Nacional adoptou um novo programa de acção, baseado no princípio essencial que consagra o MPLA como um Movimento de massas. Tomando em consideração a urgência de uma nova planificação do trabalho de organização em todos os sectores, a Conferência Nacional recomendou que as preocupações imediatas da direcção do MPLA fossem sobretudo dirigidas para a instalação orgânica do MPLA no conjunto do território nacional, em particular no meio camponês.

Também foi decidido pela nossa Conferência, a criação de um Comité Permanente pró-unidade que tomaria iniciativas no sentido de promover o espírito unitário entre as organizações nacionalistas angolanas.

A divisão em que se encontram actualmente as forças nacionalistas, representando diferentes partidos e lutando por uma supremacia ou exclusividade no interior do nosso país, é uma fraqueza lamentável do nacionalismo angolano.

O MPLA não poupa nem poupará esforços, em todos os sectores da sua actividade, para chegar a um entendimento com os principais grupos políticos, a fim de conseguir a criação indispensável e urgente de uma frente unida. Consideramos essa condição indispensável para o reforço do nosso combate, tanto para a libertação do nosso país como para a construção de um país realmente independente. Na unidade ser-nos-ia mais fácil vencer o nosso inimigo e poderíamos, amanhã, utilizar todas as capacidades humanas e construir o progresso e o bem-estar do nosso povo.

A Conferência Nacional definiu igualmente as linhas gerais de uma vasta acção empreendida na medida das nossas possibilidades, no interior de Angola e em território congolês, junto dos refugiados, acção que se orientará para os domínios da assistência médica, escolar, profissional, e junto dos emigrados no seio das organizações de massas (sindicatos, juventude, mulheres) assim como no exterior.

Senhor Presidente:

Tínhamos razão em exigir, nas nossas precedentes declarações, o embargo sobre toda a ajuda que Portugal poderia utilizar contra os nacionalistas angolanos, assim como a inscrição da questão de Angola no Conselho de Segurança.

A resolução sobre os territórios sob dominação portuguesa, que a IV Comissão acaba de adoptar, tem o mérito de ter traduzido as posições políticas das organizações nacionalistas angolanas.

Carta de Matias Miguéis a Viriato da Cruz*[dactilografada]*

Léopoldville, 10 de Janeiro de 1963

Meu Caro Viriato,

Estranho não ter ainda recebido carta tua depois que te separaste de nós.

Há dias escrevi-te.

Tenho unicamente um cartão da Maria Eugénia, só ontem recebido! Não é culpa do Correio.

Passsei agora [a] ter a chave do Poto Poto porque o Movimento se desinteressou dela. Creio que esta circunstância evitará futuras anomalias.

Peço-te, por mim, agradecer à Maria Eugénia pelo seu cartão do Natal e transmitir os meus votos dum Ano de maiores sucessos. Ela que não deixe de escrever, de vez em quando.

Minha carta anterior dá uma ideia geral da actual situação, por cá. Sou optimista no tocante a resultados da nossa actuação.

Põe-se-nos, de momento, o problema de deslocações às regiões fronteiriças. Deslocações muito necessárias, pelo menos, até que lá preparemos quem honestamente possa transmitir as nossas palavras de ordem – palavras de ordem do MPLA. Há também despesas inevitáveis: papel, viagens e... até alimentação.

A nova direcção do MPLA mostra-se disposta a matar-nos à fome. Para o NDolo aonde presentemente se encontram cerca de 40 pessoas em vez de 1.000 como anteriormente dão apenas 700,-FC para alimentação! E numa altura em que se está facilitando bilhetes de avião para viagens de turismo!

Em face disso retive uma determinada importância cuja proveniência o Graça te informará. Com ela pretendo fazer face [a]os maus dias que nos esperam. Estou certo que a mesma nos dará para cinco ou seis meses.

Entretanto, eu só quero tocar nela se tu estiveres de acordo.

Minha alimentação é assegurada pelo J. Diogo em troca dos trabalhos que faço de escrita de seus negócios.

Lembro-te na questão da consecução duma bolsa para mim. Para cursos de segurança, militar e... etc. Partiria lá para Abril. Estou certo que nessa altura teremos um trabalho capaz de ser continuado pela rapaziada. Repito, tenho pois esperanças de [um] bom trabalho.

Os livros militares que dizes teres enviados pela Baya *[sic]* não me foram entregues. O Lara apanhou-lhos e diz fazerem parte duns poucos por ele separados para o Movimento! Enfim... Isso não tem importância. Logo que possas, por favor, agradeço enviar-me outros.

Cumprimentos à Maria Eugénia. Para ti um abraço do

Camarada *[rubrica de M. Miguéis]*

Carta do CD do MPLA a Matias Miguéis*[cópia dactilografada]**[Endereço do MPLA em Léopoldville]*

Léopoldville, 15 de Janeiro de 1963

REV. DOMINGOS DA SILVA

VICE-PRESIDENTE DO MPLA EM EXERCÍCIO

Ao Camarada

Matias Miguéis

LÉOPOLDVILLE

Ref. à s/carta com data de 12/12/62

e por si entregue a 3 de Janeiro corrente.

Camarada Matias Miguéis

Reunido no dia 3 de Janeiro corrente, o Comité Director não pôde aceitar os termos da sua carta em virtude dos mesmos não corresponderem aos compromissos por si assumidos na reunião do dia 12 de Dezembro de 1962, nem à própria decisão do CD, que terminou por aceitar os argumentos com que o Camarada acompanhou o seu pedido de demissão.

Perante a ideia de que o Camarada possua novas razões a apresentar-nos, o Comité Director está ao seu dispor para o ouvir, se quiser ter connosco uma audiência.

Entretanto, devemos comunicar-lhe que este CD decidiu manter a sua demissão.

Queira aceitar, Camarada, as melhores saudações nacionalistas.

Pelo Comité Director

O Vice-Presidente em Exercício

Rev. Domingos da Silva *[com assinatura]**[carimbo do CD]***Comunicado de Guerra do MPLA***[policopiado]**[Endereço do MPLA em Léopoldville]*DEPARTAMENTO DA GUERRA

O Departamento da Guerra do MPLA comunica que uma patrulha do Exército Popular de Libertação de Angola (EPLA) travou combate com as forças portuguesas da base do IMAFE, em Cabinda, na noite de domingo, 20 de Janeiro de 1963. A patrulha abateu 19 soldados inimigos e feriu vários outros. Do lado nacionalista há a lamentar 1 ferido e 1 desaparecido.

Este combate realizou-se em reacção a uma emboscada preparada pelos colonialistas portugueses com o fim de se apoderarem de MANUEL LIMA ex-oficial desertor do Exército português e actual chefe do departamento da guerra do MPLA. Manuel Lima encontrava-se no território de Cabinda em visita de inspecção às bases militares e acampamentos do EPLA.

A tropa portuguesa procede agora ao bombardeamento intensivo das florestas do LINHUCA e arredores, utilizando a aviação, morteiros e bazzukas.

Os soldados do EPLA prosseguem no entanto a organização da resistência popular.

Léopoldville, 24 de Janeiro de 1963

Comunicado de Guerra do MPLA

[policopiado]

[Endereço do MPLA em Léopoldville]

DEPARTAMENTO DA GUERRA

Comandos do Exército Popular de Libertação de Angola (EPLA) destruíram na madrugada de segunda-feira, 21 de Janeiro de 1963, duas pontes sobre o rio LINHUCA.

O pânico estabeleceu-se em todo o território de Cabinda entre os comerciantes e colonos portugueses, cujas famílias procuram precipitadamente refugiar-se nas cidades de Cabinda e Luanda.

Os camionistas, transportadores de madeira, interromperam as suas actividades, tendo em conta a insegurança que reina no território. Na fronteira de MASSABI, só o posto da guarda-fiscal se mantém em funcionamento, encontrando-se paralisados todos os outros serviços.

A tropa portuguesa procede a manifestações de força e metralha intensivamente as florestas.

[carimbo do Estado-Maior do EPLA]

Léopoldville, 25 de Janeiro de 1963

Relatório de L. Almeida sobre a visita de A. Neto à Alemanha

[dactilografado]

[Nota manuscrita: R. 6/2/63]

RELATÓRIO SOBRE A VISITA DO SEKULU DR. A. NETO À ALEMANHA FEDERAL

Datas: de 17 de Janeiro 1963 a 23 de Janeiro de 1963

Cidades percorridas: Bonn, Frankfurt/Main, Stuttgart, Munique e Freiburg.

Kilometragem feita: 2.300 Kms.

Antes de iniciar o presente relatório algumas linhas se impõem. Elas tomam o acento sobretudo sobre os aspectos positivos que tais visitas podem ter no conhecimento exacto da situação angolana e das implicações dela resultantes. Tais visitas não só são da maior utilidade, no aspecto internacional, como ainda no aspecto puramente interno, pois é do contacto constante dos leaders com os militantes espalhados nos diferentes pontos do globo que maior produtividade e maior confiança se manifestam no trabalho global do MPLA.

É pois com a maior satisfação que comunicamos ao CD do MPLA os resultados da visita do nosso Leader nacional e reafirmamos a nossa confiança no trabalho que tendes vindo desenvolvendo em prol da luta de libertação do nosso Povo.

Após este breve intróito passamos a focar alguns aspectos da visita à República Federal alemã. Faremos por ser o mais sucinto e breve possíveis pois no pormenor ao CD o Sekulu Dr. Agostinho Neto fará então um compte-rendu do significado dessa visita e das suas consequências. O nosso propósito é apenas de comunicar ao CD a presença neste país do nosso Leader, omitindo aqueles contactos mais importantes e que o "extravio" desta carta poderá atirar os nossos adversários a dela se aproveitarem e conhecerem os segredos da "casa". Nem muito menos daremos a conhecer os nomes das eminentes personalidades com quem tivemos conversações, nem as organizações com quem contactámos. Oralmente vos será dado conhecimento.

Dia 17: Chegada ao aeroporto de Frankfurt: 19,40. Lá estavam aguardando o nosso Sekulu, os Companheiros angolanos, Desidério da Graça, Maria Luiza Gaspar, Ivette Aragão y Sousa e Luís D'Almeida. Nessa noite se ficou em Frankfurt.

Dia 18: às 9 horas da manhã tivemos o primeiro contacto oficial com uma das mais eminentes personalidades alemãs e pessoa grande Amiga da causa nacional e do MPLA. Após uma hora de agradável conversa e em que se focou especialmente o que Angola contava dos seus Amigos, ficou decidido apresentarmos um pedido detalhado de todas as necessidades mais prementes dos refugiados e da sua organização CVAAR. Convém notar que a visita do Dr. Neto já havia sido bem preparada e todos os contactos feitos faziam já parte dum programa detalhado. A eminente personalidade alemã já de há muito conhecia os nossos problemas por ser membro de uma organização filantrópica a quem o CVAAR e nós mesmos havíamos posto claramente o problema e que de

há muito vinha ajudando os angolanos estabelecidos nesse país, tendo-se-nos sido prometido fazer tudo por levar a organização a que pertence a conceder toda a ajuda. É interessante salientar que o Dr. Neto vinha já muito bem recomendado, o que facilitou enormemente tudo e deu à entrevista um carácter bastante frutuoso.

No mesmo dia deixamos Frankfurt com destino a STUTTGART convidados pela mesma organização a que a eminente personalidade visitada em Frankfurt pertence. Lá tivemos discussões com a Organização BROT FÜR DIE WELT, quer dizer Pão para o Mundo, sobretudo sobre a ajuda que essa organização deveria dar ao CVAAR. Um processo de trabalho e de eficácia ficou estabelecido, tendo a realçar-se que o contacto foi bastante frutuoso e dele se esperam facilidades e ajuda. Neste mesmo dia fomos visitar a sede da Organização protestante estudantil para toda a Alemanha e fomos concedido uma entrevista com o jornal de tendência protestante e independente "CHRIST UND WELT" semanário de grande tiragem e de certa influência nos meios públicos deste país. No mesmo dia à noite resolvemos partir para FREIBURG onde um Programa especial tinha sido realizado pelos colegas angolanos que lá se encontram e a Associação dos Estudantes Alemães e dos Estudantes africanos nessa cidade.

DIA 19

FREIBURG. Nesta cidade se encontram várias comunidades de angolanos e é nela que um plano existe para a fixação dos estudantes angolanos casados e chefes de famílias, por lá nos ter sido concedida uma casa que funcionará como Centro da Comunidade Ngola neste país. Seria portanto do maior interesse que visitássemos essa cidade e tomássemos contacto com as personalidades alemãs que nos têm ajudado e têm trazido a causa do MPLA a maior das ajudas e propagandas.

ESTIVEMOS na sede de uma grande Organização alemã (católica) que tomou a seu cargo o sustento e as facilidades todas durante a nossa estadia e nos proporcionou a maior das hospitalidades. Contactos preliminares haviam sido feitos para o efeito. Um jantar com personalidades ligadas à vida pública foram realizadas [sic]. Uma visita a um Deputado-chefe da selecção Europa-África no Parlamento alemão foi conseguida, assim como igualmente com professores da Universidade de Freiburg. Aproveitámos o intervalo dos contactos para termos uma reunião com os angolanos do Grupo Sul da Alemanha, onde todos os problemas que se ligam à vida nacional foram discutidos.

DIA 20 – Dia aproveitado para a confraternização dos angolanos que se encontram na parte sul da Alemanha e para se prepararem os contactos posteriores, seja em Bonn, no Parlamento alemão, seja noutros pontos percorridos. Aproveitámos igualmente essa jornada para fazer um inventário dos nossos problemas e descansarmos um pouco por termos passado os dias anteriores em discussões constantes e sem dormir suficientemente. Nesse dia ficou também elaborado o Programa de visita do Sekulu à visita à Universidade de Freiburg e à Conferência que deveria dar no dia 22 à noite na Sala Magna da Universidade.

DIA 21 – Nesse dia havíamos organizado vários encontros em Bonn. Tendo partido de Freiburg às 4 da manhã desse mesmo dia, partimos com destino a Bonn onde

chegámos às 10,30. Em Bonn havíamos organizado contactos no Parlamento alemão (BUNDESHAUS) com personalidades dos vários grupos políticos alemães. Igualmente havia sido organizado uma visita à sede do grande partido alemão SPD (social-democrata) onde o Vice-Presidente dessa Organização e uma das personalidades mais eminentes da vida pública Alemã, nos havia pedido a conhecer o Leader de Angola e Presidente do MPLA, Prof. C-Schmidt. Convém notar que todos os contactos elaborados tiveram como factor fundamental o de se procurarem aqueles que no passado foram os ardentes defensores da causa Argelina e para ela trabalharam, quer no Parlamento quer ainda na imprensa, nas organizações filantrópicas. Assim às 12,00 uma audiência nos foi concedida pelo encarregado das Relações exteriores do grupo político maioritário e pessoa de grande peso na vida pública deste país. A entrevista decorreu bem mas há a notar-se a maneira discreta como a entidade em questão nos recebeu, talvez devido à posição que ocupa neste país e pertencer ao partido governamental (por conseguinte pouco favorável à causa de libertação...). Este encontro se impunha todavia uma vez que a pessoa em questão tem sido duma honestidade política enorme sempre que se põem nos debates no Parlamento o problema das colónias e porque sempre partimos do princípio que aqui estamos para informar todos os alemães e não só aqueles que nos interessam. Breve encontro (15 minutos). Outros contactos no Parlamento não foram possíveis na parte da manhã por a isso terem estado impedidas as personalidades que desejariam conhecer e discutir com o Dr. Neto. Assim e para evitar mais perdas de tempo resolvemos apenas deixar a parte da tarde para discutirmos com um deputado, grande amigo da Argélia e grande defensor do MPLA neste país. Depois de termos discutido às 15 horas com ele, por ele fomos levados à sede da SPD onde um encontro bastante importante nos esperava, a audiência com o Professor Carlo-Schmidt, Vice-Presidente desse partido e dos primeiros a pôr em 1955, em debate o problema da independência da Argélia. Convém notar que ele nos foi apresentado por um deputado, anteriormente referido, que dada a sua coragem e abnegação na ajuda aos Argelinos, foi vítima dum atentado da famigerada Mão Vermelha.

Se a discussão no Parlamento com o deputado em causa foi bastante frutífera, pelo esclarecimento que nos foi dado sobre a propaganda mentirosa que da Áustria e Suíça o chefe da clã adversa desencadeara, e que ele se opusera sempre, tivemos a certeza que uma nova era se abria nas possibilidades de o MPLA se alicerçar com mais força ainda neste país. Também nos foi dado a conhecer a grande propaganda que a embaixada dos "Tugas" vem desencadeando e que a cumplicidade do clã adverso torna ainda mais necessário um trabalho de informação mais profundo, a criação mesmo dum boletim mensal de informação (a expensas deles) para ser largamente difundido através da imprensa e da rádio, para a elevação do MPLA neste meio. As chances são grandes por a pessoa em questão ser bastante poderosa, quer no seio do seu Partido quer na Alemanha toda inteira e estamos de crer que o sádico Roberto nada levará para o futuro.

Às 16,00 horas fomos então num automóvel do Parlamento para [a] sede do Partido social-democrata. Foi dado a conhecer ao Sekulu as instalações da organização para finalmente sermos recebidos pelo Prof. C. Sch. Grande personalidade moral e intelectual. Um questionário reverencioso lhe foi feito e coisa que estranhámos imenso

foi a insistência com que o Prof. falou na possibilidade de se adquirirem brinquedos, se “as tínhamos em número suficiente”, se “elas chegavam para manter a guerra”, se “tínhamos mercado para as encontrar e procurar”. A conversa revestiu um tom de muita reverência envers o Sekulu. Falou-se do problema dos refugiados, da ajuda que o seu partido poderia dar à causa do MPLA e do CVAAR e o Prof. encarregou então o Deputado Wischniewski, de prestar-nos toda [a] ajuda, em nome do partido e dele mesmo. Ficou estabelecido que o companheiro Luís D’Almeida deveria reunir-se imediatamente com o Deputado, estabelecessem um plano de trabalho e de ajudas eficazes e que o Sekulu, partisse consciente e certo que ele, Prof., tudo faria por vir em ajuda ao CVAAR e ao movimento. Na reunião também estava presente o Encarregado das Relações Internacionais do SPD, mas todo o contacto passaria a ser feito com o Deputado anteriormente citado, que teria poderes, conferidos pelo Prof., para desencadear uma campanha de ajuda eficaz e rápida ao movimento. Às 17,00 horas terminava assim a reunião. Pensamos que ela foi a mais importante ou das mais importantes para a vida do MPLA neste país. Ela foi como que uma consagração dos esforços que vimos fazendo para esclarecer esta opinião, acerradamente minada pela propaganda mentirosa e falaciosa, do chefe do clã adverso.

Às 17 horas então ficou estabelecido que o Luís D’Almeida devia marcar uma data aproximada para o encontro com o Deputado e se procedesse à elaboração do “plano de trabalho” conjunto.

Às 18,00 horas partimos de Bonn a caminho de Frankfurt, onde nos reuniríamos com o grupo do Centro do MPLA neste país, como sejam todas as Meninas que se encontram naquela cidade (7) e mais dois Companheiros de São Tomé. A reunião foi bastante animada e trocaram-se impressões boas, tendo os participantes nela feito críticos e sugestões concernentes à vida do mov. e de interesse dos estudantes neste país.

DIA 22

Às 9 horas da manhã novo encontro tivemos com a mesma entidade que havíamos encontrado no dia 18 às 9 da manhã. A reunião teve por finalidade o de fixar-se e elaborar-se um plano de ajuda. Ficou-se de o Companheiro Luís d’Almeida, em comum acordo com o Presidente do MPLA de lhe fazer remeter uma lista das necessidades mais urgentes (viatura-ambulância, aparelhos de radioscopias e diversos) lista que devia ser enviada o mais depressa possível para ser apresentada na reunião mensal da Organização a que pertence o referido bispo.

Às 11 horas o novo encontro em DARMASTADT com uma eminente personalidade presidente da Organização a que pertence o Bispo Wund; e igualmente o presidente da maior Organização filantrópica evangélica com sede em Genève (WCCH). A reunião teve como finalidade a de se obter ajuda para o Cvaar e simultaneamente a de conseguir junto destas personalidades o apadrinhamento junto daquela organização. Foi-nos prometida a maior atenção ao problema dos refugiados, ao CVAAR.

Às 12,00 horas partimos de DARMASTADT em direcção à Freiburg, onde nesse mesmo dia teria lugar a Conferência na Universidade. Tendo chegado a Freiburg às 15,00 contactos preliminares foram feitos com as organizações que realizavam a Conferência, nomeadamente os Estudantes Alemães e a Associação dos Estudantes Africanos em

Freiburg, ramo da AFRICAN STUDENT’S UNION IN DEUTSCHLAND (cuja sede se encontra em Munique), ao mesmo tempo que entrávamos em contacto com a Direcção duma grande Organização Católica, para ajuda ao CVAAR. É interessante realçar aqui o papel que todas essas organizações desempenharam na ajuda aos refugiados argelinos e ainda o de focar que essas mesmas organizações têm prestado uma ajuda valiosíssima aos estudantes angolanos que aqui se encontram e aos prisioneiros angolanos em Cabo Verde.

Às 19 horas teve lugar um jantar com a presença de professores da Universidade, especialmente de seu Deão e deputado alemão, Professor BERGSTRASSE.

Às 20,00 teve início a Conferência do Presidente do MPLA na Universidade FREIBURG. A sala encontrava-se literalmente cheia. O presidente do MPLA centrou a sua palestra sobre os valores culturais angolanos, as suas implicações políticas e socio-anímicas. A conferência foi brilhante tendo contudo a lamentar-se a tradução que foi simplesmente horrível. Após a Conferência teve lugar o debate, debate esse que se prolongou até às 20,45, não tendo sido possível a sua prolongação devido ao facto de a Universidade encerrar as suas portas às 22,00.

O debate foi animado e há que salientar-se a maneira brilhante como o Presidente do MPLA respondeu a todas as perguntas, algumas delas, feitas com o intuito malsão. No final da sessão a assistência aplaudiu prolongadamente o orador.

Após a Conferência teve lugar uns DRINKS ofertos pelos estudantes africanos residentes em Freiburg, que decorreu num ambiente de cordialidade e de respeito. Às 2,30 encerrou-se a homenagem, tendo vários oradores usado da palavra para agradecer a honra que o Presidente do MPLA fizera em aceitar vir a Freiburg proferir a sua única prelecção. O Presidente usou também da palavra para agradecer as amabilidades por que havia sido alvo.

Após essa pequena festa os Companheiros de Freiburg ofereceram em casa do Companheiro Jorge Hurst uma pequena surprise-party. O Champagne serviu de décor para a troca de saudações amáveis entre todos, especialmente entre a Direcção da Associação dos estudantes africanos e o Presidente.

DIA 23 – Às 9,58 teve lugar a partida do Presidente do MPLA para Londres. Estiveram a despedir-se a Direcção da CARITAS alemã, na pessoa do seu Secretário-Geral, Dr. Georg Hussler e com presença dos Companheiros Maria Ruth Neto e Costa, Jorge Hurst e Luís D’Almeida. Assim se terminava uma visita à República Federal Alemã do Presidente do MPLA, Dr. Agostinho Neto.

QUE CONCLUSÕES TIRAR?

Por toda a parte onde o Presidente do MPLA esteve presente, um ambiente de respeito se fez sentir. Temos a focar a grande importância desta visita, pelos contactos estabelecidos, pelas personalidades vistas e pela projecção que tal visita poderá ter no futuro, no que respeita ao prestígio do Movimento. Visitas como essa deveriam ser melhor e mais cuidadosamente preparadas e mais longas, pois vários centros ficaram por ver, centros esses de uma importância fundamental no que respeita ao CVAAR. Toda a

nossa actividade foi centralizada no problema do CVAAR e na explicação do Problema angolano. Estamos de crer que essa visita trará benefícios a longo termo, necessário se tornará portanto o de aproveitar o ambiente criado para intensificação da campanha de ajuda aos refugiados e maior compreensão da causa que o MPLA e só o MPLA defende.

Feitos aos 25 de Janeiro de 1963

[assinado por Luís de Almeida]

Carta do MPLA à UPA e ao PDA

[policopiada, em francês]

– CÓPIA –

Léopoldville, 25 de Janeiro de 1963

Comité Director

Ref. 60/M/CD/63

À Direcção da UPA

À Direcção do PDA

Caros Irmãos de luta

A situação do nosso País, tanto no interior como no exterior, as preocupações e as inquietações que os povos africanos independentes e os seus governos manifestam a esse respeito, levam-nos mais uma vez a dirigir-nos a vós.

Temos o dever de encontrar juntos as melhores fórmulas que o interesse da Pátria em luta exige, a fim de, como espera ansiosamente o nosso Povo, chegar a uma coesão nacional que permita triunfar rapidamente sobre o colonialismo Português.

Para lá das nossas divergências de pontos de vista que nunca incidiram sobre o objectivo fundamental – a libertação nacional do nosso País – é o momento de nos mostrarmos, uns e outros, à altura dos sacrifícios do nosso povo e das esperanças alimentadas por todos os povos africanos em relação à liquidação do colonialismo em África.

Por outro lado, pensamos que a situação interna em Portugal, particularmente degradada, nos convida igualmente a uma exploração inteligente do contexto.

Tal como nós, não ignoram que cerca de 300.000 refugiados colocam às nossas consciências um problema particularmente grave. Apesar da solidariedade do povo irmão do Congo e do seu Governo, temos de ter em conta as suas numerosas dificuldades e isso encoraja-nos ainda mais a encontrar as soluções mais convenientes para Angola e para o Congo.

Teremos, uns e outros, a pretensão de solucionar isoladamente um tal aspecto do problema nacional? Continuamos a pensar que será a coesão nacional que melhor atrairá a solidariedade internacional para esse problema.

Também não ignoram que, nas nossas cidades e nas nossas aldeias, o inimigo prende e massacra a nossa juventude sem se preocupar com a filiação política de cada um desses jovens.

Por outro lado, não vos passa despercebido que numerosos agentes inimigos, utilizando todos os meios, têm como tarefa principal desacreditar o movimento nacional atribuindo aos outros qualificativos susceptíveis de criar confusões na opinião mundial.

Por uma política autenticamente nacional, especificamente angolana, apenas ao serviço da pátria angolana, pensada e realizada em comum, interditemos qualquer tentativa de divisão, marcharemos unidos para um futuro melhor.

Por isso, aproveitando a presença em Léopoldville dos representantes dos Países irmãos e amigos, neste caso a Argélia e o Marrocos, propomo-vos uma reunião, com a participação estreita de representantes do Governo irmão da República do Congo.

Essa reunião poderia ter como objectivo uma clarificação das questões que continuam a opor-nos.

Clarificadas estas questões, mais fácil seria estabelecermos os princípios fundamentais aceitáveis por todos e em torno dos quais poderíamos encontrar um terreno de entendimento e mobilizar as massas para a solução dos nossos problemas.

A nossa luta tomará assim uma nova [?], e o nosso povo verá chegar mais rapidamente o dia da libertação.

Saudações fraternais.

Pelo Comité Director do MPLA

| | |
|------------------------|---|
| Rev. Domingos da Silva | – Vice Presidente |
| Mário de Andrade | – Chefe de Departamento das Relações Exteriores |
| Manuel Lima | – Chefe do Depart. da Guerra |
| Lúcio Lara | – Chefe de Dep. Organização e Quadros |
| Aníbal Melo | – Chefe do Dep. de Informação |
| Deolinda Rodrigues | – Chefe do Dep. dos Assuntos Sociais |

Carta do MPLA em Conakry para o MPLA em Léopoldville

[dactilografada, em papel timbrado do MPLA]¹

Bureau de Conakry

Aos 25 de Janeiro /63

Para o Departamento das Relações Exteriores

MPLA, Léopoldville

Compatriotas, SAÚDE!

Espero que esta carta se não extravie como parece ter acontecido à que vos escrevi, no dia 8 do corrente...

¹ Existe uma carta de 8 de Janeiro semelhante a esta, mas esta está mais actualizada.

Como as questões que punha nessa carta eram e são de muita importância e urgência, vou expô-las de novo, de acordo com as novas indicações resultantes dos últimos corretores que fiz.

1 – Os responsáveis de BAlA sabotaram o pagamento de bilhete para Ombulo!...

2 – Viana, depois de muitos corretores, conseguiu que lhe fosse permitido ler uma mensagem ao VI Congresso do PDG. O texto da mensagem já seguiu para aí, há quatro ou cinco dias.

3 – A imprensa e os fatos seguirão para Musese, talvez no automóvel de 10 de Março. Segunda-feira vou tentar o despacho. O Solidário paga tudo mas os responsáveis em Baía são muito demorados e estão-se nas tintas, como é hábito...

4 – O projector de filmes do Campónio não pôde seguir porque ninguém está disposto a pagar as despesas de despacho...

5 – Brain do gajo a quem Haust enviou um livro do Vergès:

- a) Estão prontos a receber BXO a partir de Assunción.
- b) A data da recepção será precisada depois, devendo ser por todo este tempo até Agosto.
- c) Sobre A YR, impõe-se:
 - Fidelidade e segurança absoluta
 - Brain individual
 - Vivência de situação real de Ondanga
 - Possibilidade de explicar – fora da expressão limitada – Lingala...
 - Envio de cada curriculum vitae
- d) Sobre ANX, exige-se:
 - Saber se queremos comando de companhia, batalhão, esquadra, etc.
 - Bons pulmões, bons nervos, bom estômago
- e) Podemos continuar a tratar de tudo em Blumen ou Moxico.

6 – Brain do Compagnon:

- a) É novo e não percebe nada de nada...
- b) Propõe tratarmos em Vieh.
- c) Convidam os Movimentos de Libertação para uma semana de solidariedade, que se desenrolará lá no território livre, durante a primeira quinzena de Fevereiro. Querem que enviemos alguém de peso!

7 – Brain do Nizan:

- a) Perguntas sobre a crise no Movimento... Não esmiuçou exageradamente...
- b) BXO preparados para seguir para o local que quisermos e na data em que desejarmos. Já não podem retê-los por mais tempo...
- c) Estão prontos a receber sobressalentes desde Baía. No máximo vinte exemplares.
- d) Enviar curriculum vitae.
- e) Respondam se recebemos ou não o que nos foi enviado, através [do] Recife, entre os meses de Agosto, Set, Outub.

8 – Brain do Falla:

- a) ANX seguiram para COX, em 12 Janeiro...
- b) Gogh é esperado na Dinamarca, brevemente! Assim, propõe evitar despesa com a ida de Vian. No entanto se nós insistirmos Vian poderá partir antes de Gogh.
- c) Recebidos 20.832 Belgas.
- d) Recebidos, há uns 15 a vinte dias, mais 10.416 Belga e 100.000 Argentinos.
- e) Está entristecido com o resultado final da crise mas coopera sem reticências.

9 – Brain do Tunisie:

- a) Recebem A YR na data que quisermos.
- b) Mesmas condições de alínea c) do n. 4.
- c) Nada teremos a pagar, soube agora...
- d) Aceitam três exemplares...
- e) Já não estamos convidados para a reunião preparatória da Conferência dos jornalistas, na Indonésia. Estamos somente convidados para a Conferência, ela mesma, que é a 26 de Abril
O nosso delegado à Conferência de Dar-es-Salam, discutirá com o de Tunisie a questão de itinerário e a data em que o nosso jornalista à Conf. de Indonésia deve partir.
- f) Perguntas sobre a crise. Nenhuma reacção... claro...

10 – Julius

- a) Enviem, transitoriamente, Thimóteo como permanente em Dahomé. Ele já lá esteve e parece que é bom.
- b) Definitivamente seria bom enviar o Carlos Rocha, o qual está disposto a perder um ano...
- c) Despediu-se o pessoal. Câmara [Pires] agora só ganha 4.000. Teve que pagar-se-lhe 30.000, segundo o Sindicato.
- d) Continua-se a viver do dinheiro da Ruth, o que não é nada cómodo nem correcto! Os Argentinos que se receberam do Falla não chegaram para pagar o atrasado...
- e) Pagaram-se 18.000 belgas ao agente de viagens. Creditou-se o bilhete de Asante [Gentil Viana]. Anularam-se os dois bilhetes que não eram nossos. Foi-nos debitado um bilhete de Sara Maldoror, datado de 24/8/61 e no valor de 93.925 o local de saída foi Blumen. O Campónio não soube explicar nada sobre isso. Expliquem-me. Segue a folha da conta corrente.

11 – Brain do Campónio:

- a) Perguntas sobre a crise.
- b) Insistiu “ironicamente” sobre a viagem do Taurus. Pergunta onde ele se encontra agora...

12 – Respondam com brevidade pois eu estou quase a sair...

13 – Enviem notícias de como as coisas marcham.

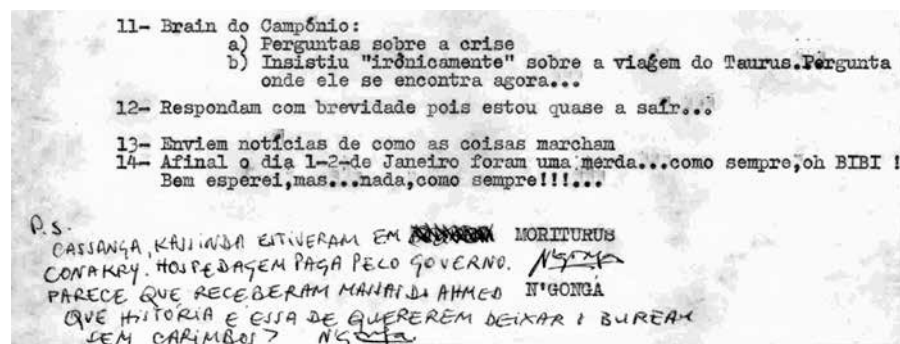
- 14 – Afinal no dia 1-2 de Janeiro foram uma merda... como sempre, oh BIBI!
Bem esperei, mas... nada, como sempre!!!...

P.S: [Nota manuscrita, em maiúsculas]

Cassanga, Kassinda estiveram em Conakry. Hospedagem paga pelo governo. Parece que receberam massa do Ahmed. Que história é essa de quererem deixar o Bureau sem carimbos? NGonga

MORITURUS

N'GONGA [com assinatura]



Carta de Jonas Savimbi ao CD do MPLA

[cópia policopiada, em francês]

Léopoldville, 29 de Janeiro de 1963

AO Comité Director do
Movimento Popular de Libertação
de Angola (MPLA)
LÉOPOLDVILLE

Acuso recepção da vossa carta e agradeço.

Lamento ter de vos informar que nos é materialmente impossível assistir à reunião para que fomos convocados no Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Aquando da recepção da carta, os dirigentes do PDA e da UPA tinham todos os seus compromissos já marcados para aquele dia.

Pedimos que reuniões de grande importância como esta sejam preparadas com antecedência, como o exige o momento actual.

Cordialmente

Jonas M. Savimbi

Carta de Viriato da Cruz a Matias Miguéis

[dactilografada]

30.1.63

Caro Matias,

Sinceros votos de saúde.

Recebi e agradeço a tua carta.

1 – Quanto ao dinheiro, o meu ponto de vista é que é justo utilizá-lo para actividades que vão [ao] encontro de uma verdadeira luta anticolonialista. Penso ser este o vosso objectivo.

2 – Quanto à vossa actividade aí, pouco tenho a dizer porque estou ainda profundamente abalado pelo comportamento (que não esperava) de um certo número de antigos “companheiros” em quem havia depositado confiança.

A meu ver, uma política nova e oposta à que se começou a praticar no Movimento deverá começar por onde começam todas as políticas libertadoras: dizer a verdade, dizer a verdade aos militantes, ao povo e à opinião pública. A verdade é revolucionária. A verdade é a mais elementar arma de uma revolução.

A contra-revolução e a política reaccionária começam sempre com o uso da mentira e da fraude ou com o silêncio cúmplice da mentira e da fraude. Isso foi sempre assim, infalivelmente, desde que começou a opressão do homem pelo homem.

Por isso, penso que a primeira atitude, hoje, é não impedir que digam a verdade aqueles que a queiram dizer. É começando assim que a juventude principalmente ganhará coragem e experiência. E à vista de traições graves aos interesses do povo, Angola precisa urgentemente de uma juventude autenticamente revolucionária, que seja capaz de lutar pela verdade.

3 – Agradeço dizer aos jovens que vou enviar-lhes ainda hoje uma carta um pouco extensa. Não me esqueci de ninguém.

Escreve para o seguinte endereço: Da Cruz V., 62, rue Henri Popp, Rabat.

4 – Tomei em devida consideração o teu pedido. Farei brevemente uma viagem para tratar desse assunto e doutros.

5 – Estou de acordo em que é preciso fazer um trabalho clandestino. Mas este trabalho só não chega. Acho que é também indispensável fomentar abertamente um clima de insegurança para esse grupo de usurpadores fascistas.

Aguardo as tuas notícias.

O meu melhor abraço ao Zé Domingos e a todos os amigos.

[rubrica de V. Cruz]

Carta de V. Cruz a Zé Miguel, Borges, Santos, Amaro e Luís Miguel

[dactilografada]

31 Jan. 63

Estimados camaradas ZMiguel, Borges, Santos, Amaro e L. Miguel,

Antes de tudo, peço [que] me desculpem o atraso com que vos respondo. Ao chegar aqui, cá doente com algumas complicações pulmonares.

1 – Julgo que o tempo decorrido, assim como os acontecimentos que se desenrolaram aí até ao presente permitem-me que aborde nesta carta alguns problemas do nosso Movimento. Estou convencido de que os factos e a vossa própria experiência confirmam, hoje, a mudança inaceitável que previ e denunciarei há poucos meses. Sobre o que se vem passando, vocês sabem melhor que eu. Mas talvez seja útil relembrar aqui algumas das causas que vêm alterando gravemente a política tradicional que fez o nosso Movimento.

2 – Como vocês sabem, a luta pela independência não deve ser monopolizada por nenhuma classe. Todos os patriotas – comerciantes, agricultores, camponeses, ricos e pobres – devem ter lugar no Movimento de libertação nacional. Por esta razão, a palavra-de-ordem união do povo inteiro¹ é uma palavra-de-ordem justa. Mas uma coisa é a união e outra coisa é o resultado final da luta pela libertação nacional. O resultado final desta luta define o conteúdo da independência que um povo conquistou.

Mesmo com a união do povo inteiro, a luta pela libertação nacional pode vir a ter resultados finais diferentes. O segredo dessas diferenças de resultados finais da luta está na natureza do órgão que dirige a luta. Se a luta for dirigida por indivíduos que não estão, conscientemente ou inconscientemente, interessados na libertação das massas populares, o resultado final da luta será magro ou quase nulo para as massas que mais sofreram durante a opressão colonial.

Desde que abrimos o bureau de Léo, o nosso Movimento dedicou-se, no máximo das suas possibilidades, à preparação de quadros de origem popular e ligados às massas. Essa nossa política não agradou certamente aos colonialistas, porque estes preferem sempre formar uma elite de privilegiados do que formar quadros de origem popular.

Em Maio de 1962, quando se fez a remodelação temporária do C. Director, os indivíduos que foram promovidos à direcção do Movimento não tinham títulos especiais e alguns deles tinham fortes laços com as massas. O Carácter dessa remodelação não agradou ainda mais aos colonialistas, mas também não agradou a certos militantes do nosso Movimento que durante o regime colonial tiveram o privilégio de obter títulos. Esses indivíduos pensaram assim: que o Movimento forme quadros de base ligados às massas, isso ainda se tolera, desde que esses quadros sejam dirigidos por indivíduos que garantam uma revolução com limites, isto é, uma revolução que salvasse certas conveniências; mas se o Movimento passa também a ser dirigido por indivíduos ligados às massas e fiéis aos profundos interesses do Povo, isso é já um grande perigo para as

classes privilegiadas. Foi a partir desse momento que um certo número de militantes (Videira, Lima, Santos & Ca.) começou a agir no sentido de levar o movimento para o caminho onde ele hoje se encontra. A chegada do Neto veio ajudar a política que esse grupo de indivíduos vinha planeando, pois o Neto concordou com a política desse grupo. A partir dessa altura, o Neto colocou ao serviço da política desse grupo o “prestígio” exagerado que nós tínhamos criado em torno da sua pessoa.

Um outro golpe, que veio ajudar a política desse grupo, foi o facto de o M. Andrade, ter passado, ilegalmente, todo o dinheiro do Movimento para as mãos do Neto. A partir desse momento, esse grupo começou a financiar os seus correligionários (Videira, Boal, etc.), a fazer pressões materiais sobre os militantes que não estavam de acordo com eles, a comprar gente, e a sabotar descaradamente os trabalhos do Movimento.

Ao mesmo tempo que o grupo utilizava essa tática, o Viana (ao serviço do grupo) encarregava-se de divertir a atenção dos militantes mais activos do Movimento com as baboseiras do seu “plano de acção”. Com essa tática de diversão, o Viana e o grupo tinham em vista, principalmente, isolar-me, impedir que os militantes activos se unissem a mim.

É bom talvez que neste momento, todos vocês tenham presente, na vossa memória, as táticas que eles utilizaram, as quais se resumem afinal em: intriga, calúnia, monopólio dos meios materiais do Movimento, corrupção, sabotagem e diversão. Por estes métodos que o grupo utilizava podia-se prever já, nesse momento, a espécie de política que eles pretendiam impor ao Movimento. Mas, infelizmente, por ingenuidade, ou por boa-fé, quase todos os militantes honestos não viram a tempo o desastre que se preparava. No entanto, o grupo usou alguns métodos bem grosseiros, como sejam: o envio para a fronteira dos soldados que me conheciam, a habitação forçada da família Lima no quartel a fim de vigiar e comprar soldados, o envio do Spencer para Cotonou, a integração do Boal e do Videira no Comité Preparatório da Conferência, etc.

Que a política desse grupo foi imposta ao Movimento, vocês mesmos o sabem, pois alguns de vocês puderam ver os métodos anti-democráticos, fascistas, que o grupo utilizou durante a Conferência realizada em Dezembro! Mas, infelizmente, alguns responsáveis do Movimento só passaram a opor-se à política do grupo, quando não viram os seus nomes na lista que o grupo apresentou à Conferência.

3 – Qual é, no fundo, a política desse grupo?

Esse grupo é formado por indivíduos que para se sentirem completamente livres bastar-lhes-á participar, na Angola independente, do poder político e gozar de grandes facilidades para obter os meios para levar uma vida privilegiada. Enquanto que para o povo poder sentir que a independência melhorou realmente a sua vida, será necessário tomar medidas profundas na Angola independente – para os indivíduos do referido grupo sentirem que a independência melhorou realmente a sua vida bastará que se tomem, amanhã em Angola, algumas medidas superficiais ou parciais.

Além disso, os indivíduos do referido grupo sabem muito bem que as independências em África, de uma maneira quase geral, têm significado, na realidade, a promoção de uma elite para os postos de direcção da nação, enquanto que as massas pouco ou nada beneficiam com as independências. Pode-se dizer, em resumo, que essas independências

¹ Os sublinhados desta carta podem não ser de Viriato da Cruz.

têm apenas criado castas privilegiadas nativas, que como os antigos colonos, passam por sua vez, a explorar e a oprimir o povo. A este fenómeno que, actualmente, alguns estudiosos dos jovens Estados independentes vêm chamando do “colonialismo de classe” – o “colonialismo” das castas privilegiadas nativas.

Os indivíduos do referido grupo sabem bem que a maneira mais fácil para eles amanhã fazerem parte de uma casta privilegiada angolana consiste em estarem, hoje, à frente de um partido político. Como eles não podiam fundar um partido que tivesse sucesso, resolveram “tomar de assalto” (como dizia o vigarista do Viana) o nosso Movimento. Não foi por acaso que alguns médicos, que deveriam servir melhor o povo com a ciência médica, resolveram abandonar os refugiados doentes no Congo para vir para o exterior fazer treinos militares. Quem acredita porventura, que cinco ou seis médicos com treinos militares irão modificar o curso da guerra em Angola? Onde está provado que um médico militar seja melhor soldado do que um cidadão sem formação universitária?

4 – A fim de levarem Angola para a “independência” que eles querem, esses indivíduos vêm defendendo, desde há muitos meses atrás, a teoria de que o neocolonialismo é inevitável em Angola, e vêm afirmando a mentira de que o nosso Movimento não praticava no passado, o neutralismo positivo, e que eles é que vão passar a praticar uma política de neutralismo.

O que pretendem eles com essas teorias? Eles pretendem:

1º – Justificar todas as espécies de compromissos que eles irão fazer com os interesses neocolonialistas. (O que se pode esperar de um Santos que tinha como amigos seus em Léo, os portugueses Simões e Torres? O que se pode esperar de um Lara, que é cunhado do irmão do antigo ministro da guerra, Santos Costa? Não foi por acaso ainda que, por exemplo, em 15 de Setembro de 1962, o Agostinho Neto enviou uma carta ao general Humberto Delgado, carta essa que começava assim: “Aprendi a admirar o nome de V. Exa. ainda em Portugal...” e que terminava nestes termos: “estou inteiramente à disposição de V. Exa.”).

2º – Justificar todos os passos que eles vão dar no plano internacional, em nome do neutralismo positivo.

5 – Nenhum movimento de libertação nacional pode ser levado ao melhor fim possível, se ele for dirigido por indivíduos que pensam que o neocolonialismo é inevitável. Essa ideia diminui a combatividade do movimento, utiliza cinicamente o sacrifício de milhares de combatentes que lutam e morrem por uma independência real, abre as portas do movimento à imoralidade e à corrupção, dá lugar a uma política oportunista e sem princípios.

Toda a verdadeira revolução nacionalista deve ser feita com a ideia e a convicção de que se pode conquistar uma independência real. O resultado final de uma revolução nacionalista depende do ardor e da convicção que o povo e os dirigentes puserem na luta. E um verdadeiro movimento revolucionário é aquele que diante do resultado final da luta poderá dizer sinceramente: “Conseguimos o que nos foi possível, e fizemos tudo quanto nos foi possível”.

Mas esse grupo não quer uma independência conquistada dessa maneira. E a prova é que esse grupo vem dividindo o Movimento, sabotando a unidade deste, e provocando

o afastamento do Movimento de patriotas provados. Ora, todos sabemos que a força principal de um movimento de libertação nacional é a união de todos os patriotas. Aqueles que desprezam ou destroem essa união não querem, na verdade, conquistar uma independência real para o povo.

6 – Por outro lado, vocês queixam-se de que se pratica, hoje, no Movimento, uma política de perseguição, uma política policial e de pressão moral e material.

Sei, desde há muito tempo, o de que seriam capazes um certo número de actuais dirigentes e responsáveis do Movimento. Apesar de essa gente ter utilizado, no passado, uma linguagem revolucionária e de terem propalado a ideia de fraternidade e de unidade, eu sabia, no entanto, que – pela educação que receberam e pelas ambições que escondiam no fundo de sua consciência – eles eram capazes de actos egoístas e odiosos. Foi por esta razão que, enquanto fui secretário-geral, impedi habilidosamente que eles usassem as varas do Movimento. Infelizmente, confirma-se, hoje, o velho provérbio: se queres conhecer o vilão põe-lhe a vara na mão. Essa gente só tem demonstrado que aprendeu bem e não esqueceu as lições do colonialismo fascista português. Cada pessoa faz o que sabe e eles não podem fazer melhor do que aprenderam. Por outro lado à frente do Movimento, eles vêm mostrando, em pequena escala, o que farão amanhã se estiverem à frente do Estado Angolano.

A razão principal por que alguns dos meus ex-colegas de direcção dizem opor-se aos meus métodos de trabalho é que eu não lhes deixei no passado, agarrar e utilizar as varas do Movimento. Nem nunca permiti nem permitiria a escandalosa política, que hoje se faz, de pôr por exemplo, um Lima à frente das questões da guerra, um Lima que em Portugal era considerado agente da PIDE e que transmite à mulher os segredos que sabe; a escandalosa política de consentir que a mulher do Lara tenha as chaves da nossa caixa postal em Conakry e abra a correspondência dirigida ao Movimento, e que a mulher do Viana tivesse as chaves do bureau de Conakry onde estão arquivos importantes do Movimento. Mas qual é afinal a diferença política entre portugueses e angolanos?

7 – Evidentemente que não devemos assistir indiferentes e inactivos a essa política desastrosa. É necessário reconquistar uma política acertada. Costuma-se dizer que quem quer faz, quem não quer espera. Tudo que é necessário ao progresso do homem e do povo conquista-se com a luta e com o trabalho. Creio que tenho alguma moral para vos falar assim, porque desde Agosto de 1962 que venho tentando, pela palavra e por escrito, esclarecer a nova situação.

Tenho muita confiança na juventude angolana. A juventude é a generosidade, a energia, o amor à verdade, a semente que leva em si o futuro. A Angola de amanhã será o que for hoje a sua juventude. Nenhuma política errada poderá triunfar se a juventude se mantiver vigilante, combativa e fiel aos interesses profundos do povo.

O que deverá fazer a juventude?

Não vos esqueçais nunca, camaradas, que todas as políticas de libertação começam por amar a verdade e dizer a verdade. Todos os partidos de libertação começam sem dinheiro, sem apoio das massas e sem armas. Mas esses partidos nascem, crescem, impõem-se e ganham a vitória, principiando por amar e por defender a verdade. A verdade é, foi e será sempre a aliada mais fiel dos oprimidos e dos explorados, do povo enfim.

Toda a política contra-revolucionária ou reaccionária começa com a mentira e com a fraude. O veneno dos frutos de uma árvore já estava na semente que deu origem à árvore. Isso é uma lei da vida. O que havia, pois a esperar da política actual do Movimento, a qual começou com a intriga, a calúnia e a divisão? Dessas sementes só poderíamos esperar os frutos venenosos da humilhação e da perseguição de que sofrem hoje os patriotas sinceros do nosso Movimento.

Por isso, aconselho-vos a defender corajosamente a verdade.

Vocês sabem bem que é somente o povo que faz a história. As grandes obras e os grandes desastres não podem ser feitos sem a contribuição da imensa força do povo. Por isso, aconselho-vos a trabalhar no meio do povo. Esclarecei-o [sic]. Mostrai-lhe a mentira e a verdade. Impedi que ele regue com o seu suor, com o seu sangue e com o seu dinheiro as sementes que vão produzir amanhã frutos venenosos. Conduzi a imensa força do povo somente para a realização de obras que lhe sejam úteis, e contra a opressão e a exploração actuais e futuras.

A política de progresso é aquela que não subordina os interesses da revolução aos interesses do presente. Se quisermos amanhã uma Angola onde floresça uma democracia política e social de que o povo seja o principal beneficiário, é indispensável que esse objectivo futuro não seja sacrificado a certos interesses do presente. A política que sacrifica os interesses do futuro aos interesses do presente é uma política oportunista. Nem todas as facilidades que o presente oferece são boas. Se o povo angolano fosse a escolher somente os caminhos das facilidades, ele nunca se teria levantado para lutar contra a escravidão colonial. Todo o progresso exige que se aproveitem as facilidades honestas e que se faça frente às dificuldades com o sacrifício necessário.

Por isso, aconselho-vos a que vos mantenhais fiéis aos princípios revolucionários que fizeram o nosso Movimento. Não vos deixeis corromper, pensando apenas nos interesses do presente.

Sei que alguns camaradas pensam que a luta que devemos travar contra as actuais tendências dominantes do Movimento deverá ser apenas clandestina. A meu ver, é necessário, sim, fazer uma luta clandestina; mas só a luta clandestina é insuficiente.

Em primeiro lugar, quando a luta é completamente clandestina, os adversários pensam que têm mais força do que a que possuem na realidade e pensam, ainda, que aqueles que se opõem a eles têm medo da sua força. Ora, é preciso evitar que os adversários cheguem a ter esse sentimento, porque, se isto suceder, eles tornar-se-ão arrogantes e não hesitarão em tomar medidas sanguinárias contra os que se lhes opõem.

É preciso impedir que os adversários se sintam em terreno completamente conquistado. É indispensável fazer sentir constantemente aos adversários que eles não estão seguros sobre os seus próprios pés.

Por outro lado, não deveis renunciar nunca ao vosso direito de exprimir abertamente as vossas ideias e a vossa posição. Ninguém respeita os direitos daqueles que abandonam os seus próprios direitos. Se nos calarmos por medo, estaremos a legalizar a ordem policial e odiosa que um grupo de pessoas pretende impor ao Movimento.

É por todas essas razões, que penso que a luta clandestina deve ser acompanhada também, e a todo o momento, por uma luta aberta, declarada, contra as actuais tendências dominantes do Movimento. O MPLA é de todos os militantes. E podeis estar

certos de que a maioria dos que hoje estão à frente do Movimento não pode justificar as suas posições actuais pelo seu trabalho dentro do Movimento, no passado. Essa maioria possui muito mais do que merece. Mesmo o Neto, que ao contrário da propaganda muito exagerada que fizemos sobre ele no passado, não foi nada um dos fundadores do Movimento; só aderiu ao MPLA quando saiu de Portugal em Junho do ano passado; e foi, aliás, um dos últimos africanos em Portugal a convencer-se de que a independência das colónias não estava dependente da instauração da democracia em Portugal. É uma verdade incontestável que o Neto não tem nenhuma dívida a cobrar dentro do MPLA.

Por isso, não vos acanheis dentro do MPLA. O Movimento é vosso também, e principalmente vosso. E autorizo que todos os verdadeiros militantes do MPLA ajam dentro do Movimento como se fossem, por exemplo, os herdeiros legítimos do meu trabalho.

Não vos tomeis de complexos de inferioridade diante de indivíduos com títulos. A política não se aprende nas universidades, mas defendendo corajosamente os interesses do povo, defendendo a verdade, a justiça e democracia.

É absolutamente necessário para vocês que [a] JMPLA tenha uma nova direcção. Vocês deverão participar da nova direcção da JMPLA. Para já deveis, a meu ver, levar o Videira a demitir-se ou a afastar-se da direcção da JMPLA. O Videira é um jovem cínico e demasiado ambicioso. Depois da remodelação do C. Director, em Maio de 1962, ele qualificou essa remodelação como uma “vendilhagem”, uma vendilhagem da direcção do Movimento aos negros. Uma das razões porque ele apoia servilmente o Neto é que ele (como aliás, uns tantos como ele) pensa que o Neto é a garantia de que o Movimento nunca será dirigido apenas por negros. Nem outra é a posição do Lara.

Recebei, caros camaradas, as minhas saudações cordiais.

Bilhete de Viriato da Cruz a Matias Miguéis

[dactilografado]

[Sem data]

Caro Miguéis,

Saúde!

Acho que não deves sair daí. Dentro de dias devo sair em viagem. Verei se arranjurei meios materiais.

Dadas as manifestas irregularidades que se cometeram na Conferência de Dezembro, penso que é preciso levantar os militantes para pedir uma nova Conferência. Ao mesmo tempo, deve-se fazer uma campanha para a saída do Lima, Desidério, Melo do Comité Director.

Quem cala consente. E, a meu ver, é preciso, nem calar, nem consentir.

[rubrica de V. Cruz]

Carta de Jorge Pires ao MPLA

[manuscrita]¹

Moscovo, [?] de Janeiro de 1963

AO COMITÉ Director do MPLA

Antes de mais desejava-me apresentar. Sou estudante em Moscovo, pertenço ao grupo de 16 angolanos que fugiram de Portugal, num barco, para Marrocos. Até vir para Moscovo soube de diversos problemas que tinham surgido, um deles era que os indivíduos brancos não podiam pertencer ao MPLA por motivos tácticos. Mas soube que se ia realizar a reunião de quadros de Dezembro e que se ia focar o problema racial.

Mas até aqui nada sei das conclusões a que chegaram. Eu sou branco, filho de portugueses, natural de Angola, sem que isso me dê de antemão o direito de me intitular angolano. (Ora o que eu quero não é mais do que conquistar o direito à cidadania angolana). E acho que nesta altura, a melhor maneira de a conquistar é com as armas na mão. Eu sei, perfeitamente que me vão apontar uma série de obstáculos, como por exemplo o da cor da pele, e à reacção das massas angolanas ao verem um branco que se diz também angolano, mas que é da mesma cor dos colonialistas e filho de colonialistas. A isto eu posso responder que não é após a independência que se vão habituar a ver brancos, filhos ou não de Angola que estão com eles de corpo e espírito, porque só duma delas não é muito satisfatório.

Podem argumentar também que sou mais útil tirando um curso e indo depois trabalhar em Angola. Mas vejamos o meu caso particular. Tenho ainda 19 anos de idade, estou neste momento a estudar a língua russa para depois ingressar na universidade para tirar o curso de economia planificada. Em resumo sou novo. Por muito que dure a guerra em Angola quando ela acabar ainda estou a tempo de estudar. Se morrer na guerra o problema não é grande, pois como estudante o curso que ia tirar não era dos mais urgentes para Angola. Peço que desculpem a maneira como apresento o problema, mas se eu dissesse só que queria ir para o “maquis”, respondiam-me provavelmente com os argumentos que aqui apresento. Ora, o que eu desejo, é ir o mais depressa possível para o combate. Acho que eu estou dentro da razão por isso espero que dêem o mais depressa possível viabilidade ao meu pedido, isto é mandando-me para Angola, combater, contactar com o povo para evitar após a independência contradições entre quem tem um nível cultural superior e a grande massa analfabeta.

Com as maiores saudações patrióticas.

[assinado por Jorge Alves Pires]²

1 Cedida por Surene (viúva de Jorge Pires).

2 Mais tarde conhecido como “Piricas”.

Ordem de Serviço do DOQ do MPLA

[dactilografada, em papel timbrado do MPLA]

DEPARTAMENTO ORGANIZAÇÃO E QUADROS

ORDEM DE SERVIÇO Nº 1/63

AOS CAMARADAS DA SECRETARIA

- 1º – Volta a chamar-se a atenção para a necessidade de inventariar todos os bens do MPLA existentes no Bureau. O camarada TANDO será o responsável desse trabalho.
- 2º – a) Chama-se a atenção para os camaradas dactilógrafos sobre a necessidade de numerar e classificar todas as cartas a expedir da seguinte forma:

| | | | |
|-----------------|-----------------------------|---------|----|
| N.º de Ordem | Classifico [sic] Arquivo | Depart. | 63 |
|-----------------|-----------------------------|---------|----|

 b) Igualmente se chama a atenção dos camaradas dactilógrafos para a necessidade de numerar e datar todos os documentos impressos no Bureau.
- 3º – Os camaradas Samuel, Munginga e Victor são os únicos autorizados a ir ao correio expedir ou procurar correspondência.
De ora em diante deverá fazer-se diariamente a folha das cartas expedidas c/ o nome do destinatário.
- 4º – Passa a ser expressamente proibido atravessar o Bureau para utilização do W.C.
Para tal efeito devem os camaradas entrar pelas traseiras.
- 5º – A camarada Ma. Luíza Gaspar deve velar pelo respeito rigoroso da ordem de inscrição dos camaradas que desejam avistar-se c/ os directores.
Só podem ser isentos da lista de inscrição os chefes de Departamentos e os seus colaboradores, Visitas estrangeiras e os cama[ra]das em missão de urgência.
Em todo o caso ASSUNTOS DE SERVIÇO têm sempre prioridade sobre ASSUNTOS PESSOAIS.
- 6º – CHAMA-SE DE NOVO A ATENÇÃO PARA A PROIBIÇÃO ABSOLUTA DE ENTRADA NO RECINTO DE TRABALHO SEM MOTIVO JUSTIFICADO DOS CAMARADAS NÃO LIGADOS AO BUREAU.
- 7º – O camarada Vidal responsável por preparar a expedição de documentos deve obter imediatamente a lista das expedições a fazer em língua portuguesa e em língua francesa, organizando convenientemente o ficheiro.
A expedição de documentos em Kimbundo, Kikongo, Chokwé, Fiote, Umbundo, etc. fica a cargo do Deps. de Organização e Quadros e Dep. de Informação.

8º – A camarada Evangelina deve pôr em dia o ficheiro dos militantes (incluindo os militantes do exterior na medida do possível).

9º – Os camaradas encarregados da guarda nocturna do Bureau devem assegurar a limpeza matinal do Bureau. Não poderão em nenhum caso mexer nos objectos do Bureau.

LÚCIO LARA *[com assinatura]*

[carimbo do CD do MPLA]

DEPARTAMENTO ORG. E QUADROS

Declaração do MPLA sobre o 4 de Fevereiro

[policopiada, em francês]

[Endereço do MPLA em Léopoldville]

[Acrescentado à mão: Doc 18/63]

Nos dias que correm, recordamos os actos heróicos do 4 de Fevereiro de 1961 em Luanda.

O povo angolano não podia suportar por mais tempo a opressão das autoridades colonialistas, cada vez mais arrogantes e mais surdas a toda as reivindicações populares.

O MPLA, pressionado pelas massas populares, depois de um solene aviso ao Governo português tornando-o “responsável por todos os acontecimentos sangrentos que venham a ocorrer em Angola”, lançou a palavra de ordem da ACÇÃO DIRECTA, a única alternativa deixada aos nacionalistas pela intransigência colonialista.

Foi assim que, na madrugada desse 4 de Fevereiro histórico, comandos do MPLA seguidos por outros patriotas, apoderaram-se das armas de uma patrulha portuguesa e atacaram as prisões de Luanda, com o objectivo de libertar os presos políticos, entre os quais se encontrava um grande número de líderes do MPLA. Também a Rádio foi atacada e sabotada pelos nossos comandos.

Foram esses os factos que marcaram o início da luta armada em Angola.

Estamos recordados da repressão bárbara desencadeada no dia seguinte pelos sectores policiais, militares e administrativos de Luanda, e os crimes cobardes cometidos por esses mesmos sectores e pela população branca do interior, enquanto a sua Imprensa criava um clima de histeria colectiva.

O nosso Povo heróico soube responder com notável firmeza a todas as rudes provas. Milhares de inocentes tombaram, vítimas do furor histórico dos colonialistas.

O MPLA rende uma sentida homenagem a todos esses heróis e mártires angolanos que deram as suas vidas e o seu sangue para que a Pátria viva.

O MPLA reafirma perante a sua memória, a sua firme determinação de prosseguir incansavelmente o combate até à recuperação completa da nossa independência nacional.

A todos os que, em número crescente, se juntam à luta, exortamos a intensificarem a Resistência onde quer que se encontrem.

Em nome do nosso Povo, agradecemos aos muitos amigos – Países, instituições, personalidades diversas – que nos endereçaram nesta data, a expressão da sua preciosa solidariedade.

VITÓRIA OU MORTE!

VIVA ANGOLA LIVRE E INDEPENDENTE!

VIVA O MPLA!

Léopoldville, 4 de Fevereiro de 1963

[carimbo do CD do MPLA]

AM/CCS

O COMITÉ DIRECTOR DO MPLA

Carta de Viriato da Cruz a Matias Miguéis

[manuscrita]

6.2.63

[Nota manuscrita: Recb. 28/3/63]

Caro Matias,

Saúde!

Na tua carta para o Graça dizes que vais fazer uma pausa nas tuas actividades políticas. Não sei bem quais sejam as razões. Talvez tenhas todas as razões para fazê-lo. E afinal de contas és tu que decides do teu destino.

Mas se me permites uma opinião, devo dizer-te que, a meu ver, não pode haver pausa, ao menos para desmascarar junto do povo as manobras daqueles que, como tu mesmo presentes, serão capazes de levar o povo para caminhos nocivos. Se nos formos a calar, legalizaremos a arbitrariedade e a perseguição odiosa, tal como os colonos portugueses vêm fazendo no nosso país.

Acho que é preciso prosseguir, sem parar, numa política de esclarecimento das massas. Esconder a verdade das massas é votá-las às piores aventuras...

O meu melhor abraço.

[rubrica de V. Cruz]

Escrevo-te fora de África. Verei o que poderei fazer. Não me esqueci de vós.

Ofícios Religiosos pelo 4 de Fevereiro

[policopiado, em francês]

[Acrescentado à mão: DOC 19/63]

AVISO AOS ORIGINÁRIOS DE ANGOLA

O Comité designado pelo Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), por ocasião do segundo aniversário comemorando os acontecimentos trágicos de 4 de Fevereiro de 1961 e os que se seguiram, leva ao conhecimento de todos os originários de Angola e simpatizantes que será celebrado Domingo próximo, 10 de Fevereiro, às 7h45, um ofício religioso seguido de uma cerimónia fúnebre, na Capela de S. José, sita na Avenida da Victoire (Comuna de Kalamu) e nos Templos Protestantes sitos na Avenida de Itaga, da Ecole e Matete.

Unamo-nos nas nossas humildes orações...

Léopoldville, 8 de Fevereiro de 1963

AM/VD

O Comité

Carta de José Belo Chipenda a Armindo Fortes

[policopiada]

8 de Fevereiro de 1963

Caro colega, *Armindo* [acrescentado à mão]

Se os anos que passam fazem das crianças homens, e dos homens velhos, connosco isto não acontece porque vivemos na esperança de um dia, aquele dia em que havemos de regressar à Terra que nos viu nascer.

Se outras forças nos separam, pelo menos a esperança que nos é comum deve incentivar em nós o espírito de fraterna cooperação.

Falando agora de Angola, parece que todos nós sabemos que Washington prefere mandar aterrar os seus aviões nos Açores [do] que contribuir para a nossa tão desejada liberdade. Nas Nações Unidas o voto dos Estados Unidos que em 1961 esteve ao nosso lado, foi categoricamente lançado a favor de Portugal. Neste momento o público Americano está sendo informado que já não há distúrbios em Angola. Será isto verdade? O que devemos fazer? Gostaria de ouvir as sugestões dos colegas.

Diz-se haver duas datas que marcam o início da nossa REVOLUÇÃO. Uma delas é [o] 15 de Março. Se todos estivessem de acordo devíamos fazer alguma coisa neste dia. O colega Augusto Bastos em Washington está a pensar em apresentar um programa e pede a nossa cooperação. Seguindo a mesma ideia, estou certo que Angola podia ser beneficiada se cada filho da Terra, em qualquer parte onde estivesse, convidasse amigos

no seu dormitório – se muito não puder ser feito – para lhes expor o significado do dia e as razões que levaram o nosso povo à acção.

Desde Setembro do ano passado o colega Jerónimo de Almeida que está agora no Hope College, B-130 Kollen Hall, Holland – Michigan, está a receber 2 dollars todos os meses de cada um de nós. Já temos algum dinheiro guardado que deve ser posto em circulação para ser útil à causa. Queremos ouvir sugestões de como usar este dinheiro.

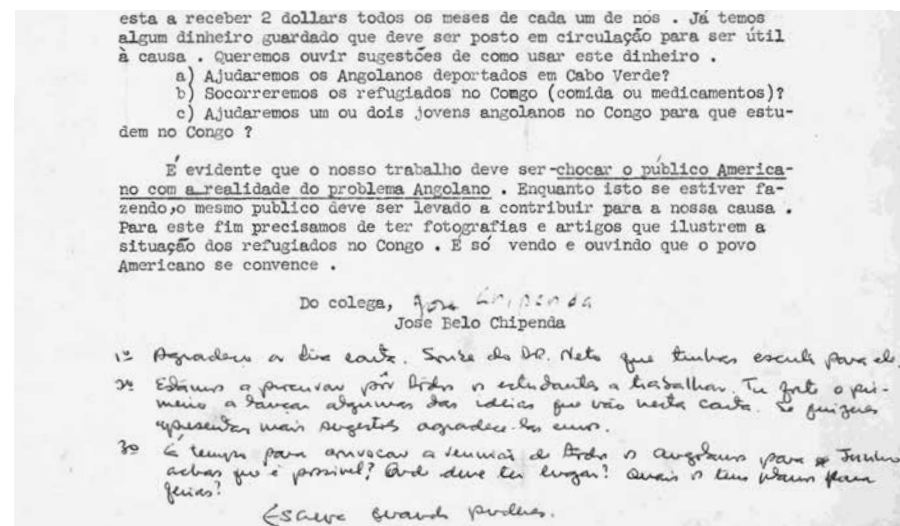
- a) Ajudaremos os Angolanos deportados em Cabo Verde?
- b) Socorreremos os refugiados no Congo (comida ou medicamentos)?
- c) Ajudaremos um ou dois jovens angolanos no Congo para que estudem no Congo?

É evidente que o nosso trabalho deve ser – chocar o público Americano com a realidade do problema Angolano. Enquanto isto se estiver fazendo, o mesmo público deve ser levado a contribuir para a nossa causa. Para este fim precisamos de ter fotografias e artigos que ilustrem a situação dos refugiados no Congo. É só vendo e ouvindo que o povo Americano se convence.

Do colega, José Belo Chipenda [com assinatura]

[Acrescentado à mão por Agostinho Neto:

- 1º Agradeço a tua carta. Soube do Dr. Neto que tinhas escuta para ele.
- 2º Estamos a procurar pôr todos os estudantes a trabalhar. Tu foste o primeiro a lançar algumas das ideias que vão nesta carta. Se quiseres apresentar mais sugestões agradece-las-emos.
- 3º É tempo para convocar a reunião de todos os angolanos para Junho achas que é possível? Onde deve ter lugar? Quais os teus planos para férias?
Escreve quando puderes.]



Entrevista com Agostinho Neto

[impresso em francês]

Uma entrevista com Agostinho Neto¹

“A nossa vitória depende de todos os países africanos”

Agostinho Neto, médico e poeta, é o dirigente mais conhecido da luta nacionalista angolana.

Nascido em Angola, teve o privilégio, raro para um colonizado, de poder prosseguir estudos superiores em Portugal. Terminados os seus estudos, regressou a Luanda, onde em breve foi preso por actividades subversivas.

O governo português deportou-o para as ilhas de Cabo Verde. Uma campanha de solidariedade internacional pouco depois obrigou Salazar a mandar soltar o seu preso, que foi posto com residência fixa em Lisboa. Foi daí que se evadiu, em Julho de 1962.

Durante a prisão, Agostinho Neto foi eleito presidente de honra do MPLA. Em seguida o Congresso de Novembro de 1962 [sic] ofereceu-lhe a presidência do Movimento.

P: Pensa que, em Angola, uma solução neocolonialista tem hipóteses de prevalecer?

R: Portugal poderia provocar o neocolonialismo em Angola concedendo uma “auto-determinação” em que o grande capitalismo português, por intermédio dos seus colonos, manteria a sua dominação. O “Novo Brasil”, de que se houve falar nos meios colonialistas, conduziria a esse género de neocolonialismo. Uma outra forma de neocolonialismo poderia ser considerada por Portugal no quadro de uma “independência” onde os colonialistas introduziriam nos postos chave do governo indivíduos angolanos – brancos ou negros – fiéis à política portuguesa.

P: Que perspectivas se oferecem ao neocolonialismo em Angola? Qual é a política do MPLA a esse respeito?

R: Angola é um país muito rico no seu solo e no subsolo. Existem portanto possibilidades de criar uma indústria importante e explorar as fontes de energia. Essas riquezas são cobiçadas por aqueles que, através de processos hoje bem conhecidos em certos países independentes de África, de ajuda económica, de empréstimos, procuram manter esses países numa dependência económica e, por consequência, política.

Essas diferentes tentativas poderiam manifestar-se; mas se elas tivessem êxito, se Angola obtivesse essa independência política, o povo angolano não conheceria o fruto dessa independência. O MPLA quer lutar contra tais tentativas através da sua política de não-alinhamento.

P: Qual é a sua definição de não-alinhamento?

R: Para nós, o não-alinhamento significa, em primeiro lugar, a aplicação do direito do nosso povo a estabelecer livremente as estruturas políticas, económicas e sociais do seu país. Em seguida, o estabelecimento de relações com todos os países numa base de respeito mútuo da soberania dos Estados, e de não-participação nos blocos militares.

Concluindo, entendemos por não-alinhamento a prática de uma política independente dos dois blocos.

P: O que representa para si o panafricanismo e a unidade africana?

R: Para que os países de África se possam defender, a solidariedade entre os povos do nosso continente é necessária. As nossas velhas afinidades (cultura, tradição) e a história comum da nossa exploração justificariam já a nossa solidariedade. Na nossa luta de libertação, a vitória depende da colaboração de todos os povos africanos. Os povos de Angola, de Moçambique, da África do Sul e da Rodésia, só podem combater eficazmente conjugando estreitamente as suas forças.

Foi por isso que a conferência nacional do MPLA decidiu procurar meios apropriados para pôr em prática essa colaboração no sul da África.

Não é por acaso que a Santa Aliança Salazar – Verwoerd – Willenski procura coordenar as suas ofensivas contra os povos colonizados.

Para além dos laços políticos, as nossas economias são complementares; os Rodesianos não são independentes de Angola ou de Moçambique; os produtos dos Rodesianos têm de atravessar os territórios angolanos e moçambicanos para atingir o mar. No futuro todos os países subdesenvolvidos terão de coordenar as suas actividades económicas para se completarem uns aos outros. Apenas essa colaboração económica poderá permitir escapar à dominação das grandes potências.

Portanto, nenhum país africano se pode considerar verdadeiramente livre se não participar na luta para a libertação dos países ainda dominados.

P: Acredita que seja possível uma acção coordenada com a oposição interna portuguesa?

R: As diferentes correntes de opinião que se manifestam na oposição portuguesa ainda não chegaram a um acordo sobre a independência imediata e total das colónias.

Mas houve progressos prometedores. Por exemplo, a conferência de Dezembro último, que reuniu representantes das tendências mais importantes da oposição. O MPLA segue atentamente a evolução do comportamento das forças democráticas portuguesas em relação ao problema colonial. Saudaremos sempre a sua luta contra o fascismo.

P: E os grupos liberais brancos das colónias portuguesas? Têm lugar na vossa luta?

R: A conferência nacional do MPLA decidiu encorajar todos os grupos liberais portugueses que lutam em Angola contra o colonialismo. Mas persistimos em dizer que a direcção da luta deve ser confiada aos representantes das classes mais exploradas.

P: Em que ponto está hoje a luta em Angola?

R: Reforçar o dinamismo da luta é a nossa primeira preocupação. As condições políticas internas de Angola são favoráveis a uma expansão rápida da organização e apesar de todas as dificuldades exteriores, o “EPLA” (Exército popular de libertação de Angola) pode hoje desenvolver a sua actividade militar em todo o território nacional, uma actividade militar capaz de modificar a situação. O recente sucesso obtido pelo EPLA em Cabinda, num confronto com as forças colonialistas, demonstrou as nossas capacidades e a nossa determinação.

¹ Artigo in “*Révolution Africaine*” de 09.02.63, com uma fotografia de A. Neto..

Devo acrescentar que os quadros militares que participaram nesse combate foram treinados na Argélia e no Marrocos.

P: Considera positiva a sua estadia na Argélia?

R: Sim. Tivemos uma longa conversa com o irmão Ben Bella. Essa conversa foi particularmente cordial pelo facto (recordado pelo Presidente na inauguração oficial da nossa representação de Argel) de seus contactos com o nosso movimento datarem da época em que ele ainda estava na prisão.

Ele interessou-se muito por todos os factores que dificultam a nossa acção contra o colonialismo português, nomeadamente o problema da unificação das forças nacionalistas angolanas.

Estou certo de que ele está firmemente decidido a contribuir para a libertação do nosso povo. A sua experiência da luta ser-nos-á proveitosa.

(Entrevista recolhida por

K. A. BADINKA e PATRICIA McGowan PINHEIRO)

Relatório do Comandante Benedito

[impresso, em francês]¹

5 MESES DE INDEPENDÊNCIA EM ANGOLA

Eu cultivava café em Nambuangongo, na província de Luanda; todos os dias eu era testemunha das sevícias exercidas pelos Portugueses contra os camponeses.

Vim para Luanda para tentar encontrar um meio de defender os meus compatriotas. Morava em casa da minha família. Um dia encontrei, debaixo da porta, um panfleto do MPLA que dizia: “Viva Angola! Viva a rainha Jinga (1)! Angolanos, levantem-se!” Mostrei esse panfleto a um amigo cujas opiniões avançadas eu conhecia e que aliás está preso actualmente. Foi ele que iniciou a minha formação política.

Voltei então para Nambuangongo onde comecei a visitar as fazendas e a dizer ao povo que era preciso organizar-se para a luta contra o colonialismo português; com alguns camaradas, organizámos reuniões que deram logo bons resultados.

Foi assim que eu comecei no seio do MPLA. Nasci em 1927; o meu pai era ferroviário; passei dois anos num seminário; era o único meio de ter alguns estudos; em Angola, o ensino é-nos praticamente proibido e a Igreja católica detém o monopólio da educação.

Deixei o seminário para entrar na administração, mas não fiquei muito tempo, não podia aceitar os castigos que os chefes de posto infligiam aos trabalhadores.

O ataque às prisões

Em 1959, fui nomeado responsável de ligação na minha região. Estive várias vezes em Luanda; foi lá que soube, em Janeiro de 1961, que a luta armada estava iminente; voltei para Nambuangongo a prevenir os meus camaradas.

Como não tínhamos armas, preparámos catanas, paus, armas de caça e canhangulos; fabricámos engenhos explosivos com garrafas de óleo de palma, petróleo, gasolina e pequenas mechas de algodão.

A 4 de Fevereiro de 1961, os militantes do MPLA em Luanda atacaram as prisões da cidade. Era o sinal que todos esperávamos. No início do mês de Março, atacámos as bases militares, os postos militares, ocupámos as cantinas dos comerciantes e as fazendas. Vencemos os Portugueses em todo o lado e libertámos mais de cinquenta aldeias.

Para coordenar a luta, entrei em contacto com os responsáveis do MPLA das regiões vizinhas. Libertámos uma vasta região, compreendendo mais de 60.000 almas. Estivemos independentes durante cinco meses.

A queima do dinheiro

Uma das primeiras coisas que fizemos, uma vez libertados, foi reunir o povo e perguntar-lhe o que devíamos fazer com todo o dinheiro que tínhamos encontrado nos postos. Esse dinheiro era proveniente do imposto indígena que se eleva a 270 escudos (nove dólares por ano) por cabeça. Todo o mundo estava de acordo: para impedir que as pessoas discutissem por dinheiro e como não precisávamos de dinheiro, o melhor era queimá-lo. Queimámos assim, em praça pública, mais de 1.000 contos (300.000 dólares, ou seja 180 milhões de antigos francos).

Organizámos para a zona libertada, para além de um conselho de anciãos, um comité composto por um comandante, um sub-comandante e dois secretários, que estava encarregue da administração. Todos os combatentes participavam nas reuniões sempre que surgiam problemas importantes; por exemplo quando recebêssemos mensagens que pediam reforços para outras regiões.

Também organizámos a recolha da mandioca, do milho, da batata, do feijão, da banana, do ananás. Dissemos à população: “Todos devem produzir para viver.”, mas foi preciso vencer certas resistências por parte de pessoas que pensavam que com a independência já não era preciso trabalhar.

Organizámos também a distribuição dos stocks das lojas portuguesas; construímos pequenas casas e conservámos as estradas. Também queríamos construir escolas, mas foi impossível: os bombardeamentos incessantes da aviação portuguesa obrigavam demasiadas vezes a população a refugiar-se na mata. Mas conseguimos organizar um serviço de saúde que funcionava bem.

Cinco meses mais tarde, quando soubemos que o exército português ia lançar uma grande ofensiva (50.000 homens com tanques, artilharia, aviação e napalm), fui enviado ao Congo para contactar a organização exterior do MPLA para que nos enviassem armas e munições.

No Úcuá, houve uma grande batalha onde o comandante Maneca-Paca encontrou a morte, onde muitos camaradas foram mortos ou feridos; eu próprio fui atingido nos olhos por uma bomba de napalm.

¹ Ilustrado com fotografias. Artigo in “*Révolution Africaine*” de 09.02.63.

Quase não tínhamos armas. No mês de Junho, reunimo-nos, todos os comandantes, em Nambuanguo; decidimos que mais valia retirarmos para a mata e para as montanhas, para ali criar focos de resistência. Nós não tínhamos tido muitos mortos, mas os Portugueses perseguiram com violência as populações; houve milhares de mortos.

Um perigo: o Tribalismo

É verdade que a repressão portuguesa encontrou, nas nossas fileiras, um aliado inesperado: a divisão. Opondo-se ao MPLA, a UPA foi criada no seio da emigração angolana no Congo e um pouco na província de [São] Salvador. Não existe aí apenas uma fraqueza que preocupa os Congressos internacionais como o recente congresso da UGTA, mas um grave perigo latente para o nosso movimento na medida em que, por essa brecha no movimento nacional, certos interesses internacionais procuram penetrar em Angola e fazer cristalizar essa divisão. Os governos não têm todos a mesma atitude que o da Argélia revolucionária e exercem contra o MPLA uma discriminação baseada na sua recusa em se inspirar noutros interesses que não os do povo angolano.

Evidentemente, essas histórias prejudicaram-nos. Somos todos Angolanos; queremos todos a independência; é todo o povo que deve tomar os seus assuntos em mão sem discriminação.

Parti para o Congo com setenta jovens militantes para que eles tivessem um treino militar. Marchámos durante 550 quilómetros; a nossa viagem durou doze dias. No caminho, encontrámos numerosos camaradas.

No Congo, encontrei o delegado do MPLA; expus-lhe a situação.

Desde então, não regresssei a Angola, mas sei que a luta continua em Nambuanguo, sob o comando do nosso camarada Bomboko.

Comandante BENEDITO.

(1) Heroína da resistência angolana no sec. XVII.

Programa das Comemorações do 4 de Fevereiro em Léopoldville

[policopiado]

PROGRAMA COMPLETO DAS CERIMÓNIAS A REALIZAR DOMINGO, DIA 10, EM COMEMORAÇÃO DO II ANIVERSÁRIO DA REVOLUÇÃO ANGOLANA

ÀS 7.45 HORAS: MISSA:

- Na capela St. Joseph (Avenue de la Victoire – Commune Kalamu)
- Nos Templos Protestantes (Avenue Itaga, Ecole et Matete)

ÀS 16 HORAS:

- I- DISCURSO DE ABERTURA, pelo Vice-Presidente, Rev. Silva;
- II- SAUDAÇÃO AOS SOLDADOS DO EPLA, por Comandante Lima;
- III- CONFRATERNIZAÇÃO.

Léopoldville, 9 de Fevereiro de 1963

Comunicado de Guerra do MPLA nº 3/63

[policopiado]

[Endereço do MPLA em Léopoldville]

DEPARTAMENTO DA GUERRA
COMUNICADO Nº3/63

As forças nacionalistas continuam a penetrar profundamente no interior das linhas inimigas em Cabinda, cumprindo as missões que lhe são destinadas e semeando o pânico entre os colonos.

O heróico povo de Cabinda não cessa de oferecer o seu apoio ao EPLA, respeitando a palavra de ordem do MPLA – RESISTAMOS UNIDOS!

O clima de insegurança é cada vez maior; o comércio diminui; na maior parte das regiões do interior não se encontram se não militares, refugiando-se os civis nas cidades.

Não obstante, as autoridades coloniais guardam silêncio sobre os acontecimentos, que estão na base da apressada visita que o governador-geral de Angola acaba de fazer a este território.

Léopoldville, 11 de Fevereiro de 1963

O ESTADO-MAIOR DO EPLA

[carimbo do Estado-Maior do EPLA]

Doc. 24/63

Comunicado de Guerra do MPLA nº 4/63

[policopiado]

[Endereço do MPLA em Léopoldville]

DEPARTAMENTO DA GUERRA
COMUNICADO Nº 4/ 63

Destacamentos do Exército Popular de Libertação de Angola continuam a castigar as tropas colonialistas. Actuando em pequenos grupos e utilizando novas tácticas, os soldados do EPLA têm obtido êxitos notáveis, recuperando algumas armas ao inimigo.

No dia 28 de Janeiro, na região de M'BOMA LUSINDO, uma patrulha de 18 soldados que se escondiam numa vala foi completamente aniquilada a granada e a tiros de PM. Três jeeps foram incendiados. A operação foi inteiramente conduzida pelo soldado revolucionário João Serrote.

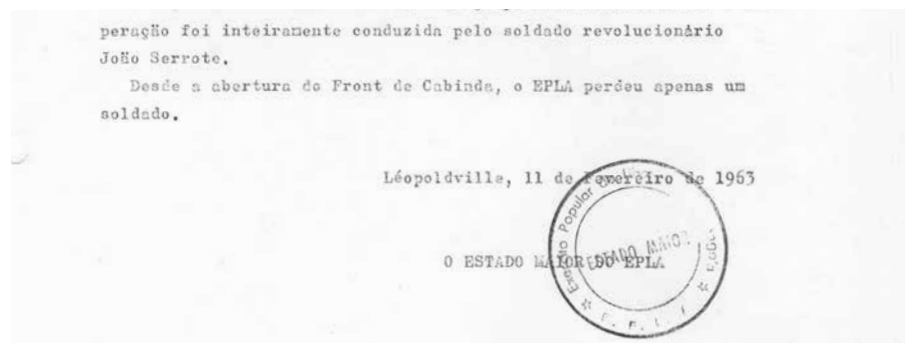
Desde a abertura do Front de Cabinda, o EPLA perdeu apenas um soldado.

Léopoldville, 11 de Fevereiro de 1963

[carimbo do Estado-Maior do EPLA]

O ESTADO-MAIOR DO EPLA

Doc. 25/63



Circular do DOQ do MPLA

[policopiada]

[Endereço do MPLA em Léopoldville]

DOC.30 / 63 DEPARTAMENTO DE ORGANIZAÇÃO E QUADROS

Temos o prazer de remeter a todos os militantes do MPLA no exterior a circular do Departamento de Organização e Quadros sobre os problemas de Organização.

Chamamos a atenção de todos os militantes para a importância dos trabalhos que deverão realizar e para a necessidade de porem em prática depois de um estudo atento o plano que lhes enviamos.

Temos a certeza de que se organizarão o mais depressa possível e nos enviarão as vossas conclusões sobre a Organização e Estrutura para a apreciação do Comité Director de forma que as nossas organizações no exterior entrem em funcionamento imediatamente.

Dentro da estrutura do MPLA consideramos cada país onde se encontram militantes do MPLA como um Lugar (escalão); exceptuam-se os Estados Unidos, dado que os militantes se encontram separados. Neste país todos devem formar um Grupo.

Todos os militantes do MPLA são inscritos nos lugares e organizados em núcleo de três a dez membros. Em cada cidade funcionará assim um Grupo.

Os membros de cada grupo elegem entre si, um Secretário de Grupo que é também o responsável político. Se o número de militantes o justificar podem eleger um Secretário Adjunto.

Para formação do Conselho Político de Lugar e do Comité de Acção de Lugar consultar a parte anexa do Projecto de Estatutos.

Sugerimos que o Comité de Acção seja constituído da seguinte maneira:

Presidente, Secretário, Secretário de Economia e Finanças, Secretário à Organização e Quadros, Secretário à Informação, Secretários às Relações Exteriores e Secretário aos Assuntos Sociais.

O Secretário às Relações Exteriores em todos países é nomeado pelo Comité Director, através do Departamento [das] Relações Exteriores.

Quotização: Sugerimos que os militantes contribuam mensalmente com o mínimo de 10% da bolsa ou vencimento e que o encarregado das finanças em cada lugar estabeleça um prazo para o pagamento, prazo esse que deve ser respeitado.

Preparação Política: O Secretário do Grupo que funciona como responsável político, fará a preparação política; em reuniões semanais deverá discutir-se a primeira fase da preparação política dos militantes, a qual compreende:

- a) Linha Política, programa de Acção Imediata, estrutura do MPLA definidos pela 1ª Conferência Nacional.
- b) 50 perguntas e respostas sobre a luta armada.

Faremos seguir os documentos que compreendem a matéria de preparação política logo que tenhamos conhecimento da formação dos Comités de Acção.

Transcrevemos aqui para o vosso estudo a parte referente à Estrutura e Organização do MPLA extraídos do projecto de Estatutos definidos depois da 1ª Conferência Nacional.

DA ESTRUTURA E DA ORGANIZAÇÃO (DO PROJECTO DE ESTATUTOS)

Art.(13) – DOS ESCALÕES – A estrutura do MPLA tem os seguintes escalões por ordem de importância hierárquica .

1º.– Escalão NAÇÃO, 2º. Escalão REGIÃO, 3º. Escalão ZONA, 4º. Escalão SECTOR, 5º. Escalão LUGAR

§ ÚNICO: – Os limites geográficos de cada escalão são definidos pelo Comité Político Militar de acordo com as necessidades concretas da Luta.

Art.(14) – DOS GRUPOS – O Grupo é a organização de base do MPLA.

Art.(15) – Todos os militantes do MPLA são inscritos nos Lugares e organizados em núcleos de três a dez membros, denominados Grupo.

Art. (16) – Os membros de cada grupo elegem, entre si, um Secretário de Grupo.

Art. (17) – Compete ao Grupo executar a política superiormente traçada pelo MPLA e designadamente:

- a) Fazer trabalho de agitação e propaganda junto das massas populares angolanas. Levar as massas populares à luta activa pela independência imediata e total de Angola. Ganhar as massas populares para os pontos de vista do MPLA e

para a realização prática das palavras de ordem e das tarefas indicadas pelos órgãos de direcção do Movimento.

- b) Recrutar e propor a adesão de novos membros.
- c) Controlar a actuação dos membros do MPLA, e reforçar a disciplina entre os Militantes.
- d) Interessar-se pela vida política, económi[c]a, social e cultural dos trabalhadores e do Povo de Angola em geral, e ajudá-los na resolução dos seus próprios problemas.
- e) Desenvolver a crítica e a auto-crítica entre os Militantes, a fim de favorecer o progresso individual e colectivo.
- f) Apresentar de três em três meses, ao órgão executivo do Lugar a que pertencer, relatórios circunstanciados sobre a acção que tiver desenvolvido, bem como as conclusões e sugestões resultantes desta mesma acção.

Art.(18) – DOS CONSELHOS POLÍTICOS – Em cada escalão há um órgão superior de deliberação denominado Conselho Político, e constituído por delegados eleitos pelos Conselhos Políticos dos escalões imediatamente inferiores.

Art. (19) – No escalão Lugar, o Conselho Político é constituído pela totalidade dos Militantes inscritos.

Art.(20) – O mandato de cada delegação a um Conselho Político é de um ano.

Art.(21) – O Conselho Político do escalão NACÇÃO é constituído por setenta Delegados e denomina-se Conselho Político Nacional. É o órgão supremo do MPLA.

Art.(22) – Os Conselhos Políticos reúnem-se, ordinariamente, duas vezes em cada ano, por convocação da Comissão de Controle e do escalão respectivo.

Art.(23) – O Conselho Político Nacional reúne-se ordinariamente uma vez em cada ano, por convocação da Comissão de Controle, com um número de 56 membros. O Conselho Político Nacional pode reunir-se extraordinariamente a pedido de 47 dos membros, da Comissão do Controle ou do Comité Director.

Art.(24) – Compete fundamentalmente ao Conselho Político Nacional:

- a) Rever, modificar ou estabelecer o Programa, o Estatuto e a Linha Política do MPLA.
- b) Eleger os membros para o Comité Director.
- c) Nomear os membros para a Comissão de Controle.
- d) Discutir e votar os relatórios do Comité Director e da Comissão de Controle.

Art.(25) – DOS COMITÉS DE ACCÇÃO: Em cada escalão há um órgão superior de execução, denominado Comité de Acção e constituído por sete membros, eleitos pelo Conselho Político do escalão respectivo.

Art.(26) – A eleição dos membros para um Comité de Acção realiza-se em reunião, convocada expressamente para esse fim, e a pedido do Comité de Acção do escalão

respectivo, de qualquer dos órgãos executivos situados nos escalões superiores, ou de dois terços dos membros do Conselho Político do escalão a que o Comité pertencer.

Art.(27) – DO COMITÉ DIRECTOR – No escalão Nação, o órgão executivo denomina-se Comité Director e é constituído por dez membros, eleitos pelo Conselho Político Nacional.

Art.(28) – O Comité Director tem a seguinte composição:

Presidente, 1.º Vice-Presidente, 2.º Vice-Presidente, Chefe do Departamento da Guerra, Chefe do Departamento da Organização e Quadros, Chefe do Departamento de Finanças, Chefe do Departamento de Relações Exteriores, Chefe do Departamento de Questões Sociais, Chefe do Departamento de Informação, e Chefe do Departamento de Segurança.

Art.(29) – O Comité Director é o órgão executivo supremo do MPLA.

Compete-lhe fundamentalmente:

- a) Designar, dentre os seus membros, o Presidente, Vice-Presidente e Chefes de Departamento.
- b) Assegurar a actividade do Movimento, de acordo com as deliberações do Comité Político Nacional.
- c) Planificar e executar conscienciosamente as determinações do Conselho Político Nacional.
- d) Elaborar os regulamentos internos necessários à boa aplicação do Estatuto do MPLA.
- e) Criar e dissolver os Subdepartamentos, Secções e Subsecções exigidas pelo trabalho de direcção do MPLA.
- f) Nomear e destituir os Subchefes de Departamento, e os Chefes de Subdepartamentos, Secções e Subsecções.
- g) Organizar e dinamizar os Comités de Acção.

Art.(30) – O Comité Director reúne, ordinariamente, uma vez por mês, por convocação do Presidente ou de quem o substituir, nos casos de impedimento.

Extraordinariamente, o Comité Director reúne a pedido de qualquer dos seus membros, ou da Comissão de Controle, mas sempre por convocação do seu Presidente ou de quem o substituir, quando impedido.

Art.(31) – No Comité Director, o Presidente, o primeiro Vice-Presidente e os Chefes de Departamentos da Guerra, Organização e Quadros, Finanças e Relações Exteriores, constituem um órgão, denominado Comité Político-Militar, único dent[ent]or dos segredos naturais da vida do MPLA.

O Presidente é o Chefe do Comité Político-Militar.

Art.(32) – Em todos os escalões, o órgão executivo pode participar, sem voto, nas reuniões dos Conselhos Políticos de escalão inferior.

Art.(33) – DA COMISSÃO DE CONTROLE – No escalão há uma comissão denominada Comissão de Controle constituído por dez membros, delegados ao Conselho Político Nacional e por ele nomeados.

Art.(34) – O mandato da Comissão de Controle é de um ano.

Art.(35) – Compete à Comissão de Controle:

- a) Zelar pela celeridade e fidelidade com que os órgãos executivos cumprem as leis, programa e deliberações do Conselho Político Nacional.
- b) Promover a nomeação, por cada Conselho Político, de Comissões de Controle de escalão.
- c) Coordenar a acção das Comissões de Controle de escalão.
- d) Enviar, de três em três meses, aos delegados do Conselho Político Nacional, um relatório com as conclusões e sugestões que resultarem do seu Controle.
- e) Preparar a ordem de trabalhos para as reuniões do Conselho Político Nacional, de acordo com as propostas e sugestões dos órgãos e organizações do MPLA.
- f) Convocar as reuniões do Conselho Político Nacional.

Um Regulamento Interno a publicar em breve especificará as competências dos elementos de cada Comité de Acção. Para já, cada um desses elementos será responsável perante o Departamento respectivo pelas tarefas a realizar nesse LUGAR.

Por exemplo, o Secretário à Organização e Quadros de um LUGAR é o responsável perante o Departamento de Organização e Quadros, das tarefas desse Departamento no LUGAR em questão.

O Presidente do Comité de Acção fará um Relatório mensal de actividades ao Comité Director; o Secretário à Organização e Quadros fica encarregado de um Relatório trimestral ao Departamento, sobre o aproveitamento escolar dos militantes do MPLA no LUGAR; o Secretário às Relações Exteriores fará sempre que oportuno um Relatório particular de actividades ao Departamento de Relações Exteriores.

Em conclusão informamos que o DOQ se subdivide nos Subdepartamentos seguintes: a) Organização de Massas (OMA, JMPLA, etc.) sob a responsabilidade do Cam. TIMÓTEO MIGUEL; b) Quadros (Formação e controle de quadros técnicos e revolucionários) sob a responsabilidade do Cam. DOMINGOS AMARO; c) ORGANIZAÇÃO (Grupos, Comités de Acção de Lugar, Sector, etc.) sob a responsabilidade do chefe e do subchefe do Departamento, respectivamente os Cam. L. LARA e DANIEL CHIPENDA. Existe também uma Secção de Revisão da Legislação do MPLA sob a responsabilidade dos Cam. NOÉMIA TAVIRA e GENTIL VIANA.

Fraternais Saudações.

VITÓRIA OU MORTE!

Léopoldville, 17 de Fevereiro de 1963

O DEPARTAMENTO DE ORGANIZAÇÃO E QUADROS

Circular do Departamento de Economia e Finanças do MPLA

[policopiada]

[Endereço do MPLA em Léopoldville]

Doc./ 34-A / 63

DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E FINANÇAS

Temos o prazer de remeter a todos os militantes do MPLA na Alemanha Ocidental a Circular do Departamento de Economia e Finanças sobre os problemas de organização do mesmo departamento.

Em atenção à miséria reinante entre os refugiados, dada a escassez de alimentação e de medicamentos, por falta de meios financeiros, e as despesas que exigem uma acção armada, pedimos que a sugestão do Departamento de Organização e Quadros, quanto ao problema da quotização seja levada em consideração.

Informamos aos militantes que o camarada Augusto Araújo é o Secretário de Economia e Finanças do Comité de Acção eleito na Assembleia realizada em Janeiro de 1963 na cidade de Frankfurt/M.

O secretário de Economia e Finanças deverá estar em contacto com o Departamento de Economia e Finanças do movimento.

Cada grupo deverá eleger um tesoureiro que poderá ser mesmo o chefe de grupo quando isso for possível.

Os tesoueiros dos grupos deverão seguir as instruções dadas pelo secretário de Economia e Finanças.

O Departamento de Economia e Finanças sugere que sejam eleitos para tesoueiros do grupo:

Koln – Aachen – Duren – Luís d'Almeida ou Ilda Carreira

Frankfurt – Uma das camaradas enfermeiras ajudadas por Octávio Sousa

Heidelberg – Carlos Rúbio

Freiburg – Henrique Santos ou Ruth Neto

Os grupos deverão informar até [ao] dia 28 do corrente ao Secretário de Economia e Finanças os nomes dos tesoueiros escolhidos.

As cotas são pagas a partir de Janeiro de 1963.

Saudações Fraternais – MPLA – VITÓRIA OU MORTE

Léopoldville, 18 de Fevereiro de 1963

O Departamento de Economia e Finanças

Comunicado de Guerra do MPLA

[policopiado]

[Endereço do MPLA em Léopoldville]

DEPARTAMENTO DE GUERRA

COMUNICADO Nº 5/63

No prosseguimento das operações militares de elementos do Exército Popular de Libertação de Angola, na Frente de Cabinda, foram mortos 9 soldados portugueses no dia 30 de Janeiro, na região de MBOMA-LUBINDO, durante uma missão individual realizada pelo soldado revolucionário Mateus André Suami. Ferido em combate, no local de T'SHIVOVO aquele soldado do EPLA caiu em poder dos soldados colonialistas, tendo sido levado para a base do IMAF. Aí resistiu corajosamente às torturas que lhe foram infligidas acabando por ser transferido para Luanda.

[carimbo do Estado-Maior]

Léopoldville, 18 de Fevereiro de 1963

O ESTADO-MAIOR DO MPLA

DG/LF

[Acreditado por L. Lara: O exército português em Luanda apresentou este camarada à Imprensa, bem como certas armas, dizendo que era um prisioneiro do MPLA]

Doc. 33/63

Teste para Monitores Políticos do DOQ do MPLA

[policopiado]

DEPARTAMENTO DE ORGANIZAÇÃO E QUADROS

TESTE PARA MONITORES POLÍTICOS

I

Seguem-se três afirmações sobre a política de investimentos preconizada pelo MPLA. Dessas afirmações, só uma está correcta. Qual é?

- A – Numa Angola independente, o MPLA aceitará uma política de investimentos estrangeiros.
- B – Numa Angola independente, o MPLA opôr-se-a à entrada de investimentos.
- C – Numa Angola independente, o MPLA opôr-se-a à entrada de investimentos que comprometam a independência económica e política da Nação.

II

Seguem-se três perguntas. Escolhe uma delas e responde.

- 1 – Qual é a posição do MPLA em relação aos dois blocos políticos em que o Mundo está dividido e quais as razões dessa posição?
- 2 – Quais são as bases estabelecidas pelo MPLA para uma eventual negociação com o governo português?
- 3 – Que posições definiu a I Conferência Nacional relativamente à Oposição democrática portuguesa, ao povo português e aos grupos políticos dirigidos por portugueses progressistas nascidos em Angola e que lutam contra o domínio colonial português?

III

Seguem-se três perguntas. Escolha uma delas e responda.

- 1 – Que actividades prevê o Programa de Acção Imediata para o Interior de Angola?
- 2 – Quais os princípios em que se baseia o Programa de Acção Imediata do MPLA?
- 3 – A Acção prevista nos Congos pelo MPLA exerce-se sobre refugiados e emigrados. Qual a diferença entre a acção a exercer no meio dos emigrados e a acção a exercer no meio dos refugiados?

IV

Seguem-se três perguntas. Escolha uma delas e responda.

- 1 – Que actos de sabotagem pode executar um nacionalista facilmente?
- 2 – Descreva o fabrico de uma bomba incendiária.
- 3 – Como defender-nos das Bombas Napalm e apagar o incêndio provocado?

V

Pergunta Obrigatória

Num LUGAR X constituíram-se os seguintes GRUPOS: Grupo A (3 militantes); Grupo B (5 militantes); Grupo C (7 militantes); Grupo D (9 militantes); Grupo E (10 militantes); Grupo F (6 militantes); Grupo G (4 militantes).

Quantos militantes têm o Conselho Político do LUGAR X e de que maneira se pode eleger o Comité de Acção do LUGAR X.

Léopoldville, 20 de Fevereiro de 1963

Missão de Luiz de Azevedo Júnior no Congo Central

[dactilografada – 2ª via]

MISSÃO AO GOVERNO PROVINCIAL DO CONGO CENTRAL

OBJECTIVO:

Pedidos de autorização para a instalação de um Bureau Político do MPLA em Matadi e instalações de Escolas Primárias em todas as regiões do Congo Central.

Resultado: Autorizado.

DO ENCONTRO COM O MINISTRO DO INTERIOR E SUA EQUIPE

Focados determinados aspectos da nossa vida política externa, o Ministro do Interior e sua equipe, garantiram-me a instalação de Bureaux em todo território da Província, desde que o MPLA manifeste desejo.

DO CAMPO MILITAR:

O problema do Campo Militar que também foi focado, encontrou absoluto apoio do Ministro do Interior, garantindo-me que o seu governo estando em desacordo com a política discriminatória do Primeiro Adoula, no que se refere ao problema de ajuda aos nacionalistas angolanos, apoiaria com todas as garantias um pedido de instalação de um Campo Militar no território do Congo Central.

Para tanto, o pedido seria dirigido ao Governo Central, ao cuidado do Governo Provincial do Congo Central, a fim de ser informado favoravelmente.

Ainda sobre o assunto, falei com o senador Antoine KIWEWA que me informou ter as melhores relações com o Presidente do Governo Provincial do Congo Central Sr. Moanda Vita, e seria disposto a reforçar o nosso pedido.

Léopoldville, 22 de Fevereiro de 1963

Luís de Azevedo Júnior [com assinatura]

Convocatória do MPLA aos Comitês de Acção de Léopoldville

[dactilografada – 2ª via, em papel timbrado do MPLA]

[Endereço do MPLA em Léopoldville]

Convocam-se todos os responsáveis dos Comitês de Acção para uma Reunião conjunta com o Comité Director no CVAAR, no próximo domingo às 9,30.

Commune BARUMBU – Manuel Brito
Commune DENDALE – Sebastião Vicente

| | | |
|------------------|---|-------------------------|
| Commune KALAMU | – | Augusto Lopes de Aguiar |
| Commune KINSHASA | – | Cesário Martins |
| Commune LEMBA | – | Dias Adolfo |
| Commune MATETE | – | António Alexandre |
| Commune NDIJILI | – | António Magalhães |
| Commune ST. JEAN | – | Soba Manuel Miguel |

ORDEM DE TRABALHOS

Troca de Impressões c/ o Comité Director. Estudo da situação actual das Comunas. Medidas a tomar. Problemas de Estrutura.

Léopoldville, 22 de Fevereiro de 1963

Pelo Comité Director
O Vice-Presidente
Domingos da Silva

Comunicado do MPLA sobre Expulsão de Graça Tavares

[policopiado]

[Endereço do MPLA em Léopoldville]

DOC. 37/63.

O MPLA é um Movimento Revolucionário que procura estruturar-se dinamicamente de forma a agir segundo as aspirações e exigências do povo angolano e o momento de guerra que atravessamos. Todos os militantes estão, por isso, sujeitos a uma disciplina de guerra intransigente. Os actos delituais devem ser punidos com a firmeza que a situação impõe de maneira a que o MPLA respeite a memória dos que diariamente tombam pelo cumprimento do seu programa de acção confiados na certeza de que em todos os escalões do Movimento reine a necessária seriedade de propósitos e atitudes, da parte dos seus companheiros de luta.

E se os actos delituais são cometidos por militantes que já ocuparam cargos de responsabilidade dentro dos órgãos directivos do MPLA, se os motivos desses actos visam a destruição do aparelho director e consequentemente de todo o Movimento, as penas devem revestir o maior rigor, para que sirvam de exemplo aos que conscientemente procuram desvirtuar o sentido da luta do povo angolano.

Ora, o Comité Director, nas suas reuniões de 15, 18 e 20 de Fevereiro de 1963, debruçou-se sobre um caso de fraude premeditada, de proporções alarmantes. Trata-se do desvio, por motivos inconfessos, da quantia de 177.000 fr. CFA, que constituía o crédito do MPLA na IMMOAF (Société Immobilière et Hypothécaire Africaine), depois da realização da Conferência Nacional, por parte de Graça Tavares, ex. 1º secretário do MPLA.

Assim, verificados e comprovados os seguintes actos:

1 – O ex-1º secretário do MPLA, Graça Tavares, levantou da IMMOAF em Janeiro p.p. [por procuração] o saldo aí existente (177.153 fr. CFA) da conta corrente do MPLA. Apresentou-se na qualidade de Secretário do Comité Director, e o levantamento ficou assim discriminado:

100.000 fr. CFA em dinheiro e 77.153 fr. CFA em cheque ao portador (recebido da IMMOAF de 9/1/63 e cheque ao portador n.º 401 – 36 et 011793F sobre o B.A.O. de Brazzaville).

Graça Tavares apresentou-se ilegalmente como dirigente do MPLA, utilizando indevidamente, por motivos inconfessos, os fundos do Movimento.

2 – No momento da transacção, Graça Tavares, a conselho do militante Matias Miguéis, deixou em poder deste uma certa quantia. Este contacto foi realizado sem o conhecimento do Comité Director.

3 – Graça Tavares levantou, sem que para isso estivesse credenciado, e na qualidade ilegal de Secretário do MPLA um bilhete de avião Air-France n.º 574/22. 874.126, emitido a favor do militante Viriato da Cruz e no valor de 20.750 fr. CFA (nota de débito da IMMOAF n.º 11.250 de 31/12/62 e ainda os bilhetes de avião n.º 11.291 em nome de Graça Tavares e o n.º 10985 em nome de Viriato da Cruz perfazendo este um montante de 128.890 fr. C[FA]).

O ex-militante Graça Tavares usou indevidamente a qualidade de secretário do MPLA.

4 – Graça Tavares remeteu o cheque n.º 401-36 et 011793 F a favor do Sr. Nicolet Maurice, de Léopoldville, que o pagou em fr. CFA.

Graça Tavares fazia-se acompanhar de uma terceira pessoa (carta do Sr. Nicolet Maurice ao Comité Director de 13/Fevereiro de 1963).

5 – O militante Matias Miguéis ao ser contactado sobre o assunto afirmou conhecê-lo (reunião do CD de 18/2/63) e ter já enviado ao Graça Tavares a quantia que ficara em seu poder. O militante Matias Miguéis foi testemunha do acto irregular cometido pelo Graça Tavares.

6 – O procedimento do Graça Tavares está em contradição flagrante com o estabelecido nas alíneas b), c), d), e h) do art.º 2º e art.º 6º do Regulamento Geral Interno e com o estabelecido nas alíneas b), c), e), h), e l) do art.º 7º do Projecto de Estatutos.

O COMITÉ DIRECTOR, garantia da ordem e do progresso do MPLA, de harmonia com o art.º 30º do Regulamento Geral Interno e em cumprimento dos art.ºs 9º e 10º do Projecto de Estatutos em presença desta “infracção conexa e premeditada” de motivos inconfessos e atentatórios à própria existência do Movimento, EXCLUIU em sua reunião de 20/2/63, o ex-militante Graça Tavares de membro do MPLA.

Esta sanção será comunicada a todos os membros, organismos e entidades ligados ao MPLA.

Léopoldville, 27 de Fevereiro de 1963

[carimbo do CD do MPLA]

O COMITÉ DIRECTOR

Carta de Graça Tavares a Lúcio Lara

[dactilografada – 2ª via]

CÓPIA

F/M.28/2/63

Ao Chefe de Organização e Quadros

Lúcio Lara

LÉOPOLDVILLE

Antes da minha partida de Léopoldville a bem do nacionalismo angolano, tive a paciência de falar consigo duas vezes mas sempre notei a arrogância com que me tratou e hoje estou admirado como me foi possível suportar.

Julgo que na minha longa vida de humilde servidor da luta pela libertação de Angola, dei provas bastantes de honestidade, de competência, de coragem e desinteresse de lugares o que me permite não admitir a ninguém denegrir essas qualidades, mesmo quando se trate de angolanos verdadeiros!

Constou-me que dias depois da minha partida de Léopoldville, correu em todas bocas um suposto roubo dos fundos em divisas do movimento, por mim, assim como o levantamento em meu proveito do saldo de uma conta na IMMOAF.

Dirijo-me a si porque a informação que tenho diz partir de si esse boato ou calúnia que considero muito baixa para quem se preza julgar-se dirigente de um movimento que foi o orgulho do Povo de Angola. Nunca me sujaria por tão pouco. Milhares de contos passaram pelas minhas mãos e nunca senti sequer a tentação de desviar um tostão. Mas afinal como poderia levar comigo as divisas do movimento, se nunca fui tesoureiro do mesmo e nem sequer soube quanto o movimento possuía?

Concernente ao caso da IMMOAF parece o assunto estar devidamente esclarecido pelo honestíssimo Matias Miguéis que incontestavelmente é o representante digno do povo de Angola. Além de outros motivos que me obrigaram a requisitar as passagens do Viriato e as minhas da Agência IMMOAF, parece-me assistir-me o direito de o fazer porque tratava-se de transacções efectuadas na nossa administração. A vossa passagem na direcção do movimento todos sabem que foi de assalto, em especial ao capítulo de fundos. Essa sua atitude só pode ser justificada para defender os miseráveis parasitas e desviacionistas do movimento, só porque parcialmente servem os vossos desonestos interesses.

Com essa fábrica de calúnias, com o desenvolvimento da intriga e do desentendimento a quem pensais servir? Simplesmente os vossos interesses e não os do Povo Angolano. Lamento dizer que hoje vós não representais senão os vossos interesses burgueses. Quando viram à frente do movimento honestos angolanos sem títulos mas dispostos a sacrificar-se, o grupo-classe sentiu-se perdido mas como este é fértil em manhas não tardou em dar o golpe que levou o nosso movimento no caos. Não Snr. Lara eu tenho em Angola um direito adquirido, filhos da minha própria mãe foram mortos pelas metralhadoras do Snr. Santos Costa outros encontram-se presos, meus filhos passam fome e miséria, eu mendigo um lugar para dormir e um copo de água para matar a sede, as fronteiras estão cheias de bons angolanos famintos e doentes, mais não quero se não a liberdade verdadeira de Angola. Não quero a troca de poderes para portugueses pintados

de preto ou mulato. Não aceito dar o meu lugar aos enteados de Angola. Hoje duvido da honestidade de muito filho do colono, ele não é mais que o produto do pai. Qual foi o ambiente que o modificou? De Portugal?... Não aceito as palavras mansas dos pretos vendidos ao imperialismo, que directa ou indirectamente receberam deles favores porque se os cães são reconhecidos aos seus donos como não o serão homens.

Se fizermos uma pequena análise dos dirigentes do MPLA de hoje, verificaremos, com poucas excepções que estes são directa ou indirectamente os extravagantes herdeiros do colonialismo português que por vezes chamam alguns capangas para servirem os seus interesses momentâneos e logo que deixem de interessar são postos de lado.

Como se compreende que o vosso comportamento durante os três meses seja de ódio e desprezo para com os angolanos que prepararam as cadeiras, as mesas, as casas, o prestígio e os ministérios que sonham ocupar?

Para o ódio, a ambição, o exclusivismo, a mentira, a traição, temos armas capazes, – a luta pela libertação verdadeira da nossa terra. Nós estamos empenhados numa luta em que as nossas vidas pouco importam; não se convençam amigos que nós fugimos do Congo ou de Angola ou da luta. Não, estamos firmes e prontos a entrar em combate com todos os prejudiciais da honra e da concórdia de Angola. Meu pai foi algumas vezes deportado e espoliado pelo colonialista mas até morrer não deixou de lutar. Eu nunca deixarei de lutar tanto contra os brancos colonialistas como contra os pretos, mulatos ou cabritos exclusivicionistas.

Muitos sabem que depois da farsa das eleições, me ofereci a colaborar no movimento. Um mês e tal sem resposta. Métodos tipicamente do governo de Salazar. Agora compreendo, havia mais interesse de ter lacaios mesmo quando sobejamente são conhecidos desonestos e caluniadores. Hoje ninguém já está iludido quanto ao vosso desejo, sabemos de onde vieram e para onde pretendem ir.

Para terminar pretendo deixar bem claro que nada mais tenho a entregar ao movimento, porque [de] nada me apoderei legal ou ilegalmente. Deixei tudo do movimento e talvez mais alguma coisa. Devo até lembrar que os compromissos assumidos pelo movimento quanto a mim não foram cumpridos. Pois se alguma coisa vos falta peçam-na aos vossos estimados colaboradores que foram extractores.

Energicamente protesto contra a ridícula acusação de ter levado fundos do Movimento.

Do membro do MPLA

a) Graça da Silva Tavares [com rubrica]

Para terminar pretendo deixar bem claro que nada mais tenho a entregar ao movimento, porque nada me apoderei legal ou ilegalmente. Deixei tudo do movimento e talvez mais alguma coisa. Devo até lembrar que os compromissos assumidos pelo movimento quanto a mim não foram cumpridos. Pois se alguma coisa vos falta peçam-na aos vossos estimados colaboradores que foram extractores.

Energicamente protesto contra a ridícula acusação de ter levado fundos do Movimento.

Do membro do M.P.L.A.

Carta de Nkrumah a Luiz de Azevedo Júnior

[policopiada, em inglês, papel timbrado]

Accra, 28 de Fevereiro de 1963

Meu caro Luís,¹

Estou a enviar-te em anexo, para ser analisada, a cópia de uma mensagem especial que dirigi a todos os Chefes de Estado e de Governo de África, relativa à Unidade Africana. Há-de concordar, sem dúvida, que é muito urgente que tenhamos agora uma posição comum sobre a mais importante questão com que a África se confronta actualmente, pois sem unidade baseada numa União política dos Estados Independentes de África, não poderá haver sobrevivência para o nosso Continente, politicamente, economicamente ou culturalmente.

Aqueles territórios africanos que estão agora no limiar da independência precisam da garantia e certeza de que, quando se tornarem independentes, não ficarão à mercê das intrigas e manobras neocolonialistas, e de que haverá para eles uma organização política e económica panafricana e uma estrutura de solidariedade africana na qual se poderão enquadrar. Apenas uma União política dos Estados Africanos pode verdadeiramente garantir isso.

Espero portanto que tu, e outros como tu, estudarão a minha proposta atentamente e com a máxima urgência. Espero também que os líderes dos Estados Africanos dependentes venham a estar presentes na Conferência de Addis Abeba, na qualidade de observadores. Desta forma, eles ficarão associados logo desde o início aos alicerces da União dos Estados Africanos que, estou confiante, virá a emergir das discussões em Addis Abeba. Portanto, confio que de imediato tomarás medidas para assegurar que serás convidado para Addis Abeba e estou ansioso por te ver lá.

Com os meus melhores votos de sucesso para a vossa grande luta

Respeitosamente,

(KWAME NKURUMAH) [com assinatura]

be associated from the very beginning with the foundations of the Union of African States which I trust will emerge from the discussions at Addis Ababa. I trust therefore that you will take immediate steps to ensure that you will be invited to Addis Ababa and I look forward very much to seeing you there.

With my very best wishes for success in your great struggle,

Yours very sincerely,

Kwame Nkrumah
(KWAME NKURUMAH)

¹ Luiz de Azevedo Júnior era Secretário do MPLA para as Relações Exteriores até Dez. 1962 e em 1964 exercerá de novo essas funções, por algum tempo.

Discurso de Agostinho Neto na Abertura da Escola de Quadros

[dactilografado]

DISCURSO PRONUNCIADO POR ALTURA DA ABERTURA SOLENE DA ESCOLA DE QUADROS DO MPLA

28 de Fevereiro de 1963

Caros irmãos, caras irmãs,

O povo angolano acaba de celebrar no dia 4 de Fevereiro o 2º aniversário do desencadeamento de uma luta heróica que engajou em condições de uma desigualdade evidente. O balanço é positivo quanto ao desenvolvimento e ao melhoramento do nível da luta, mas muitos esforços estão por fazer para que o nosso povo possa entrever claramente qual será o seu final. Os problemas que se põem hoje aos que têm por tarefa conduzir a fase actual da guerra de libertação do povo angolano, consistem precisamente em evitar que os combates cristalizem em simples operações de rotina, que não terão o vigor (élan?) necessário para a liquidação definitiva da dominação colonialista e a instauração dos fundamentos de uma sociedade nova.

A 1ª Conferência Nacional do MPLA estabeleceu os princípios de uma linha política coerente que teve em consideração todos os dados do problema angolano. A linha política e o Programa de acção imediata estabeleceram bem que somente um amplo apoio das massas, e em particular das massas camponesas, poderá enriquecer a nossa luta com os elementos indispensáveis, capazes de transformar a nossa luta de libertação numa verdadeira guerra revolucionária com objectivos nacionais. E para que possamos ganhar uma tal guerra, é preciso que o povo sinta a cada instante que a faz para conquistar os seus direitos e para defender os seus interesses. Impõe-se pois a mobilização de todas as camadas sociais angolanas, dado que a opressão colonialista recai sobre todo o povo angolano.

Contudo a mobilização geral não basta. É preciso ir-se mais longe: é preciso aumentar a moral do povo; é preciso preparar, desde já, as condições que permitirão prosseguir a luta sem desfalecimento, até ao objectivo fundamental; é preciso que, desde já, o Povo possa sentir que a Revolução lhe pertence, inteiramente. O engajamento dos militantes não deve perder de vista estes pontos essenciais. O Programa de acção imediata do MPLA responde correctamente a todas estas preocupações. Agora é preciso somente acelerar a sua execução. E para isso é preciso divulgá-lo e explicá-lo às massas. Esta divulgação, para ser realizada num sentido correcto, só poderá ser executada por militantes conscientes, munidos dos instrumentos próprios à execução da tarefa grandiosa de assegurar o aumento constante da capacidade combativa do povo. A aquisição de tais instrumentos depende de uma militância revolucionária, com a preocupação constante de resolver todos os problemas relativos à vida do Povo, os problemas da Terra e do Trabalho, os da subsistência e da Saúde, e também os problemas directamente ligados à Revolução.

Foi a partir desta preocupação que o MPLA decidiu, na 1ª Conferência Nacional, de se engajar numa política de formação de quadros, escolhidos entre as camadas mais oprimidas do nosso Povo. A abertura oficial da Escola de Quadros do MPLA vem ao encontro de uma tal decisão. O nosso Movimento pensa contribuir deste modo à elevação rápida da consciência política dos militantes e do espírito revolucionário das massas. Ao criar a Escola de Quadros, o MPLA quer colocar no ambiente próprio o militante responsável, que tem que viver junto do nosso povo, que verá nele o mais fiel defensor dos seus legítimos direitos. Assim ele se preparará ao sacrifício ilimitado que a Revolução exige. Assim o Povo compreenderá que as tarefas da Revolução só aumentam e se tornam mais difíceis.

Com a Escola de Quadros o MPLA quer desenvolver e consolidar a disciplina severa, mas livremente consentida pela totalidade dos militantes. A via democrática que o nosso Movimento escolheu não pode tolerar que as responsabilidades se mantenham entre as mãos de um núcleo reduzido de quadros. Uma tal concentração das responsabilidades traria a capacidade combativa dos nossos militantes e impediria o seu contacto com o Povo. Uma tal concentração das responsabilidades conduziria ao sectarismo e ao dogmatismo e às suas consequências perniciosas, entre as quais o aventureirismo – que nós já tivemos que combater – é uma das mais perigosas.

Os nossos quadros deverão executar uma preparação teórica e prática que os tornará Monitores políticos. Em seguida, pelo seu trabalho prático no seio dos combatentes e pela elevação do seu nível de preparação teórica, obterão o grau de Comissários Políticos. Para tal precisam de estar incansavelmente devotados à Causa do nosso povo, auto-elevar o seu nível cultural nos planos político, técnico e militar. Os quadros que saírem desta Escola terão a seu cargo a alta responsabilidade de dar execução a todos os planos elaborados pelo executivo do nosso Movimento. As matérias que serão lançadas nesta Escola serão o grão que só germina se encontra condições favoráveis. Aqui, as condições favoráveis serão a militância consciente dos quadros, no seio das organizações em que militam.

Nas condições actuais da nossa luta armada, os nossos quadros terão a preocupação fundamental de estudar os problemas militares, a fim de que a cada instante e em qualquer circunstância possam contribuir para abreviar a luta contra o nosso pior inimigo – o colonialismo português. Na fase actual da nossa luta, um outro problema se põe com acuidade – o da conjugação dos esforços de todos os angolanos engajados numa luta. Aí também os nossos quadros terão um papel importante a desempenhar. Pela consciencialização das massas, poderão acelerar a sua interferência na constituição de uma frente de libertação verdadeiramente nacional. O MPLA tem a certeza que os objectivos desta Escola de Quadros serão inteiramente atingidos.

O plano de trabalho está dividido em três fases [só versão em francês]:

Durante a primeira fase estudar-se-ão os documentos da 1ª Conferência Nacional, os problemas de estrutura e haverá ao mesmo tempo uma ligeira introdução a certos problemas práticos da luta de guerrilha.

Na 2ª fase aprofundar-se-ão o estudo dos problemas da guerra revolucionária, estudando não só a experiência da luta dos povos irmãos, mas também a nossa própria experiência. Ao mesmo tempo haverá um estudo simples de História e Geografia de Angola.



Inauguração da Escola de Quadros (28.02.63). (...), Mário de Andrade, Lúcio Lara, (...)



Inauguração da Escola de Quadros (28.02.63)- Da esqda. para a dta: Rev. Domingos da Silva, (...), Mário de Andrade, Lúcio Lara



Inauguração da Escola de Quadros (28.02.63). (...), Mário de Andrade, Lúcio Lara, Luisa Gaspar



Inauguração da Escola de Quadros (28.02.63)- De pé, atrás: Iko Carreira, (...), Luisa Gaspar, (...)

Na terceira fase, finalmente, estudar-se-ão os problemas políticos de maior alcance, tais como o colonialismo, o neocolonialismo, o imperialismo, o subdesenvolvimento, os regimes políticos, a História de África, etc.

Estas três fases, que não ultrapassarão dois meses na sua totalidade, serão acompanhadas de conferências feitas por responsáveis do Movimento.

Estamos certos que depois de tudo isto um novo sopro revolucionário se fará sentir à escala de toda a Nação angolana e que a duração da guerra será certamente mais curta.

Irmãos, o MPLA espera que sejam dignos desta Escola.

Viva o MPLA!

“A Revolução Angolana”

[policopiado]

MPLA

DEPARTAMENTO DE ORGANIZAÇÃO E QUADROS
ESCOLA DE QUADROS

A REVOLUÇÃO ANGOLANA

Revolução do Povo, pelo Povo e para o Povo

PLANO:

- 1º – O que é uma Revolução?
- 2º – Porque é que a Revolução é do Povo?
- 3º – Porque é que a Revolução é pelo Povo?
- 4º – Porque é que a Revolução é para o Povo?

1º – Uma revolução é uma acção consciente das massas populares e que tem por objectivos:

- Liquidar o Poder existente, opressor;
- Acabar com as antigas relações sociais;
- Criar um Poder NOVO, SUPERIOR AO ANTIGO, MAIS PROGRESSIVO DO QUE O PODER ANTIGO.

Somente pela Revolução se pode conquistar e construir uma Angola independente, livre, democrática e onde todos os cidadãos possam viver com decência, dignidade e segurança.

Portugal não faz em Angola somente uma política CONTRA os interesses de milhões de Angolanos. Portugal, que oprime o Povo angolano há séculos, possui também em Angola uma força organizada, um poder que não devemos desprezar (exército, quadro administrativo, Polícia, tribunal, meios de propaganda, etc.). Esse Poder de Portugal revelar-se-á fraco e será liquidado se o Povo travar a luta na maior

UNIÃO e se as forças combatentes de Angola consolidarem permanentemente a sua organização e a sua disciplina e assimilarem bem a experiência moderna dos povos que saíram vitoriosos na luta política e armada contra o colonialismo.

Para combater o Poder do inimigo – o colonialismo português –, o Povo de Angola já viu que é indispensável uma Revolução que varra todos os obstáculos que Portugal levanta diante do combate justo do povo angolano, que liquide o Poder do colonialismo português e que estabeleça novas relações sociais em Angola.

A Revolução pode ser feita, ao mesmo tempo, nas seguintes Frentes:

- 1 – Frente política;
- 2 – Frente militar;
- 3 – Frente económica;
- 4 – Frente social e
- 5 – Frente cultural.

As armas não são, portanto, o único meio para fazer a verdadeira Revolução. Para fazer a verdadeira Revolução, as armas são um dos vários meios que devemos utilizar.

Em suma, Uma Revolução é a luta que largas massas populares fazem por todos os meios, em todas as frentes com o fim de modificarem a estrutura, política e social de um estado e melhorarem as suas condições de existência.

2º – A Revolução é do Povo.

Todo o Povo angolano (Kikongos, Cabinda, Luandas, Kiokos, Kuanhamas, Bailundos, etc.) foi oprimido e explorado pelo MESMO INIMIGO, o colonialismo português. O Povo angolano inteiro é contra o colonialismo e luta por várias formas, contra o colonialismo.

O Povo angolano inteiro deseja a liberdade, a independência, a democracia e a justiça social.

Não é um grupo de angolanos que pretende libertar Angola e instaurar a justiça social em Angola – é o POVO INTERNO.

Por isso A REVOLUÇÃO É DO POVO.

3º – Revolução pelo Povo

O MPLA e a sua organização militar, o Exército Popular de Libertação de Angola, assim como qualquer outra organização precisam, ANTES DE MAIS NADA, do apoio e da colaboração do Povo para poderem trabalhar convenientemente e para fazerem triunfar os ideais da Revolução.

O MPLA e o EPLA são elementos do Povo.

O EPLA deve sentir-se no meio do Povo como o peixe dentro da água.

O EPLA não pode ser uma força independente do Povo, fora do Povo. O EPLA é o braço armado do Povo.

A Revolução só pode triunfar por meio da mobilização política geral das massas populares angolanas. Pela propaganda política, pela organização, e pelo exemplo da luta heróica das forças combatentes, o Povo inteiro deve ser levado a apoiar, com todas as suas possibilidades e energias, a Revolução.

Assim como é pelo Povo que se trava a luta contra o colonialismo, também será pelo Povo que se construirá a Angola independente.

O Povo será o verdadeiro construtor da Nação:

- 1º) Se o Parlamento for eleito pelo Povo e se o Governo trabalhar em benefício do Povo;
- 2º) Se o Povo estiver organizado em organizações de base: partidos, sindicatos, organizações de juventude, de estudantes, de mulheres e de crianças.
- 3º) Se as organizações de base controlarem os organismos do Estado, e se os organismos do Estado prestarem contas à Nação sobre a sua actividade.
- 4º) Se o Povo e os organismos do Estado não permitirem que a unidade do Povo seja quebrada.
- 5º) Se se não permitir em Angola a existência de castas privilegiadas.
- 6º) Se as camadas sociais mais oprimidas e exploradas da Nação participarem, efectivamente e não teoricamente, na vida política da Nação.
- 7º) Se se acabar com o desemprego; se todos participarem na construção da Nação; se se estabelecer e respeitar a justiça social (salários justos e nível de vida decente).
- 8º) Se se não praticar em Angola o culto da personalidade, isto é, se se puser o valor do Povo e os interesses do Povo, acima do valor do indivíduo e dos interesses do indivíduo.
- 9º) Se em todos os escalões de direcção se respeitar o princípio da direcção colectiva.

* * * * *

Assim A REVOLUÇÃO É PELO POVO.

4º – A Revolução para o Povo.

A Revolução encabeçada pelo MPLA luta contra:

– [a] miséria e a fome; a injustiça social; o analfabetismo e a ignorância; a doença; os flagelos sociais (órfãos desamparados, desempregados sem assistência, trabalhadores velhos sem aposentação decente); a intriga política; a corrupção; a incompetência; o “apadrinhamento”; o sectarismo; o tribalismo; o culto da personalidade.

A REVOLUÇÃO É PORTANTO PARA O POVO.

Exemplos de Revoluções (Revoluções que não foram para o Povo. Revoluções pelo Povo e para o Povo).

===== +++++ =====

QUESTIONÁRIO

- a) O que é uma Revolução?
- b) Por que é que a Revolução que o MPLA está fazendo é DO POVO?
- c) Por que afirmamos que a Revolução angolana, encabeçada pelo MPLA é PELO POVO?
- d) A Revolução angolana, encabeçada pelo MPLA, é PARA O POVO. Porquê?

Circular do Dep. das Relações Exteriores do MPLA

[policopiada]

MPLA

[Sem data]

DEPARTAMENTO DAS RELAÇÕES EXTERIORES

Ref. Aff. Ext. B-5/63

Prezados militantes:

Lamentamos sinceramente que não tenham acusado a recepção da nossa primeira Circular, facto que não corresponde ao espírito de colaboração e estreitamento de relações, necessários ao bom êxito do trabalho que nos impusemos.

Nesta segunda circular às nossas Representações Exteriores, transmitimos da parte do Chefe de Departamento, algumas directrizes que devem orientar o vosso trabalho.

A) NOVAS TAREFAS

1. Pedimos que se dê a maior divulgação aos textos da nossa 1.ª Conferência Nacional, e todo o esclarecimento dos pontos neles enunciados. Informamos que se encontra já numa tipografia de Paris um texto em francês, para uma brochura. O nosso representante em Paris – Mr. CÂMARA PIRES, 7 rue Hippolyte Maindron, PARIS XIV – enviará oportunamente exemplares a todas as nossas Representações no exterior.

2. Pedimos que se assegure a tradução integral dessa brochura, com a ajuda dos Comités de Soutien já constituídos no país, ou através das personalidades representativas amigas do MPLA.

3. Na base dos textos da brochura, redigir artigos para a Imprensa e Rádio. Recolher no país respectivo as reacções escritas ou orais dos meios políticos, e fazer relatórios para o Departamento das Relações Exteriores, em Léopoldville.

B) CAMPANHA DE LIBERTAÇÃO DO Rev. Padre Dr. PINTO DE ANDRADE

1. Mobilizar a opinião pública do país através da Imprensa e da Rádio. Promover conferências nas organizações anti-coloniais e religiosas, numa campanha para a libertação do PRÉSIDENTE DE HONRA do Movimento e de outros presos políticos.

Juntos enviamos o apelo “Liberté pour le Révérend Père PINTO DE ANDRADE” que, à semelhança do que vem sendo feito deverá ter a maior difusão na Imprensa e na Rádio locais.

Sugerimos igualmente que se recolham assinaturas das personalidades católicas e de maior projecção internacional que residam no país e nos seja comunicado, para maior divulgação através das nossas publicações, nomeadamente no VITÓRIA OU MORTE.

NB. Para os vossos centros de documentação enviamos uma transcrição do jornal “Le Monde” de 16 de Janeiro de 1963 (pag. 8).

Informamos também que se fez um apelo para a libertação do Rev. Padre PINTO DE ANDRADE às associações internacionais dos juristas.

C) CENTROS DE DOCUMENTAÇÃO

Insistimos na necessidade de se criarem Centros de Documentação em cada uma das nossas Representações Exteriores, e no envio periódico de informações da vida política do país.

D) CONFERÊNCIA DA PAFMECSA

Chamamos a atenção para a importância da resolução sobre as colónias portuguesas na Conferência da PAFMECSA, em Léopoldville.

NB. Junto enviamos o número de VITÓRIA OU MORTE com a publicação dos passos principais desta resolução.

Saudações angolanas

[carimbo do "Dép. des Relations Extérieures"] Américo Boavida [com assinatura]
(Secretariado das Relações Exteriores)



Carta de Jorge Pires a Lúcio Lara

[manuscrita]¹

Moscovo, 2 de Março de 1963

Exº Sr. Lúcio Lara

Antes de mais quero lhe pedir desculpa da ousadia de lhe escrever, a propósito dum problema, que se pode considerar como pessoal.

Faço parte do grupo de estudantes que saiu de Portugal, em Setembro de 1962 e pediu asilo em Marrocos. Aliás, você mesmo contactou com esse grupo em Rabat, quando da sua estadia aí, pouco antes de ir para Argel festejar o 1º de Novembro. Actualmente estudo em Moscovo, este ano a língua russa, para depois ingressar num Instituto de Economia onde estudarei Economia Planificada. Sou filho de pais portugueses e por consequência branco. Ora é devido a essa circunstância que eu lhe escrevo.

¹ Cedida por Surene (viúva de Jorge Pires).

Sabendo primeiro pelos jornais que tinha sido nomeado para o Departamento de Quadros, estava para lhe escrever, para me oferecer para o "maquis".

Mas esperando as resoluções da I Conferência Nacional do MPLA não o fiz, só o fazendo agora, uma vez que tenho conhecimento das ditas resoluções. Mas o problema agora já não é só oferecer-me para o "maquis", mas sim a minha condição de branco frente ao MPLA.

Numa das resoluções referentes à linha política do MPLA que li no Vitória ou Morte, vem o seguinte:

"Encorajar a acção de grupos políticos dirigidos por portugueses progressistas nascidos em Angola que visem neutralizar o apoio dispensado às forças de repressão pelos colonos, e a lutar pelos objectivos dos movimentos nacionalistas angolanos."

A conclusão que se pode tirar é que isto é um encorajamento do partido político FUA. Mas para mim, o problema põe-se doutra maneira. Não sou membro da FUA, mas estou como simpatizante do MPLA. Esta resolução é um conselho para todos os brancos aderirem à FUA? Ou é um simples encorajamento à FUA tal como ela está organizada.

Ainda surge outro problema. Actualmente sou considerado como português o que não permite de modo algum ser militante do MPLA e por consequência também não me permite entrar no "maquis". Sendo esse o meu maior desejo é natural que eu pergunte o que fazer? Qual é a ideia do MPLA em relação ao elemento branco?

Devo esperar que a situação em Angola mude, que a revolução evolua, que se faça um Front, para poder ir combater? Ou devo agregar-me à FUA sem pensar mais em tal solução.

Eu não me estou a oferecer para o "maquis" só pelo prazer de me oferecer. Não tenho prazer nenhum em morrer. Mas tenho uma dupla obrigação: 1º como estudante devo combater ao lado das massas analfabetas para lhes transmitir os meus conhecimentos e as preparar, como branco, para mostrar que nem todo o indivíduo branco é colonialista, porque para acabar com o sentimento de desconfiança para com o branco, é necessário que este combata lado a lado, com uma arma na mão, e não falando e estudando. E não é após a independência que se vai provar que há elementos brancos bons e maus, mas sim neste momento em que o povo luta, lutando também.

ela. Mais uma vez insisto que se realmente há possibilidade de ir combater para o "maquis", ofereço-me desde já, mas cumprindo sempre o meu dever. Esperando uma res. posta positiva despeço-me pedindo desculpas de o incomodar com este problema.

Jorge Alves Pires.

Acho que expus o problema duma maneira simples embora houvesse mais a dizer, pois eu sei que ele não é tão simples como eu pretendo. Mas gostaria de saber, qual é realmente a ideia dessa resolução e o que é que eu devo fazer perante ela. Mais uma vez insisto que se realmente há possibilidade de ir combater para o “maquis”, ofereço-me desde já, não cumprindo senão o meu dever.

Esperando uma resposta positiva despeço-me pedindo desculpas de o incomodar com este problema.

[assinado por Jorge Alves Pires]

CCCCP
2. MOCKBA-B-218

Comunicado sobre Fundação do MJOA

[policopiado, em francês]

MOVIMENTO DA JUVENTUDE OPERÁRIA ANGOLANA
“MJOA”

Criado no seio da UNTA
C.P. 1277
LÉOPOLDVILLE
República do Congo

Léopoldville, 6 de Março de 1963

Referindo-se ao 4º aspecto no domínio das actividades da UNIÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES ANGOLANOS, uma Juventude entusiasta, denominada: “MOVIMENTO DA JUVENTUDE OPERÁRIA ANGOLANA” (MJOA) nasceu no exílio (Léopoldville), no dia 24 de Fevereiro de 1963.

Como o declarou o seu Presidente, tendo sido esta formada sobre bases revolucionárias, tudo faremos, quer dizer, daremos o nosso contributo pela libertação sincera de Angola.

A uma das questões levantadas por quem assistia a essa primeira conferência inaugural, o Presidente do dito movimento declarou nomeadamente: este movimento não é um Partido Político mas não vale menos que um Partido Político.

O MJOA, do qual publicaremos incessantemente o programa de acção, não é mais que uma Juventude Operária criada no seio da UNTA.

É a seguinte a composição do Comité do MJOA, ao qual se pode dirigir qualquer jovem Angolano que queira obter informações. Apenas esse Comité está mandatado para tratar com o exterior no quadro dos seus exercícios.

| | |
|----------------------|---------------------|
| O Presidente: | Maurice ADAM |
| 1ª Vice-Presidente: | Marie-Rose KALAYANI |
| 2ª Vice-Presidente : | Emmanuel MAKODIA |

| | |
|---|-----------------------|
| Secretário-Geral: | Jean-Claude DAYCOLA |
| 1º Secretário Adjunto: | Joseph CARLOS-NEVES |
| 2ª Secretária Adjunta: | Odette MAFUTA MELINDA |
| Secretário para as relações exteriores: | Samuel MANKENDA |
| Secretário adjunto para as relações exteriores: | Pedro LUTONADIO |
| Secretário para as relações interiores: | Antoine KAPITAO |
| Secretária adjunta para as relações interiores: | Agnès LUTU |
| Secretário de Imprensa, Infor. e Cult.: | André Jules NDIWU |
| Secretários Adjuntos de Imprensa, Infor. e Cult.: | Joseph MPIASA |
| | Julienne LUBANZADIO |
| | Daniel JAMES |
| Tesoureiro: | Jeanette |
| Tesoureira Adjunta: | Emmanuel KAPELA |
| Comissários para as Finanças: | Sebastien LUNDAV |
| <i>[commissaires aux comptes]</i> | Emile MBIDI |
| Conselheiros : | Jean KAPITAO |

PELO COMITÉ NACIONAL
Maurice ADAM *[com assinatura]*
Presidente

Comunicado de Guerra do MPLA

[policopiado]

[Endereço do MPLA em Léopoldville]

DEPARTAMENTO DA GUERRA

COMUNICADO N.º 6/63

O Comité Político-Militar do Movimento Popular de Libertação de Angola informa os militantes do MPLA, os comandos do EPLA e milícias populares no interior de Angola, que após inquérito das circunstâncias em que decorreu a prisão do soldado-revolucionário Mateus André Suami, em Fevereiro último na Frente de Cabinda, no decurso de uma missão individual, conforme o comunicado N.º 5/63 de 18/2/63 do Estado-Maior do EPLA, se apurou que aquele soldado do EPLA foi atraído e entregue às autoridades portuguesas do posto de Massabi, por elementos da sanzala denominada Tshivovo. Levado para a base do Imafe, foi daí transferido para Luanda em avião militar especial, acompanhado do Governador do Distrito de Cabinda.

Notícias providas da capital dão-nos conhecimento que Mateus André Suami foi sujeito a uma intensa “lavagem ao cérebro” que culminou com as declarações que fez em Luanda, à Imprensa e Rádio, no dia 3 de Março, sobre o MPLA como organização político-militar.

Consciente das pressões psicológicas e graves sevícias de que está a ser vítima aquele bravo soldado nacionalista, e certo da sua coragem, abnegação e lealdade à causa nacional, o Comité Político-Militar chama a atenção da opinião pública Angolana, Portuguesa e Internacional, para esta transgressão flagrante das convenções de Genebra de 22 de Julho de 1929 e 12 de Agosto de 1949, que estatuem sobre o tratamento dos Prisioneiros de Guerra. O MPLA, movimento nacionalista e força beligerante contra o Governo fascista de Salazar e o colonialismo português (de acordo com o artigo 1º do Regulamento de Haia de 1907), e que sempre tem respeitado as leis e costumes internacionais em relação aos prisioneiros de guerra portugueses, reafirma a sua obediência às mesmas e espera do exército português que pela primeira vez conserva prisioneiro um soldado revolucionário angolano, idêntica atitude, sob pena de represálias.

Léopoldville, 8 de Março de 1963

[carimbo do CD do MPLA]

O COMITÉ POLÍTICO-MILITAR

DOC. N.º 38/63

Carta de Viriato da Cruz a Matias Miguéis

[dactilografada]

[Escrita em Rabat] 11.3.63

Caro Matias,

Sinceros votos de saúde!

Até à data, escrevi-te duas cartas. E não te tenho escrito mais vezes porque não tenho nenhuma confiança nas vossas caixas postais (que são utilizadas em sociedade) e porque ninguém me acusa recepção das cartas que escrevo. Agradeço, pois, para meu governo, acusar-me recepção das minhas cartas.

1 – Tenho o prazer de anunciar-te que no dia 2 do mês corrente, a Maria Eugénia deu à luz uma menina, que dizem parecer-se muito comigo.

2 – No teu telegrama, que agradeço, mas que não me encontrou aqui, dizes que a situação começa a complicar-se. Na falta de informações mais detalhadas, não pude fazer uma ideia em favor de quem e contra quem a situação se complica.

3 – Estou decidido a ficar em África e não penso abandonar a luta em favor de uma libertação autêntica do nosso povo.

Espero que os acontecimentos que se vêm dando desde há três meses vos tenha mostrado, por vossa própria experiência, as causas políticas da actividade divisionista e odiosa que, há mais de seis meses, se desencadeou dentro do vosso Movimento, e que vem mantendo o estado de divisão, desde o seu nascimento, o nacionalismo angolano em geral.

Nada pode libertar-se da sua própria natureza. A natureza do colonialismo é de oprimir e explorar até ao fim. A natureza do povo é de viver em liberdade e paz autênticas. Mudando embora de formas e de métodos de opressão e de exploração, o colonialismo persegue sempre o seu objectivo vital: manter os seus privilégios nas colónias. No passado, o colonialismo impôs-nos a dominação directa e a “paz da opressão e da exploração coloniais”, a “paz dos cemitérios”. Desde há mais de dois anos, o colonialismo impõe-nos “a guerra injusta e cruel”. Porque esta guerra sai caro aos colonialistas e porque estes têm sido condenados pela opinião mundial, os colonialistas têm feito todos os possíveis por nos impor, amanhã, a “paz neocolonialista”. Para este efeito, tudo quanto os portugueses querem é encontrar um grupo de angolanos a quem eles entregarão o poder do Estado (o quadro administrativo, o exército, a polícia, os tribunais, etc.) e a quem eles confiarão a defesa e a guarda dos seus privilégios. Às concessões, que os portugueses farão a um grupo de angolanos dispostos a fazer esse “cariéngue”, chamar-se-á “independência” de Angola.

Por outro lado, o grupo que usurpou a direcção do nosso Movimento marcha, desde há muito, em direcção dos desejos dos portugueses. Eles vêm repetindo que é preciso impedir que o Holden chegue ao Poder e que quem deve chegar ao Poder são eles; eles vêm-se esmerando em dar lições de moral ao povo, condenando principalmente o “racismo” (como ousaram escrever numa das resoluções da Conferência) que, segundo eles, o povo teria praticado durante a luta armada no norte; eles vêm declarando que a FUA é um “movimento nacionalista formado por brancos, negros e mulatos” (como o Neto declarou na conferência de imprensa que deu em Paris, em 30 de Janeiro último); eles vêm colaborando com os chamados portugueses da oposição; eles transformaram a CONCP, a nossa representação em Paris, o nosso bureau de Conakry em organismos ao serviço dos portugueses e onde os portugueses têm entrada franca e obtêm facilmente informações sobre as questões internas dos movimentos nacionalistas; etc. Tudo isto quanto eles vêm fazendo tem em vista fazer-lhes merecer a confiança dos portugueses, fazer-lhes passar por “nacionalistas pró-portugueses”.

Esse grupo não tem confiança nas massas populares, não deseja, no fundo, nenhuma revolução popular em Angola, porque eles têm profundos receios de que perderão os seus privilégios e não conseguirão alcançar as suas ambições secretas.

Desde há muito que os portugueses vêm agindo para impor ao nosso povo a “paz neocolonialista”. Entre outros meios, eles vêm procurando utilizar os angolanos que mais se assimilaram a eles; vêm utilizando a corrupção, a introdução no seio dos movimentos nacionalistas de ideias neocolonialistas e contra-revolucionárias e de micróbios da intriga; eles vêm jogando ainda com os laços sentimentais e de interesses que ligam certos dirigentes à comunidade portuguesa, como sejam o casamento, a amizade e camaradagem profissional ou política, os bens e riquezas que alguns deixaram em Angola, etc. etc.

Alguns desses actuais dirigentes foram tão profundamente assimilados aos portugueses, que não passam, na verdade, de portugueses pintados de negro ou de castanho. Tenho, por exemplo, aqui na minha carteira uma carta que o Manuel Lima me escreveu em 29 de Agosto, quando me encontrava aqui em Rabat, da qual transcrevo as seguintes passagens: “Na verdade sinto-me decepcionado com o clima de sabotagem que se criou à volta do embarque da minha mulher. Como sempre que me ausento de Rabat acontecem estas incompreensões, faltas de cortesia e até uma espécie de hostilização surda, em relação à minha mulher, sou forçado a tirar conclusões graves, que me levam a rever energicamente a minha posição dentro do Movimento.”

“Sinto-me cansado desta situação e nem como Homem nem como Militante posso tolerar o sacrifício de destruição da minha família. Em nome de nenhum Povo ou Revolução o farei. Agradeço a boa-vontade que tens mostrado, mas sei perfeitamente que não existiria este problema se as coisas dependessem de ti.”

Não sei se tens conhecimento de uma carta que o Neto escreveu ao general Humberto Delgado, daí de Léopoldville, o ano passado, antes da Conferência. Essa carta veio publicada no jornal “Portugal Democrático”, Nº 68, de Janeiro de 1963. O jornal transcreve a carta nestes termos:

“O Presidente do MPLA escreve a Delgado.

“O Dr. Agostinho Neto, recentemente eleito presidente do MPLA, dirigiu ao General Humberto Delgado a seguinte carta:

“Excelência:

Recebi há poucos dias, com imenso prazer, a honrosa carta de V. Exa., datada de 25 de Setembro do ano corrente e endereçada para Marrocos.

O nome de V. Exa, que aprendi a admirar ainda em Portugal durante as inesquecíveis jornadas de luta pela democracia em 1958 e nos anos seguintes, é incontestavelmente uma garantia, não só para o povo português, como para nós próprios. O reconhecimento do nosso direito à autodeterminação permite que neste momento possamos considerar os portugueses opositores como os aliados na guerra contra o governo fascista de Salazar.

Agradecendo as saudações enviadas através da carta de [V.] Exa, permito-me endereçar cordiais cumprimentos, e colocar-me inteiramente à sua disposição.

Sinceramente

a) Agostinho Neto”

A meu ver, esta carta poderá ajudar-vos a compreender melhor as causas políticas da crise que vem minando a unidade e a pureza dos princípios revolucionários do nosso Movimento. Não quero alongar-me numa análise a essa carta, pois estou certo de que notareis logo um dos traços da mentalidade do Neto: a subserviência aos chamados portugueses democratas. “Excelência” (como nos requerimentos que o africano escravizado era obrigado a dirigir ao “senhor administrador do concelho”); “imenso prazer...”; “honrosa carta de V. Exa...”; “permito-me endereçar cordiais cumprimentos a V. Exa...”

Para o Neto “a guerra” que o nosso povo vem travando é contra “o governo fascista de Salazar”. Esta tese falsa serve de base a toda uma prejudicial concepção política do

problema colonial em geral e do problema angolano em particular. Quem admite que a guerra é contra o governo fascista de Salazar não pode deixar de concluir, logicamente, que o povo angolano e a oposição democrática portuguesa têm o mesmo inimigo comum, que o povo angolano e os opositores portugueses devem situar-se no mesmo campo e colocar-se ao mesmo nível, que os nacionalistas angolanos deverão considerar os opositores portugueses como seus aliados, que os nacionalistas angolanos deverão colaborar (abertamente ou secretamente) com os opositores portugueses, que, se for instaurado um governo democrata em Portugal, a natureza do colonialismo em Angola atenua-se ou desaparece... Pôr o problema colonial nessa base é deslizar continuamente para o colaboracionismo, para a castração do movimento revolucionário popular. E é efectivamente o que se vem passando, desde algum tempo, dentro do nosso Movimento.

Os revolucionários angolanos fiéis ao povo devem denunciar e liquidar essa tese nociva. O centro, a essência, do problema colonial em geral é a distinção entre nações opressoras e nações oprimidas. O povo português constitui uma nação opressora que, sejam quaisquer [sic] forem as atenuantes que ele queira invocar em sua defesa, tem responsabilidades morais e políticas na dominação colonial que, desde há muito, pesa sobre os povos das colónias.

Os objectivos da luta dos democratas portugueses são diferentes dos objectivos da luta do povo angolano. Os democratas portugueses lutam contra “o governo fascista de Salazar”, mas o povo angolano luta para se libertar do domínio de Portugal, que é uma nação opressora! Antes de Salazar subir ao poder, já Portugal era uma nação opressora, imperialista. E a experiência histórica dos governos democratas da França, Inglaterra, Holanda, etc., ensina-nos que um governo democrata burguês de uma nação opressora não é, nem pode ser, menos colonialista do que um governo fascista da mesma nação opressora. Quem fez as guerras na Indochina, no Quênia, na Malásia, na Argélia, etc..., senão os governos democratas de nações opressoras! E porque é que os portugueses haviam de constituir uma excepção a essa lei da história?

A chamada Oposição democrata portuguesa nunca fez nada de concreto (por actos, e não apenas por palavras) em favor dos povos coloniais e do povo angolano em luta armada há mais de dois anos. E os angolanos não deverão nunca contentar-se com o “reconhecimento verbal” do direito à autodeterminação feito por indivíduos de nações opressoras que se dizem democratas.

Finalmente, penso que nenhum angolano com bom-senso e com suficiente dignidade não pode deixar de considerar como humilhante e perigoso que um indivíduo que se diz Presidente de um movimento nacionalista como o MPLA “se permita... colocar-se inteiramente à sua disposição” (dele Delgado). Poderá o Movimento manter o seu bom nome de fidelidade ao povo tendo à sua frente um soldado às ordens do general Delgado?

Não pode lutar pela libertação de um povo um indivíduo que é espiritualmente um moleque dos portugueses, sejam estes democratas. Eis aí um exemplo de penetração de ideias neocolonialistas e contra-revolucionárias dentro do nosso Movimento, como eu já havia denunciado o ano passado.

4 – Penso que os filhos autênticos do povo angolano deverão penetrar-se profundamente da noção de que há duas espécies de guerra e duas espécies de paz. Há a “guerra colonial”, que é aquela que os portugueses desencadearam e vêm fazendo ao povo angolano. Há a “guerra popular”! que é aquela que o povo angolano deverá fazer cada vez mais fortemente, até à vitória final, contra a dominação portuguesa e dos lacaios dos portugueses. Há a “paz neocolonialista”, que [é] aquela que os imperialistas querem fraudulentamente impor ao povo angolano. E há a “paz do povo”, que é a paz da verdadeira independência, a paz que o povo pode conquistar somente através de um combate revolucionário.

Há, pois, dois caminhos diante do futuro imediato do povo angolano: o caminho da luta revolucionária popular, e o caminho do compromisso neocolonialista. Entre esses dois caminhos não há quaisquer ligações laterais, ou se é pela revolução do povo, pelo povo e para o povo, ou se é pelo neocolonialismo. Esses dois caminhos travam entre si uma luta de vida ou morte. Entre os angolanos que se situam nestes dois caminhos não pode haver quaisquer “harmonização de interesses”, porque os interesses do povo são incompatíveis com os interesses dos colonialistas antigos e novos.

5 – Soube da maneira como o Lara te tratou. Esses Laras, Santos, Videiras & Ca não são mais do que agentes, no seio do movimento nacionalista, do compromisso neocolonialista. Eles têm medo da vitória de uma verdadeira revolução popular em Angola. A missão deles, entre vós, é de fazer a aliança do cavalo e do cavaleiro. Para fazerdes uma ideia da formação do senhor Lara e do meio em que ele se educou, basta que vos lembreis de que ele teve ainda mais o “privilégio” de ser o cunhado do irmão do antigo ministro português da pasta da guerra, o coronel Santos Costa. Isto pode dizer muito.

Mas ele que se faz de tão honesto deveria lembrar-se de que, por exemplo, em Dezembro de 1961, dei-lhe, como secretário-geral do Movimento, mais de mil contos a guardar, e que até hoje ele não me apresentou quaisquer contas sobre esse dinheiro do Movimento. Esta informação podes utilizá-la como argumento em tua defesa e para educação política dos militantes do Movimento.

Sei que o primo dele, Ernesto Lara, dirigente da FUA, passou aqui por Marrocos, há dias, a caminho de Léopoldville ou Brazzaville.

6 – A meu ver, sérios perigos adensam-se sobre a cabeça do povo angolano. O momento é muito grave, pois os imperialistas nunca dormiram nem dormem no afã de meter grilhetas de ferro nos pés do povo e de meter algemas de ouro nos pulsos dos traidores.

Tu e outros patriotas sinceros, verdadeiros filhos do heróico povo angolano, vós tendes grandes responsabilidades históricas quanto ao futuro de Angola. Vocês que têm totais facilidades para abordar o povo e para dirigi-lo na base da confiança que ele faz em vocês, deveis abrir os olhos do povo, fazê-lo compreender os perigos que o esperam, mostrar-lhe a sua imensa força, inculcar-lhe o sentimento de que ele, o povo, é o único dono de Angola, e que ele, e só ele, pode lutar pela sua libertação autêntica. Deveis fazer uma política de massas, isto é, deveis ligardes [*sic*] intimamente e constantemente

às massas, fazer delas o vosso confidente mais seguro, o vosso apoio mais fiel. A maior força de Angola está no meio do seu povo. Nada pode vencer e enganar a um povo esclarecido e disposto a lutar até vencer. Esclarecei, não só as pessoas instruídas do povo, mas principalmente as pessoas mais exploradas, aquelas que andam com os pés descalços e com a camisa esfarrapada, aqueles que, com a luta, nada têm a perder senão as suas grilhetas. Esses valentes camponeses e trabalhadores explorados e oprimidos – eis o exército invencível de Angola, a vontade sequiosa de uma libertação autêntica. Foram gente como essa que lutou e luta nos campos de batalha de Angola. Ligai-vos às massas! Confiai inteiramente na sua força! Podeis ter a certeza de que nem só um grão da semente da verdade, lançada no meio do povo, se perderá! Cedo ou tarde, todas as sementes da verdade libertadora frutificarão!

7 – Estou também interessado em falar-te pessoalmente, e trabalharei nesse sentido.

8 – Na sua actividade de espalhar mentiras e de dividir os angolanos, o Neto disse a várias pessoas que tu tinhas voltado a colaborar com o actual “comité director”; a outros disse que tu não pediste a demissão por razões políticas, mas sim porque precisavas de descansar (isto é o que diz o Santos também). O Neto e os seus capangas fazem tudo para que os angolanos não me contactem. Aqueles que – como o Benigno Vieira Lopes – me contactavam sofrem pressões de vária ordem. O Neto disse a alguns angolanos que eu não podia andar a-par dos assuntos do Movimento, porque eu não aceitava “os princípios do Movimento”; a outros enganou dizendo que eu colaborava com o actual “comité director”. O cretino do Desidério veio dizer que eu recusara a trabalhar para o Movimento, tanto mais que “o meu lugar” continua aberto aí em Léo. A outros, esse mesmo Desidério foi dizer que não se compreendia a razão por que havia militantes que me apoiavam. Numa conferência que o Neto fez aqui em Rabat, em 6 de Fevereiro, para comemorar os acontecimentos de Luanda, ele teve a lata de declarar que “Agostinho Neto, Mário de Andrade, Matias Miguéis e outros camaradas tinham sido os fundadores do movimento nacionalista angolano”.

Tal é o carácter dessa gente.

Cumprimentos a todos os camaradas e amigos.

O meu melhor abraço para ti.

[*rubrica de V. Cruz*]

[*Nota manuscrita*: P.S. – Acho que não deves abandonar o povo, não te deves isolar das massas. O que os colonialistas e os seus capangas querem é precisamente que indivíduos como tu abandonem as massas e deixem esses entregues ao “tshombeísmo”.
rubrica de V. Cruz]

Comunicado sobre viagem de A. Neto à Europa e África do Norte

[policopiado, em francês]

[Endereço do MPLA em Léopoldville]

Depois de ter tomado contacto com os meios anticolonialistas de França, da Suíça, da Itália, da Grã Bretanha e da Alemanha Federal, onde proferiu várias conferências sobre a situação em Angola, e depois de ter visitado Tunis, Rabat e Argel – onde inaugurou com o Sr. BEN BELLA a Representação do MPLA – o Dr. AGOSTINHO *[sic]*, presidente do MPLA, acaba de regressar a Léopoldville.

O líder angolano tinha-se encontrado anteriormente com algumas personalidades Norte-americanas durante uma estadia nos Estados Unidos onde tinha ido para intervir sobre o problema angolano, na qualidade de peticionário, nas discussões da XVII Sessão das Nações Unidas.

Por outro lado, o Sr. MÁRIO DE ANDRADE, Chefe do Departamento das Relações Exteriores do MPLA foi a Ouagadougou, para assistir à Conferência da União Africana e Malgaxe.

Léopoldville, 11 de Março de 1963

[carimbo do CD do MPLA]

O COMITÉ DIRECTOR DO MPLA

[Acrescentado à mão: DOC 40/63]

Comunicado do MPLA sobre Equipa de Futebol

[policopiado]

[Endereço do MPLA em Léopoldville]

DOC. 41/63

Tal como noutros ramos de actividade em Angola também o Desporto não escapa às extorsões da ordem colonial, sendo os desportistas e as agremiações desportivas de cunho africano frequentemente desfavorecidos, seja na distribuição de subsídios para o seu desenvolvimento seja no critério nitidamente discriminatório usado no julgamento das competições e no tratamento geral. Os organismos desportivos ocupados na sua quase totalidade por colonos e agentes da polícia política portuguesa não garantem a afirmação da dignidade do desportista angolano. E é inegável que o Desporto em Angola tem servido as entidades coloniais para a difusão dos preconceitos raciais e sociais, fomentando por essa forma a divisão da família africana.

O Movimento Popular de Libertação de Angola não poderia deixar de encarar com seriedade também este importante aspecto da vida social angolana com tanta influência na formação da juventude. E a circunstância de se encontrarem reunidos no exílio, nas duas Repúblicas do Congo, numerosos desportistas favoreceu a formação de uma secção desportiva, que se encontra já em pleno funcionamento.

O Departamento de Organização e Quadros do MPLA, a cargo do qual se encontra a referida secção desportiva, levou a efeito no dia 9 do corrente um encontro formal de futebol entre duas equipas constituídas por desportistas militando em diversos organismos do Movimento.

O referido encontro, que terminou com o resultado de 4 a 2 favorável à equipa “A” integrava-se num plano de trabalho já muito adiantado que tem por fim a próxima apresentação em público de uma equipa representativa angolana com a denominação “ANGOLA LIVRE”.

Esta equipa, que aceitará a inscrição de todos os desportistas angolanos, tem assegurado o concurso de diversos futebolistas que abandonaram clandestinamente as fileiras de algumas equipas angolanas e europeias a fim de oferecerem [a] sua valiosa contribuição para a luta de libertação de Angola. Entre outros, contam-se DOMINGOS AMARO, ex-FC Vila Clotilde, MÁRIO SANTIAGO, ex-Ferrovário de Luanda, JOSÉ EDUARDO, PEDRO VAN-DÚNEM e ANTÓNIO NUNES ex-FC de Luanda, JOSÉ FERREIRA ex-Ferrovário de Luanda e de Boavista do Porto, SEBASTIÃO GARRIDO, ex-S. Paulo F.C. de Luanda, MANUEL DUARTE, ex-Clube Atlético de Luanda, DANIEL CHIPENDA, ex-Sporting de Benguela, Sport Lisboa e Benfica e Associação Académica de Coimbra, AUGUSTO GERMANO DE ARAÚJO ex-Juventude da Huíla, Sport Lisboa e Benfica e Académica de Coimbra, ANTÓNIO DOS SANTOS FRANÇA, ex-Sporting da Caala, Sporting Clube de Portugal e Académica de Coimbra.

É intenção dos organizadores desta equipe fazer a sua apresentação em Léopoldville e efectuar digressões de amizade pelas diversas capitais africanas, estando a ser feitas diligências nesse sentido.

O Movimento Popular de Libertação de Angola ao tornar público esta sua nova iniciativa, saúda a juventude desportiva mundial e a juventude desportiva irmã do Continente Africano e a juventude da República do Congo esperando desde já dever-lhe a maior solidariedade para com a mocidade desportiva da “ANGOLA LIVRE”.

Léopoldville, 13.3.63

MPLA

ORGANIZAÇÃO E QUADROS

DC/VN

[carimbo do CD do MPLA]

Carta de Viriato da Cruz a Matias Miguéis

[manuscrita]

13.3.63

Caro Matias,

Saúde!

Ando a tratar para dar um salto até aí, de acordo c/ o pedido que exprimiste no telegrama.

Agradeço, portanto, que não saias de Léo ou de Brazza, a fim de esperares por mim no aeroporto, à minha chegada. Dentro de dias, comunicar-te-ei a data exacta da minha chegada aí. Certamente que, nessa altura, não te escreverei desta cidade, mas de outro lugar.

Retém na tua memória os seguintes versos de Brecht:

“De quem depende que a opressão continue? De nós.

“De quem depende que ela seja liquidada? De nós, também.

“Se estás perdido, combate!

“Tu, que estás vencido, quem te vingará?

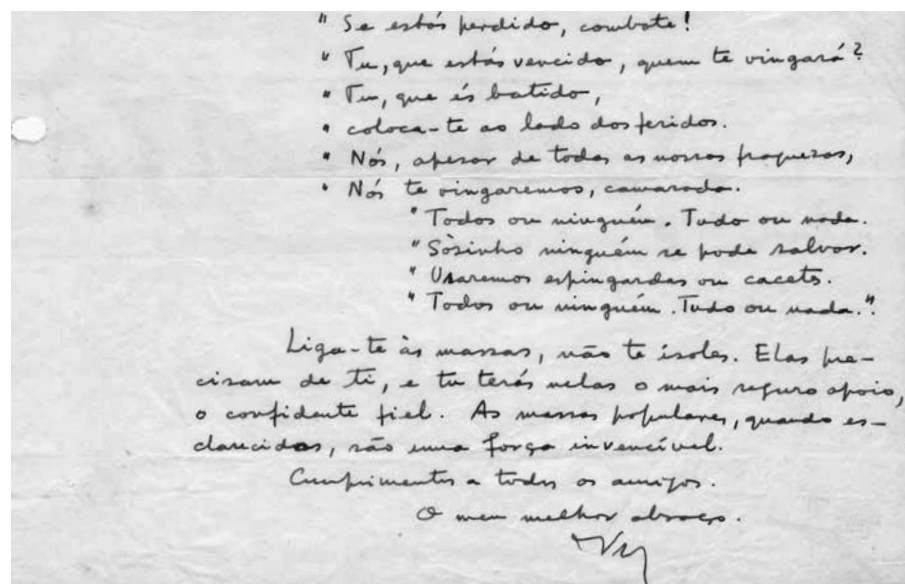
“Tu, que és batido,

“Coloca-te ao lado dos feridos,

“Nós, apesar de todas as nossas fraquezas,

“Nós te vingaremos, camarada.

“Todos ou ninguém. Tudo ou nada.



“Sozinho ninguém se pode salvar.

“Usaremos espingardas ou cacetes.

“Todos ou ninguém. Tudo ou nada.”

Liga-te às massas, não te isolas. Elas precisam de ti, e tu terás nelas o mais seguro apoio, o confidente fiel. As massas populares, quando esclarecidas, são uma força invencível.

Cumprimentos a todos os amigos.

O meu melhor abraço

[rubrica de V. Cruz]

[Acrescentado à margem: P.S. – Favor, em manter em absoluto segredo [a] eventualidade da minha ida aí.]

[rubrica de V. Cruz]

Carta de Agostinho Neto a Cyrille Adoula

[policopiada, em francês]

[Endereço do MPLA em Léopoldville]

PRESIDÊNCIA

127/F/PRES/1963

Excelência,

Temos a honra de lhe fazer chegar alguns documentos fundamentais do nosso Movimento, submetendo assim à sua elevada apreciação os objectivos da sua orientação.

A nossa actividade orienta-se intransigentemente no sentido da libertação de Angola do jugo colonialista e de uma política sincera de unidade com as outras organizações nacionalistas angolanas. Este facto atraiu o apoio de uma grande parte do povo angolano, assim como a consideração internacional para com a nossa linha justa.

A luta política e militar e a actividade do MPLA no domínio da Assistência social são bem conhecidas.

Foi sob a orientação do MPLA que a luta armada começou a 4 de Fevereiro de 1961, em Luanda, dando assim origem aos acontecimentos do Norte de Angola.

Pode-se portanto compreender que não possamos reconhecer a validade do pretenso governo angolano no exílio, pela única razão que, sendo constituído pelos membros de uma coligação UPA/PDA, ele não pode representar, nem representa, as diferentes correntes de opinião do nosso País.

A nossa actividade na República do Congo tem sido desenvolvida de modo a não desmerecer a hospitalidade que nos foi concedida. Contudo, o tratamento dispensado às duas organizações citadas e aos seus membros, leva-nos a crer que o nosso Movimento e os nossos militantes são objecto de uma discriminação por parte do Governo Central.

Recordamos, a este respeito, que alguns dos nossos pedidos relacionados com facilidades militares não tiveram seguimento. Os nossos combatentes não têm a necessária liberdade de circulação; são frequentemente presos e muitas vezes maltratados. As armas destinadas a combater um flagelo que também foi o da República do Congo – o colonialismo – são-lhes confiscadas e nunca restituídas.

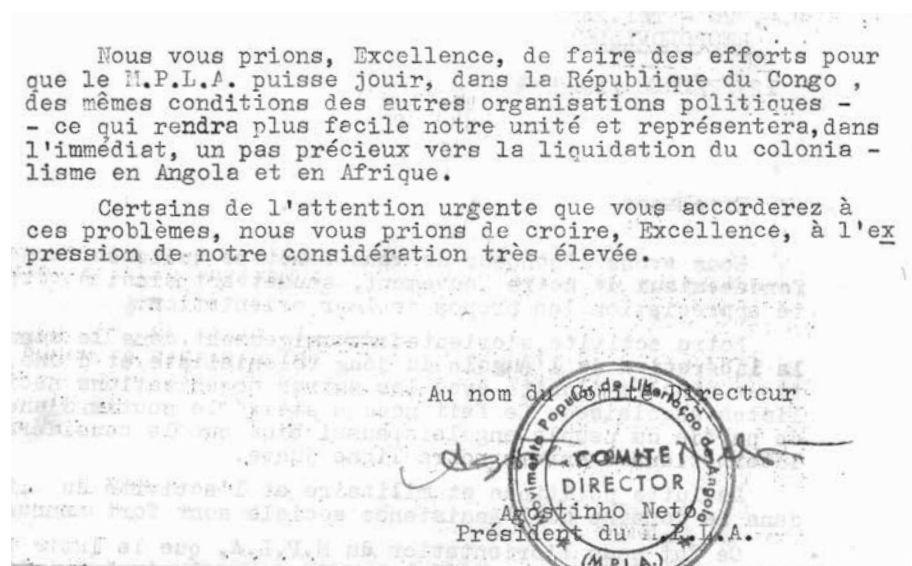
A nossa luta inscreve-se no quadro de um nacionalismo africano inatacável; a nossa linha política é clara e a disciplina que observamos em relação à ordem estabelecida nesta República é absoluta. Isto dá-nos, pensamos nós, o direito de esperar da parte dos nossos Irmãos da República do Congo a mesma consideração, a mesma solidariedade e as mesmas oportunidades que o Governo da República do Congo concede a outras organizações congêneres da nossa.

Solicitamos-lhe, Excelência, que envide esforços para que o MPLA possa gozar, na República do Congo, das mesmas condições que as outras organizações políticas – o que tornará mais fácil a nossa unidade e representará, de imediato, um passo precioso para a liquidação do colonialismo em Angola e em África.

Certos da atenção urgente que concederá a estes problemas, pedimos-lhe que acredite, Excelência, nos protestos da nossa mais elevada consideração.

Em nome do Comité Director
Agostinho Neto *[com assinatura]*
Presidente do MPLA
[carimbo do Comité Director do MPLA]

Léopoldville, 15 de Março de 1963
AM/PT



Carta de Agostinho Neto a Joseph Kasavubu

[dactilografada, em francês, em papel timbrado do MPLA]

Departamento de: Presidência CÓPIA

[Acréscitado à mão: 128/F/Pres/63]

Sua Excelência
JOSEPH KASA-VUBU
Presidente da República do Congo
LÉOPOLDVILLE

Excelência:

O MPLA, pela sua acção consequente contra o colonialismo, faz questão de conduzir uma actividade política e militar que visa a destruição das posições chave do ocupante português no território angolano, e foi sob a sua orientação que, a 4 de Fevereiro de 1961, as primeiras acções armadas tiveram lugar em Luanda.

Por outro lado, o MPLA desenvolve os seus melhores esforços para mobilizar a opinião pública internacional, nomeadamente a opinião pública africana, com o objectivo de obter uma ajuda efectiva para a luta que desenvolvemos com grandes dificuldades, tendo em conta o contexto histórico do nosso continente.

O Presidente do nosso movimento fez uma digressão a vários países da Europa ocidental, aos Estados Unidos da América do Norte e visitou vários países africanos.

Da participação do MPLA em várias conferências internacionais, tais como as Conferências de Chefes de Estados da UAM em Libreville, a Conferência da PAFMECSA, as Conferências de Solidariedade Afro-Asiática e outras, decorre uma preciosa colaboração, cujo resultado se traduz por uma contribuição concreta e útil à luta do Povo Angolano.

Neste preciso momento, o Chefe de Departamento das Relações Exteriores do MPLA assiste à Conferência dos Países da UAM em Ouagadougou.

O MPLA estima que se não se puser de pé uma organização ampla e unida, onde todas as correntes do nacionalismo angolano tomem o seu lugar, a nossa luta sofrerá um grave atraso.

A divisão é uma arma perigosa dirigida contra nós próprios. Isso explica todos os esforços desenvolvidos por nós para chegar à união de todos os angolanos e se essa união ainda não é um facto, a culpa deve ser atribuída – como V. Ex.^a sabe bastante bem – a outros partidos políticos que recusam intransigentemente encetar conversações sobre a colaboração na luta, sobre a formação de uma frente comum. O MPLA não pode reconhecer o pretensio governo angolano no exílio que apenas representa uma parte de Angola no sentido geográfico, étnico e político.

Considerando a ajuda unilateral que a República do Congo dá a certos movimentos, na medida em que lhes são concedidos campos de treino, apoio político e outras facilidades, enquanto o MPLA se confronta com enormes dificuldades, tais como o embargo de armamento, a prisão de militantes em missão, a falta de autorização para

poder receber o equipamento militar, e considerando que isso determina a consagração dessa divisão, e por conseguinte do povo angolano;

Considerando a solidariedade que o Governo da República do Congo manifestou publicamente em relação ao povo angolano e certos de que V. Ex.^a considera a luta contra o colonialismo uma causa comum aos povos angolano e congolês;

O MPLA tem a honra de solicitar que Vossa Excelência lhe conceda as mesmas modalidades de ajuda concedidas aos outros partidos políticos, nomeadamente:

1^a – A autorização de receber o equipamento militar e a sua livre circulação no Congo, para o fazer chegar a Angola aos nacionalistas engajados na guerrilha contra o colonialismo, sob a bandeira do MPLA. (Isso diz respeito especialmente ao equipamento que se encontra no Marrocos, para o qual Sua Majestade, o Rei Hassan II, já solicitou ao Governo da República do Congo que nos possa ser entregue em território Congolês.)

2^a – A concessão de facilidades de deslocação, de possibilidades de subsistência enquanto organização política e militar, a permissão e a possibilidade de treinamento de jovens angolanos, de manifestações públicas, em pé de igualdade com outras organizações políticas angolanas.

Certos do interesse de Vossa Excelência na libertação total de África do colonialismo, esperamos que V. Excelência considere esse problema com a maior atenção.

Queira aceitar, Excelência, os protestos da nossa mais elevada consideração.

Pelo Comité Director do MPLA
AGOSTINHO NETO [com assinatura]

Presidente

Léopoldville, 15 de Março de 1963

CC/VD

Organização do CVAAR

[dactilografado – 2^a via]

[Acrescentado à mão: Organização + Quadros – 20.3.63]

ORGANIZAÇÃO DO CVAAR [acrescentado por L. Lara: P^a Estudo]

O CVAAR é uma organização que foi fundada para defender o angolano das dificuldades inerentes à sua condição de refugiado. Desse contacto – CVAAR refugiado – pretendia-se conseguir formar Homens susceptíveis de intervirem positivamente no desenvolvimento da nossa luta de libertação nacional.

Ao mesmo tempo que uma escola de formação político-social, pretendia-se como corolário que as estruturas do CVAAR se adaptassem às necessidades da acção político-militar do nosso Movimento.

É um facto que a intervenção de várias circunstâncias, impediram que a organização alcançasse inteiramente os seus objectivos.

Não está no nosso propósito, incidir profundamente numa análise retrospectiva, para daí, estabelecer uma hierarquia de responsabilidades. Nós aceitamos que é no conjunto – factores humanos, materiais e políticos–, que reside o contexto em que se situa as causas da não satisfatória actividade do CVAAR.

Longe de esgotar o assunto e da ideia de estabelecer dogmas, permitimo-nos apresentar aos órgãos responsáveis de determinar e orientar a actividade do nosso Movimento, uma série de sugestões que em nosso entender, poderá servir de base para a organização do CVAAR em condições de poder atingir progressivamente os objectivos que justificaram e impulsionaram a sua fundação.

Em nosso entender, as dificuldades actuais do CVAAR residem nos seguintes factores:

I – Estruturas não adaptadas à actividade do CVAAR.

II – Pessoal técnico e administrativo não dedicado exclusivamente ao CVAAR; irregularidade na prestação de serviço por parte do pessoal médico; desigualdade de situação de cada um dos médicos que frequentemente se deixaram arrastar para conflitos e disputas sem que se tivesse verificado a intervenção do Comité Director; certa incúria de uma parte dos membros que constituíram os diferentes comités administrativos face à gravidade da situação.

III – Limitação de meios de ordem financeira.

IV – Ausência de uma definição clara das relações que devem existir entre a parte política do Movimento e o CVAAR.

V – Ausência de condições de segurança mínimas compatíveis com [a] fixação dos médicos na fronteira.

Consideramos problema menor, as dificuldades criadas pela incompreensão das autoridades locais, sem afastarmos que também aqui, reside um factor negativo ao desenvolvimento da acção do CVAAR em condições satisfatórias.

ESTRUTURAS

As estruturas do CVAAR devem ser simples, realistas e eficientes. Devem prever a cobertura dos refugiados nos domínios médico, escolar, profissional e ao mesmo tempo identificar o refugiado com as necessidades e os problemas da acção revolucionária.

Partindo dos princípios formulados propomos:

A divisão da área onde se encontram os refugiados em Zonas.

Cada zona incluiria um dispensário central e postos. Estabelecer entre as zonas uma certa hierarquia administrativa e nenhum privilégio de ordem técnica. Estabelecer o princípio de funcionamento de stocks e órgãos administrativos e técnicos em cada zona de forma a solucionar os problemas aí existentes.

Assim, por exemplo, a área habitada pelos refugiados seria dividida nas seguintes zonas:

I – ZONA DE LÉOPOLDVILLE

Composição:

- 1 – Dispensário Central – Léopoldville
- 2 – Postos – Kimpangu, Kindopolo, Morbeke, Malele e Lukala

II – ZONA DE MATADI

Composição:

- 1 – Dispensário Central – Matadi
- 2 – Postos – Boma, Moanda, Luali e Songololo.

III – ZONA DE KAHEMBA

Composição a estabelecer.

IV – Zona de TshikapaComposição a estabelecer. [Nota manuscrita por L. Lara:
Katanga – Frente de Cabinda]PESSOAL, DISTRIBUIÇÃO, ÓRGÃOSI – Pessoal, Distribuição

O pessoal técnico e administrativo a ser utilizado pela organização deveria reunir as seguintes características:

Estar desengajado; estar politizado; não ter funções na parte política do movimento ou noutro sector; revelar competência e dedicação; revelar capacidade de trabalho e de organização.

Estabelecer como princípio rígido a não utilização de pessoal engajado para o exercício das funções administrativas. O pessoal engajado e os estudantes deverão ser considerados colaboradores técnicos subordinados aos órgãos administrativos respectivos. No entanto, defendemos como necessário, estimular nestes o aporte de sugestões e o cumprimento de tarefas deliberadas pela administração.

Só o pessoal que satisfaça os princípios enunciados acima, deveria beneficiar de gratificações. Estas poderiam ser estabelecidas em identidade com a seguida no seio da parte política do Movimento. Não existir discriminação de gratificação: – Todo o pessoal, seja qual for a sua diferenciação técnica ou política deve auferir a mesma gratificação. Estabelecer talvez um subsídio de afastamento para o pessoal que se encontre no exercício de funções fora da zona de Léopoldville.

Introduzir o sistema rotatório na distribuição do pessoal técnico: Cada médico deveria permanecer numa zona um período mínimo de um mês. Cada enfermeiro um período mínimo de três meses. Cada professor ou ajudante de professor um período equivalente ao espaço de tempo para alfabetizar ou escolarizar um grupo de refugiados. Cumpridos os períodos, o pessoal mencionado, deveria passar imediatamente para outra zona e assim sucessivamente.

Distribuição

I – ZONA DE LÉOPOLDVILLE

Dispensário Central: Pessoal escolar; 2 médicos; 3 enfermeiros; 2 ajudantes à consulta; 1 microscopista

Postos: 2 enfermeiros e um ajudante de professor em cada posto

II – OUTRAS ZONAS

Dispensário Central: 1 professor; 1 médico; 2 enfermeiros; 1 microscopista

Postos: 2 enfermeiros e 1 ajudante de professor em cada posto

ÓRGÃOS ADMINISTRATIVOS

Organizar um conselho administrativo com sede na zona de Léopoldville e corpos administrativos para as restantes zonas. A composição do conselho administrativo poderia ser a seguinte: Chefe de departamento das questões sociais, médicos das zonas, 1 professor de cada zona e 1 enfermeiro de cada zona. A selecção seria feita à base da competência profissional, salvo contra indicações de natureza política ou moral. A coordenação do trabalho no seio dos órgãos administrativos seria efectuada pelo chefe de departamento e pelo médico de maior diferenciação técnica.

Em caso de identidade técnica recorrer ao tempo de militância, identidade política e moral, idade. Estabelecer como princípio inviolável que nenhum técnico ou elemento não militante do Movimento pode exercer funções administrativas no seio do CVAAR. A sanção dos órgãos administrativos seria feita, dentro dos princípios formulados pelo Comité Director do Movimento.

Ao conselho administrativo caberia a função de dirigir em toda a plenitude a actividade do CVAAR: médica e pedagógica, informação e propaganda, finanças, etc. Para isso o conselho administrativo constituiria as secções e designaria o pessoal que julgar conveniente para o seu funcionamento.

O responsável médico do conselho administrativo estaria sujeito ao sistema rotatório. Na sua ausência as funções seriam exercidas provisoriamente pelo médico imediatamente abaixo.

Nas restantes zonas passariam a funcionar corpos administrativos constituídos da seguinte forma: Médico da zona, professor da zona, 2 enfermeiros do dispensário central.

Os corpos administrativos estariam subordinados ao conselho administrativo. Os corpos administrativos teriam a função de dirigir a zona respectiva e enviar relatórios periódicos ao conselho administrativo. Além dos relatórios deveria ser enviado também todo material de propaganda para a confecção do Boletim e para informações necessárias.

Em cada corpo administrativo, o médico seria o responsável pela coordenação da actividade no interior deste órgão. Estabelecer uma autonomia técnica entre o professor e o médico. No entanto defendemos que em todos os órgãos se estabeleça o princípio da colaboração entre os elementos componentes.

MEIOS FINANCEIROS

A falta de disponibilidade de ordem financeira para pôr em execução imediata este plano, exige da parte do Movimento o estabelecimento dum budget mensal, durante um período de cinco meses. O budget referido, deveria satisfazer todas as necessidades relacionadas com actividades do CVAAR. Nas condições actuais, pensamos que é absolutamente necessário o apoio material do Movimento se quisermos permitir que a organização realize todos os seus objectivos.

Entretanto, o CVAAR deveria realizar esforços no sentido de criar bases financeiras próprias para facilitar a actividade do Movimento.

Para isso, pensamos, a realização de tournées e campanhas de fundos. Uma campanha para este fim, devidamente preparada, poderia ser imediatamente encarada visando os seguintes países: RAU¹; ARGÉLIA; MARROCOS; TANGANICA; ETIÓPIA; GHANA; SUÉCIA; ITÁLIA; INGLATERRA; PAÍSES SOCIALISTAS; ESTADOS UNIDOS; BRASIL.

Prever a criação de sócios beneméritos que aceitassem subscrever-se com uma ajuda material regular para a organização.

Realizar nos países africanos a campanha de um franco que em linhas gerais consiste no seguinte: solicitar da parte das autoridades governamentais a autorização de cada família africana contribuir com um franco para ajuda do refugiado angolano. Assentar com as autoridades mencionadas que as quantias conseguidas ficariam depositadas nos respectivos países e que só seriam utilizadas pelo CVAAR mediante justificação.

Criar nos países a determinar comités de soutien pró-CVAAR permanentes, com a função de realizar propaganda, recolher fundos e outro material necessário à actividade do CVAAR.

Prever a realização de representações artísticas, vendas simbólicas, sorteios, peditórios, competições desportivas com a finalidade de obtenção de fundos.

RELAÇÕES CVAAR E MPLA

Estabelecer definitivamente que o CVAAR é um organismo do MPLA. Entretanto, isso não deve impedir que o CVAAR goze de uma determinada autonomia administrativa. O conselho administrativo deve permanecer subordinado às deliberações do Comité Director do Movimento. O conselho administrativo deve fornecer relatórios à parte política do Movimento onde esta possa estar ao corrente de toda a actividade do CVAAR.

No capítulo financeiro, o CVAAR não deve gozar de autonomia.

A tesouraria central deveria controlar todos os fundos e estabelecer que só os responsáveis pela coordenação da actividade no conselho administrativo teriam a faculdade de fazer levantamentos necessários ao funcionamento do CVAAR, sempre devidamente justificados.

O conselho administrativo deveria afixar periodicamente relatórios sobre a marcha da contabilidade da organização.

¹ República Árabe Unida do Egipto.

SECRETARIA

O conselho administrativo deverá organizar uma secretaria. A secretaria deve ser controlada pelo responsável do departamento das questões sociais e o médico investido das funções de coordenar a actividade do conselho administrativo.

Este plano poderia ser posto em execução progressivamente. Para já estamos convencidos que é possível utilizá-lo para preencher as necessidades da província de Léopoldville. Logo que as condições o permitissem, poderia ser imediatamente estendido às zonas de Kahemba e Tshikapa.

NECESSIDADES EM PESSOAL

4 médicos dos quais três desengajados; 32 enfermeiros; 12 professores; 24 ajudantes de professores; 4 microscopistas.

IMIGRAÇÃO E PROPAGANDA

Defendemos a necessidade de uma revisão de trabalho e dos métodos no capítulo informação e propaganda tendo por base os seguintes factores:

Insuficiência quantitativa e qualitativa do material produzido.

Irregularidade na produção e distribuição do material de propaganda.

Falta de coordenação de acção dos militantes, das actividades e organizações que nos são favoráveis no exterior.

Ausência de delegações de responsáveis viajando no exterior sobretudo na Europa.

Léopoldville, 20 de Março de 1963

A comissão

- a) Eduardo Macedo dos Santos
- b) Manuel Videira
- c) Gentil Traça

Panfleto do MPLA

[*policopiado*]

[*Endereço do MPLA em Léopoldville*]

Doc. 45 / 1963

COMPATRIOTA,

A verdade não se faz. Julga-se. Descobre-se.

Não te deixes enganar pelas mentiras dos inimigos da Pátria.

Diz-se do MPLA que ele não quer a independência. Calúnia dos inimigos da Pátria. O MPLA é um movimento nacionalista que combate pela libertação completa da nossa Terra sem se vender ao estrangeiro.

Diz-se que debes odiar o MPLA porque é um movimento de mulatos. Que os mulatos são traidores. Calúnia dos inimigos da Pátria! Traidores há em todos países e em todas raças. Pode haver traidores mulatos como há traidores pretos e como os há brancos. Além de terem nascido em Angola e de terem sangue africano nas veias, os mulatos do MPLA nunca quiseram passar por brancos nunca renegaram a sua Pátria nunca foram a favor de Salazar como muitos pretos conhecidos.

Diz-se que o MPLA é o inimigo do Povo só porque tem doutores universitários e filósofos. Calúnia dos inimigos da Pátria.

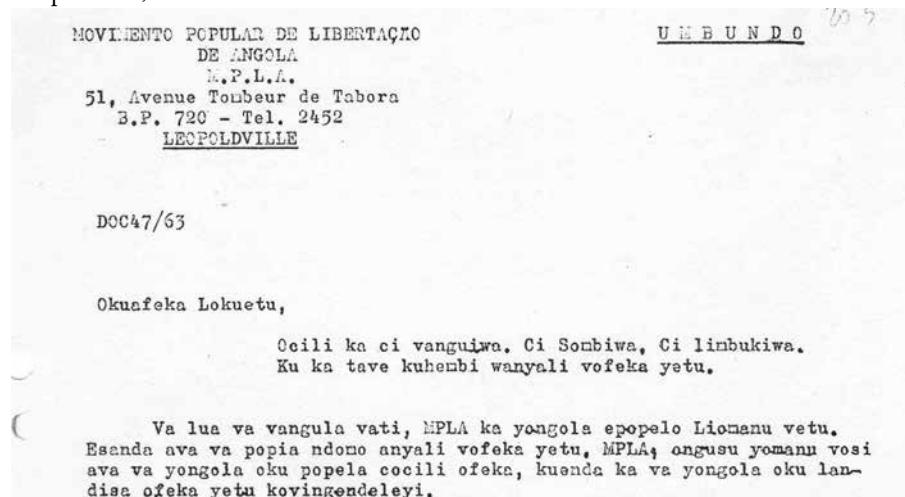
Os doutores do MPLA saíram do Povo e são do Povo. Estudaram para saber. Sabendo defendem melhor os interesses de Angola. Em todos países do mundo, os representantes do Povo são gente que sabe, são gente que estudou. Para tratar com os outros países mais adiantados é preciso estudar, é preciso saber. Ainda bem que o MPLA tem doutores, universitários e filósofos nas suas fileiras. Assim, o Povo Angolano fica melhor defendido.

Diz-se que o exército do MPLA é para matar os pretos. Calúnia dos inimigos da Pátria. Calúnia e estupidez! O exército do MPLA é formado pelos filhos do Povo para defesa do Povo e libertação completa de Angola. O exército do MPLA encontra-se dentro de Angola e ainda ninguém se queixou de que ele tivesse morto nenhum compatriota. Pelo contrário, alguns soldados do MPLA já foram mortos por soldados dos inimigos da Pátria.

Não te deixes enganar. Fica sabendo que todos aqueles que caluniam o MPLA, que caluniam os seus dirigentes e o seu exército não passam de inimigos da Pátria, que querem afastar o MPLA para se aproveitarem e venderem as riquezas de Angola. Afasta-te dos inimigos da Pátria. Afasta-os da tua presença.

Confia no MPLA
VITÓRIA OU MORTE

Léopoldville, 20/3/1963



Carta da Direcção do MPLA a Autoridades Congolesas

[policopiada, em francês]

[Endereço do MPLA em Léopoldville]

Léopoldville, 26 de Março de 1963

Dr. AGOSTINHO NETO
Presidente do MPLA

PRESIDÊNCIA
Ref. 162/F/PRES/63

A SUAS EXCELÊNCIAS
O PRESIDENTE DO SENADO
E O PRESIDENTE DA CÂMARA
DOS REPRESENTANTES
LÉOPOLDVILLE

Excelência,

Como se sabe, a luta armada que o Povo angolano desencadeou pela sua independência prossegue, apesar de todas as dificuldades.

No interior do nosso País, os militantes dos movimentos políticos opõem uma resistência heróica a todos os ataques, aos bombardeamentos e às rusgas perpetrados pelos colonialistas portugueses.

A acção militar depende em larga medida do apoio concedido pelo Governo da República do Congo.

No entanto, o nacionalismo angolano ainda se encontra dividido apesar dos esforços empreendidos pelo MPLA e apesar da intervenção conciliadora dos Governos do Ghana, do Congo e da Argélia.

A União das Populações de Angola (UPA) recusa sistematicamente qualquer troca de pontos de vista no sentido de encontrar as bases comuns para a colaboração na luta.

O MPLA considera que um dos factores essenciais desta divisão é justamente a ajuda unilateral que a UPA recebe da parte do Governo da República do Congo. Por outro lado, essa ajuda toma uma amplitude maior face às dificuldades criadas ao MPLA.

O "Movimento Popular de Libertação de Angola" é uma organização política com carácter próprio, tendo um grande prestígio tanto nacional como internacional – é Membro do Comité Executivo da Conferência Panafricana, é Membro do Secretariado da Organização de Solidariedade Afro-Asiática – e à sua acção pela libertação de Angola se deve o desencadear da luta armada, no dia 4 de Fevereiro de 1961.

Muitas das acções contra a ocupação portuguesa em Angola são levadas a cabo pelo nosso Movimento.

Ainda recentemente, se puderam ouvir os ecos de uma vasta operação dos grupos de guerrilha do MPLA em Cabinda.

No entanto, a nossa actividade político-militar é travada pelas autoridades congolesas de uma forma que nos parece discriminatória.

Sob vários pretextos, os nossos militantes são frequentemente presos nas fronteiras. Alguns grupos armados que iam cumprir acções em Angola foram presos junto da fronteira. As armas apreendidas e nunca devolvidas.

Apesar dos esforços do Governo Marroquino e do Governo Argelino, não conseguimos obter a autorização para receber armas e munições em território congolês.

A ajuda do Governo Congolês vai exclusivamente para a UPA a quem concedeu um Campo de Treino militar.

Essa situação – como já dissemos – favorece o divisionismo entre os angolanos e põe em evidência uma intervenção inútil do Governo da República do Congo que se arrisca a enfraquecer a acção do nosso Povo na sua luta de libertação.

Chamamos a alta atenção de Vossa Excelência para estes factos, certos de que contribuirá para a concessão, ao MPLA, das mesmas possibilidades de trabalho concedidas aos outros partidos políticos.

Estamos certos que Vossa Excelência saberá contribuir para modificar a situação actual.

Pela sua actividade imparcial, o Governo Congolês contribuirá para acelerar a liquidação do colonialismo em Angola e em África.

Entretanto, Excelência, queira aceitar os protestos da nossa mais elevada consideração.

Em nome do Comité Director do MPLA
Dr. AGOSTINHO NETO [com assinatura]
[carimbo do CD do MPLA]

NS/PT

Comissão dos Estudantes Angolanos nos Estados Unidos

[policopiado]

A COMISSÃO dos
ESTUDANTES ANGOLANOS nos
ESTADOS UNIDOS DESEJA-LHE
uma PÁSCOA FELIZ

Junto envio uma cópia do relatório da nossa reunião em Philadelphia de 17 a 19 de Agosto, 1962.

O nosso colega Zacarias Cardoso explicou nas suas circulares o que a Comissão tem feito.

Como o nosso tempo vai terminar, convocamos a segunda reunião dos EU em N. York no mês de Agosto.

Os nossos objectivos são: formar um grupo coral, discutir novos planos e eleger nova direcção.

Contamos com a presença de todos e antecipadamente agradecemos a sua cooperação.

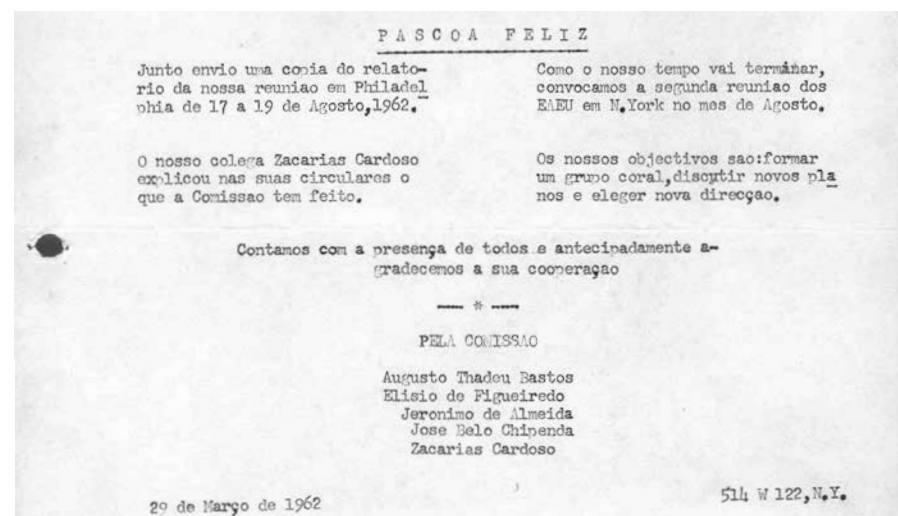
PELA COMISSÃO

Augusto Thadeu Bastos; Elísio de Figueiredo; Jerónimo de Almeida;

José Belo Chipenda; Zacarias Cardoso

29 de Março de 1962 [deve ser 1963]

514 W 122, N.Y.



Relatório ao Departamento de Segurança do MPLA

[dactilografado]

– Relatório pessoal ao Departamento de Segurança do MPLA –

Março 63
rel. nº 1

Este relatório foi enviado via J. B., Rabat, a 15.3.63. Ao original foram acrescentados novas informações entretanto sugeridas.

Sumário:

1 – A FUA

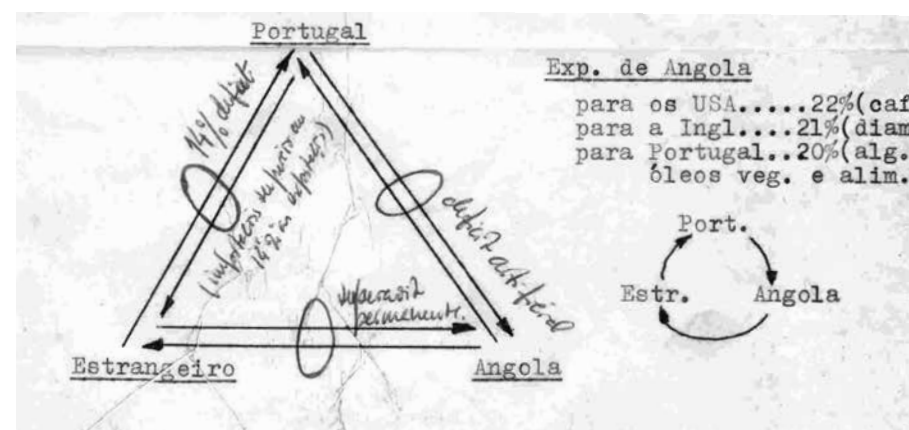
- a) Reconhecimento do problema: a colonização de Angola como elemento fundamental do triângulo económico.
- b) Reacção do colono antigo: grupos aderentes.
- c) Razões da oposição branca que levaram à criação da FUA.

- d) As represálias de Lisboa: a viagem de Adriano Moreira.
- e) Política de povoamento – elemento fundamental do equilíbrio socio-económico de Portugal e simultaneamente elementos de estratégia militar.
- f) O que é que a FUA reivindica.
- g) A FUA no exterior. Manobras de isolacionismo.
- h) Conclusões.
- 2 – Nova estratégia militar do Exército Português.
- a) o isolamento do Norte de Angola até ao rio Dande pela “Zona dos Kibuzes”.
- b) Valor estratégico da Zona dos Kibuzes.
- c) O Plano dos Kibuzes.
- d) O executor do Plano, Rebocho Vaz, governador do Distrito do Uíge e os meios postos à sua disposição.
- e) Orçamento e disponibilidades militares.
- f) O Pacto Ibérico.
- g) O armamento português. Necessidade de renunciar às disponibilidades dos fornecimentos da NATO.
- h) Conclusões.
- 3 – Estratégia de Guerra da Diplomacia Salazarista
- a) Características da posição diplomática de Portugal no Mundo.
- b) O Pacto Ibérico e o Norte de África.
- c) Portugal na Europa.
- d) Portugal na NATO e na ONU: a experiência de Goa.
- e) O Pacto dos Açores.
- f) A Entente Africaine – o rio Zambeze fronteira do nacionalismo africano.
- g) Conclusões.
- 1– Os elementos que caracterizam o colonialismo português em Angola, no seu aspecto económico-político são:
- a) é um colonialismo de tipo de povoamento, em que o colono é normalmente em Portugal um elemento indesejável no plano social: desempregado ou pertencente ao sub-proletariado agrícola. Por consequência, a colonização de povoamento é um importante elemento de equilíbrio social da “metrópole”, e para ela são encaminhadas todas as camadas de população em desequilíbrio económico ou social.
- b) a integração económica das colónias é feita através do tráfico, i. e., através da exportação de produtos coloniais para o “Estrangeiro” e a importação dos lucros para a “metrópole” através de divisas ou produtos industriais, isto em contradição com o tipo clássico de integração vertical seguido

por todos os outros países imperialistas, em que o lucro da exploração colonial é feito através da transformação das matérias primas pela indústria da “metrópole”. (O tipo de economia de tráfico foi seguido pelas potências imperialistas no tempo da exploração escravagista, que coincidiu nas metrópoles com a acumulação primitiva que precedeu à industrialização. Sobre este assunto ver o rel. nº 3 sobre a economia comercial de Angola). Do ponto de vista económico, a exploração colonial é condição indispensável para cobrir o déficit da balança comercial de Portugal, através da venda ao Estrangeiro de matérias-primas coloniais.

A Economia de Angola deixa-se representar pelo seguinte quadro simples, em que o circuito económico está representado pela linha a cheio (as médias estão calculadas relativamente ao decénio 50-60 com aproximações correspondentes aos dados de 1961. Fonte: Relatório anual do Banco de Angola).

ESQUEMA EM PIRÂMIDE QUE RELACIONA ECONOMICAMENTE PORTUGAL, ANGOLA E O ESTRANGEIRO



Na pirâmide: “14% deficit”; “déficit artificial”; “importações superior a 14% das exportações”; “superavit permanente”

Exp. de Angola

para os USA. 22% (café)
 para a Ingl. 21% (diam.)
 para Portugal 20% (alg., óleo veg. e alim.)

Da análise do circuito económico de Angola, conclui-se que o colono é relativamente à Metrópole um elemento de produção não integrado na economia da Metrópole, uma vez que é “exportado” para Angola em condições que o obrigam a fixar lá residência, constituindo-se assim num elemento-motor da Economia de Circuito. Os únicos produtos da exportação de Angola absorvidos pela indústria de Portugal são o algodão e os óleos vegetais, que são consumidos pelos monopólios de tecido e pela CUF. O seu

trabalho é empregue directa ou indirectamente no equilíbrio da Economia de Portugal, que por seu lado não tem lugar para o empregar como força de produção se ele quiser regressar à sua terra, nem lhe pode garantir o nível de vida que ele tem como colono.

Estas razões económicas levaram à cristalização de grupos de colonos que estavam à altura de compreender o seu papel na Economia portuguesa, que se alia ao facto de ser um indesejado social antes de ter ido para Angola. A omnipresença do Ministério do Ultramar é a causa imediata do mal-estar e a descentralização administrativa que tinha sido preconizada por Norton de Matos e que permitia ao colono uma certa margem de liberdade em relação à “metrópole” foi rejeitada por Salazar, assim como a ideia de criação de Alto Comissariados em lugar de um Governo Geral que recebem ordens de Lisboa. Os grupos de colonos nestas circunstâncias são fundamentalmente os comerciantes (o chamado “bom branco”), funcionários graduados da Administração colonial, topógrafos, intelectuais e um pequeno número de oficiais do Exército. Os principais centros desta oposição são Nova Lisboa, Benguela, Lobito e Luanda.

A evolução dos acontecimentos desde 1960, principalmente o início da Luta armada em 1961, levou à evidência de que só havia a escolher entre uma oposição contra Salazar do tipo OAS¹, isto é, no sentido de manter a dominação colonial em Angola, ou então aceitar o princípio da Independência e de uma direcção política africana de carácter formal, i. e., uma solução neocolonialista sui-generis, porque põe de parte uma colaboração estreita com Portugal, a “metrópole”. Uma vez que o colono antigo do tipo “bom branco” está económica e socialmente muito afastado da metrópole, a solução do tipo OAS não serve e só poderá seduzir o colono recém-chegado. Em qualquer das hipóteses o colono não põe o problema de um possível regresso a Portugal depois da luta. Este movimento é fundamentalmente dirigido pelos próprios brancos contra Portugal e no caso presente contra Salazar. As razões que levaram à formação daquele movimento podem ser sistematizadas da seguinte forma:

1º situação económica e social de Portugal que os obriga a arranjar [um] modo de vida e radicarem-se em Angola, transformando-os depois de forma egoísta em elementos de produção para seu proveito exclusivo, atingindo-os ainda por uma administração que não tem em conta os seus interesses, que obriga a vender os produtos destinados a Portugal a preços inferiores aos do mercado internacional, não permite o comércio directo com o Estrangeiro e desde 1957 cria entraves aos movimentos de bens e divisas, mesmo com Portugal, por motivos da chamada crise cambial;

2º chauvinismo económico dos grandes proprietários que recusam a reinvestir os rendimentos em Angola, preferindo imobilizá-los em prédios em Portugal;

3º receio de que a opinião pública da “metrópole”, na fase mais grave da luta se desinteresse do destino dos colonos, tanto mais que os “recém-chegados” regressarão em grande parte a Portugal, a aumentar a legião de desempregados e o custo de vida;

4º avaliação demasiado optimista da fraqueza do regimen de Salazar e da força da oposição em Portugal;

¹ “Organisation de l’Armée Secrète” - organização dos colonos argelinos preconizando a violência na defesa dos seus interesses.

5º necessidade de assegurar um futuro que a “metrópole” não pode oferecer.

Sobre estas razões foi-se generalizando o movimento que atingiu a sua forma mais ostensiva em fins de Março de 1961, em que se deslocou à Lisboa com uma delegação de colonos, sob a presidência de Américo Aleixo, presidente da Associação Comercial de Luanda e delegado ao Conselho Legislativo para defender os interesses dos patrões. A delegação tinha como objectivo oficial reivindicar uma maior eficiência da parte de Lisboa em reprimir o nacionalismo africano, mas os seus verdadeiros objectivos eram mostrar que os colonos eram uma força em Angola com que a “metrópole” tinha que contar, e assim a par da representação ao terrorismo foi também pedida uma maior liberdade económica e administrativa. Salazar e o seu ministro do Ultramar, Adriano Moreira, entenderam bem o fundo da questão e a reacção não se fez esperar. Adriano Moreira, depois de uma rápida viagem a Angola, decidiu reprimir radicalmente o movimento com as seguintes medidas:

1º foram presos todos os elementos suspeitos de defenderem ideias separatistas, ou foi-lhes fixada residência em Portugal. O pequeno grupo que conseguiu escapar à perseguição da polícia refugiou-se no Estrangeiro e constituiu-se em Comité Director da FUA, Frente Unida Angolana;

2º seis meses depois do início da luta foram transferidos todos os funcionários administrativos não-seguros para o sul do rio Cuanza. Em seu lugar foram colocados funcionários da confiança do governo, todos bons conhecedores das populações e da sua psicologia e iniciados nos métodos da guerra psicológica. O tipo característico deste funcionário é o administrador do distrito do Uíge, Rebocho Vaz, que tomou parte activa na depuração de elementos fuistas.

3º Foram expropriadas as fazendas a Norte do rio Dande a todos os agricultores que não se submeteram à disciplina militar. As fazendas foram transformadas em “fazendas-fortes”, do tipo dos Kibuzes israelitas, geridas por um agricultor-soldado e completamente auto-defendidas (ver por exemplo foto nº 9 do relatório nº 2 – e que mostra o interior da Roça Santarém, transformada em kibuze “P2R2”, durante as operações de contra-ataque dos inimigos, depois da ofensiva de 61). Foi assim criada a “Zona dos Kibuzes” que pretende isolar metade dos 2.000 kms da fronteira com o Congo e que hoje é o mais importante elemento da nova estratégia defensiva do exército português em Angola. Dentro deste plano, foram licenciados 5000 soldados do exército estacionado no Congo e transformados em roceiros de café (informação da revista alemã “Aussenpolitik” especialmente dedicada a assuntos da actualidade internacional que interessam os meios diplomáticos e consulares, nº 10, Out. 63).

4º Foram introduzidas modificações legislativas e de carácter administrativo, das quais a mais importante foi a divisão do distrito do Congo em dois distritos: Zaire com capital em São Salvador e Uíge com capital em Carmona. Foram além disso promulgados os novos regulamentos do “trabalho indígena”, que elimina formalmente o trabalho forçado, foi revogado o estatuto do “indígena” e modificado o nome da taxa pessoal anual ou imposto “indígena”.

Estas medidas foram o início de uma série de “reformas” que foram consequência directa do início da luta armada e da efectivação do princípio – “segurança só através do povoamento branco” – que atinge simultaneamente os objectivos de resolver os problemas sociais e económicos de Portugal e de opor uma barreira ao nacionalismo africano pela criação de Zonas de Kibuze que isolam os focos de resistências (discurso de Adriano Moreira depois da sua visita a Angola).

A prontidão com que a repressão salazarista agiu leva à conclusão de que a FUA nunca deve ter existido como organização, sendo de duvidar que os diferentes grupos tenham tido qualquer acção clandestina que ultrapassasse o aliciamento de novos aderentes, ou a recolha de abaixo-assinados de protesto. Apesar disso é necessário ter em conta que a FUA é expressão de razões objectivas, inquietudes e ambição dentro da população branca de Angola há muito radicada e que este elemento estático pesará em todas as oportunidades que a luta fornecer. Os seus objectivos secretos são a criação de uma espécie de *Commun welth [sic]* englobando Angola, a Guiné e Moçambique e que teria as portas abertas ao Brasil. Aceitam o princípio da Independência de Angola e de uma direcção política africana de assimilados de “pensamento de branco” e que garanta a não-discriminação racial e afaste Angola do caos e das lutas tribais (fonte de informação “Aussenpolitik”).

Em meados de 1962 apareceu nos meios de exilados portugueses um novo agrupamento formado de indivíduos que escaparam às depurações de fuistas em Angola, que se apresentou como Comité Director da FUA – Frente Unida Angolana. Até Março deste ano, este agrupamento estabeleceu confusão nos meios interessados no nacionalismo angolano, apresentando-se como movimento nacionalista englobando também negros e mulatos e o único que tinha o controle dos nacionalistas do Centro e Sul de Angola. Em Conferência de Imprensa, declarações a jornalistas e em manifestos traduzidos em línguas estrangeiras, a FUA apresenta-se como sendo um movimento africano e tendo participado no início da luta armada, e embora tenha editado um jornal especial dedicado ao 4 de Fevereiro, numa entrevista a um jornal belga apresenta recentemente a data de 15 de Março como o início da luta armada em Angola. Estas manobras feitas no isolacionismo têm como finalidade apresentar a FUA como um movimento nacionalista africano e activo e conseguir alianças exteriores antes de se apresentar para discussão objectiva com os movimentos nacionalistas angolanos. Entretanto os efeitos da sua propaganda têm-se feito sentir e a FUA goza de apoios na Bélgica e França, abriu um bureau na América (informação oral de Luís de Almeida) e pretende abrir um outro em Argel, para o que conta já apoios. Presentemente estão em Argel (última semana de Abril), além do representante da FUA, um branco de Moçâmedes que casou em Paris com uma angolana mulata, e da sua mulher, dois membros do Comité Director, um tal Mendes, topógrafo dos Caminhos de Ferro de Moçâmedes, e de Adolfo Maria, o secretário-geral da FUA, empregado comercial de Luanda. Segundo informação oral colhida do Mendes, a FUA não está disposta a colaborar com o MPLA enquanto este continuar a rejeitar militantes brancos, e assim seria levada a fazer uma aproximação com a UPA, embora isso representasse um certo risco. Informações complementares dizem [que] os meios anti-colonialistas americanos

chegaram a um gentleman's agreement com a FUA que garante a segurança dos brancos numa independência negociada sob pressão americana com a UPA, desde que eles garantam a presença dos quadros necessários para evitar o caos. Assim seria vedada a “entrada” em Angola aos quadros africanos do MPLA.

Conclusões: O MPLA deve encarar desde já uma conduta definitiva relativamente à FUA e que diga respeito ao futuro da população branca de Angola. Da exposição feita e dos factos que cada dia se vão amontoando, impõe-se como primeira precaução, que a FUA seja encarada tal como é: um Movimento de “brancos bons” que querem assegurar o seu futuro em Angola e que, aproveitando-se das condições de luta pela independência comandada do exterior, está tentada a fazer um jogo de oportunismo para manter a supremacia da sua influência durante a luta e na Angola independente. É prematuro atar qualquer tipo de relações com a FUA antes dela se apresentar na sua verdadeira face, a não ser que surja uma oportunidade de ela colaborar como informadora na luta armada contra os portugueses. Mesmo nestas circunstâncias, a colaboração da FUA deve ser incondicional. Para a FUA adquirir a sua verdadeira face é necessário que ela faça um esforço sério no sentido de enquadrar a população branca de Angola e impedir que ela tome parte activa na guerra colonial, orientando a sua propaganda e a sua actividade não no sentido de aliciar os nacionalistas africanos ou as alianças do exterior, mas sim o colono que participa no exército inimigo e nas milícias. A FUA deverá também colaborar com a oposição democrática em Portugal por forma a que o soldado e o colono estejam sob a sua influência antes do embarque para África. Este aspecto é tanto mais importante quanto o soldado-colono e a organização dos Kibuzes são hoje os elementos mais importantes da estratégia do exército português. Sem ela satisfazer estas condições, a FUA será necessariamente um grupo de oportunistas que querem assegurar a presença em Angola do colono como grupo eternamente privilegiado, cuja presença é em parte, indesejável para o futuro e paz de Angola.

Um outro aspecto é necessário concluir sobre a FUA. O factor mais importante das discussões com Portugal, quando a luta do povo o obrigar a aceitar a Independência, será sem dúvida o problema demográfico dos colonos, uma vez que, quebrado o triângulo económico, Angola deixará de jogar o papel preponderante no equilíbrio da economia de Portugal. Depois da retirada dos soldados e da fuga dos colonos que podem assegurar a sua subsistência em Portugal, restará ainda uma fracção da população branca, que não é inferior a 30% do total, cuja presença em Angola é indesejável, senão impossível, e cuja presença em Portugal será um grave factor de desequilíbrio social e económico. Trata-se fundamentalmente da população dos colonatos, dos desempregados, dos cauteleiros, dos calceteiros, do pequeno comerciante que explora o comércio de fuba com a população angolana, e da legião de funcionários que têm o seu vencimento orçamentado nos impostos e multas que pesam sobre a população angolana. (Por exemplo os funcionários dos Serviços de Administração Central de Luanda são pagos com as multas aplicadas aos “indígenas” bêbados). Há um grande número de colonos que mantêm a população africana no desemprego. Tudo leva a crer que Portugal, para se desfazer dessa gente, exija que lhes seja dada a nacionalidade angolana e assegurada

a sua segurança em Angola. Não se pode aceitar por parte da FUA ou de Portugal uma tal exigência, porque essa gente sem profissão produtiva será factor de graves desequilíbrios depois da Independência, e a sua presença, além de comprometer a presença da população branca aproveitável é contrária ao progresso económico e social da Nação. Este aspecto já foi posto em jogo pelo governo de Salazar, que durante a visita de Dean Rusk¹ a Lisboa no ano passado, deu a entender aos seus aliados americanos que o regresso de quase um quarto de milhão de portugueses de Angola seria um factor de desequilíbrio que levaria com certeza a uma segunda guerra civil na Península, desta vez com grande vantagem para os comunistas, tendo em conta a situação de Portugal, depois da Independência de Angola (recolhida a informação de “Aussenpolitik”). Este deve ser o secreto motivo do interesse crescente que a América deposita na FUA, e do seu sucesso junto dos meios capitalistas que também investem em Portugal.

2. Seis meses depois do início da luta armada, precisamente em 1 de Outubro de 1961, tinha o Governo Português realizado a primeira fase do seu plano de segurança em Angola e estava pronto a resistir à nova campanha de guerrilha nacionalista. Aquela data coincidiu, não por acaso, com a abertura da campanha do café (o chamado 1º semestre do ano cafeeiro, que dura até Março). O plano posto em execução depois da visita de Adriano Moreira a Angola, consiste fundamentalmente em isolar o rectângulo que vai da fronteira norte a uma linha paralela àquela fronteira, passando pelo rio Dande em direcção à fronteira da Lunda, através da organização de um sistema de fazendas-fortes semelhantes aos Kibuzes israelitas. O objectivo deste plano é isolar “completamente” os dois mil quilómetros da fronteira norte de Angola, metade dos quais, correspondentes à fronteira da Lunda, têm a defesa assegurada pela milícia da Companhia dos Diamantes. A importância estratégica da Zona dos Kibuzes apresenta dois aspectos:

1 – é o único acesso para apoiar do exterior a organização da luta armada, uma vez que as fronteiras da Rodésia e Sudoeste Africano são inacessíveis aos nacionalistas, por motivo do pacto “Entente Africaine” que liga Portugal, as Rodésias e a União Sul Africana.

2 – a zona abrangida pelos Kibuzes tem uma importância fundamental na economia angolana, visto que o conjunto das regiões do Congo e Cuanza-Norte produz 60% do total da produção de café destinada à exportação. É a exportação de café angolano que coloca os Estados Unidos como primeiro cliente de Angola (com 22% do valor total das exportações) e assegura a Portugal as divisas e dólares indispensáveis ao equilíbrio da sua balança comercial.

Os objectivos em vista são pois barrar a onda do nacionalismo que vem do Norte e simultaneamente assegurar o *status quo* económico que permite a cobertura da dívida externa de Portugal, que até 1930 constituiu o principal obstáculo ao imperialismo português.

O plano dos Kibuzes consiste em transformar a zona a Norte do rio Dande numa região fortificada, de que depende actualmente a “defesa” do inimigo em Angola. Em 1961 foram fixados nessa zona 5.000 soldados das forças estacionadas no Congo, que foram transformados pelo estado português em fazendeiros. Cada fazenda é um forte e o

seu proprietário-soldado tem à sua disposição no local da roça homens, armas, munições e meios de comunicação por forma a poder resistir a qualquer ataque até à chegada de reforços. Deverá além disso conhecer perfeitamente a topografia do terreno. Na instalação dos kibuzes foram gastos em 1961 mais de 400 milhares de contos (fonte de informação “Aussenpolitik”). Além disso foi elaborado um mapa em que estão indicadas as sanzalas em que se regista agitação assim como estimativas do número de angolanos refugiados no mato. Segundo o plano elaborado, essas sanzalas deverão desaparecer nos próximos anos e em seu lugar deverão ser construídas sete novas cidades com capacidade de enquadrar [em] cada uma delas 1.000 angolanos como trabalhadores. Para esta parte do plano estão orçamentados 1 milhão de dólares (cerca de 27 milhares de contos) (fonte de informação “Aussenpolitik”). Um estudo do mapa da região, tendo em conta as posições estratégicas dos locais, a proximidade de um campo de aterragem (sobre a localização dos campos de aterragem e aviação, consultar o mapa que acompanha o relatório do sub-comité da ONU sobre Angola) e de uma estrada importante, levou à identificação dos locais como sendo: Iena, Damba, Cuito Futa, Bembe, Nova Caipemba, Sanza Pombo e Negage. É para estas localidades que deverão ser encaminhadas as populações, uma vez que as sanzalas nas regiões respectivas foram sucessivamente desmanteladas. O distrito do Congo foi dividido em dois distritos: Zaire, com capital em São Salvador (Mbanza Congo) e Uíge com capital em Carmona (Uíge). Foram afastados para o sul do Cuanza todos os funcionários administrativos pouco “seguros” e nos seus lugares foram postas pessoas da confiança do Governo, todas conhecedoras das populações africanas e iniciadas nos métodos da luta psicológica. O tipo deste funcionário é o actual governador do Uíge, Rebocho Vaz, que jogou um papel importante no genocídio efectuado na execução do plano dos kibuzes (fonte de informação: “Aussenpolitik”).

A execução deste plano, assim como o conjunto das despesas militares, exigiu a procura de novas fontes de receita por parte do governo de Salazar, tanto mais que em 1961 o déficit da balança comercial de Portugal aumentou de 45% com a compra ao Estrangeiro de material de guerra e com a execução do plano de apetrechamento da marinha mercante. O déficit foi ainda agravado pelo pagamento da contribuição de Portugal ao Fundo Monetário Internacional (FMI) e ao Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD), o que provocou a venda de divisas e a diminuição das reservas de ouro (fonte de informação: Relatório do Banco de Angola). O negociação do aluguer da Base das Lages com os USA apresentou-se como a fonte de receita procurada a que se veio juntar um empréstimo feito à Alemanha Ocidental.

O orçamento do Estado Português em 1963 monta a 14 milhões de contos e tem orçamentada a despesa de 3.485 milhares de contos para as forças armadas. As despesas militares realizadas em 1961 foram de dois milhões e meio de contos e o aumento anual verificado tem sido de meio milhão de contos (fonte de informação: Emissora Nacional de Lisboa). A despesa real é no entanto mais elevada, tendo em conta que a construção de aeroportos e comunicações militares, assim como a cartografia do Exército estão incluídos no plano de Fomento. (Por exemplo o levantamento cartográfico de Angola, adjudicado por duas firmas especializadas, está orçado em 119.100 de contos e deverá estar terminado em 1964. Em 1962 encontravam-se já impressas 78 folhas

¹ De 1961 a 1969 foi Secretário de Estado (EUA) nos governos de Kennedy e de Johnson.

correspondentes à cobertura das regiões a ocidente do meridiano 18). O orçamento provincial de Angola, que monta a três milhões de contos, contém uma despesa de 220.000 com as forças armadas e marinha.

Além das preocupações financeiras, outro problema grave que põe a guerra colonial é a falta de homens para mobilizar. Portugal tem estacionados em Angola 30.000 soldados e 15.000 em Moçambique (fonte de informação: “QUATRIEME INTERNATIONAL”). As estimativas dão para os efectivos totais do Exército Português cerca de 90.000 homens, dos quais portanto metade está em Angola e Moçambique. Em circunstâncias desesperadas, o máximo de soldados estacionados em Angola nunca será superior a 60.000 tendo em conta as exigências da ditadura em Portugal e a guerra nas outras Colónias. Além disso, a população activa de Portugal é inferior a três milhões e meio e metade do crescimento natural da população é absorvida pela emigração (fonte: “Tendences démographiques de l’Europe Occidental”). Estas realidades fizeram com que o Governo Português lançasse mão de um Pacto de assistência mútua assinado em 1939 com Franco, o Pacto Ibérico. Assim foi posto em execução um plano de unificação das forças armadas ibéricas, cuja cláusula principal prevê o estacionamento de forças espanholas em Portugal, por forma a que o Exército Português tenha as mãos livres para a Guerra Colonial. A realização deste plano em grande escala está entretanto subordinada às condições políticas na própria Espanha. Além de dar ao Exército Português o reforço de que necessita, evita que as forças armadas se associem a um levantamento popular (como o de Beja) e activa o ódio do povo contra os espanhóis, necessário para evitar um Revolução geral na Península Ibérica (fonte de informação: “QUATRIEME INTERNATIONAL”).

No que respeita a armamento, o exército português teve em parte de prescindir das disponibilidades que lhe fornecia a NATO, por motivos de uma campanha organizada pelos seus próprios aliados para impedir que o prestígio da NATO se comprometesse numa luta colonialista sem vitória possível. Portugal teve portanto que recorrer a compras particulares na França e na Alemanha. Sobre este aspecto é elucidativo que o cônsul de Portugal em Colónia seja o fabricante de armas alemão MAUSER e técnicos alemães das forças aéreas da secção I – Armamento, visitaram Portugal em Janeiro deste ano. Esta visita precedeu a do antigo ministro alemão das forças armadas Francisco Strauss realizada em fins de Fevereiro último.

Conclusões: A nova tática concebida pelo exército português consiste em isolar o Norte de Angola por uma zona de Kibuzes, pretendendo realizar assim a defesa da única frente de batalha importante e ao mesmo tempo assegurando a economia de uma zona vital. Este plano, concebido a princípio nos moldes dos planos americanos utilizados no Vietname na luta contra as guerrilhas comunistas, teve o seu êxito contrariado pela falta de eficiência e de meios do inimigo, para o território tão vasto. Como as sanzalas das zonas estratégicas têm sido progressivamente eliminadas, o esforço de enquadramento das populações deve ser dirigido para os centros de reagrupamento e para as zonas dos refugiados do mato. Isto impõe uma nova tática por parte das forças nacionalistas porque a infiltração nas roças deve ser difícil. Fica assim aberto caminho para um reforço das nossas forças nas zonas não ocupadas pelos kibuzes, que terá por conclusão a conquista de território e a evolução da luta no sentido de guerra

em campo aberto, única que parece eficaz contra os kibuzes. Isto entretanto impõe a solução dos problemas logísticos de comunicações e abastecimentos. As finanças do governo de Salazar estão hoje em altura de aguentar o esforço de guerra por alguns anos, embora as despesas militares sejam crescentes e a organização de uma guerra a 8.000 kms de distância exigir grandes investimentos. O ponto mais fraco do exército português é a falta de gente para mobilizar. A população activa de Portugal ultrapassa em pouco mais de um milhão a população activa de Angola e os 60.000 homens de que o exército português poderá dispor em Angola, mesmo tendo em conta a contribuição das milícias dos colonos, não poderá aguentar uma luta generalizada para além de Cuanza (a estratégia actual do exército português quer impedir a infiltração da guerrilha para além do rio Dande, 100 kms a norte do Cuanza). Como meios de acção indirecta para os nacionalistas, apresenta-se a agitação na Península Ibérica, por forma a dispersar as atenções dos exércitos espanhol e português. É necessário além disso denunciar à opinião pública a natureza do Pacto Ibérico e a sua importância na Guerra Colonial.

O prosseguimento normal da luta dos kibuzes, i. e., entre o rio Dande e a fronteira do Congo, apresenta actualmente dificuldades estratégicas que podem facilitar a evolução da guerrilha para a luta em campo aberto com morteiros e flacks. Entretanto, sem estarem assegurados em Léopoldville apoios logísticos consequentes, a luta nesta frente apresentar-se-á difícil. Como solução apresenta-se a necessidade de melhorar rapidamente as nossas relações com os governos central e provincial e com as autoridades locais. Por outro lado a abertura da frente de Cabinda (o nome desta antiga província do nosso reino do Congo é Ngoio) apresenta as vantagens de os meios de contacto a partir do Congo-Brazza serem melhores.

3. O triunfo mais popular da ditadura de Salazar foi de ter livrado Portugal de um déficit crónico e de constantes empréstimos ao Estrangeiro que tinha de contrair para cumprir as suas obrigações. Este objectivo realizou Salazar através do regresso às formas primitivas de exploração colonial do tempo da escravatura – o chamado tráfico triangular – visto que a economia de Portugal não permitia outro tipo de exploração colonial. Assim, pela venda directa dos produtos coloniais ao Estrangeiro, Salazar conseguiu transformar o déficit de Portugal num superavit que se manteve até ao início da guerra de Angola. Com Salazar foi iniciado um novo período de diplomacia portuguesa, em que Portugal não tinha que enfrentar as pressões dos credores, o que lhe permitiu jogar um papel de nação imperialista, que até então lhe estava vedado, apesar do seu imenso império colonial. Desta maneira, Portugal apresenta-se como uma das Nações de mais sólidas finanças, embora o povo continue na miséria, prescindindo da ajuda americana à Europa depois da Guerra e alugando a base dos Açores por uma soma insignificante. A reconstrução da Economia Europeia e a descolonização vieram trazer ao problema dados novos, mas não modificaram a tática de diplomacia salazarista, que se deixa analisar pelos seguintes pontos:

1 – Criar à volta de Portugal e das colónias o que no mundo diplomático é conhecido pelo nome de “Cortina do Silêncio”, que consiste em impedir a entrada de novos investimentos estrangeiros e fechar as fronteiras aos observadores. Os grandes investimentos de capital estrangeiro em Angola, Companhia de Diamantes

e Caminho-de-Ferro de Benguela, datam da época pré-salazarista. Depois da descolonização, vulgarizou-se nos meios imperialistas o lema de que era necessário abrir as portas das antigas colónias ao capital das nações ocidentais, sem discriminação por parte das antigas metrópoles para assegurar a estabilidade do capitalismo internacional e a empresa imperialista do ocidente e impedir a ajuda das nações socialistas. Este princípio, entretanto, não foi aceite por Portugal que continuou a praticar o chauvinismo económico cerrando a “cortina do silêncio”. Só a título excepcional, e depois de longas negociações, é que Salazar permitiu fazer algumas excepções neste aspecto (por exemplo recentemente com o consórcio formado pelas firmas Krupp, alemã, e Hoejgaard und Schultz, dinamarquesa), salvaguardando sempre a presença do capital português, uma participação do Estado e a presença de quadros portugueses. Estas excepções foram feitas em troca de concessões por parte dos governos interessados. Este aspecto é de salientar porque a oposição democrática em Portugal afirma que Salazar “vendeu as colónias ao Estrangeiro”, o que não corresponde à realidade dos factos e porque os capitalistas interessados afirmam exactamente o contrário.

2 – Como consequência da política de isolacionismo, Portugal permitiu-se fazer manobras entre os diferentes grupos, procurando sempre tirar partido das contradições entre as diferentes forças imperialistas. Esta facilidade de movimentos tem sido uma das dores de cabeça das grandes nações imperialistas. Os trunfos da diplomacia portuguesa são resultantes do facto de Portugal não se engajar nunca em nenhuma das forças em presença, tirando partido das contradições entre elas. A história recente está cheia de exemplos dos quais o mais interessante é hoje a aproximação com a França, apesar da rivalidade anglo-francesa e de ser a Inglaterra o mais poderoso aliado e o advogado mais seguro de Portugal. Para isso Salazar tem na mão o trunfo dos activistas franceses da OAS que acolheu no seu território, e que entregará quando ajustar com a França um preço razoável.

3 – A negociação do aluguer da base das Lajes nos Açores tornou-se a terceira determinante da diplomacia salazarista. Por esta base chamada Singapura do Atlântico, passa 80% do tráfico aéreo total entre os Estados Unidos e a Europa. A sua posição estratégica é praticamente insubstituível. Em 1943 concedeu o Governo português, pela primeira vez, a utilização desta base aos ingleses durante a “Batalha do Atlântico” da segunda guerra mundial. Os americanos como amigos dos amigos de Portugal, entraram nos Açores em Outubro de 1943. A seis de Setembro de 1951 foi assinado entre Portugal e os USA o tratado dos Açores, que terminou com o estatuto do tempo de guerra e concedeu aos americanos a utilização da base das Lajes. O tratado foi prolongado em 1957 terminando o novo prazo em fins de 1962. A condição mais interessante para os americanos é que Portugal exigiu pelo aluguer uma soma insignificante. Transformou-se assim os Açores na mais importante base de tráfico americana na Europa. Esta importância estratégica em nada foi afectada pelos recentes progressos técnicos (foguetões e submarinos) e pelo contrário aumentou, visto que Marrocos está disposto a rever a presença de bases americanas no seu território e o prazo do tratado de aluguer destas bases assim como as da Espanha termina em 1963. Salazar conhece bem o valor

do trunfo que tem, e só pela prorrogação do tratado durante as discussões do novo texto, exigiu o pagamento de 80 milhões de dólares pelo aluguer e uma promessa de que o Governo americano não daria auxílio aos nacionalistas angolanos e que teria uma atitude menos activa na ONU relativamente à condenação do colonialismo português. Assim, além de fonte de receita, o tratado dos Açores transformou-se na única defesa de Portugal contra a ONU, uma vez que são de inspiração americana as iniciativas da ONU em África. A diplomacia portuguesa está disposta a empregar este trunfo o tempo necessário até chegar a um “gentlemen’s agreement” que Salazar considere seguro. Todas as outras alianças de Portugal estão presentemente a postos para impedir uma possível perda de paciência da América e defender Portugal contra qualquer ultimatum no que respeita à concessão da base das Lajes.

A cortina de silêncio à volta das colónias, o chauvinismo económico e o trunfo dos Açores são hoje as constantes da diplomacia salazarista, que atravessa actualmente a crise imposta pela luta de libertação. As divergências entre Portugal e a América, por motivo da liquidação do colonialismo, vão agravar-se com o tempo, a medida que as vitórias do nacionalismo angolano se forem tornando decisivas. A revisão do pacto dos Açores e as perspectivas de uma revolução em Portugal por motivo do desequilíbrio social provocado pelo regresso dos colonos, farão com que América procure ganhar tempo, por forma a que se criem condições mais satisfatórias para o aparecimento de uma solução. O conjunto das nações ocidentais não está disposto a apoiar Salazar, uma vez que ele não lhes pode dar nenhuma contra-partida e antes pelo contrário impede a intervenção do capitalismo internacional em Angola. Relativamente aos seus aliados na NATO, a táctica da diplomacia salazarista terá de ser necessariamente de oportunismo, tentando tirar partido de todos os diferendos. A própria aliança com a Inglaterra que se tem mostrado eficaz, perderá grande parte da sua importância quando a federação das Rodésias e Niassalândia ficar definitivamente resolvido, o que se anuncia para breve.

As duas alianças de Portugal fundamentadas em interesses comuns são presentemente o Pacto Ibérico e a “Entente Africaine” assinada com a Federação das Rodésias e do Niassalândia, o Katanga e a União Sul-Africana. A eficácia do Pacto Ibérico depende actualmente das condições internas da Espanha e das exigências a que ela se tem de submeter no plano exterior. A agitação do proletariado espanhol, que não fará que agravar-se e o desengajamento da Igreja são factos recentes que exigem grande vigilância por parte do exército espanhol, impedindo-o que dê ao exército português o reforço de que necessita. Por outro lado, a aproximação que faz Franco desde há três anos relativamente às democracias capitalistas, visando principalmente a entrada da Espanha na NATO e uma maior participação de capitais estrangeiros na industrialização espanhola. Uma das exigências dessa aproximação foi a declaração de anti-colonialismo que em 1960 a Espanha fez na ONU, e que voltou a repetir sucessivamente, dessolidarizando-se do seu aliado ibérico. Outro aspecto, e este mais interessante, é a política de amizade que a Espanha faz actualmente na África do Norte, principalmente em relação ao Marrocos. Em 1962, o ministro de estado de Franco foi enviado em missão especial ao Marrocos, e os temas tratados devem ter incluído as relações de amizade da Espanha com Portugal

e a liquidação do colonialismo. A “Entente Africaine” é actualmente a mais importante aliança de Salazar, uma vez que os seus interesses vitais estão actualmente em África.

A “Entente Africaine” é um pacto secreto feito em princípios de 1962 entre Portugal, a União Sul-Africana e a Federação das Rodésias e Niassalândia e o governo seccionista de Katanga. O seu objectivo principal, consequência da estratégia defensiva do seu mais poderoso participante, a União Sul-Africana, consiste em fazer a defesa do terço de África ao Sul do Sahara contra o nacionalismo que vem do norte. A evolução dos acontecimentos exclui já um dos aliados, o Katanga, pela imposição da sua integração no Congo, e agrupa os outros participantes da forma seguinte:

– Angola e Moçambique, participando através de Portugal, são aliados de ocasião, e em razão da eclosão da guerra colonial, a ajuda que Portugal recebe destina-se a prolongar ao máximo possível a sua resistência ao nacionalismo africano.

– Rodésia do Norte e Niassalândia, participantes através da poderosa minoria branca que se viu constringida a aceitar a participação política dos africanos naquele território. O seu engajamento consiste em não colaborar com os nacionalistas das colónias portuguesas. No Niassalândia, único território onde o problema se apresenta na realidade, os políticos africanos tomaram o compromisso de não permitir no seu território a presença de nacionalistas de Moçambique.

– Rodésia do Sul e União Sul-Africana, os mais importantes aliados. O objectivo que eles desejam alcançar é de não permitir a mínima manifestação do nacionalismo africano ao Sul do rio Zambeze, que foi tomado como fronteira da África Negra. O paralelo dez é considerado como fronteira de segurança, sendo a sua defesa não decisiva. A zona da África ao sul do Zambeze apresenta actualmente todas as características de uma unidade política e económica. O perigo de divisão de Moçambique, que é atravessado pelo rio Zambeze, é evidente uma vez que os portos da Beira e Lourenço Marques são hoje quase que exclusivamente as únicas saídas do cobre da minas do Rand e do ouro de Johannesburgo.

Relativamente aos estados afro-asiáticos, a diplomacia portuguesa a política de apaziguamento, embora não possa evitar confrontações violentas sempre que estejam em discussão problemas coloniais [sic]. Sinais claros desta atitude foram revelados antes da descolonização da África ex-francesa pelas visitas de Sukarno e do imperador da Etiópia a Lisboa. Presentemente sempre que as condições o permitam, Portugal tenta fazer uma política de apaziguamento. No plano da colaboração entre Portugal e os novos Estados de África, o exemplo mais característico é a participação de Portugal na Organização Interafricana do Café. Esta organização tem por finalidade a defesa dos mercados do café africano, perante a concorrência desordenada dos produtores latino-americanos e asiáticos. Esta concorrência verifica-se de forma mais aguda entre os diferentes produtores de café do tipo robusta, empregue na indústria química e no fabrico do chamado café solúvel (por exemplo das marcas Nestlé suíça e Maxwell americana). A cotação deste tipo é feita sobre o café Ambriz, o que por si mostra a importância da exportação angolana no mercado. Em Setembro de 1960, em resultado do fracasso do Acordo de Washington de 1959, o ministro Monet da Costa do Marfim lançou a ideia da criação de uma organização africana de coordenação da produção,

condicionamento e comercialização do café africano, por forma a despertar o interesse do mercado e assegurar ao produto um nível óptimo de preço de venda. O acordo foi assinado a sete de Dezembro de 1960 e Portugal que participara nas reuniões preliminares, foi eleito para a comissão directora da Organização (fonte de informação: “De l’émancipation nationale à la revolution socialiste en Afrique Noire”, “Etude sur les produits de base, 1959” e Relatório do Banco Nacional).

Conclusões: Os reveses da diplomacia salazarista causados pelos efeitos da liquidação do colonialismo, levaram a um diferendo com os Estados Unidos, primeiro importador de Angola. Este diferendo, que foi minimizado pelas negociações do novo tratado dos Açores, levou Portugal a virar-se para os seus aliados naturais, a Espanha e a União Sul-Africana. Por um lado, as exigências da política interior e exterior da ditadura de Franco, e por outro o conceito de defesa da África do Sul que põe o rio Zambeze como fronteira do nacionalismo africano, levarão ao abandono de Portugal. As iniciativas da diplomacia de guerra dos nacionalistas angolanos poderá então ser dirigidas no sentido de uma aproximação com a Rodésia do Norte e para a organização animada por Jomo Keniatta, que reúne os países ainda dependentes da África Central. E no que respeita à Espanha, uma acção junto dos países norte-africanos, em especial de Marrocos, no sentido de denunciar e esclarecer a importância do Pacto Ibérico na Guerra de Angola e a convivência entre Salazar e Franco. Portugal entretanto continuará a manobrar no isolacionismo, não levando entretanto o conflito com a América até a ruptura. A América continua a ser, portanto também do nosso lado, o mais importante e delicado problema da nossa diplomacia, visto que dela vem ajuda para a UPA, nosso inimigo interno, e para Portugal, nosso inimigo externo. No que respeita aos países irmãos de África, principalmente os de expressão francesa, uma acção no sentido de pôr em foco a colaboração de Portugal na Organização Interafricana do Café teria bons efeitos no campo da guerra económica e do boicote a Portugal.

FIM

Apelo de José Belo Chipenda a Armindo Fortes

[policopiado]

2 de Abril de 1963

Caro colega, Armindo Fortes

Chegou ao nosso conhecimento que a menina JOANA SIMÃO, irmã da Sra. D. Ana Simão Neto, precisa de \$180,00 (cento e oitenta dólares) para sair da Embaixada de Venezuela em Portugal e seguir para o estrangeiro.

A colega Joana encontra-se refugiada na Embaixada há cerca de 2 anos. Com a nossa pronta ajuda livra-la-emos das garras de Salazar. O dinheiro que se precisa pode ser

conseguido na sua totalidade se cada um de nós dispensar \$10.00 (dez dólares). Envie a sua contribuição ao Jerónimo de Almeida, Hope College, B-130, Holland, Michigan. O Jerónimo por sua vez enviará as nossas contribuições ao colega Mateus Neto.

Detalhes do processo serão conseguidos depois de completa a operação. Por este mesmo motivo, esta carta circula confidencialmente entre nós.

Do vosso

José Belo Chipenda *[com assinatura]*

514 W 122nd Street; New York 27, N.Y.

Criação do Conselho Disciplinar do MPLA

[dactilografada]

Em reunião do Comité Director de 3 de Abril de 1963, decidiu-se nomear um Conselho Disciplinar constituído da seguinte maneira:

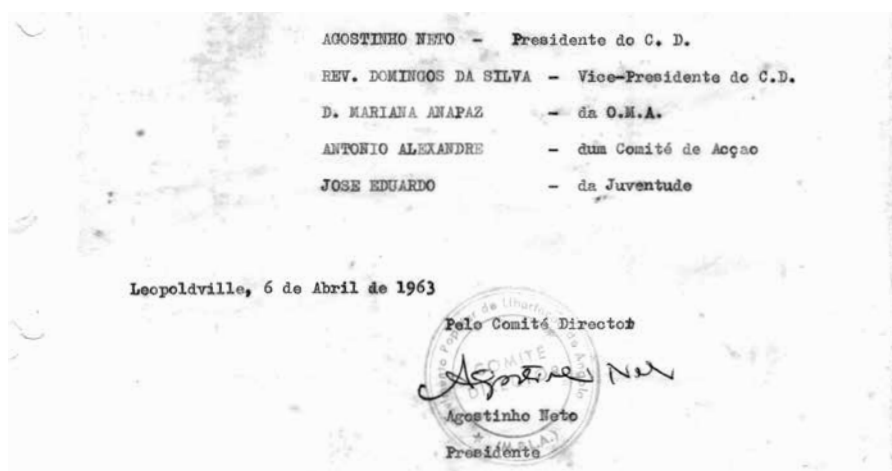
| | | |
|------------------------|---|-----------------------|
| AGOSTINHO NETO | – | Presidente do CD |
| REV. DOMINGOS DA SILVA | – | Vice-Presidente do CD |
| D. MARIANA ANAPAZ | – | da OMA |
| ANTÓNIO ALEXANDRE | – | dum Comité de Acção |
| JOSÉ EDUARDO | – | da Juventude |

Léopoldville, 6 de Abril de 1963

Pelo Comité Director

Agostinho Neto *[com assinatura]*

Presidente



Comunicado do MPLA sobre decisões do Conselho Disciplinar

[dactilografado – 2ª via]

O Conselho disciplinar reunido no dia 4 de Abril corrente, após ter examinado alguns casos apresentados pelo Comité Director, verifica que alguns militantes, não somente resistem à colaboração incondicional nas tarefas urgentes do Movimento, dirigidos no sentido de aumentar o nível da nossa organização e da luta honesta do Povo Angolano contra o colonialismo português, como ainda contribuem activa e injustificadamente, para perturbar o seu funcionamento.

Esses elementos têm agido no sentido de sabotar a actividade do Movimento e provocar o desprestígio da sua Direcção.

O Movimento não pode tolerar que militantes ou grupos de militantes, colaborando consciente ou inconscientemente, com os conhecidos adversários e inimigos da nossa Organização e da nossa Luta, continuem a espalhar boatos, a caluniar, a combater contra a Direcção do Movimento e a tentar provocar a desagregação de alguns sectores da nossa actividade.

A fase actual da nossa luta, exige uma firme coesão dentro do Movimento.

Por isso, os actos de indisciplina serão punidos rigorosamente, com justiça e dentro dos princípios enunciados na I Conferência Nacional, que mandam aplicar a disciplina militar ao longo de todo o Movimento.

O prestígio do Movimento, da Direcção e dos seus dirigentes, será convenientemente defendido.

Assim:

Por motivo de acusações graves, o Conselho Disciplinar resolve suspender imediatamente do Movimento os militantes: MANUEL CUSTÓDIO e LUÍZ MIGUEL, sem prejuízo para o inquérito em curso e até a decisão final a tomar por este Conselho.

A suspensão implica a proibição de permanecer em qualquer local de trabalho do Movimento, a cessação de toda a actividade no Movimento, a cessação de toda a actividade no Movimento, a cessação de todos os privilégios, como o de alimentação e alojamento e quaisquer outros normalmente conferidos aos militantes.

Os militantes referidos acima, devem abandonar a residência do NDOLO, até as 12 horas do dia 6 de Abril corrente.

O PRESIDENTE,

[carimbo do CD do MPLA]

Agostinho Neto *[com assinatura]*

Carta de Viriato da Cruz a Matias Miguéis*[manuscrita]*

Accra, 8.4.63
 [Nota manuscrita: Receb – 16-4-63
 Resp – 17-4-63]

Caro Matias

Saúde!

Encontro-me no Ghana.

Agradeço me informes se podes dar um salto até aqui. Eu pagar-te-ia as passagens aqui.

Agradeço me informes ainda das possibilidades de eu ir até Brazza. Se eu chegar a Brazza, onde te poderei encontrar rapidamente?

Poderás contactar-me, por carta ou telegrama, através do endereço seguinte:

CRUZ Viriato
 C/o Cameron Duodu
 P.O. BOX 1197
 Accra – Ghana

Espero uma resposta urgente porque não me convém estar muitos dias aqui.

O meu abraço

*[assinado por Viriato da Cruz]***Anúncio do Concurso para o Hino do MPLA***[policopiado]**[Endereço do MPLA em Léopoldville]***DEPARTAMENTO DE ORGANIZAÇÃO E QUADROS**

O DEPARTAMENTO DE ORGANIZAÇÃO E QUADROS DO MPLA, DESEJANDO INCENTIVAR A ESCOLHA DO HINO DO MPLA, ESTABELECE UM CONCURSO ENTRE TODOS OS MILITANTES CONHECEDORES DE MÚSICA OS QUAIS DEVERÃO COMPOR UMA CANÇÃO PATRIÓTICA QUE SERÁ EXAMINADA POR UM JÚRI EM DIA XXX DO MÊS DE MAIO A ESTABELEECER.

A LETRA DA CANÇÃO PATRIÓTICA QUE PODERÁ VIR A SER O HINO DO MPLA É ADMITIDA EM QUALQUER DAS LÍNGUAS FALADAS EM ANGOLA.

Léopoldville, 9 de Abril de 1963

Carta de Graça Tavares a Matias Miguéis*[dactilografada]*

Frankfurt/Main, 10.4.63

Meu caro Matias

Saúde e coragem é quanto te desejo.

Não tenho notícias tuas e infelizmente as cartas que te enviei pela caixa postal 22 de Brazzaville me foram devolvidas. Fiz uma tentativa enviar-te as cartas por intermédio do Vieira Lopes, pelo que espero tivesses recebido uma com documentos. Tenho cá muito material mas não o enviarei sem ter a certeza que as coisas te chegam. Tenho em meu poder o comunicado da minha expulsão do movimento, isto pouco me abalou e não acho de grande importância. Brevemente enviarei cópia da minha réplica a esse comunicado. Eu penso em fazer uma divulgação da minha resposta pelas mesmas entidades ligadas ao MPLA. Os estudantes cá encontram-se divididos Tenho recebido notícias do José Domingos. Gostaria [de] saber os teus últimos planos sobre a situação. Eu estou de saúde e continuo a trabalhar, contudo estou às ordens dos acontecimentos lá debaixo.

Aguardo notícias. Junto uma carta do Viriato. Não é nosso desejo perdermos mais tempo com histórias. Parece-me haver já muita coisa para podermos agir.

Aceite abraços do amigo

Graça *[com assinatura]***Comunicado do MPLA transcrevendo Telegramas***[policopiado, em francês]**[Endereço do MPLA em Léopoldville]*Doc. 48/63 *[acrescentado à mão]*

O Dr. Agostinho Neto, Presidente do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) acaba de endereçar ao Secretário-Geral da ONU, ao Presidente do Comité de Descolonização e ao Presidente da República do Senegal, os seguintes telegramas:

SECRETÁRIO-GERAL ONU – NOVA IORQUE

HONRA INFORMAR-LHE APOIAMOS PEDIDO REUNIÃO CONSELHO SEGURANÇA VIOLAÇÃO FRONTEIRA POR AVIÕES PORTUGUESES STOP. RECLAMAMOS EXAME COMPLETO QUESTÃO TERRITÓRIOS DOMINAÇÃO PORTUGUESA NO ESPÍRITO RESOLUÇÃO COMITÉ DESCOLONIZAÇÃO ONU STOP. ELEVADA CONSIDERAÇÃO

PRESIDENTE COMITÉ DESCOLONIZAÇÃO ONU – NOVA IORQUE

RECLAMAMOS VOSSA INTERVENÇÃO PARA EXAME COMPLETO
QUESTÃO TERRITÓRIOS DOMINAÇÃO PORTUGUESA OCASIÃO
PRÓXIMO DEBATE CONSELHO SEGURANÇA STOP. ELEVADA
CONSIDERAÇÃO

PRESIDENTE SENGHOR – DAKAR

HONRA INFORMAR-LHE RECLAMAMOS ONU EXAME COMPLETO
TERRITÓRIOS DOMINAÇÃO PORTUGUESA OCASIÃO PRÓXIMO DEBATE
CONSELHO SEGURANÇA STOP. PEDIMOS SEU APOIO ADOÇÃO
SANÇÕES CONTRA PORTUGAL STOP. ELEVADA CONSIDERAÇÃO

O Departamento de Informação

Léopoldville, 12 de Abril de 1963

Comunicado do CD do MPLA

[policopiado]

[carimbo do CD do MPLA]

[Endereço do MPLA em Léopoldville]

DOC – 49/63

O Comité Director, reunido para apreciar as conclusões do Conselho Disciplinar, relativas aos actos praticados por LUIZ MIGUEL, JOSÉ MIGUEL, MANUEL CUSTÓDIO e TOMAZ DOS SANTOS, decide aprovar com emendas o relatório apresentado.

“A fase actual da nossa luta exige uma firme coesão dentro do Movimento”.

Porém já no período que precedeu imediatamente a I Conferência Nacional e nos tempos subsequentes até esta data, embora em nível decrescente, tem havido actividade fraccionista, anarquicante e anti-revolucionária por parte de certos militantes que pretendem diminuir a todo o custo o prestígio e a dedicação dos dirigentes do Movimento.

A pretensão desse grupo de militantes não considera a necessidade do Povo Angolano, de elevar o nível da sua luta contra o colonialismo português, o seu sacrifício, heroísmo, e lealdade aos princípios da Causa de libertação. Não considera também o facto de ser o nosso Movimento, dentro da diversidade de partidos existentes no nacionalismo angolano, o único capaz de conduzir uma luta verdadeira contra a opressão e contra todas as forças que jogam para manter sob uma ou outra forma, a dominação colonial;

único Movimento que pode preparar as camadas sociais mais exploradas para a direcção dos interesses do País, isto é, para assumir o poder.

O Comité Director actual do MPLA tem-se mantido fiel à linha política traçada na Conferência Nacional e à tática de luta traçada. Durante cerca de quatro meses a organização do Movimento melhorou enormemente a mobilização das massas ao longo da fronteira e no interior do país fez-se em escala sem precedentes. A frente de Cabinda deu melhores perspectivas para a continuidade futura da luta militar em moldes verdadeiramente revolucionários e todo o esforço do Movimento está hoje orientado para o interior.

A atitude fraccionista, de colaboração por vezes, com os adversários e os inimigos da nossa luta e do nosso Movimento tem de ser considerada criminoso. Ela confunde o Povo, ela frena a Revolução, ela destrói a unidade interna do Movimento.

A tolerância conciliadora dos organismos dirigentes, a liberdade de crítica e a democracia interna do nosso Movimento mal interpretados e mal utilizados, facilitaram atitudes arrogantes, insultos, sabotagens e provocações contra o Movimento e seus dirigentes por parte de certos militantes cujos sentimentos de vaidade e inexperiência revolucionária conduziram à sua actividade fraccionista no seio do Movimento.

Uma grande dose de covardia ante a política militar do Movimento (que preconiza o regresso ao nosso País, para junto do Povo, a fim de se fazer a luta de Libertação sob orientação directa daqueles que estão ou venham a estar à cabeça do Movimento) tem provocado também aquelas reacções, lançadas à face dos militantes como cortinas de fumo.

O desvio de fundos do Movimento, a calúnia, o boato, a actividade anti-revolucionária junto dos militantes das fronteiras, a pretensão de provocar a reunião de uma nova Conferência Nacional em que a presente direcção fosse destituída, são as armas que se utilizaram. Agora, o desespero produziu também a violência.

A direcção do Movimento, embora tolerante como tem sido até aqui, não pode permitir que o fraccionismo e a má-fé prejudiquem o prestígio do Movimento, o único Movimento capaz de libertar o nosso Povo. É seu dever evitar o confucionismo, aplicar realmente a disciplina militar em todos os organismos do Movimento e fazer o possível para que nada impeça no seio do Movimento o desenvolver das acções necessárias à elevação do nível da luta e a mobilização do Povo, a educação política dos militantes e do Povo em geral.

Qualquer grupo que pretenda organizar-se dentro do Movimento será desmantelado. Nenhum grupo de “descontentes” pode organizar-se dentro do Movimento.

O direito à crítica deve ser exercido com lealdade e dentro do espírito construtivo que caracterizam a nossa actividade.

Todos os militantes devem cumprir rigorosamente a disciplina do Movimento.

Deve ser revista a situação daqueles militantes que não desejam sujeitar-se à disciplina do Movimento e cumprir as determinações emanadas dos organismos superiores.

Deve exigir-se respeito, disciplina e trabalho. A sinceridade, a lealdade, a coragem e a decisão devem caracterizar o militante do MPLA.

Analisando os actos de indisciplina, verifica-se que:

1º – TOMAZ DOS SANTOS que tem colaborado num departamento, abatido ao efectivo do EPLA e candidato a bolsa de estudo, proferiu em 3 de Abril corrente, no Departamento de Organização e Quadros, a seguinte frase: “Os membros do Comité Director são uma cambada de aldrabões”, por lhe não ter sido assegurada naquele momento pelo chefe do Departamento a data em que a bolsa pretendida lhe seria atribuída.

Além da indisciplina, há desrespeito e insulto.

TOMAZ DOS SANTOS é suspenso de militante do MPLA durante seis meses.

2º – MANUEL CUSTÓDIO, membro responsável, ameaçou de agressão o Chefe do Departamento de Finanças, quando este se recusou a recebê-lo por estar a atender outros camaradas, tendo igualmente ameaçado o soldado do EPLA, em serviço de guarda à Secretaria, camarada Castro. Atendeu-se ao trabalho e à dedicação ao Movimento anteriormente demonstrados por este militante.

MANUEL CUSTÓDIO é suspenso de militante do MPLA durante seis meses.

3º – JOSÉ MIGUEL, ex-membro do Comité Director, é colaborador no Departamento de Assuntos Sociais. No dia 22 de Março, demonstrou a sua hostilidade sistemática contra o Comité Director. Recusou-se sem justificação a prestar testemunho diante do Presidente do Movimento, quando foi especialmente convocado para o fazer. No dia 3 de Abril, constituiu-se co-agressor do camarada JOSÉ PIMENTEL, ao impedir a intervenção daqueles que desejavam acabar com a luta e, mais grave, por ter empurrado JOSÉ PIMENTEL quando este já se encontrava atordoado e ferido, fora da sala deixando-o cair no passeio exterior da residência do N’Dolo, causando outro ferimento num joelho.

JOSÉ MIGUEL é suspenso de militante do MPLA durante doze meses.

4º – LUIZ MIGUEL, agressor de JOSÉ PIMENTEL por perceber nele lealdade em relação à Direcção do Movimento, é suspenso de militante do MPLA por doze meses.

A suspensão implica a proibição de permanecer em qualquer local de trabalho do Movimento, cessação de todos os privilégios, como os de alimentação e alojamento e cessação de toda e qualquer actividade.

Os militantes Tomaz dos Santos, e José Miguel devem abandonar a residência do MOVIMENTO, até as 18 horas do dia 13 de Abril corrente.

PELO COMITÉ DIRECTOR

Agostinho Neto
Presidente

Léo, 12/4/63

Relatório de Miranda Marcelino

[dactilografada – 2ª via]

[Sem data – talvez Março 63]

RELATÓRIO DO TRABALHO DO MPLA

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DR. AGOSTINHO NETO

EXCELENCIA:

Antes de mais nada não posso deixar de identificar-me através deste pequeno relatório.

Chamo-me Miranda Marcelino Domingos, natural de Nambuangongo (Angola), secretário responsável da área de Mazumbo–Nambuangongo, sócio do partido do MPLA desde 1959.

A área de Mazumbo é vasta e é, ao mesmo tempo composta de 10 aldeias, abrangendo 6500 habitantes, aproximadamente. Tais habitantes lutam com esperança de ver um dia Angola livre dos impostores e colonialistas portugueses.

Desde 4 de Fevereiro de 1961, ano em que Angola renasceu, o angolano tem mostrado a sua bravura contra o seu inimigo colonialista português, fazendo todos os sacrifícios patrióticos, embora sem defesa.

Temos admirado bastante o patriotismo que nós angolanos nas matas temos revelado na luta que travamos contra o citado colonialista português em Angola.

Em 1961, abandonámos as aldeias, refugiando-se para os matagais pela falta de defesa para nos defender dos inimigos colonialistas portugueses. O inimigo retoma seu lugar de relevo e massacra frequentemente o angolano até a presente época.

Os aviões (FPA) de bombardeamento assolam diariamente o inocente angolano nas matas.

A tropa continua perseguindo o angolano nas matas, e levando consigo as cabeças dos angolanos, servindo as mesmas, de instrumentos musicais e ridículos aos acampamentos da milícia portuguesa. Os mesmos egoístas portugueses reclamam “Paz” através de panfletos que os seus aviões mensalmente lançam sobre as matas angolanas cumprindo, por assim dizer a Santa Escritura de Jeremias (8:11).

Em todo o caso, porém o angolano persiste diariamente contra o português colonialista, dizendo: “as feras que uivam gritarão umas às outras nos seus palácios vazios; pois bem perto vem chegando o seu tempo e os seus dias não prolongarão” (Isaías, 13:22).

Diariamente destilam lágrimas nos olhos dos destemidos angolanos, em memória dos que têm tombado na defesa da Pátria e dos que morrem pela falta de medicamentos e de assistências médicas.

Os nossos actos de bravura, as provas de sacrifícios que o angolano manifesta nesta guerra mostram claramente que, com o auxílio de Onipotente Deus venceremos.

Pois temos a plena certeza de que a nossa Angola é vasta e valente, e é, ao mesmo tempo impossível ao português derrotá-la por lutarmos na causa justa e humana.

A mortandade infantil tem sido o pão quotidiano para o angolano nas matas, não falando em nudez.

Estamos perdendo diariamente rapazes e raparigas aproveitáveis, debaixo de chuvas torrenciais, levando, por conseguinte, uma vida selvagem, deplorável e primitiva.

Em Fevereiro do corrente ano os colonialistas degolaram na minha aldeia, digo área, três angolanos a saber: Pascoal Meno, Julieta João Menehungo e Gomes João Menehungo, todos do Cage-Nambuanguo (Angola). Tais seres foram encontrados por nós, sem cabeças.

Nos momentos sangrentos os nossos soldados, embora não treinados, têm mostrado grande valentia e bravura contra o português armado, com objectivo de defenderem os pais, os seus irmãos, etc. que estão escondidos nas matas. Os (aviões helicópteros) passam em qualquer lugar ou ponto dos refúgios angolanos, deixando numerosos soldados nas matas.

Eu, Miranda Marcelino Domingos, responsável dos membros do MPLA na área de Mazombo, em Nambuanguo, vim humildemente traçar a V. Ex.^a a grande necessidade daquela área cheia de coragem.

Tal área em trabalho é composta dos seguintes povos: QUIPANGO, CAGE, QUIJOÃO, QUIMANOXI, QUINGONGA-FULA, QUIFUTA, QUIMANA, QUINGUIMBI, CUTO e MAQUEMBO.

Temos travado combate com armas de fumo [*sic*], incendiando, às vezes, veículos portugueses.

COMBATES:

Aos 22 de Outubro de 1961, travámos um combate pelas 10h. de manhã. Vinha um comboio de 8 carros vindo de Cage a Muxaluando. Abrimos o fogo com 20 armas de fumo e duas armas de calibre (12) – caçadeiras; graças ao Criador conseguimos incendiar um carro e aproveitámos, digo apanhámos um branco vivo, que depois de alguns minutos foi morto por querer defender-se.

Aos 20 de Dezembro do mesmo ano ainda tentámos de atacar os mesmos portugueses por quererem entrar nas matas. Atacámo-los liquidando 12 soldados portugueses.

Aos 10 de Janeiro do corrente ano, os portugueses em Nambuanguo tentam de fazer emboscadas, e são atacados pela nossa tropa fortemente.

A pólvora, as munições de caçadeiras calibre 12 têm constituídos grande falta nos acampamentos dos nacionalistas angolanos que lutam pela liberdade.

Semanalmente os soldados portugueses levam angolanos vivos nas matas, a fim destes indicarem os caminhos que vão às matas, e...

Queira Sua Excelência permitir-me falar-lhe verbalmente solicitando a V. Ex.^a de tudo quanto Nambuanguo necessita, porque tenho a plena certeza de que os grandes líderes angolanos que lutam pela liberdade de Angola, com a sede em Léopoldville, irradiam uma luz que reflectem a nós nas matas em Nambuanguo (Angola). Desde 1961, ano em que o senhor João Gonçalves Benedito ausentou-se de mim, tenho exercido todas as funções que ele exercia e tenho servido de angariador de membros do nosso querido e exemplar partido de MPLA.

Vim acompanhado do meu enfermeiro da área juntamente alguma gente a fim de levar pólvora para combates.

Queira Sua Excelência considerar-nos de combatentes do MPLA embora vivendo nas matas.

Pretendo levar um documento importante a fim do povo compreender o nosso partido.

Termino, saudando solenemente Sua Excelência com um ar de superioridade merecida.

Miranda Marcelino Domingos
Secretário responsável em Nambuanguo (Angola)

ANEXO:

Partido de lá no dia 1/3/1963 – e neste mesmo dia os aviões portugueses aleijaram duas crianças da minha área. Ao chegar na fronteira Angola-Congo, escapei ser morto pelos portugueses no dia 16/3/1963. Graças ao Criador e Redentor fiquei salvo depois de três dias perdido pela mata fora sem alimento.

O meu povo de Nambuanguo é composto de 68 aldeias quer dizer, Nambuanguo total.

Todos esses lutam e encontram-se nas matas.

A referida área precisa, aproximadamente, dos seguintes géneros para se defender dos inimigos portugueses:

- 1) – 35 latas de (1 kg) de pólvora
- 2) – 200 balas de caçadeiras, calibre 12
- 3) – 200 “ “ “ “ 16
- 4) – 150 “ “ 375
- 5) – 6 pistolas de mão c/200 balas
- 6) – 1 rádio de 6 pilhas
- 7) – 1 relógio de pulso para o escutador da rádio
- 8) – 1 livro para inscrição dos membros
- 9) – 1 caneta de tinta permanente
- 10) – 2 frascos de tinta
- 11) – 2000 lâminas
- 12) – Fazenda para vestuário das mulheres
- 13) – Fósforos para combater
- 14) – Uma pasta de Arquivo.

O secretário responsável
Miranda Marcelino Domingos
Nambuanguo (Angola)

AN/AK

Discurso de A. Neto ao Seminário da Juventude

[policopiada]

Seminário Nacional da Juventude Angolana

“Para a Independência de Angola”

Léopoldville, República do Congo

13-21 Abril de 1963¹

CONFERÊNCIA DO DR. A. NETO, PRESIDENTE DO MPLA

O DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO DA SITUAÇÃO EM ANGOLA

Em nome dos militantes do Movimento Popular de Libertação de Angola e do seu Comité Director, em nome de todos os que, no interior do nosso País, desejam vivamente que as organizações políticas angolanas encontrem um terreno de entendimento, SAÚDO calorosamente a feliz e importante iniciativa da Assembleia Mundial da Juventude que proporcionou à Juventude Angolana, muitas vezes dispersa, a ocasião de se encontrar neste I Seminário, para procurar em conjunto, a solução para alguns problemas da Luta do nosso Povo.

Ao Povo e ao Governo da República do Congo que acolheu fraternalmente os combatentes angolanos e que possibilitou este encontro em Léopoldville, exprimimos o nosso eterno reconhecimento.

Aos delegados dos Países irmãos, de entre os quais me permito citar o da Argélia, endereço as mais calorosas e emocionadas saudações.

À Juventude Angolana, aqui largamente representada, fazemos neste momento um vibrante apelo para que ponha de lado todos os preconceitos que possam constituir um obstáculo ao prosseguimento de uma via sólida de cooperação e para que ela consiga estabelecer, com determinação, as bases concretas que a tornam possível.

Os objectos deste I Seminário Nacional da Juventude Angolana, não podem ser senão os contidos na linha política traçada pelo Movimento Popular de Libertação de Angola e que se traduzem no estabelecimento duma plataforma de entendimento capaz de conduzir à unidade política.

O longo sofrimento do nosso Povo o exige e a Juventude Angolana deve tomar em suas mãos a responsabilidade que lhe compete.

Nós temos dito repetidas vezes, que no quadro do colonialismo português, nada havia já a reivindicar, mas tudo a destruir.

A história da situação em Angola desde a instalação do poder fascista em Portugal, traduz-se precisamente por uma sequência de acções de carácter político e militar, praticadas por um aparelho opressivo que não deixa lugar a qualquer jogo legalista.

Para o Povo Angolano, a acção clandestina significa a retomada duma longa luta que o opõe à dominação portuguesa.

Desde a época da penetração portuguesa, a nossa história é fértil em feitos de resistência. A lista de heróis angolanos eleva o prestígio de todos os mártires que cobrem de glória as páginas da história da África.

Seja Rainha Ginga, sejam os combatentes anónimos dos povos dos Dembos, que frustraram 15 expedições portuguesas sucessivas no começo deste século, o que é certo é que importantes movimentos de carácter insurreccional preenchem um longo período da nossa história, praticamente desde o século XV até 1922.

Nessa época, a intensidade de fervor nacionalista, afrontava com sucesso o poder militar dos colonialistas portugueses. No decorrer dos primeiros anos de ocupação administrativa do nosso País, que se acompanhou da realização prática da dominação directa, várias revoltas armadas eclodiram aqui e ali.

Para combater a expropriação de terras e bens, a imposição do imposto de soberania e o sistema de trabalho forçado, houve toda uma geração que utilizou as últimas armas legais – a imprensa e as associações regionais.

Os nossos pais fizeram face a uma situação extremamente difícil, porque [com] a subida ao Poder do ditador Salazar, era necessário encontrar outros métodos e outros meios de defesa.

Em 1929 esta geração, que tinha animado as organizações legais, encontrou-se numa encruzilhada. Já o germe da divisão se instalou no seio das associações africanas. No conflito entre os partidários de reivindicações legalistas e os partidários da actividade política ligada às massas, os últimos saíram em maioria, abrindo assim uma nova era no combate contra o colonialismo português.

É a juventude angolana dos anos de após guerra quem reanima a chama da secular resistência nacional e abre caminhos novos que vão projectar o problema angolano, tanto no plano nacional como no plano internacional. Pelas actividades culturais, com um conteúdo nacionalista, pela criação de grupos políticos clandestinos, esta geração abre a primeira frente moderna da luta contra o obscurantismo colonial.

É em 1953, como é de conhecimento geral, que nasce o primeiro partido angolano estruturado – o PLUA (Partido de Luta Unida dos Africanos de Angola).

O terror policial, o controle dos portugueses sobre todos os sectores da vida económica e social do País, presença massiva de colonos, numa palavra, a arbitrariedade colonialista, tudo isto tornou necessária a formação dum vasto agrupamento de todas as forças nacionalistas angolanas.

Estas considerações inspiradas pelo exame da nossa situação particular, assim como pela evolução da conjuntura africana, levaram os dirigentes do PLUA e outras organizações a fundar em Dezembro de 1956, o MPLA.

Aliás, a administração colonial portuguesa compreendeu bem cedo [o] perigo de tal Movimento Unitário que correspondia no País às palavras de ordem da luta revolucionária, através de uma frente única, de todas as forças nacionais.

Foi assim que no início de 1957, a PIDE foi instalada na Colónia e se organizou a caça a todos os nacionalistas angolanos.

A todas as manifestações políticas levadas a cabo pelos nacionalistas na clandestinidade, a toda a agitação perceptível pelos panfletos que circulavam no País, a Pide respondia por métodos conhecidos, com a prisão e com a liquidação física. Raros ecos desta situação chegavam mesmo à ONU.

¹ Organizado pela WAY (Assembleia Mundial da Juventude). Nos documentos seguintes, referiremos apenas “Seminário da Juventude Angolana”.

Era necessário apoiar a luta difícil que conduziam os nacionalistas do interior do País, pela organização duma rede nacionalista exterior.

Aí ainda, o nosso Movimento, de acordo com as organizações nacionalistas da Guiné e Cabo Verde, de S. Tomé e de Moçambique, compreendeu imediatamente a importância da organização duma frente contra o inimigo comum.

Em 1959 as cidades como Luanda assemelhavam-se a campos de tiro.

A intimidação espectacular organizada pelas Forças Armadas davam nesse momento, a indicação precisa ao regime de Salazar, de que o colonialismo português procurava pretexto para esmagar a insurreição popular e desencadear uma guerra de extermínio contra o Povo Angolano.

Toda a orientação da política colonial portuguesa, não tinha senão um objectivo: desenvolver uma forte armadura militar, pronta a intervir à menor manifestação popular.

Contudo, nas declarações públicas para uso no exterior, o Governo português fazia acreditar que em Angola tudo corria normalmente.

Sucederam-se os encarceramentos até a preparação de um processo político, o processo dos 50, que por si só trouxe o desmentido formal e categórico às alegações portuguesas segundo as quais os sentimentos da Independência Nacional eram estranhos à população angolana.

Como reacção ao apoio que os Movimentos nacionalistas encontravam junto dos países africanos independentes, no decurso do ano de 1960, os colonialistas portugueses não puderam senão reforçar a vigilância das suas colónias, muito particularmente as fronteiras de Angola.

Praticamente nenhum nacionalista angolano notório ficou em liberdade após a proclamação da Independência da República do Congo.

Então, para fazer face à repressão e afirmar o direito do Povo Angolano à Independência, as massas¹ populares não tiveram senão uma saída: a organização da auto-defesa activa.

Em 6 de Dezembro de 1960, nós fomos, com o Partido Africano da Independência da Guiné e de Cabo Verde e a Convenção Política de Goa, os primeiros a proclamar o recurso à acção directa contra o colonialismo português. Militantes do MPLA vão fazer existir o problema angolano, em 4 de Fevereiro de 1961, pelos ataques às prisões de militares e civis de Luanda. Esta data inaugura incontestavelmente a primeira fase da luta armada contra o colonialismo português.

O resto é do domínio da actualidade vivida. No interior, a situação actual caracteriza-se pelo melhoramento técnico da guerra de guerrilha, pelo enquadramento político dos militares, enquanto o Governo português procura activamente e desesperadamente a colaboração de alguns traidores, através da modificação das suas leis coloniais.

Estamos na segunda fase da nossa luta, a fase revolucionária, que deve necessariamente chegar àquela que triunfará sobre o colonialismo português, através de uma solução política baseada em condições já por nós expostas:

– o reconhecimento do direito do Povo angolano à autodeterminação e à Independência;

¹ No texto vem, por engano “as mesmas populares”.

- a libertação de todos os prisioneiros políticos;
- a retirada de todas as forças armadas para as suas bases de origem;
- a garantia de eleições livres para a criação de um órgão legislativo;
- o estabelecimento duma data que marque o fim da dominação colonial.

A cooperação com um Governo que recusa conformar-se com as resoluções da ONU e que desenvolve uma guerra de extermínio, é absurda.

O Comité de Descolonização da ONU fez ultimamente uma experiência elucidativa.

No estádio actual do desenvolvimento da nossa luta, a persistente obstinação portuguesa só pode conduzir a uma solução por parte da Organização Internacional: É o recurso às cláusulas da Carta que convida os Países membros a realizar o boicote dum País como Portugal.

Dissemos atrás que a Juventude de Angola deve desempenhar um papel primordial na nossa Luta de Libertação.

Em todos os tempos e momentos, ela esteve à testa das organizações clandestinas cuja acção desencadeou a vaga libertadora que fez estremecer Angola inteira.

Não foram apenas os panfletos de todo o género, espalhados em todas as cidades, em todas as vilas e sanzalas, em todos os cantos, apelando à organização para a resistência, denunciando os crimes das autoridades colonialistas.

Não foram apenas os pequenos jornais, os movimentos literários e os grupos folclóricos que por todos os meios levavam ao coração de cada angolano uma palavra de ordem de combate, uma mensagem entusiástica de fé no futuro.

Foram também e têm sido sempre as organizações clandestinas, furiosamente procuradas pelos colonialistas, que não ignoram que destas organizações saem consciências novas mobilizadas para a Revolução. Os milhares de professores assassinados pelos nossos carrascos no início da luta armada, fornecem a prova.

As actividades desportivas em que [a] Juventude angolana soube organizar-se e aproveitar todas as ocasiões para, por toda a parte, desenvolver o élan revolucionário do nosso Povo e para incutir palavras de ordem da Revolução.

Em todos estes domínios, a Juventude esteve e está sempre presente.

E quando, finalmente, o nosso Povo tomou as armas nas mãos par dar o golpe final ao inimigo, foi ainda à Juventude que se incumbiu a mais larga participação.

A insurreição de 4 de Fevereiro em Luanda, que atingiu logo a seguir a Baixa de Cassange e todo o Norte de Angola teve a mais larga contribuição da Juventude.

Hoje, pode-se verificar que na direcção das organizações políticas angolanas, a Juventude desempenha um papel primordial.

É ela quem, do Norte ao Sul de Angola, continua a organizar a resistência em todos os domínios. É ela quem, ao longo das fronteiras, mantém o estado de alerta permanente do exército colonialista que, apesar da força continua incapaz de dominar a situação e perde constantemente o moral.

É sempre a Juventude quem, suscitando a solidariedade internacional, conseguiu fazer deslocar para países amigos centenas de jovens angolanos que aí recebem uma formação que lhes permitirá transformar-se rapidamente nos quadros do nosso país, quando for independente.

Nesse capítulo também, o nosso Povo confia inteiramente na sua Juventude.

Hoje, ei-la reunida, a Juventude Angolana, consciente do seu peso, das suas responsabilidades. Estamos certos de que não trairá as esperanças do Povo Angolano.

É certo que as dificuldades internas entravam ainda a nossa luta de libertação nacional, entre as quais a multiplicidade das formações políticas, agindo separadamente umas das outras. O MPLA, por seu lado, nunca cessou de estigmatizar este perigo que compromete as possibilidades de um triunfo rápido sobre o colonialismo português.

É necessário recordar aqui as numerosas iniciativas tomadas neste aspecto – apelos aos partidos nacionalistas angolanos, recurso aos bons ofícios dos Chefes de Estado Africanos?

O Comité Director do MPLA pensa que a Juventude angolana deve caminhar sobre a via da Unidade. Seminários deste género constituem uma excelente ocasião para o debate sobre o presente e o futuro da situação do nosso País; elaborar planos de conjunto, e chegar a uma unidade de objectivos. Cremos firmemente que vos será possível chegar a uma unidade de acção revolucionária desde que vos entenderdes sobre os objectivos da nossa luta, para o imediato – a Independência nacional de Angola.

Uma plataforma de acção? Ela encontra-se perfeitamente no compromisso da Juventude na luta político-militar, que proclamam as nossas diversas organizações nacionais. Alianças orgânicas deveriam resultar naturalmente, porquanto os factos que dominam a nossa vida comum, tanto nos planos político e militar como no plano social, se impõem ao conjunto do Povo Angolano. Num País como o nosso, em que existe grande carência de quadros, seria irresponsável, mesmo criminoso, não ajudar os jovens a encontrar uma plataforma para a unidade de acção. Quando o Povo Angolano persegue um só objectivo – a Independência nacional – é nosso dever organizar-nos num só élan revolucionário que permita atingir o mais cedo possível a libertação da nossa Pátria. Nós convidamos-vos a mobilizar em torno deste slogan:

PARA UM SÓ OBJECTIVO, UM SÓ PROGRAMA DE ACÇÃO IMEDIATA.

“A luta contra o colonialismo português faz a unanimidade da África independente”, declaramos nós muitas vezes. Mas esta luta não será um potente factor da unidade africana senão quando os movimentos nacionalistas angolanos tiverem realizado a inevitável FRENTE DE LIBERTAÇÃO NACIONAL. Estamos condenados a unir-nos. Não se pode pretender libertar Angola, contando exclusivamente com o seu partido, a sua região, ou a sua tribo, ou mesmo com os seus aliados do exterior... A unidade é tarefa imediata de todos os angolanos, sejam eles quem forem, onde quer [que] eles se encontrem. A nossa contribuição para a reabilitação do continente africano e para a elaboração dum novo humanismo está também incluída na condição prévia da nossa unidade nacional.

As nossas opções fundamentais e actuais são bem conhecidas:

- A satisfação das reivindicações das massas populares;
- O não exclusivismo de uma camada social na Revolução. É da aliança de todas as forças nacionalistas que depende o futuro de Angola independente.
- Condenação formal do tribalismo, do regionalismo, do sectarismo, da intolerância racial e religiosa.
- Salvaguarda da unidade nacional e da integridade territorial do nosso País nas suas fronteiras actuais.

A parte da Juventude no nosso Programa de acção imediata adoptado na Primeira Conferência Nacional é de natureza a fazer dos nossos quadros, o factor de aceleração e o polo de atracção revolucionária das massas. Fiéis às nossas opções fundamentais que se traduzem simplesmente pela satisfação das aspirações das camadas sociais que sofrem mais directamente a exploração colonial em Angola, temos assim definido o papel da JMPLA na luta de libertação nacional:

- Transformar-se num dos motores do entendimento e da unidade entre os angolanos, pelo reforço dos laços da união com as juventudes dos partidos.
- Desenvolver a doutrina e a luta revolucionária do Movimento.
- Participar no recrutamento dos quadros.
- Tomar a seu cargo a revalorização e a divulgação da cultura nacional.

Eis como o MPLA concebe o desenvolvimento histórico da nossa situação e o contexto dentro do qual situamos o Seminário. Vós sois as forças do futuro. Vós estais mais ligados à necessidade vital de libertar a nossa pátria comum do que aos objectivos estreitos dum partido. As massas angolanas esperam de vós, que vos empenhais totalmente na luta de libertação.

Estou certo de que não faltareis aos vossos deveres revolucionários de contribuir com todas as vossas forças, no decorrer desta semana, para uma melhor compreensão entre vós e descobrir as vias que devem levar necessariamente à nossa unidade nacional.

VIVA ANGOLA

VIVA A JUVENTUDE ANGOLANA

PARA UM SÓ OBJECTIVO, UM SÓ PROGRAMA DE ACÇÃO IMEDIATA

Dia, 14 de Abril de 1963

Saudação da JMPLA ao Seminário da Juventude

[policopiada, em francês]

“Seminário Nacional da Juventude Angolana”

SAUDAÇÃO DA JUVENTUDE DO MOVIMENTO POPULAR DE
LIBERTAÇÃO DE ANGOLA

Excelências,

Caras Irmãs, Caros Irmãos,

O campo da solidariedade e o apoio à nossa luta alargam-se consideravelmente. Isso deixa-nos felizes e ao mesmo tempo torna-nos mais conscientes das nossas responsabilidades face ao nosso povo e a todos os que se solidarizam connosco.

Por ocasião deste primeiro Seminário da Juventude Angolana, a Juventude do Movimento Popular de Libertação de Angola felicita sinceramente esta iniciativa

da WAY (Assembleia Mundial da Juventude) que, não se contentando apenas em acompanhar a evolução do problema angolano, não poupou esforços para conseguir realizar este Seminário. Para a WAY, por esta nova prova de cooperação com a nossa luta, os nossos sinceros agradecimentos.

Em nome da JMPLA saúdo Sua Excelência o Senhor Ministro e na sua pessoa, o Povo e o Movimento da República do Congo, cuja hospitalidade nos é muito preciosa. Endereçamos também calorosas saudações a todos os delegados que vieram de muito longe para dar um sentido mais profundo a este Seminário. Também não nos esquecemos de fazer uma menção especial ao Conselho Nacional da Juventude Congoleza pela prontidão com que colaborou com a WAY. Formulamos votos sinceros para que a Juventude deste país se mobilize no interior do seu Conselho Nacional numa solidariedade total e operante para com a nossa Causa.

O sucesso do Seminário depende de nós, dos nossos esforços para nos situarmos nas realidades angolanas, dos nossos esforços para encontrarmos soluções que correspondam às mais legítimas aspirações do nosso Povo. Será a única forma de agir, no respeito e na dignificação desses sacrifícios heróicos.

É preciso que sejamos aqui sinceros, corajosos e compreensivos. Sinceridade no que se refere à verdade. A verdade revolucionária é uma só.

É preciso sermos corajosos para o diálogo franco e aberto. O diálogo procurando essa única verdade revolucionária só poderá se estabelecer com bons resultados se nos lançarmos, de coração aberto, na análise dos nossos problemas e da grandeza dos sacrifícios já realizados, sem perder a noção dos sacrifícios que nos esperam.

É preciso que sejamos compreensivos para que, sem abdicar da energia e das exigências revolucionárias, saibamos ser construtivamente conciliadores.

Esperamos que a juventude angolana aqui amplamente representada não traia nunca as responsabilidades que lhe cabem e encare o presente e o futuro com realismo.

Nós, jovens do MPLA, fazemos um apelo solene para que a Juventude angolana, pronta para lutar até ao último fôlego, possa contribuir com o seu sacrifício para a abertura do grande diálogo angolano na procura da única verdade revolucionária:

– A UNIDADE SÓLIDA, SINCERA E DESINTERESSADA –

Discurso do Delegado da JDA ao Seminário da Juventude

[policopiado]

“Seminário Nacional da Juventude Angolana”

WAY – 66, rue Saint Bernard – Bruxelles 6 – Belgique

Ex.^{mo} Sr. Presidente, Distintos delegados,
Meus Senhores

Em nome da Juventude Democrata de Angola “JDA” tenho por dever aqui agradecer a WAY, por, resolutamente, ter tomado posição no caso de Angola pretendendo inclinar-se sobre os diversos problemas encarados pela luta do Povo Angolano para a sua Independência.

Os Seminários por ela organizados, ontem na Dinamarca em Aarhus, hoje aqui em Léopoldville, soa testemunha do seu desejo de encontrar soluções satisfatórias para estes problemas que precisamente nos dizem respeito.

Mas para procurar estas soluções a WAY – Assembleia Mundial da Juventude não poderia fazer melhor do que reunir os movimentos das Juventudes Angolanas ao redor de uma mesa redonda, onde os jovens responsáveis farão oporem-se as concepções por si tidas sobre a realidade Angolana, para delas se tirem conclusões úteis ao Povo Angolano.

Fazendo apelo à Juventude Angolana, a WAY quer demonstrar uma vez mais a fé que atribui à Juventude e ao papel a que ela é chamada a desempenhar na busca de soluções para os problemas que interessam os Povos.

Foi consciente deste papel que [a] Juventude Democrática de Angola, que tenho a honra de representar aqui, respondeu a esse apelo para tomar parte activa, com as outras Juventudes irmãs, nos trabalhos do Seminário que hoje se abre, e que nos reúne a todos aqui.

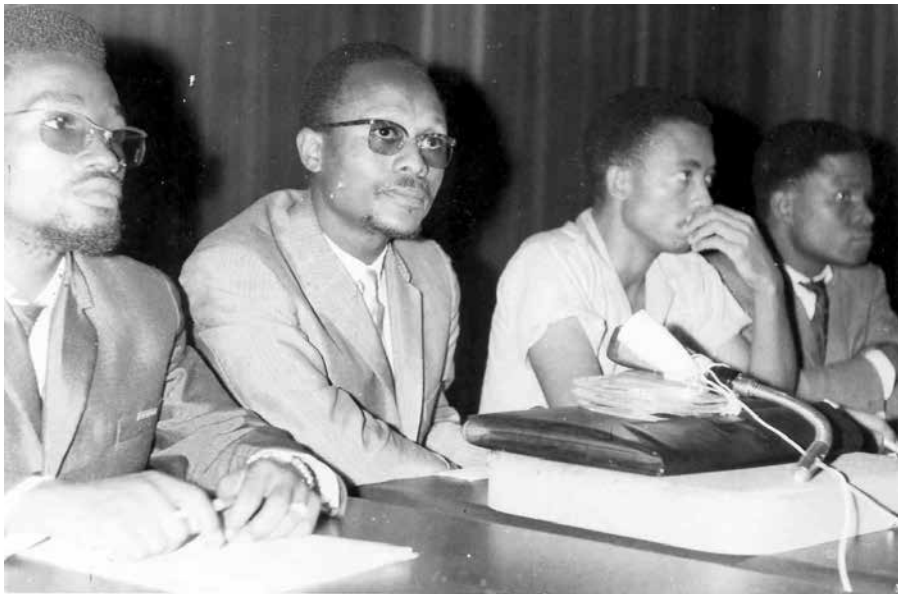
No decorrer destes trabalhos a nossa primordial preocupação será de ver onde se encontra o interesse geral de Angola, que se deve sobrepor aos interesses individuais e divergentes. Quanto a nós, onde se encontrar o interesse de Angola encontrar-se-á também o nosso.

Os movimentos da Juventude aqui presentes conhecem aliás a nossa preocupação de encontrar com eles um denominador comum, e isso por ter trabalhado hoje com a JUPA na JFNLA, e ontem com a JMPLA em Assembleia Democrática da Juventude Angolana que infelizmente não sobreviveu junto a nós pelo facto do MPLA se opor à FNLA.

Tendo sido exposta tão claramente a nossa intenção, será inútil sublinhar que o nosso voto mais ardente é de vermos emanadas as sábias resoluções deste Seminário onde se confrontam as nossas três Juventudes.

Eis Sr. Presidente o que a JDA tinha a declarar.

ALOCUÇÃO PRONUNCIADA PELO CAMARADA DELEGADO DA JUVENTUDE DEMOCRÁTICA DE ANGOLA, DURANTE A SESSÃO DE ABERTURA, MSIMBA ALPHONSE.



Sumba (Psdt JDA), Holden Roberto (UPA), Nicolau Gomes Spencer (MPLA), Vumi Georges (Secretário da WAY) durante o Seminário

Discurso do Delegado do MPLA ao Seminário da Juventude

[policopiado]

“Seminário Nacional da Juventude Angolana”

[Endereço da WAY idêntico ao do documento anterior]

Alarga-se consideravelmente o campo da solidariedade e apoio à nossa luta. Se isto nos alegra, sabemos que se tornam mais pesadas as nossas responsabilidades diante do Povo Angolano e de todos quantos se solidarizaram connosco.

Por ocasião deste primeiro Seminário da Juventude Angolana, a Juventude do MOVIMENTO POPULAR DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA felicita sinceramente esta iniciativa da WAY que, não contente só em acompanhar a evolução do problema angolano, não poupou esforços para a realização deste Seminário. À WAY, por mais esta prova em favor da nossa Causa, o nosso muito obrigado.

A Juventude do MPLA saúda Sua Excia o Sr. Ministro e, na sua pessoa o Governo e o Povo da República do Congo cuja hospitalidade sensibiliza cada um de nós. Os mesmos sentimentos para todos os delegados que de longe vieram oferecer o seu esforço para brilho deste Seminário. Igualmente não deixaremos de mencionar de modo especial o Conselho Nacional da Juventude congoleza pela maneira pronta como colaborou com

a WAY. Formulamos votos para que toda a Juventude deste país se mobilize através do seu Conselho Nacional numa solidariedade total e operante pela nossa Causa.

O êxito deste Seminário depende de nós com a condição de nos esforçarmos que ele seja a discussão das realidades Angolanas, para o encontro de soluções que correspondam às aspirações mais legítimas do nosso Povo. Só desse modo a Juventude Angolana dignificará e respeitará os seus heróicos sacrifícios.

A única coisa exigida de cada um de nós é a sinceridade, a coragem e a compreensão.

Sinceridade com respeito à verdade. A verdade revolucionária é só uma:

Coragem para o diálogo aberto e franco. O diálogo para a busca dessa única Verdade revolucionária só se estabelecerá com bons resultados se nos lançarmos de coração aberto na análise da realidade dos nossos problemas e da grandeza dos sacrifícios já feitos sem perder a noção dos sacrifícios que nos esperam.

Coragem pois, para o ataque a partir de posições justas.

Compreensão para que, embora revolucionariamente enérgicos e exigentes, saibamos ser construtivamente conciliatórios.

Esperamos que a Juventude Angolana aqui largamente representada, não atraíçoe as responsabilidades e encare o presente e o futuro com realismo.

Nós, os Jovens do MPLA, apelamos para que a Juventude Angolana, pronta a lutar até ao último alento, contribua com o seu sacrifício para a abertura do grande diálogo angolano em busca da única verdade revolucionária:

– A UNIDADE SÓLIDA, SINCERA E DESINTERESSADA.

DISCURSO PRONUNCIADO DURANTE A SESSÃO DE ABERTURA DO SEMINÁRIO, PELO CAMARADA, NICOLAU SPENCER, DE[LE]GADO PELO MPLA

Comunicado do MPLA sobre a política colonial

[policopiado, em francês]

[Endereço do MPLA em Léopoldville]

O MPLA E O REFORMISMO COLONIAL

Durante um encontro realizado em Léopoldville a 24 de Março último, dirigentes de um certo grupo, chamado “Movimento de defesa dos interesses de Angola” (MDIA), de regresso de uma viagem a Lisboa, declararam que tinham concluído acordos com o Governo Português sobre a solução política do problema angolano.

Segundo esses dirigentes, os acordos estabeleceriam nomeadamente:

– eleições gerais em todo o território angolano, com vista a formar um Conselho legislativo;

– a criação de um Governo local angolano.

Os dirigentes do MDIA anunciaram ainda que estavam em curso conversações sobre o regresso dos refugiados angolanos e que o Presidente do Conselho português faria muito brevemente uma declaração reconhecendo oficialmente o direito do povo angolano à autodeterminação e à independência.

Os representantes do MDIA fizeram apelo ao bom senso dos líderes nacionalistas angolanos para que regressassem a Angola. No entanto, essas declarações foram consideradas sem fundamento pelas autoridades portuguesas que desmentiram a realização de conversações entre os representantes do MDIA e os membros do Governo português. Contudo, constata-se que apesar dos desmentidos das autoridades portuguesas, a gravidade e a natureza das afirmações dos dirigentes do MDIA foram de molde a desorientar uma parte importante tanto da opinião pública angolana mal informada como de alguns meios políticos estrangeiros.

O MPLA, movimento nacionalista que marcha na vanguarda da luta pela liquidação total do colonialismo português em Angola, decide conseqüentemente prevenir que tais afirmações, para além da sua proveniência duvidosa, constituem uma clara tentativa de desacreditar a luta heróica do povo angolano.

Mas em que ponto se encontra a política colonial portuguesa?

Neste momento, o Governo português esforça-se para fazer crer que o projecto de revisão da “Lei Orgânica do Ultramar”, que estabelece o modo de eleição dos membros do Conselho Legislativo, visa a participação da população autóctone na administração dos seus próprios interesses. Ele não atinge esse falso objectivo porque o direito de voto está reservado exclusivamente aos indivíduos que sabem ler e escrever português e que pagam pelo menos cinquenta novos francos (50F) de imposto anual.

Tendo em conta que apenas uma ínfima minoria de Angolanos pode preencher tais condições, é preciso concluir que os membros do Conselho Legislativo apenas se representarão a si próprios.

Assim, as modificações previstas não implicam qualquer autonomia, contrariamente ao que quer fazer crer o MDIA. O projecto de reforma da “Lei Orgânica do Ultramar” estabelece que a competência do Conselho Legislativo apenas tem como limite as competências da Assembleia Nacional, do Governo Central e do Ministério do Ultramar, podendo este último dissolver o Conselho Legislativo em nome do “interesse nacional”.

Os membros do Conselho podem apresentar projectos de lei, desde que não causem o aumento das despesas ou a diminuição dos rendimentos.

Noutros termos, pode-se concluir que, não satisfeitos com as limitações estabelecidas e a possibilidade reservada às autoridades coloniais de dissolver o conselho quando bem o entenderem, o projecto exclui de antemão qualquer interpretação bem intencionada, deixando bem claro que toda a reforma social ou política de grande alcance é impossível porque implicaria a mobilização de largos capitais.

A opinião da Câmara Corporativa sobre o dito projecto não é menos explícita quando diz: “Não que não existam pessoas que sugerem novas orientações, novas vias... os que falam da autonomia progressiva que resultaria na plena soberania de vários territórios do Ultramar. No que diz respeito ao Ultramar Português, eles não consideram nem a diversidade dos casos e das situações, nem a carência de recursos humanos e

materiais para que essa independência se consolide, para que ela não seja puramente formal, nem a necessidade fundamental, que tarde ou cedo seria reconhecida, de não deixar cair os territórios que, no caso de uma outra guerra, seriam indispensáveis no plano estratégico e no plano económico, entregando-os às forças neutralistas ou francamente hostis ao Ocidente”.

Para a Câmara Corporativa portuguesa, a autonomia dos territórios sob dominação colonial é “impossível” e “inconveniente”.

Impossível, na medida em que, ao que parece, os povos colonizados não estão preparados e nunca o estarão. Inconveniente por ser contrária aos interesses económicos e estratégicos de Portugal e dos países do Ocidente.

Com a mesma opinião, pode-se ler também a seguinte afirmação: “A metrópole sempre soube servir a grande, a nobre, a alta ideia de unidade da Nação. Apresentando este projecto de lei, o governo procurou uma vez mais servir esta ideia.”

É evidente que o Governo português não está em condições de conceder a autonomia a Angola, amarrado como está a uma concepção política anacrónica baseada numa economia de rapina de que são vítimas os territórios coloniais.

Cada vez mais isolado no plano internacional, abandonado pelos seus aliados tradicionais e sofrendo pressões cada vez maiores por parte dos seus associados na exploração das riquezas de Angola, o governo de Salazar pretende dessa forma iludir a opinião internacional e em particular a ONU. Evidentemente, essas reformas coloniais portuguesas, introduzidas para manter a exploração e a dominação colonial em Angola, vão contra as resoluções da ONU e nomeadamente da resolução 1542 (XV).

Com a sua política de reformas, o governo português procura desarmar o povo angolano do seu ardor combativo e condenar a actividade de todo o movimento que lute realmente pela satisfação das suas aspirações.

Isto não acontecerá com o MPLA que está vigilante em relação ao verdadeiro sentido dessas manobras.

Desde a primeira Conferência Nacional, o MPLA desenvolve uma actividade cada vez mais vasta e mais positiva na defesa das aspirações do povo heróico de Angola.

Denunciou, perante os Comitês Especiais da ONU, as manobras colonialistas portuguesas e fez parte de todas as conferências interafricanas e internacionais onde se estruturam as bases para a liquidação completa da dominação colonial portuguesa.

Através da criação de comitês de apoio em vários países de África, da Europa e da América, o MPLA mobilizou toda a opinião desses países a favor da luta pela independência de Angola.

O MPLA, com a preocupação de um melhor enquadramento político das massas trabalhadoras que sofrem mais directamente a dominação e a repressão colonial portuguesa, criou em Léopoldville uma Escola de Quadros onde se formam jovens nacionalistas, que no interior de Angola, nas fronteiras e nos comitês de acção no Congo, orientam o povo na luta contra o colonialismo português.

Para levar a bom termo a guerra imposta ao povo angolano, o Exército Popular de Libertação de Angola (EPLA), braço armado do MPLA, realiza o aperfeiçoamento técnico do seu aparelho militar. Entre as medidas introduzidas para esse efeito, contam-se

a adaptação do seu corpo militar às condições apresentadas pela guerra revolucionária do nosso país e a formação de um comando operacional encarregue de executar as acções militares. O potencial militar do EPLA aumenta constantemente com o alistamento de um elevado número de jovens nacionalistas e com o seu equipamento em armas automáticas das mais modernas para assegurar uma maior mobilidade e eficácia.

As populações solidarizam-se com os nossos objectivos e apoiam activamente o EPLA. Essa confiança é justificada pela instalação de um mecanismo de defesa das populações, abandonadas às vezes ao genocídio perpetrado pelas forças militares do fascismo português. É nesse quadro que se devem situar as acções da Frente de Cabinda, que constituem não só uma prova da capacidade técnica do EPLA – mas também do apoio incondicional do povo à nossa causa.

A guerra continuará contra o colonialismo fascista português e só terminará com a obtenção da independência e da liberdade.

O MPLA, face às pseudo reformas do governo de Salazar, reafirma solenemente que lutará pela realização das condições mínimas para encetar negociações com o governo português e que são nomeadamente as seguintes:

- reconhecimento do direito de Angola à autodeterminação e à independência;
- libertação dos presos políticos;
- retirada de todas as forças armadas portuguesas para as suas bases de origem;
- a garantia de eleições livres com a criação de um órgão legislativo do povo angolano;
- estabelecimento de um prazo que marque o fim da dominação portuguesa no país.

Em conclusão, o governo fascista de Salazar não poderá respeitar o espírito da resolução 1542 (XV) das Nações Unidas, na medida em que os territórios coloniais, e nomeadamente Angola, constituem uma das bases de sobrevivência do regime.

O MOVIMENTO POPULAR DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA, ao esclarecer a opinião internacional sobre o espírito de mistificação que caracteriza a política reformista portuguesa, alerta o povo angolano, incitando-o a resistir às manobras das autoridades coloniais portuguesas.

Pois a independência nunca será um presente do governo português mas o fruto de uma conquista arrancada pelo esforço do povo angolano.

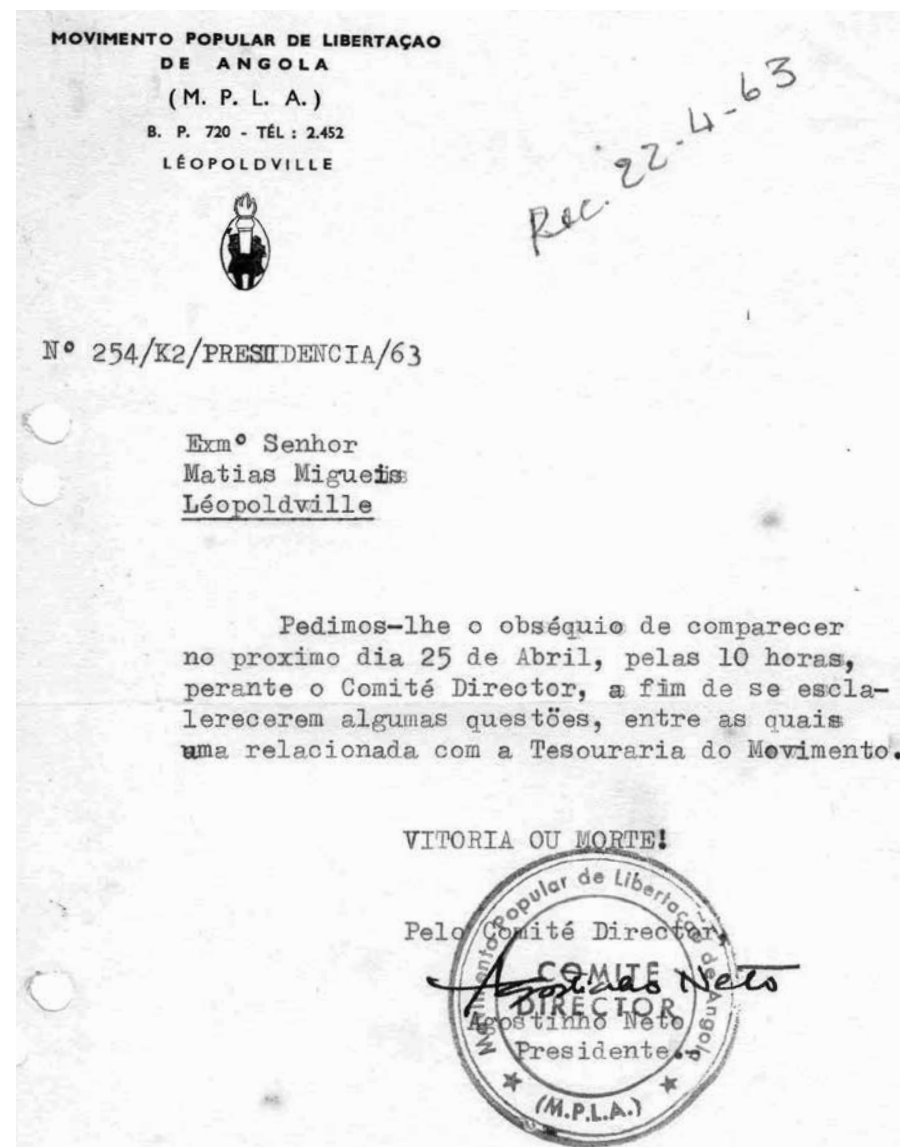
ABAIXO O COLONIALISMO!
VIVA A INDEPENDÊNCIA DE ANGOLA!
VITÓRIA OU MORTE!
O COMITÉ DIRECTOR DO MPLA

Léopoldville, 18 de Abril de 1963

DOC/N.º 53/63 – MAC/CCS

Carta de Agostinho Neto a Matias Miguéis

[dactilografada, em papel timbrado do MPLA]



Carta de Viriato da Cruz a Matias Miguéis

[manuscrita]

[Nota manuscrita: Rec. 28-4]

Roma, 23.4.63

Caro Matias,

Recebi anteontem, em Accra, a tua carta exprès. Recebera antes o telegrama do Zé Domingos. Enquanto aguardava, em Accra, carta tua com mais precisões ao telegrama, fui convidado a participar da primeira conferência afro-asiática de Jornalistas, que começará amanhã, em Djakarta (Indonésia). Achei que devia ir a essa conferência, pois dessa maneira Angola estará entre as nações fundadoras desse novo organismo afro-asiático. Dentro de 10 dias, mais ou menos, voltarei a Accra, de onde darei continuação à viagem para a qual já trataste a entrada. Enviar-te-ei depois um telegrama.

É certo que o grupo [que] se pôs à frente do Movimento vem-se desintegrando e dividindo. Essa desintegração não se manifesta somente em Léo, mas também fora de Léo. O que esperavam eles? Com desonestidade e maus propósitos nada de bom se pode construir.

Espero que o Lima tenha compreendido, agora, as desvantagens – que lhe apontámos o ano passado – de ir habitar no quartel. O que essa gente tinha a mais de ambição e presunção tinha a menos de bom-senso e de compreensão.

O troca-tintas do Viana mandou-me, há semanas, um recado dizendo que o que eu quero é o que ele quer também. Parece-me que isso é mais um sinal de que eles não se entendem.

Cumprimentos a todos os amigos.

Saúda por mim a velha Mariana Anapaz.

A minha filha chama-se Marília, e há 10 dias atrás estava de boa saúde. A Eugénia continua em Rabat, 62 rue Henri Popp, para onde vocês poderão continuar a escrever-me, sempre que for caso disso.

Até breve!

O meu melhor abraço.

[assinado por Viriato da Cruz]

Declaração do MPLA sobre o 2º Aniversário da CONCP

[policopiada]

[Endereço do MPLA em Léopoldville]

Doc. Nº 57/63

DECLARAÇÃO SOBRE O SEGUNDO ANIVERSÁRIO DA CONFERÊNCIA DAS ORGANIZAÇÕES NACIONALISTAS DAS COLÓNIAS PORTUGUESAS (CONCP)

Unidade de acção das organizações nacionalistas na luta, por todos os meios, para a liquidação imediata do colonialismo português e de todas as formas de opressão, tal foi o princípio fundamental proclamado pela CONCP, em 20 de Abril de 1961.

A realização da I Conferência das organizações nacionalistas das colónias portuguesas em Marrocos deveu-se a uma oportuna manifestação de Solidariedade africana, de sua Majestade o Rei Hassan II e do seu governo em relação à nossa luta de libertação nacional. Essa solidariedade continua a ser uma realidade hoje como ontem.

Estes dois anos que nos separam da Conferência de Casablanca viram consagrar os princípios democraticamente aceites pelos mais qualificados representantes das aspirações dos povos da Guiné e das Ilhas de Cabo Verde, de S. Tomé e Príncipe, Angola, Moçambique e Goa: – unidade do povo, integridade territorial, realização de Frentes únicas à escala nacional, acção directa.

As nossas organizações nacionalistas, fazem recuar constantemente as fronteiras da dominação colonial, tendo posto definitivamente a questão das colónias portuguesas na cena internacional e adquirido o apoio dos povos do mundo inteiro.

A adopção do princípio da luta armada pelos nacionalistas da Guiné dita portuguesa, sublinha a identidade dos nossos pontos de vista quanto à legitimidade do recurso à acção directa dentro da situação criada aos povos dominados pelo sistema colonial português.

Por outro lado, a coordenação da acção directa com outros movimentos nacionalistas das colónias portuguesas contra o inimigo comum, é uma das principais bases da linha política do MPLA, reafirmada pela sua I Conferência Nacional.

O MPLA está consciente de que as organizações membros agrupam as forças nacionalistas mais esclarecidas e mais activas no combate contra o colonialismo português.

No momento em que os Chefes de Estado africanos se preparam para discutir do presente e do futuro do nosso continente, o MPLA declara a sua firme determinação de contribuir para a realização da unidade africana, pelo reforço dos seus laços de solidariedade com os movimentos mobilizados contra a dominação colonial portuguesa ou qualquer outra forma de opressão.

Léopoldville, 24 de Abril de 1963

[carimbo do CD do MPLA]

O COMITÉ DIRECTOR DO MPLA

Reparos e Críticas de Matias Miguéis

[dactilografado – 2ª via]

Reparos e Críticas de Matias Miguéis

Em 27/4/1963 – Reunião do CD

Miguéis manifesta desejo do convocar nova Conferência Nacional; Ele é o porta-voz de todo [o] grupo da oposição;

A questão de classes criada pelos brancos;

Que Lima revelou segredos militares à sua mulher;

Que foi viver com sua mulher no quartel;

Que deve haver eleição do conselho político nacional;

Que é um erro o Presidente participar no conselho disciplinar. A quem iria recorrer no caso dum conflito com o CD?

Que fazíamos uma política de intimidação;

Que a Conferência Nacional não exigiu um relatório do CD cessante;

Que o Presidente do actual CD gabava que em quatro meses do presente CD se fez mais do que os CD anteriores;

Que os participantes da Conferência deviam apresentar relatórios;

Que as eleições não foram feitas legalmente;

Que o actual CD caminhava ao regime fascista.

Confirma a escolha de Listas com vista de não para derrubar o partido mas para fazer uma nova conferência nacional [sic].

Crítica a conferência do Agostinho Neto em Paris no que respeita à FUA;

Que, isto é ponto de vista da Deolinda, devemos criar confiança promovendo discussões com o grupo da oposição ou dos descontentes;

Que Pimentel discutia em termos desrespeitosos com um membro do CD não foi julgado;

Que os dois devem ser suspensos;

Que o Neto sustentava o tribalismo;

Que a escolha do jovem para participar no conselho disciplinar devia ser escolha pela juventude;

Que havia discriminação na escolha de jovens para as bolsas;

Que algum ou alguns membros do CD tratavam as pessoas com desdém e pouca correcção;

Que as cartas são escandalosamente abertas;

Quais os da União Nacional e quais os que não o são;

Que deve condenar e não expulsar os criminosos;

Que o grupo de Malange sofre no EPLA duma discriminação.

MPLA / Vitória ou Morte / EPLA

Carta de Eduardo dos Santos

[dactilografada]

Alger, 1 de Maio de 1963

Caros amigos:

O portador desta carta é o nosso camarada e amigo Viana. A sua viagem foi decidida para vos participar de um certo número de assuntos, parte dos quais, vão descritos nesta carta e para vos entregar o budget conseguido nesta capital.

1- TLEM[CEN]

Chegaram de avião os dez camaradas vindos de Léo. A viagem decorreu sem incidentes, todos estão bem e aguardam apenas que o grupo esteja definitivamente concluído para iniciar o trabalho que é do vosso conhecimento. Decidimos aproveitar a viagem do nosso camarada Viana para entregar os passaportes e pagar as viagens dos camaradas que actualmente se encontram na Europa e que decidiram aceitar o engajamento militar. O Viana informar-vos-á a identidade dos camaradas que virão e as suas devidas justificações. Esperamos que vocês aí, nos ponham ao corrente do ritmo de chegada dos próximos camaradas, para aqui tomarmos as medidas convenientes. Cremos que talvez seja melhor vestir no mínimo os camaradas que vierem, uma vez que, tivemos de realizar aqui uma despesa enorme, para satisfazer as necessidades mínimas dos camaradas nesse domínio. Cremos que as despesas aí talvez sejam mais baratas uma vez que beneficiamos da troca em mercado negro. Informo-vos também que o Benedito talvez venha para Tlem. Nós pensamos solicitar a sua colaboração nesse plano.

BUDGET

Resolvi pedir aos nossos amigos aqui um Budget de 18 milhões de francos argelinos. Isso foi possível porque se desconhecia o montante que devíamos receber do budget precedente que nos foi satisfeito, como sabem, parcialmente. Inclui já no actual budget as despesas que realizamos actualmente com a deslocação dos camaradas de Léo para Tlem. Os argelinos concederam-me apenas 15 milhões importância de que o nosso camarada Viana é portador. Acrescento que o Viana levar-vos-á mais algum dinheiro que é parte da importância de 5.250.466 que resultou da contribuição pública do povo de Tizi-Ouzu depois das manifestações do 4 de Fevereiro. Quero esclarecer-vos que a totalidade do budget dos 18 milhões nos foi concedida mas que só nos satisfizeram em quinze. Tenho um documento onde os argelinos estão comprometidos a nos satisfazerem os 3 milhões que restam. Entretanto eu creio que não é tão cedo que vamos consegui-lo. Junto uma folha anexa com as contas.

ARMAS

Brevemente partirão daqui por barco caixas com medicamentos e armas endereçadas para o CVAAR com destino para Pointe Noire. Peço-vos que a partir da recepção desta carta comecem imediatamente a montar um posto do CVAAR em Pointe Noire para

facilitar a recepção das caixas. É possível que sejam enviadas no total cerca de quatro toneladas de armas. Isto é segredo rigoroso. Ainda este mês devem seguir os transportes de que me referi na minha última carta; trata-se de um camion, 2 jeeps, um 403. Juntamente com os carros seguirão também armas. Logo que esteja ao corrente do dia do embarque aqui das embalagens a que me refiro receberão um telegrama meu com as indicações convenientes.

Creio que os assuntos do Lima estão a decorrer bem. Eu deduzo assim porque o Lima solicitou a deslocação do camarada Benigno para Rabat que seguiu há cerca de quatro dias. Não tenho outras indicações.

SEMINÁRIO JEUNESSE DEMOCRÁTICA MUNDIAL

O nosso Movimento participou no meeting que a jeunesse democrática mundial realizou nesta cidade como sessão inaugural do seminário. Angola foi o primeiro país a falar. Fomos extraordinariamente ovacionados. O camarada Viana poderá relatar-vos como se desenvolveu todo o seminário. Foi pena que não tivéssemos um representante da nossa Jeunesse para participar nos trabalhos do seminário. Nós resolvemos não ir para lá do meeting.

CONTACTOS

Contactei os camaradas chineses a nível da embaixada. Fiz os pedidos inscritos na minha missão. Prometeram responder-nos mais tarde pois precisavam contactar com o governo na capital. Até a data, de resto é cedo, ainda não obtive nenhuma resposta. Devo ainda contactar os Jugoslavos dentro da perspectiva duma possível deslocação de elementos do nosso Comité Director a Belgrado, conforme ficou resolvido na minha primeira estadia em Alger e que o Comité Director aprovou, em sessão expressamente convocada em Léó para ouvir o meu relatório. Entretanto sei já que o princípio da viagem está mais ou menos acordado, faltando apenas marcar em definitivo as datas e a natureza da nossa missão à Jugoslávia. Espero contactar ainda os soviéticos e a Croissant Rouge para tratar do problema das esposas dos nossos camaradas que vão para Tlem. Creio que o Lúcio já enviou a lista das bolsas que pretendemos que os argelinos nos concedam. Caso contrário ele que me envie a lista para eu fazer de intermediário junto do ministro e forçar as coisas.

BUREAU

Teremos no próximo sábado dia 4 do corrente o nosso Bureau em condições de funcionar. É possível que vós creiam que eu exagerei um pouco nas despesas que realizei para apetrechar devidamente o nosso Bureau. Entretanto procedi assim porque estou convencido que necessitamos aqui de um Bureau que impressione. Esta capital é actualmente em África o lugar da maior intriga internacional e que concentra mais representações, jornalistas e observadores estrangeiros. Ora um Bureau devidamente montado talvez possa exercer alguma influência psicológica de que nós poderemos aproveitar. De resto eu tenciono apresentar as contas das despesas efectuadas às entidades responsáveis para conseguir que nos indemnisem. Não o faço actualmente

porque penso que a altura não é oportuna. A partir da recepção desta carta vocês devem remeter toda a correspondência para a direcção do nosso Bureau que é a seguinte:

38/40 RUE DIDOUCHE MOURAD – PORTE 44D – 2ème étage

ALGER

Logo que o telefone esteja instalado, mandar-vos-ei o número.

RABAT

Ainda não foi possível deslocar-me a Rabat porque tenho problemas por resolver nesta cidade. Logo que tenha terminado partirei imediatamente e avisarei a minha chegada por telegrama.

INFORMAÇÃO

Não recebemos a mais pequena informação sobre as nossas coisas. Estou completamente a zero sobre o andamento da situação. Pelo menos enviem-nos de tempos a tempos um boletim. Peço que lembrem ao Aníbal e o Carreira que eles ficaram de me enviar documentos e fotografias para a brochura. Nada recebi até a data.

Creio que vocês podem aproveitar os camaradas que vêm para Tlem para enviar propaganda que é sempre necessária aqui: podem enviar-nos para termos no nosso bureau os documentos que vocês acharem convenientes, brochuras, números do jornal unidade angolana (os únicos que saíam), fotografias para expor, incluindo as dos massacres dos portugueses e que estiveram durante muito tempo expostas na nossa vitrine em Léó durante a comemoração do primeiro aniversário do 4 de Fevereiro.

CÓDIGO

É absolutamente necessário que vocês aí estabeleçam códigos com as representações que se encontram no estrangeiro. Creio que isso deve ser enviado directamente aos nossos camaradas que são representantes do movimento ou que estão actualmente a realizar missões que necessitam de um contacto repetido com o órgão executivo.

Nada mais tenho para vos comunicar. Saudações fraternais do vosso camarada e amigo.

[assinatura de Eduardo dos Santos]

CODIGO

É absolutamente necessario que vocês aí estabelecem codigos com as representações que se encontram no estrangeiro. Creio que isso deve ser enviado directamente aos nossos camaradas que são representantes do movimento ou que estão actualmente a realizar missões que necessitam de um contacto repetido com o órgão executivo.

Nada mais tenho para vos comunicar. Saudações fraternais do vosso camarada e amigo

[assinatura]

Carta de Viriato da Cruz a Matias Miguéis

[manuscrita]

Bandung, 2. Maio. 1963

[Nota manuscrita: Receb. 15-5-63]

Caro Matias,

Saúde!

Escrevo-te de Bandung (Indonésia), onde estou há uma semana. Devo partir dentro de três dias.

Escrevi-te, há uma semana, de Roma, explicando-te a razão do adiamento da minha viagem a Brazza. É que resolvi, à última hora, dar um salto até este país, para assistir à Conferência constitutiva da Associação dos Jornalistas afro-asiáticos. Anteontem assinei a Carta do jornalista afro-asiático em nome de Angola. Assim, Angola figura entre as 47 nações fundadoras da Associação dos jornalistas afro-asiáticos. Acho que, para nós, só bem poderá advir desse facto.

Angola (na minha pessoa) teve a honra de ter sido eleita membro do Presídium que dirigiu os trabalhos da Conferência que terminou em 30 de Abril findo.

Eis o que tenho a relatar-vos. Este assunto interessa a Angola; por isso, achei que deveria pôr-vos ao corrente do mesmo.

Dentro de duas semanas espero abraçar-vos em Brazzaville. Telegrafar-te-ei antes de chegar aí.

Cumprimentos à D. Mariana Anapaz e a todos os amigos.

O meu melhor abraço

[rubrica de Viriato da Cruz]

Autorização do Governo do Kwango a actividades do CVAAR

[dactilografada em francês]

REPÚBLICA DO CONGO
PROVÍNCIA DO KWANGO
GABINETE DO PRESIDENTE

KENGE, 6 de Maio de 1963

DOCUMENTO Nº 900/CAB/P/63.

AUTORIZAÇÃO

Na sequência das conversações que tivemos hoje com o Senhor LUIZ de Azevedo, Membro do Departamento das Relações Exteriores do Movimento Popular de Libertação de Angola, Encarregado da Missão do MPLA junto da República do Congo Léopoldville e Brazzaville.

Nós PASHI Alphonse, autorizamos:

1º a instalação de Dispensários geridos e subsidiados pelo corpo voluntário Angolano de assistência aos refugiados nas regiões de Panzi, Kahemba, Kasongo-Lunda, Popokabaka, Nzofu, Shamajamu, Kisamba, Kalungula, Soahimbula, Gandu e Kisema para dar assistência aos refugiados Angolanos.

2º a livre circulação, nas regiões acima citadas, das pessoas afectas ao serviço do corpo voluntário Angolano de assistência aos refugiados (CVAAR).

As actividades do MPLA limitar-se-ão às previstas no quadro da assistência a prestar aos refugiados residentes no Território da Província.

A presente autorização é revogável a partir do momento em que o Movimento Popular de Libertação de Angola saia do quadro das actividades que lhe são normalmente reconhecidas, no espírito da ajuda a conceder moralmente pelo Governo da República do Congo em geral e pela Província do Kwango em particular, aos irmãos angolanos que lutam pela independência.

Feito em KENGE em três exemplares

a 6 de Maio de 1963.

O PRESIDENTE PROVINCIAL

PASHI ALPHONSE [segue assinatura]

Relatório do Rev. Domingos da Silva sobre José Domingos

[dactilografado]

REVERENDO SILVA VICE-PRESIDENTE EM 2 DE MAIO DE 1963

Para abrir o diálogo o camarada José Domingos apresentou os seguintes pontos que sobre os quais devia girar o diálogo:

- I – Comunas – Comitês de Acção
- II – CVAAR {Escolas; Assistência médica
- III – EPLA {Em Léo; Nas fronteiras
- IV – Juventude
- V – Comité Director e suas decisões
- VI – Conselho Político Nacional

1– Que o Lúcio Lara afirmara em 24/4/63 que deveremos negociar com os portugueses de modo que trabalhemos em comum. Exemplo: Polícias portuguesas com polícias angolanos trabalhem juntos. O que queremos é tirar o regime de Salazar.

Neto afirmara na sua conferência em Paris em 30/1/63 que a FUA era um movimento nacionalista com brancos, pretos e mulatos.

Na carta ao General Humberto Delgado, publicada nos jornais afirmava que os Republicanos da Oposição eram nossos aliados.

Em 22/4/63 afirmava que os de Malange são tribalistas e que José Domingos vai a UPA...

Que qualquer membro do Comité Director afirmava que o Reverendo Silva só está no Comité Director para prestígio e de nada mais vale.

Na Conferência Nacional o Neto dizia que até aqui todo o trabalho estava parado, querendo dizer com isso que o Comité cessante nada fizera.

Que o Comité Director soube criar o Conselho Disciplinar e não cria o órgão para recorrer. E pergunta se no caso dum conflito com o Comité Director a quem iria se recorrer, pois se se recorre ao Comité Director vai encontrar os mesmos Presidentes que encabeçaram o Comité Disciplinar!

No CVAAR vai haver em 4/5/63 uma assembleia para abolir com os 11 Comités de Acção. Porquê? – É porque querem escolher os Comités do seu agrado com finalidade menos do que procurar o bem do Povo. Que o Povo não sabe o que se passa. Os membros do Comité Director não procuram nem aproximam ao Povo. No CVAAR o Agostinho Neto não quis socorrer a criança do José Domingos.

No EPLA expulsaram arbitrariamente os camaradas Xavier, João Manuel Ventura e Manuel Fernandes Carlos. Concorda que deviam merecer correcção e não expulsão. Que nenhum processo escrito das expulsões exista tanto no EPLA como no Bureau. Há arbitrariedade.

No EPLA critica o facto da mulher do Lima assistir à elaboração dum plano militar. Que não deram dinheiro bastante à missão para Tshikapa assim como em várias outras missões, mas para eles, por pequena que seja a viagem levam milhares e milhares de francos. Ao José Domingos não deram senão 3.000. O Lima numa missão levou 50.000 e nunca ninguém fez reparo disso. Que na OMA notava uma grande discriminação.

Que os membros do Comité Director andavam afastados do Povo e esperam que o Povo os vá encontrar ao Bureau. O Povo sente isolado, que ninguém os liga.

Que os coordenadores das bolsas declaram que devemos atender na proporção de 4 angolanos nascidos dentro e um congolano. Alidor acha que lá dentro de Angola virão a ser seus escravos – (diz José Domingos) Luluabourg: Qual a relação do Muxixi com o Comité Director? Que Xaúmba Gabriel, Francisco Alidor, Silvano (está em Tshikapa), Domingos Feliciano, Dia Maka, João Humberto, o velho José Kafundanga, João Canhonga, eram considerados gente da pamba. Ninguém os recebe no Bureau. Conselho Político Nacional. Querem acabar com os Comités de Acção para não aprovar o projecto dos Estatutos. Porque é que se não criou o Conselho Político Nacional? Ninguém sabe quem criou o Conselho Disciplinar. A 1.ª coisa que deve ser feita é criar o Conselho Político Nacional e com urgência. Que a 1.ª Conferência Nacional foi gatada; As estruturas não foram suficientemente preparadas.

Léopoldville, 8 de Maio de 1963

Rev. Domingos Francisco da Silva *[segue assinatura]*

Carta de Mabika Kalanda a Agostinho Neto

[dactilografada, em francês, em papel timbrado do Min. Rels. Ext.]

Léopoldville, 11 de Maio de 1963

[Nota manuscrita: R. 18/5/63]

Senhor Presidente
do Movimento Popular de Libertação de Angola “MPLA”
C.P. 720
LÉOPOLDVILLE

Senhor Presidente,

Tenho a honra de acusar a recepção de sua estimada carta nº 285/F/PRES/63 de 1 de Maio de 1963 na qual me endereçou as suas felicitações por ocasião da minha nomeação.

De facto, o destino das populações de Angola, engajadas na luta pela libertação do seu país foi e continua a ser objecto das minhas constantes preocupações.

Partidário da unidade do continente africano, não deixarei, no exercício das minhas funções, de apoiar a causa desse povo irmão que luta pela sua independência.

Queira aceitar, Senhor Presidente, os protestos da minha mais elevada consideração.

A. Mabika KALANDA *[com assinatura]*

Comunicado do MPLA sobre ataque da UPA

[policopiado]

[Endereço do MPLA em Léopoldville]

DOC. 60/63

No dia 28 de Abril, um comando de reconhecimento do MPLA constituído por 14 guerrilheiros e 7 partisans, do sector de Nambuanguongo, foi atacado à traição na margem direita do rio Loje, por bandos armados da UPA que tinham como cabecilha Alberto Junqueira.

Registaram-se pesadas perdas do lado da UPA.

No combate, que durou cerca de três horas, morreram os guerrilheiros Gonçalo Luís, Luís Augusto Pereira, João Cabando Katoko, Domingos da Silva, Pascoal Mubau, João Gonçalves, João Mahinga, Miranda Assoreira, Pedro Manuel Xico, José Gaspar Sebastião, e os partisans António João, Sebastião Correia e Bernardo.

Reunido de urgência o Comité Director decidiu:

- Realizar uma velada na noite do dia 14,
- Nomear uma comissão de inquérito aos acontecimentos,
- Tomar todas as medidas exigidas pela gravidade da situação,
- Protestar energicamente junto das direcções da UPA e do PDA,
- Prosseguir a luta gloriosa do MPLA pela independência completa do nosso País.

Denunciando o oportunismo político que conduz a UPA à luta fratricida, o MPLA inclina-se indistintamente perante a memória de todos os angolanos inutilmente sacrificados à fria obstinação de um grupo de políticos ambiciosos.

GLÓRIA AOS HERÓIS DA UNIDADE DO POVO ANGOLANO!

Léopoldville, 14 de Maio de 1963

[carimbo do CD do MPLA]

O COMITÉ DIRECTOR

AM/LF.

Carta de Viriato da Cruz a Matias Miguéis

[manuscrita]

[Nota manuscrita: R. 21/5/63]

Alger, 15.5.63

Caro Matias,

Saúde para todos vós!

Cheguei a Alger há algumas horas, vindo, de regresso, da Indonésia.

Resolvi passar por aqui para assentir ao convite que me fez, há cerca de um mês, o advogado Vergès. Não sei o que ele pretende [de] mim. Mas como ele era (ou ainda é) o director do bureau dos assuntos africanos, neste país, talvez que tenha algum interesse ouvi-lo. Vê-lo-ei certamente amanhã. Hoje, o cansaço não me permite procurá-lo.

Se possível, escreve-me urgentemente para Rabat (62, rue Henri Popp) onde devo chegar dentro de 4 ou 5 dias. Agradecia que me desses notícias sobre o desenvolvimento da situação aí em Léo.

Em 23 do mês passado, escrevi-te de Roma, informando-te das razões da minha rápida partida de Accra para a Indonésia. Fui convidado a participar na Conferência constitutiva da Associação de jornalistas afro-asiáticos. Esta Associação foi efectivamente fundada, e em 1 de Maio assinei, por Angola, em Bandung, a Carta dos jornalistas afro-asiáticos.

Não pus de parte a intenção de dar um salto ao Congo. Fá-lo-ei dentro em breve, depois de um pequeno descanso que necessito fazer em Rabat, por razões de saúde.

Seguramente, pois, até breve!

Escrever-te-ei de Rabat, informando-te da data da minha partida para Accra e para o Congo.

Cumprimentos aos amigos.

O meu melhor abraço

[assinatura de Viriato da Cruz]

Relatório do EPLA sobre o Esquadrão Vermelho

[dactilografado – 2ª via]

MPLA

[Sem data – talvez Maio 63]

EPLA

EXÉRCITO POPULAR DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA

RELATÓRIO

Depois de muitos preparativos, não tardou de se pôr em marcha o Esquadrão Vermelho do EPLA como foi denominado, a fim de efectuar um vasto Reconhecimento no Sector de Nambuanguo. Tudo pronto, dia 3 de Abril de 1963, o Esquadrão partiu de Léo para a fronteira do Congo e Angola.

COMPOSIÇÃO: este ia composto de 14 guerrilheiros e 4 partisans seguem seus nomes: Jacob Caetano João, Andrade Correia, Fernando Miranda, Gonçalo Luís Lopes, Luís Augusto Pereira, João Cabanda Katoko, Domingos da Silva, Pascoal Mubau, Joaquim Domingos, João Gonçalves, João Mahinga, Miranda Assoreira, Pedro Manuel Xico, José Gaspar Sebastião e os partisans, António João Pereira, Sebastião Correia, Bernardo e José Gomes. [Nota de L. Lara: Quem eram os Comandantes?]

PARTIDA DE SEPTANTE: Eram 22H43 do dia 6 de Abril, quando o Esquadrão Ver. decidiu por completo abandonar o território Congolês e infiltrar-se em Angola, a fim de cumprir a sua missão. Antes da partida, apareceu porém o camarada Miranda Marcelino no momento que se arrumava as mochilas sendo ele portador de uma carta assinada pelo camarada Freitas, com a recomendação de entregar-lhe as latas de pólvora e as latas de balas de caçadeira; a[o] fim de tudo atendido perguntou-se ao mesmo, como ficaria o nosso tratado da pedra? este respondeu que será possível nos encontrarmos, mas se nos lembrássemos, em Léo fazia-se uma carta para o António Fernandes, um dos comandantes da UPA, a fim de enviar alguns soldados no rio Mbrige ao nosso encontro: foi daí que perdi a esperança de encontrarmo-nos com eles; e a malta queria que nos desse um dos seus, que serviria de guia até à pedra; este rejeitou dizendo que era impossível devido a guia que eles traziam.

O Esquadrão posto em marcha, na mesma noite não se conseguiu alcançar o território angolano pois somente às 10H00 do dia 7 que avistávamos de longe as florestas de Angola. Mais um pouco de marcha já 13H15, acabávamos de entrar no território angolano; dali o Esquadrão desviando-se um pouco do caminho, teve de prontificar-se

para a defesa; tudo pronto, o Esquadrão arrancou dali a fim de atravessar a estrada do Noqui a S. Salvador... quando se ia aproximando à estrada, nomeou-se uma patrulha de RECONHECIMENTO da estrada; esta foi e quando chegavam quase perto, ouviram então tiros de certas armas que as sentinelas disparavam; no regresso participaram tudo aos chefes e então se resolveu atravessar somente de noite. O esquadrão recuando um pouco procurou despistar a atenção de qualquer que ali podia aparecer.

Às 19H00, o Esquadrão teve de prosseguir a sua marcha e que às 20H45 acabava de atravessar a estrada que constituía uma grande dificuldade; e como era noite muito escura e caminho desconhecido, marchou-se então até à primeira hora do dia 8.

DIFICULDADES: Depois de quatro horas de marcha do dia 8, apareceu-nos a primeira dificuldade que deveríamos iniciar enfrentar dentro do solo Pátrio; foi então o rio Ylunda-Yole que tivemos de atravessar por intermédio de uma corda; os preparativos duraram tempo; mas o Esquadrão teve de vencer as deficiências que ali apareceram. Tudo estava no outro lado do rio e por falta de meios de travesso então o material e mais artigos tiveram de molhar; para isso foi preciso passar ali a tarde a fim de pôr a secar o material. A noite ali passara sem dificuldades e na manhã seguinte, 07H00 o esquadrão pôs-se a caminho e às 18H15 estávamos no Imbondeiro onde a 200 (duzentos metros) encontraríamos o desvio à direita; era já tarde, caía a noite e depressa dia 9 desaparecia; procurou-se então repouso; foi uma noite feliz... Não tardou, apareceu o dia 10 (dez) e como na noite passada tinha chovido então o m. ainda se tinha molhado outra vez; mas resolveu-se procurar o caminho a fim de se achar o desvio que vai ter à pedra. Foi tudo de balde; mas encontrou-se uma outra pedra que enganou por completo a malta. Lá se parou e não se podia passar mais tempo porque a comida que nós levávamos já se tinha esgotado devido às chuvas e ao atravessar o rio Ylunda-Yole; estávamos privadíssimos de alimentos e mesmo que esperássemos ali jamais nos encontraríamos com o combinado; para isso resolveu-se marchar junto dos alimentos a 8 horas daquele lugar. Mesmo assim, se o Marcelino estivesse na realidade decidido a seguir connosco, nos encontraria ainda antes do imbondeiro.

ROTA DESCONHECIDA: Tomou-se a rota desconhecida por parte do Marcelino; desesperados com o encontro, 11H00 o Esquadrão sempre na sua formação de marcha já no decorrer do dia 12, tendo estado na pedra um dia e mais algumas horas... naquela marcha os soldados tornaram-se mais vigilantes que nunca e depois de oito horas de marcha bem forçada procurava-se repouso e como era de costume e dadas as medidas de segurança montou-se logo a guarda; dali com algumas conservas preparou-se então um jantar.

Dia treze preparou-se a marcha logo pela manhã e com o fim de se atravessar a estrada do Tomboco; às 12H00 estávamos na outra margem da estrada, mais algumas horas de marcha; às 17H00 procurou-se repouso e não se podia avançar mais. Tudo corria normalmente. Chegou finalmente o dia 14, esta manhã apareceu silenciosa pois às 07H se levantou e o Esquadrão pôs-se a caminho para enfrentar dificuldades. Quando eram 11 horas, depois de termo-nos escondido de um avião de ronda mais adiante verificou-se a presença de 4 militares da UPA que, depois que deram connosco mandaram-nos parar; dali mandou-se a dispersão dos soldados e cada qual pronto para

tudo e por tudo. Estes mal se puseram ao nosso lado, saudaram-nos; vinham armados de 1 PM, 1 Mauser e 1 granada; a PM é tipo Sten fabrico Alemão, a espingarda fabrico Americano e a granada tipo Breda fabrico Italiano. Surge em seguida uma pergunta para estes, feita por Jacob, se patrulhavam ou passeavam? estes em resposta disseram que guardavam a entrada do quartel devido os portugueses. Dali avançou-se para diante e a dois quilómetros dali encontrámos finalmente o dito quartel de Caluca; disseram-nos que os comandantes não estavam por motivo de se terem ausentado para Madimba. Prosseguimos a viagem para aproximarmos o rio Mbrige. Umás horas de marcha, 18 horas acampou-se numa pequena floresta.

Dia 15 às seis horas o esq. pôs-se em movimento e às 10 horas estava o Esq. na margem direita do rio Mbrige; a noite correrá bem; de manhã ouviu-se na outra margem vozes de pessoas que conversavam, procurou-se saber quem seriam, esses informaram que eram do Bembe e que estavam a caminho para o Congo a fim de ingressarem na Base da UPA e que se encontravam ali a 12 dias de espera das águas, porque as enchentes eram demasiadas e que no dia seguinte estaria ali o piloto para pô-los na margem onde nos encontrávamos. Estávamos ansiosos porque naquele dia a malta esperava estar no outro lado do rio.

Dia 16 logo pela manhã apareceu o piloto que, no trazer a gente do Bembe no regresso tinha de levar malta nossa para o outro lado. Assim fez mas a malta não conseguiu atravessar toda para a outra margem. Durante os dias da estadia nesta margem, arranjou-se carne e no momento dos primeiros atravessarem para o outro lado levaram consigo a carne toda e o restante havia ficado sem nada. A noite caiu assim como a chuva que durara quase quatro horas; parou e o dia novo apareceu também de chuva. O Esq. estava dividido de cada lado do rio: apareceu depois sem tardar a fome para os que se encontravam na margem direita do rio; foi então que se resolveu enviar para trás, a 36 horas do rio, alguns camaradas a fim de buscarem alguma coisa de comer. Partindo assim os camaradas Pascoal Mubau, José Gomes e Pedro Manuel Xico, estes decididos partiram com chuva, já a terceira, andaram até que chegaram à mandioca. O rio tornou a encher e para isso era perigoso. A canoa era feita do material que se faz o loando; para isso depois de duas ou três chuvas tudo se estraga, e, os companheiros do outro lado como tinham a possibilidade de conseguir o material, então preocuparam-se com o material e prepararam a canoa; 5 dias de fome, comia-se casca de mandioca que ali se encontrava. Naquele dia estava sendo aguardada a chegada dos três camaradas. Finalmente, estes no regresso tinham sido vistos pelas vigias da UPA, que aproveitando a ocasião de quererem fazer-lhes mal deixaram os nossos aproximarem e convidaram-nos para o quartel a fim de receberem por oferta algumas bananas. Estes, quando se encontravam já no quartel foram rodeados de Cangulos e mais armas. Os nossos vendo isto perguntaram porque que tinham sido rodeados daquela maneira? Se pretendiam fazê-los mal que o digam; em resposta estes disseram que tinham sido avisados que ao pé do quartel se aproximavam três homens e por isso que os encontrara com as armas nas mãos e que não pretendiam fazer mal a qualquer que seja; perderam por completo a esperança na banana que havia de lhes ser oferecida... estavam ali atentos, para resolver

qualquer problema; a troca de palavras tinha durado horas aproximadamente três; viram que nada se apanhava ou se apelava, e, quando lhes havia mandado embora, repararam que durante o tempo em que se encontravam viram crianças que choravam de fome; por pena, tiveram de tirar a metade de um saco que traziam e deram às mães das crianças que choravam de fome... O soldado do EPLA sofrendo quero ajudar primeiramente o povo pois do pouco que tiver divide com o POVO. E antes de abandonarem o sítio foram convidados para um lugar de onde podia se atravessar sem dificuldades e sem demoras ou perca de tempo; mas analisando a coisa ameaçava perigo de morte, porque o Esq. estava dividido; 19 horas estes chegaram juntos de nós e contaram o tudo que lhes havia acontecido. Durante três dias não tinha chovido e para isso as águas se tinham diminuído; nada vale sem coragem e força de vontade.

Dia 21 pelas 07H00 apareceu o piloto a fim de pôr a malta no outro lado do rio, como a canoa dava muita maçada então somente às 16H00 tinha conseguido pôr o resto dos membros do Esq. na margem esquerda do rio.

Finalmente, já os primeiros que estavam ali estavam com o dito comandante da Secção Militar do Sengue, António Jacinto Tomás, que chegou a pedir a guia de marcha aos camaradas, na qual esses disseram que a guia se encontrava com o resto dos camaradas que se encontravam na outra margem; já no outro lado deu-se a guia conforme seu pedido, esse leu-a e a assinou. Como era bastante tarde, a malta já não quis avançar; e o mesmo comandante pediu para que fôssemos com ele até no seu quartel, mas nós dissemos que não seria possível irmos até ao quartel; então andou-se um pouco e 17H45 acampou-se, deixando o tal continuar. Lá foi e nós lá passámos a noite.

Dia 22, 06H45 preparou-se e levantou-se o ferro fomos andando e estávamos na Sc. do Sengue, onde o Povo aguardava a nossa chegada; encontrou-se ali comida arrumada para os soldados do EPLA. Ao repararmos na situação do povo, encontrou-se doentes e para isso o soldado do EPLA tinha de se pôr em trabalho; apareceram ferimentos, anemias, sarnas etc. Para isso foi preciso dispensar todo medicamento que levávamos como... UNICILINAS, COMP. MULTIPLEX, ASPIRINAS, COMP. EUQUININA, MERCUROCROMO, PÓ SULFAMIDA, ALGODÃO, GAZE, STREPTOMICINAS e ÁGUAS DESTILADAS. O Esquadrão baseando-se no passado do camarada Ferreira, não se esqueceu da vigilância pondo-se sempre mais atento; tínhamos de continuar com a jornada, para se atravessar a estrada do Bembe no dia seguinte; quando íamos partir, o tal comandante disse-nos que não poderíamos partir sós, mas que nos daria um dos Oficiais que nos acompanharia até aproximarmos na outra Secção Militar ou antes nos levava até ao destino. Iniciou-se finalmente a marcha acompanhados de um Senhor Oficial que nos foi pôr numa secção próxima, dali fomos recebidos com entusiasmo mas ordenou-se em seguida a continuação da jornada que foi uma proposta dos chefes e que os soldados todos contentes tiveram de abandonar o local e procurou-se despistar a atenção adversária. Naquela noite nada correu de mal tudo normal; e como por onde passávamos sempre perguntávamos a situação dos portugueses, vimos que sozinhos não poderíamos atravessar a estrada do Bembe porque de dia a dia os caminhos são modificados e para isso era preciso um guia; de manhã tratou-se do guia que nos levou até a uma outra secção. Pelo caminho o homem falava por completo mal

da UPA e dos seus oficiais, esperando que nossos lábios se abrissem em falar também, isto é apoiando o que ele dizia, mas dadas as instruções políticas nada arranjou. – Tudo isto são acontecimentos do dia 23... chegámos finalmente no local onde passaríamos aquela noite do dia 23. Foi preciso empregar aquela noite em serviço de Mobilização das Massas, mostrar-lhes o que fazíamos ali e o que pretende fazer o MPLA, a sua Linha Política, procurámos logo ensinar como fazer os abrigos contra a Aviação e assim o Povo ficou por completo entusiasmado; apareceu depois o Comandante que muito mal compreende a situação revolucionária, perguntando logo da guia de trânsito; dali foi-lhe entregue a guia e depois de a ler fez sem saber o que dizia, a seguinte pergunta. – O MPLA continua com a sua Política? e em seguida surgiu uma nossa perguntando se qual seria a política do MPLA? esse disse que era a Política Comunista. Um dos soldados do Esquadrão Vermelho perguntou-lhe se sabia dizer que [é] o comunismo? Esse disse que o comunismo não era senão ensinar as massas a se odiar, matar quem não trabalha, trabalhar muito e receber muito pouco dinheiro. Foi o suficiente para o soldado conhecer a fraqueza de conhecimentos que o Comandante tinha no Cérebro; dali precisou-se dar uma lavagem no cérebro daquele irmão.

Apareceu esta dizendo: deixemos o Comunismo e falemos da nossa Revolução; pois cada angolano agora tem de saber em que pé está a nossa luta pois da parte que o comunismo não toquemos mais. Entrou a explicação da Linha Política do MPLA, o que nos levou para junto das massas no Interior de Angola, do Programa do MPLA e das Actividades dos Soldados do EPLA em Angola. Dali o comandante disse que estava claro porque desde muito nunca ninguém lhe havia explicado coisas e que chegasse de ficar tão claro como daquela vez; mas notou-se que o homem estava a fingir ficar claro enquanto não queria ficar claro; podia estar claro se não estivesse engajado na política Racial da UPA, que até a data presente envia emissários no interior de Angola a ensinar as Massas a odiar o Mestiço e o Branco. E esse comandante declarou que eles não fariam uma coisa sem que recebessem ordens de Léopoldville, vindas da direcção [da] UPA, para isso, todos aqueles quartéis aguardam receberem sempre ordens de Holden Robert. Aquela noite tinha sido somente de explicação política; foi então que se falou de que se o homem quisesse compreender conforme tinha declarado nas palavras anteriores então ficaria ao nosso lado. De manhã não se notou nada de mudança da parte do Comandante a não ser só nas massas.

Chegou a madrugada do dia 24, todo militar estava preparado para conhecer novas caras e enfrentar novos problemas que podiam ser mais duros ou difíceis; o pequeno-almoço estava pronto; depois da refeição, eram 07H51, o Esq. Ver. se pôs na sua formação e iniciou então a jornada. Depois de onze horas de marcha forçada, atravessando lagos, rios e pântanos, o esquadrão se encontrava em frente de certos refúgios da gente de uma parte da área do Bembe. A gente ali encontrada perguntaram-nos de onde vínhamos isto a nossa Direcção Política e Militar? Perguntámos também se estava ali o comandante? Disseram que o comandante não se encontrava ali porque era simplesmente refúgio para mulheres e que o comandante se encontrava no quartel, e que fôssemos ter no quartel; dali a malta arrancou e não se chegou no quartel acampou-se no deserto prevenendo sempre os perigos. Já era noite, todos vigilantes, pois naquela noite ninguém

tinha chegado de dormir. Na manhã seguinte como prometeram acompanhar-nos até ao quartel porque nós não sabíamos onde se encontrava, tivemos de esperar até que precisou alguns soldados irem à busca do sujeito; 10H00 do dia 25 iniciou-se finalmente a marcha. E depois de 15 minutos de marcha estávamos no quartel que tinham dito no dia anterior que se encontrava bastante distante dali. Lá encontrámos o povo e o Comandante ALBERTO JUNQUEIRA que chegou de traír a malta. Nos saudámos e depois disso o comandante mandou preparar um almoço para os soldados; esperou-se o almoço que não tardou; depois do almoço ou antes refeição melhor dizer, o tal Junqueira pediu-nos a guia de trânsito e depois de entregue, esse assinou-a e em seguida perguntou como seria possível levarmos aquela guia sem a assinatura do chefe CAJINDUNGO na Base da UPA? A resposta foi esta que se vós assinam uma guia do MPLA é porque não sabeis vós o que estais fazendo pois tinham direito de assinar essa guia somente departamentos pertencentes ao MPLA e não departamentos da UPA e nem tão pouco de qualquer ORGANIZAÇÃO POLÍTICA OU MILITAR. Caiu a chuva sem tardar, tudo estava triste; não se podia andar com aquela que foi mesmo torrencial, chegando de durar a tarde toda; dali caiu a noite e aguardava-se o dia seguinte. Perguntou-se então carne de compra, esses disseram que podiam arranjar; dali buscou-se a carne chegando a vender-nos de 50\$00 (cinquenta escudos). Antes do jantar apareceu o mesmo Junqueira que avisou a malta que assim que tinha chovido, na manhã seguinte um dos ribeiros que de modo algum daria trânsito devido à profundidade e à corrente forte das águas devido à inclinação do leito e que se fôssemos para lá junto do rio poderia acontecer-nos como acontecera anteriormente no Mbrige, porque as lavras se encontravam distantes e que podíamos nos alimentar do pouco que eles tinham. A malta pensou em arrancar na manhã seguinte para junto do ribeiro falado.

E quando íamos falando nisto, foi quando surgiram três upistas conhecidos por Moisés, Moniz e Ernesto, os primeiros dois de Nambuagongo e o terceiro do Sul de Angola natural de Nova Lisboa; pois depois de assinada a guia deles foram ao mesmo tempo interrogados se nos conheciam. Esses responderam que nos conheciam simplesmente como gente e rapazes de Nambuagongo que aproveitavam o dia seguinte andarem connosco porque apresentávamos uma defesa contra o soldado português que sempre procura entrar nas matas; dali então não quiseram mais dizer-lhes o segredo que ameaçava a vida dos Soldados do EPLA, porque se lhes falassem de modo algum diriam-nos o tudo que esses preparavam contra nós.

Apareceu a manhã chuvosa do 26; esta chuva que durou aproximadamente oito horas fez com [que] os homens preparassem tudo durante aquele dia em que não se podia andar; esse ribeiro era o Cuango assim se chama. E como as águas naquele ribeiro não duram então resolveu-se arrancar no dia seguinte. Chegou a noite do dia 26, dormiu-se sossegadamente e com guardas em todos os cantos de entradas e saídas.

Então acabava de amanhecer o dia 27, dia determinado para a marcha adiante a fim de se aproximar o rio Loge. Tudo preparado e íamos partir, uma dor horrível de estômago ataca o companheiro de viagem o Pascoal Mubau que durante três horas gemia de dores. Não tínhamos nenhuns meios para manter termo àquela dor que impedia a nossa marcha. Mas a dor depois que se aliviou um pouco esse ordenou

que pudéssemos seguir mas que devia ou era necessário que aparecesse soldados entre camaradas que pudessem ajudá-lo a levar as coisas. E foi o que se fez; 10 horas o esquadrão partiu ou aliás antes de partir pediu-se ao comandante para que esse fizesse uma carta de venda de alimentos, nos refúgios onde encontrássemos gente. Feita a carta foi lida o seu conteúdo e estava normal. Levantou-se a marcha; duas horas e meia de marcha, acompanhados do mesmo Junqueira, chegámos ao lado do ribeiro dito; fez-se a análise de tudo que tinha falado nos dias anteriores, nem tudo era verdade porque ambas margens estavam rodeadas de lavras pois somente a corrente do ribeiro e a profundidade mostram ou mostravam a verdade das suas palavras ditas. Mais uns passos encontrámos uma residência ali fixada numa lavra de café, há mais de um ano e meio onde encontrámos um velho que chegou de vender-nos o seguinte, por ordem do dito comandante: ... Bananas, Milho seco e fresco, Mandioca e Cana-de-Açúcar isto tudo comprou-se com o dinheiro Congolês e o dinheiro gasto ali foi no montante de em francos 495frs. (quatrocentos e noventa e cinco francos). Crianças que ali se encontravam, comeram da nossa cana comprada. Dali o comandante ficou e o Esq. arrancou para diante; mais três horas de andamento, volta de 17H15 encontrámos num dos refúgios a morte de uma criança. Para isso o Esq. não podia avançar e deixar de ajudar sentir a dor que de perto podíamos sentir com aquela família e apresentarmos os nossos pêsames em nome do MPLA, para tal nomeou-se uma delegação que chegou de apresentar os sentimentos de todos soldados que ali se encontravam presentes e ausentes e em nome do MPLA; e que foi preciso informar-se do enterro que seria pelas 07H30 do dia seguinte 28. Então os nossos tiveram de regressar junto dos outros camaradas, chegando de informar tudo do que se tinha acontecido.

Chegou a hora do jantar, os soldados estavam satisfeitos porque dali faltavam duas horas de andamento para alcançar o Loge como última fase de enfrentar os rios... APARECEU a manhã do dia 28, pois se alguém pudesse adivinhar a morte que seguia os soldados daquele rico Esquadrão Vermelho, os soldados estavam todos ansiosos prontos para a partida. Antes da partida, a delegação composta de 10 soldados nomeados para a ajuda da abertura da campa, essa teve de partir muito cedo eram 05H00, quando dirigindo-se à família a fim de pedir o material para iniciar abertura da campa, esses disseram que não era necessário porque aguardavam a chegada de alguns membros de família e que só estariam ali volta das 11H00 e para se aproveitar o tempo que é chuvoso, convinha melhor aproximarem o rio ou antes atravessá-lo hoje. Dali tiveram de recuar junto dos companheiros e expuseram tudo. Manhã muda e triste, manhã do soldado que seria elemento de amanhã, manhã serena de abril, nos rostos dos soldados bailava a Esperança de irem até ao destino... 07H25 o Esq. Ver. estava em marcha para junto do Loge a fim de atravessá-lo naquele dia; tudo marchava em segurança e depois de Duas horas de andamento acabava de chegar junto da margem direita do rio Loge. Aqui encontrámos um homem que chegou de se apresentar como ajudante do Piloto, que nos poria no outro lado do rio. Mas antes de tudo e como ao lado se encontra uma árvore, este informou que era melhor ou antes muito melhor que todos os soldados pusessem as suas mochilas debaixo da árvore ali existente, porque breve apareceria o avião de ronda que tem procurado onde os Nacionalistas têm atravessado o rio. E para

que não atrasemos o nosso serviço peço-vos isso; assim fez-se. Mas sempre desconfiados tentou-se prevenir os soldados; e que seguiu depois; como trazíamos ou antes levávamos a carta de compra de comida, entregue a carta e depois de lida, este disse que daria a comida do outro lado do rio porque ali se encontravam as lavras, querendo aproveitar o tempo, para que os outros escondidos não sejam vistos, este disse que depressa iria chamar o piloto para pôr a malta do outro lado; terminada a palavra este partiu correndo e surgiu antes dele desaparecer da vista a voz de Dispersão Soldados; foi tarde; finalmente quando os primeiros tinham acabado de chegar não reparando na posição em que se encontravam, assim o Esquadrão estava por completo emboscado.

COMBATE... 09H30 Depois que o sujeito desapareceu, soaram numa só rajada diversas armas de Infantaria. O terreno não prestava [para o] manejo de armas mas dadas as possibilidades que se aproveitou ainda se conseguiu defender-se e livrar-se da zona de Morte onde todos os soldados se encontravam encerrados.

O combate durou cerca de três horas e meia, mas dadas as experiências das leis combativas conseguiu-se abandonar o recinto onde as balas choviam.

FUGA.. Muito cedo e sem tardar, abandonou-se o Ring de morte, depois de feitas algumas rajadas a fim de pôr termo o adversário. O rio Loje cheio de jacaré como todos o devem conhecer de história era o único ponto de vida para poder livrar-se daquela maldita traição. Quando se abandonou o local, em continuação de onde as águas corriam, fomos-nos sentar num esconderijo mas ouviu-se que os tiros seguiam o nosso rasto dadas as pegadas do tempo chuvoso não seriam procurados. Tivemos de abandonar o tal esconderijo e tomámos rumo ao Congo para comunicar o acontecimento.

Foram 14 dias de marcha, acompanhando os feridos, e para se chegar ao destino foi preciso aproveitar as florestas, os vales e mais meios. Durante os dias de fuga, guiavam os outros aqueles que tinham a saúde; fugia-se o Português e o Angolano. Só depois que se atravessou o rio Mbrige começou-se [a] andar no caminho e se nos encontrássemos com algum elemento da UPA, e para que esse não nos desse cabo, pois quando procurasse informar-se do passado dizia-se que tinha sido em combate contra os portugueses; foi esta sempre a nossa resposta até no Território Congolês. Já no território congolês, isto é numa aldeia, onde encontrámos bastantes upistas, que chegaram de nos convidar para a direcção deles que se encontrava no Songololo, a fim de nos pôr em Léo mas a nossa reacção foi de rejeitar a proposta deles.

CONCLUSÃO... Na área em que se travou o combate, o soldado português lá goza do melhor sossego.

As informações obtidas da parte dos Oficiais que a UPA está formando não são para outra coisa, mas para manter a ordem entre o Povo e o serviço da luta contra o colonialismo, isto é a luta com os meios armados, esta por ora está parada até 15 de Março do ano de 1964 quando a UPA por completo liquidará as bases do Exército português em Angola; esta data está colocada na memória de cada militante da UPA e um dos OFICIAIS chegou de dizer que é a Linha Política da UPA para o Ano em curso. Na área do Bembe e de S. Salvador onde o soldado do EPLA chegou de pôr o seu pé, verificou-se ali a nudez, a doença que tem sido a pior fera da família Angolana. Os líderes da UPA que têm acompanhado a Política Suja, suja porque não a sabem fazer.

Em frente do Esquadrão Vermelho, dezenas de Senhoras, homens já de idade avançada, declararam que estavam inteiramente admirados com os soldados do EPLA, e que finalmente o MPLA educa soldados para amarem, respeitarem e ensinarem o povo. O soldado do EPLA por onde passou encontrou tudo sujo mas procurou mobilizar o POVO.

Outro Relatório do EPLA sobre o Esquadrão Vermelho

[policopiado]

MPLA

EPLA Exército Popular de Libertação de Angola

Data 17-5-63

Relatório

Partida – Tendo sido nomeados catorze guerrilheiros do EPLA, para o cumprimento de uma missão especial, a partida do primeiro grupo de reconhecimento desta Missão foi em 28/3/63 e esperou no Septante. A partida do grosso do Esquadrão foi em 3/4/63.

Data de encontro dos três grupos em 3/4/63.

Demorámos três dias no Septante à espera do restante dos soldados que se encontravam ausentes do local do encontro, para despistar a curiosidade dos moradores. O Esquadrão não ia fardado até à hora da traição.

Miranda Marcelino – Este se comprometera ceder três dos seus homens para nos servirem de guias; ele iria à nossa retaguarda com o restante do seu grupo. Foram entregues ao Miranda Marcelino – sete latas de pólvora, sete latas de cartuchos de caçadeira por ordem do Comando do EPLA.

Lugar de encontro – Interrogado o Miranda Marcelino sobre o local do encontro, este indicara uma pedra e que o desvio para essa pedra havia de se encontrar a duzentos metros de um embondeiro. Verificou-se depois que isso não era verdade, pois só depois de quatro horas de marcha damos com tal desvio, o que foi verificado já no nosso regresso.

UMA CARTA PARA O ANTÓNIO FERNANDES, COMANDANTE DA UPA – O Miranda Marcelino lamentou o facto de não se ter lembrado de enviar uma carta ao António Fernandes um dos comandantes da UPA em Quindeje, a fim de esse enviar um certo número de soldados ao nosso encontro junto do rio Mbridge.

PORQUE NÃO ESPERÁMOS PELO HOMEM – Não nos foi possível esperar mais tempo no Septante porque verificámos que ia uma grande agitação na população local e a nossa presença poderia ser causa dum incidente entre os elementos dos dois partidos.

OS RECURSOS COM QUE CONTÁVAMOS – O único recurso era a promessa de Miranda Marcelino de nos encontrarmos na pedra e acreditámos nas suas palavras, porque nos parecia um homem sério.

ENTRADA EM ANGOLA – Às treze horas do dia sete de Abril acabávamos de entrar no território Angolano onde tivemos a melhor possibilidade de organizarmos a marcha do Esquadrão.

TIROS – As sentinelas portuguesas que vigiam a estrada Noqui – S. Salvador das nove às dezasseis horas, dispararam sempre tiros. Não se sabe porquê, possivelmente é sinal de Retirada.

Às vinte horas e quarenta e cinco, o Esquadrão atravessou a estrada. Essa era uma das dificuldades vencidas.

SEGUNDA DIFICULDADE – A segunda dificuldade era a do rio Ylunda-Yole. Às quinze horas acabávamos de atravessar esse rio, tendo passado a noite na margem esquerda.

EMBONDEIRO – No dia seguinte, depois de onze horas de marcha partindo do rio Ylunda-Yole, chegámos ao embondeiro que o Miranda Marcelino dizia distar do desvio cerca de duzentos metros à direita, o que era falso como acima já se disse. Pernoitámos nesse sítio. Na manhã seguinte pusemo-nos a caminho e depois de quatro horas de marcha alcançámos uma pedra grande onde pernoitámos; mas essa não era a que nos havia sido indicada pelo Miranda. Até aqui perdemos esperanças de nos encontrar com o Marcelino. No dia seguinte depois de termos marchado durante seis horas, alcançámos umas lavras de mandioca abandonadas e depois de abastecer-nos para a viagem, fomos nos emboscar numa mata onde passámos a noite; estas lavras, ficam situadas nas proximidades da estrada Ambriz – Toto, do lado Norte.

TOMBOCO – No dia seguinte (13) depois de duas horas de marcha atravessámos a estrada de Ambriz – Toto (a dita de Tomboco) e depois de mais oito horas encontrámos um riacho onde pernoitámos.

QUATRO MILITANTES DA UPA – Depois de quatro horas de marcha tomámos contacto com quatro militantes da Upa do Quartel de Caluca – região de S. Salvador. Estes mandaram-nos alto. Depois de tomadas medidas necessárias fui ao encontro deles acompanhado de quatro soldados. Os dois grupos estavam atrás distantes aproximadamente cinco Kilómetros. Depois de troca de impressões nada notámos que nos criasse qualquer desconfiança. Depois de hora e meia de marcha alcançámos o Quartel de Caluca, onde encontrámos uns dez homens desarmados e algumas mulheres. Na troca de impressões deram-nos informações importantes sobre a posição e o procedimento das forças portuguesas. Também solicitaram informações sobre os partidos; nós informámo-los na medida do possível mas notámos certa falsidade nas suas informações, pois uma das mulheres dizia o contrário do que os homens diziam. Daqui, após uma demora de hora e meia, marcha para um sítio onde pernoitámos. No dia seguinte catorze de Abril, depois de cinco horas de marcha alcançámos o rio Mbridge. Durante o trajecto entre os dois rios demos encontro com três grupos de homens e mulheres que buscavam refúgios no Congo vindos do Quartel da UPA do Lambo queimado pelos soldados portugueses. Estes informaram-nos que o Comando desse Quartel buscou esconderijo nas matas mais afastadas. No referido acampamento

deram-nos um estafeta que nos orientou até um certo ponto para que não tomássemos o atalho minado pelos portugueses. Estivemos acampados na margem direita do rio Mbridge, seis dias. Durante esses dias, o piloto comunicara o Quartel do Sangue e o comandante daquele Quartel apareceu depois de dois dias, trazendo-nos comidas e regressou nesse mesmo dia ao seu Quartel levando quatro de nós, tendo dormido com eles e lhes servindo um bom jantar. Durante a estadia dos nossos soldados no Quartel do Sangue, ensinaram o povo a fazer abrigos contra a aviação, deram lições de higiene, etc. Este procedimento granjeou estima e admiração dos soldados do EPLA. Foram despachados com material de fazer a jangada e comida, sendo acompanhados pelo comandante António Jacinto Tomás, desse Quartel, que trabalhou connosco até que todos atravessámos o rio. Não aceitámos o convite do tal comandante de arrancarmos naquela noite para o Quartel que distava cerca de duas horas do local, mas, fomos satisfazê-lo no dia seguinte e fez-nos uma boa recepção. Durante a nossa estadia lá, oferecemos medicamentos ao povo e balas de Mauser ao comandante António Jacinto Tomás que muito agradeceu. Das nove às onze horas, nos ocupámos em fazer tratamento de feridas e diversas doenças. O povo daquele Quartel do Sango, ficou bastante satisfeito connosco. À nossa partida, o comandante cedeu-nos um moço que nos serviu de guia. Às onze horas partimos e, às dezassete horas atingimos o ponto previsto onde havíamos de pernoitar. Antes de atingirmos esse ponto, passámos dois grupos de gente nuns sítios chamados refúgios, que também nos deram um guia depois de nos desviar do primeiro que tinha pressa de regressar.

SECÇÃO MILITAR Nº 2 – REGIÃO DO BEMBE – De manhã continuámos a marcha debaixo de chuvas até à secção nº 2 da mesma região alcançada às dezassete horas e aqui passámos a noite. Fomos bem recebidos e tratados e sentimos a impressão que tudo ia bem.

XINGA-NZAMBI – No dia seguinte (24) partimos e às dezoito horas alcançámos um ponto onde passámos a noite; no dia seguinte chegámos no Quartel de Xinga-Nzambi às dez horas. Neste lugar encontrámos o comandante Alberto Junqueira que nos recebeu bem, não nos deixando prosseguir a viagem devido à chuva. Ofereceu-nos um bom jantar. Convém notar que neste Quartel cantavam muito e o seu canto manifestava algumas piadas. No dia seguinte ainda chovia sendo obrigados a passar aí a outra noite. Ao terceiro dia, 27 de Abril, partimos sendo acompanhados pelo mesmo Alberto Junqueira o dito comandante do Quartel Xinga-Nzambi, até ao ribeiro Kuango onde encontrámos alguns mantimentos que resolvemos comprar; ele dizia que tinha um óbito à frente e por isso não podia esperar-nos e fez-nos um mapa da rota que deveríamos seguir. Às quinze horas prosseguimos a viagem segundo a rota que nos traçou até Lemba onde encontrámos o óbito de uma criança. Acompanhámos o óbito durante a noite. Não encontrámos aqui o dito comandante Junqueira.

RIO LOJE – Às sete horas da manhã do dia 28 partimos sem guia, mas estavam connosco três homens da UPA que se vieram juntar a nós no Quartel do Xinga-Nzambi e que diziam ser dois de Kabadi Kinguengo e o outro de Nova Lisboa. Depois de duas horas de marcha encontrámos dois homens a cento e cinquenta metros do rio Loge

que diziam estar ali à nossa espera pois que já tinham conhecimento da nossa chegada dois dias antes, e que tinham sido recomendados a ir comunicar o Piloto logo que chegássemos. Assim, estes dois homens, depois de nos encaminharem para um ângulo agudo formado por lado esquerdo o rio Loge e ao lado direito uma lagoa. Ao pé do rio, isto é na margem direita, há uma árvore para junto da qual arrumámos as mochilas a conselho dos mesmos homens da UPA, para evitar que fôssemos vistos por um possível avião – diziam eles. Depois disto afastaram-se de nós a correr a pretexto de irem buscar o piloto. Porém, depois de se terem afastado, começaram a cair sobre nós rajadas de metralhadoras e granadas de mão num fogo cruzado e nós estávamos encurralados dentro do ângulo. Tomámos posição atrás das mochilas onde pudemos reconhecer a pessoa do Junqueira o dito comandante que um dia antes se havia apartado de nós a pretexto de ir ao óbito e (1). O camarada Miranda Açureira que já tinha a perna partida, gritava-lhes dizendo que nós não estávamos aí para lutar contra nossos irmãos mas sim, contra os colonialistas portugueses. Verificámos que longe de cessar o fogo, concentravam para ele rajadas de metralhadoras que acabaram de o matar. Então também abrimos fogo contra eles, tendo-os feito recuar, e infelizmente mais não fiz por me terem esgotado as munições e finalmente a minha metralhadora foi partida por uma bala de um tiro que partiu do lado direito junto da margem do rio. Os camaradas Andrade Correia, Joaquim Domingos, Fernando Miranda, José Gomes e eu, defendemo-nos o melhor possível, apesar de alguns de nós se acharem já feridos, tendo causado também muitas baixas do lado dos atacantes que em virtude do qual recuaram, dando tempo a nós os sobreviventes de nos escaparmos. Do nosso lado tombaram os seguintes soldados: Gonçalo Luís Lopes, Domingos da Silva, José Gaspar Sebastião, Miranda Açureira, João Gonçalves, Luís Augusto Pereira, Pedro Manuel Chico, João Mahinga Pascoal Mobau, João Kabanda Katoko; e os partisans António João Pereira, Sebastião e Bernardo.

DEPOIS DA CENA – Marchámos em busca de direcções através das matas. Apesar de feridos e sem alimentos, marchámos seis dias para atingirmos de novo o rio Mbridge. De longe ao longe, fomos encontrando algumas lavras de mandioca abandonadas e assim nos abasteciámos. Do rio Mbridge à fronteira marchámos oito dias com muita dificuldade em virtude das feridas que já se gangrenavam sem socorro! Depois de dois dias alcançámos a cidade de Léopoldville.

CONCLUSÕES – 1º – Não há a menor dúvida de que fomos atacados à traição por elementos da UPA dirigidos pelo tal Alberto Junqueira;

2º – Que os pretendidos portadores que esperavam à margem direita do rio Loge, foram expressamente aí enviados para nos conduzirem à zona da morte;

3º – Concluimos que aqueles três elementos da UPA que vieram juntar-se a nós eram guardas camufladas da UPA para não lhes perdermos de vista;

4º – Que o Miranda Marcelino é cúmplice do crime, pois assim o provam todas as voltas dadas para se afastar de nós. E ainda se desconfia que ele tenha participado na emboscada;

5º – Que o Miranda Marcelino fez tudo para desviar-nos da rota traçada pelo nosso Comando.

[à margem:]

(1) Tussamba – Kuanzambi, Manuel Cosme

Carta do MPLA ao CD da UPA

[policopiado]

[Endereço do MPLA em Léopoldville]

COMITÉ DIRECTOR
Ref. 304/C/CD/1963

Léopoldville, 17 de Maio de 1963

AO
COMITÉ DIRECTOR DA UPA

Compatriotas:

Profundamente indignados, os militantes e dirigentes do MPLA tomaram conhecimento de mais um traiçoeiro ataque perpetrado por irmãos angolanos agindo sob as vossas ordens contra um comando de reconhecimento do MPLA que actuava na região de Nambuangongo a cerca de 170 km de Luanda.

Este acto infamante que está na linha da guerra fratricida desencadeada pela UPA quando do massacre da coluna do Comandante Ferreira, e de outros massacres continuamente denunciados pelo nosso Povo, é objecto dos nossos Comunicados N.º 60 e 61.

Não deve passar despercebido o facto acusatório de que este novo crime da UPA ocorre no momento preciso da Reunião dos Chefes de Estado em Addis Abeba, quando o MPLA se prepara para apresentar uma nova plataforma de unidade, que fica deste modo seriamente comprometida.

Ao denunciar perante os amigos da CAUSA ANGOLANA mais este acto bárbaro, o MPLA protesta energicamente contra a prática por parte da UPA da luta fratricida, atentatória da HONRA E DA DIGNIDADE DO NACIONALISMO ANGOLANO.

O MPLA responsabiliza a UPA perante o Povo Angolano do atraso introduzido na Revolução Angolana, de que só o inimigo beneficia.

O Comité Director do MPLA abriu imediatamente um inquérito aos acontecimentos, cujo resultado será presente para julgamento ao Tribunal de Guerra do MPLA.

O Comité Director do MPLA decidiu pôr em execução as medidas de segurança e legítima defesa requeridas pela situação.

O MPLA exige em nome do Povo Angolano a reconversão total dos métodos e dos objectivos da direcção da UPA e apela para os verdadeiros nacionalistas da UPA para que pressionem os seus dirigentes no sentido de levar [livrar?] para sempre o Nacionalismo Angolano destes actos ignominiosos.

Pelo COMITÉ DIRECTOR

Rev. Domingos da Silva; Aníbal Melo; Desidério Graça
Henrique Carreira; Lúcio Lara

AM/LF.

Declaração do MPLA à Imprensa sobre ataque da UPA

[policopiada]

[Endereço do MPLA em Léopoldville]

Doc. 66/1963.

DECLARAÇÃO

Decidimos reunir-vos aqui, Senhores representantes da Imprensa para vos apresentar alguns dos sobreviventes do ataque traiçoeiro realizado pelos homens da UPA contra os nossos guerrilheiros na região de Nambuangongo, no passado dia 28 de Abril.

Depois do apressado desmentido feito pelo presidente daquele partido, não poderíamos oferecer à Imprensa internacional melhor testemunho do que o das próprias vítimas, algumas das quais tendo ainda no corpo os ferimentos e as balas, cujas radiografias estão aqui.

As vítimas estão ao dispor para responder às vossas perguntas.

Não nos perturbam os comentários com os quais o presidente da UPA fez acompanhar o seu desmentido; isso, faz parte dos seus métodos políticos.

O seu interesse pela unidade do povo angolano não se manifesta senão quando se encontra em situação delicada. Da mesma forma, ele não se recorda da existência do chamado FNLA senão quando se trata de repartir com outrem as responsabilidades das suas próprias faltas.

No que se refere à evidência da implantação dos nossos guerrilheiros no interior de Angola consideramos inútil discutir esse facto irrefutável, embora compreendamos que ele custe a ser aceite pelo presidente da UPA.

A nossa devoção à causa da unidade angolana está suficientemente demonstrada para que se possa atribuir-nos a responsabilidade da difusão de falsas notícias. Se alguém neste momento compromete seriamente a plataforma de unidade que desejaríamos

apresentar na Conferência dos Chefes de Estado Africanos, em Adis Abeba, não é outro senão o presidente da União das Populações de Angola.

Os nossos agradecimentos pela atenção dispensada.

[carimbo do CD do MPLA]

Em nome do Comité Director,

Aníbal de Melo

Chefe do Departamento da Informação

Léopoldville, 19/5/1963.

AM/CCS.

Carta de Matias Miguéis a Viriato da Cruz

[dactilografada]

B.P. 2434 – Léopoldville

Léopoldville, 31 de Maio de 1963

Meu Caro Viriato,

Folgo pela melhoria do teu estado de saúde. Boa saúde à Maria Eugénia e à v/ pequenina Marília.

Recebi a tua carta feita em Roma e as duas outras enviadas de Bandung e de Alger.

Felicitações pelo convite que te foi feito e pela posição atribuída a Angola, na tua pessoa, aquando da fundação da Associação do Jornalista Afro-Asiático.

O atraso na conversação que, em princípio, devemos ter está sendo prejudicial à nossa acção. Encontramo-nos na situação de jogadores frente à baliza do adversário, descoberta, mas sem possibilidades de finalizar – de meter golo.

Os Comités de Acção de Léopoldville se encontram em pronunciada rebelião contra o Comité Director, actual. As nossas divergências estão tendo reflexo no Interior da nossa Terra com pendência do fiel da balança para o nosso lado. É o que nos dizem todos quanto de lá vêm e nos têm procurado.

Há uma série de questões a atacar com toda a urgência.

As discriminações e as injustiças sucedem-se diariamente.

Foi há dias convocada uma reunião de militantes para os dias 4 e 5 com vista à “reorganização do MPLA em Léopoldville e à eleição dos responsáveis de Zona”. Alguns militantes foram para tal reunião, que resultou em fracasso, com o direito de voto e o de serem votados coartado pura e simplesmente. Segundo o Lara que nisso superintende, não podiam “eleger e nem a serem eleitos”, por serem “funcionários(?) do Movimento” ou por “residirem nos lares do MPLA”. Não há nisso qualquer ponta de exagero de nossa parte. A “coisa” ficou escrita em convocatória que se encontra em nosso poder.

Com a criação da Escola de Quadros cujo funcionamento não passa quase do papel, a propaganda do CD no tocante à politização das massas redobrou. Dizem que

a politização jamais fora feita pela Direcção anterior do Movimento. E que só agora se estaria fazendo em Léopoldville, nas fronteiras e no Interior de Angola!! Os cursos políticos anteriormente elaborados foram todos recolhidos. Consideram-nos nocivos. Presentemente como politização se está martelando aos ouvidos dos camaradas do EPLA a necessidade duma colaboração com a FUA que dizem pretender ajudar o MPLA como se aos colonos e aos filhos destes interessasse uma verdadeira independência de Angola. Isto tem feito crescer a desconfiança do povo e dos camaradas do EPLA vis-à-vis ao MPLA. Para a Organização de Quadros o nacionalista angolano é só o Neto, o único capaz de fazer a revolução como se tal fosse possível!! Está-se convencendo as massas de que sem Neto não se faz a revolução!!!

Alguns camaradas têm deixado o EPLA. Os que ficam, ante a nossa insistência, o fazem mas prometem deixar a Organização se a situação do Movimento não se modificar até fins de Julho próximo.

A Juventude continua desorganizada. Ela não pode reunir sem autorização do Lara. Tudo ali, à semelhança do que se passa com as Associações em Angola, terá de ser homologado pelo Departamento de Organização e Quadros!! Pensam dotar a Juventude duma Direcção mas só depois de “desmantelarem” o que eles chamam “o pequeno grupo de “descontentes”: José Miguel, Borges, Santos, Amaro e Luíz Miguel”.

José Miguel e Luís Miguel já se encontram arbitrariamente e injustamente suspensos por doze meses, sem direito a alimentação, casa e assistência médica do CVAAR!! O Neto está esquecido em tão pouco tempo do tratamento que lhe foi dado pela PIDE no tocante a casa (cadeia) alimentação e assistência médica!! Estes tipos conseguem ser mais fascistas que o próprio Salazar! Borges e Santos estão em vias de serem suspensos. Inventou-se de que teriam tido atitude de indisciplina durante o seminário da Juventude realizado cá sob os auspícios da WAY. Quanto ao Amaro o estão levando, por provocações, a demitir-se dos trabalhos do MPLA.

O n/ Bureau cá deixou praticamente de suscitar interesse das massas. É muito pouco visitado. Os compatriotas vindos de Angola raramente para lá se dirigem, como então.

O Comité Director sabe do movimento pro-realização duma Conferência Nacional extraordinária. Tem feito pressões sobre os militantes. E até ameaças. A Direcção do MPLA, pela boca do Neto, não aceitará, por momento, a realização duma Conferência Nacional extraordinária. Não cai nisso, no dizer do mesmo Neto!! Há certa dureza da parte deles no sentido de se conservarem à frente do Movimento.

Muitos factos mais apresentaria se me quisesse tornar fastidioso.

Torna-se pois necessário e urgente uma conversa.

Dos 21 camaradas há dias enviados a Nambuanguo com indicação de entrarem pelo Norte, 16 deles foram barbaramente assassinados pela UPA. Um dos nossos pupilos da Academia Militar, o Gonçalves, lá ficou. O Jacob só por milagre conseguiu salvar-se. O envio dos dois no mesmo pelotão, pelo Lima, foi intencional. Quanto ao ataque a Cabinda não passa de uma operação criminosamente conduzida pelo Lima!!

Começaram a espalhar boatos segundo os quais tu terias feito parte da Delegação do MPLA que esteve em Addis Abeba e que tua vinda para Léopoldville estava eminente.

Diz-nos alguma coisa. Apresenta, por mim, recomendações à Maria Eugénia e beijos à vossa Pequerrucha.

Escreve-nos e aceita um aperto de mão cordial.

do [rubrica de Matias Miguéis]

P.S. – Vai uma carta do José Domingos. O Chipenda tem estado a fazer um trabalho de divisão entre a Juventude. Fá-lo com muito tacto...

[rubrica de M. Miguéis]

Relatórios dos Dispensários de Fronteira do CVAAR

[policopiado, em francês]

CVAAR

CORPO VOLUNTÁRIO ANGOLANO DE ASSISTÊNCIA AOS REFUGIADOS

Organização de assistência médico-social aos refugiados angolanos

Sede provisória – 47 Avenida Tombeur de Tabora – Léopoldville

Para toda a correspondência: CVAAR – Caixa Postal Nº - 856

Léopoldville – Rep. CONGO

Secção de Informação e fundos.

Doc. Nº - 8/963.

[carimbo do CVAAR]

RELATÓRIOS DOS DISPENSÁRIOS DE FRONTEIRA

MENSAGENS DAS EQUIPAS MÓVEIS.

Mês de Maio, ano 1963.

KIMPANGU – Faço questão de vos dizer que vos enviei uma mala vazia para que pudessem me mandar outros medicamentos, mas não paguei o seu transporte. Não tenho dinheiro; nem sequer para comer. Peço-vos encarecidamente, escrevam para nós, nunca se esqueçam de nós porque estamos no pior canto; sempre com os portugueses diante de nós. Vemo-los do outro lado da fronteira; Angola fica apenas a 30 minutos de distância, a pé. As últimas notícias dizem que os soldados portugueses continuam a matar os nossos irmãos; nem mesmo as mulheres e as crianças escapam. Aqui todos sofremos muito com a fome. Os refugiados mesmo nós que estamos aqui para tentar ajudar os refugiados. Não temos nenhum dinheiro e aliás é a mesma coisa com os medicamentos. Tudo acabou; não temos nada para dar aos que nos procuram e a maior parte está gravemente doente. Esperamos com muita impaciência a visita mensal do médico. Há muitos doentes e é preciso Penicilina, Vitaminas e Sulfamidas.

LUALI – Aqui há cada vez mais doentes com malária, anemia, pneumonia, sarna e micoses do couro cabeludo. Se pudessem enviar medicamentos para essas doenças

seria muito interessante. O ideal seria enviarem-nos também antibióticos, asterol, argirol, antepar, xarope de codeína ou outros; algumas injeções para anestesia local. Enviem-nos com urgência três seringas de 10 c.c.; se não houver, mesmo uma; isso é muito urgente. Não posso fazer uma lista de tudo o que preciso; não sei o que vocês têm. Enviem-me envelopes, selos e um pulverizador manual, líquido para matar insectos e creolina.

Aqui há quatro viúvas numa situação muito pobre. Podem ajudar essas pobres viúvas imediatamente? Elas precisam muito de algumas roupas e alimentação. Será totalmente impossível arranjar-nos um rádio: Estamos muito isolados e não sabemos de nada do que se passa no mundo.

Ainda aguardo roupas para homens, mulheres e crianças. Durante o mês de Abril fizemos 133 consultas, 1459 Pensos, 234 injeções, 17 casos de desparasitação.

BOMA – Homens de boa vontade que moram perto de nós e que se apercebem da nossa infelicidade e das necessidades juntaram para nós 7675 francos congolezes. Foi o único dinheiro que tivemos durante as grandes destruições da última inundação. Esta ajuda encorajou-nos muito e aliviou-nos um bocado.

KIMWEZA – Desta vez demos impressos com instruções sanitárias e toda a gente estava muito interessada e queria saber mais. Depois das consultas, comemos juntos e brincámos com as crianças que nos pediram uma bola.

MATADI – Durante este mês, tratámos 888 refugiados, fizemos 216 consultas e demos 325 injeções. Aqui o trabalho nunca acaba mas estou contente porque os refugiados vêm de boa vontade para que os trate. Precisamos de medicamentos de base: penicilina, cloroquina, multiplex e ligaduras.

QUIPINDI – Aborreçemo-nos muito por causa do nosso primeiro enfermeiro Simão. Abrimos um outro posto do CVAAR com alguns medicamentos enviados pela delegação de Tumba-Mani. Durante todo o mês, tratámos 411 doentes. Agora precisamos de equipamento e de medicamentos para o novo posto bem como de algum dinheiro e alimentação para as pessoas que constroem a casa para o CVAAR.

KINDOPOLO – Durante todo o mês fizemos 107 consultas, 539 pensos e 84 injeções. Também tratámos 30 congolezes. As doenças mais frequentes são sempre sarna, anemia, malária, diarreia, feridas, reumatismo, tosse e parasitas.

KAHEMBA – Aquando da nossa terceira viagem para locais mais próximos da fronteira, visitámos 52 aldeias e contactámos 1439 refugiados. Devido à falta de comida, de assistência médica e de vestuário, há refugiados aqui que estão desesperados e falam em voltar para Angola para serem mortos pelos portugueses e pelo menos assim todas as desgraças acabam. Nessas aldeias há uma enorme falta de tudo. Por isso pedimos uma autorização para abrir aqui um posto médico e fomos autorizados. Agora estamos a construí-lo. No entanto, é preciso enviarem-nos medicamentos, vestuário, uma bicicleta, um relógio, um mapa de Angola e um fogão primus.

Os nossos irmãos que moram ao longo da fronteira vivem nas piores condições

e ficámos com eles durante 3 semanas. Não me recordo ter descansado uma única hora durante todo esse tempo. Todos os dias chovia muito. Pergunto-me se a revolução argelina foi como a nossa. Sofremos muito de fome. Às vezes temos uma mandioca por dia... De certeza que os que vêm trabalhar aqui no posto médico vêm de boa saúde mas regressam doentes.

Outra coisa: as minhas roupas estão completamente rotas. O que devo fazer para encontrar pelo menos umas calças e uma camisa? A verdade é que também tenho vergonha de passear assim quase nu.

BOCO – Durante a visita médica deste mês não apareceram muitos doentes no primeiro dia; no entanto no segundo veio muita gente e foram embora muito contentes. Mas o próximo médico que vier deve trazer antibióticos e roupas tanto para as crianças como para os adultos. Os refugiados querem duas visitas médicas por mês.

MALELE – Os refugiados esperam a abertura de uma segunda escola do CVAAR para as crianças das aldeias mais distantes. Já há 99 crianças inscritas.

Os congolezes encorajam muito o CVAAR. Os “sobas” (chefes angolanos) e os refugiados receberam-nos muito bem e visitámos algumas aldeias de refugiados. Vimos que os refugiados necessitam muito de vestuário, a tal ponto que muitos deles estão nus. Também há uma grande necessidade de cobertores. Um dia desses os refugiados ouviram dizer que alguns cobertores tinham chegado. Não podem imaginar como eles chegaram aqui. Quando souberam que os cobertores não eram em número suficiente para toda a gente, foram-se embora a chorar. Os enfermeiros também se queixam da falta de medicamentos porque os doentes são cada vez mais numerosos.

O professor da escola pede ao CVAAR roupas para os seus alunos que vêm às aulas quase nus. Também precisam de livros quer em kikongo, quer em português.

Durante a visita às aldeias trepámos a montanhas que tinham pedras e por causa da chuva havia muita lama. Andámos muito sem sapatos porque não podia ser de outra forma e passámos mesmo um rio por uma ponte de cordas. Mas como trabalhamos para o bem-estar do Povo Angolano, temos força para vencer todas as dificuldades.

MOERBEKE – Até agora ainda não recebemos os medicamentos que nos enviaram. Pedimos também que nos seja enviado o mobiliário para o nosso posto: uma cadeira, camas, colchões, almofadas e um balde. A estação seca chegou e aqui temos muitas dificuldades com a água. É preciso fazê-la vir da Companhia do Açúcar e é preciso pagar o carro que a traz.

SONGOLOLO – Já não há medicamentos no hospital congolês, que nos ajudou muito. Pedimos alguns medicamentos ao hospital da missão mas recusaram ajudar-nos. Assim, o único medicamento que damos a cada doente é uma solução de comprimidos de multivitaminas do CVAAR.

Um outro problema aqui é a malária. Há mosquitos como nunca vi em toda a minha vida e tudo está infectado. Os refugiados estão a fazer as colheitas das lavras e por isso há um bocado menos de fome.

A imensa falta de medicamentos e de vestuário continua. Por favor, enviem-me o que quer que seja.

[Acrescentado à mão: LUKALA]

Caro Amigo, Caro Benfeitor

Eis alguns extractos dos relatórios que nos chegam mensalmente dos nossos Dispensários situados ao longo da fronteira CONGO/ANGOLA e das nossas equipas móveis no interior de Angola. A nossa dificuldade reside na falta de recursos. Faça, você mesmo, alguma coisa, individual ou colectivamente.

No mais breve espaço de tempo possível, precisamos de receber as necessidades urgentes do Mês:

- Um carro qualquer (qualquer um)
- 1000 dólares em dinheiro (ou 50.000 F. Belgas)
- 1 microscópio binocular e uma caixa com o material mínimo cirúrgico de urgência
- 2000 comprimidos de Nivaquina 100 mg (Specia); 1000 comprimidos de Nivaquina 300 mg (Specia)
- 500 frascos de 125 ml de Nivaquina Xarope
- 1000 comprimidos de Complexo B e 2000 cápsulas de Sulfato ferroso.

CARO AMIGO o povo angolano já sofreu demais. O destino dos refugiados angolanos pode mudar se você ou os seus amigos se decidirem a fazer alguma coisa. Nas nossas necessidades urgentes, escolha o que pode enviar, ou o que pode encontrar junto dos seus amigos, ou o que pode recolher com os seus amigos. Mas envie-nos hoje mesmo alguma coisa.

Se for necessário um nome para o envio de qualquer coisa, faça-o em meu nome.

Agradeço-lhe antecipadamente, em nome do povo angolano que sofre.

Doutor Gentil TRAÇA

Responsável [do] CVAAR pela informação e fundos

Cher Ami, Cher Bienfaiteur

Voila quelques extraits des rapports que nous parvenons mensuellement de nos Dispensaires situés au long de la frontière CONGO/ANGOLA et de nos équipes mobiles travaillant à l'intérieur de l'Angola. Notre difficulté reside dans le manque de ressources. Vous même, faites quelque chose individuel ou collectivement.

Dans le s plus brefs delais il faut que nous recevons les besoins urgents du Mois:

- Une voiture quelconque (n'importe la quelle)
- 1000 dollars en argent (ou 50000 F. Belges)
- 1 microscope binoculaire et une boîte avec le minimum de matériel chirurgical d'urgence
- 2000 comprimés de Nivaquine 100 mg (Specia); 1000 comprimés de Nivaquine 300mg (Specia)
- 500 flacons de 125 ml de Nivaquine Sirop
- 1000 comprimés de Complexe -B- et 2000 gelules de Sulfate ferreux.

CHER AMI le peuple Angolais a déjà trop souffert. Le sort des réfugiés angolais peut changer si vous ou vos amis se decident a faire quelque chose. Dans nos besoins urgents choisissez soit ce que vous pouvez envoyer, soit ce que vous pouvez trouver au près de vos amis, soit ce que vous pouvez ramasser avec vos amis. Mais aujourd'hui même envoyez nous quelque chose. S'il faut un nom pour l'envoi de quelque chose faites-le en non non.

D'avance je vous remercie en non du peuple Angolais qui souffre.

Docteur Gentil TRAÇA
Responsable CVAAR de l'information et fonds

Conferência de Imprensa de Mário de Andrade

[policopiada, em francês]

[Endereço do MPLA em Léopoldville]

[carimbo do CD do MPLA]

CONFERÊNCIA DE IMPRENSA DE MÁRIO DE ANDRADE, CHEFE DO DEPARTAMENTO DAS RELAÇÕES EXTERIORES DO MPLA

No espírito das resoluções adoptadas pela primeira Conferência Nacional do MPLA, o Comité Director da nossa organização decidiu reforçar as alianças naturais que existem entre os movimentos nacionalistas e os países africanos independentes. Também pretendemos harmonizar as nossas posições políticas com as dos Chefes de Estado Africanos em relação aos grandes problemas que condicionam o futuro do nosso continente.

Em vésperas da Conferência de Addis Abeba, duas missões de informação visitam um certo número de países africanos com vista a coordenar uma acção comum sobre as medidas a tomar contra o colonialismo português.

O apoio constante que o povo e o governo argelinos, presidido pelo irmão BEN BELLA, nos concede tanto no plano político como material, encoraja as nossas iniciativas diplomáticas na perspectiva da Conferência de Addis Abeba.

Aliás, existe unanimidade em África quanto à determinação dos responsáveis dos destinos dos povos africanos em acelerarem a liquidação das últimas fortalezas coloniais.

A acção militar do povo angolano entra numa nova fase. Com efeito, o MPLA pôde ultrapassar os obstáculos que desde 4 de Fevereiro de 1961 travavam o desenvolvimento das forças nacionalistas, com o enquadramento político-militar das massas combatentes.

Os aspectos negativos da insurreição apresentavam-se, no nosso caso, com as características seguintes: uma resistência localizada, ausência de um comando único, carência na definição dos objectivos políticos da luta e divisão do movimento nacionalista. Era portanto necessário planificar uma acção que permitisse a mutação das condições nas quais se debatiam as massas angolanas e elevar o nível da luta político-militar. Paralelamente, era preciso que os grupos que, no interior do país, suportavam o peso do exército colonial, depois de terem abandonado as posições conquistadas ao inimigo, mantivessem uma actividade militar.

Foi assim que esses grupos nacionalistas tiveram de se retirar para zonas praticamente inacessíveis ao inimigo – florestas e montanhas – e organizar-se em núcleos de resistência militar.

Ao mesmo tempo que mantínhamos uma actividade militar reduzida, estávamos engajados na solução dos problemas específicos da guerra de libertação.

Foi assim que o MPLA acelerou a formação dos seus efectivos militares, experimentados nas técnicas da guerrilha, o enquadramento político-militar da população e o estabelecimento de estruturas organizacionais no interior do país.

Além disso, realizámos uma verdadeira mobilização dos quadros para a acção armada, estabelecemos uma estrutura militar adaptada às condições de desenvolvimento da luta e procedemos à instalação orgânica do MPLA no território nacional.

No momento presente, estamos em condições de afirmar à opinião pública que o MPLA pode prosseguir a luta armada contra o colonialismo português sobre novas bases.

Há numerosas adesões de chefes regionais à nossa organização, e a acção clandestina desenvolve-se nas cidades de Angola.

Assim podemos afirmar que o povo angolano baseia cada vez mais as suas esperanças na linha política do MPLA.

O Exército Popular de Libertação de Angola (EPLA), ponta de lança do MPLA, com cerca de 10.000 homens, dos quais 250 jovens quadros formam a elite treinada pelos irmãos da Argélia e do Marrocos, constitui o garante do desfecho da fase actual e da realização dos objectivos revolucionários do nosso movimento. Este exército modificou as suas estruturas e criou um comando operacional que dispõe de unidades de guerrilha com vista a mobilizar e enquadrar o povo angolano.

Desde Janeiro último, uma nova frente de combate foi aberta no enclave de Cabinda, fronteira do Congo-Brazzaville. Os grupos de guerrilha em acção nessa região já provaram a sua capacidade militar através de combates que tiveram de levar a cabo contra o exército colonial português, nomeadamente a 20 de Janeiro no decurso do qual os combatentes do EPLA liquidaram uma patrulha inimiga.

As condições estão reunidas para alargar a guerrilha a todo o território do enclave. O enquadramento político-militar das forças nacionalistas dos distritos do Cuanza-Norte e de Luanda também está concluído.

Muito recentemente, no mês de Abril, as nossas forças armadas realizaram uma acção na estrada Luso [?]-Damba, que liga a cidade de Luanda à do Uíge, tendo liquidado trinta soldados portugueses. Dois oficiais subalternos do exército colonialista foram feitos prisioneiros e fuzilados depois de julgamento: Joaquim Rodrigues e Luís Pereira.

Esses sucessos da nossa acção político-militar não escaparam ao inimigo que, nos seus relatórios do estado-maior, sublinha que a partir de uma certa fase as tropas portuguesas começaram a ser atacadas, já não por angolanos, mas por guerrilheiros argelinos. Estamos portanto numa boa escola...

Perante esta situação, o Governo português, debatendo-se com os seus problemas internos e isolado no plano internacional, utiliza ao máximo alguns grupos de traidores através dos quais faz constar que a nova Lei Orgânica do Ultramar, que está em discussão na Assembleia Nacional, deve significar o processo lusitano conducente à independência de Angola. De facto, a Lei Orgânica do Ultramar refere-se simplesmente ao modo de eleição do Conselho Legislativo. Mesmo que ele resultasse de uma eleição, os seus membros apenas se representariam a si próprios já que o direito de voto está reservado a uma ínfima minoria de Angolanos não ultrapassando 0,3% da população. É inconcebível que o Governo Português, amarrado a uma concepção política anacrónica e dependente da exploração colonial, possa empenhar-se numa qualquer via que leve à autonomia do nosso país.

É por isso que a luta do povo angolano deve prosseguir no plano político-militar até a independência nacional.

Na luta pela liquidação do colonialismo em África e no caso concreto da libertação de Angola, o MPLA estima que os países africanos independentes são chamados a desempenhar um papel primordial.

Referindo-nos às resoluções tomadas pelas Conferências dos países africanos e pelas diversas reuniões dos partidos políticos, às declarações dos chefes de Estado, às iniciativas dos grupos afro-asiáticos na ONU atestando uma determinação comum em liquidar o colonialismo em África, o MPLA propõe-se apresentar em Addis Abeba um plano de acção concreto contra o colonialismo português.

Estamos convencidos que chegou a hora dos países africanos radicalizarem as suas posições contra esta “besta peçonhenta”, como o dizia o presidente BEN BELLA numa mensagem endereçada aos nacionalistas angolanos. A radicalização das atitudes africanas contra o Governo de Lisboa deve comportar necessariamente o boicote total e efectivo de Portugal e o recurso ao Conselho de Segurança com vista à sua expulsão da ONU. Naturalmente o MPLA pedirá insistentemente que a Conferência de Addis Abeba chegue a uma acção concertada e a uma coordenação de esforços para a ajuda material aos movimentos de libertação das Colónias Portuguesas.

Mas longe de iludir o problema da divisão do nacionalismo angolano, proporemos em breve, às outras organizações, uma nova plataforma de unidade baseada num programa mínimo de luta contra o colonialismo português.

A mediação dos chefes de Estado africanos reunidos em Addis Abeba poderá ser um factor do nosso entendimento. Se a realização de todas essas medidas for cumprida, então nenhum grande obstáculo maior subsistirá no caminho do povo angolano para a independência nacional e a unidade africana.

[Seguem-se diversas perguntas e respostas]

Maio/1963

MPLA

Departamento das Relações Exteriores
Secretariado de Coordenação – Léopoldville

Documento que estaria na origem da FDLA

[dactilografado – 2ª via]

O MPLA encontra-se em boa posição para controlar politicamente a parte do nacionalismo angolano que não foi tocada pela posição upista, aliás desacreditada perante o Povo devido à propaganda mentirosa. A UPA vive hoje do prestígio que a base militar lhe granjeou, mas começa já a baixar esse prestígio.

Dentro das organizações “nacionalistas” encontram-se oportunistas e ambiciosos que fizeram as suas organizações com um único fim de se apresentarem com um título.

Essas organizações regra geral não têm projecção no interior do país e não têm massas de militantes apreciáveis.

Mas não há dúvida que contribuem para manter a confusão e dar argumentos aos divisionistas. Por outro lado, podem ser orientadas politicamente numa direcção justa.

O MPLA é a força política capaz [de] mobilizar os angolanos “militando” nessas organizações e contribuir para o desmascaramento dos oportunistas e ambiciosos.

Por exemplo, Kassanda [Kassanga] e Kassinga [Kassinda] estão hoje isolados exactamente porque a sua atitude em relação ao MPLA contribui para o seu desmascaramento como egoístas, ambiciosos e desonestos.

Tacticamente, o MPLA seria reforçado pela aglutinação, desde já, de angolanos dessas organizações.

O MNA, a UNTA são duas organizações que eu proponho sejam imediatamente ligadas ao MPLA constituindo-se um Comité de Coordenação para a formação duma

FRENTE DEMOCRÁTICA DE LIBERTAÇÃO

na qual talvez se possam introduzir outros agrupamentos [de]pois de garantida a sua orientação política.

[Nota manuscrita por L. Lara: Este documento estará na origem do FDLA. Foi distribuído ao nível do Comité Director pelo Presidente antes de Junho 1963]

Autorização do Min. do Interior do Kongo Central

[dactilografada, em francês]

MPUMBU junto a – LEO - 7 de Junho de 1963

AUTORIZAÇÃO

Eu, abaixo-assinado, André MPIKA, Ministro do Interior do Kongo Central, autorizo o Partido político “MPLA” a exercer livremente, no respeito das leis e dos regulamentos da República do Congo, a sua acção política e social na Província do Kongo Central.

O MINISTRO DO INTERIOR

[carimbo do Min. Int. do Congo] – A. F. MPIKA. – [segue assinatura]

Declaração do MPLA sobre Proposta do Governo Português

[policopiada, em francês]

[Endereço do MPLA em Léopoldville]

O MPLA E AS PROPOSTAS DO GOVERNO PORTUGUÊS PARA UM DIÁLOGO COM OS PAÍSES AFRICANOS

Numa declaração feita pelo seu ministro dos negócios estrangeiros, o Governo português acaba de tornar público um convite endereçado muito especialmente aos governos dos países vizinhos dos territórios africanos sob dominação colonial portuguesa. Isto não passa da repetição feita em tom espectacular, de uma outra declaração de 3 de Abril último que afirmava “estar o Governo português pronto a negociar acordos de não agressão com os governos dos países e territórios contíguos às “províncias portuguesas do ultramar” que o desejassem”.

O conteúdo das duas declarações demonstra que o Governo português receava há muito tempo o resultado da conferência dos Chefes de Estado Africanos realizado recentemente em Addis Abeba, e essas declarações não passam de um esforço para sabotar as resoluções relativas a Portugal.

Se, antes da Conferência, o Governo português procurava em vão garantir a “compreensão” dos países limítrofes de Angola, ele continua ainda a ter a esperança de a garantir depois da Conferência, ainda que se possa admitir que se trata agora de uma atitude desesperada.

Tal é a confiança do governo colonial-fascista português nas virtudes de uma campanha de propaganda bem estimulada...

Passando por cima de outras declarações simplesmente ociosas, passando até por cima dos insultos que distribui ao acaso sobre a personalidade africana em geral, e sobre a dos Chefes de Estado africanos menos sensíveis a essas “solicitudes”, (porque recusamos a Portugal a autoridade de emitir opiniões e directrizes sobre os verdadeiros interesses do Continente africano), o MPLA, mais confiante pelo espírito de Addis Abeba, chama a atenção dos Governos africanos para a manobra de corrupção que se esconde atrás do falso diálogo solicitado pelo Governo português, por mais “franco e prático” que ele pareça. Basta recordar a recusa obstinada do Governo português a qualquer diálogo no plano interno...

O interesse que as autoridades coloniais portuguesas manifestaram, com um oportunismo suspeito, numa reunião com os dirigentes africanos, não traduz um desejo concreto de ir ao encontro da vontade de emancipação do povo angolano. Muito pelo contrário, constitui uma nova diversão diplomática, tendo como objectivo ganhar tempo para prosseguir a sua política maquiavélica de opressão, de exploração e de extermínio, política que neste preciso momento os colonialistas portugueses intensificam com um barbarismo sanguinário.

Uma tal manobra, que nunca será aceite pelos Governos africanos, visa trair o desenvolvimento da luta do Povo angolano e das outras colónias portuguesas, e destruir o próprio espírito da Unidade Africana consagrado na Conferência de Addis Abeba.

E como as declarações do Governo português só podem ser entendidas neste sentido, apressamo-nos a alertar os Estados irmãos de África para as ciladas que essas declarações contêm.

O Povo Angolano, por intermédio das suas organizações políticas, continua a ser o único interlocutor válido que o Governo português deve procurar para resolver o problema de Angola!

O MPLA, intensificando a guerra contra os colonialistas portugueses, não deixa de reafirmar o seu desejo de chegar a uma solução pacífica do problema angolano, desde que o Governo português se comprometa a reconhecer o direito do Povo angolano à auto-determinação e à independência; a garantir eleições livres para a criação de um órgão legislativo; a aceitar o estabelecimento de um prazo que determine o fim da dominação portuguesa em Angola.

O MPLA não poderia admitir que entre os Governos Africanos e o Governo português se estabelecesse qualquer tipo de negociações que não se enquadre no espírito da descolonização solenemente proclamada pelas Nações Unidas, que vise trair o alcance das decisões da Conferência de Addis Abeba e que espezinhe as opiniões sagradas do Povo angolano em armas para arrancar a sua Liberdade!

Os Governos africanos rejeitarão as insidiosas propostas do Governo colonialista português...

DOC./Nº 75/63
AM/CCS

Feito em Léopoldville, a 10 de Junho de 1963

O Comité Director do MPLA
[carimbo do CD do MPLA]

Constituição do Conselho Político Nacional

[policopiada]

[?] DE ACCÇÃO

A reforma das estruturas decidida pela I CONFERÊNCIA NACIONAL DO MPLA previu a constituição do CONSELHO POLÍTICO NACIONAL que fica definido pelos arts. 18º a 24º, do Projecto de Estatutos do MPLA.

Esses artigos dizem o seguinte:

Art. 18º – DOS CONSELHOS POLÍTICOS: Em cada escalão há um órgão superior de deliberação, denominado Conselho Político, e constituído por delegados eleitos pelos Conselhos Políticos imediatamente inferiores.

Art. 19º – No escalão Lugar, o Conselho Político é constituído pela totalidade dos militantes inscritos.

Art. 20º – O mandato de cada Delegado a um Conselho Político é de um ano.

Art. 21º – O Conselho Político do Escalão Nação é constituído por setenta Delegados e denomina-se CONSELHO POLÍTICO NACIONAL. É o órgão supremo do MPLA.

Art. 22º – Os Conselhos Políticos reúnem-se, ordinariamente, duas vezes em cada ano, por convocação da Comissão de Controle do escalão respectivo. Os Conselhos Políticos podem reunir-se extraordinariamente, a pedido do Comité de Acção dos escalões, ou a pedido de dois terços do número de Delegados que compõem o referido Conselho.

Art. 23º – O CONSELHO POLÍTICO NACIONAL reúne-se ordinariamente uma vez em cada ano, por convocação da Comissão de Controle, com um número mínimo de 56 membros.

O CONSELHO POLÍTICO NACIONAL pode reunir-se extraordinariamente a pedido de 47 membros, da Comissão de Controle, ou do Comité Director.

Art. 24º – Compete fundamentalmente ao CONSELHO POLÍTICO NACIONAL:

- Rever, modificar ou estabelecer o Programa, o Estatuto e a Linha Política do MPLA.
- Eleger os Membros para o Comité Director.
- Nomear os Membros para a Comissão de Controle.
- Discutir e votar os Relatórios do Comité Director e da Comissão de Controle.

Estando já constituídos na sua maior parte os diversos Comités de Acção de Sector que funcionam no Congo, o Comité Director decidiu dar início à eleição dos Membros para o CONSELHO POLÍTICO NACIONAL.

As condições especiais a que está sujeita a nossa luta, levaram o Comité Director a adoptar a seguinte distribuição:

3 representantes a eleger pelo Conselho Político de Léopoldville;

18 representantes a eleger pelos diversos Conselhos Políticos dos Congos (1 por cada Conselho Político);

5 representantes do EPLA;

13 representantes de cada um dos actuais distritos de Angola, refugiados nos Congos;

3 representantes do CVAAR;

3 representantes da Juventude;

3 representantes da OMA;

2 representantes a eleger pelos Conselhos Políticos na Europa.

Os lugares do CPN que faltam preencher, estão reservados para o interior. A eleição dos representantes de cada distrito far-se-á em dia e data a determinar brevemente. As suas candidaturas devem ser enviadas ao Comité Director no prazo de um mês a contar da data deste comunicado

Os Delegados do MPLA e os Monitores Políticos deverão desde já preparar o trabalho eleitoral.

Léopoldville, 10 de Junho de 1963

[carimbo do DOQ]

O DEPARTAMENTO DA ORGANIZAÇÃO E QUADROS

Comunicado do MPLA sobre Confª dos Chefes de Estado Africanos

[policopiado]

[Endereço do MPLA em Léopoldville]

Doc. 79/63
AM/LF

No mês de Maio realizou-se em Addis Abeba a Conferência dos Chefes de Estado Africanos.

Esta Conferência tinha uma grande importância para o nosso Continente. Se todos se lembrarem que a África foi um continente escravizado e explorado e que mesmo depois de começar a libertar-se continua a sofrer as más influências daqueles países que querem continuar a mandar em África embora atrás da cortina, compreendem bem porque é que esta Conferência tinha muita importância para todos os Africanos.

A verdade é que depois de alguns anos de experiência, os Chefes de Estado Africanos que anteriormente se dividiam em diversos em grupos – Grupo de Casablanca, Grupo de Monróvia, Grupo da UAM – sentiram necessidade de se unir, porque a união faz a força.

Realizou-se a Conferência. Os Chefes de Estado discutiram os problemas africanos e chegaram a acordo que nenhum país sozinho pode vencer as forças que querem continuar a subjugar a África, explorando as suas riquezas.

O mesmo tem dito o MPLA a respeito da luta em Angola. Antes de começar a luta em Luanda, já o nosso Movimento dizia que era preciso fazer a unidade do Povo Angolano, porque só com um Povo verdadeiramente unido é que se pode fazer um País forte, próspero e feliz.

Infelizmente, outros partidos que são inimigos da unidade têm feito tudo para separar o nosso Povo à custa de mentiras. Contra esses inimigos da unidade o MPLA tem travado uma luta constante para lhes demonstrar que estão enganados e que única forma de vencer rapidamente os portugueses é fazer a unidade do Povo Angolano e a unidade dos partidos políticos angolanos.

Felizmente para nós que a Conferência de Addis Abeba veio mostrar que o MPLA tinha razão. Pois se os grandes Chefes de Estado Africanos Independentes chegaram à conclusão que o triunfo só se pode obter por meio da unidade, porque é que certos partidos políticos angolanos hão de teimar em lutar separados e alguns até procurando assassinar os seus próprios irmãos que só querem lutar contra os colonialistas portugueses?

Ora, os Chefes de Estado Africanos não queriam só tratar dos problemas dos países africanos já independentes. Queriam também tratar dos problemas daqueles territórios que, como Angola, ainda lutam contra os seus opressores coloniais, porque a África só será verdadeiramente independente quando todos os territórios do nosso Continente ficarem livres.

Sabendo disto, o MPLA preparou-se para tomar parte na Conferência, mais do que nunca disposto a fazer triunfar o nosso ponto de vista que é o que melhor serve os interesses do Povo Angolano.

Assim, antes de começar a Conferência, o MPLA fez deslocar a diversos países de África o Chefe do Departamento das Relações Exteriores, nosso companheiro MÁRIO DE ANDRADE. Ele foi recebido por diversos Chefes de Estado Africanos a quem explicou os verdadeiros aspectos da luta do Povo Angolano desmascarando, assim, o jogo ruim dos inimigos da unidade.

Uma vez este trabalho terminado, aquele nosso companheiro de luta dirigiu-se então a Addis Abeba na altura de começar a reunião dos Ministros dos Negócios Estrangeiros que tinha por fim preparar a Conferência dos Chefes de Estado.

Também nesta ocasião o trabalho do MPLA salvou o Povo de Angola de ser mais uma vez enganado. E isto porque já lá se encontrava um inimigo da unidade do Povo Angolano, que não se cansava de intrigar o MPLA e os outros partidos nacionalistas, dizendo que só o seu partido é que lutava e mandava em Angola.

Esse inimigo da unidade do Povo Angolano ainda queria mais: queria que os seus amigos reconhecessem o seu partido como o único que podia falar em nome do Povo Angolano e o único que devia receber todas as ajudas em armas e em dinheiro.

Felizmente que este jogo também foi desmascarado e tanto os Ministros dos Negócios Estrangeiros como os Chefes de Estado Africanos rejeitaram a opinião do inimigo da unidade do Povo Angolano e aceitaram as propostas feitas pelo MPLA.

Se a reunião preparatória já tinha sido uma vitória para o Povo de Angola, e para o nosso Movimento, a reunião dos Chefes de Estado foi um êxito completo.

Nessa reunião magna, todas as nossas recomendações foram aceites e adoptadas solenemente. E isto é tanto mais importante quanto é certo mesmo antes de começarem as reuniões demos a conhecer as nossas propostas. Quer dizer que a Conferência soube reconhecer o valor da nossa luta e a honestidade das nossas propostas.

Nós não queremos deixar de fora nenhum partido angolano, como queriam fazer os inimigos da unidade do Povo Angolano em relação ao nosso Movimento e a outros.

Nós recomendámos que a Conferência fixasse que todos os países africanos deviam ajudar os movimentos nacionalistas africanos e isso foi aceite.

Nós recomendámos que a Conferência devia estabelecer que todos os países africanos deviam fazer um boicote económico a Portugal e isso foi aceite.

Nós recomendámos que a Conferência devia fazer com que os países africanos se comprometessem a fechar os seus portos e os seus campos de aviação ao trânsito de navios e de aviões portugueses e isso foi aceite.

Nós recomendámos que a Conferência devia fixar que os países africanos devem cortar relações diplomáticas com o governo português e isso foi aceite.

Nós recomendámos que a Conferência devia nomear uma comissão neutra para receber e distribuir as ajudas pelos movimentos nacionalistas e isso foi aceite.

Nós recomendámos que a Conferência devia interessar-se pela criação de verdadeiras Frentes Unidas em cada território africano não independente, na intenção de vermos realizada a unidade dos partidos políticos angolanos na luta contra o inimigo comum e isso igualmente foi conseguido, pois os Chefes de Estado decidiram formar eles

próprios uma Comissão integrada de representantes dos movimentos de libertação, Comissão essa que se encarregará de resolver todas as divergências que separam os partidos políticos não só angolanos como de outros territórios ainda colonizados, com vista a criar-se em cada um desses territórios uma Frente única que englobe todos os partidos nacionalistas. E assim por diante.

Por aqui se vê que o Movimento Popular de Libertação de Angola viu finalmente ser-lhe feita justiça. Aceitando a Conferência dos Chefes de Estado todas as recomendações feitas pelo nosso Movimento e adoptando-as nas suas resoluções significa que as teses do MPLA foram reconhecidas como sensatas, honestas e justas.

Numa palavra o nosso ponto de vista triunfou!

Claro que isto não quer dizer que possamos agora dormir tranquilos. Sabemos perfeitamente que os inimigos da unidade não vão descansar e que vão procurar mil e uma maneiras de estragar o que já está feito.

Mas nós estamos vigilantes e não deixaremos que o caminho da unidade seja sabotado.

Claro está que não é só a nós a quem compete estar vigilante. Todo o Povo Angolano deve estar também vigilante.

Na certeza de que a unidade na luta é o grande trunfo de que dispõe para derrotar rapidamente o colonialismo português, o Povo de Angola deve desmascarar os inimigos da Unidade para que rapidamente possamos unidos liquidar os colonialistas portugueses e seus agentes e instaurar numa Angola Unida um clima de paz, de bem-estar e de progresso.

VIVA A UNIDADE DE ÁFRICA!
VIVA A UNIDADE DO POVO ANGOLANO!
VIVA ANGOLA INDEPENDENTE!

Léopoldville, 13 de Junho de 1963

O COMITÉ DIRECTOR

Convocatória do Dep. de Quadros para a Assembleia da JMPLA [policopiada]

JOVEM DO MPLA

A luta que o povo angolano desenvolve contra o Colonialismo português exige de ti um grande sacrifício. O contributo que tens dado à causa angolana, pode ter melhor rendimento se te integrares na tua organização e nela deres todo o teu esforço, todo o teu saber e todo o teu querer.

A nossa revolução hoje, precisa de Quadros Jovens que se formarão politicamente no seio da organização de forma a desempenhar as tarefas imediatas que cabem à Juventude na luta contra o colonialismo, o imperialismo, e contra o Néocolonialismo.

As manifestações do Sectarismo devem desaparecer na Juventude assim como devem desaparecer os exclusivismos e os extremismos num Movimento Revolucionário.

A Juventude do Movimento Popular de Libertação de Angola (JMPLA) chama todos os jovens que queiram com ela formar uma organização que responda às necessidades mais prementes da Revolução Angolana.

Com este fim a JMPLA ao abrigo do Art. 7º dos seus Estatutos, convoca todos os jovens para a Assembleia Ordinária de Léopoldville que terá lugar na sala do CVAAR no domingo dia 14 de Julho para eleição da Direcção Regional da JMPLA em Léopoldville.

Contamos desde já com a tua presença.

Léopoldville, 21 de Junho de 1963

Departamento de Quadros

VITÓRIA OU MORTE

Declaração do MPLA sobre o Comité de Coordenação

[policopiada]

[Endereço do MPLA em Léopoldville]

No momento de reunir-se em Dar-es-Salam, o Comité de Coordenação da ajuda aos movimentos nacionalistas dos territórios africanos ainda não independentes nomeado pela Conferência de Addis Abeba, o Movimento Popular de Libertação de Angola sente-se no dever de fazer a seguinte declaração:

O problema da coordenação da ajuda aos movimentos nacionalistas na sua luta de libertação impõe aos dirigentes destes mesmos movimentos a responsabilidade de facilitar a tarefa do organismo nomeado pela Conferência de Addis Abeba.

O MPLA, que põe o interesse nacional urgente de libertar Angola, acima dos interesses das pessoas e dos partidos, tem consciência de que a criação de um organismo centralizador da luta do Povo angolano constituiria a melhor maneira de corresponder ao espírito unitário da Conferência de Addis Abeba e de apressar a solução do problema angolano. Há muito que o proclama e há muito que opera neste sentido.

Reafirma, por isso, o anseio de unidade que sempre animou os seus dirigentes, não devendo esquecer-se que o MPLA é já de si produto da fusão em 1956 de diversos movimentos angolanos do e no interior.

A formação de uma Frente Comum angolana deve no entanto obedecer a princípios estritamente democráticos, devendo englobar não apenas todos os partidos nacionalistas, como todas as organizações de massas e personalidades que tanto no interior como no exterior de Angola concorrem honesta e activamente para a libertação e independência do nosso País. Ninguém pode pretender ter o exclusivo do nacionalismo angolano.

Essa Frente, como é natural, não deve deixar de ser antecedida de negociações entre todas as organizações interessadas em perfeito pé de igualdade.

O Comité Director do MPLA, consciente da importância dos trabalhos da reunião, faz-se representar em Dar-es-Salam por uma delegação chefiada pelo seu Presidente, Dr. AGOSTINHO NETO.

Aproveita esta oportunidade para referir que gente mal intencionada está procurando cobrir o MPLA de calúnias, envolvendo-o numa campanha de intrigas que disfarça mal os seus propósitos.

Na realidade, esta campanha tão do agrado dos colonialistas portugueses só pode interessar aqueles que receiam a consolidação da nossa posição político-militar no interior, e só assim se compreende a insistência de uma campanha de denegrimto junto das autoridades desta República do Congo.

A este respeito temos a afirmar que nós queremos manter-nos fiéis à nossa linha de conduta de luta intransigente pela independência do nosso País, sem a mais leve quebra do respeito que devemos à hospitalidade que diariamente nos é reafirmada pelo povo e pelas autoridades irmãs desta jovem e imensa República.

Neste sentido, manifestamos a maior repulsa pelas maquinações em que se procura envolver o nosso Movimento e perturbar a tranquilidade e a ordem neste País, que nos acolhe com tanta fraternidade.

Exortamos todos os nossos militantes a continuarem a manter a disciplina e o respeito até hoje manifestados perante as leis da República irmã do Congo, dando prova do nosso reconhecimento e da nossa maturidade.

POR UMA ÁFRICA LIVRE E UNIDA!
VITÓRIA OU MORTE!

Léopoldville, 24/6/1963

DOC. Nº. 81/63

AM/CS.

[*carimbo do DEPI do MPLA*]

O COMITÉ DIRECTOR DO MPLA

Memorando do MPLA às Autoridades Congolezas

[*polycopiado, em francês*]

[*Endereço do MPLA em Léopoldville*]

CONFIDENCIAL

Doc. 85/63

À ELEVADA ATENÇÃO
DE SUAS EXCELÊNCIAS MEMBROS DO GOVERNO
CENTRAL DA REPÚBLICA DO CONGO;
DE SUAS EXCELÊNCIAS
O PRESIDENTE DO SENADO E

O PRESIDENTE DA CÂMARA DOS REPRESENTANTES;
DOS DIGNÍSSIMOS SENADORES e
DOS DIGNÍSSIMOS DEPUTADOS

Correm com insistência rumores incontrolados segundo os quais o Governo congolês estaria a estudar o reconhecimento da coligação UPA/PDA, denominada FRENTE NACIONAL DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA (FNLA), como única organização política podendo representar Angola na República do Congo.

O MOVIMENTO POPULAR DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA (MPLA) vem reafirmar a sua confiança no espírito de clarividência do Governo congolês, que não ignora que uma tal medida injusta contribuiria para aprofundar a divisão no seio do nacionalismo angolano.

O interesse do Governo congolês em ajudar na solução de vários aspectos da luta do Povo angolano pela sua independência justifica-se plenamente, por um lado porque no âmbito da solidariedade africana essa luta lhe diz respeito, por outro lado, porque a actividade dos nacionalistas angolanos se exerce em parte em território congolês, com incidências inevitáveis nos assuntos internos do Congo.

O Governo congolês sempre adoptou uma atitude muito justa de não-ingerência nas questões entre os partidos angolanos.

Apesar de todas as suas dificuldades, o Povo irmão do Congo, por intermédio do seu Governo e das suas Autoridades, sempre concedeu assistência aos patriotas angolanos, quer sob a forma de ajuda aos refugiados, quer sob a forma de ajuda militar aos combatentes. Contudo, a ajuda militar fez-se por uma única via, a da coligação UPA/PDA, o que trouxe outras dificuldades à unificação das organizações de luta angolanas, dada a posição privilegiada adquirida pela dita coligação.

Contudo, a divisão do nacionalismo angolano nunca se traduziu por actos que prejudicassem o respeito devido à ordem, às leis e à hospitalidade deste País irmão.

OS NOSSOS ESFORÇOS PARA UMA FRENTE

É sempre oportuno lembrar que o MPLA nunca poupou esforços com vista à constituição de uma Frente de Libertação. Assim:

1) Através das suas declarações à imprensa, dos seus comunicados, dos seus memorandos aos Chefes de Estado e de Governo africanos, das suas campanhas activas junto das massas, tanto no interior quanto no exterior de Angola, o MPLA sempre agiu no sentido da unidade de acção e da constituição de uma verdadeira Frente de Libertação angolana.

O próprio MPLA nasceu em 1956 da fusão de várias organizações políticas, no interior de Angola.

2) Em Abril de 1961, dois Directores do MPLA devidamente credenciados tiveram conversações com os dirigentes da UPA, da ALIAZO (hoje PDA) e do MLEC, em torno de um projecto de Frente.

Como sempre, defendemos o princípio segundo o qual a Frente deveria englobar democraticamente todas as forças nacionalistas angolanas que não fossem suspeitas de colaborar com os colonialistas portugueses.

O Presidente da UPA e alguns dos seus colegas da direcção da UPA opuseram-se desde o início à própria ideia desta Frente.

A 23 de Junho de 1961, uma nova tentativa do MPLA não encontrou eco favorável por parte da UPA.

Contudo, a 23 de Agosto de 1961, face às pressões das massas, a UPA anunciou num comunicado que admitia a ideia “da constituição de uma Frente sob a direcção da UPA” o que não pôde ser aceite pelas outras organizações nacionalistas angolanas.

3) A 11 de Dezembro de 1961, o MPLA sublinhava de novo a sua posição durante uma Conferência de imprensa do Sr. Mário d’ANDRADE, na altura Presidente do MPLA:

“... opomo-nos ao ponto de vista expresso pelo Bureau executivo da UPA, que advoga a criação de uma Frente sob sua direcção exclusiva. Quanto a nós, não colocamos nenhum ponto prévio para a convocação de uma Conferência de unidade que deverá estabelecer, de uma vez por todas, a coordenação político-militar dos nossos esforços, nomeadamente o comando único dos nossos grupos de guerrilha.

Se todas estas tentativas viessem a falhar, o campo ficaria aberto à luta fratricida em Angola. Não assumiríamos a responsabilidade por uma tal situação trágica diante do nosso Povo, da África e do Mundo.”

(Quem tiver seguido o caso angolano sabe que estas palavras foram proféticas pois, por várias vezes, os nossos guerrilheiros foram cobardemente atacados pelos da UPA).

4) Pouco antes da formação da coligação UPA/PDA que tomou o nome de FNLA, o Sr. Matumona, então Vice-Presidente do PDA, já avisava num artigo do *Courrier d’Afrique* de 5 de Fevereiro de 1962:

“Certamente, por razões de oposição, a UPA não se quereria aliar à ALIAZO (PDA). Mas os observadores bem informados acerca do problema angolano vêem nesta eventual coligação UPA/ALIAZO, a formação de uma “força-norte” contra a “força-sul” encarnada pelo MPLA. Uma vez realizada esta coligação, a UPA empreenderia então a conquista de todo o País e aí impor a sua lei.”

(Isto permite compreender que a coligação UPA/PDA contém os germes de conflitos secessionistas na luta do nosso Povo).

5) A 27 de Março de 1962, o PDA e a UPA associam-se numa coligação, denominada “Frente Nacional de Libertação de Angola”.

A 5 de Abril de 1962, os dirigentes dessa “Frente” proclamam a constituição de um “Governo da República de Angola no Exílio”...

O MPLA não foi nem avisado nem convidado para nenhuma destas duas operações. A criação precipitada deste pretense governo escondia desígnios demasiado obscuros para que o MPLA pudesse concordar com eles.

6) A 3 de Maio de 1962, o Sr. Cléophas KAMITATU, em nome do Governo Congolês, procura encontrar, com as organizações nacionalistas angolanas, uma plataforma de unidade entre elas. Sua Excelência pôde ele próprio certificar-se da boa-fé do

projecto de Frente apresentado pelo MPLA e ser testemunha da posição intransigente dos dirigentes da UPA, que queriam impor uma Frente sob a sua direcção.

7) A 6 de Junho de 1962, por altura da Conferência dos Combatentes da Liberdade, em Accra, o Presidente Kwame NKRUMAH apresentou aos delegados do MPLA, da UPA e do PDA, o seu “PONTO DE VISTA” acerca da unidade das forças nacionalistas angolanas prevendo uma “aliança militar” e a criação de um “Comando Militar Unificado” e de um “Conselho Nacional” formado por representantes das três organizações políticas.

Este “PONTO DE VISTA” deveria ser discutido em Léopoldville, o que foi feito sem qualquer resultado positivo a 5 de Agosto de 1963 [1962], com a participação do Dr. Agostinho NETO que acabava de se evadir do seu exílio em Lisboa. Nesta data, o Presidente da UPA recusou encontra-se com o Dr. NETO sob o pretexto de estar ofendido com os termos duma carta que este lhe escrevera.

8) A 25 de Janeiro de 1963, durante a presença em Léopoldville da Missão argelina de bons ofícios, chefiada pelo Sr. SLIMANE, a UPA recusou qualquer encontro que tivesse por objecto a unidade. Um destes encontros estava mesmo previsto para o Gabinete do Sr. Ministro das Relações Exteriores, na altura Sua Excelência Justin BOMBOKO.

O PAPEL DO MPLA NA LUTA DE LIBERTAÇÃO

Seria desnecessário querer demonstrar o valor e a popularidade do MPLA, tanto em Angola como no estrangeiro.

Do ponto de vista político: A luta conduzida pelo MPLA contra o colonialismo português atinge vários sectores, o que lhe confere a adesão crescente das massas e o apoio efectivo dos Povos e Governos africanos, assim como de organizações de todo o Mundo.

No seio do MPLA nunca se produziu qualquer manifestação tribalista, regionalista ou racista.

Aquando da Primeira Conferência Nacional do MPLA (a 3 de Dezembro de 1962) cerca de 65.000 membros possuíam um cartão do Movimento. Hoje, este número ultrapassa os 72.000. É impossível fazer um cálculo exacto dos milhares de partidários do MPLA que não puderam obter o cartão de Membro.

Que o MPLA tenha sido a primeira organização nacionalista a desenvolver no interior de Angola uma actividade política intensa prova-se pelo facto de representar a formação nacionalista mais atingida, em todos os escalões da sua organização, pela repressão colonial: a maioria dos quadros nacionalistas que estão presos em Angola pertence ao MPLA.

Do ponto de vista militar: Em Fevereiro de 1961, o MPLA desencadeia a insurreição armada em Luanda, que em breve atingiria todo o norte do País.

Depois do alargamento do terreno da luta armada, o MPLA considerou urgente formar quadros militares a fim de ajudar os guerrilheiros a melhor aguentar a luta contra um inimigo bem armado, treinado, disciplinado e organizado.

Graças à solidariedade activa dos Países africanos, centenas de quadros militares receberam uma preparação militar de bom nível e outros continuam a recebê-la.

Isto teve como efeito um desenvolvimento notável da luta nas zonas de guerrilha. Do ponto de vista social: O MPLA instalou 22 dispensários em toda a extensão da fronteira Congo-Angola. Estes dispensários são assistidos por médicos e enfermeiros angolanos, que dão gratuitamente assistência a milhares de refugiados, distribuindo medicamentos, injeções, alimentos, vestuário. Nas regiões onde não há dispensários congolezes, os nossos irmãos congolezes doentes também gozam da assistência gratuita dos nossos dispensários.

Missões especiais levam periodicamente medicamentos, alimentos e vestuário aos guerrilheiros e aos doentes que estão nas zonas de guerrilha.

Também foram criadas escolas primárias, de enfermagem e de quadros políticos que estão em vias de desenvolvimento.

Procura-se empregar os refugiados na agricultura e noutras ocupações úteis.

Depois de 1961, algumas centenas de jovens puderam preparar-se, através do MPLA, para as tarefas de uma Angola independente.

* * *

Os resultados da Conferência de Addis Abeba representam um gigantesco passo em frente no sentido da Unidade Africana. O MPLA participou nela como observador. Nessa qualidade, o MPLA apresentou um Memorando com propostas sobre o problema de Angola. Essas propostas foram todas adoptadas, nomeadamente a que dizia respeito à criação de um Comité de Coordenação da Ajuda às organizações nacionalistas em luta e à criação de uma Comissão Governamental mista, encarregue de resolver todas as divergências que separam os partidos políticos, não só os angolanos como de outros territórios ainda sob regime colonial, com vista à formação de frentes unidas em todos esses Países.

* * *

Este Memorando do MPLA apenas pretende esclarecer o problema da unidade das forças nacionalistas angolanas, de que sempre foi partidário activo e dedicado.

Para o MPLA, a unidade do Povo angolano continua a ser a condição primordial, não só da vitória sobre o inimigo mas também da consolidação da independência pela qual o nosso Povo já tanto sangue verteu.

A unidade do Povo angolano será, além disso, o penhor da Unidade Africana, tão generosamente obtida em Addis Abeba.

É por essa razão que o MPLA, ao mesmo tempo que nega a representatividade nacional da coligação UPA/PDA, engaja as digníssimas autoridades deste País irmão para que se empenhem na criação das condições favoráveis à reunificação das forças angolanas, de modo a evitar a consagração de uma grave divisão do nacionalismo angolano cujas consequências são difíceis de prever.

No espírito de Addis Abeba, o MPLA faz um premente apelo ao Governo congolês para que uma Comissão Governamental seja encarregue de ouvir as posições de todas as organizações nacionalistas angolanas sobre as possibilidades de uma verdadeira FRENTE ANGOLANA DE LIBERTAÇÃO.

Este seria o contributo fraterno do Governo congolês para a unidade dos patriotas angolanos tão impacientemente esperada pelo nosso Povo heróico, no interior do nosso País.

Estamos certos de que o Governo congolês saberá considerar o grave perigo e as repercussões dramáticas no interior, de um eventual reconhecimento da FNLA como única organização representativa na República do Congo.

[*carimbo do CD do MPLA*]

Feito em Léopoldville, aos 25 de Junho de 1963

O COMITÉ DIRECTOR DO MPLA

Memorando do MPLA ao Comité de Coordenação

[*dactilografado, em francês – 2ª via*]

MEMORANDO
À CONFERÊNCIA DO COMITÉ DE COORDENAÇÃO DA AJUDA
AOS MOVIMENTOS DE LIBERTAÇÃO NACIONAL
DAR-ES-SALAM, 25 DE JUNHO DE 1963
apresentado por AGOSTINHO NETO
PRESIDENTE DO MOVIMENTO POPULAR DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA

É com a maior esperança que vemos renovar-se e alargar-se, em África, o espírito de combate contra o colonialismo e contra todas as outras formas de dominação dos Povos do nosso Continente. A África deve ser totalmente livre.

Estamos certos que o exemplo dado na Conferência de Addis Abeba, vai ajudar-nos, a nós Angolanos, a melhor canalizarmos a vontade popular para a luta de Libertação.

Na medida em que a tarefa dos movimentos de libertação é facilitada pela solidariedade dos Países Independentes de África, saudamos neste Comité dos Nove, a África consciente do seu dever.

Portugal, o fascista e medieval governo de Salazar, sabe muito bem que se as forças de África estiverem unidas, o seu império durará muito pouco. Portugal sabe-o, e os que se querem substituir a Portugal também o sabem.

Estamos conscientes da gravidade do problema do nosso País e das suas consequências para África. A divisão vergonhosa entre os nacionalistas angolanos mantém-se unicamente devido a factores externos. É preciso criar as condições necessárias para a eliminação desses factores, para que se chegue à Unidade tão necessária.

O Movimento Popular de Libertação de Angola é um Movimento de massas. De acordo com a linha política do MPLA, a Revolução angolana deve concentrar todos os seus esforços na realização das aspirações das massas camponesas, com base numa aliança de todas as forças produtivas da Nação.

Para o MPLA, o verdadeiro conteúdo da Revolução emana dos problemas de estrutura do Estado, do tipo de democracia, da forma de governo, da política social, do

regime económico, dos problemas de liberdade do cidadão, da unidade e da coabitação pacífica das etnias e das populações, da integridade territorial; dos problemas de política cultural, da defesa do país e da política externa.

Porque dominados pelo interesse do Povo, e [porque] a unidade dos movimentos nacionalistas é uma necessidade imediata, lançamos palavras de ordem tais como “Angolanos não lutam contra Angolanos” ou “Unamo-nos numa Frente Comum”. Estas palavras de ordem correspondem ao sentimento e ao desejo do Povo, e encontram um eco favorável no coração de cada angolano e orientam as populações para a fraternidade e a unidade nacional.

A necessidade da realização de uma Frente de Libertação Nacional está consignada nos Estatutos e no programa político do MPLA.

O art. 4 dos Estatutos precisa:

“O MPLA tem como objectivos: “Lutar juntamente com outras organizações patrióticas angolanas, na mais larga união popular, pela liquidação, em Angola, do domínio colonial português e de todas as relações colonialistas e imperialistas, e pela conquista da independência imediata e completa de Angola.”

O Programa mínimo inscreve o seguinte parágrafo:

“Criação urgente de uma sólida Frente angolana de libertação, que agrupe numa larga união todos os partidos políticos, todas as organizações populares, todas as forças armadas, todas as personalidades eminentes do país, todas as organizações religiosas, todas as nacionalidades ou etnias de Angola, todas as classes sociais africanas, todos os angolanos residentes no estrangeiro, sem distinção de tendências políticas, de condições de fortuna, de sexo, de idade...”

Isso sempre determinou a nossa luta pela constituição de uma verdadeira Frente de todos os movimentos nacionalistas. Nesse sentido, encetámos conversações com outros partidos políticos, incluindo a UPA.

Infelizmente as concepções da UPA (União das Populações de Angola) sobre a Frente passam por uma condição – a sua hegemonia no seio dessa Frente. Portanto, as conversações falharam devido às oposições encontradas no cumprimento dessa tarefa.

Os mais recentes contactos entre o MPLA e a coligação UPA/PDA, depois da minha evasão de Portugal, foram seguidos por uma troca de cartas. Uma vez mais as conversações terminaram em fracasso porque o Presidente da UPA, manifestamente oposto à ideia da Frente, encontrou um pretexto, nos termos de uma carta enviada pelo Presidente do MPLA relativos à luta fratricida, para faltar a um encontro.

Para ganhar o apoio do Povo, os dirigentes da UPA conduzem, junto das massas, campanhas mentirosas a denegrir e caluniar os outros partidos, não hesitando em despertar o tribalismo e o racismo.

Evidentemente, o desenvolvimento lógico dessa posição da UPA conduziu-a à substituição das tarefas realmente nacionais e de espírito unitário dos patriotas, por uma cega corrida ao poder, que recorre até mesmo à luta fratricida para atingir os seus fins.

Em Angola, os nossos militares foram várias vezes vítimas de ataques traiçoeiros pelos militares da UPA.

Em 1961, o Comandante Ferreira e os seus homens, que tinham ido socorrer as zonas de guerrilha de Nambuangongo, foram atraídos para uma emboscada e foram selvaticamente assassinados.

A 28 de Abril último, uma outra coluna dos nossos militares também foi vítima de uma emboscada junto ao rio Loge, que nos custou treze mortos e cinco feridos.

O Comandante do MPLA, Bomboko, que desde o início da luta armada resiste heroicamente a todos os cercos dos colonialistas, é também um alvo permanente da UPA que procura sempre, em vão, liquidá-lo.

Os militantes do MPLA que procuram os caminhos para o Congo, reconhecidos pelos militares da UPA, são detidos, espancados e mortos, apenas devido à sua filiação ao MPLA.

Essa política de eliminação física faz com que a UPA desvie a sua atenção da tarefa imediata que é a liquidação do colonialismo português pela luta armada.

A UPA beneficia da benevolência e da ajuda tanto moral como material do Governo Congolês, que pôs à sua disposição uma base militar e lhe concedeu livre circulação de armas e homens. No entanto, a sua actividade militar não corresponde de forma nenhuma à ajuda material que recebe.

A imprensa congoleza faz uma propaganda intensiva das actividades da UPA enquanto ignora as do MPLA.

Afirmámos que o Governo Congolês ajuda efectivamente a UPA. Não somos contra essa ajuda, mas somos contra a parcialidade do Governo e porque a ajuda é concedida unilateralmente.

No Congo, a nossa liberdade de acção está seriamente reduzida, especialmente no plano das actividades militares.

Continuamos a aguardar a permissão para receber o equipamento militar, e para a sua livre circulação no Congo, e para o fazer chegar a Angola, aos militantes engajados na luta de guerrilha contra o colonialista português, sob a bandeira do MPLA; e [continuamos a aguardar] a concessão de facilidades de deslocação, de possibilidades de subsistência enquanto organização política e militar, a permissão e a possibilidade de treino de jovens angolanos em pé de igualdade com outras organizações políticas.

A detenção de guerrilheiros do MPLA, a apreensão das armas pelas autoridades congolezas, é já sobejamente conhecida. Dir-se-ia que o Governo Congolês gostaria de travar toda a actividade do MPLA ao mesmo tempo que impulsiona a da UPA.

Evidentemente recusamo-nos a acreditar que se quer impor ao Povo Angolano e a partir do exterior, uma organização política.

A importância da Revolução Angolana no plano mundial reside no facto de constituir uma manifestação particular, um aspecto da luta geral pelo progresso da humanidade.

Por seu lado, os Chefes de Estado Africanos entenderam que se trata de um problema que exige uma resolução imediata, se se quiser acabar com essa chaga no coração da África que é o colonialismo português.

O ponto das resoluções sobre a descolonização estabelece que a Conferência – “... convida insistentemente todos os movimentos nacionalistas de libertação a coordenar os seus esforços para a criação de Frentes Comuns de acção, onde quer que

seja necessário, para reforçar a eficácia da sua luta e a utilização racional da assistência concertada que lhes será concedida.”

Nesse domínio pesam grandes responsabilidades sobre os Governos dos Países limítrofes das últimas colónias. O Governo Congolês, rubricando a Carta Africana, empenhou-se formalmente em facilitar a tarefa dos movimentos nacionalistas, nomeadamente a concessão da permissão de livre-trânsito para homens e armas no Congo.

No entanto, depois de Addis Abeba, o *status quo* da situação dos movimentos nacionalistas angolanos mantém-se e não parece que ela possa evoluir rapidamente.

O MPLA considera que não é com algumas frases sentimentais ou com conselhos retóricos que se pode ajudar os movimentos que ainda queiram lutar isolados, a juntarem-se aos outros.

Será modificando as condições materiais, dando condições iguais a todos os movimentos, ou melhor, aos dois grupos de movimentos angolanos, que se poderá realizar a luta.

Desejamos que esta Conferência envide todos os esforços para que as condições materiais sejam criadas, para possibilitar essa unidade tão necessária ao Povo Angolano e pela qual o MPLA sempre lutou.

A AJUDA que a África conceda agora ao Povo de Angola terá assim toda a sua utilidade e o colonialismo português será mais rapidamente vencido.

Dar-es-Salam, 25 de Junho de 1963

Agostinho Neto
PRESIDENTE DO MOVIMENTO POPULAR
DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA

Carta de G. Yumbu ao Presidente da Câmara dos Representantes

[*dactilografada, em francês – 2ª via*]

25 de Junho de 1963

[*Nota manuscrita, em francês: “Cópia para informação MPLA”*]

284/LM/CK/CC/PSA/63.

Ao Senhor Presidente da Câmara dos Representantes
em LÉOPOLDVILLE / KALINA

Senhor Presidente,

Soubemos de fonte fidedigna (1) que o Governo se propõe reconhecer, como única organização de luta em Angola, a FRENTE NACIONAL DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA.

Esta atitude, contrária ao espírito da Carta de Addis Abeba, que acabámos de ratificar, apenas reforçaria as forças imperialistas que massacram e matam os nossos

irmãos de Angola. De facto, o Governo não poderia beneficiar cinicamente da divisão entre os dois movimentos de libertação de Angola, o MPLA e a FNLA.

Seria criminoso, da parte do Congo, servir a causa dos colonialistas cujo princípio é dividir para reinar. Possa a Câmara dos Representantes considerar a urgência desta questão e pedir ao nosso Governo que antes favoreça o entendimento entre os dois movimentos do que seja um fermento de divisão e de afastamento das forças populares de Angola que lutam pela sua libertação.

O Governo não poderia correr o risco criminoso de afastar um desses dois movimentos. As duas organizações deverão receber o apoio desinteressado do nosso Governo sem qualquer discriminação.

Senhor Presidente da Câmara, o Senhor poderia, inscrever esta questão na ordem do dia dos nossos debates para que o Congo não possa ser um apoio oculto do colonialismo português.

O MPLA e a FNLA são dois movimentos cuja audiência internacional já está consolidada. Afastar um dos dois do Congo para apenas favorecer um equivaleria a criar um estado de cisão na população de Angola, o que todos nós reprovamos.

O nosso papel, como país irmão e fronteiro, é o de conceder o mesmo crédito aos movimentos em luta para que se acelere o processo de libertação de Angola e portanto da África ainda sob o jugo do colonialismo, segundo o espírito da Carta de Addis Abeba.

A nossa posição clara e sem equívoco só beneficiaria a vitória das forças nacionalistas sobre a reacção colonialista de SALAZAR.

Queira aceitar, Senhor Presidente, os protestos da nossa mais elevada consideração.

G. YUMBU
Deputado Nacional [*segue assinatura*]

(1) Faço alusão à Conferência Ministerial extraordinária realizada a 24 de Junho de 1963 e trazendo à ordem do dia o reconhecimento apenas da FNLA.

Carta Aberta do Rev. Domingos da Silva

[*policopiada*]

CARTA ABERTA AO POVO ANGOLANO
DO REV. DOMINGOS FRANCISCO DA SILVA

A CALÚNIA DESMASCARADA

Não há mentira mais nojenta e mais digna de desprezo do que essa que acusa, [o] MPLA como partido de brancos ou de mulatos!

O mundo inteiro e todos os homens de são moral e alto critério, dentro e fora da Nação Angolana o sabem, através dos nossos programas, dossiers profusamente espalhados e conferências, assim como numerosos visitantes do nosso Bureau que

[o] MPLA é um partido genuinamente angolano, formado só por angolanos e lutam conscientemente para a libertação da sua Pátria escravizada há 500 anos.

Não se encontra também nos nossos Departamentos de Assuntos Sociais promiscuidade de nenhum elemento branco como aliás [se] verifica nos outros partidos. Todo visitante honesto sabe que esta é a expressão da verdade.

De resto são bem conhecidos nos meios nacionais e internacionais os homens que patrocinam este partido, (MPLA) que está empenhado numa luta para a libertação total e incondicional de Angola. A sua linha política é clara que dispensa qualquer comentário. O MPLA não engaja nem compromete os recursos económicos de Angola perante qualquer Nação do bloco Oriental ou Ocidental. A sua linha política é de não-alinhamento. Esta proposição é clara como o sol de meio-dia. O MPLA não quer autonomia nem negociações a retalhos. O MPLA quer a independência total e incondicional.

Seria desnecessário citar os nomes dos homens que encabeçam este Movimento, pois são de todos bem conhecidos. Os angolanos que visitaram o nosso Bureau conhecem-nos sendo muitos deles já bastante familiarizados com eles desde Angola.

O PROPÓSITO DO CALUNIADOR

Não será preciso muito esforço para se compreender o propósito dos mentirosos e caluniadores por mais desfarsantes [sic] e camuflados que pareçam.

Qual o critério que lhes guia na forja de afirmações as mais disparatadas e mais destituídas de verdade?

Ei-los: – 1º – Desorientar o bom Povo Angolano para não haver entre ele entendimento para se fazer a unidade a todos bem desejada e esperada de dia para dia. Isto é para satisfazer os estranhos desejos dos colonialistas e capitalistas que tudo conseguem por portas e travessas.

2º – Aquelas baleias humanas que querem encher as suas buchas à custa do Povo Angolano encontraram nos egoístas homens angolanos um terreno favorável para se servirem da situação para semear a divisão e ódio entre o Povo Angolano.

3º – O egoísmo e o desejo ardente do mando são alguns dos factores que colaboram com as forças que tentam destruir os verdadeiros nacionalistas angolanos. É assim que se explica a tenaz oposição ao espírito de unidade a única chave mágica, que sem a qual é impossível vencer o inimigo colonialista.

COMUNISTAS

O termo comunista foi pela primeira vez trazido ao nosso conhecimento pela gestapo portuguesa (PIDE). Forjava este termo à volta da vítima, quando não dispunham de outras razões para a impelir nas suas malhas.

Comunista é a acusação mais barata e de resultados mais frutuosos de que se serviam os colonialistas para se desembaraçar dum angolano ou dum calcinhas. Trata-se dum negro educado à custa de sacrifícios do País!

Hoje parece – o termo comunista – uma herança de que muitos se desfrontam [sic] abusivamente para prejudicar um organismo ou indivíduos que lhes fazem sombra.

Este procedimento diabólico não enquadra nem patriotismo, nem nenhum segmento de justiça. É a abominação de desolação predita pelo profeta Daniel.

São pedras de tropeço perante um Povo eleito que luta pela sua liberdade!

Milhares dos nossos compatriotas estão apodrecendo nas prisões e enxovias de Angola e Lisboa atingidos por essa seta maligna – comunismo!

O que restou buscando o refúgio nos países irmãos são açurrados [sic] para as malhas da mesma rede – comunismo!

Quem ajuda a fazer a maligna batida?! – São elementos africanos a soldo dos capitalistas! – É triste dizê-lo!

Somos comunistas só porque somos pela política de não-alinhamento. Só porque recusamos comprometer nesta fase da luta a economia de Angola, porque julgamos que só o Povo de Angola compete definir a sua posição no quadro económico.

Só por esta nossa atitude que constitui uma garantia para todos os países desejosos de fazer.

OS MULATOS NO MPLA

Queremos ser sinceros na nossa afirmação. Existe de facto no seio do MPLA uma pequenina percentagem de mulatos, como os há também na UPA e noutros partidos angolanos. Esta é uma verdade que ninguém de qualquer partido o poderá negar sem cair em terrível contradição. Mas os nossos poucos mulatos que se encontram no seio do MPLA valem tanto em matéria de patriotismo como os seus irmãos negros. Irmãos disse, porque são filhos das nossas irmãs de raça. Têm qualidades que se recomendam à nossa aceitação, se não veremos.

Dentre vários casos que atestam a sua fidelidade à causa nacional citaremos apenas alguns.

1º – Nos preparativos do projecto para a primeira tentativa da Revolução pro-independência de 1924-28 figuram dentre os homens que encabeçavam o Movimento Revolucionário Angolano que ousou chamar o avô dos Movimentos actuais, alguns mestiços que se distinguiram pela sua situação política a favor do Movimento Revolucionário. Podemos citar para exemplo; o velho Henrique Macedo, Joaquim Macedo, e Pais Brandão, que sofreram as mesmas prisões, deportações e torturas como muitos dos seus compatriotas negros.

Se aquela Revolução aliás bem preparada outro relevo não teve, mercê aos traidores que nunca faltaram em todos os tempos, que denunciaram e prejudicaram a batalha que estava quase ganha!

Não obstante a dura repressão do Governo português, conseguiram que a Sociedade das Nações mandasse o Dr. Ross e Dr. Gramer para investigar da situação nas colónias portuguesas. O relatório destes Embaixadores da Organização Internacional confirmava a exposição do Movimento Revolucionário Angolano. A África inteira estava sob o jugo colonial com a excepção da Ethiopia, e não houve quem então apoiasse a causa Angolana.

2º – Caso: Os dois anos que precederam a actual Revolução foram ricos em exemplos: – Um bom número de mestiços trabalhavam em estreita colaboração com os seus compatriotas negros na preparação do terreno para a Revolução. Quase todos eles dispensavam dois terços dos seus vencimentos para a obtenção do material que capacitou os nacionalistas desencadear a campanha que o mundo bem conhece.

Ninguém dos zoilos [sic] acusadores participou nessas actividades preparatórias que são precisas em todas as Revoluções.

3º – Caso: Já dentro da guerra um comboio de camions com 500 negros angolanos com destino ao campo da execução foi interceptado por dois mestiços do MPLA obrigando os respectivos chauffeurs a despejar os prisioneiros que meteram a salvo. Porém, os chauffeurs infelizmente negros também ao serviço dos colonialistas, denunciaram o procedimento daqueles mestiços. Estavam prestes a serem mortos, porém, safaram-se a tempo, para se juntar ao MPLA. Os 500 homens salvos combatem com ardor e patriotismo contra colonialismo português!

Ora, pergunto eu, qual seria o procedimento de qualquer partido nacionalista angolano, por mais racista que fosse para com os mestiços supracitados?

É assim que se explica a presença deste grupo de compatriotas mestiços no seio do MPLA. Quem ousará condenar este grupo que justifica de modo eloquente o seu patriotismo? Creio eu que existe mestiços no seio de todos os partidos sem que as suas acções precedentes os recomendassem. Esta é a evidência da verdade a desafiar a todos os aduladores e traidores que se chafurdam na lama de acusar e intrigar um partido sob todos os títulos o mais aceitável e mais nacionalista!

O MPLA nunca quis perder tempo em formular desmentidos desnecessários convencido de que a máscara de que se servem os Directores do Posto e dos caluniadores é bastante transparente para oferecer o perfil do monstro que tenta desorientar o nosso Povo numa hora que reclama a unidade.

A MENTIRA DESMASCARADA

Creio que o Povo já teve tempo de compreender que era uma autêntica e estúpida mentira, quando se dizia que os medicamentos do CVAAR matavam no prazo de três meses, pois já lá vai mais de um ano que ninguém ainda morreu nos tratamentos nos nossos postos espalhados ao longo da fronteira Angola-Congo.

No interior de Angola também já compreenderem o triste jogo dos impotentes mentirosos e caluniadores que vencidos no campo das competências e dignidade clara se chafurdam quais javardos da montanha na lama da mentira. Agora secou-se a lama e o público já não aceita participar na dança dos doidos e farsantes nacionalistas que têm por divisas o egoísmo. Mas infelizmente há ainda aqui e ali quem acredita no burro do saltimbanco que escreve no chão com suas patas as 25 letras do alfabeto.

Creio que ao bom entendedor meia palavra basta.

Ass: Rev. Domingos Francisco da Silva
Vice-Presidente do MPLA

Léopoldville, 26 de Junho de 1963

Delegação do MPLA recebida pelo Min. Negócios Estrangeiros do Congo

[policopiado, em francês]

[Endereço do MPLA em Léopoldville, sem o nome da rua e nem do telefone]

ENTREVISTA DE UMA DELEGAÇÃO DO MPLA COM O MINISTRO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS DO CONGO, SR. MABIKA KALANDA.

No dia 27 de Junho último, uma delegação do MPLA foi recebida pelo Sr. Ministro dos Negócios Estrangeiros da República do Congo, Mabika Kalanda.

A entrevista teve como objectivo obter informações sobre o carácter confidencial do Memorando que o MPLA tinha enviado ao Primeiro-Ministro, com cópias para informação ao Sr. Presidente da República, a todos os Ministros e a todos os Parlamentares da República do Congo.

O Memorando em questão, datado de 25 de Junho, chamava a atenção de Sua Excelência o Primeiro-Ministro, para o eventual reconhecimento de um “Governo Provisório para Angola”, assinalando a gravidade da situação que acentuaria ainda mais a divisão do nacionalismo angolano. Nesse Memorando, o MPLA sugeria também ao Governo Congolês a formação de uma Comissão Governamental encarregue de contactar os Partidos Políticos Angolanos, a fim de estudar uma plataforma para chegar à unidade, o que já tinha sido iniciado no mês de Maio de 1962 pelo Sr. Ministro Cléophas Kamitatu.

O Sr. Ministro dos Negócios Estrangeiros, depois de ter reafirmado ao MPLA o seu desejo pessoal e sincero de cumprir os compromissos tomados na Conferência de Addis Abeba, declarou-nos que o nosso Memorando não tinha fundamentos, sendo que o Governo Congolês nem sequer tinha pensado reconhecer a Frente do Sr. Holden, e ainda menos o “Governo”.

O Sr. Ministro tranquilizou os nossos espíritos, e fez-nos um apelo à concentração de todos os esforços para a solução do problema da unidade. O MPLA, no entanto, informou o Sr. Ministro das diligências que já tinha iniciado desde há algum tempo para a formação de um Comité de Coordenação para uma Frente Angolana, com outras organizações patrióticas que não eram Membros da Frente do Sr. Holden, prometendo apresentar esse projecto ao Sr. Ministro.

Para terminar, o Sr. Ministro disse-nos que contava com a nossa vontade, sabedoria e maturidade política. O Sr. Ministro acrescentou que Sua Excelência o Primeiro-Ministro do Governo Congolês gostaria de estar connosco no dia seguinte, sexta-feira, 28 de Junho.

Delegação do MPLA recebida pelo Primeiro-Ministro Congolês

[*policopiado, em francês*]

[*Endereço do MPLA em Léopoldville, sem o nome da rua nem do telefone*]

RELATO DA ENTREVISTA ENTRE O PRIMEIRO-MINISTRO CONGOLÊS CYRILLE ADOULA, DE 28 DE JUNHO, E UMA DELEGAÇÃO DO MPLA

O Primeiro-Ministro começou por dizer: – O vosso Movimento não se quer submeter à realidade congoleza, mas há um país longe de Angola e que não conhece os problemas de Angola. A correspondência do MPLA não respeita as obrigações que a luta acarreta quanto à hospitalidade.

Disse ser espantoso perceber que o MPLA é um Movimento com elementos bem formados e que faz uma política fora dos limites do Congo, fazendo declarações que visam precisamente o Governo Congolês. Afirma que na altura da convocação feita pelo Ministro do Interior a todos os Partidos Políticos angolanos, um membro da nossa delegação disse que não somos ajudados aqui porque o Congo é neocolonialista. Em Addis Abeba não houve um único membro da nossa delegação que o tivesse cumprimentado. Ainda em Addis Abeba, influenciámos os representantes do Movimento nacionalista, que ele tinha convidado, a não virem ao Congo, afirmando que o Congo é um país neocolonialista vendido aos americanos. Ele disse isso num estado de exaltação. Continuando, ele disse: – Ninguém fará aqui o que quer, seja do Ocidente, seja do Oriente.

Eu concedo hospitalidade, sou eu que o aceito, ninguém virá aqui intervir. Tudo o que poderão obter de mim, tê-lo-ão livremente porque não sofro pressão de ninguém.

A primeira coisa a fazer é respeitarem, em primeiro lugar, a lei da hospitalidade.

A vitória em Addis Abeba foi verbal porque a realidade será determinada por mim.

Toda a vossa correspondência é distribuída a todo o mundo menos a mim. Ele recordou-se de ter recebido já uma delegação do MPLA presidida pelo Dr. Neto e que os conselhos que ele tinha dado não foram acatados. Considerou injustificável o envio do Memorando de 25 de Junho, no qual o Movimento, MPLA, apelava a elevada atenção do Primeiro-Ministro para os rumores que corriam do possível reconhecimento do “Governo” de Holden Roberto, acentuando que essa atitude injusta, longe de resolver o problema da divisão do nacionalismo, o aprofundava, e que tomando essa atitude, o Congo iria contra os princípios do espírito unitário da Carta de Addis Abeba, que determina que todos os conflitos entre os partidos políticos devem ser estudados por uma Comissão do Comité de Coordenação da ajuda aos Movimentos políticos a fim de tentar encontrar uma plataforma de entendimento.

Ele disse – portanto, antes de termos enviado o Memorando, deveríamos ter indagado junto do Governo, o que havia de concreto. Esse comportamento dá-nos a impressão que vocês querem trabalhar aqui no Congo à margem do Governo Congolês. Dou ajuda ao Povo Angolano e não aos indivíduos.

Voltando ao nosso problema, ele apelou ao nosso bom-senso no sentido de respeitarmos as leis do Congo, dizendo que tínhamos aqui toda a liberdade e hospitalidade. Ele pedia que mudássemos de método de trabalho. Fazendo alusão às declarações que o Ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal, Franco Nogueira, fez aos países africanos em geral e em particular aos países limítrofes, ele sublinhou que nenhum país africano reagiu a não ser os congolezes, apesar de em Addis Abeba ter sido formada uma “Unidade Africana”. – Vocês não podem lutar a partir de Rabat, de Argel, de Conakry ou do Ghana. A vossa luta é aqui. Na Rodésia, como sabem, estão os ingleses. De forma que a verdade do vosso problema e da vossa luta está no Congo onde têm uma fronteira livre. Aqui têm a liberdade de trabalhar sem que haja um controlo, o que não se verificaria se trabalhassem nos países que se dizem vossos amigos.

A vossa atitude em relação ao Governo Congolês prova que não querem lutar. – Só podem lutar aqui no Congo. Falou depois da posição de Portugal em relação ao problema angolano dizendo-nos que em relação aos portugueses residentes na República do Congo, não lhes diríamos nada. O Governo Congolês dir-lhes-á o necessário. Referiu-se ao discurso de Ben Bella, no qual mencionou o número de combatentes mortos na luta de libertação da Argélia. Portanto, disse ser de opinião que a experiência da Argélia não pode ser seguida. Não concorda que milhões de angolanos morram, nem que os angolanos se matem entre si. Por isso deu o exemplo da independência do Congo obtida através das conversações. Disse que o MPLA lutava sob influência alheia, mas referiu-se ainda ao exemplo da independência do Congo, disse, todos os partidos angolanos deviam encontrar-se para conversar dias seguidos porque depois do cansaço, seríamos forçados a encontrar a nossa Unidade.

Ele continuou dizendo que os nacionalistas angolanos deviam formar um “Conselho de jovens estudantes” o qual devia ter conversações. Em seguida, disse que se dois indivíduos têm rancor um ao outro e um terceiro chega e dá a arma a um deles dizendo que o outro quer matá-lo, e logo a seguir encontra-se com o segundo e dá-lhe também uma arma, aconselhando o mesmo, ele fomenta entre eles um ódio maior. Mas, se dando a arma a um, for dizer ao segundo que o outro estava armado e que eles deveriam conversar para que desapareça entre eles o ódio ou o rancor, o problema já seria entre eles. – Ele disse que o Movimento MPLA é um Movimento conhecido no mundo inteiro e que não pode ser dissolvido. O que interessa é que haja uma coordenação dos vossos trabalhos no que diz respeito à luta. Dividindo a vossa acção militar por zonas, tomando cada um de vós conta de uma UPA/MPLA.

Peço-vos, disse o Primeiro-Ministro congolês, que elaborem e apresentem uma proposta concreta sobre a coordenação dos partidos angolanos, num domínio bem específico ou seja no domínio da luta. O vosso Movimento pode organizar a luta como quiser, desde que tenham uma Frente comum na luta. Digo-vos que não é difícil unir-vos. Enquanto o Congo existir, terão a possibilidade de se unirem. Permitam-me que vos diga que a libertação de Angola será feita pelos próprios Angolanos.

Depois da exposição feita pelo Primeiro-Ministro Cyrille Adoula, a delegação do MPLA, na voz do seu Vice-Presidente, o Rev. Domingos da Silva tomou a palavra, começando por agradecer a atenção de sua Excelência o Primeiro-Ministro por nos ter

recebido. O Vice-Presidente do MPLA refutou em seguida as acusações do Primeiro-Ministro dizendo que a linha política do MPLA baseou-se no contexto do nacionalismo africano e que essas acusações seriam, sem dúvida, fruto de intrigas dos inimigos da Unidade do Nacionalismo Angolano. O MPLA, mesmo antes da independência do Congo, nunca trabalhou à margem da política congoleza. Só que a independência do Congo permitiu aos angolanos lançarem, no dia 4 de Fevereiro de 1961, o seu primeiro grito contra o colonialismo português. Essa acção histórica praticada com o encorajamento da independência do Congo nunca será esquecida. Continuando, o Vice-Presidente do MPLA reafirmou a nossa solidariedade com o país irmão que, apesar das suas dificuldades, não só nos deu hospitalidade como também ajuda material, nomeadamente no campo da assistência aos refugiados. Quanto às acusações relatadas por Sua Excelência o Primeiro-Ministro, sobre a ajuda unilateral ao MPLA, Luís de Azevedo Júnior pediu a palavra e disse: Estamos convencidos que Sua Excelência estará de acordo connosco se dissermos que tudo o que acaba de expor é fruto da intriga dos nossos inimigos e também da falta de contacto directo com vossa Excelência, desde Novembro de 1962. Apesar de todas as diligências junto do seu gabinete, com a insistência permanente na necessidade de um encontro a fim de expor os principais problemas que a Revolução exige de um Movimento como o nosso. A única porta que Sua Excelência nos deixou foi sem dúvida o contacto por correspondência, por correio, distribuída por protocolo e entregue no seu gabinete. Ainda no que diz respeito a esses contactos, permita-me, Excelência, recordar-lhe que fui eu próprio portador da carta do Presidente do Governo provincial do Kwango na qual ele manifestava o desejo da cedência de um terreno livre para os treinos militares do MPLA.

Essa carta foi entregue com um pedido de audiência que nunca nos foi concedida. Algumas semanas depois, o director do Seu gabinete disse-me que V. Exa. tinha transferido a questão para o Ministro do Interior, portanto, que me incumbia de o contactar directamente.

Quanto à discriminação a que o MPLA faz referência, estamos convencidos que não é uma novidade para Sua Excelência já que foi exposta na nossa carta de 15 de Março último da qual enviámos cópias ao Parlamento. Cremos que fomos justos apesar da interpretação não o ter sido devido, tal como o expusemos, à má interpretação e ao resultado da falta de contacto directo. Sobre as acusações em relação à reunião de todos os partidos políticos com Sua Excelência, o Senhor Ministro do Interior, permita-me Excelência, falar com a mesma franqueza de uma conversa familiar, como acabou de dizer-nos, e que eu empregue as mesmas palavras do panfleto em causa, que determinou a convocação de todos os partidos e cuja proveniência é de inimigos da unidade, ele acusa o MPLA de ser um Movimento colaboracionista com os portugueses, que ali fazem reuniões todas as tardes. Essa acusação merecia uma resposta. O Encarregado da Missão [Luís de Azevedo Júnior] começou por dizer: “Para não fugir à lógica universal, estou convencido que um homem é julgado segundo a sua biografia e um Movimento também é julgado segundo o seu passado”. É paradoxal que o MPLA, ontem considerado Movimento comunista aqui no Congo, possa ser hoje acusado de ser um Movimento neocolonialista. Se interpreto bem o contexto da Revolução africana, não

de unilaterale du M.P.L.A., Luís de Azevedo Júnior a demandé la parole et il a dit: Nous sommes convaincus que Son Excellence sera d'accord avec nous, si nous disons que tout ce qu'il vient de nous exposer c'est le fruit de l'intrigue de nos ennemis aussi du manque de contact direct avec votre Excellence, depuis Novembre 1962. Malgré toutes nos démarches auprès de votre cabinet, avec l'insistance permanente sur la nécessité d'un rencontre, afin d'exposer les problèmes majeurs que la Revolution exige d'un Mouvement comme le nôtre. La seule porte que Son Excellence nous avait laissé a été sans doute le contact par correspondance, par le facteur d'avoir été distribué en protocole et déposé dans son cabinet. Encore dans ce qui concerne ces contacts, permettez-moi, Excellence, de vous rappeler que j'ai été moi même le porteur de la lettre du Président du Gouvernement provinciale du Kwango dans laquelle il manifestait le désir de concession d'un terrain libre pour l'entraînement des militaires du M.P.L.A..

Cette lettre a été déposé avec une demande d'audience, que ne nous a jamais été accordée. Quelques semaines après le directeur de Votre cabinet m'a dit que V. Ex. avait transféré la question au Ministre de l'Intérieur, donc, qu'il m'incombait de le contacter directement.

Quant à la discrimination à laquelle le M.P.L.A. fait référence, nous sommes convaincus que ce n'est pas une nouvelle pour Son Excellence puisque il a été exposé dans notre lettre du 15 Mars dernier dont nous avons envoyé des copies au Parlement. Nous croyons que nous avons été justes quoique l'interprétation n'a pas été parce que tel que nous l'avons exposé la mauvaise interprétation et le résultat du manque de contact direct. Sur les accusations au sujet de la réunion de tous les partis politiques avec Son Excellence, Monsieur le Ministre de l'Intérieur, permettez-moi, Excellence, de vous parler avec la même franchise d'entretien familial, comme vous venez de nous dire, et que l'emploi de mêmes

me parece que o Presidente Ben Bella, Sua Majestade Hassan II do Marrocos e vários outros, para não citar mais nomes de Chefes de Estado africanos onde o MPLA prepara os seus quadros militares e técnicos, defendam os interesses dos imperialistas e menos ainda dos portugueses. Sincera e honestamente, acredite, Excelência, foram essas as palavras empregues na reunião com sua Excelência o Sr. Ministro do Interior. Depois do mal-entendido ter sido esclarecido, a atmosfera tornou-se francamente cordial, Sua Excelência o Primeiro-Ministro afirmou que não estava aí como Primeiro-Ministro mas como membro da grande família africana. Reafirmou uma vez mais não pretender imiscuir-se nos assuntos angolanos. A sua difícil missão na questão angolana consiste simplesmente em apelar ao nosso bom senso para encontrarmos uma plataforma de entendimento, mas sem imposições porque o problema também é nosso.

O Vice-Presidente do MPLA pediu a palavra e informou Sua Excelência o Primeiro-Ministro que o MPLA se sente honrado com esta proposta que vai justamente ao encontro do nosso pedido feito no Memorando, das aspirações do Povo e das diligências que o MPLA desenvolveu desde 1961, pedindo os bons ofícios de alguns países africanos que intervieram apesar de não ter obtido resultados positivos.

A entrevista terminou com as seguintes palavras do Primeiro-Ministro:

Contem comigo e connosco porque apenas nós podemos resolver o problema angolano que nos é comum não só pelas fronteiras mas também pela mistura das nossas raças.

Se por acaso tiverem necessidade de me contactar, espero que o façam para que não se repitam novos mal-entendidos. A pessoa mais indicada para vos introduzir no meu gabinete é o Ministro dos Negócios Estrangeiros que se encontra aqui presente.

Assim terminou a entrevista concedida pelo Primeiro-Ministro Adoula, exactamente na véspera do reconhecimento do pretense Governo Provisório Angolano pelo Governo da República do Congo.

A entrevista durou quase 3 horas.

Comunicado do MPLA sobre Reconhecimento do GRAE

[policopiado]

[Endereço do MPLA em Léopoldville]

Aos militantes do MPLA

O Comité Director do MPLA acaba de tomar conhecimento através da imprensa, do reconhecimento, de jure, do “Governo da República Angolana no exílio”.

Esse facto causou a maior surpresa, pois apesar de existirem rumores nesse sentido, o Comité Director do MPLA não obteve a sua confirmação nos encontros que teve com Suas Excelências CYRILLE ADOULA, Primeiro Ministro, e MABIKA KALANDA, Ministro dos Negócios Estrangeiros da República do Congo.

Esses encontros, em que foram abordados problemas respeitantes à luta do Povo angolano, em geral, e problemas da unidade e da coordenação dessa luta na República do Congo, decorreram muito cordialmente, tendo Sua Excelência o Primeiro-Ministro manifestado interesse por uma plataforma de unidade ou coordenação da luta, que o MPLA ficou de apresentar.

Deste modo, todos os militantes do MPLA devem aguardar com a maior serenidade o desenrolar dos acontecimentos e permanecer nos seus postos.

O Comité Director informará oportunamente as directivas a seguir, uma vez esclarecida definitivamente a situação.

VITÓRIA OU MORTE

Léopoldville, 29 de Junho de 1963

[carimbo do DEPI do MPLA]

O Comité Director

Relatório de Noémia Tavira sobre a Confª de Addis Abeba

[dactilografado – 2ª via]

RELATÓRIO DA CONFERÊNCIA DE ADDIS ABEBA

A Conferência “au sommet” dos Chefes de Estado Africanos, em Addis Abeba, Etiópia desenrolou-se de 22 a 25 de Maio.

Foi precedida pela Conferência de Ministros de Negócios Estrangeiros africanos, que reunidos de 13 a 21 de Maio, se encarregaram de preparar os dossiers, a ser examinados futuramente pelos Chefes de Estado.

A esta conferência, decisiva para adopção das resoluções finais, assistiu, Mário de Andrade, chefe do departamento das Relações Exteriores do MPLA, que se encarregou também da defesa dos movimentos de libertação das colónias portuguesas, filiadas no

CONCP, nomeadamente do PAIGC, frente a movimentos não representativos como o FLING e o URGP.

Pela razão acima apontada convinha que a delegação fosse mais numerosa.

O Estatuto de observador que nos foi concedido, dava-nos o direito de petição na segunda comissão.

3 problemas retiveram a atenção dos ministros:

1 – O problema da descolonização total do continente africano.

2 – O problema do subdesenvolvimento do continente africano e da mobilização de todos os recursos materiais e na luta contra este.

3 – O problema da unidade africana, base da emancipação política e económica ou económica [sic].

2 Comités encarregaram-se desses vários dossiers. O 1º Comité examinou o dossier da unidade, e os problemas políticos gerais e os problemas económicos daí decorrentes.

O 2º Comité encarregou-se de três (3) problemas, examinados por cada um dos seguintes subcomités:

– subcomité da descolonização;

– subcomité do Apartheid;

– subcomité do desarmamento.

Os subcomités [Ao subcomité] da descolonização interessava expor, e expusemos, os nossos pontos de vista sobre o problema do apoio material aos movimentos de libertação; e o da atitude a adoptar em relação a Portugal.

As recomendações do rapport do subcomité reflectem os nossos pontos de vista sobre os referidos problemas.

A discutir o problema da ajuda material aos movimentos nacionalistas, a UPA, através dos seus aliados naturais Tunisistas ou Tunísia, Congo (Léopoldville) e Nigéria, manobrou no sentido da adopção dum texto rígido consignando expressamente a concessão de ajuda material unicamente a “Fronts” constituídos. Uma tal disposição implicaria o reconhecimento implícito do FNLA com exclusão do MPLA. Foi particularmente notória a actividade do Mongi Slim.

Tomaram posição a nosso favor, a Argélia, Guiné, Marrocos e Tanganyka.

II – CONFERÊNCIA DOS CHEFES DE ESTADO

A delegação do MPLA para esta conferência era composta por Mário de Andrade, chefe do Departamento das Relações Exteriores; Gentil Viana, Miguel Baya, nosso delegado junto da conferência de solidariedade afro-asiática, no Cairo, e Noémia Tavira.

Importa aqui analisar a atitude dos chefes de Estado em relação ao problema da descolonização.

O MPLA enviou um memorandum à Conferência, desenvolvendo muito brevemente a nossa luta para a libertação de Angola, e enunciando as medidas no nosso entender convenientes no que se refere ao auxílio à luta, e recomendando o corte de relações diplomáticas com Portugal.

Essas medidas constituem os pontos 8 e 9 das “Draft Resolutions” examinados pelos chefes de Estado em conferência a porta fechada. De notar também os pontos 6 e 7.

Numa das sessões públicas foi lido um memorandum elaborado por todos os movimentos nacionalistas, onde se enunciaram todas as medidas que no entender dos movimentos podem efectivamente contribuir para a resolução dos problemas dos Países ainda sob dominação colonial. Estas são de carácter bastante avançada e podem influenciar o Comité de coordenação, órgão criado para coordenar o auxílio aos movimentos de libertação. É notável porém o décalage entre o alcance daquelas medidas e das previstas pelo Comité.

(O problema de Angola reteve em particular a atenção dos Chefes de Estado. Ben Bella foi o grande defensor da causa do Povo angolano e preconizou o auxílio à Angola, através de dinheiro, armas e voluntários).

O memorandum prevê particularmente a criação dum Bureau Africano de Libertação encarregado de receber, distribuir e transportar toda espécie de ajuda material em dinheiro e armamento.

Recomenda ainda a instituição do direito de liberdade de transporte de armamento através dos territórios africanos.

Propõe a formação dum Comité composto por todos os chefes de Estado e representantes dos movimentos de libertação encarregado de resolver todas as divergências existentes entre as organizações anti-colonistas, e para a constituição em cada território, dum Front unido, agrupando todos os movimentos nacionalistas representativos.

Ficou decidida a criação dum Comité de coordenação encarregado de receber e canalizar toda espécie de ajuda aos movimentos, com sede em Dar-es-Salam.

A constituição por 9 países, incluindo os países limítrofes dos territórios ainda sob dominação colonial com exclusão do Congo (Brazza), Senegal, Guiné, Congo-Léo, Tanganyka e ainda Argélia, RAU, Etiópia, Nigéria e Uganda.

Esse Comité terá um Fundo próprio alimentado pelos Estados africanos. Não ficou previsto qualquer modalidade especial de auxílio, a proposta de Guiné para contribuição de todos os Estados na razão de 1% dos respectivos budgets nacionais não tendo sido aceite. Círculos geral bem informados afirmam que amisser application [sic] desse Fundo se fará a partir de 15 de Julho.

(Entretanto a presidente Segnor ou Senghor do Senegal acaba de anunciar a concessão de 13 milhões de francos C.F.A. ao Comité de Coordenação).

É possível a reunião do Comité no fim deste mês, no qual o delegado da Guiné ao Comité, Diallo Tellis, propondrá a inscrição na ordem do dia, do problema da unidade dos movimentos nacionalistas angolanos.

Durante a conferência foram efectuadas démarches junto dos seguintes Chefes de Estado: Senghor, Modibo Keita, Ben Bella, [N]Krumah, Hamani Diorei, Julius Nyerere, Sekou Touré; e uma breve conversa com Bourguiba sobre o dossier Angola.

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Convém depois desta histórica conferência:

Repensar toda a problemática da luta e da unidade, no contexto africano actual.

Para tal é urgente:

- I – Examinar a política seguida actualmente pelo Governo do Congo-Léo e determinar a política a adoptar em relação ao nosso bom vizinho.
Impõe-se um (entretien) com o ministro dos negócios estrangeiros congolês, sobre o dossier “Angola”, e “unidade dos movimentos nacionalistas”.
Interessa pôr à prova [a] boa vontade do Governo Congolês, nomeadamente utilizando a ajuda que nos foi fornecida até agora e fazendo-a circular e chegar aos pontos desejados nos termos do direito de passagem implícita na Carta Africana.
- II – Determinar a política a seguir em relação aos outros países africanos, sobretudo, como actualmente o problema da unidade.
Impõe-se a participação do MPLA na próxima sessão do PAFMECSA, a realizar em Kampala, Uganda, de 1 a 3 de Julho ou de 12 a 15 de Julho. (Lembre-se que por fraude do Sr. Koinage do Congo (Léo), a nossa candidatura ao PAFMECSA, não foi apresentada o ano passado).
Importa assegurar o conhecimento do nosso movimento em todos os países, especialmente africanos. Convém para tanto enviar regularmente as nossas publicações, e informações às entidades chaves de cada país, nomeadamente aos departamentos de Estado para os assuntos africanos, e a todos os nossos bureaux. Estes devem organizar regularmente reportagens fotográficas da nossa actividade, sócio-político-militar.
- III – Acção do MPLA junto do Comité de Coordenação.
Impõe-se a abertura de um Bureau político-militar em Dar-es-Salam, de acordo com o relatório apresentado pela missão aí enviada.
Importa urgentemente enviar os dossiers relativos aos incidentes entre o MPLA e a UPA; o dossier da unidade; e a relativa a atitude do Governo Congolês em relação à UPA e ao MPLA, evidenciando a atitude discriminatória daquele em relação ao nosso movimento.
- IV – Informação regular da evolução da situação no Congo para 6, avenue Paul Tirard – Rabat.

Feito em Junho de 1963

Noémia

N/AK.

Texto do MPLA contra a UPA

[policopiado]

[Sem data]

A UPA LUTA CONTRA O POVO

Os colonialistas portugueses continuam a matar, a roubar, a chicotear, a escravizar o povo angolano no seu próprio país. Nas matas e nas prisões, o povo morre de doenças e de fome. Tudo isto, desde há muito tempo, desde há 500 anos, desde que eles chegaram a Angola. Por isso é que o MPLA, o Movimento do Povo, pegou em armas no dia 4 de Fevereiro de 1961.

O MPLA que há muito tempo sabia que só lutando com as armas podia acabar com o colonialismo, mandou preparar muitos guerrilheiros nos países de África nossos amigos, para ensinarem todos os angolanos que estão dentro e fora do país, para sermos muitos a lutar e mais depressa termos a nossa independência.

Mas isso ainda não aconteceu, porque a UPA e o Governo do Congo-Léu, mandados por países iguais a Portugal, nunca deixaram os soldados do MPLA, Movimento que só quer o bem do Povo, levar as armas, medicamentos, comida, roupas, etc. ir organizar o Povo para podermos fazer uma boa luta. Porque enquanto a nossa luta não estiver bem feita, se o povo dentro de Angola não tiver muitas armas para combater, muitos medicamentos para curar as doenças, muita comida para matar a fome, os portugueses vão continuar a matar, o número de milhares de mortos vai ser muito maior, o Povo nas matas vai continuar a morrer e por isso vai haver muito mais refugiados e muito mais gente vai entregar-se aos portugueses.

É isso então que faz que o MPLA não pode dar-se bem com a UPA, nem com o Governo do Congo-Léu, porque são eles que prendem e que matam os guerrilheiros do MPLA que querem fazer uma boa luta e querem defender os interesses do Povo.

O Povo sabe que a nossa luta não está boa ainda. E não está boa ainda, porque os guerrilheiros do MPLA que costumam sair do Congo para Angola levando sempre armas, medicamentos, comida, roupas e tudo que o Povo necessita, uns são presos pelo Governo do Congo-Léu, outros são mortos pela UPA. Todos os Angolanos se lembram ainda bem dos guerrilheiros que foram mortos no FUESSE e há pouco tempo no rio Loge, pela UPA, mandados pelos seus dirigentes.

IRMÃOS,

Dizem que a UPA tem armas. Todos sabem que a UPA tem base, a UPA tem toda [a] ajuda do Governo do Congo-Léu, como nenhum partido angolano tem, mas em vez de aproveitar essa vantagem para chamar os outros partidos e irem todos lutar contra os portugueses, a UPA mata ainda os irmãos angolanos que pertencem aos outros partidos. O Povo tem que começar a ver que assim nunca mais vamos ter independência nenhuma. Por isso chegou a hora de se fazer tudo com ordem, de pensar bem, de exigir

armas, de saber qual é o Movimento que não está a mentir ao Povo, porque só assim é que nós vamos mandar no nosso país e não deixar mais ninguém mandar.

Há países que já estão independentes, mas não são os seus filhos que mandam, porque os partidos nunca explicaram ao Povo o que era uma boa independência. Mas felizmente Angola tem um partido que mostrou a sua política ao mundo inteiro e ao seu Povo. Um partido que não vai deixar ninguém mentir ao seu Povo.

Esse partido é o MPLA. O MPLA procura fazer conhecer a política ao povo para não ser enganado.

Por causa destas coisas que a UPA faz e que o Governo do Congo-Léu ajuda, o Povo angolano está muito triste, muitos estão a entregarem-se aos inimigos, porque julgam que não vamos ganhar aos portugueses e que isto é culpa dos partidos. O Povo tem razão, mas o Povo tem que saber qual é o partido que tem culpa. Por isso deve saber a política dos partidos. Há muito angolano que está a lutar para a independência, mas não conhecem a política dos partidos. Isso não pode ser. Todo angolano deve saber qual é a política dos partidos, principalmente do MPLA e da UPA porque só assim é que se pode saber quem está a mentir ao Povo. Por exemplo a UPA diz que o MPLA está contra o Povo. Mas toda a gente sabe que quem está contra o Povo é a UPA, porque é ele que manda matar muitos angolanos e está a impedir que a luta vá adiante. E como é que o Povo pode saber a política? É indo aos escritórios dos partidos, é conversando com os dirigentes, é ver os trabalhos dos partidos, é ler todos os documentos.

Todo o Povo sabe que a política do MPLA é de acabar com a fome, com a Miséria, com a Prostituição, acabar com os homens que vivem bem à custa dos outros, que um homem sozinho tenha grandes roças de café, de sisal, e tenha muitas minas. Trabalhar para todo o angolano, aprender a ler e a escrever, para todo o angolano ter trabalho, para toda Angola, desde Cabinda até ao Cunene ter harmonia, bem-estar e todos darem-se bem.

Um partido só pode dar isso tudo ao seu Povo, quando nesse partido não existem algumas coisas como o tribalismo e o racismo. Sabemos todos que no MPLA isso não existe, enquanto que na UPA existe muito.

E é isso que todos angolanos devem evitar, por isso devem todos juntar-se ao MPLA para lutar. O MPLA vai libertar Angola, o MPLA vai acabar com a escravatura, com o trabalho forçado, vai acabar para sempre com o sofrimento do Povo Angolano.

ANGOLANOS! EXIJAM A UNIDADE
DESPREZO AOS QUE ESTÃO CONTRA A VONTADE DA
UNIDADE DO POVO
VIVA O MPLA
ABAIXO A UPA

Discurso de F. Youlou na Conf.^a dos Movimentos Nacionistas Angolanos

[policopiado, em francês]

DISCURSO PRONUNCIADO PELO PRESIDENTE DA REPÚBLICA SENHOR ABADE FULBERT YOULOU NA CONFERÊNCIA DOS MOVIMENTOS NACIONALISTAS ANGOLANOS A 1 DE JULHO DE 1963 NA CÂMARA MUNICIPAL DE BRAZZAVILLE

Meus Senhores:

Dou-vos as boas-vindas a Brazzaville e sinto-me feliz por vos receber aqui. Conheço o ideal que vos anima e felicito-vos por isso. Conheço também as vossas dificuldades. Por isso vos pedi que viésseis aqui para as estudarmos em conjunto.

Se me permitis que vos fale com toda a franqueza, dir-vos-ei antes de mais: tendes o direito de fazer tudo, tendes o direito de escolher a vossa política, a vossa tática, mas não tendes o direito de falhar. Tendes mesmo o dever de triunfar, e de triunfar depressa.

Porque, atrás de vós, toda a África se engajou. Em Addis Abeba decidimos unanimemente ajudar-vos e apoiar-vos. Vamos fazê-lo e estamos já a fazê-lo. Mas do vosso lado ajudai-nos também a fazê-lo, no espírito da Resolução adoptada pelos Chefes de Estado africanos, cujo texto quero aqui lembrar:

Início da citação: “A Resolução

– Parágrafo 10: Convida insistentemente todos os movimentos nacionalistas de libertação a coordenarem os seus esforços através da criação de frentes comuns de acção, sempre que necessário, a fim de reforçar a eficácia da sua luta e a utilização racional da assistência concertada que lhes será concedida.

– Parágrafo 11: Decide a criação de um Comité de Coordenação encarregado de harmonizar a assistência dos Estados africanos e de gerir o FUNDO ESPECIAL a criar para esse fim.

– Parágrafo 12: Decide a criação de um Fundo Especial destinado a fornecer o auxílio material e financeiro necessário aos diferentes movimentos africanos de libertação nacional.” – Fim de citação.

Já que trinta Chefes de Estado africanos se reuniram para adoptar a mesma linha de conduta, engajando-se a trazer-vos o apoio das suas nações respectivas no combate que travais pela vossa independência, é normal que tenhais em conta o seu apelo para estabelecer uma frente comum de acção, com o mesmo programa e submetida à mesma autoridade.

De outro modo os nossos esforços, como os vossos, perderiam muito da sua eficácia.

Penso que deveis ter um duplo objectivo e uma dupla ambição: a independência e a unidade. Elas são solidárias e seria perigoso sacrificar uma à outra.

Toda a autoridade de que disponho, gostaria que ela servisse para vos convencer a não deixar esta sala antes de ter realizado, entre vós primeiramente, a unidade de movimento e a unidade de acção. Acreditem-me, é indispensável.

Acabou a hora das rivalidades e das divisões. É a hora de se unirem todos juntos, antes de empreender qualquer outra tarefa.

Formais vários movimentos mas tendes a mesma finalidade. Não deveria pois ser difícil entenderem-se. E de toda a maneira, pensai bem que, quanto mais divididos estiverdes, mais tempo levareis a triunfar.

Sei que os apoios exteriores que vos mantém não são sempre os mesmos e que os conselhos que por vezes vos são dados diferem. Deixai-me dizer-vos que sois vós em definitivo os únicos juizes.

E como sois os únicos juizes, coloco-vos uma questão: que pensaríeis de uma família que quisésseis ajudar por ela estar sofrendo mas cujos membros disputam entre si a herança que há de vir?

A África atingiu a maioria. Sendo maior, cabe-lhe resolver os seus próprios problemas, os problemas africanos, sem permitir que se imiscuem elementos exteriores, ou Estados estrangeiros a África.

A maneira de resolvermos os nossos problemas deve também ser uma maneira africana, correspondente ao nosso temperamento e aos nossos hábitos.

Nós formamos, nós somos, nesta parte da África Central que nos é comum, uma grande família africana. É num espírito de família que devemos abordar os problemas que se põem para os resolver no seu espírito familiar.

Cabe-vos, senhores, reflectir [sobre todas estas questões].

Declaração do MDIA na Conf.^a dos Movimentos Nacionistas Angolanos

[policopiada, em francês]

MOVIMENTO DE DEFESA DOS INTERESSES DE ANGOLA

“MDIA”

C.P. 51

Rue de Lopori N° 47

LÉOPOLDVILLE I – (Republ. Congo)¹

Declaração do Movimento de Defesa dos Interesses de Angola “MDIA”, pronunciada pelo Senhor MINGIEDI Simon Diallo, Director do Bureau Político, aquando da Conferência dos Movimentos Nacionistas Angolanos realizada em Brazzaville, a 1 de Julho de 1963.

Em nome do MOVIMENTO DE DEFESA DOS INTERESSES DE ANGOLA “MDIA”, de que sou o porta-voz – na qualidade de Director do Bureau Político desta organização – quero saudar todos os representantes da imprensa, tanto local como

¹ Como este endereço se repete, doravante será assinalado como “Endereço do MDIA em Léopoldville”.

estrangeira, aqui presentes. Não saberia como exprimir a satisfação sentida pelo Comité Director do meu partido em relação à fidelidade com a qual vocês responderam ao convite que vos foi endereçado.

O povo angolano expressa-vos a sua gratidão mais sincera pela difusão das notícias sobre a descolonização do nosso território que vocês não cessaram de assegurar.

Por outro lado, a população angolana, através do seu partido, o Movimento de Defesa dos Interesses de Angola “MDIA”, faz questão de agradecer, por um lado, às duas Repúblicas Congolesas (Léopoldville e Brazzaville) pela ajuda eficaz que elas não cessam de lhe prestar e, por outro lado, a todos os países africanos pela sua participação activa no problema que nos preocupa que é a INDEPENDÊNCIA do nosso país “ANGOLA”.

Senhores Representantes da Imprensa, abordemos então o essencial do nosso encontro de hoje.

De facto, no decurso da sua existência, a nossa Organização, o Movimento de Defesa dos Interesses de Angola “MDIA”, sempre praticou a política pacifista de mãos abertas, mas os responsáveis do governo português não mostraram nenhum sinal de boa-vontade. Pelo contrário, continuam sem escrúpulos a sua política de destruição e de mentira, porque, de todas as promessas feitas, nenhuma foi alguma vez realizada. Citaremos, entre outros, os últimos acordos concluídos no mês de Março de 1963, entre a nossa delegação e o governo de Lisboa na capital portuguesa, publicados por nós em Léopoldville a 24 de Março de 1963, na casa dos antigos combatentes, e que apesar das promessas formais das autoridades governamentais portuguesas, ficaram sem efeito.

A recusa do governo português em reconhecer o direito à autodeterminação da nossa terra milenar, alegando que Angola faz parte integrante de Portugal, é uma contrariedade histórica que pesa sobre todos os homens amantes da liberdade e compromete assim a paz no mundo.

O julgamento temerário, de consequências penosas, que é testemunhado pela obstinação desse governo fascista que insiste em defender, com unhas e dentes, a implantação do seu regime totalitário no nosso território, apesar das diferentes tentativas do nosso partido junto desse governo com o fim de chegar a um compromisso, não somente acarreta repercussões dolorosas para Angola, como também presta um mau serviço ao povo português.

Sendo o direito de todos os povos do mundo à autodeterminação uma doutrina do século XIX [sic], reconhecida pelas mais altas Instâncias Internacionais da Organização das Nações Unidas “ONU”, e garantido pela Declaração Universal dos Direitos do Homem que Portugal subscreveu livremente, é inconcebível que o governo português possa escapar a esse imperativo histórico. É caso para nos perguntarmos se Portugal sonha receber o que o mundo recusou à França e à Inglaterra, que foram impérios coloniais e que hoje já não existem.

Tendo em conta a imperiosa necessidade da descolonização do nosso país e de toda a África, e dando-se conta da política desse colonialista retrógrado, o MOVIMENTO DE DEFESA DOS INTERESSES DE ANGOLA “MDIA” apoia solenemente as resoluções adoptadas pelos Chefes de Estado Africanos reunidos na Conferência de Addis Abeba, nomeadamente: a ruptura das relações diplomáticas entre a África e

Portugal, o boicote das mercadorias portuguesas, a expulsão dos territórios africanos de todos os originários de Portugal, medidas que foram, aliás, preconizadas pela nossa organização na petição entregue ao Comité Especial da ONU para Angola, na sua sessão realizada em Léopoldville a 28 de Maio de 1962. Rejeitámos, na mesma ocasião, a declaração do Ministro português dos Negócios Estrangeiros convidando os governos dos países limítrofes das colónias sob dominação portuguesa.

Considerando que o triunfo de Portugal continua a assentar na desunião dos partidos políticos angolanos e que a conjugação dos esforços de todas as organizações é uma das condições *sine qua non* para o acesso rápido do nosso país à soberania nacional, lançamos um apelo comovente a todos os movimentos políticos angolanos para fazerem um exame de consciência sobre a gravidade da situação com o fim de criar uma FRENTE COMUM REPRESENTATIVA onde convergiriam todas as forças vivas do povo angolano contra o inimigo comum.

Consequentemente, pedimos a todos os países africanos e aos homens de boa vontade que nos ajudem a realizar este nobre ideal.

VIVA O MDIA

VIVA A FRENTE COMUM REPRESENTATIVA

VIVA O POVO ANGOLANO

[*carimbo do MDIA*]

VIVA A UNIDADE AFRICANA

Memorando do MPLA ao Comité dos Nove da OUA

[*policopiado, em francês*]

MEMORANDO AO COMITÉ DE COORDENAÇÃO DA AJUDA AOS MOVIMENTOS DE LIBERTAÇÃO DE ÁFRICA

No depoimento que fizemos diante de vós, a 28 de Junho de 1963, o MPLA declarou-se favorável à realização imediata de uma conferência dos partidos políticos angolanos para estudar as bases de uma colaboração na luta de libertação nacional. Nessa altura, pedimos igualmente a criação de uma comissão de conciliação. Isto parece-nos estar conforme ao espírito das decisões aprovadas pela Conferência de Addis Abeba.

Contudo, o reconhecimento do “GRAE”, saído da FNLA (UPA-PDA), pelo Governo do Congo (Léopoldville) a 29 de Junho de 1963, compromete certamente as probabilidades de um diálogo entre o MPLA e a FNLA (UPA-PDA) nas condições acima enunciadas.

Sem querer imobilizar a nossa posição numa querela de procedimentos, pomos à vossa apreciação a proposta seguinte:

– Constituição imediata de uma comissão de conciliação ou de uma missão de bons ofícios junto do Governo do Congo (Léopoldville), que teria por tarefa facilitar o

entendimento entre o MPLA e a FNLA (UPA-PDA) no espírito unitário inspirado nas decisões da Conferência de Addis Abeba.

Permitimo-nos chamar a vossa atenção para o carácter urgente que deve revestir o envio dessa comissão a fim de prevenir, desde já, as consequências de uma divisão no seio dos Estados independentes de África quanto à atitude a tomar perante a divisão do nacionalismo angolano.

Dar-es-Salam, 1 de Julho de 1963

Pelo Movimento Popular de Libertação de Angola

AGOSTINHO NETO

Presidente

Resolução do Congresso da NGWIZAKO

[dactilografada, em francês – 2ª via]

NGWIZANI A KONGO “NGWIZAKO”

(Associação dos Kongolezes de Expressão Portuguesa)

C.P. 7123 – Leo I

Léopoldville, 1 de Julho de 1963

LÉOPOLDVILLE (REPÚBLICA DO CONGO)

RESOLUÇÃO DO CONGRESSO ANUAL DA NGWIZAKO REALIZADO EM LÉOPOLDVILLE DE 29 DE JUNHO A 1 DE JULHO DE 1963

Nós, membros efectivos da NGWIZAKO, reunidos em Congresso em Léopoldville, de 29 de Junho a 1 de Julho de 1963, com a autorização nº 16700/nº 443/Cont.63/EKM/M314 de 2 de Junho de 1963, do Primeiro Burgomestre da Cidade de Léopoldville, procedemos à reconciliação de três grandes Conselheiros do Partido, os Srs. Garcia Faustino Malheiro, André Monteiro Kiangala e Manuel Baptiste N'dimba e à reiteração da confiança no Comité Central presidido pelos Srs. Garcia Henrique Monteiro, Putuilu José Milton e Kasakanga José dos Santos, e com a participação administrativa dos Srs. KANGA EDUARD e JOÃO GONÇALVES COXE. Declaramos entre outras coisas,

– que uma delegação se deve deslocar imediatamente a São Salvador do Kongo para entronizar um substituto do FALECIDO DOM PEDRO VII, ainda que os países Africanos se apressem em sabotar o direito histórico do seu Kongo;

– que depois da entronização do Rei, este último deve fazer apelo a todas as forças democráticas do país para ali formar um governo do povo;

– que um regresso seguro e imediato dos refugiados instalados na fronteira seja realizado no quadro do partido;

– que se retomem as negociações com as duas embaixadas portuguesas, Léopoldville e Brazzaville;

– que, de hoje em diante, o partido abrace uma doutrina socialista cristã, baseada na divisa: Fraternidade, Igualdade, Justiça, Liberdade, Paz e Trabalho;

– que, apesar do reconhecimento proclamado por certos países Africanos do Governo Angolano no exílio, a NGWIZAKO não reconhece jamais esse pretenso Governo demagógico pois que a história, os costumes, as tradições e sobretudo a Acta Geral de Berlim em 1885, definam que Angola e o Congo são dois países diferentes;

– que visto que a constituição portuguesa, apesar das suas práticas injustas e desumanas, não excluiu o direito costumeiro das populações do Congo, a NGWIZAKO proclama que Angola continua a ser Angola, e o Congo continua a ser o Congo, mesmo que seja necessário verter sangue, ela está disposta a fazê-lo;

– que sendo Cabinda uma parte integrante do Kongo dito português, tendo em conta a instalação de um Residente em Cabinda e da criação do Distrito do Kongo português, que era independente da partícula de Angola conquistada por Portugal desde 26 de Outubro de 1665, ou seja a batalha de Mbuila, [Distrito] que foi organizado por decreto de 31 de Maio de 1887, e posto em vigor em Julho do mesmo ano, Cabinda foi escolhida como capital onde desembarcou a 14 de Julho de 1887, o 1º Governador do Distrito, o Capitão Neves Ferreira, a NGWIZAKO decidiu cooperar com todos os originários de Cabinda na entronização do seu rei e na formação de um Governo popular Kongolês no País;

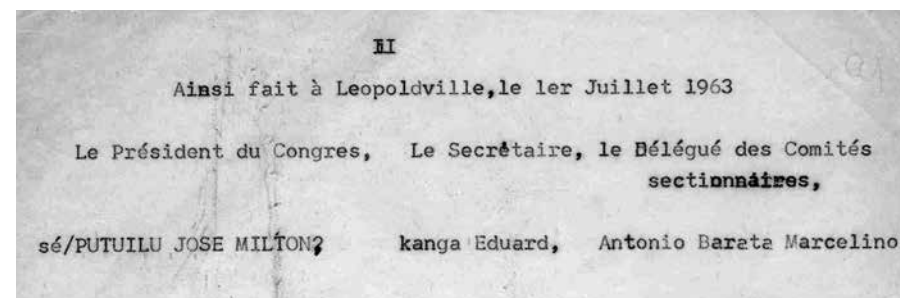
– a NGWIZAKO está decidida a responder à força pela força, contra todos os que querem ir contra a honra e a liberdade do seu Kongo.

Assim feito em Léopoldville, a 1 de Julho de 1963

O Presidente do Congresso,
as. PUTUILU JOSÉ MILTON

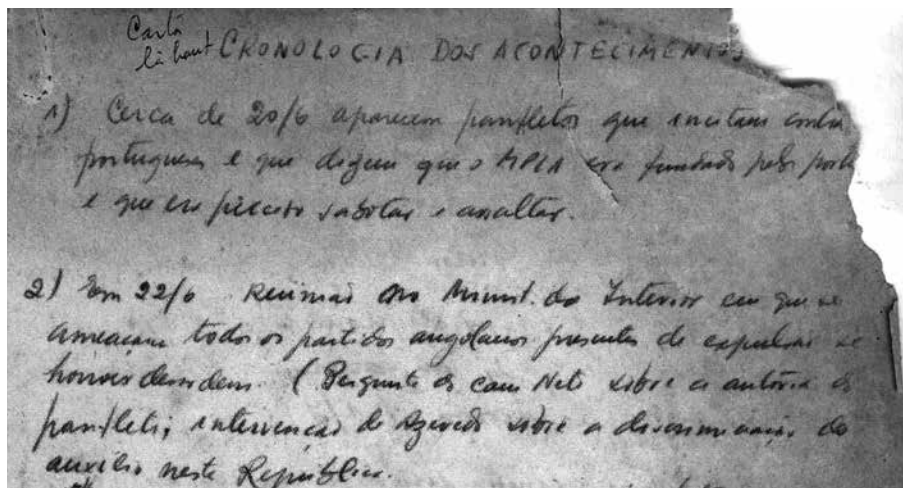
O Secretário,
Kanga Eduard

O Delegado dos Comités de Secção
António Barata Marcelino



Cronologia dos Acontecimentos (Reconhecimento do GRAE)

[manuscrita por Lúcio Lara]



[Sem data]

CRONOLOGIA DOS ACONTECIMENTOS

- 1) Cerca de 20/6 aparecem panfletos que incitam contra portugueses e que dizem que o MPLA era fundado pelos portugueses que era preciso sabotar e assaltar.
- 2) Em 22/6 Reunião no Minist. do Interior em que se ameaçam todos os partidos angolanos presentes de expulsão se houver desordem (Pergunta do cam. Neto sobre a autoria do panfleto; intervenção de Azevedo sobre a discriminação do auxílio nesta República).
- 3) 28/6 O Comité Director recebe informações de várias fontes sobre a possibilidade de o G[overno] do C[ongo] reconhecer FNLA por proposição do 1º Min. no Conselho de ministros alguns defenderiam o MPLA.
- 4) Memorando do MPLA aos governantes, deputados e senadores p^a aproveitar o último dia do Parlamento (que entrou em férias de 2 meses) O objecto do memorandum não foi discutido por não haver provas concretas. (26/6/63)
- 5) Conversa de uma deleg. do MPLA com o Ministro dos Neg. Estrang. do Congo em que ele diz serem boatos e arranja entrevista c/ Adoula (27/6/63)
- 6º) Conversa c/ M. Adoula (28/6/63)
- 7º) Reconhecimento do Governo Holden (29/6/63)
Comunicado do MPLA aos militantes.
- 8º) Reserva do MPLA em declarações à imprensa. Apenas manifesta surpresa. E isto p^a não contradizer o que se estaria dizendo em Dar-es-Salam e não aticar a posição do Congo. Entretanto manobrou-se o exterior.

- 9º) Missões imediatas a Brazzaville 29/6, 30/6 fazer corredores. Sabe-se algo que Youlou não reconhecerá logo.
- 10º) Continuação das conversas com outras organizações angolanas que duram há cerca de 2 meses. Tomada de posição comum sobre uma Comissão de Coordenação p^a uma Frente de todos os partidos angolanos (30/6)
- 11º) Conferência de Youlou c/ todos os partidos angolanos em frente ao corpo diplomático e imprensa. Decisão de fazer um Congresso. Holden reticente os outros de acordo. (1/7)
- 12º) O MPLA continua uma acção concertada com os outros partidos, em vista de apresentar ao Governo deste Congo uma plataforma.
- 13º) Em Dar-es-Salam o Comité de Auxílio, que também tinha a missão de fomentar a união dos Movim. nacionalistas em todos os países recebe com SURPRESA a notícia do reconhecimento e resolve enviar uma comissão de bons ofícios a Léopoldville p^a a unidade dos angolanos. O próprio delegado do Congo em Dar-es-Salam não sabia do reconhecimento.

A n/ missão em Dar-es-Salam Cams: Neto, Andrade, Lima e Boavida; del. do MNA Mayembe, del. da UPA Savimbi.

Delegação em Léo Brazza – Rev. Silva, Melo, Azevedo, Chipenda e Noémia.

Carta Circular do GRAE

[policopiada, em francês]

GOVERNO REVOLUCIONÁRIO DE ANGOLA NO EXÍLIO
– GRAE –

Ministério da Informação

CP 1205

Léopoldville

(República do Congo)

Nº 500/37/Circ/963

Léopoldville, 2 de Julho de 1963.

Senhor:

Tenho a honra de lhe fazer chegar, neste envelope, para a sua documentação, um exemplar do Comunicado Oficial anunciando a decisão do Governo da República do Congo de reconhecer o Governo Revolucionário de Angola no Exílio “GRAE.”

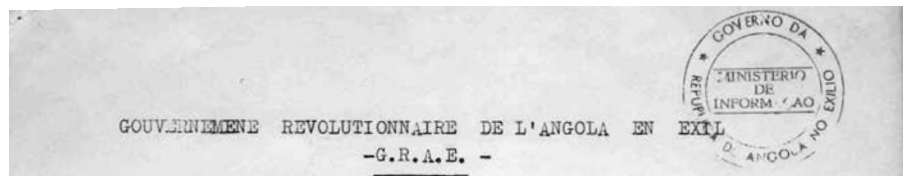
Desejo-lhe uma boa recepção e peço-lhe que aceite, Senhor, os protestos da minha mais elevada consideração.

O Ministro da Informação

– Rosário Neto – [com assinatura]

Lista dos Membros do GRAE

[policopiada, em francês]



GOVERNO REVOLUCIONÁRIO DE ANGOLA NO EXÍLIO

– GRAE – [carimbo do Min. Inf. do GRAE]

Ministros:

| | |
|----------------------------|--|
| Primeiro-Ministro: | Holden Roberto |
| Vice Primeiro-Ministro: | Emmanuel Kounzika |
| 2º Vice Primeiro-Ministro: | Msr Manuel Joaquim Mendes das Neves (Prisão) |
| Negócios Estrangeiros: | Jonas Savimbi |
| Informação: | Rosário Neto |
| Interior: | Pinock John Eduardo |
| Finanças: | Emmanuel Ziki |
| Assuntos Sociais: | Ferdinand Dombele |
| Armamento: | Alexandre Taty |
| Educação: | M'Vila André |

Secretários de Estado:

| | |
|------------------------|--------------------------------------|
| Negócios Estrangeiros: | Johny Eduardo e Pedro Gadimpovi |
| Informação: | Samuel Silva |
| Interior: | Sanda Martin |
| Finanças: | Maurice Dombelo |
| Assuntos Sociais: | (vago) |
| Educação: | Victor Afonso |
| Armamento: | Fernando Gourgel e Kiatalwa Norbert. |

ESTE GOVERNO TEM AS SEGUINTE ACTIVIDADES:

- A organização e a protecção dos Refugiados;
- A direcção das operações armadas em Angola;
- A propaganda, no plano internacional, a favor da Revolução;
- O contacto com todos os Governos Africanos e mais particularmente com o Governo Congolês que concede uma maior hospitalidade aos Movimentos de libertação, aos Refugiados que têm para os Angolanos uma importância particular.

Princípios e Fundação da FDLA

[policopiado]

FRENTE DEMOCRÁTICA PARA A LIBERTAÇÃO DE ANGOLA

AS ORGANIZAÇÕES ABAIXO MENCIONADAS:

MOVIMENTO DA DEFESA DOS INTERESSES DE ANGOLA “MDIA”
 MOVIMENTO NACIONAL ANGOLANO “MNA”
 MOVIMENTO POPULAR DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA “MPLA”
 NGWIZANI A KONGO “NGWIZAKO”
 UNIÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES ANGOLANOS “UNTA”

ENGAJAM-SE A LUTAR PELOS PRINCÍPIOS SEGUINTE:

- 1 – Liquidação definitiva, por todos os meios, do colonialismo português em Angola.
- 2 – Consolidação da Independência Nacional, pela prática de uma política de não-alinhamento.
- 3 – Luta contra o neocolonialismo sob todas as suas formas.
- 4 – Instauração em Angola de um regime democrático, em que os Direitos Fundamentais do Homem serão garantidos.
- 5 – Admissão na Frente de todas as organizações que o quiserem fazer, depois de discussão no mesmo pé de igualdade.
- 6 – Intensificação da luta tanto armada como diplomática.
- 7 – Formação dum Conselho Político que deve aprovar toda a opinião emitida em nome da Frente.
- 8 – Formação dum só Exército de Libertação colocado sob um só Comando Militar.
- 9 – Formação duma só organização para a assistência social e para a educação de massas.
- 10 – Condenação da luta fratricida e de todas as manifestações de tribalismo, de regionalismo e de intolerância racial e religiosa.
- 11 – Desenvolvimento do espírito de fraternidade e de entreajuda, entre os angolanos de todas as camadas sociais.
- 12 – Defesa constante da Unidade Nacional e da Integridade Territorial do País.
- 13 – Engajamento solene e activo na realização da Unidade Africana, no espírito da Carta de Addis Abeba.
- 14 – Respeito pela personalidade de cada organização.

PARA REALIZAR ESTES OBJECTIVOS, AS ORGANIZAÇÕES SIGNATÁRIAS DECIDEM CRIAR SOLENEMENTE A FRENTE DEMOCRÁTICA PARA A LIBERTAÇÃO DE ANGOLA (FDLA).

Feito em Léopoldville, a 2 de Julho de 1963

Pelo MOVIMENTO DE DEFESA DOS INTERESSES DE ANGOLA "MDIA" [assinatura de Augustin Kaziluki]

Pelo MOVIMENTO NACIONAL ANGOLANO "MNA" [assinatura de J. Tito]

Pelo MOVIMENTO POPULAR DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA "MPLA" [assinatura de Rev. Domingos da Silva]

Pelo NGWIZANI A KONGO "NGWIZANI" [assinatura de ?]

Pela UNIÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES ANGOLANOS "UNTA" [assinatura de Pascoal Luvualu]

Feito em Léopoldville, a 2 de Julho de 1963

Pelo MOVIMENTO DE DEFESA DOS INTERESSES DE ANGOLA "M.D.I.A."

Pelo MOVIMENTO NACIONAL ANGOLANO "M.N.A."

Pelo MOVIMENTO POPULAR DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA "M.P.L.A."

Pelo NGWIZANI A KONGO "NGWIZAKO"

Pela UNIAO NACIONAL DOS TRABALHADORES ANGOLANOS



Reunião da FDLA (Julho 1963) - da esq. para a dta: (...), (...), (...), P. Luvualu, Rev. Domingos da Silva, A. Neto, Deolinda, (...), (...), (...), (...), Lengue, Iko Carreira

Comunicado do MDIA sobre a saída de J.P. Bala

[policopiado, em francês]

"Endereço do MDIA em Léopoldville"

Léopoldville, 5 de Julho de 1963

Ref.: BP/MSD/AK/87/63

Apesar da recusa unânime dos membros presentes aquando da sua sessão de 3 de Julho de 1963, o Comité Director do Movimento de Defesa dos Interesses de Angola "MDIA" está surpreso com a partida precipitada do Senhor Jean-Pierre BALA para Luanda (Angola).

Visto que o entendimento de todos os partidos nacionalistas Angolanos se revela indispensável para apressar a libertação do nosso país através da formação de uma Frente Comum de união nacional que negociará sozinha a independência de Angola; é portanto inconcebível que uma pessoa ou um partido, qualquer que seja, possa ainda concluir convenções individuais com esse governo colonialista retrógrado. Essa partida é uma manobra que serve para encobrir as autoridades portuguesas na sua política mentirosa de extermínio.

Consequentemente, o Comité Director do Movimento de Defesa dos Interesses de Angola "MDIA" nega ao Senhor Jean-Pierre BALA o direito de o representar e tudo o que ele vier a tratar em Luanda apenas engaja a sua pessoa.

PELO COMITÉ DIRECTOR:

[carimbo do MDIA]

MINGIEDI Simon Diallo
Director Político

Augustin KAZILUKI
Vice-Presidente Geral

Proclamação do Grupo de Viriato da Cruz

[policopiada]

MOVIMENTO POPULAR DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA – MPLA

PROCLAMAÇÃO A TODOS OS MEMBROS DO MPLA

– Considerando que o Governo da República do Congo (Léopoldville), num gesto de grande alcance político para a África inteira, acaba de fazer justiça à luta heróica que o Povo Angolano vem travando desde há dois anos e de reconhecer "de jure" o Governo Revolucionário de Angola no Exílio (GRAE);

– Considerando que o acto de reconhecimento do GRAE constitui ainda uma valiosa contribuição para a descolonização do Continente Africano;

– Considerando que o Governo Revolucionário de Angola no Exílio pode acelerar muito a independência da Pátria angolana;

– Considerando que é urgente unir o Povo Angolano inteiro em torno do Governo Revolucionário e que é urgente facilitar a este Governo as suas relações – que deverão ser justas e democráticas com o Povo Angolano inteiro;

– Considerando que o Comité Director que até este momento vinha dirigindo os destinos do MPLA fracassou na sua política e na confiança que os membros do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) tinha depositado nele;

– Considerando que é urgente acabar com as divisões no seio do MPLA e que é ainda urgente integrar o MPLA unido ao FNLA;

– Considerando que é urgente dar a maior autoridade e a maior força (que devem vir, antes de tudo, da união do Povo Angolano e das Organizações nacionalistas angolanas) ao GRAE;

Membros do Movimento Popular do Libertação de Angola, reunidos, em 5 (cinco) de Julho de mil novecentos e sessenta e três (1963), em Assembleia Geral Soberana, em obediência aos imperativos sagrados da Causa da unidade do Povo para a libertação da Pátria Angolana;

DECIDIRAM

1º – Retirar toda a autoridade ao actual Comité Director que deve considerar-se imediatamente demitido;

2º – Eleger um Comité para a unidade e para a cooperação, o qual é mandatado para:

- a) Dirigir todo o Movimento como o seu Executivo supremo provisório, isto é, como o seu novo Comité Director;
- b) Liquidar todas as divisões no seio do MPLA;
- c) Unir o MPLA ao FNLA, mantendo porém a autonomia do MPLA no seio do FNLA;
- d) Apoiar o GRAE e resolver o problema da participação do MPLA nos órgãos do GRAE; e
- e) Convocar, dentro de três (3) meses, um Congresso do MPLA que deverá eleger novos órgãos dirigentes.

3º – Que o Comité Director demitido entregue todos os bens e valores do MPLA à Comissão que for mandatada, para esse efeito, pelo novo Executivo supremo do MPLA;

4º – Que o novo Comité Director é constituído como se segue:

- 1 – José Bernardo Domingos
- 2 – Viriato da Cruz
- 3 – Matias Miguéis
- 4 – Jorge Freitas
- 5 – António Alexandre

6 – José Miguel

7 –

8 –

9 –

10 –

5º – Que o Comité Director atrás designado terá toda a autoridade para integrar a ele mais membros do MPLA, até um número máximo de 4 (quatro), os quais terão os mesmos direitos que os que acabam de ser eleitos por esta Assembleia.

VIVA A UNIÃO DO POVO ANGOLANO!

VIVA A REPÚBLICA IRMÃ DO CONGO!

VIVA O MPLA UNIDO!

VIVA O GOVERNO REVOLUCIONÁRIO DE ANGOLA NO EXÍLIO!

TUDO PARA ACELERAR A CONQUISTA DA INDEPENDÊNCIA DE ANGOLA!

Léopoldville, 5 de Julho de 1963.

Carta do Grupo de Viriato da Cruz aos membros do CD

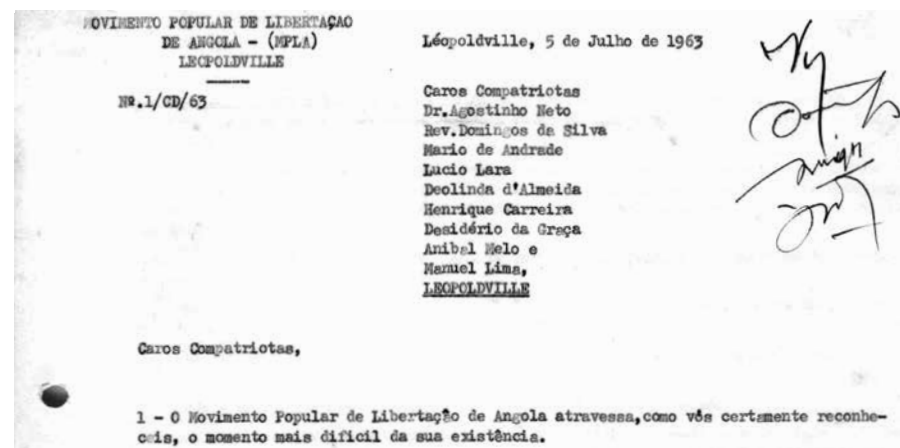
[dactilografada – 2ª via]

MOVIMENTO POPULAR DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA – (MPLA)
LÉOPOLDVILLE

Léopoldville, 5 de Julho de 1963

[seguem-se as rubricas de 4 assinantes]

Nº 1/CD/63



Caros Compatriotas
 Dr. Agostinho Neto; Rev. Domingos da Silva; Mário de Andrade;
 Lúcio Lara; Deolinda d'Almeida; Henrique Carreira; Desidério da
 Graça; Aníbal Melo e Manuel Lima,

LÉOPOLDVILLE

Caros compatriotas,

1 – O Movimento Popular de Libertação de Angola atravessa, como vós certamente reconheceis, o momento mais difícil da sua existência.

Os membros do MPLA, tanto os que investiram o melhor do seu esforço na construção do nosso Movimento, como os que vinham depositando a sua confiança na nossa organização para a realização dos seus ideais políticos, não podiam deixar de considerar grande fracasso actual do MPLA como, antes de tudo, o fracasso da actividade política do seu órgão dirigente.

Os membros do MPLA sabem que, até à data, três órgãos dirigentes estiveram já à frente do nosso Movimento. Eles sabem, por conseguinte, que o nosso Movimento nunca esteve nem pode estar condenado a resignar-se a aceitar, a todo o preço uma mesma equipa de dirigentes.

Por este motivo animados do melhor desejo de fazer sair urgentemente da grave situação em que se encontra o nosso Movimento – certos de que os destinos do MPLA interessam antes de tudo aos seus membros e não a uma equipa de dirigentes e convencidos de que a hora exige um gesto revolucionário de salvação da nossa organização – militantes do MPLA, reunidos, nesta cidade, em Assembleia-Geral soberana, em 5 de Julho de 1963,

DECIDIRAM:

- a) Retirar toda a autoridade ao Comité Director que constituíeis até à data;
- b) Que o Comité Director, que formáveis até à data, se considere demitido a partir de 5 de Julho de 1963; e
- c) Que a partir desta data o MPLA passe a ser dirigido, – nos termos da Proclamação de que vos enviamos cópia junta – pelos seguintes membros:
 Matias Miguéis; José Bernardo Domingos; Viriato Cruz; José Miguel;
 Georges Manteya Freitas; António Alexandre.

2 – Apesar da gravidade da hora que todos atravessamos e dos fraquíssimos recursos dos angolanos residentes no Congo, podemos informar-vos que o número de votos que investiram os angolanos acima citados nos postos do novo Comité Director, foi superior aos que, em 3 de Dezembro de 1962, se pronunciaram a favor do Comité Director que formastes até esta data.

3 – Em face do exposto e da compreensão que (estamos convencidos) Vós mesmos tendes da situação actual do nosso Movimento e da fase nova em que entrou o nacionalismo angolano, esperamos que vós aceiteis renunciar imediatamente aos vossos postos no executivo supremo do MPLA.

4 – Nada permitirá afirmar que se trata de uma cisão do MPLA. O Movimento mantém-se íntegro.

Nada permitirá afirmar que se trata de um acto dirigido contra a pessoa de qualquer membro do Comité Director que formastes até à data.

Ninguém está autorizado por nós a tomar qualquer atitude ofensiva à dignidade de qualquer membro do MPLA.

Todo o MPLA espera que assumireis uma posição idêntica à nossa.

5 – Afirmamo-nos prontos, em qualquer momento, a regularmos pessoalmente convosco os problemas do Movimento relativos ao vosso afastamento voluntário da direcção do MPLA.

O contacto pessoal será certamente mais eficaz do que a troca de cartas entre vós e nós.

Viva o MPLA!

Viva a Unidade do MPLA e do Nacionalismo Angolano!

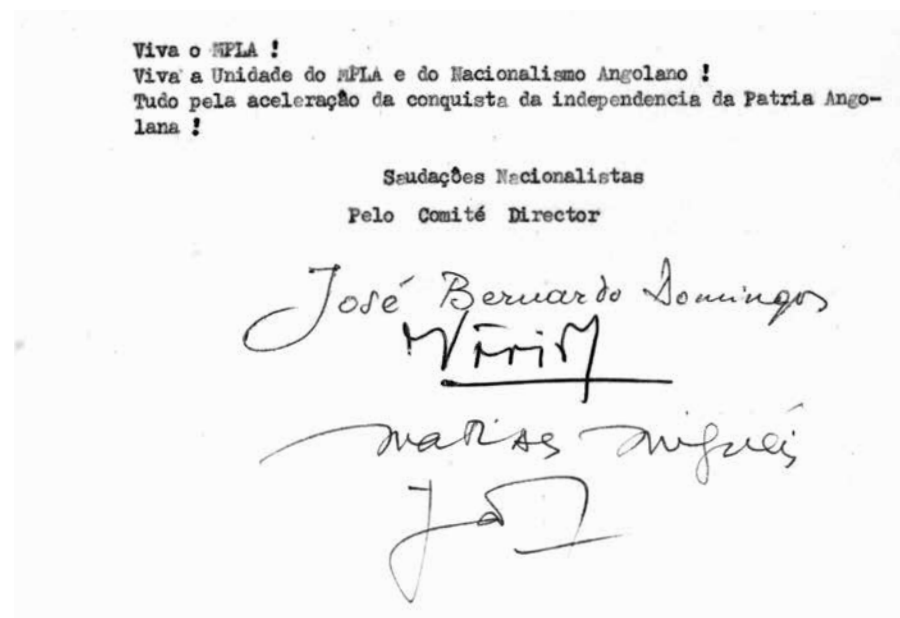
Tudo pela aceleração da conquista da independência da Pátria Angolana!

Saudações Nacionalistas

Pelo Comité Director

[seguem-se as assinaturas de:] José Bernardo Domingos;

Viriato da Cruz; Matias Miguéis; José Miguel]



Carta da Assembleia do Kwango ao Presidente do MPLA

[dactilografada, em francês, em papel timbrado da Ass. Prov. do Kwango]

[Nota manuscrita por Ag. Neto: Para conhecimento dos membros do CD. 10 Julho 1963]

Kenge, 5/7/1963

Nº 455/CABP/AP/63

Ao Senhor Presidente do Movimento
Popular de Libertação de
ANGOLA

Assunto: Encorajamento

Senhor Presidente,

O Governo do Kwango, através da sua Assembleia Legislativa, registou com satisfação a declaração relativa à libertação de Angola e de outros Territórios Africanos do imperialismo, cuja responsabilidade é assumida pelo Comité de Coordenação saído da Conferência dos Chefes de Estado Africanos em Addis Abeba.

Não pode imaginar, Senhor Presidente, a nossa imensa e indescritível alegria quando o nosso Parlamento Nacional adoptou, por forte aclamação, o projecto da Carta da Unidade Africana, preconizando, segundo as resoluções dessa Conferência, que seja arrancado pela raíz e enterrado o regime colonial em toda a extensão de África.

Sendo o Kwango uma Província da República do Congo, limítrofe de Angola, interessa-se muito pela luta encarniçada contra o Governo Português e fará a sua parte, por intermédio das instâncias superiores, não podendo recusar a mão estendida do seu vizinho que reclama o total apoio e assistência.

É pela soma dos esforços que os povos Africanos persuadirão a opinião internacional da sua solidariedade e fraternidade e que a luta que certos Territórios Africanos levam a cabo pela sua Independência não é uma questão interna mas sim comum e indivisível para todos nós.

Rogando-vos a que sejam sempre solidários, perseverantes e unidos, aceite, Senhor Presidente, os protestos da minha mais elevada consideração.

O SEGUNDO VICE-PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA,

[carimbo do Gabinete do Presidente]

CHATOULA Albert [segue assinatura]

Circular do MPLA sobre o Reconhecimento do GRAE

[policopiada]

[Endereço do MPLA em Léopoldville]

CIRCULAR ÀS REPRESENTAÇÕES NO EXTERIOR

Em face do reconhecimento do dito GRAE do sr. Holden Roberto pelo Governo do Congo (Léo), importa que os nossos representantes no exterior mantenham calma e serenidade que o momento exige.

O Comité Director do MPLA, tomou com espanto o conhecimento através da imprensa do dito reconhecimento. Essa surpresa baseava-se no resultado das conversações tidas no dia anterior, à essa decisão com o primeiro-Ministro senhor Cirilo Adula e com o sr. Mabika Kalanda, ministro dos negócios estrangeiros, conversações que decorreram num ambiente cordial, tendo estes reiterado o seu interesse pela unidade e a coordenação da luta dos movimentos angolanos, tendo mesmo o primeiro ministro manifestado interesse para pôr um projecto de plataforma para [a] unidade que o MPLA se prontificou apresentar.

Esta atitude do Governo Congolês que se supõe confirmação anterior com o Presidente do Congo (Brazzaville) provocou neste uma reacção imediata que se traduziu na convocação dos responsáveis dos partidos políticos angolanos, para uma reunião presidida por ele próprio. O Presidente Youlou inscreveu essa iniciativa sob o espírito unitário de Addis Abeba e lembrou nomeadamente o § 10 das Resoluções sobre a descolonização aprovadas pela Conferência. “Convida instantemente (à Conferência) todos os movimentos nacionalistas de libertação, a coordenar os seus esforços, pela criação de frentes comuns de acção, sempre que necessário, a fim de reforçar a eficácia da sua luta e a utilização racional da assistência concertada que lhes será concedida”.

Exortou os partidos a concentrarem-se para encontrarem uma plataforma para a unidade. Em consequência de conversações anteriores, o MPLA, o MNA, o N'GWIZAKO, o MLEC e o MDIA, alinharam como um bloco unido, frente ao sr. Holden Roberto, para quem a unidade se deveria fazer, sim, mas dentro do Front já existente – o Front que ele criou. É de notar que o MDIA, para alinhar connosco, fez uma declaração à imprensa, denunciando a atitude do Governo Português, e aceitando a tese de [que a] obtenção da independência em Angola fosse pela luta armada. O Presidente Youlou declarou finalmente a sua disposição de financiar um Congresso a realizar, em Léopoldville ou Brazzaville, em que os partidos, num debate franco e livre, discutissem a forma de chegar à unidade.

Entretanto, em Dar-es-Salam, a nossa delegação – constituída pelo Dr. Agostinho Neto, Presidente, Manuel Lima, Chefe do Departamento de Guerra e Mário de Andrade, Chefe do Departamento das Relações Exteriores, – presente à reunião do Comité de Coordenação, depunha um memorandum, a coordenar a necessidade do envio imediato duma Comissão de conciliação já sugerida num memorandum anterior a Léopoldville e de

“cuja missão, seria a de facilitar um entendimento entre o MPLA e o FNLA (UPA/PDA), no espírito de unidade inspirada pela Conferência de Addis Abeba”.

O reconhecimento do dito GRAE causa profunda impressão nos meios da Conferência, e ameaçava trazer uma divisão no seio da comissão dos 9, que para a conjurar decidiu o envio da comissão por nós sugerida, e que se encontra já a caminho de Léopoldville.

O reconhecimento do dito GRAE foi nitidamente uma manobra divisionista, perpetrada no sentido de provocar divergências entre os Países Africanos. A presença de Mennen Williams em Léopoldville precedeu esse reconhecimento.

Retenhamos que influências que não estão seguramente interessadas na manutenção da unidade africana, resultante de Addis Abeba, fizeram tentativas para tirarem todo o conteúdo ao Comité de Coordenação, querendo lhe assinar [*sic*] apenas, a capacidade de fazer recomendações ao Conselho de ministros. Recordamos que § 11 das Resoluções sobre a descolonização lhe assina [*sic*] a função de “humanizar a assistência aos Estados Africanos, de gerir o Fundo Especial a criar para esse fim”.

O § 12, ajunta [*sic*] que esse Fundo especial é “destinado a fornecer o auxílio material e financeiro necessário, aos diferentes movimentos africanos de libertação nacional”.

Essas potencias não africanas que querem destruir o espírito de Addis Abeba, espírito que não convém aos seus propósitos de dominação pretendem utilizar como ponto de lança a questão da unidade dos movimentos angolanos.

Assim é que já há decisão entre os países africanos resultantes duma opção por um ou outro movimento.

A divisão é perigosa para toda África. É nosso dever agir de maneira a impedir que esta ameaça se concretize, e para isso é condição prévia que consigamos a unidade na luta contra o colonialismo.

Perante o reconhecimento do GRAE, é importante proceder com prudência, e não hostilizar o governo Congolês. É no Congo que encontramos as bases logísticas para a nossa acção no interior de Angola.

Por outro lado não estamos animados do propósito de concorrer ao poder dentro do Congo. O que importa essencialmente, é criarmos as condições para o desenvolvimento da luta no interior, o envio dos nossos quadros dirigentes para o teatro da luta político-militar. Temos consciência da capacidade política do nosso movimento.

Essa linha de acção é ditada não só pela necessidade vital de permanecer no Congo, como já referimos, mas também pela preocupação de não alimentar factores de divisão definitiva. Estamos até em bom caminho para a reunião de todos partidos políticos dentro de um Front.

É cada vez mais possível a unidade mesmo com Front constituído pelo cartel (UPA/PDA).

Não importa ser agora ministro dum governo que não governa realmente, mas sim utilizá-lo como instrumento ao serviço da nossa luta de libertação.

Por agora interessa a unidade inteira dentro do movimento para levar a cabo a tarefa da unificação. Essa unidade inspirada pela necessidade de lançar bases fortes [de] colaboração entre todos os angolanos terá uma estrutura forte que lhe permite durar

para além da fase actual de luta armada e funcionar mesmo dentro de Angola. A nossa acção então, será a de aproveitar as condições favoráveis para modificar a situação. O poder será executivo no exterior por aqueles que o merecerem pelo seu trabalho [*sic*]. O Povo decidirá no interior.

Aos camaradas no exterior, recomendamos que trabalhem de maneira a não dificultar a linha política que está [a] ser seguida pelo Comité Director.

Léopoldville, 6 de Julho de 1963

O COMITÉ DIRECTOR

Carta assinada por V. Cruz, M. Miguéis e J. Miguel para a FNLA

[*dactilografada – fotografia*]¹

MOVIMENTO POPULAR DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA (MPLA)

LÉOPOLDVILLE

Léopoldville, 6 de Julho de 1963

À FRENTE NACIONAL DE
LIBERTAÇÃO DE ANGOLA
LÉOPOLDVILLE

Caros Compatriotas

1 – Como já deve ser do vosso conhecimento, foi ontem, 5, destituído por uma Assembleia Geral soberana formada por membros do MPLA com prestígio no seio do povo e por membros activos do nosso Movimento, o Comité Director que, até ontem, se encontrava à frente do Movimento Popular de Libertação de Angola.

Temos o prazer de junto vos enviar cópia da Proclamação lançada pela referida Assembleia.

2 – O novo Comité Director é constituído por:

- Matias Miguéis
- José Bernardo Domingos
- Viriato da Cruz
- Georges Manteya Freitas
- José Miguel
- António Alexandre.

3 – Por consequência o Comité Director que funcionou até ontem não tem mais autoridade para assumir compromissos em nome do MPLA.

4 – Em obediência ao mandato que nos foi conferido ontem pela Assembleia atrás referida, comunicamo-vos que o MPLA decidiu unir-se à Frente Nacional de

¹ Está pouco legível. Há partes que não se percebem.

Libertação de Angola tudo em reservando o direito do MPLA resolver imediatamente convosco, no Interior da Frente, os problemas relativos à Convenção que deverá regular as relações entre as nossas organizações e a questão de uma participação justa do nosso Movimento nos organismos derivados da FNLA.

Agradecemos, pois, que nos envieis uma resposta clara e completa à proposta que vos fazemos.

Estamos certos que apreciareis, com justa medida, o importante passo em frente que o nacionalismo angolano poderá dar dentro do menor espaço de tempo.

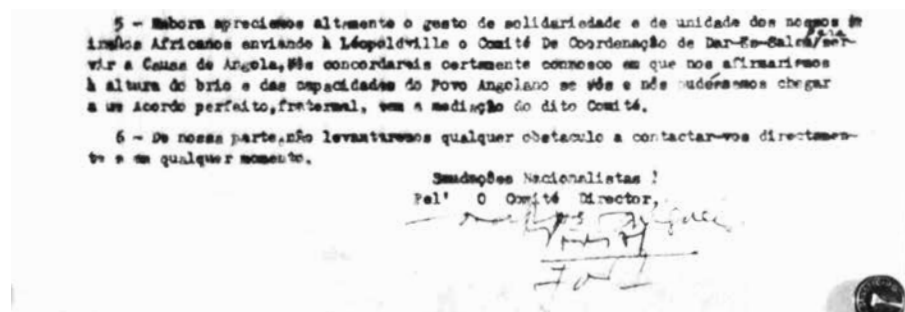
5 – Embora apreciemos altamente o gesto de solidariedade e de unidade dos nossos irmãos Africanos enviando a Léopoldville o Comité de Coordenação de Dar-es-Salam para servir a Causa de Angola, vós concordareis certamente connosco em que nos afirmariamos à altura do brio e das capacidades do Povo Angolano se vós e nós pudéramos chegar a um Acordo perfeito, fraternal, sem a mediação do dito Comité.

6 – De nossa parte, não levantaremos qualquer obstáculo a contactar-vos directamente e em qualquer momento.

Saudações Nacionalistas!

Pel' O Comité Director

[assinaturas de Matias Miguéis, José Domingos, Viriato da Cruz e José Miguel]



Comunicado do MPLA sobre Expulsão de J. Domingos, V. Cruz, M. Miguéis e J. Miguel

[policopiado]

O Comité Director do MPLA acaba de receber uma carta assinada pelos compatriotas José Bernardo Domingos, Viriato da Cruz, Matias Miguéis e José Miguel, aludindo a uma pretensa “Assembleia Geral soberana” na qual teria sido decidido, entre outras medidas, “retirar toda a autoridade” ao actual Comité Director e demiti-lo “a partir de 5 de Julho de 1963”. Essa carta vem acompanhada dum “Proclamação a todos os membros do MPLA” cuja finalidade é apresentar a suposta eleição dum novo Comité Director.

Como é do conhecimento de todos os militantes do MPLA, o actual Comité Director foi eleito pela Primeira Conferência Nacional e só uma Segunda Conferência Nacional tem poderes para o destituir e, em consequência, eleger um novo Comité Director.

Este princípio prova não só a ilegalidade da pretensa “Assembleia-Geral soberana” cuja composição se ignora, como a má-fé e a indisciplina dos seus autores.

O MPLA e o seu Comité Director não podem ficar indiferentes a este acto de rebelião que surge no momento em que todos os esforços estão sendo feitos no sentido da urgente unificação de todos os angolanos.

Considerando que o momento actual exige de todos os militantes do MPLA a maior unidade e firmeza na defesa dos ideais maiores da nossa Organização;

Considerando que manifestações de indisciplina não podem ser toleradas, especialmente quando partem de elementos que desempenharam cargos importantes no seio do MPLA;

Considerando que este acto é uma manobra oportunista de divisão e de liquidação do MPLA para satisfazer ambições pessoais de mando;

Considerando que este acto visa prejudicar as negociações que estão a decorrer para a realização dum vasta Frente com outras organizações políticas angolanas, bem como a prejudicar as futuras diligências da Comissão de Conciliação nomeada em Dar-es-Salam pelo Comité de Coordenação de Addis Abeba, diligências propostas pelo MPLA;

O Comité Director, órgão executivo supremo do MPLA, decide ao abrigo da alínea C do Art. 2º, da alínea 5 do Art. 4º, do Art. 6º e do Art. 30º do Regulamento Geral Interno:

- 1 – Expulsar os senhores José Bernardo Domingos; Viriato da Cruz; Matias Miguéis; José Miguel, signatários da carta;
- 2 – Inquirir das condições em que foi realizada a pretensa Assembleia-Geral soberana;
- 3 – Tomar medidas para que tais actos se não repitam no seio do Movimento;
- 4 – Continuar as démarches para a unificação das forças nacionalistas angolanas.

VIVA ANGOLA!

VIVA O NACIONALISMO ANGOLANO!

VIVA A UNIDADE DO POVO ANGOLANO!

VIVA O MPLA!

UNIDOS VENCEREMOS!

VITÓRIA OU MORTE!

O COMITÉ DIRECTOR

Léopoldville, 6 de Julho de 1963

[carimbo do CD do MPLA]

Comunicado do MPLA sobre a Expulsão do Grupo de Viriato da Cruz

[policopiado, em francês]

[Endereço do MPLA em Léopoldville]

O Comité Director do MPLA declara, para todos os efeitos, que os Srs. JOSÉ BERNARDO DOMINGOS, MATIAS MIGUÉIS, VIRIATO CRUZ e JOSÉ MIGUEL acabam de ser expulsos das fileiras do Movimento por actos de indisciplina visando quebrar a unidade do Movimento, para satisfazer as suas ambições pessoais de poder.

Portanto, não podem, sob nenhum pretexto, engajar o MPLA nas suas actividades políticas.

Todas as suas acções em nome do MPLA são, deste modo, ilegais e abusivas.

Léopoldville, 6 de Julho de 1963
Doc. /92/63.

O COMITÉ DIRECTOR
[carimbo do CD do MPLA]

Confrontos na residência do M'Binza

[dactilografado - 2ª via]

Os indivíduos que se encontravam na residência do M'Binza

- | | |
|-----------------------------------|--------------------------|
| 1 – Joaquim Cardoso | 8 – Domingos de Oliveira |
| 2 – Salvador da Conceição e Costa | 9 – Fernando Miranda |
| 3 – Paulo Miguel Júnior | 10 – José Gomes |
| 4 – Jacob Caetano Júnior | 11 – Andrade Correia |
| 5 – Sozinho da Costa | 12 – Bernardo Suka |
| 6 – Roque | 13 – José Agostinho |
| 7 – Paulo Matias | 14 – Miguel Benedito |

Camaradas expulsos na reunião que teve lugar no dia 5 de Julho de 1963, em casa do Sr. André Domingos, Avenida Lukulela n.º 94.

- 1 – António Menezes
- 2 – Lourenço José Ferreira
- 3 – Cirilo da Conceição Silva

Nota: Às 19,00 horas um membro do Comité Director, Henrique Carreira, ao chegar a M'Binza de automóvel para uma comunicação aos militantes, foi preso, amarrado e espancado pelos insurrectos. Ficou preso até às 11,30 do dia 8, altura em que foi libertado ou liberto por militantes fiéis.

Entre vários assaltantes reconheci os seguintes: Manuel Pedro Garcia, Marques Rodrigues, Gongga Jemesse[?], João António Gonçalves, Samuel Mateus, Inácio Zau Sacala, Correia Manuel Miguel, Jorge António, Álvaro Baptista, Sousa Augusto e outros. Esses não só foram os assaltantes, mas sim os cabecilhas que prenderam o camarada Carreira.

Às 6,30 os cabecilhas Morais Monteiro, Marques Rodrigues, João António Gonçalves, saíram do M'Binza a procura do José Domingos para julgar o Carreira.

Camaradas levados por engano e se encontram detidos:

- 1 – Pedro Domingos (Enfermeiro)
- 2 – Agostinho António

Léopoldville, 7 de Julho de 1963 [sic]

Carta de Mário de Andrade a Lúcio Lara

[dactilografada]

Meu caro Lúcio,

Tenho pouco a acrescentar às indicações que confiei ao Boavida. Do lado do Comité de Conciliação, nenhuma modificação sensível das posições tomadas “au départ”. Insisto sobre a vigilância, quanto às atitudes que tomarão no decurso das démarches a Nigéria e Diallo Abdoulaye. Sinceridade absoluta e abertura sem reservas com a delegação argelina. Mas urge controlar as intervenções sem sentido político do vosso camarada, chefe do departamento da guerra [Manuel Lima].

Nyerere manifestou-me a sua surpresa diante do reconhecimento do dito “grae”. Parece ter sido também o “sentiment” de Houphouet. Sou de opinião que devem ser afastados do eventual diálogo com os “sobados constituídos” todos aqueles que no movimento estão marcados pelas antigas querelas entre os partidos angolanos. Essa a razão essencial do meu afastamento de Léo e da direcção do movimento. Aguardei em vão vosso telegrama. Parto para o meu novo exílio...

Junto o comunicado final da comissão dos 9. Decidiram conceder ao front nacional angolano (que no espírito da comissão deve resultar das próximas conversações em Léo) a quantia de £ 500. Kambona escreveu ao Presidente, para anunciar as decisões do Comité.

Escreve-me. Saudações

[assinado por M. de Andrade]

[à mão por Mário de Andrade: Dar-es-Salam, 7.7.63]

Escreve-me. Saudações,

Dar-es-Salam. 7.7.63

Convenção da FDLA

[policopiada]

CONVENÇÃO DA FRENTE DEMOCRÁTICA PARA A LIBERTAÇÃO DE ANGOLA

A FRENTE DEMOCRÁTICA PARA A LIBERTAÇÃO DE ANGOLA (FDLA) compõe-se de dois órgãos principais:

1º – O CONSELHO NACIONAL

2º – O COMITÉ EXECUTIVO

1º – O CONSELHO NACIONAL

Atribuições e composição

O Conselho Nacional é o órgão supremo da Frente.

a) É ele quem estabelece o Programa e quem lhe determina a Política geral, em conformidade com os Princípios da Frente.

b) Ele controla a sua execução pelo Conselho [sic] Executivo.

c) O Conselho Nacional compõe-se de seis membros de cada organização aderente da Frente.

d) É dirigido por um CONSELHO POLÍTICO composto por um Presidente, assistido de Vice-Presidentes.

O mandato do Conselho Nacional é de um ano.

A Presidência do Conselho Nacional, cuja duração é de um mês, é assumido pelos membros do Conselho Político, cada um por seu turno.

2º – O COMITÉ EXECUTIVO

O Comité Executivo é o órgão encarregado da Execução das decisões adoptadas pelo Conselho Nacional.

É composto por nove membros provenientes das organizações aderentes da Frente.

COMPOSIÇÃO DO COMITÉ EXECUTIVO

- 1) Presidente da Frente
- 2) 1º Vice-Presidente da Frente
- 3) 2º Vice-Presidente da Frente
- 4) Secretário para as Relações Exteriores
- 5) Secretário para a Guerra
- 6) Secretário para as Finanças
- 7) Secretário para a Informação, Imprensa, Propaganda e Questões Culturais
- 8) Secretário para as Questões Sociais
- 9) Secretário para o Interior

O Chefe do Comité Executivo, Presidente da Frente, conduz a política da FDLA, de acordo com os Membros do Colégio de Secretários.

Cada Secretário é secundado por um Secretário Adjunto que não é membro do Conselho Nacional.

DISPOSIÇÕES DIVERSAS

Artº 1º – Os eventuais conflitos entre organizações-membros da Frente são arbitrados pelo Conselho Nacional.

Artº 2º – A suspensão ou a execução [exclusão] da Frente, dum organização-membro não pode ser pronunciada pelo Conselho, sem que a organização em causa tenha previamente apresentado os seus meios de defesa e a sua justificação sobre os factos que lhe são atribuídos.

Artº 3º – Os factos que constituem falta à presente Convenção são enumerados no Regulamento Interno, a que se refere o Artº 8.

Artº 4º – A decisão de uma organização-membro [de] se retirar da Frente é notificada ao Presidente do Conselho Nacional, por carta registada que lhe deva ser dirigida pelo menos com 30 dias de antecedência.

Artº 5º – A dissolução da Frente é decidida pelo Conselho Nacional, por uma maioria de 2/3 dos votos de todas as organizações-membros.

Artº 6º – Os Fundos da Frente provêm de dons [sic] e de contribuições das organizações-membros.

Artº 7º – Em caso de dissolução da Frente, os fundos provenientes de contribuições serão proporcionalmente repartidos em função das contribuições, e os dons em partes iguais.

Artº 8º – Um Regulamento Interno completará a presente Convenção.

Artº 9º – Os casos não previstos na presente Convenção nem no Regulamento Interno são submetidos à apreciação do Conselho Nacional que decide.

Artº 10º – O FDLA está pronto a negociar com toda outra organização nacionalista para a formação de uma larga Frente. A presente Convenção entra em vigor no dia da sua aprovação pelos delegados de todas as organizações reunidas.

Feito em Léopoldville aos sete de Julho de mil novecentos e sessenta e três (7/7/63)

COMPOSIÇÃO DO CONSELHO NACIONAL DO FDLA

MOVIMENTO NACIONAL ANGOLANO (MNA)

| | |
|-------------------|---------------|
| Francisco Mayembe | João Lenge |
| José Tito | Alberto Gomes |
| Edouard Tshimpy | Daniel Nolo |

MOVIMENTO POPULAR DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA (MPLA)

| | |
|-----------------|------------------|
| Agostinho Neto | José Aguiar |
| Armando Freitas | Manuel Miguel |
| Daniel Chipenda | Mário de Andrade |

NGWIZANI A KONGO (NGWIZAKO)

| | |
|-------------------|---------------------------|
| Loureiro Emmanuel | M'vulu Pierre Milton |
| Menga Antoine | Monteiro Augusto |
| Matundu Albert | Milokwa Casimiro Edouardo |

UNIÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES ANGOLANOS (UNTA)

| | |
|-----------------|-----------------|
| Pascal Luvualu | Miguel Luzolo |
| Bernard Dombele | Henri Kufunda |
| Emile Mbidi | Simon Luyindula |

COMPOSIÇÃO DO CONSELHO POLÍTICO

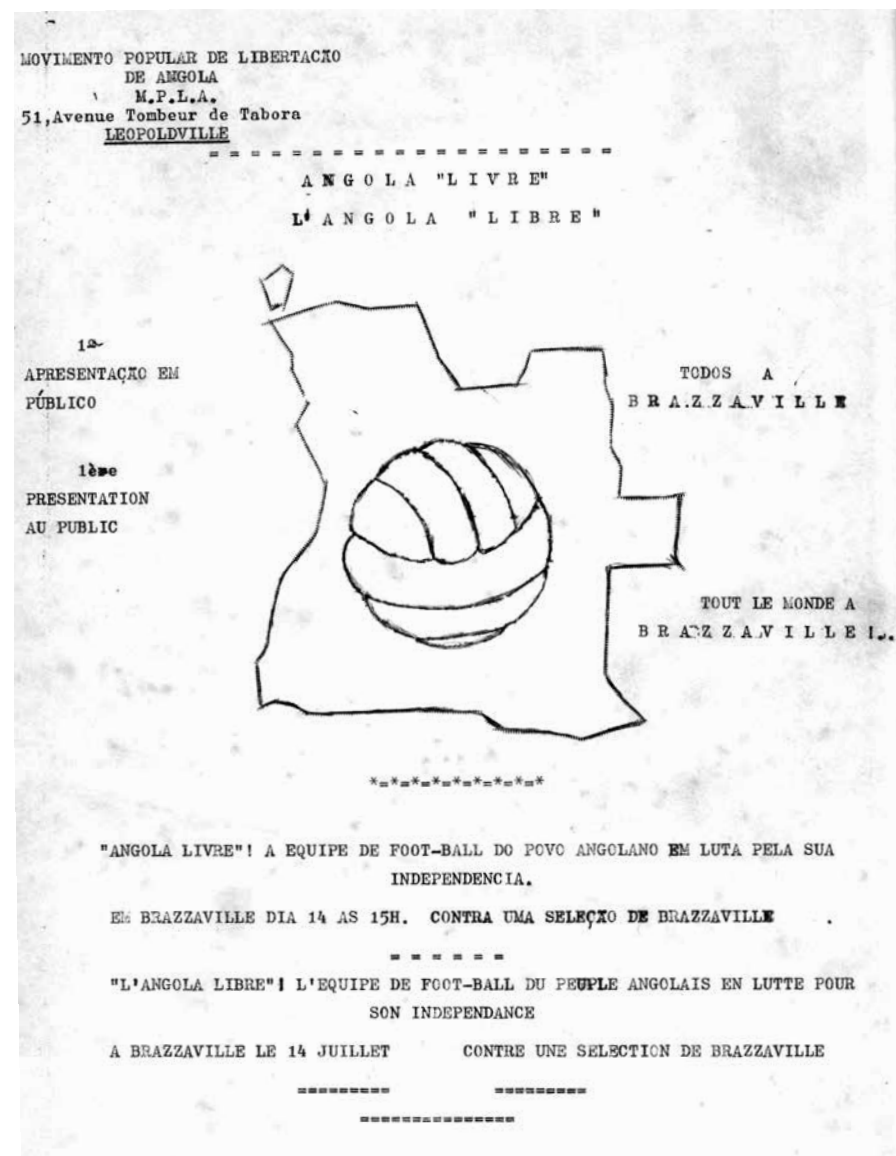
| | |
|------------------------|---------------------------------|
| Francisco Mayembe – | Presidente – (MNA) |
| Daniel Chipenda – | 1º Vice Presidente – (MPLA) |
| Mvulu Pierre Milton – | 2º Vice Presidente – (NGWIZAKO) |
| Emile M'bide Dongala – | 3º Vice Presidente – (UNTA) |

COMPOSIÇÃO DO COMITÉ EXECUTIVO

Presidente – Dr. Agostinho NETO (MPLA)
 1º Vice Presidente – M. Emmanuel LOUREIRO (NGWIZAKO)
 2º Vice Presidente – M. Pascal LUVUALU (UNTA)
 Secretário para as Relações Exteriores – M. Mário de ANDRADE. . . (MPLA)
 Secretário para a Guerra – M. Armando de FREITAS (MPLA)
 Secretário para as Finanças – M.
 Secretário para a Informação, Imprensa, Propaganda e Questões Culturais –
 M. José TITO (MNA)
 Secretário para as Questões Sociais – M. Bernard DOMBELE (UNTA)
 Secretário para o Interior – M. Augusto MONTEIRO (NGWIZAKO)

Dois Panfletos sobre jogo da Equipa de Futebol

[policopiado]



DIMANCHE 14 JUILLET 1963

au STADE EBOUÉ

SÉLECTION

DE BRAZZAVILLE

CONTRE

“ANGOLA LIBRE”

M.P.L.A.

Venez nombreux voir la **TECHNIQUE** des Internationaux

- Daniel Julio Chipenda - Intérieur et Ailier droit
- Francisco Rangel - Intérieur et Ailier gauche
- José Antonio Agosthino - Joue à tous les postes
- Pedro de Castro Van-Dunem - Joue à tous les postes
- Mario Alfanso Santiago - Joue à tous les postes
- Carlos Alberto Monteiro - Joue à tous les postes

Droit d'entrée : Tribune 500 - Pourtour 200 - Joueur 100 frs

Seules les cartes DJS et CN sont valables pour accès gratuit

Convite do FDLA para uma Conferência de Imprensa

[policopiado, em francês]

A FDLA – FRENTE DEMOCRÁTICA PARA A LIBERTAÇÃO DE ANGOLA, constituída Segunda-Feira 8 de Julho de 1963, pelas seguintes organizações:

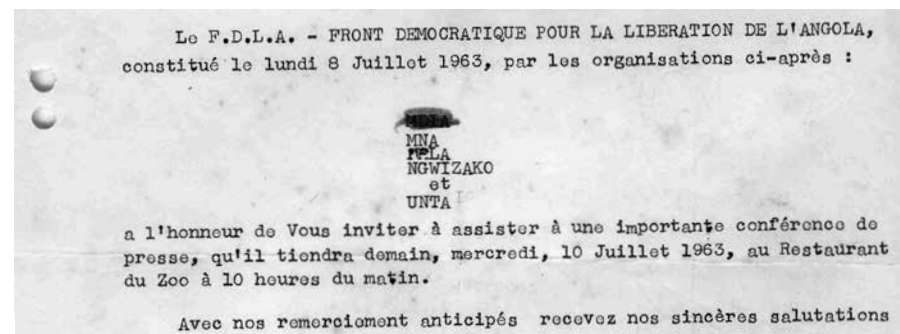
MDIA [rasurado]; MNA; MPLA; NGWIZAKO; e UNTA

tem a honra de o convidar a assistir a uma importante conferência de imprensa, que se realizará amanhã, Quarta-Feira, 10 de Julho de 1963, no Restaurante do Zoo às 10 horas da manhã.

Com os nossos agradecimentos antecipados, aceite as nossas sinceras saudações.

Feito em Léopoldville, a 9-7-1963

O Comité Executivo da FDLA



Comunicado do MPLA sobre a Constituição da FDLA

[policopiado]

[Endereço do MPLA em Léopoldville]

O Comité Director do MPLA comunica à opinião pública mundial, a todas as forças anti-colonialistas, a todos os militantes do MPLA, que um FRONT DEMOCRÁTICO PARA A LIBERTAÇÃO DE ANGOLA acaba de se constituir, graças aos esforços conjuntos das organizações nacionalistas angolanas cujo objectivo principal é a unidade na luta pela independência na nossa Pátria.

Apesar da acção divisionista dos inimigos do povo angolano, apesar das tentativas desesperadas de elementos ambiciosos, dos traidores e dos oportunistas, o Movimento Popular de Libertação de Angola soube prosseguir no caminho que a si próprio impôs desde o princípio e realizar a tarefa que lhe incumbia de quebrar os obstáculos que

se opõem à unidade do nacionalismo angolano, conforme as decisões tomadas na Conferência de Addis Abeba, por proposta da nossa delegação.

O FDLA, constituído pela união do MPLA com o MDIA [rasurado], o MNA, o NGWUIZAKO [sic] e a UNTA, vai ao encontro das aspirações das massas angolanas e é a melhor resposta do nosso povo, endurecido por dois anos de luta contra o fascismo colonial, às manobras dos seus inimigos.

O FDLA é a garantia de que o nosso povo se pode unir.

O MPLA tem a certeza de que o FDLA abrirá a via para a Unidade de todo o Povo Angolano.

VIVA O FDLA

VIVA O MPLA

Feito em Léopoldville, a 9/7/1963

VIVA ANGOLA

DOC./93/63

VIVA A UNIDADE DO POVO ANGOLANO

Comunicado do MPLA sobre Provoações do “Grupo Viriato”

[policopiado]

[Endereço do MPLA em Léopoldville]

DOC. 97/63

Como se andam aí a espalhar falsas interpretações sobre as provocações de que o MPLA foi alvo no passado Domingo, 7 de Julho, o Comité Director entendeu trazer alguns esclarecimentos, através das precisões seguintes:

1 – Em consequência de graves atentados à integridade do Movimento e de flagrantes infracções às disposições estatutárias, os militantes Srs. Matias Miguéis (que se tinha demitido de membro do Comité Director poucos dias depois da sua eleição), Viriato da Cruz, José Miguel e José Domingos, foram expulsos das fileiras do Movimento. Com efeito, eles tinham “decidido” demitir o Comité Director eleito pela Conferência Nacional em Dezembro último e constituir um “Comité Provisório”, isto numa reunião com um exíguo número de militantes sem representatividade dentro dos organismos do Movimento.

2 – Durante uma reunião de membros que teve lugar no domingo 7 de Julho, numa das dependências do MPLA, a entrada foi vedada ao ex-militante Miguéis, que já não era membro do MPLA. Alguns dos seus partidários, entre os quais os três restantes expulsos na véspera, provocaram uma desordem com a intenção evidente de impedir o decorrer normal dos trabalhos. Durante o dia, o mesmo grupo, percorrendo as instalações do MPLA, procurou provocar distúrbios e semear a confusão, por meio de mentiras e de calúnias.

3 – Estes distúrbios não deixam a menor dúvida quanto ao carácter divisionista e à natureza oportunista dos seus autores. A apresentação duma pretensa “cisão” no seio do MPLA, justamente no momento em que vemos coroados de sucesso os nossos esforços para a unidade, são provas disso. No entanto uma Frente acaba de ser criada pela união de quatro organizações nacionalistas, o que abre a via à total unificação do nacionalismo angolano.

4 – Estes distúrbios visam ainda a prejudicar, e mesmo a impedir, o trabalho da Comissão de Conciliação, criada em Dar-es-Salam, e que deve chegar hoje mesmo a Léopoldville.

5 – O MPLA tem a grande responsabilidade de responder às esperanças que os irmãos de toda a África depositam nele. O MPLA tem também a responsabilidade de não desonrar a hospitalidade que o Povo congolês e o seu Governo, oferecem ao Povo angolano. Além disso tem o dever de se opor com a maior das firmezas a todas as ameaças contra a Unidade nacional.

Por isso o Comité Director pediu a todos os militantes para não responderem às provocações e pediu a intervenção das autoridades congolêsas que restabeleceram a calma, prendendo os causadores dos distúrbios.

Estes são os factos, com todas as suas implicações de antigas ambições não satisfeitas, de oportunismo e de flagrante traição à causa do Povo angolano. Mas estas manobras que só beneficiam o colonialismo português, não nos perturbam no trabalho de unificação das forças nacionalistas angolanas; da mesma maneira, a obstinação dos inimigos da Pátria, não poderá impedir-nos de prosseguir no caminho que a memória dos 100.000 irmãos mortos nos impõe.

Para restabelecer completamente a verdade, o Comité Director do MPLA opõe um desmentido categórico à caluniosa declaração do Sr. Miguéis, aparecida na imprensa de 9 de Julho, onde ele acusa o MPLA de “relações suspeitas com os portugueses, nomeadamente com a FUA”. Além disso o MPLA nunca teve contactos com “homens de negócios portugueses”. Nós repetimos que a difamação, a mentira e a desonestidade não servem a causa angolana. São antes traição para com toda a África.

A atitude intransigente do MPLA contra o colonialismo português e contra os seus agentes e a sua solidariedade, permanecem sem equívoco.

Por outro lado, a inclusão abusiva do nome do Sr. Mário Andrade, membro do nosso Comité Director, nesta questão, só vem revelar mais precisamente a sede de poder de indivíduos que não recuam perante nenhum processo para atingirem os seus fins.

Absorvido pela amplidão das tarefas que lhe incumbem, o MPLA não pode permitir-se dispersar a sua atenção em desmentir todas as calúnias de que é alvo.

O Comité Director do MPLA pensa antes que é a acção que conta, e convida todos os angolanos a cerrarem fileiras a fim de acelerar a independência da Pátria, que é a primeira condição para se realizar o Desenvolvimento e o Progresso de Angola.

VIVA ANGOLA!

VIVA A UNIDADE DO POVO ANGOLANO!

VITÓRIA OU MORTE!

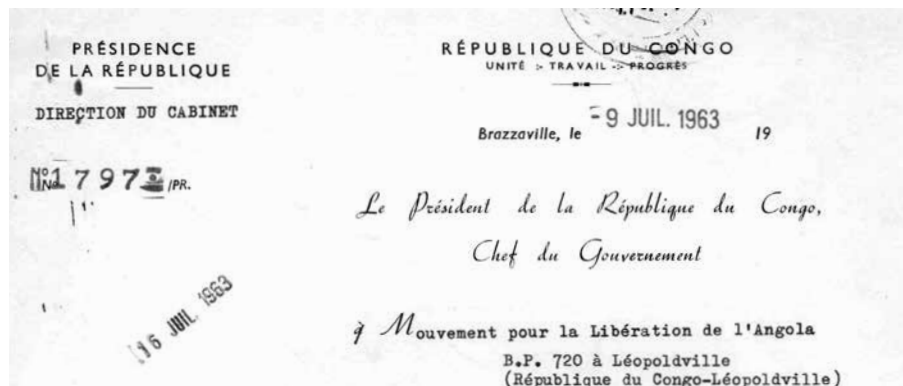
Feito em Léopoldville, a 9/7/63

[carimbo do CD do MPLA]

LL/VN.

Carta de Fulbert Youlou ao MPLA

[dactilografada, em francês, em papel timbrado]



DIRECÇÃO DO GABINETE
Nº 1797/PR.

Brazzaville, 9 de Julho de 1963

[carimbo com data de recepção: 16 de Jul 1963]

O Presidente da República do Congo,
Chefe do Governo

Ao Movimento de Libertação de Angola
C.P. 720 em Léopoldville
(República do Congo-Léopoldville)

Senhor Presidente,

O nosso encontro em Brazzaville, em resposta ao convite comum que lhe havia dirigido, já surge como o sinal seguro do nosso apego à unidade e à solidariedade africanas, que devem doravante guiar todos os nossos actos futuros, se é que queremos manter-nos fiéis ao espírito de Addis Abeba assim como ao texto das suas resoluções.

Se aceitarmos todos, de comum acordo, que existe uma lei superior de África segundo a qual cada um deve ter o seu lugar no seio do seu país, faremos conjuntamente do continente africano um exemplo para os outros.

É por essa razão que lhe quero agradecer o ter respondido ao nosso apelo e felicitá-lo pelo espírito de compreensão de que deu provas durante a nossa reunião.

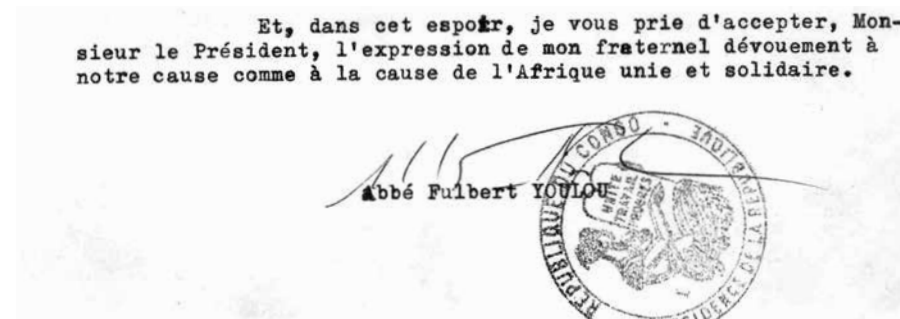
Penso e espero que ela trará os seus frutos, que deixará ao tempo o cuidado de agir para vos aproximar mais uns dos outros e que conseguiremos reunir, num próximo Congresso, todas as tendências em redor de um mesmo programa de acção.

O meu mais caro desejo é ver-vos reunidos numa vontade de agir comum, segundo as virtudes do entendimento fraternal.

E, com esta esperança, peço-lhe que aceite, Senhor Presidente, a expressão da minha fraternal dedicação à nossa causa, assim como à causa da África unida e solidária.

[carimbo da Presidência]

[com assinatura de Abade Fulbert Youlou]



Carta do Rev. Domingos da Silva a Cyrille Adoula

[dactilografada, em francês - 2ª via]

Léopoldville, 10 de Julho de 1963

DOMINGOS DA SILVA
Vice-Presidente do MPLA

a

Sua Excelência
CYRILLE ADOULA
Primeiro-Ministro da República do Congo
LÉOPOLDVILLE

VICE-PRESIDÊNCIA

Ref. 440/VP/F/63

Excelência,

Na minha qualidade de Chefe da Delegação do Movimento Popular de Libertação de Angola que Vossa Excelência entendeu por bem receber a 28 de Junho último, tenho a honra de me dirigir a Vossa Excelência cumprindo a promessa que tínhamos feito, de apresentar uma plataforma construtiva para a unidade do nacionalismo angolano.

Apesar das modificações sucedidas no seio do nacionalismo angolano, o problema da Unidade continua a ser uma grande preocupação para o nosso Povo e para todos os Povos irmãos de África.

O reconhecimento do Governo de Angola no Exílio pelo Governo Congolês, a formação em Dar-es-Salam de uma Comissão de Bons Ofícios, a Conferência de Sua Excelência o Presidente Youlou Fulbert perante todas as organizações nacionalistas

angolanas, são os novos factores que devem ser tidos em conta para considerar correctamente o problema da unidade.

É nesse contexto que o MPLA continuou com as diligências que já fazia com outras organizações angolanas, como o Movimento Nacional Angolano (MNA), a Ngwizani a Kongo (NGWIZAKO) e a União Nacional dos Trabalhadores Angolanos (UNTA). Essas diligências resultaram na criação da FRENTE DEMOCRÁTICA PARA A LIBERTAÇÃO DE ANGOLA (FDLA), cuja posição relativamente aos principais problemas actuais em Angola foi definida durante uma Conferência de Imprensa do nosso Irmão Agostinho Neto, que foi eleito Presidente da FDLA.

Solicitamos a Vossa Excelência que analise as propostas que são feitas pela FDLA e com as quais o MPLA esteve inteiramente de acordo.

Ultrapassámos uma etapa a caminho da unidade nacional. Faltam ultrapassar outras etapas e pensamos que as nossas propostas permitirão sair do impasse. Estamos dispostos a fazer o nosso melhor para o conseguir e continuaremos a procurar qualquer outra via de entendimento.

Esperamos que Vossa Excelência considerará a nossa posição e procurará dar sugestões benevolentes para apressar a solução desse problema. Será um grande contributo à luta de libertação do nosso Povo.

Certos do interesse que Vossa Excelência dedica à causa do nosso Povo, queira aceitar, Excelência, os protestos da nossa mais elevada consideração.

Em nome do Comité Director do MPLA
Domingos DA SILVA *[com assinatura]*
VICE-PRESIDENTE

Conferência de Imprensa do Presidente da FDLA

[policopiada]

FRENTE DEMOCRÁTICA PARA A LIBERTAÇÃO DE ANGOLA – FDLA

CONFERÊNCIA DE IMPRENSA DO DR. AGOSTINHO NETO
PRESIDENTE DO FDLA

Senhores Representantes da Imprensa
Minhas Senhoras
Meus Senhores

Agradeço sinceramente a vossa presença a esta Conferência. Ela dar-me-á a oportunidade de vos esclarecer sobre os últimos acontecimentos ocorridos no meio do nacionalismo angolano, pelo menos numa parte importante do mesmo.

Acaba de se criar a FRENTE DEMOCRÁTICA PARA A LIBERTAÇÃO DE ANGOLA, que agrupa no seu seio o Movimento Nacional Angolano (MNA), o

Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), o NGWIZANI A KONGO (NGWIZAKO), e a União Nacional dos Trabalhadores Angolanos (UNTA).

Todas estas organizações nacionalistas, entre as quais uma Sindical, após cerca de dois meses de negociações, concordaram em reunir-se numa Frente Democrática, adoptando uma política comum para a Libertação do nosso País, embora conservando a personalidade de cada organização.

As organizações integradas na Frente Democrática estão gratas ao Governo da República irmã do Congo pelo acolhimento e hospitalidade que lhes tem sido concedido e por lhes ser permitido manter aqui a sua actividade política.

Declaramos ser nosso desejo conservarmo-nos no estrito campo da legalidade e respeitar as leis do País que nos acolheu.

O acordo a que as organizações nacionalistas chegaram baseou-se nos 14 princípios seguintes:

- 1 – Liquidação definitiva, por todos os meios, do colonialismo português em Angola.
- 2 – Consolidação da Independência Nacional pela prática duma política de não-alinhamento.
- 3 – Luta contra o neocolonialismo sob todas as suas formas.
- 4 – Instauração em Angola de um regime democrático, em que os Direitos Fundamentais do Homem serão garantidos.
- 5 – Admissão na Frente de todas as organizações que o quiserem fazer, depois de discussão no mesmo pé de igualdade.
- 6 – Intensificação da luta tanto armada como diplomática.
- 7 – Formação dum Conselho Político que deve aprovar toda a opinião emitida em nome da Frente.
- 8 – Formação dum só Exército de Libertação colocado sob um só Comando Militar.
- 9 – Formação duma só organização para a assistência social e para a educação de massas.
- 10 – Condenação da luta fratricida e de todas as manifestações de tribalismo, de regionalismo e de intolerância racial e religiosa.
- 11 – Desenvolvimento do espírito de fraternidade e de entre ajuda, entre os angolanos de todas as camadas sociais.
- 12 – Defesa constante da Unidade Nacional e da Integridade Territorial do País.
- 13 – Engajamento solene e activo para a realização da Unidade Africana, no espírito da Carta de Addis Abeba.
- 14 – Respeito pela personalidade de cada organização que adira à Frente.

Esta Frente Democrática facilita a congregação dos nacionalistas angolanos, facilita a colaboração na luta contra o colonialismo português, facilita a organização das massas no interior e no exterior do nosso País.

Esta Frente Democrática não se opõe a qualquer outra organização nacionalista e deve procurar activamente, conseguir a união de todas elas numa Frente Única.

Esta Frente está disposta a negociar imediatamente e sem condições com as organizações nacionalistas constituídas a fim de chegar a um acordo.

Mais concretamente, a Frente Democrática está pronta a negociar imediatamente e sem condições com o FNLA, constituído pela UPA/PDA, a fim de formar uma Frente Única.

Quanto ao Governo Revolucionário Angolano no Exílio, o seu reconhecimento pelo Governo Congolês permitirá pensar que este, depois da Históric]a Conferência de Addis Abeba, quis conceder ao nacionalismo angolano, um instrumento útil para a aceleração da descolonização da África. Este Governo no Exílio pode contribuir para resolver os problemas actuais da nossa luta.

É desejável que a este Governo reconhecido pelo Governo Congolês se confira a representatividade suficiente e necessária, para ser reconhecido por todos os Estados Africanos e principalmente para que possa impor-se aos olhos de todos os angolanos.

Queremos dizer que a integração de representantes da Frente Democrática no GRAE é necessária.

Queremos dizer ainda que a Frente Democrática está pronta a participar do Governo.

A Conferência dos Chefes de Estado reunidos em Addis Abeba proclamou a Unidade da África, estabeleceu as bases essenciais para o estabelecimento das linhas comuns de uma política concertada. Das resoluções dessa Conferência ressalta a decisão de ajudar os países ainda dependentes a libertarem-se do jugo colonial.

Essa ajuda pode contribuir verdadeiramente para a mais rápida realização do nosso desejo da Independência. A nossa unificação é a condição sine qua non essa ajuda pode ser aproveitável [sic].

Saudamos a constituição da Comissão de Conciliação, conforme resolução do Comité dos Nove.

Essa Comissão de bons ofícios para ajudar-nos a esclarecer e a dissipar os mal-entendidos ainda existentes no panorama político angolano para a Formação da Frente Única desejada [sic].

Esperamos que da sua presença em Léopoldville resulte realmente a concretização das nossas aspirações sobre a unidade de acção.

Paralelamente às decisões de Dar-es-Salam, o Presidente da República do Congo (Brazzaville) tem feito o seu melhor para conseguir a nossa conciliação e unificação. Só temos que agradecer a Sua Excelência esta feliz iniciativa que não foi vã.

Verifica-se que somos assim responsáveis perante o nosso Povo quando falamos da libertação do nosso País e responsáveis perante todos os outros povos africanos quando falamos da descolonização do continente.

Perante o efectivo apoio dos nossos irmãos de África, as nossas responsabilidades como organizações nacionalistas lutando pela Independência do País e pela descolonização de todo o Nosso Continente tornaram-se maiores.

Temos consciência desse facto e não faltaremos [aos] nossos deveres para com o nosso Povo e com os Povos Irmãos de África.

A posição de Portugal diante do problema das suas colónias entre as quais Angola, obriga-nos a desenvolver simultaneamente uma actividade política e militar. A Frente Democrática dará a sua maior atenção à formação de um Exército de Libertação Único, ao seu adestramento e equipamento.

Todas as organizações reunidas no seio do FDLA se puseram de acordo em suportarem as reivindicações políticas e em exigirem a concessão imediata da Independência, apoiando-se na luta armada.

O FDLA pensa que a negociação é uma via possível para trazer a Paz à nossa Pátria. A única condição é que os responsáveis da política portuguesa saiam da sua obstinação cega e reconheçam o direito do nosso Povo à autodeterminação e à Independência. Somente então se falará de negociação.

O FDLA rejeita no entanto toda a solução de carácter reformista que vise a enganar o nosso Povo e a perpetuar a dominação estrangeira sob não importa que forma.

A formação da FRENTE DEMOCRÁTICA PARA A LIBERTAÇÃO DE ANGOLA, constituirá, estamos certos, a garantia mais segura para reforçar a nossa luta e para activar o processo da Independência do nosso País.

Léopoldville, 10 de Julho de 1963

Circular do MPLA sobre a Constituição da FDLA

[policopiada]

[Endereço do MPLA em Léopoldville]

DOC. 96/63 – AM/LF.

CIRCULAR

Com a constituição da Frente Democrática para a Libertação de Angola (FDLA) de que foi dada notícia no passado dia 9, realiza-se um dos ideais mais firmes por que o nosso Movimento tem lutado e abre-se uma nova era de unidade na História da Revolução Angolana.

Essa unidade permite-nos encarar com uma nova confiança o futuro da nossa luta de independência nacional e vem responder ao apelo lançado na Conferência de Addis Abeba por todos os Chefes de Estado Africanos.

Mais do que nunca se verifica que só unidos num mesmo ideal, fundidos num mesmo espírito, nos é possível apressar a independência da nossa Pátria, impedir que se prolonguem os sofrimentos dos nosso irmãos, sujeitos há dois anos à guerra de extermínio imposta pelo colonialismo Português.

É urgente, bem o afirmou o Presidente do FDLA, o nosso camarada Agostinho Neto, que todos os angolanos se aliem na luta contra o inimigo comum.

E é necessário que cada um de nós se mantenha atento às manobras divisionistas dos elementos que, consciente ou inconscientemente, cegos pela ambição pessoal, servem os desígnios dos colonialistas.

Não esqueçamos nunca que a calúnia, a defesa dos interesses pessoais, a ambição de mando, a falta de subordinação à disciplina político-militar do nosso movimento, criando a desordem e a confusão, são prejudiciais à luta e traição à Pátria.

Léopoldville, 12 de Julho de 1963

[carimbo do DEPI do MPLA]

DEPARTAMENTO DA INFORMAÇÃO

Carta de Demissão de Manuel Lima

[dactilografada]

Léopoldville, 13 de Julho de 1963

AO COMITÉ POLÍTICO-MILITAR DO MPLA

CAMARADAS

Esta é uma carta de demissão e despedida, conformemente à minha posição expressa em reunião do CD de 6/7/63.

Parto cheio de amargura e largos desenganos. Quisera ter energias para recomeçar com o mesmo entusiasmo e as mesmas esperanças, mas sinto-me esgotado, impaciente e, pior ainda, incrédulo quanto ao futuro do nosso país.

Na verdade, a via pela qual enveredou vertiginosamente o nacionalismo angolano, só me permite duas soluções drásticas: retirar-me ou passar à violência extremista; opto pela primeira, uma vez que o Movimento não tem tradições nem alicerces para desencadear a segunda.

Passando em revista a soma de esforços do passado, lamento não ter podido fazer mais e melhor; porém as condições de trabalho, circunstâncias e factores de vária ordem, não favoreceram a constituição duma equipa militar adulta, decidida e sólida, capaz de mudar e orientar os destinos desta guerra nacional.

Não me desolidarizo da equipa constitutiva do CD eleito pela 1ª Conferência Nacional, equipa que, como nenhuma outra foi alvo dos mais torpes e maquiavélicos ataques; não fujo a responsabilidades nem a riscos; no meu trabalho enfrentei todos esses factores. Parto por me sentir descrente e com esta horrorosa sensação de frustração.

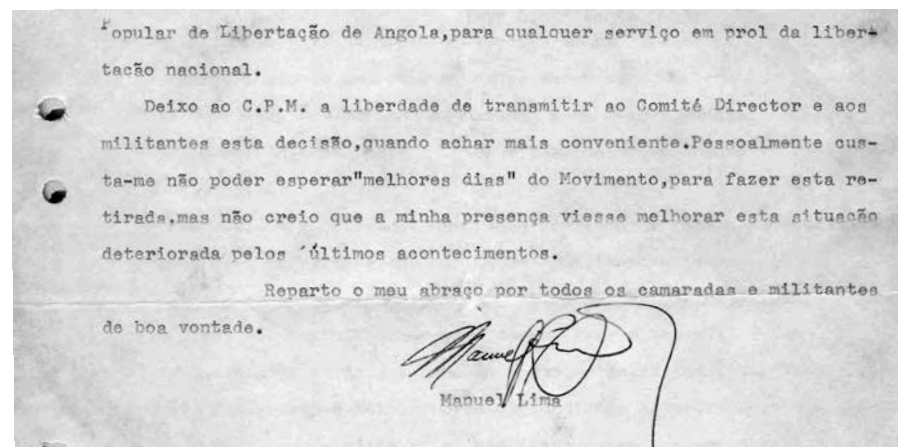
A minha decisão é demasiado grave para a ter tomado de ânimo leve, razão porque não se me põe um problema de revisão de atitude.

Sigo para Argel e daí por diante nada mais sei. No entanto, em qualquer parte do mundo onde vá parar, estarei à disposição do Movimento Popular de Libertação de Angola, para qualquer serviço em prol da libertação nacional.

Deixo ao CPM a liberdade de transmitir ao Comité Director e aos militantes esta decisão, quando achar mais conveniente. Pessoalmente custa-me não poder esperar “melhores dias” do Movimento, para fazer esta retirada, mas não creio que a minha presença viesse melhorar esta situação deteriorada pelos últimos acontecimentos.

Reparto o meu abraço por todos os camaradas e militantes de boa vontade.

Manuel Lima [com assinatura]



Carta de V. Cruz, M. Miguéis e J. Domingos à Comissão de Reconciliação

[policopiada, em francês]

SECRETARIADO DA COMISSÃO
DE RECONCILIAÇÃO DOS PARTIDOS ANGOLANOS

Léopoldville, 16 de Julho de 1963

Meus Senhores,

Temos a honra de levar ao vosso conhecimento que, enquanto membros do Comité Director Provisório do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), gostaríamos de ser ouvidos por esta respeitável comissão, com o objectivo de trazer a nossa contribuição à unidade das forças nacionalistas Angolanas.

VIRIATO DA CRUZ [com assinatura]

MARES [MATIAS] MIGUÉIS [com assinatura]

José Bernardo DOMINGOS [com assinatura]

Comunicado da NGWIZAKO

[dactilografado, em francês]

ALIANÇA DOS KONGOLESSES DE EXPRESSÃO PORTUGUESA

“N G W I Z A K O”

C.P. 562

nº 23, 3ª rua Quartier Foncobel

LÉOPOLDVILLE

O Comité Director da NGWIZAKO, legalmente reconhecido, chama a atenção do público para o facto do comunicado surgido na imprensa a 15 de Julho, segundo o qual a NGWIZAKO não reconhece o Governo Revolucionário Angolano no Exílio, ser uma manobra de sabotagem de certos indivíduos ex-membros da NGWIZAKO, entre os quais os Srs. Antoine MEDINA, José MPUTWILU, NDIMBA Baptista, Henrique Garcia Ne MIALA etc... e que, num Congresso Nacional realizado em Léopoldville em Março de 1962, reunindo todos os Presidentes de Secções de Kimpese, Lukula, Boma, Kangu, Lemba, Léopoldville, etc., de acordo com os princípios estatutários, foram afastados da NGWIZAKO na sequência das suas manobras de traição, de tentativas de derrubar o Comité Director por meios ilegais e de desvios dos Fundos do Partido. Esses indivíduos, continuando instrumentos fiéis do colonialismo português, procuram sempre semear a confusão nos espíritos, no momento em que os esforços de todos tendem para a unidade de acção de todas as organizações nacionalistas angolanas. O Comité Director nega-lhes o direito de falarem em nome da NGWIZAKO.

A NGWIZAKO, de acordo com os princípios que regem a FRENTE DEMOCRÁTICA PARA A LIBERTAÇÃO DE ANGOLA “FDLA” à qual pertence, reafirma a sua posição sem equívoco de lutar por TODOS OS MEIOS contra o colonialista português em Angola e de participar, no quadro da FDLA, no Governo Revolucionário Angolano no Exílio.

Léopoldville, 16 de Julho de 1963.

Pelo Comité Director,
Emmanuel LOUREIRO,

Vice-Presidente Geral

Doc. 2/63 CEM.

Alocação do Presidente da FDLA para apresentar na Comissão de Conciliação

[original manuscrita]¹

[Nota acrescentada à mão por L. Lara no duplicado policopiado em francês: Não apresentado. Questão de procédure [procedimento formal]]

Dr. Presidente
Senhores membros do Comité de Conciliação
Caros Compatriotas:

É com a maior alegria que saúdo os dignos representantes dos Países membros deste comité, vindo de Dar-es-Salaam e emanado do Comité dos Nove.

Senhor Presidente
Senhores Membros do Comité de Conciliação
Caros Compatriotas;

É com a maior alegria que saúdo os dignos representantes dos Países membros deste comité, vindo de Dar-es-Salaam e emanado do Comité dos Nove.

É com a maior alegria também que encontro esta possibilidade de discutir com os representantes da FNLA os problemas relativos à nossa colaboração na luta contra o colonialismo português.

Estamos conscientes de que o problema de Angola é o problema crucial da África, e é também o problema crucial das colónias portuguesas.

Estamos também conscientes de que para o nosso Povo – o povo Angolano – o momento que passa é duma importância primordial para a nossa sobrevivência e para a conquista da liberdade a que tanto ansiamos.

¹ Foi transcrita a versão em português e completada com a francesa, nas partes deixadas em branco no manuscrito. A versão francesa é mais elaborada e mais completa.

O momento é de Unidade. Todo o nosso Povo angolano, todos os povos africanos não se cansam de nos falar de Unidade. É preciso que nós os angolanos, esqueçamos as divergências que nos dividiram até aqui e nos unamos nas mesmas fileiras de luta contra o colonialismo português. Porque a unidade é condição da nossa vitória, nós estamos condenados a unir-nos.

Quando falei perante o Comité dos Nove em Dar-es-Salam, falei-lhes na qualidade de Presidente do MPLA, embora estivesse também presente no Tanganika, o Presidente do MNA. Hoje, a situação evoluiu de tal modo que lhes estou falando em nome do FDLA.

Com efeito, desde há pouco mais de dois meses, antes da Conferência de Addis Abeba, nós realizámos negociações com várias organizações nacionalistas angolanas, no sentido de nos reunirmos numa só frente de luta.

Foram aprovados por todas as organizações os princípios seguintes¹:

- 1 – Liquidação definitiva, por todos os meios, do colonialismo português em Angola.
- 2 – Consolidação da Independência Nacional, pela prática de uma política de não-alinhamento.
- 3 – Luta contra o neocolonialismo sob todas as suas formas.
- 4 – Instauração em Angola de um regime democrático, em que os Direitos Fundamentais do Homem serão garantidos.
- 5 – Admissão na Frente de todas as organizações que o quiserem fazer, depois de discussão no mesmo pé de igualdade.
- 6 – Intensificação da luta tanto armada como diplomática.
- 7 – Formação de um Conselho Político que deve aprovar todas as opiniões emitidas em nome da Frente.
- 8 – Formação de um só Exército de Libertação colocado sob um só Comando [Militar].
- 9 – Formação de uma só organização para a assistência social e para a educação de massas.
- 10 – Condenação da luta fratricida e de todas as manifestações de tribalismo, de regionalismo e de intolerância racial e religiosa.
- 11 – Desenvolvimento do espírito de fraternidade e de entreajuda, entre os angolanos de todas as classes sociais.
- 12 – Defesa constante da Unidade Nacional e da Integridade Territorial do País.
- 13 – Engajamento solene e activo na realização da Unidade Africana, no espírito da Carta de Addis Abeba.
- 14 – Respeito pela personalidade de cada organização aderente à Frente.

Em 8 de Julho presente, foi assinada a convenção constitutiva do FDLA. As organizações membros desse Front são o MDIA, o MNA, o MPLA e o NGWIZAKO e a UNTA. Dentro em breve, outras organizações se encontrarão no Front.

¹ Os 14 pontos que se seguem foram copiados do texto policopiado, em francês.

É certo que uma reunião convocada em Brazzaville pelo Presidente Youlou Fulbert, catalizou os ânimos daqueles que já se empenhavam na realização do Front, mas não foi essa a causa determinante.

É certo que a Conferência de Addis Abeba, aconselhando a Unidade e condicionando a ajuda à Unidade, catalizou os factos, mas não é essa a causa determinante.

A causa determinante da nossa União é o nosso convencimento de que só na Unidade poderemos conquistar a Independência do nosso País.

Muitos há que nos têm aconselhado a unir-nos para a luta, mas ressalvando que após a Independência, nós poderemos resolver os nossos diferendos, isto é: poderemos dividir-nos de novo e lutar entre nós. Poderíamos mesmo eliminar-nos uns aos outros. Não é nesse espírito que o FDLA congrega os meus compatriotas.

O FDLA trabalha na esperança de, dentro da mesma organização de luta, podermos auxiliar-nos uns aos outros a vencer as deficiências e fraquezas; podemos colectivamente encontrar a linha justa de conduta.

Temos conseguido alguns resultados satisfatórios e assim, alguns mal-entendidos compreensíveis não são senão um reflexo da situação actual do nacionalismo angolano.

Por exemplo, em relação ao MPLA, disse-se aqui que existia um Comité Director provisório, presidido por Viriato da Cruz.

Os factos são os seguintes:

V da C foi secretário-geral do MPLA desde 1960 até Maio de 1962. Na Conferência Nacional do MPLA realizada em Dezembro desse ano, as eleições procedidas por representantes da organização vindos de todas as secções, afastaram-no a ele e a outros membros do CD. A direcção a que presido foi eleita. V. da C. não se conforma com ser militante de qualquer organização sem que esteja no seu organismo dirigente. As condições particulares da nossa vida no Congo, favoreceram o incitamento por ele feito e por nós tolerado, de revolta contra os dirigentes do Movimento. Teve auxílios externos, daqueles que estão sempre dispostos a dividir para reinar. Em 5 de Julho presente, reuniu em Assembleia Secreta com alguns militantes. A essa Assembleia não participaram os membros do CD actual e até foram expulsos alguns militantes que não pertenciam ao complot. É com base nessa pretensa assembleia que V. da C. quer reivindicar a direcção do MPLA. Evidente[mente] foi expulso com os outros elementos F.F.F. [que o apoiavam, os Srs. Matias Miguéis, José Domingos e José Miguel]¹. Em 7 de Julho, quando se realizava uma reunião do nosso movimento, V. da C. e o seu grupo tentaram um golpe de força ao que parece com o fim de ocupar as instalações do nosso Movimento. Repellido de manhã pelos militantes presentes não sem ter causado pelo menos dois feridos, V. da C. enviou o seu grupo ao lar de militantes de Binza tendo conseguido prender alguns dirigentes que ficaram durante toda a noite amarrados, depois de barbaramente espancados. Não tivemos outro remédio senão entregá-los à gendarmerie, tendo sido preso. Devo referir que V.C. resistiu a tiro à intervenção da polícia.

O seu caso está agora a ser examinado pelo Tribunal competente.

¹ Na versão em francês.

É este pseudo Comité Director a que se faz referência neste Comité de Conciliação, de preferência à Direcção legalmente eleita. Apetece pensar que esse pseudo-CD foi forjado para servir aqui de argumento [?] contra o MPLA.

Afirmo-vos, honorables [sic] membros do Comité de Conciliação, que não existe dissidência no MPLA. Não existe senão um grupo de antigos dirigentes que procuram apoios onde possível e com a maior incoerência possível, para realizar fins egoístas.

O Comité Director do MPLA é aquele que foi eleito legalmente na I Conferência nacional, em Dezembro último.

Quanto ao MDIA e NGWIZAKO, considerados colaboracionistas, devemos dizer que em ambas estas organizações houve uma separação dos membros que persistiam na política de não-violência, aliás do mesmo modo que o PDA durante certo tempo. A parte dessas organizações ligada ao FDLA, separou-se completamente daqueles que como o JP [Jean-Pierre] MBALA procuram ainda compromissos com o governo português.

Não houve da parte do MPLA qualquer alteração na sua linha política, no respeitante à firmeza com que combate contra o colonialismo português. Houve sim, da parte de algumas organizações o reconhecimento de que a linha de conduta adoptada era a linha justa.

De resto, os representantes dessas organizações aqui presentes, estão mais aptos a explicar o caso.

Outras organizações se virão juntar ao FDLA. Temos tido conversações com organizações como a CUNA que não é senão uma parte dissidente da UPA.

Na Conferência de Imprensa de 10 de Julho, nós afirmámos que: (je cite)

¹“Esta Frente Democrática facilita a congregação dos nacionalistas angolanos, facilita a colaboração na luta contra o colonialismo português, facilita a organização das massas no interior e no exterior do nosso País.

Esta Frente Democrática não se opõe a qualquer outra organização nacionalista. Pelo contrário, impõe-se a procura activa da união de todas as organizações patrióticas numa frente única.

A Frente Democrática está disposta a negociar imediatamente e sem condições com as organizações nacionalistas constituídas a fim de chegar a um acordo. Mais concretamente, a Frente Democrática está pronta a negociar imediatamente e sem condições com a Frente Nacional de Libertação de Angola, constituída pela UPA/PDA, a fim de formar uma Frente única.

Quanto ao Governo Revolucionário Angolano no Exílio, o seu reconhecimento pelo Governo Congolês permite pensar que este, depois da Histórica Conferência de Addis Abeba, o Governo deste País irmão quis conceder ao nacionalismo angolano um instrumento útil para a aceleração da descolonização da África. Este Governo no exílio pode contribuir para resolver os problemas actuais da nossa luta.

É desejável que a este Governo reconhecido pelo Governo Congolês se confira a representatividade suficiente e necessária, para ser reconhecido por todos os Estados Africanos e principalmente para que possa impor-se aos olhos de todos os Angolanos.

¹ Na versão em francês.

Queremos dizer que a integração de representantes da FDLA no seio do GRAE já formado é necessária. Queremos dizer ainda que a Frente Democrática está pronta a participar desse Governo”. (fim de citação).

Esta é a nossa posição. Nós desejamos realmente a Unidade, encontrar a plataforma de entendimento com os outros partidos angolanos, nomeadamente com o FNLA.

É hoje vulgar ouvir-se dizer que a luta em Angola não é senão a luta militar. É uma maneira errada de pôr o problema angolano. É falso que o problema de Angola seja somente um problema militar. É também e é essencialmente um problema político. Creio que nenhuma organização nacionalista põe de parte a negociação com o Governo português, se este reconhecer o nosso direito à Independência. A luta militar é um suporte valioso e o mais importante das nossas reivindicações políticas. Não podemos, portanto, menosprezar as forças e os factores políticos que se desenvolvem no nosso país. Cada organização nacionalista honestamente conduzida é uma força política que contribui para a libertação do nosso país. E creio que foi esse o critério que admitiu a própria UPA quando se associou num front com o PDA, organização que nessa altura não tinha nem vestígios de força militar, e ainda perflhava a luta pacífica, a não-violência, como método de trabalho na nossa luta de libertação.

Mas o MPLA que é uma importante força política e não menospreza a força política das outras organizações nacionalistas, é também uma força militar. A Argélia treinou nos seus campos, centenas de militares do nosso movimento. É bem conhecido que em Novembro de 1961 uma coluna de militares do MPLA perdeu a vida no interior de Angola. É bem conhecido que em Janeiro de 1963, se lutou em Cabinda, e as forças angolanas que aí participavam foram as do MPLA. É bem conhecido que em Abril de 1963 outra coluna do MPLA foi massacrada nas margens do Loge. Focos de resistência sob a bandeira do nosso movimento se encontram nas florestas ao norte de Luanda. As autoridades congolêsas sabem bem que algumas colunas do MPLA foram presas sobre o território congolês por serem portadoras de armas...

Os países que treinam os nossos militares e aqueles que nos fornecem armamento e equipamento militar, sabem bem que o MPLA possui uma força militar importante.

Nós não convidámos os excelentíssimos membros do Comité a visitar qualquer base de treino. Não a possuímos, porque, conforme já expus em Dar-es-Salam, nunca nos foi permitido utilizar um campo de treinos, nem receber armamento, nem desempenhar actividade militar no Congo.

Mas espero que o Comité não deixará de fazer o máximo esforço para que esta parte importante do nacionalismo angolano, tenha condições desejáveis para o desenvolvimento da luta.

Espantam-me até certas declarações negando a existência do MPLA no interior.

Em 1960, eu próprio era o Presidente da Direcção do MPLA no interior. No início desse ano já se preparava a acção directa que veio a concretizar-se em 4 de Fevereiro de 1961. Foi em consequência da minha actuação na organização clandestina do MPLA que fui preso em Luanda e transferido para Lisboa.

Não admira que alguns nacionalistas hoje muito activos no exterior, não tivessem a coragem suficiente para agir no interior. É que a repressão lá dentro é bem dura.

O MPLA é acusado de caluniar o Governo Provisório. Creio que o PDA, fez fortes acusações contra a UPA durante certo tempo, sem que isso constituísse empecilho à unidade com esta organização. Porque tanto acinte contra o MPLA, ao ponto de se vir falar aqui dum grupo expulso do movimento que nada representa senão no desejo e na imaginação dos que querem a nossa destruição?

O FDLA encara com muita apreensão a posição tomada aqui pelo FNLA, posição que, por agora, não facilita a União. É nosso desejo encontrar a possibilidade de formar um organismo único de luta e cremos que o Governo congolês (porque é dono da casa), poderá, ao apresentar-nos a sua plataforma de Unidade, ajudar a resolver o problema maior na nossa luta.

Esperamos que isso aconteça, pois, senhores Membros do Comité de Conciliação, não desejamos continuar desunidos e também não é de desejar que os nacionalistas angolanos refugiados no Congo para encontrar as condições de trabalho suficientes, sejam pura e simplesmente eliminados do campo de Luta em favor de alguns.

Pensamos que a nossa responsabilidade não pode ser diminuída. Mas hoje vós participais dessa responsabilidade, por Angola e pela África inteira.

¹Obrigado, Senhor Presidente...

Agostinho Neto *[com assinatura]*

– Presidente do FDLA

[Nota de L. Lara: Devia ser lido a 17/7/63]

Carta do Presidente do MPLA à Comissão de Conciliação

[dactilografada, em francês – 2ª via]

Pres.
447/B/PRES/63

Dr. Agostinho NETO
Presidente do MPLA
à COMISSÃO DE CONCILIAÇÃO DAS
ORGANIZAÇÕES NACIONALISTAS
ANGOLANAS

Léopoldville

Senhor Presidente,
Senhores Membros da Comissão

Durante os trabalhos da Comissão de Ajuda aos Países em luta pela sua independência, realizada em Dar-es-Salam, na minha qualidade de Presidente do MPLA, informei a Comissão das diligências que o MPLA e outras organizações políticas estavam a desenvolver, com vista à sua unidade de acção.

¹ A partir daqui vem na versão policopiada, em francês.

Após os trabalhos de Dar-es-Salam, chegou-se à constituição da FRENTE DEMOCRÁTICA PARA A LIBERTAÇÃO DE ANGOLA (FDLA), resultante da união do Movimento Nacional Angolano (MNA), do Movimento da Defesa dos Interesses de Angola (MDIA), do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), da Ngwizani a Kongo (NGWIZAKO), e da União Nacional dos Trabalhadores Angolanos (UNTA).

Tendo assinado a convenção da FDLA a 8 de Julho último, demos a conhecer a sua constituição às digníssimas autoridades da República do Congo.

Não supusemos que a apresentação da FDLA à Comissão de Conciliação pudesse levantar problemas de procedimento formal, tendo em conta que um dos objectivos da FDLA é o de facilitar o entendimento entre as organizações angolanas de luta, o que se situa portanto no contexto da missão da Comissão de Conciliação.

Consideramos que os trabalhos da Comissão, e portanto a Unidade do Nacionalismo Angolano, beneficiarão muito com a participação de uma delegação da FDLA, mesmo que ela não tenha sido prevista em Dar-es-Salam, pelo facto da Frente não ter sido ainda constituída na altura.

É neste sentido que vos rogamos, Sr. Presidente e Srs. Membros da Comissão de Conciliação que, por um lado, queiram ouvir a intervenção do Presidente do MPLA, nessa qualidade, e por outro lado aligeirar o procedimento formal para permitir a participação da FDLA na procura de uma plataforma de entendimento entre as organizações nacionalistas angolanas.

Confiantes no espírito de conciliação que preside à vossa delicada tarefa, queiram, Sr. Presidente e Srs. Membros da Comissão, aceitar a expressão da nossa profunda estima.

Em nome do Comité Director

Léopoldville, 17 de Julho de 1963

Agostinho NETO

– Presidente –

Carta de “Jovens do EPLA” aos Dirigentes da FDLA

[dactilografada]

MPLA

EPLA – EXÉRCITO POPULAR DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA

Caros compatriotas

Dirigentes do FDLA

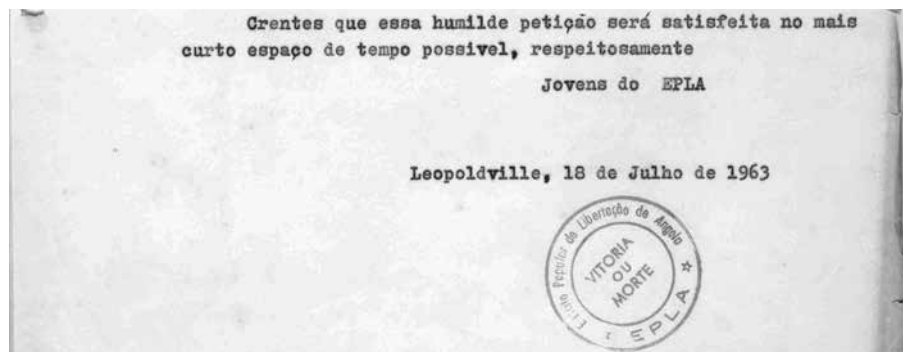
Tendo em conta esse momento tão crítico que o nosso Front atravessa, da profunda confusão que a chamada Comissão para Reconciliação dos partidos Políticos angolanos, veio semear no nosso meio, nós os jovens militares do EPLA achamos uma necessidade premente de nos reunir com os jovens de todos partidos aderentes ao FDLA, para

juntos estudarmos esse problema crucial que ameaça a sobrevivência da Luta justa do Povo angolano.

Finda essa nossa reunião, forneceremos com grande interesse as conclusões a que chegarmos, conclusões que – estamos certos – poderão servir de base para uma fortificação útil e profícua para o avanço da nossa Luta.

Crentes que essa humilde petição será satisfeita no mais curto espaço de tempo possível, respeitosamente.

Jovens do EPLA
[carimbo do EPLA] Léopoldville, 18 de Julho de 1963



Desmentido do CD sobre Mário de Andrade

[policopiado]

[Endereço do MPLA em Léopoldville]

Doc. 101/63

COMUNICADO

Correndo rumores insistentes de que MÁRIO DE ANDRADE, Chefe do Departamento das Relações exteriores do nosso Movimento teria abandonado as suas actividades políticas, o Comité Director do MPLA opõe o mais formal desmentido a tal atoarda.

Chama a atenção da opinião pública angolana e internacional para o carácter tendencioso de certas notícias ultimamente postas a circular com evidentes propósitos oportunistas e destrutivos e reafirma solenemente a sua determinação de prosseguir a luta de libertação nacional sejam quais forem as circunstâncias que tiver de enfrentar.

Léopoldville, 18 de Julho de 1963

[carimbo do CD do MPLA]
O Comité Director

Relatório Geral da Missão de Bons Ofícios

[dactilografado, em francês]

RELATÓRIO GERAL
DA MISSÃO DE BONS OFÍCIOS DA COMISSÃO
DE COORDENAÇÃO PARA A LIBERTAÇÃO DE ÁFRICA
JUNTO DOS NACIONALISTAS DE ANGOLA
LÉOPOLDVILLE, de 13 a 18 de Julho de 1963

A Comissão de Coordenação para a Libertação de África, aquando da sua reunião em Dar-es-Salam, a 1 de Julho de 1963, a pedido dos dois principais movimentos nacionalistas de Angola, (a FNLA e o MPLA), e na sequência do reconhecimento, pelo Governo do Congo (Léopoldville), do Governo Revolucionário de Angola no Exílio (GRAE), decidiu o envio a Léopoldville de uma Missão de Bons Ofícios composta por chefes das delegações da Argélia, do Congo (Léopoldville), da Guiné, da Nigéria e do Uganda, membros da comissão acima referida, para ajudar na reconciliação dos diferentes movimentos nacionalistas angolanos.

A Missão de Bons Ofícios, no cumprimento dos seus deveres, devia basear-se nos seguintes princípios fixados pela Comissão de Coordenação, como base da actividade futura da Comissão na concessão da ajuda financeira ou outra aos movimentos nacionalistas da África não independente:

- a) Examinando a ajuda a ser dada a um território colonial ou dependente, os interesses dos países africanos independentes com fronteiras comuns devem ser igualmente tidos em consideração.
- b) Os países independentes geograficamente contíguos a um território não independente, devido aos seus conhecimentos locais e à sua vizinhança, deveriam jogar um papel vital na evolução e no progresso desse território para a sua libertação e a sua independência.
- c) Como condição para a sua ajuda, a Comissão deveria insistir na criação da Frente comum de acção em cada território.
- d) Caso a constituição de uma tal frente fosse impossível, a Comissão deveria reservar-se o direito de escolher e de reconhecer o movimento que merece receber a sua ajuda.
- e) A Comissão deveria insistir para que os próprios movimentos tivessem uma base interna ampla e numerosos aderentes, ou o apoio popular no interior do território em questão.
- f) A frente de acção comum deve, a intervalos regulares, submeter à Comissão um relatório de actividades.
- g) No caso de um movimento de libertação operando no território de um país independente, ao país anfitrião deveria ser dado um direito de supervisão.

- h) Quando um estado independente é utilizado como base para a libertação de um território colonial, é preciso ter o cuidado de executar uma política que não conduza à destruição da soberania ou da independência desse estado ou que não prejudique a sua soberania.

II – REUNIÕES

A Missão de Bons Ofícios, reunida oficiosamente em Léopoldville, no sábado 13 de Julho de 1963, sugeriu uma agenda provisória.

A Missão separou-se então para se reunir novamente no dia seguinte, domingo 14 de Julho de 1963, às 10h00, reunião durante a qual ela elegeu o chefe da delegação nigeriana, o Digno Jaja WACHUKU, Ministro dos Negócios Estrangeiros e das Relações com o Commonwealth da Nigéria, na qualidade de Presidente e pôs-se de acordo sobre a ordem de trabalhos seguinte:

1º Eleição do Presidente;

2º Exposição pelo Presidente dos objectivos da Missão de Bons Ofícios junto dos Nacionalistas angolanos;

3º Audição das declarações dos Nacionalistas angolanos: a) FNLA
b) MPLA

4º Audição dos pontos de vista do Governo congolês;

5º Conclusões e recomendações.

Nessa reunião, a Missão de Bons Ofícios aceitou também cooptar o Senegal na qualidade de membro, considerando o facto do Senegal ser membro da Comissão permanente de política geral.

Na segunda-feira 15 de Julho, a reunião da Missão de Bons Ofícios foi aberta com um discurso do Presidente onde expôs os objectivos da missão junto dos Nacionalistas angolanos. Essa parte da reunião foi pública. O texto da exposição do Presidente está anexa ao presente relatório.

Depois desses comentários prévios, a sessão foi suspensa durante um breve período, para permitir que o público se retirasse. Após a saída da Imprensa e dos membros do público, a missão reuniu de novo a porta fechada e abordou o ponto 3 da sua ordem de trabalhos. A Missão de Bons Ofícios consagrou todo o dia de segunda-feira a este ponto. Quando se reuniu de novo na terça-feira 16 de Julho, continuou o exame deste ponto 3, e em seguida abordou o ponto 4 e ouviu a exposição do ponto de vista do Governo da República do Congo (Léopoldville).

Na quarta-feira 17 de Julho, a Missão procedeu ao exame das declarações que lhe tinham sido feitas e pôs-se de acordo sobre as conclusões e recomendações de base. Depois de ter decidido a forma como o seu relatório e as suas constatações deveriam ser apresentados, a Comissão suspendeu os seus trabalhos a fim de permitir a redacção das constatações e das conclusões.

A missão retomou os seus trabalhos na quinta-feira 18 e, depois da aprovação do relatório e das constatações, convidou os representantes dos movimentos nacionalistas angolanos para a reunião de encerramento.

A Imprensa foi de novo admitida aquando da leitura das constatações e recomendações aos nacionalistas angolanos.

III – AUDIÇÕES

Foram feitos convites às seguintes organizações, para exporem os seus pontos de vista:

a) FNLA, dirigida pelo Sr. Holden ROBERTO;

b) MPLA, dirigido pelo Dr. Agostinho NETO.

Na sua exposição, o Sr. Holden Roberto foi apoiado por um certo número de pessoas que representaram a organização em Dar-es-Salam, assim como por líderes de diferentes partes de Angola.

O Dr. Agostinho Neto recusou-se a falar em nome do MPLA, visto que tinha sido formada uma nova Frente, a FDLA, de que ele era presidente. No entanto, a comissão não aceitou ouvi-lo nessa qualidade porque o seu mandato estabelecia claramente que ela devia ajudar a reconciliar as duas organizações nacionalistas angolanas conhecidas que tinham testemunhado em Dar-es-Salam.

Durante a sua sessão, a Comissão recebeu uma carta de um Sr. Da Cruz solicitando a autorização para falar em nome do “Comité Director provisório do MPLA”. Esse pedido foi tomado em consideração e os pontos de vista expressos foram ouvidos na presença dos outros nacionalistas angolanos. O Dr. Agostinho Neto, que estava presente, foi convidado a fazer os seus comentários em relação às declarações do Sr. da Cruz, ele respondeu a diferentes perguntas que lhe foram feitas pelos membros da comissão, sobre o MPLA e a importância dos seus efectivos políticos e militares.

O ponto de vista do governo da República do Congo sobre a libertação de Angola, foi exposto por S. Exa. o Sr. Justin BOMBOKO, Ministro da Justiça, e pelo Ministro dos Negócios Estrangeiros, Exa. Sr. Mabika Kalanda.

IV – RESUMO DOS DEPOIMENTOS

A Missão de Bons Ofícios ouviu o depoimento da FNLA que partiu da sua constituição pelos dois partidos políticos UPA e PDA. Foram explicados os desenvolvimentos por que passou a revolução em Angola assim como a formação do governo revolucionário de Angola no exílio que foi recentemente reconhecido pela República do Congo (Léopoldville). A Comissão ouviu a exposição sobre a amplitude da actividade e a importância da audiência da FNLA. Foram fornecidas informações sobre a força combatente da organização assim como sobre a parte do território de Angola que ela controla. A missão foi informada dos esforços realizados pela FNLA com vista ao treino militar e outro de um grande número de angolanos.

À Missão foi exposto que havia uma cisão no seio do MPLA, que um número considerável de algumas pessoas que tinham tido treino militar sob os auspícios desta organização, ou tinham passado para a FNLA ou tinham deixado o MPLA, ou que os que continuavam a fazer parte do MPLA não estavam envolvidos em nenhuma acção militar. A importância da força do MPLA comparada com a da FNLA, é aparentemente bastante pequena.

O Governo Congolês forneceu à missão as razões que o levaram a reconhecer o governo revolucionário de Angola no exílio e expôs igualmente à missão a ajuda que fornecia às organizações nacionalistas angolanas com vista à libertação do seu país.

[Depois de “Resumo dos Depoimentos” que acaba “...libertação do seu país”, seguem-se a “Conclusão” e as “Recomendações”, in John MARCUM, 1978, *The Angolan Revolution. Exile Politics and Guerrilla Warfare* (1962-1976), Massachusetts, The MIT Press, pp. 306-307]

CONCLUSÃO

A Missão de Bons Ofícios, após considerar todos os factos que lhe foram apresentados, chegou às seguintes conclusões:

(1) que as forças combatentes da FNLA pela libertação de Angola são de longe maiores que qualquer outra, são as mais eficazes e constituem de facto a única verdadeira frente de combate em Angola.

(2) que a melhor via para fornecer ajuda aos combatentes pela Libertação de Angola é através do Governo da República do Congo (Léopoldville).

(3) que a continuada existência separada de outra frente menor, como a do MPLA, é prejudicial à rápida conquista da independência pelos povos de Angola.

(4) que é necessário que a FNLA continue na liderança, que até agora provou ser eficaz.

RECOMENDAÇÕES

A Missão de Bons Ofícios concordou com as seguintes recomendações:

(1) que toda a ajuda da África e/ou de países estrangeiros para a Frente Nacionalista Angolana deverá ser canalizada através do Governo da República do Congo (Léopoldville) em cooperação, evidentemente, com o Comité de Coordenação para a Libertação da África.

(2) que a FNLA deverá ser a única frente combatente para a Libertação de Angola.

(3) que a organização de outras frentes em Angola deverá ser desencorajada e a actual força combatente do MPLA deverá juntar-se à FNLA.

(4) que às unidades e pessoas que receberam treino militar com vista à libertação de Angola deverá ser solicitado que peçam a sua integração na Frente Combatente da FNLA.

(5) que a todos os Governos africanos será solicitado que não mantenham nem prestem ajuda a qualquer outra organização no seu território que proclame estar a trabalhar para a libertação de Angola.

(6) que a Missão de Bons Ofícios solicite ao Conselho de Ministros da OUA, na próxima reunião em Dakar, que recomende a todos os Estados africanos independentes que reconheçam o Governo Revolucionário de Angola no Exílio, pois esta é uma acção muito positiva e efectiva contra Portugal e pela rápida libertação de Angola.

Declaração sobre a unanimidade da Missão

Após leitura das conclusões da Missão de Bons Ofícios junto dos Nacionalistas de Angola, à Imprensa e ao público, a delegação do Uganda introduziu a seguinte moção:

“Que esta Missão de Bons Ofícios tome nota da observação do Presidente a respeito do espírito de amizade no qual trabalhou, do facto de que ela é unânime nas suas decisões e recomendações, e de que isto deve ser anotado e incluído no relatório da Missão”.

Apoiada pela delegação da Guiné, esta moção foi adoptada por unanimidade pela Missão de Bons Ofícios.

| | |
|-----------------------|------------------|
| O Presidente: | Jaja Wachuku |
| Argélia: | Mohamed Sahnoun |
| Congo (Léopoldville): | E. Loliki |
| Guiné: | Diallo Abdoulaye |
| Nigéria: | Osakwe |
| Senegal: | Alioune Sene |
| Uganda: | Samuel Odakw |

Léopoldville, 19 de Julho de 1963

Comunicado do Comité Executivo da FDLA

[policopiado, em francês]

FRENTE DEMOCRÁTICA PARA A LIBERTAÇÃO

DE ANGOLA – FDLA

C.P. Provisória 720 – LÉOPOLDVILLE

O Comité Executivo da FDLA que agrupa o MDIA, o MNA, o MPLA, o NGWIZAKO e a UNTA faz questão de salientar que a Comissão de Conciliação, nomeada em Dar-es-Salam, tinha como finalidade a unificação das organizações revolucionárias que lutam pela Independência de Angola.

O Comité Executivo da FDLA sublinha que reservará a sua posição em relação às recomendações adoptadas pela Comissão de Conciliação até que o Comité dos Nove, ao qual competem as decisões finais, sancione as ditas recomendações.

O Povo angolano e a FDLA contam com a preocupação pela unidade e com a imparcialidade do Comité dos Nove, que trabalhará dentro do espírito da Carta de Addis Abeba.

Feito em Léopoldville, a 19/7/63

PELO COMITÉ EXECUTIVO DO FDLA

– O Presidente –

AGOSTINHO NETO *[com assinatura]*

Comunicado do MPLA sobre Comissão de Bons Ofícios

[policopiado]

[Endereço do MPLA em Léopoldville]

[Sem data]

Doc. 102/63

Camaradas:

Durante três dias reuniu-se em Léopoldville a Comissão de Bons Ofícios, nomeada em Dar-es-Salam por proposta da delegação do MPLA, e cuja missão era reconciliar os partidos angolanos, dentro do mesmo espírito de unidade que sempre tem orientado a luta do nosso Movimento e que sempre foi o guia dos seus dirigentes.

E foi ainda no sentido de facilitar os trabalhos da Comissão e de apresentar aos seus membros um princípio inegável e válido de unidade nacional que o MPLA ultimou as conversações já começadas há muito com o MDIA, o MNA, o NGWIZAKO e a UNTA para a criação de uma frente comum que desse ao povo angolano, à África e ao Mundo, a ideia justa do nosso esforço e do que para nós representa a Pátria.

Assim nasceu a Frente Democrática para a Libertação de Angola, união íntima dos partidos nacionalistas que mais cedo compreenderam a necessidade de uma unidade completa das nossas forças, e a obrigação de nos darmos as mãos na luta pela independência do nosso País.

Consciente das responsabilidades que lhe cabem como presidente eleito do FDLA, o Dr. Agostinho Neto recusou-se a falar em nome do MPLA como lhe foi exigido, demonstrando mais uma vez a firmeza da nossa unidade que não nos foi imposta por ninguém nem pode ser destruída por quem quer que seja. A unidade é nossa e sagrada, nada nem ninguém tem sequer o direito de vir alterá-la, muito menos destruí-la.

Impedido de falar em nome do FDLA perante a comissão de conciliação, o nosso presidente não pôde desmentir os exageros de algumas afirmações inexactas, nem as afirmações daqueles mesmo que ainda há pouco, como militantes do nosso Movimento, pareciam lutar pelo povo angolano e hoje servem outros interesses por puro egoísmo e por interesse pessoal.

Camaradas militantes do MPLA, as resoluções tomadas pela comissão de conciliação não podem afectar o nosso sentido de unidade nem vêm alterar em nada a nossa firmeza perante o inimigo comum.

Essas resoluções favorecem o divisionismo dentro das nossas fileiras. E não serão nunca suficientemente fortes para nos impedirem de prosseguir o nosso caminho, de olhos postos no ideal superior da Pátria uma vez mais ameaçada.

Temos ainda de encontrar o caminho da Unidade.

VIVA A UNIDADE DO POVO ANGOLANO!

VIVA ANGOLA!

VITÓRIA OU MORTE!

[carimbo do CD do MPLA]

O COMITÉ DIRECTOR

Comunicado transcrevendo declarações de Mário de Andrade

[cópia dactilografada, em francês]

O Senhor Mário de ANDRADE, que foi durante estes três últimos anos um dos dirigentes do MPLA, fez difundir, a partir do Cairo, o comunicado seguinte: “As circunstâncias em que foi constituída, em Léopoldville, a Frente Democrática para a Libertação de Angola (FDLA), agrupando um certo número de organizações políticas angolanas (1), são-me completamente estranhas. O Comité Director do MPLA nunca teve mandato para se envolver num tal procedimento.

Consequentemente, eu não poderia, de forma nenhuma, dar o meu consentimento a uma associação de movimentos ditos nacionalistas não tendo base política comum. O meu nome foi, portanto, abusivamente utilizado na lista do Comité Executivo da “FDLA”.

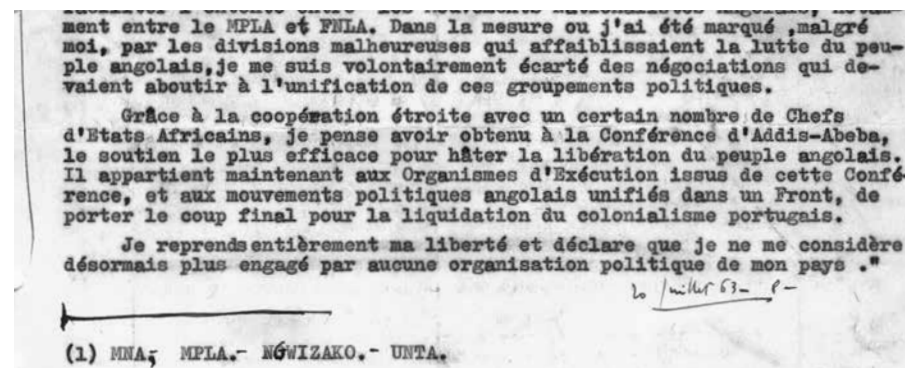
Desde a reunião do Comité dos Nove e a constituição do Comité de Conciliação em Dar-es-Salam, fui guiado apenas pela preocupação de facilitar o entendimento entre os Movimentos Nacionalistas Angolanos, nomeadamente entre o MPLA e a FNLA. Visto ter sido marcado, contra a minha vontade, pelas divisões infelizes que enfraqueciam a luta do povo angolano, afastei-me voluntariamente das negociações que deviam levar à unificação desses agrupamentos políticos.

Graças à cooperação estreita com um certo número de Chefes de Estado Africanos, penso ter obtido, na Conferência de Addis Abeba, o mais eficaz apoio para acelerar a libertação do povo angolano. Cabe agora aos Organismos de Execução saídos dessa Conferência, e aos movimentos políticos angolanos unidos numa Frente, darem o golpe final para a liquidação do colonialismo português.

Retomo plenamente a minha liberdade e declaro que, de hoje em diante, já não me considero engajado em nenhuma organização política do meu país.”

[Acrescentado à mão: 20 de Julho 63]

(1) MNA, MPLA, NGWIZAKO, UNTA



Carta do MPLA à Comissão de Conciliação do Comité dos 9 da OUA

[policopiada, em francês]

PRESIDÊNCIA

[Sem data – talvez Julho 63]

Sr. Presidente do Comité de Conciliação

Digníssimos Membros:

Após ter reconsiderado a minha disposição em falar em nome da FDLA, pedi, numa carta datada de 19 de Julho de 1963, para ser escutado como presidente do MPLA.

O facto de eu ter sido impedido de falar em português e de expor os pontos de vista do MPLA, faz com que as conclusões a que chegarão sejam certamente apenas o reflexo das afirmações feitas pela FNLA.

Ora o MPLA não pôde falar sobre todas as razões em que apoia a força da sua actividade e a confiança das massas que lhe são fiéis. Não tive a oportunidade de falar dos cerca de 300 militares já treinados que enquadram aproximadamente 10.000 jovens combatentes no interior do país, nas regiões que se estendem numa parte do norte e do centro do país.

Não pude falar de milhares de membros e simpatizantes que se encontram no norte, centro e sul de Angola, para além dos 50.000 membros entre os refugiados no Congo, a quem fiz referência. O MPLA, que é um movimento de massas, foi criado no interior de Angola e eu próprio fui presidente da secção do interior até 1960, data da minha detenção em Luanda onde era médico. Ao MPLA cabe a responsabilidade da primeira operação militar desencadeada a 4 de Fevereiro de 1961 em Luanda.

Os nossos militares enquadram o povo de Cabinda que, como em Janeiro de 1963, participou em combates cuja importância foi confirmada pela própria imprensa portuguesa (conforme fotocópias dos jornais que não tive possibilidade de vos apresentar).

Não pude falar de toda uma acção de politização e de enquadramento das massas no interior do país e cuja documentação poderei apresentar.

É falso que o MPLA esteja associado a partidos colaboracionistas. Não se poderá acusar o MNA ou a UNTA de colaboracionismo. Nos outros Partidos, traidores como Jean Pierre Mbala, que já não têm qualquer representatividade para negociar com os portugueses uma solução que não nos convenha, foram expulsos. Os jornais noticiaram esta expulsão e lamentamos que aqueles que nos acusam não tenham dito toda a verdade. Um documento distribuído à Comissão de Conciliação, fazendo referência à NGWIZAKO, apenas envolve um grupo de indivíduos expulsos do Partido. Mas teria sido necessário que fôssemos escutados pelo Comité de Conciliação, antes que este chegasse a conclusões baseadas em informações fornecidas com uma evidente falta de objectividade.

A FDLA e o MPLA chamam a atenção para a gravidade da atitude tomada e para o facto de as vossas conclusões poderem vir a dificultar a actividade da FDLA na República do Congo e provocar o massacre das populações que nos apoiam no interior de Angola, como já sucedeu a duas colunas do MPLA quando atravessavam zonas onde havia soldados da FNLA. Estes factos são, aliás, bem conhecidos.

Se a Comissão de Conciliação, em vez de cumprir a sua tarefa de unificação dos nacionalistas angolanos que esperávamos ver realizada, se limitar a cumprir com o seu programa sem sair do formalismo que presidiu às sessões, arrisca-se a ser um instrumento de consagração da divisão do Povo Angolano.

O MPLA, de que sou o Presidente em exercício, a FDLA de que sou o Presidente eleito, apenas podem protestar contra a atitude tomada e abandonar a Conferência, enquanto a responsabilizam pela divisão assim consagrada.

Não podemos considerar válidas as suas conclusões, sejam elas quais forem.

Pre vemos que novas dificuldades se coloquem à independência de Angola.

Em nome do Comité Director

Agostinho Neto

Presidente

Comunicado da JMPLA sobre nova Direcção

[policopiado]

JUVENTUDE DO MOVIMENTO POPULAR

DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA – JMPLA

51, Avenue Tombeur de Tabora

B.P. 720 – Tel. 2452

LÉOPOLDVILLE

Reuniu-se a 20 de Julho na sala do CVAAR uma Assembleia Ordinária da JMPLA, que teve por fim eleger a Direcção Regional de Léopoldville.

Desde há alguns meses tem faltado à nossa organização a actividade que lhe convinha devido a diversos factores que implicavam a boa marcha das actividades do Movimento de que é complemento. Com a criação da nossa Direcção cremos poderem multiplicar-se as esperanças que a organização promete aos seus membros.

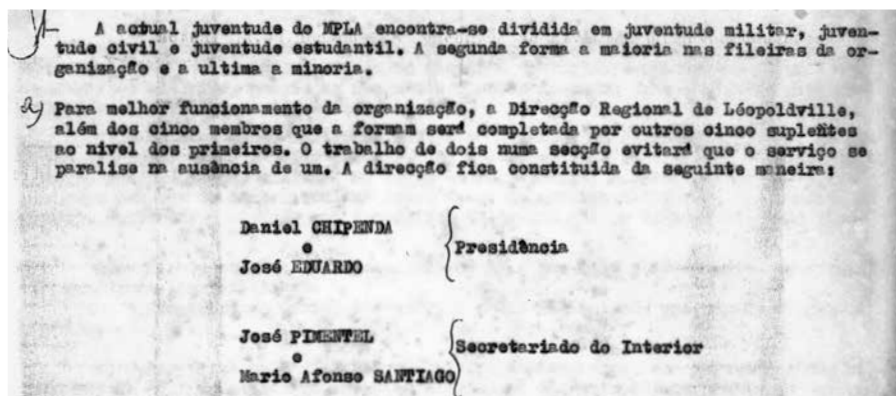
A actual Direcção Regional de Léopoldville assumirá as funções de Direcção Geral até ao momento em que se realize o Congresso que há-de eleger esse órgão executivo e supremo da JMPLA. Os membros da Direcção ficaram assim distribuídos com as respectivas funções:

| | | |
|-----------------------|---|--|
| Daniel CHIPENDA | – | Presidente |
| José Marques PIMENTEL | – | Secretário do Interior |
| Francisco RANGEL | – | Secretário do Exterior |
| António MENESES | – | Secretário de Informação, Propaganda e Agitação |
| Pedro VAN-DUNEN | – | Secretário dos Assuntos Culturais, Sociais e Finanças. |

Léopoldville, 22 de Julho de 1963.

Esboço de Documento Orientador sobre a JMPLA

[dactilografado – 2ª via]



1- A actual juventude do MPLA encontra-se dividida em juventude militar, juventude civil e juventude estudantil. A segunda forma a maioria nas fileiras da organização e a última a minoria.

a) Para melhor funcionamento da organização, a Direcção Regional de Léopoldville, além dos cinco membros que a formam será completada por outros cinco suplentes ao nível dos primeiros. O trabalho de dois numa secção evitará que o serviço se paralise na ausência de um. A direcção fica constituída da seguinte maneira:

| | |
|--|---|
| Daniel CHIPENDA e José EDUARDO | Presidência |
| José PIMENTEL e Mário Afonso SANTIAGO | Secretariado do Interior |
| Francisco RANGEL e Cirilo e SILVA | Secretariado do Exterior |
| António MENESES e Timóteo MIGUEL | Secretariado da Informação |
| Pedro VAN-DUNEN e Jovita NUNES | Secretariado de Assuntos Culturais, Sociais e Finanças |

2 – Alguns pontos de vista sobre as bases de actividade da JMPLA face aos últimos acontecimentos

b) Fazer propaganda e agitação em Léopoldville e nas fronteiras e ao mesmo tempo um serviço de esclarecimento no sentido de encorajar os membros a prosseguir sem desfalecimento na luta para conseguir os ideais da organização. É um trabalho possível seguindo os mesmos métodos que seriam aplicados nas residências, nas comunas e levados para as

fronteiras por delegações de moços e moças, de preferência por aqueles que falam as línguas da respectiva região.

c) Um contacto com os jovens que se encontram no exterior é igualmente necessário, por isso a JMPLA além de se dispor a contactar por escrito com os seus membros no exterior, propõe ao Movimento o envio de um ou dois delegados para esclarecer a juventude estudantil.

d) No caso de se manter um ambiente de tensão na situação política, os jovens que se preparam para ir estudar, têm a obrigação de se oferecer a administração de uma preparação militar. Na falta de voluntários, a JMPLA propõe que todos os seus membros do sexo masculino devam fazer um serviço militar de 3 a 6 meses ao menos. Contactar e atender nas fronteiras os jovens que se dispõem ao militarismo.

e) Propõe-se nomear uma comissão no EPLA que vele pelo cumprimento rigoroso de uma disciplina militar.

Propõe-se ao Comité Director, o envio imediato de uma missão do EPLA a Cabinda.

f) Formar no seio da JMPLA um serviço de segurança, que investigue as intenções do FNLA e do Governo Congolês e procurar dar solução aos problemas que as investigações chegarem a revelar. Vigiar os inimigos do Movimento, analisar e excluir os falsos membros. Resolver imediatamente o caso do Lemos.

g) Fazer respeitar uma dura disciplina em todos os escalões do Movimento em especial a todos os membros da JMPLA. Propõe-se mudar a residência do EPLA.

h) Contactar com os jovens dos outros partidos do Front.

i) Para os membros da JMPLA, a presença nas reuniões marcadas é considerada como importantíssimo. A JMPLA toma por isso responsabilidade em aplicar determinadas sanções àqueles que doravante continuem a faltar às reuniões.

DAS REUNIÕES

1 – A membros que trabalham no Bureau e que tiverem faltado a duas reuniões por mês, aplica-se a perda da gratificação do respectivo mês.

2 – A membros da JMPLA que adquiriram bolsas por intermédio da organização ou do Movimento e que faltarem às duas reuniões por mês sem justificação valável [sic], aplica-se a perda da bolsa de estudos.

3 – Para a boa ordem das reuniões e para que todos possam estar ao corrente dos problemas que nelas se tratam, é rigorosamente proibido o abandonar as reuniões sem que essas tenham terminado.

j) Um ponto que pode [ser] considerado como importante é o contacto da JMPLA com a juventude dos dois Congos.

Léopoldville, aos 23 de Julho de 1963

Carta do MNC/Lumumba ao MPLA*[dactilografada, em francês]*

MOVIMENTO NACIONAL CONGOLÊS/LUMUMBA
COMITÉ CENTRAL
100, Avenue ITAGA
LÉOPOLDVILLE

Léopoldville, 24 de Julho de 1963

N.º 327/63/SR

MOVIMENTO POPULAR DE LIBERTAÇÃO
DE ANGOLA “MPLA”
51, Avenue Tombeur de Tabora
C.P. 720 – Telef. 2452
em LÉOPOLDVILLE

Caros Camaradas,

Acusamos a recepção da vossa declaração DOC/75/63 de 10 de Junho de 1963, feita pelo vosso Comité Director, em resposta à que foi feita pelo Ministro Português dos Negócios Estrangeiros, declaração através da qual o Governo do fascista SALAZAR convidava os Estados Africanos vizinhos dos países sob seu domínio a abrir um diálogo sobre a libertação dos Territórios que o Governo de Lisboa continua a explorar.

O Movimento Nacional Congolês/LUMUMBA, Partido com o mesmo objectivo que o vosso, apoia sem reservas a tomada de posição do povo angolano, pelo canal dos seus interlocutores válidos, em relação às manobras dos imperialistas Portugueses.

É sempre no mesmo quadro da solidariedade e da Unidade Africana que o nosso Partido, representando aliás mais de 80% da população, continuará a apoiar material e moralmente os povos africanos em luta pela sua soberania.

Sendo os Portugueses em África um obstáculo para a realização da Unidade Africana, o Movimento Nacional Congolês/LUMUMBA envidará todos os esforços para lutar, ao lado dos nossos irmãos angolanos e africanos, contra os colonialistas.

Queiram aceitar, Caros Camaradas, as nossas fraternais saudações.

PELO COMITÉ CENTRAL DO MNC/L,

Guido R. DISASI *[com assinatura]*
Secretário Nacional Administrativo

GBENYE Christophe *[com assinatura]*
Presidente Nacional

Carta de Demissão de Mário de Andrade, ao MPLA*[dactilografia, em papel timbrado do MPLA]*CÓPIA DA CARTA DE MÁRIO DE ANDRADE

Mário de Andrade
ao Presidente do Comité Director do Movimento
Popular de Libertação de Angola
Léopoldville – Congo

Considerando que os membros do Comité Director do MPLA presentes em Léopoldville nunca possuíram mandato para constituir, de acordo com outras organizações formalmente nacionalistas, uma Frente de Libertação;

Considerando que a formação do FDLA (inspirada ou sugerida pelo Presidente da República do Congo-Brazzaville) foi de natureza a facilitar a infeliz decisão do Comité de Conciliação;

Considerando que a assinatura duma convenção com movimentos contra-revolucionários, tribalistas e colaboracionistas atenta gravemente aos princípios da linha política traçada pela 1ª Conferência Nacional;

Em virtude do que precede, apresento a minha demissão de membro do Movimento Popular de Libertação de Angola.

ass. Mário de Andrade

24 de Julho de 1963

P.S. Cartão de membro nº 20.003

Abertura da Representação da FDLA*[policopiada, em francês]*

FRENTE DEMOCRÁTICA PARA A LIBERTAÇÃO DE ANGOLA – “FDLA”

DECLARAÇÃO DA ABERTURA DA REPRESENTAÇÃO DA FRENTE
DEMOCRÁTICA PARA A LIBERTAÇÃO DE ANGOLA “FDLA”
EM BRAZZAVILLE

Senhor Presidente da República
Excelência, Minhas Senhoras e Meus Senhores,

É-nos difícil, Senhor Presidente, encontrar as palavras exactas para descrever a expressão da nossa profunda gratidão pela autorização da abertura da nossa representação nesta cidade tão acolhedora, que a República irmã do Congo Brazzaville nos concede.

Todo o povo angolano e os nossos militantes ouviram com profunda emoção esta feliz notícia que concretiza um espírito de fraternidade que se afirma cada vez mais entre nós.

A hospitalidade oferecida a milhares de compatriotas nossos refugiados neste país, a ajuda aqui recebida e a autorização hoje concedida à FRENTE DEMOCRÁTICA PARA A LIBERTAÇÃO DE ANGOLA “FDLA” para exercer livremente a sua actividade política, são a prova bem visível dessa fraternidade.

Considerando este momento tão confuso que o nacionalismo angolano atravessa, considerando as forças antagónicas que se confrontam em África, é preciso no entanto sublinhar que esta manifestação de solidariedade é a prova da existência de uma consciência lúcida que nos guiará, amanhã, para as vias seguras da libertação dos nossos países.

O nosso povo não tem, actualmente, a capacidade de se pronunciar sobre os problemas primordiais do nosso país. Ele debate-se entre a dúvida e a ambição, entre a generosidade e a oportunidade [*sic*].

A África, que no seu conjunto se pronuncia a favor da libertação de Angola, não ignora a imensa tarefa a empreender para chegar à sua emancipação. Não é de espantar que Angola, uma terra no coração de África, procurando o seu caminho, ainda esteja vacilante.

Não lhe é possível oferecer ao mundo uma única força unida. Deste estado de coisas nasce uma série de dificuldades intransponíveis. Os inimigos do nosso país chegam mesmo a infiltrar-se nas nossas fileiras, a enfraquecer-nos e a causar divisões entre nós.

As organizações que formam a FRENTE DEMOCRÁTICA PARA A LIBERTAÇÃO DE ANGOLA “FDLA” não ignoram que a força do colonialismo reside sobretudo na ignorância, na resignação e na falta de organização das suas vítimas.

No entanto o nosso povo, que já se pronunciou várias vezes pela UNIDADE, está prestes a forjar bases sólidas para uma união verdadeira.

Podemos permitir-nos desde já encarar com confiança as perspectivas favoráveis que nos são oferecidas por Sua Excelência o Presidente da República, com a ideia de um congresso. Ser-nos-á dada a ocasião de revermos os nossos problemas fundamentais e encontrarmos soluções apropriadas para esses problemas.

A FDLA considera que a solução do problema angolano pode ser encontrada graças ao esforço que as organizações angolanas começam a desenvolver.

A FDLA considera que a luta armada é o garante das nossas reivindicações políticas, mas deseja no entanto que o Governo português se engaje, o mais cedo possível e resolutamente, na via das negociações com os representantes legítimos do povo angolano, na via que conduz à independência.

Soubemos, com alguma surpresa, que Portugal quereria proceder a reformas. Realizar-se-iam eleições em Angola este ano.

Esta notícia seria bem acolhida no seio da FDLA se ela fosse acompanhada de uma declaração mencionando:

- 1 – o reconhecimento do nosso direito à autodeterminação e à independência;
- 2 – a libertação de todos os presos políticos;
- 3 – a fixação de um calendário para a ascensão à independência;
- 4 – a liberdade de associação.

A FDLA pode, por sua vez, encarar com particular atenção uma solução justa e equitativa de certos aspectos do problema da presença dos originários de Portugal instalados em Angola. Porque se a ruptura brutal (consequência da luta armada) é para Angola um salto para o desconhecido que a nossa consciência se recusa a aceitar, ela é para Portugal uma catástrofe irreparável. Portugal sem o concurso de Angola já não é Portugal.

Contudo, a luta pela nossa independência tem de ser intensificada.

Ultimamente defendeu-se em África, com grande veemência, que a luta do povo angolano é essencialmente uma luta armada. Recusamo-nos a aprovar esta maneira de ver. A luta do povo angolano é antes de mais um problema constitucional e político, a luta armada é apenas o suporte para as nossas reivindicações políticas.

As diferentes organizações políticas são outras tantas forças com as quais temos de contar. As diferentes formas de luta política são uma contribuição importante para a nossa reivindicação quanto ao direito à autodeterminação e à independência.

Senhor Presidente da República, não esqueceremos tão cedo a solicitude com que vossa Excelência encara o problema angolano.

Angola está-vos muito reconhecida e as nossas organizações ainda mais.

Uma vez mais, a FDLA agradece-vos em nome do povo combatente, em nome de África, em nome da fraternidade dos povos.

Viva a FRENTE DEMOCRÁTICA PARA A LIBERTAÇÃO DE ANGOLA

Viva Angola

Viva a República do Congo Brazzaville

Feito em Brazzaville, 27 de Julho de 1963

PELO FDLA

O 1º Vice-Presidente

A. Emmanuel LOUREIRO

Circular sobre a Representação da FDLA

[*policopiada*]

[*Endereço do MPLA em Léopoldville*]

Anunciamos a todos os militantes do MPLA a inauguração em Brazzaville de um “bureau” da Frente Democrática para a Libertação de Angola (FDLA), que vem dar mais uma prova do desejo de unidade nacional das organizações que o constituem.

O MPLA, no seio da nossa Frente Democrática, prossegue a sua luta, mantém a linha que sempre o conduziu, no trabalho pela união das forças nacionalistas na batalha pela independência do nosso país. Esta linha continua a ser aquela que foi definida mais um vez nas resoluções da Conferência Nacional do MPLA.

Nenhuma mentira, nenhuma atitude revisionista, terão força suficiente para nos enfraquecer.

Nem o egoísmo de uns, nem a intriga de outros poderão desmentir a nossa presença junto do Povo Angolano que nos acolheu como garantia das suas esperanças.

Militantes do MPLA

Em Frente pela Unidade Nacional

VITÓRIA OU MORTE!

Léopoldville, 27 de Julho de 1963

O Departamento de Informação

Carta da JMPLA à Juventude da URSS

[dactilografada, em francês – 2ª via]

[Endereço da JMPLA em Léopoldville]

Léopoldville, 29 de Julho / 63

[Acrescentado à mão: Nº 458/JMPLA/63]

À Juventude de [foi apagado]

A Juventude do Movimento Popular de Libertação de Angola (JMPLA) tem como tarefas fundamentais:

1 – Lutar com as organizações da juventude pela liberdade, Independência e dignificação do Povo Angolano;

2 – Trabalhar para o entendimento e a união de todos os jovens Angolanos e denunciar todas as manobras de divisão;

3 – Combater rigorosamente o analfabetismo e o obscurantismo entre os jovens Angolanos e esclarecê-los sobre as finalidades da Revolução;

4 – Participar e acelerar a formação de quadros técnicos e administrativos de Angola;

5 – Fundar grupos artísticos e culturais Angolanos;

6 – Criar milícias e células secretas no interior de Angola dispostas a fazer a luta armada;

7 – Lutar para o estabelecimento de um regime democrático em Angola;

8 – Estabelecer relações de amizade e de solidariedade com todos os jovens africanos e de todo o mundo;

9 – Criar, nos países estrangeiros, Comitês de apoio à Juventude e à luta Angolana.

A Juventude do Movimento Popular de Libertação de Angola (JMPLA) conta presentemente com 30000 jovens mobilizados, distribuídos no interior de Angola e no estrangeiro. Toda a sua acção se faz a partir do Congo-Léo. A JMPLA vive exclusivamente

dos donativos porque, sendo os seus membros refugiados, não têm recursos financeiros. Daí a quase nulidade das nossas múltiplas actividades, razão pela qual nos dirigimos à Juventude da URSS que luta como a juventude Angolana pela liberdade do Povo, esperando que ela nos ajude a resolver as nossas necessidades mais prementes. Para que a nossa juventude possa trabalhar com toda a eficácia, ela precisa de dispor de um orçamento, de material de escritório e de ensino, de livros para a formação da nossa biblioteca, aparelhos fotográficos, de filmar e de projecção, gravadores, instrumentos de música, material cirúrgico, medicamentos, tendas, roupas para a assistência social.

Pretendemos que nos seja concedido um grande número de bolsas de estudo, sobretudo para os cursos médios e técnicos, e se possível, três bolsas, de um ano no máximo, para cursos de Organização da Juventude.



Daniel Chipenda

Para tornar mais íntimo e frutuoso o contacto que gostaríamos de ter convosco, e também entre os jovens Angolanos que estudam no vosso País, desejaríamos que nos fosse concedida a possibilidade de enviar uma delegação de quatro jovens angolanos que vos exporiam a situação do nosso povo e os dados da nossa luta.

Na fraternidade de todos os Povos que lutam pela liberdade, queiram aceitar a saudação fraterna da Juventude do Movimento Popular de Libertação de Angola.

O Presidente

Daniel Júlio Chipenda

DC/PV.

Esclarecimento da FDLA sobre a Declaração de Angelino Alberto em Luanda

[policopiado]

FRENTE DEMOCRÁTICA PARA A LIBERTAÇÃO DE ANGOLA – FDLA
LÉOPOLDVILLE

ESCLARECIMENTO DA FDLA ACERCA DA DECLARAÇÃO
FEITA EM LUANDA POR ANGELINO ALBERTO

A FRENTE DEMOCRÁTICA PARA A LIBERTAÇÃO DE ANGOLA (FDLA), leu com surpresa a declaração que apareceu no “PROGRES” de dia 1 de Agosto 1963, nº 177, e que foi feita em Luanda pelo senhor Angelino Alberto, ex-Presidente Geral da NTOBAKO, segundo a qual “ele faria esforços para ligar ao seu partido os elementos do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) e da Frente Democrática para a Libertação de Angola (FDLA).”

1 – A FDLA considera esta declaração como uma manobra de Portugal que pretende semear a confusão quer na opinião nacional, quer na opinião internacional, para desviar a atenção que se dedica ao problema angolano na hora actual.

2 – Denuncia com veemência o Sr. Angelino Alberto, traidor da causa do Povo angolano e torna-o responsável das suas afirmações dilatórias e insensatas.

3 – Notifica-o de que o veredicto do Povo será pronunciado sem piedade contra todos aqueles que traem a luta de libertação da Pátria.

4 – A FDLA chama a atenção dos seus militantes e do Povo angolano para as manobras que se estão tramando neste período decisivo para o futuro de Angola e convida-os a porem à prova todo o seu bom-senso e espírito patriótico.

Por outro lado a FDLA reafirma que uma eventual negociação com as autoridades portuguesas não se poderá engajar sem que se preencham as condições seguintes:

- a) o reconhecimento por parte de Portugal do direito do Povo angolano à autodeterminação e à independência;
- b) a retirada de todas as forças portuguesas do território angolano;
- c) a libertação incondicional de todos os prisioneiros políticos;
- d) a proclamação de uma amnistia política;

A FRENTE DEMOCRÁTICA PARA A LIBERTAÇÃO DE ANGOLA (FDLA) insiste que a luta armada é a única via que garante ao Povo angolano a conquista da sua independência, enquanto Portugal recusa resolver o problema por meio de negociações com as organizações políticas angolanas.

Léopoldville, 2 de Agosto de 1963

A FRENTE DEMOCRÁTICA PARA A LIBERTAÇÃO DE ANGOLA

LL/VN.

Carta Circular aos Nacionalistas Angolanos

[policopiada]

CARTA CIRCULAR AOS NACIONALISTAS ANGOLANOS

Caros Compatriotas:

Antes de tudo as nossas saudações patrióticas para todos os angolanos e angolanas, que lutam pela liberdade e independência da nossa Pátria.

O desejo ardente de vos pôr ao corrente de tudo quanto passa, nos obriga a traçar-vos estas linhas com votos de que todos sejam esclarecidos e encarem a situação com calma e fé por melhores dias num futuro não muito distante.

Creio que todos os angolanos do Norte ao Sul, de Leste ao Oeste sabem que o MPLA é um único partido que incansavelmente vem lutando pela unidade de todos os povos angolanos sem discriminação tribal ou regional. E é com a maior satisfação que vos anuncio que há algumas semanas que acabámos de concluir um acordo entre os partidos nacionalistas angolanos: – MPLA – MDIA – MNA – NGWIZAKO – UNTA – que constitui o FDLA = Front Democrático pela Libertação de Angola!

Este é um acontecimento de maior relevo no capítulo da nossa política pró-unidade e ainda mais de maior peso no capítulo da guerra que travamos contra o colonialismo português. Ainda mais vários partidos nacionalistas se preparam para aderirem a este Front o mais democrático e mais acessível a todos os povos angolanos sem nenhuma discriminação ou exigências egoístas.

De toda a parte nos chegam comissões e cartas aplaudindo e felicitando este acontecimento.

Porém, este facto despertou ciúmes e invejas por toda a parte dos inimigos da unidade, apoiados por amigos poderosos que lucram com a nossa situação e com a nossa guerra. E para conseguirem os seus desígnios empregam todas as armas, mas a principal arma deles é a mentira, o boato e a calúnia.

É para vos prevenir contra este estado de coisas que vos escrevo, para poderdes ficar firmes contra toda e qualquer arma. Teremos que enfrentar os principados e potestados [sic]. Teremos que enfrentar as forças do mal. Estais pois firmes com toda oração e súplica, vigiando com toda perseverança.

A Comissão de Bons Ofícios sugerida pela nossa Delegação na Conferência dos Chefes de Estado em Addis Abeba julgamos não ter cumprido a sua missão de maneira imparcial como era de esperar. Porém, as suas decisões não mereceram o apoio do nosso Front nem dos desejos do Povo Angolano. Nada se tratou da unidade mas sim duma imposição que vai ao encontro do verdadeiro espírito da democracia.

As suas decisões que deixou em branco o ponto dos Fronts vão ser submetidas na Conferência dos Ministros de Negócios Estrangeiros dos 32 países Africanos que começa nesta data em DAKAR. Creio que encontrará dificilmente apoio de todos. Desenrolou-se uma verdadeira batalha no Comité da Segurança das Nações Unidas (ONU) sobre o caso de Angola, sendo finalmente emitida uma resolução que exige a negociações imediata transmissão de poderes para a independência, até o mês de Setembro deste Ano.

O nosso Front que não recusou unir-se com o outro Front ao pé de igualdade mantém a sua posição. Não há razões para desânimos desde que muitos países nos apoiam. O Povo Angolano todo em peso apoia também o nosso Front (FDLA) porque é o único que satisfaz as aspirações do Povo Angolano que quer ver tudo unido contra o inimigo comum, não só em palavras mas em actos concretos, para obtenção duma independência rápida e incondicional. Não há razões para desânimos. Deus está connosco. E se Deus é por nós quem será contra nós.

Estou certo que as forças do mal não vencerão nem dominarão Angola. A nossa questão está em mãos de Deus! O nosso anjo de guarda não dorme nem de dia nem de noite, mas vigia pelos seus e pela nossa causa.

Remeto-vos vários papéis que esclarecerão a vossa compreensão.

A paz de Deus seja convosco e a graça seja com todos que crêem e esperam em Deus e em seu filho nosso Senhor Jesus Cristo.

Ass: Rev. Domingos Francisco da Silva

Vice-Presidente do MPLA

[*carimbo do CD do MPLA*]

Léopoldville, 2 de Agosto de 1963

Carta de Eduardo dos Santos

[*dactilografada*]

[*Nota manuscrita: R 8/8/63*]

Caros amigos

Escrevo-vos esta carta num estado de grande depressão moral que é resultado dos últimos acontecimentos que se desenrolam por todo o lado e em especial neste país.

A Revolução Africana¹ iniciou o ataque ao nosso movimento. Envio-vos junto o recorte do artigo para que vocês mesmo o possam apreciar. As circunstâncias que determinaram essa prise de posição de Revolução Africana, relacionam-se com a presença na sua redacção da Patrícia Pinheiro e Carlos Lança que se contam entre os principais e mais encarniçados inimigos do nosso movimento.

A nossa situação aqui é muito precária! As autoridades oficiais estão dispostas a jogar a fundo a favor do GRAE. Eu tive a ocasião de o verificar pessoalmente através de um pormenor importante que passo a relatar-vos:

Chegado a Paris, pus-me imediatamente em contacto com o Mário pelo telefone e insisti da necessidade de um diálogo, como aliás combinámos em Brazza, para lhe dar conhecimento da situação que vocês me comunicaram aí e do que eu próprio pude constatar. Assim, eu propus-lhe que se deslocasse imediatamente a Paris no que não fui bem sucedido. A leitura de uma notícia no jornal Le Monde na qual se anunciava a deslocação de BB [Ben Bella] a Dakar no dia seguinte, forçou-me a partir imediatamente para Alger, na intenção de lhe explicar convenientemente a situação e, assim influenciá-lo a não tomar uma decisão que nos compromettesse seriamente nos objectivos da nossa luta de libertação nacional. Consegui com muito esforço uma passagem num avião de carga que partiu de Orly às duas horas da manhã. Depois de seis horas de viagem com escala por Marselha, cheguei a Alger, completamente extenuado, dado que passava a minha segunda noite consecutiva em viagem.

Dirigi-me imediatamente à residência de BB e solicitei que me recebesse. Ele encontrava-se nesse momento em reunião com os representantes do Holden. Entretanto, o seu director de gabinete, propôs-me que o acompanhasse na sua viagem a Dakar ao que acedi por ter reconhecido tratar-se de uma esplêndida oportunidade para realizar a minha missão.

¹Trata-se da revista argelina, *Révolution Africaine*.

Eram precisamente 10 horas e quarenta e cinco minutos quando BB desceu as escadas da sua residência para tomar lugar no cortejo presidencial para o aeroporto. No limiar da porta de saída saudei-o e entendi-lhe dizer que tomasse lugar para Dakar.

Ao chegar ao aeroporto BB disse-me que era impossível a minha presença na sua delegação por motivos de ordem política. Informo-vos que os delegados do Holden partiram no avião presidencial incorporados na delegação algerina que se dirigiu a Dakar. Como vêem a Algéria não está disposta a continuar a apoiar-nos.

Mas a debandada atinge também outros sectores de que vos relatarei oralmente.

A série de situações deste tipo tem produzido em mim uma grande influência. Estou num estado de apatia muito grande.

Todos nos recriminam por termos feito o Front: Por esta razão, de comunistas passamos a colaboracionistas. De resto, foi explorando o Front e as posições anteriores do NGWIZACO e MDIA que o Jonhny Eduardo orientou a sua conferência de presse. Envio-vos um exemplar para que a apreciéis.

Eu creio que é absolutamente necessário realizarmos imediatamente uma reunião de quadros, eu digo quadros e não militantes, para determinarmos a nossa acção futura. Essa reunião poderia realizar-se depois de conhecidos os resultados da conferência de Dakar.

Meus caros amigos e irmãos: A situação é muito difícil. Temos de dar provas de capacidade e de salvar o nosso querido movimento de todas as calúnias de que é vítima.

E é tudo meus caros. Um abraço do vosso amigo e camarada dedicado

Eduardo [*segue assinatura*]

Alger 5/VIII/63.

Memorando do MPLA ao Comité de Coordenação

[*policopiado, em francês*]

[*Endereço do MPLA em Léopoldville*]

À ATENÇÃO DO DIGNO COMITÉ DE COORDENAÇÃO PARA A LIBERTAÇÃO DA ÁFRICA

As recomendações da digna missão de bons ofícios da Comissão de Coordenação para a Libertação da África constituem um facto novo e importante no desenvolvimento da luta de libertação nacional de Angola.

Por essa razão, o Comité Director do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) considera seu dever levar ao conhecimento dos responsáveis africanos, a análise objectiva da nova situação, criada por este facto, a fim de permitir que seja assegurada, da melhor maneira, a defesa dos interesses superiores do povo angolano.

O presente memorando constitui portanto uma resposta construtiva do MPLA às preocupações e esforços dos Estados Africanos perante o grave problema da divisão do nacionalismo angolano.

Por outro lado, o presente memorando não deve ser de modo algum entendido como sendo um ataque às conclusões ou às recomendações da digna missão de Bons Ofícios.

A digna missão de Bons Ofícios é um órgão técnico que não se encontra habilitado a tomar decisões definitivas. Por conseguinte, as suas conclusões e recomendações, tal como o material factual em que umas e outras se baseiam, são susceptíveis de esclarecimentos complementares quer sob a forma de novos dados que as completem, quer sob a forma de comentários que reduzam a sua importância ou as tornem nulas.

O Comité Director do MPLA considera que, depois de Addis Abeba, as organizações nacionalistas angolanas têm o dever de fornecer esclarecimentos suplementares sempre que o considerem necessário e desde que os problemas em questão ainda não tenham sido objecto de uma resolução definitiva de um órgão superior de decisão da OUA, neste caso o Conselho de Ministros.

Além disso, a importância do problema angolano é tão grave para o destino de África que todas as regras de procedimento formal devem ceder perante a necessidade e a possibilidade de melhor esclarecer as questões de fundo.

A apresentação do presente memorando tem por objectivo:

1 – Explicar, com todo o respeito que devemos aos Estados Africanos e às decisões dos órgãos da OUA, o sentido das reservas feitas pelo Comité Director do MPLA às conclusões da digna Missão de Bons Ofícios.

2 – Chamar a atenção do digno Comité de Coordenação para as perigosas consequências que resultariam inevitavelmente, quer para Angola quer para a África, duma aceitação pura e simples das recomendações da digna Missão de Bons Ofícios.

A digna Missão de Bons Ofícios, criada em Dar-es-Salam pela Resolução de 5 de Julho de 1963 do Comité de Coordenação para a Libertação de África, reuniu-se em Léopoldville de 13 a 18 de Julho de 1963.

Segundo os termos da Resolução do Comité de Coordenação, a digna Missão de Bons Ofícios deveria:

1 – Começar por insistir na criação de uma Frente de acção comum entre as organizações nacionalistas – MPLA e FNLA.

2 – Caso a constituição duma Frente se mostrasse impossível, a digna Missão de Bons Ofícios reservar-se-ia o direito de decidir qual das duas organizações, o MPLA ou a FNLA, pareceria reunir as condições necessárias para receber assistência conjunta da OUA.

3 – O critério de orientação da escolha seria a extensão da organização nacionalista no território angolano, assim como a audiência efectiva de que gozaria no seio do povo angolano em luta.

Em conformidade com isto, a digna Missão de Bons Ofícios pôde apreciar a exposição da actividade da FNLA, do Sr. HOLDEN ROBERTO.

Por razões de procedimento formal, a digna Missão de Bons Ofícios não teve a possibilidade de apreciar com todo o rigor o papel da importância decisiva que, desde

1956 e a partir do interior de Angola, o MPLA desempenhou e ainda desempenha na orientação e no desenvolvimento da luta de libertação nacional.

É certo que a insistência do Chefe da delegação do MPLA em apresentar o seu relatório à digna Missão de Bons Ofícios, única e exclusivamente em nome da Frente Democrática para a Libertação de Angola (FDLA), deu lugar ao incidente de procedimento formal que, mais tarde, tornou impossível a exposição detalhada da luta de libertação nacional desenvolvida pelo MPLA.

O Comité Director do MPLA entende assumir plenamente a responsabilidade que lhe cabe na ocorrência do incidente, consciente de ter agido com a mesma boa-fé que sempre caracterizou as nossas relações com os representantes dos Governos e dos Povos africanos.

A nossa insistência em querer falar na qualidade de FDLA não tinha outra finalidade senão contribuir para a aceleração da constituição de uma Frente comum angolana, para a libertação da pátria comum.

A prova disso é que no dia seguinte ao incidente, o Presidente do MPLA, Dr. Agostinho Neto, em carta dirigida a Sua Excelência o Presidente da digna Missão de Bons Ofícios, datada de 17 de Julho de 1963, pedia que lhe fosse permitido voltar atrás em relação às suas posições da véspera, a fim de apresentar (desta vez em nome do MPLA) uma exposição detalhada das actividades do MPLA.

Entendia assim o MPLA pôr à disposição da digna Missão de Bons Ofícios uma maior quantidade de factos sobre a situação actual, cuja importância é considerável e cujo conhecimento é indispensável para uma justa apreciação da luta de libertação nacional em Angola.

Infelizmente, o argumento formal apresentado pela digna Missão de Bons Ofícios, segundo o qual já não era possível ouvir as organizações nacionalistas tendo terminado o período das audições, impediu que a Missão de Bons Ofícios obtivesse um mais amplo conhecimento de fundo da questão angolana.

Desde logo, a digna Missão de Bons Ofícios só podia basear as suas conclusões acreditando em factos fornecidos sucintamente por apenas uma das partes a reconciliar – a FNLA. Com efeito, os comentários que o líder do MPLA fez numa das sessões respeitante às declarações parciais do Sr. Viriato DA CRUZ, que falou abusivamente em nome do MPLA, não podem ser considerados como um relatório normal da importância política e militar do MPLA, tanto no exterior como no interior do país.

A procura da verdade por parte da digna Missão de Bons Ofícios ficou, por este facto, comprometida. Em consequência à conclusão a que chegou – “as forças combatentes da FNLA são de longe muito mais importantes, são as mais eficazes e [ela] constitui de facto a única Frente de combate em Angola” – deve ser revista, não podendo ser aceite tal e qual, na nossa opinião, nem pelo Comité de Coordenação nem pelo Conselho de Ministros da OUA.

Vejamos mais de perto a realidade objectiva.

Nenhuma frase, nenhuma palavra da exposição do Sr. HOLDEN Roberto, nem mesmo o jogo de perguntas e respostas a que foi submetido e que se encontram registadas nas actas das sessões da digna Missão de Bons Ofícios, permitem obter um

só argumento que leve à conclusão de que “as forças combatentes da FNLA são de longe muito mais importantes e mais eficazes...”

Em Angola, a eficácia de uma força combatente pela libertação nacional não pode, em caso algum, ser reduzida ao volume dos efectivos militares aquartelados no exterior do país, como ressalta da exposição do Sr. HOLDEN Roberto.

Sendo a luta em Angola simultaneamente política e militar, a eficácia e importância das forças combatentes são, forçosamente, função do grau de enquadramento político dos efectivos militares. Quer dizer, uma e outra são função do grau de controlo das forças militares por uma organização política solidamente estruturada, activa e enraizada nas massas populares.

De outro modo, não se atinge a necessária politização das populações, não se realiza o recrutamento entusiasta dos militantes e dos guerrilheiros, a luta pára ou até recua.

Para que sejam eficazes, as forças combatentes devem estar aptas a crescer no próprio seio do povo. O seu crescimento é directamente função do nível político e militar que elas tenham atingido.

* * * * *

A UPA e o PDA, e por conseguinte a FNLA, são organizações de carácter tribal e regional que não possuem nem estruturas sólidas nem um programa susceptível de lhes assegurar o apoio das massas populares angolanas.

Na exposição que o próprio Sr. HOLDEN Roberto fez à digna Missão de Bons Ofícios, pode ler-se o que se segue: “... A União das Populações de Angola foi fundada a 10 de Julho de 1954 nesta mesma cidade de Léopoldville por emigrados angolanos...” (Cf. Acta das sessões da digna Missão de Bons Ofícios) e mais adiante acrescenta: “... os dirigentes da União das Populações de Angola decidiram unir os seus esforços aos do Partido Democrático de Angola, um outro movimento de massas constituído por emigrados angolanos no Congo” (Cf. a mesma acta). Conclui por fim: “Foi daí que nasceu a Frente Nacional de Libertação de Angola”.

Num artigo escrito em Léopoldville e publicado em “Toward Freedom” (Vol. 8, N.º 6, Junho 1961 – Chicago/USA), o Sr. RUSSEL Warren Howe declarava: “A UPA é essencialmente um partido Bakongo”. No mesmo artigo, Russel W. Howe advertia: “Se, como é possível, a pessoa do Sr. Roberto se impusesse como autoridade principal do país, muitas coisas dependeriam da sua habilidade em estabelecer a sua autoridade sem utilizar medidas que lhe atrairiam o ódio dos seus inimigos de tribo”.

O jornalista francês Sr. Eric ROULEAU, que tinha entrado em contacto com os dirigentes da UPA em Léopoldville, constatou que “os dirigentes da UPA são, na sua maioria, Bakongo”. (Cf. “Le Monde” de 15 de Março de 1962).

E mais recentemente ainda, na revista americana “Time Weekly Magazine”, num artigo intitulado “os laços do sangue” pode ler-se: “A oferta de cooperação por parte de ANDRADE foi rejeitada pelo seu inimigo implacável, HOLDEN Roberto, de 38 anos de idade, membro da grande tribo dos Bakongo de que a União das Populações de Angola recebe um apoio considerável...” (Cf. “Time Weekly Magazine” de 31 de Maio de 1963).

Como se vê, tanto a UPA como o PDA, e por conseguinte a FNLA, são organizações de emigrados angolanos, originários da região de São Salvador e de Maquela do Zombo. A sua formação é devida mais ao contacto com os inúmeros Partidos políticos congolezes do que ao desenvolvimento da situação real no interior do país. Não se trata pois de organizações verdadeiramente nacionais, com ramificações, se não por todo o país, pelo menos numa grande parte do território nacional.

A UPA nunca deu a conhecer ao povo angolano nem ao mundo os seus estatutos. Basta ver o jogo de perguntas e respostas registadas na acta das sessões da digna Missão de Bons Ofícios (Segunda-feira, 15 de Julho de 1963) para se perceber quais são as estruturas da UPA e do PDA, e portanto da FNLA, tanto no interior como no exterior de Angola.

Com efeito:

Pergunta: “O líder da FNLA nomeia os seus ministros como quer, ou não?”

Resposta: “Temos um sistema colegial, quer dizer que as decisões são tomadas em conjunto, mas a minha opinião conta em última instância”.

Pergunta: “No que se refere à remodelação, o Sr. Presidente da FNLA poder-nos-ia dizer qual é o órgão da Frente que decide sobre isso?”

Resposta: “O Comité Executivo”.

Pergunta: “Qual é a composição deste Comité Executivo?”

Resposta: “Os membros dos dois partidos políticos que formam a Frente (FNLA)”

Pergunta: “Peço ao Senhor Holden para nos fazer ressaltar a diferença entre o Comité Nacional que mencionou e o Comité Executivo”.

Resposta: “O Comité Nacional modifica o Comité Executivo que por sua vez modifica o Governo”.

Pergunta: “O Governo desempenha um papel executivo?”

Resposta: “Para nós o Governo é sinónimo do Comité Executivo da Frente”.

Além da sua origem estranha ao país, a UPA e o PDA, e por conseguinte a FNLA, ainda não provaram, nem por documentos nem pela sua actividade, que a luta que prosseguem têm objectivos verdadeiramente patrióticos e africanos e que corresponde às aspirações mais profundas das massas populares angolanas.

O silêncio quase absoluto que o Senhor HOLDEN observou perante a digna Missão de Bons Ofícios a respeito do grave problema da unidade do nacionalismo angolano, é particularmente revelador das suas “preocupações” sobre a Angola de amanhã.

Tal é alias a linha política que o Senhor Holden Roberto mantém: ou o silêncio ou a oposição enganosa à solução dos problemas-chave da luta de libertação nacional.

Um pouco por todo o mundo, a imprensa tem evocado, várias vezes, as razões que um tal comportamento esconde.

Muito depois de a ALLIAZO (Aliança dos Originários do ZOMBO) se ter tornado PDA, um Vice-Presidente Geral deste Partido, o Senhor MATUMONA, afirmou sem rodeios, no “Courrier d’Afrique” de 5 de Fevereiro de 1962: “As pressões americanas exercem-se sobre a UPA, Partido de Roberto HOLDEN. Com efeito, não escapa aos observadores que o apoio material e financeiro de que goza a UPA provém na sua quase totalidade dos Estados Unidos, mais precisamente do Comité Americano para a África.

Este apoio financeiro (...) estaria condicionado à não união da UPA com o MPLA, que os meios americanos apelidam de comunista. Isso explicaria a intransigência radical que sempre mostrou Roberto HOLDEN em relação à sua união ao MPLA ou a qualquer espécie de Frente em que figurasse o MPLA”.

Num artigo do “Observer”, o Sr. COLIN LEGUM afirmou: “O MPLA é geralmente considerado um movimento de esquerda revolucionário (é denunciado como “comunista” por HOLDEN). A UPA é considerada como um movimento nacionalista; é do conhecimento público que a UPA recebe apoio e fundos dos EUA” (Cf. artigo “Angola Rebels Turn Guns One Another” in “The Observer” 18 de Março de 1962).

Sobre o grave problema da formação de quadros técnicos e políticos para assegurar o futuro da Pátria, o Sr. HOLDEN Roberto mantém o mesmo silêncio significativo.

Sobre o problema premente da assistência aos milhares de Angolanos refugiados na República do Congo, nem uma palavra.

Todo este silêncio chocante está em contradição com o barulho que fazem os dirigentes da FNLA sobre o volume dos seus efectivos militares que variam, segundo as declarações que provêm do Sr. HOLDEN Roberto ou dos seus representantes: 4.000-3.600 homens na base de Kinkuzu no Congo; 25.000-30.000 em armas no interior de Angola; bazookas, canhões de todos os tipos, morteiros, metralhadoras, etc... Todos estes [factos] demonstram claramente, são a prova evidente, que a política da UPA-PDA, e portanto da FNLA, se destina a enganar a opinião pública mundial, criando assim equívocos que lhes permitiriam apresentar-se, a determinado momento, como únicos interlocutores válidos face a um Portugal que se encontraria sob a pressão “oportuna” dos seus aliados da NATO...

A luta fratricida no norte do país, e de que a UPA é responsável, é uma das provas mais evidentes da sua política oportunista e anti-nacional.

Devido à sua submissão aos interesses não africanos, nem a UPA nem o PDA, e por conseguinte nem a FNLA, podem garantir a defesa do neutralismo e da unidade, definidos ainda recentemente em Addis Abeba, como princípios essenciais da política de qualquer Estado Africano.

Se a digna Missão de Bons Ofícios se tivesse debruçado sobre uma análise completa da situação fornecida pelo representante do MPLA – o Dr. Agostinho NETO – em vez de sobre dados parciais fornecidos pelos Srs. CRUZ e ROBERTO, não teria podido concluir que “a importância da força do MPLA, comparada à da FNLA, é aparentemente bastante pequena”, nem teria tão pouco concluído que “a manutenção da existência de uma outra Frente de menor importância, tal como o MPLA, é prejudicial à rápida ascensão à independência do povo angolano”.

O MPLA é uma força importante em Angola. É a própria história da luta que nos permite afirmá-lo.

O povo angolano nunca aceitou, sem combate, o odioso sistema de opressão colonial.

Desde o fim da segunda guerra mundial e seguindo a corrente nacionalista que alastrava por toda a África, dezenas de pequenas organizações clandestinas se formaram em todo o país, espalhando a palavra de ordem de luta pela libertação nacional.

Por volta dos anos 50, e como resultado da intensificação da repressão colonialista, as manifestações nacionalistas foram retomadas com um novo ardor e tornaram possível a criação de uma primeira Frente comum angolana.

Com efeito, em 1956, tendo em conta as condições políticas tanto nacionais como internacionais que permitiam prever uma guerra de longa duração em Angola, o MPLA, trabalhando na clandestinidade, elaborou um Manifesto apelando à união de todas as forças combatentes.

Esse Manifesto, que foi amplamente difundido, convidava o povo angolano a organizar-se numa frente única a fim de combater melhor para a liquidação do colonialismo português, com o fim de fazer de Angola um Estado independente e de instaurar um governo democrático, um governo de coligação de todas as forças em luta pela libertação da Pátria.

Em resposta a esse Manifesto histórico, as organizações nacionalistas que existiam naquela altura no interior do País, fundiram-se imediatamente com o MPLA.

A repressão colonial abateu-se então com uma violência inaudita sobre os nacionalistas e levou à prisão de um grande número de dirigentes de entre os mais conhecidos, na maioria membros do MPLA: foi o famoso “PROCESSO DOS 50”.

Aquando desse processo, a população de Luanda, respondendo às palavras de ordem do MPLA, reivindicou com coragem o direito de assistir ao julgamento desses heróicos combatentes levados a um tribunal de excepção.

O “Processo dos 50” foi a consagração do nacionalismo angolano perante o mundo inteiro e afirma ao mesmo tempo o papel dirigente desempenhado pelo MPLA.

A partir dessa data, e tendo em conta a posição intransigente do Governo português, o recurso à “acção directa” surgiu ao nosso Movimento como sendo a única via possível para fazer triunfar o direito do povo angolano à autodeterminação e à Independência.

Sempre à cabeça do movimento nacionalista, o MPLA, em Conferência de imprensa dada a 6 de Dezembro de 1960 na Câmara dos Comuns em Londres, sob os auspícios do “Movement for Colonial Freedom” foi a primeira organização política angolana a lançar ao povo angolano a palavra de ordem de “acção directa” contra o colonialismo português.

Foi o MPLA quem desencadeou a insurreição armada em Angola no decorrer dos dias 4, 5 e 6 de Fevereiro de 1961.

Esses dois acontecimentos, que marcam a primeira ruptura irreversível do nacionalismo angolano com as ilusões reformistas alimentadas até então pelas outras organizações nacionalistas angolanas, confirmaram a maturidade política do povo angolano e colocaram, sem equívocos, o MPLA no topo do movimento revolucionário.

A acção empreendida em Luanda encorajou a decisão dos camponeses do norte do país a passarem à insurreição, a 15 de Março de 1961. As massas camponesas dos distritos do Congo, Malanje, Cuanza Norte e Cuanza Sul, utilizando armas rudimentares, conseguiram libertar uma parte do território.

Só a procura incontrolada de prestígio internacional pôde levar o Sr. Holden Roberto a afirmar que a UPA foi o promotor da luta armada engajada na segunda semana de Março de 1961 no distrito do Congo.

Basta lembrar o “New York Times” de 20 de Março de 1961 onde se pode ler:

“O líder do movimento africano para a independência de Angola deplorou a extrema violência dos africanos para com os colonos portugueses no norte de Angola – província de S. Salvador. O Sr. Holden disse que alguns membros da sua organização estavam implicados nesses ataques, mas negou que agissem sob as ordens do seu partido. Disse que esses atacantes eram trabalhadores contratados que se rebelaram contra o trabalho forçado. Sou um revolucionário, declarou ele, somente porque um cristão que permanece silencioso perante um crime, torna-se cúmplice desse crime.” (Cf. “New York Times” de 20 de Março de 1961).

A acção da UPA, em alguns sectores de combate no norte do país foi apenas a propagação de ideias de conteúdo racista e tribalista que contribuíram para dividir as massas populares combatentes e permitiram ao exército colonialista organizar a contra-ofensiva e reocupar a maior parte dos centros administrativos e comerciais.

Contudo, e não obstante o carácter divisionista imprimido à luta pelos dirigentes da UPA, o MPLA nunca deixou de trabalhar para a unidade do povo angolano, convencido de que só na unidade é que as forças nacionalistas poderão acelerar o processo da luta de libertação nacional.

Consciente também do perigo que a divisão das forças angolanas faz pesar sobre o sucesso da causa nacional, o MPLA, em cada etapa importante da luta, desencadeou campanhas com vista à formação de uma Frente unida de todos os movimentos políticos em torno de um programa mínimo de luta contra o colonialismo português.

O ponto essencial da nossa política continua sempre a ser o apelo à unidade das forças nacionalistas angolanas.

Já no decurso da segunda Conferência dos Povos africanos que teve lugar em TUNIS em Janeiro de 1960, dois dirigentes do MPLA assinaram com um dirigente da UPA um acordo de princípio estabelecendo a necessidade da coordenação da luta contra o colonialismo. Mas esse acordo não teve seguimento e a divisão manteve-se nas fileiras das organizações políticas de Angola.

Um outro Apelo à Unidade foi dirigido pelo MPLA a todas as organizações, em Dezembro desse mesmo ano (1960), antes mesmo do MPLA decidir em Londres passar à “acção directa”.

Desde então, e após a eclosão da luta armada, o MPLA não cessou de desenvolver actividade com vista a formar uma Frente. Foram feitas diligências nesse sentido junto de diversos governos africanos para a realização da Frente. Mas, tal como antes, o MPLA viu a organização de uma Conferência da Unidade recusada pela UPA. Pelo contrário, a formação da Frente UPA-PDA, que visava usar a exclusão contra o MPLA, confirmou o seu espírito de intransigência e o seu carácter partidário.

O MPLA, cujos estatutos lhe dão uma estrutura verdadeiramente democrática, adquiriu desde 1956, graças ao seu programa de defesa das massas populares mais desfavorecidas, um prestígio que o coloca na vanguarda no que respeita à orientação e ao desenvolvimento da luta de libertação nacional.

Milhares de militantes do MPLA lutam ao lado do povo em todas as regiões onde se manifesta a guerra contra o colonialismo português.

O MPLA é mais um Movimento do que um Partido. Mas não pode ser definido como um movimento ideológico, de classe, regional ou tribal.

O seu programa sugere, para a Angola livre e independente de amanhã, a necessidade de garantir o exercício das liberdades e dos direitos definidos pela Declaração Universal dos Direitos do Homem; o respeito pela propriedade privada, a cooperação de todas as classes sociais angolanas na base da justiça social; um Estado com uma estrutura e um funcionamento democrático, um governo de coligação nacional que respeite os princípios da Carta das Nações Unidas e que pratique uma política externa independente.

O neutralismo positivo que praticamos em política externa não é para esconder qualquer opção deliberada por uma ideologia, nem poderia ser considerado como uma tática de chantagem.

No decurso desta fase de libertação nacional, não se trata de empenhar a nossa política neste ou naquele sistema. O único compromisso que assumimos hoje é o de nos esforçarmos sinceramente por eliminar a tentativa de instalação de uma guerra fria entre os nacionalistas angolanos e por prevenir as complicações das intrigas internacionais numa Angola independente.

O MPLA é membro da Conferência dos Povos Africanos assim como da Conferência de Solidariedade dos Povos Afro-Asiáticos.

O facto de o MPLA ter sido a única organização angolana a ter resolvido concretamente o problema dos quadros militares, técnicos e políticos, com vista a elevar o nível da luta do povo angolano e a assegurar o sucesso da independência de Angola; o facto de o MPLA ser a única formação política angolana a ter criado, na República do Congo-Léopoldville, uma organização de assistência aos Refugiados Angolanos, o CVAAR, cujo campo de acção e eficácia não é preciso demonstrar mais; tudo isto prova suficientemente que o MPLA é um combatente pela unidade angolana e pela Unidade africana, destaca o espírito e o sentido de responsabilidade de que dão prova os dirigentes do MPLA e justifica o acolhimento oficial e fraterno que os dirigentes do MPLA encontram junto dos Chefes de Estado e dos povos africanos.

A afirmação segundo a qual as forças combatentes do MPLA são de longe inferiores às da FNLA é completamente infundada e não corresponde à realidade objectiva da situação da luta em Angola.

Com efeito, e depois da generalização da luta em Março de 1961, duas tendências se instalam entre as populações insurrectas. Uma, de obediência à UPA, ocupando um triângulo com os vértices em São Salvador, Bessa Monteiro e Bembe, constituído exclusivamente por angolanos de expressão Kikongo. Outra, sob a bandeira do MPLA, ocupando as regiões periféricas de Luanda e tendo grandes concentrações mais para o interior, em Nambuangongo e Dembos.

A contra-ofensiva portuguesa, iniciada no mês de Abril de 1961, obrigou as populações a refugiarem-se nas florestas e a integrar a guerrilha.

Após um estudo sério da nova situação estratégica, o MPLA, ajudado de perto por responsáveis dos países irmãos de África, adoptou e definiu medidas adequadas e urgentes, cujos princípios foram:

1 – A formação, no Marrocos e na Argélia, de um destacamento de jovens treinados para a guerrilha. Esse destacamento foi destinado a enquadrar os guerrilheiros do MPLA que se encontravam nas matas a fim de melhorar o nível militar da resistência. Foi assim que foram treinados quase trezentos quadros.

2 – Formação de um destacamento de monitores políticos que tinha por tarefa tornar as populações e os guerrilheiros conscientes das duras condições da luta empreendida e dar-lhes uma consciência política. Já trabalham 100 monitores no seio do nosso povo.

3 – A instalação de dispensários ao longo da fronteira Congo-Angola e a formação de um corpo de enfermeiros.

Os dispensários e o corpo de enfermeiros visam garantir o apoio sanitário à guerrilha e às populações refugiadas. O corpo de enfermeiros que presta assistência aos refugiados nos 22 dispensários situados ao longo das fronteiras e que acompanha os militares, ultrapassa a meia centena.

4 – A formação de um comando de guerra.

5 – O pedido de concessão de uma base militar na República do Congo. O campo militar teria servido para treinar milhares de nacionalistas que todos os dias se inscrevem para servir nas fileiras do Exército do MPLA – EPLA.

Apesar das promessas reiteradas das autoridades congolezas, o MPLA não obteve tal concessão, ao contrário da UPA que a tem desde 1962.

6 – O pedido de autorização para o trânsito legal de armas e munições destinadas aos guerrilheiros do MPLA.

Até agora, apenas a UPA beneficiou dessa autorização que também fora prometida ao MPLA, o que nos obriga a condições difíceis e por vezes perigosas...

O MPLA praticou uma política aberta para a unificação das forças combatentes em Angola visando evitar a luta fratricida. Apesar disso, a UPA atraiu, por duas vezes, guerrilheiros do MPLA para emboscadas: a primeira a 9 de Outubro de 1961, e a mais recente a 28 de Abril de 1963.

A carência de armamento e de munições provocada pela falta de autorização de circulação e as dificuldades de movimentação criadas aos nossos militares na República do Congo pela UPA, assim como o perigo de emboscadas permanentes montadas pela UPA contra os nossos guerrilheiros no corredor de ligação com as zonas de guerrilha de Nambuanguongo e Dembos, são obstáculos que temos que vencer. Contudo todas estas dificuldades não impediram o MPLA e o EPLA de intensificarem as suas actividades militares.

Os guerrilheiros do MPLA nunca cessaram os combates contra os colonialistas, quer na região de Nambuanguongo (comandados pelo Comandante Bomboko), quer na região dos Dembos (comandados pelo Comandante Talamungongo).

O EPLA procedeu ao reconhecimento de zonas estratégicas de Angola e de Cabinda, estabelecendo as condições mínimas para uma luta em profundidade.

Desde a abertura de uma Frente em CABINDA pelo MPLA, em Janeiro de 1963, colonialistas portugueses instalados nessa zona, não tiveram mais a oportunidade de descansar, graças às acções dos guerrilheiros.

As Forças do EPLA travaram outros grandes combates nas zonas próximas do Rio Kwango, na região de Malanje, na área compreendida entre Malanje e Luanda [*sic*] (zona de algodão).

Outros combates de importância mais reduzida tiveram lugar na zona perto do Lobito (no centro) e de Porto Alexandre (no Sul). Os guerrilheiros do MPLA, instalados nas matas e montanhas, enquadrados por 250 militantes treinados no Marrocos e na Argélia, assim como as duas centenas (200) de guerrilheiros treinados na fronteira pelos nossos quadros militares, são as mais duras forças que os colonialistas tiveram de enfrentar, em combates sem tréguas.

Sabemos que o combate heróico travado pelo povo angolano para a sua libertação nacional comporta insuficiências cujas causas principais residem, por um lado, na divisão do nacionalismo angolano, e por outro lado, nas difíceis condições de trabalho em que se encontra o MPLA na República do Congo (Léopoldville).

CONCLUSÃO

O inimigo irreconciliável do MPLA é o colonialismo português. O objectivo do combate que o MPLA não cessa de travar é a independência de Angola, através de uma revolução que destrua o regime colonial. O MPLA afirma que a condição essencial, não só para a vitória da revolução e a consolidação da futura independência de Angola, mas igualmente para a realização completa da unidade africana, reside na unidade do povo e de toda as forças combatentes do nacionalismo angolano.

O MPLA considera que o respeito pela unidade do povo e a unidade do nacionalismo em luta contra o colonialismo, assim como o respeito pela soberania popular e as condições que garantem a consolidação da independência nacional, são elementos constantes da moral, do direito e dos valores dos povos coloniais.

O MPLA considera que a necessidade de um governo se inscreve no processo real do Movimento de libertação do povo angolano. Mas o MPLA crê que a autenticidade e a legitimidade de um tal Governo deverá ser consequência, por um lado de uma investidura concedida sem discriminação por todo o povo angolano, e por outro lado, de uma garantia de representatividade da Nação. Por outras palavras, um verdadeiro Governo deverá traduzir a sua vocação universal de tornar a libertação de Angola a obra de todos os Angolanos e não a de uma fracção do povo, seja qual for a sua importância.

A Nação Angolana merece um Governo nascido da vontade popular o qual, pelo processo da sua formação, possa oferecer garantias de se colocar ao serviço de toda a Nação. A revolução angolana, que quer conquistar a independência de Angola a fim de aí instaurar um regime democrático que garanta a igualdade sem discriminação de qualquer tipo de todos os cidadãos da pátria, não se deve traduzir numa guerra civil secessionista ou ideológica.

O “Governo da República Angolana no Exílio”, sendo por natureza não representativo, só consagraria, caso viesse a ser reconhecido pelos Estados irmãos

de África, a divisão do nacionalismo angolano, o que alimentaria ainda mais a luta fratricida já instaurada pela UPA em Angola.

* * * * *

O povo angolano já demonstrou suficientemente à África e ao mundo o seu espírito de sacrifício, a sua coragem e a sua coerência política.

Temos confiança nele.

Sabemos que ele saberá defender até ao fim o seu legítimo direito à autodeterminação e à Independência e construir as suas próprias instituições.

O MPLA declara solenemente que se baterá em todas as circunstâncias contra a divisão do nacionalismo angolano.

É por isso que o MPLA se permite chamar a atenção do digno Comité de Coordenação para a Libertação de África para as graves consequências que decorreriam de uma aceitação pura e simples das recomendações da digna Missão de Bons Ofícios.

Feito em Dakar, a [6] de Agosto de 1963

Em nome do Comité Director

(assinado) Agostinho NETO

Presidente do MPLA

Comunicado do MPLA sobre Eleições em Angola

[*policopiado, em francês*]

[*Endereço do MPLA em Léopoldville*]

DOC. 111/63 – AM/LF.

O Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), face aos rumores confusos criados à volta de vagas ELEIÇÕES que o governo português estaria em vias de preparar em Angola, e fiel à posição que sempre tomou em relação a eventuais negociações com o governo de Lisboa, faz questão de declarar o seguinte:

– Na medida em que essas ELEIÇÕES apresentam sempre um carácter falacioso, e nunca tendo o governo português precisado a sua natureza,

Na medida em que o governo português se obstina em não aceitar a via preconizada pelas Nações Unidas, nomeadamente na Resolução 1514 (XV) e na última Resolução do Conselho de Segurança das Nações Unidas (S/5372);

O MPLA considera que o governo português quer criar com essas enigmáticas eleições, uma situação de expectativa que desarme o nosso Povo em luta.

O MPLA denuncia a repetição dessa manobra do governo colonial e fascista do Sr. Salazar. O MPLA apela a todos os Angolanos e em particular a todos os militantes para que não cessem de demonstrar o carácter falacioso de tais “eleições”.

O MPLA chama a atenção da opinião pública angolana e internacional para a sua declaração de 18 de Abril de 1963 – O MPLA E O REFORMISMO COLONIAL – onde a posição do MPLA sobre as pseudo-reformas é muito clara.

Feito em Léopoldville, a 9 de Agosto de 1963

[*carimbo do CD do MPLA*]

O COMITÉ DIRECTOR

Carta de Agostinho Neto aos camaradas na Argélia

[*policopiada*]¹

[*Endereço do MPLA em Léopoldville*]

PRESIDÊNCIA

Nº. Extra/PRES/963

Léopoldville, 27 de Agosto de 1963²

Aos Quadros Dirigentes

Estagiários na Argélia

Camaradas:

Os acontecimentos dos últimos meses e, especialmente, a recomendação da Comissão de Conciliação, assim como o reconhecimento do “Governo” do Holden por alguns países, provocaram aos militantes do nosso Movimento as mais justificadas preocupações.

Provocaram também alarme e desespero. E a tal ponto que todas as dificuldades internas do Movimento foram hipertrofiadas, e a conspiração imperialista contra o MPLA desprezada na análise apreciativa desses factos.

Pensar na deserção, no recuo, na desistência é hoje uma consequência da sensação de derrota irreversível que alguns experimentam.

Mas os militantes convictos e firmes não pensam assim. Continuam a existir na nossa luta, todas as possibilidades de vitória.

É essa a convicção que exprime nesse momento o Comité Director do Movimento.

A luta do Povo Angolano pela sua Independência, tem sofrido das contingências dum longo contacto com [o] exterior e revelou duas tendências principais desde o início. A representada pelo nosso MPLA, batendo-se [*bate-se*] por uma verdadeira Independência, evitando o enfeudamento do País a qualquer potência imperialista,

¹ Existe também uma cópia manuscrita (cujas diferenças estão assinaladas em itálico, entre parênteses rectos) e saíram extractos impressos numa publicação do DEPI.

² No manuscrito há uma nota: “Carta do Camarada Neto recebida a 13/9/63 durante o nosso estágio em Marnia (Carta chegada na hora H em que camaradas estavam no moral mais baixo e em que outros escondendo a verdade que os preocupavam, queriam sair directamente para Argel sem outras considerações e contra as regras militares tinham lá os seus fins.”

por outro lado, a corrente engajada e orientada pelo imperialismo, comprometendo-se desde já no neocolonialismo.

Sabem os militantes do Movimento que só o MPLA poderá garantir ao nosso Povo, a sua real separação do domínio estrangeiro e a independência da sua economia e da sua vida social.

Em África, e essencialmente no Congo-Léopoldo, a dominação estrangeira é cada vez mais sensível e importante. Não admira portanto, que o MPLA fosse asfixiado no Congo, nem que o governo congolês auxiliasse o grupo fraccionista contra o nosso Movimento. Não admira que em certos Países Africanos, o MPLA não conseguisse impor-se.

Todos os militantes conhecem os factos relacionados com a prisão e espancamento dos nossos maquisards, no território congolês. Todos sabem que as nossas acções militares foram prejudicadas pela proibição de receber armamento sobre o território congolês.

O assassinato traiçoeiro em Angola das colunas de militantes, é apenas um aspecto da mesma conspiração imperialista traçada contra as forças progressivas da África.

Depois da I Conferência Nacional, a Direcção do Movimento prestou uma especial atenção à penetração no Interior do País, e o vosso estágio e treino na Argélia, obedeceu ao plano de dotar a nossa luta de quadros responsáveis e habilitados para o duro da luta político-militar. Todos os dirigentes do Movimento devem sofrer essa preparação para actuar no interior.

Pode ser hoje revelado que a aquisição de armamento e a resolução de todos os problemas levantados para a entrada no País, foram estudados, em parte solucionados, e só a sabotagem conscientemente praticada por alguns, fez abortar certos planos que nos conduziram a [um] estágio diferente da luta.

Hoje, a guerra psicológica e política feita contra o Movimento, tem feito nascer em alguns militantes uma espécie de complexo de inferioridade que os torna facilmente permeáveis à propaganda de adversários e inimigos.

E, mais grave ainda, esses militantes procuram encontrar a escapatória que lhes permite aplicar com “dignidade” uma teoria de salvação pessoal, capaz de possibilitar o sacudir a água do capote, alijando de todo o complexo actual a carga de responsabilidade que cabe a cada militante consciente.

Que factos graves podem ter-nos conduzido a esta situação?

Quanto a nós, esses factos são:

- 1º – O fraccionismo desenvolvido no seio do Movimento por alguns ex-militantes;
- 2º – As suspeitas lançadas sobre o FDLA;
- 3º – A demissão ou deserção de alguns dirigentes.

[1º] De facto, desde há um ano, começaram a revelar-se as contendas que viviam enquistadas entre os dirigentes do Movimento, minando as relações entre estes, bem desde Conakry e mesmo desde Paris e Accra. O pessoalismo, a sede do poder, a ambição mal escondida, a presunção e ainda a falta de coragem para enfrentar directamente o inimigo, eram notórios em alguns. Os aspectos mais declarados destas competições intestinas foram revelados recentemente, com a actividade fraccionista de Viriato da

Cruz e mais tarde pela tentativa de golpe de força dirigido por este, ou ainda os planos de liquidação física dos dirigentes actuais do Movimento.

Começando por palavras de ordem esquerdistas, (como por exemplo o combate contra a tese da inevitabilidade do neocolonialismo gratuitamente atribuída a nós) acabou este grupo fraccionista por se submeter à orientação da UPA, propagando as suas frases racistas, incluindo os ataques aos mestiços e às esposas brancas, repetindo um ódio estranho contra os universitários e, finalmente assobiando mal a ária do colaboracionismo que já o Holden cantava contra o MPLA desde há muito [mais] tempo. Esse grupo fraccionista procura hoje, após a sua expulsão do Movimento uma integração na corrente Holden e no seu “governo”, ao mesmo tempo que continua a sua acção para destruir totalmente o MPLA. E o que é triste, é que tudo acontece porque Viriato da Cruz “foi o primeiro na escola, foi o primeiro no liceu, foi o primeiro na política e não pode ficar no quintal do Senhor Neto” – conforme ele próprio explicou.

Os camaradas menos avisados, não notaram que quem hoje se submete incondicionalmente ao Holden, sob [a] frágil capa de “Unidade”, não foi capaz de se entender com os seus próprios camaradas de Conakry e guerreira com ódio aqueles entre os quais se encontrava; não foi capaz de falar de conciliação senão depois de terem sido abortados os planos de destruição do Movimento e da liquidação física dos seus antigos companheiros. Sejam quais forem os princípios ultra-revolucionários invocados, toda esta prática exala desonestidade, e compreende-se como é difícil pactuar com ela.

2º – A constituição do FDLA obedeceu ao desejo veementemente expresso pelo conjunto da população angolana refugiada no Congo e [do] Norte do País. Correspondeu ao desejo e à necessidade política da maioria das organizações nacionalistas. Os militantes interessados sabem como o Movimento se esforçou por lançar a palavra de ordem da Unidade e a ideia da Frente Única, principalmente após a I Conferência [após a I Conf Nacl. A posição tomada nesta conferência é a constante], é a constante do relatório sobre [a] linha política onde se lê:

“Um ponto essencial da nossa política, consiste no apelo à Unidade das forças nacionalistas angolanas”... “A nossa posição é clara: Nós somos pela formação orgânica de uma Frente Unida sobre a base de um programa mínimo de luta pela Independência Nacional, elaborada de comum acordo. No seio dessa Frente, o MPLA velará pela salvaguarda da sua personalidade política”.

O mandato implícito nesta resolução foi em [boa] parte realizado no FDLA, e só quem desconhece a realidade concreta do nacionalismo angolano pode pensar que o FDLA constitui um elemento inútil na nossa política e mesmo prejudicial. E aqueles que falam de heterogeneidade necessitam de esclarecer primeiro, onde estão as forças homogêneas do ponto de vista político, ou aqueles que seriam naturalmente irmãos. De resto já o programa mínimo do MPLA, especificava:

“a) Criação de um Front angolano de Libertação que agrupe numa larga união todos os partidos políticos, todas as organizações populares, todas as forças armadas, todas [as] personalidades eminentes do país, todas as organizações religiosas, todas as camadas sociais africanas, todos os angolanos residentes no

estrangeiro, sem distinção de tendência política, de condições de fortuna, de sexo, de idade; a fim de prosseguir...”¹

Antes mesmo de Addis Abeba, as primeiras conversações tinham sido realizadas com o MNA e a UNTA Em Dar-es-Salam o Presidente do MPLA apresentou-se ali na companhia do Presidente do MNA. No entanto, o NGWIZAKO também discutia com o MPLA e a UNTA sobre os princípios a seguir para efectuar a luta contra o colonialismo português. Essas conversações arrastaram-se a fim de se tratarem todos os pontos e com exaustão, como o tribalismo, a atitude [de] não-violência e o neutralismo em política internacional.

Estas quatro organizações já se encontravam em estadio avançado [adiantado] da sua tarefa, quando o ex-Presidente Youlou se lembrou de convidar todos os partidos políticos angolanos com o fim de fazer um apelo à Unidade. A esse encontro, compareceram, tanto a UPA como [o] MDIA ou o MLEC, além de nós. Tendo o Holden recusado a formação de uma Frente Única, o MPLA e os outros Movimentos confraternizaram num “almoço da Unidade” oferecido pelo ex-Presidente. Foi nesse momento que o MDIA pediu a sua adesão ao FDLA. Houve as reservas que se põem hoje no campo internacional, devido às antigas posições deste Movimento, que nós próprios denunciámos. Mas a euforia da Unidade era já invencível e começou o processo das conversações, a fim de modificar totalmente a sua atitude política. A exclusão de colaboracionistas conhecidos como Jean Pierre Mbala foi um facto, assim como a daqueles que o seguiam. Conferências de Imprensa e comunicados nos jornais anunciam o abandono da política [de] não-violência e a aceitação dos princípios defendidos pelo MPLA.

Note-se que o processo seguido foi idêntico ao praticado com o NGWIZAKO. Porém, refutamos totalmente as afirmações de alguns militantes que repetem a propaganda imperialista, segundo a qual o FDLA teria sido constituído por “inspiração” do Abade Fulbert Youlou. É falso. O FDLA ter-se-ia formado mesmo sem Brazzaville e a reunião do ex-Presidente do Congo, apenas serviu para confirmar as tendências que se concretizavam no Congo-Léo. Nenhum compromisso houve entre o FDLA e Brazzaville.

É nossa convicção que a realização de uma Frente Única pode resolver os inúmeros problemas do nacionalismo angolano e as condições actuais da nossa luta, orientada do exterior, a Unidade permitiria que se seguisse uma política justa e eficiente. Nessa Frente, os traidores, colaboracionistas e ambiciosos dificilmente teriam lugar, e este facto explica em grande parte o fraccionismo [fraccionamento] do nacionalismo angolano; dentro de cada formação [fracção] cada ambicioso pode ser uma cabeça, cada oportunista pode realizar uma política, cada marionete seguir um mentor [mestre], cada tendência ligar-se a determinado País para realizar a política desse País.

Os germes da guerra civil poderiam ser combatidos com maior eficácia, dentro de uma Frente Unida [da Frente Única]. Aqueles que ainda pensam – à maneira do Comité de Conciliação – que a Unidade pode ser resolvida pela eliminação pura e simples de uma parte dos elementos a unir, iludem [apenas] o problema. Aqueles que dizem que o MPLA já é uma Frente, não precisa [não era preciso] unir-se aos outros

¹ Este parágrafo não vem no manuscrito onde vem a seguinte nota: “Parte incompleta na margem da carta e que pedirei ao autor para completar.”

Movimentos, metem a cabeça na areia. Aqueles que manifestam a sua repugnância pelos elementos da nossa população refugiada ou emigrada menos capazes politicamente e evitam [cortam] o diálogo com eles, recusam simplesmente [a] compreender a realidade concreta [completa] do nosso País, que não tem [uma] população politizada e de modo algum se pode assemelhar a um país europeu.

É certo que a notícia da chegada a Léopoldville duma “Comissão de Conciliação” animou-nos a prosseguir na tarefa da realização do FDLA. A nossa ideia era a de que tal Comissão viria “conciliar” os Movimentos políticos angolanos e, com o FDLA apenas haveria o problema do [de um] entendimento com [o] FNLA. Quanto a nós, a Comissão não realizou a sua tarefa, e pretextando a “divisão” do MPLA ou o “oportunismo” da formação do FDLA, resolveu considerar apenas como força válida, o FNLA.¹ (Não se deve esquecer que Viriato da Cruz apareceu diante da Comissão de Conciliação, trazido pelo Holden [pela mão do Holden], apenas para demonstrar que o MPLA estava “dividido”).

O FDLA contém no seu seio a UNTA que não pode ser considerada colaboracionista, assim como o MNA. Contudo, devo assegurar-vos que a política realizada no FDLA é a política do MPLA e só pela afirmação da personalidade do Movimento consentiríamos na realização dessa Frente.

A mobilização do Povo² faz-se mais facilmente dentro do FDLA e alguns resultados concretos têm sido obtidos desde já dentro do nosso País.

3º – A deserção do Lima não nos espantou, mas as justificações da sua atitude dadas por ele a certos dirigentes de países africanos, contribuíram certamente para se pensar que o MPLA era uma organização sem moral para a luta. Tivemos [Tivera] também de lamentar o afastamento de Mário de Andrade anunciado através da imprensa no momento mais agudo da crise que fazia pôr à prova os nossos nervos e firmeza.

Não existem razões para pensar que as dificuldades que nos levantaram [levanta] o “governo” do Holden ao ser reconhecido por países africanos poderão constituir causas do desaparecimento do campo de [da] luta dos nacionalistas que se batem pela liberação total do País. Este contratempo, aqui no Congo, tem servido para nos afirmarmos mais solidários e mais convencidos de que a nossa acção será, como tem sido, absolutamente indispensável.

Cada um de nós é um motor da Revolução e deve cumprir com o seu dever histórico junto do Povo. A missão de cada militante honesto, de cada compatriota [patriota], de cada nacionalista, não é fraquejar ante as dificuldades que se levantam, mas, dando prova de coragem, esforçar-se por as vencer.

Peço-vos que não vos deixeis afogar no mar imenso da propaganda imperialista lançada contra aqueles que melhor constituem a barreira oposta ao neocolonialismo.

Nós estamos firmes no nosso posto, continuaremos a orientar a luta. Mas, porque somos um Movimento Democrático e porque os inimigos e adversários do MPLA têm lançado a suspeita e o boato contra a direcção do Movimento com o fim de o isolar e melhor destruir toda a organização, teremos um confronto com os militantes dentro de

¹ Esta frase não está no manuscrito: “Quanto a nós... como força válida, o FNLA.”

² “do Povo” não está no manuscrito.

uma Reunião Larga a realizar em breve e à qual podereis mandar o vosso representante e expor as vossas críticas, as vossas sugestões e mesmo as vossas inquietações.

Cada um de nós, examinando o caminho percorrido, tem o direito de perguntar se o actual Comité Director deve continuar a orientar o Movimento. Nós responderemos a esta pergunta honestamente e continuaremos a luta.

Nós confiamos em vós.

Nós temos em vós os pilares da organização e a vossa capacidade de sacrifício animam-nos a pensar cada vez com mais consciência, que a nossa luta não pode parar. Unidos, venceremos todos os obstáculos.

Coragem.

Não nos deixemos dividir pelo inimigo.

Rascunhada sobre o joelho com a pressa de apanhar o avião, esta carta não vos satisfará. Compreendi porém as insuficiências de quem se encontra mergulhado até ao pescoço nos problemas do nosso País.

Um abraço em nome do Comité Director

AN/LF.

AGOSTINHO NETO

J. – alguns documentos publicados.

[*carimbo do CD*]

Carta de Agostinho Neto a Mário de Andrade

[*dactilografada – 2ª via*]

Brazzaville, 30 de Agosto de 1963

CD

Ex.^{mo} Snr. MÁRIO DE ANDRADE

R A B A T

Prezado Compatriota,

Em virtude da viagem que o Presidente do MPLA teve de efectuar a Cotonou e a Dakar, só agora tivemos oportunidade de tomar conhecimento da sua carta datada de 24 de Julho de 1963, cujo conteúdo, aliás, vinha sendo divulgado pelas agências noticiosas bem antes dessa data.

Esta carta tem apenas por objecto manifestar-lhe a opinião dos membros do Comité Director, após leitura da sua carta.

Independentemente da absoluta discordância que os membros do CD manifestam em relação às razões por si apontadas como pretexto para a sua demissão, entende o Comité Director convidá-lo a vir ao Congo a fim de discutirmos em conjunto a actual situação do problema angolano e as medidas que se impõem para a salvaguarda dos princípios pelos quais o MPLA sempre se bateu.

Fazemos-lhe este convite movidos unicamente pelo alto interesse nacional e pelo respeito que nos merecem todos aqueles que ao MPLA deram e continuam a dar o melhor do seu esforço e da sua vida, e que rejeitam uma solução de simples abandono.

Confiamos em que tudo fará para corresponder a este convite.

Pelo Comité Director do MPLA

Agostinho Neto

Presidente

Manuscrito de Lúcio Lara sobre Mendonça Balombo

[*manuscrito*]

Mendonça Fuato Balombo

Chegou 4 de Agosto em Léopoldville vindo de Luanda.

Saiu de Luanda no dia 30 de Agosto [*sic*].

Foi nomeado a trabalhar na Junta provincial de povoamento e tinha sido destacado para trabalhar em Maquela do Zombo.

Trabalhou sempre por sua própria conta. Esta Junta desenvolve-se muito em Angola razão porque foi nomeado para trabalhar em Maquela.

Agentes técnicos de engenharia

Dactilógrafos

Topógrafos e Chaufferes

Chegados à Maquela, a sua Brigada tinha que ir à Bêu. Quando verificou que depois de 3 dias tinha que voltar a 31 de Janeiro e como os funcionários não são vigiados resolveu atravessar. Já conhecia esta fronteira porque trabalhou aí com o Angelino Alberto por isso não tem dificuldades. Atravessou precisamente em Quizau [*sic*] no dia em que havia mercado.

Em Léu – na sede da UPA foi depois conduzido + +

Estava em Luanda desde 1954. Voltou para o Sul em 57. Mas este ano em Maio saiu de novo até Andulo. Depois esteve em Chilessu em casa do pai do Jonas e do pastor Jessé Chipenda.

A situação no interior é conforme as zonas – É uma no Norte, em Luanda.

Em Luanda a situação é mais política que violenta. Na Mutamba, por exemplo, vê-se que não há problema nenhum porque brancos, mestiços e pretos vivem em pura irmandade.

No Sul de Angola não se observa absolutamente nada... A população tem as suas armas, as suas catanas, etc, etc.

Trabalhava como secretário de Angelino Alberto nomeado pelo governo português.

CITA [Centro de Informação e Turismo de Angola] – é quem o pagava. Depois de um ano, os trabalhadores de Angelino Alberto foram presos e ele deu o fora, até hoje.

Com a reforma dos portugueses, o povo não beneficiou nada. Trouxe algum benefício ao povo em relação ao que se vivia: Ex. Nomeação de negros para postos altos.

Diz que não há nenhuma acção entre as organizações no interior.

No interior a malta pensa que os que estão fora não sabem que eles são oprimidos.

O povo está confuso [o] que faz com que a malta no interior deixe de colaborar com os nacionalistas que se encontram fora. As dificuldades que surgem no interior a demora no entendimento muitas vezes os leva a pedir [pensar] que afinal o que há [a fazer] é pedir aumento de vencimento.

Carta Confidencial de Vasco Cabral a Lúcio Lara

[dactilografada]

CONFIDENCIAL

Conakry, 6 de Setembro de 1963.

Caro camarada Lúcio:

Um dos nossos estudantes de absoluta confiança, o camarada Oswaldo Lopes da Silva, escreveu-nos há tempos, remetendo-nos uma carta para seu pai que se encontra em Cabinda.

Informou-nos então que se trata de uma pessoa séria, disposta a ajudar, na medida das suas possibilidades, os nacionalistas angolanos, embora com a máxima prudência, dado o facto de desempenhar um cargo de responsabilidade administrativa. Ele chama-se Pedro Lopes da Silva e é administrador em Cabinda.

Caso vos interesse contactá-lo para que vos ajude no que for possível, podeis utilizar a carta do filho como credencial, segundo este mesmo sugere. Claro que ele não atenderá qualquer desconhecido só porque afirma que é nacionalista. Precisa de uma base de confiança, de uma certeza de que não está a ser enganado. E a carta do filho é para ele a melhor garantia de confiança. Além disso, segundo afirma o nosso camarada, o contacto com o seu pai abrirá a porta para se entrar em ligação com outros caboverdeanos sérios e capazes de ajudar a luta do povo angolano, alguns deles também bem colocados e praticamente insuspeitos.

Enfim, verás em que medida este assunto vos pode ser de utilidade. Com esta, segue a carta do filho para o pai.

Sem mais, desejando-te bom trabalho e boa saúde, recebe as nossas melhores saudações fraternais de luta

Vasco Cabral
VASCO CABRAL

Caso vos interesse contactá-lo para que vos ajude no que for possível, podeis utilizar a carta do filho como credencial, segundo este mesmo sugere. Claro que ele não atenderá qualquer desconhecido só porque afirma que é nacionalista. Precisa de uma base de confiança, de uma certeza de que não está a ser enganado. E a carta do filho é para ele a melhor garantia de confiança. Além disso, segundo afirma o nosso camarada, o contacto com o seu pai abrirá a porta para se entrar em ligação com outros caboverdeanos sérios e capazes de ajudar a luta do povo angolano, alguns deles também bem colocados e praticamente insuspeitos.

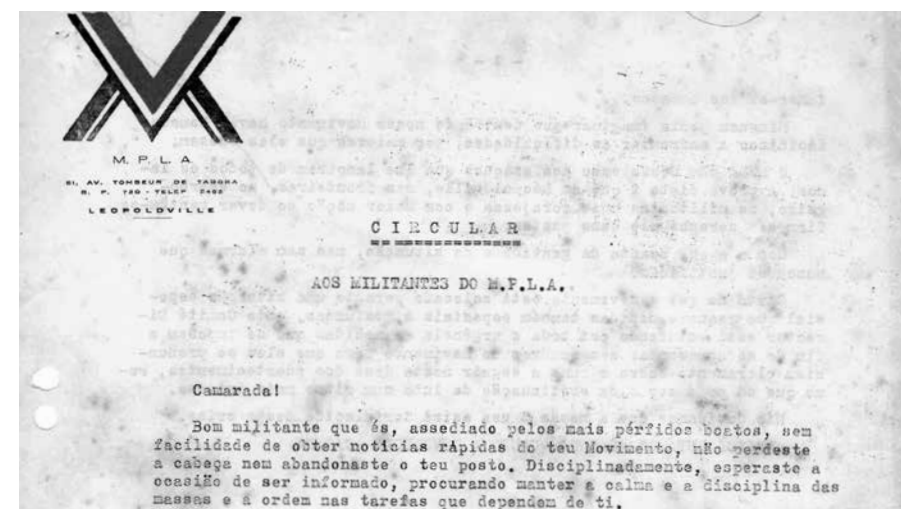
Enfim, verás que em medida este assunto vos pode ser de utilidade. Com esta segue a carta do filho para o pai.

Sem mais, desejando-te bom trabalho e boa saúde, recebe as nossas melhores fraternais de luta

VASCO CABRAL [com assinatura]

Circular do MPLA aos Militantes

[policopiado, em papel timbrado do MPLA]



CIRCULAR AOS MILITANTES DO MPLA

Camarada!

Bom militante que és, assediado pelos mais pífidos boatos, sem facilidade de obter notícias rápidas do teu Movimento, não perdeste a cabeça nem abandonaste o teu

posto. Disciplinadamente, esperaste a ocasião de ser informado, procurando manter a calma e a disciplina das massas e a ordem nas tarefas que dependem de ti.

Com essa atitude ganhaste jus a um especial apreço de toda a Organização.

A situação difícil que o Movimento atravessa neste momento tem a sua origem no reconhecimento do chamado “Governo da República de Angola no Exílio”, um “governo” que o nosso Povo não votou nem sequer representa a maioria dos partidos políticos que lutam pela libertação do nosso País.

O primeiro país a fazê-lo foi a República do Congo (Léopoldville) e esse facto abriu as portas a toda uma conspiração contra nós que vem de longa data.

Na verdade a África vive, actualmente, uma fase de influência toda favorável ao neocolonialismo, e o nosso Movimento que desde sempre se afirmou pelo princípio revolucionário duma independência completa e real, não pode ser visto com bons olhos.

Essa tendência neocolonialista; a deserção do responsável do Departamento da Guerra do nosso Movimento; e o afastamento do camarada Mário de Andrade explicam, quase só por si, as conclusões a que chegaram o Comité de Conciliação e a Conferência dos ministros dos negócios estrangeiros africanos em Dakar, e ainda a atitude de alguns países africanos depois desta Conferência, que se apressaram a reconhecer o “Governo” formado pela UPA e o PDA.

Mas ainda houve mais: houve, como todos nós sabemos, a desgraçada influência causada pela indigna atitude de alguns antigos camaradas que não hesitaram em oferecer o MPLA à UPA e a declarar ao Movimento uma guerra de morte.

Isto tudo mostrou aos olhos da opinião estrangeira um MPLA a desfazer-se aos bocados...

Ninguém podia imaginar que dentro do nosso Movimento havia homens decididos a enfrentar as dificuldades, por maiores que elas fossem.

O MPLA não desfaleceu aos ataques que lhe lançaram de todos os lados. A prova disto é que em Léopoldville, nas fronteiras, no estrangeiro, os militantes mais corajosos e com maior noção do dever mantêm-se firmes e serenos nos seus postos.

Com a noção exacta da gravidade da situação, mas sem alarmes que nunca se justificam.

Certo de que o Movimento está colocado perante uma situação especial que requer medidas também especiais e profundas, este Comité Director está estudando com toda a urgência as medidas que se impõem a fim de as apresentar aos quadros do Movimento para que eles se pronunciem claramente sobre o rumo a seguir nesta fase dos acontecimentos, rumo que só pode ser o da continuação da luta num ritmo mais intenso.

Não duvidamos que a nossa Causa sairá fortalecida desta crise.

A NOSSA LUTA SÓ ACABARÁ QUANDO A REVOLUÇÃO ACABAR!

VITÓRIA OU MORTE!

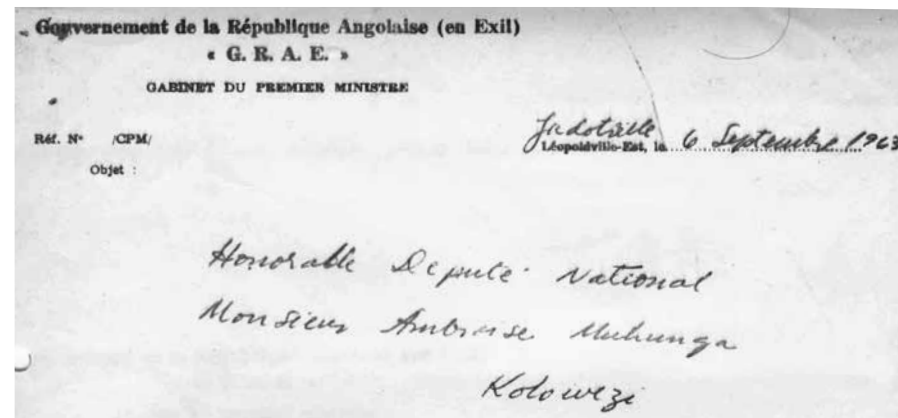
O COMITÉ DIRECTOR

DOC. 113/63 – AM/LF.

Léopoldville, 6 de Setembro de 1963

Carta de Savimbi (GRAE) a um Deputado do Katanga

[manuscrito em francês, em papel timbrado do GRAE]



Jadotville, 6 de Setembro de 1963

Digno Deputado Nacional
Senhor Ambroise Muhunga
Kolowezi

Em nome do povo Angolano em luta pela sua independência Nacional, queira aceitar, Senhor Deputado, os meus respetos e as saudações fraternas do nosso Governo Revolucionário Angolano no Exílio.

Efectuei uma digressão nesta Província do Katanga para mobilizar as consciências dos nossos compatriotas que aí se encontram, para se proporem a combater pela libertação do nosso querido País. Só encontrei dificuldades entre a vossa organização e a nossa; só houve mal-entendidos. Queria absolutamente vê-lo. Mas o meu programa muito carregado não me permite vê-lo.

Queria ainda assinalar que a nossa política em relação à Soberania da República do Congo não nos permite tergiversar sobre o fundo do problema que é libertar o nosso País. A história é irreversível e Angola será livre o mais depressa possível. A nossa política, mesmo tendo em conta o regionalismo em África, só considera as Nações: o Congo e Angola como entidades e não como agrupamentos regionais ou étnicos. Abster-nos-emos de tocar em qualquer TCHOKWE que seja, se ele se declarar congolês. Pedimos que o mesmo espírito seja observado pela vossa organização no que diz respeito aos TCHOKWE Angolanos.

Qualquer fricção entre as nossas organizações retarda a luta pela independência de Angola bem como a da emancipação do homem negro no Continente.

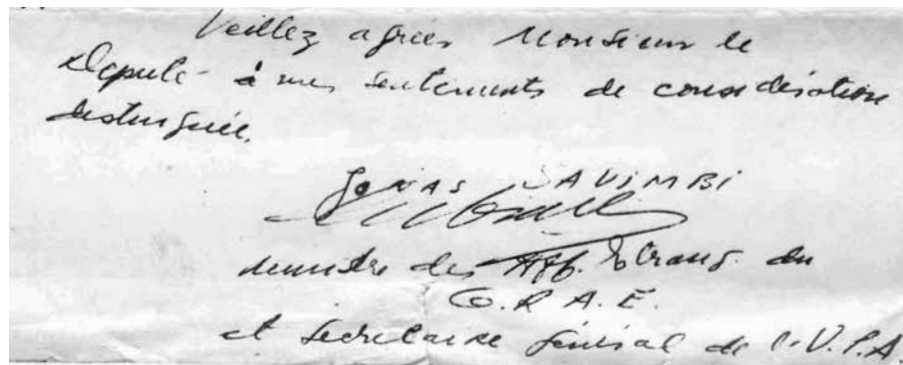
Contamos vê-lo em Léopoldville ou aqui nos próximos dias.

Todos os Angolanos lhe desejam, Senhor Deputado Nacional, muito sucesso nos seus esforços para chegar à formação do Governo de Lualaba. Que Deus abençoe todo o povo do Congo e os seus governantes.

Queira aceitar, Senhor Deputado, os protestos da minha elevada consideração.

Jonas SAVIMBI *[com assinatura]*

Ministro dos Neg. Estrang. do GRAE e Secretário-Geral da UPA



Lista do grupo de Viriato da Cruz

[dactilografada - 2ª via]

Lista dos partisans do grupo de José Domingos, Matias Miguéis e Viriato da Cruz que vêm praticando agressões nas ruas

- | | |
|------------------------|-------------------|
| 1 – José Domingos | 18 – Pepe |
| 2 – Matias Miguéis | 19 – Casimiro |
| 3 – Viriato da Cruz | 20 – Garcia |
| 4 – Kingandu | 21 – Roques |
| 5 – Gaspar | 22 – Mandrak |
| 6 – Damião | 23 – Luis |
| 7 – Xavier | 24 – Herodes |
| 8 – Manuel Cassanji | 25 – Cabral |
| 9 – Santos | 26 – José Manuel |
| 10 – Tomás | 27 – Amaro |
| 11 – Tando | 28 – João António |
| 12 – Vidal | 29 – Magalhães |
| 13 – Borges | 30 – Costa |
| 14 – Domingos Canhoca | 31 – Teixeira |
| 15 – José Miguel | 32 – Manuel João |
| 16 – Jorge Freitas | 33 – João Pedro |
| 17 – António Alexandre | 34 – Cassamuka |

35 – Domingos Manuel

36 – Manuel José

37 – Moraes Monteiro

38 – João Paulo

39 – José Pedro

40 – Manuel Bernardo

41 – Domingos Dongala

42 – Diogo

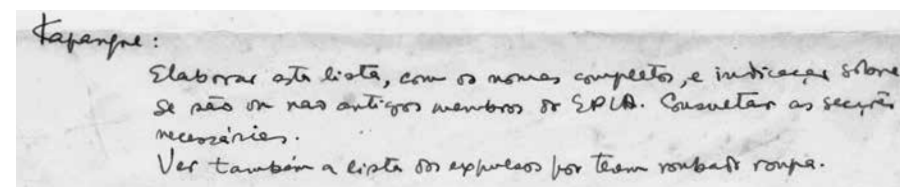
43 – Isaiás Colombo Dias

Léopoldville, 14 de Setembro de 1963

[Acrescentando à mão por A. Neto:

Kapangue:

Elaborar esta lista, com os nomes completos, e indicação sobre se são ou não antigos membros do EPLA. Consultar as secções necessárias. Ver também a lista dos expulsos por terem roubado roupa.]



Carta do Comité Preparatório da Confª de Quadros ao CD

[dactilografada, em papel timbrado do MPLA]

Léopoldville, 19 de Setembro de 1963

COMITÉ PREPARATÓRIO

Objectivo: Conferência de Quadros

Ao Comité Director do MPLA

Prezados camaradas,

Em consequência dos poderes que lhe foram conferidos pelo Comité Director, o Comité Preparatório para a Conferência de Quadros, na sua primeira reunião de 18 do corrente decidiu o seguinte:

- 1º – LOCAL DA CONFERÊNCIA: – O Comité Preparatório, decidiu que a Conferência deveria ter lugar na República do Congo-Brazzaville, se até à data as dificuldades até hoje existentes para a travessia, forem levantadas.
- 2º – No caso dessas dificuldades permanecerem, a Conferência realizar-se-ia em Léopoldville, na residência do N'Dolo, responsabilizando para tanto o Comité Director pelo alojamento dos participantes, delegados do Exterior e Interior de Angola.

3º – PARTICIPANTES:—O Comité Preparatório, decidiu que devem participar à Conferência de Quadros, os seguintes departamentos dependentes do MPLA:

TODO O COMITÉ DIRECTOR DO MPLA
 12 a 15 MEMBROS DO EPLA
 3 a 5 MEMBROS DE CADA COMITÉ DE ACÇÃO
 4 MEMBROS DA ORGANIZAÇÃO DAS MULHERES
 4 MEMBROS DO CVAAR
 10 MEMBROS DA JUVENTUDE DO MPLA
 REPRESENTANTES DO MPLA NO ESTRANGEIRO (Se possível)
 REPRESENTANTES DO MPLA NO INTERIOR DE ANGOLA (Se possível)

O Comité Preparatório, ao levar ao conhecimento do Comité Director essas decisões, pede que o mesmo Comité formule previamente o seu parecer e que informe no mais curto prazo, as organizações acima indicadas.

VITÓRIA OU MORTE
 PELO COMITÉ PREPARATÓRIO,
 NOÉMIA TAVIRA [com assinatura]
 (Secretária)

Carta de Mário de Andrade ao Comité Director

[manuscrita]

Rabat, le 23 Septembre 63

Ao Comité Director do MPLA,

Recebi a vossa carta datada de 30 de Agosto. Tenho percorrido igualmente os vários papéis que emanam uns da presidência e outros do Comité Director. Longe de constituir uma resposta às razões expressas na minha carta de demissão, tal literatura não faz mais do que induzir no erro e na confusão os progressistas angolanos.

Para destruir as alegações contidas nos vossos documentos, poderia ter dirigido directamente a minha resposta aos militantes angolanos que continuam afectos à linha política do MPLA. Não me faltariam dados concretos para provar de que lado estão o desvianismo e as tentativas de colaboração com o inimigo.

Mas ao jogo estéril da polémica, prefiro ainda a “recherche” duma solução a esta situação de impasse do MPLA e de atomização das forças progressistas.

Creio que o território congolês não oferece o clima de serenidade necessário para uma discussão proveitosa dos nossos problemas.

Em consequência, proponho um encontro em Rabat de um reduzido número de militantes revolucionários, considerados dentro e fora dos organismos eleitos pela 1ª Conferência nacional do MPLA.

Convido-vos a reflectir sobre esta proposição e a comunicar a vossa resposta.

[assinado por Mário de Andrade]

Carta de Mário de Andrade a Eduardo dos Santos

[manuscrita]

[Nota manuscrita: R 9/X/63]

Rabat, le 23 Septembre 63

Meu caro Eduardo,

Grato pela tua carta de 10/IX.

Dirigi uma resposta ao Comité Director, à carta que me foi enviada. Pede que te comuniquem. Se quiserem sair do impasse, façam uma trégua de insultos mútuos e de actividades sans lendemain.

Está provado que nenhum organismo angolano com o nome de MPLA pode marchar no plano internacional sem a minha caução. Para tanto, diz aos teus amigos da presidência que se calem e deixem de justificar o ... injustificável.

Aguardo uma resposta de princípio à minha proposição que consiste numa discussão, na base de militantes revolucionários, sobre os problemas actuais do nacionalismo angolano. Discussão sem lançar exclusivos. Aqui, em Rabat.

A única condição que os “aliados progressistas” avançam é a minha caução. Portanto...

Vocês têm o mês de Outubro para pensar e responder.

Salut!

[assinado: Mário]

Carta de Deolinda Rodrigues a Agostinho Neto

[manuscrita]

Boma, 27/9/63

Camarada Neto

Ontem não apareceu carro para levar-me a Moanda. Mandei por carta, ao Comité d'Acção [de] lá, um resumo da reunião alargada realizada no sábado aí. Hoje reunimo-nos aqui em número limitado porque é preciso autorização especial para fazê-lo doutro jeito; apareceram 18 membros e no fim houve perguntas e boa participação. Estou

horrificada com a falta de organização e descaso em que os comités locais fazem. Antes de partir daqui ontem, o Anselmo deixou a lista dos responsáveis do Comité d'Acção, nomeados por ele mesmo. Os nomeados não faziam nada, só mantêm os títulos. Não há reuniões regulares de estudo e discussão. Os militantes não sabiam que há emblemas à venda aqui. O Anselmo cobrava 50,00 mensais aos alunos que frequentam a escola do CVAAR, imagina tu. Alegava que era para pagar a luz.

Depois de lhes informar sobre a nossa situação depois da Conf. de Dakar, recomendei aos militantes aqui para se reunirem na próxima semana, considerarem juntos os pontos da reunião de hoje e mandarem opiniões e críticas ao CD e ao Comité preparatório da conferência de Quadros. Pedi-lhes ainda para, enquanto esperam a reorganização, lançarem uma radical campanha de alfabetização entre nossos militantes aqui de todas as idades. A juventude e as senhoras não estão organizadas. Tanto dinheiro gasto pela organização com os seus representantes na fronteira e, afinal, construímos sobre a areia durante todo este tempo.

É preciso activar imenso o Comité preparatório da Conferência de quadros. É preciso andar depressa e não deixar esta inactividade açambarcar a organização e tudo ruir. Sou de opinião que a Conferência se realize entre 12 e 20 de Outubro, no Binza. Participantes: 1 membro de cada Comité d'Acção ao longo da fronteira e Comissário político local. 2 participantes de cada secção do MPLA: EPLA, JMPLA, OMA, CVAAR. Programa: principalmente rumos novos para a luta prosseguir e recomendações à Conferência Nacional sobre a eleição do novo CD. Sabes? Acho melhor não ser a Conferência de Quadros a eleger o CD para não lhe dar um aspecto de ilegalidade. Fomos eleitos por uma Conf. Nacional, sejamos depostos por uma Conf. Nacional. Se a Conf. de Quadros e a Nacional não nos depuserem, peçamos demissão. Se os outros membros actuais do CD não concordarem, vou pedir minha demissão individual. A Conferência nacional deve realizar-se 1 ou 2 semanas depois da de Quadros.

A questão da reconciliação com o grupo Viriato-Matias, deve ser apresentada à Conferência de quadros e deixar que os militantes se expressem, responsabilizem e pesem a questão. Pessoalmente, acho que devem tentá-la: é uma vergonha tão grande que estejamos divididos entre nós mesmos e sejamos incapazes de vencer os nossos egos que originam estas divergências. É claro, ambas as partes devem fazer concessões e chegar a um acordo. Enquanto houver esta divisão, o trabalho fica sempre emperrado se não atrasado mesmo. Em Matadi foquei este ponto e a opinião dos responsáveis do Comité d'Acção foi: "só se eles é que pedirem para voltar". Aqui os militantes hesitaram em concordar logo com essa medida. Desconfiam deles por se chegarem tanto à Upa, tão precipitadamente. Mas é preciso ouvir os participantes da Conferência de Quadros, acho.

Minha opinião sobre o novo CD é:

c/ reconciliação

Presid. – Matias -----
V. Pres. – José Aguiar -----
V. Pres. – Mariana Anapaz -----
Guerra – Condessa -----
Ext. – Baía -----
Finanças – Kiano -----

Sem reconciliação

Rev. Silva
J. Aguiar
Mariana
Armindo Freitas
Baía
Kiano

| | |
|------------------------------------|-------------------|
| Segurança – Zé Miguel ----- | Jacob Caetano |
| Organização Quad. – Chipenda ----- | Chipenda |
| Informação – George Freitas ----- | Inocêncio Martins |
| Sociais – Tshiringueno ----- | Tshiringueno |

Evidentemente, a estrutura deve mudar e a composição não ser necessariamente esta. Se tu pudesses dedicar-te só ao FDLA e reforçá-lo como a situação exige. Os dissidentes deveriam fazer concessões no sentido de não dissolver o FDLA também. Nós outros temos de dar tudo na organização das massas aqui e no interior, pois quase não fizemos nada neste sentido. Acho que só quando as camadas mais exploradas tomam conta da direcção do movimento é que as suas reivindicações podem ser melhor satisfeitas. Estas deserções dos intelectuais origina uma grande desconfiança para com eles agora. Aqui e em Moanda, nossos militantes "sabiam" que tu e o Lúcio também estavas fugido em Brazza. Vai-se ao bureau em Léo e ninguém vos vê. Isto é um boato perigoso porque, nesta fase, o desertor é o maior traidor e a malta militante está muito desconfiada dos intelectuais e mulatos. Temos de andar depressa, pois no fundo firmeza não falta e os bons não são poucos demais.

O Sr. Alphonse Menga, presidente da Upa aqui, manifestou desejo de "contar muita coisa a um membro do CD" e hoje avistei-me com ele. Ainda não compreendi bem o jogo dele, mas a sua democracia que alega pregar aos companheiros upistas e revolução-revolução ou sua fé na revolução não me convenceu. Não vi nada de especial nas suas revelações.

A minha irmã escreveu-me: "Tia Maria está no Vouga, em tratamento. Mana Irene e Cardoso, Quinto e Dionísio estão todos cá. O Pedro e família também. O Roberto foi preso novamente 24 horas depois de recebermos a notícia da morte do Pedrinho e tudo isto deixou-nos num caos que deves calcular. Ainda mais, acresce o pai ser transferido de Cassoneca para o Golungo-Alto, para onde já seguiu! Enfim... O Roberto está há uns kms da cidade e temos ido lá 2 vezes por semana. Não calculas o nosso desespero."

De Cabo Verde, o Noé escreveu e o Nobre Dias também. Queixam-se de muito silêncio da nossa parte. Coitadinhos!.....

Não te esqueças de chamar-me para a Conferência de quadros ou preparativo (relatórios) dela. Telegrafem-me para o Lualaba para onde sigo amanhã.

Sempre em frente

[símbolo de Vitória ou Morte e assinado: Deolinda]

(relatórios) dela. Telegrafem-me para o Lualaba para onde sigo amanhã.

Sempre em frente.

M
Deolinda

Declaração do MPLA sobre reformas legislativas do governo português

[policopiada]

[Endereço do MPLA em Léopoldville]

As últimas posições tomadas pelo governo colonialista português sobre o problema de Angola, revelam que este governo persiste em recusar ao Povo Angolano o seu direito, universalmente reconhecido, à autodeterminação e à independência.

As reformas legislativas, a enganadora tentativa de africanização de quadros e até as promessas de evolução para uma autonomia administrativa, primeiras consequências da luta heróica do nosso Povo e também do apoio internacional cada vez mais sensível, são ainda dirigidas no sentido integracionista.

Milhares de soldados e de colonos continuam a desembarcar no nosso País com as armas que os países da OTAN continuam a fornecer. A repressão policial e militar torna-se cada dia mais feroz.

Estas condições, obrigam o MPLA e o Povo Angolano a intensificar a luta de libertação nacional, apoiando-se sobre a acção armada, até obrigar Portugal a reconhecer o nosso direito à autodeterminação e à independência e a transferir o poder para os legítimos representantes do nosso Povo.

O MPLA não cessará portanto de se esforçar pela elevação do nível da actividade nacionalista à escala de todo o País, adaptando todos os seus organismos às necessidades da luta que nos conduzirá à libertação completa da nossa Pátria.

O auxílio dos Países africanos à causa do Povo angolano é a prova mais eficaz e convincente da solidariedade africana para com os povos ainda colonizados e constitui um elemento que reforça poderosamente a nossa luta. Uma aplicação conveniente deste auxílio, fará desenvolver mais ainda a acção nacionalista em todos os sectores e constituirá um golpe decisivo e irreversível na ocupação colonial portuguesa. Essa aplicação conveniente do auxílio só será possível na medida em que existir um organismo que represente todas tendências do nacionalismo angolano. Tal organismo só pode emanar de uma larga frente Comum.

Enquanto o nacionalismo angolano estiver dividido, enquanto a unidade do nacionalismo angolano continuar a ser dificultada pela intervenção de organismos internacionais e pela introdução de elementos contrários aos desejos e às aspirações do nosso Povo, a ajuda dos Países irmãos da África perderá muito na sua eficácia.

Do mesmo modo que um organismo não pode sobreviver se lhe forem suprimidos órgãos vitais, não se pode reforçar uma luta de libertação sufocando a acção dos participantes mais representativos, ou apartando verdadeiros nacionalistas. Uma larga união é a condição imprescindível da nossa libertação.

Acreditar que o problema angolano é da natureza exclusivamente militar, é falsear a sua natureza. A nossa luta de libertação é essencialmente político-militar. É da orientação política do movimento de libertação que dependerá, uma vitória real, ou uma vitória esvaziada dos seus elementos fundamentais e que nos leve ao neocolonialismo.

Pode compreender-se, nas condições actuais, que os Países irmãos da África tenham pensado ser necessário um intermediário que lhes permita adoptar uma estratégia comum, com vista a apressar a liquidação do colonialismo português em Angola. É também esta a opinião do MPLA.

Um intermediário, para que seja válido, quer se chame ou não governo, deve representar o conjunto nacionalista e mobilizar, servir-se e fazer participar na luta todos os Angolanos devotados à causa de libertação da Pátria, de modo que a independência seja obra de todos.

Seria absurdo se o MPLA se opusesse a um intermediário válido, chamado governo ou tendo outra designação. Seria absurdo se o MPLA se opusesse aos desejos expressos pelos Países africanos, que oferecem um auxílio generoso e fraternal para descolonização do Continente.

No entanto, o MPLA mantém a sua opinião de que não é justo considerar uma única organização como intermediário válido, enquanto a Unidade não for realizada; pois nenhuma das organizações nacionalistas representa por si só o conjunto do nacionalismo angolano, nem a totalidade do Povo Angolano.

O MPLA chama pois uma vez mais a atenção dos responsáveis africanos para os perigos que a consagração da divisão representa para o nosso País. Além dos massacres praticados pelos colonialistas portugueses, a luta fratricida é um facto. No Bembe, em Nambuangongo, em Cabinda e noutras regiões, Angolanos morrem às mãos de Angolanos.

Eis por que, mesmo face às difíceis condições actuais, o MPLA bate-se e bater-se-á pela unificação de todas as forças nacionalistas, que possa encontrar a sua expressão num organismo comum, suficientemente representativo.

No momento em que os Países irmãos de África reconhecem como intermediário válido o GRAE, é sobre ele que cai a grave responsabilidade de concluir finalmente que há-de ser o conjunto de todas organizações e não uma fracção, o único meio de combater e vencer o inimigo comum. Cabe ao GRAE por conseguinte agir em consequência.

Só um organismo representativo poderá ser o interlocutor válido de presumíveis negociações com Portugal, quando o nosso direito à autodeterminação e à independência for reconhecido.

Mas se não se chegar a realizar um tal organismo o MPLA, pela autoridade que lhe confere a sua acção há muito tempo desenvolvida e largamente sustentada no interior do País, pela força que lhe advém da extensão da sua organização e pelos princípios que defende, é hoje um interlocutor válido em eventuais negociações com Portugal.

A FDLA já realizada, consolidando com prudência as bases do seu funcionamento, longe de ser uma coalizão de circunstância, continua a ser uma força de real valor, que corresponde ao ideal da Unidade. Formada por organizações que discutiram largamente os problemas resultantes de certas divergências de orientação política e de métodos de acção, a FDLA não se concretizou sem que no seio de algumas organizações membros tivessem tido lugar transformações que levaram a reajustamentos políticos e à expulsão dos elementos traidores à causa do Povo Angolano.

O acordo não se fez senão sobre bases justas e em torno das aspirações comuns.

A actividade concreta da FDLA está em vias de dar os melhores frutos, pois ela permite a coordenação de esforços num terreno consideravelmente alargado.

Os ataques de que a FDLA é alvo, as incompreensões de que é objecto da parte daqueles que não viveram nunca o dia a dia da nossa luta, provam a sua importância e a sua força ascendente. O nosso Povo compreende-o e dá-lhe o seu apoio integral. No interior do País a FDLA é uma força que cresce.

Mas a FDLA foi precisamente o pretexto escolhido pelos mais intransigentes adversários do MPLA e por oportunistas de todos os matizes, com o fim de tentarem impor uma solução artificial do problema angolano, contrária aos interesses do nosso Povo. Isto apenas poderá reforçar a unidade realizada e fazer compreender melhor a justeza dos princípios estabelecidos.

O hábito de identificar organizações políticas com indivíduos, sem ter em conta os conjuntos que os constituem, provocou um alarme em relação ao MPLA, quando dirigentes se serviram dos meios de difusão internacional para anunciar presumíveis desacordos políticos com os seus irmãos de luta, nos momentos mais delicados da vida da organização. Assim, lá onde havia fadiga e receio perante as dificuldades subitamente endurecidas e evidenciadas, falou-se do desacordo político. Lá onde havia covardia falou-se de honestidade. Onde havia comodismo falou-se de erro. Onde havia ambição e sede de poder falou-se de táctica.

A situação criada pela cabala montada deste modo contra o MPLA, não significa de modo algum que ele esteja a desagregar-se ou em decadência. O MPLA mantém-se de pé e um período mais claro e mais firme de adesão aos princípios estabelecidos é agora possível.

O MPLA continua e continuará a sua luta pela libertação do País, fortalecido pela confiança que nele depositam massas.

A responsabilidade tomada para com o nosso Povo continuará a ser assumida com coerência e decisão na defesa dos seus mais sagrados direitos.

O MPLA é uma força irreconciliavelmente oposta ao colonialismo e ao imperialismo. O MPLA prosseguirá a sua luta através de todas as dificuldades.

Brazzaville, 28 de Setembro de 1963.

Doc./115/963.

O Comité Director
[carimbo do CD do MPLA]

Carta de Spiele M. Philippe a Agostinho Neto e Lúcio Lara

[dactilografada, em francês]

SPIELE Maurice Philippe

C.P. 25

MOANDA

Moanda, 1 de Outubro de 1963

CARTA PRIVADA

Aos Camaradas:

- Agostinho Neto, Presidente CD MPLA
- Lúcio Lara, Chefe Org. & Quadros MPLA.

Camaradas,

Antes de mais, tenho o prazer de enviar os meus votos sinceros de que esta carta vos encontre de perfeita saúde natural e que sejam progressivos os esforços que desenvolvem pela causa do MPLA e do Povo Angolano.

O conteúdo da presente carta é a expressão profunda e a simpatia dos meus sinceros e respeitosos sentimentos para este dia, ou seja uma reacção provavelmente moral que me liga à causa do nosso Movimento.

Primo, numa carta da Camarada Deolinda ao Camarada Sunda Paulo, acabei de saber do abandono do Movimento por certos camaradas de luta tais como os Drs. Boavida, Lopes, Boal, etc... e com efeito pergunto-me com certa surpresa, que condições verdadeiras teriam impellido os ditos camaradas a tomar uma tal decisão inevitável por parte deles. Isso leva-me a infinitos pensamentos sobre o destino exacto que o nosso Movimento está a sofrer actualmente.

No entanto, antes que eu desespere do que quer que seja, gostaria de ser, que nós fôssemos, informados oficialmente por vós, e isso para evitar qualquer mal-entendido.

Assim tenho de vos dizer muito simplesmente que, se cada um de nós deste Movimento se vir na obrigação de abandonar o Movimento, seria então útil avisar-nos para não continuarmos a depositar as nossas esperanças num MPLA que não tem militantes dirigentes (Superiores) com uma consciência absolutamente grandiosa em defender o interesse do Movimento e de todos os seus militantes; enquanto que nós aqui, membros de acção, apesar da crise que atravessa o Movimento, tentamos sempre defender, trabalhar para a salvaguarda dos interesses particulares dos dirigentes (Superiores) e dos gerais do Movimento Popular.

Enfim, penso convictamente que, com a vossa maturidade individual, se esforçarão para encontrar uma solução pacífica que possa trazer de volta tais camaradas para uma reconciliação perfeita de forma a evitar o mais cedo possível a gravidade da derrota da nossa política sob todos os pontos de vista, sobretudo perante o Povo Angolano que possui ainda a nossa confiança.

Secundo, de nossa parte, no que diz respeito ao movimento popular, limito-me em informar-vos que aqui a situação mantém o seu ritmo, quer dizer, todo o mundo

está aqui, os olhos fixos, parecendo alguém que, com esperança, espera um feliz acontecimento para lhe apaziguar o espírito. Enquanto uns tentam resistir à crise gritante que o nosso Movimento atravessa, os outros questionam-se sobre a envergadura exacta visada actualmente pela linha política do MPLA, visto que todas as actividades do movimento abrandaram.

Já não há mais voz, quero dizer, já não há comunicados, nem declarações, nem informação.

Nem o MPLA, por um lado, nem a FDLA, por outro, nos fornecem qualquer notícia de carácter político respeitante à luta. Em relação a isso, do nosso lado, a mobilização das massas está-se a tornar muito custosa. No quadro da formação dos militares e dos quadros, já nenhuma actividade chama a atenção das populações. Actividades que podem ainda incitar estas últimas a guardar ou a reforçar a consciência do Movimento. O que leva a conceber, a pensar que o Movimento do Povo está paralisado sem esperança de resistência. Portanto, cabe-vos tomar medidas adequadas com vista a recriar, retomar o equilíbrio político do Movimento a partir de alguns pontos que, para a Costa são:

- 1 – Reorganização imediata do EPLA.
- 2 – Retoma imediata da luta armada.
- 3 – Engajamento urgente da Juventude para reforçar o EPLA.
- 4 – Reorganização da equipa “Propaganda e Agitação”.
- 5 – Reforçar essa propaganda com base em informação, declarações, comunicados, etc...
- 6 – Revisão e realização da questão das Bolsas de estudo.
- 7 – Questão do CVAAR – (distribuição contínua de vestuário, alimentos e medicamentos).
- 8 – Procurar por todos os meios possíveis levantar e melhorar, como no passado, a atmosfera política do Movimento e da sua luta política e militar.
- 9 – Apelar a todos os militantes excluídos e do Bloco Viriato, assim como aos que desertaram para assistirem à II Conferência Nacional e encontrar resoluções em pé de igualdade com vista a uma reconciliação perfeita. Fazer o melhor possível para que os militantes como Mário de Andrade, Manuel Lima, Boavida, Boal, Lopes, etc... possam retomar as suas actividades no Movimento.
- 10 – Continuar os contactos de solidariedade política com os países Afro-Asiáticos socialistas, mesmo com os países da Europa, com vista a reforçar a linha política do nosso Movimento.

Tercio, de acordo com a promessa que me tinham feito aquando da minha mais recente estadia em Léopoldville e na sequência da exposição das minhas dificuldades particulares, promessa segundo a qual eu deveria, como os meus amigos estudantes da Região Costeira de Moanda, ir para o estrangeiro com Bolsa de estudo, faço questão de vos informar que:

- a) acabo de vender todos os meus bens e actualmente estou, como o resto dos camaradas, disposto a qualquer eventualidade de partida para o estrangeiro.

- b) chego aí imediatamente antes do quinze deste mês caso não me seja dirigido nenhum telegrama vindo de vossa parte a este propósito.
- c) Assim que saiba, como tenho esperança, que a nossa partida para o estrangeiro está realmente fixada, vamos com o Camarada Paulo e o resto, reorganizar o Comité de Acção cuja composição vos será comunicada posteriormente.

Para terminar, queiram aceitar, Caros Camaradas, a expressão dos meus sentimentos mais sinceros e respeitosos e os meus votos de prosperidade e de felicidade nas vossas ocupações actuais.

O vosso Camarada:

SPIELE M. Philippe
Secretário Político
Comité de Acção MPLA – Moanda

Carta do Comité Preparatório da Conf.^a de Quadros ao CD

[dactilografada]

AO COMITÉ DIRECTOR

CAROS CAMARADAS:

O Comité Preparatório, atendendo às novas condições impostas ao Movimento de libertação nacional, julga oportuno que o Comité Director apresente um rapport geral das suas actividades, com a latitude que entender como é óbvio, mas sem deixar de se referir a certo número de questões que no parecer do Comité Preparatório constituem motivo de inquietação para os nossos militantes.

Essas questões são as seguintes:

NO PLANO INTERNO

- 1º Contactos com o interior – Enquadramento Político-Militar da população de Angola; desenvolvimento do Movimento no interior de Angola.
- 2º Acção desenvolvida no interior de Angola no plano da propaganda e agitação política.
- 3º Causa da insuficiência da luta militar desenvolvida no interior de Angola. Relações do MPLA e as autoridades Congolesas das Províncias junto à fronteira.
- 4º Formação de Militares – O que se fez para formação de militares (activistas).
- 5º Formação de quadros técnicos, político-militares, onde estão? O que fazem?

- 6º Assistência social – o que se fez?
- 7º Acção desenvolvida no seio da juventude.
- 8º Acção desenvolvida para a formação da mulher – OMA.
- 9º Relações do MPLA c/ outros movimentos nacionalistas angolanos.
- 10º Apreciação do FDLA.
- 11º Atitude em face do grupo ou grupos dissidentes.
- 12º Atitude em face do GRAE.
- 13º Situação financeira do Movimento – Desenvolvimento da sua acção financeira.

NO PLANO EXTERNO

- 1º Acção desenvolvida pelo MPLA no exterior.
- 2º Apreciação da Conferência de Addis Abeba da Reunião de Dar-es-Salam do Comité de Conciliação da Conferência de Dakar
- 3º Situação do MPLA no plano exterior, incluindo Congo (Léopoldville) e Congo (Brazzaville).

CONCLUSÕES E CRÍTICA

VITÓRIA OU MORTE

P'lo Comité Preparatório

NT/AK. Noémia Távira 1/10/963

Encerramento da Representação do MPLA no Congo-Léo

[dactilografado, em francês]

REPÚBLICA DO CONGO
CIDADE DE LÉOPOLDVILLE Léopoldville, 21 de Outubro de 1963.

CONTENCIOSO

3º BUREAU DE SUPERVISÃO Nº 2970/Nº 818/Cont.63/EK.M/D525.

ASSUNTO:
ENCERRAMENTO REPRESENTAÇÕES PARTIDOS POLÍTICOS
ANGOLANOS.

ENTREGUE cópia para informação aos Srs.
– Burgomestres / Todos, com os meus repetidos cumprimentos,
– Ministro do Interior do Governo Central em Léo/Oeste,
C/c Senhor Secretário-Geral do Interior,
– Administrador Chefe da Segurança Nacional em Léo/Kalina,
– Comissário Chefe da Polícia,
– Comando da *Gendarmerie* C.P. 147, Léo I.

Senhor Presidente
Movimento Popular de Libertação de Angola – MPLA
Avenida Tombeur de Tabora nº 51
LÉOPOLDVILLE

Senhor Presidente,

Na sequência da nossa reunião de 18 de Outubro de 1963, tenho a honra de lhe informar que confirmo o encerramento imediato da representação do seu partido político, não fazendo este parte dos que formam o Governo Angolano no exílio, reconhecido oficialmente pelo Governo da República do Congo Léopoldville.

Será efectuado um controlo severo pelos Burgomestres de todas as Comunas, pela Polícia e pela *Gendarmerie* com o objectivo de saber se as minhas instruções foram respeitadas.

Queira aceitar, Senhor Presidente, os protestos da minha elevada consideração.

O PRIMEIRO BURGOMESTRE
[carimbo da cidade de Léopoldville] ZOAO, Boniface *[segue assinatura]*

Carta de Brito Sozinho ao Comité Director do MPLA

[dactilografada, em papel timbrado do MPLA]

Conakry, 29 de Outubro de 1963

Caros irmãos de luta do Comité Director:

Acuso a recepção da vossa carta datada de 18/10/63, à qual aqui tenho a gentileza de vos responder com urgência. Mais uma vez a vossa carta nos veio animar e dar-nos mais uma grande vontade de podermos fazer os nosso contactos de tudo aquilo que diz a respeito ao nosso grande MPLA, não finalmente do que temos ouvi pelos boatos daqueles que não puderam se aguentar no momento mais difícil, e que abandonam a organização e chegam cá fora dizem que o MPLA acabou: ora camaradas esses boatos em princípio acreditamos, mas depois no fim verificamos que não eram verdades esses boatos, é neste

momento em que o MPLA deve ver quais são [os] que podem aguentar até ao fim mesmo se for preciso entregar a sua vida do que deixar-se levar por pessoas oportunistas.

Quanto ao camarada Mário de Andrade julgo eu que não deixou cair totalmente o MPLA, mas sim ele está pronto a colaborar com o MPLA até ao fim, digo isso porque em conversa com ele quando ele esteve cá disse mantenho a minha admissão mas isso é formalmente, praticamente não me adicionei [*sic*], embora ele estar agora um pouco fora, mas ele quando esteve com as personalidades com quem ele falou, disse-lhes qual é a posição do MPLA junto do Governo do Holden.

No que concerna ajuda para o MPLA temos feito muitas demarches através das embaixadas amigas, mas até aqui ainda não recebemos nada, só prometeram-nos e assim nos limitamos a esperar, e também todos aqueles documentos em Francês que temos recebidos, distribuimos todos, por isso é preciso mandar sempre documentos em Francês mas em grande quantidade como por exemplo o nosso V. M. [Vitória ou Morte] tem que mandar sempre em grande número mas que seja em Francês, porque todos os nossos amigos perguntam-nos sempre se nunca mais recebemos V. M. em Francês, eles acham muito importante por exemplo o Embaixador da Roménia está muito interessado, por isso mandem-nos em Francês o V. M. mas muito urgente porque isso ainda virá a dar uma grande ajuda ao MPLA sobretudo com os camaradas da Roménia; se quiserem mandar sempre V.M. em Português mandem dois ou três para nós mas enquanto o resto mandem em Francês.

Aqui tudo normal, nada que nos impede estamos à vontade, camaradas lamento muito por não terem nos enviado um telegrama sabendo que haviam de passar cá estudantes, porque se o Amílcar não fosse ao aeroporto não se encontrava com os estudantes que passaram, pois se não fosse ele não teríamos conhecimento que em Conakry passou um grupo de moças que foram estudar, vocês fizeram muito mal, olha camaradas nós aqui não temos rádio para ouvir as notícias, o rádio que aqui se encontrava é do Mário e ele levou quando estava cá, por isso os rádios cá são caríssimos mas vamos comprar um, nós não podemos ficar assim sem ouvir o que se passa no mundo fora.

E quanto ao segundo aviso para a minha participação na Conferência de Quadros estou à espera breve e dizerem-me quando é que se vai organizar. Sabem uma coisa camaradas nós adquirimos passaportes Guineenses, embora que não foi com autorização do Comité Director do MPLA mas julgo que não se vão aborrecer por causa disso, ainda ficarão mais entusiasmados porque dos jovens do MPLA somos os primeiros a ter os passaportes da Guiné depois de tentarem muitas vezes.

enviaram-lhe ainda mais uma carta essa semana para mandar a resposta antes de fins de Novembro, por isso estamos a espera o mais depressa possível.
Cumprimentos para todos um forte abraço,
Pelo responsável do Bureau do MPLA em
Conakry
Brito Sòzinho

Outra coisa, quero perguntar se podem-nos explicar o que é a CUNA? Quais são as suas tendências e objectivos? Eu pergunto isso porque há alguns amigos nossos que querem saber isso interessa-lhes muito em saber essa organização. Não falem enviarem-nos sempre documentos e notícias. Não sei se é já do vosso conhecimento que o camarada João Baptista Pedro no ano próximo vai estudar uma bolsa que lhe foi oferecido quando ele foi fazer o seminário das Cooperativas, eles queriam que o camarada ficasse já lá mas o camarada disse-lhes que não podia ficar sem consultar a Direcção do Movimento e parece-me que ele já escreveu para o Departamento de Organização e Quadros, para dizer os camaradas o meu ponto de vista, acho que o camarada deve ir mesmo, não pode faltar de ir porque ele se não for nunca mais as cooperativas oferece bolsa a um estudante nosso por isso a Direcção faz o favor de autorizar, e para ver que eles estão muito interessados que o camarada vá, enviaram-lhe ainda mais uma carta essa semana para mandar a resposta antes de fins de Novembro, por isso estamos a espera o mais depressa possível.

Cumprimentos para todos um forte abraço,

Pelo responsável do Bureau do MPLA em Conakry

Brito Sozinho [*segue assinatura*]

Comunicado do CVAAR

[*policopiado, em francês, em papel timbrado do CVAAR*]



C. V. A. A. R.

CORPO VOLUNTÁRIO ANGOLANO DE ASSISTÊNCIA AOS REFUGIADOS

CORPS VOLONTAIRE ANGOLAIS D'ASSISTANCE AUX RÉFUGIÉS
Organisation philanthropique d'aide Médico-sociale aux Réfugiés Angolais au Congo

Siège (provisoire) : 47, Avenue Tombeux de Tabora - Boite Postale 856
LÉOPOLDVILLE République du Congo (ex-Belge)

COMMUNIQUE

Par décision du Premier Bourgmestre de Léopoldville, arrêté le 29 Octobre 1963, le siège du CORPS VOLONTAIRE ANGOLAIS D'ASSISTANCE AUX REFUGIÉS (C.V.A.A.R.) à Léopoldville, vient d'être fermé, sous l'allegation qu'il n'appartient pas aux partis politiques qui ont constitué le "Gouvernement de la République Angolaise en Exil", reconnu par le Gouvernement de la République du Congo.

Le Comité d'Administration du C.V.A.A.R., organisation philanthropique crée pour et par des Angolais, tient à préciser qu'il n'a jamais eu de rôle politique, son activité étant l'aide soit matérielle soit morale au milliers d'Angolais qui depuis le déclanchement de la guerre en Angola, arrivent tous

Por decisão do Primeiro Burgomestre de Léopoldville, tomada a 29 de Outubro de 1963, a sede do CORPO VOLUNTÁRIO ANGOLANO DE ASSISTÊNCIA AOS REFUGIADOS (CVAAR) em Léopoldville, acaba de ser encerrada, sob a alegação de que não pertence aos partidos políticos que constituíram o “Governo da República Angolana no Exílio”, reconhecido pelo Governo da República do Congo.

O Comité de Administração do CVAAR, organização filantrópica criada por e para Angolanos, faz questão de precisar que nunca teve um papel político, tendo por actividade a ajuda quer material quer moral aos milhares de Angolanos que, desde o desencadear da guerra em Angola, chegam todos os meses ao Congo, expulsos das suas terras pelos colonialistas portugueses. É nosso dever chamar a atenção da opinião pública para os danos causados a centenas de refugiados de todas as idades, aos doentes, às crianças em idade escolar, a todos os Angolanos apoiados pelo CVAAR, graças ao apoio internacional de que goza.

O Comité de Administração do CVAAR só tem a lamentar essa decisão que em nada ajuda o entendimento entre os nacionalistas Angolanos, proibindo que se prossiga uma obra de que todos reconhecem a importância humana.

Feito em Léopoldville, a 31¹ de Outubro de 1963

O Comité de Administração do CVAAR

Carta Circular do CVAAR anunciando a partida de Léopoldville

[policopiada, em francês]

Léopoldville, 31 de Outubro de 1963

Caro Amigo,

O CORPO VOLUNTÁRIO ANGOLANO DE ASSISTÊNCIA AOS REFUGIADOS (CVAAR) lamenta comunicar-lhe que no dia 29 de Outubro de 1963 recebeu a participação nº 2970/Nº818/Cont.63/EK.M/D525 do Primeiro Burgomestre da cidade de Léopoldville, ordenando o encerramento imediato do CVAAR.

Contudo, o pessoal médico do CVAAR continua disponível para socorrer gratuitamente os refugiados. Os donativos continuarão a ser distribuídos aos refugiados, à medida que forem sendo recebidos. A assistência técnica de qualquer colaborador continua igualmente a estar à disposição dos refugiados angolanos no Congo. O CVAAR prossegue portanto as suas actividades regulares enquanto for necessário e possível.

O Comité de Administração do CVAAR agradece a todos os comités de apoio, às organizações e aos indivíduos que sempre colaboraram activamente e cuja ajuda material

¹ “31” foi escrito à mão por cima de “29”.

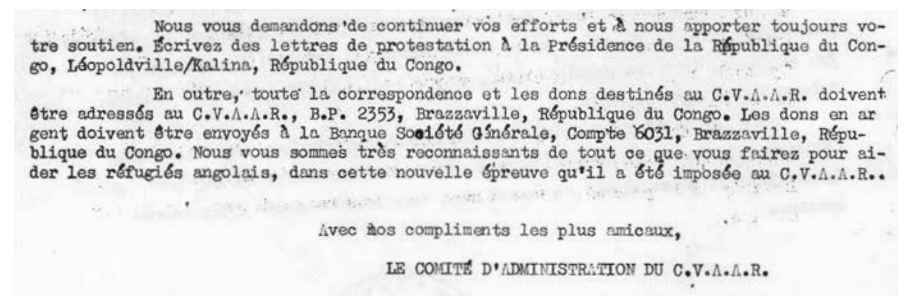
e moral nos permitiu a realização da obra de assistência médica e escolar gratuita aos refugiados angolanos no Congo. O CVAAR também agradece a todos os que manifestaram a sua solidariedade, após a ordem de encerramento do dispensário de Léopoldville.

Pedimo-vos que prossigam os vossos esforços e que continuem a apoiar-nos. Escrevam cartas de protesto à Presidência da República do Congo, Léopoldville/Kalina, República do Congo.

Além disso, toda a correspondência e os donativos destinados ao CVAAR devem ser endereçados ao CVAAR, C.P. 2353, Brazzaville, República do Congo. Os donativos em dinheiro devem ser enviados para o Banco Société Générale, Conta 6031, Brazzaville, República do Congo. Estamos muito gratos por tudo o que fizerem para ajudar os refugiados angolanos, nessa nova prova que foi imposta ao CVAAR.

Com os nossos calorosos cumprimentos,

O COMITÉ DE ADMINISTRAÇÃO DO CVAAR.



Protesto contra UPA e Encerramento do CVAAR

[policopiado]

[Sem data]

ANGOLANOS!

A tristeza maior da nossa situação é fecharmos os olhos à situação que foi criada pela família dos Holdens.

Um belo dia começaram a chegar panfletos em Angola a dizer que a independência estava próxima. De repente todos julgaram que era verdade e começaram a fazer o que a UPA dizia. Lutar de catanas, de pedras, mandar sacos cheios de dinheiro para encher a barriga dessa família maldita.

A gente já não pode continuar com olhos fechados, não. Fomos intrujados nos dizendo intrigas contra os nossos irmãos angolanos dos outros partidos. Muitos de nós viemos para a UPA para lutar mas afinal a gente vê que a UPA não sabe fazer luta. Só sabe matar os irmãos que querem lutar ao lado com ele.

Isto não pode continuar nem mais um dia. Temos que revoltar e entregar as armas a quem sabe lutar. Temos que ser fiel à nossa Pátria. Temos que obedecer aos nossos verdadeiros chefes de Angola que não é a família dos Holdens.

Os soldados da UPA são quase todos Ambriz e Ambrizetes. Eles precisam ver que a UPA mentiu e que a luta está atrasada por culpa da família dos Holdens. Eles precisam revoltar e ir entregar tudo nas mãos dos chefes angolanos que não é a família dos Holdens!

Os irmãos Ambriz e Ambrizetes pensa só no que aconteceu com CIVAR [*sic*]. A família dos Holdens e os amigos dos Holdens de dentro do UPA mandaram fechar o CIVAR. Então isto não é um crime?

O CIVAR socorria os doentes dos refugiados. O CIVAR dava de comer. O CIVAR dava de vestir. E vêm os tipos do UPA junto com os amigos dele e fecha o CIVAR.

A família dos Holdens e os amigos dele de dentro do UPA são inimigos do Povo Angolano. O Povo angolano é Ambundo, Kicongo, Kimbundo, Ganguelas e Lunda tudo e tudo é Angola.

O povo de Angola precisa revoltar contra o UPA.

Autorização de Passagem de Armamento do MPLA pelo Congo Central

[*dactilografada, em francês, em papel timbrado do Min. Int. Congo Central*]

Benseke-Futi (Junto a Léopoldville), 31.X.1963
Nº 05/590/4º DMI/C1.AI

CERTIFICADO

Assunto: Circulação de armas e munições do MPLA contra as forças portuguesas em Angola.

Por ordem do Sr. Georges MANSIANGA-FOUNDU, Vice-Presidente e Ministro da Justiça, Chanceler do Kongo Central e em virtude das facilidades concedidas pela República do Congo aos Angolanos que lutam contra as forças portuguesas em Angola, certifico pela presente que o Sr. Luís DE AZEVEDO JÚNIOR, de nacionalidade Angolana, residente em Léopoldville, Avenida Basoko nº 13, membro do Departamento dos Assuntos Exteriores do Movimento Popular de Libertação de Angola, abreviadamente "MPLA", Encarregado de Missão junto do Governo da República do Congo, está autorizado a fazer passar, de Brazzaville para a Província do Kongo Central, 15 toneladas de armas e munições destinadas a serem armazenadas no interior de Angola, nas zonas controladas pelo Exército Angolano.

O MINISTRO PROVINCIAL DO INTERIOR DO KONGO CENTRAL

André M'PIKA [*com assinatura*]

[*carimbo do Gab. do Min. Int. do Kongo Central*]

Carta do DOQ sobre Realização da Conf.^a de Quadros

[*policopiada, em papel timbrado do MPLA*]

Caros camaradas:

A evolução do problema angolano durante os últimos meses, veio colocar o nosso Movimento numa situação que exige uma firmeza de atitude e a consciência exacta da hora que o nacionalismo angolano atravessa.

Só em perfeita consciência da responsabilidade histórica que o Povo Angolano confiou ao MPLA será possível vencer as dificuldades que os nossos adversários levantam à nossa causa, destruir as cabalas tecidas pelos inimigos da causa Angolana e eliminar os germes do oportunismo e da traição que tentam desvirtuar a nossa acção.

Impõe-se pois uma análise profunda, da situação actual e a definição de uma linha de acção mais firme, depois de feita a reestrutura[ção] do MPLA que as circunstâncias aconselham. E para isso o Comité Director resolveu convocar uma Conferência de Quadros que terá lugar, na Segunda Semana de Novembro.

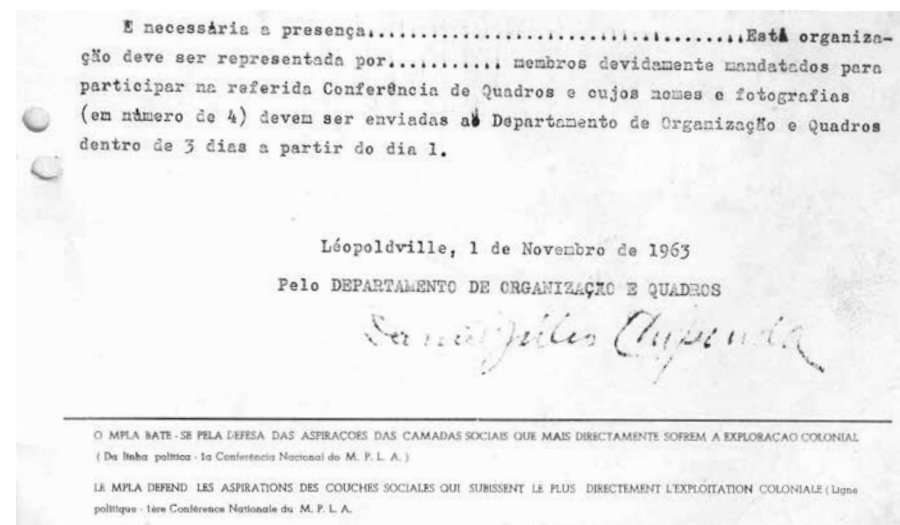
A participação larga dos Quadros do MPLA é uma das condições fundamentais do bom êxito dos trabalhos que vamos realizar.

É necessária a presença Esta organização deve ser representada por membros devidamente mandatados para participar na referida Conferência de Quadros e cujos nomes e fotografia (em número de 4) devem ser enviadas ao Departamento de Organização de Quadros dentro de 3 dias a partir do dia 1.

Léopoldville, 1 de Novembro de 1963

Pelo DEPARTAMENTO DE ORGANIZAÇÃO E QUADROS

[*assinado por Daniel Júlio Chipenda*]



Autorização para Reagrupamento de Refugiados

[dactilografada, em francês, em papel timbrado]

MPUMBU junto a LEO, 5 de Novembro de 1963

Nº /CAB/01167/INT/NL/JBas.

CERTIFICADO

Eu, abaixo-assinado, André F. MPIKA, Ministro do Interior da Província do Kongo Central, autorizo o “MPLA” a reagrupar refugiados em Kimfutingulu, no Sector de Mfidi, Território de Madimba.

Isto com vista a fazer face à dispersão nociva desses refugiados.

PELO MINISTRO DO INTERIOR
O CHEFE DE GABINETE *[com carimbo]*
Laurent NSINGI *[segue assinatura]*

ENTREGUE cópia para informação a:

Senhor Administrador do Território de e em MADIMBA

Carta Circular da Direcção da JMPLA

[policopiada]

JUVENTUDE DO MOVIMENTO POPULAR DE
LIBERTAÇÃO DE ANGOLA

JMPLA

BRAZZAVILLE – REPÚBLICA DO CONGO

JOVEM ANGOLANO

Mais um facto acaba de ser consumado no seio do nacionalismo angolano. Nós, jovens angolanos estamos enraizados às nossas tradições, aos nossos costumes. Os nossos avós sempre nos disseram que o bom soba é aquele que sabe agrupar os seus filhos. Um governo deve agrupar todo o povo de forma a merecer a confiança de toda a massa [de] um país. Não é em vão que o Povo Angolano, mas todo até aquele que por manobras e por interesses procura apoiar o governo de todo o povo, tem consciência de que um governo imposto não representa nada. Não é desconhecida a luta fratricida praticada em Angola. Todo o angolano está ao corrente das pressões que se fazem de forma a encerrar os bureaux da maioria dos partidos angolanos. Será isto unificar o Povo Angolano? Não; é dividi-lo irreconciliavelmente.

A JMPLA não é contra o reconhecimento de um governo revolucionário angolano. Ela está de acordo com tal reconhecimento, pois isto daria mais solidez à luta angolana de forma a acelerar toda a actividade revolucionária que daria uma coesão ao povo para a liquidação total do colonialismo português. A JMPLA, depositária da esperança do Povo angolano, é contra um governo que procura a todo o custo dividir-nos enfraquecendo toda a nossa força e fortificando a força do inimigo.

A Juventude Angolana deve estar consciente. Denunciemos todas as manobras e procuremos, custe o que custar unirmo-nos, porque só unidos poderemos vencer o gigantesco inimigo que enfrentamos.

Concordamos e aceitamos que o Governo do Congo tivesse reconhecido um governo angolano para facilitar a tarefa da nossa luta; é dentro deste princípio que a JMPLA pede ao governo do Congo para que dentro do espírito que o anima de ajudar a luta do povo angolano se prontifique a dar os seus bons ofícios para que facilite o arranjo de uma plataforma que possibilite a efectivação da unidade do nacionalismo angolano (tornando este governo representativo).

A árvore que dá bons frutos reconhece-se pelas suas folhas. Atacam-se dirigentes verdadeiramente nacionalistas que têm dado provas de coragem, de honestidade, de dignidade e de dedicação, daí os seus frutos que o próprio povo angolano no interior já provou. Hoje, pretende-se queimar uma árvore do qual o povo angolano mantém esperanças. Chama-se a este dirigente, vendido, colaborador com portugueses, sócio de uma empresa de portugueses, só porque fora de ambições pessoais e de quaisquer interesses pretende que o povo de Angola unifique todas as suas forças para a vitória final sobre o colonialismo português.

A JMPLA não pede debates filosóficos entre os dirigentes; pede sim que haja unidade entre todos os nacionalistas angolanos.

A JMPLA chama atenção aos demais nacionalistas que o encerramento dos bureaux dos nacionalistas angolanos em Léopoldville não deve constituir um motivo de regozijo porque isto, pretende liquidar a parte mais consciente e mais honesta do nacionalismo angolano e em vez de nos unir vem dividir-nos cada vez mais e, ao dividir-nos enfraquece-nos, e ao enfraquecer-nos fortalece o inimigo que a cada passo se arma até aos dentes! Não sigamos homens, jovens angolanos, mas sigamos os princípios que nos levem a unirmo-nos para bem do nacionalismo angolano. Não nos deixemos ludibriar com intrigas e panfletos injuriosos de dirigentes desonestos. O que o povo angolano precisa hoje é que todas as forças nacionalistas se unam. Obriguem-se, jovens angolanos, que os dirigentes imbuídos de orgulho pessoal o deixem e olhem verdadeiramente para a consumação da UNIDADE que todo o povo pede. Só com ela nós triunfaremos.

VITÓRIA OU MORTE!

UNIDOS VENCEREMOS!

A DIRECÇÃO
[carimbo da JMPLA]

Brazzaville, 7 de Novembro de 1963

Carta do Comité Director a Mário de Andrade

[dactilografada - 2ª via]

Brazzaville, 13 de Novembro de 1963

Ex.^{mo} Senhor MÁRIO DE ANDRADE
C/o CONCP
6, Rue Paul Tirard RABAT

Ref. 8B/CD/1963

Prezado Compatriota

Os problemas urgentes que temos entre mãos só agora permitem responder à tua carta de 23 de Setembro, aqui recebida na primeira semana de Outubro.

A "literatura" emanada do CD a que te referes tem justamente evitado um tom polemista que em nada contribuiria para solucionarmos os graves problemas com que nos afrontamos actualmente.

Reafirmamos o nosso desejo de uma análise reflectida sobre o futuro do nacionalismo angolano e do MPLA. Essa análise só será proveitosa se for feita aqui, em contacto com a realidade, como aliás vem já sendo feita. Rabat como ponto de encontro não nos parece viável, quer por prejuízos de ordem política, que a ausência de responsáveis acarretaria ao MPLA, quer por questões de ordem económica e prática. Asseguramos a realização de um tal encontro no Congo Brazza em condições de absoluto segredo e tranquilidade. Esperamos que nos comuniqués telegraficamente a tua decisão, para se tomarem as medidas necessárias.

Pelo Comité Director
L. Lara [com assinatura]

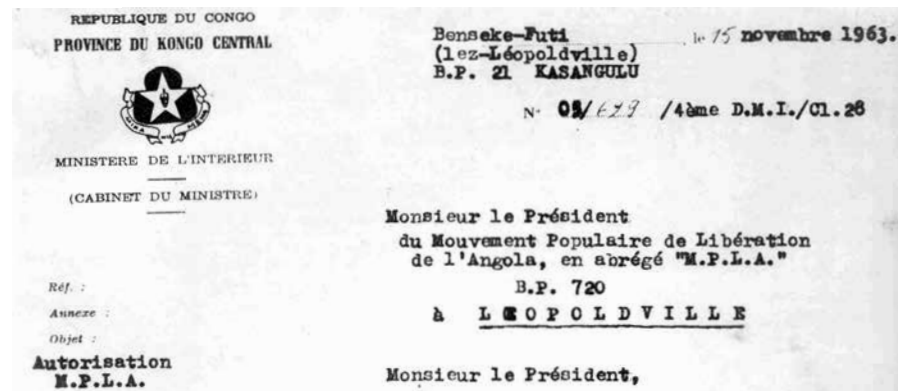
Reafirmamos o nosso desejo de uma análise reflectida sobre o futuro do nacionalismo angolano e do MPLA. Essa análise só será proveitosa se for feita aqui, em contacto com a realidade, como aliás vem já sendo feita. Rabat como ponto de encontro não nos parece viável, quer por prejuízos de ordem política, quer por ausência de responsáveis acarretaria ao MPLA, quer por questões de ordem económica e prática. Asseguramos a realização de um tal encontro no Congo Brazza em condições de absoluto segredo e tranquilidade. Esperamos que nos comuniqués telegraficamente a tua decisão, para se tomarem as medidas necessárias.

Pelo Comité Director

L. Lara
L.Lara

Autorização para uma Representação do MPLA no Congo Central

[dactilografada, em francês, em papel timbrado]



Benseke-Futi (junto a Léopoldville), 15 de Novembro de 1963

C.P. 21 KASANGULU

Nº 05/629/4º DMI/C1.28

Senhor Presidente
do Movimento Popular de Libertação
de Angola, abreviadamente "MPLA"
C.P. 720
em LÉOPOLDVILLE

Assunto: Autorização MPLA

Senhor Presidente,

Na sequência da sua carta nº 675/PRES/F/963 de 6 de Novembro de 1963, relativa à obtenção de uma autorização para instalar uma representação do vosso Movimento, tenho a honra de lhe comunicar que não há nenhuma interdição suspendendo o seu Partido Político na Província do Kongo Central.

Tendo a luta que levam a cabo contra o colonialismo português, o objectivo de ascender à independência de Angola, autorizo-vos a instalar as vossas representações na Província do Kongo Central, onde quer que o interesse do vosso Movimento o exija.

As autoridades civis e militares são instadas a dar-vos todo o apoio.

Queira aceitar, Senhor Presidente, os protestos da minha elevada consideração.

O MINISTRO PROVINCIAL DO INTERIOR

André M'PIKA [com assinatura]
[carimbo]

Carta do CD do MPLA a Kasavubu (rascunho)

[dactilografada, em francês – 2ª via]

Brazzaville, 18 de Novembro de 1963

A SUA EXCELÊNCIA
JOSEPH KASAVUBU
PRESIDENTE DA REPÚBLICA DO CONGO
LÉOPOLDVILLE

Excelência,

Temos a honra de manifestar, muito respeitosamente, junto de Vossa Excelência, o nosso mais profundo choque perante o encerramento das Representações do Movimento Popular de Libertação de Angola e do Corpo Voluntário Angolano de Assistência aos Refugiados, ordenado pelo Sr. Primeiro Burgomestre de Léopoldville, na sua carta circular N° 2970/N° 818/Cont.63/EK/D525 dirigida aos Presidentes dos Partidos políticos angolanos.

Sem esquecer o acolhimento fraterno que o Povo congolês concedeu aos combatentes e aos refugiados angolanos, o MPLA faz questão de manifestar, a Vossa Excelência, quanto considera discriminatória uma tal decisão, contrária à unidade do nosso Povo e das suas organizações políticas.

Durante os dois anos em que a nossa organização pôde gozar da hospitalidade e da solidariedade do Povo congolês, respeitámos sempre solenemente as leis da República e honrámos a amizade do Povo irmão congolês.

Além do mais, os irmãos congolezes sempre nos recordaram calorosamente o contributo que os militantes do nosso Movimento trouxeram às organizações nacionalistas congolezas nos tempos da opressão belga. Ainda hoje algumas autoridades congolezas não deixam de testemunhar a admiração pelo esforço desenvolvido pelo CVAAR na Assistência médica e social aos refugiados angolanos assim como à população congoleza, visto que mais de 20.000 congolezes foram tratados gratuitamente pelos diferentes dispensários do CVAAR.

Este entendimento entre os nossos dois povos não deverá ser quebrado por uma decisão que não tem em conta as realidades internas do nosso País.

Com efeito, o recente reconhecimento de um governo angolano foi um assunto que apenas teve em consideração os aspectos exteriores do nacionalismo angolano, susceptíveis de dificultar a vida dos colonialistas portugueses. No entanto, esse reconhecimento não poderia justificar qualquer tentativa para afastar da luta uma parte muito importante do nacionalismo angolano, o que prejudica a unidade do nosso Povo e o futuro do nosso País.

Recordando os milhares de mártires tombados pela independência e a unidade de Angola, conscientes das responsabilidades do MPLA cujos militantes no interior, continuam a levar a cabo uma luta sem tréguas contra os colonialistas portugueses, expressamos a Vossa Excelência o nosso profundo desgosto e apelamos a Vossa

Excelência, *dirigente supremo do Povo irmão Congolês, conhecendo melhor que ninguém o contributo fraternal dos nossos militantes à causa sagrada do Congo*¹, para que faça justiça, anulando uma decisão de graves consequências para o nosso Povo, que apenas beneficia os inimigos da nossa liberdade e da unidade africana.

Certos de encontrar junto de Vossa Excelência a compreensão que os problemas angolanos sempre lhe mereceram, rogamos-lhe que aceite, Excelência, os protestos da nossa mais alta consideração.

Em nome do Comité Director

Desmentido sobre Angolanos no Conflito Argelo-Marroquino

[policopiado, em francês]

MOVIMENTO POPULAR DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA

MPLA

C.P. 2353 – Tel. 4915

BRAZZAVILLE²

COMUNICADO

Face às notícias difundidas sobre a participação de militares angolanos no conflito argelo-marroquino, a CONCP e o nosso Representante em Rabat apresentaram um desmentido da seguinte forma:

A propósito da notícia de 13 de Novembro, difundida pela Agência MAP, segundo a qual nacionalistas angolanos tinham constituído uma unidade, enquadrados por oficiais argelinos, e que essa unidade tinha sido enviada pelo ANP [Armée National Populaire] para a região de Marnia,

O Secretariado Permanente da Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas – CONCP – e o Responsável Militar do Movimento Popular de Libertação de Angola – MPLA – fazem questão de afirmar que:

1º – O último grupo de jovens angolanos, militantes do MPLA, que fez o treino militar na Argélia, deixou este país nos últimos dias do mês de Outubro; portanto, se há angolanos enquadrados no ANP para combater contra o Marrocos, esses angolanos não são militantes do MPLA e não têm nenhuma relação com a CONCP.

2º – Jamais um nacionalista angolano, ou um nacionalista de outras colónias portuguesas ligadas à CONCP, pegaria em armas contra o Marrocos irmão, que desde as primeiras horas trouxe o seu apoio moral e material à nossa luta de libertação nacional.

¹ Em itálico, acrescentado por L. Lara.

² Como este endereço se repete, doravante será assinalado por “Endereço do MPLA em Brazzaville”.

3º – O Secretariado Permanente da CONCP, em nome do conjunto das Colónias portuguesas, e o Responsável Militar do MPLA em nome dos combatentes do MPLA, só têm a lamentar a existência de um conflito entre dois países irmãos africanos e desejam vivamente a solução pacífica do problema argelino-marroquino, no espírito dos acordos de Bamako, e desejam particularmente que a próxima conferência de ministros dos negócios estrangeiros da OUA possa encontrar a solução justa num espírito africano, para o bem do Magreb e de toda a África.

4º – O Secretariado Permanente da CONCP, em nome das Organizações Membros, quer afirmar a sua gratidão ao Marrocos, a SUA MAJESTADE HASSAN II, ao Seu Governo e ao Seu Povo que, desde sempre, tomaram uma posição militante de solidariedade com a nossa justa luta.

Brazzaville, 19-11-1963

O Secretariado Permanente da CONCP

Comunicado do MPLA sobre prisão de Chipenda e Condesse

[policopiado, em francês]

[Endereço do MPLA em Brazzaville]

COMUNICADO DE IMPRENSA

No início da noite de ontem, dia 22, uma força da polícia congoleza, instigada por elementos da União das Populações de Angola do Sr. Roberto Holden, prendeu os nossos irmãos de luta DANIEL CHIPENDA e ANTÓNIO JOSÉ CONDESSE, respectivamente presidente da Juventude e Responsável Militar do Movimento Popular de Libertação de Angola “MPLA”.

O Comité Director do MPLA protestou energicamente junto do Presidente e do Primeiro-Ministro da República do Congo-Léopoldville contra essas detenções que constituem uma ingerência no nacionalismo angolano, um procedimento arbitrário e uma traição ao espírito de solidariedade africana e aos princípios das liberdades individuais e democráticas.

Não se pode perder de vista que essas perseguições dos membros do MPLA acontecem precisamente após o encerramento da sua representação política pelas autoridades congolezas.

Isto demonstra claramente que essas perseguições fazem parte de um plano preparado com antecedência para tentar afastar da luta o Movimento Popular de Libertação de Angola.

O Comité Director do MPLA faz um apelo premente a todos os responsáveis dos Países Africanos para que intervenham junto das autoridades do Congo-Léopoldville pela libertação dos nossos camaradas, pela garantia da liberdade e da integridade física

dos nossos militantes e dirigentes e pela continuidade das actividades patrióticas do MPLA no Congo-Léopoldville, sem o que a independência de Angola e a unidade do Povo Angolano estarão gravemente comprometidas.

Brazzaville, 22 de Novembro de 1963.

O Comité Director do MPLA

Circular do MPLA sobre prisão de Chipenda e Condesse

[policopiada]

[Nota manuscrita: 22.11.63]

[Endereço do MPLA em Brazzaville]

AOS REPRESENTANTES DO MPLA NO EXTERIOR
AOS ESTUDANTES MILITANTES OU SIMPATIZANTES DO MPLA

No dia 22 de Novembro e após busca a uma das residências manti[da] pelo MPLA em Léopoldville, foram presos e encarcerados os nossos jovens companheiros de luta DANIEL JÚLIO CHIPENDA e ANTÓNIO CONDESSE, respectivamente Presidente da JMPLA e responsável militar do EPLA.

Esta detenção faz parte das medidas de intimidação perpetradas pelas autoridades de Léopoldville logo após a ordem de encerramento do nosso Bureau e proibição da manutenção de actividades. A presença ao lado do corpo de polícia que efectuou a prisão, de elementos do FNLA do Sr. Holden, entre os quais se encontrava o Dr. Lياهو, é uma prova cabal da participação, senão instigação, dos responsáveis do GRAE neste acto atentatório à dignidade do NACIONALISMO ANGOLANO.

Esta medida arbitrária e tendenciosa foi por nós imediatamente comunicada a todos os militantes, países e organizações amigas, a quem se pediram intervenções junto as autoridades congolezas, no sentido da libertação dos nossos jovens companheiros e responsáveis do MPLA.

Porém, e apesar das inúmeras intervenções e pedidos de libertação de todo mundo, DANIEL CHIPENDA e ANTÓNIO CONDESSE encontram-se ainda encarcerados, sem culpa formada, na prisão do NDOLO onde sofrem diariamente maus tratos e violência, e segundo as últimas informações deverão ser transferidos para uma prisão subterrânea em local secreto.

Face ao silêncio manifestado pelas autoridades congolezas e horrorizados com mais esta medida inhumana, que faz os nossos companheiros correrem o risco da própria vida, o COMITÉ DIRECTOR apela de novo para o interesse e intervenção dos seus militantes e amigos.

O CD pede a todos os Representantes no Exterior, a todos os estudantes militantes ou simpatizantes e a todos os amigos da luta do povo angolano:

- Que enviem cartas e telegramas de protesto às autoridades congoleas, especialmente ao Presidente da República, Ministro do Interior, Ministro dos Negócios Estrangeiros e Director da Sureté Nacional;
- Que enviem cartas e telegramas de protesto para o FNLA;
- Que dêem conhecimento a todas as organizações progressistas e amigos da nossa luta, da situação em que se encontram os nossos companheiros, pedindo a sua intervenção;
- Que enviem cartas e telegramas à Organização da Unidade Africana, Organização das Nações Unidas, União Africana e Malgache, etc., pedindo a sua intervenção e ainda a revisão das decisões do Comité de Conciliação das Organizações Nacionalistas Angolanas e da Conferência de DAKAR que servem de base a estas medidas de destruição do MPLA;
- Que mobilizem a opinião pública dos países em que se encontram contra estas medidas arbitrárias do Governo Congolês;
- Que contactem as Embaixadas do Congo nos países em que se encontram, protestando contra esta medida inhumana.

De todas as démarches a efectuar pedimos que nos comuniquem imediatamente, enviando-nos cópias dos documentos produzidos.

VITÓRIA OU MORTE

COMITÉ DIRECTOR DO MPLA

Circular do Departamento de Organização e Quadros do MPLA

[policopiada]

[Sem data]

MOVIMENTO POPULAR DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA – MPLA
LÉOPOLDVILLE – REPUBLIQUE DU CONGO

CAMARADAS:

As dificuldades que atravessamos aqui no Congo consideramo-las Normais porque o nosso Movimento está cheio de inimigos que fazem inúmeras frentes não perdendo qualquer oportunidade para nos atacar.

A nossa luta hoje ultrapassa a luta pela Independência. O nosso inimigo hoje é mesmo o Imperialismo Americano com todos os seus agentes.

Depois do reconhecimento do Holden, esperávamos que acontecessem um monte de coisas, por isso o fecho do nosso “Bureau” é para nós uma das atitudes normais para indivíduos que querem a todo custo dividir-nos e enfraquecer a nossa acção.

O nosso Bureau está fechado aqui em Léopoldville, mas o MPLA não são os Bureaux nem as secretarias. O MPLA é todo um povo de Angola, com toda a sua vontade de lutar procurando a todo o custo impor em Angola uma Independência Total e Real. Todos os camaradas não devem desanimar. Devem manter-se nos seus postos porque dentro de um curto espaço de tempo iremos dar directrizes. Agora mais do que nunca devemos unir as nossas forcas para que possamos nos impor aos demais inimigos que estão atentos para a cada momento abaterem-nos.

Apesar das dificuldades, os dirigentes e os militantes do MPLA em Léopoldville continuam trabalhando, não abandonando Léopoldville, mesmo que haja sobre ele qualquer repressão.

Enviamos juntamente o que deve ser a mão de ordem *[sic]* para todos os militantes.

Dentro de dias efectuar-se-á a Conferência de Quadros que irá certamente reestruturar todas as formas do nosso trabalho de forma a que o MPLA possa sossobrar mais uma vez sobre todos os vendavais que têm surgido e que surgirão.

VITÓRIA OU MORTE!

Departamento de Organização e Quadros

[carimbo do DOQ do MPLA]

Comunicado do MPLA sobre Expulsão do Congo-Léo

[policopiado, em francês]

[Endereço do MPLA em Brazzaville]

Sob pretexto que o MPLA “não faz parte dos partidos que formam o governo angolano no exílio, reconhecido oficialmente pelo Governo da República do Congo”, as autoridades de Léopoldville ordenaram a 2 de Novembro último o encerramento imediato da Representação do MPLA.

A 22 de Novembro, um grupo de militares armados, acompanhados por dois indivíduos a civil, efectuaram uma busca na residência dos médicos do CVAAR (Corpo Voluntário [Angolano] de Assistência aos Refugiados), e sem a mínima justificação, prenderam DANIEL CHIPENDA, Presidente da JMPLA, e ANTÓNIO CONDESSE, responsável militar do MPLA, levando também consigo alguns dossiers e uma certa quantia, que se encontravam numa secretária, guardados na residência. Um dos participantes na busca *[disse]* que esta se devia a uma “informação” do Sr. Roberto HOLDEN.

Esses actos discriminatórios das autoridades congoleas merecem alguns comentários para evitar que a opinião congolea e internacional sejam confundidas.

Eles são apenas a continuação de uma vasta série de medidas contra o MPLA em Léopoldville, onde aliás o Povo congolês nunca deixou de nos testemunhar os seus sentimentos mais profundos de fraternidade e de solidariedade. Essas medidas estão em total desacordo com as resoluções da Conferência dos Chefes de Estado Africanos em Addis Abeba, ao contrário do que querem fazer crer certas autoridades congoleas.

Na realidade, apesar das frequentes promessas, o MPLA nunca recebeu autorização para fazer transitar as suas armas através do Congo-Léo; apesar das frequentes promessas, o MPLA nunca lá pôde utilizar um campo de treino. Pelo contrário, vários grupos de guerrilheiros do MPLA foram presos e espancados à chegada ou à partida para Angola. Armas e equipamento militar, assim como medicamentos e vestuário destinados aos grupos de guerrilha, foram muitas vezes apreendidos e nunca restituídos.

Todas estas dificuldades nunca impediram o MPLA de prosseguir a luta militar em certas frentes e a sua presença armada e política continua incontestada em Angola. Também não impediram o MPLA de ajudar o CVAAR a prestar cuidados médicos e assistência social a largas dezenas de milhares de refugiados angolanos e a mais de 20.000 congolezes, ao longo da fronteira Congo-Angola.

Pode-se assim perceber o esforço gigantesco que o MPLA teve de desenvolver e também compreender o atraso da luta do nosso Povo pela sua libertação.

O reconhecimento unilateral e precipitado, pelo Congo-Léo, de um “governo angolano” sem representatividade, nem no interior e nem no exterior de Angola, deturpou deliberadamente o sentido das decisões de Addis Abeba que preconizavam sabiamente iniciativas tendentes a unir os movimentos de libertação de cada País.

Nesse momento, os responsáveis africanos não esconderam o seu espanto face a um tal reconhecimento que consideraram, no mínimo, precipitado.

O Comité de Ajuda às organizações nacionalistas, com sede em Dar-es-Salam, enviou a Léopoldville uma Comissão de Conciliação, criada por sugestão do MPLA, para procurar a plataforma que evitaria a consagração da divisão do nacionalismo angolano. Esta Comissão deparou-se com uma atitude intransigente dos delegados do Congo-Léo e, adoptando depois um “julgamento” sumário recomendações que significavam na prática a dissolução do MPLA, teve de inclinar-se a favor de uma organização que continua a mostrar-se incapaz de se colocar num terreno favorável ao entendimento de todas as forças angolanas, desejado pelo nosso Povo e por todos os responsáveis africanos.

A própria imprensa congoleza celebrou essas recomendações como UMA VITÓRIA DA DIPLOMACIA DO CONGO-LÉO! Não foi, em todo o caso, uma vitória do Povo angolano...

A decisão do Conselho de Ministros dos Negócios Estrangeiros, que aprovou tais recomendações sem ter tido a possibilidade de considerar os verdadeiros dados do problema angolano, foi apenas o resultado da campanha desencadeada no Congo-Léo contra o MPLA e que iria ferir o coração do Povo angolano.

No entanto, foi sob o falso pretexto de se apoiar nas recomendações do Conselho de Ministros dos Negócios Estrangeiros de África que a Representação do MPLA foi encerrada, os seus dirigentes detidos e ameaçados, estando previstas novas medidas contra a existência do MPLA.

Dissemos que todos estes acontecimentos fazem parte de uma vasta e antiga conspiração contra a existência do MPLA. Os factos mencionados e as dificuldades que fizeram retardar o estabelecimento do MPLA na República do Congo-Léo não deixam

a menor dúvida sobre isso. Pretende-se o desaparecimento do MPLA da cena política angolana para dar livre curso às ambições que já se desencadeiam sobre o destino e as riquezas do nosso País. Mas o MPLA e o Povo angolano continuam activos e vigilantes. Todos os dias, no interior do País, militantes do MPLA pagam com a sua vida, o seu sangue e a sua liberdade, a sua fidelidade aos princípios do Movimento e o seu apego à luta pela independência da Pátria. Todos os dias surgem novos militantes para substituir os que tombam no cumprimento do dever. São eles, juntamente com o Povo, e mais ninguém, que decidirão o futuro do País e do MPLA.

Fiel às suas responsabilidades históricas, o MPLA apenas pode protestar vivamente contra as infelizes decisões das autoridades da República do Congo-Léopoldville. Na realidade, as dificuldades criadas ao MPLA prejudicam a luta do Povo angolano contra o opressor português; elas constituem uma intromissão intolerável nas questões internas do nacionalismo angolano; elas traem os interesses sagrados do nosso Povo e o ideal da Unidade Africana.

Consciente do significado das Resoluções de Addis Abeba, o MPLA faz um apelo premente a todos os Governos africanos para que, avaliando as graves consequências que a má aplicação da linha traçada em Addis Abeba para a solução do problema angolano pode trazer,

- 1 – intervenham junto do Governo Congolês para o restabelecimento das actividades normais do MPLA em Léopoldville, pela libertação dos nossos irmãos, e pela garantia da integridade moral e física dos nossos militantes e dirigentes;
- 2 – reexaminem o problema angolano no seu verdadeiro contexto a partir de uma base de imparcialidade absoluta, procurando promover a unidade dos movimentos políticos angolanos, em conformidade com a sábia decisão dos Chefes de Estado no seu encontro de 18 de Maio de 1963 em Addis Abeba;
- 3 – se oponham à vitória do neocolonialismo em Angola.

O MPLA continua convencido que a solução normal do problema angolano deve ser encontrada num amplo confronto e colaboração dos diferentes movimentos políticos angolanos e não no afastamento da maioria desses movimentos.

É por essa razão que o MPLA não reconhece ao “Governo provisório angolano” a capacidade de representar o nacionalismo angolano em condições de exclusividade [e] já subordinadas a interesses não-angolanos. É por essa razão que o MPLA não considera justas as resoluções recomendando o reconhecimento do pretenso “governo” pelos Estados africanos. É ainda por essa razão que o MPLA defende que ENQUANTO O NACIONALISMO ANGOLANO ESTIVER DIVIDIDO, a ajuda concedida no quadro de Addis Abeba será ineficaz.

Nessas condições, consciente da sua força e das suas responsabilidades, conhecendo a verdadeira natureza do colonialismo português que tenta agora, pela astúcia, atrair a compreensão dos Governos africanos, o MPLA continuará a luta por todos os meios pela independência e pela unidade das forças nacionais.

Nenhuma força no mundo poderá dobrar a vontade inquebrantável do MPLA de realizar os objectivos que se impôs.

Todas as violências, todas as injustiças, todas as cabalas como as que foram dirigidas ultimamente contra o MPLA, não farão mais do que reforçar a firmeza da sua determinação em se opor à submissão de Angola e do nacionalismo angolano a qualquer compromisso que corresse o risco de resultar numa solução neocolonialista.

Brazzaville, 25 de Novembro de 1963

O COMITÉ DIRECTOR
[carimbo do CD do MPLA]

Comunicado do MPLA sobre Reabertura do Dispensário do CVAAR

[policopiado, em francês]

[Endereço do MPLA em Brazzaville]

Por determinação do Ministro do Interior do Congo-Léopoldville foi autorizada a reabertura do Dispensário do Corpo Voluntário Angolano de Assistência aos Refugiados (CVAAR), que retoma as suas actividades em Léopoldville e continua a sua Assistência em toda a extensão da República do Congo.

O CVAAR, organização apolítica e autónoma, tinha sido encerrado em Léopoldville no dia 29 de Outubro último, depois duma ordem do Primeiro Burgomestre de Léopoldville.

O CVAAR possui em Léopoldville o seu Dispensário Central onde, para além da Assistência médica, funcionam escolas para o ensino primário, para o ensino das línguas francesa e inglesa, assim como uma Escola de Enfermeiros que já formou alguns.

O CVAAR dispõe de vinte e sete dispensários ao longo das fronteiras, muitos dos quais se ocupam também do ensino primário. Todos esses centros fornecem medicamentos, alimentos e vestuário.

O CVAAR continua a desenvolver as suas actividades apenas graças aos donativos sempre concedidos pelos países Africanos e pelas organizações filantrópicas inglesas, francesas, suíças, alemãs, italianas, etc.

É por essa razão que a enorme massa de refugiados e os cerca de vinte mil cidadãos congolezes que foram assistidos gratuitamente pelo CVAAR não cessaram de apelar à sua reabertura. Várias organizações filantrópicas e humanitárias manifestaram-se no mesmo sentido junto do Governo Congolês.

A reabertura do CVAAR, que terá lugar amanhã, corresponde a uma necessidade premente dos refugiados angolanos. Ela constitui um acto justo do Governo da República do Congo-Léopoldville.

Brazzaville, 26 de Novembro de 1963

[carimbo do CD DO MPLA]
O COMITÉ DIRECTOR

Comunicado do CVAAR

[policopiado, em francês]

CORPO VOLUNTÁRIO ANGOLANO DE ASSISTÊNCIA AOS REFUGIADOS
CVAAR

Organização de ajuda médico-social aos Refugiados Angolanos no Congo
47, Avenida Tombeur de Tabora – Léopoldville
Caixa Postal – 856

Pela sua notificação nº 525/SR-63 de 23 de Novembro de 1963, o Primeiro Burgomestre da Cidade de Léopoldville acaba de comunicar ao Comité de Administração do CORPO VOLUNTÁRIO ANGOLANO DE ASSISTÊNCIA AOS REFUGIADOS (CVAAR), o acordo do Ministério do interior do Governo Central para a reabertura do Dispensário Central, fechado desde 29 de Outubro último.

Essa retoma das actividades amanhã dia 28 de Novembro está condicionada ao princípio da exclusão de qualquer função política por parte do CVAAR. Por este facto, não só o Primeiro Burgomestre tomará todas as medidas em caso de infracção, como desde já dois polícias farão todos os dias a guarda do CVAAR para assegurar a aplicação das recomendações do Primeiro Burgomestre.

O Comité de Administração do CVAAR faz questão de reafirmar a sua posição de organização filantrópica criada por angolanos para os angolanos sem nenhum objectivo político.

No entanto, esta nova decisão atesta o sentido do entendimento e da solidariedade africana actuante à qual estamos profundamente reconhecidos. Com o apoio do Povo e do Governo da República irmã do Congo, das organizações e indivíduos de todos os países africanos e de todo o mundo, o CVAAR retoma as suas actividades de assistência médico-social aos refugiados angolanos.

A todos os amigos que nos ajudam, o Comité de Administração do CVAAR faz questão de agradecer e pede que prossigam com a sua ajuda moral e material aos refugiados angolanos no Congo.

Léopoldville, 27 de Novembro de 1963

O Comité de Administração do CVAAR
[carimbo do CVAAR]

À tous les amis qui nous aident, le Comité d'Administration du C.V.A.A.R. tient à remercier et demande la continuation de leur aide morale et matérielle aux réfugiés angolais au Congo.

Léopoldville, le 27 novembre 1963

Le Comité d'Administration du C.V.A.A.R.

Nota do MPLA ao Comité de Coordenação para a Libertação de África

[policopiada, em francês]¹

NOTA DO COMITÉ DIRECTOR DO MOVIMENTO POPULAR DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA À INTENÇÃO DO COMITÉ DE COORDENAÇÃO PARA A LIBERTAÇÃO DA ÁFRICA

Em todos os momentos graves do nacionalismo angolano, e de acordo com um dos pontos fundamentais da sua linha política preconizando UMA SOLUÇÃO AFRICANA E SÓ AFRICANA PARA ANGOLA, o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) procurou sempre informar os Governos e os Povos irmãos de África do estado de evolução real da situação política de Angola.

Mais do que a prova da sua capacidade política e do seu apego à causa do Povo angolano, essas informações sempre reflectiram o interesse directo que o MPLA² tem na acção dos Países africanos, na medida em que, através de uma informação circunstanciada, os representantes africanos ficariam mais aptos a analisar e a encontrar a solução mais justa que possa levar ao sucesso.

Assim o MPLA agiu recentemente em Addis Abeba quando os Chefes de Estado Africanos se reuniram e decidiram trabalhar em conjunto para a libertação da África. No mesmo sentido agiu em Dar-es-Salam durante a reunião do Comité de Coordenação para a Libertação da África. Assim o MPLA tentou agir em Léopoldville durante as sessões da Comissão de Bons Offícios, e em Dakar, aquando da reunião do Conselho de Ministros da OUA. Assim estamos ainda tentando fazer agora, neste momento histórico em que o Comité de Coordenação para a Libertação da África se prepara para executar as importantes recomendações³, feitas em Dakar, em Agosto de 1963.

A execução das recomendações de Dakar com respeito a Angola, está directamente ligada aos destinos do Povo angolano. Ela interessa, por isso mesmo, ao conjunto dos Povos da África austral.

O MPLA, que continua a ser uma organização nacionalista de vanguarda, não pode pois deixar de intervir, chamando respeitosamente a atenção do Comité de Coordenação para o alcance histórico à escala do nosso continente e para as consequências graves que resultarão inevitavelmente da execução das recomendações de Dakar, que se apoiam nas conclusões da Missão de Bons Offícios em Léopoldville.

Como oportunamente demonstrámos (ver “MEMORANDO DO MPLA, À INTENÇÃO DO DIGNÍSSIMO COMITÉ DE COORDENAÇÃO PARA A LIBERTAÇÃO DA ÁFRICA” feito em Dakar, Agosto 1963), as conclusões da Missão de Bons Offícios em Léo, e por consequência, as recomendações de Dakar baseiam-se em vícios de apreciação que as invalidam à partida, sendo inadmissível que possam constituir a base para a solução de um assunto tão delicado e tão caro à África.

Efectivamente, como temos afirmado repetidas vezes, e salvo o respeito que todos os órgãos da OUA nos merecem, as conclusões da Missão de Bons Offícios e consequentemente as recomendações de Dakar que nelas se apoiam, devem ser objecto de uma revisão urgente e corajosa¹ já que:

os factos em que elas assentam resumem-se a umas poucas declarações não verdadeiras e intencionalmente exageradas por uma das duas partes a conciliar – a FNLA² –; elas afastam, com desprezo pelos interesses supremos do Povo angolano, a única organização originariamente angolana – o MPLA –, que se bate pela subtracção³ de Angola de todo e qualquer jugo estrangeiro; a única que avança um programa que tem em conta as verdadeiras aspirações do Povo angolano, que concordam com as expressas na Carta de Addis Abeba;

elas pretendem impor abusivamente ao Povo angolano um “governo” nascido a partir de organizações compostas sobretudo por descendentes de emigrados angolanos da cidade de Léopoldville, sem apoios à escala nacional (ver DECLARAÇÕES DE SR. HOLDEN ROBERTO À COMISSÃO DE BONS OFÍCIOS; e ver MEMORANDO DO MPLA... DAKAR, Agosto de 1963);

o afastamento do MPLA da cena política angolana é contrário aos interesses superiores de Angola e opõe-se à evolução normal do movimento de libertação nacional – movimento político-militar que em si mesmo exige uma unidade de acção cada vez mais sólida de todo o Povo angolano, sem qualquer discriminação de tribo, de religião ou credo político;

declarando, sem averiguações aprofundadas, a FNLA como única força angolana⁴, elas favorecem o jogo colonialista e imperialista, na medida em que permitem a neutralização da acção do MPLA no exterior e pretendem deixar as forças colonialistas portuguesas a sós com uma FNLA ineficaz, anti-democrática, politicamente alienada e por consequência incapaz de crescer em homens e em força política, no próprio seio do Povo angolano em luta;

elas favorecem a ingerência do imperialismo internacional na política presente e futura da Nação angolana. Por um lado directamente, através de pressões sobre o governo reaccionário de Lisboa e de directivas ao “governo no exílio”. Por outro lado,

¹ Existe um manuscrito em português, de Gentil Viana, com ligeiras diferenças que vão ser assinaladas aqui em itálico.

² “...Tal informação, a mais duma prova de idoneidade política e apego à causa do povo em Angola, reflectia o interesse directo que o MPLA...”

³ O manuscrito refere-se sempre “às decisões de Dakar” e não “às recomendações”.

¹ “...a decisão de Dakar, enfermam de vícios vários e carecem de uma revisão urgente e corajosa...”

² O manuscrito refere-se sempre a “FNLA/GRAE”.

³ “...afastam injustificadamente (com manifesto desprezo dos interesses superiores do povo Angolano) a única organização progressista e originariamente angolana que se bate pela subtracção...”

⁴ “...declarando sem mais averiguações, o FNLA/GRAE como única força combatente angolana...”

indirectamente, através das pressões e das directivas aos membros do Governo do Congo-Léopoldville, que chegaram ao extremo de toda uma série de discriminações e ataques à integridade física e política do MPLA¹.

Apresentamos aqui, sem comentários, alguns actos do Governo do Congo-Léopoldville, que mostram eloquentemente o quanto as conclusões da Missão de Bons Ofícios e as recomendações do Conselho de Ministros de Dakar, favoreceram e favorecem a intervenção imperialista no processo de libertação nacional de Angola.

Em Março de 1963, duas colunas de guerrilheiros do MPLA, que se dirigiam para Angola por um corredor que estabelece a ligação entre Léopoldville e uma importante zona de refúgio das forças do MPLA na região da Lunda (território nacional angolano), foram detidas e fisicamente maltratadas pelas forças governamentais congolezas, e em seguida transferidas em condições desumanas para Luluaburgo.

O seu equipamento militar e o material de assistência, destinado aos Angolanos evacuados desde Agosto de 1962 pelas nossas forças para as matas da Lunda, foram apreendidos. Todo o dinheiro angolano de que as colunas eram portadoras foi pilhado e dividido pelos que realizaram a operação, à vista dos nossos irmãos!²

Em Junho de 1963, a *gendarmérie*, agindo sob as ordens da Segurança Nacional Congoleza, efectuou uma busca num local do Exército do MPLA, situado em Binza – Léopoldville –, apreendendo armas bem como explosivos³.

Em Setembro de 1963, o Presidente do MPLA, Dr. Agostinho NETO e um membro do Comité Director, Lúcio LARA, foram processados por “...uso de falsos documentos” em virtude de possuírem passaportes de Países irmãos de África!

Em Setembro de 1963, o MPLA foi condenado a pagar multas por causa das armas apreendidas em Junho!⁴

Em Setembro de 1963, sob mandato das autoridades de Léopoldville, o nosso irmão Luiz de AZEVEDO JÚNIOR⁵, Encarregado de Missão do MPLA junto do Governo do Congo-Léopoldville, foi preso sem a mínima justificação!

¹ “...através de pressões e directivas aos membros do governo reaccionário do Congo Léopoldville, no sentido de se levarem a um extremo anti-diplomático e não político, toda a série de discriminações e ataques à integridade física e política do MPLA, como movimento nacional e defensor das massas camponesas e trabalhadoras, que constituem a maioria esmagadora da nação angolana...”

² “...do corredor congolês de Tchikapa que nos liga a partir do Congo Léo, às importantes zonas de repli das forças combatentes do MPLA na Lunda (território nacional angolano) foram detidas e fisicamente maltratadas pelas forças governamentais congolezas, transferidas em condições inhumanas para Luluaburgo, sendo-lhe apreendido, além do importante material militar, um grande carregamento de material de assistência aos angolanos evacuados desde Agosto de 1962 pelas forças do MPLA para as zonas florestais do Kassai e Lunda (território nacional angolano).

Todo o dinheiro angolano de que as colunas eram portadoras foi saqueado e dividido à vista por entre as autoridades que chefiaram a operação de detenção!”

³ “...apreendendo todas as armas e munições que ali se encontravam e maltratando os soldados revolucionários angolanos que faziam a guarda...”

⁴ “... Em Outubro de 1963 o MPLA foi processado e condenado por depositar armas de guerra numa das dependências de Léopoldville das suas forças de guerrilha em trânsito, no território africano do Congo Léopoldville!...”

⁵ “...Em Outubro de 1963 sob mandado das autoridades de polícia congoleza foi preso, nos locais do MPLA, um dos dirigentes do MPLA - Luiz Azevedo Júnior...”

Em Outubro de 1963, foi encerrado inopinadamente por uma força armada da polícia, o Dispensário Central do Corpo Voluntário Angolano de Assistência aos Refugiados – organização filantrópica criada por médicos e enfermeiros militantes do MPLA, para minorar o sofrimento dos refugiados angolanos através da ajuda sanitária e social.

Em Novembro de 1963, foi encerrado, por uma força armada da *gendarmérie* congoleza, a Representação Central do MPLA em Léopoldville, sob pretexto de não fazer parte dos “partidos que formam o governo no exílio”¹.

A 22 de Novembro de 1963, uma força armada prendia brutalmente, numa das residências do CVAAR em Léopoldville, o Presidente da Juventude angolana², Daniel CHIPENDA, bem como um responsável militar do MPLA, António CONDESSE, sem a mínima justificação.

A partir desse 22 de Novembro, forças da polícia e da *gendarmérie* congoleza não têm cessado as operações de detenção, as brutalidades e os vexames de toda a ordem, aos angolanos residentes em Léopoldville, desde que suspeitos de pertencerem ao MPLA!

Tudo isso apenas para citar alguns factos mais recentes...

Todo este ódio, toda esta perseguição significam INGERÊNCIA DIRECTA na orientação política da luta do Povo angolano. Tudo isto não é mais do que a concretização da política imperialista de intervenção nos pontos-chave de África!

As recomendações de Dakar, que confirmam as conclusões da Missão de Bons Ofícios, encorajam e legalizam, pelo menos na aparência, toda esta arbitrariedade e desmando contra os interesses fundamentais do Povo africano de Angola!

Desde Julho de 1963, mês da reunião da Missão de Bons Ofícios, até hoje, momento em que os Estados Africanos de Addis Abeba se preparam para executar as recomendações de Dakar, sucederam-se factos que põem a nu tanto a injustiça do afastamento forçado do MPLA da cena política angolana (no exterior do País...) como a ineficácia da FNLA/GRAE como “única força combatente pela libertação de Angola”.

Pela sua origem verdadeiramente nacional, pela sua política de defesa dos interesses da maioria oprimida de Angola, pela sua opção não alinhada, pelo seu carácter marcadamente africano e virado para o progresso, pela sua actividade militar e política – as únicas ameaçadoras aos olhos das forças colonialistas –, pelas suas estruturas democráticas e pelo volume de quadros técnicos e políticos já formados e em formação, o MPLA não pode ser afastado sem provocar um recuo imediato das forças nacionalistas angolanas.

Hoje em dia, a arrogância portuguesa aumenta, mau grado a falácia ridícula e desesperada da FNLA a propósito dos “... milhares de soldados portugueses mortos em dezenas de batalhas, tanques e aviões de guerra inutilizados, prisioneiros, toneladas de bazookas, obuses e metralhadoras tomadas ao inimigo”.

Portugal, face ao erro africano de Dakar, endurece no fundo as suas posições tentando, ao flexibilizar na forma, manter-nos a todos – os Africanos – no erro em que caímos.

¹ “...sob pretexto de não fazer parte do FNLA/GRAE.

Em Novembro de 1963 o presidente do MPLA, Dr. Agostinho Neto, foi detido por mais de 48 horas, sem motivo justificado, por forças armadas da *gendarmérie* congoleza.”

² “... residências do MPLA em Léopoldville, o membro do Comité Director e presidente ...”

Portugal sabe que a FNLA, impossibilitada pela sua natureza anti-democrática e pelos limites que lhe impõe a sua condição de alienada..., não poderá em hipótese nenhuma conduzir o Povo angolano à vitória africana, mas sim correrá desesperadamente e cada vez mais ostensivamente, para a busca duma solução negociada, com base numa relação de forças vantajosas para o colonialista e, por consequência, determinante de uma situação de autonomia interna fraudulenta ou de independência de tipo caracterizadamente neocolonial.

As mais recentes declarações da FNLA a respeito do “bom colono”¹ são a prova flagrante da desmobilização perspectivada pelas forças *reaccionárias* de Holden Roberto.

No MEMORANDO DO MPLA... de Dakar – Agosto de 1963 –, conscientes das consequências gravosas que adviriam para Angola, da aceitação pura e simples, pelo Conselho de Ministros da OUA, das conclusões nada objectivas da Missão de Bons Ofícios, o MPLA insistiu para que os argumentos de pura forma não constituíssem, em caso tão grave, um obstáculo intransponível para uma apreciação correcta e para a solução do fundo do problema angolano.

Hoje, no momento em que se prepara a execução das decisões de Dakar, o Comité Director do MPLA, consciente das suas responsabilidades face ao Povo angolano, de quem recebeu um mandato feito de sangue e de sofrimento [*de quase 500 anos*], volta de novo a fazer a mesma declaração de princípio e o mesmo apelo para as realidades do momento político africano:

– AS RECOMENDAÇÕES DE DAKAR RELATIVAS A ANGOLA DEVEM SER REVISTAS. O MPLA DEVE SER OUVIDO E A UNIDADE DO NACIONALISMO ANGOLANO DEVE SER PRESERVADA, como objectivo e arma principal das forças nacionalistas e da generalidade das forças africanas, na luta sem tréguas contra o bastião mais retrógrado e mais criminoso do colonialismo em África!

Que cada Governo, cada Povo de África assumam as suas responsabilidades sobre a orientação do processo político angolano!

O Povo angolano já demonstrou suficientemente à África e ao Mundo, o seu espírito de sacrifício, a sua coragem e a sua coerência política.

Nós confiamos nele! Sabemos que saberá defender até ao fim das suas forças o seu direito legítimo à autodeterminação e à independência, e que saberá edificar as suas próprias instituições.

O MPLA declara solenemente que lutará, em qualquer circunstância, contra a divisão do nacionalismo angolano.

Continuaremos a nossa luta sagrada para a libertação definitiva do nosso Heróico Povo.

Feito em Brazzaville, 30 de Novembro de 1963

EM NOME DO COMITÉ DIRECTOR
AGOSTINHO NETO [*com assinatura*]
PRESIDENTE DO MPLA

¹ “...FNLA/GRAE a respeito do “bom colono com quem poderemos coexistir...” são a prova...”

Em anexo os seguintes documentos:

- 1 – MEMORANDO DE DAKAR – Agosto de 1963
- 2 – Dois Comunicados relativos ao encerramento da Representação do MPLA e a detenção dos responsáveis;
- 3 – Dois documentos contendo cópias de telegramas enviados aos Órgãos da OUA, a Suas Excelências o Presidente da República do Congo-Léo, ao Sr. Cyrille Adoula, Primeiro-ministro do Congo-Léo e ao Sr. Ministro do Interior do Congo-Léo. Telegrama ao Sr. Aschar Maroff, Presidente da Quarta Comissão da ONU.

Carta do CD do MPLA a Ahmadou Ahidjo

[*dactilografada, em francês – 2ª via*]

Brazzaville, 30 de Novembro de 1963

SUA EXCELÊNCIA
AHMADOU AHIDJO
PRESIDENTE DA REPÚBLICA DOS CAMARÕES
YAOUNDÉ

Excelência,

Temos a honra de levar à mais alta consideração de Vossa Excelência um facto bastante doloroso, que prejudica o desenvolvimento e o reforço da luta do Povo angolano pela sua libertação.

Depois de ter ordenado o encerramento da Representação do MPLA sob o pretexto de que “o MPLA não pertence aos partidos que formam o ‘governo angolano no exílio’”, as autoridades da República do Congo-Léopoldville procederam a uma busca numa residência dos médicos do CVAAR – organismo de assistência aos refugiados angolanos – onde estavam guardados alguns móveis da Representação encerrada. Os agentes encarregues da busca manifestaram o desejo de deter o Presidente e alguns dirigentes do nosso Movimento, sem adiantar a mínima justificação. Como estes estavam ausentes, procederam à detenção do Presidente da JMPLA – DANIEL CHIPENDA – e de um responsável militar do MPLA – António CONDESSE, como reféns, segundo julgamos saber.

Esses actos arbitrários seguem-se a uma série de dificuldades sofridas pelo nosso Movimento e suportadas pelos nossos militantes.

O MPLA, desde a sua fundação, determinou como uma das suas tarefas fundamentais a unificação das forças nacionalistas angolanas em luta contra a dominação colonialista, o melhor garante da vitória e a melhor contribuição ao objectivo principal de realizar a Unidade Africana.

Forçado a deslocar uma parte importante da sua direcção para o exterior do País, nomeadamente para os Países vizinhos irmãos, o MPLA sempre teve a preocupação de respeitar solenemente os interesses e as leis dos Países que lhe ofereceram hospitalidade e nunca, sob nenhum pretexto, o MPLA se imiscuiu nos seus assuntos internos.

O MPLA pode aceitar que, no uso da sua soberania e no interesse da sua política, o Governo de um País irmão lhe dificulte ou proíba as suas actividades patrióticas. Sublinha, no entanto, que tais medidas são contrárias ao espírito e à letra da Carta de Addis Abeba, pela qual os Países Africanos se comprometeram em aumentar a sua ajuda aos combatentes da liberdade e expressaram o desejo de unificar os diferentes movimentos nacionalistas em cada País, de forma a acelerar a libertação de toda a África.

Mas o MPLA não pode entender e não pode aceitar que os seus militantes sejam arbitrariamente detidos e as suas actividades contra o colonialismo português dificultadas. Tais medidas constituem, aos olhos do Povo angolano e aos olhos dos militantes do MPLA, uma grave intromissão nos assuntos angolanos que enfraquece a confiança do nosso Povo na solidariedade africana e enfraquece as próprias forças angolanas, comprometendo seriamente o resultado da nossa luta. Tanto mais que tais medidas, que duram desde a instalação do MPLA no Congo, visam impor ao nosso Povo uma facção do nacionalismo angolano que está longe de ser a mais representativa.

Por isso fazemos a Vossa Excelência um veemente apelo para que, em nome da Unidade e da solidariedade africanas, em nome da justiça e do direito dos Povos, Vossa Excelência intervenha junto do Governo da República do Congo-Léopoldville para que os nossos irmãos sejam libertados e para que seja garantida a integridade moral e física dos nossos militantes, seriamente ameaçada, e para que as nossas actividades patrióticas possam continuar naquele País.

Esses factos, de uma extrema gravidade para o futuro do nosso País, são a consequência de uma análise insuficiente do problema angolano em toda a sua complexidade, que levou ao reconhecimento por alguns Países irmãos de África, de um “governo no exílio” para Angola, o qual não representa a maioria do nacionalismo angolano.

Assim solicitamos a Vossa Excelência que sejam tomadas desde já medidas para que o problema angolano seja reexaminado no seu verdadeiro contexto e a partir de bases que possam unir e não dividir as forças combatentes, de acordo com as sábias decisões tomadas a 18 de Maio de 1963 em Addis Abeba pelos Chefes de Estado de África.

Enquanto o nacionalismo angolano estiver dividido, qualquer ajuda trazida no quadro de Addis Abeba será ineficaz.

Estamos certos que este apelo premente, que traduz as nossas preocupações legítimas sobre o futuro da nossa Pátria, encontrará o melhor eco junto de Vossa Excelência.

Queira aceitar, Excelência, os protestos da nossa elevada consideração.

Em nome do Comité Director
Agostinho NETO
Presidente

Carta de Deolinda a Lúcio Lara

[manuscrita]

03.12.63

Lúcio,

Obrigada pela tua mukanda. Não estamos mal.

O CVAAR está a funcionar normalmente (ainda não vimos o nariz de qualquer Ximba de guarda aqui). Falta-nos transporte, medicamentos e dinheiro para a informação. O Azevedo está a tratar da maka do Chipenda e Condessa. Houve bulha na base de Kinkouzou – umbundos contra kikongos, na semana passada. Houve mortos (uns dizem 21 outros 25), mas os próprios donos dizem que só “houve confusão, mas não houve mortos”. Eles têm estado a festejar os ataques de Massabi; há legitimidade nisto? Oxalá a conf. se realize nesse prazo. Tanto peso morto nesta banda. Junto vai o projecto de preâmbulo. Favor dar ao Barros estes dados para o meu docu e lembrar-lhe para remeter-me ainda hoje o m/ cartão de refugiada: nat. – Catete 10/12/938, estudante.

Bem, fico por aqui hoje.

Cumprim/ a todos,

[rubrica de Deolinda]

3/12/63]

Carta de Mário de Andrade ao MPLA

[dactilografada, em francês]

CÓPIA DE UMA CARTA DE MÁRIO DE ANDRADE AO COMITÉ DIRECTOR

Rabat, 5 de Dezembro de 1963

Caros Compatriotas

Recebi a vossa carta de 13 de Novembro último.

Não contesto que seja desejável para o MPLA proceder à análise dos problemas actuais do nacionalismo angolano, assegurando a participação do maior número de militantes revolucionários e – para retomar os vossos próprios termos – em contacto com a realidade.

No entanto persisto em acreditar que é urgente esboçar uma plataforma de entendimento entre as correntes progressistas.

Foi por isso que insisti na organização de uma reunião restrita, desapassionada, longe das margens do Congo.

De qualquer forma, esforço-me por encontrar os meios materiais para vos visitar, logo que possível.

Sinceramente vosso
ass. Mário de Andrade

14, rua de Monastir
RABAT

* * * * *

[No mesmo documento vem o que se segue]

SIGNATÁRIOS da carta de protesto sobre os 4 de Rabat (F. Amado, Araújo, etc.)
Maria Ivette Souza, Luzia de Jesus, Tereza Carneiro, Carolina Pereira, Teodora Van-Dunnen, Feliciano Martins, Emília Passos, Maria Luiza Gaspar, Octávio Sacramento de Souza, Jorge Lima, Júlio de Andrade, Alberto Passos, Carlos Rúbio (Paixão Franco), Luiz de Almeida, Alberto Bento Ribeiro, Graça Silva Tavares.

Autorização do Governo do Congo Central a D. Chipenda

[dactilografada, em francês, em papel timbrado]

MPUMBU junto a LEO, 6 de Dezembro de 1963
Nº CAB/6128/INT/MG/JBas.

CERTIFICADO

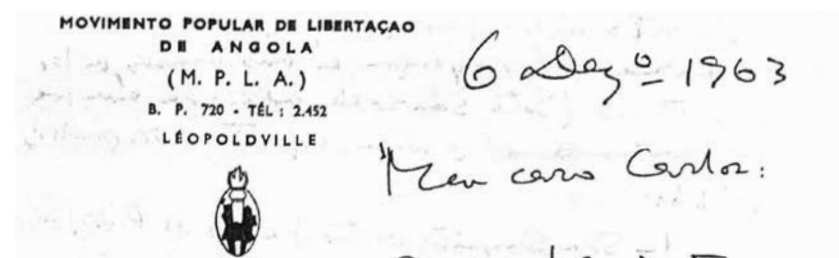
Eu abaixo-assinado ANDRÉ F. MPIKA, Ministro do Interior da Província do Kongo Central, na sequência da autorização N.º 05/629/4º DMI/C1.28 de 15 de Novembro último, concedida ao Movimento Popular de Libertação de Angola “MPLA” para instalar Representações Políticas na Província do Kongo Central, autorizo o Senhor *Daniel Chipenda* [acrescentado à mão] a permanecer nas regiões de KISANTU E MADIMBA, na qualidade de representante legal do Movimento Popular de Libertação de Angola “MPLA” junto das Autoridades Territoriais.

[carimbo do Gabinete do Ministro] PELO MINISTRO DO INTERIOR

Laurent NSINGY, *Chefe de Gabinete* [segue assinatura]

Carta de Agostinho Neto a Carlos Veiga Pereira

[manuscrita, em papel timbrado do MPLA]



6 Dezº 1963

Meu caro Carlos:

Saúde! E à tua família, que espero já esteja ao pé de ti. Espero ainda que a tua sogra tenha melhorado. Agradeço-te imenso a carta que me mandaste. Ela esclarece-me vários pontos que ainda via na penumbra.

Como toda a gente que pensa tirar proveito do trabalho alheio, creio que a senhora a que te referiste, sorria de satisfação ao pensar que tinha “salvo” o Presidente da República de Angola (futuro) das garras do leão! Somente os acontecimentos fizeram-na acordar um pouco do sonho. Agora, talvez escreva um livro sobre o Holden...

Compreendo perfeitamente as reacções que o pedido da minha mulher possa ter provocado nesta altura, mas garanto-te que ele não foi feito por acaso. Eu próprio o faria do mesmo modo que a ti.

Quanto à tua participação, finalmente me parece possível, daqui a uns meses, poder solicitá-la. (Esta sanzala africana em que nos metemos é o mais espantoso dos mundos!). Vê só:

1 – Sou suspeito de ter fugido de Portugal com auxílio da PIDE (Holden+Viriato).

2 – Sou suspeito de contactos com o governo fascista de Salazar, uma vez que a minha mulher (BRANCA!) escreve para a minha sogra, que por sua vez... compreendes? (Holden + Viriato + Mário).

3 – Sou suspeito de querer favorecer os portugueses em Angola, por advogar a participação de angolanos brancos na luta (Holden+Viriato+Mário+muitos anónimos).

4 – Sou suspeito de manter contactos directos com Salazar... eu ainda não percebi porquê.

Nesta situação, só um imbecil como eu, continua a defender a “vossa” participação na luta.

Mas garanto-te que (neste particular) a vitória não vem longe, e então voarei a Paris para falar convosco. Acredita que eu desejo-o com todas as minhas forças, e lutarei sempre por aquilo que me parece justo.

Espero que as roupas do Pedro cheguem cá!

Um abraço do [assinatura de A. Neto]

Acta da Reunião de Angolanos em Frankfurt

[dactilografada – 2ª via]

Acta da reunião de nacionalistas angolanos realizada a 7 de Dezembro de 1963 em Frankfurt/Main para discutir a situação interna e externa do MPLA

A reunião foi convocada por iniciativa do militante Luís de Almeida, representante do MPLA na Argélia, que veio à Europa em missão de informação. A 30 de Novembro foi enviada pelo camarada Almeida aos membros responsáveis do Comité de Acção do MPLA na Alemanha uma carta urgente pedindo a organização da reunião. Em razão das necessidades de reconciliação dentro do MPLA, a reunião foi alargada a todos nacionalistas angolanos, mesmo não sendo actualmente membros do MPLA. Estiveram presentes: Teodora Van-Dúnem, Teresa Carneiro, Carolina Pereira, Luzia de Jesus, Feliciano Martins, Bento Ribeiro, Carlos Rúbio, Ivette Sacramento, Graça Tavares, Luís de Almeida, Octávio Sacramento, Jorgelino Andrade, Luísa Gaspar, Alberto Passos e Emília Passos.

Foi ouvido inicialmente o camarada Almeida, que fez um relato dos acontecimentos que levaram ao enfraquecimento actual do MPLA: Depois da Conferência Nacional os dirigentes eleitos cometeram o erro de permitir a existência de uma oposição dentro do MPLA e através de sanções aplicadas a militantes aumentaram as divisões. O reconhecimento do governo provisório do Holden assim como a decisão de não apoiar nenhum outro movimento nacionalista e recomendar a unidade do nacionalismo angolano dentro da UPA foi decidida em primeiro lugar pela comissão de inquérito nomeada em Dar-es-Salam e depois confirmada em Dakar pela Conferência dos Ministros dos Negócios Estrangeiros Africanos.

Em Addis Abeba o MPLA registou uma grande vitória, que cedo foi anulada pelas suas próprias fraquezas. As cisões internas, as contínuas sanções aplicadas a militantes assim como as dificuldades no Congo foram as razões do enfraquecimento do MPLA. Na altura da reunião do Comité dos 9 que, segundo as resoluções de Addis Abeba, devia reconciliar os diferentes partidos nacionalistas e organizar a ajuda, o governo do CONGO-Léo reconheceu o governo provisório do Holden. Nessa reunião estiveram presentes por parte do MPLA o camarada Dr. Agostinho Neto, Mário de Andrade, Manuel Lima e Mayembe, chefe de um partido que mais tarde viria a constituir com o MPLA o FDLA. Por proposta do MPLA tinha sido nomeada uma comissão destinada a reconciliar o MPLA e a UPA e impedir o reconhecimento do governo do Holden por parte do governo de Léopoldville. Argélia, Uganda, Guiné, Nigéria, Congo-Léo constituíam essa Comissão de conciliação, a que mais tarde se veio juntar o Senegal, que apresentou em Dar-es-Salam um novo partido da Guiné de nome FLING. A delegação da UPA-ELA¹ a essa reunião era composta de três representantes, entre eles Jonas Savimbi e Kunzika. Em resposta a uma pergunta do delegado argelino sobre o que impedia à Upa e ao FNLA de fazer a unidade com o MPLA, Savimbi

respondeu que para os militantes da FNLA, principalmente para o seu presidente, o principal obstáculo da unidade era a pessoa de Mário de Andrade. Andrade aceitou um afastamento temporário para bem da unidade, não tendo partido para Léo com as delegações do MPLA e da FNLA, seguindo viagem para o Cairo. Assim se explica a declaração de Mário de Andrade feita no Cairo, dizendo que não tinha mandatado o MPLA para fazer negociações com os partidos que integram o FDLA, que se formou pouco depois da chegada das [de]legações a Léo. A comissão de conciliação decidiu ouvir em Léopoldville as autoridades congolezas e os dirigentes do MPLA e da FNLA. Por parte do governo congolês foram ouvidos Bomboko e o ministro dos negócios estrangeiros, que declararam que só reconheciam a UPA como movimento nacionalista angolano. Seguiu-se depois o depoimento do Holden que ficou muito diminuído perante as perguntas que lhe foram feitas, tendo declarado que a UPA e o PDA eram partidos constituídos por emigrados angolanos estabelecidos no Congo. Seguiu-se depois o depoimento do camarada Neto, que quis falar em português visto que não sabe falar francês. A pedido da Comissão, o camarada Neto apresentou-se com um intérprete tendo começado a falar em nome do FDLA. O delegado da Uganda impediu Neto de falar, dizendo que ele tinha sido convocado para falar em nome do MPLA. O camarada Neto continuou entretanto a falar em nome do FDLA, tendo sido depois interrompida a sessão por proposta do delegado argelino. Viriato Cruz apresentou então um pedido para depor perante a Comissão de inquérito, pedido que foi aceite. Ele declarou então que o MPLA estava fraco e muito dividido e que ele próprio tinha pedido a sua integração no governo provisório do Holden. Depois de uma reunião do Comité Director foi apresentado por escrito um pedido para o camarada Neto depor em nome do MPLA, o que foi recusado pela Comissão, que declarou ter encerrado já os seus trabalhos.

Na reunião de Dakar estiveram presentes os camaradas Agostinho Neto, Gentil Viana e Luís de Almeida. Foi então apresentado um memorando por parte do MPLA, mas em face das decisões da Comissão de Conciliação, foi decidido o reconhecimento do governo do Holden.

As forças revolucionárias de África dizem hoje que os governos africanos não são responsáveis do estado actual do MPLA e que só lhe cabe a ele como Movimento Nacionalista encontrar uma solução revolucionária para a situação presente. Assim, entre o nada e o Holden, preferem apoiar o Holden.

Sobre a situação interna do MPLA, o militante Almeida disse que havia actualmente três fracções, chefiadas por Neto, Andrade e Viriato. Segundo informações recolhidas por embaixadas de Léopoldville o Viriato tem muita força, e poderá amanhã provocar uma viragem. Face à repressão no Congo, o MPLA está condenado a morrer. As representações no exterior mantêm-se mas não têm crédito, visto que a organização faliu.

Como conclusões, o camarada militante Luís de Almeida diz que a casa faliu, e que face aos acontecimentos há que abrir uma nova casa. O Holden espera que as fracções do MPLA entrem em luta e se liquidem, podendo assim ele assumir o poder. Há uma pessoa que talvez faça a unidade: Mário de Andrade. A delegação do MPLA na Argélia deixou de apoiar qualquer fracção e acredita ainda na reconciliação. Há necessidade

¹ Lê-se ELA ou FLA mas deve ser PDA.

que os militantes deixem de ser assistentes para assumir um papel activo e levar os responsáveis a assumir as suas responsabilidades.

Terminado o relato do camarada Almeida, tomou a palavra Graça Tavares, para fazer também o relato do seu ponto de vista. Começou por dizer que a vida do MPLA se desenrolou em três fases: a fundação do Movimento em Angola, a instalação do Comité Director na Guiné e a sua transferência para o Congo-Léo.

O MPLA na Guiné só se interessou pela luta externa. Quando em Setembro de 61 se transferiu a direcção para Léo havia que iniciar o trabalho da organização da luta. Em Outubro do mesmo ano quando se abriram os bureaux em Léo, já a UPA tinha dois anos de trabalho político no Congo. Nos primeiros seis meses a acção do CD foi despendida na formação de quadros e na preparação do enquadramento militar da luta. A reacção da UPA verificou-se quando o trabalho do MPLA começou a dar frutos. Aproveitando o facto de haver responsáveis mulatos dentro do Comité Director, a UPA entregou-se a campanha de intrigas, explorando o facto de que grande número de mulatos gozam de situações privilegiadas dentro do regime colonial, aliando-se ao colonialista português contra o povo. Como resultado dessas intrigas, os responsáveis mulatos começaram a ser mal recebidos na fronteira, tendo sido decidida então, em Maio de 62 a renovação do CD por forma a integrar militantes que nos últimos tempos tinham desempenhado missões importantes, afastando do CD os militantes em causa.

Depois da saída do Dr. Agostinho Neto da prisão, começou uma campanha contra o CD, dizendo-se que o MPLA era como um elefante de corpo grande e com cabeça pequena. Foi assim que foi realizada a Conferência Nacional, que não se realizou nos moldes propostos pelo CD.

O Dr. Neto provocou o afastamento de vários militantes. Quando se estava numa fase positiva da unidade com a UPA, durante a realização de uma conferência em Accra, Agostinho Neto publicou uma carta acusando o Holden.

Depois destes acontecimentos, Graça Tavares e Viriato Cruz escreveram uma carta aos países socialistas dizendo que o camarada Agostinho Neto representava a tendência pro-imperialista e neo-colonialista dentro do nacionalismo angolano. Numa altura em que todos estes factos não eram conhecidos dos militantes, o Dr. Neto revelou-os publicamente numa reunião de quadros da comarca de Léopoldville. Foram exercidas pressões económicas contra os militantes Viriato Cruz e Tavares, tendo o primeiro abandonado Léopoldville.

Relativamente à existência de três fracções dentro do MPLA, Graça Tavares diz que só há dois grupos: o dos antigos dirigentes e o “grupo” do camarada Agostinho Neto. No que respeita a Mário de Andrade, não há ninguém que o apoie, porque uma revolução não se faz com um homem. Ao MPLA sob a direcção do camarada Neto, Graça Tavares considera um “grupo de traidores”, acusação que pretendeu fundamentar com a leitura de um comunicado com data de 30 de Outubro deste ano, emitido por um “comité director provisório do MPLA”, constituído em Julho de '63 em Léo, e composto por Viriato Cruz, Matias Miguéis, Graça Tavares, José Domingos, José Miguel, António Alexandre e mais quatro elementos.

Depois da exposição de Tavares tomou a palavra o camarada Almeida, que denunciou como intriga o facto de chamar traidor ao camarada Agostinho Neto, e disse que ainda muito recentemente Viriato Cruz era de opinião diferente a esse respeito. Referindo-se à saída do Dr. Neto da prisão, revelou que a fuga do camarada Neto fora organizada por Mário de Andrade e Viriato Cruz, em colaboração com elementos anti-colonialistas da Europa. Por isso lamentava a publicação de um tal documento. Referindo-se à opinião de Tavares sobre o camarada Andrade, disse que este embora não tenha nenhum “grupo” a apoiá-lo, representa uma força na opinião de militantes, mesmo dentro do governo do Holden. Graça Tavares esclareceu então que o Dr. Neto era considerado “traidor” pela sua “teimosia” e pelo “caos” que provocou dentro do MPLA.

Tomou seguidamente a palavra a camarada militante Luísa Gaspar, que protestou vigorosamente contra o comunicado apresentado por Tavares, que “deturpa os factos”, “não revela nomes” e faz “acusações infundamentadas por meio de palavras”.

O camarada militante Bento falando seguidamente disse que dos três responsáveis do MPLA, aquele a quem se justificava mais a acusação de “traidor” era o próprio Viriato Cruz, de quem tinha partido a acusação contra o camarada Neto. Referindo-se ao papel desempenhado pelos três dirigentes no desenrolar dos acontecimentos que levaram ao enfraquecimento do MPLA, disse que sobre Viriato Cruz pesava a responsabilidade de se ter aliado ao Holden e aos lacaios do imperialismo para liquidar o MPLA, tendo organizado, durante a estadia da Comissão de Inquérito em Léo ataques a militantes e à sede do MPLA, e um ataque armado ao quartel do Exército Popular de Libertação, apresentando aos países irmãos de África o espectáculo de um movimento nacionalista reduzido a um grupo de aventureiros e oportunistas. Os militantes do MPLA, em particular os estudantes, tiveram oportunidade de ouvir da própria boca de Viriato Cruz as suas intenções e a sua versão dos acontecimentos durante a realização do Congresso da UGEAN em Rabat, e antes da partida de Viriato para Léo, em conversas que ele teve com os estudantes integrados como voluntários dentro do Exército Popular. Frequentemente em contradição, Viriato recomendou aos militantes do MPLA a sua integração no FNLA do Holden. Sendo ele próprio o único militante mulato com pretensões de liderança nacional, o seu papel foi particularmente oportunista, fugindo a uma confrontação directa com o povo e continuando a controlar os destinos do MPLA através de militan[tes] a ele subordinados. Referindo-se ao camarada Agostinho Neto, o militante Bento disse que há uma certa inquietação no meio dos militantes devido ao facto do camarada Neto usar de métodos de poder pessoal na direcção da luta como dirigente do MPLA, pondo de parte a direcção colectiva da luta. Relativamente ao camarada Mário de Andrade, diz que ele ainda não assumiu as suas responsabilidades nacionais como dirigente revolucionário, tendo-se afastado sempre do teatro da luta. Nos últimos acontecimentos a sua única atitude foi fazer um désavouement público do CD no Cairo, o que devido ao facto de ele ser o militante responsável pelos assuntos exteriores. Os militantes esperavam depois deste gesto que Andrade desempenhasse um papel importante a refazer o prestígio revolucionário do MPLA e servindo de árbitro nas disputas internas, facto que até agora não aconteceu, tendo-se o camarada Andrade recolhido no mais completo silêncio. Face à situação actual do MPLA, que foi provocada

exclusivamente pela luta pelo poder realizada entre Agostinho Neto, Mário de Andrade e Viriato Cruz, os militantes de base devem tomar as medidas necessárias para poderem intervir activamente no desenrolar dos acontecimentos, destruindo as intrigas. Dos três dirigentes em questão, só o camarada Neto continuou na frente de batalha, continuando a dirigir a luta contra os portugueses. Nele se podem concentrar as forças militantes do MPLA até a situação se esclarecer, visto que tendo sido ele o único dirigente angolano a provocar um levantamento popular, quando as populações de Icolo e Bengo organizaram uma marcha para protestar contra a sua prisão, ele continua a dirigir a luta no meio dos maiores perigos. Bento propôs que se constituísse um comité formado por militantes da base representando os três grupos, que levassem à reunificação do MPLA.

Tomando seguidamente a palavra o camarada militante Passos diz mesmo dentro dos militantes que apoiam o camarada Neto, o camarada Andrade tem prestígio. Diz que os estudantes e os militantes da base não foram chamados a intervir no meio das lutas que se verificaram, e propõe que os estudantes na Europa façam contactos entre si para forçar a reunificação.

O camarada Octávio, que esteve presente no Congresso da UGEAN, relatou certos pormenores de conversas tidas com Viriato Cruz e disse que ele tinha dito para os militantes aderirem ao FNLA. Apoiava a proposta do Passos e pede a formação de uma comissão para contactar outros estudantes.

Foi votada então a proposta, tendo a comissão eleita ficado constituída pelos camaradas militantes Alberto Passos, Carlos da Paixão Franco Rúbio e Luísa Gaspar.

Resolução final, votada por aclamação:

“No dia sete de Dezembro de 1963, com início às 19 horas e estando presentes quinze nacionalistas angolanos residentes na Alemanha, depois de uma análise e discussão dos problemas angolanos no campo interno e externo, ficou deliberado o que se encontra exarado na presente acta, e faz-se um apelo caloroso às três fracções em questão para se reunirem no mais curto prazo de tempo e encontrarem uma solução à crise em que se debate o MPLA.

“Será convocada uma reunião dos estudantes na Europa para o dia 27 de Dezembro, para o que a comissão eleita começará imediatamente as démarches.

“Os estudantes angolanos da Alemanha reunidos reconhecem como única solução da crise uma confrontação leal e revolucionária das fracções em presença. Todavia reservam-se o direito de apoiar a fracção que presentemente melhor corresponder às necessidades da luta”.

No fim da reunião foi decidido por aclamação o envio imediato de um telegrama de protesto ao governo do Congo-Léo, contra a prisão dos camaradas militantes Chipenda e Condesse, assim como o envio de uma carta de protesto à embaixada do Congo em Bonn.

Depois de um relato feito pelo camarada Almeida acerca da situação dos estudantes integrados como voluntários no Exército Popular, que perante a situação actual se recusaram a seguir para Brazzaville, foi escrita uma exposição ao Comité Director, que foi assinada pelos presentes.

Desta acta foram feitas três cópias pelo camarada Bento, que foram enviadas a cada um dos membros da comissão eleita, tendo o original sido enviado ao representante do MPLA na Alemanha, o camarada militante Jorge Hurst.

Comunicado do MPLA sobre prisão de Chipenda e Condesse

[policopiado, em francês]

[Endereço do MPLA em Brazzaville]

Apesar dos inúmeros apelos, as autoridades da República do Congo-Léopoldville continuam a manter um silêncio inquietante sobre o destino dos responsáveis do MPLA, Daniel CHIPENDA e António CONDESSE, arbitrariamente detidos sob a instigação dos homens do Sr. Roberto HOLDEN, a 22 de Novembro último, sem mandato de prisão e sem culpa formada.

A situação dos detidos agrava-se a cada dia, e pesa sobre eles a ameaça da sua transferência eminente da prisão de NDOLO para uma outra subterrânea. Os nossos irmãos são objecto de um tratamento desumano que aumenta o sofrimento moral provocado por esta detenção arbitrária e injusta.

Estas detenções têm o mesmo significado que o encerramento da Representação do MPLA em Léopoldville, as perseguições, as ameaças e a interdição de atravessar o *beach*¹ para Brazzaville, de que são vítimas todos os nossos militantes e todos os angolanos suspeitos de pertencerem ao MPLA, sendo a única razão apresentada como pretexto a do MPLA não pertencer ao “governo provisório no exílio”.

O acordo dado por certas autoridades congolezas a estes actos arbitrários leva crer que se quer impor, pela força ao Povo Angolano, o Sr. Holden ROBERTO, escondendo as suas mentiras, a sua incapacidade de fazer progredir a luta armada e a falta de representatividade do seu “governo”.

O Movimento Popular de Libertação de Angola, MPLA, lança uma vez mais um apelo premente a todas as forças amantes da justiça e contrárias à violência pela violência, para que intervenham junto do Governo da República do Congo-Léopoldville e da OUA, no sentido de obter a libertação imediata dos dois detidos e garantir a cessação das perseguições arbitrárias aos patriotas do MPLA e proibir as actuações abusivas dos homens do Sr. Holden contra os seus irmãos de luta.

Brazzaville, 16 de Dezembro de 1963

O COMITÉ DIRECTOR
[carimbo do CD do MPLA]

¹ Cais de travessia Léopoldville-Brazzaville.

Carta de Gentil Viana ao CD do MPLA

[manuscrita]

DE: GENTIL FERREIRA VIANA
MILITANTE DO MPLA
PARA: COMITÉ DIRECTOR DO MPLA
BRAZZAVILLE

AOS CAMARADAS MEMBROS DO CD



Gentil Viana

SAÚDE!

Eu, Gentil Ferreira Viana, militante do Movimento Popular de Libertação de Angola e titular do cartão de membro nº 20032 do MPLA, passado em Conakry no ano de 1961,

1 – Constatando que o MPLA falhou em termos globais e parcelares, na criação das condições de disciplina, camaradagem e entusiasmo revolucionário que garantissem a realização duma actividade esforçada capaz de reforçar a coesão interna da Organização e assegurar a vitória na luta de libertação nacional,

2 – Constatando que o MPLA falhou em termos globais, na formação de militantes (quadros técnicos e políticos) à altura de responderem com êxito, às exigências normais da luta de libertação nacional,

3 – Constatando que o MPLA falhou em termos globais e parcelares, na sua instalação como Organização Política, no interior do País, ficando por isso impossibilitado de enquadrar as massas angolanas e de impor, ao colonialismo português, a guerra popular para a independência completa da Pátria,

4 – Constatando que o MPLA falhou em termos globais e parcelares na busca do indispensável apoio internacional à luta de libertação nacional, desprestigiando-se aos olhos da África e do mundo e ridicularizando-se frente a um Portugal fascista e retrógrado e

1 – considerando com muita inquietação, que a obstinação em seguir-se com a velha estratégia e tática do MPLA condena irremediavelmente a Organização a recorrer, mais tarde ou mais cedo, a soluções ditadas pelo desespero, as quais podem contrariar directamente a realização dos objectivos progressistas que constituem o ideal superior da nossa luta de independência e liberdade e

5 – Constatando com pena, que é inútil persistir (eu, Gentil Ferreira Viana) nas fileiras do MPLA – para mim, persistir é lutar. Para mim, lutar é combater com entusiasmo tendo, além do amor dos ideais e dos homens por quem e ao lado de quem se luta, a fé consciente na estratégia e na tática que colectivamente se estuda e aplica... – já que a minha campanha pela adopção duma estratégia progressista de luta armada com os

líderes máximos em armas, no interior do País, vem esbarrando sistematicamente contra a obstinação... das três Direcções do MPLA, desde meados do ano de 1961! e

1 – atendendo por outro lado, à necessidade ditada pela situação crítica em que mergulhou o élan progressista angolano, de não generalizar à massa dos militantes e dos quadros do MPLA, a base da minha discordância principal com a estratégia e a tática adoptadas pela nossa Organização, nos últimos três anos – generalização que inevitavelmente terá de dar-se, no caso de persistência da minha parte em querer guardar a qualidade de militante do MPLA,

decido apresentar desde agora, o pedido formal do meu afastamento completo e definitivo de membro do Movimento Popular de Libertação de Angola.

Não abandono nem abandonarei sem mais, a luta pela libertação incondicional do meu País! isso aliás pode ver-se e provar-se pela simples apreciação das teses que defendo desde há anos, e que oportunamente propus à crítica de cada uma das três Direcções políticas do MPLA. Hoje, tais teses estão todas recolhidas num relatório de trinta páginas dactilografadas que remeti há algum tempo, à apreciação do actual Comité Director e de alguns militantes, dos mais velhos e responsáveis dentro da Organização.

À luta justa do Povo do meu País, eu estou ligado por laços indestrutíveis da cabeça e do coração! Por Ela me ligo também às justas lutas dos Povos e dos Homens do meu continente e do mundo.

Em todas as circunstâncias, hei-de bater-me sempre com o mesmo entusiasmo e vigor com que lutei a campanha que acabo de perder!

Eu espero que os camaradas, membros do Comité Director do MPLA decidam sobre o meu pedido com a urgência que o mesmo necessariamente requer.

Brazzaville, aos vinte três de Dezembro de 1963

[assinado: Gentil Ferreira Viana]

apreciação das teses que defendo desde há anos, e que oportunamente propus à crítica de cada uma das três Direcções políticas do MPLA. Hoje, tais teses estão todas recolhidas num relatório de trinta páginas dactilografadas que remeti há algum tempo, à apreciação do actual Comité Director e de alguns militantes, dos mais velhos e responsáveis dentro da Organização.

À luta justa do Povo do meu País, eu estou ligado por laços indestrutíveis da cabeça e do coração! Por Ela me ligo também às justas lutas dos Povos e dos Homens do meu continente e do mundo.

Em todas as circunstâncias, hei-de bater-me sempre com o mesmo entusiasmo e vigor com que lutei a campanha que acabo de perder!

Eu espero que os camaradas, membros do Comité Director do MPLA decidam sobre o meu pedido com a urgência que o mesmo necessariamente requer.

Brazzaville, aos vinte três de Dezembro de 1963

Gentil Ferreira Viana

Carta de Agostinho Neto a Gentil Viana

[dactilografada – 2ª via]

Nr. 64/P/63

Brazzaville, 23 de Dezembro 1963

Ex.^{mo} Senhor
GENTIL VIANA
Brazzaville

Camarada:

Embora lamentando a decisão por si tomada, o CD não se opõe ao pedido de afastamento desta organização, formulado na sua carta desta data.

Pelo Comité Director,
Agostinho Neto
Presidente

Declaração do MPLA sobre regresso de Refugiados a Angola

[policopiada]

[Endereço do MPLA em Brazzaville]

DECLARAÇÃO DO MPLA SOBRE O REGRESSO DE REFUGIADOS A ANGOLA

O jornal governamental de Léopoldville “LE PROGRES” publicou um comunicado do chamado “governo angolano no exílio”, em que se constata o regresso a Angola de um grande número de refugiados, fugidos para a República do Congo-Léo desde 1961, devido às violências dos colonialistas portugueses.

A interpretação tendenciosa dada pelo “GRAE” a propósito deste fenómeno estranho, merece uma referência. Porque razão se verifica este regresso prematuro a Angola por parte daqueles que foram perseguidos, ameaçados, seviciados pela PIDE, pelas milícias e pelos soldados do exército colonialista português?

É no Congo-Léopoldville, é no próprio FNLA que se encontra a explicação deste fenómeno.

As violências e as exações dos seus agentes contra os angolanos refugiados no Congo-Léo tornam-se cada vez mais notórias, sobretudo depois da infeliz recomendação do Comité de Coordenação da OUA, que considera o FNLA como a única organização válida do nacionalismo angolano.

Por consequência destas recomendações, o FNLA tem necessidade de fazer acreditar que o seu “GRAE governa, que possui autoridade” o que “é reconhecido pelos

angolanos, tanto no exterior como no interior do País”. Para isso, o FNLA apela para estrangeiros que fabricam a seu contento as declarações mais fantasistas.

É este o sentido que têm as declarações feitas recentemente em Londres pelo missionário inglês David GRENFELL vindo em socorro dum FNLA afogado no mar das suas próprias mentiras, sobre um hipotético controle administrativo e militar dum parte do País... Mister GRENFELL pertence a um grupo de missionários americanos e ingleses que trabalharam em Angola, aos quais os militantes do MPLA, que professam a religião protestante, endereçaram este ano uma carta, denunciando a sua ingerência e a sua atitude de parcialidade em relação aos movimentos nacionalistas, atitude que poderia pôr em causa a actividade dos missionários estrangeiros numa Angola independente.

Por outro lado, ao recusar-se a analisar seriamente as razões que fazem hesitar alguns Países irmãos da África em reconhecer “um governo” sem a menor representatividade e sem eficácia, o FNLA esgrime contra o desconhecido ao ameaçar “procurar em Pekim ou em Moscovo o apoio que lhe falta em África”.

A sua incapacidade de desenvolver a luta dura imposta ao Povo Angolano, fá-lo correr desesperadamente em busca de uma solução negociada apoiando-se sobre forças interessadas na implantação em Angola de um colonialismo de tipo novo.

Ao mesmo tempo, no seguimento desta política demagógica, “o GRAE” pretende impor “cartões de identidade”, “passaportes” e outros documentos aos refugiados, com o fim de apresentar números nas Conferências Internacionais.

No entanto, jovens angolanos são enviados desordenadamente para o interior do País a fim de combater o inimigo, que não encontra dificuldade em causar perdas numerosas entre os patriotas.

Esta falta de organização militar que a concessão do campo de treinos de Kinkuzo pelo governo de M. Adoula não pode remediar, dá origem a frequentes e graves incidentes no referido campo de treinos, tendo como resultado vários mortos e feridos. Recentemente, as autoridades congoleas tiveram de intervir numa revolta ocorrida na referida “base” em que os soldados do FNLA Miguel da Silva natural do Nóqui, foi assassinado por outros soldados do FNLA.

Só por intervenção enérgica das autoridades congoleas foi impedida uma catástrofe.

Informações de fontes oficiais congoleas asseguram que, na dita “base”, “a situação continua tensa” e que são de temer novas revoltas “cujas consequências poderiam ser muito mais deploráveis”, do que as de dezanove de Novembro último. Esta advertência reforça as frequentes denúncias que o MPLA tem feito sobre a prática da luta fratricida pelos homens de Holden ROBERT no interior do País, que ainda recentemente repetiram no Bembe e em Nambuangongo as suas ignóbeis façanhas.

Após as recomendações do Comité de Conciliação, o FNLA em incitado o governo de M. Adoula a reprimir as actividades patrióticas das outras organizações nacionalistas angolanas, particularmente as do MPLA. O seu bureau em Léopoldville foi brutalmente encerrado e os seus elementos mais conscientes e activos, perseguidos. Recordar-se que dois membros responsáveis do MPLA – Daniel CHIPENDA e António CONDESSE foram presos no dia 22 de Novembro sem culpa formal e até hoje mantidos em regime de incomunicabilidade, e que outros militantes do MPLA também têm sido presos

arbitrariamente, espancados e ameaçados de fuzilamento, simplesmente por não pertencerem ao FNLA.

Os angolanos que se dirigem ao Congo-Brazzaville são obrigados a passar nos postos fronteiriços, pelo controle dos agentes de Holden ROBERT que impedem a saída de Léopoldville, dos militantes do MPLA.

Eis como o FNLA, em colaboração com o governo de M. Adoula quer impor pela violência, o seu “governo” não representativo aos angolanos (convém lembrar que 3/5 dos membros deste “governo” nunca estiveram em Angola e ignoram os seus problemas fundamentais...) A sua acção anti-patriótica não faz senão desmobilizar a combatividade do nosso heróico Povo e semear pânico.

Estas são as razões verdadeiras que incitam os refugiados angolanos a regressar prematuramente a Angola.

Ainda há a considerar o facto de uma grande parte dos refugiados estar desorientada pela perda da importante assistência médica, escolar e social prestada pelo CVAAR. Nenhuma outra organização de assistência pode preencher as lacunas deixadas pela repressão às actividades do CVAAR. Os refugiados angolanos não são objecto das preocupações do Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados, e as organizações de Assistência de algumas missões religiosas, estão longe de poder substituir a assistência do CVAAR!

Os refugiados angolanos sofrendo por um lado as perseguições dos agentes do FNLA, não têm a certeza do que lhes pode acontecer nos outros Países irmãos de África, depois das infelizes recomendações do Comité de Conciliação...

SEGUNDO A ORIENTAÇÃO HÁ LONGO TEMPO TRAÇADA, O MPLA CONDENA ENERGICAMENTE UM REGRESSO AO PAIS QUE SIGNIFIQUE RENDIÇÃO HUMILHANTE OU COLABORAÇÃO COM O INIMIGO.

O MPLA apela a todos os patriotas para que não cedam ao desespero. O MPLA recomenda a todos os seus militantes e quadros a redobrar o trabalho entre os refugiados a fim de lhes dar coragem e restabelecer a confiança no futuro radioso do País e ensiná-los a recusar-se a serem joguetes dum jogo político que pretende substituir a dominação portuguesa que nós odiamos por uma outra dominação estrangeira também odiosa.

AO MESMO TEMPO, O MPLA DENUNCIA A ACTIVIDADE ANTI-PATRIÓTICA DO FNLA QUE CONDUZ AS MASSAS AO DESESPERO E DESMOBILIZA OS COMBATENTES.

O MPLA exorta os angolanos de todas as tendências a seguir a única via justa para a vitória sobre o colonialismo português e sobre os inimigos da nossa Pátria: – A UNIÃO FRATERNAL DE TODOS OS ANGOLANOS E A MOBILIZAÇÃO DE TODO O POVO PARA UMA LUTA SEM TRÉGUAS ATÉ A VITÓRIA TOTAL!

O MPLA espera que os factos referidos inspirem aos Responsáveis Africanos e à Organização da Unidade Africana, medidas capazes de pôr fim urgentemente aos graves perigos que ameaçam o futuro imediato de Angola e do Povo Angolano.

A OUA deve pôr em prática as prudentes decisões de Addis Abeba respeitantes à Unidade do Povo Angolano. É lá que reside o interesse de África e dos Africanos.

Brazzaville, 23-12-1963 O COMITÉ DIRECTOR [carimbo do CD do MPLA]

Carta de Desidério da Graça ao CD do MPLA

[dactilografada, em papel timbrado do MPLA]

Aos camaradas do Comité Director

Brazzaville, 26 de Dezembro de 1963

O nosso movimento está desde longa data dominado por um espírito que dificilmente conduzirá a organização na via da compreensão e maturidade política.

No quadro interno, parece-me, o que anima a organização, não é em primeiro lugar e acima de tudo a visão política dos problemas. Na resolução, sobretudo de questões agudas do movimento, somos de uma maneira geral, vencidos talvez sem nos darmos conta disso, um pouco pelo pessoalismo, um pouco pelo sentimentalismo e algumas vezes não equacionamos os problemas dentro de um contexto político.

Nesta hora as concepções sobre o estado concreto da organização divergem.

Entre as várias ideias, a minha, é que o movimento se encontra em estado grave e só em condições de sorte poderá vencer. Partindo desse ponto de vista, isso leva-me a pensar que os problemas devem ser analisados com cuidados diferentes de que seriam se o movimento pudesse vencer sem depender necessariamente do factor sorte.

Não pretendo afirmar que a minha ideia é a que está correcta, posto que para qualquer delas só o decorrer do tempo o poderá demonstrar.

Não pretendo tão pouco levar os camaradas a marcharem na minha linha de pensamento, sem vós próprios terdes encontrado factos que demonstrem eu ter por acaso acertado neste ou naquele ponto de vista.

Antes tenho desejado marchar com os camaradas, enfrentando juntos qualquer situação onde seja necessário ser solidário, mesmo que tenhamos divergências em alguns pontos.

A maneira porém como foi dada a demissão formal ao camarada Viana, permite-me ao meu ver, no interesse da própria organização e do CD fazer o seguinte reparo:

1. Essa demissão foi dada sem que o CD fizesse em conjunto um análise política dos aspectos dela.

2. Resolveu-se no meu entender muito precipitadamente, sem se ter procurado defender o movimento dos efeitos que essa demissão poderá produzir.

O silêncio sobre a forma como se procedeu na demissão em questão, embora creio não ter sido voluntariamente, poderá dar margem a que outros problemas importantes

a que outros problemas importantes do movimento e que engajam todo o CD possam vir a ser resolvidos sem um exame cuidadoso de forma a que todos os membros do CD se sintam conscientemente responsáveis.
Não sou contrário a aceitação formal da demissão mas acho que não é honesto deixar de fazer este reparo

Desidério da Graça
Desidério da Graça

do movimento e que engajam todo o CD possam vir a ser resolvidos sem um exame cuidadoso de forma a que todos os membros do CD se sintam conscientemente responsáveis.

Não sou contrário à aceitação formal da demissão mas acho que não é honesto deixar de fazer esse reparo.

Desidério da Graça *[com assinatura]*

Carta do Comité Director a Gentil Viana

[dactilografada – 2ª via, em papel timbrado do MPLA]

Brazzaville, 27 de Dezembro 1963

Pres.
Ref. 69/P/63

M. GENTIL FERREIRA VIANA
BRAZZAVILLE

Prezado Camarada,

A urgência por si pedida para a resposta à sua carta em que apresenta o pedido de demissão, foi correspondida com a nossa carta 64/P/63 em que o Comité Director se não opõe ao seu pedido de demissão.

Os motivos por si invocados desde longa data, mais precisamente, desde a sua chegada da Conferência de Dakar, para se declarar afastado do Movimento, eram suficientemente conhecidos dos camaradas “mais velhos”, para que se pensasse ser possível convencê-lo a não pedir oficialmente a sua demissão.

Os camaradas da Direcção do Movimento estavam porém convencidos de que a vontade por todos empregue na discussão de um plano geral de luta mereceria da sua parte uma maior consideração, razão por que estranharam que o seu pedido oficial de demissão coincide com o seu abandono da discussão encetada com alguns “militantes dos mais velhos e responsáveis dentro da Organização”.

Os considerandos da sua carta exprimem uma vez mais a sua opinião pessoal sobre a situação do MPLA e seria teimosia da nossa parte tentar aqui rebatê-los na generalidade, dada a posição de rigidez de apreciação em que o camarada se coloca.

Alguns deles porém merecem o nosso reparo, por exprimirem impressões pessoais que aparecem como certezas.

Assim:

1 – É cedo para se afirmar que o MPLA falhou na formação de militantes (quadros técnicos e políticos). O abandono de alguns não implica o falhanço inevitável de outros.

2 – Também é pura impressão pessoal que exista “obstinação em seguir-se com a velha estratégia e tática do MPLA... cuja solução ditada pelo desespero podem contrariar directamente a realização dos objectivos progressistas”.

O camarada não ignora que não há a menor determinação em prosseguir com uma estratégia e tática comprometidas com as condições actuais, e que será a Conferência

de Quadros que se realiza em 3 de Janeiro que estabelecerá a estratégia e adoptará as táticas adaptadas à situação actual.

3 – Do mesmo modo, a sua “campanha pela adopção de uma estratégia progressista de luta armada com os líderes máximos em armas no interior do País” não esbarrou contra a obstinação do actual Comité Director, que tem sido desde a sua investidura um ardoroso defensor desse mesmo princípio, da presença dos dirigentes no interior.

4 – Também nos parece que a sua “discordância principal com a estratégia e tática adoptadas pela mesma Organização nos últimos três anos” só se generalizará se for aceite pela maioria dos militantes conscientes, e nesse caso, será uma generalização positiva. Na medida em que está convencido das suas teses, parece-nos que seria mais positivo discutí-las com a massa dos militantes responsáveis dentro dos órgãos próprios a tais discussões, as quais são a condição primeira para a adopção de ideias que façam desenvolver a Luta.

Essas discussões já se vinham fazendo e nada houve ainda que faça prever o seu insucesso; muito pelo contrário, houve sempre fortes esperanças para encontrar uma solução que preservasse os objectivos maiores do nosso Movimento, com os quais o camarada sempre esteve de acordo.

5 – Depois da Conferência de Dakar, o MPLA sofreu uma série de rudes golpes já previstos, cujos efeitos imediatos não permitiam tomar medidas precipitadas.

Na medida em que os efeitos de tais golpes estão sedimentando, o MPLA não se escusa das responsabilidades que assumiu em relação ao nosso Povo, e está decidido a continuar a luta até à vitória total, sem necessariamente ter de “recorrer a medidas ditadas pelo desespero”.

E como o camarada não abandonou nem abandonará jamais a luta pela libertação incondicional do nosso País, esperamos que o futuro da nossa Luta possa provar-lhe quão precipitada é a sua decisão e o aconselhe a juntar-se de novo às forças combatentes.

Pelo Comité Director

Agostinho Neto

Presidente

Lista do Grupo treinado na Argélia

[dactilografada com partes manuscritas]

[Nota manuscrita por Ruth Lara: Grupo dos 50 treinados na Argélia em 63]¹

1. DAVID MANUEL [rasurado] *António Domingos*
2. DAVID JOSÉ ILÍDIO – (M)
3. PAIS PEDRO CONDES
4. ANTÓNIO PASCOAL JOSÉ – (B)
5. MAINDO JOÃO DA COSTA – (M)

¹ O que está em itálico foi acrescentado à mão.

6. FLORIBERT FILIPE – *B*
7. MÁRIO PEDRO – *M*
8. ANTÓNIO DANIEL DAMIÃO LOURENÇO – *M*
9. MANUEL PEREIRA DE JESUS – *B*
10. PEDRO SOUSA – *Fugiu*
11. NICOLAU SPENCER – *B*
12. ALEXANDRE JOSÉ MANUEL – *B*
13. JANUÁRIO DA COSTA CARNEIRO – *M*
14. JOB MANUEL FRANCISCO – *B*
15. MARTINS GARCIA – *Indeciso*
16. JANUÁRIO JOÃO ADRIANO – *B*
17. FERREIRA ANTÓNIO – *M*
18. CHAMILO JOÃO PEDRO – *B*
19. JOÃO ANTÓNIO DE ALMEIDA – *Fugiu*
20. MESQUITO ARSÉNIO JOSÉ LOURENÇO – *B*
21. AGOSTINHO MOISÉS CASSULE
22. CIEL DA CONCEIÇÃO
23. VICENTE JOAQUIM – *B*
24. ADRIANO CARLOS JOÃO PEDRO – *B*
25. BALU STANSLAU – *Regular parece*
26. SEBASTIÃO GARRIDO – *B*
27. JOÃO LOURENÇO – *B*
28. DAVID DOMINGOS JOAQUIM
29. FRANÇOIS BUIKA – *M*
30. ÁLVARO FONSECA COSTA – *M*
31. JOSÉ CÉSAR AUGUSTO – *Indeciso*
32. JOSÉ CASIMIRO – *Indeciso*
33. ANTÓNIO JOÃO CORNÉLIO – *Indeciso*
34. ABEL LOURENÇO – *Indeciso*
35. JOÃO GASPAR – *Fugiu*
36. ARISTIDES MATEUS CADETE – *B serviu*
37. SANTOS ANTÓNIO – *Péssimo, Mandatário da Upa*
38. JOSÉ LELO – *B*
39. JOÃO PAULO – *B*
40. DANIEL GARCIA – *Inaproveitável, Inútil*
41. SEBASTIÃO PACATO – *B*
42. FERNANDO FAUSTINO – *B*
43. CATUALA MANUEL INÁCIO – *B*

44. JACQUES CASIMIRO TCHIUNFO – *B*
45. MIGUEL MANUEL – *Malcriado*
46. AFONSO KIALA – *M*
47. *Filipe Joaquim Manuel – Regular*
Henrique Carvalho dos Santos – B
Rui Filomeno de Sá – B
Benigno Vieira Lopes – B
Araújo Augusto Germano – B
Mateus Domingos da Silva – B
Zacarias João Baptista – M
Armando Guinapo – M
Silvestre – M
Vandúnen – M
Felipe Amado – Regular

Ficha Individual de Militante do MPLA

[policopiada e em cartolina]

[Endereço do MPLA em Brazzaville]

[Sem data]

ZONA DE _____
 NOME _____
 Data De Nascimento _____
 Lugar de Nascimento _____
 Filiação _____
 Habilitações Literárias _____
 Profissão _____
 Há quanto tempo veio de Angola _____
 Já pertenceu a qualquer outro partido político _____ Qual _____
 Porque saiu _____
 Já esteve preso _____ Quando _____ Porquê _____
 Pretende pagar a Cota de (Semanal, mensal, anual) _____
 O COMITÉ DE ACÇÃO DE _____ Aprova a proposta de _____
 que ficará registada com o número _____ de 19 _____

O RESPONSÁVEL

Boletim de Inscrição da Secção Desportiva do DOQ*[policopiado]**[Endereço do MPLA em Léopoldville]**[Sem data]*

DEPARTAMENTO DE ORGANIZAÇÃO E QUADROS

– Secção Desportiva –Boletim de Inscrição

NOME _____

DATA DE NASCIMENTO _____

LOCAL DE NASCIMENTO _____

PROFISSÃO _____

MILITANTE Nº. _____ ZONA _____

RESIDÊNCIA _____

A QUE LUGAR JOGA _____

EM QUE CLUBE JOGOU? _____

HÁ QUANTO TEMPO NÃO PRÁTICA FUTEBOL? _____

QUE FUNÇÕES DESEMPENHA NO MOVIMENTO? _____

ASSINATURA

Léopoldville, _____ de _____ de 196____/

DEPARTAMENTO DE O. Q.

C/PT.

Depoimento dos Camaradas do Piri ao EPLA*[dactilografado]*

MPLA

[Sem data]

EPLA – EXÉRCITO POPULAR DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA

Depoimento dos camaradas do PIRI (Ngalama)

JAIME CAMPOS MAJOR

JOSÉ SEBASTIÃO MANUEL

– O Ngalama fica à direita do Dange (entre Kibaxe e Úcua (60 kms. de Kibaxe) Sai da Roça BRITO vai-se depois na picada e a seguir ao rio Dange
 Kibaxe-Úcua (60 kms) – Piri-Mazumbo (80 kms)
 Piri-Cuto ou Piri-Maquembo (5 kms)
 Cuto-Caje (5 kms) – Caje-Kinjão (24 kms) – Kinjão-Kipanzo (3 kms)
 Kipanzo-Kimanoxe (12 kms) – Kimanoxe-Kingonga-Fula (1H30)
 Kingonga-Fula-Kifuta (6 kms) – Kifuta-Kimuana-Xona (12kms)
 Kimuana-Xona-Kiuguimbi (9 kms) – Kinguimbi-Fronteiras.

* * * * *

CENTROS

Piri

Nova Caipemba (BEMBE)

Cuto

Kinjão

Kifuta

POSTOS

– Kifuta, Khengue, Kana-Kassala, Hinda,
 Baza S. Paulo, Kinguengo
 – Tassamba Kua Nzambi
 – Maquengo, Caje
 – Kipanzo, Kimana-Xona, Kinguimbi
 – Kingunga-Fula, Kimanoxe

COMANDANTESMukiana Sama: Mateus Miguel Leão –Kessu: Adão João PauloGombe do Piri: Amadeu João Paulo –Kibaxe: Capapelo FigueiredoPIRI: Com. Amadeu João Paulo, Secret. Lázaro António Diogo, Conselheiro: Campos MajorKinjão: Alberto J. Sebastião –Kifuta: Manuel MangumboKipedro: António Tiago Caleia –Zala: António FernandesROÇAS

Sousa Leal “Santarém” 2.500 homens – Kate “Vale do Loma” (entre Piri e Kessu)

Tito “Maria Manuela” (entre Piri e o rio Danje) – ETA (campo de aviação)

Mário Cunha – Sousa Paím

ARMAMENTOMukiama-Sama (3 mausers, 1 M L)Kessu (3 mausers, 1 P M)

Panfleto do MPLA em Moanda

[policopiado]

DELEGAÇÃO DE MOANDA
MPLA

B.P. 88

BAS-CONGO

[Sem data]

POVO DE ANGOLA!

Angolanos! Porque lutam contra os seus irmãos?

Vocês ainda não sabeis quem é o MPLA?

O MPLA não é partido de nenhum branco nem tão pouco de mestiço, mas sim é uma organização política, constituída por africanos originários de Angola. Sem discriminação de sexo de idade etnia de crenças religiosas ou de lugar de domicílio...

Lutais por causa da independência!...

Mas sabeis o que [é] a independência? O que [é] colonialismo? E o neocolonialismo?

– Se não sabem ides perguntar a quem sabe. Como por exemplo o MPLA.

A independência não é somente estar em casa e trabalhar quando quiserdes. Se assim fosse, quem havia de trabalhar para o desenvolvimento do País?

O colonialismo não é o seu irmão de Angola, mas sim é o governo de Salazar e os seus agentes. Se é isso, porque matais os seus irmãos? – Quando matais um bom elemento da revolução o seu inimigo fica contente. Sabeis porquê? Porque perdeis e ele sempre ganha. Se o MPLA não mata, não quer dizer que não tem forças para esse fim. Mas, se ainda não o fez, porque pretende:

Um sapateiro não despreza seu irmão lavrador nem o político a estes dois. Porque, o político quando necessita de sapatos vai os comprar a uma sapataria e quem os faz lá é o sapateiro. De igual maneira o lavrador com sapateiro ou com político.

Esta ligação de trabalho dos três indivíduos representa a nossa, que é a de sermos irmãos.

Quer dizer a falta de um elemento faz um fracasso na máquina duma organização revolucionária que nos leva na fase da independência.

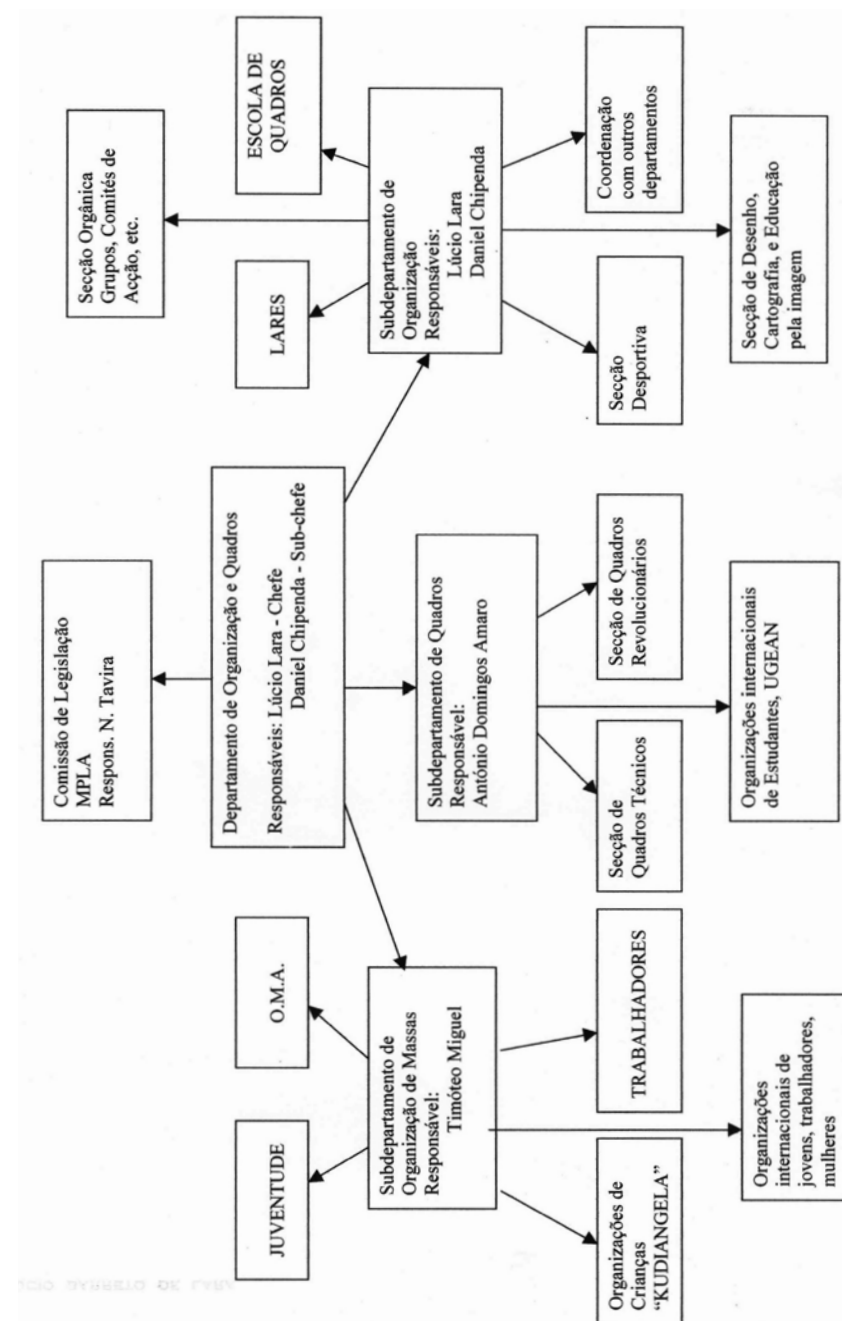
VIVA O MPLA

VIVA O EPLA

VIVA O POVO ANGOLANO!

Organigrama do Dep. de Organização e Quadros do MPLA

[policopiado]



Carta de Maria Luísa Gaspar a Lúcio Lara

[manuscrita]

Freiburg, 3.1.64

Prezado camarada Lúcio

Acuso recepção de sua carta pelo que agradeço. Uma resposta a ela só poderá ser compreendida quando junto à mesma for lida a resolução e acta da reunião que tivemos e de onde originou a tomada de posição face aos problemas citados na carta que para o Mov enviámos e que me foi respondida por si. Anexo acta da reunião, a resolução não segue visto ainda não a ter comigo.

É verdade que muitos militantes do Mov. têm dado provas daquilo que sempre foram, o que as chances de que dispunham ou já preconizavam em Angola lhes obrigava a “cobrirem-se com a capa de nacionalistas” verdadeiros nacionalistas, podendo assim conseguir o crédito de que dispunham dos verdadeiros filhos de Angola. Esses abandonaram a Revolução, justificando seu abandono mais ou menos com desculpas convincentes, como diz na sua carta e eu mesma já tivesse ouvido dos que por cá têm passado. Por outro lado há uma crise no nosso Mov. da qual devemos sair; essa mesma crise precisa de ser reconsiderada e então tentarmos sair dela. É por essa razão que nas reuniões de militantes do MPLA a que fui chamada, estarei presente para com eles discutir o que a ela nos levou e como podemos reorganizar-nos para fazer do nosso MPLA aquele mov. de outrora.

O Chipenda e Desidério quando cá estiveram puderam ver e levar-vos uma mensagem das ideias que defendemos. Pessoalmente devo dizer-lhe que sou pelo MPLA não pelas pessoas que o formam nem pelas razões muitas vezes apresentadas aqui na Europa. Sou sim pelo MPLA pela sua política, pelo seu programa, que considero o mais adequado ao povo e Revolução Angolana. Se homens que connosco estiveram traíram ou tentam trair esses princípios, eu estarei com eles para pessoalmente lhes falar nas verdades que eles antes apregoavam e fingiram defender, estarei com eles para ouvir mas procurar manter-me no meu princípio que além de ser Revolucionário e com a linha do MPLA é o de uma filha de Angola que viu e ainda tem presente o sofrimento de um Povo. Conheço as responsabilidades que sobre nós pesam sobre mim pessoalmente eis porque não desfaleci com a crise do nosso Mov nem aceito insinuações de quem quer que seja e que por aqui passe com ideias de colher militantes para o seu lado. Uma coisa que aprendi a não respeitar nem praticar é o culto da personalidade. “Existe uma Nação que precisa de ser liberta e se houver culto deve ser a Ela, pelo seu sofrimento pelos desejos dos seus Verdadeiros Filhos. Porque vamos nos deixar levar por questões que só atrasam nossa Liberdade, porque havemos de reforçar os desígnios dos Imperialistas e nossos “contras” representados pelo Holden e todos aqueles que nos têm combatido? Quero mesmo afirmar que não descansarei enquanto não vir nosso mov reconstituído, eis a razão porque a notícia da Conferência Nacional me veio causar Grande Alegria e a todos nós. Lamentamos não poder estar representados, contudo estamos convosco e

convosco nos solidarizamos na mesma. Espero que o fim da mesma traga para todos nós a Vitória que sempre nos Acompanhou e que assim possamos continuar nosso trabalho há 5 meses dificultado.

Sejamos dignos de Angola e da Revolução

Cumprimentos da Compatriota

[assinado por Maria Luísa Gaspar]

o fim da mesma traga para todos nós a vitória que sempre nos Acompanhou e que assim possamos continuar nosso trabalho há 5 meses dificultado. Sejamos dignos de Angola e da Revolução. Cumprimentos da Compatriota Maria Luísa Gaspar.

Carta de António Rebelo de Macedo a Luís de Almeida

[cópia policopiada]

Lausanne, 3 de Janeiro de 1964

Camarada Luís d'Almeida

Mais um ano acaba de passar. Que todos nós saibamos aproveitar as lições que os acontecimentos desse ano nos proporcionaram, de maneira que em 1964 possamos alcançar vitórias cada vez mais decisivas contra o colonialismo português retrógrado, e contra todos aqueles que tal como o lobo vestido de pele de cordeiro, fazem coro com todas as forças empenhadas na exploração e na opressão do Povo Angolano. Tais são os meus votos para todos os Angolanos e neste caso contra ti em particular.

Posto isso, passo a responder à carta que me enviaste a 16 de Dezembro do ano findo.

Ficámos bastante aborrecidos ao sabermos que não te deslocarias até cá onde teríamos a oportunidade de discutir com mais precisão todos os problemas que constituem hoje a nossa maior preocupação. Tanto mais que as razões que tu invocaste não nos convenceram: em 1 lugar a tua ausência por um ou dois dias da Alemanha não ia de maneira nenhuma influenciar o estado de saúde da tua filha, em 2 lugar nós prometemos pagar-te as despesas da tua deslocação, em 3 lugar tal como disse na carta que enviei ao Jorge, as actas ou relatórios que vocês nos enviarem serão insuficientes na medida em que eles não podem substituir o diálogo; este diálogo que em 4 lugar poderei afirmar, merece um bocado de sacrifício para ser entabulado.

No que diz respeito às conclusões apresentadas na carta e que dizes terem sido tiradas após uma longa e profunda análise da nossa situação política, tenho muita coisa a dizer. Para começar, lamento que tu me não tenhas enviado essa tal análise, e me tenhas enviado apenas as conclusões; é muito possível que determinadas conclusões a que tenhas chegado sejam falsas porque precisamente o raciocínio que presidiu a essa análise estava errado. Em 2º lugar, a maneira como tu expões as tuas conclusões pecam por falta de objectividade; importa não só citar as conclusões, mas também exemplificá-las, com dados concretos do nosso problema; caso contrário, entraremos num jogo de palavras em que cada um poderá reivindicar, segundo o seu interesse, este ou aquele sentido. Fiquei portanto com a impressão de que pretendes apenas estabelecer a dúvida e a confusão, sem teres a coragem para abordes o problema no seu verdadeiro contexto.

E isto é tanto mais grave, quando eu tive a oportunidade de verificar que vários camaradas hoje em dia procuram agitar o espectro dos erros dos nossos dirigentes, metendo-os todos no mesmo saco (erros e dirigentes) sem procurarem fazer um estudo sobre esses mesmos erros, de maneira a descobrir os verdadeiros responsáveis, ou se se trata efectivamente de erros ou não. Os camaradas que assim procedem acabam por (ou pretendem mesmo) desmoralizar os outros militantes, tentando com uma subtilidade especial, pôr mesmo em dúvida o valor das nossas convicções e a certeza da Vitória Final. Uma vez esta tarefa concluída, o caminho estará aberto para a deserção, a capitulação e [o] oportunismo.

Eu estou absolutamente de acordo (quem é que não está?) que erros importantes foram cometidos e que portanto uma revisão da nossa táctica em determinados sectores se impõe, sem que por outro lado o princípio da nossa estratégia (revolucionária e anti-imperialista) possa ser posto em dúvida. Mas só quem está cego, ou quem não quer ver, é que ainda não se apercebeu do esforço despendido pelos nossos actuais dirigentes (do MPLA) no sentido de se evitar a repetição dos erros que vierem aumentar as nossas dificuldades.

E quais foram esses erros? Eles foram vários. Uns por oportunismo de esquerda, outros por oportunismo de direita. Assim por oportunismo de esquerda, os nossos antigos dirigentes refugiaram-se em Conakry (Conakry era nesta altura a capital da África revolucionária), e aí se mantiveram até Outubro de 1961, quando precisamente a sua presença no Congo, a partir de 4 de Fevereiro, era uma necessidade imperiosa. E hoje em dia, sobre os camaradas que procuraram limitar os desgastes, evitar o tempo perdido e assim preparar as bases para um verdadeiro e novo trabalho, recai a acusação de aventurismo, política de desespero etc. Não meus amigos, não devemos desdenhar o trabalho heróico dos outros só porque nós não temos a coragem de o levar a cabo, ou nos sentimos incapazes. Heróis não se fabricam, é certo; nem todos temos as mesmas qualidades; procurando a todo o custo aperfeiçoar-nos e não sermos invejosos, destruidores, estigmatizando o trabalho dos outros só porque nós não somos capazes de os imitar.

O trabalho valoroso levado a efeito pelos nossos camaradas em Léopoldville não pode ser considerado como simples aberração ou casmurrice pelo simples facto de que ele comporta um certo número de riscos. É fortuito afirmar-se que o sacrifício do Chipenda e outros é em vão.

O actual Comité Director do MPLA, presidido pelo camarada Agostinho Neto teve o condão de demonstrar e mostrar a todos os militantes que o caminho que nos conduzirá à Vitória Final, passa por uma luta sem tréguas contra o imperialismo e o colonialismo.

Efectivamente, o grande debate que hoje se instalou no MPLA é o seguinte: sob o pretexto de “souplesse” alguns camaradas entendem que devemos adoptar uma atitude mais “souple” vis à vis dos nossos inimigos, ou melhor, de alguns dos nossos inimigos. Recusando a única via que logicamente nos oferece alguma garantia de sucesso na luta contra esses inimigos (única via – luta sem tréguas) certos camaradas pretendem fazer crer que com a sua astúcia ou esperteza poderão enganar os nossos inimigos. Os camaradas que assim pensam ou são mal-intencionados, quero dizer não pretendem nada enganar esses inimigos mas sim os seus próprios companheiros, ou então são ignorantes. Aos mal intencionados eu quero lançar um aviso: acho que o melhor que têm a fazer é parar com essas espertezas porque também há outros mais espertos que vocês. Aos ignorantes, vou explicar-lhes porquê que é perigoso pescar em águas turvas.

Como disse atrás há camaradas que se pretendem tão, tão, tão inteligentes que só com uma simples esperteza ou astúcia liquidarão os nossos inimigos. Brincalhães! No nosso caso especial qual é a astúcia que eles apregoam? – Deixemos de atacar os imperialistas e os neocolonialistas, ou sejam os americanos, o Governo Congolês e a UPA, e lá dentro vamos liquidá-los. Estes camaradas raciocinam como crianças; eles não sabem que os nossos inimigos nos conhecem suficientemente bem para não se deixarem enganar: a UPA, é um instrumento do imperialismo americano destinado a combater em Angola as forças progressistas que se batem pela independência do país.

Eles, os da UPA, sabem muito bem que os progressistas somos nós, que é contra nós que eles combatem. A UPA possui mesmo um exército que nós sabemos que não é um exército de libertação, mas sim uma futura força de repressão dirigida contra os revolucionários angolanos. Está-se mesmo a ver a que ponto nos conduziria semelhante esperteza: entrávamos todos para o FNLA, o Holden recebia-nos de braços abertos com o pretexto ou sem ele liquidava-nos imediata ou lentamente antes mesmo que pudéssemos pôr em marcha o nosso plano. E isto sem que alguém pudesse intervir de fora, porque se tratava já duma questão interna entre militantes do FNLA. Acho que o raciocínio é claro. Um exemplo simples pode ainda ajudar a melhor compreender: se nós quisermos matar um tubarão, devemos combatê-lo de fora, quero dizer, evitando de nos aproximarmos demasiadamente até que tenhamos uma boa oportunidade para dispararmos a nossa arma, ou devemo-nos deixar primeiro engolir para uma vez dentro do seu estômago desferirmos os golpes mortais?

Todos os camaradas que por ignorância da natureza e da força do nosso inimigo admitem falsas soluções, devem meditar um pouco mais.

Esta teoria da simples “souplesse” é tanto mais perigosa, quanto ela pode facilmente encontrar adeptos em certos camaradas desprevenidos, e sobretudo naqueles que hoje [estão] dominados por um estranho complexo derrotista. Antes de nos apressarmos em experiências deste género, procuremos ver e analisar o que se passa no resto do mundo, colhendo exemplos que nos possam ser úteis. O exemplo do Gizenga e dos seus nacionalistas congolezes que caíram na história do Adoula e do seu governo de união nacional

que é digno de reflexão. O exemplo dos patriotas venezuelanos que prematuramente se tinham deixado enganar pelo Bettencourt ou a burla dos americanos que tentaram enganar os patriotas do Pathet-Lao com a história do neutralismo do Souvana-Phuma, são outros tantos exemplos que não nos podem escapar.

Mas não é preciso ir tão longe; vejamos o que se passa e o que se passou em relação ao MPLA no Congo:

Desde a instalação do Comité Director em Léo, os nossos dirigentes procuraram por todos os meios atrair as boas graças das autoridades locais; várias foram as vezes em que os nossos dirigentes, em conferências de imprensa ou comunicados, enalteciam e elogiavam a hospitalidade de que dava provas o governo congolês, quando os nossos soldados eram espancados, um campo de treino recusado e os nossos próprios dirigentes ameaçados. Quais foram pois os resultados dessa tal “souplesse”? Foram nem mais nem menos o de facilitar a tarefa dos nossos inimigos. – Espezinhados, maltratados e ameaçados. Em vez de pedirmos socorro elogiávamos os nossos carrascos. E hoje quando o nosso Comité Director procura esclarecer a situação e pôr as coisas no seu devido lugar, os fascistas, os derrotistas e seus ajudantes invocam a falta de realismo político a “gaucherie”, a baixa política.

Que todos fiquemos cientes desta realidade: nenhuma esperteza nossa poderá por si só desarmar os nossos inimigos criados precisamente para nos vigiarem. Nenhuma “souplesse” poderá fazer nascer a dúvida dos nossos inimigos, quanto às nossas verdadeiras intenções, a menos que efectivamente estas não sejam boas...

Se efectivamente queremos ser “souples”, porquê que não o seremos em relação aos portugueses? Porquê que não voltamos para Angola? Porquê que não participamos nas eleições para o Conselho Legislativo, para mais tarde podermos mudar a situação?

É lícito afirmar-se por exemplo que as jornadas heróicas de 4, 5, e 6 de Fevereiro em Luanda, constituíram simples manifestação de aventurismo político, pelo simples facto de que aqueles que a levaram a cabo se encontravam perto ou ao alcance do monstro a liquidar? Faço esta pergunta porque a dado momento da tua carta afirmas: “de nada vale acusar-se a África de maioria de neo-colonialista quando a política angolana faz precisamente parte desse conjunto que é a África”.

Como já disse no princípio da carta as tuas conclusões pecam por falta de objectividade. No entanto eu desconfio que tu pretendes com esta crítica atingires o actual Comité Director do MPLA. Se assim é, enganas-te redondamente. O Comité Director do MPLA não precisa de acusar a África como sendo de maioria neocolonialista; mas o que ele tem feito, e esse é o seu dever, é denunciar a conspiração neo-colonialista contra as forças progressistas de Angola, evitando assim que no espírito dos seus militantes ou simpatizantes, possa subsistir qualquer dúvida quanto à natureza política das dificuldades que atravessamos. Teria por exemplo algum significado político válido o deixarmos de criticar a política colonial-fascista de Salazar, só porque nós fazemos parte desse mesmo conjunto político?

Para melhor explicar todos estes factos acho necessário fazer uma alusão a determinados princípios que considero importantes.

As revoluções sociais são historicamente inevitáveis nas diferentes etapas da história da humanidade e elas se produzem em função de leis objectivas independentes da vontade do homem. Ora a história nos ensina que não há revolução que tenha chegado ao fim sem certos sacrifícios. O papel a desempenhar pelo partido revolucionário é o de analisar em bases seguras e honestas as condições históricas concretas, elaborar uma estratégia e tácticas justas, para evitar os percalços ou os sacrifícios inúteis. Mas é possível evitar completamente os sacrifícios? Mesmo no caso em que as directrizes revolucionárias sejam justas, ninguém poderá garantir completamente o êxito da revolução sem determinados percalços e sacrifícios. Renunciar à luta revolucionária sob o pretexto de evitar os sacrifícios, é na realidade pedir ao povo para continuar escravo e manter assim indefinidamente os seus sacrifícios e seus sofrimentos.

Ora se existe quem tenha feito prova nestes últimos tempos de realismo político, ele é nem mais nem menos a actual direcção do nosso movimento. – Por um lado evitando os oportunismos de esquerda, quero dizer: de lançar os nossos militantes cegamente na aventura sem um estudo prévio da verdadeira situação e combatendo por outro lado, sem desfalecimentos todos os oportunismos de direita, por exemplo: o de se entregar deliberadamente e sem condições nas mãos dos nossos futuros carrascos (UPA e Holden), ou o de se fazer ilusões quanto a uma possível ajuda dos países reaccionários tal como pretendeu fazer Mário de Andrade em relação a Addis Abeba. E aqui é que reside a tua confusão: o MPLA não pretende acusar ninguém, mas sim fazer compreender aos seus militantes como é supérfluo e ilusório contar com a ajuda de países que pela natureza da sua política (reaccionária) estão condenados a serem nossos inimigos, e como tal se manifestarão, cedo ou tarde. E aqui está também um outro aspecto do nosso problema que merece ser meditado.

Precisamente quando a Comissão de Conciliação acabou por considerar o FNLA do Holden como o único representante válido do nacionalismo angolano, uma sensação de pânico se apoderou dos militantes do MPLA que se consideraram então completamente perdidos; eu mesmo também conheci em parte essa sensação. E porquê essa sensação de pânico? Nem mais nem menos porque os nossos dirigentes até lá, criaram em nós falsas esperanças fazendo acreditar a ideia de que mesmo com uma Addis Abeba dominada por países reaccionários nós poderíamos isolar os nossos inimigos imediatos – o Congo (Léo) e a UPA. Mesmo que isso fosse possível até uma certa altura, nós nunca deveríamos exagerar as nossas possibilidades nesse capítulo, a tal ponto de canalizar quase todas as energias nesse sentido. As responsabilidades do Mário de Andrade nesta questão são grandes, pois ele na sua qualidade de chefe do departamento das relações exteriores, dirigiu a sua secção duma maneira irrealista, na medida em que não se apoiava sobre as realidades específicas do nosso problema, e tinha uma visão errada da conjuntura política internacional, acabando por caucionar teoricamente uma arbitragem que dificilmente nos poderia ser favorável. E o resultado está à vista. O grande sucesso diplomático que todos aguardávamos, transformou-se numa derrota implacável de cujas conseqüências todos nós somos vítimas. E então é fácil compreender porquê que Mário de Andrade abandonou as actividades políticas para se lançar em pesquisas culturais.

Mas tudo isso não foi senão um percalço; perdemos uma batalha mas não perdemos a guerra. A nossa política não foi à falência, os nossos princípios continuam de pé válidos, e a bancarrota que os pessimistas gritam exageradamente não tem significado político.

Aqueles que pensam na falência são incapazes de fazer uma análise exacta e científica do processo de descolonização e das lutas de libertação em geral.

Se por um lado é certo que devemos participar nas lutas de interesse imediato, nós devemos sempre ligá-las à luta de interesse geral, quero dizer: à luta geral dos povos oprimidos contra os seus opressores e no nosso caso em especial. A luta de longo termo que culminará não só com [a] derrocada do colonialismo português, como a de todos aqueles que prevendo a falência deste último, se apressam a ocupar o seu lugar neocolonialistas, e imperialistas. Só assim verdadeiramente nós poderemos desempenhar o papel histórico que nos assiste. Mas se nós assim não procedermos, se nós tomarmos um movimento imediato pelo todo, se nós pretendermos tirar apenas os proveitos momentâneos, nós acabaremos por sacrificar os interesses vitais do nosso povo, deixaremos de ser revolucionários, passaremos a ser simples reformistas.

E só assim, analisando o nosso problema nos seus objectos particulares, bem como num enquadramento global da estratégia anti-imperialista dos povos oprimidos e seus simpatizantes, nós poderemos adoptar uma linha política capaz de fazer face a todas as dificuldades.

Então agora podemos compreender melhor, porquê que o MPLA se sente na obrigação de denunciar os nossos inimigos, quer sob o ponto de vista interno, quer sob o ponto de vista internacional. No 1 caso, como já disse antes, impõe-se o dever [de] esclarecer os seus militantes quanto à natureza dos seus inimigos, evitando assim, julgamentos errados e surpresas de mau-gosto. No 2 caso o MPLA denuncia ainda as forças imperialistas e neocolonialistas que nos tentam atrofiar à opinião pública internacional, porque ele tem consciência do interesse universal da nossa luta, ao contrário daqueles que são guiados por um nacionalismo estreito e retrógrado, e ainda porque lhe compete (a ele MPLA) reforçar as nossas alianças e as nossas amizades com os países ou organizações políticas que lutem pelo mesmo ideal. Antes de nos lançarmos à caça de supérfluas amizades, devemos reforçar as nossas alianças com todos aqueles que pela afinidade da sua linha política com a nossa, deverão estar sempre ao nosso lado, esclarecendo-lhes sobre os nossos problemas e sobre as nossas verdadeiras intenções.

Efectivamente, hoje em dia, as forças que lutam pela libertação dos povos são extremamente poderosas e devemos antes de tudo merecer a sua simpatia. O monstro de que me falas na tua carta, e ao que parece tanto te amedronta, tem sofrido derrotas incalculáveis nestes últimos tempos. Isto no entanto não significa que estejamos isentos de perigos. O que importa é desprezar o inimigo sob o ponto de vista estratégico, não criar complexos exagerando a sua força e as suas possibilidades, mas, por outro lado, no aspecto táctico tê-lo sempre em conta.

E é assim que os nossos actuais dirigentes têm procedido ou procuram proceder. No decurso da luta revolucionária o partido de vanguarda-progressista revolucionário, deve preparar duma maneira independente um programa combatendo até ao fim os imperialistas e reaccionários, lutando pela independência nacional e pela democracia popular,

ele deve fazer um trabalho independente no seio das massas. Aumentar as forças progressistas, ganhar as forças intermédias, enfim, isolar as forças reaccionárias. Compete ainda ao partido de vanguarda unir todas as forças susceptíveis de serem unidas e organizar uma grande frente contra o inimigo e os seus lacaios. A consolidação e o desenvolvimento desta frente exigem que o partido de vanguarda mantenha a sua independência ideológica, política e de organização e que ele mantenha firmemente a direcção da revolução. Tudo isto é claro e tudo isto demonstra - assim chegamos a um outro problema capital - que a formação do FDLA é uma vitória política dum alcance formidável. Mas assim o não pensam muitos camaradas que pretendem ver na formação do FDLA uma traição dos nossos ideais revolucionários. Isto sim, isto é que é "gaucherie", baixa política: recusar o contacto e o diálogo com as forças intermédias pelo simples pretexto de que elas não têm o mesmo programa político que o nosso é fazer o contrário daquilo que indicam as boas normas revolucionárias; em lugar de isolarmos os nossos inimigos, acabamos por ficar isolados: E este foi também um dos graves erros que cometeram os nossos dirigentes. Em vez de unirem as forças susceptíveis de serem unidas numa frente anti-imperialista, os nossos antigos dirigentes especialmente Mário de Andrade e Viriato da Cruz, preocuparam-se em reunir à nossa volta as forças tradicionalmente hostis à nossa causa; aliadas do imperialismo, e que não queriam nem mais nem menos aproveitarem-se do nosso "flirt" para melhor nos apunhalarem pelas costas.

Assim se dissiparam as ilusões de Mário sobre Addis Abeba e assim se dissiparão as ilusões do Viriato (se é que ele as tem verdadeiramente ou se pelo contrário nos pertence adormecer para melhor levar a cabo as suas pérfidas manobras) sobre as intenções do Holden e seus amigos.

Se o MPLA não tivesse realizado a união à sua volta das forças que constituem o FDLA, as forças pro-imperialistas do Holden Robert tê-lo-iam feito e com grande sucesso tal como aconteceu quando da formação do FNLA (UPA+ALLIAZO). Os camaradas que não acreditam na importância considerável da formação do FDLA são aqueles que não têm uma formação política sólida, perderam a confiança na Vitória Final e fazem seus os julgamentos da Comissão de Conciliação; eles acreditam realmente que o Holden é o único representante válido do nacionalismo angolano. Daí a existência de um estranho complexo de culpabilidade nesses mesmos camaradas. Enfim, eles estão convencidos de que a vitória do neo-colonialismo em Angola é inevitável e desesperadamente tentam a sua reabilitação.

Ainda a propósito da formação do FDLA, aqueles que se espantam da pseudo simpatia manifestada pelo Abadé Youlou pela dita frente, mostram uma ignorância muito grave das grandes contradições que têm estalado entre os diversos monopólios internacionais e as correspondentes correntes imperialistas. Se assim não fosse, como explicar a recusa da França em admitir a entrada da Inglaterra no Mercado Comum? Como explicar o desacordo das políticas americana e francesa na Indochina? Como compreender por exemplo o apoio que o fascista Franco dá aos Cubanos comunistas de Fidel de Castro e isto ante o desespero dos americanos?

Os partidos revolucionários devem saber aproveitar as contradições entre os imperialistas. No nosso caso, é bem possível que os imperialistas franceses, no intuito

de contrariarem os americanos, quisessem meter o bedelho nos nossos problemas por intermédio do FDLA. Mas isto não significa que o FDLA seja uma criação do imperialismo francês, ou um instrumento da sua política.

Camarada Luís d'Almeida, é uma hora da noite; estou já bastante fatigado. Espero que a minha fadiga não tenha sido em vão, e que esta carta te possa ajudar a compreender determinados pontos do nosso problema.

Sempre à tua disposição. Saudações nacionalistas do camarada,

António Rebelo de Macedo Júnior

CONFERÊNCIA DE QUADROS

Lista dos participantes à Conferência de Quadros

[*policopiada*]¹

ANTIGOS E ACTUAIS DIRIGENTES

| | |
|--------------------|---------------------------------|
| EDUARDO SANTOS | LOURENÇO FERREIRA |
| DEOLINDA RODRIGUES | RUY DE SÁ (Estudante) |
| MANUEL LIMA | Suplente – (CARLOS A. MONTEIRO) |

| | |
|------------------------|---------------------|
| MÁRIO DE ANDRADE | <u>OMA</u> |
| REV. DOMINGOS DA SILVA | MME. NELUMBA |
| DESIDÉRIO DA GRAÇA | MME. MARIA CARNEIRO |
| JOÃO VIEIRA LOPES | MME. MARIANA ANAPAZ |
| LUIZ DE AZEVEDO JUNIOR | MME. MARIA DA ROCHA |
| AGOSTINHO NETO | Suplentes: |

| | |
|-------------------------|-------------------------|
| ANÍBAL DE MELO | MME. CRISTINA ODETE |
| HENRIQUE CARREIRA | MME. MARIA J. SANTOS |
| DANIEL CHIPENDA | <i>Joaquina Andrade</i> |
| JOÃO GONÇALVES BENEDITO | |
| LÚCIO LARA | |

IMPLA

FRANCISCO RAMOS BARROS
TIMÓTEO MIGUEL
JOSÉ MARQUES PIMENTEL
FRANCISCO RANGEL
CIEL DA CONCEIÇÃO
MOISÉS CASSULE AGOSTINHO

CVAAR

MANUEL VIDEIRA
FILIPE JOAQUIM
CARLOS PESTANA
MANUEL QUARTA
SIMÃO NELUMBA
José Alexandre
Felipe Martins

SINDICALISTAS

ARSÉNIO MESQUITA
JOÃO NEKONGO
ARMANDO ANTÓNIO

PERSONALIDADES DO INTERIOR

SOBA MIGUEL

EPLA

JOSÉ MENDES
JACOB CAETANO JOÃO
JOAQUIM CARDOSO
JOSÉ FERREIRA
ARISTIDES CADETE
FILIPE FLORIBERT
JOSÉ ANTÓNIO PASCOAL
BENIGNO VIEIRA LOPES
INÁCIO KATUALA

Suplente:

ALEIXO JOSÉ PASCOAL
Abílio Fernandes

COMITÉ PREPARATÓRIO

ANTÓNIO CONDESSE
CARLOS ROCHA
DANIEL CHIPENDA
CIRILO DA CONCEIÇÃO E SILVA
MIGUEL BAYA
NICOLAU SPENCER
ROQUE TCHIENDO

REPRESENTANTES NO EXTERIOR

MIGUEL BAYA [riscado na 2ª versão]
BRITO SOZINHO
CARLOS ROCHA

REPRESENTANTES NAS FRONTEIRAS

MATIAS BUIITY (PONTA-NEGRA)
JOAQUIM NGOMA " "
PAULO MIGUEL JR. (DOLISIE)
ANTÓNIO MENDES (LUFU)
NGONGA " "
TSHIMIKA TOMAZ (PANZI)
ANTÓNIO MENEZES (MATADI)
DANIEL LUSSALA (BOMA) [riscado na
2ª versão]
POLICARPO MBUILA (MOANDA)
ANTÓNIO DOS SANTOS (MALELE)
PAULO TSHIRINGUENO
(TSHIKAPA)
ADOLFO DE MORAIS (B/VILLE)
CÉSAR MARTINS (LÉOPOLDVILLE)
JOSÉ DE AGUIAR " "
AUGUSTO DE AGUIAR " "
INOCÊNCIO MARTINS " "
FLÁVIO FERNANDES (KAHEMBA)

Suplente:

FRANCISCO MACHADO
(Léopoldville)
Pedro Manuel (Moanda)
Adriano Pedro (Matadi)

O COMITÉ PREPARATÓRIO

¹ Há uma lista original e outra com emendas de L. Lara que serão assinaladas em itálico. A palavra "suplente" foi sempre rasurada nessa segunda versão.

Proposta para Ordem de Trabalhos

[policopiada]

[Endereço do MPLA em Brazzaville]

COMITÉ PREPARATÓRIO DA CONFERÊNCIA DE QUADROS DO MPLA

PROPOSTA PARA A ORDEM DOS TRABALHOS

I - SITUAÇÃO GERAL DO NACIONALISMO ANGOLANO E DO MPLA EM PARTICULAR

11 - UNIDADE DO NACIONALISMO ANGOLANO

- a) Unidade do MPLA
- b) Comissão de Conciliação
- c) FNLA/GRAE
- d) FDLA

111 - RECONVERSÃO DO MPLA

- a) Novas estruturas
- b) Aproveitamento dos Quadros
- c) Direcção do MPLA
- d) Continuação da luta – Político-Militar

PROGRAMA DA CONFERÊNCIA DE QUADROS

- 1) Eleição da Mesa
- 2) Palavras de Abertura
- 3) Relatório do Comité Director
- 4) Discussão do Relatório. Intervenções dos Delegados
- 5) Divisão em Comissões
- 6) Trabalho das Comissões
- 7) Adopção das Recomendações, Resoluções e Proclamações.

PELO COMITÉ PREPARATÓRIO

Brazzaville, 2 de Janeiro de 1964.



Conferência de Quadros - 03-10 de Janeiro 1964, Brazzaville

Relatório do CD do MPLA à Conferência de Quadros

[dactilografado – 2ª via]¹

RELATÓRIO DO COMITÉ DIRECTOR À CONFERÊNCIA DE QUADROS

Brazzaville, 3 de Janeiro de 1964

O período de um ano, decorrido desde a realização da I Confe[rência] Nacional, foi um ano de incidentes graves ocorridos no interior da nossa Organização e da concretização de uma cabala urdida pelas forças imperialistas para liquidar o MPLA. Durante este período, houve a oportunidade para registar, por parte da organização, uma vontade firme de se opor às forças estranhas que pretendem uma nova dominação do País e às tendências desagregadoras e liquidacionistas nascidas no seio do Movimento.

O MPLA, continua a ser, no interior do País, a organização esperada para realizar a luta pela completa libertação de Angola; continua a ser no exterior a organização democrática e capaz de se opor a todas as formas de dominação colonial ou neocolonial; continua a ser o núcleo aglutinador das forças progressistas e também o alvo preferido dos ataques daqueles que desejam castrar a luta do nosso Povo, para satisfação de interesses egoístas.

¹ O documento tem partes ilegíveis.

A LUTA PELA INDEPENDÊNCIA NO INTERIOR DO PAÍS

Ainda que o ânimo revolucionário do Povo se mantenha e por todo o País perpassa o vento da reivindicação do direito à autodeterminação, a organização das forças patrióticas continua a revelar-se deficiente. E de tal modo deficiente, que ainda nenhuma organização política conseguiu estender-se a todas as regiões do País e constituir na prática e na realidade, uma organização à escala nacional. Para este estado de coisas, contribuí, evidentemente, a dureza da repressão policial e militar dos portugueses colonialistas, mas também há que ter em conta a falta de audácia e de coesão das forças nacionalistas.

Algumas correntes da opinião, martelam na via reformista, através dos organismos coloniais, como o Conselho Legislativo e outras instituições legais, para exigir reformas que conduzissem a um reconhecimento na prática do direito sagrado do Povo angolano à autodeterminação e à Independência. A via seguida, não pode, evidentemente, dar os frutos desejados, uma vez que tudo se processa no quadro estrito da censura e das limitações políticas do Governo colonial, e porque os interesses económicos e estratégicos de Portugal e de outras potências não africanas, exigem ainda a manutenção de Angola debaixo do regime colonial.

De facto, apesar de todas as anunciadas transformações pelo Governo português, este não modificou uma linha sequer da sua política colonial. As alterações de textos legislativos, o aumento de angolanos em certos lugares da Administração ou dos organismos legislativos, não modifica a situação real da grande maioria do Povo que continua explorado e oprimido. Essas medidas apenas servem para enganar alguns elementos menos exigentes e para exhibir nas Assembleias internacionais, como na ONU, onde a intransigência portuguesa é já tradicional, quando se discute o caso das suas colónias.

Por isso, o nosso Povo continua convencido de que só por via das armas é possível conquistar a Independência. As massas populares no norte, não deixaram de lutar, com os escassos meios bélicos de que pode dispor. A chama acesa no dia 4 de Fevereiro em Luanda, não deixa de animar as populações que se mantêm firmes no interior das florestas e flagelam os militares portugueses, embora, sem o vigor desejável. Vários desses combatentes têm vindo ao exterior, à procura do auxílio das organizações políticas que vivem no exílio. Quase sempre as suas solicitações dirigem-se no sentido de lhes ser fornecido material de guerra e munições. O tampão imperialista colocado no Congo-Léo, a fronteira mais útil para a nossa luta, tem impedido que as armas e as munições, as roupas e os medicamentos, cheguem ao interior.

O Povo angolano ainda espera pela sua organização, para poder desenvolver uma luta mais eficiente contra o colonialismo e estendida a todo o território.

A POSIÇÃO PORTUGUESA

Como acima fica referido, o Governo português, mantém intransigentemente a sua posição de considerar as colónias como províncias ultramarinas e de recusar a admissão do princípio de autodeterminação para os seus Povos, conforme é aceite pelos organismos internacionais.

Não reconhecendo mesmo como nacionais, as organizações nacionalistas, recusa a estas o direito de representarem o Povo e de falarem em nome deste. Continua a sua política cínica de exploração e de opressão, falando ao mesmo tempo de multiracialidade e de integração.

Algumas das aparentes modificações feitas não se correspondem senão a uma necessidade de enganar a opinião pública internacional e amortecer o ânimo nacionalista. É assim que se alargam os números de elementos angolanos na Assembleia Nacional portuguesa e no Conselho Legislativo. É assim que se altera na forma um punhado de Diplomas legais que no fundo, mantêm a situação.

Mesmo as recentes conversações com representantes africanos em Nova York, não teve por objectivo, senão o de demonstrar as excelências do regime colonial português.

Estamos convencidos que não será pelo puro jogo político que Portugal poderá modificar realmente a sua atitude em relação ao problema do nosso País. Será pela luta intransigente do nosso Povo, mobilizado de Norte a Sul, nas cidades e no campo que poderá realizar-se a transformação desejada. A criação de um clima de insegurança para os colonos, a sabotagem da economia praticada sistematicamente pelo Povo unido em torno da mesma bandeira, são os únicos factores capazes de produzir a alteração desejada e conquistar para o nosso País a Independência que desejamos.

OS PAÍSES AFRICANOS E A LUTA PELA LIBERTAÇÃO DAS COLÓNIAS PORTUGUESAS

Na Conferência dos Chefes de Estado realizada em Addis Abeba, tomou-se a importante resolução de dar uma ajuda efectiva à luta dos Povos ainda sob dominação colonial e foi criado um Comité de Coordenação dessas lutas. Assim, todos os países africanos, ficaram obrigados a dar uma ajuda concreta aos combatentes da liberdade. Esta resolução teve consequências imediatas nos planos político e diplomático, verificando-se por parte de bastantes países, o corte de relações diplomáticas com Portugal e a suspensão de trocas comerciais, ou das autorizações aos navios e aviões de utilizarem portos e aeródromos africanos. Infelizmente, nem todos os países africanos cumpriram com a determinação da Conferência dos Estados Africanos, devido às contradições existentes nesses países.

Portugal tem, por outro lado, sido expulso de Conferências Internacionais, onde a sua presença, assim como a da racista África do Sul, tem sido contestada.

Mas, se no plano político, a atitude dos países africanos tem sido mais ou menos eficaz, o mesmo não acontece no que respeita à ajuda material aos movimentos de libertação.

No nosso caso, foi cometido um erro de apreciação que prejudicou não somente o MPLA, como também o nacionalismo angolano no seu conjunto. Com efeito, a Conferência de Addis Abeba, recomendou que se favorecesse a formação de Frentes unidas de luta, para que a ajuda fosse canalizada para um só organismo. E foi com esse sentido que o Comité de Coordenação reunido em Dar-es-Salam nomeou um Comité de Conciliação, a fim de vir a Léopoldville reconciliar as facções divergentes do nacionalismo angolano.

Convém lembrar que existiu sempre um antagonismo entre as duas correntes mais importantes do conjunto nacionalista angolano, constituídas pelo nosso Movimento,

por um lado, e pelo FNLA, por outro. Na aparência, essa discordância, provinha da personalidade dos seus dirigentes, pela sua estruturação diferente, pela defesa de métodos de luta diferentes. Na realidade, tem sido provocada pela descarada ingerência de interesses imperialistas no seio do nosso Povo em luta. É que, o FNLA, dirigido pelo imperialismo interessado nos recursos económicos desta parte da África, não pode admitir uma organização como o MPLA, que se declara desde já pela Independência completa do País, que se declara abertamente pelo neutralismo positivo, dizíamos que o imperialismo não pode deixar de lhe dar combate, a fim de impedir que os interesses económicos no interior do País, sejam desde o dia da Independência, transferidos para as mãos do Povo, em prejuízo dos monopólios que hoje deles se aproveitam.

Os países africanos, não tiveram na devida consideração este aspecto essencial do problema, ou pelo menos os países mais progressivos da África, não tiveram o cuidado de defender a organização que se bate pela verdadeira emancipação do Povo angolano. Reduziu-se o problema a uma simples estatística dos meios detidos por cada organização para a luta e concluiu-se que o FNLA era a organização mais representativa. E ainda nesse aspecto, não se atendeu ao facto de o MPLA, não ter tido as mesmas oportunidades que o FNLA, quanto a facilidades no território congolês para realizar a sua actividade militar.

A decisão do Comité de Conciliação, teve repercussões importantes para os Movimentos políticos angolanos e no plano internacional, pois dela derivou o reconhecimento de um “governo angolano” não representativo; por outro lado, não conseguiu nem podia conseguir o seu objectivo primordial o qual era a intensificação da luta revolucionária no interior do País. O FNLA não pode senão servir de tampão e de freio à luta do nosso Povo. A sua natureza reaccionária, não pode permitir que se forneçam aos elementos válidos da População, os meios para realizar uma verdadeira luta popular e revolucionária. Isso seria contra os seus próprios interesses. O FNLA, só pode fazer a luta julgada necessária para obrigar Portugal a negociar. É de notar que o FNLA tem procurado a todo o custo, negociar com Portugal. E as con[versas] de representantes de Governos africanos com o Ministro dos [Negó]cios Estrangeiros português em Nova York, tiveram em certa [medida] o objectivo de fazer reconhecer Robert Holden como o único interlocutor válido em negociações para a transferência de poderes.

Os países africanos tiveram uma decisão infeliz, que aprofundou a divisão entre os angolanos e não beneficiou a nossa luta. O MPLA, no interesse superior do nosso Povo, deve fazer todos os esforços para que esta decisão seja revista e dadas ao MPLA nos países africanos, as mesmas possibilidades de acção, permitindo assim que seja o próprio Povo angolano a pronunciar-se sobre o seu destino. Doutra modo, a imposição do “governo” que não representa senão a UPA e o PDA, é o resultado prático e infeliz que ficaria dessa decisão.

O IMPERIALISMO E A LUTA EM ANGOLA

Foi bem em 1960, quando os primeiros dirigentes chegaram ao Congo-Léo que começaram a notar-se os desejos exclusivistas da UPA. Desde cedo se soube da subordinação da UPA aos interesses dos grandes financeiros anglo-saxónicos, que têm

imposto aos povos de vários países da África, uma dominação colonial de tipo novo. O exemplo infeliz do Congo-Léo, inteiramente à mercê dessas forças imperialistas, ilustra o que se pode preparar para Angola, substituindo-se a dominação colonial portuguesa pelo neocolonialismo anglo-saxónico.

Na realidade, os imperialistas anglo-saxónicos têm seguido a tática de “ajudar” um movimento nacionalista, pois estão convencidos que não podem opor-se ao “vento de mudança” que sopra sobre a África desde 1960. Mas por outro lado, não deixam de dar o seu auxílio a Portugal, para que a Independência possa resultar de uma combinação entre Portugal e o movimento protegido, salvaguardando inteiramente os interesses que representam.

Outro parece ser, por enquanto, o caminho seguido pelo imperialismo franco-alemão, que conjuga os seus esforços financeiros e económicos com os de Portugal, opondo-se aos anglo-saxões.

As forças imperialistas que dominam o Congo, não tiveram dificuldade em realizar a combinação Adoula-Holden, para fazer da luta de Angola, um puro jogo de política, em que o nosso Povo, não passaria de juguete.

Foi sob inspiração do imperialismo que se formou o “governo” angolano; foi o imperialismo que determinou o reconhecimento desse “governo” assustado como ficou com os progressos realizados em Addis Abeba. O reconhecimento unilateral do “governo angolano” pôs de certo modo em perigo a unidade africana forjada na reunião dos Chefes de Estado. Ele forçou, de certo modo o Comité de Conciliação a pôr-se de acordo com o governo congolês. Ele foi uma manobra clara, para impedir a unidade do FNLA com o MPLA que começava a ser exigida pelos próprios países africanos no seu conjunto.

O imperialismo, defendendo os monopólios que exploram as matérias-primas dos países desta parte da África, continuarão a agir no sentido de neutralizar o esforço do Povo angolano para a sua Independência. Compete-nos compreendê-lo claramente, e opor-nos da maneira mais conveniente à sua nefasta acção. Um dos meios pelo qual os imperialistas agem, é dividindo as organizações e favorecendo a sua desagregação. A nossa união e coesão são portanto garantias de uma independência real.

UNIDADE DIFÍCIL

Colocadas as sedes dos movimentos nacionalistas num terreno tão desfavorável e onde as forças inimigas dominam completamente e pelas razões atrás enunciadas, a unidade entre o nosso Movimento e a facção representada pelo FNLA, foi impossível. O último encontro realizado, foi em 5 de Agosto de 1962, logo sabotado por diversas manobras feitas para prejudicar a continuação das conversações.

A posição da Organização da Unidade Africana, relativamente ao caso de Angola, aprofundou essa divisão e tornou bem distantes as possibilidades de entendimento.

As potências estrangeiras que intervêm no caso do nosso País, têm mais oportunidades agora para dificultar essa unidade e para impedir o desenvolvimento da luta. De resto, o que elas pretendem é fazer que o nosso Movimento desapareça completamente em África. Foi assim que, aproveitando o pretexto apresentado pelo Comité de Conciliação, a secretaria principal do MPLA em Léopoldville, assim

como a organização de assistência, CVAAR, foram encerrados e os camaradas Daniel Chipenda e António Condese encarcerados arbitrariamente na prisão do Ndolo. As prisões de militantes do MPLA nas fronteiras, e as perseguições a que por vezes são sujeitos por interferência da UPA junto das autoridades congolêsas, são outros factos que demonstram o desejo claro de não permitir que a nossa organização possa contactar a massa refugiada no Congo e servir-se do território congolês como base logística para a luta no nosso País.

Contudo, no interior do País e mesmo entre a população refugiada, o MPLA mantém o seu prestígio e continua a ser a organização na qual se acredita como capaz de fazer desenvolver a luta por uma libertação real do País.

Os desastres militares da UPA e os seus insucessos no plano político, assim como as dificuldades internas que tem atravessado, são factores que ainda poderão fazer reflectir os Responsáveis africanos. Compete ao MPLA trabalhar para que se evidencie a sua superioridade organizativa.

AS DIFICULDADES INTERNAS DO MOVIMENTO

Se os ataques perpetrados do exterior do MPLA tiveram consequências perniciosas para o nosso Movimento e o fizeram ceder em posições vantajosas que mantinha, o espectáculo de desunião no interior da organização teve consequências ainda mais desastrosas. Contra as dificuldades exteriores, poder-se-ia opor um corpo unido e seriamente interessado em manter as vitórias e as posições que já tinha conquistado, decidido a vencer ou morrer ali onde estivesse o interesse da luta. Mas a unidade interna do MPLA tinha-se estabelecido sobre bases muito precárias. Um jogo político que excluía qualquer espécie de camaradagem e de solidariedade vinha-se realizando entre os dirigentes do MPLA, com base numa desconfiança sistemática.

A I Conferência Nacional, ao fazer a eleição de uma equipa que se supunha poder construir uma coesão forte para se opor às tentativas já declaradas de um grupo de militantes, não viu a verdade do Movimento. E por isso mesmo, logo na sua primeira reunião, teve de registar o pedido de demissão do 1º Vice-Presidente, Matias Miguéis que então pretextou doença.

No entanto, já antes da Conferência Nacional, Viriato da Cruz tinha estado em conflito com os outros dirigentes do Movimento. A Conferência Nacional, ao deixar de o eleger a si e a outros antigos membros do Comité Director como José Bernardo Domingos, José Miguel, Jorge de Freitas, provocou um descontentamento e a aversão destes antigos militantes contra o grupo de “intelectuais” que – segundo afirmaram – desejava usurpar o Movimento do “povo”. Não escondendo a sua decepção por deixarem de pertencer ao organismo dirigente, e sob a orientação de Viriato da Cruz que no entanto se deslocou para Rabat, constituíram uma rede clandestina dentro do Movimento, que agia perturbando a marcha das reuniões chegando a boicotar reuniões, fazendo desaparecer documentos importantes que faziam chegar à UPA, extorquindo dinheiro por vários processos, como aconteceu com o caso do ex-militante Graça da Silva Tavares que, de conivência com Matias Miguéis, utilizou em seu proveito, uma importância que pertencia ao MPLA. A sua expulsão, foi consequência desse acto

desonesto. Quando Cruz pensou ter uma rede suficientemente extensa, dentro da organização, voltou a Léopoldville decidido a, por intermédio dum abaixo-assinado, exigir a reunião de uma nova Conferência Nacional e a destituição dos membros do Comité Director eleito. Não conseguindo o número de assinaturas que permitisse demonstrar um largo apoio, resolveu então fazer a sua assembleia secreta, de que expulsou militantes que não pertenciam ao seu grupo e fez-se eleger juntamente com outros ex-militantes, para um “Comité Director provisório”. Enviou um ultimato ao Comité Director para que este entregasse os bens do Movimento em obediência à determinação da sua “assembleia soberana” e tentou o golpe de força que levou alguns militantes ao hospital e quase todo o seu grupo para o calabouço.

Desde cedo, o grupo Cruz vinha mantendo contactos estreitos com a UPA, colaborando com esta, como ainda hoje acontece nas calúnias levantadas contra o MPLA e nas tentativas de intimidação e suborno de militantes para agirem contra o Movimento. Foi portanto natural que Cruz se dirigisse a Holden Robert pedindo a sua integração no FNLA.

Foi já apoiado na força que lhe conferiam os reaccionários Adoula e Holden (que entrevistaram apressadamente para o libertarem da cadeia), que Cruz se apresentou no Comité de Conciliação a defender a sua qualidade de eleito pela sua “assembleia soberana”. Traíndo assim o MPLA, Cruz não conseguiu senão o efeito desejado pelos imperialistas, de apresentar ao Comité de Conciliação, um MPLA dividido.

A propaganda feita por Cruz no exterior junto dos representantes dos países amigos do MPLA, desprestigiaram e lançaram a dúvida sobre a integridade moral e política dos dirigentes actuais do MPLA. Levantaram dificuldades que ainda hoje estão longe de ser vencidas.

Colaborando estreitamente com a organização de Holden Roberto, tem acusado sucessivamente o MPLA e em especial o seu Presidente, de não seguir a linha política traçada pelo Movimento.

De realçar é a atitude oportunista deste grupo de antigos militantes que, ambicionando o poder dentro da organização, desprezaram os adversários agrupados na UPA e com eles se aliaram, não para o combate contra o colonialismo português, mas contra a organização progressista do nacionalismo angolano.

Ainda porque os dirigentes do Movimento, até aqui agiam como políticos empenhados no seu jogo pessoal e não como militantes cujo dever de solidariedade e camaradagem, a sua identificação com a luta em todos os momentos, os obrigava a defender a organização e os interesses do Povo, para vencer ou para morrer, outros casos de deserção e afastamento se verificaram neste período difícil da nossa vida organizativa, quando os inimigos do MPLA e do nosso Povo, nos aplicavam golpes dos mais profundos.

Assim, Manuel Lima, Chefe do Departamento de Guerra desapareceu de Léopoldville quando tentávamos socorrer alguns dirigentes do Movimento, entre os quais o camarada Henrique Carreira, sequestrados no antigo quartel do Binza, por ordem do Cruz. Estes camaradas, estavam para ser liquidados pelos jovens excitados ao rubro pelas palavras de ordem contra os mestiços e contra os intelectuais.

Quando se procurava o processo de os socorrer, Manuel Lima preparava em Brazzaville as suas malas para voar para Alger onde se encontrava a família, abandonando definitivamente os companheiros de luta, numa situação difícil.

Mais tarde, justificou a sua saída, alegando divergências políticas.

No entanto, o espectacular afastamento de Mário de Andrade, anunciado pela imprensa no momento em que o Comité de Conciliação estava reunido para determinar a quem dar a ajuda, contribuiu em muito maior grau para o desprestígio do Movimento. Pela função importantíssima que desempenhava, pelo seu passado de Presidente do Movimento, os países amigos reagiram de modo sensível ao afastamento de Andrade.

Andrade, que nunca quis vir ao encontro dos seus companheiros de luta, para uma discussão franca dos problemas do Movimento, explicou a sua retirada com a formação da FDLA.

Após a retirada de Andrade, os quadros intelectuais do Movimento, já extremamente abalados aquando do golpe de força de Cruz, tiveram a sensação de se encontrarem sujeitos a demasiados perigos para permanecerem no terreno da luta. Por isso, sete ou oito militantes com formação universitária, preferiram ir procurar empregos nos países do norte de África, onde a estabilidade política lhes permitira encarar com maior tranquilidade os problemas da sua existência quotidiana. Outros sete ou oito quadros que se prepararam militarmente para a luta, nos campos da Argélia, preferiram não continuar juntamente com os seus camaradas, a procurar o caminho para o desenvolvimento da nossa luta ao lado do Povo.

As defecções em cadeia, por parte dos elementos intelectuais do Movimento, deu a ideia no exterior de haver um profundo processo de desagregação do Movimento, falando-se na divisão em três partes, o que não corresponde à realidade.

São ainda esses quadros intelectuais, que lá de longe nos atiram as mais acerbas críticas, responsabilizando-nos pelos acontecimentos todos sucedidos em desfavor do MPLA e aconselhando-nos medidas enérgicas de salvação da situação, medidas para a concretização das quais, evidentemente, eles não pretenderão dar a mais pequena ajuda...

No entanto, o processo de desaparecimento dos quadros intelectuais nesta fase, ainda não estará terminada e só a estabilização política do Movimento permitirá o seu tranquilo regresso...

A maior parte dos que voluntariamente se afastaram do Movimento, tem feito no exterior uma propaganda pouco abonatória para o MPLA, ajudando a fazer uma opinião desfavorável e não deixando de atribuir à FDLA a razão da sua discordância política com a Direcção do Movimento. Tal como Mário de Andrade...

Portanto, torna-se necessário dar uma breve explicação das razões que nos levaram à formação do FDLA. Já no mês de Dezembro de 1962, logo a seguir à Conferência Nacional, alguns partidos menos representativos, como o MNA e a organização sindical UNTA, faziam sentir a necessidade de se coordenar os esforços em todos os campos, para nos podermos opor mais facilmente aos argumentos de Holden Robert e para mais facilmente aglutinar as massas populares dispersas ao longo das fronteiras. Para o MPLA e a UNTA, organizações progressivas, seria a FDLA um meio de mais

facilmente contactar os membros das outras organizações, cuja vida política se resumia a uma magra actividade de secretaria.

O MPLA não agiu contra o que se determina na alínea a) do seu “programa mínimo”, nem contra o decidido na Conferência Nacional a respeito da Unidade.

Quando o embrião do Front já estava formado, e se reuniam frequentemente o MPLA, o MNA, a UNTA e o NGWIZAKO, foi recebido um convite do antigo Presidente de Brazzaville, Youlou Fulbert, para uma reunião de todos os movimentos nacionalistas angolanos. Nessa reunião, o ex-Presidente que é acusado de ter recebido dinheiro dos portugueses, propôs a realização dum Congresso e aconselhou a formação de um Front único de todos os nacionalistas. A ideia entusiasmou a maioria dos participantes da reunião, entre os quais se encontrava o MDIA. Uma vez que um entendimento já existia entre uma maioria de Movimentos, o conselho de Youlou não pode ser considerado a causa da formação do Front. Aliás a sua intervenção não teve o efeito senão de se considerar a candidatura do MDIA apresentada imediatamente. Houve que aconselhar o MDIA a alterar a sua linha política, aceitando os princípios defendidos pelo MPLA e a fazer a adaptação necessária da sua organização. Um longo trabalho foi iniciado, após o qual se constituiu finalmente a FDLA, com o MPLA, UNTA, MNA, MDIA, NGWIZAKO. O facto de os dois últimos Movimentos terem sido considerados colaboracionistas, apesar de depurados pelos mais notórios colaboracionistas, como por exemplo, João Pierre Mbala, que se encontra em Luanda, e apesar da aceitação da linha do MPLA, suscitou uma grande confusão dos observadores e a dúvida no espírito de militantes que não assistiram de perto os acontecimentos, não estando portanto esclarecidos sobre o processo da sua formação. Normalmente, uma ampla reunião devia ser convocada para esclarecimento dos militantes confundidos, mas a presença do Comité de Conciliação nos dias imediatos ao da criação da Frente, ajudou a formar uma ideia errada acerca da intenção e da pureza política da FDLA. O afastamento de Andrade com pretexto na formação da Frente, ajudou a dificultar a vida desse conjunto de organizações, que acabariam por ser absorvidas no MPLA se se conseguisse fazer normalmente o processo de fusão.

Com o encerramento das secretarias das organizações políticas angolanas em Léopoldville, uma grande parte dos nacionalistas agrupados na FDLA, deixou realmente de exercer actividades políticas. O afastamento dos dirigentes do MPLA, *motor da* FDLA do território congolês facilitou para que alguns tomassem essa atitude de desistência. Por outro lado o MDIA, afastou-se voluntariamente da FDLA. [?]

A Conferência, ao apreciar este ponto, estudará convenientemente da necessidade de rever a FDLA.

BALANÇO DE ACTIVIDADES

Com a ideia mestra: “entrar em Angola com os líderes à cabeça”, o Movimento iniciou com entusiasmo as suas actividades, sob a orientação de um Comité Director que se esforçou por realizar as determinações da I Conferência Nacional. Distribuídos

¹ O que está em itálico foi acrescentado à mão por L. Lara

em Departamentos (Guerra, Organização e Quadros, Informação, Assuntos Sociais, Finanças e Segurança) não foi fácil coordenar os trabalhos de todos os dirigentes. Um certo pessoalismo, um certo burocratismo e desordem, impediu um funcionamento perfeito. As constantes ausências do Presidente, que funcionaria como o elemento coordenador, dificultou essa coordenação, sempre difícil no clima agitado que se viveu.

A demissão precoce de Matias Miguéis, a fuga de Manuel Lima e o afastamento de Mário de Andrade, reduziu o número de dirigentes activos, a quatro. O problema da Direcção do Movimento, deve ser seriamente encarado nesta Conferência.

DEPARTAMENTO DE GUERRA

O Departamento de Guerra criado pela I Conferência Nacional tinha o fim de centralizar as responsabilidades das acções militares e para que o Comité Director melhor pudesse delinear a sua estratégia político-militar.

Ao iniciar as suas funções, o Departamento de Guerra procurou dar continuidade aos planos anteriormente esboçados, tentando adaptá-los às novas condições. Assim, a sua acção, recaiu nos objectivos seguintes:

- a) Reconhecimento de toda a fronteira e zonas anexas do interior;
- b) Aperfeiçoamento técnico dos militares;
- c) Encaminhamento de armas e munições no interior de Angola;
- d) Infiltração para o interior.

Enviaram-se inúmeras missões à fronteira que conseguiram fazer o reconhecimento de quase toda a linha Angola/Congo e Cabinda/Congo, criando-se dessa forma as condições mínimas para a infiltração em direcção ao nosso País do Exército Popular de Libertação de Angola. Chegou-se mesmo a fazer o controle efectivo de algumas entradas para o território nacional.

Algumas missões fixaram-se nos pontos estratégicos aguardando a chegada do material para se iniciar a penetração.

Quanto ao aperfeiçoamento técnico do corpo militar, o Departamento de guerra fez enviar para a Argélia um corpo de novos recrutas que se iriam especializar nas diversas técnicas de guerra de guerrilhas. Ainda neste campo, estruturou-se um “Conselho Militar” como embrião do futuro Estado-Maior do Exército.

O Departamento de Guerra, porém, nunca conseguiu resolver a contento o problema do encaminhamento das armas e munições, tanto para o Congo como para o interior do País.

As démarches feitas junto dos países e organizações amigos se foram positivas quanto à aquisição de armamento e munições, nunca permitiram o estabelecimento do transporte normal desse material para a República do Congo.

Duas missões, uma marroquina (M. Larhizi, enviado de Sua Majestade o Rei de Marrocos) e outra argelina (chefiada pelo Comandante Slimane), deslocaram-se em Janeiro a Léopoldville para conseguirem do Governo de Adoula a autorização necessária para o envio de armas e munições para o MPLA. Apesar das promessas do “primeiro congolês”, essa autorização nunca foi concedida.

O transporte clandestino de material de guerra foi ensaiado várias vezes mas sem continuidade por se tornar dispendioso e estar além das nossas possibilidades financeiras.

O pouco material que o Departamento possuía, nunca conseguiu ser transportado para o interior, não só porque as autoridades congoleas o impediam, mas porque as missões de infiltração resultaram sempre em fracasso.

Uma vez o reconhecimento feito e o relativo aperfeiçoamento técnico conseguido, ensaiaram-se duas grandes tentativas de infiltração: acções na Frente de Cabinda e a marcha para a zona insurreccional de Nambuangongo.

As acções na Frente de Cabinda, tinham como objectivo a instauração do clima de insurreição no Norte do território e serviriam ainda de teste da capacidade e possibilidades do nosso corpo militar.

Assim, em Janeiro de 1963, trinta soldados do Epla, sob o comando do camarada Ferreira, estiveram em deslocações contínuas no interior de Cabinda e tiveram um encontro com as forças inimigas, onde demonstraram o seu aperfeiçoamento técnico.

O encontro resultou numa emboscada preparada pelo inimigo da qual os nossos militares conseguiram sair com uma só baixa e uma deserção.

As acções na Frente de Cabinda não tiveram continuidade, por falta de recursos financeiros. De notar o grande efeito propagandístico resultante das acções nesta Frente.

A marcha para Nambuangongo, foi decidida em virtude dos constantes pedidos vindos dessa zona de combate e das informações bastante optimistas sobre a situação dos corredores de acesso. A um dia do destino e depois de vários encontros com grupos armados da UPA, a nossa pequena secção de combate caiu numa emboscada preparada por esses mesmos bandos. Perdeu-se todo o material e conseguiram salvar-se para o Congo três dos quinze militares do EPLA. Um dos militares componentes do “Esquadrão Vermelho”, conseguiu chegar ao destino e julga-se estar a desenvolver a actividade para que foi preparado.

Pelo heroísmo com que empreenderam a marcha para o interior do País, o Comité Director condecorou postumamente os camaradas seguintes:

[Espaço em branco]

Além destas duas grandes tentativas de infiltração, outras de pequeno porte foram feitas, mas mais com o carácter de reconhecimento, do que como acções armadas contra o inimigo.

Examinando as razões deste diminuto bilan de actividades militares, podemos escaloná-las em vários grupos:

- a) Insuficiência de meios;
- b) Carência de chefia;
- c) Falta de coordenação com as missões de outros Departamentos.

O principal motivo dum bilan tão diminuto reside, sem dúvida, na não solução do problema do encaminhamento de material de guerra, como já acima ficou exposto. No entanto, uma certa lentidão no cumprimento de certas missões, ou mesmo o abandono de alguns empreendimentos necessários ao desenvolvimento da luta deveram-se à falta

de meios próprios de transporte. A aquisição no meio do ano de duas viaturas pesadas veio solucionar em certa medida, esta insuficiência.

Ao iniciar a sua gerência e como é do conhecimento de todos, a direcção em geral e este Departamento em particular, encontraram um MPLA em crise de crescimento, com grandes vícios de trabalho, muita indisciplina e pouca formação política.

Apesar de algumas tentativas de reorganização e de mobilização para o trabalho, não foi possível ultrapassar esta situação. Esse trabalho foi infrutífero pois, com o reconhecimento do GRAE, o Movimento entrou em nova crise de mais amplas proporções. A divisão que se estabeleceu no seio do Movimento, atingiu de modo grave o seu corpo militar.

Como a organização se mostrasse pouco maleável, foi delineada uma nova estrutura adaptada às condições duma guerra longa e ao crescimento progressivo do Epla. Essa estrutura e todas as regras complementares – como por exemplo, a promoção dos melhores quadros – nunca se pôs em prática devido ao clima de crise instaurado com os acontecimentos de Julho, atrás referido.

A crise de Julho veio esclarecer posições e certificar a Direcção da situação pouco abonatória em que se encontrava o EPLA. O estado de insurreição era tão elevado que alguns camaradas, incluindo um membro da Direcção correram, no chamado quartel do EPLA, o risco de serem liquidados. O comando do EPLA então bastante desprestigiado foi incapaz de disciplinar os seus subordinados.

Um dos mais chocantes vícios que reinavam no EPLA era o roubo. Todos os pretextos eram poucos para roubar as finanças do MPLA e foram bastante tocadas pelos frequentes desvios de fundos operados entre responsáveis e não responsáveis do EPLA.

A esta situação de anarquia correspondeu já em meados de Maio a um desinteresse crescente da parte do responsável máximo, o chefe do Departamento *MLima*. Com o rebrandamento da crise de Julho o chefe do Departamento abandonou as suas funções extemporaneamente e mesmo sem o conhecimento prévio dos seus camaradas da Direcção, conforme foi já especificado. Esta grave lacuna, foi em parte solucionada com a nomeação dum sub-chefe de Departamento, alargamento do Comando Operacional já existente e com a participação do Chefe do Departamento de Segurança nos trabalhos de chefia do Epla.

Notou-se ainda uma grande descoordenação nos trabalhos das diversas missões de diversos órgãos do MPLA. Assim, eram frequentes os choques de missões do EPLA, CVAAR e Organização e Quadros que actuavam na mesma zona. Sem hierarquia estabelecida e muitas vezes com visões diferentes das situações em presença, as suas actividades ficaram dispersas e descontroladas.

O corpo militar do MPLA encontra-se hoje mais ou menos depurado dos seus maus elementos e a caminho de uma relativa disciplina. De cerca de 230 militares formados por seu intermédio militam nas suas fileiras cerca de cem ou seja pouco mais de um terço do que devia ser o seu efectivo. Se tomarmos em conta os vícios de recrutamento e a disposição com que alguns camaradas ingressaram no EPLA – recrutamento sem selecção adequada e o espírito de viagem desportiva de certos candidatos – a permanência deles é até bastante lisonjeira e só deve encorajar os actuais e futuros responsáveis.

Porém, esta Conferência deve rever novamente a estrutura deste corpo militar, e à luz da experiência adquirida adaptá-la em função das novas condições de luta. Assim, torna-se necessário organizar um verdadeiro Estado-Maior (seja qual for o nome que se lhe dê), com certa autonomia em relação ao nível do Executivo do Movimento. Será também necessário integrar os quadros políticos e de assistência na estrutura político-militar e evitar os choques que uma compartimentação do Movimento logicamente determina.

A resolução do problema da chefia deste corpo militar, deve ser cuidadosamente encarada. Além da visão global dos problemas do nacionalismo angolano os seus chefes devem ser homens prontos para a dura luta que vão travar e psicologicamente aceitáveis por todo esse corpo.

A solução do problema do material de guerra e facilidades [de] manobra nos pontos estratégicos de penetração será consequência da maior ou menor aceitação do MPLA por parte dos países e organizações amigas. É uma questão fundamentalmente política.

Os homens estão nos seus postos dispostos à luta.

DEPARTAMENTO DE ORGANIZAÇÃO E QUADROS

O Departamento de Organização e Quadros, criado para preencher a necessidade de centralização das questões relacionadas com a formação de Quadros e de dotar o MPLA de uma ossatura sobre que assentasse a acção programada, também se ocupou do desenvolvimento das organizações de massas em que o MPLA se apoiava, a JMPLA e a OMA.

Inicialmente, o Departamento foi dividido em três sub-Departamentos: de Organização, de Quadros, de Organização de massas.

Ao Sub-Departamento de Organização, coube o controle e o activismo dos Comitês de Acção existentes e a criação de novos Comitês, tanto quanto foi possível, nos moldes da nova estruturação decidida pela Conferência Nacional de Dezembro de 1962.

Nessa actividade lutou o Departamento com graves dificuldades provenientes sobretudo de vícios de base que enfermaram a constituição desses Comitês de Acção, apresentados como conjuntos de militantes de determinado sector e não como órgão directivo como se determina nas disposições estatutárias.

Por outro lado, locais havia em que o C.A. era formado por um ou dois indivíduos sobre quem recaía toda a actividade do sector.

O Departamento de O.Q. tentou reestruturar os C.A. da melhor maneira os C.A. [*sic*], sem os resultados desejados, salvo nos casos em que foi preciso criar novos C.A. Deve dizer-se que a falta de contacto permanente entre os responsáveis do Movimento e as massas dos locais da fronteira, aparece como a causa principal do resultado pouco positivo neste sector dado que o controle era insuficiente e difícil.

No seu conjunto, podemos considerar positiva a actividade dos C.A., na medida em que se ganharam militantes e adeptos da linha política do MPLA e se estendeu por consequência a influência do MPLA a sectores onde normalmente só a UPA gozava de simpatias. Em certos sectores, Moanda, por exemplo, esboçou-se mesmo a formação de um Comité unitário, constituído por elementos da UPA e do MPLA, como também aconteceu em Lukala.

No sector de Léopoldville, foi onde a Organização encontrou menos possibilidades de êxito por razões especiais.

Ainda no aspecto de organização, estava o Departamento em vias de proceder à constituição do primeiro Conselho Político Nacional, quando as nossas actividades sofreram uma pausa devido ao reconhecimento do GRAE pelo Governo do Congo-Léo. Já tinham sido eleitos os representantes de cinco locais da fronteira (Kahemba, Tumbamani, Malele, Tshikapa e *Mungu*) e no interior do País já havia instruções para se proceder de igual maneira.

Dentro do novo condicionalismo da luta, o problema do Conselho Político Nacional carece de ser revisto, a fim de dotar o MPLA de novas estruturas.

Nos arredores de Léopoldville, grandes grupos de angolanos foram mobilizados, num trabalho que se mostrou bastante proveitoso. Malele e Kahemba, onde se fizeram para cima de 5.000 aderentes, foram também zonas onde a actividade do Movimento deixou uma profunda influência.

Imprimiram-se directrizes novas aos militantes que se encontravam na Alemanha, em França, Estados Unidos da América, Checoslováquia, União Soviética e Suíça. Também aqui, houve as deficiências inerentes à condição de estudantes no estrangeiro.

Foi posta em funcionamento em Léopoldville, uma Escola de Quadros que foi inaugurada na presença de delegados da Guiné. Com cerca de 60 alunos, distribuídos em duas turmas, a Escola funcionou regularmente até ao mês de Maio, quando a saída de vários membros do CD tornou quase impraticável o seu funcionamento.

Foi uma realização que deu frutos, na medida em que os temas versados, familiarizaram os militantes com a linha política e com o programa de acção do MPLA.

Uma grande parte dos militantes que frequentaram os cursos, deram a sua contribuição ao MPLA em cargos de responsabilidade, mas não se atingiram completamente os objectivos. No entanto, foi uma experiência proveitosa, na medida em que permite estabelecer bases frutuosas para um novo ciclo.

O Sub-Departamento de Quadros, que esteve a cargo do ex-camarada Amaro, a certa altura implicado na actividade fraccionista, teve por função, planificar os envios de estudantes para o estrangeiro de acordo com as necessidades reais do País. Também lhe cabia a tarefa de procurar as bolsas necessárias aos estudantes candidatos.

Há que ter em atenção o facto de não estar ainda radicalizada no espírito do candidato a estudante, a necessidade de seguir um curso de acordo com as necessidades de Angola, ou da luta. Houve quase sempre a tendência para escolher um curso que exigia capacidade superior à do candidato.

Este facto, dificulta a planificação, pois quando se prevêem as bolsas a pedir, corre-se o risco de não encontrar quem as preencha.

Um outro factor que dificulta a planificação, é a própria oferta que os países fazem, sem a certeza absoluta dos lugares disponíveis, pois por vezes, depois de ofertas de um determinado número de bolsas, vimos o seu número reduzido no momento da partida dos estudantes. Algumas promessas, não chegaram a ser realizadas. Pelas razões apontadas, embora tivessem seguido este ano perto de cinquenta estudantes para diferentes cursos, outra meia centena não chegou a sair.

Os estudantes enviados para o estrangeiro, este ano, vão seguir os cursos técnicos diversos: enfermagem, minas, florestas, agricultura, topografia, rádio, etc.; e cursos superiores.

Não estão incluídos nestes números os cinquenta bolseiros que fizeram preparação militar especial.

Desde a realização de Conferência Nacional, tentou-se dar um novo impulso às organizações de massas, em que se apoia o MPLA – a Organização da Mulher Angolana, OMA e a JMPLA.

A JMPLA, que até à Conferência Nacional não possuía uma estrutura sólida, organizou-se graças à colaboração de todos os jovens. Foi preparado, discutido e aprovado um Estatuto que serviu de base a uma útil acção paralelamente à do MPLA.

As condições de trabalho no exterior do País, limitaram, sem dúvida o alcance das actividades da JMPLA, mas produziram resultados frutuosos pela mobilização conseguida e pela selecção permitida. Numerosos jovens se revelaram nos momentos difíceis, capazes de assumir as responsabilidades da luta.

O facto de o Movimento de Libertação angolano, ser constituído por uma maioria de jovens, dá a maior importância ao sector juvenil, cuja actividade facilmente se estende a todos os sectores do nacionalismo angolano.

A JMPLA, participou entre outras na Conferência da Juventude Jugoslava, no Seminário da WAY para a unidade do nacionalismo angolano, e no Seminário da UGEAN. Estabeleceu além disso, relações com diversas organizações da Juventude da África e do Mundo.

A Juventude exerceu um papel importante na selecção de candidatos a bolseiros e tem constituído um esteio importantíssimo na fase difícil que o Movimento atravessa. Uma atenção especial deve ser dispensada a este sector para se contribuir para o desenvolvimento do dinamismo habitual da Juventude na luta de libertação nacional.

Ao contrário do que aconteceu com a Juventude, a OMA não se desenvolveu como seria de esperar do élan trazido pela Conferência Nacional. O Departamento não se poupou a esforços, no sentido de dinamizar um pouco a organização. Embora as reuniões tivessem lugar regularmente, a acção da OMA pouco se fez sentir e a sua repercussão fora de Léopoldville, foi praticamente nula, se se exceptuar o sector do Kwilo, em que houve maior actividade feminina.

A pouca actividade da OMA, tem causas profundas, que provêm sobretudo da sua constituição. Há por um lado a dificuldade de harmonizar os pontos de vista e os métodos de acção das senhoras mais idosas e das mais novas. Mas é sobretudo ao facto da OMA não ter actuado permanentemente nas fronteiras junto das massas mais disponíveis para a luta, que se deve a sua ineficiência.

O desenvolvimento futuro da OMA dependerá sobretudo deste factor.

A OMA manteve contacto com as Organizações femininas africanas e de outros países, tendo participado na Conferência Mundial da Mulher com três delegados.

Apesar de possuímos no nosso seio alguns elementos com preparação sindical aproveitável, não foi desenvolvida uma actividade sindical específica.

Deve porém referir-se que os “sindicalistas” do MPLA desempenharam na sua quase totalidade, missões de relevo quer no interior quer no exterior, tendo-se portado à altura.

Não é de abandonar a ideia de fomentar um Conselho Sindical nos organismos afectos ao MPLA. Um tal Conselho ocupar-se-ia de todos os problemas concernentes aos trabalhadores e poderia ser o embrião de uma organização sindical, verdadeiramente nacional.

COMISSÃO ESTATUTÁRIA – Esta Comissão procedeu à feitura do projecto de Estatutos do MPLA de acordo com a decisão da Conferência Nacional, respeitante à estrutura.

Concluindo, devemos dizer que a actividade do Departamento de O.Q. no seu conjunto não deu os resultados que seria legítimo esperar. Importante se torna enumerar as razões desse facto.

A razão primordial está sem dúvida em o MPLA se encontrar num terreno hostil, no exterior. Mais de uma dúzia de missões falharam por terem sido impedidas de prosseguir no seu caminho pelas autoridades congolezas.

Muitas vezes, elementos mal-intencionados da UPA, ao terem conhecimento da passagem do MPLA neste ou naquele sector, iam procurar as autoridades congolezas a quem intrigavam, com histórias fantásticas de que o MPLA vinha atacar tal ou tal tribo, ou derrubar tal ou tal governo provincial.

A credulidade dos nossos irmãos congolezes fazia-os aceitar as mentiras, interceptar os nossos destacamentos que por vezes submetiam à tortura e à prisão. As intrigas da UPA também eram feitas junto dos nossos irmãos angolanos mas raramente tinham sucesso, excepto quando lançavam confusão tribal ou racial.

Uma das grandes dificuldades do Departamento, como de todos os outros Departamentos, foi a da harmonização das actividades com as diferentes organizações trabalhando no mesmo sector O. e Q., CVAAR e EPLA. Este é um dos aspectos que terá de ser definitivamente resolvido para uma verdadeira acção revolucionária do MPLA.

Não é menos importante o facto de não ter conseguido o Departamento quebrar o estatismo de certas delegações da fronteira. Muitos dos quadros responsáveis, não possuíam as qualidades nem a preparação política necessária ao desempenho da tarefa importantíssima de mobilizar as massas e agitar os problemas mais prementes.

No interior, as dificuldades das ligações subsistiram, apesar de algumas tentativas coroadas de sucesso.

Verificando-se que 50 por cento do esforço despendido nas missões das fronteiras se perde integralmente, importa rever o método de trabalho num novo plano de acção.

No que diz respeito à formação de quadros técnicos, deve dar-se ao problema uma nova solução. Uma política de bolsas descoordenada, deve dar lugar ao envio de militantes, de acordo com as reais necessidades do Movimento.

Deve dar-se atenção aos estudantes actualmente no estrangeiro, tentando por todos os meios, manter os contactos e acompanhar os seus progressos.

Devem procurar-se novas estruturas adequadas às condições novas em que o Movimento deve actuar.

DEPARTAMENTO DA INFORMAÇÃO E PROPAGANDA

Dois números do jornal “Unidade Angolana” tinham sido publicados até à data da I Conferência Nacional. As dificuldades que se revelaram invencíveis, particularmente a impossibilidade de impressão, impediram que se prosseguisse a sua publicação.

Entretanto, foi publicado o boletim “Vitória ou Morte”. A irregularidade na publicação do “Vitória ou Morte” deve-se especialmente à sabotagem que sofreu a sua elaboração e à falta de iniciação da maior parte dos colaboradores do Departamento em trabalhos deste género. Na verdade, o encarregado da impressão do boletim, foi-se mostrando, à medida que o tempo decorria, imbuído do espírito divisionista que infelizmente enfraqueceu o nosso Movimento. O desejo de recuperar este militante, levou o Comité Director a desculpar-lhe as faltas sucessivas, agravando a situação. Quanto à falta de iniciação dos restantes colaboradores do Departamento fez-se e far-se-á sentir sempre num organismo que, encarregado da propaganda tem de agir com oportunidade, o que requer colaboradores em número avultado, preparados e experientes.

Do esquema inicial do Departamento, fazia parte uma Secção do Interior e Secção do Exterior e um Secretariado. As publicações ficavam a cargo da Secção de Agitação e Propaganda.

A missão da Secção Interior era a de enviar delegados ao interior de Angola, encarregados de levar e trazer informações. Foram efectuadas três missões que não puderam ir até o fim. Os emissários partiram mas não voltaram, sendo mais tarde conhecida a notícia da sua prisão no interior de Angola. A localidade em que foram presos já muito longe da fronteira e as povoações contactadas até lá, provam a utilidade destas missões e a grande coragem dos camaradas que delas se desempenharam.

Teve pleno êxito a introdução de material de propaganda na capital do nosso País, onde foi possível instalar uma delegação muito activa, com instruções para propagar o nome do MPLA e as suas palavras de ordem. Temos informações concretas de que os nossos camaradas realizaram um trabalho excelente de penetração em diversas regiões distantes do litoral, popularizando o MPLA. Na capital angolana os nossos delegados puderam mesmo realizar verdadeiros golpes de audácia, que granjearam uma fama especial ao nosso Movimento, como aquele que praticaram na própria sede do Centro de Informação e Turismo de Angola, fazendo com que todos os funcionários deste organismo de administração colonial encontrassem no momento de iniciarem o trabalho, um exemplar do boletim “Vitória ou Morte” sobre a sua secretária.

As secções do Exterior, não puderam manter uma ligação muito estreita com o Departamento, em virtude das mesmas serem também contactadas pelo Departamento de Relações Exteriores. No entanto, alguns camaradas solicitados para essa colaboração, deram a sua contribuição.

Importa aqui referir as queixas dos militantes do exterior e em certa medida do interior, que frequentemente afirmavam não receber normalmente os elementos de informação e propaganda do Movimento. A falta periódica de fundos ou ocasionais

negligências, mas principalmente a sabotagem de elementos do grupo fraccionista, que trabalharam na Secretaria do Movimento, foram os factores causadores desta anomalia.

A Secção do Arquivo, de importância vital para o nosso Movimento, também teve uma actividade positiva. Embora o trabalho de recolha de informações sobre Angola e o nosso Movimento deva ser aumentado, estão lançadas as bases desta secção.

Podemos para concluir a análise da actividade deste Departamento, a experiência de novas estruturas no tocante ao Departamento de Informação, foi gravemente afectada pela actividade divisionista de uns tantos colaboradores, cuja pernicioso acção se dirigiu no sentido de impedir a regularidade e a boa marcha dos trabalhos [sic].

O Departamento nem sempre esteve à altura da sua missão no que respeita à oportunidade da emissão da propaganda. Ao que atrás foi dito, deve acrescentar-se que faltou uma ligação estreita com outros departamentos tais como O. e Q., que abarca a bem dizer todas as questões do Movimento e o das R. E. Sucedeu ainda que o Departamento de Informação, que não participava no Organismo de cúpula do Movimento (o Comité Político-Militar) viveu handicapado [sic] quanto ao conhecimento profundo das principais questões do Movimento. Este departamento, deve, portanto, estar ao nível dos outros departamentos e em estreita colaboração com as R. E., O. e Q. e Guerra.

Uma disciplina rigorosa a estabelecer entre os militantes, poderá melhorar a expedição e distribuição dos instrumentos de propaganda e informação do Movimento.

DEPARTAMENTO DAS RELAÇÕES EXTERIORES

Logo após a I Conferência Nacional, o Presidente do Movimento deslocou-se a Nova York, para intervir junto da IV Comissão das Nações Unidas. A sua missão foi completada com uma viagem por algumas das principais cidades norte-americanas, por onde teve ocasião de contactar alguns organismos privados e com o fim de demonstrar o neutralismo do MPLA, considerado no mundo ocidental como uma organização comunista e sectária.

Com o mesmo fim e numa longa viagem que demorou cerca de três meses, visitou Londres, Paris, a Alemanha Federal, Itália, Rabat, Alger e Túnis. Nas capitais africanas houve outro objectivo, o qual era o de procurar ajudas para o Movimento. Em Alger e Rabat, nos dias 4 e 6 de Fevereiro, teve ocasião de assistir às comemorações do aniversário da luta do nosso Povo em Luanda. Deve-se referir o brilho excepcional que essas comemorações tiveram na cidade de Alger onde, no dia 4 de Fevereiro foi inaugurado o bureau do MPLA naquela cidade, com a presença do grande Africano que é o Presidente da República argelina, Ben Bella.

O Presidente do Movimento ainda visitou outros países africanos durante o ano, como o Ghana, a Guiné, o Tanganika, Dahomey e o Senegal.

Essas viagens, tiveram sempre o objectivo, ou de participar em reuniões internacionais, ou procurar os apoios materiais necessários. Esteve em Dar-es-Salam, para intervir junto do Comité de Coordenação no sentido de os países africanos darem ajuda material e política ao nosso Movimento, tendo sido por nossa proposta que o Comité de Conciliação foi nomeado para ir a Léopoldville. Em Dar-es-Salam,

estiveram também a participar dos trabalhos o Chefe das Relações Exteriores, Mário de Andrade, o Chefe da Guerra, Manuel Lima, e o Secretário das Relações Exteriores, Américo Boavida. Participou ainda nessa reunião, o Presidente do MNA, Francisco Mayembe, convidado pelo MPLA, dentro do quadro da unidade projectada.

Depois da publicação da decisão do Comité de Conciliação, uma delegação partiu para Cotonou, a fim de contactar os Chefes de Estado da UAM que ali tinham a sua reunião, e mais tarde, partiram para Dakar, a fim de apresentar um Memorando em que se pedia a revisão da recomendação de Léopoldville. Se os resultados, aqui não foram positivos, a posição tomada, evitou que o nosso Movimento fosse totalmente esquecido.

A actividade diplomática conduzida pelo Chefe das Relações Exteriores do Movimento, Mário de Andrade, consistiu em mostrar aos países africanos, a necessidade de radicalizar a sua posição frente a Portugal e a conseguir que nas Nações Unidas se obtivesse uma decisão para a aplicação de sanções. Mário de Andrade visitou alguns países africanos, como o Marrocos, Argel, e Etiópia. À frente de uma delegação constituída por Gentil Viana e Noémia Tavira, teve uma actuação na Conferência dos Chefes de Estado em Addis Abeba, à qual se deve em parte à decisão que recomendava a conciliação dos Movimentos angolanos, decisão que não foi respeitada em Léopoldville.

No quadro das relações com as organizações nacionalistas das outras colónias portuguesas, manteve-se o contacto possível através da CONCP. No entanto, o trabalho em conjunto nesta organização não é ainda eficiente. Torna-se necessário realizar uma Conferência em que se reestruture aquela organização.

O afastamento de Mário de Andrade tornou difícil a continuação dos trabalhos no sector das Relações Exteriores, não somente pela sua competência nesse capítulo, mas também porque ao abandonar a organização, não forneceu aos seus companheiros de luta os elementos necessários à continuação dos contactos que tinha entre mãos, não só no plano africano, mas também na Europa. Andrade tinha acabado de visitar países onde o nosso Movimento era olhado com simpatia, como a Bélgica e a Suécia. *“Baya / Cairo – Addis Abeba – Nigéria.”*

Depois da decisão de Dakar, a política exterior do Movimento tem-se orientado no sentido de reconquistar as posições de prestígio que tinha antes, e de demonstrar a necessidade de ser revista essa infeliz decisão da OUA que na prática, impõe ao nacionalismo angolano, um “governo” não representativo e não reconhecido pelos angolanos.

Os contactos com os representantes que temos no exterior, fizeram-se deficientemente, e nem sempre houve uma orientação segura e a tempo, para os camaradas que se encontravam longe da Direcção, este é um capítulo em que haverá que prestar a maior atenção.

A abertura do bureau de Brazzaville, já sob o nome de FDLA, foi na realidade um elemento novo e útil para a nossa luta, conseguido pela acção do Chefe das Relações Exteriores.

DEPARTAMENTO DE FINANÇAS

O funcionamento do Departamento de Finanças, foi dos mais irregulares do Movimento, devido a dois factores fundamentais: a indisciplina e a cupidez de alguns

militantes, agravados pela actividade de sapa mantida pelo grupo fraccionista, cujo objectivo fundamental era conseguir dinheiro para manter aqueles que viviam fora do Movimento por terem sido expulsos. Por outro lado, o acidente de viação sofrido pelo Chefe do Departamento, e mais tarde a sua recusa de continuar à testa do Departamento, fizeram com que outros membros da Direcção, sem o tempo necessário para se dedicar ao estudo e organização dos assuntos financeiros, se ocupassem das funções, na prática apenas de guardas e distribuidores do dinheiro.

Não nos foi possível organizar um Orçamento, que nos servisse de guia. E a sua falta se faz sentir a cada momento, quando se fazem planos de tarefas que absorvem fundos.

A estrutura pesada do Movimento, albergando à sua sombra muitas dezenas de aderentes, sem função na organização, fez que uma parte importante dos fundos fosse gasta na alimentação, vestuário e conservação da saúde desses membros.

A despesa feita, de cerca de um milhão de francos congolezes mensais, não foi aplicada na actividade útil.

Fez-se a aquisição de quatro viaturas graças às quais se facilitaram os transportes de militantes e de medicamentos para os sectores da fronteira.

Rendas de casa, subsídios aos militantes e suas famílias, transportes, alimentação, envio de correspondência, etc. foram os principais capítulos das despesas do Movimento.

As receitas, eram provenientes dos donativos recebidos, e das contribuições dos Comités de Acção, estudantes do exterior, da OMA e por vezes, do interior do País.

Um certo mercenarismo existe ainda no Movimento, onde alguns militantes, ao pertencerem a um Comité de Acção, pensam ainda que esse facto lhes confere o direito de exigir um subsídio.

Alguns militantes que se encontram no Movimento, ainda estão convencidos que o seu trabalho para a organização deve ter uma remuneração adequada.

Estes aspectos e o da obrigatoriedade de contribuir para a organização, devem merecer especial atenção no futuro, pois eles são factores que contribuem para conferir à luta um carácter verdadeiramente nacionalista, ou não.

DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS SOCIAIS

O Departamento dos Assuntos Sociais, funcionou, depois da Conferência Nacional, com três Secções: CVAAR, Actividade profissional e Secção Cultural.

O CVAAR, que funcionou sempre com certa autonomia, possui estatuto próprio e organismos de direcção próprios, esteve, mais integrado no Movimento, pela sua finança. Os donativos que o CVAAR recebeu durante o ano, foram insuficientes para manter a actividade normal e por isso, era necessário recorrer ao esforço financeiro do Departamento de Finanças [*A margem*: 150.000 fr.]. As nossas dificuldades, fizeram que os enfermeiros, médicos e professores, sentissem carências materiais que afectaram o trabalho. Viu-se frequentes vezes, enfermeiros na cidade de Léopoldville, porque lhes faltavam os meios para se sustentarem na fronteira.

A dificuldade de transportes e a carência de medicamentos também dificultaram a vida assistencial do CVAAR. No entanto, dentro das suas possibilidades, manteve durante o ano, uma actividade utilíssima junto das populações refugiadas, mantendo dispensários

em número de 27, dos quais o de Léopoldville e o de Matadi foram os mais importantes. Houve visitas de médicos às fronteiras sempre que se pôde utilizar um transporte.

O CVAAR ainda manteve em funcionamento escolas primárias e cursos de francês e inglês.

O encerramento do CVAAR, constitui um verdadeiro atentado contra a população angolana refugiada, que recebeu um auxílio e amparo substanciais. Mesmo alguns congolezes se socorriam dos serviços gratuitos do CVAAR.

A Secção de actividade profissional, tinha sido entregue à direcção de um partidário da actividade fraccionista "*Domingos dos Santos*" [*à margem*], que não realizou qualquer trabalho prático, e sabotou os planos elaborados para organizar actividades lucrativas para os profissionais que se encontravam refugiados.

A Secção Cultural, não realizou actividade, por ter sido substituída na prática pela Secção respectiva da JMPLA. "*Conselho Disciplinar*" [*à margem*].

CONCLUSÃO

A actividade realizada após a Conferência Nacional, teve como objectivo principal a entrada no País, para ali realizar a luta político-militar junto do Povo. Um grupo foi destacado para a Argélia, a fim de receber a preparação adequada para a orientação da luta no interior. Mas as dificuldades que se levantaram no caminho do nosso Movimento, ainda não consentiram que essa entrada se fizesse nos moldes idealizados.

Hoje, como há um ano, a tarefa que se impõe é a mesma; mas há uma experiência preciosa adquirida na dureza da luta. Há por outro lado uma clarificação dos objectivos a atingir e das qualidades que devem possuir os militantes, para que essa tarefa se realize.

Há uma experiência que ajudará a estruturar uma organização de militantes e não de simples idealistas ou sonhadores.

Se esta Conferência deve resolver problemas graves postos pela falta de coesão interna do Movimento, terá por outro lado que se acautelar com a vasta conspiração que está sendo feita para destruir completamente a única organização progressiva do nacionalismo angolano.

Estabeleçamos aqui as bases de confiança, de solidariedade e camaradagem, para a continuação da nossa luta. Condenemos com sinceridade os actos indignos e afastemos do caminho aqueles militantes que pelo seu oportunismo apenas serviram de empecilho à nossa acção.

Sejamos dignos do Povo de Angola, e arranquemos desta Conferência de Quadros, unidos, fortes e corajosos, para o combate pela Independência do nosso País, até

VENCER OU MORRER!

Brazzaville, 3 de Janeiro de 1964.

Discurso de Abertura por Benigno Vieira Lopes

[policopiado]

DISCURSO DE ABERTURA

CAMARADAS

Ao pronunciar estas palavras de abertura da 1ª Conferência de Quadros do Movimento Popular de Libertação de Angola, quero lembrar e homenagear todos aqueles nossos irmãos que tomaram nos campos heróicos da batalha, ou que, foram violentamente assassinados nas masmorras desse colonialista português, que há cinco séculos vem oprimindo, vexando, e rebaixando o nosso Povo. Nesta homenagem não posso deixar de incluir todos aqueles que se encontram ainda hoje em condições desumanas, nas prisões, nos campos de concentração do inimigo e nas matas do interior do País.

Que esta Conferência de Quadros seja feita sob o espírito dos nossos mártires da liberdade, é o meu maior desejo.

Assim peço a todos os camaradas, para que façam tudo a fim de que esta Conferência se desenrole dentro do maior espírito de Unidade para que ela tenha os resultados positivos, que o Movimento tanto necessita, assim como o Nacionalismo Angolano. Unidade essa também, que sirva de reflexo a todos os partidos nacionalistas angolanos.

Que os problemas da Organização sejam aqui discutidos a fundo e com sinceridade, de maneira a criar uma comunhão de ideias e dar aquele ânimo e confiança a todos os militantes, nomeadamente aos camaradas que estão decididos, de armas na mão, a tomarem o caminho do País.

Espero ainda que se estude com toda objectividade, todo conjunto de medidas, necessário para que nós, possamos também lutar no interior do nosso querido País, ao lado dos nossos tão martirizados irmãos, para liquidar de uma vez para sempre, com essa víbora, que é o arrogante colonialista português. Rogo ainda, que os orgulhos pessoais sejam postos inteiramente de parte, porque só assim podemos avançar com uma luta efectivamente Revolucionária.

VIVA ANGOLA!
VIVA O MPLA!
VIVA A UNIDADE ANGOLANA!
VITÓRIA OU MORTE

Brazzaville, 3 de Janeiro de 1964

BENIGNO VIEIRA LOPES

Demissão do Comité Director

[dactilografada toda em maiúsculas]

Considerando que a equipa escolhida pela Conferência Nacional para dirigir o MPLA se encontra amputada,

Considerando que por esse facto os membros restantes do Comité Director não podem desempenhar-se cabalmente das responsabilidades que lhes foram confiadas,

Considerando que condições exteriores ao Movimento impediram a formação do Conselho Político Nacional que normalmente deveria solucionar este problema,

Considerando que se ultrapassou o período previsto pela Conferência Nacional para o desempenho das funções dos actuais dirigentes do MPLA,

Considerando os poderes especiais atribuídos a esta Conferência de Quadros,

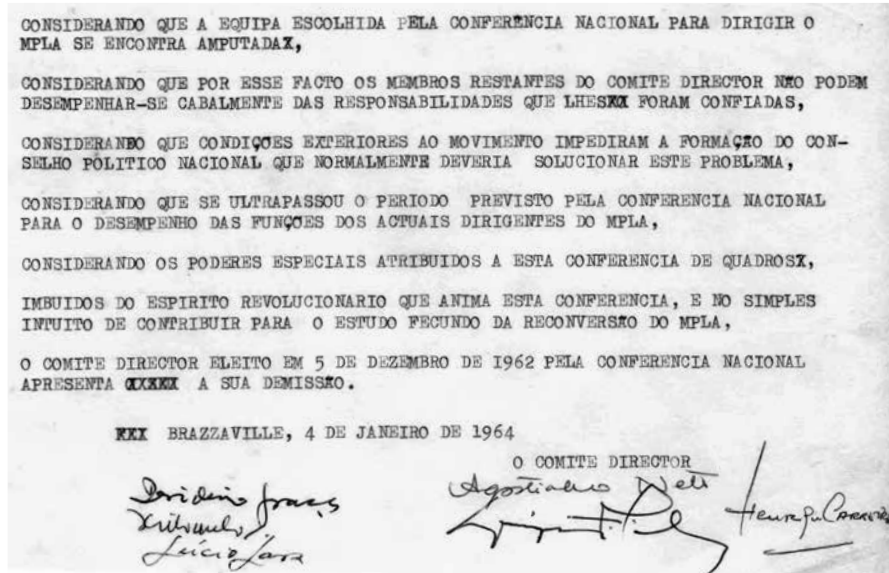
Imbuídos do espírito revolucionário que anima esta Conferência, e no simples intuito de contribuir para o estudo fecundo da reconversão do MPLA,

O Comité Director eleito em 5 de Dezembro de 1962 pela Conferência Nacional apresenta a sua demissão.

Brazzaville, 4 de Janeiro de 1964

O COMITÉ DIRECTOR

[com assinaturas de: Desidério Graça, Agostinho Neto, Aníbal de Melo, Reverendo Domingos da Silva, Lúcio Lara e Henrique Carreira]



Mensagem a Chipenda e a Condesse

[dactilografada toda em maiúsculas]

MENSAGEM AOS CAMARADAS CHIPENDA E CONDESSE

A Conferência de Quadros do MPLA aclamou, sensibilizada, a vossa mensagem. A Conferência exorta-vos a continuarem a suportar com o mesmo estoicismo a arbitrariedade dos agentes imperialistas inimigos do nosso povo que causaram a vossa prisão. Asseguramo-vos de que intensificaremos a campanha pela vossa libertação e que estamos certos que dentro em breve continuareis a desempenhar no nosso seio as importantes missões que vos forem confiadas. O vosso exemplo não deixará de contribuir para o sucesso da nossa Conferência e no sentido de dotar o MPLA dos elementos necessários à sua participação vitoriosa na luta do nosso povo.

Brazzaville, 4 de Janeiro de 64

VITÓRIA OU MORTE.

A CONFERÊNCIA DE QUADROS DO MPLA

Actas das Sessões da Comissão Especial

[dactilografada – 2ª via]

ACTA DAS SESSÕES EFECTUADAS PELA COMISSÃO ESPECIAL
(DISCIPLINA E UNIDADE NO INTERIOR DO MOVIMENTO) DA
CONFERÊNCIA DE QUADROS DO MPLA
REALIZADA DE 3 A 10-1 1964 EM BRAZZAVILLE

MEMBROS DA COMISSÃO ESPECIAL:

Agostinho Neto, Lúcio Lara, Adriano Pedro, Flávio Fernandes, Pedro Manuel, Ciel, Carlos Alberto Monteiro (Totoy), Miguel Baya, Cadete, Floribert, Inácio, Revº Filipe Martins, Maria Santos, Spencer, Cirilo, Roque

PRESIDENTE – Revº Filipe Martins

SECRETÁRIA – Maria Santos

Relator – Aristides Cadete

1ª Sessão – Dia 7-1-1964 às 9 horas

Presentes todos os membros da Comissão excepto Agostinho Neto e Spencer

Presidente – Abre a sessão fazendo a chamada e pede ao cª Lara para dar indicações sobre a ordem do dia.

Lara – Ontem já ficou esboçada a ordem dos trabalhos:

- a) Disciplina no interior do Movimento
- b) Unidade " " " "

A disciplina é um ponto muito importante. Não é esta comissão que vai fazer o regulamento mas apenas alguns princípios que sirvam de base. Assim teremos:

- a) Disciplina: 1 – Princípios disciplinares
- b) Unidade : 1 – Análise da situação no interior do Movimento
 - a) Divisinismo, suas causas e consequências
 - b) Atitude face aos divisionistas
 - c) Atitude face aos que abandonaram o Movº.

Floribert – Ponto de ordem. Os racistas devem ter uma alínea à parte porque é diferente do divisionismo.

Lara – Quem vai estudar o racismo é a Comissão Política mas cada camarada (cª) que diga o que sente sobre isso.

Há ainda a acrescentar uma alínea sobre a Unidade:

- d) Medidas a tomar para fortalecer a Unidade do Movº.

Presidente – Alguém se quer pronunciar sobre o que foi dito?

Totoy – O Cª Lúcio tem a lista dos Cas. divisionistas?

Lara – Tenho, mas não completa.

Baya – Esta ordem é aceitável. Quanto à disciplina do Movº, temos já princípios basilares.

Quando se trata de disciplina é no campo militar ou de todos os outros militantes?

Ou se não temos nada vamos começar com um trabalho que sirva de base?

Presidente – Por isso pedi que permanecesse nessa Comissão um membro do Comité Director cessante. Só eles sabem quais são as bases da disciplina. Para o EPLA era uma e para os civis, outra.

Mª Santos – No regulamento interno já vem um capítulo destinado à disciplina e que pode servir de base ao trabalho.

Lara – No regulamento Interno há a lei de disciplina do EPLA e as sanções que vêm no Estatuto: Lê o artº 6 do Regulamento Interno. Isto são princípios gerais que podem ser considerados por nós mas não basta. Há o aspecto do tratamento entre os membros do EPLA e os seus chefes: – Camarada–. Quanto à disciplina do EPLA também não é muito rica. Havia quem sugerisse a substituição desse termo por “Mano”, hábito de Angola. Lê o artº 10 do Regº Intº. Lê algumas leis do EPLA. Cada camarada deve dar a sua ideia sobre o assunto.

Presidente – Cada Cª deve apresentar as suas ideias.

Floribert – Ontem pedi ao cª Lara para trazer o relatório do CD para lermos o que diz respeito ao trabalho da nossa Comissão.

Roque – A disciplina deve abranger todos os escalões do Movº.

Inácio – A disciplina tem que nos unir a todos e ser cumprida como com os militares.

Deve haver uma disciplina para os militares e outra para os civis.

Floribert – Gostaria que o Cª esclareça bem o que acabou de dizer. Ontem na Conferência disse-se que a disciplina tem de ser única para todos os militantes.

Cirilo – Acho que temos vontade de instaurar uma disciplina para todo o Movº.

Os que não têm preparação militar têm certo medo de cumprir certas ordens e missões. Deve haver cláusulas para os que não têm preparação militar. Deve ser difícil enquadrar todos os militantes na disciplina político-militar.

Cadete – A disciplina deve ser única num Movimento revolucionário. Para uma cooperação mútua devemos basear-nos numa disciplina única.

Adriano Pedro – Todos os militantes são político-militares por isso só deve haver uma disciplina única. Talvez com os artigos 3, 10, 11, 13, 23, 29, 32 da lei e disciplina do EPLA. (Procede-se à respectiva leitura).

Presidente – Esses artigos são para uso do Movº ou só do EPLA?

Floribert – Sobre o que disse o Cª Cirilo todos os militantes devem seguir uma disciplina militar para chegarmos ao fim da nossa luta.

Cadete – Queria fazer uma observação aos artigos do EPLA lidos. Nas leis do EPLA não se faz referência aos que sabem de coisas e não as comunicam aos chefes. Há ainda os sabotadores e os que propagam as missões de que são incumbidos. Há sempre quem defenda certos elementos acusados (parentes, amigos, etc.). No EPLA há camaradas que são encarregados de missões de responsabilidade sem o seu carácter ser estudado.

Ciel – Os militantes boateiros deviam ser sancionados. Por vezes estes mesmos vêm de missões e aumentam o que viram e ouviam. Todos devem estar sob controlo: O Movº devia ter um dossier sobre o aproveitamento e comportamento dos estudantes e em caso negativo serem punidos.

Floribert – O Movº deve chegar a um entendimento sobre os carros e chauffeurs. Deve haver uma medida concreta sobre esse assunto.

Inácio – É preciso manter uma disciplina forte entre os militantes.

Baya – Está-se a falar numa maneira muito geral e o trabalho ainda não começou. Temos de estabelecer normas que regulem o bom funcionamento dum organismo. Vamos basear-nos em coisas que se notem à primeira. Assim podem prever-se os casos de suspensão, expulsão, princípios que permitam julgar as atitudes dos companheiros. Vamos ver bem já os casos previstos. Vamos fazer um esboço de princípios que possam contribuir para a nossa luta.

Totoy – Há o problema de acolhimento. Os indivíduos que fogem da UPA são postos a trabalhar num Depº do MPLA. Nós não sabemos as condições em que eles fugiram da UPA. Cometeu-se um erro com um Cª que saiu e foi para o Depº de Informação e outro para as Finanças. Estes dois sempre tiveram contactos com os membros da UPA. Nós não sabemos as condições em que eles saíram da UPA. O indivíduo que foi para o Depº de Finanças está aqui mesmo em Brazza e é preciso tomar medidas seguras contra ele. É o Cª Horácio que trabalha no Depº de Finanças em Léo. Pode prejudicar a passagem dos Camaradas que se encontram aqui. O Horácio quis vir cá buscar o cartão provisório. Veio dia 6.

Mª Santos – O órgão máximo do Movº deve proceder sistematicamente à consulta dos militantes de forma a conseguir associá-los às suas decisões. Essa consulta deve ser realizada através dos vários órgãos do Movº e recolhida pelo órgão máximo. Uma

vez obtida a decisão, ela deve ser obrigatório para todos os militantes. As infracções devem ser imediatamente punidas. O militante deve guiar as suas acções dentro do Movº pelo Estatuto, linha política aprovada e programa. A infracção deve ser rigorosamente punida. Os órgãos do Movº devem actuar de forma a desenvolverem no seio do Movº o espírito de camaradagem, solidariedade e respeito mútuo. O órgão máximo do Movº deve destacar por meio de louvores e outras medidas deste tipo os militantes que se distingam no cumprimento das suas tarefas. Combater implacavelmente o divisionismo, o oportunismo, o dogmatismo e a demagogia. O único critério para a apreciação do militante deve ser o seu trabalho diário.

Cadete – O cª Horácio informou que a cª Deolinda mandou dizer que em Léo se diz que a Confª de Quadros está a decorrer sob o controlo dos militares do Congo-Brazza.

Lara – Dá-me a impressão de que a opinião geral deve ser a da disciplina única do Movº, embora sujeitos ao regulamento de cada departamento. Controle dos dirigidos sobre os dirigentes e vice-versa. Submissão dos militantes à organização. Resumo das intervenções feitas: Capítulo financeiro: não entra ou sai dinheiro sem se entregar ou receber um papel. Castigos e sanções. Missões e sua distribuição cuidadosa. Combate ao boato e à intriga. Pontualidade. Dossier sobre o aproveitamento dos estudantes. Comissão disciplinar composta por um elemento de cada organização. Favoritismo e protecção (parentes, amigos, conterrâneos). Responsáveis pelos bens do Movº (máquinas, carros, etc.). Penas e louvores a aplicar. As decisões devem ser tomadas através duma discussão preliminar e com a participação dentro do possível dos militantes. Combate ao divisionismo, oportunismo, dogmatismo e demagogia. As infracções devem ser imediatamente punidas.

Cadete – Vigilância sobre os militantes e militares desertores que regressam às nossas fileiras.

Floribert – Esse problema é rigoroso mas também devemos ser vigilantes com os novos recrutas e aderentes.

Inácio – Não podemos admitir os que saem e querem regressar de novo ao EPLA.

Presidente – O órgão máximo é que devia decidir dos julgamentos e o Conselho Disciplinar julgar, para que [o] órgão máximo pudesse ser a última instância a recorrer.

Baya – Este órgão disciplinar será só legislativo ou executivo?

Lara – Esse órgão julga e o órgão máximo executa. Essa comissão não devia ter nenhum membro do Comité Director.

Baya – O CD nunca poderá tomar medidas decisivas sem o pronunciamento da dita comissão Disciplinar.

Lara – A actividade de Viriato da Cruz e Matias Miguéis. Fizeram sabotagem precisamente porque não estavam ainda expulsos, mas sim suspensos.

Baya – No caso citado pelo cª Lara deve estar englobado o caso especial.

Lara – Esse é um caso que põe em risco a unidade e a vida do Movº.

Ciel – Estes casos ficam sob o controle da Com. Disciplinar.

Lara – Os casos especiais urgentes são resolvidos pelo CD e ratificados pela Com. Disciplinar.

Baya – Para os casos especiais não deve ser precisa a aprovação da Com. Disciplinar.

M^a Santos – A Com. Disciplinar tem poderes para julgar decisões do CD?

Lara – A Com. de Controle é que devia funcionar como Com. Disciplinar. Nós não podemos formar o Conselho Político Nacional neste momento e donde este sairia. Mas devemos tentar sair desta Conf^a com uma comissão que seja formada por membros que possam julgar decisões do CD e superintender este órgão. Ficava então essa comissão com o poder supremo dentro do Mov^o. (Procede à explicação dos vários graus de penas a aplicar por estes órgãos). Até ao afastamento temporário poderiam ser aplicadas pelo CD.

Bayá – Proposta – que se estude o processo de nomear uma comissão reduzida e que facilite o trabalho.

Lara – Que se constitua sempre que necessário uma comissão AD HOC pedida pelo CD, constituída por um representante de cada órgão do Mov^o e se possível com os representantes eleitos pelos respectivos órgãos. Quem aplica a pena deve ser o CD. Formar a Comissão de controle superior ao CD e que sirva sempre de recurso.

Floribert – Como haverá uma Com. Disciplinar, quando está em causa um membro do CD a quem nos devemos dirigir, à com. disciplinar ou à Com. de Controle?

Inácio – Devia haver prisão e não expulsão.

Floribert – Já experimentámos entre os militares vários castigos que deram resultado e sob a sugestão do c^a Africano Neto.

Bayá – A Com. disciplinar há-de julgar casos apresentados pelo CD por todos os órgãos?

Lara – Todos os órgãos.

Bayá – Então penso que um membro do CD deve ser julgado pela Com. disciplinar, como militante pois já houve casos de elementos directivos desonestos.

Presidente – A Com. Disciplinar deve ser instituída de todos os poderes. Com um membro do CD e a comissão de controle ser então o órgão superior.

Bayá – Quem deve executar é só o CD e por enquanto ser o órgão supremo. A Com. disciplinar deve ter execução. Poder de se pronunciar sobre as faltas mas não executivo.

Presidente – Se esta Conf^a constituir uma Com. de controle, os membros do CD devem ser julgados por este órgão.

Lara – Quanto ao problema posto pelo c^a Floribert, devem existir possibilidades de um controle directo em cada órgão do Mov^o sem haver necessidade duma reunião da Com. disciplinar ou do CD. Quanto à prisão isto é crime e num país estrangeiro não nos é permitido fazer isso. Os camaradas engajados numa organização militar devem ter uma lei especial de guerra. A com. Disciplinar é uma instância inferior ao CD e como tal não pode julgar nenhum membro do CD. O que pode é apresentar essa queixa ao CD para que este entregue à Com. Disciplinar que decide se esta deve ir ou não à Com. de controle.

Cirilo – Estou de acordo com o parecer do C^a Lara.

Roque – Os responsáveis militares estão sujeitos também ao julgamento da Com. disciplinar?

Lara – Se é crime de militante está sujeito à Com. Disciplinar, se é crime de guerra será julgado pelo Conselho de Guerra do EPLA.

Floribert – Quanto às prisões devemos saber que não vamos ficar aqui ou ter aqui uma base. É preciso citar a hipótese de prisão para que possa ao menos ser mencionada um dia quando for possível executá-la.

Bayá – Estou de acordo com o c^a Lara quando diz que o CD é uma instância superior. Qualquer órgão do Mov^o é superior a outro na sua função. Esta Com. Disciplinar deve ter poderes legislativos para julgar mesmo um membro do CD.

M^a Santos – O membro do CD tem o recurso à Com. de Controle deve-se justificar e apresentar as suas razões.

Floribert – Se a queixa for contra um membro do CD manda-se para quem?

Lara – O CD não pode julgar um membro do CD mas sim suspendê-lo. Só uma entidade suprema o pode fazer. O CD pode dar o caso à Com. de Controle para dar o seu parecer sobre o caso. Por isso em qualquer partido um órgão dirigente deve ser sempre julgado por uma instância superior.

Presidente – Nas igrejas um membro não pode julgar um Ministro mas sim pelos bispos.

Floribert – Agora estou bem esclarecido.

Lara – Estou de acordo que acrescente a pena de prisão nas sanções para previsão.

Roque – Dentro da Comissão de Controle se um dos seus membros for transgressor quem o julga?

Lara – É a própria Comissão de Controle que o suspende até a próxima Conf^a Nacional do Mov^o.

Floribert – Senão vai acontecer o mesmo com a Com. Disciplinar.

Cirilo – Os membros da Com. de Controle devem ser, em princípio indivíduos idóneos.

Presidente – O povo não pode julgar um ministro, mas sim os outros ministros.

Lara – Discuta-se o ponto seguinte da ordem do dia – Unidade.

Floribert – É preciso pormenorizar o significado das sanções.

Bayá – Deve-se alargar os casos de sanções para que os militantes possam compreender bem as penas em que incorrem.

Lara – O texto que se puser será compreensível. O seu esmiuçamento obriga a um código penal.

Presidente – Vamos então abordar a segunda parte da ordem do dia

Unidade no interior do Mov^o.

– Divisionismo, suas causas e consequências

– Atitude para com os divisionistas

– Atitude face aos que abandonaram o Mov^o

– Racismo

– Medidas a tomar para fortalecer a unidade do Mov^o

Totoy – Deparou-se um certo oportunismo de alguns camaradas que levou ao desmembramento de um determinado grupo em virtude das suas ambições pessoais. Mas isso não impede a reconciliação com alguns camaradas (caso Mário de Andrade) que deixou o Mov^o precisamente na hora grave, em prol do seu amor próprio. A reconciliação com o c^a Mário de Andrade é possível mas é conveniente que ele

venha cá para discutir todos os problemas concernentes à crise do Movº, em pé de igualdade com os camaradas mas sem condições.

Reconciliação com Viriato – A JMPLA não pode aceitar a reconciliação com os camaradas V. da Cruz, M. Miguéis, J. B. Domingos e José Miguel.

- a) Em virtude de decidirem demitir o CD eleito pela Confª Nacional em Dezembro de 62 e constituir um CD provisório;
- b) Por provocar distúrbios em 7/7 último com a intenção evidente de impedir o decorrer normal dos trabalhos que decorriam no referido dia;
- c) Por resolverem impedir o trabalho da Comissão de Conciliação criada em Dar-es-Salam;

Estes factos não só provam as antigas ambições não satisfeitas de oportunismo e de flagrante traição à causa do Povo Angolano, mas também de manobras que beneficiam o colonialismo português.

Adriano – Tem-se verificado que a partir da Confª Nacional para aqui, a unidade angolana no interior do Movº tem sido campo de grande produção aos inimigos da linha política do Movº e aos imperialistas interessados no nosso país. Por isso esta Confª deve decidir a chamada de todos os militantes conscientes e que eles devem pedir a sua reintegração no MPLA. Deve-se criar uma comissão de coordenação para estudar a sério a reintegração de todos os camaradas que pedirem a reintegração no seio do MPLA. Deve-se condenar energicamente todos os vestígios do racismo. Deve-se chamar por escrito o Cª Mário de Andrade e ver se ainda se justificam as suas razões e se podemos contar com ele. Deve-se condenar toda a acção praticada por contra-revolucionários V. Cruz, M. Miguéis e todos os outros que assinaram a demissão do CD. Alargar as informações a todos os membros e militantes de maneira que se evitem hesitações tanto no exterior como no interior do país. Condenar todos os oportunistas, divisionistas ou tribalistas. Explicar aos estudantes que eles têm toda a obrigação de pôr em prática as estruturas desta Confª.

Presidente – Não nos compete agora admitir novos membros pois [o] CD está demissionário e sairá desta Confª.

Lara – (Lê a parte do relatório do CD que diz respeito ao assunto agora aqui tratado, ou seja, a Unidade no interior do Movº).

Ciel – Houve na nossa organização indivíduos que a procuraram destruir. Outros separaram-se mas sem se manifestar no exterior. Para com estes últimos o Movº deve aceder ao seu regresso mas sob o que ficar tratado nesta Confª. Deve haver fraternidade entre todos os militantes. Quanto aos divisionistas, não os aceitar mesmo que queiram voltar.

Roque – Este divisionismo fez com que chegássemos à crise actual. O grupo do Viriato deve ser condenado pela sua atitude repugnante. Sobre o cª Mário de Andrade não podemos implorar. Sabemos que é um dos fundadores do Movº que não o expulsou e a sua consciência é que lhe deve dizer se ele deve voltar ou não.

Cadete – Quanto aos que ficaram em Rabat (estagiários) que lhe sejam enviadas as resoluções da confª e lhes seja pedida a sua última opinião em relação à luta armada e se a sua resposta for negativa, o movº deve neutralizá-los no sentido de não serem

beneficiados com qualquer bolsa. Sou contra a reconciliação com V. da Cruz e seus membros. Condenação imediata do tribalismo, regionalismo, racismo e abolição de ares de superioridade de alguns camaradas seja qual for a sua raça. Consoante aos camaradas que foram afastados temporariamente por crimes razoáveis, devem ser aceites no seio do Movº desde que hajam provas de mudança do seu antigo temperamento que lhes provocou o seu afastamento, mas devem estar sujeitos a uma vigilância rigorosa. Quanto aos divisionistas do Movº devem ser afastados definitiva/ para não afectarem a sua doença nos bons militantes.

Inácio – Unidade com a UPA, Viriato, camaradas que abandonaram. A UPA nega a nossa existência. O Viriato, M. Miguéis, José Domingos, José Miguel e Borges não têm o direito de entrar. Aceitar apenas os não cabecilhas que queiram voltar e neutralizá-los.

Totoy – (Faz um aditamento à sua intervenção sobre a Unidade). A JMPLA não pode aceitar reconciliação com os que abandonaram o MPLA sem darem uma prova da sua atitude ao CD. Não se deve mandar-lhe carta nenhuma. Se tiverem que voltar e uma vez voltando estão submetidos ao novo regulamento da Confª de Quadros.

Inácio – Alguns que abandonaram e estão em Rabat disseram-nos que não estão de acordo com os partidos que estão com os portugueses.

Floribert – Os inocentes da oposição do Viriato que o seguiram sem fazer bem uma análise, se voltarem deviam ser recebidos mas passando por uma comissão de estudo. Mário, Viana, Africano Neto. A Confª depois dos trabalhos manda uma carta a estes camaradas. O Ciel e eu fomos a casa do Africano Neto e disse-nos que está pronto a voltar para o Movº como simples militar. Os outros voltarão quando virem as actividades dentro do Movº. Quanto ao racismo é preciso acabar com isso dentro do Movº. É preciso acabar com a superioridade dos mulatos e dos pretos assimilados pensarem que os mulatos são privilegiados. Acabar com o regionalismo e o tribalismo. Acabarem a desconfiança e os boatos. Haver vigilância mútua.

Bayá – A unidade é sempre útil é a nossa força principal.

Quanto aos casos de divisão: – deve-se ratificar a atitude do CD em expulsar os divisionistas: sobre o Africano Neto e os teleguiados que estão em Léo, deles é que deve partir a justificação da sua posição. O caso de Mário de Andrade está directamente ligado ao FDLA (comissão política). O Mário disse que não voltava enquanto existisse um FDLA e que trabalha para o MPLA e não para o FDLA. Na minha opinião, mesmo com um erro o FDLA não pode ser destruído porque seria a expulsão então dos dirigentes que ainda estão entre nós. O FDLA é uma força no interior, com a aderência de todo o povo que hoje fala nisso. No exterior não teve aceitação. Mas o povo é essencial nesta luta e assim o interno tem prioridade sobre o externo. Estes camaradas que abandonaram voltarão quando quiserem. A atitude destes camaradas deve ser condenada porque é uma cobardia o seu abandono. A condenação não indica expulsão. Quanto ao racismo, já tivemos uma reunião em que se levantou esse problema que é tão complicado como o próprio homem. Os maus hábitos duma existência não se mudam num dia e isso só depende da sua vontade. Exercício pessoal para podermos suportar a convivência de pessoas que por instinto

nos pareçam incompatíveis com a nossa maneira de ser. Devemos fazer exercícios que nos levem a isso. Devemos fazer um apelo nesse sentido. Lamentamos os casos de má convivência. Temos que fazer esforço para vencermos este sentimento negativo.

Interrupção até as 16 horas.

2ª Sessão de 7-1-1964

Presidente – Vamos falar sobre racismo e sobre outras medidas tendentes a unidade do Movº.

Mª Santos – Sou de opinião que se deve:

- Recuperar os militantes que não saíram por questões muito sérias;
- Fazer com que o cª Mário de Andrade volte de novo para o Movº;
- Reconsiderar o caso do cª Gentil Viana;
- Estabelecer contactos com os estudantes de forma a esclarecê-los sobre a situação. Impedi-los de apoiar o grae. Fazer uma política que os anime para a luta.

Baya – Não é aqui indicado que se façam propostas para membros do CD. Sobre o cª Mário, acho que todos se devem pronunciar sobre isso. Eu falei com ele pessoalmente e os argumentos que ele alega não impedem que ele venha.

Totoy – Os estudantes estão mal informados sobre os problemas do MPLA e talvez por isso os estudantes vindos da Argélia não vieram. Estes devem ter uma informação da JMPLA de 3 em 3 meses feita por uma delegação de 3 membros.

Cirilo – Os componentes do CD não se devem sentir desertores por se terem afastado num momento de fraqueza. Que eles próprios se pronunciem e que não sejam para isso chamados. Que voltem como filhos pródigos. Quanto aos estudantes, a maneira mais positiva é informá-los convenientemente do que se passa no nacionalismo angolano. Esta informação devia ser feita por uma delegação que partisse daqui. Alguns países boicotam a correspondência; era bom que esta informação fosse dada pessoalmente.

Roque – A unidade no interior depende das massas nas fronteiras. Havia uma delegação popular para contactar com o CD. Nenhum elemento do CD foi à fronteira para contactar com a massa. Devia-se nomear uma delegação especial para contactar periodicamente com as massas da fronteira. O cª Floribert falou no cª Viana, o CD leu na assembleia uma carta do cª Viana explicando a sua saída. Os camaradas nestas condições voltarão mais tarde se o quiserem fazer. Todo o militante consciente deve ser vigilante com os elementos traidores. Todo o militante tem um dever de sacrifício pelo povo e de esclarecimento aos companheiros.

Cadete – Sou de opinião que os que saíram devem voltar por si e não com cartas a chamá-los. Como os casos do cª Boavida e Viana.

Lara – Estes assuntos são mais complexos e talvez seja conveniente tomar decisões uma vez que já foram feitas apreciações. Vou dar elementos para a discussão, com documentos do CD. Sobre o V. Cruz e o M. Miguéis, temos aqui cartas que provam como o V. Cruz dava ordens ao M. Miguéis que por sua vez as transmitia àquele grupo. Fizeram difamação pessoal sobre os dirigentes do Movº tais como o Neto e eu próprio; incitavam ao racismo, etc.

Sobre o cª Mário de Andrade – Nós (CD) condenamos a sua atitude e passo a explicar porquê. O cª Mário enviou-me de Dar-es-Salam uma carta pelo cª Boavida. (Lê a carta com data de 7-VI-63). (Em seguida lê a carta do Lima deixada antes de partir definitivamente). (Explica o percurso da demissão do cª Mário: – declaração no Cairo; oposição ao FDLA; lê a carta de 24-VI-63 em que este pede a demissão; Lê a carta de resposta do CD convidando-o a vir ao Congo discutir o assunto; lê outra carta de M. Andrade ao CD em que este cª o acusa de desviacionismo e colaboração com o inimigo; carta a um cª aqui residente; carta do MPLA em Novembro de 1963 para M. de Andrade; o MPLA propôs a vinda à Confª ao cª Mário, com bilhete pago, ao que este respondeu não poder vir antes de 15 de Janeiro). Há outros casos como o do cª Viana a que o CD não tem nada a acrescentar. Havia uma divergência de fundo; para o cª Viana o MPLA morreu e é preciso fazer uma coisa nova. Alguns camaradas pensam como o cª Viana. Mas o MPLA não morreu, está dentro de Angola. Este cª foi-se embora porque quis e demitiu-se pela sua própria cabeça e decisão. Sobre o Africano Neto: – Justificava a sua dissidência pela presença do Lima. Dizia-se discriminado. Veio a Léo e foi para o EPLA como responsável militar. O Lima chega de Cabinda e começam as dissidências. Faz-se o confronto entre os dois com o CD O Comité Político-Militar chegou à conclusão que era um problema puramente pessoal. O CPM atribuiu uma zona de responsabilidade ao Africano Neto dependendo ele Unicamente do CPM. Em princípio ele aceitou mas com reservas e acabou por aceitar depois dum dia inteiro de discussão. No dia seguinte pede um bilhete para se ir embora. Antes de sair lançou muita confusão devido ao seu estado nervoso. Foi também muito influenciado pelo M. Miguéis. O Lima propôs que o Af.º Neto saísse do quartel em face da situação insustentável. É procurador em Rabat do grupo V. Cruz (pede bolsas para os dissidentes do MPLA tais como o Amaro e outros). Em Rabat viola a correspondência do Movº para o cª Minga Antoine que é o representante do MPLA na CONCP). Para que o Afº Neto seja reintegrado no Movº terá de dar provas muito sérias. O M. Miguéis ficou com muitas armas do Movº e o Afº Neto está ligado com aquele grupo. Sobre os outros como Boavida, Boal, etc. que voltem quando quiserem. Deve fazer-se-lhes chegar as resoluções da Confª e mais nada. O cª Mário de Andrade devia ter cá vindo dizer que o FDLA foi uma asneira e não ter-se demitido como o fez, denunciando o FDLA internacionalmente com as suas declarações. Sobre os divisionistas estamos de acordo com o que se tem aqui dito. O CD vai apresentar uma lista sobre estes propondo a uns expulsão, a outros suspensão e aos restantes que fiquem se quiserem. Causas do divisionismo. Em todos os Movimentos e partidos há sempre querelas internas. Se a causa do afastamento de M. de Andrade fosse o FDLA, era um caso digno e político para o afastamento. O caso do cª Viana justificar o seu afastamento, dizendo que o MPLA morreu é uma causa séria. O caso do V. Cruz é um caso de ambição pessoal e de liderança. Sabe que não pode vir a ser o grande chefe de Angola por ser mestiço. Não foi honesto porque não devia ter partido para Rabat sem se confrontar com o CD dentro do Movº. Afirmou no dia do reconhecimento do “governo” de Holden que iria atacar o Movº. Faz a “reunião soberana”, completamente ilegal e de onde são

expulsos os camaradas do MPLA que ali estavam a assistir. Apoiam o “governo” do Holden e do gov^o do Congo. Preferimos perder o bureau de Léo do que este ir parar às mãos do dito “CD provisório”. O dito grupo divisionista começa a querer minar os Comitês de Acção do Mov^o e os membros do EPLA que vinham de missões de guerra. Viraram-se para a direita, fingindo que são anti-imperialistas. Fugiram às suas responsabilidades. Na situação difícil em que o MPLA se encontrava houve o “salve-se quem puder”. Num partido revolucionário não há pedidos de demissão. Veja-se o caso de Armindo de Freitas que já traiu levando segredos importantes do Mov^o. Há casos de falta de disciplina devido à falta de vigilância do Mov^o.

Consequências – enfraquecimento do Mov^o; falta de confiança entre os militantes. Atitude para os que abandonaram – criar um clima são e disciplinar. Segredos que têm que ser respeitados.

Baya – (pede uns esclarecimentos sobre o afastamento do c^a Mário)

Lara – (Torna a ler a parte da carta do c^a Mário em que este faz menção do seu afastamento para ver se isso iria ajudar à formação dum Front Angolano).

Floribert – Isso devia ser publicado.

Lara – Não, porque hoje o c^a Mário não pode fazer mal ao Mov^o porque temos connosco provas. Mas o c^a Mário é muito mais útil dentro do Mov^o do que fora dele e hoje há diálogo entre nós. Todos estes documentos salvaguardam a nossa posição.

Baya – Devemos pronunciar-nos sobre os casos de divisionismo.

Lara – Faltou-nos ver os casos dos camaradas que estão em Rabat. Estou mais ou menos de acordo com a opinião do c^a Cadete sobre este assunto. Estou mais ou menos de acordo com essa atitude. Este grupo de estudantes descreditou a qualidade de estudante dentro do Mov^o e de futuro haverá sempre desconfiança desde que se trate de mobilizar estudantes. Este grupo mandou dizer que não vinha sem que o CD mandasse um relatório sobre a situação actual do Mov^o. Veio uma carta do Araújo e do Mateus. A deste último não foi tomada em consideração. O Araújo diz que não conhece a situação aqui e diz que não quer cair em aventuras. A este c^a respondeu-se dizendo que ele e o H. Santos eram tidos em boa opinião pelos seus companheiros de Tlem e que não era justo estarem a perder esse conceito de boa camaradagem junto dos outros camaradas.

Inácio – Alguns dos estudantes que ficaram em Marrocos disseram que não podiam vir porque não tinham garantias de boas condições de luta e desconheciam a situação actual do MPLA. Agora querem bolsas.

Baya – Porque não se tentou obter uma caixa postal para o c^a Minga Antoine em Rabat? Nós tínhamos uma que o Lima levou a chave. Veio uma informação em que nos dizem que ele já tem uma caixa postal.

Cadete – O grupo de estudantes estava dividido em três. O Silvestre tinha correspondência com o governo de Holden e todos aqueles com quem lidava tinham as mesmas inclinações. (Indica os nomes dos três grupos.)

Ciel – Deve-se esperar o prazo que o c^a Mário dá para vir.

Lara – Não se deve dar a entender que o Mov^o morre se ele não vier. Pois são os militantes que dão força ao Mov^o e não um chefe ou um CD. Nós ainda não estamos certos se o c^a Mário de Andrade quer vir ou não. Ele ainda pretende justificar a sua saída.

Totoy – (Faz referência à parte da sua intervenção sobre este mesmo assunto).

Lara – Hoje não estamos na fase boa do MPLA, mas sim na fase em que precisamos de dar provas. É a fase dos duros e não sei se o c^a Mário está disposto a colaborar com o Mov^o nesta fase. É bom que estejamos vigilantes. Se pudessemos ganhar esse nome seria muito bom para o Mov^o. Nós queremos homens que estejam dispostos a lutar e não apenas nome e penas de pavão.

Presidente – (Sugere a nomeação da sub-comissão de redacção).

Vota-se em Lara, Cadete, Cirilo e M^a Santos.

Presidente – Encerra a sessão que fica de continuar no dia seguinte às 9 horas.

3^a Sessão – Dia 8-I-1964 (10,30 horas)

Presidente – Abre a sessão para emenda ao projecto da nossa comissão.

Lara – Lê o projecto sobre a Disciplina.

Flávio – Após a leitura a reclamação não deve ser colectiva mas sim individual.

Lara – Do ponto de vista militar é correcto. No caso do Mov^o, existe uma democracia que apela para que os assuntos sejam discutidos em conjunto. Não sei como introduziremos essa alínea no projecto sem quebrar o ideal democrático do Mov^o.

Flávio – Eu referi-me a esta alínea como prevenção para o futuro quando entrarmos em Angola.

Roque – Deve-se combater o facto de um elemento para se evidenciar ir incriminar os companheiros junto do Mov^o. Abuso dos utensílios dos companheiros sob pretexto que é do povo.

Floribert – Há camaradas que acham que todo o material do Mov^o é do povo e por isso podem estragar. Concordo com o ponto de vista do c^a Flávio. É preciso evitar os grupos.

Presidente – Dentro do Mov^o há camaradas que movem campanha contra determinado camarada.

Lara – Isso já está incluído no projecto da Disciplina. Sobre a intervenção do c^a Roque acrescenta-se ao parágrafo 19 – Respeito pelos bens alheios; parágrafo 18 – Combate ao espírito de grupo que leva à formação de fracções no seio do Mov^o.

Flávio – (Exemplifica a sua ideia exposta anteriormente).

Inácio – Há famílias divididas pelo MPLA, UPA e a oposição do MPLA.

Cirilo – Acho que o facto de haver famílias divididas pelos partidos angolanos não devem fazer com que se cortem relações entre os seus membros pertencentes a partidos diferentes. Cada um tem as suas ideias.

Pedro Manuel – Não se deve depreciar nos camaradas que têm menos educação e instrução que os outros.

Presidente – No projecto da resolução não podemos incluir todos os pormenores.

Lara – Modifiquei um bocado o projecto para tentar atender às sugestões dos camaradas.

O projecto é aprovado.

Lara – (Lê o projecto para a Unidade. Lê a lista dos propostos à expulsão. Recomenda ao próximo CD que aprofunde a lista dos acusados de roubo).

Flávio – C^a Lúcio pode justificar a saída dos camaradas Nogueira, Zacarias e Serafim?
 Floribert – Zacarias e Serafim saíram porque pediram roupas para as mulheres grávidas e o Mov^o não quis dar nada. (Informação dada pelo 1^o em carta para a Argélia).

Flávio – Este caso pode dar aso a muitas coisas. É preciso saber se saíram por roubo ou por causa das mulheres.

Totoy – Na reunião de 21 de Dezembro o c^a Neto disse que os camaradas Nogueira e Zacarias foram suspensos por roubo.

Flávio – Que o Sub-chefe do Dep^o de Guerra dê a certeza sobre este facto.

Totoy – Que o Sub-chefe do Dep^o de Guerra dê a lista dos que fizeram o assalto ao EPLA.
 Presidente – Ainda não aprovamos o projecto sobre a Unidade.

Flávio – Este assunto é importante pois trata-se da expulsão de camaradas. Eu queria aconselhar o afastamento de alguns e não a expulsão.

Presidente – A Conf^a vai recomendar ao próximo CD para se encarregar deste assunto.

Roque – Sobre os grandes conspiradores do assalto ao bureau, não deve haver contemplanções para com eles.

Presidente – (Põe à votação o projecto sobre a Unidade que é aprovado por unanimidade).

Encerra-se a sessão.

Mensagem a todas as Organizações amigas

[policopiada, em francês]

MENSAGEM DA CONFERÊNCIA DE QUADROS DO MPLA (MOVIMENTO POPULAR DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA) A TODAS AS ORGANIZAÇÕES AMIGAS

Caros Amigos,

A declaração final da Conferência de Quadros do MPLA, reunida de 3 a 10 de Janeiro de 1964 em Brazzaville, manifesta a sua profunda gratidão para com os Povos e as Organizações amigas que concedem o seu apoio e a sua ajuda ao Povo Angolano por intermédio do MPLA e do CVAAR.

Estamos felizes em vos transmitir, enquanto organização amiga que sempre apoiou a nossa luta de Libertação Nacional, esse voto sincero da nossa Conferência de Quadros.

Estamos certos de que poderemos continuar a contar com a mesma compreensão da vossa parte para com os problemas do nosso Povo em luta.

Queiram aceitar, caros amigos, os nossos votos de um ano próspero e positivo e as nossas saudações mais cordiais.

CONFERÊNCIA DE QUADROS DO MPLA

Relatório Geral da Conferência de Quadros

[brochura policopiada]

INTRODUÇÃO

A conquista da independência nacional é a condição primeira para a satisfação dos interesses do Povo Angolano.

Foi a partir desta realidade histórica, que o MPLA se constituiu como Movimento de Libertação Nacional e se define como Movimento de Massas, o que se reafirmou nesta Conferência de Quadros.

O MPLA reúne nas suas fileiras os angolanos interessados na realização das tarefas diárias da luta de libertação nacional, independentemente da sua condição social, raça, sexo, idade, profissão, confissão religiosa ou política, residente ou não no país.

O programa do MPLA é simples, justo e traduz a aspiração do Povo Angolano de ver realizadas as suas legítimas reivindicações e resulta da análise das contradições desenvolvidas na sociedade angolana, pela implantação e desenvolvimento, do sistema colonial português. Assim, o MPLA exprime no seu programa o direito do Povo Angolano ao pão, ao trabalho, à saúde, à instrução, à justiça e à liberdade.

A primeira Conferência Nacional do MPLA de Dezembro de 1962 aprovou um plano de reorganização, que de há muito o Movimento exigia para solucionar problemas que alguns factores impediam ou retardavam

Os resultados obtidos após três anos de luta, não consolidaram a potencialidade revolucionária manifestada em Fevereiro de 1961. A luta prossegue sem o necessário conteúdo revolucionário. A insurreição angolana consumirá assim pouco a pouco o melhor do nosso Povo e pode levá-lo ao desespero e ao conformismo.

O balanço geral de actividades do MPLA após a 1^a Conferência Nacional resume-se no seguinte:

O programa de acção imediata foi um tanto ambicioso para as dificuldades impostas pelas condições particulares do país e pela acção de forças estrangeiras dispostas a impedir a afirmação do MPLA como força motora da luta do Povo Angolano.

No seio do Movimento uma série de actos divisionistas e oportunistas, inspirados em ambições pessoais de poder, somaram-se às dificuldades já apontadas de forma a não permitir o cumprimento integral do programa de acção aprovado pela 1^a Conferência Nacional.

Não foi possível reforçar as estruturas político-militares no interior de Angola ao nível das exigências imediatas da nossa luta de libertação nacional.

Não foi possível estabelecer a estrutura diplomática que deveria ter fortalecido a nossa posição no plano exterior.

O reconhecimento do “grae” pelo Governo da República do Congo-Léopoldville e de alguns países africanos, nomeadamente a Argélia, o Marrocos e o Senegal, impossibilitaram a prática de uma série de medidas, que iriam dinamizar a luta e colocar o nosso Povo na posição de poder liquidar por completo o sistema colonial português.

Esta situação nova em que se inscreve a nossa luta de libertação Nacional exige uma reconversão do MPLA, de forma a impulsioná-lo no cumprimento das responsabilidades que lhe cabem na descolonização do nosso país.

Coube aos quadros do MPLA encontrar as soluções e enunciar as medidas de ordem prática que garantam ao Movimento prosseguir na luta de libertação Nacional e conquistar a posição de depositário das reivindicações do Povo Angolano.

A Conferência de Quadros iniciou os seus trabalhos a 3 de Janeiro de 1964 na "Maison des Combatant[s]" em Brazzaville, República do Congo, com a participação de 50 delegados, representando todos os organismos do MPLA.

Uma "comissão de poderes" foi imediatamente empossada, com o fim de estudar o processo jurídico para dar à Conferência a necessária competência constitutiva e deliberativa que a situação exigia.

A Conferência adoptou as resoluções da comissão sendo investida de poderes soberanos.

A ordem de trabalhos foi a seguinte:

Discussão do tema "Situação Geral do Nacionalismo Angolano e do MPLA em particular".

Serviram de base de trabalho, o "Relatório de actividades do Comité Director", os textos do Comité Preparatório da Conferência, as intervenções dos delegados e trabalhos das comissões sobre os problemas levantados.

Durante a discussão geral e votação do relatório, trabalhou-se em plenário.

Na confecção das resoluções sobre os problemas levantados trabalhou-se em comissões.

A Conferência encerrou os seus trabalhos a 10 de Janeiro e adoptou os textos e resoluções que se seguem:

TEXTOS, RESOLUÇÕES, RECOMENDAÇÕES

1
COMISSÃO POLÍTICA

Continuando dividido, o nacionalismo angolano, só muito deficientemente realiza as tarefas a que se determinou, na luta para a libertação do País. Agindo do exterior, as diversas organizações políticas sofrem as implicações da política internacional, de conteúdo contraditório, que dificultam a realização plena das aspirações populares na dura luta pela Independência. Não se conseguiu elevar o nível insurreccional do País, havendo mesmo a registar uma sensível diminuição da actividade militar.

O sangue e o sacrifício dos nacionalistas refugiados nas florestas, tem mantido viva a chama heróica do dia 4 de Fevereiro de 1961, acesa nos assaltos às cadeias de Luanda. Eles têm sido o factor que anima e entusiasma os patriotas. Mas não se tem propagado, como seria de esperar, às cidades e sanzalas das outras regiões, onde as condições de repressão, mantêm uma aparente tranquilidade, que não corresponde às potencialidades revolucionárias do nosso Povo. A simples resistência mantida nas florestas do nordeste, também não corresponde às possibilidades de luta político-militar.

Verifica-se, um recuo das forças nacionalistas que, desde 1961 foram emparedadas entre o volume da repressão militar portuguesa e o tampão imperialista, colocado nas fronteiras setentrionais.

Na realidade, não cessam de aumentar no Norte do País, as forças militares portuguesas que se esforçam por dominar essa região. A actividade repressiva [nas] cidades e nos campos, praticada pela polícia política e pelos colonos, tem consistido no controle das populações, farejando as actividades nacionalistas e impedindo a manifestação da vontade das massas populares.

Os angolanos refugiados no Congo-Léopoldville, debatem-se entre a miséria e a actividade prejudicial do chamado "grae"! A falta de meios suficientes para a sua manutenção, a carência de fontes de rendimento, a precariedade da sua situação nas regiões fronteiriças foram ainda agravadas pelas recentes medidas do Governo Congolês que determinaram o encerramento do CVAAR. Foram assim privados da assistência gratuita do CVAAR os inúmeros angolanos refugiados e os congolese que se socorriam dela. O facto é tanto mais grave, quanto é certo que os organismos assistenciais da ONU não têm cuidado dos refugiados angolanos.

Por outro lado, o chamado "grae", com o auxílio do governo congolês, tem perseguido os angolanos não filiados no seu FNLA ou quando não aceitam, como acontece na generalidade, o seu "governo" por falta da necessária representatividade. Muitos angolanos, especialmente os filiados no MPLA, têm sido presos, espancados e ameaçados. Dois dirigentes do MPLA foram presos arbitrariamente durante seis semanas.

Estas condições têm provocado o regresso ao País de um grande número de angolanos, que prefere entregar-se às mãos da polícia portuguesa a continuar a ser maltratado no exílio! A propaganda feita ao longo das fronteiras pelos agentes do colonialismo português, tem acentuado esse regresso.

O reconhecimento por alguns países africanos do chamado "grae" tem contribuído para evidenciar ainda mais os compromissos entre o governo congolês e a FNLA que, associados, desenvolvem uma acção frenadora sobre as organizações nacionalistas angolanas, para satisfazer as ambições exclusivistas duma FNLA incapaz de conduzir a luta. Porém, apesar do recuo no campo militar, pode verificar-se um aumento no desenvolvimento da consciência popular, melhor esclarecida quanto à necessidade de combater o colonialismo português para chegar à independência. Alguns núcleos nacionalistas de conteúdo político mal definido têm surgido aqui e ali, em diversas regiões do País, representando um índice das possibilidades imediatas da extensão da nossa organização política e mostrando que o espírito combativo do povo pode ser desde já conduzido para a luta justa.

Porém, alguns elementos da população têm continuado a martelar na via reformista, e actuando nos organismos da administração colonial, como por exemplo os órgãos legislativos, e aproveitando as aberturas que Portugal é obrigado a fazer. De resto, a atitude reformista portuguesa é já uma consequência da dura luta do nosso Povo e uma concessão às pressões feitas no campo internacional.

A via reformista não pode conduzir à libertação completa do País e só serve ao governo português para desmobilizar as forças populares e manter o seu domínio.

Enquanto propaga reformas, o governo português não deixa de manter nas prisões de Angola e de Cabo Verde muitas centenas de nossos compatriotas.

A Conferência não perde a ocasião para afirmar a sua fidelidade à linha política traçada na primeira Conferência Nacional, realizada em Dezembro de 1962, na qual foram redefinidas as condições em que se deverá basear o MPLA em eventuais negociações com o Governo português, de modo a garantir ao Povo o exercício do poder. Tais condições são:

- a) Reconhecimento do direito do Povo Angolano à autodeterminação e à Independência. Soberania nacional e internacional para Angola.
- b) Retirada de todas as forças armadas para as bases de origem.
- c) Salvaguarda da unidade e da integridade territoriais.
- d) Libertação incondicional de todos os prisioneiros políticos e regresso a Angola de todos os exilados refugiados políticos.
- e) Garantias para o exercício dos direitos democráticos, liberdade para as actividades políticas e sindicais.
- f) Fixação de uma data e de garantias para eleição de um parlamento nacional na base do direito de voto universal, directo e secreto.
- g) Eleição dos órgãos do Governo em todas as cidades e vilas.
- h) Fixação da data do acesso de Angola à Independência.

A CONFERÊNCIA REAFIRMA A DETERMINAÇÃO DO MOVIMENTO DE LUTAR POR TODOS OS MEIOS, CONTRA A INTOLERÂNCIA RACIAL, RELIGIOSA, O TRIBALISMO E O REGIONALISMO

As condições da acção por parte das organizações políticas com sede no exterior diminuiram consideravelmente ao tornar-se mais longínquas as possibilidades de entendimento e de união. O relativo afastamento do MPLA do território congolês, as dificuldades existentes para os outros Movimentos políticos, são factores que impedem a acção coordenada e consequente.

A FNLA que, com o acordo dos imperialistas, se apoia sobre o Governo da República do Congo-Léopoldville, não possui em si mesma as condições suficientes para o desenvolvimento da luta armada. O seu reaccionarismo e a subordinação aos interesses dos grandes capitalistas anglo saxónicos, inibem-na de se colocar francamente ao lado do Povo em luta. Situando-se quase exclusivamente no campo internacional, procura ali ser apresentada como a única organização válida para servir de interlocutor no jogo que os parceiros de Portugal na OTAN poderão vir a fazer com o país colonizador. Por isso se serve do Governo Congolês, das infelizes decisões da OUA e mais recentemente faz acenos ao campo socialista.

Porém a realidade do nosso País evidencia a capacidade do MPLA como força mais representativa e realmente independente; o MPLA é o único interlocutor válido em eventuais negociações com Portugal.

NO EXTERIOR

Incidências relevantes ao nacionalismo angolano produziram-se a partir dos acontecimentos internacionais, essencialmente daqueles que se desenrolaram no plano africano.

A Conferência dos Chefes de Estado de Addis Abeba marcou uma nova etapa para África e muito particularmente para Angola. A sua decisão de dar uma ajuda efectiva e concreta aos Movimentos de Libertação modificou as perspectivas de luta nos diversos países ainda dependentes.

A Conferência de Addis Abeba teve o mérito de reconhecer a necessidade de Unidade dos Movimentos de Libertação. Ela declarou-se “unanimemente convencida da imperiosa necessidade de coordenar e de intensificar os esforços dos seus membros, com o fim de acelerar o acesso incondicional à independência nacional, de todos os territórios africanos ainda sob a dominação estrangeira”. E logicamente, “convidou os Movimentos Nacionalistas de Libertação, a coordenar os seus esforços criando frentes comuns de acção, ali onde é necessário, a fim de reforçar a eficácia da sua luta e a utilização racional da assistência concertada que lhes seria dada”.

No entanto, a influência imperialista penetrou profundamente a OUA, logo após a reunião de Addis Abeba, e o jogo político praticado permitiu que o Comité de Conciliação enviado a Léopoldville, aproveitasse prontamente as condições em que o MPLA se apresentou às consultas feitas aos organismos angolanos, para realizar os objectivos imperialistas de destruição do MPLA. As recomendações do Comité de Conciliação, baseadas em informações não verdadeiras e mesmo contraditórias da FNLA, preconizam não só a canalização de toda ajuda à FNLA e o reconhecimento do chamado “grae”, como também estabelece, na prática, a liquidação do MPLA. Esta decisão do Comité de Conciliação, adoptada pela conferência dos Ministros dos Negócios Estrangeiros de Dakar, permitiu ao Governo de Léopoldville pôr em prática o seu plano de sufocar em território congolês a actividade do MPLA, mandando encerrar a secretaria principal, fazendo pressão sobre os governos provinciais para agirem contra os membros do nosso Movimento, e perseguindo os dirigentes e os quadros mais activos do MPLA. Desde logo, a actividade do MPLA em África se tornou mais difícil. Mas as possibilidades que se apresentam ao nosso Movimento são ainda suficientes para que este continue a exercer a sua influência no campo internacional.

Na ONU, o caso das colónias portuguesas não avançou. As decisões da Assembleia-Geral, em 1962, e principalmente a posição dos países africanos tomada em Addis Abeba, faziam prever uma radicalização das posições. Com efeito, os países africanos tinham decidido o corte de relações diplomáticas, o boicote económico e a proibição aos transportes portugueses de utilizar os portos e aeródromos de África.

Era legítimo esperar, portanto, que os mesmos países africanos procurassem na ONU, levar esta organização a aplicar sanções a Portugal.

Tal não aconteceu porém, e as resoluções do Conselho de Segurança na sua sessão de Dezembro último, foram um nítido recuo, face a um Portugal que se movimentou no sentido de influenciar o Secretário-Geral da ONU e que teve conversações com representantes africanos.

Nas conversações dos representantes africanos e o Ministro dos Negócios Estrangeiros português, aqueles procuraram apresentar o “grae” como interlocutor e o último desenvolveu as suas teses de multiracialidade, exibindo as reformas que preconiza para Angola.

O resultado foi um fracasso para a África.

O MPLA, cuja posição internacional se deteriorou consideravelmente após a infeliz decisão do Comité de Conciliação, tem necessidade de reconquistar essa posição e de afirmar mais energicamente a sua personalidade política, preservando em todas as circunstâncias a Independência da organização. Na sua actividade, o MPLA deve basear-se na força política resultante do apoio que lhe concedem as camadas populares.

A situação do nacionalismo angolano exige que o MPLA realize com dinamismo uma acção equilibrada junto do Povo e das organizações internacionais de modo a não consentir o estabelecimento de um regime neo-colonial no nosso País. A conquista da Independência deve permitir ao Povo a realização concreta das suas aspirações.

A UNIDADE DO NACIONALISMO ANGOLANO

Como reflexo do desejo de todos os nacionalistas verem bem solucionado o problema da unidade do nacionalismo angolano, a Conferência de Quadros do MPLA debruçou-se com bastante interesse no estudo desta questão, que continua inscrita na ordem dos problemas fundamentais do País.

O MPLA desde há longo tempo se tem esforçado em satisfazer o desejo e os apelos de milhares de patriotas, que sofrem nas matas do País vítimas da repressão colonial.

Assim, reexaminou cuidadosamente os esforços feitos no passado, no sentido de concretizar a unidade na luta do nosso Povo contra o colonialismo português, como por exemplo, as tentativas feitas em Angola em princípios de 1960, para a realização de uma Frente Única e que fracassaram em virtude da repressão policial; o acordo de princípios estabelecendo a necessidade de coordenação da luta contra o colonialismo português, assinado em Tunis por 2 responsáveis do MPLA e um responsável principal da UPA; o primeiro e o segundo apelo dirigidos pelo MPLA a todas as organizações nacionalistas, ambos no ano de 1960; as diligências levadas a efeito por Sua Excelência o Presidente Kwame Nkrumah e pelo ministro do Congo-Léopoldville, Kamitatu, que foram sabotadas pela UPA, e analisou os resultados obtidos nessa tarefa até ao momento presente.

Não deixou também de rever o papel desempenhado pela Comissão de Conciliação, enviada a Léopoldville pelo Comité de Coordenação da OUA a pedido do MPLA, com o fim de possibilitar o entendimento entre as forças nacionalistas angolanas, posto em causa pelo governo da República do Congo-Léopoldville, em virtude de ter reconhecido um “governo” não representativo dos partidos nacionalistas e por conseguinte do Povo Angolano.

Em consequência, estudou a oportunidade da formação da FDLA, a sua eficácia na coordenação dos Movimentos de Libertação, no encorajamento das forças que lutam no interior do País e no desenvolvimento da nossa acção político-militar.

Do estudo foi apurado que já no mês de Dezembro de 1962, logo a seguir à Conferência Nacional, alguns partidos como o MNA e a Organização Sindical UNTA, faziam sentir a necessidade de se coordenarem os esforços em todos os campos, para nos podermos opor eficazmente à dominação colonial portuguesa e para mais facilmente aglutinar as massas populares dispersas ao longo das fronteiras.

Para o MPLA e a UNTA, organizações progressivas, seria a FDLA um meio de mais facilmente contactar os membros das outras organizações, cuja vida política se resumia a actividades de secretaria.

Após reuniões frequentes entre o MPLA, MNA, UNTA e NGWIZAKO e chegado a um entendimento, foi constituída a Frente no mês de Julho do ano passado.

A Conferência apoia a FDLA e decide recomendar aos novos corpos dirigentes que envidem os seus esforços no sentido de a reestruturar de modo a torná-la mais eficaz.

Como é natural foram também examinados os esforços feitos na aproximação dos Movimentos de Libertação de Cabinda.

Terminada a discussão franca em que todos tiveram liberdade de exprimir os seus pontos de vista, as opiniões convergiram no sentido de que o MPLA deve lutar por todos os meios honestos de maneira a conduzir, na sua acção prática, todo o POVO à satisfação das aspirações legítimas de unidade na luta pela Independência Nacional.

Apesar do mau grado da FNLA, mantendo o espírito anti-unitário, o MPLA deve prosseguir a sua luta pela formação de uma Frente Única, representativa dos partidos nacionalistas, na base de um programa mínimo de luta pela Independência Nacional, elaborado de comum acordo e salvaguardando a personalidade política da nossa organização.

II

COMISSÃO

DESENVOLVIMENTO DA LUTA

Para que a efectivação das reivindicações das massas populares numa Angola verdadeiramente independente venha a realizar-se, é imperioso que o MPLA cumpra o dever histórico de prosseguir a luta político-militar de Libertação Nacional.

SITUAÇÃO ACTUAL

O reconhecimento pelos países africanos dum “governo” sem representatividade e instrumento dos interesses do Imperialismo; as dificuldades cada vez maiores impostas ao nosso Movimento, particularmente pelo Governo da República do Congo-Léopoldville; e a perspectiva da instalação do neocolonialismo no nosso país, são razões suficientes para exigir do Movimento a adopção de medidas urgentes e eficazes.

A situação actual exige homens capazes de corresponder integralmente às exigências da nossa luta de Libertação Nacional. Escasseiam ao Movimento no exterior os homens em permanente estado de disponibilidade física e intelectual, aos ideais da Revolução Angolana. Só uma selecção rigorosa baseada na honestidade, coragem física e intelectual,

e no apego às actividades e às tarefas diárias da Revolução, pode permitir a constituição do contingente humano de que o Movimento necessita para o reforço da propagação no País dos princípios por ele defendidos.

A ORGANIZAÇÃO NO INTERIOR DO PAÍS É A ÚNICA VIA PARA O REFORÇO E O TRIUNFO DA DOUTRINA POLÍTICA DO MPLA, O QUE EQUIVALE A DIZER, DO NACIONALISMO ANGOLANO MAIS GENUÍNO E PROGRESSISTA.

A instalação do Movimento no interior exige a fixação em território Nacional de um ou vários grupos de nacionalistas angolanos, vinculados a princípios comuns, informados pela mesma doutrina revolucionária e dispostos a transmiti-la e a expandi-la no seio das massas angolanas. O triunfo dessa doutrina política é a finalidade maior da estratégia geral do Movimento; essa estratégia deve fundamentar-se, essencialmente, no estudo profundo dos meios a utilizar e na adopção da melhor táctica a seguir neste momento.

A luta armada desencadeada no nosso País em Fevereiro de 1961, continua com o seu aspecto essencialmente insurreccional, praticamente desorganizada, sem direcção, isolada da maioria da população africana, confinada a uma parte reduzida do território e com falta de armas e munições. Os grupos angolanos que a sustentam directamente, actuam descoordenados, sem centralização de comando, utilizam uma técnica rudimentar e não têm conseguido obter as vitórias militares susceptíveis de aprofundar as contradições existentes no seio do exército inimigo e de entusiasmar as nossas populações, de forma a suscitar da sua parte, um favorável movimento ao reforço da luta armada.

O número de baixas entre mortos e refugiados, na população civil, é revelador da falta de uma cobertura militar capaz de as defender das investidas criminosas dos colonialistas portugueses. Calcula-se em mais de 350.000 os angolanos civis que tiveram de emigrar para o Congo, elevando-se a 100.000 o número de mortos vítimas dos bombardeamentos aéreos e da acção do exército inimigo.

A população das zonas urbanas não pode ainda vencer o seu isolamento e participar na luta militar. Parece imobilizada pela acção do inimigo não encontrar na insurreição o estímulo susceptível de a fazer ultrapassar as forças repressivas, com a finalidade de desencadear o mínimo de acções de carácter proeminentemente político [*sic*]. Os apelos, as greves, os protestos, os movimentos de massas, passaram a manifestar-se mais raramente, para se tornarem praticamente nulos há mais de um ano de luta. A organização política no interior do País não conseguiu, até ao momento actual, dar provas da sua capacidade para servir de base a uma acção militar.

O inimigo por sua vez, continua a dar provas de radicação no nosso território, a realizar a sua vida quotidiana e a revelar o seu complexo de superioridade em relação ao nosso Povo. Não se instalou no seio da sociedade colonial o clima de insegurança capaz de determinar deslocamentos sensíveis nos planos da administração e da economia do nosso País. A insurreição não suscitou os necessários movimentos de opinião nos sectores da vida pública portuguesa, no sentido de aumentar as dificuldades do seu governo e de favorecer a luta instalada em Portugal por regime democrático.

A luta armada, tal qual hoje se apresenta, reforça a perspectiva do neocolonialismo em Angola, na medida em que pode ser o veículo das forças reacçãoárias se não

conseguir deslocar a relação de forças existentes actualmente no seio do nacionalismo angolano. O “statu quo” militar, porque constitui um obstáculo ao esclarecimento do Povo, a sua unidade de acção e a elevação do grau da consciência da população, favorece de facto a instalação no interior do nosso País, de um poder comprometido com o Imperialismo e incapaz de promover o bem estar do povo.

FACTORES DETERMINANTES DO IMOBILISMO INSURRECCIONAL

O factor determinante da cristalização da insurreição é o relativo afastamento do MPLA como sua força principal e dirigente. O MPLA É O MOVIMENTO POLÍTICO ANGOLANO QUE PELA JUSTEZA DAS SUAS APRECIACÕES DO CONTEXTO NACIONAL, PELA SUA ORIGEM, PELO SEU CONTEÚDO, PELA QUALIDADE E QUANTIDADE DOS SEUS QUADROS, MELHORES CONDIÇÕES POSSUI PARA DAR À INSURREIÇÃO CARÁCTER REVOLUCIONÁRIO. As dificuldades que lhe são levantadas para prosseguir na luta pela libertação nacional, quer pela sua natureza quer pela qualidade das forças que as dominam, são provas evidentes daquela nossa afirmação.

Se o relativo afastamento do MPLA do campo militar é a causa fundamental da cristalização insurreccional, os factores determinantes do fracasso da sua acção como elemento motor da Revolução são os seguintes:

DE NATUREZA INTERNA

1 - Certa inexperiência dos nossos dirigentes, que apreciaram insuficientemente o contexto congolês e não encararam com profundidade, a necessidade de estabelecer as estruturas e elaborar os planos mais adequados a esta situação.

2 - O facto de não se ter estabelecido rigidamente e cumprido na prática as tarefas político-militares.

3 - A falta de organização militar, revelada em vários aspectos e fundamentalmente nas acções militares, na insuficiente avaliação das condições de luta, na carência de órgãos destinados a realizar certas actividades, tais como “stocagem” de armamento, na falta de coordenação que se manifestou entre a [...] política e a militar.

4 - O fraco critério de escolha dos elementos que foram submetidos a treino militar.

5 - A manifestação de um complexo de superioridade e de um espírito militarista por parte dos quadros do EPLA levando-os a reivindicar uma situação de privilégio no seio do Movimento.

As dificuldades que impediram a formação de bases logísticas fora do território congolês.

6 - A não adaptação das estruturas da organização às necessidades da luta armada.

7 - A não criação duma base militar em Cabinda que deveria ter sido o resultado lógico das operações ali empreendidas.

8 - A existência de facções ou grupos de influência baseados em ambições pessoais e espírito oportunistas, geradores do “divisionismo” no seio do Movimento.

DE NATUREZA EXTERNA

1 – A acção do imperialismo inspirador da política congoleza e africana que se manifesta em relação ao MPLA.

2 – A acção do Governo da República do Congo-Léopoldville que sabotou sistematicamente todas as nossas iniciativas no campo militar.

3 – A acção da UPA:

- a) Intriga junto do governo do Congo-Léopoldville em particular, e dos países africanos em geral;
- b) Campanhas tendentes a desprestigiar o MPLA junto das massas e a suscitar nelas a sua desconfiança a nosso respeito;
- c) Luta fratricida;
- d) Sabotagem da unidade.

Porém, teria sido possível apesar da barragem imperialista, reforçar os nossos contingentes em Angola, se se tivessem anulado previamente alguns dos factores internos citados, que determinaram o fracasso de algumas acções básicas.

Só um conjunto de elementos de natureza interna, não suficientemente valorizados, concorreram para o fracasso dessas acções.

RECONVERSÃO

São elementos a considerar numa reconversão do Movimento, o moral das massas, que se tem afirmado inabalável diante de todas as vicissitudes, a determinação no prosseguimento da luta que se manifesta em todos os escalões da Organização, a fidelidade do Povo Angolano do interior ao nosso Movimento e a solidariedade reiterada de alguns aliados que continuam a depositar confiança na seriedade do nosso trabalho e na firmeza dos nossos ideais.

Por razões históricas, líderes mais influentes no nacionalismo angolano ou se encontram nas prisões colonialistas ou estão no exterior do País. Disto resulta que a Organização no interior depende em grande parte de uma preparação no exterior. Esta preparação, não pode fazer-se neste momento sem a reconversão da actual estrutura do Movimento.

A reconversão deve visar:

1 – A redução do aparelho administrativo e consequente adopção duma estrutura menos burocrática, mais simples, mais eficaz, reduzida no exterior e abrangendo no interior todo o Território Nacional.

2 – O combate ao espírito filantrópico da nossa Organização, pela mobilização dos militantes dispostos a todos os sacrifícios. Aparece como fundamental, por isso, estabelecer imediatamente e cumprir na prática, uma divisão dos membros do Movimento nas seguintes categorias:

a) **ADERENTE** – O angolano que aderiu aos ideais do MPLA, impossibilitado, na prática, de estar à disposição total do Movimento. Usufrui de todos os direitos, excepto os que são particulares ao Militante. Entretanto, deve justificar a sua identidade política com o MPLA no cumprimento de certas actividades, de que seja incumbido, nos limites da sua disponibilidade e no direito de poder conquistar a posição de Militante.

b) **MILITANTE** – O angolano à disposição total do MPLA, dentro das exigências do cumprimento das tarefas da nossa luta de libertação nacional. O único com direito a funções de direcção em todos os escalões do Movimento. O primeiro a ser consultado e a pronunciar-se sempre que as actividades do Movimento o exijam, e que pode usufruir de assistência material por parte do Movimento.

O estabelecimento desta clivagem vai beneficiar o reforço da estrutura do nosso Movimento no interior do País, na medida em que é possível, assim, dispor de militantes com as condições revolucionárias requeridas para a mobilização e organização completa do Povo, para um combate sem tréguas às forças usurpadoras até à conquista da nossa independência nacional.

3 – O desenvolvimento da luta clandestina no interior do País pela organização de destacamentos político-militares que mobilizem as massas rurais e urbanas, para o controle do território e a conquista da independência nacional.

4 – A instalação de uma certa clandestinidade no exterior. Alguns dirigentes devem manter-se igualmente na clandestinidade.

5 – A instalação e fixação da maior parte do Movimento no interior do País, dentro do princípio da prioridade do interior sobre o exterior.

6 – A liquidação do feudalismo político que assenta numa concepção patrimonial do cargo e da função, e na formação de pequenos grupos em torno de indivíduos, impedindo uma acção unida e centralizada na execução das tarefas do Movimento.

7 – A liquidação do espírito pequeno-burguês manifestado pela falta de espírito de sacrifício, ausência de convicção nos princípios e na potencialidade das massas.

8 – O combate ao boato, ao alarmismo, à falta de firmeza ideológica tendentes ao compromisso e ao suborno, à instalação de um clima de confusão e duma atmosfera envenenada no seio do Movimento.

9 – O estabelecimento efectivo duma disciplina militante e duma unidade de acção em todos os escalões do Movimento. O combate ao espírito de indisciplina resultante da auto-suficiência do militante, da falsa concepção de “democracia”, de “povo”, das obrigações e responsabilidades perante a luta revolucionária.

10 – A liquidação do espírito livresco gerador do didactismo inconsequente e da tendência à avaliação precipitada e incorrecta das condições em que se desenvolve a nossa luta.

11 – A liquidação do espírito super-dirigente e super-militante, e a adopção de princípios de direcção e trabalho colectivos.

12 – Introdução em todos os escalões da Organização de hábitos de crítica saudável e construtiva, que não se afastem do espírito de fraternidade, solidariedade e entre-ajuda que constituem um dos fundamentos dos seus métodos de acção.

A reconversão deve ter como objectivo a realização imediata das tarefas indispensáveis para interessar as massas numa acção verdadeiramente revolucionária, com o objectivo da instalação no País dos princípios do nosso Movimento. Esta acção deve desenvolver-se nos seguintes planos:

- a) POLÍTICO
- b) MILITAR
- c) SOCIAL

A) POLÍTICO

Baseado na explicação dos princípios estabelecidos no nosso programa, com a enunciação de slogans revolucionários simples, facilmente compreensíveis e assimiláveis pelo povo, tais como:

- 1 – Conquista da independência;
- 2 – Combate à fome;
- 3 – Combate à ignorância;
- 4 – Combate à mortalidade infantil;
- 5 – Justiça e igualdade de oportunidade para todos;
- 6 – Defesa da ordem e do progresso;
- 7 – Desenvolvimento do ideal de democracia.

A acção política deve igualmente atingir todos os sectores da população, toda a extensão do território nacional, mas destina-se em especial às massas trabalhadoras e camponesas e aos grupos urbanos susceptíveis de apreenderem a complexidade da situação política angolana, e capazes de condicionar pela acção ou pelo voto, qualquer tentativa de instalação de um poder político contrário aos interesses do povo angolano.

A acção política deve visar objectivamente:

- a) A elevação do espírito insurreccional através dum profundo trabalho de esclarecimento, propaganda, agitação e organização.
- b) O desenvolvimento da luta clandestina em todo o território nacional.
- c) O aproveitamento de todos os meios possíveis de luta legal.
- d) O combate e denúncia da política reformista portuguesa.
- e) A desmistificação do “grae” na base da sua falta de representatividade e ineficácia.
- f) O estabelecimento das condições necessárias para instalar no nosso País um regime democrático, que tenha como fundamento a edificação duma Angola livre, próspera e moderna.

No que diz respeito à organização de massas, a Conferência adoptou os princípios estabelecidos pela Conferência Nacional.

No campo específico da política exterior, a nossa acção deve fazer-se nos moldes estabelecidos pela 1ª Conferência Nacional, incluindo a luta pela revisão das decisões inaceitáveis da OUA sobre o problema angolano.

B) MILITAR

O novo tipo de estrutura militar a adoptar deve começar pela análise e crítica dos processos anteriormente utilizados e o estudo de uma reconversão que satisfaça, antes de mais nada, a criação de um grupo revolucionário que sirva de motor à mobilização geral das massas. Este grupo tem de ser constituído pelos melhores militantes do Movimento

que estejam dominados pela ideia de que a luta político-militar é o caminho mais seguro para o triunfo dos nossos princípios políticos.

A nossa acção político-militar deve ter em conta que o nosso Movimento tem no exterior e no interior inimigos fortes e não descurar as suas fraquezas. A acção político-militar deve procurar mobilizar fundamentalmente as massas camponesas e trabalhadoras, deslocar das cidades a juventude revolucionária e estender-se a todo o território nacional, começando por se instalar nos lugares estrategicamente mais favoráveis.

Existem no interior do País grupos nacionalistas combatentes membros da nossa organização. Todavia essa identificação política carece do reforço indispensável de forma a actuar mais eficientemente no campo da luta político-militar.

A instalação do MPLA no interior em termos eficientes e bases revolucionárias é portanto necessária. Para ser levada a efeito deve assentar sobretudo numa série de princípios fundamentais para o êxito da nossa acção no campo militar. Esses princípios são essencialmente os seguintes:

- 1 – O EPLA é o MPLA em armas no Território Nacional e é constituído por destacamentos de guerrilheiros que utilizam como arma de combate a espingarda e os princípios defendidos por MPLA.
- 2 – Aumentar o poder de luta no Território Nacional.
- 3 – Mobilização geral dos militantes e sua adaptação às necessidades da luta armada.
- 4 – Instalação duma disciplina verdadeiramente revolucionária.
- 5 – Organização da hierarquia na base do mérito e distribuição de responsabilidades.
- 6 – O reforço de um ambiente de verdadeiro entusiasmo e confiança entre a população, de forma a interessá-la activamente nas tarefas da nossa luta de libertação nacional.
- 7 – A deslocação da relação de forças existente no seio do nacionalismo angolano a nosso favor.
- 8 – Estabelecimento de zonas livres sob o controle dos guerrilheiros do MPLA.
- 9 – A cobertura militar da população, castigo aos traidores, a recuperação dos hesitantes; a divisão do inimigo através das acções armadas e políticas.
- 10 – A mobilização da mulher angolana para a luta armada.
- 11 – A intensificação dum clima de insegurança na sociedade portuguesa de Angola, que atinja todos os portugueses que se revelarem inimigos declarados da Revolução Angolana.
- 12 – A formação de um corpo especificamente destinado a fazer cumprir a disciplina revolucionária e a aplicar as sanções propostas pelos órgãos respectivos.
- 13 – A criação de estruturas clandestinas para toda a organização militarizada.

C) SOCIAL

Deve basear-se na educação das massas sobre os princípios de higiene, assistência sanitária e escolar, na propaganda de melhores condições de vida depois da independência, na criação de unidades locais de assistência e na reorganização do País.

Este tipo de acção deve ser realizado no interior, ser extensivo a todas as camadas da população, dedicando especial atenção aos camponeses e aos trabalhadores.

No exterior, o MPLA deve encorajar organizações autónomas como o CVAAR.

 III
COMISSÃO ESPECIAL

UNIDADE NO INTERIOR

Os acontecimentos dos últimos tempos e a actividade fraccionista de um pequeno grupo despeitado, por não ter sido reeleito para o Comité Director pela 1.ª Conferência Nacional, criaram no seio do MPLA uma situação bastante grave, que no momento de crise mais aguda, pôs em risco a própria sobrevivência do Movimento.

Além do despeito, as ambições pessoais, o complexo de superioridade, os vários tipos de oportunismo, a fuga às responsabilidades perante uma situação periclitante do Movimento, o comodismo, a cobardia, a falta de hábitos de militância e de disciplina, cobertos por manifestações regionalistas ou racistas e até por pretensas discordâncias de linha política, contribuíram para quebrar a unidade interna do MPLA e dar no exterior a sensação de desagregação do nosso Movimento.

Os agentes fraccionistas não hesitaram mesmo em levar diante de organismos internacionais, como a Comissão de Conciliação da OUA, em confissão conluio com os inimigos tradicionais do MPLA, o espectáculo degradante das suas ambições desmedidas, que teve como consequência fornecer o pretexto para se passar a considerar falsamente o MPLA dividido em tendências.

A ideia duma pretensa divisão do MPLA em tendências, mais se acentuou no exterior quando certos militantes, sobretudo intelectuais, desorientados ou tomados de pânico pelos atentados sucessivos contra a integridade do MPLA, abandonaram a organização, preferindo procurar empregos fora dos Congos. Propagando a falsa ideia de “três tendências no MPLA”, esses elementos encontraram os argumentos de que carecem para justificar a sua defecção.

Quem mais aproveitou desta trama foi, por um lado, o colonialismo português, cuja propaganda não se cansou de divulgar à sua maneira a divisão do nacionalismo angolano, e por outro lado o imperialismo, inspirador activo do dito “governo angolano no exílio”, que pôs em jogo todos os seus trunfos para tentar neutralizar definitivamente o MPLA, única organização nacionalista angolana que ele teme verdadeiramente, quer pela sua implantação em todo o território angolano, quer pela oposição categórica do MPLA a todas as manifestações colonialistas, neocolonialistas e imperialistas na futura Angola independente.

A Conferência de Quadros do MPLA, consciente dos perigos que uma tal situação acarreta para o futuro do Povo angolano, exorta todos os militantes a desencadear uma batalha sem tréguas pela UNIDADE NO SEIO DO MOVIMENTO, eliminando radicalmente todos os factores que a façam perigar.

Com esse fim, cada militante deverá denunciar com oportunidade todas as manobras divisionistas e os seus agentes, desmascarando as ideias falsas, as calúnias, as intrigas e os boatos de que eles se servem para tentar minar o nosso Movimento. Ao mesmo tempo, cada militante deverá trabalhar incansavelmente no seio das massas, propagando ideias claras sobre os altos objectivos da nossa luta, sobre o nosso programa, sobre os nossos métodos democráticos de trabalho, no interesse exclusivo das camadas mais oprimidas do nosso Povo. Cada militante deverá manter-se vigilante para com as atitudes dos seus camaradas e para com as suas próprias atitudes, no sentido de impedir que elas constituam motivo de crítica justa por parte do nosso Povo, cujo sofrimento e espírito de sacrifício tornaram mais aguda a sensibilidade e a percepção perante a mais pequena falta cometida.

A Conferência de Quadros do MPLA aprova, sem reservas, as expulsões decididas pelo Comité Director cessante e incumbe ao novo Comité Director de dar andamento aos autos de disciplina de todos aqueles que, incorrendo nas faltas graves de atentado contra a Unidade e a existência do MPLA, de roubo e de destruição dos bens do MPLA e de aliança com o inimigo, tinham sido suspensos pelo Comité Director cessante.

Embora considerando que os casos de abandono do MPLA constituíram uma auto-depuração dos elementos pouco firmes e vacilantes, que nas horas mais graves representaram um peso-morto prejudicial à marcha do Movimento, a Conferência de Quadros encarrega o próximo Comité Director de estudar cuidadosamente a reintegração, a suspensão ou a exclusão de todos os militantes, responsáveis ou não cuja posição revolucionária ofereceu dúvidas a esta Conferência, aconselhando-lhe a maior vigilância com os elementos vacilantes que aderiram ao Movimento na esperança de triunfos e honrarias e que não se mantiveram firmes no período agudo da crise.

A Conferência de Quadros do MPLA condena energicamente o espírito liquidacionista manifestado por um reduzido número de camaradas, que sobrestimando factores de ordem externa, concluem que o MPLA não pode prosseguir a luta de libertação nacional.

A Conferência constatou com entusiasmo que a Unidade do nosso Movimento saiu fortalecida das duras provas que sofreu. Um novo espírito de militância, uma estrutura adequada e um programa de acção realista, acrescido da rica experiência fornecida pela larga discussão de todos os nossos problemas, no ambiente inteiramente democrático em que decorreu a presente Conferência, são os instrumentos eficazes que nos permitem continuar a luta pela libertação do nosso País, confiantes na Vitória final.

O MPLA depurado continua uno. A traição, a deserção ou o abandono de alguns dirigentes e militantes reafirmaram a determinação dos elementos mais fiéis à luta do nosso Povo.

A DISCIPLINA NO INTERIOR DO MOVIMENTO

A Conferência de Quadros debruçou-se com particular atenção sobre o magno problema da disciplina no interior do MPLA.

Ela tomou em consideração as inúmeras intervenções dos delegados que expuseram as graves consequências a que dá lugar o pouco hábito à disciplina por parte dos militantes do MPLA. Dos órgãos supremos aos simples membros, casos graves de indisciplina contribuíram para tornar difícil a resistência do MPLA a todos os ataques de que foi alvo, sobretudo depois do reconhecimento pelo Governo Adoula do chamado “governo provisório angolano”.

A Conferência decidiu, em consequência, estabelecer princípios gerais de disciplina interna que regerão a vida dos militantes do MPLA, em qualquer parte onde eles se encontrem.

Esses princípios gerais, a seguir anunciados, deverão ser levados ao conhecimento de todos os militantes através de circulares, de palestras, de discussões organizadas, a sua aplicação deve ser imediatamente posta em prática, e devem a todo o momento ser enriquecidos com a contribuição trazida pela experiência dos militantes do MPLA.

PRINCÍPIOS GERAIS QUE REGEM A DISCIPLINA INTERNA DO MPLA

- 1 – Eleição para todos os organismos de direcção do MPLA.
- 2 – Todo o militante cumpre e faz cumprir as leis e as decisões dos órgãos do MPLA.
- 3 – Livre discussão no interior de todos os órgãos do MPLA. Decisão colectivamente adoptada sobre todas as questões importantes para a vida do Movimento, sem que se impeça que o espírito de iniciativa de cada militante se manifeste. Responsabilidade individual no cumprimento de cada tarefa.
- 4 – Cumprimento das decisões da maioria, mesmo pela minoria discordante.
- 5 – Subordinação dos órgãos inferiores aos órgãos superiores.
- 6 – Nos intervalos das sessões do Conselho Nacional, subordinação de todo o Movimento à autoridade do Comité Director.
- 7 – Actuação dos órgãos da direcção de acordo com as necessidades e aspirações expressas pelos militantes e pelo Povo, e recolhidas constantemente pelos órgãos do MPLA.
- 8 – Guarda rigorosa dos segredos da vida do Movimento.
Cada militante deve conservar o maior sigilo sobre todas as questões internas do Movimento e sobre as tarefas que lhe são confiadas, nunca falando delas, sob pretexto algum, senão àqueles que lhas confiaram.
- 9 – Vigilância e controle permanentes por parte dos responsáveis, sobre o cumprimento das tarefas pelos militantes e, reciprocamente, vigilância e controle permanentes por parte dos militantes sobre o cumprimento dos deveres por parte dos responsáveis.
- 10 – Rigoroso controle de todas as operações financeiras de todos os órgãos do MPLA, em todos os escalões, seguindo o método simples de registar e justificar documentalmente todas as despesas e todas as receitas.

- 11 – Nomeação dos responsáveis por categorias de bens do Movimento.
Sanções severas a todos os militantes que não justifiquem convenientemente o desaparecimento ou a deterioração dos bens confiados à sua guarda.
- 12 – Distribuição prudente das missões delicadas, atendendo sempre à capacidade do militante para o seu desempenho. Uma tal preocupação não só permite que se exijam responsabilidades pelo mau cumprimento e pelo não cumprimento das referidas missões, como também não permite que o militante designado se furte, sob qualquer pretexto, à execução da missão para que foi escolhido.
- 13 – Combate intransigente à provocação, à calúnia, à intriga e ao boato.
Combate intransigente ao oportunismo, ao dogmatismo, ao divisionismo e à demagogia no interior do MPLA.
- 14 – Vigilância revolucionária sobre todos os elementos vindos de outros partidos ou que regressem ao MPLA após afastamento, até se adquirir a certeza de que não estão ao serviço do inimigo.
Em caso algum tais elementos deverão ser postos imediatamente em contacto com os militantes encarregados de problemas importantes do Movimento, não se devendo também confiar-lhes a execução de qualquer tarefa delicada, antes de haver a certeza da sua boa-fé.
As mesmas preocupações deverão ser tomadas em relação aos novos membros.
- 15 – Reserva revolucionária perante os indivíduos expulsos do MPLA, e perante outros inimigos conscientes ou inconscientes do Movimento.
- 16 – Todos os responsáveis deverão esforçar-se por não tomar decisões importantes para a vida do MPLA, sem uma discussão preliminar com os órgãos competentes, que lhes garanta que estão agindo em contacto com a massa militante.
- 17 – Abolição radical de qualquer espécie de favoritismo que possa ter lugar por razões de parentesco, regionalismo, amizade pessoal ou apadrinhamento. Combate contra o espírito de grupo que leva à formação de facções no MPLA.
- 18 – Culto da disciplina, da fraternidade e da camaradagem no seio do Movimento.
Abolição de atitudes ou privilégios que tenham por base diferenças sociais, culturais ou outras.
Acção constante em prol da elevação do moral dos companheiros e do Povo.
Respeito pelos bens alheios e em particular pelos bens do Movimento.
- 19 – Respeito pelos direitos conferidos aos militantes pelas leis do MPLA, incluindo o direito de depor livremente e de se defender de qualquer acusação.
Recusa de toda a reclamação que não seja apresentada pelo militante a que diz respeito.
- 20 – Punição imediata de toda a infracção à disciplina do MPLA.
Louvor oportuno de todo o militante que se distinguir na execução de tarefas delicadas.

O único critério de apreciação de um militante será, em cada momento, o modo como cumpre os seus deveres, bem como o seu apego à luta, independentemente do cargo que ocupa ou de quaisquer considerações de ordem regional, tribal, rática ou outra.

A Conferência de Quadros, tendo em consideração o contexto em que prossegue a nossa luta e a necessidade de aplicar rigidamente os princípios disciplinares adoptados, decide:

- I) Que as sanções a aplicar pelo MPLA sejam as seguintes:
- | | |
|--|---|
| a) Repreensão | d) Prisão |
| b) Censura | e) Suspensão da qualidade de membro do MPLA |
| c) Afastamento temporário ou definitivo do exercício de funções. | f) Exclusão de membro do MPLA |

§1) A execução das penas a), b), c) é da competência de qualquer órgão executivo de que dependa a actividade do militante em causa, e o recurso delas deverá ser feito para o órgão executivo do escalão imediatamente superior àquele que atribuiu a pena.

§2) As sanções previstas nas alíneas d), e), f) só podem ser aplicadas pelo Comité Director, sob a recomendação de uma “COMISSÃO DISCIPLINAR AD HOC”, constituída por cinco membros, tanto quanto possível representando os organismos de acção Nacional e 2 militantes idóneos do MPLA.

Cabe ao Comité Director a convocação da referida Comissão Disciplinar “ad hoc”, sempre que necessário.

§3) Em casos urgentes que ponham em risco a unidade ou a existência do MPLA, o Comité Director poderá dispensar a recomendação da “Comissão Disciplinar ad hoc” e julgar directamente os casos em questão, sem que isso exclua a possibilidade de recurso da sua decisão.

§4) A “Comissão Disciplinar ad hoc” será sempre consultada pelo Comité Director sobre o provimento a dar a toda a queixa de um militante contra um membro do Comité Director.

Se tal queixa tiver provimento, será julgado pelo “Conselho de Representantes” (C.R.); de contrário ficará sem efeito. Se o entender, o CD poderá fazer seguir a queixa contra um dos seus membros directamente ao CONSELHO DE REPRESENTANTES, sem o parecer da Comissão Disciplinar ad hoc.

O CONSELHO DE REPRESENTANTES (CR), na sua actividade judicial, deve nomeadamente ratificar, anular ou agravar as sanções aplicadas pelo CD, referidas nas alíneas d), e), f) de 1) e dar parecer sobre as infracções à disciplina do MPLA, cometidas por um membro do CD ou do próprio CR.

- §1) – A execução das penas atribuídas pelo CR cabe ao CD
- §2) – O recurso das penas atribuídas pelo CR só poderá ser feito ao CONSELHO NACIONAL, ou na impossibilidade da sua reunião, ao órgão que eventualmente o substitua.

II) Que o desempenho de tarefas muito delicadas seja premiado, conforme a sua natureza por:

- a) Louvor
b) Condecoração.

O regulamento deste artigo será fixado pelo Estatuto.

A Conferência de Quadros recomenda insistentemente ao Comité Director futuro que estabeleça um dossier cuidado de todos os estudantes bolseiros do MPLA, a fim de que possa ser acompanhado o seu comportamento como membro do MPLA e o seu aproveitamento escolar, e tomadas as medidas que os mesmos impuserem.

A Conferência de Quadros do MPLA determinou que os princípios de disciplina terão força actuante até que entrem em vigor os Estatutos e Regulamentos que o Comité Director foi encarregado de elaborar.

IV
ESTRUTURAS
(CDL)

Os princípios que servem de base às novas estruturas são os mesmos adoptados pela 1ª Conferência Nacional.

As novas estruturas deverão resolver o problema da representatividade dos órgãos superiores e dinamismo necessário à administração.

As novas estruturas orgânicas são as seguintes:

CONSELHO NACIONAL – Instância suprema, representação soberana de todos os membros do MPLA.

É constituído pelos delegados – cinco por cada delegação – dos SECTORES e ORGANISMOS DE ACÇÃO NACIONAL, e pelos membros do Gabinete Político.

GABINETE POLÍTICO – Emanação do Conselho Nacional, vela pela execução das suas determinações. Tem funções de controle sobre os organismos inferiores e é o detentor dos segredos naturais do MPLA. Possui ainda funções judiciais. Compõe-se de 13 membros, sete (7) eleitos (incluindo o Presidente e 2 Vice-Presidentes do MPLA) e seis (6) cooptados. Trabalha por comissões e elege o seu secretariado.

O Presidente do Movimento é o chefe do Executivo.

O Gabinete Político investe e revoga os membros do Comité Director.

COMITÉ DIRECTOR – É o órgão executivo do MPLA.

O Presidente, responsável do executivo, tem a faculdade de escolher na massa militante os membros do Comité Director e os seus suplentes.

CONSELHO DE REPRESENTANTES – Órgão consultivo constituído por um delegado de cada sector do País, e dos organismos de Acção Nacional.

Este órgão tem ainda funções judiciais e deve reunir-se pelo menos duas vezes por ano.

ESTRUTURAS DE BASE – São adoptadas as estruturas de base instituídas pela 1ª Conferência Nacional.

REGULAMENTOS E ESTATUTOS – O novo CD será encarregado de rever o projecto de Estatutos e de submetê-lo ao GP no prazo máximo de três meses. Os estatutos e regulamentos entrarão em vigor, provisoriamente, até aprovação pelo Conselho Nacional.

PRESIDIUM DE HONRA – São adoptados os princípios estabelecidos pela 1ª Conferência Nacional.

MEDIDAS TRANSITÓRIAS – Na impossibilidade de se formar o Conselho Nacional e quando a situação o exigir, uma Conferência de Quadros pode ter poderes soberanos.

ELEIÇÕES AO BUREAU POLÍTICO – As eleições devem ser realizadas por candidatura individual e após consulta prévia.

PRESIDIUM DE HONRA – O Bureau Político fica encarregado de preparar os dossiers de candidatos ao Presidium de Honra e eleger na próxima reunião do Conselho Nacional. Foram eleitos para [o] Presidium de Honra os seguintes nacionalistas angolanos:

Presidente: - Rev. Pe. Pinto de ANDRADE

Vice-Presidente: - Ilídio MACHADO.

DECLARAÇÃO FINAL

A Conferência de Quadros do MOVIMENTO POPULAR DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA – MPLA – reunida de 3 a 10 de Janeiro de 1964 em Brazzaville, investida dos poderes do Conselho Político Nacional,

Tendo examinado todos os aspectos relacionados com a actividade do Comité Director, o nacionalismo angolano, unidade, desenvolvimento da luta e os problemas de natureza disciplinar no seio do Movimento,

Unanimemente convencida da necessidade imperiosa e urgente de intensificar os seus esforços a fim de acelerar a Independência de Angola,

Profundamente preocupada por constatar o apoio de algumas nações africanas a um “governo” não representativo e instrumento dos interesses imperialistas no nosso País em África,

Convencida que Portugal não alterou a sua tradicional política colonial, não tendo tomado as medidas mais elementares no sentido de demonstrar o seu respeito pelo direito irreversível e intransmissível do nosso povo e de todos os povos sob a sua dominação colonial à autodeterminação e Independência,

Convencida da necessidade de todos os angolanos concertarem os seus esforços para a luta pela independência nacional do seu País,

Convida a OUA a tomar as medidas necessárias para assegurar a aplicação imediata do [Art.] 11 da sua resolução de 25 de Maio de 1963,

Reclama da OUA e de todos os países africanos a cessação imediata do apoio ao intitulado “grae”, por se tratar de um governo não representativo e constituir um dos elementos fundamentais sob[re] que se apoia o imperialismo, para estender a sua dominação económica e política ao nosso País,

Apela aos países africanos no sentido de cessarem imediatamente de apoiar o intitulado “grae”, por isso favorecer na prática, a instalação em Angola de um regime político contraditório com os interesses do nosso Povo e estabelecer de facto, as condições eficazes à penetração neocolonialista no nosso País; apela também aos governos africanos, no sentido de exercer a sua influência junto do governo da República do Congo (Léo), a fim de o levar a permitir a actividade do MPLA no seu território, dado que o MPLA tem demonstrado, através da sua luta, possuir as condições necessárias para corresponder às transformações que garantam ao Povo de Angola a conquista da Independência Nacional, e o pleno exercício dos princípios democráticos,

Convida as Nações Unidas a tomar as medidas necessárias e eficazes a fim de levar Portugal a reconhecer o direito do Povo de Angola e de todas as suas colónias à autodeterminação e Independência Nacional,

Convida o governo da República do Congo (Léo), a cessar imediatamente os actos repressivos e arbitrários que vem cometendo contra as organizações nacionalistas angolanas, nomeadamente o MPLA, e os seus respectivos membros, por tais actos constituírem uma escandalosa ingerência nos problemas especificamente angolanos e servirem os interesses do Imperialismo em Angola, na República do Congo (Léo) e no continente africano,

Reafirma o seu apoio às organizações nacionalistas que formam a CONCP e apela que esta organização realize todos os esforços, no sentido de defender a justeza dos princípios e das lutas dos seus movimentos e partidos membros junto das organizações internacionais e de todos os países independentes africanos,

Reafirma o seu apoio aos movimentos nacionalistas da África do Sul e Rodésias que defendem de facto a libertação completa dos seus respectivos países,

Convida insistentemente a todos os angolanos sem distinção de sexo, idade, raça, crença religiosa, origem étnica, condição social e de fortuna, lugar de domicílio, confissão filosófica, a concentrarem os seus esforços, no sentido de imprimir à luta uma intensidade, elevação e ritmo que assegure a conquista da nossa Independência Nacional no mais curto espaço de tempo,

Condena energicamente todos os actos de divisionismo e de oportunismo no seio do nosso Movimento, por constituírem um obstáculo à luta eficaz e nas melhores condições contra o sistema colonial português e representar um apoio aos interesses e apetites declarados e não declarados dos inimigos do Povo angolano,

Reafirma que Angola é um território africano sob dominação colonial portuguesa e reafirma igualmente, o seu firme propósito de intensificar a luta por todos os meios e sem desfalecimentos para a conquista da Independência Nacional e liquidação de todas as formas de dominação no nosso País,

Fixa o dia 4 de Fevereiro de 1961 como dia do Nacionalismo Angolano e decide a organização e a estimulação de manifestações populares em Angola e África, a fim de exortar os Povos do nosso continente do sistema colonial e dos seus vestígios,

Recomenda ao órgão máximo do MPLA que exprima a sua gratidão aos povos e organizações dos países amigos, pelo apoio que vêm demonstrando à causa do Povo angolano,

Decide aprovar com emendas o relatório do Comité Director e a sua proposta de louvor aos nacionalistas angolanos que tombaram e se distinguiram no campo da luta pela nossa Independência Nacional e remeter para uma comissão de redacção, os textos apresentados pelas comissões políticas, desenvolvimento da luta e especial [sic], aprovados em plenário, para serem difundidos por toda a massa militante do nosso Movimento.

MENSAGENS RECEBIDAS

1 – Carta vinda dos camaradas Daniel CHIPENDA e António CONDESSE da prisão de N'Dolo/Léo;

2 – Mensagem de Me. Nelumba/Léo;

3 – Mensagem de Minga ANTOINE / Rabat e outras.

TELEGRAMAS ENVIADOS A:

1 – OUA

2 – Presidente Alphonse MASSAMBA DEBAT;

3 – “ Kwame NKRUMAH;

4 – Primeiro Min. Adoula

Enviaram-se ainda mensagens no fim ao Primeiro Ministro Pascal LISSOUBA /B. e a todas as organizações amigas.

DISTRIBUIÇÃO DAS COMISSÕES

I - COMISSÃO POLÍTICA

Rev. DOMINGOS DA SILVA

Dr. AGOSTINHO NETO

DESIDÉRIO DA GRAÇA

LÚCIO LARA

PAULO TSHIRINGUENO

MATIAS BUIITY (Secretário da Com.)

ANTÓNIO MENEZES

FRANCISCO BARROS

LOURENÇO FERREIRA

MOISÉS CASSULE (Relator da Com.)

BENIGNO VIEIRA LOPES (Pres. da Com.)

ALEIXO PASCOAL

ABÍLIO FERNANDES

SIMÃO NELUMBA

D.^a MARIA DA ROCHA

II – COMISSÃO DO DESENVOLVIMENTO DA LUTA

HENRIQUE CARREIRA

ANÍBAL DE MELO

PAULO MIGUEL JUNIOR

POLICARPO MBUILA

JOAQUIM NGOMA

Dr. EDUARDO SANTOS

JOSÉ PIMENTEL

FRANCISCO RANGEL (Secret. da Com.)

RUI DE SÁ (Rel. da Com.)

BRITO SOZINHO

JOSÉ FERREIRA

JACOB CAETANO

JOSÉ PASCOAL

CARLOS ROCHA

CRISTINA ODETE

ARSÉNIO MESQUITA

JOÃO GONÇALVES BENEDITO

(Pres. da Com.)

NICOLAU GOMES SPENCER

CIRILO DA CONCEIÇÃO E SILVA

III – COMISSÃO ESPECIAL

LÚCIO LARA

ADRIANO PEDRO,

FLÁVIO FERNANDES

PEDRO MANUEL

CIEL DA CONCEIÇÃO

CARLOS A. MONTEIRO (TO-TOY)

MIGUEL BAYA

ARISTIDES CADETE (Rel. da Com.)

FILIFE FLORIBERT

INÁCIO CATOALA

FILIFE MARTINS (Pres. da Com.)

D.^a MARIA JUDITE SANTOS

(Secret. Com.)

NICOLAU GOMES SPENCER

CIRILO DA CONCEIÇÃO E SILVA

ROQUE MANUEL NTCHIENDO

COMITÉ PREPARATÓRIO DA CONFERÊNCIA DE QUADROS

1 - ANTÓNIO CONDESSE

2 - CARLOS ROCHA

3 - CIRILO DA CONCEIÇÃO E SILVA

4 - DANIEL JÚLIO CHIPENDA

5 - ANTÓNIO MIGUEL BAYA

6 - NICOLAU SPENCER

7 - ROQUE MANUEL NTCHIENDO

LISTA DOS MEMBROS DA MESA

1 – DR. EDUARDO MACEDO SANTOS (PRESIDENTE)

2 – ADOLFO DE MORAIS (REPRESENTANTE DE BRAZZA)

3 – MM. MARIA DA ROCHA (REPRES. DA OMA)

4 – MATIAS BUIITY (REPRES. DE PONTA-NEGRA)

5 – FRANCISCO RAMOS BARROS (REPRES. DA JMPLA)

6 – SIMÃO NELUMBA (REPRES. DO CVAAR)

7 – ANTÓNIO MIGUEL BAYA (REPRES. DO EXTERIOR)

8. – JACOB CAETANO JOÃO (REPRES. DO EPLA)
9. – ARSÉNIO MESQUITA (REPRES. DO SINDICATO)

N.B. Os três últimos 7, 8 e 9 membros do Secretariado da Conferência de Quadros são os Vice-Presidentes da Mesa.

Foram eleitos Presidente e 1º Vice-presidente do MPLA respectivamente
DR. AGOSTINHO NETO
RV. DOMINGOS DA SILVA¹

B./VILLE; 22.1.64 – C.S.

PROCLAMAÇÃO AO POVO ANGOLANO

ANGOLANOS!

POVO DE ANGOLA!

A hora é grave para O NACIONALISMO ANGOLANO!

Se prometedoras esperanças se prevêem, numerosos perigos se acumulam no céu da nossa pátria!

COMBATENTES DA LIBERDADE!

Desde a heróica data de 4 de Fevereiro, em que um punhado de bravos reacendeu a chama da luta contra a opressão e a exploração colonial, o povo angolano empenhou-se definitivamente na luta decidido a liquidar a opressão e os seus vestígios e a restabelecer a sua dignidade espezinhada e assim enfileirar livre ao lado dos povos livres, na construção dum MUNDO MELHOR.

Respondendo com a guerra à guerra o POVO ANGOLANO honrou a memória gloriosa dos seus antepassados que morreram em defesa dos interesses sagrados da pátria.

COMBATENTES ANGOLANOS!

POVO HERÓICO DE ANGOLA!

Três anos se passaram depois das heróicas jornadas de Fevereiro: milhares de irmãos foram assassinados, morrendo num combate desigual contra as forças da tirania e da opressão. Milhares de inocentes, velhos, mulheres e crianças pagaram com a vida a sua vocação intransigente à liberdade e à justiça.

A firmeza do POVO ANGOLANO e a acção consequente do MPLA na defesa das suas justas reivindicações mobilizaram a solidariedade internacional a nosso favor. O POVO DE ANGOLA é hoje um exemplo vivo para todos os povos oprimidos.

Os países africanos vêm correspondendo aos apelos feitos pelo MPLA para uma acção concertada contra Portugal. Por toda a parte se erguem vozes de apoio e simpatia

à justa luta que travamos contra o inimigo, cuja barbaridade ultrapassa os testemunhos tristemente inscritos na história da humanidade.

Mas POVO DE ANGOLA! É nas tuas mãos que se encontra a solução para liquidar a tirania e a opressão. É com o teu sangue, o teu músculo e o teu nervo que conseguirás varrer para sempre do solo da tua Pátria, as humilhações, as iniquidades e injustiças de que sofres desde há séculos. Por maior que seja o apoio estrangeiro à tua luta, ele não te substitui. Só a tua dedicação, o teu esforço perseverante e permanente, a tua obsessão na defesa da tua dignidade ultrajada permitirá que a tua terra seja iluminada por uma estrela de brilho inigualável.

ANGOLANOS!

Os colonialistas portugueses montaram um dispositivo de guerra superior às suas possibilidades e prosseguem freneticamente numa acção de genocídio sem precedente na História. Este facto, somado à intervenção do imperialismo e à imperfeita organização dos nossos dispositivos de combate contribui para que os focos de resistência armada permaneçam confinados quase exclusivamente a uma área do noroeste do nosso País.

Os colonialistas portugueses mantêm e desenvolvem uma acção psicológica destinada a desmobilizar a espontaneidade revolucionária do POVO ANGOLANO: a abolição do Estatuto Indígena, o abortamento de leis reformistas são bem manifestações concretas dessa acção psicológica que visa também aparentar um ajustamento com o momento histórico actual.

Essa diversão colonialista e imperialista obriga-nos a intensificar a luta por todos os meios e em todos os domínios, dotando-a dum conteúdo político que repudie vigorosa e vivamente qualquer solução que represente a capitulação perante o inimigo, seja qual for a sua capacidade de exterminação.

Ao levantar-se contra o sistema colonial português, o MPLA proclamava a sua decisão de prosseguir a luta até ao estabelecimento no País de um regime que garanta ao seu POVO o exercício das liberdades democráticas e o seu direito de determinar o sentido da sua vida em plena igualdade com todos os POVOS e Países do mundo. Isso é incompatível com toda a formação política alienada dos interesses fundamentais do seu POVO, expressa em forma de governo ou não. O MPLA não reconhece nenhum governo que não tenha como origem a vontade e a expressão livre do POVO ANGOLANO.

O MPLA, ao aceitar cooperar fraternalmente com todas as organizações políticas angolanas na base dum programa que estabelece como objectivo fundamental a independência imediata e completa de Angola, manifesta honestamente a sua preocupação de constituir os elementos sólidos para a edificação política, económica e social do futuro Estado Angolano.

O MPLA condena no entanto, os agrupamentos que servindo-se da simpatia suscitada pela nossa luta de libertação nacional, se atribuem uma representatividade que não possuem de facto e utilizam a mentira, a intriga, a corrupção, a exploração dos sentimentos negativos do POVO e incitam o terror para fazerem crer que são os únicos que lutam contra o sistema colonial português. Esses agrupamentos ao agirem desse modo não pretendem senão criar um clima de confusão no seio do nacionalismo

¹ Entrava aqui o editado sobre o Presidium de Honra, que integrámos no seu lugar.

angolano e assim facultarem a penetração e a expansão económica do imperialismo no nosso País. Ao minarem as bases para uma acção unida, ao inspirarem acções de carácter tribalista, religioso e racista, eles engrandecem aos olhos do imperialismo e corroem os alicerces do futuro Estado Angolano.

O MPLA denuncia o carácter não representativo de um agrupamento fantoche que se intitula “governo provisório” constituído na sua larga maioria por angolanos imigrados e que, por esse facto, confundem a realidade angolana com os países em que nasceram e se desenvolveram.

O MPLA denuncia a luta fratricida provocada por esse agrupamento e a sua inteira submissão a interesses estrangeiros.

O MPLA responsabiliza o Governo do Congo-Léopoldville pela sua parcialidade e pelas ingerências sistemáticas e flagrantes no problema angolano, impedindo que muitos destacamentos armados do MPLA cheguem aos locais onde devem prestar socorro aos combatentes.

COMBATENTES ANGOLANOS! POVO HERÓICO DE ANGOLA!

A divisão existente no nacionalismo angolano, mais aparente do que real, é obra dos interesses estrangeiros na nossa terra. Não há nenhuma razão válida que nesta etapa da nossa luta justifique uma divisão. Todo o nosso POVO deseja ardentemente viver livre e senhor dos seus destinos. Fora de Angola esses inimigos, auxiliados por Angolanos que perderam o sentido patriótico e que põem acima de tudo os seus interesses e ambições pessoais, tem procurado, não sem sucesso, agudizar a divisão. Eles desenvolvem uma actividade poderosa para impedirem que os quadros revolucionários do MPLA regressem aos locais de combate, nas matas.

No interior de Angola, porém, perante a dureza da presença dos nossos inimigos, a união entre as forças combatentes é mais sólida e mais difícil de quebrar.

Nas horas decisivas que atravessamos, o MPLA faz um premente apelo a todos os patriotas, para que desmascarem e combatam o divisionismo, castigando duramente todos aqueles que queiram semear em Angola o gérmen da divisão.

A SALVAÇÃO DE ANGOLA É OBRA COMUM DE TODO O NOSSO POVO!

Que cada angolano, jovem, velho, mulher ou criança, operário ou camponês, comerciante ou funcionário, civil ou soldado, trabalhador manual ou intelectual, que todo o angolano dê o seu contributo à luta contra os inimigos do nosso POVO, NUMA UNIÃO FRATERNAL, ORGANIZADA E ACTIVA.

A Conferência de Quadros do MPLA exorta o POVO ANGOLANO a pôr de lado todos os preconceitos e questões mesquinhas, e a constituir GRUPOS DE UNIDADE que, sem atender a questões partidárias, ponham imediatamente em execução planos de acção revolucionária que expandam a luta armada em todo o País.

COMBATENTES ANGOLANOS! POVO ANGOLANO!

A Conferência de Quadros do MPLA rende a mais sentida homenagem a todos os que tombaram no cumprimento do dever, vítimas dos reaccionários colonialistas ou das traiçoeiras balas fratricidas! Ao mesmo tempo a Conferência de Quadros saúda entusiasticamente os heróis combatentes que nas matas ou nas cidades se mantêm firmes nos seus postos. A Conferência de Quadros do MPLA exorta o POVO ANGOLANO a redobrar de sacrifícios, a aguentar todos os sofrimentos e privações a fim de realizar os seguintes objectivos:

- 1 - Intensificar POR TODOS OS MEIOS a luta de libertação Nacional, desencadeando, em cada momento e em cada lugar, combate sem tréguas a todos os colonialistas, ao imperialismo e seus agentes, aos divisionistas, aos derrotistas, aos oportunistas e aos traidores.
- 2 - Lutar sem desfalecimentos pela Unidade de todo o POVO numa ampla e representativa FRENTE DE LIBERTAÇÃO NACIONAL.
- 3 - Desenvolver permanentemente a consciência revolucionária e a força militar do POVO, para constituir um poderoso Exército Revolucionário que possa garantir todas as aquisições da Revolução.
- 4 - Seguir rígida e escrupulosamente as instruções dos comissários políticos do nosso Movimento!
- 5 - COMBATER O TRIBALISMO, O REGIONALISMO E O SECTARISMO QUE IMPEDEM A REALIZAÇÃO DA UNIDADE DAS FORÇAS PATRIÓTICAS E O DESENVOLVIMENTO DA NOSSA LUTA, A QUAL DEVE CONSTITUIR UMA PREOCUPAÇÃO PERMANENTE DOS DIRIGENTES DE CADA CÉLULA REVOLUCIONÁRIA!

COMBATENTES ANGOLANOS! COMPATRIOTAS OPRIMIDOS E EXPLORADOS!

O MPLA proclama uma vez mais a sua decisão inabalável de continuar a lutar, sem desfalecimentos, na vanguarda do NOSSO POVO, até à liquidação de todos os vestígios de dominação colonial e à instalação em Angola de um regime verdadeiramente democrático, que garanta o PÃO, A INSTRUÇÃO, A HABITAÇÃO, A UNIDADE, A FELICIDADE PARA O NOSSO POVO.

VITÓRIA OU MORTE!
MORTE AO COLONIALISMO PORTUGUÊS!
VIVA A UNIDADE DO POVO ANGOLANO!
VIVA A INDEPENDÊNCIA DE ANGOLA!

A CONFERÊNCIA DE QUADROS DO MPLA

10 de Janeiro de 1964

Lei de Disciplina do Combatente

[policopiada]

[Sem Data – após a Conf. de Quadros de Janeiro 1964]

MPLA LEI DE DISCIPLINA DO COMBATENTE

LEI DE DISCIPLINA DOS DESTACAMENTOS POLÍTICOS-MILITARES

Princípios gerais que regem a disciplina interna do MPLA, consignados no texto sobre “disciplina interna” aprovado na Primeira Conferência de Quadros, realizada em Brazzaville de 3 a 10 de Janeiro de 1964:

- 4 – Cumprimento das decisões da maioria, mesmo pela minoria discordante.
- 5 – Subordinação dos órgãos inferiores aos órgãos superiores.
- 8 – Guarda rigorosa dos segredos da vida do Movimento. Cada militante deve conservar o maior sigilo sobre todas as questões internas do Movimento e sobre as tarefas que lhe são confiadas, nunca falando delas, sobre pretexto algum, senão àqueles que lhes confiaram.
- 9 – Vigilância e controle permanentes por parte dos responsáveis, sobre o cumprimento das tarefas pelos militantes e, reciprocamente, vigilância e controle permanentes por parte dos militantes sobre o cumprimento dos deveres por parte dos responsáveis.
- 10 – Rigoroso controle de todas as operações financeiras de todos os órgãos do MPLA, em todos os escalões, seguindo o método simples de registar e justificar documentalmente todas as despesas e todas as receitas.
- 11 – Nomeação de responsáveis por categorias de bens do Movimento. Sanções severas a todos os militantes que não justifiquem convenientemente o desaparecimento ou a deterioração dos bens confiados à sua guarda.
- 12 – Distribuição prudente das missões delicadas, [a]tendendo sempre à capacidade do militante para o seu desempenho. Uma tal preocupação não só permite que se exijam responsabilidades pelo mau cumprimento ou pelo não cumprimento das referidas missões, como também não permite que o militante designado se furte, sob qualquer pretexto, à execução da missão para que foi escolhido.
- 13 – Combate intransigente à provocação, à calúnia, à intriga e ao boato. Combate intransigente ao oportunismo, ao dogmatismo, ao divisionismo e à demagogia no interior do MPLA.
- 14 – Vigilância revolucionária sobre todos os elementos vindos de outros partidos ou que regressem ao MPLA após afastamento, até se adquirir a certeza de que não estão ao serviço do inimigo. Em caso algum tais elementos devem ser postos imediatamente em contacto com os militantes encarregados de problemas importantes do Movimento, não se devendo também confiar-lhes a execução de qualquer tarefa delicada, antes de haver a certeza da sua boa-fé. As mesmas precauções deverão ser tomadas em relação aos novos membros.

- 15 – Reserva revolucionária perante os indivíduos expulsos do MPLA, e perante outros inimigos conscientes ou inconscientes do Movimento.
- 16 – Todos os responsáveis deverão esforçar-se por não tomar decisões importantes para a vida do MPLA, sem discussão preliminar com os órgãos competentes, que lhes garanta que estão agindo em contacto com a massa militante.
- 17 – Abolição radical de qualquer espécie de favoritismo que possa ter lugar por razões de parentesco, regionalismo, amizade pessoal ou apadrinhamento. Combate contra o espírito de grupo que leva à formação de facções no MPLA.
- 18 – Culto da disciplina, da fraternidade e da camaradagem no seio do Movimento. Abolição de atitudes ou privilégios que tenham por base diferenças sociais, culturais ou outras. Acção constante em prol da elevação do moral dos companheiros e do povo. Respeito pelos bens e em particular pelos bens alheios do Movimento.
- 19 – Respeito pelos direitos conferidos aos militantes pelas leis do MPLA, incluindo o direito de depor livremente e de se defender de qualquer acusação. Recusa de toda a reclamação que não seja apresentada pelo militante a que diz respeito.
- 20 – Punição imediata de toda a infracção à disciplina do MPLA. Louvor oportuno de todo o militante que se distinga na execução de tarefas delicadas. O único critério de apreciação de um militante será, em cada momento, o modo como cumpre os seus deveres, bem como o seu apego à luta, independentemente do cargo que ocupa ou de quaisquer considerações de ordem regional, tribal, rácica ou outra.

DA DISCIPLINA DO COMBATENTE

BASE I – CONDUTA. APRESENTAÇÃO E RESPEITO

Deveres dos combatentes em relação à bandeira, hino e responsáveis

- Art. 1 – A bandeira e os estandartes são os emblemas oficiais da Organização e por isso do nosso País. A eles são devidas honras especiais.
À passagem de uma bandeira, o combatente deve-se colocar numa posição de respeito – sentido –, olhar garbosamente para ela e se as circunstâncias o permitirem, dizer em voz alta: VITÓRIA OU MORTE.
Em presença duma bandeira do MPLA, qualquer grupo organizado e armado deve imediatamente apresentar armas. As bandeiras devem ser guardadas com o máximo cuidado e respeito pois elas representam o País.
- Art. 2 – Os combatentes do MPLA devem respeito e obediência aos seus responsáveis. A autoridade dos responsáveis vem do consentimento mútuo e da certeza que um acto de submissão a um superior não é mais do que a expressão da vontade popular.
Se o combatente deve dirigir-se a um responsável com deferência, o responsável deve dirigir-se ao combatente com correcção.

Saudação

Art. 3 – A saudação é um sinal exterior de respeito e disciplina.

Um combatente isolado deve fazer a continência aos seus superiores. O combatente integrado num contingente armado ou não, deve obedecer às regras de saudação ditadas pelo seu responsável.

armadodesarmado

Se o responsável é de escalão da Região, deve fazer sentido

Se o responsável é do escalão da Direcção deve fazer apresentar armas

O contingente deve fazer sentido, e os seus responsáveis continência

Art. 4 – O combatente trata os seus companheiros da maneira seguinte:

- a) dirigindo-se directamente aos comandantes: “camarada comandante”.
- b) referindo-se a um dos chefes, dirá: “o nosso camarada comandante”.
- c) dirigindo-se directamente ao Comissário Político, dirá: “o camarada comissário”.
- d) quando se refere ao Comissário Político, dirá: “o nosso camarada comissário”.
- e) dirigindo-se directamente a um qualquer responsável, dirá: “o camarada responsável”.
- f) referindo-se a um responsável, dirá: “o nosso camarada responsável”.
- g) dirigindo-se a um combatente do mesmo posto, dirá: “o camarada”.
- h) referindo-se a um combatente do mesmo posto, dirá: “o nosso camarada”.

Deveres do combatente consigo próprio e em relação aos seus camaradas.Dignidade e orgulho. Atitudes do combatente no exterior.

Art. 5 – O trato entre os combatentes e a sua apresentação exterior são um sinal da sua consciência revolucionária e do seu espírito de disciplina.

Art. 6 – Durante as horas de trabalho, em missão ou dias de festa, os combatentes devem estar devidamente fardados.

Art. 7 – O fardamento é o determinado oficialmente, e deve estar limpo e completo.

Art. 8 – Os combatentes devem-se saudar sempre que se cruzem. A saudação normal é o aperto de mão. Aos superiores devem os combatentes de qualquer posto uma continência, seguida ou não dum aperto de mão.

A continência deve ser feita com garbo e olhar levantado. Ela consiste em levar a mão espalmada e dedos unidos à parte direita da frente; o braço mantém-se levantado e na linha do ombro.

Art. 9 – Os combatentes são membros duma mesma nação e irmãos de luta dum mesmo ideal. Nas suas palavras e acções devem-se comportar como tal, defendendo-se contra inimigos e adversários e defendendo o ideal por que luta o MPLA.

Art.10 – O combatente deve sentir-se a todo o momento orgulhoso de pertencer ao MPLA e de realizar as tarefas que a luta exige.

Art.11 – Fora dos destacamentos, no interior ou no exterior do País, o combatente deve seguir a disciplina do MPLA e respeitar as leis dos países amigos, dignificando sempre a organização de que é membro e defendendo os princípios que a regem.

Art.12 – O combatente não deve atingir a honra e a dignidade pessoal doutro combatente.

Art.13 – O combatente deve colocar o interesse da luta acima do interesse individual e da amizade pessoal.

BASE II – RECOMPENSAS. CONDECORAÇÕES. PUNIÇÕES

Art.14 – As recompensas e punições têm por fim não só reforçar os meios que a disciplina e a educação dão aos responsáveis para agir sobre os seus subordinados, mas também para fazer prevalecer uma justiça equitativa. As recompensas estimulam o zelo, a dedicação, a pontualidade e o respeito. As punições corrigem a conduta, combatem e reprimem as faltas ao dever e à lei.

Art.15 – As recompensas são da seguinte natureza:

- a) citações na ordem de serviço por actos de coragem e abnegação.
- b) felicitações verbais, testemunhando a satisfação pelo comportamento ou espírito de disciplina.
- c) licenças de toda a espécie: disciplinares, visitas à família, afazeres pessoais e outras a determinar em ordem de serviço.

Art.16 –As diferentes licenças são dadas da seguinte forma:

| Natureza | beneficiário | responsável que concede |
|---|--------------|--|
| Licença de 24 a 36 horas | Todos | Comando do destac. |
| Dispensa de trabalho durante um dia | Todos | O Comando do Destac. e na sua ausência um responsável mais graduado. |
| Licença de pernoitar fora do aquartelamento | Todos | Comando do Destac. |
| Dispensa de assistir a refeições | Todos | Comando ou um responsável delegado. |
| Licenças de mais de 36 horas | Todos | Comando de Região ouvido o Conselho disciplinar respectivo |
| Licença de mais de 15 dias | Todos | Comando Operacional ouvido o Conselho disciplinar respectivo |

Condecorações

Art.17 – Todo o combatente pode ser condecorado pela Direcção por actos de bravura, espírito revolucionário exemplar, tempo de permanência nas fileiras, etc., segundo o determinado legalmente. Nos actos de condecoração devem ser ouvidos os conselhos disciplinares respectivos.

Punições

Art.18 – As faltas classificam-se da seguinte maneira:

- a) Falta de respeito às leis, aos responsáveis e à população.
- b) Manifestação pública, sob qualquer forma, de opiniões que prejudiquem a disciplina ou que são contrárias aos princípios estatutários e programáticos do MPLA.
- c) A mentira ou a dissimulação de faltas.
- d) A divulgação de informações secretas ou confidenciais.
- e) Infracções aos regulamentos militares ou ao determinado nas ordens de serviço.
- f) Inércia, preguiça, má vontade, negligência no serviço.
- g) Faltar à dignidade da luta e dos destacamentos: embriaguez, rixas, zaragatas, brincadeiras de mau gosto, intriga, desvio de dinheiro e material, etc.
- h) Não observação das regras de polícia da organização ou países que nos alberguem.
- i) O atribuir-se responsabilidades não determinadas superiormente.

Direito de punir e exercício desse direito

Art.19 – Todo o combatente, responsável ou não, tem o dever de contribuir para a manutenção da disciplina, indicando as suas próprias faltas ou as faltas dos outros. Os responsáveis devem punir com prontidão os seus subordinados.

Art.20 – Toda a punição infligida ou pedida necessita da abertura dum auto de corpo-delito.

Art.21 – O infractor deve ser ouvido antes de ser aplicada a pena.

Determinação das penas

Art.22 – Os responsáveis devem agir de forma a prevenir as faltas. Logo que são obrigados a punir, devem inspirar-se nas seguintes considerações:

- a) Justiça e imparcialidade. As punições não são actos de autoridade pessoal. Os responsáveis não são senão agentes de execução dos regulamentos. A punição é proporcional à gravidade da falta e às circunstâncias em que é cometida.
O responsável deve ter em conta os antecedentes do combatente a punir, do seu comportamento habitual, do seu carácter e do tempo de permanência nas fileiras. A primeira punição deve ser maduramente estudada dada a importância que ela reveste aos olhos do combatente.

- b) Certas circunstâncias são de natureza a agravar a falta, como por exemplo: se há reincidência, se é praticada publicamente, se é colectiva.
- c) Em nenhum caso faltas individuais podem determinar penas colectivas.
- d) Todas as punições podem ser suspensas ou retiradas pelos órgãos superiores aos que as determinaram.

Punições

Art.23 – São os seguintes, os diversos tipos de punição:

- a) Advertência oral.
- b) Repreensão simples e oral.
- c) Repreensão em parada. É escrita, registada nas fichas individuais e implica detenção no aquartelamento.
- d) Prisão simples. É registada e pode implicar despromoção. Implica detenção posterior no aquartelamento.
- e) Prisão rigorosa. É registada, implicando detenção posterior e despromoção.
- f) Suspensão do direito de combater. Registada.
- g) Expulsão. Registada. Da responsabilidade da Direcção depois de ouvido o Conselho disciplinar.
- h) Pena de morte por fuzilamento. A determinar em lei especial.

| NATUREZA | A QUEM É DIRIGIDA | RESPONSÁVEL QUE PUNE |
|----------------------|--|--|
| Advertência | Todos | Todos |
| Repreensão simples | Todos | Todos |
| Repreensão registada | Todos | A partir do Comando de zona |
| Prisão simples | Todos excepto os comandos | A partir do Comando de zona ouvido o Conselho disciplinar respectivo |
| Prisão rigorosa | Todos e os desertores ou inimigos desarmados | A partir do Comando de zona ouvido o Conselho disciplinar respectivo |
| Suspensão | Todos | Comando Operacional, ouvido o Conselho Disciplinar respectivo |
| Expulsão | Todos | Comité Director, ouvido o Conselho Disciplinar respectivo |
| Pena de Morte | Todos e inimigos [acrescentado à mão] | Comité Director (regulamentação especial) |

Dos conselhos disciplinares.

Art. 24 – Os conselhos disciplinares são órgãos de consulta na determinação das penas e recompensas.

Art. 25 – Os conselhos zonais e regionais devem ser assim constituídos:

- a) se o delincente é combatente, pelo comandante, comissário político e um combatente.
- b) se o delincente é pessoa do povo, pelo comandante, comissário político e uma pessoa do povo.
- c) em qualquer dos casos é sempre permitida a constituição da defesa.

Art. 26 – Todos os organismos do MPLA devem adaptar as suas determinações ao disposto nesta LEI.

CUMPRASE!

ADITAMENTO À LEI DE DISCIPLINA

Antes da BASE I da disciplina do Combatente, deve ser incluído o seguinte capítulo:

FUNDAMENTOS DA DISCIPLINA DO COMBATENTE

O guerrilheiro do MPLA:

- 1 – Combater para a vitória do Povo angolano na luta de libertação Nacional, segundo os princípios defendidos pelo MPLA.
- 2 – Está pronto para dar a vida na defesa do Povo angolano e dos ideais da luta defendidos pelo MPLA.
- 3 – Em todas as suas acções cumpre e faz cumprir sem hesitação, as leis revolucionárias e as ordens dos seus chefes.
- 4 – Sendo filho do povo, não explora, não maltrata nem ofende as pessoas do Povo.
- 5 – Respeita moral e fisicamente os velhos, as mulheres e as crianças.
- 6 – Não se apropria nem destrói o que pertence às pessoas do povo.
- 7 – Defende todos os bens de Angola: hospitais, casas, escolas, lavras e todo quanto valorize a Pátria e só destrói por necessidade da luta.
- 8 – Trabalha para a melhoria das condições de vida do Povo Angolano, encorajando-o a participar na luta.
- 9 – Devolve prontamente e em bom estado tudo quanto lhe é emprestado e não contrai dívidas.
- 10 – Repara prontamente todos os prejuízos que causa.

11 – Pratica a limpeza e é correcto na linguagem e nas atitudes.

12 – Não se embriaga com vinho ou com diamba, nem briga.

13 – Combate o tribalismo, o regionalismo ou o racismo.

14 – É disciplinado, pratica a camaradagem e defende a moral do seu destacamento e o das populações.

15 – Trata os seus chefes e os seus subordinados com fraternidade e consideração.

16 – Não usa para fins pessoais os bens do MPLA, e entrega aos Comandos tudo quanto apanhar ao inimigo.

17 – Vela pela existência do material do MPLA e responde pela conservação do material que lhe é distribuído pelo MPLA.

18 – Não se rende sem combate.

19 – Não abandona um companheiro de combate em dificuldades.

20 – É bravo no combate e magnânimo na vitória; não mata nem maltrata um inimigo desarmado ou que tenha desertado.

21 – Quando fizer prisioneiro um inimigo deve conduzi-lo à presença do seu Comando tão rapidamente quanto for possível.

22 – Quando for feito prisioneiro, não deve revelar nenhum segredo da Organização, mesmo quando submetido a torturas.

O CORREIO DO GUERRILHEIRO E OUTROS ESCRITOS

1 – A situação de guerra em que se encontra o MPLA exige que seja guardado o maior sigilo sobre todos os problemas das zonas de combate, pelo que todo o correio e pedido das zonas operacionais deve ser entregue aberto ao Comissário Político ou a quem o Comando designar, para censura.

2 – Sempre que entendam, devem os Comandos controlar a correspondência que chegar às zonas operacionais, e em casos especiais pode ser censurado o correio de ou para os militantes do MPLA fora das zonas operacionais.

3 – Todos os escritos ou declarações públicas da parte dos militantes do MPLA estão sujeitos a aprovação do Comando Operacional ou da Direcção do Movimento.

ESTE ADITAMENTO DEVE SER DIVULGADO EM TODOS OS ESCALÕES DO MPLA E EM ESPECIAL NAS ZONAS OPERACIONAIS.

Carta de Luís de Almeida a “Caros Companheiros”

[dactilografada]

B'dorf, 10/1/63 [deve ser 1964]

Caros Companheiros!

Fazendo votos que o Novo Ano nos traga a todos a concretização dos nossos esforços e que o Povo do nosso País reconquiste a sua total liberdade, dignidade e se engaje na via do progresso são os meus votos de militante e de companheiro de luta!

Cá me encontro ainda em virtude de o estado da minha Filha inspirar sérios cuidados a pontos de ter de ser operada de urgência, única maneira de se poder ainda salvá-la e tentando igualmente arranjando ajudas para cobrir as despesas, cerca de 10.000 marcos!

Conto todavia regressar muito em breve pois a minha ausência da Argélia já está a fazer-se sentir particularmente, para lá poder continuar a defender as nossas cores e a nossa linha face a essa avalanche imperialista de desmoronamento do Movimento.

Pelos camaradas daqui soube que a Conferência de Quadros se realizou já a 3, 4 e 5 do corrente mês. É inútil de dizer-vos o quanto isso vem levantar o Movimento tanto se esperou entre os nossos Amigos e tanto isso pode constituir um passo à frente de clarificação e redefinição da linha sempre seguida. Vamos para frente Companheiros e por favor dêem-nos trabalho para podermos continuar com o mesmo vigor e determinação defender a nossa linha e parar com essas manobras dos nossos inimigos e clarificar essa confusão incrível que existe entre aqueles que deveriam por princípio serem os nossos melhores Amigos, por exemplo a Argélia. Esta não está ainda perdida mas perdemos uma certa margem de confiança por parte deles que é necessário reaver com vigor e determinação.

Como deveréis saber, o que foi convidado chamar o meu chefe espiritual deverá ir visitar os zaires, depois de ir dar um salto até ao meu poiso habitual e ver o que pode arrancar das bebidas dos vinhos para depois ver-se em como pairam as modas e com quem contar.

O tubarão cresce ou antes com a sua máquina de propaganda fazem-no crescer. Já se fala numa visita aos confins do império celeste, de sua ajuda etc., etc. A propósito, nunca cheguei a obter resposta à minha carta anunciando lugares para vinte “monangambas” de que mais o Haga havíamos falado. Eles ficaram de obter uma resposta para se proceder as passagens.

Estive com os estudantes. Reunimo-nos e todos estamos pensando que uma unidade se deve refazer mesmo depois de ataques vergonhosos e injuriosos, única maneira de impedir-se, nesta fase, a uma luta sem tréguas entre elementos com o mesmo ideal. Tal união poderia igualmente significar muita coisa que por portador direi ou se puder ir até aí, pois ainda poderemos rattrapper o caminho e os nossos aliados desejam que a unidade se faça o mais depressa possível para mais eficazmente a ajuda ser pronta. Aliás este ponto de vista já por várias vezes o expliquei e creiam-me faço-o por pensar que deve ser essa a única maneira de sairmos, no plano externo, deste beco de saída em que nos encontramos. Nessa reunião de Frankfurt saiu um documento, aliás infeliz, mas isso foi consequência duma série de cartas recebidas de Rabat onde se fazia estado duma

carta do CD ao Mingas dirigida e da atitude deste em retirar o passapa e não desejar dá-lo. Hoje os Companheiros de Rabat reconhecem que exageraram e aqui estamos para nos desculparmos deste acto infeliz. Mas isso em vez de ser uma atitude mostra simplesmente o interesse que temos em levar os nossos dirigentes a “foncer” e dentro daquele espírito de crítica e de auto-crítica que deve presidir ao nosso Movimento. Mas não levem a mal isso!

Quanto à presença do Graça na reunião, ela explica-se pelo nosso desejo de ver a unidade refeita dentro do movimento sem exclusivos, uma vez que a existência mesmo de um só indivíduo de categoria do V. pode fazer mal como aliás se viu. E eu creio de todo o coração que só na unificação total das correntes do Movimento poderemos sair desta fase e provocar um bouleversement em tudo. E ainda estamos a tempo de o fazer pois não posso por carta melhor exprimir-me esperando melhor altura de o fazer.

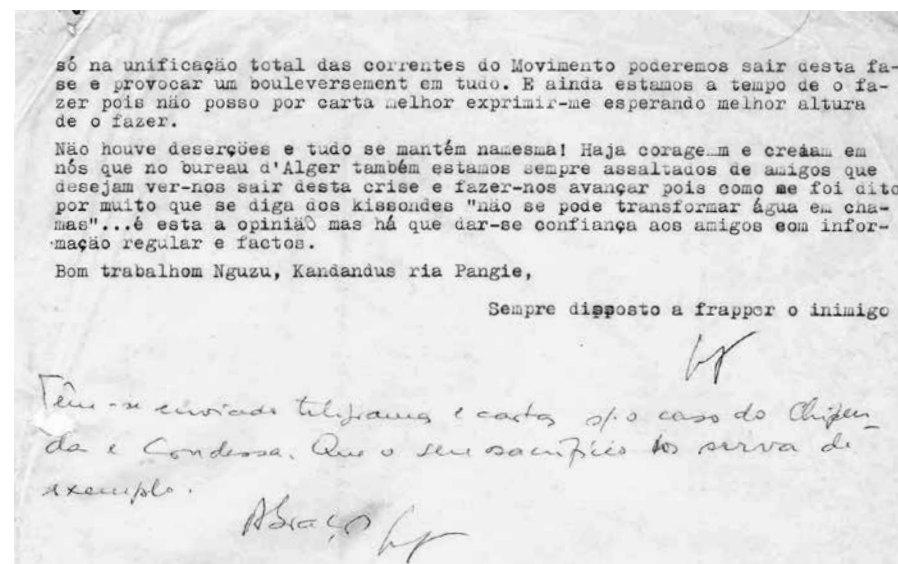
Não houve deserções e tudo se mantém na mesma! Haja coragem e creiam em nós que no bureau d'Alger também estamos sempre assaltados de amigos que desejam ver-nos sair desta crise e fazer-nos avançar, pois como me foi dito por muito que se diga dos Kissondes “não se pode transformar água em chamas”... é esta a opinião, mas há que dar-se confiança aos amigos com informação regular e factos.

Bom trabalho Nguzu, Kandandus ria Pangie

Sempre disposto a frapper o inimigo

[rubrica de Luís de Almeida]

[Nota manuscrita: Têm-se enviado telegramas e cartas s/ o caso do Chipenda e Condessa. Que o seu sacrifício nos sirva de exemplo. Abraços. (Rubrica)]



Carta de Lúcio Lara ao Embaixador do Vietname

[dactilografada, em francês, em papel timbrado do MPLA]

Departamento: BP

Brazzaville, 11 de Janeiro de 1964
A Sua Excelência
NGUYEN THUONG
Embaixador Extraordinário e Plenipotenciário
da R. D. do Vietname em Conakry

Excelência e Caro Amigo,

Apenas agora me foi oferecida a oportunidade de lhe agradecer infinitamente as três brochuras que me enviou aos cuidados de minha esposa, assim como a sua carta 406/63.

Após o Governo Adoula ter reconhecido o pretenso governo Holden, passámos por muitas dificuldades de ordem externa e também de ordem interna, pois alguns camaradas não encontraram a coragem e a determinação necessárias para prosseguir o nosso combate numa linha justa.

Após o encerramento da nossa Representação em Léopoldville, tivemos de fazer um grande esforço para realizar uma importante Conferência de Quadros para analisar profundamente a situação e tomar as decisões que se impõem. Esta Conferência acaba de terminar e saímos dela fortalecidos e determinados a continuar a opor-nos firmemente à ingerência dos americanos imperialistas nos nossos assuntos.

Ainda a lutar contra os colonialistas portugueses, o nosso Povo já tem a pesada tarefa de suportar as investidas imperialistas que mobilizam todas as forças reacçãoárias para impedir o nosso reabastecimento a fim de neutralizar a nossa acção. Foi assim que fizeram reconhecer um governo fantoche que serve os seus intentos de impor uma via neocolonialista à nossa independência.

Contudo, o nosso combate não pára e nós venceremos.

O nosso Representante em Conakry pô-lo-á mais detalhadamente ao corrente da situação, se bem que a sua inexperiência não lhe permita dominar todos os aspectos do problema. Ele entregar-lhe-á alguns documentos para a sua documentação.

Ficáramos muito satisfeitos em continuar a receber informações sobre o desenvolvimento da situação no Vietname. Por conseguinte, peço-lhe que me envie regularmente as informações da Embaixada, assim como eventuais brochuras, mesmo pelo correio, para a Caixa Postal 388, Brazzaville.

Aproveito a ocasião para, no início deste novo Ano, formular os meus melhores votos de prosperidade para o Vosso País e seus Dirigentes, e de continuação das vitórias que o valente Povo Vietnamita continua a alcançar face aos imperialistas americanos. Rogo-lhe que transmita também os meus votos aos membros da Embaixada do Vietname em Conakry. Queira aceitar, Excelência e Caro Amigo, a expressão dos meus sentimentos mais fraternais.

Lúcio LARA

Membro do Gabinete Político do MPLA

Mensagem do GP do MPLA a Chu En Lai

[dactilografada, em francês – 2ª via]

O GABINETE POLÍTICO DO MPLA

A SUAS EXCELÊNCIAS
CHU EN LAI
Primeiro-Ministro da RPC
e CHEN YI
Ministro dos Negócios Estrangeiros da RPC

É com grande satisfação que endereçamos aos Altos Representantes da República Popular da China as nossas saudações calorosas e amigas, no momento em que, fazendo uma visita à África, se manifesta mais uma vez a profunda solidariedade que une o Povo Chinês aos Povos Africanos.

Ninguém, em África, pôde esquecer que a Conferência de Bandung em 1955 foi uma poderosa Frente anti-imperialista erguida pelos Povos da Ásia e da África contra os inimigos implacáveis da sua independência total.

Desde Bandung, os Povos da Ásia e da África acumularam numerosas vitórias contra os seus opressores.

Desde Bandung, dezenas de Países tomaram em mão os seus próprios destinos.

Contudo, outros Países continuam a combater pela sua independência que os colonialistas insistem em recusar e que os imperialistas cobiçam para dela tirarem proveito.

Com esses objectivos, em África como na Ásia, os imperialistas apostam em testas-de-ferro da sua confiança, que apoiam fortemente, com vista a enganar as massas, desmobilizando o ímpeto revolucionário do Povo e desvirtuando o conteúdo da independência paga a um preço muito elevado.

Angola, pela posição chave que ocupa no continente africano, pelas suas riquezas e situação estratégica, também ficou sob a cobiça imperialista cuja primeira tarefa foi a de dividir o nacionalismo angolano.

O MPLA, movimento de vanguarda, teve de suportar o enorme peso das investidas imperialistas que, não conseguindo impedir completamente o reabastecimento dos nossos partidários através do Congo-Léopoldville, fizeram reconhecer um pretenso “governo angolano no exílio”, de forma a canalizar a solidariedade dos Países amigos do nosso Povo para as forças que eles controlavam, de forma a neutralizar o MPLA, único movimento angolano autenticamente revolucionário.

Os planos imperialistas causaram enorme abalo às nossas estruturas, graças à cumplicidade dos seus agentes em Léopoldville; mas eles chocaram contra a firmeza e a determinação dos militantes do MPLA que continuam a combater não só os colonialistas portugueses mas também todos os que, servindo-se de um pretenso “governo angolano no exílio” ao qual o nosso Povo não concede nenhuma representatividade, pretendem criar desde já as condições para a implantação na nossa Pátria de um colonialismo de tipo novo.

A Conferência de Quadros do MPLA, que acaba de encerrar os seus trabalhos, fez uma profunda análise da situação actual face aos transtornos que afectaram a nossa luta e tomou importantes decisões com vista ao reforço da unidade interna, denunciando a ingerência imperialista por via do pretenso "governo" detestado pelo nosso Povo.

Foi aliás a nossa Conferência de Quadros que nos impediu de nos deslocarmos a um dos Países irmãos que tiveram a honra de Vos receber, a fim de Vos testemunhar a grande simpatia e a grande admiração que o nosso Povo manifesta em relação ao Povo Chinês e aos seus líderes bem amados. O exemplo da Revolução Chinesa está bem vivo no coração e no espírito do nosso Povo.

Os três anos de luta armada fizeram-nos sentir os efeitos abomináveis do intervencionismo americano que transformou o Congo Léopoldville numa base de agressão contra os povos do Congo, de Angola, das Rodésias e da África do Sul, mas os nossos Povos sairão vencedores.

Aproveitamos esta ocasião para Vos expressar o desejo do Gabinete Político do MPLA de manter uma conversa profunda sobre estes problemas com os nossos amigos da República Popular da China.

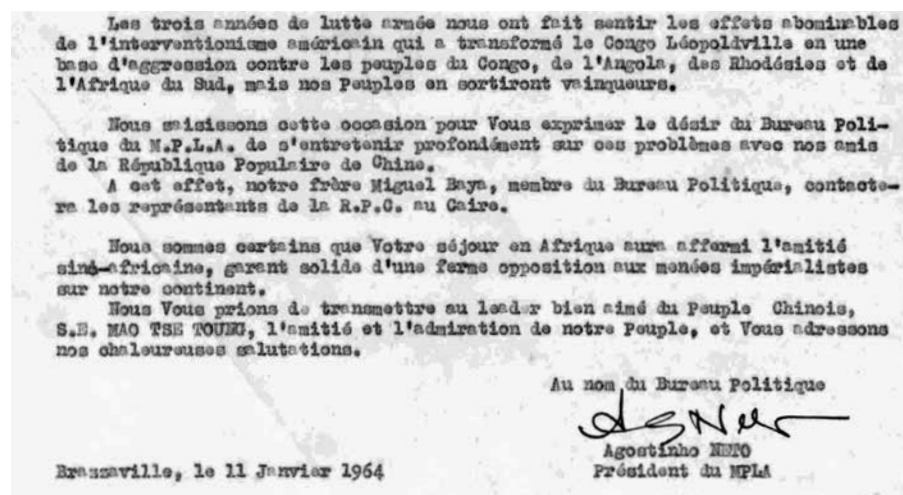
Para este fim, o nosso irmão Miguel Baya, membro do Gabinete Político, contactará os representantes da RPC no Cairo.

Estamos certos que a Vossa estadia em África terá fortalecido a amizade sino-africana, sólido garante de uma firme oposição às investidas imperialistas no nosso continente.

Solicitamo-vos que transmitam ao líder bem amado do Povo Chinês, S. Exa. MAO TSE TUNG, a amizade e a admiração do nosso Povo, e endereçamo-Vos as nossas calorosas saudações.

Em nome do Gabinete Político
Agostinho NETO [com assinatura]
Presidente do MPLA

Brazzaville, 11 de Janeiro de 1964



Carta de Lúcio Lara ao Embaixador da China

[cópia dactilografada, em francês]

Lúcio LARA
Membro do Gabinete Político do MPLA
a Sua Excelência
O Embaixador da República Popular da China
na República da Guiné

Excelência,

Tenho a honra de lhe solicitar que faça chegar a Suas Excelências o Primeiro-Ministro e o Ministro dos Negócios Estrangeiros da RPC a mensagem de que o nosso irmão é portador.

Lamentamos que a realização de uma importante Conferência de Quadros do MPLA, de 3 a 10 de Janeiro, nos tenha impedido de enviar um dirigente para saudar os Altos Representantes da RPC num dos Países irmãos que eles honraram com a sua visita.

Os graves acontecimentos sucedidos no seio do nacionalismo angolano e do nosso Movimento impediram-nos de manter um contacto mais estreito convosco, para vos esclarecer quanto ao fundo dos problemas que enfrentamos. Temos confiança que em breve poderemos fazê-lo.

O nosso irmão Brito Sozinho, que nos representa em Conakry, é portador de alguns documentos, sobretudo comunicados que vos esclarecerão sobre as dificuldades que devemos combater. A nossa luta, no entanto, continua com o mesmo ímpeto e a mesma confiança na vitória.

O nosso camarada Agostinho NETO encarregou-me de lhe enviar as suas melhores saudações.

Formulo os melhores votos de prosperidade do seu País e de prosperidade pessoal. Queira aceitar, Excelência, as minhas calorosas saudações.

Brazzaville, 11 de Janeiro de 1964 Lúcio LARA

Informação do Rev. Domingos da Silva

[dactilografada - 2ª via]

Plano do Rev. SILVA

1º Julho, salvo opinião contrária, que devo continuar a marcar a presença do MPLA no outro lado, mantendo os contactos com certas organizações como a CUNA e massas angolanas em geral, até mesmo permanente conversação com certos elementos do FDLA para manter acesa a chama da unidade, tudo na medida do possível.

Verifiquei com satisfação, que a minha presença no outro lado foi um desmentido formal às mentiras espalhadas pelos nossos inimigos, segundo as quais, todos os dirigentes do MPLA fugiram para salvar a pele, uns para Lisboa (A. Neto) e outros para algures de África aliás Angola – Luanda, abandonando as massas. Procuraram com estas mentiras apagar na mente das massas afectas à nossa causa a memória do MPLA.

2º Em sendo assim, o V. Pres. deve ser sempre avisado com antecedência a data das nossas reuniões, para dar tempo de sua deslocação para este lado;

3º Deve se arranjar as coisas de modo a evitar humilhações ao V. Presidente, como tive ocasião de constatar isso;

- a) Quanto a s/ subsídio;
- b) Quanto à renda da casa;
- c) Quanto a meios de transporte.

Verifiquei com admiração que a gente nova e mesmo o Azevedo, queriam servir da missão que lhes é confiada, para tripudiar sobre a dignidade de V. Presidente! Por esta razão julgo, que para se evitar que estas cenas se repitam, devem despachar sempre uma quantia específica que respeita as alíneas a), b) e c) desta carta. Essa quantia ou me será entregue periodicamente, aliás mensalmente, pessoalmente ou por intermédio de alguém bem recomendado.

O procedimento tanto do Azevedo como do Rangel, e seus cooperadores nas finanças enojou-me e afligiu-me de sobremaneira, considerando-me um refugio e não um homem pensante!

- a) Ocultavam-me todas as missões que vinham neste lado;
- b) Sabotaram toda a rede que eu quis estabelecer, tendo o descaro de classificar de namoradas minhas as pequenas que eu quis constituir como ponte de ligação com documentos que lhes permitissem passar o rio sem dificuldades;
- c) A recusa de me entregar o dinheiro, quanto certo eu sabia de sobra as quantias que o Neto tinha enviado, sendo mantido então pelo Cardoso com os dinheiros que se destinavam a outra missão, tanto em alimento como em renda de casa. Só me entregaram o dinheiro depois de eu ameaçar escrever o Neto para me explicar quais instruções havia dado a esses senhores quanto a minha pessoa. Impediram também que qualquer carro tocasse a minha casa como eu havia ordenado, para estabelecermos uma rede de informações. E se um chauffeur o fizesse era duramente causticado pelo

c)- A recusa de me entregar o dinheiro, quanto certo eu sabia de sobra as quantias que o Neto tinha enviado, sendo mantido então pelo Cardoso com os dinheiros que se destinavam a outra missão, tanto em alimento como em renda de casa. Só me entregaram o dinheiro depois de eu ameaçar escrever o Neto para me explicar quais instruções havia dado a esses senhores quanto a minha pessoa. Impediram também que qualquer carro tocasse a minha casa como eu havia ordenado, para estabelecermos uma rede de informações. E se um chauffeur o fizesse era duramente causticado pelo Azevedo. A este respeito já tive oportunidade de passar reparo ao Azevedo. Portanto de futuro deve se evitar que isso se repita.

Em 12/1/1964.

Domingos F. da SILVA

Azevedo. A este respeito já tive oportunidade de passar reparo ao Azevedo. Portanto de futuro deve se evitar que isso se repita.

Em 12/1/1964

Domingos F. da SILVA [segue assinatura]

Comunicado de Imprensa do MPLA sobre libertação de Chipenda e Condesse

[policopiado, em francês]

[Endereço do MPLA em Brazzaville]

Doc. 1/64

Não tendo encontrado nenhum motivo para a sua detenção, o Tribunal de Léopoldville acaba de determinar a saída em liberdade dos nacionalistas angolanos Daniel CHIPENDA e António CONDESSE, respectivamente responsáveis da Juventude e do corpo de guerrilheiros do MPLA, que há dois meses tinham sido arbitrariamente presos pelas autoridades congolezas sob instigação dos dirigentes da UPA.

Daniel CHIPENDA e António CONDESSE já se juntaram aos seus irmãos de luta, tendo participado na Conferência de Quadros do MPLA que acaba de encerrar os seus trabalhos.

O MPLA faz questão de agradecer as manifestações de solidariedade recebidas de todo o mundo a propósito dessas prisões. Numerosas organizações e personalidades dirigiram-se ao Governo Congolês protestando contra esse acto arbitrário e pedindo-lhe que libertasse os nossos irmãos ao mesmo tempo que manifestavam o seu apoio e a sua solidariedade para com o MPLA.

O MPLA denuncia também os métodos utilizados pelo Sr. Holden ROBERT para mascarar a incapacidade, a desordem, o desentendimento e o espírito tribalista e racista que sempre existiram no seio da sua organização e a sua preocupação de afastar, a qualquer preço, o MPLA da luta de libertação nacional não obstante as graves consequências que isso teria para o nosso Povo.

Fica evidente que a obstinação do Sr. Holden em seguir essa via criminosa baseia-se no apoio que recebe de certos Países irmãos de África, enganados por uma propaganda megalómana, encorajada por alguns membros do governo da República do Congo-Léopoldville.

Por isso, o MPLA não deixa de insistir para que as decisões tomadas em Léopoldville e em Dakar sejam revistas pela OUA urgentemente. Evitar-se-á a injustiça cometida contra o nosso Povo e contra o MPLA e corrigir-se-á um erro que não deve ser subestimado.

Brazzaville, 13.1.1964

O COMITÉ DIRECTOR DO MPLA

Comunicado do MPLA sobre Armindo Freitas

[policopiado, em francês]

[Endereço do MPLA em Brazzaville]

Acabamos de saber que numa notícia publicada no dia 30 de Dezembro de 1963 pelo jornal "LE PROGRES", o Sr. Armindo Freitas comunica ter-se demitido dos cargos de Chefe de Estado-Maior do Exército Popular de Libertação de Angola e do Chefe das Operações do mesmo Exército.

Ele acrescenta ainda ter-se demitido do posto de Secretário da Guerra da FDLA.

A forma ambígua e os falsos termos em que ele comunica a sua pretensa demissão, obrigam o Comité Director do MPLA a fazer o esclarecimento seguinte:

1. O Sr. Armindo Freitas nunca foi Chefe de Estado-Maior do EPLA, mas apenas um dos responsáveis do Comando Operacional Provisório.

2. O Sr. Armindo Freitas tinha deixado de pertencer a esse Comando Operacional Provisório no início do mês de Novembro de 1963 no momento em que foi afastado das suas funções por incapacidade e desvio de fundos da Organização.

3. A sua demissão do cargo de Secretário da Guerra da FDLA é uma consequência desses factos.

Brazzaville, 15 de Janeiro de 1964

O COMITÉ DIRECTOR DO MPLA

Carta do MPLA ao Comité de Coordenação da OUA

[dactilografada, em francês – 2ª via]

Brazzaville, 18 de Janeiro de 1964

A Sua Excelência
O Presidente do Comité de Coordenação
da OUA
DAR-ES-SALAM

Presidência
Ref. 21/64

Senhor Presidente

Temos a honra de lhe apresentar o seguinte problema:

– Na sequência do surpreendente reconhecimento, pelo Governo da República do Congo Léopoldville do partido político angolano FNLA como "governo angolano no exílio", o Comité de Coordenação, a pedido do MPLA, enviou a Léopoldville uma Missão de Boa Vontade [Bons Ofícios] a fim de recorrer a todos os meios para realizar a unidade do Nacionalismo angolano posta em causa pela decisão unilateral do Governo de Léopoldville.

Esta Missão de Bons Ofícios não encontrou em Léopoldville as condições favoráveis para realizar a sua tarefa fundamental porque foi colocada, pelo Governo congolês, perante um facto consumado.

O MPLA, que sofreu uma discriminação que não teve em conta as graves incidências sobre o futuro próximo e o futuro distante da nossa luta de libertação, e nem sequer a realidade no interior de Angola, dirigiu à Conferência de Ministros dos Negócios Estrangeiros de Dakar um Memorando onde ele expõe as circunstâncias nas quais a Missão de Bons Ofícios trabalhou e fez recomendações. Os importantes problemas sobre os quais a Conferência de Dakar teve de decidir não permitiram, foi evidente, um exame aprofundado da questão angolana.

O nítido recuo da nossa luta de libertação desde Julho de 1963, o incremento da luta fratricida pela FNLA (confirmada pelas próprias autoridades congolêsas), as perseguições de que o MPLA foi vítima em Léopoldville e sobre as quais informámos o Comité de Coordenação por telegrama e por uma NOTA, consideramos todos esses factos suficientes para rogar encarecidamente ao Comité de Coordenação que reexamine a questão angolana na próxima Conferência dos Ministros dos Negócios Estrangeiros que se realizará em Lagos.

Rogo-lhe portanto, Senhor Presidente, se digne fazer inscrever A REVISÃO DA QUESTÃO ANGOLANA na ordem de trabalhos da Conferência de Lagos.

Na certeza de que compreenderá a gravidade do problema e a necessidade de medidas urgentes e realistas, queira aceitar, Senhor Presidente, os protestos da nossa mais elevada consideração.

Em nome do Comité Director
Agostinho NETO
Presidente do MPLA

Junto:

MEMORANDO DE DAKAR
NOTA AO COMITÉ DE COORDENAÇÃO
DECLARAÇÃO FINAL da CONFERÊNCIA DE QUADROS DO MPLA

Circular do MPLA sobre o 4 de Fevereiro

[policopiada]

[Endereço do MPLA em Brazzaville]

DEP. DE ORGANIZAÇÃO E QUADROS
DOC. 4/64

CAROS CAMARADAS:

Foi no dia 4 de Fevereiro que o povo Angolano cansado das chicotadas, cansado da fome, cansado de ver morrer as suas crianças, cansado da nudez, cansado de

ser enxovalhado, cansado de ver os filhos partirem para o contrato, cansado de ser maltratado, cansado dos trabalhos forçados, cansado da ignorância, cansado de ver as cadeias encherem-se dos seus filhos, cansado de sofrer, levantou-se com varapaus e catanas em gritos de liberdade, para pôr termo ao Colonialismo português, que há 4 séculos vem dizimando o povo Angolano. O 4 de Fevereiro deixa nos anais da história, páginas gloriosas que o povo heróico de Angola escreveu com seu sangue.

O MPLA, chama a atenção a todos os seus membros, para que assinalem esta data memorável do início da Revolução Angolana, em qualquer ponto onde se encontrarem, procurando cumprir em todo ou em parte, o seguinte programa:

1. Manifestações públicas, onde for possível. No caso dos estudantes no Estrangeiro, contactos com os demais estudantes na elaboração destas manifestações.

2. Sessões Solenes.

3. Difusão do 4 de Fevereiro na Rádio e na Imprensa.

4. Programas na Rádio e na Televisão.

5. Elaboração de cartazes significativos.

6. Difusão da música Angolana.

7. Exposição de fotografias Revolucionárias.

8. Falar do 4 de Fevereiro a toda gente.

9. Envio à OUA de telegramas de protesto contra o reconhecimento do “grae”, pedindo a revisão na reunião do próximo dia 17 de Fevereiro, das decisões tomadas pela Comissão de Conciliação em Léopoldville e pela Conferência de ministros dos negócios estrangeiros em Dakar.

10. Envio de telegramas à ONU, no sentido de fazer respeitar os direitos de autodeterminação e independência do povo Angolano.

11. Envio de telegramas ao Governo do Congo-Léopoldville pedindo a reabertura do bureau do MPLA e garantias de segurança para todos os seus membros nomeadamente os seus dirigentes.

12. Envio de telegramas ao Governo do Congo-Brazzaville, agradecendo a hospitalidade concedida ao MPLA e reafirmando a fé num triunfo da justa causa do Povo Angolano encarnada pelo MPLA.

13. Telegramas ao Governo português pedindo a libertação dos presos políticos, que cesse a repressão do Povo Angolano e reconheça os seus direitos à autodeterminação e independência.

Pede-se a todos os membros, no interior do país, nas fronteiras e no estrangeiro que dêem cumprimento a esta palavra de Ordem, o favor de remeterem para Brazzaville a documentação respectiva a fim de fazerem a sua publicação num dos órgãos de Combate.

VITÓRIA OU MORTE

[carimbo do CD do MPLA]

B/VILLE, 18.1.64

AC/CM

Carta do MPLA ao Governo do Tanganika

[dactilografada, em inglês]

Brazzaville, 18 de Janeiro de 1964

A Sua Excelência

O Ministro dos Negócios Estrangeiros do

Governo do Tanganika

DAR-ES-SALAM

Presidência

Ref. 20/64

Excelência,

Temos a honra de lhe apresentar o nosso irmão Miguel BAYA, Membro do Gabinete Político do MPLA.

O Sr. BAYA tem a responsabilidade de lhe explicar alguns aspectos importantes do problema de Angola, mais particularmente, os relacionados com a Unidade do nacionalismo Angolano.

Como certamente se recorda, em Julho passado, após o surpreendente reconhecimento pelo governo do Congo-Léopoldville de um grupo político – a FNLA – como “governo angolano no exílio”, o Comité dos Nove da OUA decidiu enviar uma Missão de Bons Ofícios até Léopoldville, a fim de tentar obter a unidade entre o MPLA e a FNLA.

As condições dadas à Missão de Bons Ofícios para realizar a sua tarefa foram muito más e a Missão teve de fazer algumas recomendações baseadas em algumas declarações falsas do representante da FNLA, sem respeito pela verdade. Estas recomendações foram adoptadas pela Conferência de Ministros dos Negócios Estrangeiros em Dakar, que não teve oportunidade de verificar o fundamento das recomendações. Em consequência, alguns Governos Africanos reconheceram o pretenso “governo” apesar do Memorando do MPLA que alertava os irmãos africanos para os sérios perigos disso para a unidade do nosso Povo e para o futuro da independência de Angola.

Já tivemos a oportunidade de verificar alguns graves resultados deste facto:

– Alguns responsáveis do MPLA foram presos arbitrariamente pelas autoridades do Congo-Léo e a representação do MPLA em Léopoldville foi intimada a encerrar, sem qualquer consideração pelas nossas actividades políticas, militares e sociais que ninguém pode substituir.

Alguns Governos Provinciais do Congo protestaram contra essa decisão por não conseguirem dar apoio aos milhares de refugiados angolanos que eram assistidos pelo MPLA.

Por outro lado, as actividades fratricidas levadas a cabo pela FNLA, confirmadas pelas autoridades Congolezas, estão a aumentar enquanto a verdadeira luta contra o colonialismo português está a perder eficácia apesar de todas as facilidades em armas e direito de trânsito dadas à FNLA.

O MPLA, pelo contrário, continua as suas actividades apesar de todas as dificuldades. Dentro de Angola, o MPLA continua a ter o maior apoio e a organizar seriamente a guerrilha.

O MPLA continua a lutar pela unificação de todas as forças patrióticas de forma a manter afastados os imperialistas que já estão a interferir nos nossos problemas.

Estas são algumas das razões que nos forçam a não aceitar as recomendações do Comité dos Nove e a requerer que seja reexaminado o problema angolano na próxima Conferência de Ministros dos Negócios Estrangeiros, com o objectivo de criar as bases para uma acção real contra os colonialistas portugueses, a fim de estabelecer em Angola um regime Democrático que possa defender os verdadeiros interesses do nosso Povo.

Temos a certeza que Vossa Excelência, em nome da Justiça e em nome dos verdadeiros interesses da África, fará todo o possível para convencer a Conferência sobre a necessidade urgente de reexaminar a questão de Angola.

Com os nossos melhores cumprimentos, subscrevemo-nos
Respeitosamente

Em nome do Comité Director,
Agostinho NETO
Presidente

Circular do DOQ do MPLA sobre a Confª de Quadros

[policopiada]

[Endereço do MPLA em Brazzaville]

[carimbo do CD do MPLA]

Doc. 5/64

Após a I Conferência Nacional do MPLA realizada em Dezembro de 1962, o nosso Movimento estava firmemente a pôr em execução as suas justas conclusões.

Factores de ordem externa e interna impediram, porém, que se concretizassem muitas decisões importantes o que conduziu a uma situação muito difícil.

Destes factores, um dos mais importantes foi sem dúvida a acção dos imperialistas que se fez sentir, quer directamente quer através do governo [do] Congo-Léopoldville, e da actividade nefasta dos dirigentes da UPA.

No interior do MPLA a formação de grupos e o afastamento de alguns militantes responsáveis contribuíram também imenso para o agravamento da situação.

Urgia, portanto, que se realizasse uma Conferência de Quadros do MPLA que investida dos poderes do Conselho Político Nacional,

1 – Elaborou as novas estruturas do Movimento, de acordo com o momento político actual.

2 – Elegeu os novos dirigentes do Movimento, sendo o Presidente do Gabinete Político e do Comité Director o camarada Dr. Agostinho Neto e Vice-Presidente do Gabinete Político o camarada Rev. Domingos Francisco da Silva.

3 – Elaborou um importante documento sobre a disciplina e a unidade no interior do Movimento o que permitirá aos novos órgãos dirigentes impor no nosso seio, uma verdadeira disciplina revolucionária, impedindo assim a série de abusos que vinham sendo praticados.

4 – Definiu os princípios fundamentais da nossa política geral, tendo em conta a situação criada pelo reconhecimento por alguns países africanos do dito governo provisório de Holden Robert, invenção dos imperialistas.

5 – Elaborou uma “Declaração ao povo Angolano” que é um breve estudo histórico do Nacionalismo Angolano e do MPLA e dá aos patriotas do interior do País as linhas gerais da sua acção futura, usando a sua organização e unidade para a condução duma luta eficaz contra o Colonialismo português.

O conjunto das medidas adoptadas pela Conferência de Quadros permitirá ao nosso Movimento, em íntima união com o nosso povo, vencer duma vez para sempre os obstáculos que se opõem à luta pela independência em Angola. Dentro dum breve espaço de tempo enviar-se-ão a todos os membros do Movimento os documentos da Conferência de Quadros do MPLA realizada em Brazzaville de 3 a 10 de Janeiro de 1964.

Brazzaville, 21.1.1964 – AC/.

DEPARTAMENTO DE ORGANIZAÇÃO DE QUADROS

Circular da OMA

[policopiada]

[Endereço do MPLA em Brazzaville]

Nr. 64/oma/64

B/ville, 29/1/64

Na Conferência de Quadros do MPLA, realizada de 3 a 10 de Janeiro de 1964 em Brazzaville, estavam inscritas como Delegadas da OMA, D. Mariana Anapaz, D. Maria Carneiro, D. Maria Nelumba e D. Maria Rocha. Tomaram parte nos trabalhos apenas D. Maria Rocha, D. Maria Santos e Cristina Odette – estas duas últimas como suplentes devido à impossibilidade de deslocação das sras. que vivem em Léopoldville.

A camarada Maria Rocha foi convidada para a mesa da Presidência como representante da OMA.

Apresentámos dois pequenos relatórios sobre as actividades da OMA após a primeira Conferência Nacional. Sendo o primeiro lido pela camarada Maria Rocha, no

qual descreveu a acção da nossa Organização na zona de Kikwit; e o segundo lido pela camarada Cristina Odette, apresentava um apanhado de todo o nosso trabalho.

Os trabalhos da Conferência foram divididos por três Comissões:

POLÍTICA

DESENVOLVIMENTO DA LUTA

ESPECIAL (unidade e disciplina no interior do Movimento).

As nossas Delegadas participaram nelas com a seguinte distribuição:

Maria Rocha na POLÍTICA, Cristina Odette no DESENVOLVIMENTO DA LUTA e Maria Santos na ESPECIAL.

Ao nosso pedido de bolsas de preparação paramilitar e das actividades relativas à nossa Organização, foi-nos prometido encarregarem-se do assunto na devida altura, no que teremos que reunir as nossas militantes existentes no interior de Angola, ao longo das fronteiras e no estrangeiro, que desejem participar directamente na luta para a Libertação do nosso Povo.

As decisões referentes à OMA mantêm-se as mesmas da 1ª Conferência Nacional, que são as seguintes: Assistência Social e Sanitária, Escolarização, Enquadramento Político-Militar, Formação Técnica e Política e Participação nos Organismos de Direcção.

Reafirmámos na Conferência de Quadros do MPLA, a nossa decisão inabalável de continuar a luta sem desfalecimento até a liquidação total do colonialismo português no solo pátrio.

Sejamos persistentes na luta e unamo-nos na bandeira do MPLA para a consolidação dos nossos princípios.

Unidas Venceremos!

A Delegação da OMA

Maria Rocha, Maria Santos, Cristina Odette

Comunicado da JMPLA sobre a JUPA

[policopiado]

JUVENTUDE DO MOVIMENTO POPULAR

DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA

JMPLA

B.P. 2353 – Tel. 49-15

BRAZZAVILLE¹

A Juventude do Movimento Popular de Libertação de Angola (JMPLA) acaba de ter conhecimento de uma circular distribuída pela Juventude de União das Populações de

Angola, intitulada A LUTA CONTRA O TRIBALISMO, cuja finalidade é de induzir em erro a opinião geral, fazendo crer que ela abandonou os princípios condenáveis pelas quais sempre se regeu, e que são afinal os mesmos do seu patrono – a UPA, também conhecida por FNLA ou “grae”.

A circular em causa resume-se aliás, num ataque pouco convincente ao tribalismo que a sua organização sempre encorajou, e na tímida apologia da unidade que sempre combateu.

Na realidade, a JUPA que hoje vem falar de unidade foi a mesma que sabotou e destruiu o Rassemblement da Juventude Angolana realizado no mês de Outubro de 1961, não obstante os seus delegados terem jurado solenemente defendê-lo e contribuir para a sua consolidação.

A JUPA que hoje se pretende regenerada é a mesma que no Congresso da Juventude Angolana realizada pela WAY em Léopoldville de 13 a 21 de Abril de 1963 se recusou a aderir à proposta construtiva da JMPLA para a constituição dum Comité de Coordenação de todas as organizações congéneres, primeira etapa para a consolidação da unidade entre as organizações juvenis angolanas. A sua atitude seguia o mesmo diapasão da afirmação feita no mesmo congresso pelo seu presidente geral Sr. Holden Robert, e que “não queria ouvir falar em unidade”. Tornou-se evidente a todos os participantes e observadores que a tática da UPA e dos seus agentes era, como acontece com os imperialistas, “dividir para reinar”.

É impossível conciliar a diversão tática que essa sua circular representa com o que acontece neste preciso momento ao longo da fronteira, onde os seus agentes continuam a espalhar as mesmas palavras de ordem tribais, regionais e racistas que sempre caracterizaram o seu trabalho político, ou na base de Kinkouzou, onde as lutas tribais se sucedem entre soldados, e onde já se registaram várias mortes.

Por outro lado, é impossível conceber que a JUPA, hoje tão interessada nos malefícios tribais e na necessidade da unidade, não procure, pelos mesmos motivos, combater o governo da sua organização, um verdadeiro modelo de organismo antiunitário e tribalista e, portanto, antidemocrático.

Essa circular é uma tentativa desesperada para acalmar a inquietação e os sintomas de desagregação que se verificam no seio da própria UPA, onde as lutas das facções tribais vão até ao assassinato de soldados e militantes.

Convém lembrar os milhares de angolanos assassinados no interior do País, apenas por serem mestiços ou pertencerem a grupos étnicos diferentes dos do Sr. Holden Robert.

Convém lembrar a fúria fratricida com que foram assassinados os militantes do MPLA na região do FUESSE (KALUKA), e nas margens do LOGE pelos bandos da UPA, obedecendo às ordens do seu chefe.

Hoje, a luta entre o Sul e o Norte nas fileiras da UPA, atingiu já a própria direcção, onde uns e outros procuram a hegemonia do seu grupo, seja por que processo for.

Uma das vítimas dessa rivalidade tribal foi Dr. Liahuca e o seu adjunto canadiano, recentemente espancados no próprio dispensário.

A JMPLA consciente que a referida circular não passa de uma manobra para servir os baixos interesses da organização Holden Robert, chama a atenção da opinião mundial

¹ Como este endereço se repete, vai ser doravante assinalado como “Endereço da JMPLA em Brazzaville”

para não se deixar iludir, contribuindo com a sua vigilância para o saneamento da luta do Povo angolano pela sua independência.

A JMPLA exorta toda a Juventude Angolana movida pelo único interesse de lutar para a real libertação do nosso País a intensificar por todos os meios a luta, desencadeando a cada momento e em cada lugar um combate sem tréguas ao colonialismo, ao imperialismo e aos seus agentes, bem como a desencorajar ou afastar, se necessário, os divisionistas, os derrotistas, os oportunistas e os traidores.

POR UMA ANGOLA VERDADEIRAMENTE LIVRE E UNIDA
VITÓRIA OU MORTE!

B/VILLE, 30.1.64
DC/CS.
DOC./Nº 6/64

PELA DIRECÇÃO DA JMPLA
[carimbo da JMPLA]

Relatório do EPLA sobre a zona do Congo Brazzaville

[dactilografado, com um mapa]

MPLA
EPLA – Exército Popular de Libertação de Angola

RELATÓRIO DA VIAGEM DE INVESTIGAÇÃO À ZONA DO C. BRAZZAVILLE

Seguindo a ordem dos planos estudados, partiu-se às 05h do dia 10-1-64 com destino ao primeiro ponto (DOLISIE). O percurso foi normal, mas a chegada fez-se tardiamente devido a um engano que resultou um aumento de 200km. O nosso trabalho nesta cidade inclinou-se mais a um contacto cerrado com as autoridades locais, e alguns refugiados Angolanos. Quanto a estes últimos referimo-nos mais a questões políticas. Julgamos que um relatório mais explícito sobre este assunto deverá o camarada Presidente Ag. Neto apresentar aos camaradas.

Dia 21-1-64 seguindo o nosso trabalho, deslocamo-nos a KIMONGO e ILUNPANGA, onde se encontram estacionados guerrilheiros do MPLA em serviço. Num breve relance queremos fazer notar aos camaradas que a situação política nestes dois pontos é normal, mas ela poderá pender a favor do nosso organismo quando realmente começarmos as nossas actividades militares. Sobre o trabalho militar fizemos o seguinte:

- 1º – Anotámos dados para preenchimento de novas fichas.
- 2º – Anotámos todo material que se encontra nos respectivos sectores.
- 3º – Anotámos que nestes sectores existem espiões ao serviço do inimigo, e recomendamos aos camaradas resp. (S.) para que fizessem uma lista dos tais.

- Vimos que reina um bom ambiente disciplinar. Anotámos que as condições mínimas para começo de acções militares apresentam-se favoráveis até ao momento.
- RECOMENDÁMOS que se faça um maior esforço para abastecimento dos dois Sectores (em armas, alimentos e homens).
- RECOMENDÁMOS que se siga a ordem prescrita no 1º parágrafo das recomendações.

Fazemos notar aos camaradas resp. que a estrada ILUPANGA KIMONGO é muito perigosa, em virtude de passar 4 Km dentro do território Angolano.

Os camaradas resp. dos tais Sectores propõem o seguinte:

Que se mantenha o Sector de ILUPANGA visto constituir um ponto estratégico de acção.

Seguindo viagem dia 23-1-64, chegámos a Pointe-Noire. Fazemos notar que a estrada deste percurso é bastante acidentada. Em P. N. o contacto foi mais político, por isso essa questão vai de encontro à nossa proposta do primeiro contacto.

Como sempre anotámos os dados dos camaradas quadros e recrutas que estão sob nossa responsabilidade.

No regresso passámos por GUENNA E BANGA.

– Verificámos que o trabalho desenvolvido no BANGA pelos camaradas é de grande utilidade.

Em conjunto com o camarada Presidente e Roque verificámos que os serviços de construção de um campo militar estão em vias de acabamento.

– RECOMENDÁMOS abastecimento imediato dos seguintes materiais:

- a) armas, mantimentos e um carro.
- b) este carro terá por fim fazer ligação entre o Sector de DOLISIE E POINTE-NOIRE.

No percurso de BANGA a DOLISIE foi muito acidentado, devido às chuvas que fizeram tombar sobre a estrada enormes árvores, e por isso RECOMENDÁMOS que para as próximas missões nesta Zona se compre material de socorro e no budget haja sempre um acréscimo.

FEITO EM B/VILLE

Aos 31 dias do mês de Janeiro de 1964

assinam:

[assinatura de Cristovão da Conceição Ciel]

[assinatura de José Ferreira]

ESTA VIAGEM TINHA TAMBÉM COMO FIM ESTUDAR UMA ZONA ENTRE DOLISIE-BRAZZAVILLE, PARA MONTAGEM DE UM CAMPO DE TREINOS – MAIS PRÓXIMO DE DOLISIE. VERIFICÁMOS QUE A PARCELA ESTUDADA

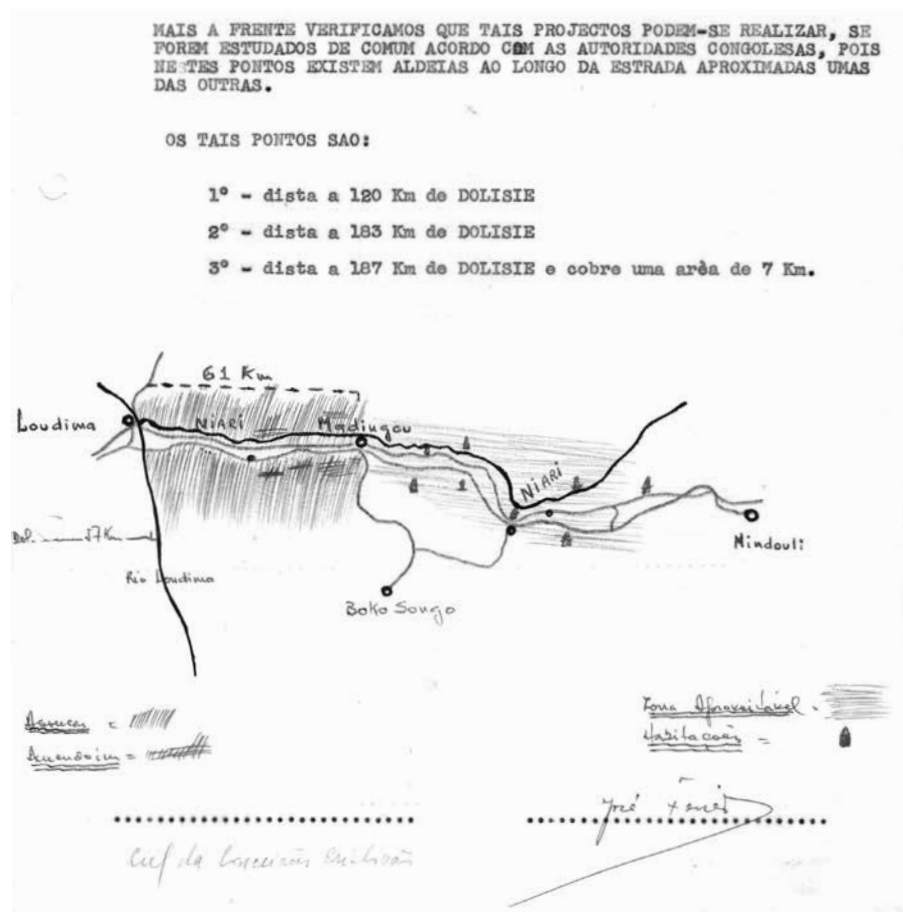
POR NÓS EM BRAZZAVILLE NÃO TEM CONDIÇÕES PARA TAL, VISTO QUE EXISTEM GRANDES PLANTAÇÕES DE CANA E AMENDOIM.

MAIS À FRENTE VERIFICÁMOS QUE TAIS PROJECTOS PODEM-SE REALIZAR, SE FOREM ESTUDADOS DE COMUM ACORDO COM AS AUTORIDADES CONGOLESAS, POIS NESTES PONTOS EXISTEM ALDEIAS AO LONGO DA ESTRADA APROXIMADAS UMAS DAS OUTRAS

OS TAIS PONTOS SÃO:

- 1º – dista a 120 Km de DOLISIE
- 2º – dista a 183 Km de DOLISIE
- 3º – dista a 187 Km de DOLISIE e cobre uma área de 7 Km.

[assinatura de Cristovão da Conceição Ciel e de José Ferreira]



Carta do GP do MPLA ao Rev. Domingos da Silva

[dactilografada – 2ª via]

Brazzaville, 1 de Fevereiro de 1964

Ex.º Senhor
Rev.º DOMINGOS DA SILVA
Membro do GP

GABINETE POLÍTICO

Léopoldville

2/gp/64

Prezado Irmão

O Gabinete Político teve ontem e hoje duas reuniões de que lhe damos a seguir um resumo das decisões.

1. Foi analisado o projecto de REGIMENTO do Gabinete Político, cujos princípios foram aprovados e que muito brevemente lhe enviaremos. Para já devemos dizer-lhe que o Gabinete Político trabalhará em três Comissões a saber: COMISSÃO PARA OS ASSUNTOS INTERNOS; COMISSÃO PARA OS ASSUNTOS EXTERNOS e COMISSÃO DE GUERRA. Além destas três Comissões há um Secretariado administrativo e um encarregado de Finanças.

2. Foi decidido cooptar para o Gabinete Político o camarada Eduardo Santos, que já participou na reunião. Foi resolvido que os membros cooptados deverão sê-lo com o acordo unânime dos membros do GP.

Nessa conformidade pedimos-lhe que nos envie com a maior urgência o seu parecer sobre a cooptação do camarada Santos.

3. Não cabe nesta carta uma narrativa extensa sobre a discussão do “Regimento”, pois estamos certos que logo que ele esteja passado a limpo e seja enviado aos membros ausentes do GP, será mais rápido e completo o entendimento do funcionamento e do método de trabalho do GP. Entretanto o carácter de Controle que pertence ao GP deve ser realçado desde já.

4. A Comissão para os Assuntos Internos é por enquanto composta por Rev.º Silva e Lara; a Comissão para os Assuntos Externos é composta pelo cam.ª. Baya, E. Santos e C. Pires e a Comissão de Guerra pelos cam. Benedito e Carreira. O Presidente não pertence a nenhuma Comissão e controlará as Finanças. O cam. Lara assegurará o Secretariado do GP.

Está-se a pensar nos 4 membros que faltam cooptar para completar o GP e que serão integrados em cada uma das comissões referidas.

5. Decidiu-se uma intensa actividade diplomática durante estas semanas próximas tendo em vista de reforçar a nossa posição político-militar interna e externa, esclarecer a opinião africana sobre os problemas do nacionalismo angolano com vista à Conferência que se realiza em Lagos em 24 do corrente. Por outro lado tomaram-se disposições para

a comemoração do 4 de Fevereiro e prevê-se a deslocação de um membro do CD a uma manifestação que se realizará no estrangeiro.

6. Decidiu-se apressar a adaptação do MPLA às estruturas decididas pela Conf. de Quadros.

7. Foi recebida a sua carta concernente à questão do Rário. O GP decidiu entregar a solução da questão ao CD.

8. Estando a passar-se, segundo o aviso publicado nos jornais daí o Congresso da UNTA seria aconselhável que nos representasse se porventura o Congresso prevê observadores.

As nossas fraternais saudações

Pelo Gabinete Político

L. Lara *[com assinatura]*

Carta do GP do MPLA a Deolinda Rodrigues

[dactilografada – 2ª via]

Brazzaville, 1 de Fevereiro de 1964

MLLE. DEOLINDA R. DE ALMEIDA
LÉOPOLDVILLE

GABINETE POLÍTICO

1/sec/64

Prezada irmã

Esperemos que já tenhas recebido os documentos concernentes à Conferência de Quadros, e que já tenhas tido a possibilidade de te informares sobre as decisões com os camaradas participantes que aí tenham estado.

Tem esta por fim comunicar-te que o Gabinete Político na sua reunião de 31 de Janeiro decidiu confiar-te uma missão especial que esperamos tudo farás para a executar. Trata-se de partir o mais rapidamente possível para Lagos, a fim de preparar o terreno para a Conferência de Ministros da OUA que terá lugar a 24 de Fevereiro próximo.

Sabemos que estás empregada, mas pensámos que conseguirias uma licença temporária de uns quinze dias, para poderes desempenhar a referida missão.

Evidentemente que serás portadora de um “dossier” sobre o qual se desenvolverá a tua actividade e em tempo oportuno serias acompanhada por um ou dois camaradas.

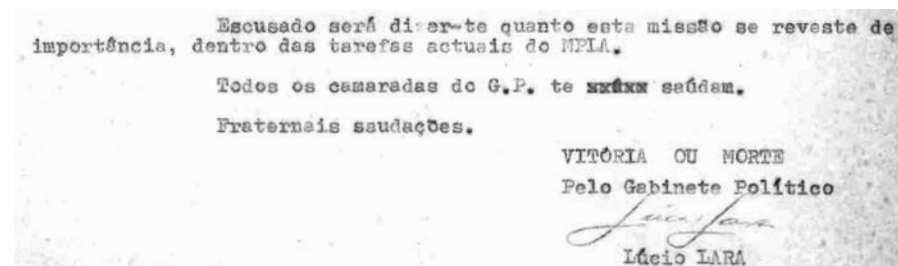
Aguardamos que nos mandes dizer pelo portador desta ou na primeira ocasião possível quando podemos contar contigo, para que tudo esteja preparado a tempo.

Escusado será dizer-te quanto esta missão se reveste de importância, dentro das tarefas actuais do MPLA.

Todos os camaradas do GP te saúdam.

Fraternais saudações.

VITÓRIA OU MORTE
Pelo Gabinete Político
Lúcio LARA *[com assinatura]*



Discurso de Abertura do 1º Congresso da UNTA

[policopiado, em francês]

DISCURSO DE ABERTURA DO PRIMEIRO CONGRESSO NACIONAL PELO CAMARADA PASCAL LUVUALU, SECRETÁRIO-GERAL

Senhores Representantes da imprensa,
Meus Senhores, Minhas Senhoras,

Em nome dos membros sindicalizados do movimento operário angolano, queremos saudar calorosamente, de todo o coração, e agradecer-vos terem honrado com a vossa presença a abertura do nosso primeiro Congresso.

Os nossos agradecimentos e a nossa gratidão vão para o Governo da República do Congo que, apesar das inúmeras dificuldades às quais é chamado a fazer face, concedeu o seu asilo ao povo irmão de Angola em luta para a sua liberdade e independência.

Caros camaradas, três anos *[sic]* passaram desde a fundação da União Nacional dos Trabalhadores Angolanos, a 1 de Fevereiro de 1960, na época em que o Congo era uma colónia Belga. O 1 de Fevereiro de cada ano é considerado como uma data histórica e memorável que marca o nascimento do movimento operário nacional angolano.

Hoje, ao fim de três anos, vamos não só celebrar o aniversário do movimento operário revolucionário angolano mas também vamos fazer o balanço das nossas actividades do passado, corrigir os nossos erros e estabelecer novas bases para os objectivos do futuro, baseando-nos nas novas condições surgidas da revolução e da luta levada a

cabo pelos trabalhadores e pelo povo de Angola. Ora, considerando as novas condições surgidas da luta de libertação nacional na etapa actual, a ausência de unidade de acção e de uma direcção capaz de conduzir a revolução até a vitória final, arrastam esta para um doloroso fracasso; em função disso, o Congresso dos trabalhadores angolanos realiza-se sob o lema: ENTENDIMENTO, UNIDADE DO MOVIMENTO DE LIBERTAÇÃO NACIONAL E DO MOVIMENTO SINDICAL ANGOLANO.

Esta palavra de ordem constitui o nosso objectivo e a plataforma de trabalho para o futuro. A União Nacional dos Trabalhadores Angolanos não se poupará a esforços na procura da unidade do movimento de libertação nacional e do movimento sindical angolano, porque a vitória final do nosso povo sobre o colonialismo português passa, antes de mais, por este *slogan* tornado um dos princípios revolucionários: “A UNIÃO FAZ A FORÇA” e a vitória de um povo reside no número.

Todos os que seguiram de perto e de longe as nossas actividades desde o desencadear da luta armada pelo nosso povo contra os colonialistas retrógrados portugueses, rendem homenagem à obra realizada pela União Nacional dos Trabalhadores Angolanos, de acordo com o seu programa de acção, a saber:

- educação das massas
- ajuda social aos refugiados
- contribuição activa na luta de libertação
- representação da classe operária.

Esse programa mínimo foi seguido sem fraquejar. A Grande Central Sindical Revolucionária: União Nacional dos Trabalhadores Angolanos sempre esteve e continua a estar presente em todas as assembleias nacionais e internacionais onde se discute o espinhoso problema angolano.

Ela representou convenientemente a classe operária angolana e defendeu a sua causa na 47ª Sessão da Conferência Internacional do Trabalho “OIT” em Junho último em Genebra.

Foi várias vezes peticionária diante das Altas Comissões da ONU vindas ao Congo para investigar sobre os refugiados.

Distribuiu donativos aos refugiados: vestuário, sabão, medicamentos, etc...

No quadro da educação, para além da que é feita no seio das massas, a Central possui quadros respeitáveis e úteis ao país e isso em todos os domínios.

Esta, caros camaradas, é a obra desenvolvida até agora pela Central que incarna as aspirações revolucionárias dos trabalhadores e do povo angolano. Mas não consideramos que o nosso dever esteja cumprido.

Por isso é que prometemos solenemente trabalhar sem descanso para atingir o objectivo visado, a Unidade do Movimento de Libertação Nacional e do Movimento Sindical Angolano, único factor de sucesso e de resistência contra a ingerência e a opressão do imperialismo internacional.

Viva a Revolução Angolana

Viva o Primeiro Congresso dos Trabalhadores Angolanos

Viva a União Nacional dos Trabalhadores Angolanos

Feito em Léopoldville, 1 de Fevereiro de 1964

Resoluções do 1º Congresso da UNTA

[policopiadas, em francês]¹

PRIMEIRO CONGRESSO NACIONAL DA UNIÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES ANGOLANOS “UNTA”

que se realizou de 1 a 4 de Fevereiro de 1964

no exílio em Léopoldville – República do Congo

NOVAS PERSPECTIVAS SE ABREM NA NOSSA LUTA REVOLUCIONÁRIA.

Os trabalhadores Angolanos do interior assim como os do exterior consideraram o ano de 1964 uma etapa histórica e reconheceram a necessidade de formar a União dos Partidos e da Classe Operária, de reforçar a unidade de acção, a fim de lutar em conjunto contra o colonialismo e o imperialismo português que há cinco séculos fazem sofrer o povo angolano.

A União Nacional dos Trabalhadores Angolanos “UNTA” obrigou-se a coordenar os seus esforços, a fim de unir as forças progressistas dispersas, para assegurar uma vitória final ao nosso povo. Ela alerta as forças externas [para] as pressões provenientes de elementos duvidosos que entravam a nossa união nacional e que semeiam desordem nas fileiras da nossa luta.

Com esses fins foram adoptadas as seguintes resoluções:

RESOLUÇÃO SOBRE O MOVIMENTO DE LIBERTAÇÃO NACIONAL ANGOLANO

Depois de ter examinado a fase actual da revolução angolana, o primeiro Congresso que se realizou de 1 a 4 de Fevereiro de 1964 no exílio, em Léopoldville (República do Congo),

Considerando que a guerra de extermínio levada a cabo pelo governo do fascista Salazar, com o apoio dos cúmplices imperialistas e da OTAN, é injusta e condenada pela humanidade;

Considerando que o povo angolano opõe uma resistência armada para pôr fim à dominação estrangeira no solo nacional;

Afirma que só a luta armada revolucionária pode destruir o regime criminoso do governo de Salazar e assegurar a vitória;

Condena a divisão existente no seio do movimento de libertação nacional;

Apoia e louva os esforços incansáveis da FRENTE DEMOCRÁTICA DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA “FDLA” na procura da unidade de acção e da unificação do movimento de libertação nacional;

¹ Houve também resoluções sobre a situação social, os Movimentos dos países sob dominação colonial, a ONU, a África do Sul e o Movimento Sindical Internacional.

Proclama a [necessidade da] convocação de uma conferência que reúna as duas frentes: FRENTE DEMOCRÁTICA DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA e FRENTE NACIONAL DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA a fim de encontrar uma solução que possa conduzir imediatamente a luta à vitória do nosso povo;

Exige a unificação do movimento de libertação nacional;

Apela toda a massa angolana para se mobilizar na luta contra o inimigo comum, Portugal;

Saúda o valente povo angolano na sua luta contra o colonialismo português pela sua liberdade;

Inclina-se perante os mártires que tombam no campo da honra.

RESOLUÇÃO SOBRE A ORGANIZAÇÃO DA UNIDADE AFRICANA “OUA”

O primeiro Congresso que se realizou de 1 a 4 de Fevereiro de 1964 no exílio em Léopoldville (República do Congo),

Considerando que a Unidade Africana é uma necessidade para a defesa dos interesses dos trabalhadores e dos povos deste continente, para a consolidação da independência nacional, para o reforço dos laços de amizade e das relações de cooperação entre Estados Africanos;

Constitui uma frente de luta contra a coligação dos monopólios que procura submeter a África à dependência económica, perpetuar o seu sistema colonial e subjugar os povos deste continente por métodos neocolonialistas;

Apóia a Organização da Unidade Africana “OUA”;

Considerando que a Comissão de Bons Ofícios, saída do Comité dos Nove, falhou na sua tarefa de reconciliar os partidos nacionalistas angolanos;

Considerando que a parcialidade manifesta da Comissão de Bons Ofícios encorajou a divisão do nacionalismo angolano e enfraqueceu o movimento de libertação nacional;

Condena as manobras tendenciosas e sentimentalistas manifestadas pela dita comissão;

Exige a revisão imediata das resoluções tomadas pela dita comissão de Bons Ofícios;

Pede que cesse imediatamente a política de repressão e de supressão levada a cabo contra os sindicalistas e dirigentes de outros partidos nacionalistas Angolanos pelo pseudo governo impopular de Roberto HOLDEN.

RESOLUÇÃO SOBRE O COLONIALISMO PORTUGUÊS

Após a análise sobre o colonialismo português condenado por toda a humanidade, o primeiro Congresso que se realizou de 1 a 4 de Fevereiro de 1964 no exílio em Léopoldville (República do Congo),

Considerando que Portugal começou a expansão colonial em África e no mundo e que foi o primeiro a praticar o tráfico de escravos;

Considerando que a dominação imposta aos territórios africanos paradoxalmente erigidos em “Províncias do Ultramar” e partes integrantes da nação portuguesa;

Considerando que Portugal, governado por um regime de ditadura fascista, também é um país dependente e que o seu colonialismo enfraquecido apenas é mantido com o apoio das potências imperialistas;

Considerando que as atrocidades cometidas contra os nossos povos, mantidos em condições de existência desumanas;

Considerando que as acções inqualificáveis da Pide – Gestapo Portuguesa, as deportações, as execuções sumárias, e tudo o que constitui o aparelho de repressão selvagem levado a cabo contra o nosso povo;

Considerando que face ao direito absoluto dos povos à independência, o governo português opõe uma recusa sistemática de medidas como o reforço da integração, o direito à cidadania portuguesa e à autonomia interna;

Proclama o direito inalienável dos povos de Angola, da Guiné Bissau e de Cabo Verde, de Moçambique, de São Tomé e Príncipe à independência imediata, incondicional e total;

Denuncia a coligação imperialista internacional e o apoio, manifesto ou clandestino, que ela dá ao colonialismo português através de votos ambíguos na ONU e sobretudo na guerra de extermínio levada a cabo em Angola e em outros países sob dominação portuguesa;

Afirma que apenas a luta armada revolucionária pode liquidar completamente o sistema colonial em todos os países sob dominação portuguesa;

Exige a libertação de todos os patriotas presos;

Apela à solidariedade dos povos de África, da Ásia, da Europa e da América latina a ajudar moralmente, materialmente os seus irmãos angolanos sem reserva nem hesitação;

Reafirma a sua determinação de servir inteiramente a causa revolucionária dos nossos trabalhadores e povos até a vitória final.

RESOLUÇÃO SOBRE A JUVENTUDE

O primeiro Congresso que se realizou de 1 a 4 de Fevereiro de 1964 no exílio em Léopoldville (República do Congo),

Considerando que a juventude constitui a vanguarda do movimento de libertação nacional;

Considerando a firme determinação dos jovens em prosseguir a luta pela liquidação do sistema colonial no território nacional;

Considerando que a dispersão da juventude constitui uma fraqueza para o movimento de libertação;

Condena a divisão existente no seio da juventude;

Recomenda a todas as organizações de jovens que se unam numa frente unida;

Saúda os esforços incansáveis desenvolvidos pelo MOVIMENTO DA JUVENTUDE OPERÁRIA ANGOLANA “MJOA” na procura de unidade de acção com outros movimentos de jovens.

RESOLUÇÃO SOBRE O MOVIMENTO SINDICAL ANGOLANO

O primeiro Congresso que se realizou de 1 a 4 de Fevereiro de 1964 no exílio em Léopoldville (República do Congo),

Considerando que a unificação do Movimento Sindical Angolano é uma necessidade primordial na etapa actual;

Reclama a intensificação da acção sindical na luta de libertação nacional;

Condena a ingerência de certas Centrais Sindicais Africanas, Europeias e internacionais que tende a aprofundar a divisão do movimento sindical angolano;

Condena a divisão da classe operária angolana;

Recomenda ao novo *Bureau* Nacional que renove a acção sobre a unificação do movimento sindical;

Apela a todas as organizações sindicais angolanas para realizarem uma mesa redonda, a fim de discutirem o problema da unificação do movimento sindical;

Saúda fraternalmente os trabalhadores combatentes que se sacrificam de corpo e alma pela nobre causa da libertação nacional.

RESOLUÇÃO SOBRE O MOVIMENTO SINDICAL AFRICANO

O primeiro Congresso que se realizou de 1 a 4 de Fevereiro de 1964 no exílio em Léopoldville (República do Congo),

Considerando que a Unidade do Movimento Sindical Africano é uma condição indispensável para a libertação total de África e é a garantia da independência económica dos nossos jovens Estados;

Considerando que a Unidade do Movimento Sindical Africano responde aos anseios e aspirações de todos os trabalhadores africanos;

Considerando os esforços conjugados pelas duas Centrais Continentais: UNIÃO SINDICAL PANAFRICANA “USPA” e CONFEDERAÇÃO SINDICAL AFRICANA “CSA” na procura da unificação do Movimento Sindical Africano;

Apoia sem reservas a proposta para a convocação de uma conferência cimeira dos trabalhadores africanos;

Denuncia as manobras de divisão perpetradas pelos Agentes ao serviço dos monopolistas estrangeiros;

Saúda a luta heróica dos trabalhadores africanos contra a frente dos monopólios, do colonialismo e do neocolonialismo;

Apela aos trabalhadores africanos para darem o seu contributo na realização da Unidade do Movimento Sindical Africano.

Lista dos membros do Bureau Nacional da UNTA

[*policopiada, em francês*]

O Primeiro Congresso Nacional da UNTALISTA DE MEMBROS DO BUREAU NACIONAL DA UNTA

Pascal LUVUALU: Secretário Geral

Bernard DOMBELE: Secretário Geral Adjunto e das Relações Internacionais

Ferdinand KIESE: Secretário para a Coordenação

Arthur BARROS: Secretário Administrativo

Emile DONGALA MBIDI e François SINGI: Secretários para a Educação, Informação e Imprensa

Léonard SEKE: Tesoureiro Geral

LISTA DE MEMBROS DO CONSELHO NACIONAL DOS SINDICATOS

François DOMBE : Presidente

Clément KUKIA : 1º Vice-Presidente

António ADELEINA : 2º Vice-Presidente

Thomas KUNFUNDA: Secretário Geral

André DIASONAMA : Secretário Geral Adjunto

Adolphe NSIKALANGU : Relator

LISTA DE MEMBROS DA COMISSÃO DE CONTROLO

Ferdinand MAVUNZA

Jean-Baptiste KAPITAO

Pierre Marie GONÇALVES

Emmanuel MAVUBA

François DOMBE

Simon LUYINDULA

LISTA DE MEMBROS DO CONSELHO NACIONAL DOS SINDICATOS ELEITOS

Jean-Baptiste KAPITAO

Simon LUYINDULA

Thomas EDUARDO

Lenge ZOAO Sébastiao

Emile DONGALA MBIDI

Emmanuel MAKODIA

André DIASONAMA

Pascal NZUZI

Garcia NDONGALA

James MAKANGU

Mlle Sidonie NZUMBA

Miguel LUZOLO

Gaston MALUTA

Thomas KUNFUNDA

Antoine DOSSAU

Maurice LUVUALU

Antoine FUKA

Ernest YUVULA

François DOMBE
António ADELEINA
Véronique KETO

Madeleine MAFUTA
Augustine TIETIE
Jean-Pierre LUNDOLOKI

O Congresso

Discurso de Encerramento do 1º Congresso da UNTA

[policopiado, em francês]

DISCURSO DE ENCERRAMENTO DO PRIMEIRO CONGRESSO
NACIONAL – POR Pascal LUVUALU, Secretário-Geral

Caros Camaradas,

Vivemos agora um momento solene, um momento de recolhimento pelas almas dos nossos irmãos, mártires do colonialismo tombados sob as balas agressoras, no dia 4 de Fevereiro de 1961, data que comemora a insurreição armada do nosso povo.

Hoje, os trabalhadores de todos os países do mundo manifestam a sua solidariedade, a sua simpatia ao povo de Angola e inclinam-se perante a memória dos que foram as primeiras vítimas do colonialismo português, que sacrificaram a sua vida, verteram o seu sangue pela liberdade e para que viva a Pátria Angolana.

Nós, trabalhadores angolanos, não podemos ficar indiferentes nem podemos fingir ignorar a grandeza e o valor de espírito dos nossos irmãos tombados no campo da honra. Peço-vos um minuto de silêncio.

Caros camaradas,

O nosso congresso nacional realizou-se no período que separa os três anos de luta heróica conduzida pelo nosso povo, contra o colonialismo português. A análise histórica feita sobre a situação geral durante o nosso Congresso, faz crer que a carência de quadros políticos dedicados à causa do povo, a ineficácia política do movimento de libertação, a falta de uma boa direcção, a divisão profunda e permanente no seio do povo, são a causa do enfraquecimento do movimento de libertação nacional do nosso povo.

O balanço das nossas actividades durante os três anos permitiu-nos descobrir esta “VERDADE” histórica, verdade posta a nu nas nossas resoluções: a ausência de unidade de acção e de uma boa direcção, devido à política de ódio, de supressão e de ambição do poder.

Neste grave momento, os trabalhadores e o povo de Angola devem estar vigilantes – devem distinguir entre os que brincam à revolução e os verdadeiros revolucionários.

Viva a União Nacional dos Trabalhadores Angolanos

Viva o Primeiro Congresso Nacional dos Trabalhadores Angolanos

Viva a revolução angolana

Discurso de Agostinho Neto pelo 4 do Fevereiro (Brazzaville)

*[manuscrito]*¹

Senhor Representante do Governo da República do Congo,
Senhor Representante da Juventude Congoleza,
Minhas Senhoras, Meus Senhores,
Irmãos de Luta,

Reunimo-nos para comemorar uma data histórica que é o orgulho de todo o Povo angolano: o 4 de Fevereiro de 1961!

Nesse dia, o mundo foi abalado pelos acontecimentos em Angola. Com efeito, afastado do concerto dos outros povos do mundo, interdito de dirigir o seu próprio destino, profundamente humilhado, ofendido em todos os momentos e situação, espoliado de tudo o lhe pertencia, escorraçado das suas terras, impedido de qualquer trabalho fora do quadro de uma aviltante escravatura, já não conseguindo suportar a injustiça e a arbitrariedade da sua condição, nem esconder o ódio acumulado durante séculos de sofrimento, o Povo anónimo de Angola levantou-se subitamente e gritou: VIVER OU MORRER!

O 4 de Fevereiro marca a rejeição inevitável e definitiva da opressão colonialista.

O Movimento Popular de Libertação de Angola, ao lançar a palavra de ordem ansiosamente esperada por gerações de Angolanos durante os cinco séculos de obscurantismo e de opressão, tem o dever de recordar hoje os patriotas heróicos, os militantes exemplares que, atacando as prisões e a sede da Rádio de Luanda, mostraram ao Povo angolano que o caminho da Dignidade passa pela Luta. Vários desses heróis tombaram no campo da honra, outros foram encarcerados nas masmorras colonialistas, outros prosseguem ainda o grande combate.

Ao comemorar esta data gloriosa para o futuro do nosso Povo, veneramos hoje aqui a memória desses bravos combatentes da liberdade que, como LUMUMBA, se tornaram os mártires da libertação da nossa África.

Todos os anos, nesta data, o seu exemplo será exaltado onde quer que se encontre um Angolano, junto da família africana ou junto de toda a Humanidade que não se poupa a esforços para liquidar a INJUSTIÇA E A USURPAÇÃO.

Enquanto não chegar o dia da Vitória Final, apenas uma lei existe para os Angolanos engajados de corpo e alma nesta batalha sem tréguas: COMBATER! COMBATER ATÉ A VITÓRIA!

Minhas Senhoras, Meus Senhores, Irmãos de luta,

Passo a palavra a um camarada que, pelo seu exemplo, pela firmeza que sempre opôs aos carrascos do nosso Povo, sofreu alguns anos de prisão, de deportação e teve de se evadir em condições perigosas, para poder continuar a lutar pela causa do nosso Povo.

Por ele, como pelos que jaziam nas masmorras de Luanda, toda uma população afrontou as balas colonialistas para exigir a sua liberdade.

Será ele quem evocará os que, ao tombar por ele, tombaram pela Pátria!

¹ A parte introdutória foi traduzida do texto em francês, policopiado.

[A seguir transcreve-se o texto manuscrito de Agostinho Neto]

Messieurs,

O dia 4 de Fevereiro de 1961 é uma data que marca uma transformação radical na atitude do Povo angolano, face ao colonizador.

É certo que desde o início da colonização, iniciada em 1482, quando Diogo Cão aportou a Foz do Zaire, nunca os povos de Angola cederam completamente à dominação dos opressores portugueses. As primeiras tentativas de sujeição feitas no Reino do Congo, pela prática do comércio, logo a população angolana reagiu, tendo sido necessário a Portugal empreender uma longa série de guerras de ocupação que não terminaram [até] há menos de quarenta anos.

Mudando o contexto internacional em que essas lutas decorriam, cada vez maiores iam sendo as possibilidades concretas do desenvolvimento de uma resistência contra o opressor português. A noção dos direitos dos homens e das nações, as associações de países e de povos com o fim de defender esses direitos, ia favorecendo as reivindicações enérgicas dos direitos do povo angolano.

No entanto, a colonização portuguesa, sujeitando o nosso povo a uma condição inumana, não podia senão conduzir ao surto revolucionário que eclodiu no 4 de Fevereiro de 1961.

A discriminação racial, o trabalho forçado, o analfabetismo e o obscurantismo, são hoje factores bem conhecidos em todo o mundo. Dotado de características *sui generis*, a colonização portuguesa fez-se com homens da mais baixa condição social no seu país, que se agarrou com unhas e dentes às possibilidades económicas concedidas pelas vastas e ricas regiões angolanas e pelo baixo preço da sua mão-de-obra. As colónias, duma maneira geral, são para o colono português, o meio de fugir às condições degradantes em que vivia no seu país, ele próprio subdesenvolvido, essencialmente agrícola e sujeito ao condicionalismo do capital estrangeiro.

Portugal, mesmo hoje, não pratica sozinho a exploração do nosso País. É mesmo mais correcto dizer-se que Portugal apenas serve de intermediário aos grandes monopólios internacionais que exploram as riquezas minerais e agrícolas de Angola.

Esses monopólios, constituídos por sociedades comerciais dos países mais adiantados do mundo ocidental, detêm o exclusivo da exploração das riquezas do nosso País.

São a Union Minière du Haut-Katanga, Société Générale de Belgique, Anglo-American Diamonds Lda, De Beers, Krupp, Petrofina, Cotonang, CADA, etc. constituídos por capitais da América, Grã-Bretanha, Bélgica, França e Alemanha, aqueles que suportam a exploração económica de Angola e dela extraem os maiores lucros!

Não admira portanto que entre as tropas colonialistas de Portugal, se encontrem também os mercenários que actuaram no Katanga, na Argélia, na Indochina, ao serviço dos mesmos interesses que protegiam com a sua desumanidade e crueldade, nesses países.

Não admira também que Portugal beneficie do auxílio da OTAN para o fornecimento de armas e de meios financeiros para continuar a dominação colonial em Angola.

Grandes associações económico-financeiras da Europa e da América foram constituídas à custa do sangue, do suor e do sacrifício do povo angolano, cuja porção mais

válida, a sua juventude, depois de ter pago um pesado tributo à escravatura, foi sacrificada nas roças, nas fazendas e nos pesados trabalhos públicos, e depois passada a ferro e fogo pela repressão.

Lançado na miséria económica, subalimentado e humilhado, o povo angolano não deixou de manter a consciência da sua dignidade e da sua qualidade de ser humano que deve ser respeitado.

Depois de 1930, as ideias nacionalistas deixaram de pertencer às puras aspirações de alguns dos mais destacados elementos da sociedade angolana, para tomar forma em vários movimentos de carácter regionalista, cultural, recreativo, desportivo, etc.

A luta de libertação empreendida em África pelos povos das antigas colónias britânicas e francesas, não deixaram de ter a sua repercussão dentro de Angola. Elas inspiraram e dinamizaram as populações para a organização de movimentos mais politizados e estruturados.

Contudo, o colonizador português que pressentia a efervescência dentro do território angolano, estabeleceu a sua rede repressiva, primeiro mantida pelas autoridades administrativas e depois por uma polícia política (a PIDE), que fizeram abortar as possibilidades de uma organização estendida a todo o país, e o desenvolvimento normal da actividade nacionalista, ao contrário dos outros países africanos, onde existia uma maior liberdade de expressão.

As organizações formadas, limitaram-se, regra geral, a uma região, e assim encontramos hoje, constituídas, várias organizações de base regional ou tribal.

Fundado em 1956, o MPLA é um Movimento que teve a sua origem na reunião de vários agrupamentos políticos da região de Luanda, tendo-se mais tarde fundido com a organização anti-colonialista dos angolanos na altura estudando em Portugal.

O MPLA, cuja independência política constitui a maior ameaça contra o colonialismo português, é também um combatente seguro contra todas as outras forças estrangeiras que, por intermédio de Portugal e através das organizações financeiras, vêm carreando [*sic*] as nossas riquezas para fora do território nacional, sujeitando o Povo à miséria, à opressão e à violência sangrenta.

A sua atitude neutralista na política de blocos que hoje domina o mundo, alinhando com a África não engajada, tem-lhe acarretado a hostilidade por parte daqueles países para quem a África continua a ser a fonte preferida das matérias-primas.

Criado no interior do País, é o único Movimento angolano que possui características verdadeiramente nacionais. É também ele que mais dificuldades tem sentido no exterior.

O MPLA tentou, por todos os meios, legais e semi-legais, obter para o Povo Angolano, os direitos que lhe assistiam. Encabeçando, principalmente em Luanda, as reivindicações mais justas do Povo angolano, lutou contra a discriminação racial nos empregos, nas escolas, nas oficinas, nos locais de recreio; sustentou as exigências de salários justos para os trabalhadores; bateu-se pelo direito sagrado do povo angolano pela sua Independência. E, ao ver esgotados os meios de actuação pacífica, ante um Portugal que reagia com violência, lançando na prisão, onde torturava os presos até ao esgotamento; assassinando; deportando e perseguindo, o MPLA determinou-se a tarefa de iniciar a acção directa.

Já se encontravam suportando corajosamente as limitações das cadeias, várias dezenas de patriotas, na sua maioria filiados no MPLA, nomeadamente aqueles que

faziam parte do célebre processo dos 50, ainda hoje sujeitos a trabalhos forçados no Tarrafal, Arquipélago de Cabo Verde.

O primeiro acto armado sucedeu-se então em Luanda, no dia 4 de Fevereiro de 1961. Vários grupos de patriotas, desceram dos bairros reservados aos africanos para a cidade onde se encontravam as cadeias. A sua intenção era a de libertar os prisioneiros políticos, entre os quais se encontrava a maioria dos dirigentes. A polícia e o exército português, os grupos de colonos armados à pressa pelo governo colonial, reagiram com toda a força de que podiam dispor, responderam violentamente aos assaltantes, e nos dias seguintes atacaram as populações angolanas indefesas. Muitas centenas de mortos salpicaram com o seu sangue de mártires esta página heróica da nossa História. A revolta estava iniciada.

Desencadeou-se, com esse esforço de gigantes, a Revolta angolana que tomaria depois, proporções mais vastas no Norte. De facto, a partir de meados de Março, outras organizações passaram a participar na luta armada e os militantes do MPLA, desempenharam um papel fundamental, embora seja necessário dizer que a maior parte das acções armadas realizadas nessa altura, eram produto da rebelião espontânea do povo e não do comando das organizações políticas. O MPLA teve, com a sua atitude, a honra de ter aceso a chama da revolução, e hoje, é ainda ele quem indica, com a sua orientação justa, a rota a seguir. O MPLA está na vanguarda da nossa luta.

A desnaturação da revolta do Povo angolano e o retrocesso que a luta de libertação sofreu, após 1961 são um fenómeno digno de menção, para ser possível compreender o estádio actual da luta de Angola.

Como acima ficou dito, nos anos de 1960 a 1962 principalmente, a maioria dos dirigentes políticos angolanos, tinha-se refugiado noutros países, não somente para se salvarem da fúria da repressão colonial portuguesa, mas principalmente para se organizarem suficientemente e adquirirem os meios para a luta político-militar. Este facto, decapitou a [rebelião] armada, deixando-a entregue a si mesma, às inconseqüências da acção anárquica e aos apetites que depois delas tentaram e tentam apoderar-se.

Depois de 1960, os partidos políticos angolanos, se instalaram em Léopoldville, facto que foi determinante para a fase actual da luta. Com efeito, a permanência das organizações políticas mais influentes no território do Congo-Léopoldville, teve e tem uma importância capital. Os conflitos que ali se desenrolaram, a actividade desenvolvida contra os nacionalistas congolezes, vieram a ter repercussões no nacionalismo angolano.

As tendências que esmagaram Patrice Lumumba, sob o olhar indiferente da ONU, não foram colocadas por acaso no Congo-Léopoldville.

Com efeito, Léopoldville é a guarda avançada do neocolonialismo na África austral, onde certas potências não africanas vigiam, para que as riquezas dos países vizinhos se conservem nas mãos dos grandes capitalistas associados nos potentados financeiros que dominam Angola e Moçambique, as Rodésias e a África do Sul.

O Governo de Léopoldville, não é senão o instrumento dessas potências, às ordens das quais age e vive. As suas acções são a expressão dos desejos dos seus patrões estrangeiros, que continuam a viver à custa do trabalho e das riquezas do Povo Congolês.

No Congo Léopoldville, não podia, portanto, realizar-se o desejo dos nacionalistas angolanos, de ali se organizarem como força político-militar para a libertação do País.

Esse País está colocado como tampão frenador contra as aspirações dos povos dessa parte de África. Ele tem dirigido os acontecimentos, de modo a assegurar, uma paz neocolonialista, a continuação do statu quo económico.

Os imperialistas, encontram sempre o seu homem. Aquele que, para satisfazer aos seus desígnios ambiciosos, à sua sede de poder, prefere vender a Pátria, trair os seus compatriotas.

No nosso caso, algumas organizações menos conhecedoras da realidade angolana, formadas por uma população há muito emigrada do País, subordinaram-se também aos interesses não africanos que dominam o Congo. Por seu intermédio, o conteúdo revolucionário da luta do nosso Povo, desvaneceu-se. A luta fez marcha-atrás nestes três anos de combate do Povo contra o colonialismo português. E o esforço gigantesco pela Independência desviou-se do seu verdadeiro caminho, para seguir a via da luta fratricida por intermédio da qual se deseja conseguir a hegemonia colonialista e o ambiente nacional confuso do Congo-Léopoldville. Muitos milhares de angolanos, morreram e ainda morrem às mãos de angolanos, com o fim de se manter um exclusivo partidário.

Ao MPLA – que combate contra todas as forças estrangeiras, portuguesas ou outras – não podia ser consentida uma existência no Congo. Não podia ser-lhe permitida uma vida organizativa suficiente para desenvolver a luta armada no País.

É conhecido que o governo reaccionário de Léopoldville, além de proibir o recebimento de armas e o trânsito das mesmas no território nacional, apreendeu uma boa parte do material de guerra do nosso Movimento. Prendeu e espancou os militantes, e finalmente mandou encerrar a secretaria principal, perseguiu e prendeu dirigentes do MPLA, estando estes hoje ameaçados no caso de pisarem o seu território.

Tudo isto para garantir o regime neocolonialista no nosso País. Para evitar que da luta do nosso Povo, resulte uma Independência real e completa, como é sua aspiração.

No entanto, o jogo imperialista não se processa apenas no Congo-Léo.

O recuo sofrido pelas forças revolucionárias da África permitiu que alguns organismos da OUA se submetessem aos desejos das potências não africanas, com perda da sua Independência.

Por exemplo, um Comité de Conciliação vindo a Léopoldville para conciliar os movimentos de libertação angolanos, procedeu de acordo com os objectivos do governo congolês e serviu assim os interesses das potências que hoje colonizam a África.

Ao recomendar o reconhecimento desse “governo provisório”, a OUA seguiu evidentemente, a opinião do governo congolês, interessado em afastar o MPLA da luta e realizar o objectivo dos seus amos, o qual é o de conservar o Congo e Angola, nas suas mãos neocolonialistas.

É por isso que ao examinar estes factos, o MPLA considera ter sido errado o movimento feito para o exterior, com o fim de organizar as forças. O colete-de-forças em que ainda se encontra metida a África, não permite que ela lute imediatamente pela libertação completa do Continente.

Apesar do desejo evidente de entre-ajuda, cada país e cada Povo africano, afora certas formas de solidariedade no campo diplomático, tem de contar quase exclusivamente consigo mesmo, para realizar os seus fins nacionalistas.

Um dos temas favoritos dos inimigos da nossa Independência é a divisão do nacionalismo angolano, embora esta seja, na maior parte das vezes, provocada por eles próprios, ao utilizar certos elementos ambiciosos, aventureiros, sedentos de poder, para conseguir os seus fins.

O paternalismo da OUA em relação aos Movimentos de Libertação, não conseguiu resolver o problema da divisão, pelo contrário, provocou uma situação em que mais dificilmente pode ser encontrada a unidade de esforços na luta contra o colonialismo.

Ora, o problema do divisionismo angolano, no meio das ambições que se desenvolvem sobre Angola, apenas pode ser resolvido por nós mesmos no interior do País. Cada interveniente na questão angolana, vem com um interesse; muitas vezes não coincidente com o interesse do nosso Povo.

Não se pode conceber como séria a política de certos países que começam por “reconhecer” uma facção do nacionalismo, (evidentemente com o fim de agradar às potências estrangeiras que a apoiam) e impor ao nosso País, um “governo” que não representa nem sequer os próprios combatentes angolanos lutando pela liberdade.

A divisão no seio do nacionalismo angolano, não é senão o resultado da ingerência de estrangeiros no nosso problema. É ainda uma consequência da ingerência exagerada e da atitude paternalista da OUA, convencida de que ela pode abandonar uma parte do Povo Angolano reunida em alguns partidos, ao conceder a sua ajuda aos movimentos de libertação.

Uma lição a tirar hoje dos acontecimentos do 4 de Fevereiro, é que nós angolanos, temos de contar sobretudo com as nossas próprias forças para resolver os problemas do nosso País, embora não devamos minimizar nem desprezar as ajudas já recebidas dos irmãos africanos, ajudas que mantiveram as nossas organizações e deram um contributo positivo na luta do nosso Povo.

No dia 4 de Fevereiro, os militantes do MPLA, na cidade de Luanda, dispendo de reduzido armamento, apenas tiveram a seu lado a força da população da cidade; na revolta generalizada ao Norte que se seguiu, o povo angolano teve de contar com o sacrifício dos seus filhos, com a coragem dos seus combatentes, com o patriotismo e o ânimo dos nacionais.

As demasiadas esperanças postas mais tarde na ajuda estrangeira, contribuiu para atrasar a luta. Mais flagrantemente, a intervenção dos países africanos da maneira como foi feita, tem servido, não para conceder uma ajuda visível aos movimentos nacionalistas, mas para provocar uma situação confusa em que ganham, em última análise, os monopólios estrangeiros.

O MPLA não beneficiou em nada, com a intervenção da OUA no problema angolano; pelo contrário esta deu força à reacção congolosa para perseguir os seus militantes, causando perdas materiais e morais importantes.

Também é de constatar que o povo angolano, foi surpreendido pelo recuo, feito na ONU perante um Portugal que manobra com cinismo as ambições de certos nacionalistas.

No dia 4 de Fevereiro de 1964, os angolanos reunidos no MPLA temos de chegar à conclusão que a nossa luta, é apenas nossa, é a luta dos angolanos e somos nós quem tem de verter o sangue, fazer o esforço supremo para conquistar a Independência.

Nenhum país ou grupo de países africanos ou outros, poderão contribuir eficazmente para a nossa libertação, visto que, especialmente em África, a libertação verdadeira de cada país, ainda é uma meta a atingir.

Na Conferência de Quadros do nosso Movimento, realizada em Janeiro último, os militantes mais responsáveis do nosso Movimento, não esconderam as suas preocupações ante o intervencionismo de certos países africanos.

Ela declarou: [No manuscrito, A. Neto deixou um espaço em branco que foi completado. Foi completado a partir da “Declaração Final” da Conferência de Quadros]

“Profundamente preocupada por constatar o apoio de algumas nações africanas a um “governo” não representativo e instrumento dos interesses imperialistas no nosso País em África,

Convencida que Portugal não alterou a sua tradicional política colonial, não tendo tomado as medidas mais elementares no sentido de demonstrar o seu respeito pelo direito irreversível e intransmissível do nosso Povo e de todos os povos sob a sua dominação colonial à autodeterminação e Independência, Convencida da necessidade de todos os angolanos concertarem os seus esforços para a luta pela independência nacional do seu País,

Convida a OUA a tomar as medidas necessárias para assegurar a aplicação imediata do [Artº] 11 da sua resolução de 25 de Maio de 1963,

Reclama da OUA e de todos os países africanos a cessação imediata do apoio ao intitulado “grae”, por se tratar de um governo não representativo e constituir um dos elementos fundamentais sobre que se apoia o imperialismo, para estender a sua dominação económica e política ao nosso País.

Apela aos países africanos no sentido de cessarem imediatamente de apoiar o intitulado “grae”, por isso favorecer na prática, a instalação em Angola de um regime político contraditório com os interesses do nosso Povo e estabelecer de facto, as condições eficazes à penetração neocolonialista no nosso País; apela também aos governos africanos, no sentido de exercer a sua influência junto do governo da República do Congo (Léo), a fim de o levar a permitir a actividade do MPLA no seu território, dado que o MPLA tem demonstrado, através da sua luta, possuir as condições necessárias para corresponder às transformações que garantam ao Povo de Angola a conquista da Independência Nacional e o pleno exercício dos princípios democráticos,

Convida as Nações Unidas a tomar as medidas necessárias e eficazes a fim de levar Portugal a reconhecer o direito do Povo Angolano e de todas as suas colónias à autodeterminação e Independência Nacional.

Convida o governo da República do Congo (Léo) a cessar imediatamente os actos repressivos e arbitrários que vem cometendo contra as organizações nacionalistas angolanas, nomeadamente o MPLA e os seus respectivos membros, por tais actos constituírem uma escandalosa ingerência nos problemas especificamente angolanos e servirem os interesses do Imperialismo em Angola, na República do Congo (Léo) e no Continente africano.”

Excelência

Nos dias 13, 14 e 15 de Agosto, tivemos ocasião de acompanhar nesta cidade de Brazzaville, a heróica acção do povo congolês, desejoso de se libertar de um regime que o oprimia e que desviava dos seus verdadeiros fins as funções dos governantes.

Foi o próprio Povo congolês, quem agiu. Foi o próprio povo congolês quem combateu, lutou, e fez cair os seus adversários.

Nós saudamos com alegria esta acção que dia a dia se vem consolidando nos factos e na atitude inteligente e nacionalista do governo conduzido por S. Ex.^a o Presidente da República Mاسمبلا-Дэбат.

Hóspedes no vosso País, nós temos uma preocupação fundamental. A libertação da nossa terra, não só do colonialista português, mas também daqueles angolanos e africanos que, à semelhança dos antigos governantes deste país, estão mais ciosos do seu bem-estar do que da satisfação das necessidades do Povo e do progresso da Nação.

Nós manifestamos o nosso reconhecimento pela fraternal atitude que para connosco tomastes, acolhendo-nos em vossa casa no momento em que, exilados do nosso país, fomos ainda perseguidos pelos nossos próprios irmãos africanos.

A ajuda que nós vos pedimos, é apenas a compreensão do nosso problema. Vós tereis o nosso eterno sentimento de gratidão.

A vossa presença aqui, no momento em que comemoramos o dia 4 de Fevereiro, é já um testemunho da vossa solidariedade para com a nossa luta.

Com o vosso exemplo e com a força inicial transmitida pela acção nacionalista no dia 4 de Fevereiro, nós temos em nós a certeza de conquistar para o nosso Povo, a Independência Nacional a que aspiramos.

A comunidade de objectivos dos povos congolês e angolano é uma garantia de uma futura colaboração fraternal.

Viva o dia 4 de Fevereiro

Viva o MPLA

Viva o Povo e Governo do Congo-Brazzaville

transmitida pelo Povo, desejoso de se libertar, nos dias 13, 14 e 15 de Agosto, tivemos ocasião de acompanhar nesta cidade de Brazzaville, a heróica acção do povo congolês, desejoso de se libertar de um regime que o oprimia e que desviava dos seus verdadeiros fins as funções dos governantes.

Foi o próprio Povo congolês, quem agiu. Foi o próprio povo congolês quem combateu, lutou, e fez cair os seus adversários.

Nós saudamos com alegria esta acção que dia a dia se vem consolidando nos factos e na atitude inteligente e nacionalista do governo conduzido por S. Ex.^a o Presidente da República Mاسمبلا-Дэбат.

Hóspedes no vosso País, nós temos uma preocupação fundamental. A libertação da nossa terra, não só do colonialista português, mas também daqueles angolanos e africanos que, à semelhança dos antigos governantes deste país, estão mais ciosos do seu bem-estar do que da satisfação das necessidades do Povo e do progresso da Nação.

Nós manifestamos o nosso reconhecimento pela fraternal atitude que para connosco tomastes, acolhendo-nos em vossa casa no momento em que, exilados do nosso país, fomos ainda perseguidos pelos nossos próprios irmãos africanos.

A ajuda que nós vos pedimos, é apenas a compreensão do nosso problema. Vós tereis o nosso eterno sentimento de gratidão.

A vossa presença aqui, no momento em que comemoramos o dia 4 de Fevereiro, é já um testemunho da vossa solidariedade para com a nossa luta.

Com o vosso exemplo e com a força inicial transmitida pela acção nacionalista no dia 4 de Fevereiro, nós temos em nós a certeza de conquistar para o nosso Povo, a Independência Nacional a que aspiramos.

A comunidade de objectivos dos povos congolês e angolano é uma garantia de uma futura colaboração fraternal.

Viva o dia 4 de Fevereiro
 Viva o MPLA
 Viva o Povo e Governo do Congo-Brazzaville

Hino do MPLA

[policopiado]

[Sem data – Foi cantado pela primeira vez a 4 de Fevereiro de 1964]

MARCHA DO MPLA

(MPLA, AVANTE! AVANTE!)

I

Com o Povo heróico e generoso
 No combate pela Independência
 Nossa voz por Angola ecoa
 e faz recuar a tirania

CORO:

Decididos unidos marchamos
 Alto o facho levado aceso
 MPLA VITÓRIA OU MORTE
 Pelo Povo todos ao ataque

Vozes de fundo:
 MPLA AVANTE AVANTE!
 (2 vezes)

II

Na manhã do 4 de Fevereiro
 Os heróis quebraram as algemas
 P'ra vencer o colonialismo
 E criar uma Angola renovada

CORO:

Sob a Bandeira do MPLA
 Nossa luta contra a opressão
 Para o Povo triunfará
 Nós fazemos a REVOLUÇÃO!

Vozes de fundo:
 MPLA AVANTE AVANTE

III

Do teu solo ora regenerado
 Pelo sangue mártir dos teus filhos
 Brotará, oh Pátria querida
 Um novo mundo, uma nova vida.

CORO:

Sob a Bandeira do MPLA
 Nossa luta contra a opressão
 Com as armas triunfará
 Nós fazemos a REVOLUÇÃO

Vozes de fundo:
 MPLA AVANTE AVANTE

Carta de Lúcio Lara a Joe Nordmann

[dactilografada, em francês – 2ª via]

Brazzaville, 6 de Fevereiro de 1964

Ao Dr. JOE NORDMANN
Advogado no Tribunal Supremo
19, Quai de Bourbon
PARIS IV

GABINETE POLÍTICO
Ref. nº 4/BP/1964

Caro Amigo

Não sabemos se as suas ocupações lhe permitiram acompanhar as diferentes fases da questão angolana, depois da Conferência de Addis Abeba, que levaram ao reconhecimento do pretenso “governo angolano no exílio” (“grae”).

De facto, aquando da Conferência de Addis Abeba (Maio 1963), o MPLA saiu vitorioso sobre as teses do Sr. Adoula que queria convencer os Chefes de Estado africanos que só a UPA (ou a FNLA) de Holden Robert representava a luta do Povo angolano. Tendo o MPLA demonstrado que a sua participação na luta tornava arbitraria a pretensão do Sr. Adoula, os Chefes de Estado africanos reconheceram que a nossa argumentação tinha fundamento. Na sua resolução sobre a DESCOLONIZAÇÃO, a Conferência Cimeira

“§ 10 – CONVIDA INSISTENTEMENTE todos os movimentos nacionalistas de libertação a coordenarem os seus esforços, criando frentes comuns de acção onde quer que seja necessário, a fim de reforçar a eficácia da sua luta e a utilização racional da assistência concertada que lhes será concedida;

§ 11 – DECIDE criar um Comité de Coordenação composto pela Argélia, o Congo (Léopoldville), a Etiópia, a Guiné, a Nigéria, o Uganda, a República Árabe Unida, o Senegal e o Tanganika, cuja sede será em Dar-es-Salam (Tanganika) e que será encarregue de harmonizar a assistência fornecida pelos Estados africanos, assim como de gerir o Fundo especial instituído para esse fim;

§ 14 – DECIDE acolher, nos respectivos territórios dos Estados independentes de África, os nacionalistas dos movimentos de libertação para assegurar a sua formação em todos os domínios e conceder aos jovens toda a assistência necessária para a sua instrução e a sua formação profissional;

§ 15 – DECIDE favorecer, em cada Estado, a passagem de ajuda material e a criação de um corpo de voluntários em diferentes domínios, a fim de fornecer aos movimentos africanos de libertação nacional a assistência de que eles necessitam nos diferentes sectores.”

Todas as tentativas feitas pelo MPLA para receber do Governo congolês (Léo) uma autorização para o trânsito de armas, não tiveram seguimento, apesar das inúmeras promessas que só tinham como objectivo o adiamento eterno de uma solução.

O Governo Adoula mostrou mais tarde a sua má fé quando declarava que o MPLA não tinha actividade militar, o que longe de corresponder à realidade, nunca deveria ser

afirmado por pessoas que tudo fizeram para impedir o reabastecimento em armas aos nossos grupos de guerrilha.

A 29 de Junho de 1963, para responder ao golpe sofrido em Addis Abeba no que diz respeito ao problema angolano, o Sr. Adoula e os seus inspiradores, em flagrante contradição com o § 10 da Resolução sobre a Descolonização, decidiram o reconhecimento unilateral de um pretenso “governo” que o Sr. Holden tinha proclamado sem sucesso em Abril de 1962. Foi um golpe de teatro desencadeado no mesmo momento em que o Comité de Coordenação da Ajuda reunia pela primeira vez em Dar-es-Salam com os representantes dos movimentos de libertação, a fim de estudar as modalidades de atribuição da ajuda de que trata o § 11 da Resolução acima mencionada.

Os próprios delegados ao Comité dos Nove ficaram surpresos e o MPLA pôde requerer que uma Missão de Bons Ofícios se deslocasse a Léopoldville para tentar remediar as graves consequências desta decisão unilateral.

O próprio Presidente Ben Bella declarava ao correspondente da OCORA, a propósito desse reconhecimento:

“Tudo depende do sentido que se dá a esse reconhecimento.

Se se quer assim orientar a ajuda a favor dos movimentos de libertação de Angola, para exclusivo proveito desse governo, é perigoso. Essa tomada de posição arrisca-se a comprometer a unidade dos movimentos de solidariedade prescrita pela Carta de Addis Abeba. Se tal fosse a intenção do governo do Sr. Adoula, iria mesmo contra o espírito de Addis Abeba. No entanto, se for apenas um reconhecimento que não decida sobre a ajuda que deverá ser concedida, ele apenas irá encorajar os irmãos angolanos.”

(Cf. “Jeune Afrique” Nº 143 – 15/21 de Julho de 1963, p. 7)

No entanto, esta Missão dita de Bons Ofícios, quando chegou a Léopoldville, deparou-se com o Sr. Adoula numa posição intransigente e alguns desses membros devem ter sofrido fortes pressões por parte da Embaixada Americana (que não faltou a nenhuma sessão pública da dita Missão).

Então todos os pretextos foram válidos para afastar o MPLA, para seguir a via que o Sr. Adoula e os seus inspiradores indicavam.

O Senhor poderá encontrar aqui em anexo os documentos relacionados com esta questão, nomeadamente a acta das sessões da Missão de Bons Ofícios, o Memorando apresentado em Dakar, a Nota enviada ao Comité de Coordenação, assim como dois outros Memorandos, um sobre a formação do pretenso governo (1962) e outro sobre o presumível reconhecimento pelo Governo Adoula (uma semana antes deste reconhecimento).

Se tiver tempo disponível, agradeceríamos-lhe que nos esboçasse um recurso da decisão “recomendando o reconhecimento” e nos enviasse por correio Expresso para poder ser apresentado na Conferência que se realizará a 24 do corrente.

Pedimos desculpa pelo atraso com que fazemos este pedido.

Queira aceitar, Caro Amigo, a expressão da nossa gratidão.

Em nome do Gabinete Político do MPLA

L. LARA

Comunicado do MPLA sobre o GRAE

[policopiado]

[Endereço do MPLA em Brazzaville]

SOBRE AS DIVAGAÇÕES MITOLÓGICAS DO “grae”

Um pretense “governo angolano no exílio”, contrariado pela justeza com que o nosso Movimento vem pedindo a revisão das decisões tomadas em Léopoldville e em Dakar no quadro da OUA, entendeu repetir em público as injúrias que serviram para iludir a Comissão de Conciliação.

As mesmas deformações da realidade, os mesmos subentendidos, as mesmas falsidades e calúnias povoam o comunicado. Não falta sequer a citação mitológica para completar o quadro.

Na realidade, são falsas e caluniosas as dúvidas que pretende voltar a suscitar sobre o nacionalismo dos movimentos que formam a FDLA. Os dirigentes do “grae”, que nunca demonstraram vocação para o diálogo desconhecem o papel que cabe a um verdadeiro movimento de vanguarda no esclarecimento de todas as massas do país.

Os dirigentes do “grae”, habituados a contemplar-se na insistência com que o MPLA reclamava errada e exclusivamente a unidade com a UPA, não disfarçam hoje a sua decepção, perante a correcção de uma atitude que não correspondia aos interesses do nosso Povo. Acontece, além do mais, que são suficientemente conhecidas as depurações que sofrem esses movimentos antes da formação da referida Frente para que possam ser postas em dúvida. (Referimo-nos apenas aos movimentos que participam da Frente; este não é o caso do Ntobako).

Tais insinuações não passam dum simples subterfúgio, com o qual os dirigentes do “grae” pretendem esconder a responsabilidade que o sr. Adoula e o sr. Holden tiveram na actuação do Comité de Conciliação.

Falsa e caluniosa é também a insinuação dum pretensa colaboração do MPLA com a FUA. Esta atoarda mostra o interesse de atizar os rancores raciais, processo odioso muito do agrado dos dirigentes da UPA e de todos os oportunistas. Com ela supõe o “grae” conquistar a simpatia dos diplomatas africanos.

Pretender que as recomendações da Comissão de Conciliação resultaram de argumentos válidos, é uma grosseira mistificação. A existência artificial do “grae”, cuja falta de representatividade se evidencia nos próprios processos de coacção que está pondo em prática com a colaboração imperialista contra os angolanos refugiados, não constitui um argumento, mas uma mistificação. Mistificação é também conferir ao FNLA qualquer representatividade. O FNLA salienta-se apenas pela confusão propositada a que se presta com o FLN argelino.

As recomendações da Comissão de Conciliação contra as quais não nos cansamos de protestar, só foram possíveis pela ingerência das autoridades congolosas a soldo do imperialismo. Foi nos corredores da reunião e nas recepções íntimas que a Comissão capitulou.

Não é apenas o MPLA que o afirma. Também o “Révolution Africaine” argelino o diz, citando “The Spark”, de Accra, o primeiro a ver claro.

“De facto, o caso angolano foi tratado dum maneira que dá lugar a inquietações. As autoridades de Léopoldville reconheceram unilateralmente o governo provisório de Roberto Holden. Graças ao princípio de que o Estado limítrofe tem a última palavra quanto à maneira de ajudar o movimento de libertação do país vizinho, o Comité de Libertação cedeu à chantagem exercida pelo governo Adoula. O resultado foi que o movimento de libertação de Angola foi virtualmente paralisado e que se impôs a todos os revolucionários aceitar a linha de Holden (e dos EUA) de negociação com Portugal”.

A formação da FDLA, que no caso dum conferência de verdadeira conciliação e no interesse do Povo Angolano estava geometricamente certa, não pode servir senão de mistificadora desculpa. De resto, o FDLA continua a impor-se à vontade popular no interior, como entre os emigrados e não sente necessidade de fazer alarido no exterior.

O “grae” como o “FNLA” não têm nem a representatividade nem a idoneidade moral necessária para se permitirem falar em nome de todo o Povo Angolano.

O aval que o sr. Adoula passou sobre a capacidade da organização do sr. Holden Robert não lhe confere magicamente a autenticidade que não tem. Para mais o próprio aval está em contradição com algumas opiniões autorizadas mais em contacto com a realidade do país do que o sr. Adoula.

Por exemplo, em certo dia do mês de Novembro de 1963, já depois de ordenado o encerramento das nossas instalações no Congo-Léopoldville, e no decurso de um Conselho de Ministros, o chefe do governo provincial do Kwango mostrou, nestes termos, a injustiça e a arbitrariedade que se praticava contra o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA):

Embora as actividades do Movimento Popular de Libertação de Angola tenham sido interditas no território da República, este Movimento fez na Província grandes realizações em matéria de ajuda aos refugiados angolanos. Criou dispensários, forneceu vestuários e alimento aos seus compatriotas necessitados, coisa que a UPA NUNCA FEZ apesar da sua PRESENÇA CONTÍNUA na Província.

A resposta do sr. Adoula foi a que se conhece: fez endurecer a repressão que já recaía sobre os nossos membros e dirigentes, sucedendo-se as prisões e as violências.

Cerca de dois meses, dois responsáveis do nosso Movimento, Daniel Chipenda e António Condese estiveram encarcerados e foram alvo de maus-tratos.

Ao terminar o Congresso da União dos Trabalhadores de Angola (UNTA) o chefe da organização da UPA, M. Holden Robert, fez prender por intermédio da Surété National congolosa o secretário geral do sindicato, mais tarde posto em liberdade provisória. Como aconteceu com os membros do MPLA, também Pascal Luvualu foi preso sem culpa formada.

A resistência oposta contra aqueles que atentam contra os interesses do Povo Angolano é considerada pelos dirigentes do “grae” e por todos os partidários do oportunismo político como “inconsciência suicida”. Para eles não existe fidelidade aos interesses pessoais, imediatos ou remotos.

Estamos absolutamente certos que as instâncias da Organização da Unidade Africana, mesmo as “últimas”, meditarão das terríveis verdades que se revelam nas palavras ponderadas do presidente do Kwango. Elas são a confirmação da conspiração dos inimigos da África para afastar o MPLA da luta armada, causa fundamental do atraso do processo de libertação do nosso Povo.

E servem de aviso aos incautos que se deixarem iludir pelo comércio que a organização do sr. Holden Robert, bem aconselhado pelos peritos imperialistas, está fazendo fora da sua rota normal, na intenção de adquirir uma nova etiqueta. Esse comércio não passa, igualmente, de uma mistificação, que facilitaria a introdução imperialista em Angola.

O COMITÉ DIRECTOR

B/ville 6.2.64 – DOC. 9/64

Relatório de Agostinho Neto sobre fronteira de Cabinda

[*dactilografado*]

RELATÓRIO

A visita aos centros de actividade da fronteira de Cabinda, mostrou em quase todos os locais, a par de alguns casos de indisciplina e de falta de organização, um estado de espírito excelente e o amadurecimento das condições para a luta político-militar.

Porém, nota-se ainda uma certa timidez na constituição de Comitês de Acção e na mobilização das populações.

Todos os membros de Caravana, se comportaram bem, com elevado grau de disciplina e de interesse pelas tarefas que se impõem. Há que destacar o trabalho dos camaradas Roque e Ferreira, à altura das suas responsabilidades.

O contacto com as autoridades, foi positivo, não se notando qualquer hostilidade contra o MPLA, ainda que afectadas do habitual paternalismo em relação ao nacionalismo angolano.

As populações contactadas, estão dispostas à luta. Uma aversão sensível contra os actos da UPA, se revela e é necessário aproveitar.

É possível opor uma actividade eficaz contra a tendência exclusivista da UPA que, neste sector não pode eliminar facilmente os outros partidos e também porque tem caído em descrédito constante.

É necessário instalar um dispensário do CVAAR na Zona de Ponta Negra.

ORGANIZAÇÃO

Em Ponta Negra, existe um Comité de Acção mais ou menos activo, que inscreveu 222 membros num sector onde os Movimentos de Cabinda têm alguma audiência.

Dez membros contribuem mensalmente com cerca de 3.000 francos mensais, que são destinados às despesas da secretaria.

Há uma Secção da Juventude, mal organizada e sem dirigente. Era necessário enviar a Ponta Negra um camarada que pudesse responsabilizar-se pela orientação política.

Nota-se a necessidade de instalação de um posto do CVAAR em MICONDO, junto da fronteira do Massabi, onde a UPA tem a sua base mais sólida. A distância a que se encontram os postos Sanitários congolezes, justifica a sua abertura.

Há que abrir algumas escolas primárias.

Os militares necessitam de instrução política e geral.

Brazzaville, 7 de Fevereiro de 1964

AGOSTINHO NETO [*com assinatura*]

PRESIDENTE

ORÇAMENTO

| | | |
|--|--|--------|
| RECEITAS | | |
| Recebemos da Tesouraria | | 36.200 |
| Empréstimos | | 21.000 |
| | | <hr/> |
| | | 57.200 |
| DESPEAS | | |
| Gasolina – 300 litros a 3,90 | | 11.700 |
| 150 " a 3,75 | | 3.750 |
| | | <hr/> |
| | | 15.450 |
| Alimentação durante a viagem | | 12.200 |
| “ para 2 camad. que ficaram em DOLISIE | | 3.000 |
| Alimentação " 3 " " " " KIMONGO | | 3.300 |
| Alimentação " 5 " " " " PENEGE | | 5.500 |
| Alimentação para os camad. em BANGA | | 1.000 |
| Oferta ao chefe da sanzala de BANGA | | 500 |
| Oferta à mãe dum camad. | | 500 |
| Material de secretaria p/ enferm. em P. N. | | 960 |
| " " campo p/ BANGA | | 3.365 |
| Cartas de séjour p/ 2 camad. de KIMONGO | | 1.100 |
| (e passagens de KIMONGO-DOLISIE) | | |
| Compra de dois bancos p/ P. N. | | 600 |
| Passagens de combóio DOLISIE-BRAZZAVILLE | | 1.950 |

| | |
|---|---------------|
| Pagamento dos trabalhadores que desobstruíram a estrada de troncos de árvores | 1.200 |
| Táxi | 200 |
| Extraordinários | 4.225 |
| Total das Despesas | <u>57.200</u> |

Convite para Conferência de Imprensa em Londres

[policopiado, em papel impresso do MCF]¹

CONFERÊNCIA DE IMPRENSA

10 de Fevereiro de 1964

COLÓNIAS PORTUGUESAS EM ÁFRICA

O Senhor John Mendelson, M. P. (Membro do Parlamento) e Presidente do Movimento para a libertação das Colónias Espanholas e Portuguesas, convida V. Exas. a enviar um vosso representante a fim de assistir a CONFERÊNCIA DE IMPRENSA que se realiza na próxima

Quarta-Feira, dia 12, ao Meio-Dia

numa Sala de Conferência da CASA DOS COMUNS reservada em seu nome pelos dirigentes dos movimentos nacionais de libertação dos territórios portugueses, abaixo indicados:

Dr. Agostinho Neto (Presidente do Movimento Popular de Libertação de Angola MPLA).

Pascoal Mocumbi (Chefe do Departamento de Informação do Comité Director do FRELIMO – Frente de Libertação de Moçambique).

Maria de Jesus (Representante de Mário de Andrade, Presidente da CONCP)

Abílio Duarte (Representante do PAIGC – Movimento para a Independência da Guiné e das Ilhas de Cabo Verde).

JOHN EBER
General Secretary

¹ Este convite faz parte de um documento que contém também os discursos de Maria de Jesus e de Pascoal Mocumbi. Agostinho Neto não pôde comparecer por lhe ter sido recusada a entrada em Londres, por problemas com o passaporte, o que motivou protestos na imprensa britânica.

Proposta sobre material necessário e plano de Banga

[dactilografada]

[Nota manuscrita por A. Neto na margem: Comando Operacional]

MATERIAL PRECISO COM URGÊNCIA

| | |
|----------------|-------|
| Pás | 2 |
| Picaretas..... | 2 |
| Serrote..... | 2 |
| Enxadas..... | 2 |
| Catanas..... | 3 (?) |
| Machados..... | 1 |
| Martelos..... | 2 |
| Pregos..... | 20 Kg |

PARA A VIAGEM

| | |
|--|--------|
| Alimentação mensal para dois camaradas | 6.000 |
| Gasolina para o carro 600 litros..... | 22.800 |
| Uma lata de óleo para motor..... | |
| Uma lata de óleo para travões..... | |
| Cigarros Ferreira [<i>Acréscitado à mão</i>] | 200 |

Nota: Escolhemos para chauffeur o camarada Capacha.

Assinaram

[assinatura de José Ferreira]

[assinatura de Moisés Cardoso]

PLANO DE BANGA

– Verificando que a necessidade de construção de um campo de treinos é de grande importância, os responsáveis militares apresentam aos membros do Comité Director um plano de Organização do CAMPO BANGA.

SECCÕES

Secretaria
Armamento e Municimento
Informação e Ligações
Serviços de Saúde
Monitores Políticos

| | |
|---------------------------------|-------------|
| – Comando..... | 2 elementos |
| Responsável pela Instrução..... | 1 elemento |
| Secretaria..... | 3 elementos |
| Informação e Ligações..... | 4 elementos |
| Armamento e Municiamto..... | 2 elementos |
| Serviços de Saúde..... | 2 elementos |
| Monitores Políticos..... | 2 elementos |

REGULAMENTO INTERNO

ORGANIZAÇÃO

Na ausência do Comando quem assume a chefia são:

/ 1 M. Político

/ Chefe da Instrução

Reuniões obrigatórias / 3 vezes por semana / entre os Monitores – Resp. da Instrução e Comando

O Comando é obrigado a fazer 2 relatórios mensais para a instância superior.

Todos os recrusas estão sujeitos a um exame médico antes da incorporação¹.

[*Acréscitado na margem por L. Lara: Militantes – concentração*]

Todos os recrusas antes da incorporação estão sujeitos a um juramento disciplinar.

[*Acréscitado na margem por L. Lara: Militantes*]

Todos os Angolanos que se apresentarem para serviço militar [*à mão por L. Lara: “combater”*] sem serem recrutados pelos nossos serviços, devem primeiro prestar declarações. [*Acréscitado na margem por L. Lara: mobilizados*]

Todos os reconhecimentos feitos pelos militares, antes de pôr qualquer plano em acção devem ser estudados cuidadosamente. [*Acréscitado na margem por L. Lara: guerrilheiros*]

Todas as informações vindas do interior, devem ser estudadas cuidadosamente, e o informador se for desconhecido deve prestar declarações.

DISCIPLINA

O guerrilheiro combate para a vitória do Povo e dos ideais da luta.

Em todas as suas acções, o guerrilheiro cumpre e faz cumprir sem hesitação as leis revolucionárias e as ordens dos seus Chefes.

O guerrilheiro é disciplinado, pratica a camaradagem e defende o moral do corpo a que pertence.

O guerrilheiro trata os seus chefes e os seus subordinados com energia e fraternidade.

O guerrilheiro responde pela conservação do material que lhe é distribuído.

O guerrilheiro paga prontamente o que deve.

O guerrilheiro devolve prontamente tudo o que lhe é emprestado.

O guerrilheiro repara prontamente todos os prejuízos que causa.

O guerrilheiro é correcto nas atitudes e na linguagem.

O guerrilheiro trata os seus camaradas da maneira seguinte.

a) dirigindo-se directamente aos seus chefes, dirá... Meu Comandante.

b) referindo-se a um dos chefes dirá: O nosso Comandante.

c) dirigindo-se directamente ao Monitor Político dirá:... O Camarada Monitor Político.

d) referindo-se ao Monitor Político dirá:... O nosso Camarada Monitor Político.

e) dirigindo-se directamente aos do mesmo posto ou de posto inferior dirá:... Camarada.

f) referindo[-se] aos do mesmo posto ou posto inferior dirá:... O nosso Camarada.

O guerrilheiro tem direito a tratamento sem discriminação.

As violações à presente lei de disciplina são punidas com:

1 – Repreensão simples

2 – Repreensão em parada

3 – Repreensão registada

4 – Guardas

5 – Prisão

6 – Pena de morte [*Acréscitado por L. Lara na margem: a mesma disciplina no Movimento*]

As punições 1-2-3-4-5- da presente lei da disciplina serão aplicadas pelo Comando.

A punição n.º 6 será aplicada pela instância superior, sobre proposta do Comando.

PROPOSTA URGENTE

Propomos que sigam urgentemente para Banga a fim de acelerar os trabalhos de construção e dirigir a edificação do campo, os seguintes camaradas: Joaquim Cardoso e José Ferreira.

Passagens de ida e volta11.440

Alimentação durante um mês..... 6.000

Extraordinários 560

Total 18.000 CFA

¹ Os sublinhados são todos de L. Lara.

Material a levar urgente

| | |
|----------|-------|
| Serrote | 2 |
| Martelos | 3 |
| Machados | 1 |
| Catanas | 3 |
| Pregos | 20 Kg |

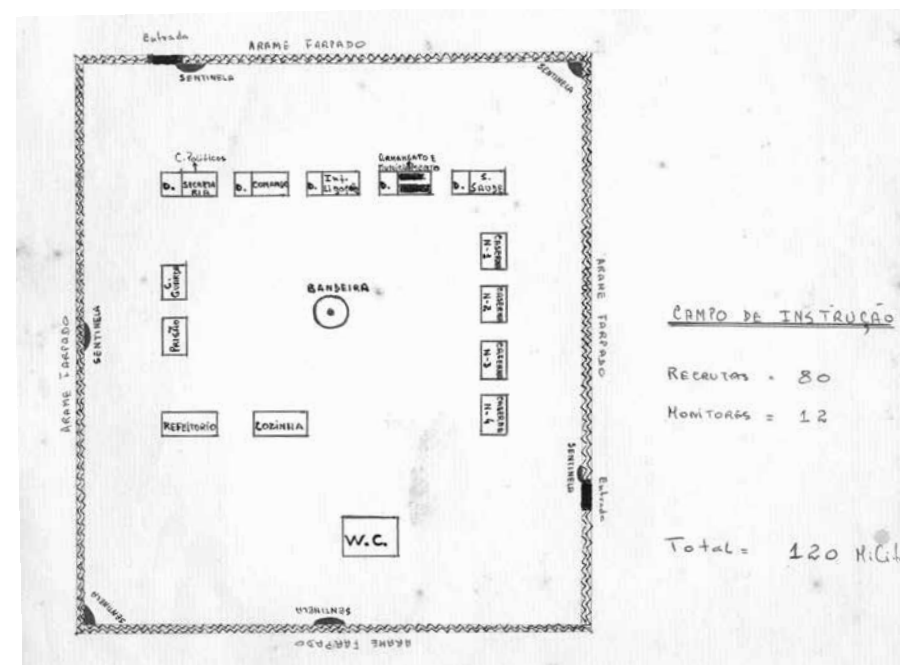
B/ville, 13-2-1964

Os Resp. Militares

MATERIAL A COMPRAR

| | |
|---|-----------|
| Uma máquina de escrever | |
| Papel de 1.as e 2.as vias | 6 resmas |
| Papel químico | 1 caixa |
| Rolos de fita para máquina | 2 rolos |
| Agrafadores | 2 |
| Fura-papéis | 1 |
| Pioneses | 2 caixas |
| Grampos | 2 caixas |
| Papel vegetal | 10 folhas |
| Papel quadriculado | 10 folhas |
| Régua | 2 |
| Esquadros | 2 |
| Transferidores | 2 |
| Duplos decímetros | 2 |
| Lápis de cor | 1 caixa |
| Lápis de carvão n.1 e n.2 | 6 |
| Bússolas | 2 |
| Rádio portátil | 1 |
| Máquina de fotografia com flash e 6 rolos | |
| Estojo de desenho | 1 |
| Frascos de tinta da china | 4 |
| Canetas para tinta da china | 4 |
| Escantilhões | |
| Tesouras | 2 |
| Bics | 12 |
| Envelopes/ pequenos e grandes | 100 |
| Panelões / tambores | 4 |
| Candeeiros | 16 |
| Tambor 50 L para petróleo | 1 |

| | |
|-------------------|--------------|
| Pratos | 120 |
| Canecas | 120 |
| Colheres | 120 |
| Facas de cozinha | 10 |
| Ferros de engomar | 2 |
| Arame farpado | 2.000 metros |



MINAS

| | |
|---|----------------------------|
| Minas Bondissantes modelo 51 anti-pessoal | Minas Eclerantes modelo 50 |
| Minas anti pessoal indectetável modelo 52 | Minas submarinas. |
| Schuminas ZZ42 | Minas anti-carros. |

GRANADAS

| | |
|-----------------------------|-------------------------|
| Granadas francesa modelo 37 | Granadas MILLS GB |
| Granadas GOMMO n-69 GB | Granadas Breda Italiana |

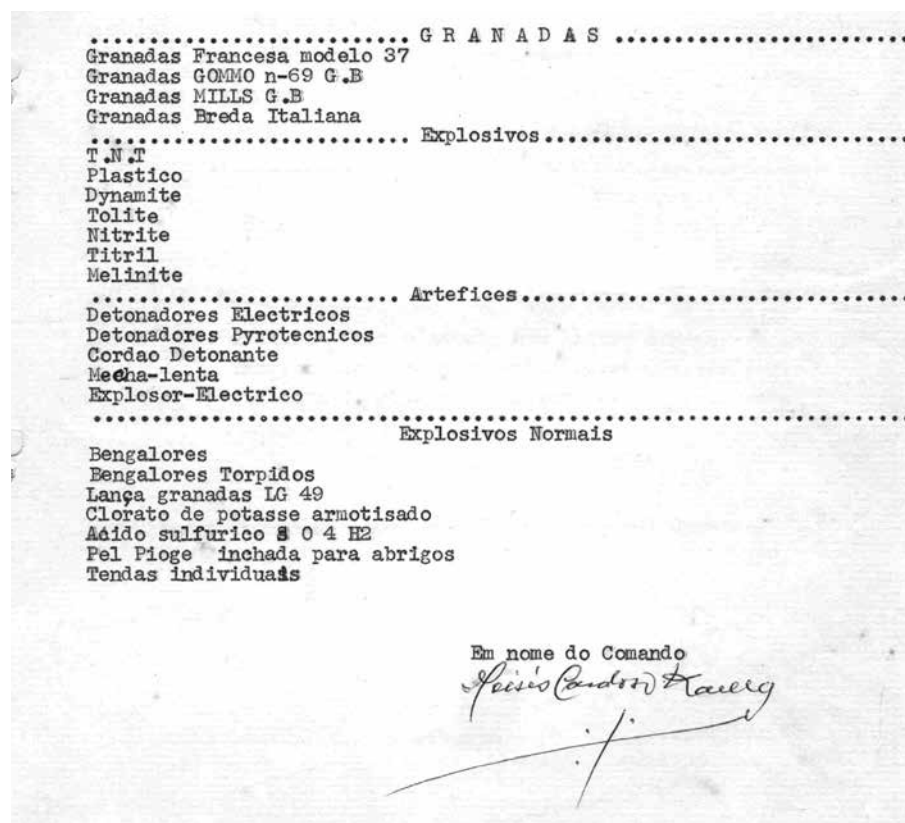
Explosivos

| | |
|----------|----------|
| TNT | Nitrite |
| Plástico | Titril |
| Dynamite | Melinite |
| Tolite | |

| | |
|--------------------------------|--|
|Artífices | |
| Detonadores Eléctricos | Mecha-lenta |
| Detonadores Pyrotécnicos | Explosor-Eléctrico |
| Cordão Detonante | |
|Explosivos Normais | |
| Bengalores | Ácido sulfúrico SO ₄ H ₂ |
| Bengalores Tórpidos | Pel Pioge inchada para abrigos |
| Lança granadas LG 49 | Tendas individuais |
| Clorato de potasse aromatizado | |

Em nome do Comando

[assinado por Moisés Cardoso Kamy]



Petição do GP do MPLA à OUA

[policopiada, em francês]

[Endereço do MPLA em Brazzaville]

CÓPIA

PETIÇÃO do
MOVIMENTO POPULAR DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA (MPLA) ao
CONSELHO DE MINISTROS DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS DA OUA
Realizado em LAGOS a 24 de Fevereiro de 1964

EM NOME DO DIREITO SAGRADO DO POVO ANGOLANO A SER O
DONO DO SEU DESTINO E A ESCOLHER OS MEIOS PARA LÁ CHEGAR;

CONSIDERANDO a CARTA da UNIDADE AFRICANA e os seus Princípios estabelecidos no artigo 3:

2º – Não ingerência nos assuntos internos dos Estados;

4º – Resolução pacífica dos diferendos por via da negociação, da mediação, da conciliação e da arbitragem;

CONSIDERANDO a decisão tomada pelos Chefes de Estado e de Governo africanos e malgaxe reunidos em Addis Abeba aquando da fundação da ORGANIZAÇÃO DA UNIDADE AFRICANA (OUA), em relação ao ponto I da ordem de trabalhos – DESCOLONIZAÇÃO – e nomeadamente os pontos 10, 11, 12, 14 e 15, sobre respectivamente:

- O convite urgente “a todos os movimentos nacionalistas de libertação a coordenar os seus esforços criando frentes comuns de acção a fim de reforçar a eficácia da luta e a utilização racional da assistência concertada que lhes será concedida”;
- A criação de “um COMITÉ DE COORDENAÇÃO encarregue de harmonizar a assistência fornecida pelos Estados africanos” aos movimentos nacionalistas de libertação;
- A criação de um “FUNDO ESPECIAL... para prestar a ajuda material e financeira requerida aos diversos movimentos africanos de libertação nacional”;
- A decisão de “acolher, nos territórios dos Estados Independentes de África, os nacionalistas dos movimentos de libertação para assegurar a sua formação em todos os domínios...”;
- A decisão de “favorecer em cada Estado a passagem da ajuda material”;

CONSIDERANDO a Resolução do Comité de Coordenação reunido em Dar-es-Salam, de 25 de Junho a 4 de Julho de 1963, tomada na sequência do reconhecimento pelo Governo do Sr. Cyrille ADOULA de um pretenso governo angolano, pela qual o Comité de Coordenação designou para Angola e para a Guiné (Bissau) “Missões Especiais

de Bons Ofícios com a responsabilidade de estimular a harmonia e realizar a unidade entre os vários movimentos nacionalistas com uma aspiração comum de liberdade”...

CONSIDERANDO as Recomendações da Missão de Bons Ofícios relativos a Angola e a sua influência sobre as recomendações do Comité de Coordenação e do Conselho de Ministros dos Negócios Estrangeiros da OUA, reunidos em Dakar em Agosto de 1963;

CONSIDERANDO o estado de guerra existente entre o Povo angolano e o colonialismo português desde 4 de Fevereiro de 1961;

CONSIDERANDO as responsabilidades assumidas perante o Povo angolano pelo Movimento Popular de Libertação de Angola antes, durante e depois do desencadear da luta armada em Angola;

VISTO QUE essas responsabilidades têm por objectivo e por objecto a conquista da Independência de Angola e que importa, conseqüentemente, dar a conhecer ao Povo angolano, aos Países africanos e a todos os Países a quem a questão angolana interessa, as razões de facto e de direito que estão do lado do MPLA.

I

CONSIDERANDO por um lado

QUE o reconhecimento unilateral, a 29 de Junho de 1963 por Léopoldville, de um pretense governo angolano está em flagrante contradição com as decisões tomadas pelos Chefes de Estado africanos a 25 de Maio de 1963, após longas e minuciosas análises da questão angolana;

QUE as conclusões da Missão de Bons Ofícios e conseqüentemente as do Comité de Coordenação tomadas apressadamente em Léopoldville, perante o facto consumado de um reconhecimento unilateral, puseram em causa essas mesmas decisões dos Chefes de Estado africanos;

QUE o Governo do Sr. Cyrille ADOULA, com as suas constantes promessas dilatórias sobre o trânsito do armamento do MPLA e sobre a concessão de um campo de treino aos *partisans* do MPLA, tentou deliberadamente asfixiar a actividade militar do MPLA antes e depois das decisões acima mencionadas dos Chefes de Estado africanos, com o objectivo evidente de apresentar a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA) como a única activa na luta armada, o que de modo algum corresponde à realidade;

QUE o Comité de Coordenação atribuiu-se poderes que ultrapassam os que lhe tinham sido conferidos em Addis Abeba, tentando fixar a estratégia da luta de libertação e estatuinto sobre o grau de representatividade de tal ou tal movimento;

QUE o Comité de Coordenação, surpreendido e preocupado pela decisão unilateral do Governo do Sr. Cyrille ADOULA, ocorrida durante a sua primeira reunião em Dar-es-Salam com os representantes dos Movimentos Nacionalistas africanos, apressou-se em enviar a Léopoldville uma Missão de Bons Ofícios tendo atribuições de conciliação bastante limitadas;

QUE a Missão de Bons Ofícios, por causa da firme oposição do Sr. Cyrille ADOULA e dos seus representantes a qualquer solução encarando a possibilidade de reconsiderar a atitude discriminatória para com o MPLA (sobre o qual o próprio Sr. ADOULA avisou os Membros da Missão durante a recepção oferecida à sua chegada), adoptou um procedimento que mais parece a de um tribunal – onde o MPLA funciona como acusado... de sabe-se lá que crimes –, o que se pode constatar pelo menos nos seguintes pontos:

1. Adopção de um procedimento e de uma auto-atribuição de poderes que desde o início fazia prever o insucesso de qualquer conciliação, em proveito da organização apadrinhada pelo Governo do Sr. Cyrille ADOULA;
2. Audição livre e longa (como era justo) do Presidente da FNLA;
3. Recusa de ouvir o Presidente da Frente Democrática de Libertação de Angola (FDLA), enquanto tal, sob pretexto de falta de tempo;
4. Audição de um membro expulso do MPLA;
5. Recusa de ouvir o Presidente do MPLA, enquanto tal, sob pretexto de uma questão de procedimento formal;
6. Audição a porta fechada dos representantes do Governo congolês;
7. Deliberação, conclusões e recomendações, sem verificação dos factos testemunhados;

QUE está hoje estabelecido que a Missão de Bons Ofícios, nas suas recomendações, ultrapassou largamente as tarefas que eram as suas, de “estimular a harmonia e realizar a unidade”, não fazendo qualquer esforço visível nesse sentido;

QUE os princípios a considerar para uma escolha eventual de uma organização que beneficiasse do FUNDO ESPECIAL da OUA, os quais foram enumerados pelo Presidente da Missão de Bons Ofícios no seu discurso de abertura, foram estabelecidos pelo Comité dos Nove – aliás de uma forma que contradiz os princípios da Carta da OUA – para que ele, Comité dos Nove, em caso de necessidade, escolhesse uma organização, e não se destinavam a ser usados pela Missão de Bons Ofícios que não tinha nem podia ter, pela sua natureza, tais poderes;

QUE a recusa de ouvir o Presidente do MPLA quando ele se apresentou como Presidente da FDLA era contrária aos próprios objectivos da Missão, a qual afastou a única possibilidade de um entendimento, a de confrontar as duas frentes em presença e se certificar que as verdadeiras razões que impedem a Unidade de acção são estranhas ao Nacionalismo angolano e não são da responsabilidade do MPLA, nem da FDLA, não havendo nenhum procedimento formal que justifique esta recusa, sobretudo depois da audição de um membro expulso do MPLA;

QUE a formação da FDLA, preparada há muito tempo e realizada a 7 de Julho de 1963, três dias depois do encerramento da 1ª Reunião do Comité dos Nove, ia no sentido das Resoluções sobre a unidade dos movimentos nacionalistas;

QUE o papel de “tribunal” que a Missão de Bons Ofícios se atribuiu nem sequer foi desempenhado com a calma, a imparcialidade e o espírito de procura não burocrática

que um caso tão delicado e tão importante exigia, donde resultou que a Missão de Bons Ofícios tenha tirado as suas conclusões e feito as suas recomendações baseando-se em afirmações falaciosas não controladas e não provadas do Chefe da FNLA e em declarações tendenciosas dos representantes do Sr. Cyrille ADOULA (por exemplo, a falsa atribuição ao MPLA de “contactos com a oposição ao governo congolês” e de uma pretensa instalação de uma representação do MPLA em Stanleyville no tempo do Sr. Antoine GIZENGA, nunca o MPLA tendo estado em Stanleyville);

QUE o MPLA, em todo o sítio onde foi recebido, nunca se imiscuiu nos assuntos internos dos Estados que lhe deram hospitalidade;

QUE a Missão de Bons Ofícios, atribuindo-se o poder de estatuir sobre o valor de tal ou tal organização, subestimou o facto de que o MPLA sempre sofreu discriminações – sendo os seus membros presos e suas armas apreendidas – que a actividade militar do MPLA foi sistematicamente asfixiada pelo Governo do Sr. ADOULA cujos representantes, no entanto, puseram em causa o valor militar do MPLA – sendo provas de uma tal asfixia as diligências repetidas e inúteis feitas pelo MPLA e por Representantes de Chefes de Estado africanos junto do Sr. ADOULA, com vista a obter uma autorização de trânsito para as armas do MPLA;

QUE a Missão de Bons Ofícios só teve em consideração os testemunhos dos representantes do Governo Central e não se incomodou em conhecer a opinião autorizada dos Governos Provinciais limítrofes de Angola, como os do Kwango, Congo Central, Unidade do Kasai, Katanga, Kwilu, assim como a das autoridades fronteiriças, das massas populares angolanas, e nem sequer das populações angolanas estacionadas na fronteira CONGO-ANGOLA;

QUE uma recomendação relativa ao reconhecimento de um governo tem implicações internas e externas de tal ordem que não poderia ser produto de uma análise tão ligeira, tão apressada, tão sumária, como a que foi feita no Palácio de Kalina pela Missão de Bons Ofícios;

QUE a simples aceitação das conclusões da Missão de Bons Ofícios levaria à adopção de uma nova concepção de “legitimidade africana” face à concepção de “legitimidade internacional”, que poria em causa os sólidos fundamentos jurídicos sobre os quais a Organização Africana quer erguer o seu edifício;

QUE nenhuma acção concertada ou estratégia africana contra Portugal, relacionada com a questão angolana, pode deixar de ter em conta a realidade actual do nacionalismo angolano onde o MPLA assim como a FDLA continuam a jogar um papel de primeiro plano.

II

CONSIDERANDO por outro lado

QUE a repercussão das Conclusões e das Recomendações da Missão de Bons Ofícios já provocaram graves consequências sobre a questão angolana, nomeadamente:

1. O reconhecimento, por certos Estados africanos, confiando na seriedade de tais recomendações, de um “governo no exílio” pela sua natureza nada representativo e incapaz de levar até ao fim a luta de todo o Povo angolano;
2. A estagnação, ou mesmo o recuo, sofrida pela luta de libertação do Povo angolano desde a data das conclusões da Missão de Bons Ofícios;
3. A confusão provocada na massa dos combatentes e dos refugiados angolanos, confusão que atinge a própria FNLA no seu seio – tendo acontecido várias vezes no campo de Kinkuzu motins, de que resultaram mortes e feridos, o que levou ao seu controlo pelas autoridades congolésas de Léopoldville (Cf. Documentos anexos);
4. O encerramento das representações do MPLA e de outros partidos angolanos em Léopoldville, imposto pelas autoridades congolésas, apesar das garantias do Sr. ADOULA dadas no dia seguinte ao do seu reconhecimento unilateral, sobre a hospitalidade que o Governo congolês continuaria a conceder às outras organizações nacionalistas angolanas;
5. O encerramento do Corpo Voluntário Angolano de Assistência aos Refugiados, organização fundada pelo MPLA a que, com um corpo médico e um corpo de enfermeiros inteiramente angolanos, era a única organização presente e eficaz em todo o lado onde se encontravam refugiados;
6. Os inúmeros protestos das autoridades fronteiriças congolésas e de dezenas de milhares de refugiados, face ao abandono ao qual foram votados depois do encerramento do CVAAR;

QUE desde as recomendações da Missão de Bons Ofícios, a FNLA, disfarçada de “governo”, não realizou nenhum feito marcante visando dignificar e tornar mais eficaz a luta de libertação do Povo angolano;

QUE a FNLA não deu nenhum passo para encontrar a indispensável unidade de acção, nem sequer respondeu ao convite que lhe foi feito nesse sentido, pela FDLA.

EM CONSEQUÊNCIA DISSO, O MOVIMENTO POPULAR DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA

- i) REJEITA as conclusões da Missão de Bons Ofícios e consequentemente as recomendações do Comité dos Nove e as do Conselho de Ministros dos Negócios Estrangeiros reunido em Dakar, relativas ao problema angolano;
- ii) DECIDE submeter o MEMORANDO anexo à análise benevolente e atenta dos Chefes de Estado africanos;
- iii) REQUER que seja feita uma revisão em relação à questão angolana, revisão que venha, de facto, no sentido da unidade do nacionalismo angolano e que seja encarregue disso uma Comissão de inquérito formada pelos Países que compõem o Comité dos Nove e ainda representantes do Marrocos, do Ghana e do Congo-Brazzaville (Países mais directamente interessados na questão angolana);

- iv) PEDE que sejam tomadas medidas urgentes para a concessão ao MPLA, em todos os Países africanos e nomeadamente nos Países limítrofes, das mesmas facilidades concedidas à qualquer outra organização em luta pela Independência de Angola;
- v) REAFIRMA que a não aceitação pelo MPLA das conclusões da Missão de Bons Ofícios e das recomendações que daí advieram em nada diminui a sua adesão entusiástica e a sua confiança inquebrantável na Organização da Unidade Africana, cuja edificação responde às aspirações dos Povos africanos, do Povo Angolano e do MPLA;
- vi) REAFIRMA a sua gratidão para com o Povo do Congo-Léopoldville e o respeito que as suas autoridades sempre mereceram da sua parte, não podendo os reparos aqui feitos serem considerados senão como o direito legítimo do MPLA a opor-se ao erro, com consequências pesadas para a própria África, que está prestes a ser cometido contra o Povo angolano;
- vii) DESAFIA os Países africanos a assumirem as suas responsabilidades no caso angolano.

O MPLA assumirá as suas.

Brazzaville, 20 de Fevereiro de 1964

[*carimbo do CD do MPLA*]

Em nome do
GABINETE POLÍTICO DO MPLA
Agostinho NETO

Comunicado de Imprensa do MPLA

[*policopiado, em francês*]

[*Endereço do MPLA em Brazzaville*]

B/ville, 24.2.64
DOC./12/64 – AM/CS.

Uma delegação do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) deslocou-se a Lagos a fim de obter a inscrição do problema angolano na ordem de trabalhos da Conferência dos Ministros de Negócios Estrangeiros que se realizará na capital nigeriana.

Esta delegação, conduzida pelo seu presidente, o Dr. AGOSTINHO NETO, pedirá a revisão das recomendações de Dakar, influenciadas pelas contestadas conclusões da Missão de Bons Ofícios.

A delegação levará consigo um dossier muito bem documentado para reforçar argumentos contidos numa Petição e num Memorando preparados para este fim.

O MPLA considera que uma atitude de reserva diante da injustiça que lhe foi feita já não se justifica, no momento em que o reconhecimento de um “governo” exclusivo,

recomendado pelo governo de Léopoldville, já destruiu as últimas possibilidades de unidade tal como também travou, de modo deliberado e criminoso, a luta do povo angolano contra o colonialismo opressor.

O seu reconhecimento constitui, por conseguinte, um ultraje para Angola. O “grae” não representa o Povo nem as correntes mais importantes do nacionalismo angolano.

A preocupação de alguns países africanos em se substituírem ao Povo do nosso País e a sua submissão aos interesses não-africanos, e [a preocupação] de introduzirem o neocolonialismo em Angola para dominarem estrategicamente a África austral, são os factores mais importantes que determinam a divisão do nacionalismo angolano e que travam a luta armada.

É dever da OUA tomar as medidas necessárias para salvaguardar os reais interesses da África. A unidade deve ser feita contra o colonialismo, o neocolonialismo e o imperialismo.

O MPLA está decidido a não abrir mão dos interesses do Povo angolano, os quais coincidem com os de toda a África. É neste sentido que a delegação do MPLA se comportará em Lagos.

[*carimbo do CD do MPLA*]

O COMITÉ DIRECTOR

Carta de Agostinho Neto a Lúcio Lara

[*manuscrita*]

Meu caro Lúcio,

Convém pôr-te ao corrente das constatações feitas nesta Conferência [da OUA em Lagos]. O nosso comunicado, digo – memorandum, teve um efeito muito bom. O Congo Brazza teve um papel fundamental em nossa defesa, e conseguiu modificar um pouco a atitude dos países.

No início, eles puseram o problema de inscrever na ordem do dia o problema de Angola. Resultado da votação: 5 a favor, 12 contra, 17 abstenções.

Mas o problema foi discutido no Comité de descolonização e esta comissão recomendou que se tenha em conta as observações feitas durante a discussão – e as sugestões. Uma delas, foi a de se tentar de novo a unificação dos movimentos. Esta decisão, se for aprovada, como parece, pelo plenário, acaba imediatamente com o mito da inexistência do MPLA.

De resto, a atitude da Argélia, mudou radicalmente. O embaixador em Conakry chegou hoje e disse-me que se falou muito do MPLA, em Conakry, no encontro BB-ST [Ben Bella – Sékou Touré], e que o 1º me espera em Alger. Por sua vez, Diallo Telli assegurou-me a solidariedade da Guiné e pediu-me para manter o contacto.

Alger, ofereceu ajuda, inclusive canivetes e feijão. (Acho que deves utilizar este argumento).

Zanzibar, convidou-nos para visitar o País.

O Conselho Mundial da Paz, convida-nos para uma visita à Índia.

Estas são as notícias essenciais. Se o plenário aprovar a recomendação da Comissão teremos os movimentos mais livres. A Unificação será depois vista.

Espero que faças o teu melhor para conseguires o feijão. Esta viagem arrasou-nos até às economias privadas.

Espero também que faças boa viagem e bom trabalho.

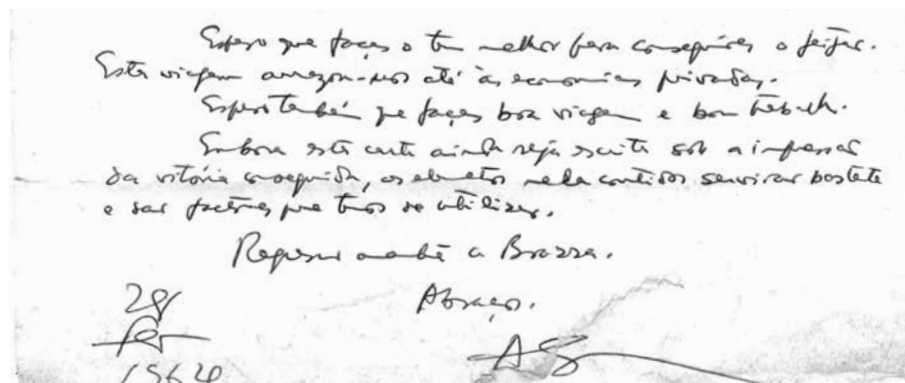
Embora esta carta ainda seja escrita sob a impressão da vitória conseguida, os elementos nela contidos servirão bastante e são factores que temos de utilizar.

Regresso amanhã a Brazza.

Abraços

[assinatura de A. Neto]

28/Fev/1964



Intervenção do MPLA perante o Comité dos Nove

[policopiada, em inglês]

Lagos, 29 de Fevereiro de 1964

Senhor Presidente do Comité dos Nove,
Senhores Membros do Comité,
Senhores,

As circunstâncias nas quais se tem desenvolvido a luta de Angola pela liberdade apresentam certos factores que devem ser tidos em consideração.

As forças nacionalistas angolanas estão divididas e não podemos descartar ou negar actividade a nenhuma das organizações políticas actualmente existentes. A luta pela liberdade deve ser tarefa de todos os nacionalistas e de todo o povo angolano.

É por isso que o MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola) está em total acordo com os princípios desta Conferência de Lagos, que procura unificar as organizações nacionalistas de Angola. Mas não podemos ignorar as dificuldades que, em alguns países africanos, atingiram a organização mais representativa do povo – o MPLA. Em certos casos, a rejeição tomou mesmo a forma de restrições graves.

Além disso, nenhuma ajuda financeira ou material tem sido recebida pelo MPLA, quer do Comité de Libertação, quer de países irmãos que anteriormente apoiavam o MPLA e que agora contribuem para o fundo de Libertação.

Há uma tentativa de sufocar e de destruir o MPLA.

Os acontecimentos já provaram que os argumentos avançados a favor de se ter um único movimento estão ultrapassados, como se prova nos documentos que distribuímos ao Conselho de Ministros dos Negócios Estrangeiros em Lagos.

Esta Conferência concordou com a necessidade de unir os partidos angolanos e é por isso que o MPLA requer ao Comité de Libertação:

- 1) que recomende aos Estados Membros da OUA, e particularmente aos países que têm fronteiras com Angola, que respeitem o MPLA e lhe garantam liberdade de acção;
- 2) que conceda ao MPLA uma parte dos fundos dados aos movimentos nacionalistas angolanos, de acordo com a solicitação feita na primeira reunião do Comité de Libertação em Junho de 1963 (Dar-es-Salam).

Estamos certos de que tais medidas contribuirão para o estabelecimento da unidade africana pelo facto de tornarem possível uma maior ofensiva contra o colonialismo português; ao mesmo tempo, elas diminuirão o destaque dado a certas organizações nacionalistas que gozam em exclusivo da liberdade de acção e do apoio do Comité de Libertação.

A DELEGAÇÃO DO MPLA

Agostinho Neto – Presidente

Relatório de missão de José Mendes em Accra

[dactilografado]

RELATÓRIO

Tendo partido de Brazzaville no dia 16/1/64 com missão de contactar:

- 1º BUREAU DOS ASSUNTOS AFRICANOS para,
 - a) expor o problema angolano e a situação actual do MPLA;
 - b) novo representante em Accra a ser financeiramente mantido pelo “BAA”;

- c) fazer chegar a Brazza material no porto do Tema;
 - d) conseguir bilhete de regresso.
- 2º EMBAIXADA SOVIÉTICA para,
- a) expor o problema angolano e a situação actual do MPLA;
 - b) viagem à URSS de um grupo de estudantes;
 - c) viagem dos camaradas Lara e Mingas.
- 3º EMBAIXADA CHINESA para,
- a) expor a situação do MPLA e o problema angolano;
 - b) possível visita do camarada presidente à China.
- 4º Outras embaixadas amigas e velhos colaboradores, chego em Accra no dia 17/1/63.

– Recepção feita pelo Bureau – pude imediatamente conversar com o Secretário e apresentar-lhe os cumprimentos da Organização e em particular os da Direcção.

Chego realmente numa fase de contactos difíceis pelo recente atentado à vida do distinto chefe da Nação e pelos preparativos para a nova Constituição. Isso causou a longa ausência do director do Bureau, Barden, e conseqüentemente a minha demora visto ter o Secretário alegado que não lhe competia a solução dos problemas que trazia.

Há contudo uma longa experiência nas relações do MPLA com o Bureau que por intermédio de Barden tem procurado sabotar toda a nossa acção no Ghana, nomeadamente qualquer aproximação com o presidente Nkrumah.

No dia 22, encontro-me com o 1º Secretário da embaixada soviética. Exposta a missão e entrega de documentos, tenho de esperar algum tempo porque tinham de informar primeiro Moscou para solução do que trazia visto não terem qualquer informação sobre as questões que trazia e estarem debaixo de novas instruções.

No dia 23, encontro-me com 1º Secretário da embaixada Chinesa e um Conselheiro.

- a) longa exposição pormenorizada sobre a situação em Angola e do MPLA;
- b) nota-se o seu vivo interesse em saber as origens do MPLA e da UPA, sua evolução até a fase actual;
- c) posição de Mário e Viriato;
- d) solidariedade do Povo chinês;
- e) entrega da documentação levada.

Assim é que regressando Barden das suas viagens no dia 27 respostas sistemáticas me são dadas mandando-me esperar e que o Director estava muito ansioso em ver-me. Veio a claro a tentativa de sabotagem a qualquer contacto, tentando com essa demora impacientarem-me e verem-me regressar.

Finalmente é no dia 18 de Fevereiro que o encontro tem lugar e interpreto o seguinte:

1º O MPLA se quisesse o apoio do governo de Ghana na Conferência de Lagos devia enviar-lhe (Barden) a documentação que o MPLA esperava apresentar na conferência para ser submetida ao ministro dos Negócios Estrangeiros. O Bureau estava pronto a ajudar todos os angolanos sem qualquer distinção.

2º A questão de um novo representante em Accra dependia dos resultados da conferência de Lagos. Se o camarada Hugo já ali não se encontrava isso devia-se ao facto de não querer submeter-se à mesma disciplina que os outros representantes.

3º Ignorava o paradeiro do material, mas desconfiava que já estivesse vendido. Se algo soubesse sobre a sua permanência no porto, estaria pronto a fazê-lo seguir para Brazzaville.

4º A mim (Mendes) cabia averiguar o que se passava.

5º Nada podia fazer pelo bilhete de regresso porque esse dinheiro teria de sair dos fundos do Comité dos Nove; uma vez que este decidira reconhecer Holden, nenhuma possibilidade se esperava.

Informo Brazza esperando instruções. Várias outras respostas estavam ainda em suspenso.

No dia 1 visito a embaixada cubana para uma entrevista com o embaixador. Isto não se realizou.

E com o camarada Hugo que tento encontrar para chegar a Nkrumah o que não consigo pela ausência do intermediário.

No dia 21 visito o Chargé d'Affaires da RAU. Dentre vários aspectos focados num resumo sumário da situação geral da nossa luta, este insiste na questão de nos fazermos mudar do Congo Brazza por causa da espionagem francesa e passar para outro país mais independente. A isso respondo-lhe fazendo lembrar que o Povo espera-nos e a nossa experiência no campo africano não é pequena.

Preparava-me para partir no dia 26 sem grandes resultados quando em 25 chega o camarada Lara e juntos iniciámos nova luta.

Proposta de Benedito ao CD do MPLA

[dactilografada]

Ao COMITÉ DIRECTOR

do MPLA
Brazzaville

[Acrescentado à mão na margem: LUSAKA]

Como há necessidade de se formar um destacamento para fora desta fronteira, nós os responsáveis militares pedimos que os membros do comité director autorizem o seguinte:

1 – Que os elementos que compõe este destacamento, vivam na mesma residência, para estudarem certos problemas e troca de ideias.

2 – Fazer imediatamente a troca dos lares. O lar escolhido é o de Quartier-Chic e seguem os nomes dos elementos que compõem o grupo:

– José Ferreira, Joaquim Cardoso, Jacob Caetano, Rui de Sá, Aristides Cadete, Spencer, João Lourenço, Jorge Albano, Domingos de Oliveira, Barros Ramos, Floribert, Abel Lourenço, Ciel, João Benedito, Emílio de Braz, Artur Diniz, António Lopes, Cornélio, Julião, e César Augusto, Benigno.

3 – Que o Comité Director dê o dinheiro para cinco passagens daqui a Dolisie.

A bem da Revolução

Pelo responsáveis militares

João Gonçalves Benedito *[segue assinatura]*

Br/ 2/3/64

GRUPO ESPECIAL

– Em virtude de pôr imediatamente em acção uma missão extremamente perigosa e de grande envergadura, os resp. militares pedem aos membros do Comité Director para reunirem todos os militantes abaixo designados numa só residência (CARTIÊ CHIC) a fim de seguirem uma preparação conjunta. Esta reunião que se faça na quarta-feira dia 11-3-64.

– Dinheiro de passagens para os seguintes camaradas que se encontram em DOLISIE:

ARTUR DINIS

ANTÓNIO LOPES

GRUPO ESPECIAL

- | | |
|------------------------------------|---------------------------|
| 1 – José Ferreira | 14 – Sebastião Garrido |
| 2 – Joaquim Cardoso | 15 – José Pascoal |
| 3 – Jacob Caetano João | 16 – Emílio Braz |
| 4 – João Gonçalves Benedito | 17 – Artur Diniz |
| 5 – Rui de Sá | 18 – António Lopes |
| 6 – Benigno Vieira Lopes | 19 – Domingos de Oliveira |
| 7 – Abel Lourenço | 20 – Aristides Cadete |
| 8 – Samuel Bernardo | 21 – Nicolau Spencer |
| 9 – João Lourenço | 22 – César Augusto |
| 10 – António Cornélio | 23 – Inácio João Batista |
| 11 – Jorge Albano | 24 – Pais Pedro Condes |
| 12 – Salvador da Conceição e Costa | 25 – Filipe Floribert |
| 13 – Sebastião Damião | |

[assinado por José Ferreira e Joaquim Cardoso]

Comunicado sobre a Conferência de Lagos

[policopiado]

[Endereço do MPLA em Brazzaville]

A decisão da Conferência do Conselho de Ministros dos Negócios Estrangeiros da Organização da Unidade Africana, recentemente reunida em Lagos, de preconizar a união das organizações nacionalistas angolanas consagrou sem subterfúgios a validade e a representatividade do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA). Desta forma o MPLA vê respeitada a sua importância como organização indispensável à luta do Povo angolano, quer pela sua maior capacidade organizativa, quer pelo número e o valor dos seus quadros político-militares e técnicos, e quer ainda pela sua radicação no interior onde se formou e se mantém e pelos meios de luta que dispõe para imprimir a qualquer momento um novo impulso à luta em Angola.

Por outro lado aquela decisão confirma que o enfraquecimento da luta armada depois de Julho de 1963, se deve especialmente ao boicote sofrido pelo MPLA, vítima de conspiração imperialista disposta a eliminá-lo. Não só o MPLA resistiu como se reforçou, sendo a sua acção necessária ao nacionalismo angolano.

A luta pela independência do Povo angolano tem de ser activada, não só porque o impõe a dignidade humana, mas também em atenção aos milhares de angolanos que vivem nas matas uma existência insustentável embora heróica.

Para isso o MPLA considera indispensável dispor em todos os países africanos da maior liberdade de acção e muito em especial nos países limítrofes como o Congo-Brazzaville e o Congo-Léopoldville.

O MPLA dirigiu já um pedido ao Comité de Libertação de África no sentido de ser recomendada essa liberdade de acção e de lhe ser concedida uma parte dos fundos colectivos e destinados à luta em Angola.

No que toca a unificação das forças nacionalistas, o MPLA considera esse problema um dos pontos essenciais da sua política e declara que sempre encontrou em Holden Robert o principal obstáculo. Uma vez mais o MPLA retoma as iniciativas nesse campo, sendo de opinião que a unificação do nacionalismo angolano terá de resultar duma atitude comum saída do confronto franco e fraternal entre todas as organizações nacionalistas.

O que de momento importa, não é tanto valorizar um “governo” não representativo, sem prestígio e sem função. O que importa essencialmente, é de colocar os homens, os programas, as armas e as finanças de todas as organizações ao serviço do interesse fundamental do nosso Povo: a conquista por todos os meios da independência completa.

B/Ville, 9.3.64

O COMITÉ DIRECTOR

Comunicado do MPLA sobre Comité dos Nove

[*policopiado, em francês*]

[*Endereço do MPLA em Brazzaville*]

DOC./15/64 – AM/CS

Recomendando ao Comité dos Nove para agir no sentido de alcançar a unificação do nacionalismo angolano, a Conferência dos Ministros dos Negócios Estrangeiros da OUA, realizada em Lagos de 24 a 29 de Fevereiro, voltou a colocar o problema no ponto em que o tinham deixado os Chefes de Estado africanos em Addis Abeba.

No entanto, essa recomendação, que melhor corresponde à necessidade de encontrar uma solução rápida para a luta desigual que se desenrola no interior de Angola e que também corresponde melhor aos interesses do Povo angolano, não parece encontrar a concordância que seria de esperar por parte daqueles à quem apenas a ideia do exclusivo entusiasmo. A prova disso é que os vemos de novo preocupados em fazer uma campanha de difamação pessoal contra os membros do nosso Movimento. Aliás, uma campanha tão grosseira só poderá enganar os tolos e os mal-intencionados.

De qualquer forma, o MPLA não perderá o seu tempo com campanhas de difamação nem com manobras de diversão mais ou menos astuciosas. A gravidade da situação no interior do País domina toda a sua atenção.

Três anos após o início da luta armada em Luanda, as condições nas quais vive o nosso Povo reflectem, de forma chocante, as deficiências na actuação de certos movimentos políticos, sobretudo os que pretendem deter o monopólio dos meios de luta mas que não fizeram mais do que travá-la através de massacres fratricidas e da conspiração internacional.

As delegações populares que, nestes últimos tempos, se deslocaram do interior para se juntarem a nós, para nos comunicar as condições dramáticas nas quais se encontra o nosso Povo, confirmam tudo o que já dissemos sobre os vícios introduzidos na nossa luta com o objectivo de impedir o seu desenvolvimento normal.

O MPLA, que sempre se recusou a ser cúmplice da situação cruel na qual se encontra o nosso Povo, tendo reflectido sobre os apelos das populações do interior, exorta todos os responsáveis dos movimentos políticos angolanos a preocuparem-se com a situação dramática das populações no interior de Angola, impedidas de defender a sua dignidade, devido ao cerco a que estão sujeitas; e com o facto de milhares de outros Angolanos, movidos pela sua fé patriótica, vivendo nas florestas com a esperança de poderem se opor eficazmente ao colonialismo português, estarem a atingir o seu último estágio de resistência.

Em nome do Povo angolano que sofre no interior do País, e indo no sentido da recomendação da Conferência de Lagos, o MPLA decide lançar a ideia da realização de um CONGRESSO DE TODAS AS ORGANIZAÇÕES POLÍTICAS ANGO-LANAS, para estudar os problemas de unificação das forças nacionalistas e os do desenvolvimento da luta armada. Uma reunião a nível dos movimentos nacionalistas

apresenta dupla vantagem de permitir, por um lado, evitar os antagonismos e por outro, acelerar a procura de uma solução que é exigida, com mais ardor do que nunca, por todo o Povo angolano.

Como já o afirmámos no nosso comunicado Nº 14, de 7 de Março, O MAIS IMPORTANTE NESTE MOMENTO NÃO É VALORIZAR UM “GOVERNO” NÃO REPRESENTATIVO, SEM PRESTÍGIO E SEM FUNÇÃO, MAS SOBRETUDO COLOCAR OS HOMENS E OS PROGRAMAS, AS ARMAS E AS FINANÇAS DE TODAS AS ORGANIZAÇÕES INTEIRAMENTE AO SERVIÇO DO INTERESSE FUNDAMENTAL DO NOSSO POVO:

A CONQUISTA POR TODOS OS MEIOS DA INDEPENDÊNCIA COMPLETA!

B/ville

O Comité Director do MPLA

13.3.64

[*carimbo do CD do MPLA*]

Comunicado do MPLA sobre o 4 de Fevereiro

[*policopiado*]

[*Endereço do MPLA em Brazzaville*]

No dia 4 de Fevereiro de 1961, acendeu-se em Luanda, a chama da Revolução angolana. Foi o acto heróico de um punhado de patriotas, interpretando o sentimento das massas populares, quem animou os nacionalistas de todos os agrupamentos políticos, a revoltar-se contra o opressor português. Esse grupo de nacionalistas, militava no MPLA.

O povo de Luanda, nos dias seguintes, suportou o peso da repressão militar e manteve o combate.

Mais de um mês depois, o Norte do País, agitado pelos acontecimentos de Luanda, continuou a acção armada, alargando-a aos vários sectores da população.

Mas este facto, ainda que tenha dado vida à insurreição, não justifica que se pretenda comemorar o aniversário da luta armada no nosso País, noutra dia, que não o 4 de Fevereiro.

É INCONTESTAVELMENTE O DIA 4 DE FEVEREIRO QUE MARCA O INÍCIO DA LUTA ARMADA EM ANGOLA!

Só o divisionismo da UPA, cujos dirigentes são inteiramente guiados por interesses não africanos, só ele lança certa confusão sobre essa data gloriosa.

De resto, se examinarmos a actividade da UPA ao longo de três anos verificamos que A UPA SÓ PRETENDEU ATRASAR A LUTA, prejudicar a unidade do nacionalismo angolano e conduzir Angola para um regime neocolonialista, inteiramente submetido a interesses estrangeiros.

Os dirigentes da UPA, são hoje o maior obstáculo ao entendimento entre os angolanos, e um travão colocado na fronteira congoleza para impedir o desenvolvimento da luta armada, contrária aos seus interesses reaccionários.

Pela acção da UPA, milhares e milhares de angolanos foram mortos nas florestas do Norte do País, por serem “assimilados”, por serem mestiços, ou simplesmente por não saberem falar o Kikongo. Várias colunas de guerrilheiros do MPLA tiveram que se bater contra os fanáticos da UPA, e duas delas caíram em emboscadas onde os seus componentes, com raras excepções, foram torturados e depois barbaramente assassinados.

É por acção da UPA que se deve o encerramento das secretarias das organizações nacionalistas angolanas, em Léopoldville, as prisões e as violências que por intermédio da Sûreté de Léopoldville, têm sido cometidas contra os nacionalistas angolanos.

Dirigentes e outros militantes do MPLA sofreram muitas semanas de prisão, nas cadeias congolezas; muitos deles foram espancados e ameaçados de morte; muitos deles foram vexados e humilhados pelos membros do chamado “governo de Angola”.

Os dirigentes da União Nacional dos Trabalhadores Angolanos (UNTA) entre os quais o seu Secretário-Geral, Pascal LUVUALU, foram presos por terem realizado um Congresso da sua organização. Sempre por investigação [*deve ser* instigação] da UPA.

Tantos são já os desmandos provocados pela sede de Poder que domina os dirigentes da UPA, que agora até receiam a sua própria sombra. Por iniciativa de Holden Robert, a Sûreté Congolesa, fez buscas na secretaria do Partido Democrático Angolano (PDA) e na residência do seu Presidente, Emmanuel KOUNZIKA. Note-se que o PDA faz parte da FNLA e KOUNZIKA é o Vice-Presidente da FNLA.

Após a Conferência de Lagos, a UPA encontra-se desmoralizada e completamente desorientada por ter de ser obrigada a renunciar à sua política divisionista. A OUA recomenda a Unidade e reconhece o MPLA, como uma organização válida dentro do nacionalismo angolano. Esta recomendação, destrói os mitos construídos desde o ano passado, sobre a possibilidade de um exclusivo por parte de Holden. Esta recomendação exige que se conceda ao MPLA LIBERDADE DE ACCÇÃO em todos os países africanos, incluindo no Congo Léopoldville, o que significará o fim das suas pretensões.

Por isso mesmo, os dirigentes da UPA, agarrando-se à sua última tábua de salvação, para destruir as possibilidades de Unidade, lança as mais desavergonhadas calúnias e falsidades sobre o MPLA e sobre os seus dirigentes, com o objectivo de os desacreditar junto do povo. Mas o Povo, já acreditou em muitas e muitas mentiras e agora não está disposto a continuar a ser instrumento da divisão. O Povo clama por Unidade! Unidade!

O povo já compreendeu os compromissos criminosos tomados pelos dirigentes da UPA para impedir a luta em Angola. O povo sabe que a UPA recebe dinheiro, muitas armas e munições, muitos medicamentos, mas que não os emprega na luta contra o colonialismo português, limitando-se a um estéril jogo político no exterior e... a conferir “laissez-passer”, para atravessar o beach!!!

Mas o MPLA e as outras organizações nacionalistas, continuam o seu combate pela radicação no interior de uma autêntica luta contra o colonialismo português, conduzida pelos verdadeiros patriotas. O MPLA continua a lutar pela UNIDADE de todos os

organismos nacionalistas, incluindo a UPA. O MPLA deseja que os homens e os programas, as armas e as finanças de todas as organizações políticas, sejam colocadas ao serviço do interesse fundamental do nosso povo: a conquista da independência completa!

O MPLA propõe a todas as organizações nacionalistas, a realização de um Congresso de Unidade, dentro do prazo o mais curto possível, pois está consciente de que, só na Unificação dos esforços de todos os nacionalistas poderá resultar a vitória contra o colonialismo português.

Só a partir da Unidade, poderá o nacionalismo angolano sair da situação penosa em que se encontra, merecendo os heróis do 4 de Fevereiro e honrando o Povo angolano, martirizado entre a opressão portuguesa e a obstrução imperialista de que são instrumentos os inimigos à Unidade.

VIVA O 4 DE FEVEREIRO!

VIVA A UNIDADE DE TODO O POVO DE ANGOLA!

LIBERDADE DE ACCÇÃO PARA O MPLA

B/VILLE, 14.3.64

Doc./N.º 17/64

O COMITÉ DIRECTOR

[*carimbo do CD do MPLA*]

Circular do MPLA pela libertação de J. Pinto de Andrade

[*policopiado*]

[*Endereço do MPLA em Brazzaville*]

DOC./16/64

À CONCP

À UGEAN

A todos os nossos Representantes e Militantes no Exterior

E a todos Angolanos sem distinção.

Camaradas

Uma campanha a favor da libertação do Presidente de Honra do nosso Movimento, REV. JOAQUIM PINTO DE ANDRADE, novamente preso pelos esbirros salazaristas quando se encontrava em regime de liberdade condicionada, já foi por nós iniciada. Alguns organismos internacionais já começaram a manifestar-se pela sua libertação e regresso a Angola.

Concordamos todos que é necessário desenvolver no máximo do possível essa campanha antes que seja demasiado tarde.

Eis porque esperamos a renovação da vossa solidariedade já demonstrada a favor deste nosso compatriota, vítima de um sistema colonial demente.

Estamos certos que nos ajudareis a mobilizar toda a opinião mundial no sentido de condenar, protestar e exigir do governo colonial e fascista português a libertação do corajoso e ilustre nacionalista.

Saudações fraternais.

VITÓRIA OU MORTE.

O Comité Director.

[carimbo do CD do MPLA]

B/ville, 14.3.64.

Circular da CONCP sobre Reunião de Líderes da CONCP

[dactilografada]

CONFIDENCIAL

[carimbo da CONCP]

CONFERÊNCIA DAS ORGANIZAÇÕES NACIONALISTAS DAS COLÓNIAS PORTUGUESAS (C O N C P)

Secretariado Permanente

6, Rue Paul Tirard
RABAT – MAROC

Objecto: Reunião dos Chefes das Organizações políticas membros da CONCP

Lagos, 28 de Fevereiro de 1964

Em 28 de Fevereiro de 1964, realizou-se em Lagos a Reunião dos Chefes das organizações políticas membros da CONCP.

Participaram na Reunião:

- Agostinho Neto, presidente do MPLA;
- Eduardo Mondlane, presidente da FRELIMO;
- Aristides Pereira, membro do Bureau Político do PAIGC;
- Marcelino dos Santos, secretário-geral da CONCP.

A ausência completa do CLSTP, assim como a substituição do companheiro Amílcar Cabral pelo companheiro Aristides Pereira, não permitiu que os problemas para os quais a reunião fora convocada, fossem debatidos completamente.

A ordem do dia foi a seguinte:

- Posição das organizações membros da CONCP, perante o nacionalismo angolano;
- Perspectivas de futuro para a CONCP.

Na verdade só o primeiro ponto foi realmente discutido.

A reunião desenrolou-se num clima de profunda sinceridade, franqueza e fraternidade, o que permitiu que os trabalhos decorressem bastante bem.

O desenrolar das discussões fez-se sob a direcção do Secretário-Geral da CONCP.

O Secretário-Geral da CONCP, após ter aberto a sessão, expôs os motivos da Reunião:

- Necessidade de clarificar as posições de cada uma das organizações e do conjunto, perante as forças do nacionalismo angolano após a crise que o MPLA viveu, e o reconhecimento do GRAE.
- A convocação desta reunião respeita os compromissos morais e políticos existentes entre as diferentes organizações membros da CONCP.
- A reunião deverá tomar disposições que permitam encarar as perspectivas de futuro da organização da acção unida dos povos das colónias portuguesas.

Após o Secretário-Geral da CONCP, os diferentes participantes tomaram em seguida a palavra.

Eis, resumidas, as suas posições respectivas:

AGOSTINHO NETO:

- a) Houve uma ofensiva contra o MPLA, realizada em particular através da Comissão de Conciliação (Comissão dos 5). Essa ofensiva foi facilitada pela crise interna do MPLA.
A crise interna do MPLA caracterizou-se sobretudo:
 - Pela acção de Viriato da Cruz, contra o Comité Director do MPLA.
 - Pela decisão tomada por Mário de Andrade, de abandonar a cena política.
- b) A decisão da Comissão de Conciliação de recomendar o reconhecimento do GRAE foi tomada sob a influência de Adula.
- c) HOJE, o MPLA encontra-se instalado no Congo-Brazzaville, e de 3 a 10 de Janeiro 1964, realizou-se em Brazzaville uma Conferência de quadros.
- d) O MPLA empreendeu uma campanha de denúncia da acção nefasta do Holden Roberto e do Primeiro Ministro Adula.
- e) Certos países estão modificando a sua posição e pretendem ajudar as forças do nacionalismo angolano a unir-se.
- f) A posição da CONCP deve ser:
 - ao lado do MPLA, pois as condições de princípio não mudaram;
 - não considerar o GRAE como um governo angolano, pois não é representativo, e nem mesmo possui o apoio da massa dos refugiados.

EDUARDO MONDLANE:

- a) Abstenção na discussão dos problemas internos angolanos.
- b) A FRELIMO foi reconhecida pela OUA. É forçada a tomar uma posição neutra em virtude da posição do Ghana e da RAU, que apoiam grupos anti-Frelimo. Por outro lado o GRAE está ajudando a treinar membros do grupo anti-Frelimo.
- c) A CONCP deve observar cuidadosamente como se deve pronunciar em relação aos problemas de Angola.
- d) Os ataques feitos pelo MPLA a Holden Roberto e a Adula, deveriam moderar-se.
- e) Enfim, o Comité Central da FRELIMO pede que o Secretário-Geral da CONCP passe a consagrar-se somente às suas responsabilidades no seio da FRELIMO.

ARISTIDES PEREIRA:

- a) A exposição do companheiro Neto facilitará a tomada de uma posição clara da parte do PAIGC.
- b) A posição da CONCP deve ser a de seguir os princípios já definidos e que a orientaram até hoje.

A discussão engajou-se, e finalmente os participantes à Reunião chegaram às seguintes conclusões:

EM VIRTUDE de ser necessário discutir mais profundamente os problemas;

EM VIRTUDE do pouco tempo de que é possível dispor;

EM VIRTUDE da ausência total do CLSTP, e da ausência do companheiro Amílcar Cabral, por motivos de doença:

DECIDE-SE convocar uma nova Reunião dos Chefes das Organizações políticas membros da CONCP, em Dar-es-Salam, quando da próxima reunião do Comité dos 9;

O Secretário-Geral da CONCP fica encarregado de, discretamente, tomar os contactos necessários com o Ministro Oscar Kambona, a fim de conseguir que sejam pagas as viagens dos participantes à Reunião.

DURANTE o período que vai até à próxima Reunião dos Chefes dos Movimentos Políticos membros da CONCP, esta deverá pronunciar-se com cautela, e observar a neutralidade no que respeita ao problema angolano - posição perante o MPLA e o FNLA.

ENFIM, considerando a proposta feita pela FRELIMO, para que o Secretário Geral da CONCP passasse a consagrar-se só às suas responsabilidades no seio da FRELIMO, decide-se :

- aprovar a proposta feita;
- convidar o companheiro Mário de Andrade a ocupar-se do Secretariado Permanente da CONCP.

RABAT, 15 de Março de 1964

Secretariado Permanente da CONCP

[carimbo da CONCP]

Informações da Zona-B

[manuscrito]

19/Março de 1964

Secção de reconhecimento e informações da Zona-B

Informações

Depois do aviso do comando operacional para mantermos alerta sobre a traição do ex. camarada José Ferreira. Mantemos-se [sic] em alerta.

Mas o primeiro sinal de suspeita que vimos foi a tal. No dia 9/3/64 uma vioneta [sic] sobrevoou nas montanhas do nosso destacamento, mas não chegou no nosso destacamento.

No dia 11/3/64 duas vioneta sobrevoaram o nosso destacamento, o qual aprovámos que no tinha visto porque no tempo quando chegaram encontraram uma tenda que não estava bem camuflada, e malta espalharam e tinha topado até em grupo que se entrava nas montanhas com os binóculos viram a fotografar, e uma manha que indicava o lugar. Sobrevoaram o máximo seis voltas com uma altitude aproximadamente de 700-800 metros.

No dia 13/3/64 um avião bombardeiro às 3,30h sobrevoou o nosso destacamento e fez duas voltas nas montanhas encontra os nossos guardas atentos com metralhas de (MG).

No dia 16/3/64 atravessaram os gajos portugueses no nosso destacamento, mas com uma altitude elevada.

Então atencionamos ou metemos em estudo de mudança imediata da base no lugar e muda nas montanhas.

O Responsável
Bau-Bau

Declaração do MPLA sobre Viriato da Cruz e o GRAE

[policopiada, em francês]

[Endereço do MPLA em Brazzaville]

Sabendo que uma grosseira intriga está em curso para induzir em erro a opinião pública em geral e os países africanos em particular, o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) faz questão de denunciar imediatamente e com veemência as manobras que se esboçam.

1. O Sr. Holden Robert atormentado pela divisão da FNLA que já é do domínio público; preocupado com o resultado da Conferência de Lagos que foi desfavorável às suas teses exclusivistas; acochado pelo clamor popular que o torna responsável pela adulteração e o atraso da luta de libertação nacional, decidiu montar uma manobra de diversão, fazendo circular a notícia segundo a qual “uma fracção do MPLA estaria disposta a juntar-se ao seu “governo””.

Verdadeira chantagem política, esta manobra exige uma explicação. Em todo o caso, a realidade é muito diferente.

O Sr. Holden Roberto não sabendo como evitar conformar-se às decisões da Conferência de Lagos e pressionado pelas graves dificuldades internas que o absorvem, não teve outra solução senão aceitar negociar com um grupo de indivíduos indesejáveis, os quais desde 6 de Julho de 1963 já não pertencem à nossa Organização. Esses indivíduos foram expulsos naquele dia por razões que foram tornadas públicas, a saber por sabotagem premeditada e sonegação de fundos do Movimento assim como por sectarismo e oportunismo político.

Compreende-se sem grande esforço que se trata de uma manobra desesperada do “grae” a fim de salvar uma situação cada vez mais podre, fazendo crer que o MPLA é que está dividido. Os dirigentes do “grae” imaginam assim poder evitar a solução da unificação recomendada pela OUA em Lagos, tal como os Chefes de Estado africanos tinham estabelecido em Addis Abeba. O Sr. Holden Roberto quer destruir as últimas possibilidades de unidade.

O Comité Director do MPLA desmente categoricamente a existência de qualquer dissidência no seio da sua Organização. Reafirma claramente e em termos definitivos que o Movimento Popular de Libertação de Angola é uma organização revolucionária onde a indisciplina não é tolerada, por parte de quem quer que seja. Insiste que a sua coesão, bem demonstrada pela Conferência de Quadros recentemente realizada em Brazzaville, não pode ser posta em causa pela depuração de indivíduos que se fazem notar por um comportamento de indignidade política.

2. Por esta mesma ocasião, mensageiros do Sr. Holden Roberto encontram-se em Lagos, aparentemente com o objectivo de obter a criação de uma subcomissão da OUA exclusivamente encarregue dos fundos para a luta angolana.

A “comovente” inquietação dos dirigentes do “grae” pela formação da dita subcomissão não engana ninguém, sobretudo quando se conhece a grande habilidade

comercial do seu chefe. A sua intenção de conquistar uma influência decisiva junto da subcomissão proposta, obtendo por esse procedimento uma situação de privilégio sobre todas as outras organizações, é evidente.

O Movimento Popular de Libertação de Angola denuncia mais esta manobra inspirada no mesmo espírito de exclusivismo político; chama para ela a atenção dos organismos competentes da OUA e espera dos Países membros da Organização um comportamento escrupuloso e digno.

B/ville – 20.3.64

o Comité Director
[carimbo do CD do MPLA]

Carta de Lúcio Lara ao Comando Operacional de Brazzaville

[dactilografada]

MPLA
COMANDO OPERACIONAL
Dolisie

Dolisie, 20 de Março de 1964

AO COMANDO OPERACIONAL DO MPLA
BRAZZAVILLE

Caros Camaradas

Aproveito o regresso do Jeepão [*sic*] para vos pôr ao corrente dos últimos acontecimentos aqui:

1 – Caso EDUARDO FERNANDES – Quando ele chegou de Brazza no Jeepão, eu encontrava-me nas Pacaças, tendo aqui chegado só na noite do dia 17. Como o Jeep devia partir a 18 até Kimongo, mandei recado ao E. Fernandes para vir ter comigo para lhe comunicar a vossa decisão de o transferir para o Kimongo até conclusão do seu processo. Ele não apareceu nesse dia, que aliás passou ao que me informaram, fora de casa. O carro partiu pois sem ele, visto que havia uma missão de transporte de barracas para as Pacaças que estava combinada, não podendo ser adiada, pois havia camaradas que a certas horas deveriam vir ao desvio, para fazerem o transporte.

O indivíduo só cá apareceu hoje e às minhas observações sobre a vadiagem a que voltara a entregar-se, respondeu desabrida e insolentemente. Já era minha ideia fazê-lo aguardar na prisão aqui do CIR até que viesse o carro, antes até que o carro voltasse a Kimongo. Assim disse-lhe que devia aguardar aqui na prisão decisões futuras a seu respeito. Sempre insolente, e dizendo que o queríamos matar, não teve outro remédio senão entrar na prisão.

Vamos pois começar o inquérito a seu respeito, de acordo com a vossa nota de 15 de Março.

2 – O Camarada INHALA também se encontra preso, embora preste serviço na Cozinha. Aguardo a vossa chegada para se ver o seu caso, que desconheço.

3 – SITUACÃO NAS PACAÇAS – Conforme vos foi comunicado, tomaram-se medidas de precaução contra um possível bombardeamento e um ataque de surpresa. Há 3 grupos nas montanhas em redor em alerta permanente e estabeleceu-se um ponto de recuo, para onde foi o material, que está protegido por uma tenda.

Falei com os camaradas sobre a necessidade de continuar as operações a despeito da situação de alerta, e nomeadamente de apressar a questão do posto avançado. O Comando queixa-se da falta de efectivo para as inúmeras tarefas que tem de efectuar. Concluimos no entanto que era necessário avançar com o efectivo actual, e mesmo nas condições de alerta actuais, que deviam ser uma razão de mais para não manter os grupos juntos no antigo acampamento.

Há algumas necessidades urgentes a satisfazer, tais como o problema de peúgas (que é um problema maior) e o do abastecimento do posto, onde concluimos ser necessário fazer algumas missões unicamente para deixar lá o ravitaillement dos grupos futuros.

Neste preciso momento em que vos estou a escrever, chegou-me às mãos o relatório do camarada Spencer sobre o que se tratou nas Pacassas, o que me dispensa de maiores pormenores. Afinal acaba de chegar também aqui o Cam. Capache dizendo que já não vai hoje. Registrarei em todo o caso nesta carta as últimas informações para que tomem conhecimento delas quando aqui chegarem.

Da última vez que passei nas Pacassas, ficou combinado que voltaria lá no dia 24 ou 25 para passar lá uns dias. Por outro lado teremos uma missão no Ditadi no dia 30 e outra em Kifuma 2 e Batamanga no dia 2 de Abril. Possivelmente só depois desta data irei a Banga, pois agora nos próximos dias é muito provável que não encontre lá ninguém, visto que os grupos devem ter saído.

ZONA A:

No próprio dia em que parti para as Pacassas esteve cá o Cam. Minga que veio acompanhar três camaradas que levantaram problemas na sua Zona: trata-se de dois dos camaradas que fizeram o estágio acelerado (Zacarias Chimpolo e Pedro Vicente Gomes) e do Cam. Daniel Mendes. O Zacarias Chimpolo levanta um problema de ter a sua mulher grávida em Ganda Binda, creio que ao cuidado da OMA e que teria manifestado desejo de a ver antes de ir para a Zona A. Garantiu ao respectivo Comando que regressaria logo que tivesse resolvido os problemas familiares, pelo que eles o deixaram vir, porque segundo dizem ele levantaria muitos problemas que eles não podem enfrentar em vésperas de partir para missão. O mesmo problema (esposa) se passa com o Pedro Vicente, mas a esposa está no Congo Léo, para os lados de Tshela e ele quer fazê-la atravessar. Como aconteceu estar cá nesse dia o Makaka de Batam. em busca de reforço, devido a uma deterioração da situação, o Pedro Vicente partiu com ele, mais três camaradas que ainda se encontravam aqui (Mateus Pongi, Ngungu Célestin e António Gomes) que tinham feito também o curso acelerado. A situação de Batamanga deverá ser discutida em particular em reunião do CO. Apreciar-se-á também o caso dos dois camaradas que acabo de referir e que são devidos a erros difíceis de determinar.

O caso Daniel Mendes é também esquisito, no mínimo que se lhe pode chamar. Pretexa questões de feitiçaria que o impedem de estar em Banga, pedindo para voltar para a Zona B. Sem ter em mente qualquer solução definitiva do seu caso, pois prefiro aguardar a vossa chegada, pedi ao Comando da Zona B que se pronunciasse sobre uma eventual reintegração do dito camarada e estou aguardando uma resposta. Entretanto o camarada Cadete enviou-o ontem de novo à Zona A, em missão de ligação.

Batamanga – Como disse apareceram de novo graves dificuldades com os chefes que se mantêm upistas e que dificultam o trabalho dos camaradas. Estes não desanimam e como uma das razões das dificuldades é o veneno que a UPA meteu nos chefes sobre a ineficácia e a ligação com o inimigo do MPLA, sugeri aos camaradas que convidassem os chefes a visitar o nosso Presidente e de passagem, e com as devidas precauções mostrar-lhes-íamos algo do nosso potencial. Creio que o chefe principal se mostra despeitado pelo facto de o cam. Neto não ter falado com ele quando lá esteve.

Todos estes pontos teremos ocasião de os abordar, bem como as necessidades mais urgentes (impermeáveis, novos mapas de Cabinda, guias de marcha, questão do Kimongo, etc.)

V ou M

[assinatura de L. Lara]

[Nota manuscrita por L. Lara: Falta referir o Mvouti e as últimas da ponte do Lombe bem como a ponte perto de Ilupanga.]

Carta de Lúcio Lara e José Mendes a Cuba

[dactilografada – 2ª via]

Accra, 23 de Março de 1964

Comissão do Interior

Ao
Secretariado da Direcção Nacional das
Organizações Revolucionárias Integradas
Havana Cuba

Prezados companheiros

Tivemos há tempos através da Embaixada de Cuba em Rabat e em Alger convites para enviarmos estagiários a Cuba. Apresentámos as dificuldades que tínhamos em deslocar os nossos companheiros do Congo e pedimos que nos dissessem se não era possível subsidiarem-nos as viagens a partir do Congo, mesmo que fossem de barco até Rabat. Gostaríamos de saber uma resposta a esta questão.

Aproveitamos a ocasião para enumerar a qualidade e o número de estagiários que pretendemos:

- 1 estagiário para questões de organização do Partido
- 1 para estudar a vossa reforma agrária, em contacto com ela

- 1 para estudar economia e finanças, ligado a questões bancárias
- 5 para um estágio militar (sabotagem e armas pesadas)
- 2 para serviços secretos
- 2 para aviação.

Este esquema corresponde a algumas das nossas necessidades em quadros.

Se a resposta puder ser dada proximamente poderia ir para Conakry, onde temos um representante, ou mesmo para Alger.

Gostaríamos também que nos fizessem um serviço de todas as publicações revolucionárias para o nosso endereço em Brazzaville e as publicações seriam de preferência em espanhol ou em francês.

Temos a tradução feita por companheiro nosso da “Guerra de Guerrilhas” do companheiro Che Guevara. Será possível publicá-lo aí ou já existe em português? Neste caso agradeceríamos que nos mandassem alguns exemplares, podendo também vir alguns em espanhol.

Enviamos a todos os companheiros da Direcção Nacional fraternas saudações revolucionárias.

CUBA NO FALLARÁ!

O POVO ANGOLANO VENCERÁ!

Lúcio Lara – do Bureau Político

José Mendes – do Comité Director

Carta da FDLA à N'TOBAKO acompanhada de um Convite

[cópia dactilografada, em francês]

FDLA
LÉOPOLDVILLE

Léopoldville, 24 de Março de 1964

Senhor Presidente da N'TOBAKO
em LÉOPOLDVILLE

Senhor Presidente,

Com referência à sua carta na qual solicita a adesão da N'TOBAKO no seio da FRENTE DEMOCRÁTICA DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA (FDLA), temos a honra de lhe informar que, a partir deste dia, a N'TOBAKO torna-se membro efectivo e de pleno direito da FDLA.

Queira aceitar, Senhor Presidente, os protestos da nossa mais alta consideração.

NO IMPEDIMENTO DO PRESIDENTE,

O 1º VICE PRESIDENTE

A. Em. LOUREIRO [segue assinatura]

CONVITE

Está cordialmente convidado a assistir a uma reunião de contacto que terá lugar na rua Bandundu 86, em Léo II, às 17 horas em ponto, no dia 27/3/64. [A data foi acrescentada à mão]

Relatório de Março, por Eugénio Veríssimo da Costa

[manuscrito]

[Acrescentado à margem: Recebido 8/4/64 – 3 cópias p/ a informação.]

Relatório do mês de Março de 1964

Informações no interior de Angola:

Os regedores do Posto de Miconge-Maiombe seguiram para Luanda a fim de pedirem uma ajuda aos portugueses militarmente para fortificarem a região de Maiombe. Nomes dos Sobas: 1º António NGuimbi e Zacarias Ilário Ngoma.

Durante o mês em curso os upistas queimaram diversas sanzalas no interior de Angola, tais como: – Saka, Lukiengui de Cima e de Baixo, Bombo, Miengui e Kisamu do Belize.

3ª Informação: No concelho de Kakongo no Posto Tandu Zinze foram mortos 9 criaturas, d'entre esses trata-se de um que foi catequista. Segundo informações dos homens que presenciaram essa Matança dizem que: Os portugueses obrigaram o povo da aldeia do Tandu Zinze, comer o corpo do Catequista. E este foi comido; dos tais que foram obrigados a comer a carne humana, encontram-se actualmente hospitalizados no Congo Léo: – Fronteiras: adoecidos por causa da Carne Humana comida. Provocador desta matança foi um agente dos portugueses, espião; esse, foi contar aos portugueses que o catequista daquela aldeia de Tandu Zinze não fazia outra coisa senão a política contra os portugueses.

Nesta área do Kimongo – Poste – aldeia Buku-Paka: – foi denunciado um homem angolano chamado Alexandre LUKIPU, tal foi dizer aos portugueses que os revolucionários do MPLA que se encontram em Kimongo fazem sempre pesquisas nas matas de Maiombe, tendo como guia um homem chamado LUBOTA (guia dos do MPLA).

INFORMAÇÕES NO – EXTERIOR –

Este organismo do MPLA em Kimongo, bruscamente formará um Comité de Acção nas aldeias de Nganda-Mbinda e Miconge. Dantes se hesitava que a maioria dos angolanos que existem nessas aldeias não eram fiéis à Revolução e finalmente converteram-se na Política Revolucionária do MPLA.

Nessas aldeias de Miconge, NGanda-Mbinda, Mbata Manga e Luvila, têm aparecido os upistas a instigar o povo para a sua política separatista; e esses têm como objectivo principal abolir a política do MPLA no seio daquele povo, que jamais conseguiram.

KIMONGO, 25 DE MARÇO DE 1964

O Responsável da Secção *[assinado por Eugénio Veríssimo da Costa]*¹

Carta do Governo Provincial do Kwango a Agostinho Neto

[cópia policopiada, em francês]

REPÚBLICA DO CONGO
PROVÍNCIA DO KWANGO
GOVERNO PROVINCIAL DO KWANGO

Kenge, 28 de Março de 1964

GABINETE DO PRESIDENTE
DO GOVERNO

Nº0/CAB/PRESIGOUPRO/KO/689/64/

Assunto: COM cópia para informação
ao Senhor Ministro dos Assuntos Internos
do Governo Central em
LÉOPOLDVILLE.

Pedido autorização
retoma de actividades
do MPLA.

Ao Senhor AGOSTINHO Neto
Presidente do MPLA. C.P. 2353
em BRAZZAVILLE.
(República do Congo-Brazzaville)

Senhor Presidente,

Em referência à sua carta nº 271/43/64, de 11 de Março de 1964, na qual me solicita retomada das actividades do MPLA em toda a extensão do Território Congolês, lamento ter de informá-lo que tendo a ordem de encerramento das Representações da organização política MPLA sido decidida pelo Ministro dos Assuntos Internos do Governo Central, cabe a este voltar atrás com a sua decisão.

¹ Mais tarde conhecido por "Nzaje".

Assim que receba a carta circular reconsiderando esta decisão, permitirei a livre circulação aos Militantes do MPLA na extensão da minha Província.

Queira aceitar, Senhor Presidente, com as minhas mais sinceras desculpas, os protestos da minha mais alta consideração.

O PRESIDENTE CHEFE DO GOVERNO
PROVINCIAL DO KWANGO
– P. TABAKA –
MINISTRO DAS FINANÇAS DO KWANGO

Documento com a assinatura e o carimbo.

Entrevista de Lúcio Lara para a Rádio Ghana

[dactilografada]

[Nota manuscrita: Accra, Março 1964]

Está em Accra o camarada Lúcio Lara, líder nacionalista angolano e membro do Gabinete Político do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA).

Combatente da primeira hora e bastante conhecedor das coisas angolanas, o camarada Lara aceitou fazer uma declaração para os ouvintes de língua portuguesa de Rádio Ghana.

P: Camarada Lara, pode dizer-nos em que ponto se encontra a luta em Angola?

R: O povo angolano continua a bater-se heroicamente de armas na mão pela conquista da independência nacional.

Perante a concentração das tropas colonialistas no Norte de Angola e a sabotagem sistemática que Adoula e Holden têm feito para impedir o desenvolvimento da luta armada, o MPLA decidiu proclamar a palavra de ordem "Alargamento imediato da insurreição armada a todo o país".

Esse alargamento é possível na medida em que o povo angolano tem adquirido uma grande experiência política e sabe que não são só as armas que permitem causar golpes profundos no inimigo. De Norte a Sul do país o povo angolano está intensificando a sabotagem económica, destruindo as plantações de produtos coloniais, sabotando as vias de comunicação, e criando um clima de insegurança cada vez maior que leva os colonos a preparem-se mais apressadamente para fugir. Em suma, a existência de uma situação revolucionária angolana oferece ao nosso povo as melhores perspectivas para o prosseguimento de uma luta até a aquisição dos objectivos principais, independência, trabalho e pão para o povo.

P: O Governo colonialista português já deu mostras de uma mudança de atitude?

R: Não!... O Governo colonialista mais não faz do que tentar criar sofismas que desmobilizem o ardor combativo dos patriotas e frenem os ataques de que a sua política

é alvo nas Nações Unidas e no mundo. As pseudo-reformas e a mascarada eleitoral que os colonialistas portugueses apregoam não contém em si mesmas a menor mudança de atitude. O sofisma do “Portugal de Além-Mar” persiste. Nenhuma reforma tem valor desde que ela não parta do reconhecimento do direito do povo angolano à autodeterminação e à independência.

P: Sabemos que o MPLA enviou à Conferência de Lagos um memorial [memorando] em que recusa as recomendações do Comité dos Nove da OUA sobre o reconhecimento de um “Governo Angolano”. Quais são em resumo as razões do MPLA?

R: Efectivamente o MPLA reagiu energicamente contra o erro gravíssimo que o Comité dos 9 cometeu e para o qual pretendeu arrastar os Países independentes de África, ao recomendar o reconhecimento de um governo carnavalesco que pretende representar o Povo angolano. Foi por isso que uma delegação constituída pelo Presidente do MPLA, Dr. Agostinho Neto, e pelos dirigentes Daniel Chipenda e Miguel Baya, apresentou ao Conselho de Ministros da OUA em Lagos um longo memorial em que expõe as razões de direito e as razões políticas que levam o MPLA a recusar e a denunciar as recomendações da Missão de Bons Ofícios e consequentemente as do Comité dos 9.

Uma razão, de ordem política, é que o grupo que pretende impor-se como governo não possui a menor representatividade, dado que não saiu de uma unificação ou de um acordo de todas as organizações verdadeiramente patrióticas angolanas.

Esse agrupamento é uma criação congoleza, de inspiração americana, que mais não visa que a impor na Angola futura um regime que mantenha a escravidão e a exploração das nossas riquezas em benefício do Imperialismo.

Outra razão, de direito, é que a recomendação do Comité dos 9 sobre o reconhecimento se baseou, como disse, em falsas conclusões de uma missão de bons ofícios que se atribuiu poderes que não possuía. Essa missão, sentou-se num Gabinete e não fez o menor esforço para conciliar as organizações patrióticas angolanas.

Limitou-se a aceitar as sugestões de Adoula e as afirmações fantasistas de Holden sobre feitos extraordinários, sem a menor verificação.

Recusou-se além disso, a ouvir o Dr. Neto como presidente da Frente Democrática para a Libertação de Angola (FDLA) pretextando que só tinha mandato para ouvir o MPLA e o FNLA.

Recusou, finalmente, ouvir o Dr. Neto como Presidente do MPLA pretextando falta de tempo.

Sucedo também que o Comité dos 9 não tinha mandato de Addis Abeba para recomendar qualquer reconhecimento.

O trabalho de esclarecimento feito pelo MPLA fez com que alguns dos países que induzidos em erro, reconheceram o governo fantoche tenham revisto a sua posição no sentido de, pelo menos, garantirem o seu apoio à luta revolucionária de MPLA.

O MPLA saiu bastante fortalecido da Conferência de Lagos na medida em que convenceu a maioria dos Países africanos da justeza das suas posições.

P: A sua passagem em Accra está ligada à vossa campanha de esclarecimento?

R: Sim, em parte. Além disso o MPLA não perde nunca a oportunidade de trocar impressões com o grande líder, Dr. Kwame Nkrumah.

A sua posição intransigente face ao imperialismo, que faz com que tenha escapado a três atentados, serve de guia aos patriotas e africanos.

Agradeço aos irmãos da Rádio Ghana a oportunidade que me oferecem para prestar uma sentida homenagem aos mártires tombados no 4 de Fevereiro e durante as lutas travadas contra o inimigo, bem como saudar a coragem dos camaradas que continuam a resistir nas cadeias e nas matas.

O MPLA apela com insistência para o Povo angolano para que ponha todo o seu esforço na organização e na unificação do movimento de libertação nacional.

O MPLA continuará na vanguarda da Luta, para garantir ao Povo uma Independência que traga Justiça, Paz e Trabalho.

VITÓRIA OU MORTE

P: Camarada Lúcio Lara, agradecemos que tenha [vindo] aos nossos estúdios e fazemos votos pela vitória do Povo angolano.

Informação sobre a situação geral da Luta

[*dactilografada, em francês – 2ª via*]

[*Nota manuscrita por L. Lara: Ghana, Accra, Março 1964*]

A SITUAÇÃO GERAL DA LUTA DO POVO ANGOLANO E DO MPLA

O reconhecimento por certos Países africanos de um pretenso “governo angolano”, incapaz, carnavalesco e sem a mínima representatividade, instrumento funcional do imperialismo americano que o utiliza na penetração, controle e estabelecimento do seu aparelho, na perspectiva de uma dominação neocolonialista em Angola, constituíram os factores poderosos que levaram o MPLA a adoptar medidas urgentes para frustrar todas as manobras de que era alvo.

A aparente cisão, observada depois do reconhecimento, foi apenas o desfecho lógico do jogo de ambições desencadeado por um grupo do qual fazia parte Viriato Cruz, antigo secretário-geral do MPLA, após a Conferência Nacional do MPLA que não os tinha reeleito para os postos que ocupavam anteriormente.

Não tendo conseguido semear a confusão e a desordem durante os meses que se seguiram à Conferência Nacional, esse grupo aproveitou a ocasião do reconhecimento por Adoula, do grupo de Holden para tentar eliminar a Direcção do MPLA, apoiando a decisão de Adoula e solicitando a Holden para se juntarem à sua FNLA.

Depois de ter suportado todos esses golpes, a Direcção do MPLA tomou todas as medidas para impedir que a confusão lançada do exterior prejudicasse a organização no interior. Em seguida iniciou a clarificação da situação no exterior, que se apresentava perturbada devido à interferência de certos Países africanos que se apressaram a reconhecer o grupo Holden, querendo obrigar o MPLA a dissolver-se no seio da FNLA.

A Conferência de Quadros do MPLA, reunindo 50 delegados durante dez dias, fez um balanço profundo da situação.

Ela constatou, por um lado, que a situação no interior tinha sido poupada às confusões forjadas pelos imperialistas e os seus agentes no exterior.

Os grupos de partidários, combatendo sob a bandeira do MPLA, continuam a manter as suas posições nas regiões dos Dembos e de Nambuangongo apesar das enormes dificuldades de reabastecimento.

No entanto, a actividade de guerrilha não conseguiu desenvolver-se, por um lado por causa do reabastecimento e por outro, devido à fraca consciência política do Povo, a qual não conseguimos ainda fazer atingir um nível mais elevado. Esta falta de consciência é um factor intrínseco da luta de libertação de Angola, devido à ausência de vida política legal antes do desencadear da luta armada e que, conseqüentemente, mal ultrapassou a fase de “insurreição armada”.

No entanto, o facto da luta armada estar circunscrita a uma zona do noroeste de Angola não impediu a actividade clandestina de grupos do MPLA nas regiões do resto do País. A repressão que é exercida, as prisões constantes dos nossos militantes em todo o lado e nomeadamente nas cidades de Luanda, Nova Lisboa, Benguela e Sá da Bandeira, testemunham esta actividade.

O MPLA continua a fazer-se sentir nos postos fronteiriços mais importantes entre Angola e os Congos, assim como nas actividades no Congo-Léopoldville, clandestinas ou legais, dependendo do apoio concedido pelas autoridades provinciais.

Os governos provinciais do Kwango, Congo Central e Unidade do Kasai continuam a apoiar o MPLA, tão firmemente quanto lhes permite a situação caótica do Congo.

A Conferência de Quadros do MPLA constatou que a criação da Frente Democrática de Libertação de Angola (FDLA) tinha sido justa e tinha tido em conta os interesses e as condições internas do Nacionalismo angolano. A FDLA continua a jogar o seu importante papel de juntar o maior número de organizações nacionalistas que aceitaram uma plataforma democrática de entendimento e de acção.

Se não se tivessem manifestado alguns preconceitos na criação da Frente, ela teria imposto tanto no interior como no exterior. Hoje, ela vê-se limitada a desempenhar o seu papel no interior e só depois de ter uma posição de força é que se apresentará no exterior.

De qualquer forma, ela canaliza uma parte importante das forças nacionalistas do Norte de Angola para acções conjuntas com o MPLA, dentro dos princípios defendidos pelo MPLA e aprovados pelas organizações membros da Frente Democrática.

Como resultado da actividade da FDLA e do CUNA (Comité para a Unidade dos Nacionalistas Angolanos, organização que colabora com a FDLA [e] que ainda não é membro por razões tácticas), o pretensio “governo” perdeu as suas bases em vários locais do Norte de Angola, nomeadamente na região do Bembe e de São Salvador.

Por seu lado, as forças imperialistas e seus agentes não cessam as suas provocações, ingerências e campanhas difamatórias contra o MPLA.

RECONVERSÃO

A Conferência de Quadros decidiu uma reconversão do MPLA de forma a manter inquebrantável o moral das massas e dos militantes do MPLA.

A reconversão visou:

a) A redução do aparelho administrativo ao mínimo exigido e a conseqüente adopção de uma estrutura mais simples e eficaz, reduzida no exterior e reforçada no interior, em todo o País.

b) A divisão dos membros em duas categorias:

MILITANTES – os que se estão totalmente entregues à luta e que participam na realização das tarefas mais importantes;

ADERENTES – os que só podem contribuir parcialmente na luta de libertação. O MPLA não se encarrega destes a não ser em condições revolucionárias especiais.

c) O encaminhamento regular para o interior do maior número de quadros formados no exterior, operação que tem um grande sucesso.

d) A instalação de uma certa clandestinidade no exterior, tanto ao nível dos militantes como de certos dirigentes.

e) O reforço da disciplina.

f) Intensificação da formação de quadros revolucionários nas fronteiras. Um grupo de 50 quadros está actualmente a completar uma preparação especial, para regressar às aldeias.

g) Uma nova estrutura militar foi adoptada. Apoia-se nos “destacamentos de guerrilheiros”, que se distinguem tanto pela sua formação política como pelas suas aptidões militares. Isto visa aumentar o nível revolucionário das zonas de guerrilha e efectuar, o mais brevemente possível, a ocupação de certas regiões precariamente controladas pelos grupos de guerrilha.

h) Foram tomadas outras medidas de carácter político, militar e social.

i) Três membros do Comité Director, entre os quais o próprio Presidente, visitaram postos no interior da fronteira Angola-Congo.

j) Uma Delegação do MPLA acaba de apresentar, na Conferência de Ministros dos Negócios Estrangeiros de Lagos, um Memorando acompanhado de uma Petição, pedindo a revisão das conclusões de Dakar sobre o reconhecimento de Holden. Os resultados podem ser considerados positivos visto que numerosas delegações se mostraram preocupadas com as conseqüências que tal atitude inconsciente estava a provocar.

A DIVISÃO DO NACIONALISMO ANGOLANO

a) Com a UPA/PDA/FNLA/“grae”

O carácter reaccionário, oportunista e de instrumento imperialista do grupo upa/pda/fnla/“grae”, impede hoje mais do que nunca que se encare a possibilidade de unificação do movimento de libertação nacional angolano.

Tendo sido alguns Países africanos embalados pela ilusão de que um reconhecimento do grupo Holden contribuiria para lhe insuflar um espírito revolucionário, a presunção de Holden aumentou e, em função disso, a sua oposição a qualquer possibilidade de buscar uma plataforma para a unidade de acção.

No entanto, a popularidade da UPA/“grae” realmente diminuiu no interior do País, tal como nas fronteiras, em benefício do MPLA e da FDLA. Além disso, no seio da FNLA manifestam-se várias tendências:

Rebentaram motins (dois pelo menos), por razões tribalistas, no campo cedido à UPA pelas autoridades congoleas, causando alguns mortos e a intervenção das autoridades congoleas que controlam o campo desde então; um desentendimento entre dirigentes do PDA [*sic*] [da UPA] e do PDA ganha corpo, assim como rivalidades entre os pretensos “ministros”, das quais a principal é a que opõe Savimbi a Holden, que ele não ousa denunciar. Os responsáveis do “grae” já não se atrevem a ir à fronteira, por medo. Estão a perder o controle e dois deles pediram bolsas aos Americanos. Os estudantes da UPA na Suíça manifestaram o desejo de se juntar ao MPLA, decepcionados com os insucessos do seu partido.

Estes factores levam alguns dirigentes da FNLA, como Savimbi e Kunzika, a declaram em todo o lado que não são hostis a um entendimento com o MPLA.

O MPLA segue atentamente o desenrolar dessas situações.

b) No interior do MPLA

1) O caso V. Cruz

As atitudes oportunistas e insensatas de V. Cruz ficaram completamente expostas depois da chegada do Camarada Dr. Neto ao exterior, após a sua fuga de Portugal.

Desde então, Cruz inventou todos os pretextos e tentou todas as alianças para afastar o Cam. Neto do MPLA. De posição em posição, Cruz chegou ao ponto de apoiar publicamente a decisão de Adoula, de reconhecer Holden e de “macaquear” um “golpe de Estado” apresentando-se com 4 amigos como um “Comité Provisório do MPLA” para pedir a sua filiação na FNLA de Holden. Chegou mesmo a depor contra o MPLA diante da Missão dita de Bons Ofícios, vinda a Léopoldville depois da decisão unilateral de Adoula.

Todos esses factos, acrescidos de campanhas de calúnias que a partir de Léopoldville, de Argel, de Paris e de todo o lado, Cruz e seus amigos lançam contra o MPLA, que utilizam até elementos do diferendo sino-soviético, não permitem encarar uma reconciliação.

2) O caso M. Andrade

M. de Andrade contribuiu para agravar as dificuldades criadas pelo imperialismo ao MPLA, quando, de Paris, anunciou a sua demissão por causa, dizia ele, da FDLA. Se aí havia argumentos válidos, estes poderiam ser discutidos no seio do MPLA. A atitude pública de desacordo serviu sobretudo para justificar a sua deserção do MPLA após o reconhecimento de Holden por Adoula, que ainda era apenas conhecido pelo

Comité Director. Andrade tinha começado por justificar por carta o seu abandono, sob pretexto que ele era um obstáculo para a unidade com a FNLA!!!

Que se saiba, no entanto, Andrade não traiu a linha do MPLA sobre a questão do “grae”, o que tornou possível manter contactos com ele, com o fim de o fazer rever a sua posição, o que ainda não aconteceu.

A atitude reformista de Portugal, assim como os nossos planos, serão objecto de uma exposição verbal.

FIM

Relatório de José Mendes

[*manuscrito*]¹

CONTACTOS

A. Embaixadas

1. União S.

27/2/64 – Num encontro com o 1º Secretário expôs-se detalhadamente aspectos principais da situação angolana e do MPLA, em particular, razões de um conceito errado existente no exterior.

- Bate-se novamente na questão dos estudantes.
- Viagem dos dois camaradas a Moscú.
- Ajuda financeira.
- Pairam promessas de uma solução breve.

3/3/64 – Novamente com o 1º Secretário nada se recebeu como resposta. Focámos passagem de Coti por Rabat e Paris na questão de ajuda.

- Continuam as mesmas promessas de solução breve.

5/3/64 – Um relatório de Katy [L. Lara] sobre a situação angolana e questões que o levam à visita é entregue ao 1º Secretário.

- Recebemos como ajuda £ 20.

9/3/64 – Num contacto de Katy com o 1º Secretário sabe-se que a resposta aos problemas postos resumia-se num convite endereçado a Coti por Konakry sem qualquer explicação.

18/3/64 – Face a tal atitude da parte de Moscú um encontro é tido com o 1º Conselheiro em vez do Embaixador a quem expusemos o desprezo de Moscú pelos canais prestabelecidos para tais assuntos, a perda de tempo (2 meses) e o embaraço mais forte que ameaça a Organização face a longas esperas de solução. Uma nota – Memorandum é lhe entregue.

¹ Existindo duas versões, escolheu-se a mais completa. Assinala-se em itálico o que está na outra versão e não nesta

21/3/64 – Põe-se o 1º Conselheiro ao corrente da viagem de Katy para Konakry.

2. China

28/2/64 – Tem lugar um encontro com o Secretário do embaixador e um Conselheiro. Expõe-se a situação actual da luta, o MPLA no exterior, acção de Viriato, GRAE, com novos documentos.

Pedidos são feitos sobre conversações já começadas em Konakry para 25 quadros, livros educativos e filmes. Foca-se igualmente questão financeira e possível viagem de Coti a Pequim relativamente à situação premente.

Informar-se-á imediatamente Pequim.

16/3/64 – Face às hesitações de Moscou um pedido de \$5000 é feito. É igualmente com o Conselheiro e Secretário da Embaixada que explora-se a posição do governo chinês face ao convite de Holden por Pequim. Segundo nos foi declarado não é um convite ao nível do governo mas sim de partido.

Com isto a China só ganhará em analisar melhor a consistência de tal organismo e sua acção. A China não espera nem nunca o fará, aproveitar-se da UPA para seus agentes, dividindo assim mais o Povo angolano, elevar a UPA para esmagar o MPLA (palavras do Conselheiro).

A nossa impressão de uma atitude de reserva da China em relação ao MPLA pelo veneno espalhado por Viriato.

Importância de um certo núcleo do MPLA numa zona afectada por Mulele.

3. Cuba

3/3/64 – Aguarda-se oportunidade para ver o embaixador.

12/3/64 – Evocam-se os primeiros contactos tidos em Konakry. Expõe-se o envio de alguns quadros para Havana, necessidade de documentos revolução cubana, discos, livros, filmes.

18/3/64 – Face à impossibilidade de um encontro com o embaixador, Chargé d'Affaires pede-nos deixar por escrito uma mensagem para Cuba.

4. Bulgária

5/3/64 – Com o embaixador fala-se da estadia dos nossos estudantes e visita de Katy (visa). Situação angolana.

5. RDA

5/3/64 – Num encontro com o Chargé d'Affaires fala-se visita Katy (visa).

B. Velhos amigos .

27/2/64. Hanton – Necessidade de um canal cooperador no MPLA para a Enciclopédia Africana.

29/2/64. Davidson – Dificuldade na interpretação e exposição justa do fenómeno social em Angola. Esclarecido da solidez do MPLA e razões do seu longo silêncio exprime sua confiança.

16/3/64 Barden (?) Mantém-se na mesma pele de cordeiro. Contudo pede da direcção do Movimento uma carta para o representante desejado em Accra, a qual será por ele submetida ao Secretariado...

18/3/64 – Francis. Confrontação sociológica relativa à questão social em Angola numa tendência geral de importação do processo de desenvolvimento estrangeiro.

ARISTIDES e PASCOAL 25/2/64 – Mensagem de Neto. Resultados alcançados e impressões sobre a Conferência de Lagos.

ABIBI 19/3/64 –

Mukumbi e MONDLANE – 3 e 4/3/64 – Informações sobre Lagos.

3/3/64 – UPC – (Massaja, NDOH, SCHAPO, CHER, HUGO) – Exposição de ambas as situações que têm alguns reflexos comuns.

1/3/64 – Um grupo incluindo UPC, Nigéria, Angola, Adamo, Francês – Estudo de uma união estratégia comum com alguns países africanos Revolucionários opondo-se ao imperialismo ianque com vista à Conferência do Cairo.

– Uma missão de esclarecimento *do MPLA* fazendo à UAM.

– Informação regular embaixadas com reservas

22/3/64 – Kofi Batsa – Informação substancial é-lhe dada sobre erro do Comité dos Nove, isolamento a que o MPLA foi submetido, exploração por Viriato de tal situação para lançar a liderança do Movimento, em particular pessoa de Neto, ligada aos portugueses por sua libertação, e aos americanos quando da petição na ONU. Um plano é lançado para visita de Neto a NKRUMAH.

1/3/64 – Kingé –

C. Delegações Conf. Solidariedade ao Povo irmão África do Sul –

Viet Nam 12/3/64 – Exposição detalhada da situação angolana e do Viet Nam. GRAE. Sua intervenção junto do seu governo para não fazer qualquer convite ou Reconhecimento do GRAE e junto do governo chinês para impedir Reconhecimento GRAE.

Itália 12/3/64

RDA 12/3/64 – Num plano mais sindical, Dombele fala nas necessidades mais urgentes, medicamentos, roupas.

INDONÉSIA – 12/3/64 – Depois de troca de alguns pontos de vista, delegado promete agir junto das massas para um maior apoio à luta angolana e em particular ao MPLA. Com Dombele fala-se do convite duma delegação juvenil para o Festival em Jakarta e Conferência Preparatória do mesmo em Maio.

- ÍNDIA – 12/3/64 – Secretário da União dos Sindicatos Indianos, manifesta desejo da sua organização em contribuir com roupas, medicamentos, materialmente noutros aspectos que se sentem capazes e sobretudo a visita de algum líder para, em várias conferências, expor ao povo indiano a realidade sobre o problema angolano. Há um convite pendente para Dombele.
- Chipre 14/3/64 – Detalhes sobre a situação real em Chipre e no nacionalismo angolano. Apoio do povo de Chipre já demonstrado num protesto enviado a uma das assembleias ONU.
- JAPÃO 14/3/64 – Ligeiro contacto sobre os problemas mais capitais dos dois países. Contudo entregam-se documentos de informação.
- ZÂMBIA 17/3/64 – Fala-se da possibilidade de uma continuação da missão já começada pela Zâmbia. Um contacto será imediatamente feito pelo delegado com CHONA M. e M. SITOLE aguardando-se resposta. É-nos manifestado desejo de Kaunda em ajudar a dissolver diferenças impedindo uma acção conjunta dos movimentos angolanos numa base de conversa com os seus líderes.
- Argélia 12/3/64 – Ignorância ou exagero das razões distanciando o MPLA e o “dito” governo. Conceito errado de um lançamento, valorização do MPLA pela Argélia [por Ben Bella].

- NOTA: a) O exterior sente e exige, embora dificuldades, acções para melhor efectivar-se o restabelecimento encorajado do MPLA.
- b) Necessidade urgente do camarada presidente visitar Dr. NKrumah e organizar aí canais de contacto.
- c) Senão um representante oficial em Accra, um dos nossos que aí viva mantido pela Organização como agente de informação aos amigos com deslocações regulares para Brazza. Accra é sem dúvida um ponto capital nas questões africanas, por isso tudo devemos fazer para um contacto regular.
- d) Pesquisas, estão sendo feitas em certos meios fornecendo armamento, etc.

Accra, 1/4/64 [assinado por José Mendes]

As pesquisas estão sendo feitas em certos meios fornecendo armamento, etc.

Accra, 1/4/64
José Mendes

Informação assinada por Toto

[manuscrita]

9/4/64

NOTÍCIAS por escrito

Vasco Mateus Comandante da área do Dembos vindo do Interior para Léopoldville directamente a UPA escreveu-me dizendo que queria conversar comigo pessoalmente.

Segundo informações da sua carta, diz que desde ZALA até BEMBE, todos angolanos estão prontos para fazer a defensiva se o MPLA mandar mais um grupo para não acontecer mais, o que aconteceu no rio Logi. Farão a defensiva nos dois rios Ambriz e Logi isto é se avisarmos antecipadamente.

Recebido pelo
[assinado] TOTO

BRAZZA, 9/4/64

Relatório assinado Toto Toto Kyta

[dactilografado]

[Acrescentado à mão na margem: Segurança]

RELATÓRIO

O camarada que escreveu para mim, já não o encontrei foi enviado na base. Informações do camarada: Jacinto Domingos Manuel, Comandante na área do ZENZA ZENZA: Desde Songololo, até rio M'b[ri]dge não tem nenhum quartel da upa salta-se o rio M'b[ri]dge anda-se 6 a 7 dias encontra-se o primeiro quartel da upa chamado TUSSAMBA TUA ZAMBI desde este quartel, anda-se uma distância com a média de 25 KM encontra-se o segundo quartel de nome KIMARIA. De KIMARIA, já não tem nenhum quartel só tem guardas até na área de NAMBOANGONGO.

NAMBOANGONGO: Está dividido metade apoia a UPA¹ e a maioria apoia até ZENZA o nosso Movimento.

VIRIATO DA CRUZ: Chega hoje ou amanhã em Léo a fim de fazer a unidade com a upa em nome do MPLA. Mas o povo não gostou porque não reconhecem este MPLA mas sim aquele que está em Brazza que é o verdadeiro MPLA.

BEMBE: Foi enviado pelos Comandantes do Bembe que se encontram em Léo, em camarada para avisar todo o povo para vir no Congo porque a upa não quer fazer Unidade com os outros Movimentos Nacionalistas.

¹ “O nosso Movimento” foi rasurado e substituído à mão por “UPA”.

ENTRADA: Um responsável da CUNA, disse que há uma parte onde se pode entrar sem qualquer impedimento. Entrando no BAMBÁ vai-se até CUILO-FUTA passa-se QUIMBELE, atravessa o rio Cuilo, 31 de JANEIRO, BUNGO, PURI, NEGAGE, QUITEXI, CAMBAMBÁ, área do falecido BOMBOKO, CAMABATELA até QUIBAXI. Este prometeu que com material suficiente, ele estaria pronto a dirigir o caminho e mais outros. Porque naquela área nenhum upista é capaz de entrar lá.

ENTRADA: Todos camaradas que vierem com camarada FREDERICO pedem que no seu regresso entrem com o grupo nosso que não haverá nenhum impedimento mais um grupo bem armado que seja 80 ou 100 homens com eles farão uma média de 170 ou 150 homens.

TSHIKAPA: Chegou de lá o nosso camarada ALBERTO TSHIYAKO e presidente do COMITÉ DE ACÇÃO DE KAHEMBÁ; este deseja conversar muito comigo.

FREDERICO: Conversar muito com este camarada porque ele conhece muito das confusões no caminho; e quais os meios que devemos utilizar para podermos entrar. E tudo este camarada fará toda melhora explicação.

Deste militante. – TOTO Toto Kyta

10.4.64 Léo

Relatório assinado por Nicolau Spencer e Aleixo Pascoal

[dactilografado – em 2ª via]

Relatório

Contactos

Em Léopoldville com os seguintes membros do MNA: Mayembe, velho Lengue e Daniel. No Bureau da UNTA contactei os membros aí encontrados. Na conversa com todos eles insisti que o nosso trabalho não estava hoje na conquista de membros mas sim na consciencialização dos angolanos mostrando-lhes os perigos que correremos amanhã se não houver um verdadeiro esforço de trabalho e sinceridade desinteressada. Com a UPA, coragem e decisão.

Em Boma contactei o Presidente da UPA e os conselheiros e em Tshela o Presidente e o Vice-Presidente.

Situação geral dos Refugiados

Politização

Dum modo geral o trabalho dos comissários políticos foi nulo pois olhou mais a extensão que a profundidade: mais número que qualidade. Houve inscrição de indivíduos e não formação de militantes. Não tiveram a arte de transmitir responsabilidades, acumulavam tudo sobre si em lugar de promover os membros residentes. Vir de Léo

era tudo. Perdeu-se tempo e dinheiro. Não se explorou o CVAAR nem a permanência dos comissários políticos para politização, consciencialização dos militantes. Não se deu começo a reuniões de carácter de colóquios políticos. Assim, em Boma, Matadi não há três membros capazes de vir a uma reunião.

Assistência

Com o encerramento do CVAAR, a falta de dinheiro, a carência de medicamentos nos hospitais e farmácias torna difícil a situação dos refugiados. Esta é também a opinião de Vita André.

O fecho das escolas faz com que as crianças refugiadas se entreguem à ociosidade. As autoridades congoleesas lamentam este estado de coisas e julgam que tanto o encerramento do CVAAR como o das escolas se faz por nosso gosto.

Este estado de coisas não é desesperador pois a cristalização da luta, os sofrimentos do povo, o comportamento dos militares da UPA vai abrindo o povo às palavras de ordem do movimento e sobretudo às da unidade.

Trabalho feito

1º As rendas de casas foram pagas bem como as dívidas deixadas pelos camaradas em missão.

2º Fez-se explicação da situação do Movimento e das determinações da Conferência de Quadros. Em Boma, Matadi e Moanda não foi possível reuniões mas conversas isoladas. No Moanda fez-se contactos em grupos de três membros. No Luango aproveitou-se de um julgamento tradicional onde eu, acusado juntamente com o camarada Daniel e o tio, aproveitei da defesa para falar aos velhos da UPA acerca do Movimento, da sua acção e palavras de ordem e da Conferência de Quadros. Procurei convencê-los a não transportarem os mambos às autoridades congoleesas mas que os angolanos resolvam as questões existentes entre eles e só recorram aos congoleeses nas questões entre congoleeses e angolanos. Em Boma foi criado um embrião da JMPLA; talvez seja a única forma de despertar os velhos. Este embrião é muito fraco, mas precisa de ser fortalecido por correspondência.

Trabalho em suspenso

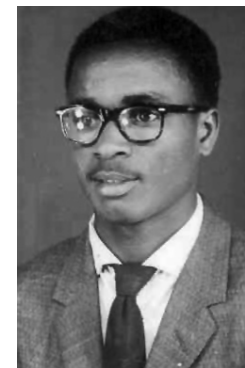
Tumbamani

Impõem-se a inspecção rigorosa de tudo quanto existe aí e para o efeito é necessário que camaradas sérios partam para esse ponto e permaneçam aí o tempo necessário.

Deve-se insistir com os enfermeiros para que construam a casa, caso ainda o não esteja para evitar sobrecarregar o Movimento com rendas.

Lufu

A casa ainda não foi entregue. Aí mora a mulher do camarada Domingos e este encontra-se preso. Compete ao Movimento determinar se a casa deve ou não ser entregue.



Aleixo Pascoal

Matadi

A casa do CVAAR ainda não foi entregue e as rendas estão atrasadas. Deve-se pagar as rendas e entregar a casa para se não acumular dívidas.

Boma

Estão por serem pagas dívidas deixadas tanto pelos comissários políticos como pelos camaradas do EPLA. É uma necessidade e uma garantia pagá-las. Os documentos dessas contas vão ser apresentadas ao DEF.

Conclusões e sugestões

No Tumbamani nota-se vitalidade e firmeza e podemos trabalhar os camaradas seguintes: Samuel Uwa, caçador; vai a Angola e volta, pois tem a documentação de lá. O camarada Afonso Kelele da Silva mostra decisão e não se deixou levar pelo mel da oposição. O camarada David (do NBeo) é comerciante. Vai a Angola e vem.

No Malele, os do Uíge estão firmes e devemos mandar a nossa correspondência aos seguintes: Matos Pinto, Pedro Pongo, Elias Marques. Os camaradas de 31 de Janeiro estão indecisos e muitos estão cheirando a UPA.

Inkisi – Deve-se fazer tudo para a fundação dum C.A.; pode-se contar com a militância de Bento Garcia Domingos.

No Songololo esperam pelo MPLA e desejam que possa haver um delegado que de tempos a tempos vai explicar ao povo a nossa política. Aumentar os membros à medida que os refugiados chegam.

Método de trabalho

1º Para o futuro as delegações nas fronteiras devem ter um estafeta comum que partindo da base leve material e dinheiro aos vários postos, aproveitando-se desta ocasião para inspeção de trabalho.

2º A correspondência deve ser mantida com os vários postos das fronteiras e os documentos devem ser feitos de preferência em Kicongo.

3º Devido à situação fraca dos nossos militantes e aos erros do passado, seria bom se os cursos sindicais continuarem [a] recrutar na fronteira camaradas para esses cursos. Interromperiam por meses a suas ocupações para se formarem politicamente, regressando depois às suas ocupações.

4º O camarada João Marcos e António Miranda deviam ser chamados para participarem nos cursos sindicais.

5º Em futuras bolsas devem-se também ter em conta camaradas da zona do Uíge: Matos Pinto, Elias Marques e Mendes Caiado.

6º A luta armada será o motor que apressará a mobilização e politização do povo. Impor-se-á com o seu começo a partida de brigadas jovens para interessar o povo a contribuir e colaborar na luta.

Brazzaville, 13 de Abril de 1964

Nicolau Spencer [*segue assinatura*] e Aleixo Pascoal¹ [*segue assinatura*]

Carta do Comité Sindical do MPLA ao Comité Director

[*dactilografada, em papel timbrado do MPLA*]

Brazzaville, 14 de Abril de 1964

Departamento de: COMITÉ SINDICAL

Ao Comité Director do MPLA

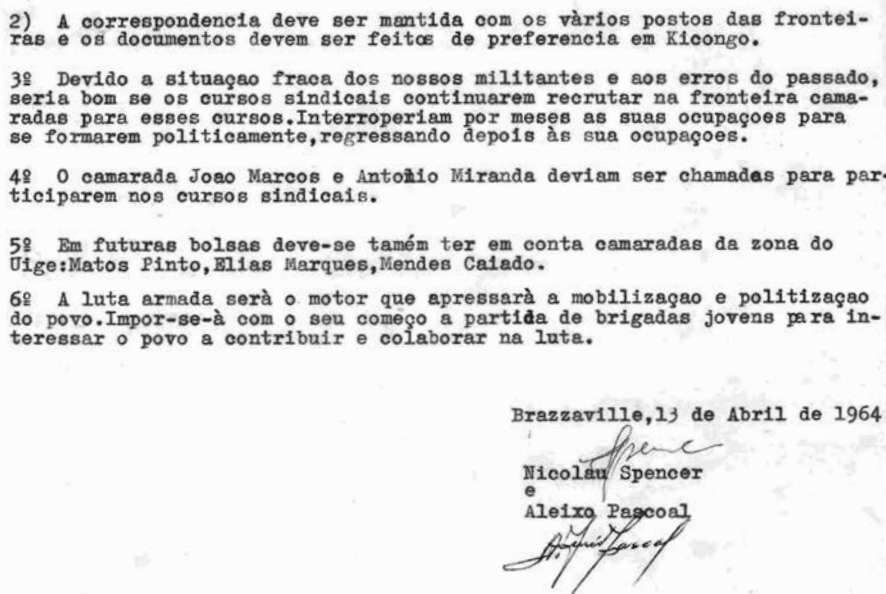
BRAZZAVILLE

Considerando que o colonialismo português impediu pela violência a estruturação de um movimento sindical em Angola capaz de desempenhar o papel histórico que o sindicalismo desempenhou em África;

Considerando que a União dos Trabalhadores e Operários Negros de Angola (UTONA) – no interior – e a União Nacional dos Trabalhadores Angolanos (UNTA) – no exterior – vêm limitadas as suas possibilidades de defender os interesses das massas laboriosas e de as estruturar para fazer face à violência das lutas reivindicativas que terão de enfrentar antes e depois da independência nacional;

Considerando a necessidade urgente e imperiosa de organizar revolucionariamente todos os trabalhadores angolanos no sentido de melhor contribuírem para as tarefas

¹ Mais tarde conhecido por “Gackson”.



da luta de libertação nacional e se prepararem para pôr a independência de Angola ao serviço das camadas mais oprimidas e exploradas, impedindo que ela seja em proveito das castas privilegiadas;

Considerando as decisões da Conferência de Quadros do MPLA (Janeiro 1964) em relação aos militantes com formação sindical, os militantes do MPLA que adquiriram uma formação sindical enriquecida com o contacto directo com as massas laboriosas angolanas, decidiram em reunião de 25/3/64 criar um Comité Sindical no seio do Movimento, com os seguintes objectivos e normas de funcionamento:

- I – DENOMINAÇÃO: COMITÉ SINDICAL DO MPLA (CSMPLA)
- II – MEMBROS: Serão membros do CS todos os trabalhadores e camponeses militantes do MPLA que tenham dado provas práticas de possuírem uma formação sindical.
- III – OBJECTIVOS:
- 1 – Reforço da luta pela Independência Nacional, contra o colonialismo, o néo-colonialismo e o imperialismo.
 - 2 – Luta pela defesa das liberdades democráticas e sindicais.
 - 3 – Luta contra a discriminação racial no trabalho e nos salários.
 - 4 – Estudo das condições e desenvolvimento de uma acção tendente a criar uma consciência de classe nas massas trabalhadoras e camponesas de Angola.
 - 5 – Aumento do espírito combativo e revolucionário das massas trabalhadoras e camponesas, elevação do seu nível cultural e desenvolvimento do seu espírito de organização.
 - 6 – Estudo dos problemas do Trabalho e das classes trabalhadoras de Angola, no sentido de contribuir para o estabelecimento e o desenvolvimento de sindicatos revolucionários, legais ou clandestinos, trabalhando no seio das classes trabalhadoras angolanas.
 - 7 – Formação de quadros sindicalistas.
- IV – MÉTODO DE TRABALHO: As decisões do CS devem ser aprovadas por maioria, após discussão em moldes democráticos.
- V – DISPOSIÇÕES GERAIS:
- 1 – Na sua actividade e na consecução dos seus objectivos, o CS subscreve inteiramente os objectivos políticos, económicos, culturais e sociais que se fixou a FEDERAÇÃO SINDICAL PANAFRICANA.
 - 2 – O CS apoia a luta dos trabalhadores de todo o Mundo e em especial as dos trabalhadores afro-asiáticos e da América Latina.
 - 3 – O CS trabalhará em íntima colaboração com a UNTA e criará as condições de contactos com a UTONA.

- 4 – Se o desenvolvimento da luta e a sua actividade o justificar, o CS poderá transformar-se numa organização autónoma do MPLA.
- 5 – Enquanto Comité, o CS submete toda a sua acção à aprovação prévia do Comité Director do Movimento Popular de Libertação de Angola.

Em nome do Comité Sindical,
(assinado)
Francisco R. Barros
Responsável

Comunicado de Imprensa da JMPLA

[policopiado, em francês]

[Endereço da JMPLA em Brazzaville]

COMUNICADO DE IMPRENSA

De 26 de Março a 1 de Abril últimos teve lugar em Genebra um importante Seminário dos Estudantes Angolanos consagrado aos problemas da luta pela libertação de Angola.

Participaram nos trabalhos do Seminário cinquenta e dois estudantes representando a União Geral dos Estudantes de África Negra (UGEAN), a União Nacional dos Estudantes Angolanos (UNEA) – pro-UPA – e a Juventude do MPLA, assim como a título individual.

A reunião foi dominada pela confrontação das teses que opunham os representantes do MPLA aos da UPA, defendendo os primeiros a necessidade de unidade das organizações nacionalistas angolanas e a falta de representatividade do “governo” da UPA e pretendendo os últimos obter a adesão dos estudantes ao dito “governo”.

Foram as justas teses dos representantes do MPLA que venceram, tendo o Seminário adoptado por unanimidade as seguintes conclusões:

- 1 – Pedir ao Governo da República do Congo-Léopoldville que autorize a reabertura do Corpo Voluntário de Assistência aos Refugiados Angolanos *[sic]* (CVAAR);
- 2 – Apoiar a recente proposta do MPLA para a realização dum Congresso das Organizações Nacionalistas Angolanas;
- 3 – Apelar à Organização da Unidade Africana (OUA) para que ajude a realização deste Congresso proposto pelo MPLA;
- 4 – Nomear uma Comissão de Estudantes angolanos para estudar o processo de atingir a Unidade dos Estudantes angolanos;

5 – Nomear uma Comissão para obter da Cruz Vermelha Internacional uma ajuda eficaz para os refugiados angolanos, sem distinção da sua filiação política.

B/VILLE
14.4.64
DOC./N.º 24/64

A DIRECÇÃO DA JMPLA
[carimbo da JMPLA]

Carta Circular do CD do MPLA

[policopiada, em francês]

[Endereço do MPLA em Brazzaville]

CARTA-CIRCULAR

(Às Organizações Anti-colonialistas Mundiais e à Imprensa)

Caros Amigos,

O Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) tem o prazer de vos anunciar que o seu Presidente de Honra, o Rev. Dr. Joaquim PINTO DE ANDRADE, acaba de sair das masmorras para onde a “Gestapo” portuguesa o tinha atirado uma vez mais.

Estamos conscientes que esta libertação se deve à vossa intervenção rápida e enérgica junto das autoridades portuguesas e da opinião internacional. Estamos-vos muito gratos por isso.

No entanto, devemos esclarecer que a libertação do nosso irmão é apenas parcial. A PIDE fixou-lhe residência e mantém-no sob vigilância severa numa aldeia da província portuguesa, facto que denuncia os propósitos das autoridades portuguesas de o manter como refém.

É neste sentido que vos fazemos um novo apelo para continuarem a pressionar o governo português com vista à libertação total do Rev. Dr. PINTO DE ANDRADE e para que ele possa voltar para Angola.

Contamos sempre com a vossa solidariedade e expressamo-vos, em nome do Povo angolano, a nossa gratidão.

ABAIXO A OPRESSÃO!
VITÓRIA OU MORTE!

B/VILLE; 14.4.64
DOC./Nº 25

O COMITÉ DIRECTOR DO MPLA

Comunicado do MPLA sobre Militantes presos

[policopiado]

[Endereço do MPLA em Brazzaville]

COMUNICADO DE IMPRENSA

O Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), denunciou através do seu comunicado n.º 22 de 1 de Abril de 1964 a prisão arbitrária ocorrida em Léopoldville de três dos seus militantes ANTÓNIO DOS SANTOS AMBRÓSIO, ANTÓNIO MUBEMBA e JACINTO MANUEL.

A prisão destes nossos companheiros deveu-se à denúncia feita pelo chamado “governo de Angola no exílio”.

Ao mesmo tempo que alertávamos a opinião mundial sobre esta ocorrência, fazíamos apelo a todas as organizações democráticas no sentido de se exprimirem por todos os meios ao seu alcance para a libertação daqueles nossos companheiros de luta e para que garantias de segurança fossem asseguradas aos nossos membros em todo o território da República do Congo.

Sempre no mesmo sentido solicitámos a intervenção de SS.EE. o Chefe de Estado, o Primeiro-Ministro e o Ministro do Interior da mesma República do Congo-Léopoldville.

O assunto posto às mais altas instâncias dum país que se orgulha de ter tido por líder um Nacionalista e um Africano da estatura moral de Patrice Lumumba, aguardávamos a libertação dos nossos compatriotas. Foi, pois, com grande espanto que soubemos terem sido aqueles nossos compatriotas transferidos para uma das cadeias subterrâneas da terrível prisão de MAKALA.

É inútil dizer o que tal medida significa. Estamos colocados perante a perspectiva de um assassinato friamente premeditado. Em tais circunstâncias, todos compreenderão a necessidade de agir depressa.

O parcialismo político e a ingerência deliberada que se pretende continuar a impor para a “conquista” do nosso País tornam as autoridades congoleas surdas aos nossos apelos.

Por este motivo nos voltamos de novo para as tribunas mundiais que ainda conservam intacto o sentimento de revolta contra os atentados aos direitos humanos. A eles pedimos que intervenham sem demora a fim de impedir que se consuma mais um crime ali onde já tantos foram cometidos.

B/VILLE; 17.4.64
DOC. N.º 27/64

O COMITÉ DIRECTOR
[carimbo do CD do MPLA]

Circular da UGEAN às Secções

*[policopiada]*UNIÃO GERAL DOS ESTUDANTES DA ÁFRICA NEGRA SOB
DOMINAÇÃO COLONIAL PORTUGUESASecretariado Permanente: 18, Rue de DIRAH (HIDRA) ALGER/ALGERIE¹Circular às Secções
CE/5/64

Argel, 21 de Abril de 1964

Companheiro,

A secção da Alemanha Ocidental realizou em Friburgo de 22 a 24 de Fevereiro de 1964, uma reunião de Estudantes Angolanos residentes na Alemanha, à qual participaram igualmente representantes de várias secções da UGEAN na Europa.

Essa reunião teve por fim, estudar minuciosamente as razões da crise que atravessa o Nacionalismo Angolano. Os estudantes reunidos em Friburgo, tiveram o mérito de sem equívoco, definir uma posição clara e revolucionária, face às manobras que se desenham para a imposição de uma solução neocolonialista à Independência de Angola.

O Comité Executivo da UGEAN, saúda a iniciativa da secção da Alemanha Ocidental e solidariza-se com a resolução final da reunião. O elevado espírito de vigilância revolucionária, acrescido de um intenso trabalho de formação e de informação, quer ao nível dos estudantes em geral como também ao nível dos partidos políticos, levará o inimigo dos nossos Povos à derrota final.

Os estudantes das colónias sob dominação portuguesa, vanguarda na luta de libertação nacional, devem dar provas a todo o momento de um elevado espírito de sacrifício, e ter a firme resolução de impor uma real concretização das aspirações mais profundas dos nossos Povos.

Por isso, os estudantes em todas as reuniões e manifestações, quer nacionais, quer internacionais, devem desmascarar com aquela mesma coragem com que os patriotas em Angola e na Guiné dita portuguesa combatem com armas na mão os nossos opressores, todas as tentativas de mistificação e de sabotagem na luta para a libertação dos nossos países, combatendo eficazmente todas as forças da reacção.

Por conseguinte, o estudante, não se deve limitar a procurar uma unidade de princípios, mas deve sobretudo impor uma real unidade na acção.

Comité Executivo da UGEAN

[carimbo da UGEAN]

¹ Como este endereço se repete em alguns documentos, doravante vai ser assinalado por "*Endereço da UGEAN em Argel*"

Comunicado do MPLA sobre V. Cruz e a FNLA

*[policopiado]**[Endereço do MPLA em Brazzaville]*COMUNICADO

Um comunicado proveniente do FNLA do sr. Holden Robert, anuncia ter sido aceite o pedido de adesão que lhe fora feito pelo sr. Viriato da Cruz e por um reduzido grupo de indivíduos a ele enfeudado.

Esse comunicado obriga o MPLA às seguintes precisões:

1º - O comunicado atribui ao sr. Cruz e ao seu grupo a qualidade de membros do MPLA. Só abusivamente assim podem ser considerados, visto todos os seus membros terem sido expulsos em 6 de Julho de 1963 por faltas graves cometidas contra a existência do Movimento (ver comunicado do MPLA N° 91/63). Nesta conformidade, o grupo de Viriato da Cruz não representa nenhuma organização nacionalista estruturada, sendo a sua existência apenas individual.

2º - A adesão a que se refere o comunicado do FNLA é a conclusão natural dum conluio que vem de longe e é o preço previamente estipulado pelas provocações e actos de violência levados a efeito por este mesmo grupo em 7 de Julho de 1963 com a finalidade de destruir a integridade do MPLA.

3º - Aceitando a adesão de membros individuais com o rótulo de representantes dum organismo reconhecido, o FNLA procede a uma nova manobra de diversão. Com ela o FNLA pretende confundir o problema da unidade, tal como é concebido não só pelo Povo Angolano mas como o entendem todas as consciências bem formadas e os organismos internacionais, aí incluindo a OUA.

Pretende ainda salvar o caos em que o FNLA se encontra, incapaz de desenvolver a luta no interior do País, prestigiando-se com a presença de um indivíduo infelizmente desprestigiado pelo seu oportunismo e incoerência.

4º - A unidade não pode impor-se. Ela só pode resultar dum larga confrontação entre todas as organizações nacionalistas em luta contra o colonialismo português e contra todas as formas de neocolonialismo. Foi nesta ordem de ideias, e porque a evolução da luta continua a demonstrar que uma verdadeira e sólida unidade é essencial para uma rápida e real libertação do nosso País, que o MPLA lançou a ideia da realização de um CONGRESSO DAS ORGANIZAÇÕES NACIONALISTAS ANGOLANAS para o estudo dos problemas do nacionalismo angolano, cuja ideia conta já a quase total adesão de todos os sectores nacionalistas.

5º - Jamais tendo sido dada a conhecer a linha política do FNLA, mas do qual são bem visíveis as suas ligações, é inaceitável o dogma que o mesmo pretende impor da adesão sem discussão.

B/VILLE; 23.4.64

O COMITÉ DIRECTOR

Resolução da UGEAN

[policopiada, em francês]

Os estudantes angolanos representando mais de 300 dos seus colegas reunidos em assembleia, de 22 a 24 de Fevereiro de 1964 na República Federal Alemã,

Depois de uma análise aprofundada do problema do seu país, Angola;

Conscientes da gravidade em que se encontra o nacionalismo angolano e das ameaças que pesam no destino do seu país e do seu povo em armas;

Preocupados com a viragem dos acontecimentos depois que uma decisão desastrada e arbitrária do “Comité de Conciliação”, criado em Dar-es-Salam, decidiu em Léopoldville (Julho 1963), o reconhecimento dum pretenso “Governo da República Angolana no exílio”;

Indignados pela forma como os responsáveis africanos em Dakar (Agosto 1963) homologaram, com a sua escolha, uma decisão que era resultado de uma análise muito pouco aprofundada da situação em Angola, sem mesmo se preocuparem com os dados concretos e reais do nacionalismo angolano e as suas incidências no interior do país e que assim chegaram a tentar “calar” uma Organização universalmente reconhecida como lutando verdadeiramente pela instauração de uma sociedade nova em Angola;

Conscientes da justeza da luta do seu povo que, será o único e em última instância a escolher as suas instituições e os seus responsáveis;

Constatando que a decisão, tomada em Dakar, de ratificar as recomendações do “Comité de Conciliação” para reconhecer um pretenso governo está longe de servir os interesses fundamentais do povo angolano e que de facto apenas serve o imperialismo, americano em particular, enquanto enfraquece o potencial de luta do nosso povo;

Considerando que no “estudo da situação do nacionalismo angolano”, [feito] por este Comité, factores externos jogaram um papel fundamental e afectaram o desenrolar normal dos trabalhos do dito Comité;

Considerando ainda que o *diktat* imposto pelo Governo ADOULA ao dito Comité de “apenas tolerar ou considerar como único movimento o de seu amigo Holden Roberto, quaisquer que sejam as decisões deste Comité” só corresponde de facto ao desejo desse Senhor Adoula e dos seus apoiantes de verem instaurar amanhã em Angola um Governo do seu tipo, neocolonialista e a soldo dos interesses estrangeiros à África;

OS ESTUDANTES ANGOLANOS, RESPONDENDO A ANSEIOS UNÂNIMES DE MAIS DE 300 DOS SEUS COLEGAS,

Saúdam a constituição, em Addis Abeba, da Organização da Unidade Africana (OUA), esperando que ela não traia os interesses dos povos africanos e a esperança que ela suscitou junto dos que ainda lutam pela sua independência real;

Levam à atenção da OUA o agravamento da situação em Angola, a ingerência escandalosa e flagrante dos actuais dirigentes do Congo/Léopoldville nos assuntos angolanos, prendendo, perseguindo e maltratando todos os Angolanos que recusam submeter-se às ordens de Holden Roberto e de seu “governo”, o qual não representa Angola;

Protestam junto da OUA contra o reconhecimento, por Órgãos criados pelo “Comité dos nove”, de um Movimento, aliás “Frente”, aliás “Governo da República Angolana no Exílio” transformado neste caso em governo “Revolucionário”, ao mesmo tempo que se permite afastar outro Movimento que, aos olhos da esmagadora maioria dos estudantes angolanos, é o único movimento que, pelo leque dos seus membros e pelo seu Programa, pode realmente representar a sociedade angolana e [é] o verdadeiro defensor das aspirações mais justas e profundas do nosso povo;

Chamam a atenção da OUA para o perigo que faz pesar sobre o futuro de Angola a não-revisão das Recomendações do “Comité de Conciliação” tomadas em Léopoldville em Julho de 1963 e ratificadas em Dakar em Agosto de 1963;

Opõem-se e opor-se-ão sempre à imposição, pelo imperialismo, de um Governo neocolonialista no nosso país; à criação das condições para uma “congolização” de Angola; e ao aparecimento de um Governo tipo Adoula como será “o” de um Holden Roberto, cujas recentes profissões de fé “neutralistas” são apenas manobras tendentes a confundir a opinião anticolonialista e anti-imperialista mundial e constituem a estratégia holdenista que visa atrair para si apoios de um amplo sector dessa opinião;

Alertam os responsáveis africanos para as consequências desastrosas que podem decorrer, para Angola e para a África, da consagração da divisão do nacionalismo angolano; recordam-lhes dolorosamente os acontecimentos que precederam a prisão e o assassinato do Glorioso Herói e Mártir o falecido Patrice LUMUMBA e de seus Companheiros, que face ao brutal imperialismo não puderam encontrar por parte de seus irmãos africanos a ajuda e o apoio total que esperavam e que a África estava à altura e tinha o dever de lhes prestar;

Denunciam o colonialismo retrógrado português e o plano imperialista tendente a açambarcar riquezas desta parte sul de África enquanto promove a divisão nas forças combatentes e a criação de laçaios de que se servirão amanhã para explorar os nossos povos;

Rendem uma vibrante homenagem aos heróis anónimos da Revolução africana em geral, da Argélia, da Guiné dita portuguesa e de Angola em particular e juram-lhes que não tombarão em vão porque o seu exemplo é o farol que conduzirá irreversivelmente a África para amanhã melhores;

Reafirmam a sua confiança no desenlace feliz da luta do nosso Continente pelo bem-estar, a dignidade e a independência real;

Reafirmam o seu apoio inquebrantável ao povo em armas e ao seu Movimento de vanguarda o MOVIMENTO POPULAR DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA (MPLA);

Exortam a OUA a difundir esta Resolução entre os Estados-Membros.

Os estudantes angolanos reservam-se o direito de dar a maior difusão a este documento porque ao fazê-lo não fazem mais do que o seu dever, o de alertar a opinião africana sobre os graves acontecimentos que surgirão em Angola num futuro breve, como receamos.

“Vitória ou Morte”

Os estudantes angolanos

Declaração da UGEAN sobre prisões no Brasil

[*policopiada, em francês*]

[*Endereço da UGEAN em Argel*]

CE/8/64

A União Geral dos Estudantes da África Negra sob Dominação Colonial Portuguesa faz questão de informar a todas as organizações da juventude e de estudantes do mundo o seguinte facto:

A 16 de Abril, a polícia fascista do actual Governo brasileiro violou, no Rio de Janeiro, o domicílio do nosso camarada Cristóvão de Moraes, caboverdiano, estudante de medicina, que foi detido e torturado. A polícia também prendeu os membros da nossa organização: José Lima de Azevedo, Costa Andrade, estudantes angolanos e o Dr. Fidelis Cabral de Almada, militante do Partido Africano para a Independência da Guiné e de Cabo Verde (PAIGC).

O camarada Lima de Azevedo foi levado para um navio prisão. Arrisca-se, a qualquer momento, a ser entregue às garras da Gestapo portuguesa – a PIDE. Isto significa que o golpe de Estado militar que acaba de acontecer no Brasil não foi unicamente dirigido contra as massas populares do país, mas também contra os povos em luta pela sua libertação da escravatura colonialista, e de uma maneira geral, contra todas as forças democráticas do mundo.

A União Geral dos Estudantes da África Negra sob Dominação Colonial Portuguesa (UGEAN) levanta um veemente protesto contra tais actos e exige a libertação imediata dos seus camaradas, apelando a todas as secções e a todas as forças amantes da liberdade a protestarem, perante o Governo militarista brasileiro actualmente no poder, contra essas medidas arbitrárias e anti-democráticas.

Argel, 24 de Abril de 1964

O Comité Executivo da UGEAN [*carimbo do CE da UGEAN*]

Comunicado de Imprensa do MPLA sobre prisões no Brasil

[*policopiado*]

[*Endereço do MPLA em Brazzaville*]

Doc./32/64

O Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) ao ter conhecimento da prisão no Brasil, dos seus militantes JOSÉ LIMA DE AZEVEDO e COSTA ANDRADE, estudantes universitários, apressou-se, sem perda de tempo, a fazer sentir

ao Governo da República do Brasil, a sua indignação e a exigir a imediata libertação dos nossos companheiros de luta.

Notícias seguintes deixariam prever, no entanto, que as autoridades brasileiras se dispunham a entregá-los ao governo fascista e colonial português, contra o qual o nosso Movimento mantém uma luta de vida ou de morte.

Isto significa que o governo brasileiro ditará uma sentença igualmente de morte contra os dois patriotas angolanos.

As declarações repetidas dos actuais responsáveis do Brasil sobre as colónias portuguesas, são mais uma razão para que o MPLA se sinta inquieto pela sorte dos dois estudantes angolanos, bem como dos três outros estudantes africanos presos, entre os quais FIDELIS CABRAL, membro do PAIGC da Guiné (Bissau).

O MPLA nutre a convicção firme de que os sentimentos de profunda fraternidade que unem o Povo Brasileiro e o Povo Angolano exigem de todos os que detenham as rédeas do Poder no Brasil, o respeito sagrado dos seus laços de sangue bem como o respeito da luta heróica do Povo angolano, que ninguém no Mundo ousa denegrir.

Neste espírito, o Comité Director do MPLA exige que as actuais autoridades brasileiras respeitem a Declaração Universal dos Direitos do Homem no que respeita ao direito de asilo político, e espera que aos nossos companheiros de luta a terem de abandonar o Brasil, lhes sejam dadas facilidades para ganharem um país africano amigo, em condições de dignidade compatíveis com a sua qualidade de combatentes de uma Causa justa.

B/VILLE; 30/4/64

O Comité Director do MPLA
[*carimbo do CD do MPLA*]

Rascunho de L. Lara para a Confª de Estados Africanos Não-Independentes

[*manuscrito, em francês*]

Caros companheiros de luta,

É com a profunda consciência das suas responsabilidades que o MPLA participa nesta conferência há já muito tempo desejada pelos Revolucionários angolanos.

Trazemos aqui a sua saudação fraterna e os seus votos de um trabalho prático frutuoso, do qual os nossos respectivos Países e a nossa África possam retirar, quanto antes, todos os benefícios.

Lamentamos que por falta de informação não tenhamos estado presentes no momento da constituição da UNIÃO DOS ESTADOS AFRICANOS NÃO-INDEPENDENTES, tanto mais que o MPLA sempre lutou por uma tal organização, por ter percebido a tempo que os Estados Africanos, ocupados com os seus importantes problemas, também não conseguem dar toda a atenção requerida aos problemas dos Países em luta.

Recordamos que no mês de Abril de 1960, representantes da África do Sul, da Zâmbia, do Zimbabwe, da Suazilândia, do Quênia, do Tanganika e de Angola, tinham decidido justamente encontrar-se em Léopoldville, nas festas da Independência do Congo, para fundar uma organização de Países não-independentes. Sabemos o quanto os acontecimentos de Léopoldville impediram que essa reunião se realizasse. Sabemos o quanto, desde a morte de Lumumba e de seus companheiros Okito e M'Polu, o Congo e a África sofreram com as maquinações imperialistas que não poupam esforços para minar os resultados alcançados pela luta revolucionária dos nossos povos.

O povo angolano regozijou-se com a formação, no ano passado, da Organização dos Estados Africanos, certo que acabava de se inaugurar uma nova etapa na consolidação da Independência Nacional e na liquidação dos últimos bastiões do colonialismo e do Imperialismo.

Decorreu praticamente um ano desde que os Chefes de Estado dos Países Africanos puseram em marcha o aparelho que sabiamente tinham criado.

Quanto a nós, Angolanos, constatamos que a nossa árdua luta sofreu um nítido recuo, ao contrário daquilo que o nosso Povo esperava.

Com efeito, toda uma estrutura de guerra revolucionária erguida em Angola à custa de enormes sacrifícios pelo MPLA, sofreu um violento abalo depois da dita Missão de Bons Ofícios, saída do Comité de Libertação, ter caucionado a sabotagem da Revolução Angolana pelo Sr. Adoula, instigado pelos imperialistas americanos.

A Missão de “Bons Ofícios” agiu de forma irresponsável ao aceitar a argumentação do Sr. Adoula que a pressionou a recomendar um fictício reconhecimento de um não menos fictício “governo”.

Não nos vamos aqui deter a recordar as peripécias que precederam e que se seguiram à caução dada pela Missão de “Bons Ofícios” e portanto, pelo Comité de Libertação da OUA às actuações do Sr. Adoula contra a Revolução angolana.

Apenas vos diremos que as detenções dos nossos militantes e das nossas armas se tornaram sistemáticas. As nossas representações e as dezenas de centros de assistência aos refugiados angolanos que tínhamos ao longo da fronteira foram fechadas. Os nossos combatentes no interior de Angola foram privados de armas e de reabastecimento.

Dir-vos-emos ainda que as armas que certos países irmãos ofereceram à FNLA do Sr. Holden não chegam ao País. O Povo pergunta-se onde estão as 80 toneladas de armas que a Argélia ofereceu à FNLA. O Povo pergunta-se onde estão as armas que a Tunísia diz ter oferecido à FNLA. O povo pergunta-se, enfim, para que serve a FNLA, pois no interior vê-se que a FNLA age mais de acordo com o Sr. Adoula do que com as outras organizações angolanas.

A caução do Comité dos 9 criou portanto uma situação paradoxal: é que um certo número de Países Africanos, que afirmam a cada momento a sua decisão de combater o Imperialismo por todos os meios, apoiam um grupo nitidamente pró-imperialista, nitidamente devedor dos imperialistas americanos, estreitamente ligado à CIA ao nível do Executivo, e que finge actualmente (seguindo o Conselho dos seus mestres) fazer o que eles chamam uma “abertura à esquerda”, proclamando o seu desejo de visitar a China Popular, ou a União Soviética, em suma, os países socialistas.

E o perigo, caros Companheiros de luta, é que há alguns desses países socialistas, como houve países africanos, que se deixam embarcar nessas manobras imperialistas, sempre argumentando que talvez seja possível mudar a natureza e o carácter dos dirigentes da FNLA (i.é. do Sr. Holden).

Ter-se-ia pensado em mudar o carácter de um “Baptista”, de um “Ngo Dinh Diem”, para não dizer de um Jonhson ou de um Erhard?

Ter-se-ia pensado mudar a natureza do Partido Republicano ou do Partido democrata dos EUA?

Não, irmãos de luta, a questão que se coloca actualmente é bem clara. Será que se pode lutar, sim ou não, contra os imperialistas e os colonialistas, antigos e novos, em África?

O MPLA responde que sim. Podemos quebrar o embargo imperialista, desde que estejamos unidos. Esta união deve ser activa, concreta e não ficar apenas nas “boas intenções”.

Devemos definir uma estratégia africana que compreenda a luta contra todos os nossos inimigos.

Devemos obrigar os Estados Africanos Independentes a satisfazerem as propostas construtivas que lhes endereçamos.

Devemos denunciar vigorosamente aqueles responsáveis africanos que pactuaram com os imperialistas e traem a causa do seu Povo e dos Povos que lutam ainda pela sua libertação.

Devemos condenar as actuações daqueles que impedem que a ajuda material em armas, munições, dinheiro, medicamentos, chegue lá onde ela faz falta, lá onde a situação de guerra o exige, lá onde se acreditou nas belas palavras de solidariedade, fraternidade, etc., lá onde lutam os movimentos verdadeiramente Revolucionários.

Devemos exigir uma liberdade total de acção dos nossos movimentos nos países limítrofes dos nossos, tendo evidentemente em conta que não nos devemos imiscuir nos assuntos internos desses países.

Seria inútil, caros irmãos de luta, traçar aqui o quadro sombrio das mudanças que aconteceram em África depois das forças imperialistas terem conseguido recompor-se dos primeiros golpes que a luta dos nossos povos lhes tinham aplicado.

Os países como os nossos, que enfrentam a firme determinação dos *ultras* que se agarram com as últimas forças às riquezas dos nossos povos, devem concertar a sua acção diplomática e militar com vista a forçar o caminho da libertação, que alguns tentam fechar ou criar obstáculos.

Sabemos que os *ultras*, por seu lado, não deixam de reforçar as suas alianças.

A substituição de Wellensky por Ian Smith, na Rodésia do Sul, apenas mudou um dos termos da “trindade” toda poderosa Wellensky, Salazar e Verwoed. Os seus objectivos são os mesmos, a sua determinação de nos esmagar para explorarem à vontade o nosso solo e o nosso sub-solo é a mesma.

A esses *ultras*, os países independentes de África só puderam opor-se com o boicote sobretudo diplomático, tendo em conta que o burocratismo e até mesmo o paternalismo do Comité de Libertação se mostra insuficiente para os objectivos que devemos atingir.

Como conceber, por exemplo, que Portugal possa afirmar hoje mesmo que conta com a “colaboração” de certos países africanos para discutir, com o bloco africano, o futuro dos Países sob dominação portuguesa??

Não se tratará de uma cumplicidade duvidosa?

Quem é que esses dignos representantes de África querem servir? A Portugal ou a si próprios?

Recusamos, a quem quer que seja, o direito de discutir o futuro do Povo Angolano com o Governo português.

Apenas os representantes legítimos do nosso Povo, entre os quais o MPLA, são os interlocutores válidos para qualquer discussão, desde que Portugal satisfaça as condições que lhes apresentámos: reconhecimento solene do nosso direito à autodeterminação e à independência; Amnistia incondicional a todos os patriotas presos; retirada das tropas e das bases militares; estabelecimento imediato das liberdades fundamentais e garantia do exercício dessas liberdades.

Sabemos, quanto a nós, que só uma luta verdadeiramente revolucionária poderá garantir ao nosso Povo a vitória contra os nossos inimigos.

O MPLA considera que a situação no Congo-Léo prejudica os interesses da Revolução em África, em geral, e nas regiões do Centro e Sul de África em particular.

O imperialismo americano instalou-se lá com força e prepara-se para reforçar a sua posição.

As contradições entre países imperialistas que disputam entre si o Congo ainda não chegaram a um ponto tal que deixe uma possibilidade de manobra às forças revolucionárias congolêsas.

Ainda se está numa fase em que são os próprios imperialistas que tomam a iniciativa. Vê-se o namoro que a França faz a Adoula, sem consideração pelos EUA. Vê-se que a Bélgica se lançou numa vasta operação para reconquistar a sua antiga posição no Congo. Mas tudo isto, apesar de parecer uma disputa entre imperialistas, se resolve de forma a satisfazer todo o mundo, seja no quadro do Mercado Comum, seja pela via dos *trusts* internacionais que continuam a ser os verdadeiros donos do Congo.

Isto significa que o Congo-Léo perdeu muita importância como base para uma acção revolucionária no Sul da África, pois está controlado pelo imperialismo.

Portanto cabe-nos estudar cuidadosamente uma nova estratégia, adequada às circunstâncias e tendo em conta as realidades. Esta estratégia de conjunto deve visar por um lado pôr os governos dos Países irmãos independentes face aos seus compromissos em Addis Abeba.

Deve, por outro lado, aproveitar ao máximo o que cada um dos nossos movimentos pode dar aos outros. Poderemos, sem dúvida, estabelecer uma base de cooperação realmente frutuosa.

Numa altura em que a situação internacional continua pouco clara, com as permanentes provocações dos imperialistas um pouco por todo o lado, devemos nos apoiar uns aos outros com todas as nossas forças.

Devemos igualmente apoiar os povos de outros continentes que lutam, também eles, contra os imperialistas ou os seus agentes.

Devemos expressar ao heróico povo cubano o nosso firme apoio contra as provocações, de que tem sido vítima por parte do Pentágono, com o sobrevoo do seu território por aviões EUA.

Devemos expressar ao povo heróico do Vietname do Sul o nosso apoio na sua luta directa contra os militares Yankees.

Devemos expressar ao povo do Congo Léopoldville a nossa solidariedade com a luta que leva a cabo para a sua libertação.

Ao mesmo tempo, devemos condenar as manobras que os imperialistas, e nomeadamente os imperialistas americanos, levam a cabo em África.

Devemos advertir solenemente os Países Africanos e todos os países sinceramente votados à causa da libertação nacional dos Povos, que o reconhecimento do pretenso “governo angolano no exílio” constitui um contributo à infiltração dos EUA em África e é dirigido contra o povo angolano.

Devemos advertir aqueles Países Africanos que agem mais no sentido anti-imperialista que não têm o direito de se contentar com as medidas diplomáticas contra Portugal ou a África do Sul; que eles devem dar aos nacionalistas todas as possibilidades em armas e em dinheiro.

Para esse efeito, o MPLA apoia as propostas no sentido de:

“a) o Comité de Libertação incluía 4 representantes de Estados Não Independentes, em substituição de 4 representantes de Estados Independentes;

“b) O Secretariado do Comité dos 9 possa incluir uma maioria de pessoal representante dos Estados Não Independentes;

“c) As funções do Comité de Libertação serem descentralizadas e distribuídas entre os vários Estados Africanos gozando de uma posição estratégica para assegurar o máximo de segurança e eficácia na sua tarefa.

O MPLA deseja, para além disso, que o Congo Brazzaville seja considerado um país limítrofe de Angola, e por conseguinte, incluído nos países que deverão pronunciar-se sobre o problema da ajuda.

Pensamos, caros irmãos, que devemos nos lançar ao trabalho!

ABAIXO O IMPERIALISMO

ABAIXO O COLONIALISMO NOVO E ANTIGO

VIVA A ÁFRICA LIVRE E INDEPENDENTE

“A situação angolana” – Texto de Keve Hoji

[dactilografado, em francês]

I

Desde há três anos, o último reduto do colonialismo em África teve por sua vez de fazer face à revolta consciente das massas que oprimia.

Em Angola, a violência da exploração e da arbitrariedade colonialista geraram a reivindicação violenta do Povo que tinha então percebido que apenas a via armada podia acelerar o processo da sua libertação.

Um colonialismo *sui generis*

Os métodos específicos da colonização portuguesa e, em particular o carácter fascista do regime português, por um lado, o condicionalismo económico de Angola em relação aos mercados internacionais e a sua vizinhança com o Congo-Léopoldville, por outro, não permitiram que a luta armada de libertação alcançasse todo o território, o que teria contribuído de forma decisiva para o rápido desmoronamento do regime colonialista.

Com efeito, Portugal instaurou em Angola um tipo de colonização *sui generis* muito diferente dos métodos franceses e britânicos.

Sendo Angola fundamentalmente uma colónia de exploração, não deixa de ser também uma colónia de povoamento. Uma corrente migratória incluindo gente de todas as classes da sociedade portuguesa e em particular por desempregados, camponeses e funcionários, não tem deixado de aumentar desde a primeira guerra mundial. De 1950 a 1959, para considerar apenas essa década, a população branca de Angola passou de 79.000 para 209.000 e as estimativas mais sérias elevam esse número a mais de 260.000, tendo em conta a última criação da estratégia colonialista – a importação de “soldados-colonos”.

Os colonos portugueses, alguns vivendo em Angola há já algumas gerações, adquiriram uma situação que o seu país não lhes podia oferecer e é com esse sentimento violento de auto-realização e de posse que eles defendem a sua situação privilegiada contra as reivindicações do movimento de libertação nacional.

Aliás, Portugal, ele próprio colónia comercial da Inglaterra, não desenvolveu estruturas industriais, escolhendo a via comercial de exploração colonial. Foi assim que o vimos à frente do comércio de escravos e a introduzir um colonialismo de 2ª categoria, que consiste em fazer explorar os recursos mineiros das colónias pelo capitalismo internacional, aproveitando as matérias-primas das colónias para a sua pequena indústria (algodão, sisal, oleaginosas). Ao mesmo tempo as colónias servem para escoar os produtos portugueses (nomeadamente os tecidos – 14% do valor da importação total de Angola – e os vinhos – 10% do valor total das importações). Para além disso, é preciso considerar a “importação” de colonos como meio de fixar a colonização e combater o desemprego que grassa em Portugal.

Esse colonialismo de 2ª categoria manifesta-se pela importância dos interesses não-portugueses implantados em Angola. Entre algumas dezenas de *trusts* ou firmas internacionais, destacam-se:

1) o Anglo-American Corporation of South Africa, o Banco Morgan, o grupo Oppenheimer, De Beer's, Guggenheim, a Forminière, a Union Minière du Haut Katanga para os DIAMANTES (40% de capitais americanos, 11% de capitais pertencentes ao governo português e o resto pertencente ao Belgas e aos Ingleses). A Diamang tem o monopólio da exploração, da prospecção e do comércio dos diamantes de Angola, gozando de isenção total de taxas aduaneiras de importação e de exportação.

2) As firmas Krupp (Hessen) e Hoejgaard & Schultz A.S., que fecharam, em 1960, um contrato de 46,5 milhões US dólares para a exploração de todos os minérios e em particular para o FERRO. Estes dois consórcios encarregaram-se de criar as condições necessárias para o escoamento do minério de ferro pelo Caminho-de-Ferro de Moçamedes. As facilidades acrescidas concedidas aos capitais alemães convergem com o facto de que Krupp continua a ser um dos mais conhecidos fabricantes de armamento... e ainda com o facto da Alemanha ter contribuído com uma parte considerável para o empréstimo de mais de 150 milhões de US dólares que Portugal arranhou por causa da guerra de Angola.

3) Lays et Frères (MANGANÉS); Péchiney que construiu uma fábrica para o ALUMÍNIO em Angola; Billiton Maatschappij para a BAUXITE; Longyear C^a, Aero Service Corporation, Bethel Steel para a PROSPECÇÃO MINEIRA; a Petrofina, Royal Dutch, Cabinda Gulf Oil C^a, Chase National Bank para o PETRÓLEO.

4) A Tanganika Concessions C^a (proprietária do Caminho-de-Ferro de Benguela que escoar os minérios do Katanga e da Rodésia do Norte pelo porto do Lobito), o Westminster Bank e a British South Africa C^a para os TRANSPORTES.

5) O Banco Rallet & C^a para o CAFÉ, principal exportação de Angola.

Os produtos da exportação de Angola dirigem-se principalmente para os EUA, Inglaterra e os países do Mercado Comum (68% do valor total das exportações). Esses países também são os mais importantes no que se refere às importações de Angola, excepto para o caso de Portugal que evidentemente vem à cabeça com 46% das importações de Angola, em valor. Tratam-se aqui de médias para os anos de 1959/60/61.

Para além do carácter alienado do colonialismo português, é preciso destacar um outro aspecto específico da colonização portuguesa, o “colonato”.

O “colonato” é o instrumento de uma colonização planificada. Os peritos escolhem uma região fértil, criam condições e aí instalam famílias de colonos expressamente recrutadas em Portugal, às quais o Governo português concede um apoio material importante em dinheiro, gado, instrumentos agrícolas, etc.

Há seis “colonatos”, um dos quais é destinado à indústria da pesca e derivados (Baía dos Tigres).

O mais importante dos “colonatos” agrícolas é o tristemente célebre “colonato da Cela” na região do planalto no centro oeste do País. Para a sua instalação, segundo as declarações do agrónomo responsável em 1961, trinta mil famílias angolanas foram expulsas da região fértil para regiões inóspitas. Em 1958, mais de 2.000 colonos já lá se tinham instalado. Continua a ser o aspecto de fixação e de escoamento de desempregados.

Uma repressão feroz...

Um outro aspecto significativo marcou o desenvolvimento do movimento de libertação de Angola assim como o das outras colónias portuguesas; foi o regime de ditadura que em Portugal pôde sobreviver ao período liberalista saído da II guerra mundial. Todas as liberdades fundamentais eram e permanecem proibidas, nomeadamente a liberdade sindical, de opinião, de reunião, de imprensa.

Em função disso, as organizações políticas clandestinas multiplicaram-se, e até se sobrepuseram. Duas delas conseguiram congregar a quase totalidade do nacionalismo activo: o Movimento Popular de Libertação de Angola, MPLA, fundado em Angola em 1956 e a União das Populações de Angola, UPA, fundada em Léopoldville em 1958.

Em 1959, os nacionalistas angolanos e os da Guiné (Bissau) instalaram-se no exterior e puderam finalmente denunciar ao mundo a situação explosiva existente no interior, que só uma repressão bárbara conseguia esconder da opinião internacional.

Nesse ano sucederam-se vagas de detenções. Entre os milhares de presos, encontraram-se um punhado dos mais notáveis dirigentes nacionalistas pertencendo na sua maioria ao MPLA.

Em Junho de 1960, foi detido o poeta e médico Dr. Agostinho Neto, então à cabeça da organização no interior e hoje Presidente do MPLA, assim como o Rev. Pe. Pinto de Andrade, chanceler do Arcebispado de Luanda e nacionalista dedicado, hoje Presidente de Honra do MPLA.

A detenção do Dr. Neto provocou manifestações de protesto na sua aldeia natal, à que os colonialistas responderam com um massacre: 30 mortos e 200 feridos foi o balanço.

A 4 de Fevereiro de 1961, os nacionalistas em Luanda, conduzidos por militantes do MPLA, empreenderam o assalto às prisões de Luanda (onde se amontoavam centenas de prisioneiros) depois de terem tirado as armas dos ocupantes dos “jeeps” que patrulhavam os bairros africanos. Nos dias 5 e 6 de Fevereiro, os colonos massacraram, por vingança, mais de três mil angolanos. As acções armadas sucederam-se ao longo do mês de Fevereiro na região algodoeira, entre Luanda e Malange.

No mês de Março, a insurreição armada atinge vastas zonas do Norte de Angola, criando o pânico entre os colonos que abandonaram essas zonas até a chegada do exército colonialista, alguns meses depois, para retomarem os centros que tinham caído na mão dos *partisans*.

Entretanto, em Nova Iorque, numa entrevista ao New York Times (20/3/61), o Sr. Holden, Presidente da UPA, nega qualquer responsabilidade da UPA nos acontecimentos que se desenrolavam em Angola, ao mesmo tempo que deplorava “a extrema violência” dos Africanos contra os colonos portugueses.

Os primeiros confrontos com o exército e as milícias coloniais deram uma experiência notável aos *partisans* angolanos, que procuraram refugiar-se na mata e começaram a utilizar a táctica de guerrilha. No entanto, a insuficiente organização impediu que a luta armada se desenvolvesse para etapas mais avançadas. É de notar que a organização da luta sofreu duramente com o facto dos principais dirigentes terem sido condenados.

A vizinhança do Congo-Léopoldville jogou um papel importante na luta de libertação de Angola, mas em muitos aspectos esse papel foi pernicioso.

Os nacionalistas angolanos depositaram sempre as suas profundas esperanças num Congo independente que seria uma porta aberta às necessidades materiais do movimento angolano de libertação. A fixação no Congo-Léopoldville de cerca de 200 mil Angolanos aparecia na época como uma reserva importante de energias, capaz de funcionar como a retaguarda do movimento no interior.

O caos que se estabeleceu no Congo a seguir à sua independência consolidou o domínio imperialista sobre esse País, o qual tentou fazer certas organizações do exterior desempenharem o papel de condutoras da luta do Povo angolano.

É nesse contexto que é preciso interpretar a coligação Adoula-Holden, e a obstrução sistemática por parte do governo do Sr. Adoula a qualquer actividade do MPLA visando reabastecer, em armas e quadros, os seus grupos de guerrilha. É no mesmo sentido que se podem interpretar as emboscadas feitas por partidários da UPA aos guerrilheiros do MPLA, e que por duas vezes custaram a vida a algumas dezenas de Angolanos dos dois partidos.

O domínio imperialista desembocou no reconhecimento pelo governo do Sr. Adoula, num desafio às resoluções de Addis Abeba e ao bom-senso, de um pseudo-governo saído da Frente, constituída pela UPA e o partido Democrata de Angola, antiga “Aliazo”, organização regionalista agrupando os emigrantes angolanos de etnia Bazombo. Essa frente, a FNLA, tinha anunciado em 1962 a constituição de um “governo da república angolana no exílio”. Todavia, no dia do reconhecimento os funcionários congolezes enganaram-se sobre o significado do “r” da sigla “grae”, e transformaram o “governo republicano” num “governo revolucionário”...

O aspecto social

Da ocupação colonial decorre a contradição fundamental, irredutível entre as duas comunidades: Africanos, oprimidos (4.500.000 aproximadamente) e colonos, opressores (mais de 250.000).

A geografia social de Angola é muito complexa porque se a população angolana está no estado embrionário de diferenciação social, apesar disso, ela mostra desníveis susceptíveis de gerar o processo de uma luta de classes a seguir à independência.

No entanto, a fase actual da luta de libertação relega para segundo plano as contradições entre esses grupos sociais angolanos. Os cerca de oito partidos políticos angolanos, dos quais só o MPLA e a UPA (que com o PDA forma a FNLA) jogam realmente um papel importante, não traduzem de modo algum uma determinada pertença social. De facto, as diferentes camadas sociais angolanas aderem indistintamente a qualquer partido.

Se existem diferenças, elas são sobretudo étnicas ou regionais. A UPA, a NGWIZAKO e o PDA (ex ALIAZO) são sobretudo compostos pela emigração angolana no Congo, originária de S. Salvador no que diz respeito aos dois primeiros e do Zombo no que diz respeito ao terceiro. O MPLA, que parece mais consolidado nos meios urbanos, apresenta uma composição mais universal.

Esta é uma das razões que faz com que o imperialismo, preocupado em dividir todos os movimentos de libertação, apoie abertamente a FNLA (UPA/PDA), explorando a solidariedade étnica já explorada pelos colonialistas belgas no Congo, com o objectivo de implantar mais facilmente o neocolonialismo ou o caos.

Em Angola, a esmagadora maioria da população masculina a partir dos 16 anos é, directa ou indirectamente, submetida ao trabalho forçado, enquanto o resto da população, com excepção da minoria que trabalha nas cidades, procura nos campos, preencher o vazio deixado pelos que foram obrigados a partir. Na realidade, o Povo angolano trabalha, em primeiro lugar, para pagar o imposto e depois para viver.

Os trabalhadores angolanos constituem ainda uma massa heterogénea de que o “contratado” (trabalhador forçado) é o elemento preponderante. A diversidade de trabalhos que ele é obrigado a fazer (trabalhos nas plantações, nas minas, domésticos, serventes, etc.) apenas lhe conferem uma vaga consciência de pertencer a uma classe de explorados. É no entanto ele quem sofre mais directamente a humilhação e a opressão colonialistas. Obrigado a servir em várias regiões muito afastadas umas das outras, adquiriu consciência da miserável condição de todo o Povo o que o torna, juntamente com as massas camponesas, um dos factores preponderantes na revolta contra o opressor.

O desenvolvimento da luta armada à escala de todo o País e a indispensável politização das massas farão deles forças revolucionárias conscientes.

Os que tiveram o privilégio de ser considerados “assimilados” e de comer as migalhas de uma pretensa cidadania, tornar-se-ão, pela força das circunstâncias, os quadros da Angola de amanhã. É entre esses que se detecta o embrião de uma “burguesia” nacional, por vezes hesitante, mas a maior parte empenhada na luta de libertação. Só a consolidação do processo revolucionário impedirá a afirmação de uma tal classe.

A revolução angolana não poderá ser feita de imediato, mas tem todas as hipóteses de ter sucesso.

II

As razões de um reconhecimento

A natureza geográfica e geo-económica de Angola, fazendo parte dos países da África Austral que o Sr. Mennen Williams sonha agrupar num novo conjunto africano, sob a influência dos EUA, levanta problemas complicados aos movimentos de libertação desses Países. Será necessário recordar os encontros no mês de Junho de 1963 Adoula/Williams, Adoula/Wachuku e Wachuku/Williams? Um dos resultados visíveis foi, de qualquer forma, o reconhecimento da FNLA como “governo provisório” e o anúncio da criação em Léopoldville de uma “Casa para os movimentos de libertação” da África do Sul, Moçambique, Sudoeste Africano e Guiné Espanhola.

Esses dois factos não constituem elementos de um amplo plano estratégico?

Seria ridículo querer atribuir o mencionado reconhecimento a um pseudo-enfraquecimento do MPLA, como alguns pretendem. De facto, ele surgiu no momento em que os imperialistas e os seus heterogéneos agentes em Léopoldville constataram que os obstáculos que levantavam ao MPLA não o impediam de reforçar a sua posição em todas as frentes, o que fazia prever um novo salto da insurreição angolana. Já em Addis Abeba, o MPLA tinha frustrado os planos do Sr. Adoula que reclamava o reconhecimento da FNLA como única organização angolana em luta. O fracasso de Addis Abeba não desarmou a CIA. O plano grandioso do domínio americano sobre a África Austral não podia ser arruinado de forma tão simples.

O MPLA começou a sofrer provocações, por vezes através de simples panfletos anónimos.

Foi então que chegou a Léopoldville o Sub-secretário de Estado americano Mennen Williams e pouco depois foi anunciado o reconhecimento de um “governo angolano”, sem mesmo o conhecimento de alguns ministros do Governo Central congolês. A fase da liquidação dos movimentos considerados demasiado perigosos tinha começado.

O Comité dos Nove que, pela primeira vez, tomava assento, aceitou enviar a Léopoldville uma Missão de Bons Ofícios para procurar uma plataforma que evitasse as consequências desastrosas da decisão unilateral do Sr. Adoula.

Foram desencadeadas provocações contra a sede do MPLA.

Alguns dias depois, a sede do MNC-Lumumba também era palco de provocações... Os dirigentes do MNC-Lumumba e do PSA são procurados pela polícia, sem o mínimo respeito pela sua imunidade parlamentar.

Seria por acaso que ao mesmo tempo na Nigéria se intensificavam as perseguições aos membros do Action Group?

A Missão de Bons Ofícios, presidida pelo Sr. Wachuku (Nigéria), agiu neste contexto e em vez de procurar uma plataforma para a unidade de acção dos partidos políticos angolanos, arvorou-se em tribunal disposta também ela a afastar da cena o MPLA.

Ela recusou ouvir o Dr. Neto enquanto Presidente da Frente Democrática de Libertação de Angola, alegando que ela só tinha mandato para ouvir o MPLA e não a FDLA. No dia seguinte recusou ouvir o Dr. Neto enquanto Presidente do MPLA alegando que o tempo destinado aos petiçãoários se tinha esgotado.

Sem sair do Palácio onde funcionava, tendo ouvido sem limite de tempo o depoimento da FNLA, sem se preocupar em verificar os fundamentos das afirmações e dos testemunhos do governo do Sr. Adoula, e atribuindo-se poderes demasiado amplos, a Missão de Bons Ofícios declarou-se competente para estatuir sobre a “supremacia da FNLA” e a “importância menor do MPLA” e em seguida para recomendar o reconhecimento do pretense “governo provisório”.

E todo essa arbitrariedade à custa do Povo angolano e com desprezo pelas decisões de Addis Abeba que insistiam na unidade.

O futuro do movimento de libertação angolano

Ao longo destes três anos de luta armada, os *partisans* angolanos acumularam uma rica experiência que lhes permite olhar para o futuro com confiança.

À euforia das primeiras vitórias sucedeu-se a reflexão sobre as causas dos primeiros fracassos e a certeza que o Povo angolano deveria contar em primeiro lugar consigo mesmo e não se deixar embalar no do caminho atapetado por um número incalculável de Resoluções e de promessas de ajuda. Aprendeu o verdadeiro sentido da Solidariedade e da Fraternidade. Ele compreende melhor que a sua libertação não será alcançada apenas com a liquidação da dominação colonial portuguesa. Já outros inimigos vêm mover os seus peões no tabuleiro de xadrez.

Entretanto, o colonialismo português reforça o seu dispositivo militar (52,5 milhões de dólares estão previstos para reforçar as operações militares em 1964).

A ofensiva psicológica não pára e um “reformismo” hipócrita tenta desmobilizar as massas. Foi nesse quadro que houve, no mês de Março último em Angola uma farsa eleitoral visando “colorir” minimamente o Conselho Legislativo, cujo número de assentos foi para tal alargado de 26 para 34. É óbvio que este alargamento em nada afectou o carácter não-executivo do dito Conselho, nem mudou fosse o que fosse a não-participação dos Angolanos nas responsabilidades executivas. O próprio acto eleitoral não teve nenhum significado, estando fixadas de antemão as percentagens de votantes.

A vigilância do Povo angolano pôde frustrar essas manobras que visavam a sua desmobilização.

Nove meses depois das recomendações insensatas do Comité dos Nove, deveríamos estar em posição de notar da parte do grupo que foi chamado “governo provisório”, realizações, iniciativas tendentes a intensificar a luta de libertação.

As declarações muitas vezes contraditórias e fantasistas feitas a partir de Léopoldville, do Cairo, dos EUA, de Tunis e de Argel pelos representantes da FNLA, e sobretudo o que essas declarações deixam adivinhar, mostram o quanto a aceitação de um “governo” para Angola foi prematura, até mesmo oportunista. A sua não-representatividade e a sua ineficácia são visíveis.

As massas angolanas continuam a exigir a unidade de acção das organizações políticas. Elas perguntam-se porquê que as armas oferecidas à UPA não chegam até elas e porquê que os guerrilheiros do MPLA sofrem o boicote sistemático do Sr. Adoula.

Põe-se um problema de consciência aos responsáveis africanos que se precipitaram na via do reconhecimento. O Povo angolano e os Povos africanos têm o direito de exigir soluções realistas que tenham sobretudo em conta os interesses do Povo angolano.

Sempre o Comité dos Nove

Os Povos africanos tomaram conhecimento e os Chefes de Estado e de Governo terão de se pronunciar sobre a gestão do Fundo de Libertação.

Há algum tempo, a “Révolution Africaine”, que já tinha feito eco das observações do “L’Etincelle” sobre o Comité dos Nove, punha em causa a gestão das cercas de 600.000 libras recolhidas pelo Fundo de Libertação. A “Révolution Africaine” fazia notar que apenas 175.000 libras tinham sido concedidas aos movimentos de libertação e estava surpreendida com o facto do salário anual do Secretário-Geral do Comité dos Nove poder ser superior à soma entregue ao PAIGC. (Cf. R.A. nº 58, de 7/3/64).

É ainda de notar que a organização mais favorecida tenha sido a UNIP (85.000 libras, quer dizer 50% das somas distribuídas) que não levam a cabo uma luta armada e cujo país (Rodésia do Norte) está em vésperas da sua independência.

Isso permite pensar que o Comité dos Nove quer desencorajar a via armada de libertação e fixar, como única válida, a estratégia que leva à negociação, ou até ao compromisso.

Pode-se esperar que os Movimentos de libertação peçam aos Chefes de Estado e de Governo medidas concretas para acabar com esses procedimentos que prejudicam a Revolução. Porque não introduzir no seio do Comité dos Nove representantes dos movimentos de libertação?

A etapa actual continua a exigir sempre dos patriotas angolanos o estabelecimento de uma unidade de acção. As recentes declarações do MPLA sobre a necessidade urgente de um Congresso de nacionalistas angolanos, encontraram um eco entusiástico junto dos patriotas angolanos e de numerosos responsáveis africanos.

Possam os Países africanos ajudar nesta etapa, evitando qualquer ingerência que apenas complicaria a situação, como a experiência demonstrou.

Seja como for, o Povo angolano vencerá.

KEVE HOJI [L.Lara]

[Nota manuscrita por L. Lara: Accra, Março de 1964, mas deve ser de Abril]

Moção dos trabalhadores do MPLA

[policopiada]

“Mensagem do 1º de Maio aos trabalhadores de todo o Mundo”

Os trabalhadores angolanos, militantes do MPLA reunidos em Brazzaville em comemoração do 1º de Maio de 1964, no preciso momento em que os povos de Angola, da Guiné (Bissau), da África do Sul e do Zimbabwe (Rodésia do Sul), se batem de armas na mão para liquidar os últimos redutos do colonialismo e do apartheid em África, decidiram por aclamação:

- 1º) Saudar calorosamente os trabalhadores revolucionários de todo o Mundo;
- 2º) Saudar particularmente as classes trabalhadoras do Congo-Brazzaville, do Congo-Léopoldville, da Zâmbia (Rodésia do Norte), do Sudoeste Africano e da África do Sul e em especial aos trabalhadores da Guiné (Bissau) e Cabo Verde, de Moçambique e S. Tomé;
- 3º) Saudar a Federação Sindical Pan Africana pela sua luta intransigente contra o velho e o novo colonialismo e o imperialismo e apelar para a unidade dos trabalhadores africanos e dos sindicatos africanos contra os inimigos da unidade de África;
- 4º) Manifestar a sua solidariedade para os trabalhadores ainda em luta directa contra o imperialismo, o neocolonialismo e o colonialismo, e em particular, para com os trabalhadores da Guiné (Bissau) e de Cabo Verde, da África do Sul, do Zimbabwe, de Cuba, do Vietname, do Congo-Brazzaville e do Congo-Léopoldville e do Chipre.
- 5º) Apelar para os trabalhadores africanos para que pressionem os seus dirigentes no sentido de que seja concedida uma ajuda concreta e liberdade de acção a todas as forças patrióticas angolanas que lutam contra o colonialismo português, e não apenas a uma parte delas;
- 6º) Apelar para todos os patriotas angolanos, sem distinção para que apoiem com todas as suas forças a realização de um Congresso das Organizações Nacionalistas

Angolanas, com o fim de se estabelecer uma plataforma de unidade que faça avançar a luta de libertação do nosso Povo;

- 7º) Exortar os trabalhadores portugueses a recusarem-se a contribuir nos massacres levados a cabo pelos colonialistas portugueses e a lutarem contra o regime fascista do seu País;
- 8º) Protestar e condenar energicamente as intromissões frequentes dos imperialistas e dos seus agentes nos problemas angolanos;
- 9º) Rejeitar categoricamente qualquer reconhecimento de “grupos no exílio” que pretendem representar um governo angolano inexistente;
- 10º) Reafirmar a decisão inabalável do povo angolano de arrancar à custa de todos os sacrifícios e contra todos os inimigos a sua independência a fim de instalar em Angola um regime que vele pela felicidade das camadas mais oprimidas e exploradas do Povo Angolano.

VIVA O 1º DE MAIO!

VIVA A SOLIDARIEDADE DOS TRABALHADORES DE TODO O MUNDO!

VIVA ANGOLA LIVRE E INDEPENDENTE!

Feito em Brazzaville, no 1º dia de Maio de 1964.

Regimento provisório do GP do MPLA

[dactilografado – em 2ª via]

MPLA – GABINETE POLÍTICO

REGIMENTO PROVISÓRIO

INTRODUÇÃO

Gabinete Político (GP) – Emanação do Conselho Nacional, vela pela execução das suas determinações. Tem funções de controle sobre os organismos inferiores e é o detentor dos segredos naturais do MPLA. Possui ainda funções judiciais.

Compõe-se de 13 (treze) membros, sete (7) eleitos (incluindo o Presidente e dois Vice-Presidentes do MPLA) e seis (6) cooptados. Trabalha por comissões e elege o seu Secretariado. O Presidente do Movimento é o Chefe do Executivo.

O Gabinete Político (GP) investe e revoga os membros do Comité Director.

(Da Resolução sobre Estrutura, Conferência de Quadros de 3 a 10 de Janeiro de 1964).

I) FUNÇÕES

- 1 – Representação do Movimento.
- 2 – Coordenação e orientação do Movimento no cumprimento da sua Linha política.
- 3 – Controle e orientação do Comité Director.
- 4 – Nomeação e demissão dos Membros do Comité Director.
- 5 – Convocação do Conselho Nacional ou da Conferência de Quadros.
- 6 – No intervalo de duas sessões do Conselho Nacional, decisão em última instância, sobre questões disciplinares do Movimento.

II) DA ORGANIZAÇÃO

O GP é constituído por COMISSÕES e por um SECRETARIADO.

As Comissões e o Secretariado são eleitos em sessão plenária do GP e no seu seio.

São estabelecidas as seguintes Comissões:

- Comissão dos Assuntos Internos;
- Comissão dos Assuntos de Guerra;
- Comissão das Relações Exteriores;
- Comissão de Finanças *[sic]*.

§ único – Sempre que a situação o exigir, o GP tem a faculdade de constituir outras comissões. [ou eliminar as que se tornam inúteis – *acrescentado à margem por L. Lara*]

III) DAS COMISSÕES

Funções:

- 1 – Comissão dos Assuntos Internos
 - a) Controle e orientação do Departamento Respectivo;
 - b) Controle do Departamento de Informação, no que se refere à informação para o interior;
 - c) Controle do Departamento de Guerra nos assuntos comuns.
- 2 – Comissão dos Assuntos de Guerra
 - a) Controle e orientação do Departamento respectivo;
 - b) Controle do Departamento dos Assuntos Internos nos assuntos comuns;
 - c) Controle do Departamento de Informação no respeitante à Guerra.
- 3 – Comissão das Relações Exteriores
 - a) Controle e orientação do Departamento de Relações Exteriores;
 - b) Controle das Representações do MPLA no Exterior;
 - c) Controle do Departamento de Informação no que se refere à Informação do Exterior;
 - d) Controle dos contactos e compromissos do Movimento com organizações a nível de Estado ou não.

4 – Comissão de Finanças

- a) Controle e orientação do Departamento respectivo;
- b) Apresentação ao GP da situação financeira do Movimento, por períodos de três (3) meses.

§ 1º – Um membro da Comissão dos Assuntos Internos ou dos Assuntos da Guerra estabelece a ligação entre as duas Comissões, para coordenação dos problemas comuns.

§ 2º – No desempenho das suas funções os membros do GP devem actuar sempre de forma a não paralisar o espírito de iniciativa do CD.
As Comissões do GP, enquanto Comissões, não têm competência para entrar uma decisão tomada pelo Comité Director.

IV) MÉTODO DE TRABALHO DO GABINETE POLÍTICO1 – Em plenário do Gabinete Político (GP)

- a) Reuniões ordinárias mensais;
- b) Reuniões extraordinárias por convocação de qualquer membro do GP.
As convocações para reuniões extraordinárias são feitas por escrito, devidamente justificadas e entregues ao Secretariado;
- c) Reuniões com o Comité Director, tanto por iniciativa do Gabinete Político, como por iniciativa do Comité Director.

2 – Em Comissões do GP

As Comissões do GP têm a faculdade de propor ao Chefe do Departamento respectivo a orientação do trabalho dentro da Linha política aprovada. Realiza estas funções pelo método da reunião simples com o Chefe do Departamento respectivo, que fornecerá todos os elementos necessários a um trabalho frutuoso.

3 – Controle dos Departamentos

O controle dos Departamentos é realizado pelas Comissões respectivas do GP, pelo método indicado em (2).
Em circunstâncias especiais, qualquer membro do GP devidamente investido pode exercer funções em qualquer das Comissões.

4 – Representação do MPLA

A representação interna e exterior do Movimento cabe ao GP.
Na sua ausência, o Presidente do Movimento é substituído pelo 1º Vice-Presidente; na ausência deste, pelo 2º Vice-Presidente; na ausência deste, por um membro do GP eleito em plenário.
A representação externa do Movimento pode ser delegada ao Comité Director.
As credenciais do Movimento são passadas pelo Gabinete Político.

5 – Decisões

As decisões do GP são determinadas em sessão plenária, por maioria simples dos membros presentes, excepto para a cooptação dos membros do GP, em que é exigida a unanimidade dos membros presentes.

6 – Cooptação

A cooptação dos membros do GP é realizada em reunião plenária do GP, sob proposta de qualquer membro, devidamente fundamentada.

7 – Nomeação e demissão do Comité Director

O Comité Director é nomeado e demitido pelo GP, sob proposta do Chefe do Executivo.

8 – Quorum

O quorum para as reuniões ordinárias do GP e para a cooptação de membros do GP será a maioria simples dos membros investidos.

A ausência da maioria dos seus membros não constitui impedimento das reuniões do GP exigidas para a solução de problemas correntes do Movimento.

9 – Secretariado

O Secretário e o Secretário-substituto são eleitos no seio do GP.

O Secretário tem as seguintes funções:

- a) Convocar as reuniões do Gabinete Político;
- b) Propor a Ordem do dia das reuniões do GP;
- c) Secretariar as reuniões do GP;
- d) Dirigir os Debates;
- e) Velar pelos arquivos do GP.

Na ausência do Secretário, estas funções são assumidas pelo Secretário substituto.

10 – Disposições diversas

- a) Os membros ausentes são solidários com as decisões do GP, tendo porém a faculdade de provocar a inscrição das questões resolvidas na sua ausência na Ordem do Dia da primeira reunião do GP em que voltem a participar.
- b) Sempre que as circunstâncias o exigirem, um membro do GP, com o parecer favorável do GP, poderá desempenhar uma missão proposta pelo Comité Director.
- c) O GP decidirá sobre os casos omissos deste Regimento.

11 – Este Regimento Provisório estará em vigor até ao estabelecimento do Projecto de Estatuto decidido pela Conferência de Quadros.

Decisão do Gabinete Político, reunido em Brazzaville aos 6 de Maio de 1964

O GABINETE POLÍTICO

Circular da UGEAN sobre reunião da Comissão Nac. de Angola

[policopiada]

[Endereço da UGEAN em Argel]

Assunto: Reunião da Comissão Nacional de Angola

CE/6/64

CIRCULAR

Caro companheiro,

Nos princípios do mês de Junho terá lugar em Praga a primeira reunião da Comissão Nacional de Angola.

A Comissão Nacional de Angola foi feita pela Assembleia Nacional de Angola durante o último Congresso da UGEAN tido em Rabat em Setembro de 1963.

Os diferentes problemas que se põem ao nacionalismo angolano merecem da nossa parte um estudo profundo para que possamos tirar conclusões concretas no sentido de aumentarmos a capacidade revolucionária da nossa luta de libertação nacional.

Estamos crentes que, na hora actual um dos principais problemas dos nossos estudantes é a unidade, pois uma unidade real – unidade que concebemos numa base revolucionária – irá contribuir de uma maneira eficaz para a derrota dos inimigos do POVO ANGOLANO: o colonialismo português e todas as forças da reacção.

Em consequência chamamos a atenção dos companheiros para a importância que reveste esta reunião pelo que achamos absolutamente indispensável que os estudantes angolanos enquadrados nas respectivas secções locais da UGEAN se reúnam e enviem todas as críticas e sugestões respeitantes aos diferentes aspectos da nossa luta, tendo em consideração as alíneas seguintes:

- a) Unidade dos estudantes Angolanos, condição indispensável para a unidade do nosso movimento estudantil;
- b) Qual poderá ser a nossa contribuição na luta para a unidade dos movimentos de libertação nacional angolanos.

Toda a correspondência deve ser dirigida à UGEAN, 18 rue de Dirah (HYDRA) Alger.

Alger, 10 de Maio de 1964

Comité Executivo da UGEAN

[carimbo da UGEAN]

Apelo do MPLA “para uma acção urgente”

[policopiado]

[Endereço do MPLA em Brazzaville]

PARA UMA ACCÇÃO URGENTE

Todos os comités de Acção, todos os militantes, devem colaborar na acção a desenvolver no 25 de Maio, junto do Comité de Libertação de África em Dar-es-Salam.

Nessa reunião, o MPLA exigirá:

- a) Liberdade de acção em todos os países africanos, especialmente limítrofes;
- b) Uma parte de ajuda a Angola seja distribuída por intermédio do MPLA;
- c) Que haja actos concretos e realmente em favor da unificação das organizações nacionalistas.

Cartas, telegramas, abaixo assinados (de que enviamos um modelo) devem chegar ao Comité de Libertação – P.O.BOX 1767 – Dar-es-Salam até ao dia 25 de Maio corrente, ou mesmo um pouco mais tarde.

Esperamos que todos sejam muito activos nesta campanha essencial. Cada militante, cada aderente, cada angolano consciente deve colaborar para que o Comité de Libertação dê este passo útil à nossa luta.

Os Comités de Apoio, organizações e personalidades amigas devem ser também solicitadas a colaborar na campanha.

Todos os países devem ser solicitados.

O COMITÉ DIRECTOR

[carimbo do CD do MPLA]

Credencial para Lúcio Lara

[dactilografada, em francês, em papel timbrado do MPLA]

Brazzaville, 12 de Maio de 1964

PRESIDÊNCIA

Nº 623/15/64

CREDENCIAL

O Senhor LÚCIO LARA, membro do Gabinete Político do MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola) está encarregue de tratar de todas as questões relacionadas com o MPLA.

[carimbo do CD do MPLA]

Em nome do Comité Director,
Agostinho NETO [com assinatura]

Declaração do MPLA sobre reunião do Comité de Libertação da OUA

[policopiada]

[Endereço do MPLA em Brazzaville]

DECLARAÇÃO

1 – Dentro em breve reunir-se-á em Dar-es-Salam o Comité de Libertação da OUA. Deste Comité fazem parte, como se sabe, os seguintes países: Tanganika, Uganda, Argélia, Etiópia, RAU, Senegal, Guiné, Nigéria e Congo-Léopoldville.

Esta reunião ocupar-se-á do estudo e da realização das recomendações da Conferência de Lagos e reveste-se, por isso, de um interesse todo especial para o caso particular da luta do Povo angolano.

2 – No momento em que esta importante reunião vai entrar na sua fase mais activa de preparação, é dever do MPLA trazer a público alguns esclarecimentos que possam contribuir para uma melhor compreensão do problema angolano, evitando-se por essa forma que venham a adoptar-se decisões contrárias à lógica, à justiça e aos verdadeiros interesses do Povo de Angola e, em consequência, do Continente Africano.

3 – O Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) entende que é chegado o momento da consciência africana arripiar corajosamente caminho e considerar o efeito criminoso que resultou do reconhecimento unilateral como “governo” de um agrupamento cuja não representatividade se torna cada vez mais flagrante. Na verdade, as consequências desse acto calculista do Governo de Léopoldville, e tão precipitadamente apoiado por alguns países irmãos, não poderiam ter sido mais catastróficos. A luta armada só nas afirmações tendenciosas de alguns propagandistas interessados conheceu avanço. Na verdade, os numerosos nacionalistas angolanos vindos ultimamente do interior do País são unânimes em afirmar o seu desapontamento sobre a ineficácia demonstrada nesse capítulo por aqueles a quem se pretendia oferecer o exclusivo das operações político-militares num território que alguns desses indivíduos desconhecem. Estes mensageiros não escondem a inquietação dos combatentes das matas acerca do destino desconhecido das 80 toneladas de armas oferecidas ao Povo angolano pelos irmãos Argelinos e das outras armas que alguns afirmam ter oferecido ao nosso Povo.

4 – O MPLA entende que a Conferência de Lagos veio facilitar a reposição do problema na base estabelecida em Addis Abeba. O MPLA aguarda desta reunião a aplicação prática da recomendação da Comissão Política da Conferência de Lagos, cujo teor, estranhamente, não chegou a ser publicado como competia à própria Conferência fazer. Mas o MPLA confia que este facto não venha a constituir mais um motivo de manobra que prejudique o espírito da decisão da referida Comissão.

A recomendação em questão, segundo confirmação obtida no próprio Secretariado do Comité de Coordenação, em Dar-es-Salam, acentua a necessidade de não ser paralisada nenhuma força válida do nacionalismo combatente e, antes, operar no sentido de ser

achada a unidade dos movimentos nacionalistas angolanos. Não é demais repetir que as intensas campanhas destinadas a asfixiar e a liquidar o MPLA não tiveram sucesso graças ao apoio indefectível das massas que constituem a sua base real.

5 – Neste sentido, o MPLA que acaba de solicitar ser ouvido como peticionário na referida reunião, espera que lhe sejam concedidas as facilidades devidas à sua qualidade de força combatente a fim de expor os seus pontos de vista sobre a intensificação da luta de libertação nacional e de obter para isso o necessário apoio.

6 – LIBERDADE DE ACÇÃO em todos os países do continente africano e em particular nos países limítrofes; e AJUDA EFECTIVA e não apenas sentimental, serão os pontos fundamentais da sua petição ao Comité de Libertação, em concordância perfeita com a recomendação feita a este Comité pela Conferência de Lagos.

7 – O problema da unidade dos movimentos nacionalistas, que tanto preocupa os países irmãos da OUA continua a merecer igualmente da parte do MPLA a maior atenção.

Todavia, faz notar à opinião internacional e à africana em particular, que a unidade do nacionalismo angolano não pode ser um mero pretexto para mistificações semelhantes às que ultimamente têm sido ensaiadas no intuito de iludir o verdadeiro fundo da questão e de salvar um organismo em desagregação.

A unidade dos movimentos nacionalistas angolanos foi e continua a ser desejada pelo MPLA; mas, tal como dizia no seu comunicado nº 29/64, de 24.4.64, “a unidade não pode ser imposta. Só numa confrontação de todas as organizações verdadeiramente engajadas na luta contra o colonialismo português e contra todas as formas de neocolonialismo ela poder[á] ser ganha”.

8 – Nesta linha, o MPLA lançou a ideia de um CONGRESSO DE TODAS AS ORGANIZAÇÕES NACIONALISTAS ANGOLANAS, à qual já deram a sua concordância a quase totalidade dos movimentos nacionalistas angolanos.

9 – Concluindo, o MPLA considera que a rectificação introduzida pela Conferência de Lagos nas estranhas e desastrosas decisões de Léopoldville e de Dakar, que tão grosseiramente falsearam as ponderadas decisões dos Chefes de Estado em Addis Abeba põe ao alcance do Comité de Coordenação a possibilidade de restabelecer a questão angolana na única via realmente justa. Só nessa via de LIBERDADE DE ACÇÃO em igualdade de circunstâncias para todos, poderá ser encontrada uma sã plataforma de unidade.

Só nessa via se permitirá que os quadros políticos e militares, os meios bélicos de que o MPLA dispõe, sejam eficazmente utilizados na luta contra o colonialismo português e contra o imperialismo.

COMITÉ DIRECTOR
B/VILLE; 16.5.64

[carimbo do CD do MPLA]

Carta de militantes ao GP do MPLA

[dactilografada]

Léopoldville, 22 de Maio de 1964

Aos MEMBROS DO GABINETE POLÍTICO
DO MPLA
BRAZZAVILLE

Camaradas:

Nós abaixo assinados, considerando o Gabinete Político tão capaz de solucionar qualquer problema no seio da nossa Organização, viemos por meio desta carta informar algo que desanima os nossos espíritos.

Aliás, a justeza do Gabinete Político em cumprimento dos princípios justos da constituição do MPLA, vimos que será da consciência dos membros que constituam o referido Gabinete, dar o parecer imediato do caso no sentido mais benéfico.

Foi em Angola que nos fizemos membros do MPLA, e, desde o início das actividades do MPLA em Léopoldville em 1961, somos Militantes activos e foi mesmo naquela altura que nos inscrevemos candidatos a bolsa de estudos até esperar a altura precisa para seguir os cursos voluntariamente escolhidos por nós.

Infelizmente, não partimos, havendo da parte dos responsáveis, inúmeras desculpas dando esperanças de que seguiríamos no ano seguinte 1962-63, tendo seguido apenas naquele ano vários outros companheiros como por exemplo: Jacob Caetano, Francisco Bernardo, Gonçalves Luís, Augusto Caetano, Domingos Mateus da Silva, Miguel Cristóvão.

Não perdendo porém esperança, conservamo-nos firmes trabalhando sem rodeios e aguentando as dificuldades, seja de qual espécie. Em 1963, estávamos prontos para seguir e com esperança de ir frequentar os cursos conforme as nossas inscrições:

– Miranda Munginga e Sebastião Gaspar Júnior, Agrimensura, e Oliveira Sebastião Gaspar, Rádio Técnico.

Ora, depois dos grupos que seguiram para a URSS serem advertidos antecipadamente pelo Responsável da Organização e Quadros, nós fomos excluídos a essa advertência e só no dia 11 de Novembro fomos chamados pelo camarada Chipenda avisando-nos de que deveríamos partir dia seguinte dia 12 para Bulgária no curso da Topografia Militar.

Não estando de acordo com a atitude do camarada responsável, e sem interferência de ninguém recusamos partir por motivo seguinte:

– Considerando-nos como militantes activos e assíduos a todos os trabalhos dentro da organização, e inscritos nas primeiras oportunidades para beneficiar do direito que nos é reservado na Organização. (ver ficha de militância)

– Considerando uma atitude injusta e de imposição, sem chamar-nos com antecedência para jurar o compromisso da nossa bolsa, como se fez aos outros antes de partir.

– Considerando uma atitude de discriminação quando vários camaradas recém-chegados de Angola e nas mesmas condições partem e nós surpreendidos.

– Quando muitos sem instrução superior à nossa, partem e avisados com muita antecedência.

– Quando outros com cadastros sujos e questão submetida no Conselho Disciplinar, questões desabonadoras, partem e sem imposição (citamos por exemplo um camarada, o camarada BALDUÍNO) ver ficha de militância e documentos do Conselho Disciplinar.

Depois de tudo passar, o nosso erro teve como consequência:

– Palavras agressivas e vexatórias.

– Corte do direito a alimentação durante 15 dias, sem dar-nos a conhecer, segundo o hábito da organização por comunicado ou aviso.

– Afastamento silencioso, e outras sanções ainda que desconhecemos e a critério do Comité Director sem manifestarmos-nos.

– Arrumados e considerando-nos os mais criminosos no Movimento.

ISTO SERÁ FALTA DE ALGUÉM QUE POSSA INTERCEDER POR NÓS?

Reconhecemos, de facto, que até certo ponto é erro e a nossa Organização na pessoa de seus membros foi vexada. Pedimos que lembrais uma coisa:

– Certos pais educam, dão uma educação suficiente aos seus filhos; em dado momento, algum dos filhos erra, peca ou pratica um crime qualquer e todas as palavras boas ou más quem as ouve são os pais. Eles zangam-se, batem, castigam, etc., mas não deixam de considerar o filho. Às vezes é má direcção dos pais e o filho proceda má acção, mas não é por causa disso [que] deixa de ser filho ou que não tenha o mesmo direito.

Animados pelos princípios justos e democráticos da nossa Organização e estando no direito atribuído igualmente aos outros, julgamos porém útil fazer esta carta ao Gabinete Político para estudar justamente o caso no sentido de reconsiderar-nos a bolsa pedida para este ano lectivo. Esperamos todas as garantias.

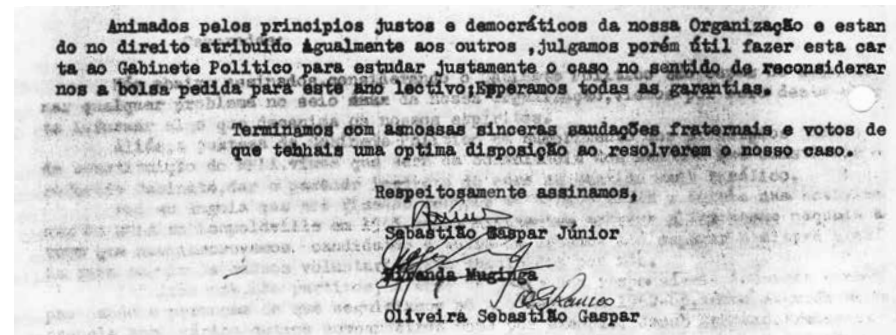
Terminamos com as nossas sinceras saudações fraternais e votos de que tenhais uma óptima disposição ao resolverem o nosso caso.

Respeitosamente assinamos,

Sebastião Gaspar Júnior [segue assinatura]

Miranda Munginga [segue assinatura]

Oliveira Sebastião Gaspar [segue assinatura]



Declaração do MPLA sobre a Jornada de Libertação de África

[policopiada]

[Endereço do MPLA em Brazzaville]

DOC. 38/64

A realização em Addis Abeba, no dia 25 de Maio de 1963, da CONFERÊNCIA DOS CHEFES DE ESTADO E DE GOVERNO AFRICANOS foi um acontecimento de relevo a coroar a luta que os Povos Africanos travam desde há longos anos, pela Libertação e pela Unidade de África.

O facto de alguns Países ainda sofrerem nesse momento a opressão colonial, impossibilitando-os de darem uma contribuição integral às resoluções históricas dos mais altos representantes dos Povos Africanos, não fez mais do que reforçar a sua determinação de expulsarem no mais curto espaço de tempo do seu solo os colonialistas e imperialistas, e de enfileirarem na ORGANIZAÇÃO DA UNIDADE AFRICANA.

A criação da ORGANIZAÇÃO DA UNIDADE AFRICANA corresponde às aspirações comuns dos nossos Povos, desejosos de acabar com o retalhamento feito pelas potências imperialistas na Conferência de Berlim.

Um ano decorreu e a OUA já pôde ultrapassar graves dificuldades que se levantaram no seu seio e no seio do nosso continente.

No que se refere ao colonialismo português, a OUA conseguiu já iniciar uma acção concertada dos Países Africanos contra Portugal, como desde há muito o MPLA reclamava.

As decisões dos Chefes de Estado e de Governo Africanos ressoam cada vez com maior intensidade através de todo o nosso continente, como palavras de ordem revolucionárias capazes de mobilizar e de reunir os povos explorados de África na sua luta sem tréguas contra o colonialismo, o neocolonialismo e o imperialismo.

Nesta gloriosa jornada, o MPLA saúda os Povos irmãos da África Independente, e os Povos do mundo inteiro que apoiam o nosso combate, e os Povos da Guiné (Bissau), da África do Sul, de Moçambique, da Rodésia do Sul, do Sudoeste Africano e todos os que lutam ainda pela sua libertação.

O MPLA renova, diante dos túmulos dos Heróis e Mártires de Angola e de África o juramento solene de que levantará cada vez mais alto o estandarte da Revolução Angolana e da Unidade Africana.

Nenhuma força, nenhuma manobra, poderão travar a marcha irresistível do Povo Angolano, guiado pelo MPLA, para a INDEPENDÊNCIA TOTAL, para a UNIDADE e para a JUSTIÇA SOCIAL.

B/VILLE VIVA A JORNADA DE LIBERTAÇÃO DE ÁFRICA!
24.5.64 VIVA ANGOLA LIVRE E INDEPENDENTE!

Carta de Aníbal de Melo ao GP do MPLA

[dactilografada – em 2ª via]

Aníbal de Melo
B/ville

[Nota manuscrita por L. Lara: R 25/5/64]

Aos Camaradas do
GABINETE POLÍTICO

Caros camaradas,

Não é a primeira vez que manifesto a membros do Gabinete político a sugestão do meu afastamento de Brazzaville, ainda que fosse a título apenas temporário.

Julgo que o motivo ou os motivos que não aconselhavam até aqui a aceitação da minha sugestão desapareceram. Assim, venho pedir que seja autorizado a juntar-me como simples militante aos camaradas da missão de Cabinda.

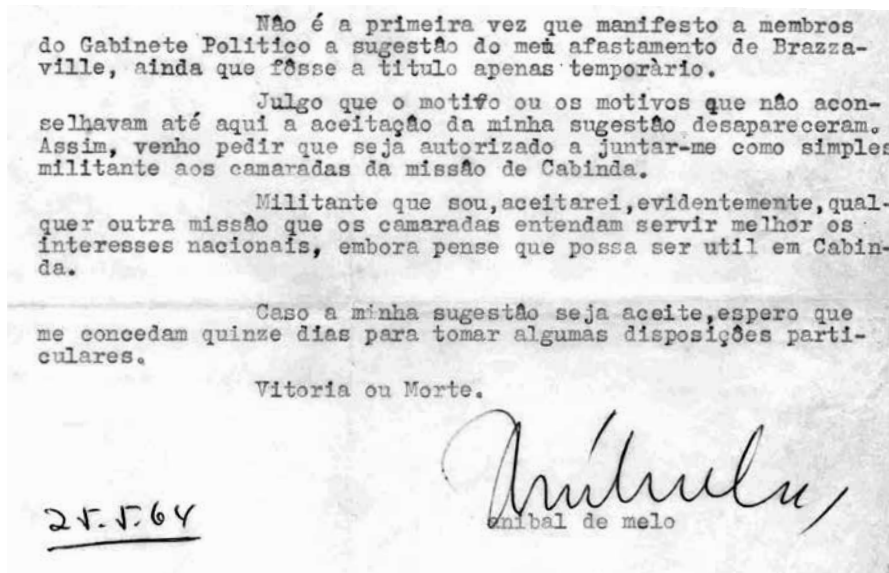
Militante que sou, aceitarei, evidentemente, qualquer outra missão que os camaradas entendam servir melhor os interesses nacionais, embora pense que possa ser útil em Cabinda.

Caso a minha sugestão seja aceite, espero que me concedam quinze dias para tomar algumas disposições particulares.

Vitória ou Morte.

[Acrescentado à mão: 25.5.64]

Aníbal de Melo [com assinatura]



Carta do Rev. Domingos da Silva a Aníbal de Melo*[dactilografada – 2ª via]*

28 de Maio de 1964

M. ANÍBAL DE MELO
BRAZZAVILLE

Prezado Camarada,

A tua carta foi apreciada pelo Gabinete Político que é do parecer seguinte:

– Dado que é o Comité Director quem esquematiza e põe em execução as missões do MPLA, o Gabinete Político não tem competência para decidir sobre o teu pedido. É no entanto do parecer que a tua presença no Bureau de Brazza ainda não é dispensável, e é de maior utilidade que em qualquer outro sítio, onde por enquanto se está a tactear uma estruturação. Não há além disso quem possa dar em teu lugar, ao Departamento de Informação o dinamismo que o momento exige, quer na orientação das publicações, quer na estruturação da rede interior e exterior do Departamento.

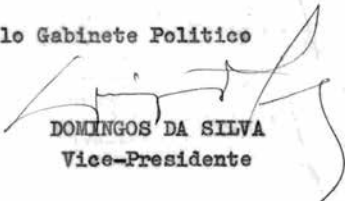
VITÓRIA OU MORTE

Pelo Gabinete Político
DOMINGOS DA SILVA *[com assinatura]*
Vice-Presidente

– Dado que é o Comité Director quem esquematiza e põe em execução as missões do MPLA, o Gabinete Político não tem competência para decidir sobre o teu pedido. É no entanto do parecer que a tua presença no Bureau de Brazza ainda não é dispensável, e é de maior utilidade que em qualquer outro sítio, onde por enquanto se está a tactear uma estruturação. Não há além disso quem possa dar em teu lugar ao Departamento de Informação o dinamismo que o momento exige, quer na orientação das publicações, quer na estruturação da rede interior e exterior do Departamento.

VITÓRIA OU MORTE

Pelo Gabinete Político


DOMINGOS DA SILVA
Vice-Presidente
Comunicado da JMPLA sobre morte de Cirilo C. Silva*[policopiado, em francês]*JUVENTUDE DO MOVIMENTO POPULAR
DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA
JMPLA

É com profundo pesar que o Comité Director do MPLA e a Direcção Geral da Juventude do Movimento Popular de Libertação de Angola (JMPLA) participam, a todos os Angolanos e aos amigos da Causa do Povo Angolano, o falecimento do seu camarada Sr. CIRILO DA CONCEIÇÃO E SILVA, Vice-Presidente da JMPLA, por ter acidentalmente caído no rio Congo, quando voltava de Léopoldville para Brazzaville.

Todos os esforços dos tripulantes e de alguns passageiros do barco, para salvar o nosso malgrado camarada, foram em vão. As buscas imediatas empreendidas pelas autoridades fluviais de Brazzaville ainda não terminaram.

O MPLA e a JMPLA apelam a todas as personalidades que possam dar informações sobre o corpo do seu malgrado dirigente para comunicar pelo número de telefone 49-15 ou pela Caixa Postal 2353 em Brazzaville.

O COMITÉ DIRECTOR DO MPLA
A JMPLA

B/ville; 29.5.64

Carta Programática do CEA*[dactilografada – 2ª via]*CARTA PROGRAMÁTICA
DO CENTRO DE ESTUDOS ANGOLANOSI – RAZÕES PARA A EXISTÊNCIA DO CENTRO DE ESTUDOS ANGOLANOS

Presentemente o Povo Angolano combate heroicamente contra o colonialismo clássico português, que pretende sufocar a ferro e fogo as suas justas aspirações.

No entanto, o imperialismo não se apresenta só sob a forma brutal do colonialismo fascista português. O imperialismo agressivo está presente em Angola através dos tanques, metralhadoras, aviões, bombas e ajuda financeira fornecida ao regime de Salazar pelas potências da OTAN. Está presente ainda através dos capitais que os grandes “trusts” internacionais investem em Angola e na infiltração no seio do movimento nacionalista angolano. Em suma, o imperialismo sustenta o colonialismo clássico português mas, ao mesmo tempo, prepara as condições para que a sua dominação em Angola se exerça futuramente sob a forma neocolonialista. Para isso suborna chefes nacionalistas ambiciosos que, no caso de tomarem o poder no futuro estado, concederão todas

as facilidades ao imperialismo e seus agentes para que este continue o seu domínio económico. Também faz arranjos com o fraco capitalismo português com vistas a um compromisso conjunto com as correntes oportunistas ou intriguistas do nacionalismo angolano de maneira que a independência política nada mais represente que o acesso ao poder de grupos ávidos de privilégios.

Portanto, o imperialismo é o maior inimigo do Povo Angolano, como aliás de qualquer outro sedento de liberdade. Assim, a luta do povo angolano não terminará com a vitória sobre o colonialismo português. Ela realiza-se já e continuará contra as manobras imperialistas e o neocolonialismo. Nem todos os grupos políticos angolanos estão interessados nesta luta, mas a vitória sobre o neocolonialismo é fundamental para que as massas angolanas realizem a sua Revolução.

No entanto, a consolidação da luta de libertação, o seu aprofundamento e a criação de condições para se vencer definitivamente o imperialismo não são possíveis sem o conhecimento dos fins a atingir, dos obstáculos a vencer, sem sabermos quem são os nossos inimigos e os nossos aliados. Há que ter sempre presente que o neocolonialismo instala-se facilmente nos países subdesenvolvidos, aproveitando-se do atraso económico e cultural existente, da fraca consciência política das massas trabalhadoras e, na maior parte dos casos, da fraqueza ideológica dos dirigentes nacionais.

Impõe-se um profundo conhecimento das realidades do país. Tem de se conhecer as estruturas sociais e os valores culturais angolanos. É necessário o conhecimento das classes sociais e dos interesses característicos de cada uma delas. É preciso saber enunciar as contradições económicas, sociais e políticas de Angola e estar em condições de lhes dar solução. Tem de se estudar as consequências da abolição radical das estruturas coloniais e a edificação de um estado livre da influência imperialista onde o problema de estruturas e de quadros se porá com acuidade. É urgente desenvolver a consciência revolucionária das massas angolanas.

A realização de tais objectivos requer um trabalho sistematizado e um Centro de Estudos, disposto a realizar actividade paralela aos movimentos políticos, é o organismo indicado para o fazer.

Assim nasceu o Centro de Estudos Angolanos que, ao lado dos movimentos progressistas angolanos, se propõe contribuir para a heróica luta do Povo Angolano contra o colonialismo português e o imperialismo, sob todas as suas formas.

II – OBJECTIVOS

Uma Revolução é um processo científico, nascido e desenvolvido em circunstâncias próprias da evolução histórica de um povo. Para que essa Revolução seja triunfante, – tendo conseguido mobilizar profundamente a generalidade das massas – é necessário que ela seja organizada o mais objectivamente possível, tendo em conta todos os problemas que se põem a essas massas, estudados e resolvidos por critérios científicos. O Centro de Estudos Angolanos utilizará tais critérios e desenvolverá uma actividade militante de esclarecimento das massas angolanas, propondo-se:

- 1) Contribuir para a elevação do nível político e cultural das massas e dos militantes angolanos, de maneira a ajudar o desenvolvimento da luta de libertação e

anti-imperialista em Angola, que permitirá o seu acesso a uma independência livre do neocolonialismo:

- a) participando no esclarecimento das massas e militantes angolanos na sua luta contra a opressão imperialista e as correntes nacionalistas oportunistas;
 - b) participando na sua alfabetização e formação cultural tendo presente que a cultura angolana terá de ser revolucionária e científica;
- 2) Recolher e difundir material de estudo da natureza económica, histórica, social e política sobre Angola a fim de contribuir para um conhecimento mais profundo da realidade angolana e tornar possível a realização de análises sobre a situação actual e dos problemas que se porão ao futuro estado angolano e que se põem já à própria estratégia revolucionária.
 - 3) Colaborar estreitamente com os movimentos políticos progressistas e organizações estudantis de Angola ou com organizações similares ao CEA para a realização de fins comuns e formação de quadros.
 - 4) Colaborar com os movimentos políticos progressistas ou com organizações similares das colónias portuguesas e também de Portugal para a realização de fins comuns, de campanha de denúncia do colonialismo português e do imperialismo, assim como na troca de experiências. O CEA considera que a luta em moldes progressistas contra o colonialismo português será um golpe importantíssimo no imperialismo.
 - 5) Desenvolver todos os esforços ao alcance do Centro para a unificação e intensificação da luta anti-imperialista em África.
A influência imperialista continua sendo fonte de opressão na maior parte do continente africano cuja total libertação não pode ser conseguida sem a extirpação radical dessa influência.
 - 6) Colaborar com os centros similares ou instituições científicas de África para a troca de informações e estudos, permitindo o enriquecimento dos conhecimentos sobre Angola e o continente africano; e trabalhar para a realização de um grande Centro de Investigação Científica Africano. A coordenação da actividade de pesquisa realizada em comum pelos países africanos torna-se cada vez mais urgente.
 - 7) Colaborar com os centros culturais e científicos estrangeiros similares e organismos culturais científicos da ONU, para a troca de informações e estudos, para a aquisição de material de ordem política, científica ou outras, interessando a actividade e os fins do Centro de Estudos. A concepção de cultura do CEA é universalista, assim como o seu conceito de luta anti-imperialista.
 - 8) Colaborar com as agências de imprensa, órgãos de informação escrita ou falada, para a propaganda da luta nacionalista e anti-imperialista do Povo Angolano. A mobilização da opinião internacional, sobretudo a progressista, em favor da luta do Povo Angolano será de grande importância; assim como o desmascaramento do colonialismo português e do imperialismo em Angola.

Argel, Maio de 1964

A COMISSÃO DIRECTORA

CARTA ORGÂNICA PROVISÓRIA
DO CENTRO DE ESTUDOS ANGOLANOS

I – GRUPOS DE TRABALHO

Tanto quanto possível, o CEA será uma organização compartimentada, de acordo com os diferentes ramos da ciência aos quais ele se possa dedicar, mas de tal modo que cada compartimento possa servir o outro e, todos em conjunto, os fins do Centro.

Parece pois possível organizar para já alguns desses compartimentos que serão chamados GRUPOS DE TRABALHO, o funcionamento dos quais será o funcionamento do próprio Centro, a garantia da sua marcha progressista, da sua actividade, do seu contributo à Revolução e ao País.

Os Grupos de Trabalho serão assim constituídos:

HISTÓRIA E ETNOLOGIA: capaz de trabalhar para a elaboração de uma história de Angola e de analisar as etnias angolanas em proveito de um melhor conhecimento. Assim se formará um arquivo essencial à actividade revolucionária e à construção de um futuro estado angolano progressista.

SOCIOLOGIA E ECONOMIA: capaz especialmente de fazer análises sobre o comportamento dos núcleos sociais resultantes do encontro do factor colonial com o factor regional, de estudar problemas relativos ao trabalho, alimentação, etc., de denunciar e criticar códigos coloniais; de coligir e sistematizar elementos sobre o nível de instrução das diferentes camadas sociais angolanas, quadros existentes e em preparação, equipamento dos diversos sectores económicos, do ensino e da saúde, com o fim de possibilitar ou realizar um inventário geral capaz de fornecer elementos para a elaboração de reformas agrárias e sanitárias, campanhas de alfabetização, desenvolvimento do ensino, selecção de quadros, planos de industrialização e de desenvolvimento de todos os sectores da economia social angolana.

POLÍTICA E INFORMAÇÃO: cujas principais tarefas devem ser: o estudo profundo dos problemas de classes e grupos sociais angolanos, análise do movimento social e político angolano, denúncia de toda a política colonial em curso e luta ideológica activa contra a ameaça pairante do neocolonialismo, denúncia das manobras imperialistas, em todos os campos, participação activa em todas as campanhas de projecção africana ou internacional contra a repressão, contra o racismo, contra o fascismo, etc.

ARTE E LITERATURA: capaz de recolher com a maior largueza possível documentos que revelem o folclore angolano, de forma a torná-lo conhecido e utilizado, quer tentando constituir grupos folclóricos itinerantes, colecções de arte itinerantes, etc., quer pondo-o à disposição dos artistas e escritores angolanos para que edifiquem uma arte moderna verdadeiramente angolana; fomentar a expressão artística e literária onde quer que haja angolanos que manifestem capacidade; divulgar, no seio das massas angolanas, a literatura revolucionária angolana, o que será um contributo inestimável para a melhoria do “élan” revolucionário dos militantes; divulgação no estrangeiro da arte e literatura angolana.

INSTRUÇÃO E EDUCAÇÃO MILITANTE: cujas principais tarefas serão: a elaboração de manuais de alfabetização, de ensino de história, geografia, línguas, que vão de encontro às verdadeiras necessidades e aspirações do povo angolano; manuais de formação política; expansão de propaganda revolucionária pela imagem, através de desenhos, linóleos; divulgação junto das massas angolanas da literatura revolucionária mundial.

Parágrafo 1 – O Centro deve ter em conta que esta participação é imperfeita e não integra todos os problemas que não deixam por isso de ser fundamentais. Se é evidente que alguns dos temas expostos podem imediatamente ser estudados com certa profundidade, pelos camaradas que se encontram hoje reunidos ao serviço da Revolução através do Centro de Estudos, não é menos evidente que não há ainda possibilidades de responder a todas as solicitações. Falta-nos informação; faltam-nos colaboradores; faltam-nos peritos ou técnicos. Dada esta circunstância, impõe-se como tarefa global do Centro, no seu próprio processo evolutivo, a criação de condições para fazer funcionar o mais rapidamente possível um novo Grupo de Trabalho autónomo: ECONOMIA.

II – DIRECÇÃO:

1) O CEA terá como órgão dirigente uma Comissão Directora composta de sete membros, encarregada do trabalho específico do Centro e do trabalho administrativo.

Par.1 – O número de membros da CD poderá ser aumentado logo que a CD o decida.

2) Dado que a Direcção do Centro deve ser um organismo activo e nascido das necessidades do próprio trabalho intelectual produzido pelo conjunto, cada membro da direcção deve ter a responsabilidade de um dos grupos de trabalho, de acordo com a sua especialidade, ou alternar com os outros membros da mesma especialidade tal responsabilidade. Entretanto, outros trabalhos específicos da Direcção, como por exemplo, secretariado, tesouraria, contacto de carácter mais ou menos confidencial, podem ser distribuídos também segundo o mesmo princípio.

& 1 – Aquela responsabilidade deve ser traduzida da seguinte forma:

- a) obrigação de manter o grupo em actividade, quer dizer, de produzir trabalho;
- b) obrigação de alargar tanto quanto possível o círculo de colaboradores do grupo;
- c) fornecer material para conferências e outros tipos de imediata difusão;
- d) procurar estabelecer, através de uma futura delegação na fronteira de Angola ou por qualquer outro meio, contactos directos com a base, partindo do princípio que o Centro só será um organismo revolucionário se esses contactos permitirem à base sancionar, criticar e solicitar a actividade do grupo.

& 2 – A chefia de cada grupo de trabalho terá de ser exercida por um membro da Direcção.

- 3) Todos os trabalhos elaborados pelos grupos de trabalho ou apresentados individualmente por membros ou colaboradores só serão publicados ou difundidos quando forem aprovados pela maioria de 2/3 da Comissão Directora.
- 4) Dado que a Direcção é justificada por uma maior dedicação ao trabalho, uma maior consciência militante, pode também aceitar-se que todo o membro da Direcção, que no decurso de certo período de tempo tenha revelado ser incapaz ou estar impossibilitado de dirigir com eficácia o seu grupo de trabalho, não cumprindo portanto algum ou alguns dos pontos a), b), c) e d) da alínea 2), será automaticamente afastado da Direcção, por unanimidade, exceptuando o voto do acusado.
- 5) É dever dos membros da Direcção não divulgar assuntos de carácter confidencial, que por essa razão não devem sair do círculo da Direcção. Por isso, às reuniões de Direcção não devem assistir senão os membros da Direcção e os indivíduos que, por absoluta necessidade, esta convidar.
- 6) A Direcção elegerá entre si um secretariado composto por 3 membros, dois dos quais, funcionários pagos por verba do Centro, trabalharão em regime de Full-time. O secretariado desempenhará todas as funções administrativas, burocráticas, inerentes às publicações, etc.; não sendo contudo libertados de todos os outros deveres dos membros da Direcção. O seu mandato é indeterminado, acabando no dia em que a maioria da Direcção decida da sua substituição.

Parg. 1 – Um dos membros do Secretariado exercerá as funções de tesoureiro.

Parg. único – Dadas as características do CEA, suas finalidades, que visam um conhecimento da Revolução Angolana em toda a extensão e profundidade e a um nível revolucionário, resulta evidente que o CEA trabalhará em estreita colaboração com todos os Movimentos Angolanos, revolucionários e progressistas.

- 7) Cada reunião da Direcção deve ser presidida por um dos membros, em regime de rotação. A falta injustificada dos membros às reuniões ou outras actividades, em que seja igualmente necessária a sua presença, deve ser discutida ao nível da Direcção e pode acarretar como consequência, advertência, suspensão e mesmo expulsão.

III – DOS MEMBROS: Admissão, Deveres e Direitos

- 1) Podem ser membros efectivos do CEA os indivíduos militantes do nacionalismo angolano que estejam de acordo com a Carta Programática do CEA e com as presentes disposições sobre a admissão, deveres e direitos dos membros.
- & 1 – A Admissão de um membro é feita por votação favorável da maioria da CD.
- 2) Os membros efectivos têm como direitos:
 - a) participar nas actividades do Centro.
 - b) utilizar o material de estudo do Centro, conforme as condições prescritas em Regulamento Interno.

- c) receber gratuitamente as publicações realizadas pelo CEA.
- d) representar o Centro, quando devidamente credenciado.
- 3) São deveres dos membros efectivos:
 - a) respeitar escrupulosamente o Programa do CEA, Carta Orgânica e as decisões da Direcção.
 - b) executar as tarefas propostas e velar pelo seu cumprimento.
 - c) interessar nos problemas de Angola e na luta do seu Povo todos os angolanos e entidades estrangeiras.
- & 1 – É dever de todos os membros do Centro sujeitarem-se a qualquer espécie de mobilização que o Centro entenda dever fazer, para o cumprimento de missões culturais de grande responsabilidade e projecção, a menos que razões físicas ou politicamente impeditivas possam justificar a recusa.
- 4) Todos os membros do Centro devem pagar uma cota mensal mínima de 30 Dinares ou equivalente, e ainda o que a sua consciência lhe ditar em suplemento.
- & 1 – Os estudantes pagarão metade desta cota.
- & 2 – Um membro pode ser dispensado do pagamento de cotas, sob decisão da CD, em casos de situação especial: má situação material, desemprego, militantes vivendo a expensas dos movimentos políticos.
- 5) Uma consciência profunda das responsabilidades, espírito de sacrifício, zelo no cumprimento das tarefas, espírito de iniciativa e ausência de formalismo são necessários à existência do CEA e ao cumprimento dos fins que se propôs. As negligências e actos de indisciplina são extremamente nocivos; as acções contrárias aos princípios da CARTA PROGRAMÁTICA são inadmissíveis. Uns e outros devem ser ponderadamente julgados pelos membros da CD, a qual aplicará medidas punitivas podendo ir de advertência à suspensão e mesmo à expulsão.
- 6) A Direcção será competente para julgar da aceitação de colaboração de quaisquer indivíduos, dispostos a contribuir de maneira material ou fornecendo trabalho não remunerado. Estes colaboradores deverão usufruir dos benefícios de actividade do CEA em moldes estabelecidos pela CD.

IV – ÉTICA DO CENTRO DE ESTUDOS

- 1) A Direcção deve dar o exemplo de devoção ao trabalho e à causa que defende, começando por instituir nela própria o espírito de crítica e auto-crítica.
- 2) As actuais condições em que se desenrola a Revolução angolana, a confusão de certo modo espalhada por indivíduos contra-revolucionários, pelas forças reaccionárias da África e do Mundo, tem tentado criar a divisão entre os angolanos, tem querido fazer de cada angolano um inimigo de outro angolano. O Centro de Estudos sente-se no dever de, depois de uma selecção consciente, opor-se com todo o vigor a essa manobra, não se deixando arrastar pelo espírito de inimizade e desconfiança, criando pelo contrário condições para o reagrupamento de todos os angolanos.

Para isso, ele deve ter sempre presente que:

- a) A amizade e camaradagem não devem ser desprezados como elementos que podem reforçar a unidade, mas tendo em conta sempre a identidade ideológica.
- b) A diferença do nível cultural ou intelectual entre os angolanos não é critério que defina hierarquias, ou valores equivalentes a honras especiais. Acima destes critérios há a devoção à causa do povo na sua luta contra todas as formas de opressão.
- c) A democracia do organismo é o resultado do espírito democrático dos seus participantes, do respeito que cada camarada deve ao seu camarada.
- d) A violação destes princípios deve ser tida não como uma simples má conduta, mas sim como uma conduta criminosa e negativa ao serviço da manobra divisionista, de todos os modos inconveniente para o Centro de Estudos.

V – DISPOSIÇÕES GERAIS

A – HAVERES DO CEA

- 1) Consideram-se bens do CEA todos os móveis e todo o material de equipamento e biblioteca, doado ou adquirido pelos fundos do CEA.
- 2) A utilização do material do CEA será estabelecida por Regulamento Interno.

B – RECEITAS

Há duas espécies de receitas:

Receitas ordinárias – As obtidas com cotização dos seus membros e a venda das publicações ou outros trabalhos realizados pelo CEA.

Receitas extraordinárias – Consideradas tais: subsídios de entidades e contribuição monetárias dos colaboradores.

C – REGULAMENTO INTERNO

As actividades internas do CEA, a organização do expediente e as relações com autoridades estrangeiras ou outras entidades, serão definidas num Regulamento Interno aprovado pela CD.

VI – EXISTÊNCIA E DISSOLUÇÃO DO CEA

- 1) O Centro de Estudos Angolanos propõe-se existir enquanto desempenhar um papel positivo ao lado dos movimentos progressistas angolanos, pela realização e consolidação da Revolução Angolana.
- 2) A sua dissolução será encarada quando for julgada mais útil à sua constituição ou integração num organismo melhor adaptado às necessidades do País.

& 1 – A dissolução do CEA tem de ser decidida por 4/5 dos seus membros efectivos.

& 2 – No caso de dissolução, os haveres do CEA transitarão para o organismo que o substituirá ou no qual o Centro se integrará.

& 3 – Em caso de dissolução, os trabalhos produzidos por membros do CEA só poderão ser utilizados com autorização do autor.

Argel, Maio de 1964

A COMISSÃO DIRECTORA

Relatório de Luciano Sebastião

[dactilografado, em papel timbrado do MPLA]

[Sem data]

[Nota manuscrita de Agostinho Neto: Importante. Considerar nos contactos em Léo.]

RELATÓRIO FEITO PELO CAMARADA LUCIANO SEBASTIÃO – ESTAFETA ENVIADO POR TALAMUNGONGO

Chegando à Léopoldville vindo de Angola, o Camarada Luciano Sebastião, companheiro de Marcelino na sua viagem para cá narra o seguinte:

Depois de terminados os preparativos do objectivo que nos tinha levado a vir para cá, dia 4 de abril precisamente, partimos para o Bas-Congo a fim de regressarmos para Angola com destino a Songololo onde só partimos dia 9 de abril conseguindo alcançar o rio Ylunda-Yole. Dia 10 conseguimos alcançar o Imbondeiro, dia 11 na Pedra, dia 12 no rio Nucho, 13 na Pedra N'Zaveva, 14 na estrada de Tomboco, 15 no rio Mbridge onde estivemos parados durante 17 dias, no qual conseguimos partir dali somente dia 26 e do rio Mbridge alcançamos o rio Quichaveva, dia 27 estávamos numa mata desconhecida de nome e dia 28 estávamos no Quartel da UPA denominada Bessa-Monteiro, 29 no rio Nubala e 30 no rio Loge. No dia 1 de Maio, estávamos no quartel da upa no Mutamba, dia 2 no quartel de Kifula, dia 3 passámos por Caiengue, Nambuanguo, dia 4 no Quingonga Fula e dia 5 nos encontrávamos no nosso posto que é Quipanzo.

Depois de sete dias, organizou-se uma conferência com os velhos, onde se explicou tudo que se ouviu e se viu durante a nossa estadia cá em Léopoldville, tanto da parte da UPA como do MPLA.

E decorridos mais sete dias, apareceu em Quipanzo alguns homens que tinham sido enviados pelo povo de Quifuta, a fim de levarem para lá o Marcelino, segundo as suas actividades como militante nosso. Antes de ser levado para lá, os velhos da área de Mazumbo analisando no [que] iria se passar, reuniram-se, conseguiram mobilizar as massas a fim de acompanharem Marcelino até onde o levassem; tudo estava [a] correr duma maneira oposta e aque[la] área conseguiu ajuntar 50 armas finas ou de bala e quarenta e cinco canhangulos e alguns homens mais fazendo o montante de 127 homens. Chegados no Quifuta um dos quartéis da upa, ali todos preparados para assassinar o Marcelino, tomando a palavra o comandante da upa dizendo que eles

nunca estiveram em Léopoldville, mas que o seu filho de nome João Lopes, que com o mesmo nosso camarada vinha com ele cá em Léopoldville, lhes tinha informado que o Marcelino precisamente em Léopoldville não estava na upa senão em colaboração com o MPLA, porque esses na sua chegada em Léopoldville encontraram lá o primo deles Joaquim dos Santos que os dirigiu no MPLA e que sempre viveu na casa do tal Joaquim que é o encarregado de angariar homens para o MPLA, e ouvindo isso os velhos tiveram de mandar prender o Talamungongo porque como secretário geral tinha de se apresentar à upa. No momento que o Marcelino acabava de chegar no Quifuta, já quiseram fazer-lhe interrogatório e um velho de nome Canga Zombo de Quingonga Fula levantou sua mão querendo desfechar um golpe de catana ao camarada Marcelino; mas um velho cego de Lopes, pai do traioeiro do Marcelino, levantou-se e perguntou se na realidade Marcelino estava condenado à morte? este teve por resposta um sim. A seguir chamou pelo nome de seu filho e perguntou-lhe se quem tinha sido seu professor? este disse que era o Marcelino que ali se encontrava e continuando com o interrogatório ainda perguntou se quem foi o Pastor evangélico na área de Nambuungongo e Dembos? este disse que não era outro senão o Agostinho Neto e ainda acrescentando disse quem é o actual dirigente máximo do MPLA? este respondeu dizendo que é o filho do falecido Neto que esteve no PIRI e ainda continua; tu meu filho conhece Holden Robert? quem é o seu pai? esse disse que não conhecia Holden nem seu pai e nem tão pouco faz ideias da sua Nacionalidade, mas que tem ouvido dizer que ele é de S. Salvador. O tal velho não cessou de fazer pergunta e disse: já tens na sua acta o partido que libertará Angola? Este por fim disse que não sabia qual é o fim preciso da luta de Angola. Dali o velho cego que tomando em consideração a luta e a posição em que se encontra a luta de Angola disse: – Deixai o vosso irmão seguir o caminho que ele viu mais próprio para a imediata independência do povo, porque Holden tinha marcado duas semanas de luta Angola estava livre e agora? quantas semanas já se foram embora a liberdade não aparece?

Por causa da intervenção daquela ideia acertada do Velho Lopes então o camarada Marcelino teve de começar nova VIDA.

E para uma informação precisa pode-se dizer que 1500 militantes no interior, na área de MAZUMBO, DEMBOS E UMA PARTE DE CATETE estão se aproximando naquele pequeno núcleo que se esforça apesar com a pequena experiência dos seus dirigentes que abaixo seguem:

| | |
|--------------|--|
| Comandante | MATEUS BERNARDO |
| Secretário | CRUZ SEBASTIÃO LOPES |
| " | JOSÉ SEBASTIÃO DIAS |
| Conselheiros | FERNANDO JOÃO DOS SANTOS, JOÃO PAULO e JOSÉ MANUEL |

VITÓRIA OU MORTE

Intervenção do MPLA no Comité de Libertação da OUA

[*policopiada, em inglês*]

INTERVENÇÃO DA DELEGAÇÃO DO MPLA NO COMITÉ DE LIBERTAÇÃO DA ORGANIZAÇÃO DA UNIDADE AFRICANA

Senhor Presidente,
Dignísimos Delegados,
Caros Irmãos,

O MPLA está feliz por regressar a Dar-es-Salam após os nossos irmãos do Tanganika e de Zanzibar terem dado um passo tão importante para a realização da Unidade Africana. Felicitamo-los a eles em primeiro lugar e também a nós, como Africanos.

Em nome do Povo Angolano e dos seus militantes, o MPLA saúda fraternalmente todos os Dignísimos Delegados aqui reunidos.

O MPLA está mais uma vez diante do Comité dos Nove não para requerer ajuda material (apesar do seu direito a essa ajuda) nem para solicitar os vossos esforços na unificação das organizações nacionalistas angolanas. O MPLA está aqui para reclamar um direito que, sob recomendação do Comité dos Nove, a Organização de Unidade Africana nos negou: O NOSSO DIREITO DE ACTUAR EM TODOS OS PAÍSES AFRICANOS PARA A INDEPENDÊNCIA DO NOSSO PAÍS.

O MPLA está seguro de que a realidade revelada nestes últimos dez meses ajudou a compreender a razão pela qual o MPLA questionou e ainda questiona as precipitadas recomendações sobre Angola feitas por este Comité em Dakar, após as suas parciais conclusões, e as conclusões ainda mais precipitadas da Comissão enviada a Léopoldville numa missão de bons ofícios entre as organizações nacionalistas Angolanas.

O MPLA foi capaz de vencer as barreiras erguidas por forças não Angolanas exactamente por causa do apoio das suas massas e do trabalho realizado, a despeito da falta de meios. As recomendações de Dakar contribuíram para agravar a situação, uma vez que foram usadas como pretexto para fechar a nossa representação em Léopoldville e 27 dispensários do CVAAR (Corpo Voluntário Angolano de Assistência aos Refugiados) no Congo e para dificultar a nossa actividade noutros países.

Durante esse tempo, o MPLA não se afastou nem da sua política nem dos seus princípios orgulhosamente anti-colonialistas e anti-imperialistas. Continua convencido do facto de que A LIBERTAÇÃO DE ANGOLA É EM PRIMEIRO LUGAR UM ASSUNTO DOS PRÓPRIOS ANGOLANOS, QUE NÃO TÊM DE PEDIR PERMISSÃO A QUEM QUER QUE SEJA PARA CUMPRIR O SEU SAGRADO DIREITO (QUE É TAMBÉM O SEU DEVER) DE LUTAR ATÉ AO FIM PELA LIBERTAÇÃO DO SEU PAÍS.

Dez meses decorreram desde as infelizes recomendações de Dakar e a posição do MPLA no interior de Angola nunca foi posta em causa por esta confusão, no exterior, sobre a questão angolana.

A nossa actividade armada, embora efectiva, não se desenvolveu normalmente apenas porque nós acreditámos então na vigilância e solidariedade dos nossos irmãos que falharam exactamente no momento necessário. Sozinho mas forte com o apoio popular, o MPLA já refez quase todas as suas bases, abaladas pelas manobras do último ano. O próprio Povo Angolano está a recuperar a auto-confiança.

O MPLA orgulha-se de convidar este Comité a ver de imediato a tarefa de organização e mobilização que foi levada a cabo. O MPLA assume a responsabilidade de os levar a percorrer algumas centenas de quilómetros no interior do nosso país sob a protecção dos nossos guerrilheiros.

Os guerrilheiros do MPLA realizaram uma grande tarefa de organização enquanto o material de guerra de que a nossa organização dispõe em quantidade suficiente está bloqueado em alguns países Africanos, que estão a respeitar fielmente as decisões negativas deste Comité dos Nove, cujo efeito é atrasar a nossa luta de libertação.

Mais de 2000 membros do MPLA estiveram presentes na última Assembleia de uma zona de Angola. Estiveram ali reunidos representantes de várias regiões e dois líderes enviados do exterior de Angola. O apoio ao MPLA pode encontrar-se em todas as camadas sociais: agricultores, funcionários públicos, intelectuais, juventude – e todos juntos estão a fazer avançar a organização, tanto nas cidades como no campo.

Estamos satisfeitos com os resultados deste encontro de membros do MPLA. Alguns dos nossos membros tinham ficado desesperados com a violência do trauma causado pela decisão de Dakar e a agressiva actividade de alguns países contra o MPLA.

À excepção duma dúzia de membros definitivamente expulsos da nossa organização, todos os outros voltaram ou estão em vias disso. Mais ainda, membros de outras organizações Angolanas foram admitidos ou pediram para ser admitidos no MPLA.

O MPLA lamenta profundamente o facto de o Secretário deste Comité, estando recentemente no Congo para obter informações sobre Angola, não tenha feito esforços suficientes para nos contactar. Dessa forma, ele demonstrou uma vez mais a parcialidade deste Comité no que respeita à questão angolana.

Acima de tudo, pensamos que os princípios que levaram à formação do Comité dos Nove requerem a participação de um delegado da República do Congo Brazzaville. Aproveitamos esta ocasião para sugerir este ponto, esperando que os Digníssimos Delegados o tomem em consideração.

Mas vejamos rapidamente como as próprias autoridades do Congo Léopoldville estão agora a ver os resultados das infelizes recomendações do Comité dos Nove, depois de a Comissão de Reconciliação ter estado em Léopoldville. Nós fornecemos ao Secretariado deste Comité documentos que comprovam o que aqui estamos a relatar.

No passado mês de Novembro de 1963, o Primeiro-ministro Congolês pediu ao Presidente da província do Kwango para pôr fim às actividades do MPLA ali, de acordo com as decisões de Dakar. O Presidente respondeu: “Antes de suspender as actividades deste Movimento no território do Kwango e na República do Congo, seria de boa política substituir a sua organização de assistência social e médica. O MPLA realizou uma grande tarefa de assistência no seio dos refugiados Angolanos na província do

Kwango. Abriu dispensários, forneceu roupas e alimentos aos seus compatriotas que deles necessitavam. A organização de Holden Roberto nunca fez tal trabalho, apesar da sua presença continuada nesta província.”

A 14 de Dezembro de 1963, o Sr. Moanda Vidal, presidente da província do Congo Central, enviou uma carta ao pretense “governo angolano” com cópias ao Primeiro-ministro Congolês e ao Ministro do Interior do Governo Central dizendo: “O comportamento dos combatentes Angolanos está a irritar os Congolezes que voluntariamente deram refúgio aos seus irmãos Angolanos. De facto, soldados Angolanos cometendo assassinatos nas aldeias fronteiriças forçam os aldeões a abandonar as suas terras. Isto está a acontecer no Território de Tshela e Songololo. Alguns chefes de sector e de grupo estão a queixar-se dos actos de alguns soldados Angolanos e de alguns membros do seu “governo”. Alguns membros do seu “governo”, como o Sr. Alexandre Taty, estão a dar ordens aos nossos Chefes de Sector sem passarem pelas autoridades provinciais.

Por causa destas acções, fui forçado a tomar algumas medidas iniciais para a segurança do meu povo. Espero que depois desta carta o comportamento dos soldados Angolanos melhore.”

No passado mês de Novembro de 1963, o Sr. Vital Ndundu, Agente Territorial para Ngombe-Matadi, enviou as seguintes notícias ao Ministro do Interior da província do Congo Central: “Permita-me incluir o relatório oficial sobre os incidentes de 3ª feira, 19 de Novembro de 1963, no campo de treino militar do exército Nacional de Libertação em Kinkuzu, na minha área.

Como se pode ler no relatório, esses incidentes causaram a morte do soldado Miguel da Silva quando este tentava fugir do campo. Penso que a causa do motim em si foi o facto de alguns oficiais do campo terem enterrado a vítima em segredo e a notícia se ter espalhado pelo campo algumas horas mais tarde.

Entre aqueles soldados há ainda uma falta de formação militar adequada, o que se traduz numa notória imprudência em guardarem consigo as armas e numa insuficiente disciplina militar.

O povo da minha região está assustado com este facto e pediu-me para intervir junto das autoridades Angolanas para resolverem esta situação o mais rápido possível.”

A 5 de Outubro de 1963, o chefe da Alfândega de Luali disse ao Ministro responsável pelas Relações Interprovinciais da província do Congo Central que os Congolezes queriam que “os refugiados Angolanos se retirassem das aldeias fronteiriças porque eles constituem ali um perigo sério. Os homens do “grae” circulam com os seus uniformes e armas pelas aldeias. Começaram até a aterrorizar os Congolezes. Em Luali os homens da UPA estabeleceram uma prisão para manter e torturar os pretos apanhados nas suas incursões nocturnas em Cabinda. A estes infelizes exigem que paguem um tributo de pelo menos ‘cem escudos’ (cerca de 35 dólares). No caso de eles não conseguirem o dinheiro e a fim de escapar à justiça congoleza, os homens da UPA fuzilam os seus prisioneiros à noite, no mato.

Os nacionalistas angolanos da UPA fazem os seus exercícios militares na margem do rio, à vista da tropa portuguesa. Isso também é um perigo para os Congolezes desta zona.”

“O Sr. Vumi, membro da UPA, tinha organizado um tribunal militar na aldeia de Mongo para julgar e matar, à noite, os Angolanos que não se entregassem ao partido UPA.”

A 5 de Outubro de 1963, o administrador de Kimpese afirmava ao Ministro responsável pelas Relações Interprovinciais da província do Congo Central: “Os 60.000 Angolanos refugiados espalharam-se pelo território quando aqui chegaram, sem tomar em consideração a sua filiação política. Contudo, alguns deles escolheram a floresta para poderem caçar.

No início, refugiados de diferentes tendências políticas não hesitavam em recorrer às medidas e meios mais extremos para liquidar os seus opositores políticos. Convém salientar que os membros da UPA (...) se distinguiram por massacres hediondos de membros dos outros partidos políticos angolanos.”

A 30 de Dezembro de 1963 o administrador de Tshela, Sr. Manbwana Plocqua, numa carta dirigida ao Ministro do Interior da província do Congo Central, fez considerações sobre o terrorismo levado a cabo pelos homens da UPA.

Para informação deste Comité, segue-se a actividade repressiva desencadeada contra compatriotas nossos após a Conferência de Dakar:

Em Novembro de 1963, os líderes do MPLA Daniel Chipenda e António Condessa foram presos, por dois meses, pela simples razão de pertencerem ao MPLA. Ficaram detidos na prisão de Ndolo, em Léopoldville.

Ao longo da fronteira Congo-Angola dezenas e dezenas de membros do MPLA passaram pelas prisões congoleas a pedido do pretenso “governo angolano”, ansioso por eliminar pela violência todos os que não apoiam a UPA. Além disso, esse mesmo estratagema é usado para matar milhares e milhares de compatriotas no interior do país e para levar a cabo uma luta fratricida que tem sido sempre denunciada pelo MPLA.

No preciso momento em que este encontro se está a realizar aqui, três membros do MPLA estão na prisão. Foram presos há três meses apenas por causa das suas actividades nacionalistas no nosso Movimento.

Uma ordem de prisão para o Presidente do MPLA e outros líderes foi emitida em Léopoldville desde o passado mês de Novembro de 1963.

Mas este ódio difícil de entender contra os verdadeiros patriotas Angolanos e contra aqueles que estão a favor do desenvolvimento da luta de libertação manifesta-se mesmo nas fileiras da FNLA, onde alguns membros são perseguidos: o Sr. Jonas Savimbi, “ministro dos negócios estrangeiros” do pretenso “governo angolano” assinou uma resolução, adoptada unanimemente num Seminário dos estudantes Angolanos em Genebra, onde 52 estudantes universitários proclamaram a necessidade urgente da unidade de todas as organizações nacionalistas. No regresso dele a Léopoldville, passaram uma busca à sua casa e o seu passaporte foi confiscado.

Em Março passado, o Sr. Emmanuel Kounzika, Vice-Presidente do PDA e Vice Primeiro-Ministro do pretenso “governo”, escreveu-nos sobre o seu desejo de ver o PDA e o MPLA unidos. Fotocópias da sua carta estão à disposição deste Comité, se necessário. Então, houve uma busca nos escritórios do PDA. Toda a gente sabe que o PDA não tomou parte nas celebrações do último 21 de Março em Léopoldville,

uma estranha data escolhida para comemorar o desencadear da insurreição. O PDA boicotou-as para mostrar o seu desacordo com a política divisionista do seu parceiro.

O único médico Angolano a trabalhar com a FNLA em Léopoldville, o Dr. José Lياهوca, foi perseguido e a sua casa foi revistada, por ele ser a favor da unidade com o MPLA e por acolher em sua casa alguns compatriotas que não concordam com a política da FNLA.

Os Srs. Pascal Luvualu e Bernard Dombele, respectivamente Secretário-geral e Secretário para as Relações Exteriores da União Nacional dos Trabalhadores Angolanos (UNTA), foram detidos em Léopoldville em Fevereiro último, após um Congresso dos sindicalistas Angolanos cujas resoluções invocavam a necessidade urgente de unidade de todas as organizações nacionalistas.

Cinquenta compatriotas nossos que se evadiram do campo de treino militar de Kinkuzu em Março último, após exigirem aos líderes da sua organização a unidade, foram detidos e mantidos na prisão de Makala em Léopoldville.

Um grupo de 180 pessoas do sul de Angola levados do Katanga para ao campo de Kinkuzu, queriam juntar-se ao MPLA que era de facto a sua organização. Por causa disso, 48 deles foram detidos em Thysville e 26 foram detidos em Léopoldville. Três combatentes da liberdade deste último grupo morreram na prisão de Ndolo por causa da violência que ali sofreram.

E assim sucessivamente...

O MPLA espera que estes factos antipatrióticos, publicamente conhecidos, não deixarão de ser mencionados nos relatórios honestos sobre a situação da luta angolana.

A incapacidade da FNLA em congregar os combatentes da liberdade, a sua falta de organização, o seu tribalismo e sectarismo, causam deserções nas suas fileiras, sem mencionar o facto de que a luta ultimamente se encontra parada.

Assim, 15 comandantes de grupos de guerrilha e 2 sindicalistas entraram para a nossa organização. No interior do país, onde os combatentes da liberdade se perguntam se a política da FNLA pode realmente ajudar à independência, a mobilização do MPLA está a tornar-se cada vez mais fácil e mais entusiástica.

Entre os refugiados no Congo, pode-se ler a impressão de alguma simpatia por uma FNLA que fez cair o nível da luta armada para zero, apesar de toda a ajuda, em dinheiro e em armas, recebida como resultado das decisões de Dakar, mas isso deve-se aos métodos repressivos usados por ela sobre os refugiados.

Nestes últimos meses, mais de 200 combatentes da liberdade fugiram do campo de Kinkuzu.

Como antes já foi mencionado, o Sr. Emmanuel Kounzika, Vice-Presidente do PDA e Vice Primeiro-Ministro do pretenso “governo”, pediu para unir-se ao MPLA.

Cinco membros da FNLA, entre os quais dois “ministros” enviaram-nos ultimamente dois mensageiros, pedindo para se juntarem ao MPLA. São eles Jonas Savimbi, Dr. José Lياهوca, Jorge Valentim, Alexandre Taty e Florentino Duarte.

Vários estudantes na Europa abandonaram a FNLA.

Apenas a protecção deliberadamente dada à FNLA pelo Comité dos Nove está a impedir o esclarecimento duma situação cujos principais elementos são a fraqueza da

luta armada e o bloqueio aos meios de combate do MPLA, meios que o Povo Angolano deveria usar contra o colonialismo português.

De facto, apesar da propaganda mentirosa anunciando um certo número de derrube de aviões portugueses, batalhas contínuas e milhares de homens armados, neste preciso momento os Portugueses ainda estão a trazer as suas forças armadas da Guiné e, ultimamente, mais de 15.000 compatriotas foram forçados a procurar refúgio no Congo. Portanto, a atitude do Comité dos Nove infelizmente só ajudou os Portugueses.

Seja qual for a guerra lançada contra o MPLA, o próprio Povo Angolano tem a última palavra sobre os princípios, as organizações políticas e as formas de luta que levará a cabo pela sua independência. O Povo Angolano rejeitará estas manobras que visam mergulhar-nos num sangrento neocolonialismo.

A atitude do Comité dos Nove recomendando aos países Africanos para não ajudarem as actividades do MPLA pela libertação do nosso país é um atentado contra todo o movimento nacionalista angolano. O Comité dos Nove foi além das suas atribuições ao levar a cabo uma inadmissível interferência nos assuntos internos do nacionalismo angolano. Compete-nos a nós, Angolanos, resolver os nossos problemas internos.

O MPLA aceitaria uma decisão do Comité dos Nove para ajudar materialmente apenas uma organização nacionalista, de acordo com as decisões dos Chefes de Estado Africanos em Addis Abeba. Mas com que direito o Comité dos Nove quis o desmantelamento, com que direito o Comité perseguiu e caluniou a organização de massas Angolana mais radical contra o colonialismo e o imperialismo? Com que direito o Comité dos Nove, em nome da sagrada Unidade Africana, exigiu aos países africanos que bloqueassem o material de guerra do MPLA e que impedissem a actividade política do MPLA?

Com estas medidas, o Comité dos Nove travou o movimento de libertação de Angola e o resultado está à vista. Ele favorece a tentativa, prevista por algumas pessoas, de pôr fim ao nosso problema através de prematuras negociações com Portugal, o que esvaziaria o conteúdo da nossa luta e nos levaria para uma situação neocolonial.

Os problemas da África de hoje estão essencialmente ligados ao neocolonialismo. E não se pode ser realista e estar verdadeiramente empenhado na libertação dos países Africanos quando se combate o colonialismo clássico e, ao mesmo tempo, se promove o imperialismo. No fundo, esta é a questão principal do problema angolano.

Apesar da actividade dos interesses opostos a África e que estão a tentar destruir-nos, o MPLA continua forte, reforçado tanto no interior como no exterior do nosso país, e profundamente empenhado no destino de Angola e do Continente Africano.

No Memorando apresentado aos Ministros das Relações Exteriores da OUA, em Lagos, e ao Secretariado do Comité dos Nove, a natureza dos obstáculos erguidos contra o MPLA foi claramente explicada, assim como as enormes possibilidades de este aumentar as suas forças políticas e militares.

As forças políticas e militares do MPLA – as mais representativas do nacionalismo angolano e a sua capacidade já provada de organização – são os elementos mais essenciais a tomar em consideração na luta pela independência de Angola.

A Conferência dos Ministros das Relações Exteriores da OUA realizada em Lagos em Fevereiro último, passou em revista o problema angolano e recomendou que não se

levantassem dificuldades às organizações nacionalistas. Esta sábia recomendação vai ao encontro das mais urgentes necessidades da nossa luta.

PORTANTO e em resumo, o MPLA coloca desta forma o ponto fundamental da sua petição: LIBERDADE DE ACCÇÃO PARA O MPLA.

Por outras palavras e concretamente, o MPLA solicita ao Comité dos Nove:

a) Recomendar a todos os Governos dos Estados Africanos, especialmente aos que fazem fronteira com Angola, que garantam a liberdade de acção (de acordo com as leis de cada país) para todas as organizações nacionalistas angolanas, sem qualquer discriminação contra o MPLA.

b) Fazer todos os esforços para que sejam postas em prática e extensíveis ao MPLA as decisões dos Chefes de Estado Africanos sobre a concessão de todo o género de facilidades e meios para acelerar a luta, como campos de treino, liberdade de trânsito tanto para os combatentes da liberdade como para o seu equipamento de guerra, bem como a isenção de impostos para o material destinado à luta de libertação.

O MPLA está convencido de que o Comité dos Nove não falhará na sua grandiosa missão e de que com a sua cooperação a luta de libertação angolana em breve avançará como deve, após quase quatro anos de uma resistência heróica ao mais bárbaro dos colonialismos – o colonialismo português.

Muito obrigado, Senhor Presidente.

Dar-es-Salam, 3 de Junho de 1964

Ordem de Trabalhos e Comunicado da Reunião da CNA (UGEAN)

[policopiada]

REUNIÃO DA COMISSÃO NACIONAL DE ANGOLA
realizada em Praga (Checoslováquia) de 2 a 4 de Junho de 1964

ORDEM DO DIA

1. MENSAGEM DO COMITÉ EXECUTIVO
2. SITUAÇÃO POLÍTICA E SOCIAL DE ANGOLA
 - a) Entrada do Viriato da Cruz na FNLA e suas implicações
 - b) Estudo da situação dos Refugiados Angolanos no Congo
3. SITUAÇÃO GERAL DA UGEAN
 - a) Plano político
 - b) Plano económico
4. SITUAÇÃO GERAL DOS ESTUDANTES

- a) Inquérito sobre o comportamento moral e político de certos estudantes angolanos, residentes em Paris e Praga
 - b) Situação dos estudantes candidatos de bolsas de estudo
 - c) Estudo do pedido de demissão de Loy de Figueiredo, membro da Comissão Nacional de Angola
 - d) Situação dos estudantes Costa Andrade e Lima de Azevedo, vítimas da repressão do governo brasileiro actual
5. O PROBLEMA DA UNIDADE DOS ESTUDANTES ANGOLANOS
- a) Seminário de Genève e suas implicações

COMUNICADO FINAL

A COMISSÃO NACIONAL DE ANGOLA, que representa os estudantes angolanos no seio da UGEAN, reunida em Praga (Checoslováquia), de 2 a 4 de Junho de 1964,

Após uma análise profunda e objectiva do fenómeno colonial e constatação dum redobramento do esforço das potências imperialistas em aliança com os colonialistas portugueses, para perpetuar o crime colonial, sob novas formas de exploração para impedir que as massas Africanas tomem em mão o seu destino;

Após uma análise dos métodos imperialistas, comandados pelos Estados Unidos, utilizados no sentido de estender a sua dominação através da corrupção, da chamada ajuda económica e técnica, tais como, Corpos de Paz, Missões Culturais, Institutos de Investigação e outros;

Após uma análise detalhada do balanço trágico de quinhentos anos de presença portuguesa em África, de exploração económica, de banditismo, de pilhagem sistemática das riquezas nacionais, trabalho forçado, escravatura clássica, em especial a venda de trabalhadores aos agricultores e companhias europeias;

CONSIDERANDO a política de genocídio e de guerra de exterminação perpetradas contra o Povo Angolano, guerras estas que causaram, no passado, a dizimação de grande parte das populações nativas, e que no presente causaram a morte de mais de 100.000 patriotas;

CONSIDERANDO a política que consiste em utilizar as diferenças étnicas, religiosas e linguísticas para dividir e enfraquecer as forças revolucionárias e sufocar a consciência nacional;

CONSIDERANDO, as exacções inqualificáveis da PIDE, a Gestapo portuguesa, as deportações, as execuções sumárias e tudo o que forma o aparelho de repressão selvagem levada a efeito contra o Povo Angolano;

CONSIDERANDO as condições de vida desumanas a que está sujeito a nosso Povo;

CONSIDERANDO que o Povo Angolano opôs sempre uma forte resistência à infiltração colonialista e que se propõe, de uma maneira organizada, opor uma resistência revolucionária às manobras encetadas pelos inimigos do nosso Povo;

CONSIDERANDO que as recomendações do Comité de Conciliação da Organização da Unidade Africana (OUA), criado em Dar-es-Salam, em nada contribuíram para a realização da unidade das forças nacionalistas angolanas;

CONSIDERANDO a vontade inabalável das massas populares angolanas de imporem uma Unidade de acção na luta de libertação nacional;

CONSIDERANDO que a divisão dos movimentos nacionalistas representa um grande entrave a uma intensificação da luta armada, condição indispensável para uma luta consequente contra o colonialismo português e seus lacaios;

CONSIDERANDO que à FNLA foram concedidas todas as condições necessárias à intensificação da luta de libertação nacional;

CONSIDERANDO que a FNLA, na sua tentativa desesperada de escamotear a unidade de acção imposta pelas massas populares, tenta, pela via pacífica de negociação, dar uma solução neocolonialista à Independência do Povo Angolano;

CONSIDERANDO que a UGEAN é uma frente estudantil revolucionária dos países africanos sob dominação colonial portuguesa;

CONSIDERANDO que a crise observada no seio dos movimentos de libertação nacional angolanos teve uma forte repercussão junto dos estudantes;

CONSIDERANDO que os estudantes angolanos se devem impor como vanguarda na luta de libertação nacional;

CONSIDERANDO que a participação activa dos estudantes no processo revolucionário deve ser concebida no quadro de uma larga frente estudantil;

CONSIDERANDO que uma larga campanha de explicação e de informação deve ser feita junto de todos os estudantes angolanos no sentido de dinamizar o potencial revolucionário existente;

CONSIDERANDO que o exclusivismo e o sectarismo revolucionário em nada beneficia a grande massa estudantil angolana;

A COMISSÃO NACIONAL DE ANGOLA, reunida em Praga, de 2 a 4 de Junho de 1964,

– DENUNCIA o colonialismo português como sistema retrógrado decididamente contrário aos interesses do Povo Angolano;

– DENUNCIA a coalizão imperialista internacional tendente a manter a exploração dos povos africanos;

– DENUNCIA o bloco agressivo da OTAN que tem sustentado os fascistas portugueses na guerra de extermínio perpetrada contra o Povo Angolano;

– INCLINA-SE respeitosamente diante dos patriotas caídos em combate pela libertação de Angola;

– EXALTA a consciência revolucionária das massas populares angolanas;

- PROCLAMA que só uma luta revolucionária, organizada e unificada, poderá vencer o exército colonial português e seus aliados;
- EXIGE a realização de um Congresso de todas as forças válidas do nacionalismo angolano, para que, após uma confrontação honesta, se realize uma Frente Única de combate sob bases revolucionárias, respondendo assim ao apelo das massas populares de Angola;
- DENUNCIA a incapacidade da FNLA em conduzir o aparelho revolucionário angolano;
- DENUNCIA o oportunismo político da FNLA na sua manobra de diversão, sobre uma solução real do problema da UNIDADE;
- FAZ APELO ao Governo do Congo (Léopoldville), para que seja reaberto o dispensário do Corpo Voluntário Angolano de Assistência aos Refugiados (CVAAR);
- FAZ APELO aos médicos angolanos no sentido de darem uma ajuda directa aos milhares de refugiados angolanos;
- APOIA as resoluções inseridas no Comunicado Final do 1º Seminário dos Estudantes Angolanos realizado em Geneve e reafirma a sua vontade de prosseguir os seus esforços no sentido de unificar o movimento estudantil angolano, em verdadeiras bases revolucionárias.

A COMISSÃO NACIONAL DE ANGOLA

Relatório de Cadete com lista de nomes

[dactilografado – em 2ª via]

RELATÓRIO

Dia vinte e um do mês findo, fui à Léopoldville levando dinheiro para alimentação dos camaradas residentes naquela cidade e ao mesmo tempo encontrar-me com a família que vinha de Bas-Congo para lhe dar instruções acerca dos conflitos que se desenrolam na mesma cidade. Dia seguinte, cerca das seis horas e quarenta minutos, os camaradas Job e Arsénio pediram-me dinheiro de passagens para o seu regresso à Brazzaville, tendo sido presos alguns minutos depois pelas autoridades da Sûreté National junto do do Porto Fima, por simples facto dos nossos camaradas não serem portadores de laissez passers, e serem portadores de alguns documentos políticos, cuja sua origem os camaradas responsáveis desconhecem. Camarada Arsénio era portador dum relatório feito pelo camarada Benedito, no qual narra os acontecimentos da morte do camarada Manuel Carnoth. Conduzidos no edifício da Sûreté National sito na avenida Tombeur de Tabora, foram visitados pelo camarada Benedito acompanhado pelo camarada Salvador para este último fazer um pedido nos agentes da dita Sûreté National Congolese, para soltura dos nossos camaradas. Os tais agentes responderam ao Salvador que os vossos irmãos eram

portadores de documentos políticos contra o Chefe do Governo Angolano no Exílio que eles reconheceram como o único representante do Povo Angolano. Que iriam perguntar ao Holden Roberto, o destino a dar aos prisioneiros. Como tivessem sido interrogados aonde moravam e responderam que era na casa do camarada Lourenço Ferreira, o camarada Benedito teve de dar uma saltada à casa para esconder os documentos do Movimento que se encontravam às vistas, na residência do camarada Ferreira. Voltando novamente na Sûreté para saber da decisão dada pelo Holden, já não os encontrou, tendo sido transportados para uma outra cadeia. No dia seguinte vinte e três, Benedito e eu saímos à procura dos mesmos em várias cadeia e fomos informados pela referida Sûreté que nossos camaradas se encontravam sob o controle dos Para-Comandos, visto que se tratava de elementos cujo assunto é da competência dos militares. Comunicámos o acontecimento ao camarada Traça, o qual deslocou-se até ao Binza, infelizmente esteve mal informado e não chegou ao Binza dos Para-Comandos. Três dias depois, o camarada Frederico nos informou que tinha sido chamado pelo senhor Gourgel perguntando-lhe sobre as suas actividades junto do Movimento Popular de Libertação de Angola. Frederico responde que nunca esteve com elementos do MPLA e por isso desconhece suas actividades. Depois o Gourgel acrescentou que nós da UPA, temos montado uma grande espionagem a qual nos informa tudo que se passa ocultamente. Que Frederico tinha sido incumbido duma grande missão de sabotagem ao nosso Bureau e seguir para Angola em companhia dum grupo militar do MPLA. E por último, Gourgel puxava pela fotografia que foi apreendida juntamente [com] certos documentos que camarada Arsénio era portador. Na fotografia figurava os seguintes camaradas: Azevedo, Joaquina, Frederico e Arsénio. Gourgel apontando para Arsénio dizia que já estava fuzilado pelas autoridades militares do Governo congolês, porque este rapaz levava alguns documentos muito comprometedores. E aconselhou ao Frederico que andasse pouco, que o Sr. Holden estava à sua procura e com desejo de lhe mandar enforcar. Que não tentasse seguir para Angola, visto que ordem de fuzilamento para sua pessoa já tinha sido enviada para os Quartéis em Angola. Esta notícia nos tinha preocupado bastante e dia vinte [e] quatro andámos de cadeia a cadeia à procura dos referidos camaradas porque até aquela data era desconhecido o paradeiro do Arsénio e Job. Só na sexta-feira passada que recebemos um bilhete do camarada Arsénio vindo do Binza, informando que suas vidas eram ameaçadas, que têm sido torturados e mal alimentados. No Sábado, camarada Benedito nomeou dois camaradas encarregados de levar comida e uns trezentos francos para camaradas no Binza. Chegados no Binza os para-Comandos interrogaram nossos companheiros o que os levava ali e disseram-lhes que vinham em visita de seus camaradas presos há já algumas semanas. Um dos Para-Comandos desloca-se para cadeia perguntar os nomes dos dois camaradas e de caminho encontra-se com um outro para-Comando que determina castigar aos nossos camaradas portadores. Foram barbaramente castigados e mandados regressar para casa. Camarada José Gomes, um dos portadores do Binza trazia as costas quase arrebatadas com chicotes e cara inflamada. Não chegaram de ver os camaradas prisioneiros. Na altura estivemos com o camarada Gentil Traça e o qual comprometeu ir ao Binza tentar comprá-los, ontem dia oito ou hoje nove do corrente. Os camaradas presos em Makala deixaram de receber comida depois do dia que se fez explodir algumas cargas de plástico junto da cadeia.

Dia 25 de Maio fui a Lukala por ter recebido carta da família, informando que gozava pouca saúde. Estive com camarada Sebastião Pakato o qual encarregou-me informar a Direcção do MPLA sobre a demora do seu regresso a Brazzaville. Disse que depois de estar em Lukala, dias depois recebeu carta de seu pai e mulher informando que estavam prontos a refugiarem-se para o Congo. Pakato é portador duma casita de dois quartos construída antes da sua partida para o Estrangeiro. Em face da carta conforme me disse resolveu aumentar mais um quarto. Só depois da vinda da sua família a Angola é que regressará a Brazzaville. Que continua firme. Que tem sido interrogado por vários membros nossos o dia do seu regresso à Brazzaville e ele responde que sua missão de serviço ainda não acabou.

Tive uma reunião com certos membros da área da Damba e Trinta e Um de Janeiro, que depois de lhes ter explicado sobre a situação e existência do Movimento e respondido suas perguntas, disseram que transmitisse cumprimentos ao Comité Director e que eles sentem-se tão solidários do MPLA como dantes. Que o Governo de Holden eles o reconhecem como um governo do Congo. Que Angola ainda não chegou na altura de formar um Governo. Perguntei-lhe sobre a existência dum partido denominado Cuna, eles me responderam que em Lukala existe algumas actividades desse partido e que os membros filiados nesse partido, que outrora eram membros fervorosos da UPA e que eram seus inimigos, agora já se falam connosco. Que desmentem a existência dum Governo Revolucionário de Angola. Pediram que o Comité Director não lhes esqueça de vez em quando enviar alguns comunicados. Ainda em Lukala, encontrei-me com dois camaradas vindos recentemente de Angola, naturais do Sul que assistiram os massacres do Norte de Angola por parte da gente da UPA. Disseram-me que gente do Sul e outras regiões têm sofrido muitas barbaridades até esta data. Que eles eram trabalhadores duma Fazenda Agrícola no Norte de Angola um grupo de cerca de 250 homens. Eles são únicos sobreviventes do grupo de 250 homens, mortos pelos homens da UPA. Que suas famílias ficaram em Nambuangongo e que vieram conhecer os caminhos e comprar alguns tecidos porque a família encontra-se nua. Que não podem viver junto da família, enquanto é dia porque as suas mulheres andam nus em piloto [sic]. Chegadas a Lukala apresentaram-se à Secção da UPA e o presidente lhes tem obrigado seguirem para Base a fim de um estágio de três meses. Os homens nunca aceitaram esta proposta e anseiam vir até Léopoldville conhecer o chamado Governo e tentar falar com o camarada Daniel Júlio Chipenda seu conhecido.

Encontrei com a família do camarada Domingos da Costa preso em Tysville. Nesse dia encontrei a família do tal Domingos ter enviado um portador a Tysville, a fim de atender uma chamada do camarada Domingos. Mas como a cadeia do Tysville também tinha sido platicada [sic] e descobertos os explosivos, proibiram a visita aos prisioneiros em dias de semana. O portador também voltou sem falar com o Domingos, ficando para ir novamente no domingo, dia 31 de Maio.

Dia vinte e nove regresssei à Léopoldville, para aproveitar passar a Brazzaville, conforme anúncio feito pelo Governo Congolês à Rádio. Mas como o comboio só chega a Matete, não foi possível apanhar o barco no qual vinham os camaradas Condessa e finado Cirilo. Cerca das vinte horas tivemos notícias pela Rádio Brazzaville da morte

do camarada Cirilo. No dia seguinte estive com o sobrinho do finado de nome Dele, andando de baixo para cima e com [o] camarada Ramos junto das autoridades fluviais e administrativas do Congo-Léo, no sentido de procurar o cadáver do Cirilo. Três dias depois foi apanhado junto do porto de Léo um cadáver e nos foi comunicado que era o corpo do nosso camarada. Fomos a casa mortuária e verificámos que era um outro cadáver vindo do Alto Congo. Na quarta-feira passada a família do finado deu missa e no sábado [a] camarada Antónia deu uma outra. [A] Oma dará outra missa na próxima semana e a última será a do Movimento. Na Quarta-feira tivemos uma entrevista com o camarada Milton, do Gwizako o qual no informou que no começo do mês de Maio foi enviada uma delegação composta por elementos de Gwizako e Ntobako ao Chefe de Estado Joseph Kasavubu, pedindo uma revisão do problema Angolano. Kasavubu respondeu aos camaradas que ele não reconheceu o Governo de Holden e nunca mesmo reconhecerá. Que a lei fundamental da sua República dava toda a autoridade ao Primeiro-Ministro e ao Presidente só tomava conhecimento dos assuntos tratados no Conselho Ministerial. Que aguardassem até ao fim do mês de Junho que a situação do Congo mudava. Que ele fará tudo para que os partidos mandados fechar pela ordem do Primeiro-Ministro voltariam a Léo, principalmente o MPLA. Que depois ele Kasavubu irá de obrigar a Holden entender-se com os dirigentes do MPLA e de outros partidos a fazer o Congresso e se ele recusar como dantes fechar-se-á o seu Bureau. Que o problema de Angola, disse o camarada Milton, atrasou porque eles os imigrados e quase 60 por cento nunca pisaram o solo pátrio é que querem governar a Angola deixando à margem os angolanos que conhecem os problemas de perto. Falámos sobre a ideia dum Congresso e ele disse que faria todos os possíveis de reunir os outros partidos filiados no FDLA para escreverem ao Comité Director sobre o que pensam sobre o Congresso. Dei-lhe a Direcção do camarada Câmara Pires em Paris, conforme recomendação do Comité Director. Também tivemos uma entrevista com os representantes do Cuna na pessoa do seu Vice-Presidente Pedro de Oliveira Dambi e João Cochi. Camarada Lengue tomou a palavra dizendo que os partidos de angolanos refugiados filiados no FDLA devem fazer uma reunião preparatória para atacar a UNTA membro do FDLA, porque os seus dirigentes estão ajudando o PDA em roupa e medicamentos. Que [a] UNTA está se desviando do caminho do FDLA. Que Pascal Luvualu e Dombele Bernardo vão algumas vezes no Bureau da UPA. Desconhece-se a finalidade dos contactos com os representantes do Governo de Holden e do auxílio que eles dão ao PDA.

Na quinta-feira tivemos uma entrevista com camarada Savimbi, num hotel perto da embaixada dos Estados Unidos da América. Como o meu regresso estava previsto às dez horas, hora que a entrevista teria lugar, despedi-me do camarada Savimbi e ele me incumbiu transmitir aos camaradas Chipenda, Deolinda e Melo que podem contar e que era brevemente. Que sua posição é certa e não poderá recuar para trás. Como o barco não partia segundo me foi informado pela Sûreté National, dirigi-me ao local da entrevista e ainda os encontrei embora já bastante adiantados. Perguntámos ao camarada Savimbi se ainda tinha consigo a pasta dos Negócios Estrangeiros e se de facto tinha escapado um tiro de pistola no domingo passado na pessoa do Holden Roberto. Disse-nos que a Pasta se encontrava consigo, e que era mentira o boato que ele tinha escapado apanhar

tiro. Que existe muitas divergências entre ele e Holden. Que o Conselho Ministerial do Governo é um club autêntico do sr. Holden. Que Holden Roberto fez uma carta à Sûreté National Congolosa, proibindo a saída de Savimbi e de mais outros angolanos para fora do território Congolês. Que ele pensa em dar um golpe político ao Holden antes do dia 17 de Julho data da Conferência dos Chefes de Estado de África. Perguntámos qual seria a finalidade do golpe que pretende dar e porquê e disse-nos que ele já assistiu muitos massacres de angolanos feitos pela UPA e não pode continuar assistir de braços cruzados. Dos massacres que assistiu referiu-se a dos dois grupos Ferreira e do Loge e terminou por João Baptista e de vários outros angolanos. Perguntámos se estava previsto um novo massacre e disse-nos que era o grupo dos Matias Miguéis. Acrescentou dizendo que ele conversou com o Holden e sabe de fonte segura que o dia que aqueles desgraçados do grupo Viriato tentar entrar em Angola, serão exterminados. Que ele anda bastante admirado com os homens do Matias Miguéis, vindos do MPLA, partido progressista e guerreira contra Savimbi. Que Matias numa reunião disse que à Revolução angolana é indispensável a pessoa do Holden Roberto. Savimbi preocupa-se com a saída para o Brazzaville da família do camarada Liauca. Pede garantias ao Comité Director e medidas para sua saída de Léo dele e seus companheiros. Disse-nos ainda que Holden não estava interessado em fazer revolução. E que aos seus Chefes americanos interessam que a luta de Angola seja feita pelo um grupo de pessoas para poderem dominar.

Ele não nos deu nenhuma lista dos seus companheiros que pretendem dar fora, prometendo escrever uma carta no dia seguinte e discutirmos novamente sobre a sua saída. Nesse dia ficou combinado uma nova entrevista às quinze horas na Bucachica e não apareceu, tendo nos enviado um recado pelo camarada Carlos Gouveia dizendo que não podia escrever uma carta para Brazzaville com receio de cair a mão das autoridades da Sûreté National e dificultar ainda mais a acção que pretende levar a efeito. Que o Comité Director aguarde por ele e seus companheiros. Que se preocupe de arranjar vias o mais depressa possível. Que nunca Savimbi recuará perante a situação tão trágica que o País atravessa. Que ele tem todas as facilidades de sair do território Congolês, basta um recado de garantia do Comité Director.

À tarde da sexta-feira enviou à minha casa um seu secretário de nome Fernando Dito, perguntar como nós temos saído do Brazzaville e Léopoldville e como conseguimos os documentos. Eu antes de responder às perguntas do tal camarada, perguntei se desejava alguma coisa. Disse-me que ele é um dos indicados na carta do Holden enviada à Sûreté National para não sair fora do Território Congolês, e que estava resolvido juntar-se ao MPLA dirigido por camarada Agostinho Neto. Que a sua saída é bastante breve porque ele é um dos que mais suspeita sofre do Holden. Respondi-lhe depois que a maneira como os dirigentes conseguem a documentação isso não interessa saber. Que nós viemos e regressamos a Brazza legalmente e pelas vias oficiais. Que se de facto estiver interessado em juntar-se aos militantes do MPLA, em Brazzaville, que me desse a sua identificação completa e entregar-me pelo menos umas quatro fotografias. Deu-me a sua identificação menos as fotografias que na ocasião não as tinha. Perguntei se conhecia o grupo que compõe o Savimbi e disse que era desconhecido. Mas que sabe os nomes que constam na carta. Além do grupo do camarada Savimbi que é de nove pessoas,

ainda existe um grupo estudantil de 15 que também desejam se juntar ao MPLA em Brazzaville. A este grupo não me deu a lista ficando para me enviar por correio.

De Angola vieram os três comandantes do Inga, José Lello, Manuel Gosmo e Caleia, os chefes de massacres que se tem cometido no interior de Angola nas regiões de Bembe e Caipemba. Informaram que a situação estava muito péssima e que a sua vinda a Léopoldville é para discutirem com o Chefe do Governo, senhor Holden. Mas sabe-se de fonte bem informada que eles fugiram e que já não voltam para Angola. Que a Mata do Inga foi descoberta pelos portugueses e já fizeram vários mortos e que o Povo não espera se livrar da morte.

Léopoldville, 9 de Junho de 1964

Aristides M. Cadete *[com assinatura]*

[Nota apensa ao relatório, manuscrita por L. Lara]

Lista dos nomes que figuram na Carta do Holden enviada a Sûreté National:

1. Alexandre Taty
2. Divengle _____ – S. Salvador
3. Savimbi
4. Fernando Dito – Uíge
5. Pedro – S. Salvador
6. Dele – sobrinho do finado[?] Cirilo
7. Hilário – S. Salvador
8. Bernardo – “
9. Tiago – “
10. Gonzaga – Sul.

Declaração à Imprensa sobre presos em Luzumo

[policopiada, em francês]

[Endereço do MPLA em Brazzaville]

DECLARAÇÃO À IMPRENSA DE ANÍBAL DE MELO, CHEFE DO DEPARTAMENTO DE INFORMAÇÃO DO MPLA

Minhas Senhoras,

Meus Senhores,

Agradecemos-vos terem respondido ao convite que vos endereçámos e que nos permite estabelecer, pela primeira vez, nesta capital, um contacto mais estreito que só poderá aumentar a compreensão sobre a luta heróica levada a cabo pelo nosso Povo.

Antes de mais, temos o dever de vos expressar o quanto o MPLA aprecia a objectividade e o espírito de justiça de quase todos os responsáveis da imprensa internacional em relação ao problema angolano.

As nossas actividades político-militares foram, a dado momento, abaladas devido à confusão criada por uma decisão unilateral tomada em relação a nós pelo governo do Sr. Adoula. É sabido que este tinha reconhecido um pretenso “governo angolano” levando atrás de si uma Comissão de conciliação saída do Comité dos Nove da OUA. Este Comité, cujos graves erros de apreciação sobre o problema angolano causaram e causam ainda um mal enorme ao nosso Povo, está a comprometer o balanço muito positivo que a acção da OUA já apresenta.

Rendemos aqui homenagem à vontade de procurar uma solução justa para a questão angolana, manifestada por muitos países irmãos e em particular pelas Autoridades e o Povo do Congo-Brazzaville.

I

Solicitámos a vossa presença sobretudo para vos provar que, graças aos sãos princípios que guiam a nossa luta de libertação, o MPLA pôde reparar quase totalmente os estragos provocados por essas ingerências.

Depois dos graves golpes do ano passado, a nossa atenção teve naturalmente de se concentrar na consolidação da organização. Uma Conferência de Quadros, no passado mês de Janeiro, permitiu-nos reencontrar as estruturas necessárias para fazer face ao novo tipo de trabalho que nos esperava.

A organização no interior do País que não tinha sido atingida, pôde, pelo contrário, ser reforçada. Prova disso são as manifestações realizadas nos principais centros de Angola durante o 4 de Fevereiro – terceiro aniversário do início da insurreição armada. Com efeito, milhares de panfletos foram distribuídos e inscrições com palavras de ordem do MPLA apareceram nas paredes e nas árvores. Como represália, as forças colonialistas atacaram os bairros africanos de Luanda, fazendo um número incalculável de mortos e feridos.

A direcção do MPLA no interior pôde, também ela, tomar um novo impulso com o regresso ao País de dirigentes que receberam uma preparação militar.

Lentamente mas com segurança, indiferente a toda a propaganda mentirosa, o MPLA constrói a organização que a envergadura da nossa luta requer.

Vejamos outros exemplos disso:

As autoridades portuguesas anunciaram, a 6 de Junho, que um grupo de nacionalistas teria atacado uma aldeia e morto uma mulher e uma criança angolanas. Segundo as mesmas notícias, os nacionalistas teriam detido três portugueses nascidos em Cabinda.

Estamos agora à altura de vos dar as seguintes precisões relativas à actividade de destacamentos de comandos do MPLA de 30 de Maio a 5 de Junho último, na zona em questão.

No cumprimento de um plano preciso, um Destacamento de acção do MPLA operando em Cabinda, fez introduzir, a 30 de Maio, numa aldeia de NCULU, um grupo de comandos com a missão de capturar o perigoso traidor FRANCISCO

MAKAYA, tristemente célebre entre as populações como informador e guia das tropas portuguesas. Por várias vezes, ele tinha causado transtorno às nossas actividades.

O êxito da missão traduziu-se não só pela captura deste miserável, mas também de três dos seus cúmplices JOSÉ KUVINGA, INÁCIO MBUMBO e KIKAYA KINOMBE. Os quatro traidores foram surpreendidos em plena reunião, sem terem tido tempo de esboçar um movimento. São eles os “portugueses de Cabinda” a que se referem as informações do inimigo. O seu destino está a ser decidido.

Cumprimos assim o plano de saneamento metódico que visa sobretudo inspirar às nossas populações a confiança e dar-lhes a certeza do valor e dos objectivos dos guerrilheiros do MPLA.

Nesse mesmo 30 de Maio, às 11h45, um grupo dos nossos sapadores conseguiu fazer saltar a grande ponte sobre o rio LOMBE, que liga a vila de MICONGE à de BELIZE, criando assim sérios problemas logísticos ao inimigo.

A 5 de Junho, um outro grupo de comandos do MPLA confrontou-se com uma coluna de 30 soldados portugueses que, surpreendida com a intensidade do fogo dos nossos guerrilheiros, se pôs em fuga. Em seguida, esses soldados invadiram os campos e aí maltrataram brutalmente os aldeões, feriram gravemente uma mulher chamada HELENA e raptaram duas outras angolanas. Agora acusam-nos dessas selvajarias...

II

Outros factos graves recentes obrigam-nos a denunciar uma vez mais as acções anti-nacionais dos responsáveis da UPA, principal parceiro de um grotesco pretenso “governo” sem a mínima representatividade em Angola.

A solidariedade que manifestamos pelos nossos irmãos angolanos da UPA obriga-nos a corresponder aos constantes apelos que nos dirigem, para que denunciemos as extorsões e as violências inspiradas pelo tribalismo estreito dos seus dirigentes.

Depois dos massacres sistemáticos de patriotas vindos das regiões mais recuadas de Angola e dos ataques pífidos a duas colunas do MPLA, esses dirigentes voltam agora as armas contra os seus próprios militantes, seja por razões puramente tribais, seja por simples diferenças de opinião sobre o desenvolvimento da luta.

Há duas semanas, cento e cinquenta Angolanos, na sua maioria estudantes, foram massacrados pelos agentes da UPA quando se dirigiam à fronteira do Congo-Léopoldville. Esses assassinos que agora se encontram em Léopoldville, são os “comandantes” JOSÉ LELLO, MANUEL DOMINGOS COSME e JOSÉ KALEIA.

Já não é segredo para ninguém que uma grave ameaça pesa sobre alguns membros da equipa dirigente de Holden. Os agentes da Segurança Nacional de Léopoldville até receberam ordens precisas para impedir a sua saída de Léopoldville.

Aliás é um facto bem conhecido dos diplomatas que estão mais em contacto com os meios desse grupo político.

As divergências não se fazem apenas sentir a nível dos dirigentes mas também a nível das massas. Assim, 70 militantes da UPA que protestaram contra as discriminações de que eram vítimas no campo de Kinkuzu – posto à disposição de Holden pelo governo

do Sr. Adoula – foram detidos pelas autoridades congolezas a pedido de Holden, e jazem neste momento nas masmorras de NDOLO, MAKALA, MBINZA e LUZUMU. Alguns já morreram em LUZUMU em circunstâncias ainda misteriosas.

Por outro lado, os militantes do MPLA JACINTO MANUEL, SANTOS AMBRÓSIO e ANTÓNIO MUBEMBA assim como ARSÉNIO MESQUITA e JOB CARVALHO, os três primeiros em MAKALA e os dois últimos em MBINZA, também eles detidos a pedido de Holden, são vítimas de inconcebíveis torturas físicas e impedidos de receber alimentação e visita dos seus irmãos. Um dos nossos militantes, JOSÉ GOMES, tem as costas cobertas de ferimentos graves, consequência da pancada recebida dos para-comandos de MBINZA, pelo simples facto de ter insistido em entregar a comida aos presos.

Se é verdade que os métodos criminosos da UPA visam impor ao Povo angolano a sua equipa de dirigentes, não é menos verdade que o reconhecimento que lhe foi concedido por alguns Países africanos e pelo IRAQUE, o encoraja a prosseguir por essa via.

Perguntamo-nos que transcendentais razões teriam obrigado alguns Países africanos a assumirem, perante a História e o Povo angolano, a responsabilidade de uma tal ingerência nos problemas internos da nossa luta?

Quanto a nós, que apoiamos as sábias decisões tomadas pelos Chefes de Estado em Addis Abeba há um ano, estamos interessados em acabar com esta situação dramática para o futuro do nosso Povo.

A OUA já deu provas da sua eficácia face a problemas muito delicados. Na medida do possível, ela encontrará também os meios que a ajudarão a decidir sobre a questão angolana.

A composição actual do Comité dos Nove e os seus métodos de trabalho já foram objecto das maiores reservas e não apenas por parte do MPLA...

Pela total incompetência e escandaloso desinteresse que mostra em relação ao problema angolano, o Comité dos Nove não está à altura de encontrar o remédio que a gravidade da situação exige.

Pelo contrário, apenas accentua a divisão do nacionalismo angolano e retarda a vitória do nosso Povo que, no entanto, nada poderá impedir.

Impõe-se portanto, urgentemente, e nós rogamos insistentemente à OUA, o envio aos dois Congos de uma delegação imparcial que interceda em Léopoldville a favor da libertação de todos os Angolanos e que se inteire da realidade angolana que o Comité dos Nove continua a recusar-se a ver.

Obrigado,
Senhoras e Senhores.

B/VILLE; 11.6.64

[*carimbo do DEPI do MPLA*]

LISTA DOS 70 ANGOLANOS DA REGIÃO DE DILOLO, QUE SE ENCONTRAM ACTUALMENTE DETIDOS NA PRISÃO SUBTERRÂNEA DE LUZUMU (Congo-Léopoldville)

- | | | |
|-----------------------|------------------------|--------------------------|
| 1. Tshipinda Jacques | 25. Zangilo Goumive | 49. Machas Mathieu |
| 2. Ilunga Berton | 26. Bango António | 50. Samba Sozinho |
| 3. Bernardo Nataniel | 27. Muchinenu Jeanen | 51. Sony Roberto |
| 4. Mupe François | 28. Kavienge Roger | 52. Lamba Mathieu |
| 5. Dumba Eduardo | 29. Tshiji Rafel | 53. Tshihiluka Ferdinand |
| 6. Inoke Laure | 30. Agostinho Zembeteu | 54. Mbay André |
| 7. Makina Jean | 31. Muwutu Lesesu | 55. Wamuke Sylyven |
| 8. Kabuite Honoré | 32. Kalwuiji Jerome | 56. Tshiaka Reny |
| 9. Tshilunda André | 33. Levi Malite | 57. Tshihiluka Antanase |
| 10. Mukolombi Damien | 34. Tshileka Iarkos | 58. Tshinema Pius |
| 11. Imala André | 35. Tshivala Samuel | 59. Bopilu Noel |
| 12. Malala Disimacia | 36. Tshisesu Jacques | 60. Fuzinga Augusten |
| 13. Mushitu Pierre | 37. Bwiji Alberto | 61. Mulumbi Joel |
| 14. Wamana Charles | 38. Koji Jaime | 62. Amony Constantin |
| 15. Mafu Simon | 39. Tshinyamu Raimundo | 63. Kasapa Jean |
| 16. Chikomba Ievenare | 40. Ngugo Meleka | 64. Sava Jean |
| 17. Muchima François | 41. Waajite Paul | 65. Mutemba Antanase |
| 18. Tshituwenu Gaston | 42. Mulonga Basile | 66. Chimuiza José |
| 19. Kangjai Litanin | 43. Mukapa Jeorge | 67. Swali Muzelenu |
| 20. Kanyombo Johon | 44. Nyamuna Laurent | 68. Lusachy Mathieu |
| 21. Kabilo Muke | 45. Lunete Mussuele | 69. Pedro Muetsshenu |
| 22. Tshikwa Petelo | 46. António Luciano | 70. Manuel Muenu |
| 23. António Bernardo | 47. Mulinda António | |
| 24. Muchishi Gabriel | 48. Kahongo Jean | |

[Os nomes desta lista começam pelo apelido. Será respeitado no índice remissivo]

Na prisão de Luzumo encontravam-se cerca de 125 prisioneiros angolanos dos quais alguns morreram. O número e os seus nomes ainda não são conhecidos.

Circular da UGEAN sobre a COSEC

[*policopiado, em francês*]

[*Endereço da UGEAN em Argel*]

15/6/64

Circular às Secções
CE/[?]/64

Companheiro,

No dia 6 de Abril 1964 o C.E. da UGEAN enviou ao Secretariado de Coordenação (Cosec) a seguinte carta:

“O Comité Executivo da UGEAN, com o espírito de salvaguardar os princípios basilares que devem orientar a cooperação entre os estudantes do mundo, vê-se na obrigação de chamar a vossa atenção para o seguinte facto que poderá ser nocivo a todas as relações entre a nossa organização e o Cosec.

Desde há muito tempo, as nossas secções tinham-nos informado terem recebido, de vossa parte, certas publicações em que foram apresentadas ideias que o nosso Comité Executivo não aceita.

Recordamo-vos que a UGEAN é uma organização que nunca recusou colaborar com todas as uniões nacionais e internacionais de estudantes e da juventude, desde que essa colaboração se baseie no respeito mútuo e na não ingerência nos assuntos internos de cada organização. Posto isso, pensamos que todos os contactos entre vós e a UGEAN devem fazer-se entre o vosso Secretariado e o nosso Comité Executivo. Infelizmente constatamos que os vossos contactos com algumas das nossas secções, sem ser por nosso intermédio, representam uma tentativa de nos quererem substituir nos assuntos relacionados com a nossa organização, pois a mobilização e a politização dos nossos estudantes constitui um assunto nosso.

Estimamos portanto ser necessário que o Cosec ponha fim a esses procedimentos que vão contra os princípios de cooperação adoptados pela 10ª CIE.

Esperamos que tomem em consideração o nosso aviso.”¹

A confirmar a legitimidade da nossa reacção, no dia 28/5/64, os estudantes Angolanos residentes na Alemanha Ocidental enviaram a seguinte carta à Cosec:

“Em nome dos estudantes angolanos residentes na República Federal da Alemanha e que aí prosseguem os seus estudos graças à solidariedade actuante da VDS (Verband Deutscher Studentenschaften) e à hospitalidade do povo alemão, informamo-vos o seguinte:

Apesar de não termos ficado surpreendidos com a forma parcial e às vezes desonesta de que frequentemente dão provas nas vossas análises sobre a questão angolana, cremos no entanto que as vossas últimas posições vão longe demais e levam-nos necessariamente a tomar uma posição.

Com efeito, e mesmo sabendo que foram vocês os promotores (e ainda o são) da formação de uma “União” dos Estudantes Angolanos (“UNEA”) – com um objectivo

¹ O que está entre aspas está em francês no original.

pouco claro a não ser o de agravar ou fomentar ainda mais a divisão entre os estudantes de Angola – fazemos questão de expressar a nossa indignação em relação ao conteúdo da vossa “Carta aberta” dirigida à ONU e à OUA (Organização da Unidade Africana) publicada no último número do “LETUDIANT” VOL. VIII N° 2/3 – 1964.

Quanto a nós, pensamos que é mais do que tempo de que o Cosec cesse a sua campanha a favor do Sr. Holden Roberto (usando o pretexto do reconhecimento, por órgãos da OUA, do agrupamento deste Senhor e sobre isso estão mal informados sobre o desenvolvimento do caso!) e consagre os seus esforços [a apoiar] os nossos esforços, o da procura de uma unificação das forças estudantis de Angola.

Que em vez de agravar ou fomentar a divisão entre os estudantes angolanos, o Cosec procure antes uni-los.

Reafirmamos a nossa determinação em lutar contra qualquer ingerência estrangeira nos nossos assuntos e em denunciá-la, na altura certa, cada vez que isso aconteça.

Reservamo-nos o direito de dar a maior difusão a esta carta e pedimos ao Cosec que a publique no seu órgão de imprensa.

Queiram aceitar, Caros Senhores, os protestos da nossa dedicação à causa da cooperação estudantil no mundo”.

O CE da UGEAN apoiando inteiramente a tomada de posição dos estudantes Angolanos membros da Secção da Alemanha Ocidental, faz um apelo solene a todas as Secções para que refutem todas as manobras imperialistas da Cosec que não têm outra finalidade senão a de mistificar a realidade política Angolana e de sabotar a “verdadeira” unidade que se torna necessário fazer-se: a unidade nacional e revolucionária imposta pela pressão cada vez mais crescente, das massas populares.

Comité Executivo da UGEAN

[*carimbo do CE da UGEAN*]

Circular da JMPLA e um Questionário

[*policopiada, em francês*]

[*Endereço da JMPLA em Brazzaville*]

Compatriota,

A luta do Povo angolano atravessa uma fase difícil. O reconhecimento de um “governo angolano no exílio” sem representatividade, sem prestígio, só serviu para entrar o progresso da luta armada e agravar a união do nacionalismo angolano.

A luta fratricida e o tribalismo continuam a ser as únicas palavras de ordem lançadas constantemente pelos dirigentes da UPA aos seus militantes. Mais 150 angolanos vindos do interior do País, de Malange e de Nambuangongo, foram massacrados pelos grupos de assassinos da UPA. Grande parte deles vinha para se integrar nas fileiras dos que lutam contra o imperialismo e o colonialismo português. Tratava-se de

combatentes decididos a conquistar a independência de Angola. Quarenta deles eram estudantes do ensino secundário, quase todos tinham terminado os seus estudos no liceu e propunham-se prosseguir estudos universitários. Eram preciosos quadros para a construção do nosso País. Os dirigentes do “grae” não hesitaram em pronunciar contra eles a sua sentença de morte.

É evidente que estes factos se devem à falta de uma unidade real que organize e discipline todos os aspectos da luta do nosso Povo.

A recente aliança assinada entre a FNLA e o grupo de Viriato da Cruz não passa de uma manobra oportunista para enganar a opinião angolana e internacional; e não se sabe de que lado está o maior oportunismo, se do lado dos dirigentes da FNLA que pretendem enganar a opinião pública, se do lado do grupo Viriato que agora é conivente com os seus associados, dos crimes cometidos contra o Povo angolano.

As prisões congolosas de Makala, Ndolo, Mbinza e Luzumu estão cheias de angolanos; cinco deles são militantes do MPLA e 145 são da UPA. “Não ser de S. Salvador mas sim do Sul de Angola” é o crime de que a maior parte é acusada. Ser favorável à unidade é o crime dos restantes.

A triste experiência destes factos aconselha-nos a organizarmo-nos no sentido de um reagrupamento e do combate unido contra o inimigo comum. Não sigamos a luta que se oriente pelos interesses estrangeiros mas sigamos a luta que se oriente pelos interesses do nosso Povo.

Mesmo as instâncias africanas que anteriormente ditavam sentenças contra a nossa organização, começam a vacilar. O Comité de Libertação da África, durante a sua recente reunião em Dar-es-Salam, remeteu a discussão do problema angolano para a próxima Conferência do Conselho de Ministros dos Negócios Estrangeiros da OUA. Numa confusão evidente, este Comité declarou não poder “reconhecer” um segundo “governo”.

JOVEM ANGOLANO

Tu que lutas sem compromisso e que lutas para a libertação do teu Povo, a solução do problema do nosso País está nas tuas mãos.

Todos os jovens do mundo que lutaram e que ainda lutam pela sua independência e pela sua libertação nacional estiveram e estão unidos.

Exige a unidade de todas as forças angolanas porque apenas na unidade se encontra a chave da luta contra o inimigo comum – o colonialismo português.

O problema angolano não pode continuar a ser uma fonte de rendimento para certos dirigentes a quem a unidade apavora.

Denunciemos esses dirigentes.

Procuremos ver claro nas tarefas nacionais que nos cabem.

Evitemos ser condenados pelos nossos descendentes. Porque é a nós, Jovens angolanos, que cabe toda a responsabilidade.

Exigindo que todas as forças nacionalistas se reúnam num CONGRESSO, os Jovens estudantes angolanos da Europa e da América, recentemente reunidos num Seminário em Genebra, deram-nos um grande exemplo de maturidade política.

O que é importante actualmente para a luta do Povo angolano, não é o reconhecimento de governos mas a unidade de acção. A nossa luta encontra-se paralisada.

Os portugueses reorganizam as suas forças. Angolanos sem escrúpulos massacraram e detêm outros angolanos.

JOVEM ANGOLANO

Não menosprezes esta realidade, qualquer que seja a tua convicção política. Manifesta-te a fim de obter a unidade de acção tão necessária para o êxito da Causa Angolana.

Neste sentido, envia o questionário aqui anexo, preenchido, para o seguinte endereço:

Juventude do Movimento Popular de Libertação de Angola
JMPLA Brazzaville – República do Congo – C.P. 2353

Brazzaville, 15 de Junho de 1964

A Direcção da JMPLA

QUESTIONÁRIO

NOME _____

Local de residência: _____

Partido político a que pertence _____

O que pensa sobre a unidade? _____

O que pensa sobre a realização de um Congresso de todos os partidos políticos angolanos? _____

Está, sim ou não, de acordo com esse Congresso? Se sim, como deve ser formado o Comité preparatório desse Congresso? _____

Onde se deve realizar esse Congresso? _____

Que assuntos devem ser debatidos? _____

Os convites devem ser individuais ou por organizações? _____

Devem ser convidados observadores? _____

_____ de 1964

Assinatura _____

Comunicado da UGEAN sobre assassinatos da FNLA

[policopiado]

[Endereço da UGEAN em Argel]

CE/11/64
23/6/64

“MAIS 150 ANGOLANOS, ENTRE ELES 40 ESTUDANTES QUE TINHAM TERMINADO O 7º ANO DOS LICEUS, BARBARAMENTE ASSASSINADOS PELOS BANDOS ARMADOS DA FNLA, DIRIGIDA PELO TRAIADOR HOLDEN ROBERTO”

O Comité Executivo da UGEAN leva ao conhecimento da opinião pública internacional, de todas as forças democráticas, das organizações mundiais da juventude e dos estudantes, solidárias com a luta heróica do POVO ANGOLANO a notícia que recebemos da Juventude do Movimento Popular de Libertação de Angola (JMPLA) pelo seu comunicado de 15.6.1964 que transcrevemos:

“... A luta do Povo Angolano atravessa uma fase difícil. [...] [ver documento anterior] (...) A triste experiência destes factos aconselham a reorganizarmo-nos no sentido do reagrupamento e do combate unido contra o inimigo comum.”

O Comité Executivo da UGEAN, exprimindo legalmente a opinião da massa dos estudantes angolanos e de todos os estudantes dos países sob dominação colonial portuguesa em geral, reafirma solenemente a sua solidariedade à tendência revolucionária do nacionalismo angolano representada pelo MOVIMENTO POPULAR DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA (MPLA) denunciando energicamente as manobras criminosas da clique Holden Roberto.

Não é a primeira vez que o território angolano é teatro de lutas fratricidas. Os bandos armados da UPA têm-se batido em sangrentos combates contra os destacamentos dos guerrilheiros do MPLA.

Uma coluna sob a direcção do Comandante FERREIRA foi brutalmente massacrada em Outubro de 1961 e mais recentemente nas margens do rio LOGE, no mês de Março de 1963 uma coluna do MPLA foi vítima dum cobarde ataque por parte dos bandos à soldo de Holden Roberto.

Isto, para não citarmos o violentíssimo combate que durou cerca de 6 horas nas proximidades do TOMBOCO em Fevereiro de 1964 quando os guerrilheiros do MPLA, que tinham como missão isolar um forte contingente do exército português, foram atacados pelos bandos armados do FNLA que já causaram mais vítimas angolanos do que portuguesas!...

O procedimento criminoso de Holden Roberto, assassinando os quadros futuros de Angola, é uma prova evidente e irrefutável da sua política anti-angolana. Aliás doutra maneira não poderia servir ele os seus patrões, os imperialistas.

O II Congresso da UGEAN, depois duma análise objectiva da realidade dos nossos países, impôs como uma das tarefas bases da nossa organização a formação de quadros

válidos e a elevação da sua consciência revolucionária. As forças ocultas interessadas em imporem em Angola um regime neocolonialista são irreconciliáveis com a UGEAN.

É precisamente assassinando os quadros válidos dum país que se abrirá as portas à política aventureira e neocolonialista que a reacção africana e internacional pretende instaurar em Angola.

Perante estes factos que enfraquecem a luta das massas angolanas pela independência e agravam as possibilidades de reconstrução social no momento da independência – pois a falta de quadros em Angola manifesta-se através da existência de 99% de analfabetos – o Comité Executivo da UGEAN:

Inclina-se respeitosamente diante da memória dos heróis combatentes tombados no campo da honra, vítimas das mãos assassinas da clique de Holden Roberto, armadas pela reacção internacional tendo como chefe de fila o imperialismo USA;

Exige a libertação imediata dos 150 prisioneiros angolanos que se encontram nas prisões congolezas, sob as ordens de Holden Roberto, pois o único crime desses patriotas foi o de exigir a unidade total das forças revolucionárias verdadeiramente angolanas;

Protesta energicamente contra a política tribalista e anti-nacional praticada pelos dirigentes do FNLA que recusando-se a uma confrontação honesta de ideias com as outras tendências do nacionalismo Angolano, instaurou em Angola o clima sombrio duma guerra fratricida que tragicamente vem favorecer as forças colonialistas e imperialistas;

Encoraja as forças nacionalistas angolanas a prosseguirem os seus esforços para a realização dum Congresso de todas as forças vivas verdadeiramente engajadas no combate contra o colonialismo português onde seja encontrada uma plataforma mínima de entendimento para se barrar o caminho à política de aventureirismo que a clique Holden Roberto quer instaurar em detrimento das aspirações do POVO ANGOLANO;

Lembra que não está dentro das nossas tradições revolucionárias abandonarmos uma tendência revolucionária do movimento de libertação nacional pelo simples facto de ela se encontrar momentaneamente em dificuldades causadas pela asfixia orquestrada pelas forças da reacção internacional;

Faz um veemente apelo a todos os estados africanos membros da OUA para que todo o auxílio económico dado ao Povo Angolano em luta pela sua libertação nacional seja dirigido a todos os movimentos nacionalistas implantados junto das massas populares. Apela igualmente esses estados para que estabeleçam um controle rigoroso da maneira como esse auxílio económico é utilizado pelos movimentos nacionalistas, de modo que o mesmo não venha, paradoxalmente, em detrimento dos interesses revolucionários do Povo Angolano;

Faz apelo a todas as Secções, Organizações de estudantes e da Juventude do mundo, a todas as forças democráticas para que enviem telegramas e cartas de protesto ao FNLA;

FNLA Boite Postale n° 1205 – Léopoldville/ Est – Rép. Du Congo

O Comité Executivo da UGEAN [carimbo do CE da UGEAN]

Documento do MPLA “Batalhemos pela Unidade”

[policopiado]

[Sem data]

BATALHEMOS PELA UNIDADE
ESCLARECIMENTOS A TODOS
OS NACIONALISTAS ANGOLANOS

MOVIMENTO POPULAR DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA – MPLA

QUAL DEVE SER O ESPÍRITO DA NOSSA LUTA?

Irmão angolano,

Sobre Angola já ouviste dizer muitas coisas que são do teu interesse e do teu povo. Já sabes que não fugimos de Angola sem uma razão. Sabes que deixámos a nossa Terra porque lá éramos maltratados, perseguidos e assassinados. Conheces as razões dessas perseguições e desses assassinatos: simplesmente porque quisemos e queremos ainda hoje ser livres.

Todo e qualquer angolano sabe que a nossa vontade e a nossa aspiração se dirigem para a independência do nosso País. É para este fim que nos decidimos a lutar contra os portugueses para acabar com o mando dos colonialistas.

Sabes, irmão angolano, que a luta começou já há muito tempo. Desde os primeiros combates que se fizeram em favor dos prisioneiros angolanos e pela liberdade nacional no dia 4 de Fevereiro de 1961 em Luanda, combates que acenderam o fervor patriótico dos irmãos do Norte, fazendo com que eles entrassem numa luta aberta contra os opressores.

O nosso povo nunca duvidou do valor da sua combatividade. A valentia do nosso povo é mesmo grande. Mas, um povo se é valente, deve ter uma cabeça digna da sua valentia. Porque todos sabem muito bem que um exército, por mais forte que seja, se não tem um chefe, ou se o chefe é um homem doente e incapaz de tudo, esse exército, apesar da sua valentia, vai perder em muitas guerras.

O nosso povo é valente, dizemos nós, e ninguém o põe em dúvida. Mas, se ele é valente e há três anos que luta para a independência, porque é que não conseguiu fazer nesse tempo todo, alguma coisa que toda a gente possa ver? Aí está: “o povo é valente mas é mal dirigido”. Neste caso, quem são os dirigentes para que possamos, ao menos, corrigir-lhes as faltas? Os dirigentes do povo no caminho da independência são os partidos e os movimentos políticos.

Qual é o erro que cometeram os partidos e os movimentos políticos ao dirigir o povo? A resposta é comprida e exige a atenção de todos:

“Se a intenção de todos os partidos fosse, desde o princípio, a de fazer uma boa luta, o mais depressa possível e da melhor maneira, esses partidos deviam ter por dever:

- 1º. pensar nos sofrimentos do povo dentro de Angola, nas fronteiras e no Congo.
- 2º. pensar naqueles que estão nas prisões e que morrem todos os dias.
- 3º. ter o desejo de livrar da miséria o povo angolano e de uma vez para sempre.
- 4º. em consideração com as condições em que se encontra o povo angolano, abandonar por completo o desejo de ganhar dinheiro por intermédio dos partidos para evitar contrair compromissos que impedem a união de todos os partidos.
- 5º. desejar e realizar a verdadeira unidade dos partidos políticos, fazendo uma só força capaz de dirigir o povo dentro da união contra o inimigo comum: o colonialismo português.

2. CAUSAS QUE ATRASAM A LUTA

Irmão angolano,

Os imperialistas compreenderam muito cedo que o povo angolano era valente e estava mesmo decidido a lutar para se libertar. E os imperialistas que têm uma grande experiência em dominar os povos, empregaram o seu método de sempre: “dividir para reinar” isto é, procuraram dividir o povo angolano para que a sua luta não avançasse e eles continuassem a explorar e a roubar, até neste momento, as riquezas do nosso País. Assim, foram dizendo por intermédio dos seus mensageiros e capangas, que não deviam acreditar neste e naquele partido, porque este partido é isto, é assado; porque este partido é comunista, é partido dos brancos, etc. ... Isto tudo para haver divisão entre nós e a luta continuar na mesma. Os maus dirigentes que gostam do dinheiro que os imperialistas lhes dão, não fazem estas considerações, não pensam assim. Que o povo sofra, que o povo morra de miséria e de fome, para eles não importa. O que é preciso para eles é dinheiro, boa roupa, nome de ministro ou de deputado e ter uma boa vida, de luxo. Não vêem necessidade nenhuma de apressar a marcha da independência porque andam embalados nas promessas comprometedoras dos imperialistas.

O MPLA que há muito tempo viu o jogo dos maus dirigentes, não podia ficar calado. Disse a verdade ao povo e continua a dizê-la. Os seus inimigos levantaram calúnias contra ele, mas ele continuou a dizer a verdade. Levantaram-se contra ele, primeiro os imperialistas que sabiam que o MPLA não se deixava enganar. Depois é que vieram as forças do neocolonialismo representadas e defendidas por Adoula e pelo próprio Holden. Devemo-nos habituar a não ter medo de o dizer. Seja quem for que tenha a culpa do mau caminho que está a ter a nossa independência, a gente deve ter a coragem de dizer que ele fez mal, mesmo que ele seja um Presidente da República ou Primeiro-Ministro como é Adoula. Todos devem saber que para defender a verdade, ainda que seja preciso a gente morrer, a gente prefere deixar-se matar. Por isso dissei a todas as pessoas que unidade para nós angolanos é uma verdade que é precisa.

A UNIDADE É PRECISA para a luta andar como deve ser e termos depressa a independência. Quem está contra a verdadeira unidade são os amigos dos imperialistas, os teleguiados do imperialismo, os neocolonialistas que são inimigos do povo de uma certa maneira.

É preciso que o povo reclame a verdadeira unidade, não uma unidade fictícia, fingida. É preciso que o povo corrija os maus dirigentes que não querem ver onde está o problema do nosso povo: “não há um homem mais cego do aquele que não quer ver”.

Para um povo valente são precisos dirigentes valentes. A nossa valentia é contra o colonialismo e o imperialismo. Não é valentia nenhuma correr atrás do dinheiro dos imperialistas e deixar o povo abandonado numa luta desorganizada. Pelo contrário, isto é traição, e um povo valente não tolera os traidores.

3. LIBERDADE PARA OS ANGOLANOS EM TODA A PARTE

Os partidos dizem que defendem a liberdade dos angolanos em todos os aspectos: liberdade de expressão, de pensamento, liberdade religiosa e liberdade política. Isto quer dizer que cada angolano é livre de estar no partido que lhe parece melhor. Mas, vejamos como se passam as coisas no Congo-Léopoldville: os americanos começaram por dividir os angolanos em protestantes e católicos, dando mais preferência aos protestantes. Isto é um facto que não tem muita importância, mas é sempre uma manobra de divisão. Em Léopoldville os imperialistas fecharam o Bureau do MPLA e, se por acaso estiveres em Léo e te perguntarem de que partido és e tu responderes que és do MPLA, ficas logo mal colocado. Já muitos membros do MPLA foram parar na prisão de Makala e do NDolo pela única razão de serem membros do MPLA. E, nós dizemos que os angolanos devem ter liberdade religiosa e liberdade de partido, isto é cada um pode pertencer à religião e ao partido que achar melhores e mais justos. Então, há liberdade desta maneira?

Em Novembro de 63 os partidos do MNA, CUNA, MDIA e outros, foram obrigados a fechar os centros dos seus trabalhos e os seus líderes foram ameaçados de serem presos se continuassem a fazer política. Há liberdade assim? E qual é o benefício destas manobras todas? O nosso povo, a luta do nosso povo, já melhoraram com isto? Certamente que não. Pelo contrário, enfraqueceram muito.

Os maus defensores dos interesses do povo angolano são aqueles que ainda tentam oprimir o povo por métodos que são diferentes dos métodos colonialistas, mas que são sem dúvida métodos de repressão.

ABAIXO OS NEOCOLONIALISTAS, ABAIXO OS OPORTUNISTAS.

LIBERDADE PARA O POVO, LIBERDADE PARA OS PARTIDOS.

4. LIBERDADE DE ACÇÃO PARA OS MOVIMENTOS NACIONALISTAS

Irmão angolano,

Exige a liberdade de acção para os partidos angolanos. Só com a liberdade de acção dos partidos é que tu mesmo te podes considerar livre. Porque se todos os partidos têm liberdade de acção, se tu disseres que és do MPLA ninguém te perseguirá, se tu disseres que és da UPA ninguém te odiará, se disseres que és de outro partido qualquer, ninguém te fará mal. Os partidos é que defendem a liberdade das pessoas; se eles não são livres as pessoas também não são completamente livres.

As DITADURAS começam sempre por proibir os partidos que elas não gostam. Veja hoje Portugal, país que nos coloniza, só tem um partido que é o partido de Salazar. Os outros todos são proibidos, porque querem defender a verdadeira liberdade dos portugueses. As DITADURAS não gostam da verdade. Inventam logo uma calúnia para os que dizem a verdade, dizendo que são comunistas ou outra coisa qualquer para o povo não acreditar.

Quando houver liberdade de acção para os partidos políticos todos, então neste momento podemos falar livremente da unidade dos partidos. UNIDADE, essa força que nos pode garantir a vitória e que os oportunistas e neocolonialistas temem, porque ela representa a vitória do povo.

Militantes e não militantes,
irmãos angolanos,

Exigi a liberdade de acção para os verdadeiros partidos e movimentos nacionalistas angolanos. Exigi a liberdade de acção para o MPLA no Congo-Léopoldville. Não vos deixeis andar na corrente da política do mundo como folhas secas empurradas pelo vento. Dizei que tendes uma vontade, que essa vontade é de ver o vosso País independente, mas que para a via da independência necessitais da unidade. A unidade deve ser feita dentro da liberdade. Não se pode unir uma mulher a um homem, levando a mulher de mão e pés atados, porque essa união não sendo livre para a mulher, não poderia durar por muito tempo. Assim, num país qualquer, um partido escondido não pode fazer unidade com um partido que é livre.

Exigir a liberdade de acção para o MPLA é pois corresponder a uma aspiração do nosso povo pela liberdade, porque o MPLA é um grande partido e os seus interesses defendem inteiramente e com força os interesses do Povo angolano.

5. É PRECISO UM CONGRESSO DOS MOVIMENTOS NACIONALISTAS ANGOLANOS

O MPLA propõe que se faça uma conferência de todos os partidos e movimentos angolanos para discutir os problemas da nossa Terra. Esta é uma conferência em que se pode discutir como fazer a unidade e como avançar com a luta do nosso povo. Todos os angolanos devem fazer um esforço para que essa grande conferência, para que esse Congresso de todos os partidos angolanos, sem distinção, se realize e o mais cedo possível.

6. RESUMO

Compatriota,

O que está aqui dito, vem dito no momento preciso. Aqueles que querem fazer qualquer coisa para o seu País, devem nesta altura:

1º Não perder de vista a importância da Unidade dos movimentos nacionalistas angolanos.

o reconheceram, mas dizem-nos que não reconheceram o Holden, mas reconheceram um governo angolano para instrumento do povo angolano em luta. O Holden está desmascarado como homem dos americanos que tem travado a luta do povo angolano. Pretende iludir a opinião angolana e internacional por se ver perdido, dizendo que não é homem dos americanos, anunciando a sua possível visita a Moscovo e Pekin, como se isto fosse o suficiente para mudar de casaca.

Jovem angolano, pensa, vê e toma uma decisão honrosa.

O MPLA está instalado em Brazzaville e não se tem poupado a esforços para vencer as barreiras que lhe levantou o Adoula e meter uma por uma as suas armas nas mãos do povo. Os inimigos do povo angolano atacam o MPLA dizendo que não luta, que atrasa a revolução, que é um movimento de papel.

A Juventude do Movimento Popular de Libertação de Angola, convida quem quiser a vir connosco até aos nossos maquis, onde o povo apoia inteiramente o MPLA e onde continua a infligir perdas pesadas ao inimigo. O MPLA está certo que só a luta armada levará o povo angolano à Independência. Os portugueses continuam a teimar que não há luta em Angola, que não há refugiados no Congo, e que os combates que se fazem de vez em quando é feito por estrangeiros. Desta forma, os portugueses pretendem iludir a opinião dos angolanos que se encontram no interior, afastando-os da realidade da luta que desenvolvemos. Os últimos ataques feitos pelo MPLA, nos quais os portugueses sofreram grandes derrotas, anunciaram-nos como sendo ataques da UPA, dando-lhe o carácter de um combate feito por estrangeiros.

O governo de Adoula acaba de cair. Irá ao poder um outro governo sobre o qual não podemos ter muitas ilusões, porque os imperialistas continuam a manobrar para garantirem os seus objectivos. Mas não se pode enganar o povo todo o tempo e o povo Congolês, estamos certos que vencerá e ajudará o povo angolano a liquidar os inimigos comuns.

Jovem angolano, a JMPLA está na luta, mas reconhece que é necessário um front único de combate.

A JMPLA lança um apelo aos verdadeiros revolucionários, da necessidade do CONGRESSO DE TODOS OS PARTIDOS que irá reforçar a nossa luta. Temos recebido já centenas de respostas ao apelo que emitimos a todos os angolanos de todas as tendências políticas e todos afirmam SIM para a realização do CONGRESSO DE TODOS OS PARTIDOS POLÍTICOS. Publicaremos brevemente o resultado do questionário que foi distribuído.

Continuemos a denunciar os traidores do povo angolano. Esta tarefa exige de todos os angolanos conscientes da necessidade de uma verdadeira revolução em Angola que dê ao povo angolano, INSTRUÇÃO, COMIDA, VESTUÁRIO e PAZ, uma tomada de posição que vá ao encontro das necessidades deste mesmo povo?

A Juventude do Movimento Popular de Libertação de Angola, está decidida a continuar a luta pela liquidação da dominação colonial portuguesa e de todas as relações colonialistas e imperialistas e pela conquista da Independência imediata e completa de Angola.

Jovens angolanos, lutemos pela unidade do Povo Angolano e pela integridade da Nação, contra o tribalismo, a intolerância racial, o regionalismo, a intolerância religiosa ou de sexo.

Unamo-nos sob o mesmo facho, o facho da liberdade do nosso povo sofredor.

É necessário o entendimento e a união de todos os jovens angolanos e a solidariedade com todos os jovens amantes da Liberdade e da paz no mundo.

VIVA A JUVENTUDE ANGOLANA
VIVA O CONGRESSO DE TODOS OS PARTIDOS POLÍTICOS
VIVA A UNIDADE DO POVO ANGOLANO
VIVA A REVOLUÇÃO DO POVO ANGOLANO

VITÓRIA OU MORTE

Brazzaville; 3.7.64
AC/.

A DIRECÇÃO DA JMPLA
[carimbo da JMPLA]

Carta de Lázaro A. Diogo ao MPLA

[cópia dactilografada]

Unidade de Piri-Quibaxe, 6 de Julho de 1964

Saudações fraternais a todos os combatentes que lutam politicamente para Libertação da nossa amada Angola.

Estou de saúde e cada vez mais oprimido pelos inimigos da Base ou seja ELNA e vampiros portugueses. Contudo nunca deixei de mostrar a eles as minhas actividades de MPLA. Confesso-lhe que tenho defendido heroicamente a verdade que existe em MPLA. Por tanto usarmos a verdade, por isso que somos odiados por os mesmos, que são contra. Mas agora todos estão de acordo com a notícia que tenho ou temos acolhido no rádio. Agora todos que vêm daí, explicam a verdade, que de qualquer maneira o MPLA nos tirará nas matas e não o partido que temos adorado há tanto tempo.

Tenho todo trabalho desde 1961 com registo do MPLA. Não dá para deixar com qualquer homem, se bem que tudo não está em ordem, dando a pobreza do papel e tudo... Somente terei o trânsito livre, quando chegar uma patrulha nossa, que possa assegurar esta população nas matas. Todo povo de Piri é do partido de MPLA e por isso somos bastante oprimidos. O único traidor que temos é o Sr. Domingos Miguel, que também tanto nos tem ameaçado à morte.

No dia 15.5.64 realizou-se uma conferência na mesma unidade em cima mencionada, dirigida por Chefe das operações da Zona de Kibaxi – Oficial Andrade Pedro Neto – natural do Gombe de Zombo e acompanhado com nosso traidor Domingos Miguel.

Esta conferência é que havíamos de ser varridos para sempre. A 1.^a conferência que é de 10.3.64, já deve ter o conhecimento pelo nosso Domingos Luiz que aí anda ou seja pastor Manuel Pereira Inglês.

É triste não entendermos a finalidade da nossa luta. Mas que sim, desde que chegaram esses treinados nunca fizeram trabalho que agrada o povo. Todos agora estão de acordo com o nosso partido que é único, que nos tirará nas matas.

Tenho muito desejo de aí seguir, mas com tanto obstáculo no caminho para aí, que fazer?!... Mas logo que venha uma patrulha nossa terei as portas abertas para aí. Do contrário a minha vinda para aí está convosco aí na Direcção.

Os povos mais odiados aqui são os seguintes: Piri, Gombe-ia-Muquiama e Mazumbo de Nambuanguo. Algumas sanzalas que nos odiavam estão pedindo perdão, dando a explicação dos delegados que estão vindo com as notícias daí em Léopoldville.

Em 2.7.64 tivemos uma desavença com soldados treinados no Centro do Piri, Quibaxe e sempre nós fomos vitoriosos e viram-se obrigados a pedir paz, para connosco.

Espero que me envie com muita urgência, livros, tinta e alguma roupa e medicamento.

Tenho estado a trabalhar afanosamente com o nosso José Congo Sebastião que tanto também tem me auxiliado nos meus trabalhos.

LÁZARO ANTÓNIO DIOGO

Carta de Florentino Duarte a Jonas Savimbi

[*dactilografada, em francês*]

Lausanne, 15 de Julho de 1964

Jonas,

Junto esta carta à de 11 de Julho da qual te tinha anunciado o envio iminente. Com efeito, li ontem com estupefacção, na publicação intitulada "*Sous le Drapeau du Socialisme*" (Julho-Agosto), cujo principal responsável é Michel Raptis conhecido por Pablo, residente em Argel, o seguinte extracto da intervenção da delegação do MPLA junto do "Comité dos 9" a 3 de Junho de 1964: "Cinco membros dirigentes da FNLA, entre os quais dois "Ministros", enviaram-nos emissários, nas últimas semanas, com vista a uma adesão ao MPLA. Trata-se dos Srs. Jonas Savimbi, Dr. José Liauca, Jorge Valentim (antigo representante do "Grae" no Katanga), Alexandre Taty (ministro da Defesa) e Florentino Duarte (representante da FNLA no Cairo)."

Acrescento, por conseguinte, à minha carta de dia 11, as seguintes precisões: Nunca pedi a minha adesão ao MPLA, nem sequer entrei em negociações com o MPLA. A minha intransigência em relação a certas posições deste partido é por todos conhecida. Na conferência de Lagos (de 24 a 29 de Fevereiro de 1964), o Presidente do MPLA, Agostinho Neto, criticou aliás veementemente o conteúdo da minha conferência de imprensa de

22 de Fevereiro no Cairo, à qual tinha dado a maior publicidade nas ondas radiofónicas do Cairo, de Argel, de Accra, de Pequim, de Moscovo e sobretudo de Brazzaville onde o MPLA tem a sua implantação. Numa recepção da RDA no Cairo, onde participaram mais de 150 convidados, tive a ocasião de encontrar António Baia, representante do MPLA no seio do comité Afro-Asiático. Trocámos palavras sobre generalidades políticas, isso na presença de Carlos Silakanku, meu secretário, como o testemunham as fotos tiradas durante a recepção. Isso demonstra suficientemente o absurdo dessas acusações de alguns inimigos pessoais preocupados em se protegerem a si próprios tal como o incendiário grita "há fogo!", segundo as quais teria sido comprado pelo Agostinho Neto para deixar o Cairo. Todos os meus amigos podem testemunhar a minha pobreza e certos colaboradores razões políticas para a minha partida do Cairo, razões de que me vejo obrigado a informar os membros do meu partido, a FNLA. Acrescentarei que não vejo nenhum outro responsável possível que não tu para as elucubrações do comunicado do MPLA acima citado. Porquê? Tal como testemunha a tua carta de 11 de Maio de 1964 (fotocópia junto) carta chegada depois da minha partida do Cairo e que me fizeram chegar a Lausanne, anunciavas-me a tua intenção de te unires a A. Neto.

Apesar de me ter definitivamente desvinculado da tua "linha política" a 20 de Abril, não hesitaste, passando-te por líder do que chamavas o "grupo progressista" da FNLA, em fazer um grosseiro *bluf* quanto à extensão dos teus apoios, dando de antemão o nome de pessoas nunca consultadas e que julgavas poder arrastar contigo ao trocar a FNLA pelo MPLA. A não ser que o MPLA tenha forçado a dose da tua aproximação. Peço, por conseguinte a esta organização o favor de publicar os documentos sobre os quais se baseiam essas afirmações.

Lausanne, 11 de Julho de 1964

Jonas,

Conheces bem as razões que me levaram a deixar o Cairo, quando me foi revelado por ti próprio o carácter aventureiro, separatista e incoerente da tua política, do qual até então não me tinhas revelado os limites e os objectivos reais. Política na qual tinhas conseguido engajar-me acusando o Presidente Holden Roberto, então ausente, dos seguintes factos, imediatamente a seguir à minha chegada a Léopoldville a 29 de Novembro de 1963.

a) que o Presidente, em colaboração com Rosário Neto, Ministro da Informação, Pio Amaral Gourgel, secretário de Estado para o armamento e Emmanuel Peterson, secretário de Estado do interior, tinha mandado massacrar milhares de "Angolanos do Sul" e dois comandos do MPLA (um dos quais era mestiço).

b) que o Presidente era tribalista porque só tinha enviado jovens [de São] Salvador para a Argélia para receberem treino militar.

c) que o Presidente se recusou sempre a incluir os soldados do PDA no ELNA.

d) que o Presidente é anti-mestiço na essência, e por isso falaste-me do seu discurso de 1961 na ONU.

e) que o Presidente guarda os fundos para ele em bancos estrangeiros em vez de os pôr à disposição da Revolução.

f) que não é partidário da extensão da luta armada em toda Angola nem do alargamento das relações diplomáticas.

As tuas afirmações tinham-me consternado, como bem o esperavas. Não tinha razões para as pôr em dúvida porque vindas de ti, Ministro dos Negócios estrangeiros. Aceitei que era preciso, neste caso, reerguer a FNLA a partir de dentro formando um Comité de acção revolucionário no seio da Frente, a fim de a trazer de novo para a “via justa”, evitar para sempre o restabelecimento de tais factos e fazer progredir principalmente a luta armada agindo no seio da frente – por persuasão ou pressão política se necessário – para chegar à abertura de um segundo teatro de operações militares importante, no centro e no sul do país e obter a realização rápida de um congresso nacional.

Foi por isso que fui ter contigo a Moscovo, Praga e Berlim-Este, respondendo assim aos convites dessas capitais, preocupadas em melhor conhecer as tendências no seio da FNLA, tendências de que já tinhas falado a um representante de uma democracia popular.

Mas no regresso dessa viagem, a 19 de Abril de 1964, fiquei surpreendido por tu me proibires de ir a Djakarta e ser recebido pelo Presidente Sukarno, quando um bilhete já tinha sido posto à minha disposição pela Embaixada da Indonésia no Cairo. Isto pareceu-me estar em contradição com essa política de alargamento militar e diplomático da Revolução angolana à qual estava e continuo a estar inteiramente dedicado. Fiquei ainda mais surpreso quando me explicaste, a propósito disso, que já não se devia procurar obter novos reconhecimentos para o GRAE enquanto fosse presidido por Holden Roberto.

Já tinha ficado chocado por teres recusado dar seguimento a uma oferta de cinco bolsas para estudantes angolanos em diferentes escolas de agricultura da RAU. Oferta tornada oficial e da qual tinha precisado as modalidades ao Presidente Roberto numa carta datada de 10 de Fevereiro, dizendo-lhe que se pusesse em contacto com o serviço técnico do teu ministério. Tinha ficado particularmente chocado pelo facto de a tua recusa ter sido motivada pela afirmação que essas bolsas iriam exclusivamente para estudantes “do Norte” e que por isso não estavas interessado nelas.

Mas fiquei consternado quando a 20 de Abril, decidiste deixar precipitadamente o Cairo para Lausanne quando soubeste da admissão, no seio da FNLA, de Viriato da Cruz em quem vias um rival directo. Enquanto que, se tivesses esperado mais dois dias, até ao final do *grande Bairam*, poderias ter, como previsto, inspecionado as armas e o equipamento militar posto à disposição do GRAE pela RAU. Inspecção que era a condição necessária para o envio dessas armas porque tu deverias dar o teu acordo na sequência desse exame.

De facto, embora eu estivesse naturalmente de acordo em participar na organização de uma tendência “revolucionária” no seio da FNLA, já que, na tua opinião, o ímpeto desta estava destruído pelas actuações do presidente, não podia, no entanto, subscrever a tua forma de proceder quando compreendi que não querias reformar a Frente mas enfraquecê-la a fim de minar a posição do Presidente Roberto entre os combatentes e os quadros da Frente. Pois se tinha ficado convencido da necessidade de estender a guerra

e de fazer pressão sobre o Presidente para o obrigar a mudar a sua linha que tu dizias estar desvirtuada, não era questão de enfraquecer materialmente a Frente mas sim de a reforçar: sendo um armamento melhor e em maior quantidade uma das condições para a extensão da guerra, no cadinho da qual se forjará a unidade total do povo angolano. É essa política de reforço da Frente que defendi contigo no plano diplomático em Dar-es-Salam e em Lagos onde foram obtidos novos reconhecimentos para o GRAE. Compreendi definitivamente que mais do que fazer alastrar a guerra desejavas tornar-te importante em Angola, mesmo à custa da destruição da FNLA, quando a 20 de Abril, na noite da véspera da tua partida para Lausanne, apresentaste-me um projecto de estatutos de um novo “Partido de acção revolucionária angolano” (PARA). Não fiz então nenhum comentário mas pedi-te uma bolsa de estudos, fazendo-te entender por essa atitude, que não devias contar mais comigo. Desiludido e preocupado com a minha reacção, fizeste um esforço para me “adoçares a boca”, repetindo-me várias vezes “terás a tua bolsa”... até a manhã seguinte quando te acompanhei para a pista do avião.

Que significaria exactamente a formação do PARA? Na minha opinião, seria uma simples fantasia burocrática já que ela não corresponderia a uma preparação psicológica e a uma necessidade das massas. Aliás se tinhas começado a redigir os estatutos, não tinhas no entanto nenhum programa original, nem sequer um simples programa. Outra coisa, os apoios logísticos nas fronteiras ser-te-iam recusados em Léopoldville e em Lusaka; e Brazzaville está, no mínimo, mal colocada, a não ser que tenhas tido a intenção de libertar o enclave de Cabinda (menos de 1% do território angolano). Mas também até teriam sido necessários combatentes.

No plano internacional, tendo a divisão FNLA e MPLA feito mal suficiente, terias apenas recreado uma confusão parecida e corrido o risco de criar desinteresse dos países africanos e anti-colonialistas em relação à Revolução angolana, por causa desta nova e lamentável divisão diante de todas as forças fascistas e racistas unidas ao lado de Salazar. Não é a tua intenção de te apoiares, entre outros, no American Committee on Africa que teria melhorado a situação.

Pouco orgulhoso e furioso com o papel que desempenhei nas primeiras etapas do teu plano que terminou com improvisações oportunistas, resolvi os meus assuntos e deixei o Cairo sem expor os meus verdadeiros motivos, preferindo mais ficar isolado politicamente do que continuar a apoiar-te numa via que, inicialmente, podia parecer abstractamente sedutora (se fosse verdade que o Presidente Roberto traía a Revolução, como tu afirmavas) mas que passou da organização de uma tendência [*Em nota:* Tendência que era uma evidência para todos os leitores atentos de imprensa oficial da FNLA.] para uma conspiração, de conspiração para oportunismo, de oportunismo para incoerência e de incoerência para contra-revolução objectiva.

Porquê essa decomposição acelerada? Porque tudo estava viciado na base, porque uniste as pessoas mentindo-lhes, abusando assim da confiança que tinham na tua elevada função no seio do governo.

2) Em vez de pôr as tuas teorias à prova através do julgamento das massas, preferiste lançar-te em intrigas burocráticas no aparelho da FNLA.

3) A plataforma que desenvolveste não era, na realidade, mais do que uma máquina de guerra para servir a tua ambição pessoal. Foi então que te deixei. A sequência dos acontecimentos deu-me politicamente razão no que te diz respeito, devo dizê-lo sem alegria no coração porque tive muita amizade por ti e infelizmente uma confiança política excessiva em ti.

Calei também os verdadeiros motivos da minha saída do Cairo porque não sou daqueles para quem o oportunismo se tornou peça chave do jogo político.

Para completar, acrescentarei ainda que, não satisfeito em me ter caluniado em todo o lado e procurado me fechar todas as saídas para enfraquecer a possibilidade de um eventual testemunho incómodo, também me levantaste obstáculos na World University Service (WUS) para que eu não conseguisse obter uma bolsa e que também fosse condenado a arrastar um exílio miserável, sem possibilidade de adquirir uma formação profissional superior.

Florentino Duarte *[segue assinatura]*

P.S. 15 de Julho

Obrigado a defender publicamente a minha integridade política, publicamente posta em causa, expresso o desejo que seja útil para a reflexão este testemunho auto-crítico dos estragos que o culto da personalidade produziu entre alguns de nós cuja vigilância revolucionária foi descurada.

Memorando do MPLA à Conferência Cimeira da OUA

*[policopiado, em francês]*¹

MEMORANDO

À CONFERÊNCIA DOS CHEFES DE ESTADO E DE GOVERNO DA OUA

Cairo, 17 de Julho de 1964

MOVIMENTO POPULAR DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA

VITÓRIA OU MORTE

Um dos princípios fundamentais que orientam o Movimento Popular de Libertação de Angola foi sempre a coordenação dos seus esforços com os dos Países Irmãos, com vista a liquidar os últimos redutos do colonialismo em África e em particular a dominação portuguesa em Angola.

Esta linha foi coroada pelas decisões históricas de Addis Abeba relacionadas com a descolonização porque, tal como o MPLA sempre tinha pedido, os Estados Independentes de África concertaram um plano comum de ajuda aos movimentos de libertação e de combate contra o colonialismo.

¹ Também existe uma versão em inglês. Este documento retoma grande parte do Memorando apresentado em Fevereiro de 1964, em Lagos.

A questão de Angola não cessa de ser objecto da atenção particular de todos os dignos Responsáveis africanos que lhe dedicaram uma atenção especial.

Contudo, a complexidade da questão angolana levantou sérios obstáculos à sua perfeita compreensão, permitindo assim a criação de uma situação delicada que exige, da mais alta instância da OUA, toda a sabedoria de que só ela é depositária.

O MPLA apresentou, por várias vezes, aos órgãos competentes da OUA questões pertinentes relacionadas com a situação do problema angolano. À Conferência dos Ministros dos Negócios Estrangeiros da OUA, realizada em Lagos a 24 de Fevereiro de 1964, foi apresentado um Memorando muito circunstanciado que, por um lado, mostrava as incidências negativas da tentativa de afastamento do MPLA da cena política angolana e, por outro lado, solicitava à OUA que evitasse as consequências perigosas que daí advinham.

Porque as soluções até agora procuradas para o problema não conseguiram ainda imprimir à nossa luta o ritmo e a eficácia requeridos, o MPLA endereça aos dignos Chefes de Estado e de Governo da OUA este Memorando com o objectivo de:

- I. Afirmar a capacidade e a actividade revolucionária do MPLA demonstradas ao longo do conflito sangrento que opõe o Povo Angolano ao Colonialismo português.
- II. PEDIR A LIBERDADE DE ACÇÃO PARA O MPLA EM TODOS OS PAÍSES AFRICANOS, NOMEADAMENTE NOS PAÍSES LIMÍTROFES, PARA QUE A NOSSA LUTA SE POSSA DESENVOLVER AO RITMO DAS NOSSAS REAIS CAPACIDADES.

O MPLA recordará, portanto resumidamente, alguns factos importantes que permitirão aos dignos Chefes de Estado e de Governo dos Países Irmãos da África ajuizar dos seus princípios, dos seus métodos, das suas actividades e da audiência que ele tem junto do Povo angolano.

I

A 6 de Dezembro de 1960, depois de ter esgotado todos os meios para resolver pacificamente o conflito que opõe o Povo angolano aos colonialistas portugueses, o MPLA foi o primeiro a lançar a palavra de ordem ACÇÃO DIRECTA contra a opressão, pela independência Nacional. Foi o MPLA que desencadeou a insurreição armada em Angola, nos dias 4, 5 e 6 de Fevereiro de 1961.

Esses acontecimentos que marcam a primeira ruptura irreversível do nacionalismo angolano com o sistema colonial português, confirmaram a maturidade política do Povo angolano e colocaram, sem equívoco, o MPLA à cabeça do movimento revolucionário de Angola.

O MPLA foi a primeira organização nacionalista angolana a desenvolver no interior do país uma intensa actividade política no seio das massas. Foi fundado no interior do País em 1956. É a formação política mais atingida, em todos os escalões da sua organização, pela repressão colonial. A imensa maioria dos quadros nacionalistas que se encontram nas prisões colonialistas pertence ao MPLA.

O MPLA possui cerca de 70.000 membros com cartões e vários outros que, por razões de clandestinidade, não o possuem. A forma de adesão ao MPLA dá-lhe um carácter e uma vocação nacionais.

Milhares de militantes do MPLA lutam junto do Povo em todas as regiões onde se faz sentir a guerra contra o colonialismo português.

Mais que um Partido, o MPLA é um Movimento. Mas não pode ser definido como Movimento ideológico, de classe, regional ou tribal. O MPLA é um Movimento Nacional chamado a representar, dado o leque e a composição real dos seus membros, o universo da Nação Angolana. Ele pretende ser um Movimento democrático, pelos métodos que utiliza e pelos objectivos que se propõe atingir. Um Movimento que construiu a sua doutrina com base na experiência da luta anti-colonialista de todos os povos africanos.

O seu programa estabelece, para a Angola livre e independente de amanhã, a necessidade de garantir o exercício das liberdades fundamentais e dos direitos definidos pela Declaração Universal dos Direitos do Homem; o respeito à propriedade privada, a cooperação de todas as classes sociais angolanas com base na justiça social; um Estado com uma estrutura e um funcionamento democráticos, um governo de coligação nacional que respeite os princípios da Carta das Nações Unidas e pratique uma política estrangeira independente no sentido da Unidade Africana.

O MPLA pôde estabelecer as bases concretas para ultrapassar os obstáculos que depois do 4 de Fevereiro de 1961 entravam o desenvolvimento das forças políticas nacionalistas.

Os aspectos negativos da insurreição apresentam-se, no nosso caso, com as seguintes características: uma resistência localizada, ausência de um comando único, insuficiência nos objectivos políticos da luta e divisão do movimento nacionalista. Era portanto necessário planificar uma acção de molde a permitir a mudança das condições nos quais se debatem as massas angolanas e elevar o nível da luta político-militar. Paralelamente era preciso que os grupos, que no interior do País suportam o peso do exército colonial, mantivessem uma actividade militar consequente e positiva.

Foi assim que o MPLA acelerou a formação de quadros militares, familiarizados com as técnicas de guerrilha, o enquadramento político-militar da população e o reforço das estruturas organizacionais, no interior do País.

Além disso, o MPLA realizou uma verdadeira mobilização dos militantes para a luta armada, estabeleceu uma estrutura militar adaptada às condições de desenvolvimento da luta e procedeu ao seu reforço orgânico no território nacional.

Puderam registar-se numerosas adesões de chefes regionais à nossa organização. A acção clandestina desenvolve-se a cada dia nas cidades de Angola, apesar das constantes detenções.

Em mais de 50 aldeias, uma dezena de milhares de *partisans*, sob a bandeira do MPLA, mantêm em actividade núcleos de resistência, servindo-se de toda a espécie de armas e de munições que, através de todas as dificuldades, os quadros do Exército Popular de Libertação de Angola (EPLA) lhes fazem chegar.

A sua actividade permanente contribui para manter o grosso dos efectivos do exército colonialista na parte Noroeste de Angola.

O EPLA criou um Comando Operacional que dispõe de unidades de guerrilha com vista ao enquadramento dos *partisans*. Nessas unidades participam numerosos Quadros, oriundos de todas as camadas nacionais que o MPLA pôde mandar treinar na Argélia, no Marrocos e no Ghana, graças à solidariedade dos nossos irmãos.

O MPLA abriu, desde Janeiro de 1963, uma nova frente de combate no Enclave de Cabinda, fronteira do Congo-Brazzaville. Os grupos de guerrilha em acção nesta região já provaram a sua capacidade militar através dos combates que levaram a cabo contra o exército colonialista português. Os próprios colonialistas portugueses não escondem a sua preocupação cada vez que fazem face aos grupos de guerrilheiros do MPLA.

As forças do EPLA levaram a cabo outros grandes combates nas zonas próximas do rio Kwango, na região de Malange, na região compreendida entre Malange e Lunda. Outros combates de menor importância tiveram lugar nas zonas do Lobito e de Porto-Alexandre.

Todos os que, amigos ou inimigos, acompanham o desenvolvimento da nossa luta, sabem que a situação absurda que visava aniquilar a força revolucionária do MPLA não teve nem nunca poderá ter sucesso. Os obstáculos levantados no nosso caminho foram sistematicamente derrubados.

A nossa organização, abalada por um momento diante da avalanche que o imperialismo fez tombar sobre ela, pôde recompor-se e está mais sólida que nunca.

Os nossos grupos de guerrilha, cuja coragem e o patriotismo superaram a situação de asfixia, puderam persistir e reforçar a sua acção armada contra os colonialistas portugueses cujas pontes não cessam de rebentar e cujas armas continuam a ser recuperadas.

Lenta mas seguramente, indiferente a toda a propaganda mentirosa e falaciosa, o MPLA constrói a organização que a envergadura da nossa luta exige.

A organização no interior do País que não tinha sido atingida, pôde pelo contrário ser reforçada. Prova disso são as manifestações realizadas nos principais centros de Angola, a 4 de Fevereiro, data do terceiro aniversário do início da insurreição armada. Com efeito, milhares de panfletos foram distribuídos e reapareceram inscrições com palavras de ordem do MPLA nas paredes e nas árvores. Como represália, as forças colonialistas atacaram os bairros africanos de Luanda, Lobito, Nova Lisboa, etc., fazendo um número incalculável de mortos e feridos.

Também a direcção do MPLA no interior pôde retomar um novo ímpeto com o regresso ao país de dirigentes que adquiriram uma preparação militar.

Apresentamos aqui outros exemplos:

A 6 de Junho de 1964, as autoridades portuguesas anunciaram que um grupo de nacionalistas teria atacado uma aldeia matando uma mulher e uma criança angolanas. Segundo as mesmas notícias, os nacionalistas teriam detido três portugueses nascidos em Cabinda. A verdade é outra.

Com efeito, de 30 de Maio a 5 de Junho último, os destacamentos de comandos do MPLA operaram na zona em causa.

No cumprimento de um plano preciso, um destacamento de acção do MPLA operando em Cabinda, introduziu a 30 de Maio numa aldeia de NCULU, um grupo

de Comandos com a missão de capturar o perigoso traidor FRANCISCO MAKAYA, tristemente célebre entre as populações como informador e guia das tropas portuguesas. Por várias vezes, ele tinha conseguido fugir e dificultar as nossas actividades. O êxito da missão traduziu-se não só pela captura deste traidor, mas também dos seus três cúmplices JOSÉ KUVINGA, INÁCIO MBUNDO e KIKAYA KINOMBE. Os quatro traidores foram apanhados em plena reunião e encontram-se hoje num dos nossos campos onde o seu destino está a ser decidido.

Cumprimos assim um plano de saneamento metódico que visa sobretudo inspirar às nossas populações confiança e segurança e dar-lhes a certeza do valor dos objectivos dos nossos guerrilheiros.

Nesse mesmo 30 de Maio, às 11 horas e 45, um grupo de sapadores nossos conseguiu rebentar a grande ponte sobre o rio LOMBE, que liga a vila de MICONGE à de BELIZE, criando sérios problemas logísticos ao inimigo.

A 5 de Junho, um outro grupo de Comandos do MPLA confrontou-se com uma coluna de 30 soldados portugueses que, surpreendida com a intensidade do fogo dos nossos guerrilheiros, se pôs em fuga, deixando no campo uma enorme quantidade de material de guerra.

A 15 de Junho, um destacamento de Comandos do MPLA fez uma emboscada às forças de repressão colonialistas, na região do MICONGE na madrugada de 15 de Junho. As forças colonialistas registaram 16 mortos dos quais um oficial e várias dezenas de feridos e uma enorme quantidade de material de guerra foi recuperada incluindo algumas armas pesadas. Do lado nacionalista, não se registou nenhuma vítima.

Mais de 2.000 membros do MPLA participaram na última Assembleia de uma zona em Angola, juntando todos os representantes de diversas regiões e [contando] com a presença de dois membros do Comité Director do MPLA enviados do interior [do exterior]. O apoio ao MPLA manifesta-se em todas as camadas sociais da população – os camponeses, os funcionários, os intelectuais, a juventude – que dirigem as actividades da organização nas cidades e nos campos.

A politização, o enquadramento e a mobilização das massas intensificam-se nas regiões do UÍGE com vista à abertura de novas frentes de combate, e depois de quadros militares recentemente formados em países amigos terem conseguido penetrar no país.

Equipas móveis de quadros político-militares acompanhados de quadros sanitários desenvolvem um trabalho gigantesco de organização, de mobilização e de estruturação da Organização em várias regiões. São encaminhados medicamentos para o interior do país, nomeadamente nas regiões afectadas pelos bombardeamentos aéreos.

O MPLA ESTÁ PORTANTO ORGULHOSO DE PROPOR À CONFERÊNCIA A CONSTITUIÇÃO DE UMA COMISSÃO QUE PODERÁ VIR CONSTATAR IN LOCO O TRABALHO DE ORGANIZAÇÃO E DE MOBILIZAÇÃO JÁ REALIZADO E EM VIAS DE SE REALIZAR. ELE TOMA SOLENEMENTE, PERANTE VÓS, A RESPONSABILIDADE DE FAZÊ-LA PERCORRER CENTENAS DE QUILOMETROS NO INTERIOR DO PAÍS, SOB A PROTECÇÃO DOS NOSSOS GUERRILHEIROS.

Le M.P.L.A. et le Monde

Pour poursuivre sa guerre d'extermination contre le Peuple angolais, le Portugal obtient le soutien moral et matériel de ses alliés de l'OTAN, de l'Afrique du Sud et d'autres pays. Certains de ces alliés, par les investissements consentis, sont les véritables maîtres d'importants secteurs de l'économie de notre Pays, fait qui démontre, d'une part, le sous-développement du Portugal et net, d'autre part, l'Angola au centre d'une controverse à l'échelle du monde occidental.

O MPLA e o Mundo

Para prosseguir a sua guerra de extermínio contra o Povo angolano, Portugal recebe apoio moral e material dos seus aliados da OTAN, da África do Sul e de outros países. Alguns desses aliados, pelos investimentos consentidos, são verdadeiros donos de importantes sectores da economia do nosso País, facto que demonstra, por um lado, o subdesenvolvimento de Portugal e, por outro lado, coloca Angola no centro de uma controvérsia à escala do mundo ocidental.

A actividade diplomática do MPLA esforçou-se por reflectir a evolução do problema angolano nesse contexto.

A denúncia do sistema ultra-colonialista português, a defesa de uma política concordante com as aspirações populares, a procura de um amplo apoio para a luta de libertação nacional foram as principais preocupações das missões do MPLA no exterior.

Em primeiro lugar, as manifestações da nossa solidariedade com os movimentos nacionalistas em luta contra o colonialismo português datam de 1958, com a criação do MAC (Movimento Anti-Colonialista) e mais tarde da FRAIN (Frente Revolucionária Africana para a Independência Nacional), organizações que coordenavam a luta do Povo angolano e do Povo da Guiné (Bissau). Mais tarde, em Abril de 1961, numa conferência em Casablanca, foi criada a CONCP (Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas) que engloba por Angola: a União Nacional dos Trabalhadores de Angola (UNTA) e o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), pela Guiné e Cabo Verde [: o Partido Africano para a Independência da Guiné e de Cabo Verde] (PAIGC) e o Movimento de Libertação da Guiné e Cabo Verde (MLGC); por Goa: o Partido do Povo de Goa, o Congresso Nacional, o Conselho de Libertação e a Liga de Goa; por Moçambique: a União Democrática Nacional de Moçambique (UDENAMO), e mais tarde a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO); por São Tomé e Príncipe: o Comité de Libertação de São Tomé e Príncipe (CLSTP).

O MPLA sempre inseriu o problema angolano no contexto africano, tendo a preocupação de colocar a questão angolana acima de qualquer divergência [invergente] entre os nossos irmãos africanos. A prova disso está nas numerosas visitas efectuadas aos países africanos e na nossa presença nas diversas reuniões inter-africanas e afro-asiáticas a nível de Chefes de Governo, de organizações políticas ou sindicais.

As delegações políticas do MPLA tomaram parte, como observadores, na Conferência de Chefes de Estado em Monróvia (Maio 61), em Lagos (Janeiro 1962), na Conferência dos Países não-alinhados em Belgrado (Setembro 1961), na reunião do

Comité Político do “grupo de Casablanca” (Junho 1962), na conferência dos Chefes de Estado da UAM em Libreville (Setembro 1962) e em Cotonou (Agosto 1963), na Conferência constituinte da OUA em Addis Abeba (Maio 1963) e dos Ministros dos Negócios Estrangeiros da OUA em Dakar (Agosto 63) e em Lagos (Fevereiro 1964), assim como nas XVIª e XVIIª Sessões da Assembleia Geral das Nações Unidas.

O MPLA participou activamente nos trabalhos das Conferências Panafricanas em Tunis (Janeiro 1960) e no Cairo (1962); nas Conferências de solidariedade Afro-Asiáticas em Conakry (Abril 1960), em Moshi (Abril 1963) e em Argel (Março 1964); nas conferências dos “Freedom Fighters” – os combatentes da Liberdade – convocadas pelo Presidente Nkrumah em Winneba (Junho 1961 e 1962), assim como no Seminário dos Jovens Trabalhadores sobre as colónias portuguesas em Casablanca (Abril 1962), da Conferência panafricana da Juventude em Conakry (Maio 1962), na Assembleia Mundial da Juventude em Aarhus, Dinamarca (Julho 1962), no Seminário sobre o êxodo rural em Cotonou (Novembro 1962) e em várias Assembleias da WAY, da COSEC e da UIE.

A Organização das Mulheres de Angola (OMA) estava representada na primeira Conferência de Mulheres do Oeste Africano em Conakry (Junho 1961). Os escritores angolanos participaram, sob a égide do MPLA, na Iª e IIª Conferências dos Artistas e Escritores Negros em Paris (1957) e em Roma (1959) e na Conferência Afro-Asiática dos Escritores no Cairo (Março 1962); os juristas angolanos na IIª Conferência Afro-Asiática dos Juristas em Conakry (Outubro 1962); os jornalistas do MPLA ao IIIº Encontro dos Jornalistas do Mediterrâneo (Setembro 1963).

Os militantes do MPLA representam Angola nos Secretariados das Organizações de Solidariedade Afro-Asiática e Panafricana.

Em cooperação com o MPLA, formaram-se Comités de Apoio a Angola em França, na Alemanha Federal, na Bélgica, na Itália, na Holanda, nos Países Escandinavos, no Brasil e na Índia.

Organizações filantrópicas de todo o mundo, em particular da Suécia, da Inglaterra – de que realçamos “War on Want” – do Brasil e da Holanda, reforçam a sua ajuda concreta aos refugiados (CVAAR).

Junto dos Países Afro-Asiáticos e, de uma maneira geral juntos dos Países membros da ONU, o MPLA tem-se esforçado, não sem êxito, por isolar Portugal.

Para sublinhar, no plano exterior, a aprovação da nossa política a favor da unidade das forças combatentes angolanas, vários Chefes de governo africanos ofereceram, por nossa iniciativa, os seus bons ofícios com vista a uma aproximação das tendências do nacionalismo angolano.

No momento em que os próprios países africanos se esforçam por consolidar a união africana, o MPLA declara-se igualmente preocupado com isso. Marchamos no sentido das forças africanas que colocam como tarefa fundamental da unidade a cooperação e a solidariedade, tomando como base uma história e uma condição comuns.

O que propomos aos Países-Irmãos independentes, é que eles apenas intervenham na questão angolana com o objectivo de reforçar o potencial das forças nacionalistas e não o de aprofundar a divisão existente.

Não se trata de empenhar a nossa política num ou noutro dos blocos que dividem entre si o mundo. A nossa única atitude em relação aos blocos é de nos esforçarmos sinceramente por eliminar as tentativas de instalação de um clima de guerra-fria entre os nacionalistas angolanos e de prevenir as complicações das intrigas internacionais na Angola de amanhã.

Prosseguimos a mobilização da opinião internacional contra o nosso inimigo directo, o colonialismo português, e as campanhas de apelo à solidariedade de todas as organizações anti-colonialistas.

Assim fazendo, adoptamos uma atitude que a OUA aprovou.

O não-alinhamento que praticamos em política externa não esconde nenhuma escolha deliberada de uma ideologia e não poderia ser considerado como uma tática de chantagem. Muito pelo contrário, trata-se de uma afirmação realista e o único comportamento possível num mundo pesado de ameaças, em que os povos ainda sob dominação estrangeira teriam muito a perder se ficassem presos a jogos de competições entre blocos.

Enfim, a nossa acção diplomática baseia-se também na nossa intransigência face ao colonialismo português, ao neocolonialismo e ao imperialismo.

O MPLA, perante a situação trágica de mais de 300.000 refugiados, criou em Léopoldville o CORPO VOLUNTÁRIO ANGOLANO PARA A ASSISTÊNCIA AOS REFUGIADOS (CVAAR) com o concurso técnico de onze médicos angolanos, com uma experiência profissional indiscutível e de 40 enfermeiros diplomados angolanos; alguns professores completavam o corpo técnico do CVAAR que, desde 1961, desenvolve uma grande actividade com o objectivo de minorar as trágicas condições sociais dos refugiados angolanos no Congo, depois do início da luta armada.

O CVAAR instalou dois dispensários centrais, em Léopoldville e em Matadi, e construiu 22 postos médico-escolares ao longo da fronteira Congo-Angola. Esses dispensários e postos davam assistência gratuita a milhares de refugiados distribuindo medicamentos, fazendo consultas médicas, injeções e outros tratamentos e distribuíam roupas, alimentos e desenvolviam uma intensa actividade de educação de base e profissional.

Ali onde não havia dispensários congolezes, o CVAAR dava assistência aos doentes congolezes. Alguns governos provinciais, entre os quais o do Kwango e do Congo Central, manifestaram ao Sr. Adoula a sua profunda inquietação devido às dificuldades levantadas ao MPLA e ao CVAAR que provocavam na população das províncias um forte descontentamento e deixavam esses governos desarmados face à avalanche de refugiados.

Previendo as necessidades de Angola em quadros técnicos, o MPLA mantém em diversos países da Europa e da América mais de trezentos estudantes que, com os técnicos já formados (cujas maioria pertence ao MPLA) constituirão a base técnica que assegurará o desenvolvimento económico, cultural e social da Angola do futuro.

Os esforços do MPLA para a Unidade do Nacionalismo Angolano

A ideia de uma Frente unida sempre constituiu uma constante da acção política do MPLA [que] nunca deixou de expressar com veemência a sua firme decisão de desenvolver a sua acção a favor de uma Frente de Libertação.

É sempre oportuno recordar os esforços do MPLA com vista à constituição de uma Frente de Libertação.

No mês de Janeiro de 1960, tiveram lugar conversações entre o MPLA e a UPA, não tendo esta última dado seguimento aos acordos estabelecidos.

No mês de Abril de 1961, dois dirigentes do MPLA devidamente credenciados, tiveram conversações com dirigentes da UPA, da ALLIAZO e do MLEC, em volta de um projecto da Frente. O presidente da UPA e alguns colegas da sua direcção opuseram-se, desde o início, à própria ideia da Frente.

A 23 de Junho de 1961, uma nova diligência do MPLA não encontra eco favorável por parte da UPA.

A 27 de Março de 1962, o PDA e a UPA associam-se numa coligação denominada FNLA.

A 5 de Abril de 1962, os dirigentes dessa “Frente” proclamam a constituição de um “governo da república angolana no exílio”... O MPLA não foi avisado nem convidado para nenhuma dessas duas operações.

A 3 de Maio de 1962, o Sr. Cléophas KAMITATU, antigo Ministro do Interior do Governo do Congo-Léopoldville procura encontrar, com as organizações nacionalistas angolanas, uma plataforma para a sua unidade. O próprio Sr. KAMITATU pôde aperceber-se da boa fé do Projecto de Frente apresentado pelo MPLA e ser testemunha da posição intransigente dos dirigentes da UPA, querendo impor uma Frente sob a sua direcção.

A 6 de Junho de 1962, por ocasião da Conferência dos Combatentes da Liberdade, em Accra, o Presidente Kwame NKRUMAH apresentou o seu “ponto de vista” sobre a unidade das forças nacionalistas angolanas aos delegados do MPLA, da UPA e do PDA, prevendo uma “aliança militar” e a criação de um “Conselho Nacional” e de um Comando Militar Unificado formado por representantes das três organizações políticas.

Esse “PONTO DE VISTA” deveria ser discutido em Léopoldville, o que foi sem o mínimo resultado positivo, a 5 de Agosto de 1962 com a participação do Dr. Agostinho Neto, recentemente evadido da sua deportação em Lisboa. Por essa ocasião, o Presidente da UPA encontrou um vago pretexto para sabotar, uma vez mais, a discussão sobre a unidade.

A 25 de Janeiro de 1963, aquando da presença da Missão Argelina de Boa Vontade, conduzida pelo Comandante SLIMANE, a UPA recusou qualquer encontro que tivesse por objectivo a Unidade. Um desses encontros devia ter lugar no Gabinete do Ministro dos Negócios Estrangeiros do Congo-Léopoldville, na altura, Sr. Justin BOMBOKO.

Desde Fevereiro de 1964, indo ao encontro dos apelos prementes das massas, inquietas com a viragem que o problema angolano tomava, o MPLA lançou a palavra de ordem de um Congresso de todas as forças nacionalistas destinado a desenvolver um plano capaz de salvar o nacionalismo angolano da situação perigosa onde foi colocado. Milhares de angolanos já se manifestaram a favor de um tal Congresso e apenas aguardam a sua realização.¹

¹ Existe uma versão em inglês que inclui “A formação da FDLA”, evocando os 14 princípios aprovados quando da constituição dessa Frente.

II

O MPLA abstém-se de insistir no julgamento da acção e das recomendações da Missão de Bons Ofícios que se deslocou a Léopoldville em Junho de 1963 para reconciliar o nacionalismo angolano.

A nossa opinião sobre esse assunto já foi expressa várias vezes em diversos documentos que tivemos a honra de remeter aos governos africanos e aos diversos órgãos da OUA.

A Missão de Bons Ofícios foi praticamente impedida de examinar profundamente o problema angolano, considerando as condições especiais em que ela actuou. Essas circunstâncias não inspiraram a deslocação da Missão de Bons Ofícios ao interior de Angola ou pelo menos até as fronteiras (onde se encontram mais de quatrocentos mil angolanos refugiados) o que lhe teria permitido investigar a situação e chegar seguramente a conclusões diferentes daquelas a que chegou. As consequências desastrosas das suas recomendações são hoje demasiado evidentes e não oferecem a mínima dúvida a todos os que se interessam de facto pela causa da nossa libertação nacional. O MPLA não tenciona retornar a esta questão.

O essencial consiste agora em encontrar uma fórmula susceptível de não impedir a participação activa de todas as vontades revolucionárias angolanas no processo de libertação nacional. Essa fórmula teria como elemento de base o reforço da acção revolucionária contra o colonialismo português.

A experiência de luta do Povo angolano permite ao MPLA afirmar aos dignos Chefes de Estado e de Governo africanos que é na medida em que se concede as mesmas condições de luta às organizações nacionalistas angolanas, profundamente empenhadas na luta de libertação nacional, que se poderá reforçar o Movimento Nacionalista angolano, de modo a transformá-lo numa corrente patriótica única, essencialmente votada à tarefa de liquidar a dominação colonial. Pelo contrário, o estabelecimento prático de uma desigualdade de condições entre as diversas fracções nacionalistas, sobretudo se visa um movimento político como o MPLA cuja capacidade e a dedicação revolucionárias não podem ser postas em causa, não fornecerá nenhum contributo positivo e concreto e só contribuirá para um desperdício de energias em acções que estão longe de contribuir decisivamente para liquidar o inimigo.

Na acção revolucionária o acordo deve ser perfeito e total. As numerosas fracções do Povo que sofrem mais directamente as arbitrariedades e atrocidades da dominação, encontram-se na acção comum através da sua liberdade de acção; isso arrasta-as para a unidade, para a organização, para a definição cada vez mais completa dos objectivos a atingir. O afastamento de qualquer força nacional só pode contribuir para fazer estagnar os seus esforços numa actividade penosa porque quase sempre ineficaz.

A realidade apresentada nestes últimos meses caracteriza-se nomeadamente por um nítido recuo da luta armada e pelo aumento do número de Angolanos que procuram refúgio no Congo porque estão cépticos em relação ao resultado do seu combate heróico.

O recuo da acção armada provoca mesmo a partida de um batalhão português de Angola para a Guiné (Bissau) e a transferência do comandante nazi Schultz de Angola para a Guiné (Bissau) onde se tornou Governador.

Enriquecido com a experiência da luta do seu Povo, o MPLA que tem, mais do que ninguém, a consciência do problema angolano na sua totalidade, contesta firmemente e contestará sempre qualquer fórmula que tenha como resultado prático a atribuição da responsabilidade da direcção da luta a uma fracção das forças nacionalistas angolanas.

A união de todas as forças revolucionárias obtém-se na luta, e esta só atingirá o nível e a intensidade desejados pelos dignos Chefes de Estado e de Governo africanos, que têm neste momento a responsabilidade histórica de ajudar na emancipação dos nossos povos, através da liberdade de acção de todas as forças nacionalistas sinceramente engajadas no combate pela independência nacional dos seus respectivos países.

Se a nossa acção armada, embora efectiva, não pôde se desenvolver normalmente com a amplitude desejada, isso deve-se ao facto de termos sido forçados a uma actividade político-militar que tinha por base um contexto onde certas circunstâncias bem conhecidas agiram de forma sistemática, com o intuito de criar, no seio do nacionalismo angolano, um desequilíbrio de relações de forças susceptíveis de facilitar a eliminação da nossa organização.

E a um dado momento, o imperialismo preferiu pôr a África diante do facto consumado do reconhecimento de uma fracção das forças nacionalistas angolanas e encontrar assim um fundamento legal para a acção repressiva directa contra os Angolanos por Africanos que deviam melhor compreender e apoiar a nossa acção.

E é justamente porque o MPLA é um movimento com uma ampla base social, profundamente apoiado nas massas, é justamente por causa do enorme trabalho que foi realizado apesar da carência de meios à sua disposição, devido à qualidade e à quantidade dos seus quadros, devido finalmente à força dos seus princípios e à compreensão do Povo e do Governo da República do Congo-Brazzaville, que o MPLA pôde resistir a todas essas dificuldades e continuar a afirmar-se enquanto Movimento nacionalista engajado no processo de libertação nacional. Isso ele continuará a fazer até que os direitos do seu Povo e o seu exercício sejam reconhecidos e aplicados. Em virtude da sua origem verdadeiramente nacional, da sua política de defesa dos interesses da maioria oprimida de Angola, da sua opção de não-alinhamento, do seu carácter africano e dirigido para o progresso, da sua actividade política e militar sérias, da sua estrutura democrática, da quantidade dos seus quadros formados e em formação, em virtude de tudo isto, o entrave da actividade do MPLA só pode provocar um perigoso recuo das forças nacionalistas angolanas.

O MPLA exige um direito sagrado: LIBERDADE DE ACÇÃO em todos os países africanos nas mesmas condições de qualquer outra organização nacionalista angolana, pela independência nacional do nosso país.

O MPLA acredita na sabedoria da OUA e na sua dedicação à causa da libertação da África. O MPLA espera que a preocupação com a justiça e o amor à liberdade inspirem os líderes africanos responsáveis, na sua tarefa de encontrar as mais elementares condições para que o povo angolano possa lutar e alcançar a sua liberdade. [Os dois últimos parágrafos são da versão inglesa.]

“Lista dos militantes do MPLA...” e “Lista de material...”

[dactilografado]

LISTA DOS MILITANTES QUE O MOVIMENTO TEM EM DISPOSIÇÃO E A LOCALIDADE ONDE SE ENCONTRAM

| BRAZZAVILLE | LOCAL | OCUPAÇÃO |
|-----------------------------|-------------|---------------------------|
| 1. António Agostinho Neto | Brazzaville | Presidente do MPLA |
| 2. Rev. Domingos Silva | " | Vice-Presidente do MPLA |
| 3. Aníbal de Melo | " | Chef. Depart. Inform. |
| 4. Luiz de Azevedo | " | " " Exterior |
| 5. Daniel Júlio Chipenda | " | " " O. e Q. |
| 6. Nicolau Gomes Spencer | " | " " Finanças |
| 7. Timóteo Miguel | " | |
| 8. Aristides Cadete | " | |
| 9. José Condesse | " | |
| 10. Lúcio Lara | " | Membro Gabinete Político |
| 11. Henrique Carreira | " | " " " |
| 12. Eduardo Santos | " | " " " |
| 13. Francisco Rangel | " | Secretário Administrativo |
| 14. Manuel Alexandre | " | Colaborador da secretaria |
| 15. Carlos Alberto Monteiro | " | " " " |
| 16. Francisco Ramos Barros | " | " " " |
| 17. José Marques Pimentel | " | " relações exteriores |
| 18. Armando António | " | " depart. Informação |
| 19. João Zombo Necongo | " | " " " |
| 20. José Manuel | " | "Organ. e Quad. |
| 21. Moisés Cardoso | " | Serviço de escuta |
| 22. Samuel Miguel | " | Cartografia MPLA e escuta |
| 23. João Marcos | " | |
| 24. Salvador da Conceição | " | Condutor e guerrilheiro |
| 25. Ciel da Conceição | " | Guerrilheiro |
| 26. Domingos Damião | " | |
| 27. Jorge Albano Francisco | " | " |
| 28. Gabriel Sebastião | " | |
| 29. José da Costa | " | |
| 30. Rafael Kafala | " | Enfermeiro |
| 31. Armando Teixeira | " | Alfaiate |
| 32. Deolinda d'Almeida | " | Diversos |
| 33. Faustino Fernandes | " | Guerrilheiro |
| 34. António Quixi | " | |
| 35. Alexandre Taty | " | |

| | | |
|------------------------------|-------------|--------------|
| 36. Pedro Manuel | Brazzaville | |
| 37. Fortunato Cristovão | " | |
| 38. Gomes Almirante | " | |
| 39. Luiz Panzo | " | |
| 40. Flávio Fernandes | " | Guerrilheiro |
| 41. Lázaro Caparongo | " | |
| 42. Moisés Aliliano | " | Guerrilheiro |
| 43. Jacinto Infeliz | " | " |
| 44. António Manuel | " | " |
| 45. Miguel Benedito | " | " |
| 46. José Sobrinho Neto | " | " |
| 47. Joaquim José Paulo | " | |
| 48. João José Manico | " | |
| 49. Aníbal Fernando | " | |
| 50. Fernando António | " | |
| 51. João Domingos Miguel | " | |
| 52. Emílio Braz | " | |
| 53. Inácio Serafim | " | |
| 54. Guilherme Pedro | " | |
| 55. Domingos Lopes | " | |
| 56. Eduardo Manuel Francisco | " | |
| 57. António Miranda | " | |
| 58. Alfredo Junqueira | " | Stencilador |

LÉOPOLDVILLE

| | | |
|--------------------------|--------------|--------------|
| 1. Manuel Morais | Léopoldville | |
| 2. António dos Santos | " | |
| 3. Gomes Manuel | " | |
| 4. Miguel Manuel | " | |
| 5. António Mubemba | " | |
| 6. Mendonça | " | |
| 7. Oliveira Ramos | " | |
| 8. António Monteiro | " | |
| 9. Saldanha | " | |
| 10. Francisco Xavier | " | |
| 11. Jacinto Manuel | " | |
| 12. Augusto Manuel César | " | |
| 13. Carlos Gouveia | " | Guerrilheiro |
| 14. José Gomes | " | |
| 15. Ângelo Sebastião | " | |
| 16. José Manuel Paiva | " | |
| 17. Muinga Miranda | " | |

| | | |
|---------------------------------|--------------|--------------------------|
| 18. Adriano Carlos | Léopoldville | Guerrilheiro |
| 19. Sebastião Damião | " | |
| 20. Inácio João Baptista | " | Guerrilheiro |
| 21. António de Menezes | " | " |
| 22. Inácio Katoala | " | Guerrilheiro |
| 23. André Gonçalves | " | |
| 24. Joaquim Domingos Augusto | " | Guerrilheiro |
| 25. Fernando Miranda | " | Guerrilheiro |
| 26. M'buila Policarpo | " | |
| 27. Manuel António | " | |
| 28. Nicolau Estago | " | |
| 29. Cornélio António João | " | Guerrilheiro |
| 30. José Casimiro | " | " |
| 31. Armando Travassos | " | " |
| 32. Conde Pais | " | " |
| 33. Ihala | " | " |
| 34. Domingos Sebastião Kambanza | " | Enfermeiro |
| 35. Manuel Quarta | " | " e membro s. CD |
| 36. Joaquim Cardoso | " | guerrilh. " " " |
| 37. António Ramos | " | Guerrilheiro e " " |
| 38. Jacob Kidd | " | " " " " |
| 39. João Gonçalves Benedito | " | membro gabinete político |
| 40. Bengue | " | |

TUMBAMANI

| | | |
|--------------------------|-----------|--------------|
| 1. Sozinho António | Tumbamani | Guerrilheiro |
| 2. Álvaro Kapela Eduardo | " | " |
| 3. José Maquengo | " | " |
| 4. António Neves | " | " |

SONGOLOLO

| | | |
|-------------------------|-----------|--------------|
| 1. José Manuel da Graça | Songololo | |
| 2. José António Pascoal | " | Guerrilheiro |

MATADI

| | | |
|----------------------|--------|------------|
| 1. Santiago Baptista | Matadi | Enfermeiro |
|----------------------|--------|------------|

TSHELA

| | | |
|---------------|--------|--------------|
| 1. José Pedro | Tshela | Sindicalista |
|---------------|--------|--------------|

DOLOSIE

| | | |
|----------------------------|---------|--------------|
| 1. José Mendes de Carvalho | Dolosie | Guerrilheiro |
| 2. Afonso Bissafi | " | " |
| 3. Paulo Miguel Júnior | " | " |

| | | |
|------------------------------|---------|-----------------|
| 4. Eugénio Veríssimo | Dolosie | Guerrilheiro |
| 5. Francisco Lobota | " | " |
| 6. Vicente Joaquim | " | " |
| 7. Benigno Vieira Lopes | " | " |
| 8. Eduardo Panzo | " | " |
| 9. Artur Dinis | " | " |
| 10. Daniel Mendes | " | " |
| 11. Damião Lourenço | " | " |
| 12. Moisés Kassule | " | " |
| 13. Zacarias Bungo | " | " |
| 14. Bartolomeu Conde | " | " |
| 15. José Bacho | " | " |
| 16. António Manuel Lopes | " | " |
| 17. Álvaro Castro Eduardo | " | " |
| 18. Gelim Paím | " | Enfermeiro |
| 19. Ambris de Oliveira | " | Guerrilheiro |
| 20. Roque Manuel Tchiendo | " | Membro s. do CD |
| 21. Domingos Mateus | " | Guerrilheiro |
| 22. Barros Stasnislaus | " | " |
| 23. João Kumba | " | " |
| 24. João Bode | " | " |
| 25. Bernardo Suca-Hata | " | " |
| 26. Abel Lourenço | " | " |
| 27. João Cristovão | " | " |
| 28. Jorge Tshimpuati | " | " |
| 29. João Gonçalves | " | Condutor |
| 30. Sebastião Garrido | " | Guerrilheiro |
| 31. José Manuel Venâncio | " | " |
| 32. Afonso Paciência | " | " |
| 33. Manuel Sebastião Correia | " | " |
| 34. José César Augusto | " | " |
| 35. Domingos de Oliveira | " | " |
| 36. Filipe Floribert | " | " |
| 37. José Lello | " | Mecânico |

PONTA-NEGRA

| | | |
|----------------------|----------|----------------------------|
| 1. Pedro Maria Tonha | P. Negra | Guerrilheiro |
| 2. José Ferreira | " | R. Militar e membro do CD |
| 3. Pascoal Bonda | " | Guerrilheiro |
| 4. Castro Manuel | " | " |
| 5. Matias Buity | " | Responsável Comité d'acção |
| 6. Ribeiro de Sousa | " | Enfermeiro |
| 7. André Faty | " | Guerrilheiro |

| | | |
|--------------------------|----------|--------------|
| 8. Benjamim Gaston | P. Negra | Guerrilheiro |
| 9. Januário Ima | " | " |
| 10. Felix Faty | " | " |
| 11. Próspero Sambo | " | " |
| 12. Gustavo Luemba | " | " |
| 13. José Maria Sebastião | " | " |
| 14. António Capita | " | " |
| 15. Nicolau Casimiro | " | " |

KAHEMBA

| | | |
|-----------------|---------|--------------|
| 1. Artur Viegas | Kahemba | Guerrilheiro |
|-----------------|---------|--------------|

TSHIKAPA

| | | |
|-------------------|----------|--------------|
| 1. Manuel Barata | Tshikapa | Guerrilheiro |
| 2. Matussura | " | " |
| 3. Manuel Fonseca | " | " |

(+) BRAZZAVILLE

| | | |
|--------------------|-------------|------------|
| 59. Cristina Odete | Brazzaville | Enfermeira |
| 60. Miguel Capache | " | Condutor |

(+) LÉOPOLDVILLE

| | | |
|----------------------------|--------------|---------------------|
| 41. Lucila Ivelize S. Neto | Léopoldville | Enfermeira-Parteira |
|----------------------------|--------------|---------------------|

LUCALA

| | | |
|------------------------|--------|--|
| 1. António Adão Gaspar | Lucala | |
|------------------------|--------|--|

Brazzaville; 18.7.64 – AC/.

MATERIAL QUE SEGUIU AGORA

| | |
|-------------------------------|---------------------------------|
| PM (russas)..... | 10 e respectivos carregadores |
| PM (41)..... | " " " |
| MOSQUETÕES..... | 52 espingardas |
| GRANADAS..... | 42 ofensivas |
| GRANADAS..... | 20 defensivas |
| DISPOSITIVOS DE INCÊNDIO..... | 4 latas contendo 16 cada lata |
| PA-08..... | 7 pistolas automáticas |
| PA ASTRA..... | 1 pistola automática |
| FM..... | 1 acompanhado de 2 carregadores |
| CARREGADORES PM 41..... | 20 carregadores |
| BALAS..... | 750 de 5,62/MM |
| BALAS..... | 500 de 9/mm |
| BALAS..... | 250 de 8/mm |

OBSERVAÇÃO: Independentemente foi um “SAC A DOS” de munições contendo Balas de m/m, e mais 9 varetas para limpeza de armas

INVENTÁRIO DO MATERIAL MILITAR EXISTENTE NOS LOCAIS ONDE TEMOS PERMANÊNCIA

- BRAZZAVILLE
- LÉOPOLDVILLE
- TUMBAMANI
- PONTA-NEGRA
- DOLOSIE
- KAHEMBA
- TSHIKAPA
- SONGOLOLO

Colectânea de documentos “Crise no seio do GRAE”

[policopiada, em francês]¹

COMUNICADO DE IMPRENSA

Após a demissão do Sr. Jonas Savimbi, Secretário-Geral da UPA e Ministro dos Negócios Estrangeiros do pretense “grae” – governo revolucionário angolano no exílio –, o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) traz ao conhecimento da opinião pública internacional os últimos acontecimentos surgidos no seio do movimento nacionalista angolano:

Vários membros do dito “grae”, entre os quais o Dr. JOSÉ LIAHUCA, Ministro da Saúde, Director do Serviço de Assistência aos Refugiados Angolanos (SARA) e Membro do Bureau Político da FNLA; Sr. Alexandre Taty, segundo Vice-Presidente da UPA e Ministro da defesa, demitiram-se das suas funções refugiando-se no Congo-Brazzaville, onde pediram a sua adesão ao MPLA.

Segundo as suas declarações, justificaram as suas demissões acusando Holden Roberto de ser o responsável pela paralisação e pela desorganização da luta armada em Angola; de levar a cabo uma política tribalista, de proceder ao desvio de fundos e de armamento destinados ao desenvolvimento da luta do Povo Angolano; da detenção arbitrária de centenas de patriotas angolanos civis e militares encarcerados até agora nas prisões do Congo-Léopoldville, entre os quais os militantes do MPLA, JOB CARVALHO, ARSÉNIO MESQUITA, MUBEMBA AMBRÓSIO e JACINTO MANUEL.

¹ Organizada e difundida pela Representação do MPLA em Argel.

Prosseguindo a sua declaração, os ministros demissionários denunciaram o envolvimento do “GRAE” com as potências imperialistas, nomeadamente o seu cabecilha, o imperialismo americano.

Estes factos vêm confirmar a justeza das denúncias feitas pelo MPLA em relação ao dito “GRAE”, instrumento ao serviço de interesses não Angolanos.

O COMITÉ DIRECTOR DO MPLA

Brazzaville, 26 de Julho de 1964

[carimbo do MPLA em Argel]

Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA)

A declaração feita pelo Sr. Jonas Savimbi, quando se demitia das suas funções de Ministro dos Negócios Estrangeiros do GRAE, contém graves acusações contra o governo angolano no exílio.

Considerando não só a gravidade dessas acusações mas também o facto de elas confirmarem o que o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) sempre afirmou, o Comité Director do MPLA considerou ser seu dever difundir este documento.

DECLARAÇÃO

DO SENHOR JONAS SAVIMBI
MINISTRO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS DO GRAE

Senhor Presidente,
Senhores Ministros,
Distintos delegados,
Minhas Senhoras, Meus Senhores,

O Problema da Libertação de Angola entrou no seu quarto ano sem que, até hoje, tenha sido aberto um caminho seguro para os Patriotas Angolanos, tanto do interior como do exterior. Esta situação que já durou demais não se deve eternizar.

Examinando o caminho percorrido desde 1960, momento em que a República do Congo LÉOPOLDVILLE acedeu à independência, até à hora presente, constatamos que a divisão no seio do Movimento nacionalista tornou impossível qualquer progresso no sentido da libertação. Tendo falhado todas as tentativas de reagrupar os diferentes e múltiplos partidos políticos numa única frente, a Organização da Unidade Africana achou por bem seguir o exemplo do CONGO-LÉOPOLDVILLE que consistiu em reconhecer o GRAE. Acreditámos então que esta decisão iria acelerar a Unidade dos patriotas angolanos e apressar assim a hora da libertação nacional.

Os irmãos Africanos, hoje libertados do jugo colonial, sabem muito bem quão difícil é unificar as forças nacionalistas. Contudo não ignoram que a unidade das forças vivas no combate é a condição indispensável para a vitória.

Senhor Presidente,

Distintos delegados, a experiência de quatro anos prova-nos que isto se mantém válido para Angola.

As forças divididas impedem a mobilização das massas angolanas. Uma luta de libertação sem a participação das massas está condenada ao fracasso a mais curto ou longo prazo. Só as massas populares constituem um apoio duradouro para uma luta de libertação contra um inimigo como Portugal que beneficia do apoio material e moral das potências colonialistas e imperialistas.

Rendemos homenagem aos países Africanos que reconheceram o GRAE, na intenção de dotar a luta de libertação de Angola de um instrumento político capaz de organizar a luta armada e susceptível de lhe trazer o apoio diplomático indispensável à mobilização da opinião internacional.

Gostaria aqui de chamar a melhor atenção de todos para o facto de que, não tendo sido atingidos estes objectivos, é dever de todos os Angolanos em particular, sem excepção, e de todos os Africanos em geral, estudar de novo o problema e propor soluções. Estimo que numa luta de libertação como a nossa não existe nenhuma equação resolvida de antemão. Nunca na história dos movimentos de libertação de África houve uma tão marcante solidariedade dos países africanos como em relação a Angola.

Nunca nacionalistas tiveram de enfrentar um inimigo como Portugal, país no entanto cronicamente subdesenvolvido. Contudo, nunca uma confusão tão grande se apoderou das fileiras nacionalistas como no caso de Angola.

Senhor Presidente,

A revolução não é um processo mecânico. Seja qual for a ajuda material que possa ser concedida a um movimento de libertação, este está votado ao fracasso, como o disse há pouco, se não houver mobilização das massas populares e, portanto, a união das forças combatentes. Qualquer pretexto para justificar a estagnação da luta será vão. Pois ajuda-te a ti mesmo e o céu te ajudará.

Certos países africanos recusam-se a estudar de novo o problema angolano tendo em consideração as realidades angolanas.

Essas realidades são:

- Ausência de apoio às forças de guerrilha no interior de Angola;
- Não realização da Unidade dos movimentos nacionalistas;
- Mudanças ocorridas nos países limítrofes de Angola;
- Falta de programa saído de um congresso reunindo todas as forças vivas angolanas;
- Perigo do neocolonialismo ameaçando cada vez mais a parte austral da África;
- Ineficácia do Governo Angolano no exílio.

Tendo em conta o acima exposto;

Tendo em conta sobretudo o facto de o GRAE, em vez de intensificar a acção militar e o agrupamento das massas populares, únicos meios que podem acelerar a libertação de Angola, se limita a declarações sem futuro.

Eu, Jonas SAVIMBI, Ministro dos Negócios Estrangeiros do GRAE, para estar de acordo com a minha consciência, decido, perante a mais alta instância africana, demitir-me das minhas funções que não vão ao encontro do interesse do povo angolano e dos objectivos dos países irmãos que consentiram sacrifícios para ajudar a causa angolana.

Senhor Presidente,

Distintos delegados, antes de me retirar, chamo a vossa melhor atenção para o facto de me consagrar de corpo e alma à libertação do meu país e peço-vos que reconsiderem com toda a atenção necessária o problema de Angola, insistindo na necessidade de se convocar imediatamente uma Conferência de todas as forças vivas angolanas.

Senhor Presidente, estou à disposição dos distintos delegados que me queiram fazer perguntas.

Cairo, 16 de Julho de 1964

Jonas SAVIMBI

COMUNICADO DE IMPRENSA

JOSÉ JOÃO LIAHUCA, médico Director do Serviço de Assistência aos Refugiados Angolanos, SARA, na República do Congo-Léopoldville, anuncia ao Povo angolano e à opinião internacional, a sua voluntária demissão do cargo que ocupava na citada Organização (até 24 de Julho de 1964) como protesto contra a desorganização e estagnação da luta pela libertação de Angola sob a responsabilidade de Holden Roberto.

Considera que só a unidade verdadeira e sincera dos partidos políticos angolanos pode organizar uma luta capaz de arrancar o País do jugo colonial português.

Denuncia as manobras tribalistas de Holden Roberto que tudo faz para se rodear de elementos de sua família no seio do Governo Revolucionário no Exílio (GRAE), ao mesmo tempo que manda encerrar centenas de Angolanos, militares ou civis de outras etnias, nas prisões congoleas de Ndolo, Makala, Lusumu, Campo militar Hardy de Thysville, como medidas tendentes a dividir o Povo, a retardar a Revolução e prolongar o sofrimento e os massacres do Povo angolano.

Feito em Brazzaville aos 25 de Julho de 1964

J. J. LIAHUCA

Nota da Delegação Permanente do MPLA na Argélia:

- 1 – (SARA) Serviço de Assistência aos Refugiados Angolanos da FNLA.
 - 2 – O Dr. LIAHUCA era o único médico angolano que lá trabalhava.
-

Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA)

O Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) considera ser seu dever difundir a carta do Sr. Fidelino Loy de Figueiredo, militante Representante do “GRAE” na Áustria-Viena, dirigida à Direcção da União das Populações de Angola “UPA” a 28 de Julho de 1964.

À DIRECÇÃO DA UNIÃO DAS
POPULAÇÕES DE ANGOLA “UPA”
CAIXA POSTAL 1205
LÉOPOLDVILLE

Compatriotas,

A demissão do Ministro dos Negócios Estrangeiros do “GRAE”, Jonas Malheiro Savimbi, faz luz sobre muitos factos que, bem analisados, põem em relevo a situação desastrosa na qual se encontra a Revolução Angolana.

Uma verdade vergonhosa para todos os nacionalistas sinceros se apresenta. Depois de mais de três anos de luta armada, e apesar da ajuda recebida de países africanos independentes, a luta limita-se hoje a pequenos confrontos nas fronteiras; houve portanto um retrocesso. Assim os factos revelam-se claramente.

Os portugueses, uma vez que a tarefa em Angola “está quase terminada”, transferem os contingentes para a Guiné dita Portuguesa com o objectivo de combater contra os nacionalistas desta colónia.

Outros factos muito graves são flagrantes na conduta dos dirigentes da FNLA (UPA-PDA).

O assassinato de milhares de compatriotas nossos, só por não pertencerem a uma determinada tribo, é um crime. Também há casos de desvios de somas importantes concedidas ao Povo Angolano por países africanos.

Os dirigentes de Léopoldville esbanjam e esbanjam somas enormes; o Presidente do Partido e Chefe do “GRAE” permite-se o luxo de possuir uma viatura de grande luxo; cada um dos ministros tem um automóvel à disposição enquanto os refugiados morrem de fome; a existência, em bancos estrangeiros, de elevadas somas em nome de dirigentes é um roubo ao Povo.

Todos estes factos, citados no encontro do Cairo, não foram refutados já que a verdade revela-se claramente; a luta retrocede.

Enquanto membro do Partido e enquanto nacionalista consciente, não posso permanecer em silêncio a partir do momento que se trata de uma traição evidente ao Povo.

Muitos e muitos já tombaram para que Angola fosse libertada e a atitude dos dirigentes é um insulto ao Povo e uma traição à memória daqueles que preferem morrer do que aceitar o colonialismo. Os dirigentes devem estar ao Serviço das massas angolanas e não estas ao Serviço dos dirigentes.

Hoje percebemos que a razão está com os que acusam os dirigentes da FNLA de se comportarem de forma irresponsável e de terem uma linha política contrária aos verdadeiros interesses do Povo Angolano.

Estivemos sempre dispostos a dar o nosso contributo à Revolução através do Partido que tínhamos considerado estar em condições de servir o Povo, mas verificamos que nos enganámos quando demos a nossa confiança aos nossos dirigentes.

Savimbi era o segundo homem tanto no Partido como no Governo. Estas acusações não vêm de um simples estudante, na Europa, mal informado; vêm de um responsável da Revolução.

Declaro que me oponho totalmente à conduta dos dirigentes e condeno as suas acções. Tendo em conta que as estruturas actuais, tanto do Partido como da Frente, não permitem aos militantes uma acção a fim de intervirem para substituir todos os indivíduos que se encontram à cabeça do Partido e da Frente, tomei a decisão de me retirar do Partido e, a partir de hoje, considero-me desligado da União das Populações de Angola – UPA e de todos os seus organismos da juventude e estudantis.

Tenho a precisar que considero terminadas todas as diligências no sentido de fazer funcionar, na Áustria, um serviço de informação do GRAE. Que isto fique bem claro: não me oponho à existência do GRAE enquanto organismo dirigente da Revolução, mas exijo a adopção de uma política que represente os interesses do Povo Angolano. Quando isto acontecer, estarei disposto a dar o meu contributo.

ASSINADO

Fidelino Loy de Figueiredo
Representante do GRAE em Viena – Áustria

PARTIDO DEMOCRÁTICO DE ANGOLA

PDA
Caixa Postal nº 8085
LÉOPOLDVILLE

Léopoldville, 10 de Março de 1964

N/Ref.DIR/1201/64
V/Ref.238/43/64

Senhor Agostinho NETO
Presidente do Movimento Popular
de Libertação de Angola (MPLA)
C.P. 2353
BRAZZAVILLE

Senhor e Caro Compatriota,

Temos a honra de acusar a boa recepção da sua estimada carta nº 238/43/64 de 8 do corrente, que agradecemos.

Através desta carta, o Senhor expressa-nos a sua fé na Unidade das organizações nacionalistas angolanas, cuja necessidade – como o Senhor reconhece – se torna cada vez mais urgente em cada patriota angolano.

Notamos com satisfação que o MPLA, tal como nós, sabe onde estão as dificuldades para a nossa Unidade de acção.

Com efeito, existem certos factores inibidores que retardam muito o entendimento tão indispensável, entre os filhos de um mesmo país, todos ardendo no desejo de libertar o seu país e que, infelizmente, sofrem cruelmente com a falta de unidade de acção, apesar da vontade de união que sempre se manifestou em muitos irmãos Angolanos, preocupados com uma coisa: abreviar o sofrimento do seu povo mártir.

Mas reconhecendo esses factores que paralisam a unidade angolana e que contam em muito para o sofrimento do nosso povo rasgado pela desunião dos seus líderes, temos no entanto de reconhecer um outro mal, que não é dos menores e que abriu o grande fosso que separa os Angolanos de boa vontade e em quem o desejo de união e de colaboração continua a ser tão forte como sempre. Este mal é a atitude de repulsa e de desdém de certos Angolanos em relação a outros Angolanos, devido aos seus preconceitos que os caracterizam e que tornam difícil, se não impossível, qualquer diálogo, e ainda pior: um diálogo sincero, despido de qualquer calculismo.

Posto isto, estamos inteiramente de acordo consigo em que, neste momento, precisamos de esquecer todas as querelas do passado com vista a encontrar um terreno de entendimento. Acrescentaremos, quanto a nós e tendo em conta o que expusemos acima, que devemos trabalhar sinceramente para reformar a concepção falsa e errónea que nos fizemos uns dos outros, para construir sobre bases sólidas e chegar a combater eficazmente todos os factores nefastos à nossa Causa, esta nobre Causa de todos os Angolanos, e não de uma fracção ou de um único homem, como sempre o repetimos nas nossas declarações.

Acreditando, quanto a nós, que o diálogo é o melhor remédio para os nossos problemas, tanto mais que o desfecho da nossa luta reside num diálogo com os Portugueses, é com prazer que aceitamos receber um dos vossos delegados para uma troca de pontos de vista, de preferência para nós aqui em Léopoldville, na terça-feira 17 de Março às 16h, a não ser que haja imprevistos, na nossa representação sita no nº 2, Rua nº 7, Bairro Foncobel, Comuna de Kalamu.

Entretanto, queira aceitar, Senhor e Caro Compatriota, os protestos dos nossos sentimentos nacionalistas e sinceros.

Pelo Comité Director,
Emmanuel KOUNZIKA
Vice-Presidente.

Comunicado do MPLA sobre Comité de Libertação da OUA

[*policopiado, em francês*]

[*Endereço do MPLA em Brazzaville*]

Uma Delegação oficial do COMITÉ DE LIBERTAÇÃO da OUA deve deslocar-se brevemente a Brazzaville e Léopoldville.

Segundo a agência de Informação do Médio Oriente, este Comité tem, entre outros objectivos, “o de empreender conversações com o Sr. Agostinho Neto, Chefe do MPLA. Ainda segundo a mesma Agência, essas conversações seriam sobre a recusa do MPLA em se juntar ao Governo angolano no exílio do Sr. Holden ROBERTO assim como sobre o pedido do MPLA de conservar a sua liberdade de acção e de poder aceitar a ajuda de alguns países africanos.”

Tendo em conta que tais objectivos do Comité de Libertação não correspondem à posição do MPLA em relação ao problema angolano, este Movimento faz questão de fazer as seguintes precisões:

1. O MPLA foi e continua a ser a única Organização política angolana verdadeiramente interessada na Unidade do nacionalismo angolano e isso não obstante a recusa sistemática dos grupos que compõem a FNLA e as manobras desta Organização tendentes a perpetuar a divisão entre as forças patrióticas angolanas.

2. O MPLA continua a insistir no pedido de LIBERDADE DE ACÇÃO, quer dizer o seu direito de agir ou de poder agir para a independência do seu país e de trabalhar a fim de que sejam assegurados, da melhor forma, os interesses superiores do povo angolano.

Em função disso, o MPLA pretende recordar alguns factos.

Foi por causa das decisões tomadas pelo Comité de Conciliação em Julho de 1963, recomendando o reconhecimento de um “Governo angolano no exílio” que o Governo congolês decidiu, na época, o encerramento das nossas representações em Léopoldville e a interdição em todo o território congolês de todas as nossas actividades político-militares. Além disso, esse Comité recomendou aos países africanos a cessação de qualquer ajuda à nossa Organização e a interdição das suas actividades nesses países.

O MPLA considera portanto que foram tais decisões que travaram as suas actividades político-militares. Elas agravaram a divisão do nacionalismo angolano. Elas consagraram a existência de um “governo angolano” que apenas representa uma pequena fracção do nacionalismo angolano, que hoje é contestado pelos seus próprios quadros dirigentes, ao mesmo tempo que se produzem a um ritmo acelerado deserções em massa dos seus quadros político-militares.

As consequências nefastas da acção do Comité de Conciliação são portanto visíveis. Se, por um lado, se assiste à paralisação da luta armada devido à incapacidade do “GRAE” para conduzir a luta, por outro lado, o bloqueio dos meios de acção do MPLA dificulta a esta Organização a intensificação da luta armada.

É justamente para rectificar os erros do Comité de Libertação e para imprimir um novo ímpeto à luta de libertação do nosso Povo que o MOVIMENTO POPULAR DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA (MPLA) pede aos países africanos em geral e aos países limítrofes em particular a sua liberdade de acção.

O COMITÉ DIRECTOR

Feito em Brazzaville, 30 de Julho de 1964

[*carimbo do CD do MPLA*]

Comunicado do MPLA sobre Conferência do Cairo

[*policopiado, em inglês*]

O MPLA NA CONFERÊNCIA DO CAIRO

Na recente Conferência de Chefes de Estado Africanos que teve lugar no Cairo a 17 de Julho último, colocou-se mais uma vez a questão de se discutir o problema da “LIBERDADE DE ACÇÃO” pedida pelo MPLA no decurso deste último ano.

Assim, o MPLA está consciente que isto não significa mendigar uma qualquer situação de privilégio ou uma simples tolerância contrária à sua própria dignidade.

Pelo contrário, o MPLA está a exigir um direito decorrente da sua condição de movimento de vanguarda que luta pela libertação do seu país e pela defesa dos interesses sagrados do Continente africano.

O MPLA está certo que ninguém pode impedir os verdadeiros combatentes da liberdade, reunidos sob a sua bandeira, de prosseguirem a sua acção revolucionária. De facto, um tal passo seria contrário às mais profundas aspirações do nosso povo, o que o MPLA não pode aceitar.

O MPLA sempre se dirigiu às mais altas instâncias africanas numa maneira livre de qualquer complexo, mesmo quando a sua presença foi considerada indesejável (o que sucedeu em Dakar) ou foi sabotada, como foi o caso em Lagos e em Dar-es-Salam.

Apesar da recusa de ouvir o MPLA como peticionário, o problema angolano foi examinado sob o título de “problema do MPLA” no encontro dos Ministros dos Negócios Estrangeiros.

Uma profunda discussão do problema foi impedida pela inconveniência do reconhecimento do “grae”, por um lado, e pela pretensão de exclusividade demonstrada pelos líderes desse mesmo “grae”, por outro lado.

Reenviado para o encontro dos Chefes de Estado, este problema, o nº 16 da ordem de trabalhos, levantou uma grande discussão. Foi adoptada a decisão seguinte:

“Criação de um Comité de três membros – Ghana, Congo-Brazzaville e RAU–, encarregado da revisão da questão angolana”.

A importância desta decisão deve ser destacada:

1) As teses apoiadas pelo MPLA encontraram eco nesta Conferência.

2) A decisão tomada de criar um Comité vai de encontro ao pedido, várias vezes colocado pelo MPLA, de uma revisão da questão angolana.

3) A Conferência mostrou claramente alguma reserva sobre a oportunidade do reconhecimento do “grae”, evitando qualquer referência ao “grae” e ouvir o seu líder (Amílcar Cabral, Secretário-Geral do PAIGC, falou em nome de todos os movimentos nacionalistas).

4) Na realidade, a Conferência de Chefes de Estado não foi uma consagração internacional do “grae”. Pelo contrário, a sua posição ficou visivelmente enfraquecida nesta Conferência.

Material de propaganda, como filmes e fotos, que o Sr. Holden Roberto trouxe pessoalmente para mostrar pretensas acções de guerrilha, foi feito no campo de Kinkuzu, segundo o Sr. Jonas Savimbi, antigo “ministro dos negócios estrangeiros do grae”, e não teve os resultados que o Sr. Holden desejava e esperava obter. Houve a mesma desilusão após a declaração delirante de soldados formando-se nos países socialistas, quando toda a gente sabe que o Sr. Holden enviou os seus quadros para Israel para serem submetidos a uma formação política e de segurança.

5) A presença oportunista de Matias Miguéis junto do Sr. Holden foi apenas uma outra maquinação para que as pessoas acreditassem que já se tinha alcançado a unidade com o MPLA.

6) A actividade diplomática efectuada pela nossa delegação, composta por Luiz de Azevedo Júnior, membro do nosso Comité Director, Eduardo Santos e Miguel Baya, membros do nosso Gabinete Político assim como Luís d’Almeida, o nosso representante no exterior, permitiu uma mais ampla compreensão do nosso problema. O memorando distribuído na conferência despertou grande interesse nos delegados.

7) A sensacional declaração do Sr. Jonas Savimbi (ele era uma das personalidades políticas mais próximas do Sr. Holden) anunciando a sua demissão de “ministro dos negócios estrangeiros do grae”, confirma as declarações do MPLA sobre o desenvolvimento da luta e outros problemas acerca da questão angolana.

8) A demissão do Sr. Jonas Savimbi foi seguida de algumas outras. As demissões mais recentes são do Dr. José Lihuca, o único médico angolano do “SARA” (organização da UPA de ajuda aos refugiados) e do Dr. Matias Teixeira, farmacêutico, que confirmam a maior confusão entre os líderes da UPA. Entretanto, o número de membros da UPA pedindo para serem membros do MPLA vai aumentando cada vez mais. A demissão do Dr. Lihuca é particularmente importante por causa das suas repercussões directas no interior da UPA e do “grae”. De facto, o Dr. Lihuca declara no seu comunicado de demissão que o “primeiro-ministro do grae” é responsável pela estagnação da luta armada, o que também só vem confirmar as declarações anteriores do MPLA sobre esta questão.

A oposição à unidade do povo angolano, o preconceito tribal, perseguições injustas a algumas centenas de combatentes da liberdade angolanos, vantagens materiais à custa da revolução, são as actividades dos líderes da UPA muitas vezes denunciadas pelo MPLA.

9) Ao declarar que esta organização terá em breve um exército de 50.000 homens, Holden apenas provou uma vez mais a sua falta de realismo ao examinar os factos. Além do mais, o recurso a mentiras sempre foi o método habitual do líder do “grae”.

10) O seminário de estudantes angolanos que, depois de uma longa análise da situação política actual no interior do nacionalismo angolano, tinha sugerido a unidade das organizações estudantis assim como de todos os movimentos nacionalistas, é mais uma prova da perda total de prestígio do “grae” e dos seus líderes.

Se se somarem os tristes resultados alcançados na Conferência do Cairo, fica a pergunta do que acontecerá ao capitão do “*Daring Football Club*” cujo presidente era Cyrille Adoula, caso os imperialistas não decidam estender-lhe de novo a mão.

As conclusões da cimeira do Cairo estão ao alcance de qualquer um.

Temos ainda de ajudar os líderes africanos a entender a natureza e o alcance dos actuais acontecimentos.

Um movimento angolano de vanguarda – o MPLA – está a lutar pela realização dos verdadeiros interesses do seu povo. O MPLA está disposto a fazer os maiores sacrifícios para ver realizadas as principais aspirações do povo angolano.

O MPLA está a seguir atentamente o inquérito do Comité nomeado pela Assembleia dos Chefes de Estado da OUA. O MPLA pretende confiar seriamente nas propostas dele.

Cabe ao povo angolano a tarefa de reforçar a luta e continuar vigilante e unido em torno do seu movimento de vanguarda, o MPLA, e de estar pronto para seguir as suas palavras de ordem. A vitória é nossa.

VIVA ANGOLA!

VIVA O MPLA!

VIVA A INDEPENDÊNCIA!

VITÓRIA OU MORTE!

BRAZZAVILLE; 1 de Agosto de 1964

Comunicado do MPLA sobre prisão de Kalundungo

[policopiado, em francês]

[Endereço do MPLA em Brazzaville]

Na sequência das demissões que muito recentemente abalaram e continuam a abalar as fileiras do “grae”, os dirigentes da FNLA acabam de prender o Comandante KALUNDUNGO, conhecido como sendo o seu Chefe militar. Um grupo muito numeroso de soldados angolanos, estacionados na base de Kinkuzu, também foi detido.

A sua detenção deu-se pouco depois de terem abandonado essa base em sinal de protesto contra a má orientação imprimida à luta, contra o regime de terror e a política tribalista seguidas pela FNLA e pelo “grae”.

Sérias ameaças pesam sobre a vida do Comandante Kalundungo, cujo destino é, até ao presente, desconhecido. Em relação aos outros militares, consta que foram

encaminhados, no meio de um absoluto segredo, para as prisões congolosas em Léopoldville.

Denunciando esta nova série de violências cometidas pelos dirigentes do “grae”, o MPLA chama a atenção, uma vez mais, dos países membros da OUA para a gravidade da situação que acaba de ser criada.

Para além da decomposição evidente do “grae”, importa sobretudo considerar o respeito devido à luta consequente de um povo consciente que consentiu nos maiores sacrifícios.

A repressão dirigida contra os nacionalistas angolanos que defendem uma orientação justa constitui um crime contra a nossa Pátria. Ela constitui também um crime contra a própria África e é um atentado aos interesses de todos os países africanos preocupados em ver o nosso Continente libertado para sempre do colonialismo e do imperialismo.

O Povo angolano nada tem a ver com as fórmulas fictícias que interesses estrangeiros lhe querem impor. Quer o progresso quer o desenvolvimento da sua luta de libertação nacional não poderão jamais ser alcançados, a não ser com a concessão, pela OUA, da LIBERDADE DE ACÇÃO ao seu Movimento de vanguarda, o MPLA.

O COMITÉ DIRECTOR DO MPLA

Feito em Brazzaville, 7 de Agosto de 1964

[carimbo do CD do MPLA]

Comunicado de Viriato da Cruz em nome da JMPLA

[policopiado]

Léopoldville, 7 de Agosto de 1964

Juventude do Movimento Popular
de Libertação de Angola

JMPLA

LÉOPOLDVILLE

(República do Congo)

UMA FASE ACTUAL DO NACIONALISMO ANGOLANO

Jovem Angolano,

É de importância capital, analisarmos sem ilusões a situação actual do Nacionalismo Angolano. Há mais de três anos que o povo angolano se bate com armas na mão contra a presença colonial em Angola e para a conquista de liberdade do território nacional. Durante estes anos de luta e a custo de muito sangue e de muitos sacrifícios, o povo angolano tem como resultado positivo o reconhecimento do FNLA e do GRAE como instrumentos de combate para a aceleração da luta para libertação nacional.

Sabe-se que existem indivíduos que fazendo causa comum com a dos portugueses não admitem nem aceitam a existência do GRAE. Combater ou negar a existência do GRAE é desconhecer o sacrifício feito pelo povo durante os três anos de luta heróica; é sabotar criminosamente a vitória do povo em luta armada, porque o GRAE é filho da luta popular. E porque o nosso povo vem lutando desde há três anos que o mundo concebe, acha natural e aceita que haja um Governo Revolucionário dessa luta de massas que dura desde há três anos.

O reconhecimento do GRAE pelos países Africanos significa que a luta do povo de Angola é tomada em elevada consideração por eles e que há estados que consideram, oficialmente, que a luta do nosso povo é totalmente justa, é séria e merece o apoio oficial. Não se deve combater o GRAE, porque ele é uma vitória merecida do povo em luta. Mas deve-se fazer a que ele sirva ao seu verdadeiro dono, que são as massas populares [ilegível] sacrifícios e derramando muito sangue.

Infelizmente existe no nacionalismo angolano indivíduos do chamado “grupo-classe” que tentam por todos os meios desviarem a atenção dos Chefes de Estado africanos para não ajudarem a causa justa e sagrada do povo que é a libertação total e imediata do solo pátrio. Esse grupo é aquele que, depois do desencadeamento da insurreição armada do povo, veio de Portugal com o seu ultra-egoísmo encarnado no espírito, pretendendo por todos os meios impor-se ao povo com a sua politiquice de calúnias, intrigas e de diversão. A política de libertação nacional não pode ser feita com “complots”. O resultado dessa política não é senão semear a desordem e o desentendimento no seio do povo angolano.

Costuma dizer-se que um indivíduo não pode fazer mais do que aprendeu. Ora este “grupo-classe” que aprendeu bem as manhas portuguesas, não é de se admirar que o resultado da sua política seja a intriga e a divisão do nacionalismo angolano. Sabe-se que esta tática de divisão só beneficia os colonialistas portugueses e os seus aliados. O mesmo “grupo” passa a distribuir panfletos dizendo que eles são os “únicos e verdadeiros nacionalistas” que podem assegurar a luta no interior de Angola, que são eles os “únicos salvadores do povo angolano”. Quem é capaz de acreditar que um grupo de 10 ou 20 doutores, engenheiros ou filósofos, podem, verdadeiramente, só, fazer avançar a luta no interior de Angola sem a participação activa das massas, que eles chamam “os não civilizados” que constituem a maioria da população angolana, que durante séculos são exploradas, oprimidas e humilhadas?

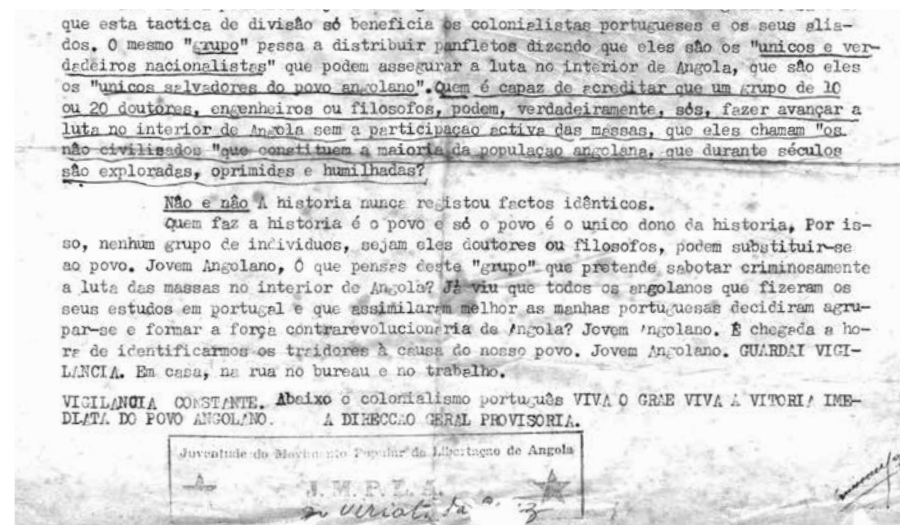
Não e não. A história nunca registou factos idênticos.

Quem faz a história é o povo e só o povo é o único dono da história. Por isso, nenhum grupo de indivíduos, sejam eles doutores ou filósofos, podem substituir-se ao povo. Jovem Angolano, O que pensas deste “grupo” que pretende sabotar criminosamente a luta das massas no interior de Angola? Já viu que todos os angolanos que fizeram os seus estudos em Portugal e que assimilaram melhor as manhas portuguesas decidiram agrupar-se e formar a força contra-revolucionária de Angola? Jovem Angolano. É chegada a hora de identificarmos os traidores à causa do nosso povo. Jovem Angolano. GUARDAI VIGILÂNCIA. Em casa, na rua, no bureau, no trabalho.

VIGILÂNCIA CONSTANTE. Abaixo o colonialismo português. VIVA O GRAE. VIVA A VITÓRIA IMEDIATA DO POVO ANGOLANO.

A DIRECÇÃO GERAL PROVISÓRIA

[Leva um carimbo com os seguintes dizeres: Juventude do Movimento Popular de Libertação de Angola – JMPLA e assinado Viriato da Cruz]



Comunicado da JMPLA sobre falso Comunicado da JMPLA

[policopiado]

[Endereço da JMPLA em Brazzaville]

Numa das últimas publicações da dita Frente Nacional de Libertação de Angola, apareceu um comunicado abusivamente assinado em nome da Juventude do Movimento Popular de Libertação de Angola (JMPLA):

Nesse comunicado, um grupo fantasma, que se apresenta como pertencente à nossa organização pretende lançar a confusão no seio da Juventude Angolana e dos seus simpatizantes. Esse comunicado diz que a JMPLA se solidariza com as medidas tomadas pelo traidor Holden contra os nossos compatriotas Jonas Savimbi e José Lihuca, que como se sabe, denunciaram publicamente a política antinacional de Holden e da sua camarilha.

Evidentemente que para todos aqueles que seguem e conhecem a linha política da JMPLA, não é difícil descobrir a má-fé e a falta de fundamento de semelhantes afirmações.

A JMPLA sempre denunciou e continuará a denunciar a linha política oportunista e fratricida do dito "Governo Revolucionário Angolano no Exílio" (grae) e seus dirigentes. Ela sempre protestou veementemente contra as perseguições, prisões, torturas, etc. de que são vítimas milhares de patriotas angolanos que se recusam a caucionar a política do traidor Holden Roberto. De resto, outra atitude não seria de esperar da parte dum organização de vanguarda, que é a JMPLA.

A Juventude do Movimento Popular de Libertação de Angola não poderá nunca apoiar uma política tendente a servir não os interesses do Povo Angolano, mas os das potências imperialistas. É por isso que nós combatemos e combateremos sempre as actividades criminosas dos dirigentes do "grae", ao mesmo tempo que apoiamos a luta conduzida no seio desse organismo pelos patriotas angolanos.

A JMPLA chama portanto a atenção de todos os angolanos e em particular os jovens, bem como de todos aqueles que se interessam pela luta do Povo Angolano, contra a propaganda antinacional e grupos fantasmas que se servem do nome da nossa organização para desacreditar a nossa luta.

VIVA A JUVENTUDE ANGOLANA
VIVA A JMPLA
VITÓRIA OU MORTE

B/ville, 18/8/64

DOC. Nr. 26/54

PELA DIRECÇÃO DA JMPLA [carimbo da JMPLA]

A JMPLA sempre denunciou e continuará a denunciar a linha política oportunista e fratricida do dito "Governo Revolucionário Angolano no Exílio" (grae) e seus dirigentes. Ela sempre veementemente contra as perseguições, prisões, torturas etc. de que são vítimas milhares de patriotas angolanos que se recusam a caucionar a política do traidor Holden Roberto. De resto, outra atitude não seria de esperar da parte dum organização de vanguarda, que é a J.M.P.L.A.

A Juventude do Movimento Popular de Libertação de Angola não poderá nunca apoiar uma política tendente a servir não os interesses do Povo Angolano, mas os das potências imperialistas. É por isso que nós combatemos e combateremos sempre as actividades criminosas dos dirigentes do "grae", ao mesmo tempo que apoiamos a luta conduzida no seio desse organismo pelos patriotas angolanos.

A JMPLA chama portanto a atenção de todos os angolanos e em particular os jovens, bem como de todos aqueles que se interessam pela luta do Povo Angolano, contra a propaganda antinacional de grupos fantasmas que se servem do nome da nossa organização para desacreditar a nossa luta.

+ protestou

VIVA A JUVENTUDE ANGOLANA

VIVA A J.M.P.L.A.

VICTORIA OU MORTE

PELA DIRECÇÃO DA J.M.P.L.A.

B/ville, 18/8/64.-
DOC. Nr. 26/64.-

Apelo do MPLA ao Governo do Congo-Léo e à OUA

[dactilografado, em francês]

[Endereço do MPLA em Brazzaville]

APELO

AO GOVERNO DO CONGO-LÉOPOLDVILLE
E À ORGANIZAÇÃO DA UNIDADE AFRICANA

Há já algum tempo que a maior parte dos nacionalistas angolanos, refugiados no Congo-Léopoldville, é vítima de uma dupla e feroz repressão.

Trata-se de uma dupla repressão não só porque são vítimas de maus-tratos e de sevícias por parte de um pretense "governo angolano no exílio", contestado aliás pelos seus próprios dirigentes, como também porque esses abusos são acobertados pela cumplicidade benevolente das autoridades do Congo/Léopoldville.

Com efeito, e apesar do MOVIMENTO POPULAR DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA (MPLA) ter, por várias vezes, chamado a atenção do Governo de Léopoldville para a gravidade da situação em que se encontravam os seus Compatriotas, os nossos Apelos não tiveram, no entanto, nenhum eco favorável. Evidentemente, o MPLA nunca teve ilusões a esse respeito pois esse "governo angolano no exílio" não passava de facto de uma criação do próprio Senhor ADOULA e dos meios imperialistas.

Contudo, neste grave momento, é mais uma vez nosso dever fazer-vos um Apelo para que a cega repressão que se abate sobre os nacionalistas angolanos cesse de uma vez por todas.

No entanto, este apelo vem na sequência dos telegramas que o MPLA dirigiu ao Governo do Congo/Léopoldville, o qual tinha sido notificado sobre as medidas arbitrarias que foram tomadas em relação a nacionalistas angolanos. Nesses telegramas tínhamos informado a existência, nas prisões congoleas, de centenas de prisioneiros angolanos.

Face ao agravamento da situação em que se encontram os nossos compatriotas no Congo/Léopoldville e face às perturbações que o "grae" atravessa, o MPLA espera muito sinceramente que este Apelo encontre no seu Governo a recepção e a simpatia que está no direito de esperar.

Notícias dignas de fé chegam-nos de Léopoldville informando a degradação da situação na base de KINKUZU – cedida, como se sabe, pelo Governo do Sr. Adoula, à FNLA.

Com efeito, é na sequência da demissão, no Cairo, do seu Ministro dos Negócios Estrangeiros e ainda recentemente da demissão de outros responsáveis, que os dirigentes da FNLA – face à desagregação contínua do "grae" – não hesitam em recorrer a medidas extremas com vista a deter o êxodo dos seus quadros tanto políticos como militares. É neste contexto que se devem compreender as razões da deterioração da situação que hoje existe entre os nacionalistas angolanos que se encontram no Congo/Léopoldville.

Indignados com os métodos fascistas e a política tribalista empregues e seguidos pelos dirigentes da FNLA, os quadros militares tinham decidido abandonar o campo de Kinkuzu a fim de se juntarem às forças revolucionárias do MPLA.

A resposta da FNLA não se fez esperar. Gozando do apoio e da cumplicidade da Segurança Congoleza, centenas de militares foram detidos. O seu Responsável, o Sr. KALUNDUNGO, assim como outros importantes chefes militares foram sequestrados num local mantido secreto. Persistentes rumores circulam mencionando o assassinato puro e simples desses chefes militares. Outros militares em número superior a 400 também foram detidos e encaminhados, sob absoluto sigilo, para as prisões de Léopoldville.

Essas medidas repressivas não se limitam apenas aos militantes da FNLA. Atingem também todos os angolanos que recusam aceitar as suas ordens. Aliás, ficamos a saber que centenas de nacionalistas acabam de ser detidos em THYSVILLE (cerca de 200 km da fronteira de Angola) e nas aldeias vizinhas.

Assim é que, no BEACH (local de embarque no rio Congo) é feito um controlo muito rigoroso a todos os passageiros angolanos que aí desembarcam ou embarcam: ao lado da Segurança congoleza, os agentes do “grae” aí permanecem e revistam todos os angolanos a fim de impedir que os seus militantes possam chegar a Brazzaville onde está sediado o MPLA, e também com a intenção de procurar outros militantes pertencentes ao MPLA e detê-los em seguida.

O “grae”, verdadeiro instrumento do imperialismo, revela-se portanto com as suas próprias actuações, como um aparelho que fomenta a divisão, semeia o ódio nas fileiras do nacionalismo angolano e trava o desenvolvimento da justa luta de libertação do povo angolano.

É por isso difícil para nós acreditarmos que ainda hoje o Governo de um país africano possa permitir tais actuações no seu solo e se torne, assim, cúmplice da repressão que um organismo chamado “grae” leva a cabo contra os interesses do povo angolano e dos povos africanos.

Também é difícil, para nós, compreender que Órgãos da OUA e certos países africanos possam ainda conceder o seu apoio ao “grae”, esse organismo que milita sobretudo contra os patriotas angolanos. E que esse apoio seja dado em detrimento das actividades justas do MPLA, o qual desenvolve, por actos concretos, um grande esforço patriótico para a libertação do seu país.

O Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) lança pois um vibrante Apelo ao Governo do Congo/Léopoldville, aos Governos africanos, à ORGANIZAÇÃO DA UNIDADE AFRICAÑA (OUA) e ao Comité de Libertação em particular, para que intervenham com a máxima urgência e para que cesse essa repressão brutal dirigida contra patriotas autênticos que só desejam participar na luta pela Independência do seu país.

Além disso, o MPLA, organização que goza do apoio das massas populares angolanas e que luta honestamente pela libertação de Angola e por consequência pela descolonização efectiva de África, também apela ao Governo do Congo/Léopoldville, aos Governos africanos e à OUA para que lhe seja concedida a LIBERDADE DE ACCÇÃO.

O MPLA chama a atenção da OUA para o perigo que representa para a África a penetração do imperialismo em Angola.

VITÓRIA OU MORTE

Feito em Brazzaville, 9 de Agosto de 1964

O COMITÉ DIRECTOR DO MPLA

Comunicado de Guerra do MPLA

[policopiado]

[Endereço do MPLA em Brazzaville]

Na manhã do dia 9 de Agosto de 1964, na região de CABINDA, e a 2 quilómetros do Quartel de SANGA, onde se encontram estacionadas forças portuguesas, um contingente militar português auto-transportado caiu numa emboscada preparada por um Destacamento de guerrilheiros do MPLA.

Foram mortos 27 soldados et 2 oficiais portugueses (1 Tenente e 1 Alferes) e destruídas 4 viaturas blindadas. À chegada de novos reforços e da aviação inimigas os nossos guerrilheiros retiraram-se sem perdas.

Alguns dias antes, os nossos Comandos tinham prendido um novo grupo de traidores que serviam como guias do Exército colonial. A sua sorte está em vias de ser decidida.

Estas operações foram inteiramente conduzidas pelo Camarada SUKAHATA, guerrilheiro do grupo C. Membros do Comité Director e do Gabinete Político do MPLA participaram neste combate.

No dia 11 de Agosto de 1964 o exército colonial português promoveu uma demonstração de força nas imediações do local de combate, dizimando barbaramente o gado das populações fiéis ao MPLA. Depois deste acto selvagem e criminoso as populações vieram aos locais de penetração dos nossos guerrilheiros reafirmar o seu total apoio à luta de libertação nacional levada a cabo pelo seu Movimento de vanguarda, o MPLA.

As nossas forças prosseguem firmemente os seus objectivos.

O COMITÉ DIRECTOR

[carimbo do CD do MPLA]

Brazzaville, 12 de Agosto de 1964

DOC/42/64

Comunicado de Imprensa do MPLA sobre Kinkuzu

[policopiado, em francês]

[Endereço do MPLA em Brazzaville]

O diário congolês de Léopoldville, “L'ÉTOILE DU CONGO” de 13 de Agosto de 1964 reproduz, com o título “INCIDENTES NA BASE DE KINKUZU”, a seguinte notícia:

“LÉOPOLDVILLE – Incidentes eclodiram há alguns dias na base das forças revolucionárias angolanas, no campo de Kinkuzu (região do Baixo-Congo), anuncia um comunicado publicado ontem em Léopoldville. Os soldados do

“Governo revolucionário de Angola no exílio” – presidido pelo Sr. Holden Roberto – amotinaram-se e incendiaram a base que o Governo congolês lhes cedeu. Este último – diz-se em Léopoldville – tomou todas as medidas para que esta revolta (a 5ª desde a presença dos soldados de Angola no Congo), não cause nenhum dano às populações vizinhas. (AFP)”

Esta notícia merece, da parte do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), alguns comentários que se seguem:

1. A opinião pública, tanto nacional como internacional, tomou conhecimento da declaração do Sr. Jonas SAVIMBI, ex-Ministro dos Negócios Estrangeiros do “grae”. Nesta declaração, feita no Cairo durante a Conferência dos Chefes de Estado Africanos, o Sr. Savimbi tinha acusado o Sr. Holden Roberto e o seu “governo” de serem responsáveis pela paralisação da luta armada em Angola e punha em causa a sua capacidade de dirigir a luta de libertação do povo angolano.

2. Uns dias mais tarde, a 25 de Julho de 1964, o Dr. José LIAHUCA, membro dirigente da FNLA e director do “Serviço de Assistência aos Refugiados Angolanos” (SARA), organismo de Assistência do “grae”, fazia também uma declaração para a opinião pública nacional e internacional. Através da sua declaração, o Dr. Liahuca anunciava a sua demissão dos postos que ocupava nos organismos dirigentes da FNLA e invocava como razões da sua demissão, os seguintes motivos:

- a) “A desorganização e a estagnação da luta pela libertação de Angola sob a responsabilidade de Holden Roberto.”
- b) “As manobras tribalistas de Holden Roberto que, ao mesmo tempo que emprega todos os meios para se cercar de elementos da sua família no seio do Governo Revolucionário no exílio, também leva centenas de Angolanos militares ou civis de outras etnias a perecerem nas prisões congolêsas de Ndolo, Makala, Luzumu e no campo militar HARDY de Thysville, com o objectivo de dividir o Povo, de retardar a Revolução e de prolongar o sofrimento e os massacres do Povo angolano.”...

3. A 7 de Agosto de 1964, os dirigentes do “grae” prendiam o Comandante KALUNDUNGO, Chefe do Estado-Maior do “ELNA” assim como outros importantes Chefes militares e centenas dos seus militares que se encontravam na base de Kinkuzu. Ver o Comunicado do MPLA de 7/8/64.

4. A 9 de Agosto de 1964, num Apelo dirigido ao Governo do Congo/Léopoldville e à OUA, o MPLA expunha a grave situação na qual se encontravam os nacionalistas angolanos no Congo/Léopoldville, na sequência das detenções massivas dos militares pertencentes à FNLA. O seu único “crime”: o de se opor à direcção do “grae” e o de reivindicar a sua adesão à Unidade do nacionalismo angolano.

5. A 12 de Agosto de 1964, e na sequência das detenções dos nossos militantes pela Segurança Congolêsas, o MPLA enviou uma carta de protesto ao Senhor Joseph KASAVUBU, Presidente da República do Congo/Léopoldville. O MPLA protestava contra a ingerência da segurança congolêsas nos assuntos internos de um povo em luta e pedia, para o MPLA, liberdade de acção em toda a extensão do território congolês.

A notícia que o “L’Etoile du Congo” acaba de publicar em nada nos surpreende. É a sequência lógica de toda uma série de acontecimentos previsíveis de que a decomposição do “grae” é a manifestação mais evidente. Ela confirma o que o MPLA nunca deixou de dizer, ou seja, que este organismo era incapaz de dirigir uma luta de libertação. Que era uma organização que fomentava a divisão e o ódio tribal. E por fim, um aparelho que o imperialismo tinha criado para paralisar ou impedir o desenvolvimento da luta armada em Angola.

Os acontecimentos que acabam de suceder na base de Kinkuzu demonstram ao mesmo tempo a maturidade do nosso povo e a firme adesão à unidade. Erguendo-se contra a tirania tribal que lhes impõem os dirigentes do “grae”, os nossos compatriotas responderam assim ao desejo profundo das massas populares que exigem a unidade das forças combatentes e a oposição às manobras de divisão e de ódio tribal que paralisam a luta e tornam inútil o seu sacrifício tão duramente consentido nestes 4 anos de luta contra o opressor estrangeiro.

O “governo angolano no exílio” é a ponta de lança do imperialismo na África austral.

A sua aproximação com ele é evidente. Na base de Kinkuzu, os seus quadros militares foram treinados por um instrutor negro americano, um certo BERNHARD MANHERTZ, que serviu como mercenário no Vietname do Sul, na repressão contra os patriotas desse país. Por várias vezes, o Sr. Holden Roberto quis envolver médicos cubanos “anti-castristas” no seu organismo de Assistência. No entanto, alguns países africanos aconselharam-no a não o fazer porque seria demasiado evidente... O seu Sindicato, a “Liga Geral dos Trabalhadores angolanos” (LGTA) foi reorganizado por um Sindicalista de origem cubana e que trabalhou sob o governo de TRUJILLO, esse tristemente célebre ditador da República Dominicana.

O Povo angolano tem sido abusivamente representado por um organismo estrangeiro que quis e continua a querer hipotecar o seu futuro. Tem sido representado por um “governo” do qual três quartos dos seus dirigentes nunca puseram os pés em Angola, nem sequer lá nasceram. Esses dirigentes servem-se do sacrifício do nosso povo para fazerem negócios: vender armas que os países africanos lhes dão para a libertação do nosso povo e desviar, para seu proveito próprio, os fundos postos à sua disposição por países de África.

Permitimo-nos citar aqui algumas passagens de um artigo publicado na “PRESENCE CONGOLAISE” de 20 de Julho de 1964, com o título: “SR. HOLDEN ROBERTO NÃO PARECE ESTAR A LIBERTAR ANGOLA”:

“Enquanto o Sr. CABRAL recusa o luxo das capitais dos países vizinhos para se instalar nas zonas de guerrilha, o “libertador” angolano e seus colaboradores chegados divertem-se a delapidar os poucos fundos do seu movimento para comprarem para si “Mercedes último grito” e percorrerem as capitais africanas com o fim de fazer cessar a ajuda de certos países irmãos que, apesar das recomendações da OUA, continuam, quer se queira quer não, a conceder uma ajuda substancial aos seus opositores do MPLA”.

Verdadeira criação do imperialismo, o “grae” está agonizante. Apenas a protecção que lhe concede o imperialismo torna a sua agonia mais lenta. Apenas a protecção e o apoio que lhe dá a Segurança congolosa impede uma clarificação da situação e a desintegração rápida e total desse organismo chamado “governo revolucionário angolano no exílio”.

O Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) confia no seu Povo.

VITÓRIA OU MORTE

O COMITÉ DIRECTOR DO MPLA

Feito em Brazzaville, 13 de Agosto de 1964

[*carimbo do CD do MPLA*]

DOC/43/64

Comunicado de Imprensa do MPLA sobre prisões no Brasil

[*policopiado, em francês*]

Notícias preocupantes e dignas de fé chegam-nos do Brasil.

Referem-se a novas detenções dos nossos compatriotas assim como de militantes anti-colonialistas portugueses. Os nossos compatriotas são JOSÉ LIMA DE AZEVEDO e JOSÉ MANUEL GONÇALVES. Os militantes anticolonialistas portugueses: Srs. Fernando MOURÃO, António LOURO e José Maria PEREIRA.

É de salientar que o nosso compatriota JOSÉ LIMA DE AZEVEDO já tinha sido detido uma vez, aquando da queda do Governo presidido pelo Sr. João GOULART. Tinha ficado 46 dias preso, tendo sido libertado por falta de provas e na sequência da campanha de solidariedade internacional que o MPLA tinha lançado na época.

O nosso militante está encarcerado na prisão do “Presídio da Marinha” na Ilha das Cobras e estamos preocupados com o seu destino, tanto mais que ele corre o risco de extradição para Portugal. Não foi dada nenhuma explicação, pelas autoridades brasileiras, sobre as razões da sua detenção.

É evidente que tais procedimentos não honram o Brasil, país no entanto tão hospitaleiro. Só servem de facto às autoridades fascistas portuguesas e à PIDE que agem impunemente no Brasil.

Denunciando esses actos arbitrários que atingem os nossos compatriotas e os militantes anti-colonialistas portugueses, o MPLA chama a atenção da OUA, da opinião pública internacional e das organizações democráticas internacionais para o perigo que pesa sobre as suas vidas porque o MPLA receia que eles sejam enviados para Portugal.

O MPLA ergue um protesto vigoroso contra essas medidas arbitrárias que, longe de servir no futuro os interesses dos povos brasileiro e angolano, atingem gravemente o direito de asilo que o Brasil nunca deixou de conceder a todos os que são perseguidos nos seus países.

O MPLA lança portanto um premente apelo ao governo brasileiro para que os seus militantes e os militantes portugueses amigos da causa angolana sejam imediatamente libertados.

O MPLA endereça esta questão a ORGANIZAÇÃO DA UNIDADE AFRICANA.

B/VILLE; 28.8.64 – DOC. 45

Declaração à Imprensa de J. Kalundungu e J. Liahuca

[*policopiada, em francês*]

DECLARAÇÃO À IMPRENSA

pelos Srs. José KALUNDUNGU – Chefe de Estado-Maior do Exército de Libertação Nacional de Angola (ELNA)

Dr. José J. LIAHUCA – Ex-Director do Serviço de Assistência aos Refugiados de Angola (SARA)

Senhores Jornalistas,

Têm ouvido, desde há algum tempo, rumores relativos à situação nos órgãos do “GRAE” e mais particularmente no Exército de Libertação Nacional (ELNA).

O Sr. Holden Roberto lançou-se, ultimamente, numa campanha desesperada de difamação dos espíritos e numa tentativa de desacreditar todos os que já não estão de acordo com ele. Procura um bode expiatório para encobrir os seus erros, as suas contradições e o seu falhanço na condução da Revolução Angolana.

Somos, portanto, obrigados a fazer alguns esclarecimentos sobre isso.

Fui nomeado Chefe de Estado-Maior do ELNA pela Comissão Militar composta por 22 oficiais formados ao mesmo tempo que eu no Exército de Libertação Argelino. O “GRAE”, dirigido pelo Sr. Holden Roberto, confirmou a minha nomeação à cabeça do Exército de Libertação a 30 de Junho de 1962. Se fui designado por todos os meus colegas, foi não só porque merecia a confiança deles, mas também porque as minhas capacidades o recomendavam; isso para responder em resumo às acusações de alguns dirigentes do “GRAE”.

O Sr. Holden Roberto proclamou-se, em 1961, Comandante em Chefe do ELNA e desde então não deixou de sabotar o trabalho da reorganização do Exército.

Para vos mostrar o quanto o Sr. Holden Roberto estava apegado aos princípios tribelistas, basta dizer-vos que de 22 oficiais formados na Argélia, apenas seis pertenciam a etnias diferentes da dele.

O Sr. Holden Roberto sempre utilizou a Base de KINKUZU como meio de propaganda e nunca foi utilizada como escola de formação de quadros. É neste sentido que se explicam as suas declarações de ter formado um exército de 25.000 homens. Na

realidade, nunca treinámos ao todo mais de 3.000 homens na base de KINKUZU. A maior parte destes soldados era mantida no campo durante meses, sem nenhuma participação nos combates, porque ele os queria na Base à disposição dos fotógrafos, na sua maioria americanos.

Perguntamo-nos aliás a razão pela qual o Sr. Holden Roberto, após ter recusado voluntários argelinos, ter aceiteado os serviços do oficial americano Bernard MAINHERTZ.

A Base de KINKUZU é uma propriedade do Sr. Holden Roberto. O PDA, que não tem uma participação activa, nunca teve mais de 30 soldados em 1.000. Era impossível manter a ordem no campo de Kinkuzu porque, todos os meses, em cada 10 dias em média, 4 eram de jejum. A maior parte dos militares estava completamente nua. Nunca compreendemos o que os dirigentes do “GRAE” faziam com o dinheiro que recebiam do Comité de Libertação de Dar-es-Salam.

A Base de KINKUZU não tem uma personalidade própria porque, à mínima dificuldade, o Sr. Holden Roberto fazia intervir os soldados congolês. Foi assim que no tempo do Sr. Adoula, o Exército Nacional Congolês interveio duas vezes no nosso campo, levando consigo soldados angolanos detidos e internados nos campos de Luzumu, 65 dos quais nunca mais voltaram. Somos obrigados a concluir que foram pura e simplesmente liquidados.

No tempo do Sr. Tshombé também tivemos a lamentar uma intervenção do Exército Nacional Congolês que levou consigo 7 oficiais.

Faço aqui um premente apelo à opinião africana e à opinião internacional para que exerçam pressões sobre o governo congolês para libertar imediatamente estes oficiais cujos nomes se seguem:

- 1) Alberto Sipata (antigo Comandante da zona de Cabinda)
- 2) Abel Alfredo
- 3) Agostinho Alberto
- 4) Firmino Albino (oficial de transmissões)
- 5) Paulo Cardoso
- 6) Victor Benguela (especialista de armas pesadas)
- 7) José Inácio

Para além destes oficiais cuja vida corre perigo, as prisões congolêsas mantêm, ainda centenas de Angolanos aprisionados porque reclamavam uma luta organizada e a unidade de todos os patriotas angolanos.

Soldados do Exército Nacional do Congo-Léopoldville, do Campo Hardy de Thysville, requisitados por Holden Roberto, prenderam e conduziram para a base de Kinkuzu 325 militares angolanos que tinham tomado a decisão de abandonar a base militar angolana em sinal de protesto contra o arrastar da guerra imposta por Holden Roberto. Como sempre, fez-lhes promessas mentirosas segundo as quais os militares deveriam voltar para a base e esperarem que se encontrasse um barco que os conduziria ao Katanga. Hoje sabemos que ameaças de morte pesam sobre esses militares. Em vez

de cumprir as suas promessas, Holden Roberto deu instruções aos militares da sua tribo para matarem um a um, na clandestinidade, no Congo ou nas pretensas missões de serviço no interior de Angola, esses 325 nacionalistas.

Chamo a atenção do Povo angolano e do mundo inteiro para o trágico destino que os espera a qualquer instante.

A guerra no interior de Angola limita-se actualmente a algumas acções levadas a cabo por alguns grupos descontrolados. Ninguém pode, nesta altura, afirmar levar a cabo uma luta no interior de Angola, nem o GRAE nem a FNLA.

Holden Roberto nunca esteve nas zonas de guerrilha como sempre o pretende. Pelo contrário, tornou-se culpado pela liquidação física de milhares de soldados, só porque não eram da sua tribo. Além disso, o ELNA sempre se pronunciou contra o envio de jornalistas estrangeiros ao interior das zonas de guerrilha. O meu Estado-Maior atribuiu o desaparecimento do Comandante MANDAZI da Serra Canda ao envio de jornalistas estrangeiros que serviam outros interesses e não os do Povo angolano.

Os insultos com que Holden Roberto cobre todos os patriotas decididos a levar a cabo uma luta na unidade, manifestam a ausência de sentimentos nacionalistas, uma incapacidade total e ignorância dos problemas angolanos.

Lanço um apelo solene ao Povo angolano para uma unidade real, para constituir uma verdadeira frente de luta contra o nosso inimigo comum, o colonialismo português sob todas as suas manifestações.

Os erros passados bastaram-nos.

MILITARES ANGOLANOS, NÃO SIGAM MAIS OS DIVISIONISTAS DO NACIONALISMO ANGOLANO QUE MATAM OS VERDADEIROS COMBATENTES DA LIBERDADE.

[Feita no dia 28.08.64]

Pedi a minha demissão voluntária do posto de médico Director do SARA, a 25 de Julho último, para protestar contra a desorganização geral e o arrastar da luta de libertação de Angola, da responsabilidade de Holden Roberto.

Está claro agora, para todos, que o Comité de Reconciliação de 1963 fracassou na sua missão de unificar a FNLA com o MPLA e que confiou a direcção da luta à FNLA. A partir dessa data, assistimos à regressão do nível da luta militar, à diminuição da assistência médico-social aos refugiados e ao desaparecimento das escolas para as crianças. O chefe do “GRAE” falhou não só na luta armada mas também na escolarização das crianças, na formação de quadros e na formação cívica do povo. Apesar da ajuda financeira que o “GRAE” recebe da OUA, a República Democrática do Congo só alberga uma escola, que funciona três vezes por semana (metade do dia) para os filhos dos refugiados angolanos. O projecto de uma escola de quadros, que deveria ter aberto há um ano, ainda não foi executado. Perguntamo-nos o que os dirigentes do “GRAE” terão feito das numerosas bolsas de estudo concedidas por vários países aos estudantes das colónias portuguesas, através da ONU.

No plano médico-social, basta dizer que só existem 7 dispensários, quase todos situados no Congo-Central; não existe nada nas províncias fronteiriças do Sul-Kasai, Katanga, Lualaba; um único posto de saúde funciona no Kwango. O “GRAE” nunca abriu um posto-dispensário para os refugiados no Congo-Brazzaville. Aliás, como se pode resolver o problema da assistência a mais de 500.000 refugiados, com a ajuda de 3 médicos e alguns enfermeiros, cuja maioria foi “formada” em 4 meses em Israel?

Paralelamente a esta carência, o chefe do “GRAE”, através do Governo do Congo-Léopoldville ordenou o encerramento de 11 escolas e 23 dispensários para os refugiados. É assim que 10 médicos angolanos foram forçados a abandonar milhares dos seus irmãos ao seu trágico destino: morrer de fome, de nudez, de doença e de miséria orgânica.

Diante de um tal comportamento estranho de suprimir aquilo que ele não é capaz de substituir, perguntamo-nos se o chefe do “GRAE” se interessa realmente pelo destino do povo angolano. Nunca tendo estado na fronteira para visitar refugiados desde que se encontram no Congo, pede no entanto dinheiro da OUA e das organizações filantrópicas de vários Estados em nome deles; é ainda sobre eles que fala nos seus memorandos à ONU, nas conferências africanas, nas conferências de Imprensa. Mas não empreende absolutamente nada para melhorar o seu destino.

Holden Roberto tenta em vão difamar os que se recusam a colaborar com ele na divisão do Povo, na paralisação da Revolução. Ele classifica-os de agentes do imperialismo, seja norte-americanos, seja portugueses, e também se apressa a dizer que eles agem por solidariedade tribal ou universitária. Mas o povo angolano já não acredita nesta tentativa de auto-justificação porque os factos estão aí e nenhuma manobra poderia camuflar a desorganização da Revolução.

Contrariamente a essas afirmações, somos e continuaremos a ser os agentes do Povo Angolano que combate pela sua liberdade. São os interesses deste Povo que defendemos:

Libertar o país do jugo colonial português;

Promover a verdadeira e sincera unidade dos partidos políticos angolanos a fim de aumentar a força combatente;

Acelerar a Independência;

Evitar as lutas fratricidas e as perseguições tribais no presente e no futuro;

Ajudar à formação dos quadros técnicos e políticos para melhor estruturar a Revolução e conduzir o Povo à vitória na via do progresso.

Lutamos por uma solução do problema dos refugiados, a escolarização das crianças, a assistência médico-social e a educação cívica. É preciso que, no interesse do Povo Angolano, cessem as detenções arbitrarias dos angolanos levadas a cabo pelo chefe do “GRAE” com a cumplicidade dos elementos da polícia de Segurança e dos *gendarmes* do Congo-Léopoldville; e cessem as buscas do mesmo género que nem sequer pouparam os escritórios da sede do Partido Democrático Angolano (PDA) e a residência do 1º Vice-Primeiro Ministro do “GRAE”, Sr. Emmanuel Kounzika e do Secretário de Estado do Interior, Sr. Sanda Martin.

Agradecemos, Srs. Jornalistas, a vossa amável atenção e a vossa vontade de querer esclarecer o mundo sobre a situação actual do problema angolano.

Comunicado do MPLA sobre reintegração de M. Andrade

[policopiado]

[Endereço do MPLA em Brazzaville]

COMUNICADO DE IMPRENSA

MÁRIO DE ANDRADE, antigo dirigente do MOVIMENTO POPULAR DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA (MPLA), chegou recentemente a Brazzaville, tendo tido conversações com a Direcção do MPLA.

No decorrer das conversações, MÁRIO DE ANDRADE reconheceu a justeza da orientação seguida pela DIRECÇÃO do MPLA nas diferentes e delicadas situações que se apresentaram a partir de Junho de 1963, manifestando assim o seu pleno acordo com as decisões da CONFERÊNCIA DE QUADROS DO MPLA, realizada em Janeiro de 1964.

Dissipados os mal-entendidos e posto em relevo a fidelidade do MPLA aos princípios que sempre o orientaram, o COMITÉ DIRECTOR DO MPLA comunica a completa reintegração de MÁRIO DE ANDRADE nas fileiras da Organização.

O COMITÉ DIRECTOR DO MPLA

[carimbo do CD do MPLA]

B/VILLE; 31.8.64
DOC. 46

Carta Circular da UGEAN sobre o Congresso

[policopiado]

[Endereço da UGEAN na Argélia]

[Acrescentado à mão: 1.9.64]

CE/17/64

O CE da UGEAN vem hoje levantar junto da massa dos nossos estudantes um problema que considera o mais sério, o mais importante e urgente da hora actual: trata-se da preparação e realização do Congresso e de uma série de medidas preliminares urgentes que possam vir a garantir à nossa Organização uma direcção eficaz em número e qualidade.

As experiências ganhas durante o primeiro e segundo Executivo da UGEAN, mostraram-nos, sobejamente, que este problema tem sido crucial para a vida da nossa Organização. Foi por isso que durante o nosso segundo Congresso – em que demos um balanço das realizações do primeiro Executivo de dois anos – nós chegamos à conclusão de que era absolutamente indispensável determinar que os oito membros

do CE, previstos nos Estatutos, ficassem com a obrigação de residir na Sede, porque era essa a única possibilidade de dar à Organização o rendimento em trabalho de que ela necessitava. Não obstante essa determinação ter ficado expressa nos Estatutos, uma constatação de facto leva-nos a dizer que, durante o Executivo vigente, trabalhámos em condições abaixo das exigidas durante o nosso 2º Congresso.

Logo de início vimo-nos reduzidos a seis elementos, porque dois membros eleitos para o CE (um de S. Tomé e o outro de Moçambique) não assumiram as suas funções, levando-nos a distribuir por seis membros o trabalho que os Estatutos determinam que deve ser distribuído por oito responsáveis. E se, paralelamente, verificámos que os problemas debatidos e as directrizes aprovadas durante o nosso 2º Congresso, alargaram grandemente o âmbito das tarefas da nossa Organização, compreenderemos que, não obstante o número de dirigentes em exercício ter sido aumentado para seis, contra dois do Executivo passado, a nossa capacidade de resolução de problemas não atingiu ainda o aumento desejado. Isso sem querermos falar das dificuldades que surgiram, ao ser posta em prática a divisão de trabalho no seio do actual CE, porque alguns membros eleitos aceitaram os cargos sem saberem claramente quais eram as tarefas e os sacrifícios que os esperavam.

Como a resolução satisfatória deste problema será decisiva para a vida e o progresso da UGEAN, vimos hoje explicar à massa dos nossos estudantes que é absolutamente indispensável que a [?] teremos o processo de eleição dos dirigentes da nossa Organização.

Já ficou mais do que provado que a UGEAN, tendo necessidade absoluta de uma Direcção capaz nos aspectos numérico, político e de competência, não poderá fazer defender o seu futuro dos conhecidos congressos “turistas”, que só querem passar férias agradáveis; dos voluntários à Direcção do nosso movimento que, por simples espírito aventureiro dos que querem ver novas terras e sentir novas emoções, estão dispostos a abandonar as sérias tarefas escolares; dos estudantes egoístas e oportunistas, sempre prontos a fazerem críticas e exigências ao CE que estiver em exercício, mas incapazes de sacrificar um ano da sua formação profissional, porque sabem que um trabalho sério, feito necessariamente de sacrifício, no seio da Direcção do nosso Movimento, não dará vantagens pessoais.

O próximo Congresso da UGEAN, como todos os outros futuros, deverá ser um Congresso de trabalho sério e árduo, de luta e de militantismo e, portanto, um congresso em que os membros que foram enviados como delegados deverão ser todos jovens verdadeiramente revolucionários. O que deverá contar fundamentalmente é a qualidade dos delegados e não a sua quantidade.

Para que essa necessidade vital para a UGEAN seja satisfeita, contrariando a experiência passada, torna-se necessário que – umentando mesmo o espírito democrático das eleições expresso nos Estatutos – se faça a eleição dos primeiros dirigentes da nossa Organização em duas etapas: a primeira eleição feita nas Secções e a segunda, durante o Congresso, entre os membros voluntários recrutados por aqueles.

Tendo-se constatado que os seis membros do CE actual (uns por razões escolares, outros por razões partidárias) não poderão continuar, para além do período de tempo do seu mandato, na Direcção do nosso Movimento estudantil, e tendo nós ainda a

necessidade de preencher dois novos postos, um no Secretariado da Pan-Africana de Estudantes, outro no Secretariado da UIE, o CE decidiu pedir às Secções que procedam a um recrutamento, por eleições, de um maior número possível de estudantes dispostos a darem um contributo de um ano na Direcção da UGEAN.

Esse recrutamento além de necessitar de um equilíbrio plurinacional, cada candidato à Direcção da UGEAN deverá preencher as condições mínimas seguintes:

- a) Ser militante activo e honesto em todos os domínios;
- b) Ter uma boa formação política;
- c) Saber redigir e falar com facilidade;
- d) Saber correctamente o português, sendo desembaraçado em inglês ou francês;
- e) Ser suficientemente disciplinado para respeitar os Estatutos e cumprir integralmente as tarefas respeitantes ao cargo para o qual for indigitado.

Quando o CE tiver recebido de todas as Secções as listas dos candidatos eleitos para a Direcção da UGEAN, o mesmo fará uma selecção de 22 candidatos, de modo a estabelecer um equilíbrio, o mais perfeito possível entre angolanos, guineenses, caboverdianos, moçambicanos e santomenses.

Esses 22 candidatos eleitos pelas Secções e seleccionados pelo Comité Executivo, serão os primeiros delegados a chegarem ao Congresso e formarão com o Comité Executivo vigente, o Comité Preparatório do mesmo. Será o Congresso, reunido em Assembleia Plenária e soberana, quem determinará, entre os 22 delegados candidatos à Direcção, quais serão os oito membros do CE e respectivos cargos; quais serão os dozes membros das Comissões Nacionais; quem será o representante no Secretariado da Pan-Africana dos Estudantes e, igualmente, quem será o nosso representante no Secretariado da UIE.

Esses 22 delegados candidatos à Direcção do nosso movimento estudantil, chegando com uma larga antecedência ao local do Congresso, além de ajudarem o CE na preparação do mesmo, terão a grande vantagem de se familiarizarem com os problemas da Organização e o mecanismo do Secretariado.

Assim, cada Secção enviará ao Congresso o número de delegados que estiver previsto nos Estatutos, menos o número dos candidatos eleitos por essa Secção e que tiverem sido seleccionados pelo CE para a Direcção da UGEAN, pois estes são também delegados.

Por exemplo, se uma Secção, segundo os Estatutos, tiver direito a enviar 5 delegados ao Congresso, e tendo ela eleito dois candidatos à Direcção da UGEAN, seleccionados pelo CE, essa Secção ficará por enviar ao Congresso apenas três delegados, que irão colaborar com os dois primeiros, chegados antecipadamente ao local do Congresso para trabalharem no seio do Comité Preparatório.

Sem uma resolução antecipada e satisfatória deste problema, e deixando-se, pelo contrário, tudo ficar dependente do acaso e dos condicionalismos pessoais, não poderemos prever se a nossa Organização caminhará no futuro para o progresso, a estagnação ou a decadência.

Por isso, sem a realização deste trabalho preliminar, não haverá condições favoráveis para convocar o Congresso, e, portanto, para fazer uma transferência de poderes.

O que acabamos de expor, leva-nos a dizer ainda que cabem às Secções e aos seus órgãos directivos a responsabilidade fundamental na procura de uma Direcção revolucionária e capaz para o nosso movimento estudantil e, conseqüentemente, a responsabilidade fundamental na orientação da UGEAN para o Progresso.

Lançamos hoje um apelo veemente ao espírito revolucionário dos nossos estudantes, esperando que adiram com entusiasmos às nossas proposições, pois a UGEAN, na qualidade de Organização revolucionária que está na vanguarda da luta de libertação dos nossos povos, não poderá viver senão de enormes sacrifícios. Que se ofereçam pois os voluntários! Que as Assembleias Gerais das Secções elejam os mais honestos, capazes e politizados, podendo nós assim provar que o nosso movimento estudantil é revolucionariamente fecundo!

Para facilitar a escolha das Secções e dar aos candidatos uma ideia aproximada das responsabilidades que poderão vir a ter, enviamos, em separado, a Ordem de Serviço sobre a divisão de tarefas no seio do Comité Executivo.

Após a recepção desta carta-circular, as Secções deverão reunir-se imediatamente em Assembleia-Geral, de modo a que nos seja enviada a lista dos candidatos eleitos o mais urgentemente possível.

O CE pretende convocar o Congresso nas férias de Natal, ficando a fixação precisa das datas dependente da rapidez e rigor do trabalho preliminar a ser realizado pelas Secções.

ABAIXO O COLONIALISMO PORTUGUÊS
SEUS ALIADOS E LACAÍOS!

Comité Executivo da UGEAN

Abílio Duarte; Peres da Silva; Octávio Belo;
José Fret; Fernando Octávio; Boubakar Touré

Alger, 1 de Setembro de 1964 *[carimbo do CD da UGEAN]*

ANEXO: Ordem de Serviço sobre a Divisão de Trabalho no Seio do Comité Executivo.

Comunicado de Guerra do MPLA

[policopiado]

[Endereço do MPLA em Brazzaville]

No dia 4 de Setembro último um comando dos Destacamentos do MPLA em operação na Zona Norte de Angola atacou de surpresa uma coluna motorizada do exército português.

As forças colonialistas sofreram pesadas baixas: 1 oficial, 1 sargento e 18 soldados inimigos foram mortos e numerosos outros ficaram feridos. Durante a mesma operação o grupo de sabotadores fez saltar 4 jipões e 2 jeeps, destruindo-os completamente.

As forças nacionalistas recuperaram ao inimigo um precioso material de guerra.

Não há perdas a assinalar da parte das forças do MPLA.

O ataque desenrolou-se a 70 Km da fronteira Congo/Cabinda.

As operações foram dirigidas pelos Comandantes LUCIENGA e HENDA.

As nossas forças, cujos efectivos aumentam constantemente, prosseguem implacavelmente o cerco ao inimigo.

O COMITÉ DIRECTOR DO MPLA

B/ville; 5.9.64

COM.N- 45

Encontro de Estudantes Angolanos nos EUA

[policopiado, em inglês]

CONVITE PARA UM ENCONTRO DE ESTUDANTES ANGOLANOS

DATA – 5-7 de Setembro de 1964

LOCAL – YMCA, Filadélfia

Hora de início: 09.00

Contribuição: \$ 3.00

A 8 de Agosto, o *New York Times* informava que os combates tinham praticamente cessado em Angola. Alguns dos nossos líderes também exprimiram a mesma preocupação. Os nossos compatriotas no Congo e na Europa querem saber qual a nossa posição como estudantes nos Estados Unidos. Caro colega, qual é a tua resposta?

Considerando a urgência da situação, a 7 de Agosto, estudantes angolanos na cidade de Nova Iorque decidiram convocar um encontro de todos os estudantes angolanos nos EUA para analisar a situação e tomar uma posição.

Apesar de não termos fundos disponíveis, insistentemente te pedimos que faças todos os possíveis para estar em Filadélfia de 5 a 7 de Setembro. Pedimos também a todos os participantes que contribuam com \$3.00 para despesas gerais.

Estudantes Angolanos em Nova Iorque, 255 West 108 Street, nº 5C1, New York 25

Carta do GRAE à Segurança Nacional Congoleza

[dactilografada, em francês, em papel impresso do GRAE]

Elisabethville, 17 de Setembro de 1964

N/Ref.: 43/64/BRE/SBD/SBD.

AO SENHOR DIRECTOR
DA SEGURANÇA NACIONAL
CONGOLESA
DIVUMA

Assunto: Controlo do angolano Estêvão Isaac.

Senhor Director,

Em nome do Governo Revolucionário de Angola no Exílio "GRAE", temos a honra de lhe informar que o nosso Ex-Secretário da Propaganda do Partido: UNIÃO DAS POPULAÇÕES DE ANGOLA "UPA", acaba de ser demitido das suas funções por se ter dedicado a manobras subversivas contra o poder estabelecido.

Pedimos, consequentemente, ao vosso departamento para o controlar minuciosamente caso ele esteja de passagem ou apareça nessa localidade.

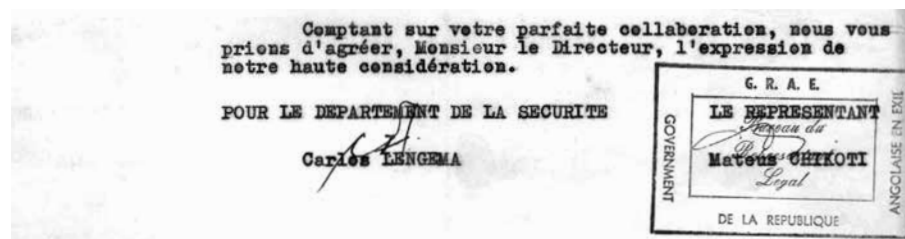
O Sr. E. Isaac, para além do comércio fraudulento a que se dedica, foi desmascarado pelo nosso serviço de segurança como estando em contacto com a Direcção do Movimento Popular de Libertação de Angola "MPLA" (Tendência Neto), instalada em Brazzaville depois de ter sido expulsa do Congo Léopoldville pelo Governo Central desta República irmã.

Tendo sido iniciada uma investigação pela Representação do GRAE no Katanga com vista a despistar todos os seus acólitos, pedimos-lhe que submeta a um controlo rigoroso todos os angolanos provenientes de Elisabethville que não sejam portadores de um livre-trânsito emitido pela nossa Representação.

Contando com a sua perfeita colaboração, queira aceitar, Senhor Director, os protestos da nossa mais elevada consideração.

PELO DEPARTAMENTO DA SEGURANÇA
Carlos LENGEMA [com assinatura]

O REPRESENTANTE
Mateus CHIKOTI [com ass.]
[carimbo do GRAE]



Relatório sobre a Situação política e militar

[dactilografado - 2ª via]

NOTAS ACERCA DA SITUAÇÃO NA PRIMEIRA REGIÃO

Situação política

a) ORGANIZAÇÃO

Ao longo da fronteira de Cabinda, de Mukonge até Ponta Negra e passando nomeadamente pelos povos de GANABINDA, KIMONGO, SANGA MIKONGE, ILUPANGA e BANGA, o MPLA adquiriu uma posição bastante forte, quer garantindo a defesa das populações angolanas refugiadas, quer usufruindo de uma grande confiança da parte das autoridades civis e militares congolezas.

É sobretudo a situação de confiança oferecida pelo MPLA que faz com que angolanos e congolezes o apoiem. Tal sensação traduz-se por exemplo, para as populações angolanas, numa protecção armada quando tenham de ir a Angola procurar viveres ou na advertência que é feita quando os portugueses se aproximam das lavras.

Para os congolezes, o MPLA representa a possibilidade de protecção das fronteiras na sua maior parte sem a menor representação armada congoleza.

Também o facto da existência de quatro postos de assistência sanitária nestas zonas (Miconge, Kimongo, Ilupanga e Banga), os quais asseguram, tanto quanto possível, uma assistência às populações angolana e congoleza, que de outra maneira não existia, contribui para o enorme prestígio do MPLA na região. Mesmo quando há um posto sanitário congolês (caso de Kimongo), a própria população congoleza prefere ser assistida no CVAAR.

É por isso que os movimentos dos nossos guerrilheiros, com os quais muitas vezes colabora a própria juventude congoleza, se encontram facilitados. As autoridades respeitam-nos. No caso Gourgel, a JMNR de Kimongo participou nas démarches junto do "sous-préfet" e da gendarmerie no sentido de impedir os actos criminosos do referido Gourgel.

A população angolana, embora em geral reservada, manifesta por vezes o seu entusiasmo e apoio perante a acção do MPLA e colabora, quer nos serviços de informação, quer pondo guias ao serviço dos guerrilheiros.

Se a mobilização é intensa (deve citar-se aqui especialmente a acção do camarada Swing, para o caso da zona B) a organização dentro das estruturas do MPLA oferece dificuldades, já pela falta de quadros com capacidade e conhecimento de organização, já pela situação especial das populações mobilizadas, vivendo fora do seu meio.

No interior propriamente dito é a própria mobilização que já é difícil porque o terror semeado pelos colonialistas leva as populações a colaborarem com eles e a denunciarem os mínimos vestígios da presença dos nacionalistas. O comando da região está a pôr em prática métodos que parecem eficazes e suficientes para ultrapassar em breve estas dificuldades.

A viagem da delegação da OMA e da Juventude produziu excelentes resultados no sentido de garantir ao povo que os princípios apregoados pelo MPLA são realizados na prática. A OMA foi vibrantemente saudada, cabendo um papel de menor importância à delegação da Juventude, talvez pelo facto de a sua visita não ter sido cuidadosamente preparada.

b) CENTRO DE INSTRUÇÃO REVOLUCIONÁRIA

Ainda está por definir o que deverá ser este centro. O projecto apresentado sobre os seus objectivos e o seu funcionamento ainda não foi submetido a uma crítica profunda que é absolutamente necessária, embora tenha sido elaborado depois de uma troca de impressões com o chefe de Organização e Quadros, que no entanto também não chegou a fazer uma crítica do projecto. Assim ainda ninguém sabe bem o que se pretende: se um centro exclusivamente para formação revolucionária, se uma fazenda agrícola, se um abrigo para refugiados ou se tudo isso ao mesmo tempo.

Da troca de impressões entre responsáveis da Organização e da Guerra, aprovou-se a ideia que seria um centro de formação revolucionária. A ser assim, convinha desde o início uma certa selecção da gente a enviar para o centro. Os primeiros estagiários deviam preencher certos quesitos, principalmente no capítulo de militância e disciplina.

As condições anormais provocadas pelo afluxo de antigos militantes da UPA e a necessidade de lhes dar abrigo não se coadunam com a rigorosa selecção dos estagiários, que se impunha.

Cabe à Direcção do Movimento encontrar uma solução equilibrada.

A infra-estrutura do Centro tem avançado lentamente.

Fizeram-se as primeiras sementeiras, desbravaram-se algumas porções de terreno, nomeadamente de locais para cultura e construção de casas e adquiriu-se madeira para a construção de uma primeira camarata com as dimensões aproximadas de 13 m x 6 m x 3 m em que se prevê uma capacidade de 20 a 30 estagiários conforme as necessidades. A construção desta primeira casa seguir-se-á a de quatro outras previstas, ficando a residência propriamente dita reservada ao Comando da Região e à Direcção do Centro. O galinheiro será transformado em salas de aula, sendo os animais transferidos para outro local. Eventualmente poderia funcionar também como refeitório.

Previa-se a abertura do Centro em 1 de Outubro, mas dado o estado dos trabalhos, por um lado e a incerteza sobre os objectivos do Centro, por outro lado, só para meados de Outubro, ou muito mais provavelmente para Novembro, ele poderá começar a funcionar como Centro de Instrução.

Prevê-se a instalação de um hospital destinado ao socorro dos guerrilheiros, de uma prisão e de uma escola para crianças, filhas de militantes no activo da organização.

Estes problemas carecem de uma solução urgente.

Situação militar

Merece especial referência o elevado moral dos guerrilheiros. Certos casos, relativamente poucos, de indisciplina, têm sido resolvidos dentro dos princípios, com relativa facilidade. No interior como no exterior queixam-se os camaradas de uma certa

falta de apoio por parte dos militantes em geral do MPLA, tendo-se por isso pedido à OMA em particular, que organize campanhas de cigarros, de revistas e mesmo de certos “mimos” a serem enviados para o maquis. De cuidar também da assistência sanitária. Os agentes sanitários que têm a seu cargo os guerrilheiros devem ser os nossos melhores homens. No Ilupanga, por exemplo, estavam quatro ou cinco camaradas que tinham vindo do maquis, com paludismo, a serem tratados com injeções de penicilina! Inquirido sobre as razões de tal erro, o camarada agente sanitário declarou não possuir quinino, que podia aliás ter sido pedido ao posto de Kimongo, como foi feito imediatamente. Esse responsável sanitário não parece competente perante a importância do local. Pelo contrário, Kimongo, onde a maioria dos doentes é congoleza, possui um bom agente sanitário.

Nas duas zonas e em todos os locais do interior e do exterior, queixam-se os camaradas da falta de ligação com o Movimento, nomeadamente no que diz respeito a publicações em português. Talvez não seria demais estatuir que todo o documento do MPLA devesse existir também em português e assegurar perfeitamente a sua distribuição até os locais do interior. Sucede por exemplo que a Banga apenas chegou um exemplar do último comunicado de guerra.

Há uma certa “liberdade” de circulação dos guerrilheiros na linha fronteira. Encontra-se por exemplo, numa ou noutra localidade, sem justificação apreciável, um camarada afectado a uma outra localidade. O comando terá decidido ultimamente a obrigatoriedade da posse de uma guia para todo o guerrilheiro que esteja em trânsito, sem a qual ele não poderá justificar a sua ausência do lugar a que está afectado.

O Comando queixa-se, aparentemente com razão, de um certo desequilíbrio nas atribuições orçamentais, sobretudo no que diz respeito à comida, orçamentada globalmente no capítulo operações e diversos. É um problema a resolver urgentemente já no próximo orçamento.

Na zona A o reconhecimento tem-se mostrado bastante difícil, mas parece ter finalmente entrado numa fase de progressão. Na zona B o problema próximo a resolver é a instalação de postos avançados. Ambos estes problemas exigem um aumento imediato dos efectivos, pelo menos até completar os destacamentos previstos.

Também as obras em curso na base exigem urgentemente um aumento de efectivos. Já há uma casa feita que pode alojar, se necessário, meia centena de camaradas. A aproximação das chuvas exige que se atendam os pedidos de aumento de efectivos e também que se tente fornecer impermeáveis aos combatentes.

É urgente o estudo de rações de combate dentro das possibilidades alimentares da região e do próprio Movimento. É urgente distribuir por cada camarada combatente o mínimo de material sanitário que lhe permita sobreviver a qualquer má eventualidade. Exemplo: um tubo de quinino, pensos, comprimidos de antibióticos, etc.

É urgente fornecer ao Comando da Região um quadro especial encarregado da coordenação dos serviços (finanças, intendência, municiação, saúde, etc.). Esse trabalho tem recaído sobre o Comando Geral, com manifesto prejuízo da sua capacidade de resolver os problemas prementes da guerra. Necessário pensar urgentemente na criação dum serviço de segurança e espionagem ligado aos assuntos de guerra.

A situação da UPA na região tem enfraquecido extraordinariamente, graças aos seus próprios erros, graças à vigilância dos nossos companheiros e graças ao crescimento do poder militar do MPLA. A zona de maior influência da UPA (Kintanze) está já a ser trabalhada por nós impondo-se que a abertura do posto sanitário previsto para Massabi passe para o próprio Kintanze. Aí os soldados da UPA foram desarmados pelas autoridades congolezas por se terem guerreado entre si. O grupo que ameaçava a secção de Banga desapareceu por se sentir perseguido pelo povo, pelos congolezes e pelos nossos combatentes. Um grupo upista na zona B, próximo de Nfuma 1, continua a lançar o terror nas populações, que desse modo, e porque ainda não nos sentem suficientemente fortes aí, hesitam em ganhar as fileiras do MPLA.

Sugestões

Instalação de uma escola primária em Ganabinda e no Pangi (Sanga Mikonge). Já há dois professores para o efeito e o povo garante a sua alimentação.

Uma campanha de vacinação antivariólica, ao longo de toda a nossa linha fronteiriça, em benefício das populações angolana e congoleza e a cargo dos nossos agentes sanitários. Poder-se-ia obter o concurso do próprio Governo do Congo e possivelmente da OMS no fornecimento da vacina.

Estabelecimento dos direitos dos estagiários do CIR no que diz respeito a correio e a cigarros. Até ao fim deste mês, e a título meramente provisório, foi-lhes atribuído um maço de cigarros por semana e uma carta por mês, estabelecendo-se ao mesmo tempo que nenhuma carta poderia ser remetida de Dolisie nem recebida em Dolisie, mas sim a partir do Bureau de Brazzaville.

Brazzaville, 26 de Setembro 1964

[assinatura de L. Lara]

Comunicado do MPLA sobre a prisão de Chipenda e Ciel da Conceição

[policopiado, em francês]

[Endereço do MPLA em Brazzaville]

Notícias vindas da Rodésia do Norte dão conta da detenção, nos arredores de Lusaka, a 14 de Setembro último, dos nossos militantes DANIEL CHIPENDA, membro do Comité Director e Presidente da Juventude do MPLA e de CIEL DA CONCEIÇÃO.

Notícias posteriores indicam que foram condenados, pelos tribunais ingleses de Lusaka, a quatro meses de trabalhos forçados.

O Comité Director do MPLA empreendeu imediatamente acções para obter a libertação dos seus irmãos.

Os factos que marcaram a sua detenção demonstram no entanto que mais uma vez nos encontramos face a uma manobra criminosa dos opressores seculares do nosso Continente.

A missão que os nossos irmãos estavam a cumprir limitava-se, como o declararam aos seus juízes, à organização de um centro de assistência aos numerosos refugiados angolanos que lá afluem. Não tinham nenhuma intenção de perturbar ou faltar ao respeito às leis internas de um País irmão que brevemente possuirá a sua soberania. As duas armas destinadas à sua defesa pessoal não podem servir de pretexto para concluir que se tratavam de “agitadores”, assim como a literatura revolucionária em sua posse não deveria servir para serem acusados de “agentes comunistas”, como o insinuaram algumas agências. Os nobres propósitos da sua missão põem ainda mais a nu o carácter colonialista da situação que existe ainda nessa parte de África. As autoridades coloniais e imperialistas pretendiam criar um clima de desconfiança nas relações do nosso Movimento com os dirigentes africanos da Zâmbia.

Assim, o Comité Director denuncia esse novo acto de ingerência cometido pelo imperialismo britânico e protesta com vigor contra ele.

O Comité Director do MPLA faz um apelo premente a todas as organizações democráticas e a todas as personalidades do mundo, para que levantem a sua voz, protestando e exigindo das autoridades britânicas, que não cessam de manobrar sobre o território africano da Zâmbia, a libertação imediata dos nossos irmãos DANIEL CHIPENDA e CIEL DA CONCEIÇÃO.

B/ville; 26.9.64

COM.Nº. 46

O COMITÉ DIRECTOR DO MPLA

[carimbo do CD do MPLA]

Conjunto de documentos para a Comissão dos Três (OUA)

[policopiado, em francês]

[Endereço do MPLA em Brazzaville]

BALANÇO DAS ACTIVIDADES DO MPLA

À consideração da Comissão dos Três – OUA

ESTRUTURA ORGÂNICA DO MPLA

O campo principal da nossa acção é o território nacional. Toda a orientação e planificação da actividade do MPLA reflectem as exigências da luta de libertação nacional.

A população angolana é progressivamente enquadrada nos órgãos do MPLA de que o GRUPO é a célula política de base. A assembleia dos militantes dos grupos num LOCAL – escalão de base – elege o seu órgão executivo o COMITÉ DE ACÇÃO.

Apesar da interdição de qualquer actividade política imposta pelas forças repressivas do colonialismo português à população angolana, o MPLA conseguiu espalhar na

extensão do território nacional cinquenta e nove COMITÉS DE ACCÇÃO. No Congo-Léopoldville vinte e sete COMITÉS DE ACCÇÃO dedicam-se às suas tarefas, apesar das dificuldades bem conhecidas.

ACTIVIDADE MILITAR

Os grupos de guerrilha do MPLA passaram com sucesso a prova de fogo. A nossa acção militar foi deficiente no início, pelas seguintes razões:

I – Meios financeiros e materiais insuficientes.

II – Interdição de circulação na República do Congo (Léopoldville).

Apesar da penúria em armamento, em meios financeiros e apesar da ausência de bases no exterior do país, os grupos de guerrilha do MPLA prosseguem, desde 4 de Fevereiro de 1961, operações de guerrilha, actividades de flagelamento e de sabotagens que põem em xeque as forças do exército colonial português – cerca de 60.000 homens – apoiado pelo bloco das potências da OTAN.

A partir do mês de Julho de 1964 – beneficiando da mutação política ocorrida na República do Congo (Brazzaville) – os grupos de guerrilha do MPLA consolidam incessantemente as suas posições. Ao longo dos últimos três meses, mais de uma centena de militares portugueses foram postos fora de combate enquanto material logístico importante foi destruído ou recuperado.

A direcção da acção militar do MPLA assenta em trezentos e sessenta quadros entre os quais duzentos e quarenta foram formados nos Centros de Instrução Militar da Argélia e cento e vinte no Marrocos.

Os nossos quadros militares prosseguem com sucesso o enquadramento do povo criando destacamentos de guerrilheiros destinados a operar no seio do inimigo.

ESCOLAS DE FORMAÇÃO POLÍTICA

Os 70.000 membros com cartões que compõem as fileiras do MPLA reflectem a sociedade angolana: camponeses, trabalhadores, industriais e comerciantes, intelectuais e funcionários, esse é o leque social do nosso movimento.

As escolas políticas do MPLA trabalham incessantemente para a sua formação. Mais de mil militantes dinamizam, no interior do país, as estruturas orgânicas do nosso movimento, trabalham para o desenvolvimento da consciência nacional do povo e constituem assim os fundamentos de um exército sem farda.

QUADROS TÉCNICOS

É banal afirmar que o MPLA é o movimento político angolano que possui a maior parte dos quadros técnicos do país.

Contudo, a consciência da extensão das tarefas a realizar para a liquidação das estruturas coloniais para dar lugar a outras estruturas adaptadas ao desenvolvimento democrático do nosso país, levou o MPLA a planificar a formação dos quadros técnicos.

Assim, desde 1961, o MPLA colocou em escolas secundárias, técnicas e universitárias de diferentes países da Europa e América trezentos e cinquenta angolanos destinados a trabalhar no sentido da edificação política, económica e cultural da Angola independente.

ORGANIZAÇÕES DE MASSAS

A JMPLA – Juventude do MPLA – e a OMA – Organização da Mulher Angolana – afirmam-se cada vez mais como motores do entendimento e da unidade entre os angolanos, reforçam os laços com a juventude e as mulheres das outras organizações, desenvolvem a doutrina e a luta revolucionárias do nosso Movimento de Libertação Nacional, e tomam um lugar cada vez mais activo no esforço pela liquidação da dominação colonial do nosso país.

INFORMAÇÃO E PROPAGANDA

A união psico-política do povo angolano é indispensável para varrer do solo nacional o sistema colonial português e as suas sequelas. Os órgãos de informação do MPLA – VITÓRIA OU MORTE, UNIDADE ANGOLANA e o BOLETIM DO MILITANTE e o órgão da JMPLA JUVENTUDE E REVOLUÇÃO realizam com sucesso a desmistificação do colonialismo e a popularização das nossas palavras de ordem.

ACTIVIDADE DIPLOMÁTICA

As representações do MPLA em Brazzaville, Accra, Conakry, Argel, Paris, Frankfurt, Genebra, Rabat esforçam-se por reflectir a evolução do problema angolano no contexto da luta de libertação nacional, da aliança de Portugal com a OTAN e com o bloco racista África do Sul – Rodésia do Sul, por estreitar as nossas alianças naturais com os países africanos, por dinamizar as organizações democráticas do mundo e as personalidades de boa vontade, a manifestarem por todos os meios a sua solidariedade e simpatia com a nossa luta, pela liquidação do colonialismo português e a independência nacional.

ACTIVIDADE SOCIAL

Deve-se ao MPLA a criação do primeiro corpo social de ajuda aos refugiados, o CORPO VOLUNTÁRIO ANGOLANO DE ASSISTÊNCIA AOS REFUGIADOS, abreviadamente CVAAR. O CVAAR – encerrado pelas autoridades congoleas a seguir ao reconhecimento do “grae” – contava entre o seu pessoal técnico com onze médicos, quarenta enfermeiros, setenta professores. Três dispensários, vinte e dois postos médicos, setenta escolas primárias, funcionando no seio dos nossos refugiados.

Eis o balanço da actividade do CVAAR, no período que vai de Outubro de 1962 ao mês de Junho de 1963:

| | |
|---|---------|
| Consultas médicas (aos refugiados)----- | 300.000 |
| Consultas médicas (aos congolezes)----- | 30.000 |
| Cuidados médicos----- | 150.000 |
| Injecções----- | 95.000 |
| Vacinas----- | 5.000 |
| Análises clínicas----- | 10.000 |
| Comprimidos distribuídos----- | 10.000 |
| Kgs de alimentação e sementes distribuídas----- | 70.000 |

| | |
|-------------------------------------|--------|
| Peças de roupa distribuídas ----- | 30.000 |
| Frequência escolar----- | 4.320 |
| Número de enfermeiros formados----- | 44 |

Brazzaville, Setembro de 1964

“COMISSÃO DOS 3”

O MPLA FACE AO DUALISMO NO MOVIMENTO NACIONALISTA

PREÂMBULO

Houve uma época em que as condições nas quais se desenrolava o conflito entre a vontade de impor-se da Europa e a resistência dos povos de África sem dúvida favoreceriam unicamente a estratégia imperialista. É certo que uma tal época, caracterizada pelos métodos bem conhecidos que acabaram por levar à posse de vastas regiões do continente, está terminada.

Mas a natureza das novas relações sociais e políticas que surgiram no mundo, assim como o desenvolvimento do movimento de libertação nacional, factores de aceleração da história, não chegaram por si só para acabar com o campo de exploração de tipo colonial.

Nos nossos dias, a África austral constitui terreno de vasto confronto entre os nacionalistas africanos e as diversas sociedades financeiras que partilham entre si o controlo do subsolo mais rico da terra. Não é por isso surpreendente que o advento da independência africana, favorecida pela nova conjuntura planetária, suscite nesta região problemas relacionados com a manutenção dos privilégios económicos. Uma similitude de opções, num feixe de alianças, anima o conjunto das forças que se batem na frente da luta pela hegemonia da “dominação branca” sobre o último terço do continente.

Das convenções bilaterais, regulando o envio de trabalhadores negros para as minas sul-rodésianas e da África do Sul, à presença de soldados portugueses entre os mercenários que operam no Congo, a “parceria” do governo de Salazar, neste bloco, não cessa de se manifestar activamente.

“A extraordinária compreensão” de que dá provas o governo português em relação às veleidades do Sr. Ian Smith de proclamar unilateralmente a independência da Rodésia do Sul, assim como o acolhimento de propostas “sensacionais” de Pretória para a criação de um mercado comum dos nove países da África austral, tudo isso ilustra ainda, se necessário, um aspecto da solidariedade imperialista.

Nestas circunstâncias, parece-nos que a escolha imposta em Addis Abeba aos aliados das potências coloniais, entre a sua amizade para com os povos africanos e o seu apoio aos governos que oprimem esses povos, ainda não se traduziu em medidas eficazes, susceptíveis de desencorajar a contra-revolução. Deixar apenas às nações africanas o boicote de Portugal e da África do Sul (no plano das relações diplomáticas, comerciais, das comunicações aéreas e marítimas) não pesa em nada na balança das forças económicas em presença.

Por mais isolados que estejam, até mesmo excluídos de certas organizações de cooperação internacional, esses países continuam a enfrentar o desafio lançado pela OUA. (Note-se que na eventualidade de todos os países africanos deixarem de comprar mercadorias provenientes de Angola, por exemplo, a balança externa da colónia apenas se ressentiria na proporção de 5,3%).

Recordar estas realidades tem como objectivo situar melhor o problema angolano. A guerra de libertação nacional em Angola reforçou, em torno do governo português, as alianças políticas que decorrem da existência dos *trusts* dirigentes da África austral. Esse grau de maturação “internacional” atingido pelo problema angolano ultrapassa hoje o quadro da luta contra o colonialismo praticado por Lisboa, para se inscrever no contexto de um confronto entre toda a África e o último reduto de resistência imperialista no nosso continente.

Qualquer que seja a nossa vontade de circunscrever a questão angolana à prioridade da luta pela independência nacional, seria perigoso abstraímo-nos das incidências extra-africanas nos obstáculos encontrados nas tentativas de realização de uma plataforma unitária entre as duas principais formações políticas da Angola combatente – o MPLA e a UPA-PDA (FNLA).

A constituição de uma nova comissão para o problema angolano reveste-se, aos nossos olhos, de um sentido muito particular nesta etapa da luta de libertação nacional. O MPLA, fiel aos nobres ideais que a OUA se propõe atingir e animado pelo desejo de clarificar a questão angolana, não se poupará a esforços para cooperar com a “Comissão dos 3” num clima desapaixonado e num espírito fraternal.

I. NATUREZA E FORÇA DO MPLA

Que nos seja permitido insistir, antes de mais, na amplitude das tarefas militares e políticas realizadas pelo MPLA. O conluio das forças imperialistas e do governo de Léopoldville tinha conseguido, durante o ano passado, paralisar a mobilidade do nosso movimento no território congolês. Medidas discriminatórias atingiram gravemente, em Julho de 1963, a estrutura organizacional do MPLA: encerramento das representações, detenção de responsáveis, interdição de qualquer actividade ao longo da fronteira Congo-Angola.

Privado do seu principal apoio logístico, o MPLA teve de proceder, então, à transformação das suas estruturas e ao estudo de uma estratégia adaptada às novas circunstâncias. No entanto, o aparecimento de um foco revolucionário na África central, com a mudança que se operou no Congo-Brazzaville, contribuiu para suprir, em larga medida, as carências da “base operacional” de Léopoldville.

De facto, foi a solidez dos princípios directores do MPLA que acabou por triunfar sobre as campanhas de descrédito e à sabotagem que os nossos inimigos tinham empreendido, com vista à nossa liquidação da cena política angolana.

Na realidade o MPLA, enquanto organização engajada no combate pela independência real de Angola, sempre se impôs aos olhos das forças patrióticas.

Deve-se ao MPLA, entre outras iniciativas, a elaboração do primeiro programa consequente de luta de libertação nacional, o arranque de uma política de formação

de quadros e a criação do primeiro corpo médico de ajuda aos refugiados. O MPLA não ficou pelo desencadear da insurreição em Fevereiro de 1961; os seus organismos responsáveis pela condução da guerra procederam, graças à ajuda fraternal de alguns países africanos, ao treino de centenas de militantes. As operações de guerrilha que prosseguem contra o colonialismo português estão sob a direcção desses jovens quadros.

A 4 de Fevereiro último, manifestações tiveram lugar nos principais centros de Angola. Desde Maio de 1964, a actividade dos nossos grupos de guerrilha retomou com intensidade.

Em três meses, mais de uma centena de soldados inimigos foram postos fora de combate (mortos ou feridos), enquanto um importante material logístico foi destruído ou recuperado.

Os nossos comandos conseguiram apoderar-se de seis traidores que aterrorizavam as populações, assinalando ao inimigo as bases de refúgio dos nossos guerrilheiros.

Planos de combate e de reabastecimento estabelecidos com realismo são metodicamente postos em prática; prova disso é o envio precipitado de tropas inimigas vindas do pretense “triângulo podre” (situado no noroeste do país) para todos os sectores onde o MPLA conduz a guerra de libertação.

Várias personalidades, nomeadamente um jornalista da “Révolution Africaine”, um escritor e um professor, já visitaram as nossas zonas de guerrilha onde puderam constatar a seriedade do trabalho que desenvolvemos no plano político-militar.

A Conferência de Quadros realizada em Janeiro de 1964, assim como as Assembleias de Zona reunidas no interior de Angola, das quais uma conseguiu reunir, por si só, mais de 2.000 membros, vêm consolidar a confiança das massas angolanas nos destinos do MPLA.

Enfim, vários nacionalistas provenientes de outras formações políticas se juntam ao MPLA.

Eis os factos que sublinham o dinamismo do nosso movimento. Com vista a reforçar a infra-estrutura necessária às vastas operações previstas, o MPLA considera estar autorizado a reclamar uma total liberdade de acção nos países africanos.

II. O PROBLEMA DA UNIDADE

Reunir todas as forças patrióticas numa Frente Nacional, esse é o ponto essencial do programa mínimo do MPLA. Desde a publicação do seu primeiro manifesto em Dezembro de 1956, o MPLA não cessa de defender que é na Frente Unida que reside a base do desenvolvimento da consciência nacional e a melhor arma de desgaste do aparelho colonial. Respondendo ao apelo do Manifesto, as organizações nacionalistas na clandestinidade, puderam estabelecer um programa de acção. Mas a detenção de um bom número de quadros dirigentes da luta libertadora, a dispersão da população e o ressurgimento de partidos fixados no exterior de Angola, são factores que modificaram sensivelmente os dados do problema da unidade.

Apesar dos esforços com vista a uma análise das concepções respectivas dos movimentos políticos sobre a Frente nacional, nunca se produziu um debate consequente entre o MPLA e a UPA-PDA (FNLA).

Tínhamos solicitado, a dada altura, os bons ofícios dos governos africanos. Mas nem as intervenções do Sr. Kamitatu, então ministro do governo do Congo-Léopoldville, nem a do Presidente Nkrumah (para citar apenas estes dois exemplos) conseguiram vencer a intransigência dos responsáveis da FNLA.

O argumento avançado pela direcção da FNLA, segundo o qual a Frente estava aberta à participação do MPLA, decorria de um vício de raciocínio. Valendo-se da constituição de uma coligação (UPA+PDA), regida por uma convenção dita nacional, iludida, de facto, o problema da unidade com o MPLA.

Pois jamais a FNLA se pronunciou claramente sobre o estabelecimento de uma plataforma de entendimento com a nossa organização.

E surgiu a formação do “GRAE”.

Também nesse caso, num memorando dirigido aos governos africanos a 15 de Abril de 1962, tínhamos já demonstrado a natureza anti-unitária desta “frente” que deliberadamente excluía o MPLA. Alertávamos os Estados africanos para os perigos de um eventual reconhecimento do pretense “GRAE” que consagraria, de certeza, a divisão do nacionalismo e a intervenção estrangeira na questão angolana.

Não se poderia dissociar o “GRAE” da “FNLA”. O “GRAE” é apenas a super-direcção da “FNLA”. A sua composição, a sua clientela, os seus métodos de acção identificam-no exclusivamente com a FNLA. Ou seja, trata-se da direcção da FNLA, auto-investida em “governo”.

Depois da conferência de Addis Abeba, a tendência maioritária que emergiu, nos meios africanos, a reconhecer o “GRAE”, baseava as suas esperanças numa possibilidade de resolver, através dessa consagração jurídica, a divisão do nacionalismo angolano. Chegou-se até mesmo a pensar que o apoio exclusivo concedido a uma fracção das forças nacionalistas deveria necessariamente levar à auto-dissolução das outras formações, em particular do MPLA.

Mas a experiência concreta da luta de libertação nacional encarregou-se de demonstrar a falsidade desse cálculo político. Por isso, o problema da unidade do nacionalismo angolano continua na mesma. É o dualismo MPLA-FNLA que subsiste.

III. AS NOSSAS ALTERNATIVAS

Entre as formações políticas angolanas, o MPLA distingue-se pela sua natureza de vanguarda das massas mais exploradas de Angola e de motor das iniciativas revolucionárias. Pelas suas origens estritamente nacionais, a sua ampla base social, a qualidade e a quantidade dos seus quadros, assim como pelos seus princípios de acção, o MPLA afirma-se como uma organização indispensável ao advento da independência real de Angola. Seria por isso ilusório pensar que esta possa ser levada a bom termo sem a participação activa da personalidade política da nossa organização.

Ora, a situação criada em África com o reconhecimento do “GRAE” trava a expansão das actividades do MPLA. Consciente do seu contributo positivo à luta contra a opressão colonial, o MPLA preenche condições mais do que suficientes para requerer o apoio dos organismos apropriados da OUA.

À semelhança de outras forças combatentes colocadas numa situação similar, reivindicamos conseqüentemente a concessão da ajuda material do “Comité dos 9”.

Bem sabemos que é dever do “Comité dos 9”, de acordo com as recomendações da conferência de Addis Abeba, contribuir tanto quanto possível para a realização de frentes de luta contra o colonialismo, lá onde seja necessário. É evidente que no nosso caso particular, a utilização da terminologia adequada não poderia traduzir mecanicamente a realidade da frente nacional.

Desejoso de ultrapassar a dualidade existente, no interesse do povo angolano, dos seus movimentos representativos e da solidariedade africana, o MPLA propõe as seguintes alternativas:

- a) ou o confronto político, sem nenhuma condição prévia, com os dirigentes da “FNLA” com vista a estudar as modalidades para a realização de uma frente nacional representativa, na base de um programa mínimo de luta contra o colonialismo português;
- b) ou, caso a FNLA recuse, a realização de um congresso das forças patrióticas, a pedido do MPLA.

A unidade que reclamamos baseia-se – como objectivo primordial a atingir – na independência nacional, assim como nos métodos de acção para lá chegar.

O MPLA tem a certeza que a “Comissão dos 3” trará o seu contributo à solução desta equação política, a qual poderia voltar a dar um novo impulso à luta de libertação nacional de Angola.

Pois daí depende também a salvaguarda da unidade africana.

Brazzaville, Setembro de 1964

Comunicado sobre morte de António dos Santos Ambrósio

[policopiado]

[Endereço do MPLA em Brazzaville]

Vivamente indignado pela morte cruel do seu militante ANTÓNIO DOS SANTOS AMBRÓSIO, vítima de sevícias graves por parte da polícia congoleza de Léopoldville, o MOVIMENTO POPULAR DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA (MPLA) dirigiu os seguintes telegramas às entidades abaixo designadas:

SUA EXCIA JOSEPH KASAVUBU PRESIDENTE REPÚBLICA CONGO-LÉOPOLDVILLE.

“Informados morte vítima sevícias prisão LUZUMU nacionalista angolano MPLA ANTÓNIO DOS SANTOS AMBRÓSIO preso sem culpa formulada desde Março stop vivamente emocionados vimos respeitosamente junto V. Excia apresentar enérgico protesto stop pedimos primeiro abertura inquérito punição responsáveis

segundo liberdade imediata nossos militantes JACINTO MANUEL E ANTÓNIO MUBEMBA (LUZUMU) ARSÉNIO MESQUITA (MAKALA) JOÃO ZOMBO NEKONGO E ADRIANO PEDRO E MANUEL MORAIS (CAMPO UPA KINKUZU) terceiro libertação centena outros angolanos presos instigação Holden Robert quarto garantias vidas angolanas residentes Léopoldville stop alta consideração.

COMITÉ DIRECTOR MPLA

SECRETÁRIO-GERAL OUA ADDIS ABEBA

Vivamente emocionados morte nacionalista angolano MPLA ANTÓNIO DOS SANTOS AMBRÓSIO prisão LUZUMU vítimas sevícias pedimos vossa intervenção salvar patriotas angolanos cujos nomes JACINTO MANUEL, JOÃO ZOMBO NEKONGO, ADRIANO PEDRO, MANUEL E ARSÉNIO MESQUITA PRESOS SEM CULPA formulada prisões Léopoldville stop alta consideração.

COMITÉ DIRECTOR MPLA

E à Cruz Vermelha Internacional em Genebra do mesmo teor ao anterior.

ANTÓNIO DOS SANTOS AMBRÓSIO fora preso no dia 26 de Março de 1964 sem culpa formulada com dois outros militantes do nosso Movimento pela polícia congoleza, em cumplicidade com os principais dirigentes da Sûreté de Léopoldville. Data daí uma verdadeira odisséia, constantemente transferidos de prisão em prisão e submetidos aos piores tratamentos a que é possível submeter seres humanos. De tal modo que o corajoso nacionalista viria a sucumbir ao regime de fome e às barbaridades a que os seus carrascos o sujeitaram durante muitos meses.

Consumaram-se assim as apreensões que repetidas vezes deixámos perceber em inúmeros documentos dirigidos às mais variadas entidades africanas e internacionais. Numa dezena de telegramas dirigidos ao Presidente da República, ao Primeiro-Ministro e ao Ministro do Interior do Congo-Léopoldville desde Março de 1964, o MPLA agitou esta questão tão humana de salvar as suas vidas em perigo. Não fomos porém ouvidos no momento mais oportuno e eis que hoje pesa sobre aqueles em cujas mãos repousa o poder, a responsabilidade deste crime para o qual exigimos a abertura de um inquérito.

A morte do nosso companheiro de luta deve servir para alertar a opinião internacional e africana sobre o destino que espera os nossos militantes referidos nos telegramas mencionados e de todos os angolanos detidos ou ameaçados no território do Congo-Léopoldville, levando-os a agir sem demora, exigindo a sua libertação imediata.

Da mesma forma, o desaparecimento brutal do nacionalista exemplar que foi ANTÓNIO DOS SANTOS AMBRÓSIO sirva de esclarecimento aos meios políticos internacionais e em especial aos da OUA sobre o verdadeiro carácter de certas organizações, cuja audiência mancha os nobres ideais que as mesmas defendem.

O COMITÉ DIRECTOR DO MPLA

B/VILLE; 14.10.64

DOC. Nº 47

[carimbo do CD do MPLA]

Comunicado de Guerra do MPLA

[policopiado]

[Endereço do MPLA em Brazzaville]

Na manhã do dia 14 de Outubro de 1964, a poucos quilómetros de BUCU-ZAU uma grande formação motorizada portuguesa caiu numa emboscada dos nossos Destacamentos em actividade naquela área.

As perdas do exército colonial português foram as maiores registadas até agora num só combate: 83 mortos (dos quais 10 oficiais) e 20 feridos. Quinze (15) jipões ficaram completamente destruídos e vários outros danificados sob a acção de diversas cargas de explosivos.

Três mulheres angolanas obrigadas a servir de guias aos soldados portugueses perderam igualmente a vida neste combate.

Esta operação, que foi dirigida pelos nossos camaradas guerrilheiros PEDALÉ e PELÉ, culminou uma série de manobras de diversão levadas a cabo por diversos dos nossos Destacamentos, as quais tinham por fim atrair as forças inimigas.

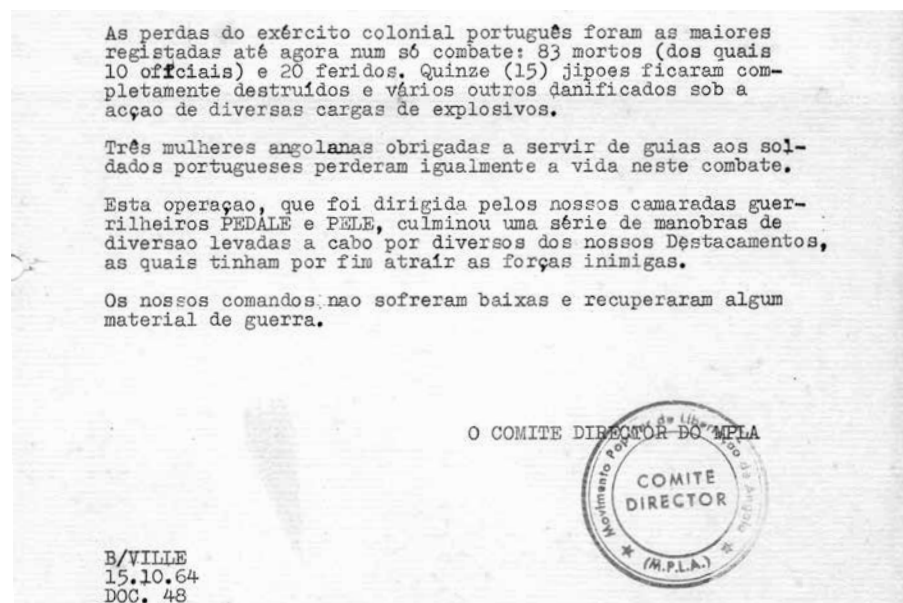
Os nossos comandos não sofreram baixas e recuperaram algum material de guerra.

O COMITÉ DIRECTOR DO MPLA

[carimbo do CD do MPLA]

B/VILLE; 15.10.64

DOC. 48



Programa de acção da OMA

[policopiado]

[Nota manuscrita: 22.10.64]

ORGANIZAÇÃO DA MULHER ANGOLANA

OMA

B.P. 2400

Brazzaville

CONGO

PROGRAMA DE ACCÇÃO
da ORGANIZAÇÃO DA MULHER DE ANGOLA

A DIRECÇÃO DEVE SER ELÁSTICA DE FORMA A ADAPTAR-SE A TODAS AS CIRCUNSTÂNCIAS.

PRESIDÊNCIA:

A Presidência deve coordenar toda a actividade da Organização. Coordena todo o trabalho das comissões. É a Presidência ou quem a substitua que deve convocar as reuniões, a pedido de qualquer membro da direcção.

COMISSÃO DOS ASSUNTOS INTERNOS:

ORGANIZAÇÃO DE MASSAS – Procurar organizar a OMA em todos os lugares onde o MPLA se encontre. Organizar secções da OMA nas fronteiras e no interior. Organizar um ficheiro com nomes de todos os membros da OMA. Nos ficheiros deve acompanhar-se a actividade de cada secção. Para desenvolver este trabalho é necessário enquadrar todas as mulheres no plano político-militar. Por isso é necessário integrar a mulher angolana na preparação político-militar dada pelo MPLA. Ter o nome de todos os membros prontos a cumprir as missões necessárias.

Em colaboração com o Departamento de Organização e Quadros, acompanhar a actividade do Movimento, dos comités de acção, o que facilitará a criação da OMA em todos os comités de acção.

SOCIAIS – esta sub-comissão responsabiliza-se das relações sociais, não só das mulheres como dos militantes do MPLA e dos angolanos que não pertençam a nenhum partido. Deve constituir-se um grupo ou vários grupos que se encarregarão de saber as moradas dos militantes visitando-os sempre que possível para conhecerem as suas necessidades, sendo obrigatório visitar os militantes doentes. Sempre que se fizerem as visitas, elas serão feitas em nome da OMA. Deve-se constituir uma comissão para recepções. Receber as visitas que chegam para o MPLA, elaborar programas e arranjar alojamentos. Esta Sub-comissão deve preparar programas de confraternização entre os militantes.

INSTRUÇÃO – Formação de escolas e participação no trabalho de alfabetização.

COMISSÃO DOS ASSUNTOS EXTERIORES:

Esta comissão deve desenvolver toda a actividade da organização no exterior, contactando organizações femininas do exterior e dos militantes da organização feminina que se encontram no exterior. Toda a actividade para o exterior deve obedecer à linha política do Movimento.

COMISSÃO DE FINANÇAS E INFORMAÇÃO:

FINANÇAS – A responsável deve mobilizar todos os meios materiais e financeiros ao seu alcance, para criar uma situação que garanta à Organização a efectivação de um plano geral de acção. Deve fazer um orçamento que vá ao encontro das necessidades da Organização. Deve nomear militantes que cobrem as cotas, deve arranjar indivíduos que possam dar à Organização donativos e sobretudo arranjar formas de conseguir fundos próprios que garantam uma melhor mobilidade na acção. Para isto a responsável poderá organizar festas com fins de dar dinheiro, organizar rifas e criar outras formas de se conseguir meios económicos. A responsável terá uma escrituração para assentar toda a movimentação da Organização, para o que é necessário um livro que se destinará ao registo das receitas e das despesas.

INFORMAÇÃO – esta sub-comissão é encarregada de fazer a propaganda e agitação do MPLA e da OMA. Ela deve criar um órgão de formação e informação e deve criar uma comissão de redacção que fará panfletos para esclarecimento da mulher angolana. Falar à mulher da luta: como deve participar na luta, quem são os nossos inimigos, porque lutamos, o papel da mulher na revolução, o que divide a mulher angolana e o Povo angolano. Falar das manobras do inimigo, denunciar os traidores, encorajar a luta no meio das massas angolanas.

B/VILLE; 22.10.64

DOC. 23 UNIDAS VENCEREMOS! [carimbo da Direcção da OMA]

Relatório da Delegação do MPLA à Confª dos Não-Alinhados

[dactilografado – 2ª via]

RELATÓRIO DA DELEGAÇÃO DO MPLA À CONFERÊNCIA

Dos PAÍSES NÃO ALINHADOS

A 2ª Conferência dos Chefes de Estado ou de Governo dos Países não alinhados, realizou-se na cidade do Cairo, de 5/X/64 a 10/X/64 [acrescentado à mão].

Fizeram-se representar os seguintes países: Como participantes, Afeganistão, Argélia, “Angola”, Arábia Saudita, Birmânia, Burundi, Cambodge, Camarões, Ceylão, Congo

(Brazzaville), Cuba, Chypre, Dahomey, Etiópia, Ghana, Guiné, Índia, Indonésia, Iraque, Jordânia, Kénia, Koweit, Laos, Líbano, Libéria, Malawi, Mali, Marrocos, Mauritânia, Nepal, Nigéria, Ouganda, Senegal, Serra-Leoa, Somália, Sudão, Síria, Tchad, Togo, Tunísia, RAU, RCA, R.U., Tanganika e Zanzibar, Yémen, Jugoslávia, Zâmbia; como observadores, Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Finlândia, Jamaica, México, Trindade e Tobago, Uruguay, Venezuela, totalizando cinquenta e sete países, isto é, mais de dois terços dos países independentes do nosso planeta.

A república do Congo (Léopoldville) não participou porque a Conferência recusou a presença do seu chefe do governo Moyses Tchombé, que foi considerado por unanimidade dos seus membros “persona non grata”.

Os trabalhos da conferência foram preenchidos pelas intervenções dos chefes das delegações, na sua grande maioria chefes de estado ou de governo, e terminou com o enunciado de um programa que considera os problemas fundamentais relacionados com o futuro dos povos.

Durante as suas intervenções os diferentes oradores expuseram as suas concepções sobre os problemas da acuidade internacional e passaram em revista certos aspectos prementes da nossa época, nomeadamente a luta contra o colonialismo e o imperialismo, a necessidade da defesa da paz, da segurança internacional e de aumentar o nível de vida das zonas subdesenvolvidas.

O programa adoptado encerra os capítulos seguintes:

- I. Acção concertada para a libertação dos países ainda dependentes; eliminação do colonialismo, do neocolonialismo e do imperialismo.
- II. Respeito do direito dos povos à autodeterminação e condenação do emprego da força contra os exercícios destes direitos.
- III. Discriminação racial e apartheid.
- IV. Coexistência pacífica e sua codificação pela Nações Unidas.
- V. Respeito pela soberania dos estados e pela sua integridade territorial. Problemas das nações divididas.
- VI. Solução dos diferendos sem ameaça nem recursos à força, conforme os princípios da Carta das Nações Unidas.
- VII. Desarmamento geral e completo, utilização pacífica da energia atómica, interdição de todas as experiências de armas nucleares, criação de zonas desnucleizadas [sic], prevenção da disseminação das armas nucleares e abolição de todas as armas.
- VIII. Pactos militares, armadas e bases estrangeiras.
- IX. As Nações Unidas; seu papel nos problemas internacionais; aplicação das suas resoluções; revisão da Carta.
- X. Desenvolvimento económico e cooperação.

De uma maneira geral, o programa reflecte, por um lado os problemas que representam inquietação para os países recentemente independentes e por outro lado, preconiza as soluções e avança os meios para regular os diferendos internacionais susceptíveis de perturbar e de agravar as condições da nossa época.

No que se refere ao capítulo que se relaciona directamente com a nossa actividade revolucionária, o texto começa por uma série de considerações sobre determinados princípios, tais como, a legitimidade do recurso às armas pelos povos colonizados, o direito à autodeterminação e à independência, afirma o engajamento dos países não alinhados na luta pela extinção do colonialismo, neocolonialismo e imperialismo, reconhece nos movimentos nacionalistas em luta os representantes autênticos dos seus respectivos povos, condena Portugal pela sua recusa obstinada em reconhecer o direito à autodeterminação e independência das suas colónias e de aplicar a declaração sobre a concessão da independência aos países e povos coloniais, afirma a sua determinação de ajudar a luta dos movimentos de libertação nacional tanto no plano diplomático como nos planos financeiro e material e termina por adoptar as seguintes resoluções:

1. Pede instantemente aos países participantes que dêem todo o apoio material, financeiro e militar necessário aos combatentes da liberdade nos territórios sob dominação colonial portuguesa.
2. Estima que é conveniente apoiar o “GRAE” e os movimentos nacionalistas em luta pela independência das colónias portuguesas e de ajudar o Bureau Especial criado pela OUA no que se refere a aplicação de sanções contra Portugal.
3. Pede aos Estados participantes que rompam as suas relações diplomáticas e consulares com o governo português e que tomem medidas efectivas a fim de suspenderem todas as suas relações comerciais e económicas com Portugal.
4. Pede aos países participantes que tomem todas as medidas a fim de obrigar Portugal a aplicar as decisões da Assembleia-Geral das Nações Unidas.

Se considerarmos as opções políticas da maior parte dos países participantes, somos forçados a concluir que a Conferência tomou posições corajosas susceptíveis de permitir o reforço da luta dos movimentos de libertação nacional. No caso específico de Angola, o facto de se citar no ponto (2) o “GRAE” não pode levar a inferir que o MPLA sofreu uma derrota diplomática. Pelo contrário, o ponto (2) representa uma vitória para o nosso Movimento na medida que a Conferência não foi capaz de adoptar uma resolução concreta, exclusiva em relação ao “GRAE” apesar de nela estarem representados todos os governos que reconheceram o dito “governo”. A Conferência reconheceu indiscutivelmente o dualismo do MPLA-“GRAE” existente no seio do movimento de libertação nacional angolano.

A nossa delegação constituída por Luiz de Azevedo Jr., Mário Pinto de Andrade e Eduardo dos Santos, aproveitou a concentração no Cairo das personalidades políticas africanas, asiáticas e europeias para criar as condições mais favoráveis ao MPLA junto dos organismos mandatados pela OUA para decidir sobre o problema do nacionalismo angolano, e para dar a conhecer os sucessos obtidos pelo nosso Movimento na luta contra a dominação colonial portuguesa do nosso país.

Para esse efeito, a delegação realizou vários contactos, dos quais salientamos as entrevistas de Mário de Andrade com os presidentes das repúblicas da Guiné e da

Argélia. Tanto Ben Bella como Sékou Touré mostraram-se favoráveis à unidade e deram a impressão de ter evoluído em relação às posições que sustentaram no decorrer da Conferência dos Chefes de Estado da OUA.

A delegação do MPLA foi recebida pelo presidente da república da Jugoslávia, marechal Tito, juntamente com as delegações da FRELIMO e do PAIGC. O presidente Tito informou-nos ter recebido Roberto Holden e fez considerações relativas à necessidade da Unidade no seio dos movimentos de libertação nacional para o reforço e o sucesso das respectivas lutas.

A delegação realizou duas reuniões com os dirigentes da FRELIMO e do PAIGC respectivamente Marcelino dos Santos e Amílcar Cabral que concluíram a necessidade da reorganização da CONCP e consideraram irrealistas as proposições do Secretário Geral da OUA, Diallo Telhi sobre as medidas a adoptar para reforçar a actividade dos movimentos de libertação nacional. Essas proposições estabeleciam a necessidade de um controle da OUA sobre os movimentos de libertação nacional através do alojamento dos militantes em campos financiados pela OUA e pelo abandono das suas representações exteriores aos países africanos independentes. Segundo a proposição do Secretário-geral, a OUA passaria a representar as organizações nacionalistas junto das instâncias internacionais, tais como conferências, Nações Unidas, etc.

A delegação apoiou a proposta apresentada na reunião dos movimentos de libertação nacional sugerindo como seu porte-parole à Conferência, Amílcar Cabral. O secretário-geral do PAIGC teve assim oportunidade de subir à tribuna dos oradores para exprimir a opinião dos diferentes movimentos de libertação nacional africanos e de Puerto-Rico.

O “GRAE” fez-se representar por Holden Roberto, Viriato da Cruz, Johny Eduardo Pinock, Matias Miguéis e os seus representantes no Cairo.

Cerca de três dias depois de iniciada a Conferência, a nossa delegação reuniu-se para apreciar e decidir o pedido de Viriato da Cruz para se encontrar com Mário Andrade. Depois de ponderada a situação concluiu, ou melhor, decidiu-se pela afirmativa. Mário de Andrade deu-nos conta dos resultados dessas conversações que se resumem no seguinte: Viriato da Cruz continua a considerar-se representante da tendência pura do MPLA e afirmou-se disposto a depor na Comissão dos três na qualidade referida. Considera que dadas as circunstâncias actuais, a luta de libertação nacional de Angola só tem probabilidade de sucesso através do canal “GRAE”. Revela-se disposto a ultrapassar todas as querelas e sugere um encontro entre as “duas tendências” do MPLA para se encontrar a fórmula da sua unificação. Afirmou a possibilidade da sua instalação em Brazzaville, através de intermediários (Aquino Bragança informou-nos posteriormente da existência de uma correspondência assídua entre Viriato da Cruz e Lunda) e da exploração das contradições do governo congolês que segundo Viriato da Cruz não existe unanimidade no seu seio. Propôs-se servir de intermediário para uma entrevista entre Mário de Andrade e Holden Roberto.

Com o acordo prévio da delegação, Mário de Andrade encontrou-se com Holden Roberto, um dia depois de encerrados os trabalhos da Conferência. Segundo Mário

de Andrade, Holden Roberto não se demonstrou desfavorável à unidade, afirmando no entanto que não poderia naquele momento nada decidir, que teria de consultar os seus camaradas.

Não foi possível à delegação certificar-se da sinceridade dos membros do FNLA. Entretanto o facto de Holden Roberto se ter negado a depor na Comissão dos três, sob o pretexto de não lhe reconhecer o mandato, e ter feito correr no seio das várias delegações, inclusive junto de Sékou Touré, que se tinha encontrado com Mário de Andrade como que a pretender que se concluisse que o acordo era perfeito, permite-nos talvez pensar que o presidente do FNLA faz uma manobra de diversão que lhe permita ganhar tempo.

A delegação, sob sugestão do Ministro da Justiça da república da Zâmbia, enviou uma carta ao ministro M. Chona (ministro da justiça) na qual pedia a libertação de Daniel Chipenda e Ciel da Conceição e o convite para o MPLA se representar nas festas da independência daquele país. O ministro garantiu-nos que se interessaria pelos nossos pedidos e que poderíamos contar com a libertação dos nossos camaradas logo que [a] Zâmbia acedesse à independência.

A Comissão dos três, reuniu-se no dia 13 de Outubro de 1964 para ouvir o MPLA. Estiveram presentes: pela comissão:

Os representantes da RAU – Director dos Assuntos Africanos do M. N. Estrangeiros que presidiu à sessão.

Os representantes do Ghana: M. Sam (embaixador no Ouganda) e M. John K.; A. Quashie (embaixador no Congo-Léopoldville).

Os representantes do Congo (Brazza): Eugène Mankou (Director Assuntos políticos do M. N. Estrangeiros) do [?].

O secretário G. da OUA: – Diallo Telhi – apenas durante alguns minutos.

O secretário adjunto da OUA: – Sahnoun – “ “ “ “

O secretário do secretário-geral da OUA esteve presente durante toda a sessão.

O camarada Eduardo Santos depôs como porte-parole da delegação estando presente os restantes membros que compunham a nossa delegação.

O presidente começou por indicar a natureza do mandato confiado à Comissão (ver processo geral da 8ª sessão da Conferência dos Chefes de Estado Africanos, 21 de Julho de 1964 anexo a este relatório) após o que se seguiram as questões levantadas pelos seus membros. (Em anexo texto das questões postas à delegação do MPLA pela Comissão).

A delegação baseou as suas respostas nos seguintes pontos:

1. O MPLA está disposto ao diálogo com o FNLA a fim de se encontrar a fórmula da unidade.
2. O MPLA é uma força essencial para a vitória do Movimento de libertação nacional angolano. Foram avançados os elementos estatísticos inscritos no texto do Bilan das actividades.
3. O MPLA não considera o “GRAE” representativo.
4. O MPLA considera inaceitável a proposta do FNLA pretendendo que as organizações nacionalistas angolanas solicitem através da redacção de uma carta a sua adesão ao FNLA.

5. Não existe divisão no seio do MPLA. Viriato da Cruz e os seus correligionários foram expulsos pelo Comité Director, decisão sancionada em Janeiro de 1964 pela Conferência de Quadros, por actos de indisciplina visando a liquidação do MPLA.

6. Está estabelecida uma corrente centrífuga no seio do FNLA que se tornou manifesta com a demissão de Jonas Savimbi, Kalundungo e Lyauca [sic] respectivamente “MNE”, chefe de estado-maior do FNLA e Director do SARA.

7. O MPLA é a força nacionalista que detém actualmente a iniciativa da luta contra o colonialismo português.

8. O MPLA tem consciência das consequências da mutação política ocorrida nos 2 Congos e não pensa aproveitar essas condições para reivindicar uma posição de hegemonia no seio do Movimento de libertação nacional angolano.

9. O Congo-Adoula foi sempre hostil ao MPLA.

10. Insistiu-se que a Comissão visitasse os nossos maquis.

11. Provou-se a irresponsabilidade de Holden Roberto.

12. Demonstrou-se a falta de representatividade do “GRAE” na base dos seguintes elementos: demográfico, político, não democrático, irregularidade na formação, falta de perspectivas, concorrência, ineficacidade.

Na véspera da partida do Cairo, o camarada Eduardo Santos, por uma questão de cortesia, procurou o presidente da comissão para lhe apresentar os cumprimentos de despedida da nossa delegação. Foi assim possível saber que a comissão tinha adoptado resoluções muito favoráveis ao MPLA que previam a visita a Brazzaville no dia 3 de Novembro corrente para se inteirar da força do nosso movimento e propunha ao Comité dos nove o auxílio financeiro imediato às nossas actividades. O presidente da comissão informou também que a comissão tinha decidido reunir-se no próximo dia 10 do corrente em Dar-es-Salam com o FNLA, em sessão conjunta com o comité dos nove, dado que recebeu uma carta de Holden Robert a justificar a sua ausência por motivo de doença e revelando-se disposto a colaborar com a dita comissão. Aconselhou-nos a permanecer em atitude expectante dado que é possível que sejamos convocados para a mesma reunião a fim de dialogarmos com o FNLA.

Ainda antes da partida, a delegação reuniu-se com os representantes do ANC, a pedido deste. O ANC sugere a necessidade de uma colaboração entre os movimentos progressistas da África austral.

CONCLUSÕES

1. A Conferência dos países não alinhados foi uma reunião anti-imperialista e pode abrir perspectivas animadoras à luta contra o colonialismo.
2. O MPLA deve continuar a colaborar com a Comissão dos três, mostrar-se favorável à unidade e através da demonstração da sua força e capacidade deixar a comissão

ser levada a concluir a necessidade da OUA apoiar a nossa actividade nos planos diplomático, material e financeiro.

3. O processo verbal da reunião dos chefes de estado africanos (anexo a este relatório) revela o grau de engajamento da África com o "GRAE". No entanto estamos convencidos que é possível ultrapassar a situação actual com a intensificação da luta no interior do país e com o desenvolvimento de uma acção diplomática realista e eficiente.
4. O MPLA deve combater imediatamente o ponto de vista posto a circular pelos argelinos no qual se considera a ineficácia do "GRAE" relacionada com a presença de TCHOMBE à frente do governo do Congo-Léo.
5. O MPLA deve ser intransigente em relação à não permissão da instalação do FNLA no Congo-Brazzaville.
6. O MPLA deve convencer o Savimbi e o Kalundungo a instalar-se na Rodésia do Norte com o fim de paralisar o Holden e de organizar os angolanos ali instalados a fim de criar as condições para a abertura de uma segunda frente em Angola.
7. O MPLA deve continuar as relações com a Argélia na base da prudência de a levar a aumentar o apoio ao nosso movimento e considerando-a simultaneamente por enquanto susceptível de nos prejudicar para favorecer o FNLA.
8. O MPLA deve reforçar as suas alianças com o Ghana e o Congo-Brazzaville.
9. O MPLA deve realizar uma diplomacia activa em relação à Jugoslávia e à RAU a fim de ganhar estes dois países.
10. O MPLA deve realizar uma política de abstenção em relação ao conflito sino-soviético. Deve ganhar os chineses e os soviéticos.
11. O MPLA deve preencher o mais rapidamente possível o lugar no secretariado afro-asiático.
12. O MPLA deve interessar-se pela estruturação da CONCP e levar esta organização a defender as suas posições junto dos países africanos e da opinião pública internacional.
13. O MPLA deve reforçar a sua colaboração com os movimentos progressistas da África austral.

A política exterior do MPLA deve visar imediatamente os seguintes objectivos: Criar as condições para o desenvolvimento da luta; paralisar a diplomacia do "GRAE"; impor o nosso movimento como interlocuteur valable [sic].

Brazzaville, 23 de Outubro de 1964

Pela delegação

Carta do Rev. Domingos da Silva a L. Lara

[dactilografada]

Caro "Kizomba"

LARA

Antes de tudo as minhas saudações.

Circunstâncias várias, alheias à minha vontade, me retêm aqui:

a) Logo após o meu regresso da conferência de Catanga fui informado de que havia sido chamado pelo "Mbuta" Kasa-Vubu. E por esta razão adiei a minha partida prevista para dia 10 de Setembro e constituí uma comissão que presidi. Posto ao gabinete do "Mbuta", fui informado de que a agenda do dia estava bastante carregada e que aguardássemos uma nova chamada, contando que melhor atenção merecerá o nosso caso.

b) Enquanto esperava, caí muito doente, e é neste estado em que me surpreende a chamada do Ministro do Interior M. Godefroid Munongo. Impossibilitado de o fazer pessoalmente enviei uma comissão em que participaram os camaradas Luvualo, Cardoso, Ramos e Lengue. Postos lá, o Director do Gabinete do mesmo ministério informou que um caso imprevisto e urgente obrigou o Ministro Munongo a partir e pede informar-lhe para que tenham calma e esperarem uma nova chamada e que tivessem boa esperança de ver o vosso problema arrumado. A situação perturbada do País, justifica a demora da solução do vosso problema.

Quanto a mim, estou pouco mais ou menos bom, apesar de ter sofrido uma recaída. Os camaradas Dr. T. e enf^o Q. fizeram tudo e continuam [a] fazer tudo pela minha saúde...

c) As multidões vindas do interior de Angola estão solidárias connosco. As simpatias gerais crescem de dia para dia com o Movimento. Estabelecemos uma ligação directa com Caxito e Dembos etc. Temos correspondência com Custódio de Azevedo, pessoa que encabeça o Movimento naquela região. Isto para mim basta, temos tudo lá feito. Os nossos nomes bastaram para electrizar aquela região.

d) A miséria, as doenças e a nudez do nosso povo constrangiram-me a fazer tal sacrifício a ponto de concedermos a última camisa e a última coberta. Eu passo fome. Nunca recebi nada nas finanças para comida, a pretexto de não haver dinheiro. Gostaria de ir-me embora, em face da delonga da chamada do Ministro mas a ideia de não perder a chance e também os perigos que se verificam no trajecto e a situação geral me animam a suportar tudo, a ver se me seja possível o contacto com o Sr. Munongo.

Para hoje basta e adeus.

Do vosso Camarada,

Kajihonda

Léo, 27-10-64

[assinatura de Rev. Domingos da Silva]

Exposição do Rev. Domingos da Silva ao Governo da RDC

[*dactilografada*]¹

MEMORIAL A SUA EXCELÊNCIA GODEFROID MUNONGO
ILUSTRE MINISTRO DO INTERIORE DE FUNÇÕES
PÚBLICAS DO GOVERNO DA REPÚBLICA DEMO-
CRÁTICA DO CONGO
LÉOPOLDVILLE

Rev. DOMINGOS DA SILVA – Presbítero da Igreja Metodista em Angola, Representante legal do Corpo Voluntário Angolano de Assistência aos Refugiados (CVAAR) e 1. Vice-Presidente do Movimento Popular de Libertação de Angola – MPLA, vem respeitosamente expor a Sua Excelência, Senhor Ministro do Interior os seguintes casos:

Vai cerca de um ano desde que o Movimento Popular de Libertação de Angola – MPLA – se agoniza, vítima de medidas tão injustificadas quanto discriminatórias que lhe foram impiedosamente infligidas pelo Governo do sr. Adoula em consequência de que resultaram o encerramento do Bureau do MPLA e a interrupção de todos os serviços de assistência aos refugiados ao longo de toda a fronteira Congo-Angola, condenando com este procedimento muitos milhares de angolanos refugiados à uma profunda miséria indescritível! Tudo isto sem justificação se lembrarmos de que o CVAAR é uma instituição alheia a todas as vicissitudes da política congoleza, cujo alvo era só de bem fazer e bem servir não só aos refugiados mas também ao povo hospitaleiro.

A investidura da nova equipa Governamental desta República Democrática do Congo presidida por Sua Excelência Moïse Tshombé desperta nas massas angolanas a esperança de ver o seu problema lembrado com equidade e justiça dignas dum povo que serve de sustentáculo ao povo irmão que luta pela sua liberdade.

Os olhos de milhares de angolanos estão postos em vós, Senhor Ministro. O seu rápido resgate da escravidão de quinhentos anos ou o seu total extermínio pelas metralhadoras de colonialismo português e pela miséria e doença sem recursos possível, dependerá da atitude da meritosa equipa do Governo dum povo de que estamos identificados e confundidos em profundos laços familiares. Para que dizer mais, historiar mais sobre as nossas seculares relações? Vossa Excelência, Senhor Ministro, e todo o povo congolês o sabe de sobra.

Por isso, em nome do povo sofredor angolano, em nome da Instituição de Assistência aos Refugiados Angolanos (CVAAR) e em nome do MPLA, elevo para junto de Vossa Excelência senhor Ministro, para que sirva nas instâncias do seu Governo o advogado dum povo vítima hoje de toda a espécie de exploração dos homens ambiciosos.

A observação de tantas medidas de salvação pública, de tanta generosidade manifesta pela libertação incondicional de muitas centenas de prisioneiros políticos deste país, de tantas medidas transcendentais que o actual Governo de transição desta República prodigaliza com vista de arrancar o povo congolês do caos nos anima a vir expor a Vossa Excelência e suplicar o seguinte:

¹ Existe uma carta idêntica, em francês, datada de 4 de Novembro, dirigida ao Primeiro-Ministro Tshombé, com cópia para o Presidente da República e para o Ministro do Interior.

- a) Considerando que o número de refugiados aumenta de dia para dia num estado deplorável em que a fome, a nudez, as enfermidades ultrapassam tudo quanto se pode considerar calamidade que ameaça o extermínio dum povo; Considerando que o dito Governo Revolucionário Angolano no Exílio do Holden Roberto está ultrapassado pelo desenrolar dos acontecimentos em toda a sua extensão; Considerando que as Instituições filantrópicas que presentemente se esforçam em vão a fazer face à situação estão também ultrapassadas pelas circunstâncias; Não será de desprezar a ideia de reabertura dos Dispensários do CVAAR. É nesta ordem de ideias que pede a Vossa Excelência: Autorização da reabertura dos serviços do Corpo Voluntário Angolano de Assistência aos Refugiados – CVAAR – e de todos os Dispensários dos serviços sociais ao longo da fronteira Congo-Angola.
- b) Autorização da reabertura do Bureau Central do MPLA em Léopoldville.
- c) Liberdade de acção sobre o território congolês que lhe torne possível a continuação da luta pela libertação de Angola.
- d) Vigiar para que o senhor Holden Roberto deixe de perpetrar nas ruas e nomeadamente no Beach FIMA desta cidade, os raptos de angolanos já em si aflitos pela miséria e pela morte impostas pela repressão impiedosa, tarefa esta ajudada pelos certos agentes da sûreté congoleza que possivelmente corrompe. Desapareceram desta arte durante os últimos dias os seguintes militantes do MPLA: António dos Santos Ambrósio, António Mubemba, Jacinto Manuel, Arsénio Mesquita, Manuel Morais e João Zombo Necongo e Manuel Carnoth, este último foi encontrado assassinado no Lemba, sendo muitos amolestados. A vida de angolanos está sendo motivo de caça e vingança por parte do senhor Holden Roberto e de certos agentes por ele corrompidos, numa hora em que deixa em paz os portugueses – nosso inimigo comum! Esse procedimento que foi facilitado pelo Governo cessante do senhor Adoula, além de ser um abuso de confiança e uma violação ao espírito hospitaleiro do Governo e do Povo Congolês, ainda procura sobreviver e mandar os sagrados humbrais deste Governo. Acrescenta-se o facto de que vários elementos angolanos que desprezam todos os perigos conseguem de romper a barreira de mil e uma dificuldades impostas pela repressão portuguesa para vir nesta capital em busca de medicamentos e roupas que se destinam a socorrer a muitos angolanos que se agonizam nas florestas angolanas, ao seu regresso são presos e esbulhados [*sic*] na fronteira por certos agentes desta República a soldo do Sr. Holden Roberto. Por isso pedimos a Vossa Excelência a sua intervenção no sentido de pôr termo a este estado de coisas. Com o protesto do meu profundo reconhecimento subscrevo-me com a máxima consideração,

De Vossa Excelência muito Atento Venerador e Obrigado,

Rev. Domingos Francisco da Silva

Léopoldville, 30 de Outubro de 1964

Comunicado de Guerra do MPLA

[policopiado]

[Endereço do MPLA em Brazzaville]

O MPLA continua a intensificar a sua pressão sobre as forças ocupantes, através da acção armada.

No dia 29 de Outubro, pelas 15 horas, um destacamento de guerrilheiros do MPLA que actuava no sector de MIKONJE, conduzido pelo comandante MARTINS, montou uma contra-emboscada ao inimigo que aguardava a passagem dos nossos guerrilheiros num cruzamento de picadas que ele tinha previamente minado.

Do embate resultaram 5 portugueses mortos e outros tantos feridos, dois dos quais em estado grave. Foi recuperado algum material ao inimigo. Pouco antes do embate, a explosão de uma mina causou um ferido sem gravidade entre os nossos guerrilheiros.

A despeito dos reforços constantes que o inimigo tem feito chegar à região de CABINDA (onde as tropas colonialistas estão enquadrando unidades de “legionários” recentemente chegadas), as posições militares do MPLA consolidam-se continuamente.

O mês de Outubro registou um substancial aumento de operações vitoriosas dos nossos guerrilheiros, no cumprimento dos planos pré-estabelecidos.

Por outro lado, nas regiões de DEMBOS e NAMBUANGONGO, próximo de LUANDA, os grupos populares recomeçaram a fustigar com intensidade as posições inimigas.

B/ville; 2.XI.64 – Doc. Nº 49

O COMITÉ DIRECTOR DO MPLA

Relatório do Comité de Conciliação

[policopiado, em francês]

[Sem data – provavelmente Novembro 1964]

RELATÓRIO DO COMITÉ DE CONCILIAÇÃO ENTRE O GOVERNO REVOLUCIONÁRIO DE ANGOLA (GRAE) E O MOVIMENTO POPULAR DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA (MPLA)

Em virtude da decisão tomada pela primeira sessão da Conferência dos Chefes de estado e de governo, reunida no Cairo em Julho de 1964, uma Comissão tripartida composta pelo Ghana, Congo-Brazzaville e RAU foi estabelecida e tinha por mandato procurar os meios de chegar a um “acordo, cooperação ou unidade” entre os diversos movimentos de libertação de Angola. Por outros termos, incumbia à Comissão de

realizar a conciliação entre os diversos movimentos e principalmente entre o MPLA e o GRAE a fim de constituírem uma frente unida, política ou militar.

A Comissão reuniu-se no Cairo de 12-14 de Outubro de 1964 e julgou oportuno, numa primeira etapa, convocar separadamente os representantes do GRAE e os do MPLA, pedindo-lhes para esboçar em grandes linhas a sua concepção de conciliação.

É de notar que o Sr. Holden, chefe do GRAE, mostrou-se recalcitrante em relação à Comissão e recusou-se encontrá-la. Ele avançou como argumento que esta Comissão não lhe dizia respeito e por consequência ele não era obrigado a cooperar com ela.

A Comissão tomou nota desta atitude e decidiu proceder a um inquérito preliminar junto dos representantes do MPLA, que sublinharam os seguintes factos:

- a) Nenhuma tentativa de conciliação foi levada a cabo pelo Sr. Holden com o seu movimento, mas pelo contrário era-lhes evidente que o Sr. Holden actuava de maneira a afastá-los.
- b) Eles estavam dispostos por sua parte a participar num dialogo com a FNLA, a fim de realizar uma frente unida, por via duma confrontação que teria lugar entre os dois movimentos, num pé de igualdade.
- c) Esta frente unida podia ser uma frente política ou militar, o essencial sendo a unificação dos esforços para consolidar a luta a fim de conseguir a libertação total de Angola.

No fim desta primeira fase do seu trabalho, a Comissão recebeu uma carta do GRAE, na qual ressaltava que o Sr. Holden tinha decidido reconsiderar a sua primeira atitude em relação à Comissão. A carta estipulava que o GRAE, respeitoso do espírito das recomendações da sub-comissão do Comité dos Nove, que se deslocara a Léopoldville em 1963, recomendações confirmadas por unanimidade pelo conselho de Ministros da OUA, em Dakar, em Agosto do mesmo ano e aprovadas pelo conjunto dos Chefes de Estado Africanos em Julho de 1964, se punha à disposição da Comissão Especial para facilitar o trabalho que lhe fora incumbido, acrescentando entretanto que os esforços de aproximação entre os diversos grupos angolanos eram nesse momento desenvolvidos num quadro estritamente nacional.

O Comité pediu ao Secretário-Geral da OUA para contactar de novo o Sr. Holden pedindo-lhe para estar em Dar-es-Salam a 10 de Novembro de 1964 a fim de assistir à missão de conciliação.

Devido a circunstâncias imprevistas, a reunião foi adiada para 23 de Novembro. Foi pedido ao Secretário Executivo do Comité de Coordenação para a Libertação de África, que acompanhava o Comité, para informar pessoalmente o Sr. Holden do adiamento e para convidá-lo a vir a Dar-es-Salam a 23 de Novembro de 1964.

Os representantes do MPLA, tendo deposto no sentido de que gozavam dum largo apoio nacional em Angola e que as suas actividades militares cobriam uma parte de Cabinda, a Comissão estimou que lhe era indispensável, para executar escrupulosamente a sua missão, deslocar-se ao Congo-Brazzaville, centro de agrupamento e quartel general do MPLA, a fim de ajuizar, do seu justo valor, dos testemunhos anteriormente citados.

A Comissão deslocou-se a Brazzaville onde teve a ocasião de visitar os bureaux do MPLA, e se aperceber da actividade e da organização administrativa do movimento. De Brazzaville, a Comissão julgou útil deslocar-se à fronteira do Congo (Brazzaville) com Cabinda para visitar as bases militares e os centros de treino do movimento. Ela visitou uma das bases mais próximas da fronteira. A Comissão foi, por outro lado, convidada a visitar bases mais distanciadas e mesmo no interior de Cabinda. Convencida da seriedade das actividades do MPLA, a Comissão não julgou necessário, não obstante a insistência dos guerrilheiros do MPLA, de proceder a um inquérito mais exaustivo nas outras bases.

Durante estas visitas, a Comissão teve a oportunidade de discutir com um grande número de aderentes do MPLA, desde os membros do Gabinete Político e do Comité Central até aos mais jovens militantes e membros do maquis.

Ela chegou às seguintes conclusões:

1. O MPLA possui já uma organização militar, política e administrativa.
2. Os militantes do MPLA estão animados dum sentimento nacional e patriótico muito desenvolvido, mas carecem dos meios materiais necessários para conduzir até ao fim o seu objectivo de libertação total de Angola.
3. Os dirigentes do MPLA, tendo em conta a importância do problema e os limites do seu potencial militar, contentam-se, pelo momento, com uma acção restrita que não esteja em desproporção com os meios que possuem, mas que poderia vir a ser alargada à medida que eles obtivessem o material militar necessário.

A Comissão realizou a sua terceira Sessão em Dar-es-Salam em 23 de Novembro de 1964, tal como fora previsto.

Ela tinha a intenção de tentar mais uma vez a reconciliação entre o MPLA e o GRAE. Infelizmente, só os representantes do MPLA estiveram presentes. A direcção do GRAE não apresentou as razões da sua ausência. A Comissão redigiu então o seu relatório e decidiu apresentá-lo ao Comité de Libertação durante a sua sessão extraordinária de 24 de Novembro de 1964.

A Comissão, convencida de que a luta pela libertação total de Angola não deve estar incondicionalmente subordinada à Unidade dos diferentes movimentos de libertação, e em conformidade com o espírito que animou as deliberações da primeira conferência dos Chefes de Estado sobre este ponto, resolve fazer as seguintes recomendações:

- 1 - O MPLA é um movimento sério, activo e capaz de conduzir uma luta eficaz e por isso merece receber da parte do Comité de Coordenação para a Libertação de África uma ajuda e assistência.
- 2 - A assistência que o Comité dos Nove poderá conceder-lhe, pode revestir-se de dois aspectos:
 - a) Assistência técnica
Intensificação dos treinos
Assistência técnica militar mais coordenada.
 - b) Assistência material
- 3 - O Comité de Libertação deveria, no entanto, continuar a procurar os meios para chegar à conciliação dos dois movimentos.

Comunicado de Imprensa do MPLA

[policopiado]

[Endereço do MPLA em Brazzaville]

No fim da última semana foram postos em liberdade pelas autoridades da nova República da Zâmbia os nossos camaradas DANIEL JÚLIO CHIPENDA, membro do Comité Director do nosso Movimento e Presidente da JMPLA e o nosso militante CIEL DA CONCEIÇÃO.

Estes nossos companheiros de luta, vítimas da cumplicidade do imperialismo, encontravam-se detidos em Lusaka desde 14 de Setembro último. A sua libertação no momento preciso em que aquele território ascende à sua Independência, revela bem o quanto as autoridades da Zâmbia respeitam o seu dever de africanos e a sua solidariedade para com os combatentes pela Liberdade da África ainda colonizada.

O MPLA louva a atitude do governo da Zâmbia e manifesta-se solidário com o Povo irmão desse País.

B/ville; 10/11/64
DOC. 50

O COMITÉ DIRECTOR DO MPLA
[carimbo do CD do MPLA]

Mensagem de Agostinho Neto no “Angola Combatente”

[policopiada]¹

MENSAGEM DO PRESIDENTE DO MPLA,
CAMARADA AGOSTINHO NETO, LIDA NO NOSSO PROGRAMA
DA RÁDIO NO DIA 22 DE NOVEMBRO DE 1964

COMPATRIOTAS,
CAMARADAS,

Sinto-me orgulhoso por poder afirmar que o MPLA é, actualmente, a única organização política angolana a dirigir a guerrilha organizada no País. Por interpretar e representar os verdadeiros interesses e aspirações das massas populares angolanas, é também a única organização política angolana a gozar de um largo apoio e simpatia, de milhões de compatriotas desejosos de se libertar da dominação colonial portuguesa.

Com efeito, o MPLA realiza sincera, honesta e conseqüentemente, o seu programa de luta pela Independência completa do País e pela Democracia Nacional. Realiza persistentemente o objectivo nacional de unidade para a luta.

¹ Publicada no *Vitória ou Morte* de 29.12.64.

Sendo a expressão mais coerente da actividade reivindicativa do nosso Povo – o MPLA é a vanguarda do nacionalismo angolano e conduz o melhor da sua juventude na luta armada. Caminhando à frente das massas populares, o MPLA é a ponta de lança apontada contra o sórdido coração do colonialismo português.

Batendo-nos pela Independência, pelo Progresso, pela Dignidade, nós saberemos lutar sem descanso, continuamente e através de todos os obstáculos, até a consecução da vitória final, até à consecução pelo Povo angolano da sua Independência completa, da Democracia, do Progresso e da Dignidade.

Compatriotas, Camaradas,

Ninguém hoje ignora que o colonialismo português, sofrendo rudes golpes em Angola, na Guiné e em Moçambique, apresenta os sintomas mais evidentes de desorganização.

Para o governo fascista português, a guerra colonial é o meio extremo de que teve de lançar mão, para evitar a catástrofe imediata, a sua derrota. O governo fascista português procura apenas retardar a libertação das suas colónias, a fim de evitar o caos no seu próprio país. Porquanto, ele sabe que o seu fim está próximo e é inevitável. É em consequência da ajuda material dos seus aliados, os países imperialistas agrupados na Organização do Tratado do Atlântico Norte – OTAN, que o governo português consegue resistir à força armada dos povos da Guiné, de Moçambique e de Angola. São o dinheiro, as armas, os técnicos, os mercenários, o apoio político e diplomático dos imperialistas que sustentam a posição colonialista portuguesa.

Defendendo Portugal, os imperialistas defendem os seus interesses, a continuação do aproveitamento das riquezas naturais do nosso País em seu benefício. Os diamantes, o café, o petróleo, as madeiras, o urânio, o milho, o feijão, a mão-de-obra barata, fornecem lucros fabulosos aos capitalistas americanos, ingleses, franceses, belgas e outros e... também aos capitalistas portugueses. É compreensível que o imperialismo defenda o regime colonialista português.

É compreensível que o imperialismo procure desviar o nacionalismo angolano dos seus verdadeiros objectivos.

Enquanto o exército português, se põe directamente contra o povo armado e sacrifica jovens portuguesas na defesa dos interesses dos grandes capitalistas, o imperialismo age sobre os nacionalistas angolanos no sentido de manter a divisão, corromper os seus dirigentes, e enfraquecer a força popular oposta contra o regime colonial.

Seria ingénuo, é extremamente perigoso pensar que os imperialistas podem ajudar os angolanos na sua luta de libertação. A experiência já vivida mostra claramente que o imperialismo defende a continuação dos seus lucros. Ao mesmo tempo que ajuda Portugal a manter as suas posições nas colónias, age no sentido de desviar as organizações patrióticas dos seus verdadeiros fins, sabota a luta popular e procura destruir, desmoralizar, enfraquecer a força nacionalista empenhada na luta de libertação do nosso País.

Olhando um pouco além dos objectivos imediatos da nossa luta, os angolanos devem compreender que os nossos inimigos não são apenas os portugueses colonialistas, mas também os imperialistas e os seus agentes angolanos. Contudo, contra a determinação

de um povo se libertar da opressão, contra a determinação do nosso Povo, nenhuma força imperialista poderá resistir. Nós seremos livres, graças ao nosso esforço, graças à nossa luta.

A violenta campanha desencadeada pelo imperialismo contra o MPLA desde Julho de 1963, não resultou. Os agentes angolanos do imperialismo, os malabaristas da política angolana, todos contribuíram durante o ano passado para destruir, ou ao menos para enfraquecer e desmoralizar o MPLA e decapitar assim o nacionalismo angolano.

A vanguarda do nosso Povo, a sua organização mais consequente, sofreu esta ameaça, esse perigo.

Mas a determinação dos seus militantes, a confiança plena do MPLA na vitória, a certeza de que a nossa luta é justa, impediram o êxito desta ofensiva imperialista, dos seus agentes no interior do nacionalismo angolano, dos oportunistas, dos ambiciosos, dos malabaristas da política angolana.

O MPLA saiu vencedor da traiçoeira ofensiva imperialista. Saiu ainda mais forte, mais organizado, mais decidido e mais respeitado pelo mundo.

Do mesmo modo que a sua vanguarda, o Povo angolano sairá vencedor nesta batalha contra o colonialismo português e contra o imperialismo, pela Independência e pela Democracia nacional.

Compatriotas, Camaradas,

Na história dos povos em luta pela independência nacional, encontramos exemplos preciosos de decisão, de heroísmo e de persistência. O nosso Povo já mostrou suficientemente ao mundo a sua generosidade na luta, a sua capacidade para se opor às forças superiores do inimigo.

Não temos dúvidas que o nosso Povo, dirigido pela sua vanguarda, poderá alcançar ainda mais importantes vitórias, mais importantes êxitos na luta pela Independência.

Cabe ao MPLA a tarefa importantíssima de fazer alastrar a insurreição a todo o País.

Cabe aos militantes da vanguarda a responsabilidade fundamental de organizar, de unir, de activar cada sector da vida do nosso País, de mostrar como utilizar as mais adequadas formas de luta, as mais adequadas formas de organização, a fim de fazer de cada angolano um combatente consciente e constante.

Hoje cada angolano deve ser um motor da luta. Um activador, um foco de iniciativas.

Participando nos destacamentos militares, nos comandos especiais, nos comités de região, de cidade ou de sanzala, cada angolano tem o dever patriótico de agir, de manter acesa a guerra total contra os portugueses colonialistas, contra o seu exército, contra a sua polícia, contra as suas posições económicas.

Em todo o País, cada angolano deve estar ligado ao destacamento militar, ao comité, ao comando e agir de maneira organizada e constante.

Ali onde ainda não existem os destacamentos militares, onde não existem os comandos, nem os comités, os elementos progressistas devem ter a iniciativa de organizar e arrastar as populações para a acção unida.

O angolano deve ser responsável, deve transportar em si a certeza da nossa vitória, a consciência de que a nossa luta é justa e disseminá-las, transmiti-las aos seus compatriotas.

Este é o momento da renúncia. Não temos o direito à liberdade se para sermos livres tivermos de abandonar a acção contra o colonialismo português. Não temos o direito à vida se para sermos vivos for necessário cessar o combate.

Este é o momento de acção, do sacrifício, da verdade da luta, em que nenhum angolano tem o direito ao descanso, à comodidade, aos pensamentos individualistas. Neste momento só temos uma alternativa: combater, combater, combater em todas as frentes, até vencer ou morrer.

Avante, Povo angolano, a luta é nossa, pelo nosso País, pelo nosso Povo, pela nossa Independência, pela Independência da África. Lutemos diariamente e sem desfalecimento. A nossa luta é justa. A nossa vitória é certa. Através da nossa luta, um futuro de vida feliz será conquistado.

Compatriotas, camaradas,

A nossa luta deve ser unida. Devemos unir-nos. Fazer a união completa e sincera das nossas forças. Todos os partidos políticos, todas as organizações regionais, todos os angolanos conscientes devem reunir as suas forças numa frente comum. Temos hoje as condições necessárias para a realização dessa frente única contra o colonialismo português.

Com coragem e decisão, temos de vencer a influência imperialista, a influência estrangeira dentro do nacionalismo angolano.

Temos de convencer, vencer ou afastar os agentes angolanos do imperialismo, os divisionistas, os fraccionistas e ambiciosos do nacionalismo angolano. O Povo angolano deve eliminar do seu seio os elementos perniciosos, aqueles que manobram com os imperialistas para impedir a união popular. Que mais nenhum angolano possa prejudicar impunemente os interesses superiores do Povo e da luta. Sejam rigorosos e firmes na defesa dos interesses do Povo.

Unir, unir, unir na luta, unir no combate todos os angolanos, é o dever patriótico de todos nós. O MPLA fortalecido na luta, vigoroso no combate, constituindo hoje a mais importante força do nacionalismo angolano, está apto a favorecer os esforços da unidade. À medida que a vanguarda se fortifica, as possibilidades de formação de uma frente única são cada vez maiores.

O MPLA, combatente vitorioso contra os soldados do exército português, registará uma nova vitória, com todas as outras forças populares na batalha da unidade. Os agentes do divisionismo e do fraccionismo serão vencidos e eliminados.

Tenhamos confiança. Com uma vanguarda forte, a unidade é inevitável.

Compatriotas, camaradas,

Somos dignos da nossa querida Angola, somos dignos da África, porque nós lutamos, porque nós contribuimos para a liquidação do sistema de opressão colonial do nosso País. Nós somos os combatentes da Dignidade e da Liberdade.

Temos o dever de nos dedicarmos até o limite das nossas forças pela libertação do nosso País e o direito de nos sacrificarmos pelo MPLA e por Angola. Nós os combatentes sentimos já a nossa Independência, porque Independência é luta, Progresso é luta, Democracia é luta, a Vida é luta.

Sinto-me orgulhoso por estarmos a dar o nosso esforço supremo pela Independência Nacional, esforço que irá até à VITÓRIA ou à MORTE.

Resolução da OUA sobre o Relatório do “Comité dos 3”

[policopiada, em francês]¹

RESOLUÇÃO SOBRE O RELATÓRIO DO COMITÉ DOS TRÊS (GHANA, CONGO-BRAZZAVILLE, RAU) SOBRE A RECONCILIAÇÃO DOS PARTIDOS POLÍTICOS EM ANGOLA

O Comité de Coordenação para a Libertação de África, reunido em sessão extraordinária em Dar-es-Salam, de 24 a 25 de Novembro de 1964.

- Tendo estudado o relatório do comité dos três (Ghana, Congo-Brazzaville e RAU) sobre a reconciliação entre o MPLA e a FNLA em Angola.
- Lembrando que o Comité de Coordenação para a Libertação de África tem mandato imperativo para ajudar os movimentos em luta pela libertação incondicional de todos os territórios africanos ainda sob dominação estrangeira.
- Adopta as conclusões do relatório do comité dos três e decide submetê-las à aprovação do próximo Conselho de Ministros da OUA, em Nairobi.
- Decide, com vista ao reforço da luta de Libertação em Angola, prestar entretanto, para além da assistência concedida ao GRAE, uma ajuda técnica e material à frente de luta aberta pelo MPLA no enclave de Cabinda e em Angola.

Feito em Dar-es-Salam, a 25 de Novembro de 1964 [carimbo do MPLA em Argel]

Angola, d'apporter entre temps outre l'assistance accordée au GRAE, une aide technique et matérielle au front de lutte ouvert par le M.P.L.A. dans l'enclave de Cabinda et en Angola.

Fait à Dar-es-Salam, le 25 novembre 1964



¹ Cópia da delegação do MPLA em Argel.

Comunicado da JMPLA sobre África do Sul e Congo

[policopiado, em francês]

[Endereço da JMPLA em Brazzaville]

A JUVENTUDE DO MOVIMENTO POPULAR DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA, JMPLA, tomou conhecimento do assassinato, pelas autoridades fascistas da África do Sul, de três militantes da causa da Libertação Africana.

A nossa Juventude, profundamente indignada, manifesta a sua profunda repulsa por este acto arbitrário e criminoso dos colonialistas e imperialistas. A JUVENTUDE DO MOVIMENTO POPULAR DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA, JMPLA, curva-se com respeito perante a memória desses valentes combatentes. Esses combatentes não desapareceram, o seu exemplo de fidelidade aos ideais revolucionários dos Povos Africanos constitui um estímulo precioso que nos levará a cerrar fileiras e a desencadear uma luta sem tréguas pela libertação total da África. As forças responsáveis por esse triplo assassinato são as mesmas interessadas na sabotagem das conquistas revolucionárias dos Povos Africanos.

No Congo-Brazzaville, a JMNR sempre deu provas de uma grande vigilância revolucionária e a prisão de contra-revolucionários dirigidos por agentes dos imperialistas constitui um novo golpe contra as forças reaccionárias africanas apoiadas pelos imperialistas. A JUVENTUDE DO MOVIMENTO POPULAR DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA, JMPLA, felicita-se e felicita a JMNR que se coloca na vanguarda da luta anti-imperialista.

Nestas horas decisivas, a JMPLA declara-se inteiramente solidária com a luta travada pelo Povo Congolês para a edificação de uma sociedade socialista.

Enquanto três Africanos eram cobardemente assassinados na África do Sul, enquanto a conspiração imperialista no Congo-Brazzaville era desmascarada, em Stanleyville, os imperialistas americanos, belgas e ingleses desencadeavam uma vergonhosa intervenção contra as forças patrióticas. A JUVENTUDE DO MOVIMENTO POPULAR DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA, JMPLA, protesta vivamente contra esta intervenção bárbara que constitui um desafio às forças revolucionárias africanas. Simultaneamente, a JMPLA lança um apelo a toda a Juventude Africana para que intervenha junto dos governos respectivos e da OUA a fim de se encontrar uma solução urgente e digna no quadro dos interesses da Unidade Africana.

A JUVENTUDE DO MOVIMENTO POPULAR DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA, JMPLA, também engajada numa luta armada contra o colonialismo português, considera que só a violência revolucionária poderá fazer face à violência contra-revolucionária e poderá assim conduzir os Povos Africanos para a sua independência total.

VIVA A REVOLUÇÃO CONGOLESA!

VIVA A REVOLUÇÃO ANGOLANA!

VIVA A REVOLUÇÃO AFRICANA!

ABAIXO O COLONIALISMO, O NEOCOLONIALISMO E O IMPERIALISMO!

B/VILLE; 25.11.64

A DIRECÇÃO DA JMPLA [com carimbo da JMPLA]

“Classificação Geral das principais povoações...”

[dactilografada]

MOVIMENTO POPULAR DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA

MPLA

SECÇÃO DA ZONA-A

B A N G A

CLASSIFICAÇÃO GERAL DAS PRINCIPAIS POVOAÇÕES AONDE RESIDE A POPULAÇÃO ANGOLANA REFUGIADA NA ÁREA DA REPÚBLICA DO CONGO (BRAZZAVILLE) SOB O CONTROLE DO MOVIMENTO POPULAR DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA (MPLA)

| | | |
|----|-------|---|
| 1 | ----- | Tchibuindindi |
| 2 | ----- | Banga |
| 3 | ----- | Lufuy |
| 4 | ----- | Sumbo |
| 5 | ----- | Ngunda 1 |
| 6 | ----- | Ngunda 2 |
| 7 | ----- | Ngunda 3 |
| 8 | ----- | Ngunda 4 |
| 9 | ----- | Maluango |
| 10 | ----- | Nhombo (Totalmente dos Angolanos) |
| 11 | ----- | Tchimpepe (área composta de muitas Povoações Angolanas) |

Banga, 30 de Novembro de 1964

Visto pelo Comissário Político
da Região.

Roque Manuel Tchiendo [com ass.]

O Comissário Político
da Zona

José Marques Pimentel [com ass.]

Circular do Centro de Estudos Angolanos

[policopiada, em francês]

CENTRO DE ESTUDOS ANGOLANOS

– ARGEL –

Argel, Novembro de 1964

CIRCULAR Nº 2

CARO AMIGO

O avanço da nossa Revolução, que faz sobressair novos problemas mais amplos e mais profundos, deu origem ao nascimento do Centro de Estudos Angolanos que se desenvolve com o objectivo de ajudar a resolver alguns desses problemas. Este Centro de Estudos não tem a intenção de ensinar ciências *ex-cathedra* aos revolucionários conscientes porque, tendo em conta a falta de conhecimento sobre esses problemas, devido ao colonialismo, ele próprio tem necessidade de estudá-los. O objectivo desta organização é de juntar tudo o que constitui o conteúdo científico da Revolução para ajudar na educação dos nossos militantes e refugiados que se encontram um pouco por todo o lado, e também chamar ainda mais a atenção do mundo para a situação do povo angolano e da sua luta heróica. A intenção do Centro é, além disso, coordenar em equipa todos os esforços dispersos em vários países, criando assim as condições para que o trabalho de investigação se torne mais rentável.

Alguns meses após a sua criação, estamos orgulhosos de poder apresentar o trabalho cumprido: um boletim bilingue (português e francês), um caderno de Etno-História de Angola, um boletim inteiramente em português exclusivamente dedicado à formação cultural e ideológica dos militantes da Revolução e um boletim em francês destinado sobretudo à opinião pública internacional.

Além disso, o Centro prepara o segundo caderno intitulado “Contribuição ao Estudo do Modo de Produção dos Povos de Angola” que será brevemente impresso. Estamos ainda a preparar outras obras importantes com o interesse de aumentar o nível cultural dos nossos militantes.

Mas este trabalho é insuficiente quando se pensa no que seria necessário fazer para preencher uma pequena parte da lacuna que subsiste ainda, tanto no plano da formação como da informação. Por essa razão a ajuda dos amigos da Revolução Popular em Angola permitirá um crescimento do trabalho.

Assim pedimos a esses amigos que nos concedam a colaboração possível: seja em trabalho, seja materialmente (envio de livros, informações bibliográficas, ajuda monetária, etc.), seja qualquer outra colaboração (participação nas campanhas do CEA, envio de colaboração escrita, etc.).

No caso de não teres informação suficiente sobre o CEA, pede-nos a documentação que te esclarecerá.

Esperamos, caro amigo, a tua resposta.

SAUDAÇÕES FRATERNAS

A Direcção do CEA [carimbo do CEA]

Nosso endereço:

CENTRO DE ESTUDOS ANGOLANOS – 20, Av. Dujonchay, r/c – ARGEL

Circular da JMPLA sobre prisões no Lobito

[policopiada]

[Endereço da JMPLA em Brazzaville]

SECRETARIADO DO: INTERIOR

O MOVIMENTO POPULAR DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA (MPLA) depois das várias dificuldades impostas pelos imperialistas americanos, para impedir o andamento da nossa luta, conseguiu vencê-las e hoje o Movimento de vanguarda do Nacionalismo Angolano, MPLA, retomou a direcção da nossa luta. Os colonialistas portugueses continuam a massacrar os nossos compatriotas no interior do país. As prisões colonialistas encontram-se repletas de nacionalistas. Ainda há bem pouco tempo a polícia da gestapo portuguesa PIDE, prendeu os jovens ISAÍAS KAWEMA e ZADOC AFONSO que se encontram na cadeia de Mombaka no Lobito, sofrendo as mais bárbaras torturas.

A repressão continua, os povos continuam nas matas lutando com o problema da sobrevivência mas sempre se encontram batalhando contra os colonialistas portugueses. A luta do Povo Angolano não pode parar, ela prosseguirá até a VITÓRIA ou à MORTE.

A JUVENTUDE DO MOVIMENTO POPULAR DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA (JMPLA) lembra a todo o povo angolano, que para libertar os nossos compatriotas que se encontram nas prisões, para fazermos face às dificuldades com que se defrontam os nossos compatriotas nas matas, só com uma luta armada bem organizada e dirigida. O MPLA é a única força angolana capaz de dirigir a nossa luta. A JMPLA chama por isso [a] atenção a todo o povo angolano para que se mobilize para esta luta sem tréguas, que nos levará à Vitória final, à nossa Independência Nacional.

A Juventude deve participar activamente nas tarefas imediatas que a nossa luta exige. Toda a Juventude deve mobilizar-se para a luta político-militar contra o colonialismo português. A Juventude deve organizar-se na fronteira, nas cidades, nas vilas, nas sanzalas, nas aldeias, nas matas, formando base de apoio. A Juventude deve preocupar-se em aumentar cada vez mais o efectivo das nossas forças. Para isso é necessário organizar-se em grupos, em comités que deverão estar ligados aos destacamentos do MPLA.

Devemos estender a nossa organização em todo o território Nacional de forma a transformarmos o país numa grande força revolucionária que demolirá o colonialismo português.

A Juventude deve ser vigilante, observar com atenção as manobras dos inimigos e dos traidores e combatê-las vigorosamente. Os nossos inimigos não são só os colonialistas portugueses mas são também os imperialistas e os seus agentes, sendo alguns destes agentes, angolanos.

A Juventude deve trabalhar na alfabetização dos nossos compatriotas construindo escolas, ensinando, e deve ajudar o povo na obtenção de meios de subsistência para os guerrilheiros do MPLA.

Jovem Angolano, o colonialismo português está decadente. A luta que o povo angolano desenvolve, bem como as lutas dos camaradas da Guiné dita portuguesa e

Moçambique, mostram bem que o fim do colonialismo português está próximo. Utilizemos todas as forças que estão ao nosso alcance para desenvolvermos a nossa luta.

Se estás no interior do país e te encontrares com os guerrilheiros do MPLA, debes ajudá-los porque os guerrilheiros do MPLA, defendem os interesses de todo o povo angolano. Os jovens que ainda hoje pretendem ajudar os colonialistas portugueses na sua luta de extermínio do povo angolano são traidores, e será o próprio povo quem os julgará. Jovem angolano, esclareça teu irmão da justiça da nossa luta.

A Juventude do MPLA deve lutar no sentido de unir toda a juventude angolana em volta da sua força de vanguarda, o MPLA, para que unidos facilitemos a nossa tarefa na luta contra o colonialismo português. Lutemos sem desfalecimentos até a VITÓRIA ou a MORTE.

VIVA A JUVENTUDE ANGOLANA

VIVA A JMPLA

VIVA A UNIDADE DO POVO ANGOLANO COMBATENTE

Brazzaville; 1.12.64

AC/ – Circular 54/64.

A DIRECÇÃO DA JMPLA

Reconhecimento do MPLA pelo Comité dos Nove

[policopiado]

[Endereço do MPLA em Brazzaville]

O MPLA, RECONHECIDO PELO COMITÉ DE LIBERTAÇÃO DA ÁFRICA

O Comité de Libertação da África, conhecido sob o nome de Comité dos Nove da OUA, com sede em Dar-es-Salam, reconheceu o MPLA e decidiu por unanimidade de lhe conceder uma ajuda técnica e material.

Este facto merece ser realçado.

Efectivamente, esta decisão segue-se à 2ª Reunião dos Chefes de Estado realizada em Julho de 1964, no Cairo, que, aquando do exame da situação do nacionalismo angolano verificou que o dito “governo angolano” reconhecido por erro por alguns países, não preenchia as suas funções. Ele era incapaz de desenvolver a luta; ele era incapaz de reunir os movimentos à sua volta; pelo contrário, ele era o elemento fundamental da divisão. Ele é um instrumento do imperialismo, na medida em que submete a sua política à das potências estrangeiras, não constituindo assim nenhuma ameaça contra o colonialismo português.

O “grae” está em decomposição, ele não possui a confiança do povo, pelo contrário é odiado por causa dos assassinatos, prisões e perseguições que efectua contra os

angolanos. É do domínio público que o dito “grae” utiliza para outros fins os fundos que lhe são concedidos como a ajuda à tarefa de libertação de Angola.

Apoiado pelo Governo de Léopoldville, o “grae” não é senão o travão da nossa luta de libertação. Por outro lado, o MPLA depois de ter sofrido uma crise, depois de ter sido sujeito a um poderoso ataque imperialista, reorganizou-se, aumentou a sua força e é hoje a única organização política que organiza a guerrilha no território angolano e que exerce uma influência importante no seio das massas angolanas.

A sua vocação para a unidade já foi provada.

Tudo isto foi constatado. O Comité dos Nove teve que votar, por unanimidade, uma ajuda técnica e material ao MPLA.

Assim, o MPLA conquistou a sua liberdade de acção e ajuda às quais tinha direito. O MPLA é uma força que cresce, vence e caminha deliberadamente à cabeça do nacionalismo angolano, com uma orientação justa.

As forças adversas ao MPLA, deixaram passar em silêncio este facto importante da política angolana. Mas não é por isso que ele perde o seu significado pois constitui um passo em frente para o nacionalismo angolano.

Assim, Angola tem hoje novas possibilidades contra o colonialismo português. Os militantes do MPLA, saberão mostrar-se dignos da ajuda recebida e utilizá-la eficazmente no combate contra o colonialismo e o imperialismo, pela independência completa do seu País.

A coragem manifestada pela África, no sentido de salvar Angola do neocolonialismo verificar-se-á sempre, até ao esclarecimento completo das atitudes que, há apenas alguns meses, lançaram o nosso País na confusão.

O COMITÉ DIRECTOR DO MPLA

B/VILLE, 3.12.64
DOC. 53

[carimbo do CD do MPLA]

Proclamação da AMANGOLA

[policopiada, em francês]

AMIGOS DO MANIFESTO ANGOLANO
AMANGOLA

Animados pela vontade inquebrantável de combater até ao fim o colonialismo português, inimigo principal do nosso povo,

Conscientes do momento difícil que o nacionalismo angolano atravessa,

Conscientes do apoio total de todo o povo de Angola à luta de libertação nacional, de Cabinda ao Cunene,

Conscientes do facto que o colonialismo português nunca deixará a Pátria Angolana sem uma luta político-militar consequente levada a cabo por todos os patriotas angolanos agrupados em torno de um único e mesmo ideal - o de libertar o país,

Conscientes da solidariedade actuante com a Causa de libertação de Angola, de todos os povos do mundo em geral e dos de África, da Ásia e da América Latina em particular

Decididos a cooperar sinceramente com todas as formações políticas e militares dos patriotas angolanos no interior como no exterior do país,

Nós, abaixo assinados, proclamamos perante o mundo inteiro este MANIFESTO, e propomo-nos trabalhar para a aplicação dos seguintes princípios na luta de libertação de ANGOLA:

1) Combater o colonialismo português de forma consequente.

A luta armada é o único meio capaz de mobilizar o povo angolano contra a dominação colonial portuguesa e realizar a Revolução Democrática.

b) Condenar e combater qualquer acção anti-patriótica dos ambiciosos e divisionistas do nacionalismo angolano tal como: a luta fratricida conduzida pelos agentes de Holden Roberto no Norte do país, os massacres de quadros militares do MPLA pelos mesmos agentes, as prisões arbitrarias de patriotas angolanos ainda detidos nas prisões de LUSUMU, NDOLO e THYSVILLE, presos pelas autoridades congolenses a pedido de Holden Roberto, etc.

c) Integrar todas as nossas forças nas forças combatentes que operam actualmente no interior do país para aumentar a capacidade objectiva e subjectiva da resistência angolana contra o ocupante.

d) Reforçar a solidariedade nacional entre todos os patriotas angolanos. Lutar por todos os meios contra o tribalismo, o regionalismo, o separatismo e o exclusivismo na luta político-militar pela libertação nacional.

e) Combater todo o espírito de luta fratricida animado pela ambição de algumas pessoas. UM BOM ANGOLANO NUNCA MATA UM OUTRO ANGOLANO.

f) Reforçar o espírito democrático que exclui todo o individualismo nas organizações políticas e militares existentes.

2) Encorajar e colaborar activamente com qualquer iniciativa tendente a reagrupar todas as forças vivas angolanas numa só e única FRENTE de combate. Essas forças vivas são: Formações políticas e militares, sindicatos, organizações da juventude, estudantes, organizações de mulheres, personalidades políticas angolanas, etc.

3) Prestar muita atenção à mobilização das massas angolanas, único apoio capaz de favorecer a radicalização completa da luta armada.

b) Consagrar-se à politização dos angolanos emigrados na República do Congo (Brazzaville), República do Congo (Léo), na República da Zâmbia e em outros países. Combater o espírito da formação de colónias sedentárias de angolanos no estrangeiro. Preparar e encorajar todos os angolanos a voltar para o país para levar a cabo a luta de mobilização das massas populares e integrar-se em seguida nos comandos de guerrilheiros existentes localmente.

4) Combater o imperialismo sob todas as suas formas e em todas as frentes.

A luta do povo angolano não é mais do que um elo da luta geral desencadeada no mundo inteiro pelas forças progressistas contra a opressão, a exploração e o obscurantismo.

b) Educar o povo angolano em luta, no espírito de solidariedade com os outros povos que se batem nas outras frentes, e mais particularmente nas colónias portuguesas.

Reforçar o sentimento de unidade e de solidariedade com os povos de todo o mundo que sofrem ainda a dominação e a exploração sob todos os aspectos. **TODOS OS AMIGOS DO NOSSO INIMIGO SÃO NOSSOS INIMIGOS.**

c) Denunciar qualquer colaboração com o colonialismo português, desmascarar qualquer conluio com o imperialismo internacional e combater sem tréguas todos os agentes do neocolonialismo.

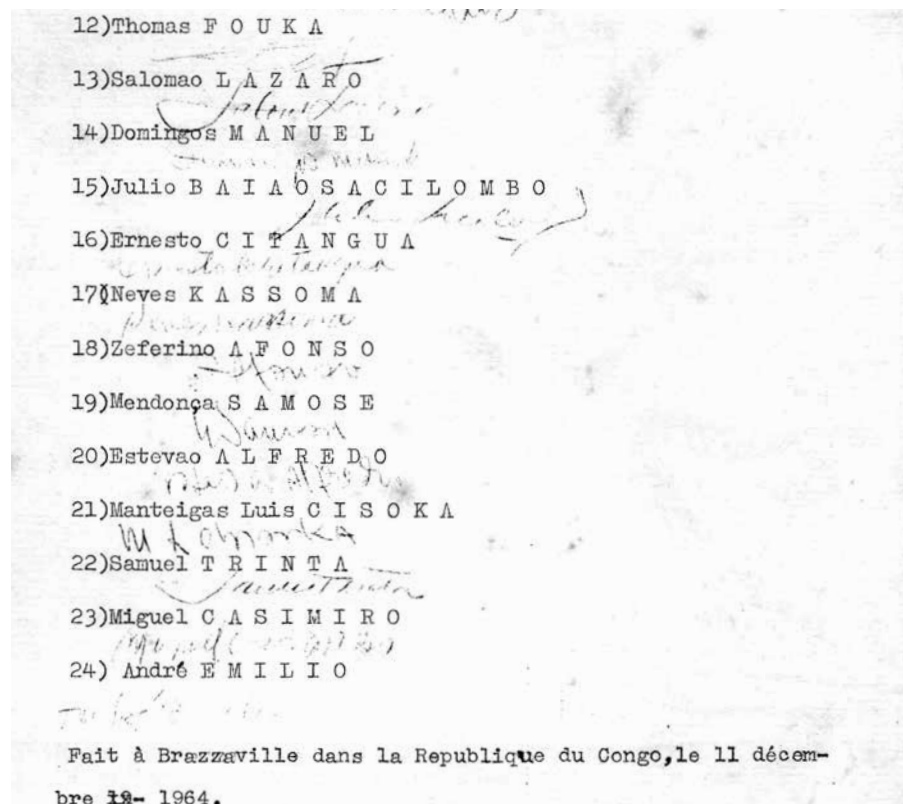
d) Intensificar a campanha de desmistificação das actividades de Holden Roberto que continua a camuflar a sua verdadeira face e prossegue o seu trabalho de dividir o nacionalismo angolano por conta dos imperialistas.

e) Lutar activamente para isolar Portugal no mundo, mobilizar a opinião internacional a favor da luta de libertação nacional de Angola e trabalhar para o reforço da amizade entre todos os povos que lutam contra o colonialismo e o imperialismo.

5) Preparar todo o país para uma luta que pode durar muito tempo, forjando assim um espírito permanente de luta, única garantia da criação de um **PODER POPULAR** depois da **REVOLUÇÃO DEMOCRÁTICA**.

ESTAMOS DECIDIDOS A COMBATER E DETERMINADOS A VENCER!

1) José Joao L I A H U K A
 2) Jonas Malheiro S A V I M B I
 3) Rev. Marcolino N Y A N I
 4) Alexandre Magno P E D R O
 5) Maria Virginia de Ambrim L I A H U K A
 6) Maria Florinda P E D R O
 7) Jacob Hosi I N A G I O
 8) Martins K A N G O M B E
 9) Samuel C I V A L A
 10) José K A L U N D U N G U
 11) Pedro M A S S A M B O



- | | |
|-------------------------------------|---------------------------|
| 1. José João LIAHUKA | 13. Salomão LÁZARO |
| 2. Jonas Malheiro SAVIMBI | 14. Domingos MANUEL |
| 3. Rev. Marcolino NYANI | 15. Júlio BAIÃO SACILOMBO |
| 4. Alexandre Magno PEDRO | 16. Ernesto CITANGUA |
| 5. Maria Virgínia de Amorim LIAHUKA | 17. Neves KASSOMA |
| 6. Maria Florinda PEDRO | 18. Zeferino AFONSO |
| 7. Jacob Hosi INÁCIO | 19. Mendonça SAMOSE |
| 8. Martins KANGOMBE | 20. Estêvão ALFREDO |
| 9. Samuel CIVALA | 21. Manteigas Luís CISOKA |
| 10. José KALUNDUNGU | 22. Samuel TRINTA |
| 11. Pedro MASSAMBO | 23. Miguel CASIMIRO |
| 12. Thomas FOUKA | 24. André EMÍLIO |

[Com assinatura frente a cada nome]

Feito em Brazzaville, na República do Congo, a 11 de Dezembro de 1964

Relatório de Viagem de Johny Fletcher Nkumba¹

[dactilografado]

[Acresentado à mão: Organização e Quadros. 30 Dez 1964]

RELATÓRIO DA MINHA VIAGEM A BAS CONGO

Parti do Léopoldville no dia 24 de Novembro de 1964 em companhia do camarada Nelumba. Postos no Songololo, o responsável daquela zona “José Pascoal” estava ausente tendo ido a morlite em missão de politização.

Partimos para Matadi, onde nos instalámos na casa do camarada João Capita, responsável do Comité de Acção daquela Zona. Como todos os elementos do MPLA desconheciam a nossa chegada, nada fizemos do melhor e partimos para Boma onde tínhamos assuntos importantes a tratar com o camarada Eduardo Kiano. Infelizmente este estava ausente, indo à pesca no Moanda. Dormimos na casa do camarada Augusto de Azevedo Sami, outro militante do MPLA. Dada a ausência do camarada Eduardo Kiano e como o assunto que íamos tratar era só com ele e com mais ninguém, resolvemos seguir a Moanda onde por infelicidade não o encontramos. Mas soubemos que estava numa das ilhas ao lado de Bula Mbemba. Escrevemos duas cartas mandando-lhe chamar. Aguardámos a sua chegada durante cinco dias, mas não apareceu. Entretanto procurámos o camarada Mendes Roger para que nos fizesse entrega dos bens do Movimento “CVAAR e EPLA” em seu poder. Mas este fora transferido para Matadi. Enquanto não houvesse transporte, fazíamos esclarecimentos às massas e esse esclarecimento nos foi ajudado pelo camarada Neto, quando acabava de falar ao povo pela Rádio.

Distinguiu-se nesta acção o camarada Nelumba por ser do Zaire e os refugiados que vivem nesse sector, são da mesma Região. Um secretário regional da UPA está do nosso lado e com ele alguns militantes do “grae” que desistiram trabalhar com HR e ainda desanimados pela notícia dada pelo jornal presença congoleza em que dizia Hol: “grande comerciante?” E nós completámos a obra. Esses militares resolveram alistar-se nas fileiras do MPLA. Ficaram sobre [sic] a responsabilidade do camarada Magina, desertor do EPLA, agora arrependido, que com eles procurará o caminho que surge pelo Kimongo. Comunicar os nossos elementos que se encontram nessa Zona, para sua recepção. Ainda em Moanda fundou-se uma organização que se intitula: ASSOCIAÇÃO e ORGANIZAÇÃO DOS ASSORONGOS DE ANGOLA. Esta organização é fundada pelo Alberto Gomes; compõe-se de “directores, técnicos, presidente, conselheiro, secretários, propagandistas, cobradores, tesoureiros, etc. Os 50 membros são todos responsáveis. Tivemos grande discussão com o dito fundador, que procurou resistir; mas a nossa resistência fez-lhe curvar a proa e acabou de nos dizer o seguinte: – Fundei esta Associação com a base de que os upistas são difíceis de convencer, e eu como mossorongo fiz isto para formar um grupo maior para depois levá-los ao Movimento. Com esta não nos levou porque os moços desertores, da upa estão decididos a seguir-nos. No dia 2/12 partimos para Bannana, onde encontramos com os

¹ Johny Fletcher é João Gonçalves Benedito

refugiados que nos apoiaram inteiramente. Na noite deste mesmo dia, recebemos uma carta do camarada Kiano em resposta da nossa na qual nos dizia que estava com sede de conversar connosco mas que lhe era impossível deslocar-se em virtude de encontrar-se doente. Dia 3/12 regressámos a Boma. A nossa missão em Boma dizia respeito à compra de um “pau flutuante” para os nossos trabalhos, isto é complemento da missão empreendida por primeira Delegação, Quarta e Lengue. Éramos portadores de dezassete mil francos congolezes (17.000f.c.) para compra do pau e subornar as autoridades. Vimos-nos obrigados a entrar em acção com o camarada Augusto de Azevedo Sami, por falta do Eduardo. Ora fugiu do Noqui um Angolano alfandegário, com um “pau flutuante” bem grande que ele quer vender por treze mil francos congolezes (13.000) mas que esse mesmo pau tinha sido levado à pesca pelo Kiano. Não entregámos o dinheiro por não termos visto o objecto, resolvemos encarregar a questão ao camarada Azevedo que em colaboração com Eduardo arrumarão o assunto, e depois disto escreverão para nós lhes enviarmos o dinheiro. O mesmo Azevedo ficou encarregado da seguinte missão: 1º – Despachar pelo Tshela os elementos militares que fogem da upa; 2º – Sondar o ponto do desembarque das tesouras para o continente nas duas margens. Quanto o envio ele encarregar-se-á de gastar o que for possível e mandar-nos a nota da despesa e nós devolveremos, mas depois que os nossos do outro lado telefonem a anunciar a chegada dos referidos elementos. Fim do trabalho BOMA, BANANA e MOANDA.

(MATADI)

Em Matadi reunimo-nos com o Baptista e João Capita.

1º – Procurámos saber o fim da mobília do CVAAR e EPLA: os camaradas disseram-nos que a Deolinda mandara vender tudo tendo ficado apenas a marquesa e o material cirúrgico.

2º – Sob ponto de vista político, Matadi é um ponto morto. Não se sente o entusiasmo. O Baptista não sabe nada de política e nem se esforça idem o João Capita. Hoje o camarada Baptista trabalha num dispensário particular do Sr. Magalhães refugiado. Ainda em Matadi combinámos com um camarada angolano motorista de um padre lá por lado do LUALI, para que sondasse o caminho que vai dar a Kimongo ou a outro ponto de Brazza. Este foi mas antes de executar a missão, falou ao padre de que tinha parentes que queriam passar-se por lado de lá. O padre aconselhou-o de que teria de subornar a guarda, porque neste momento a situação do Congo é perigosa. Deu ao rapaz um volume de cigarros para oferecer aos militares antes de entabular a questão. Feito isto o rapaz pôs mãos à obra. Os militares mostraram dificuldades alegando que do lado deles não era impossível e que só recebiam do lado de lá, porque poderiam ser dados como espíões do Congo Léo e serem mortos. Mas o camarada em questão esclareceu de que desejam passar porque são angolanos e que não haveria perigo nenhum e que serão recebidos por angolanos. Está se tratar do caso e uma vez que esteja assente, nós contribuiremos com o dinheiro para tal missão. Do Matadi via Boma despachámos 4 camaradas com direcção a Kimongo por experiência, e dentre eles um combatente exímio natural de Luanda e que também foi upista. Os militantes de moanda, boma e matadi, admiram-se por saber que a Deolinda ainda continua no Movimento, dada a desmoralização que ela inculcou

nos seus espíritos. Nós dissemos a eles que tal camarada é simples militante de base e não membro de direcção. Péssimo trabalho realizado por essa camarada, na sua última viagem que fizera ao Bas-Congo sem autorização dos responsáveis máximos! Dizia ela aos militantes que o Movimento acabara e que nada esperassem dele.

O nosso grande amigo e grande homem influente pela liberdade do nosso país sobre a direcção do MPLA é o VITA ANDRÉ. Este conseguiu do Ministro de Saúde, a autorização da reabertura do nosso dispensário. Ele mesmo encarregou-se de procurar a casa para os trabalhos do dispensário em Matadi. Até o mês próximo será reaberto o dispensário e espero que o Movimento diga alguma coisa de agradecimento ao ilustre homem. Mas será necessário substituir o enfermeiro pelo outro que seja mais activo, mais corajoso e com conhecimentos políticos e ao mesmo tempo agitador como o pequeno José Pascoal do Songololo. Sou da opinião que a escola de monitores políticos prossiga a sua rota, porque é indispensável.

O responsável pelo envio de novos filiados é o camarada Carlos, natural do sul e bom militante mas não é o Carlos Gouveia. Todas as quartas e domingos é ouvido com entusiasmo a voz de angola combatente, mesmo pelos inimigos do MPLA. Há já na base de Kinkuzu uma grande agitação, e por causa disso o HR enviou para um controlador de notícias. É Gourgel o ca[r]niceiro. Prosseguindo a nossa viagem de regresso para o Songololo, encontrámos uma multidão à nossa espera. É incrível, mas a verdade é que os dois camaradas José e Graça fizeram um trabalho digno de louvar. Apresentámos nossas felicitações aos novos militantes do MPLA e hoje colaboradores do camarada Pascoal. O nosso dispensário sempre cheio de gente, angolanos e congolezes. É o único dispensário preferido apesar de não haver outro que não seja nosso e o hospital congolês que nada tem. Muito trabalho fizemos no Songololo, de onde partiram três camaradas de exploração do caminho no BLOOC 100, Maianga, Jacob no Congo B/ville. Dias antes, quando nós em Matadi ouvimos dizer que muitos dos elementos nossos teriam sido presos no blooc 100, por terem sido encontrados numa reunião clandestina. Isto foi verdade, porque o caso foi o seguinte: – O camarada José P. fazia suas viagens nessas localidades, para dar vida àquilo que vida não tinha. Ora aconteceu que uma parte dos angolanos contra o MPLA viu fugir-lhes a presa entre as garras, foram queixar-se às autoridades, de que 3 rapazes do MPLA no Blooc 100 vindos da URSS, estavam a estragar a população com ideias comunistas. O administrador mandou-os prender e levou-os a Songololo. Foram presos 13 camaradas, ex-combatentes da upa que tinham sido mobilizados pelo camarada Daniel da Costa, vindo de Alger, que pedira sua retirada do movimento. Este, arrependido pelo seu erro, e chamado à razão pelo José Pascoal, hoje tem sido bom agitador a favor do MPLA, com a mesma força do Graça. Também foi levado preso. Postos no Songololo, disseram que tinham como seu responsável máximo o camarada José Pascoal. Mandou-se o camarada, porque o Bourguoumestre e o chefe da justiça queriam conhecer tal homem Pascoal que muitos admiravam.

Levado à presença das autoridades, estes ficaram admirados quando viram quem era, porque já o conheciam, como bom trabalhador enfermeiro e decidido, mas não sabiam se era ou não Pascoal. A presença dele remediou o caso e todos foram soltos mas pagando cada um 500 (quinhentos francos c/) incluindo o mesmo José. Isto tudo foi ouvido por nós da boca do magistrado que os julgou, porque nós postos no Songololo

convidámos o Burgomestre, o seu adjunto, advogado e o chefe da justiça para um almoço. Apareceu apenas o Advogado, porque os outros estavam ausentes. À hora da refeição o nosso homem atirou-nos com esta: Qual é o vosso feitiço? Eu respondi que não somos feiticeiros. Ele disse: Faço esta pergunta porque há dias prendi 13 rapazes no bloco 100 que faziam reuniões clandestinas e agitaram todos os angolanos que lá se encontram, a protestarem contra a upa. Perguntei se eles eram de que partido, eles responderam, que tinham sido membros da upa, por falta de esclarecimentos, mas que hoje são possuidores do programa e estatutos do MPLA e tudo que neles está escrito está sendo executado. Perguntei-lhes o que tem sido executado por MPLA? Eles mostraram-me o Pascoal um Daniel instruído pelo MPLA e que são capazes de discutir consigo na política, não só do seu país mas também do Congo. Mandaram-me escutar angola combatente nas Quartas e Domingos e perguntaram-me se estou ao corrente dos Combates em Cabinda. Fiquei um pouco aborrecido e tencionava enviá-los a Thysville, e mesmo assim eles disseram-me: escreva no seu livro o que vamos dizer: Nós antes fomos da upa, hoje somos do MPLA e mesmo que nos corte as cabeças nenhum de nós voltará atrás. Somos do MPLA até à morte. É por isso que perguntei ao sr.: qual era o vosso feitiço. Eu só completei o trabalho dos camaradas ampliando melhor possível, expliquei-lhe o mau trabalho do Comité dos nove, o erro dos países africanos em reconhecer um governo não representativo ao povo angolano, defini a posição do MPLA quanto à luta de libertação de Angola, a vontade inquebrável dos seus dirigentes, as dificuldades que atravessámos durante o governo Adoula, o roubo de vida e dinheiros que HR fez ao povo angolano e para finalizar dei-lhe por ler o presença congoleza onde vinha a escrita HR grande comerciante? O nosso homem como que petrificado, e disse-me que conhece Mário de Andrade de Casa Blanca e em Accra na Conferência Pan-Africana em 1962, perguntou-me quem eu era, dada a resposta recebida: em resposta: combatente angolano contra o colonialismo, imperialismo etc. e responsável do MPLA em Léopoldville. Ele disse-me queria ajudar o MPLA, mas que nós nunca abraçámos os seus conselhos. Pedi para que tornasse a dar os mesmos conselhos e disse: 1º – Comprar uma parcela vossa cá no Songololo e construir uma casa para os vossos trabalhos, porque os 800 (Oitocentos francos c/) mensais que vocês pagam nesta casita tão pequena é muito dinheiro. Ora com 750 (setecentos e cinquenta francos) compram um terreno construindo assim uma casa vossa para o dispensário e através dessa podereis fazer vosso trabalho na clandestinidade, porque a vós é proibido fazê-lo ao público¹. Aproveitem o Bas-Congo porque em Léo jamais vos será fácil. Arranjem dinheiro, enviem-no ao vosso responsável cá, e eu como advogado irei com ele pessoalmente a Léo na presença do Ministro de Saúde e conseguir tudo que diz respeito ao dispensário e o resto é convosco. 2º – Já falei cá com o vosso irmão do que pretendo fazer: rusgar todas as armas da upa que se encontram nesta região e eu sei onde estão e entregar-vo-las. Mas até hoje vocês não se decidem. É preciso andar rápido porque o revolucionário não faz se esperar. Vão estudar o assunto e quando o resolverem, a questão é entrarmos num acordo. Quando estiver tudo combinado, vocês põe aqui a vossa gente e partir de seguida para o interior do país, porque não queremos

¹ Nota manuscrita, à margem, por L. Lara: “Que é preciso fazer? Dar dinheiro às autoridades?”

que vós façais o que fazem os bandidos da upa, atacam aqui perto os portugueses, e não aguentam o inimigo e fogem para o Congo e amanhã os portugueses podem querer atacar-nos também; vocês levam as armas lá dentro para evitarmos incómodos. Continuando, eu vos digo de todo o meu coração que Tshombé tencionava entregar-vos aos portugueses e foi o velhote Kasa-Vubu que o impediu em fazê-lo e assim procurou um lugar onde irão viver todos os refugiados, mas até Janeiro ou Fevereiro a upa será fechada. Andem depressa e tratemos de caçar as armas que se encontram paradas.

De Angola: continua a vir angolanos e vieram camaradas dos Dembos que nos contaram que as nossas emissões da rádio são escutadas todos os dias marcados e eles transmitem-nas às bases do MPLA no Cajé e Quipanzo, porque estes não têm rádio e esperam que o Castro leve algum. Ainda de Angola, a população do Bessa Monteiro estão para o MPLA. A razão é esta: Mateus da Graça tinha enviado para lá um dos parentes com os nossos panfletos; posto lá todos o leram na presença dos oficiais e estes quiseram executar o moço, mas o povo revoltou-se dizendo que o que estava escrito nos panfletos era verdade e que a upa roubara o povo e que até aqui nada fez. E se o MPLA fosse pelos brancos, nunca teria insistido na unidade, coisa esta que a upa não faz. O nosso camarada voltou são e salvo. Outro camarada do Bessa Monteiro mobilizado pelo Pascoal, enviou uma carta para sua região e esta foi recebida com calor e em vista, os ditos oficiais fugiram de lá e já cá estão entre eles o tenente Timotheo, fugiram à fúria do povo contra eles; pedem mais panfletos. Seguem relatórios vindos do Bas-Congo. [Nota manuscrita, face a esses parágrafos, por L. Lara: “Informação”]

Falando do camarada Agostinho, este conheci-o pessoalmente e deve se aproveitar. Ele está preparado para dirigir uma Zona de Acção, definiu os princípios do MPLA melhor que muitos dos nossos. Mas o maior desejo dele é de ir para o outro lado para ter instruções revolucionárias onde poderá ficar um ou mais meses de estudos políticos. Ele é ótimo e já tem contribuído muito. O seu relatório é assinado também por um outro que assistiu à morte dos nossos no vale do LOGE como ele afirma e descobriu que teria feito parte porque afirma ter em seu poder fotografias da malta. Quer ir [para] as nossas fileiras e eu consenti, porque queremos apanhar os tigres vivos. Não é bom escaldá-los.

De Lufu, pergunta-se se queremos continuar com a casa ou não. É preciso que o comité director tome medidas sobre este assunto. Paguei a renda dos oito meses incluindo o mês em curso. Digam alguma coisa sobre isso. Outro caso do Songololo. José Quingando na minha ausência para Europa, vinha cá pedir roupas e medicamentos para os refugiados. Posto no Songololo vendeu tudo e eu mesmo encontrei as roupas numa casa Comercial, e o proprietário afirma que é o José Quingando quem lhas vendeu.

Abriu um Comité de Acção no Tari “Nambuanguo”, que antes era para nós uma Zona perigosa.

Em Angola os Camaradas Lázaro, José Congo (Dembos), Fernando Mussunda Job (Nambuanguo) prosseguem com a missão de que o camarada Miramar era responsável. O comité que faça umas cartas para estes camaradas para não abandonarem o país.

Foi queimado o nosso quartel do NGALAMO (Dembos) Piri.

Conclusão – Para o cumprimento das missões a saber: conquista de armas, viagem do advogado e Pascoal a Léo, compra de terreno, abertura de caminhos ao longo da

fronteira brazza-léo, compra de materiais escolares para o interior do país, precisámos de 300.000 francos (trezentos mil francos) fora da assistência dos militantes e famílias. O comité director poderá nomear um camarada dos melhores e sérios de entre os que lá se encontram para vir controlar esse dinheiro, para se evitarem desconfianças, se formos incapazes de trabalhar com os 300.000frs.

Não temos medo do Tshombé nem de outros. Esperamos que o muro caia e continuaremos com o nosso caminho.

VITÓRIA ou MORTE!

Feito em Léo, 14/12/64

Jhony Fletcher Nkumba

Comunicado de Guerra do MPLA

[policopiado]

[Endereço do MPLA em Brazzaville]

No seu esforço para liquidação do sistema colonial português em Angola, os destacamentos do MPLA continuam a ter iniciativa contra os soldados do exército português no Norte do país.

Nas regiões dos Dembos e de Nambuangongo os militantes do MPLA têm causado numerosas baixas aos soldados do exército colonial. Têm sido rechaçadas as tentativas portuguesas para desalojar os nacionalistas dos seus abrigos nas florestas. Em cada investida os portugueses sofrem perdas.

Na região de Cabinda, os numerosos soldados portugueses em certas zonas, estão impossibilitados de sair dos quartéis e raras vezes passam pelas estradas, ao mesmo tempo que se tem notado uma maior actividade da aviação em voos de reconhecimento a baixa altitude.

No dia 23 de Dezembro de 1964, uma patrulha atreveu-se a sair do seu quartel. O destacamento do MPLA conduzido pelo Chefe de Grupo LUCIENGA atacou-a de surpresa, destruindo completamente cinco camiões e abatendo 52 soldados portugueses, tendo os restantes recuado para o seu quartel. O destacamento do MPLA, agindo com audácia e coragem, não sofreu perdas.

Este recontro vitorioso para as nossas forças deu-se a seis quilómetros do quartel português de Miconge.

De vitória em vitória, o MPLA tem arrastado populações para a acção contra o colonialismo português. Contra a força de um povo actuando numa luta justa não podem resistir os mercenários de Salazar. Apesar do seu número elevado e dos enormes recursos materiais de que dispõem, a sua derrota completa é inevitável.

B/VILLE; 26/12/64 O COMITÉ DIRECTOR
Doc. Nº 58

Circular da Reunião da Direcção Político-Militar

[policopiada]

[Endereço do MPLA em Brazzaville]

Teve lugar no início da segunda quinzena do mês e ano corrente, num dos locais da 2ª região, uma reunião conjunta dos organismos dirigentes do Movimento, constituída pelos membros do gabinete político, comité director e o comando da 2ª região.

A reunião decorreu no mais elevado espírito de camaradagem e fervor revolucionário, afirmando uma vez mais a vitalidade da nossa organização e a determinação dos seus quadros de prosseguir a luta de Libertação Nacional do nosso país, até à vitória integral dos princípios formulados pelo MPLA, em defesa das reivindicações do povo angolano, em especial das camadas sociais mais oprimidas e exploradas pelo sistema colonial português.

Constituiu objecto de reunião a necessidade de actualizar os métodos de trabalho, formar organismos, assentar uma série de princípios adaptados à nossa estratégia global e ao contexto nacional e internacional de desenvolvimento da luta pela descolonização do nosso país.

Foram assim aprovadas as seguintes conclusões:

A – No que se refere à estratégia

- I – A posição de vanguarda ocupada pelo MPLA no seio do nacionalismo angolano, provém do facto de ser a única organização política angolana que possui e realiza com as formas de luta mais adequadas, um programa defendendo consequentemente as aspirações das massas angolanas mais oprimidas e exploradas.
- II – Sendo a independência de Angola o meio único que permitirá a concretização de todas essas aspirações, o MPLA trava uma luta por todos os meios pela libertação completa do território nacional.
- III – O MPLA não perde de vista que a conquista do poder político é um factor que facilitará a realização dos objectivos supremos da revolução que encabeça.
- IV – A luta do MPLA não está limitada [ao] desejo de levar o inimigo a negociar.
- V – As particularidades específicas do domínio colonial português, de pressão do imperialismo e da ameaça do neo-colonialismo levam o MPLA a realizar uma luta armada de longa duração que permitirá ao POVO temperar-se para defender as aquisições da Revolução Angolana.

B – No que refere à orientação geral da luta

- I – A acção político-militar do MPLA baseia-se na adesão e no apoio que lhe dão as massas populares.
- II – O programa do MPLA e os princípios estabelecidos na I Conferência Nacional e na I Conferência de Quadros constituem um guia eficaz para a orientação da luta de libertação do povo angolano.
- III – O êxito da estratégia de luta prolongada exige que a atenção do MPLA se concentre cada vez mais na mobilização das massas populares.

- IV – A imediata intensificação da luta amada onde ela é possível deve ser acompanhada dum ainda mais intensa acção política que favoreça o estabelecimento em todo o país de novos focos de luta.
- V – O baixo nível qualitativo e quantitativo de quadros disponíveis para a luta, impõe ao MPLA a intensificação da sua política de formação de quadros e ao aumento do seu nível ideológico, recorrendo a todos os meios adequados ao seu alcance.
- VI - Dia a dia o povo angolano toma maior consciência da necessidade imperiosa de se unir para libertar o território nacional. Esse facto leva-o a condenar e abandonar todos os falsos patriotas e a apoiar os esforços do MPLA no sentido de criar uma verdadeira FRENTE UNIDA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL. O MPLA deve prosseguir na sua linha de unidade até conseguir este objectivo.

A reunião estabeleceu também um método de trabalho na base do melhor aproveitamento das possibilidades e capacidades dos seus membros e órgãos dirigentes, nomeou o Comando Operacional, verificou a não oportunidade da realização da 2ª Conferência de Quadros e recomendou a formação do Conselho de Representantes e a elaboração de um regulamento de disciplina geral.

As conclusões referidas constituem a linha geral de orientação e de desenvolvimento da nossa actividade. Elas devem ser conhecidas, divulgadas e respeitadas por todos os militantes e organismos do nosso Movimento.

B/VILLE; 29/12/64

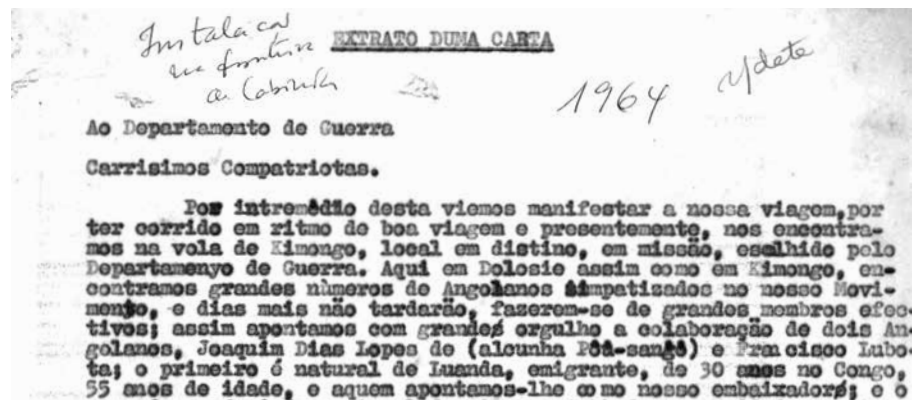
VITÓRIA OU MORTE

DOC.59

O Comité Director

Informação do MPLA sobre instalação na fronteira de Cabinda

[dactilografada - 2ª via]



[Nota manuscrita por L. Lara: Instalação na fronteira de Cabinda]

EXTRATO DE UMA CARTA

Ao Departamento de Guerra

[Sem data]

Caríssimos Compatriotas

Por intermédio desta viemos manifestar a nossa viagem, por ter corrido em ritmo de boa viagem e presentemente, nos encontramos na volta de Kimongo, local em destino, em missão, escolhido pelo Departamento de Guerra. Aqui em Dolisie assim como em Kimongo, encontramos grandes números de Angolanos simpatizados no nosso Movimento, e dias mais não tardarão, fazerem-se de grandes membros efectivos; assim apontamos com grande orgulho a colaboração de dois Angolanos, Joaquim Dias Lopes (de alcunha Pòu-sango) e Francisco Lubota; o primeiro é natural de Luanda, emigrante, de 30 anos no Congo, 55 anos de idade, e a quem apontamos-lhe como nosso embaixador; e o segundo, refugiado, natural de Miconge-Cabinda, com a idade de 32 anos. Estamos certos que o número de simpatizantes aumentará dia a dia, e assim no espaço de pouco tempo, teremos um bom número de efectivos. Aqui, a história é a mesma como em certos lugares da fronteira de Angola; aqui aparece homens, traidores, ao serviço da UPA para conselhar [sic] o povo, a não aceitarem, a nossa propaganda, em palavras de que o nosso movimento é de brancos e está a favor dos portugueses, e que os medicamentos se encontram envenenados, e o mesmo produzirá o efeito daqui uns meses.

Assim, tínhamos sido corridos do Ganda-Binda, aldeia, que fica 15 km de Kimongo, esse povo reconhecendo a nossa presença aqui, dia para dia, nos chegam, e pedem-nos apoio. É certo que, o povo de Ganda-Binda, tinha recebido conselho, dum povo, situado perto do rio Luango. Estamos certos de que, em abertura dum dispensário, para tratar carinhosamente todos, o povo compreenderá muito depressa.

Situação geográfica – Maiombe região montanhosa, e coberta de paus das florestas, tem grandes serras, vários rios e riachos; na sua situação é muitas vezes melhor que na fronteira de Massabi; quanto o plano. Apenas nota-se muito aqui e em geral em todo distrito angolano ao serviço dos portugueses, esses angolanos muitos deles têm armas para apanhar ou matar angolanos ao serviço da revolução. Estamos a 25 quilómetros do grupo Afonso Bissafi, e verificámos que é por aquelas bandas que se deve furar visto que, segundo informações acolhidas, nenhum angolano vive dentro do território, ao passo que os povos de Angola que fazem fronteira Kimongo ao Loango muitos deles vivem em Angola e são os colaboradores dos portugueses.

Pensamos que o grupo de Kimongo, se conserve no mesmo lugar, para nos dar facilidade de tratar e politizar os angolanos que se encontram desde Kimongo ao rio Loango e, depois for notando-se e estudando-se a maneira possível desta fronteira. É à beira do rio Loango, que existem também povos refugiados com vestígios da UPA. Foi então que em 20 de Maio do corrente ano aí nesta aldeia angolanos mataram o tal sujeito Agostinho escapando a família que correu aos portugueses para pedir socorro. Foi neste mesmo dia que apareceu cá o camarada Carreira. Daí o boato correu e não sabiam se nas matas estavam soldados da UPA ou do MPLA. O boato correu que nas matas

se encontravam 300 soldados. No dia seguinte a gendarmaria foi a Iola-Panga fazer démarches ao grupo Afonso-Dissafi se conhecia o caso. Procuraram saber do camarada Carreira quem era ele, o que trazia, o que vinha fazer, o que levava, de que cor era o carro, de que marca, e quantos companheiros trazia. Este boato desapareceu alguns dias depois, e no dia 29 de Maio, apareceu dois aviões portugueses no posto de Kimongo a sobrevoarem, sobretudo na casa onde nós morámos e uma mão, mostrar a casa.

Soubemos de fonte limpa, que as autoridades portuguesas em missões pediram captura às autoridades administrativas de Kimongo a captura de quatro indivíduos refugiados, em Ganda-Binda, os quais se encontram já presos, e lá ou elas estamos certos que as autoridades Congolezas não devem fazer mal.

Apoio das autoridades – Autoridade máxima em Kimongo é o Snr. Samba Adão; pessoa que nos parece honesta; quando pela má incompreensão de certas pessoas em relação ao nosso serviço, ele defende-nos como uma grande autoridade exemplar e progressista, este já tem o nosso Estatuto, e mais certos documentos, e está satisfeito com a nossa presença. Pedimos mais Estatutos, livros do MPLA digo de Angola, vitória ou morte (antigos) e novos Estatutos do CVAAR, e Boletim, jornais a unidade Angolana, comunicados em francês e português, mapa de Angola e Congo, papéis e envelopes para escrever.

Desenvolvimento dos serviços sanitários – é um dos problemas que os colonialistas portugueses não souberam resolver quanto assistência do povo em qualquer parte como aqui vê-se homens, mulheres e crianças com variadíssimas deformações, provocadas por doenças não tratadas, e a não assistência na verdade continua implicar e levar a morte milhares de indivíduos. Só desde 5 de Maio a presente data, quero dizer há vinte e cinco dias já foram tratados 650 seis centos e cinquenta pessoas, entre consultas, injeções, curativos e outros tratamentos. É nessa medida que vamos fazendo compreender aos angolanos, aqui refugiados e emigrados, e será o fim de dar cabo as intrigas postas pelos nossos inimigos; hoje a missão está sendo cumprida de Kimongo às aldeias do rio Loango. Há aqui na verdade grande necessidade de se abrir um grande e bom dispensário. Nós estamos prontos a tratar a todos, e vê-se já que 50% de doentes 500 Congolezes. É o primeiro dispensário a abrir-se na fronteira Congo-Brazzaville com Angola; nós o povo em geral pede-nos a instalação permanente e a efectividade dos medicamentos. Caso muito encontrado: Doença do aparelho digestivo, paludismo, doenças infecto contagiosa, doenças do aparelho respiratório, sarnas, feridas, úlceras, doenças ósseas e articulares, doenças de senhoras, doenças dos olhos e da pele. Pedimos que as informações do quadro de saúde, sejam transferidos ao CVAAR para este melhor estudarem, e pedimos também, que seja colocado aqui mais um voluntário. Conclusão. É muito necessário a presença nas fronteiras os dispensários da CVAAR pois, em relação dos serviços feitos, nós estamos num pé de melhor posição que o grupo Afonso Bissafi, apesar que o ponto estratégico para nós será também lá.

N.B. – Pedimos mais um camarada que saiba falar o fiote-quiambe. Pedimos a abertura de um bureau em Dolisie.

Despesas: Durante um mês gasta-se para quatro indivíduos, de alimentação – 18.510 fr.

Transportes – 7.800 fr. (totalidade = 26.310fr).

Pedimos emprestado, algum dinheiro aos camaradas de Iolo-Pango, importância esta que tem servido para nossa alimentação, e passagens do camarada que segue viagem, portador deste documento.

Em relação às despesas de passagens de ida e volta Kimongo à Maconge-Kimongo Dolisie-Kimongo Iolo-Pango, gasta-se muito dinheiro nos maximbombos visto que paga-se por quilómetro 5 francos e estamos certos que a soma de passagem aumenta se for possível. Desde que saiu o camarada Carreira aqui já andamos, em virtude de haver mais massas.

Durante a estadia em Dolisie recebemos de vários compatriotas, e membros do MPLA ofertas de uns francos que somamos 2000fr. (dois mil francos). Esta oferta pessoal é que aproveitamos e soma-se nos vinte e cinco mil francos que recebemos no Departamento de Guerra para despesas geral.

Junta uma lista dos medicamentos para ser atendida, e despachada quando o portador deste regressar.

Até aqui não se conseguiu ainda casa, por haver dificuldades dos proprietários, e combinámos com um proprietário que tem uma casa boa mas por concluir. E sobre a mobília, falámos com um carpinteiro que pediu-nos 23.000fr., preço de duas mesas, seis cadeiras, um divã, uma prateleira, dois bancos, dois mochos.

Ass. O Comandante [carimbo do EPLA]

PEDIDOS DE MEDICAMENTOS

| | | | |
|---------------------------------|-----------------|------|-------------|
| Algodão----- | 500 gramas----- | 5 | pacotes |
| Adesivo rolos----- | | 10 | rolos |
| Gaze esterilizado----- | | 30 | metros |
| Ghotplast (pronto socorro)----- | | 30 | caixinhas |
| Álcool desnaturado----- | | 2 | garrafas |
| Criolina----- | | 2 | " |
| Comprimidos sulfamidas----- | | 500 | comprimidos |
| " sulfaguanidina----- | | 500 | " |
| " aspirina----- | | 500 | " |
| " quinino----- | | 500 | " |
| " multiplex----- | | 3000 | " |
| " vitam. B12----- | | 100 | " |
| Sulfato de magnésio----- | | 3000 | gramas |
| Óleo de rícino----- | | 3000 | " |
| Alcopar----- | | 20 | pacotes |
| Antepar----- | | 20 | frascos |
| Colírio de argerol----- | | 500 | gramas |
| Pomada oftálmica----- | | 2 | bisnagas |

| | | |
|--|------|-------------|
| Penicilina 4.000.000 UI----- | 30 | frascos |
| Estreptomicina 1 gr.----- | 30 | " |
| Pomada penicilina----- | 100 | gramas |
| " sulfamidas----- | 100 | " |
| Borato de Sódio----- | 100 | " |
| Água oxigenada----- | 2 | volumes |
| Pincéis diversos- (digo pinças)----- | 3 | pinças |
| Seringas hipodérmicas nº10 e 5 cc.----- | 4 | seringas |
| Termómetros clínicos----- | 2 | termómetros |
| Vaselina pomada----- | 500 | gramas |
| Salicilato de metilo----- | 1000 | " |
| Água destilada 10 cc.----- | 50 | ampolas |
| Papel para embrulho de medicamentos----- | | |
| Papel e envelopes para escrever----- | | |
| Livro para inscrição de doentes----- | 1 | livro |
| Bisturi----- | 1 | bisturi |
| Roupas para refugiados-----Sulfamidas em pó----- | 250 | gramas |
| Cálcio injectável----- | 20 | ampolas |
| Vit. C injectável----- | 20 | " |
| Vit. B1 "----- | 20 | " |
| Anti-hemorroidal comprimidos ou supositórios ----- | | |
| Coramina----- | 10 | ampolas |
| Óleo canforado----- | 10 | " |
| Coaguleno----- | 10 | " |
| Vicks ----- | 10 | caixinhas |

e mais medicamento necessário.

Relatório de Willem Bossier

[dactilografado, em francês]

[Sem data – 1964]

RELATÓRIO BRAZZAVILLE

Pela minha profissão de professor de português e as minhas estadias em Portugal, já há muito tempo que mantenho relações com a oposição clandestina portuguesa e sobretudo com os movimentos de libertação das colónias portuguesas. Há muito tempo que conheço particularmente bem o MPLA.

Estava na Argélia, no verão de 1963, quando rebentou a crise do nacionalismo angolano, na sequência das recomendações do “Comité de Reconciliação”, seguidas pelo reconhecimento do GRAE de Roberto Holden pela maior parte dos governos africanos, entre os quais a Argélia. Como a “questão angolana” sempre me preocupou, dediquei-me a uma investigação pessoal, tanto junto dos dirigentes e membros do MPLA que já conhecia, como junto dos dirigentes da FNLA, entre eles o representante em Argel do GRAE, Johnny Eduardo.

Convencido que o reconhecimento do GRAE e o apoio absoluto concedido à FNLA eram um erro, levantei a questão, durante uma entrevista que tive com o Presidente Ben Bella, a 3 de Setembro de 1963 em Villa-Joly. Se bem me lembro, o Presidente Ben Bella declarou-me que tinha todas as razões para acreditar na validade do inquérito do Sr. Sahnoun, segundo o qual o MPLA tinha definitivamente fracassado. Durante esta entrevista, o Presidente Ben Bella dizia-me que o MPLA se tinha comprometido com Fulbert Youlou, que estava pronto a aceitar uma lei-quadro, “eleições” controladas pelos colonialistas portugueses, que a demissão de Mário de Andrade lhe parecia mais uma prova do fracasso do MPLA, e que a escolha perante a qual se encontravam países como a Argélia era esta: ou não se passaria mais nada em Angola durante anos e anos, ou o colonialismo português seria derrotado pela acção do movimento de Roberto Holden.

Confesso com toda a franqueza que esta série de acusações me parecia quase inacreditável e me entristecia profundamente. Disse isso ao próprio Presidente Ben Bella aquando dessa entrevista. Ele respondeu-me que compreendia perfeitamente a minha perturbação pois ele próprio tinha sentido o mesmo.

Desde então passou-se um pouco mais de um ano. Continuei a observar atentamente a situação angolana. Recebia o boletim de informação da representação do GRAE em Argel. Baseando-me nos comunicados militares que aí apareciam, e com vista a dar-me conta da amplitude que Roberto Holden daria à luta armada, calculei um dia quantos colonialistas portugueses morriam em combate. Cheguei ao número de três por dia em todo o território angolano.

Fiz a seguinte reflexão: tendo em conta a envergadura da ajuda africana concedida a Roberto Holden, este número era irrisório. Também, enquanto leitor assíduo da “Révolution Africaine”, fiquei agradavelmente surpreso ao ver que a foto de Agostinho Neto continuou a figurar neste semanário, ao lado de outros dirigentes nacionalistas de territórios africanos ainda não libertados. Em seguida foi o artigo de Mário de Andrade, muito desfavorável a Holden (nº 74), a verdadeira reabilitação do MPLA sob o título “O que se julgava resolvido” (nº 79), a reportagem sobre os grupos de guerrilha do MPLA em Cabinda (nº 78), e uma singular entrevista de Holden (nº 83), à qual terei ocasião de voltar.

Foi então que decidi apanhar o avião para Brazzaville, a fim de retomar contacto com os meus antigos amigos do MPLA, e também a fim de retomar contacto com o CNL congolês (enquanto Belga anti-colonialista activo, tinha certas razões para me encontrar com os nacionalistas da antiga colónia da Bélgica...).

Fiquei em Brazzaville de 20 de Agosto a 6 de Setembro últimos.

Também tive, entre outras coisas, a ocasião de passar alguns dias nas zonas de guerrilha do MPLA em Cabinda. Pude verificar que a reportagem, saída no nº 78 da “*Revolution Africaine*” era rigorosamente exacta até aos mínimos detalhes. Durante esses dezoito dias que acompanhei os dirigentes e os militantes do MPLA, vi e ouvi tantas coisas que ser-me-ia difícil fazer um relatório completo. Esta estadia simplesmente confirmou a excelente impressão que sempre tive do MPLA, tanto antes como depois do reconhecimento do “governo Holden”. Posso afirmar que a guerrilha que o MPLA leva a cabo em Cabinda é um modelo da actividade de que um movimento é capaz, com os meios de que ele dispõe e no contexto africano no qual é forçado a conduzir a sua actividade. Posso certificar que se contam às centenas os militantes do MPLA que se encontram fora das fronteiras de Angola, e que só esperam o momento em que lhes seja dada uma arma para entrar na guerrilha.

As pessoas que acompanhei não são do tipo de querer aceitar um compromisso neo-colonialista com Portugal! E que dizer da sua “convivência com Fulbert Youlou”, quando recebem um apoio total daqueles que, precisamente, expulsaram Youlou.

Quanto a Mário de Andrade, que encontrei também em Brazzaville e com quem tive longas conversas, voltou a juntar-se ao MPLA declarando que este movimento continuou fiel aos princípios que sempre o animaram e que a orientação seguida pela sua direcção, desde Junho de 1963, era justa.

Creio ser supérfluo recordar as declarações de personalidades dirigentes da FNLA e do GRAE que se demitiram recentemente, tais como o médico e o farmacêutico dirigentes do dispensário da FNLA, o representante do GRAE na Áustria e o ministro dos negócios [estrangeiros] do GRAE. Declarações que acusam Holden da responsabilidade do retrocesso da luta, de actividades tribais fratricidas em grande escala e de desvio de fundos e esbanjamento. Encontrei-me também com os três membros do Estado-Maior de Holden, entre os quais o comandante em chefe, que fugiram da base congoleza de Kinkuzu para se juntar ao MPLA em Brazzaville. Esses homens deram-se conta do verdadeiro papel que joga o Holden na questão angolana e reservam as suas revelações em primeira-mão para a nova comissão de inquérito sobre o nacionalismo angolano.

Presentemente, um dos principais instrutores militares do exército de Holden é um tal Ernhard Manhertz, Americano enviado do Vietname do Sul. Parece que o reorganizador do sindicato de Holden (LGTA) é um antigo funcionário de Trujillo.

Apesar de toda a ajuda africana de que dispõe, assim como de um exército de 50.000 homens (segundo ele próprio declara), Holden reconheceu na Conferência do Cairo que perdeu 300.000 km² dos 500.000 km² que dizia ocupar em Angola... Isso porque os dirigentes africanos teriam falhado com a sua promessa de ajuda material (explicação fornecida na Conferência do Cairo) e porque uma parte do material fornecido estaria defeituoso (explicação dada na recente entrevista à “*Révolution Africaine*”)... Na mesma entrevista, ele confirma que tinham sido dadas e executadas ordens para aniquilar todos os grupos militares do MPLA que tentam penetrar em Angola sem a permissão do GRAE e que, aliás, essa permissão não lhes seria concedida.

O que queremos mais?

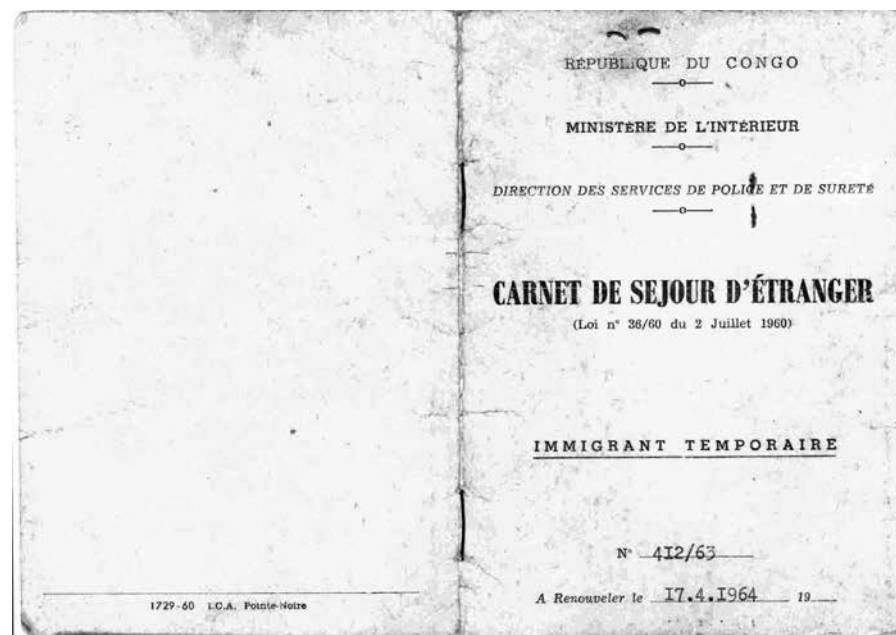
Não sou o único a pensar que Holden é muito simplesmente um agente americano, encarregue de bloquear por todos os meios os nacionalistas radicais do MPLA e de estar atento para intervir logo que a revolução angolana faça uma viragem perigosa para o Ocidente, o que teria repercussões incalculáveis (e incontrolláveis pelo imperialismo) em Portugal e na Espanha. A aliança Holden-Adoula era significativa a esse respeito assim como o modo como o MPLA foi tratado em LÉOPOLDVILLE.

Sobre isso também posso trazer um testemunho pessoal. Fui eu que, faz agora cerca de dois anos, comprei todos os mapas militares do Congo ex-belga e de Angola que pude encontrar na Bélgica, a pedido do MPLA. (Refiro-me, naturalmente, a mapas detalhados que PODIAM servir objectivos militares). Enviei essas encomendas ao MPLA. Não era isso uma prova da decisão do MPLA em combater? Realmente, se o MPLA não conseguiu até agora realizar o que queria realizar, não é certamente culpa sua.

Segundo aquilo que ouvi, o MPLA compreende perfeitamente a situação delicada na qual se encontram os países irmãos que reconheceram o GRAE. Assim não pede, para o período que se segue, uma revisão desse reconhecimento. Tudo o que ele pede é a liberdade de acção para o MPLA e uma assistência material bem concreta por parte de alguns países africanos progressistas, a fim de poder demonstrar por factos aquilo de que é capaz.

Que o governo argelino me permita expressar o meu profundo desejo que isso se realize! Se é normal que o MPLA seja a vítima do ódio de uns, do oportunismo de outros, não é nada normal que seja também vítima de malentendidos por parte dos melhores entre os revolucionários africanos.

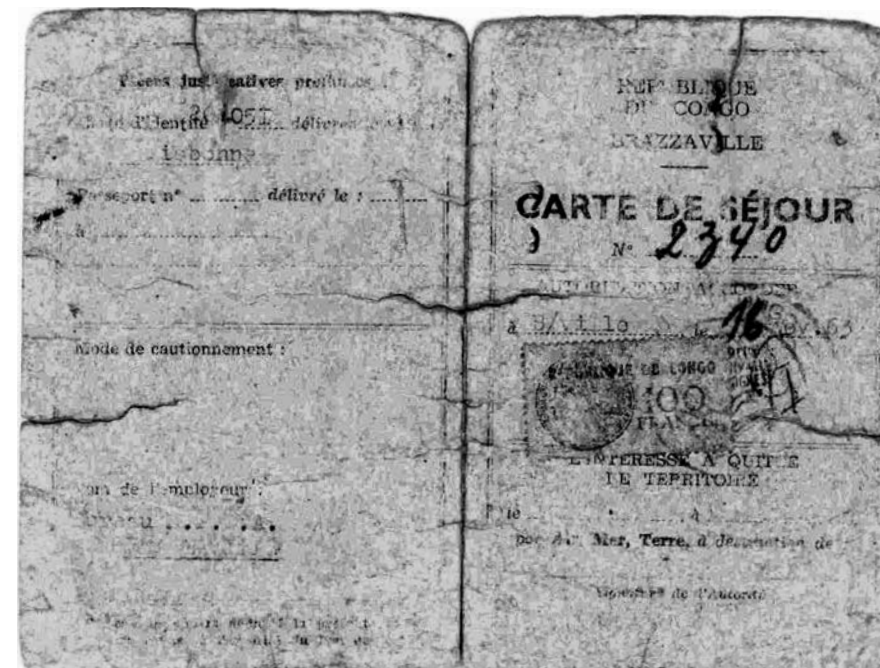
Willem BOSSIER



Carnet de Séjour passado pelo Governo Congolês à Lúcio Lara sob o nome de Ahmed Lara



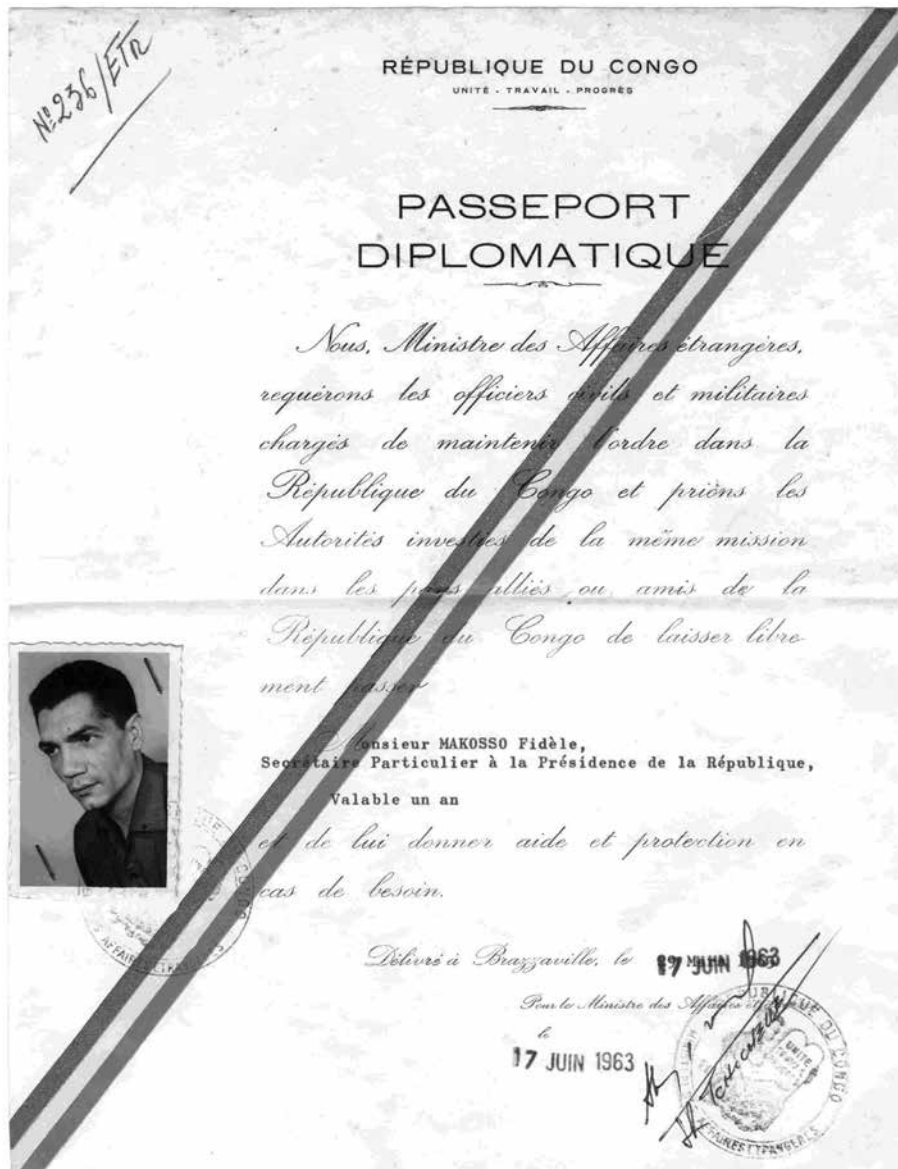
Carnet de Séjour passado pelas autoridades do Congo Léopoldville a Lúcio Lara



Primeiro Cartão de Membro do MPLA de Lúcio Lara



Carte de Séjour de Lúcio Lara passado pelas autoridades do Congo Brazzaville



Passaporte Diplomático passado pelas autoridades do Congo Brazzaville a Lúcio Lara



Primeira visita de Robert Davezies ao maquis de Cabinda, com Lúcio Lara e Hoji Ya Henda



2ª Região Militar. Podem-se ver na 1ª fila, daesq. para a dta: Paulo Júnior, Nzaji, Bissafi, Henda. Na fila de trás: Ingo, Bernardo, João Cristóvão, Gambela, Kalé, Etunda, Camões, Domingos Oliveira, Garrido, entre outros



2ª Região Militar – Desfile com a 1ª bandeira do MPLA



Visita do Cdte Slimane com Mário de Andrade e Lúcio Lara (25 de Janeiro de 1963)



2ª Região Militar - Mobilização



Visita do Cdte Slimane ao Comando do EPLA. À direita, Rev. Domingos daSilva (Janeiro de 1963)



Visita da Delegação argelina - Rev. Domingos da Silva, Mário de Andrade, Américo Boavida, Toca, Lima, Aníbal de Melo (Janeiro 1963)



Lúcio Lara, Nicolau Spencer e Timóteo



Militantes do MPLA (pode-se ver Savimbi de pé atrás) - Finais de 1964 ou início de 1965



Boso, José da Silva, António de Macedo, (...), Cadete Júnior e L. Lara em casa de L. Lara (Brazzaville)



Visita de cdas soviéticos à Delegação do MPLA em Brazzaville - Moundali (1964-65). Da esq. para a dta: Iko Carreira, Miranda Marcelino, (...), Rev. Domingos da Silva, (...), (...), Azevedo Júnior, Domingos Oliveira, Baya, Petr Evsyukov, (...).



Encontro de Escritores Afro-Asiáticos com Osende Afana (UPC) - da esq. para a dta: A. de Melo, Azevedo, (...), (...), Osende, (...), (...), (...), Henda, (...), L. Lara (1964)



Comemorações do 4 de Fevereiro, em Argel (1963). Na tribuna, 1ª fila, da esq. para a dta: Eduardo dos Santos (2º) e Gentil Viana (5º)



Manifestação em Argel, para comemorar o 4 de Fevereiro (1963)




Kudianguela - Grupo de Pioneiros que cantou o Hino do MPLA pela 1.ª vez em Fev. 1964 na Delegação do MPLA em Brazzaville.

Da esq. para a dta: (fila de trás) - Solange Machado, Jean-Jean Morais, Chico Machado, Ana paula Machado, Nené Morais, Aníbal Silva; (fila do meio) - Paulo Lara, (...), Armanda Conceição, Júnior Cadete, José da Silva, Jacques Capaxi, Catarina "Suporta"; (fila da frente) - Domingos "Veneno", (...), Fatita Capaxi, (...), Natália Conceição, Ana Maria Machado, (...). Professor: Timóteo



Grupo Cultural do MPLA, em Léopoldville: Mona, Brito Sozinho, Jovita Nunes, Mário Afonso Santiago (1962) - (Foto cedida por Jovita Nunes)

942a



LIBERTÉ

POUR LE

R.P. PINTO DE ANDRADE

PRÉSIDENT D'HONNEUR DU M. P. L. A.

Le R. P. Pinto de Andrade, ancien chancelier de l'archevêché de Luanda, a été emprisonné une première fois du 25 juin au 8 novembre 1960.

Il a passé une semaine à Luanda et le reste du temps à Aljube (Lisbonne).

Mis en liberté provisoire, il a été assigné à résidence dans l'île de Principe jusqu'au 25 avril 1961. Le 25 avril, à 3 heures, il a été amené à Lisbonne *manu militari* et détenu à Aljube jusqu'au 19 août de la même année.

Après cette date, il a été assigné à résidence au monastère des Bénédictins de Singeverga, à 60 kilomètres de Porto où il a été professeur d'exégèse biblique et de français.

Interdiction lui était faite de sortir, de prêcher et d'entendre des confessions. On ne lui a jamais permis de communiquer avec ses avocats, ni à Luanda, ni à Lisbonne et il a toujours été maintenu isolé dans une cellule.

Les motifs de ces emprisonnements sont, selon lui, une lettre qu'il avait écrite à son frère MARIO DE ANDRADE dans laquelle il rendait compte de l'emprisonnement d'amis communs, faisait part des pressions tendant à son propre emprisonnement et communiquait l'intention de la police d'instaurer un procès par contumace à plusieurs leaders angolais en exil. Cette lettre a été interceptée par la police.

Un autre motif : une réunion qu'il aurait tenue avec le Dr AGOSTINHO NETO, au cours de laquelle il aurait discuté de la situation des prisonniers politiques.

Le motif du second emprisonnement dans l'île de Principe relèverait de la peur que les Portugais ont manifestée devant quelques mouvements de bateaux de pêche étrangers sur les côtes de l'île. Le gouverneur de San Tomé aurait demandé au gouvernement central de Lisbonne le transfert du R. P. de Andrade, de crainte d'un enlèvement par les leaders angolais, qui se seraient trouvés sur ces bateaux de pêche.

Le début août 1962, la PIDE, Gestapo portugaise, ayant appris la nouvelle de l'évasion du Dr Agostinho Neto, a transféré le R. P. Pinto de Andrade du monastère de Singeverga à la prison d'Aljube, puis au Fort de Caxias.

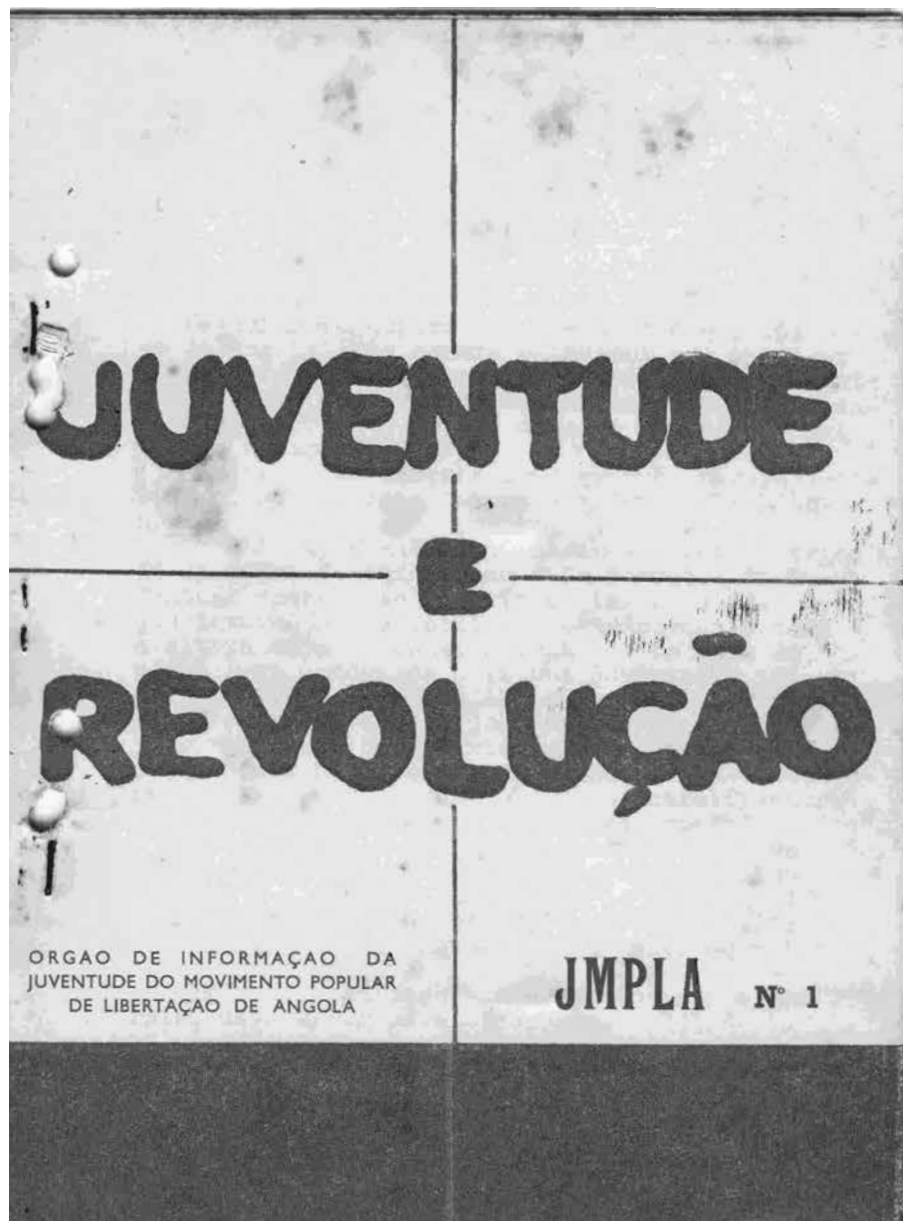
Mis au secret, sans aucune possibilité de communiquer avec l'extérieur et même sans assistance religieuse, ce patriote angolais est torturé par les bourreaux de Salazar.

Ses lunettes, sa montre, ses livres lui ont été retirés.

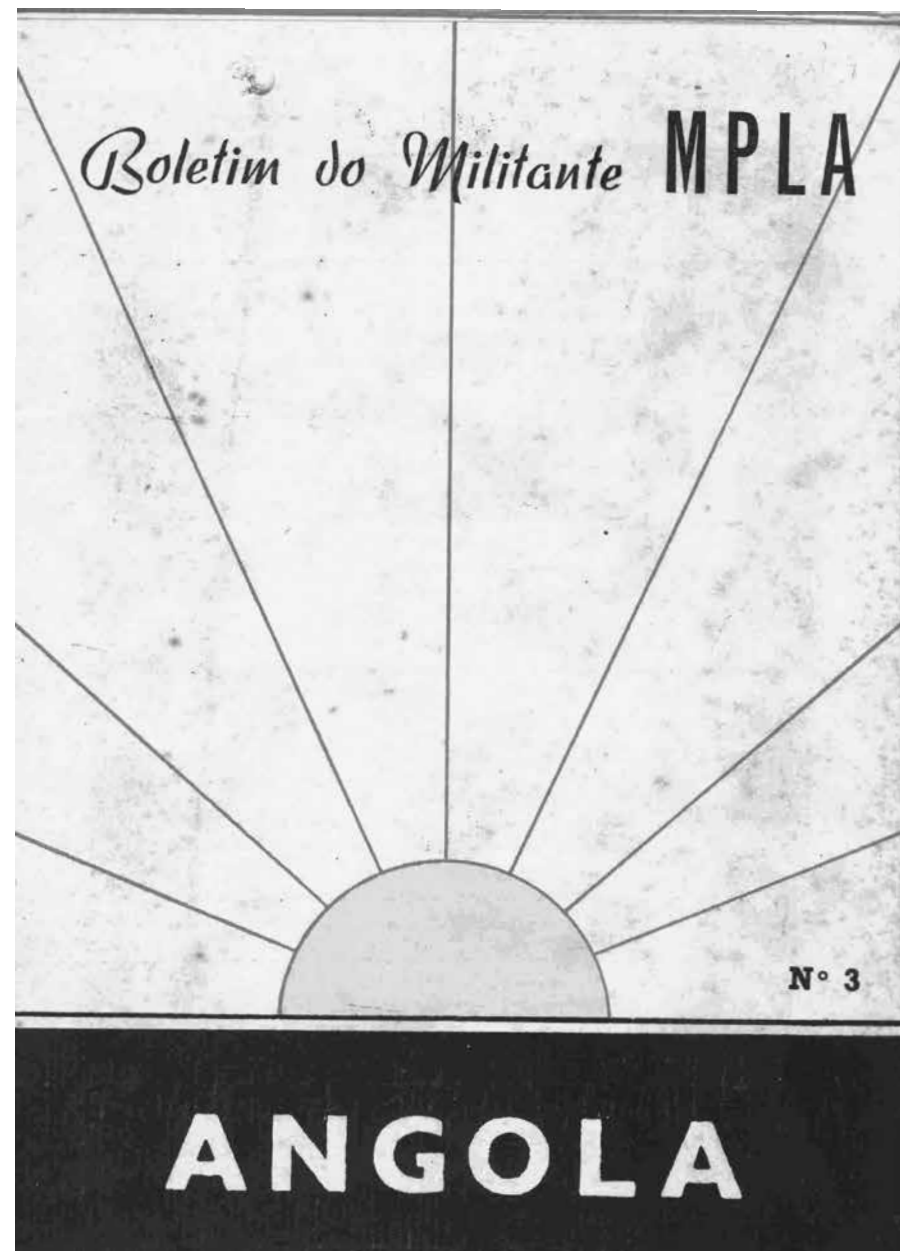
Rien n'arrêtera la détermination de ce courageux nationaliste de donner sa contribution à la lutte pour l'indépendance de l'Angola.

Mais il faut arrêter la main des fascistes portugais qui veulent supprimer la vie du R. P. Pinto de Andrade, Président d'Honneur du M. P. L. A.

Panfleto para a Libertação do Rev. Pinto de Andrade (1ª página)



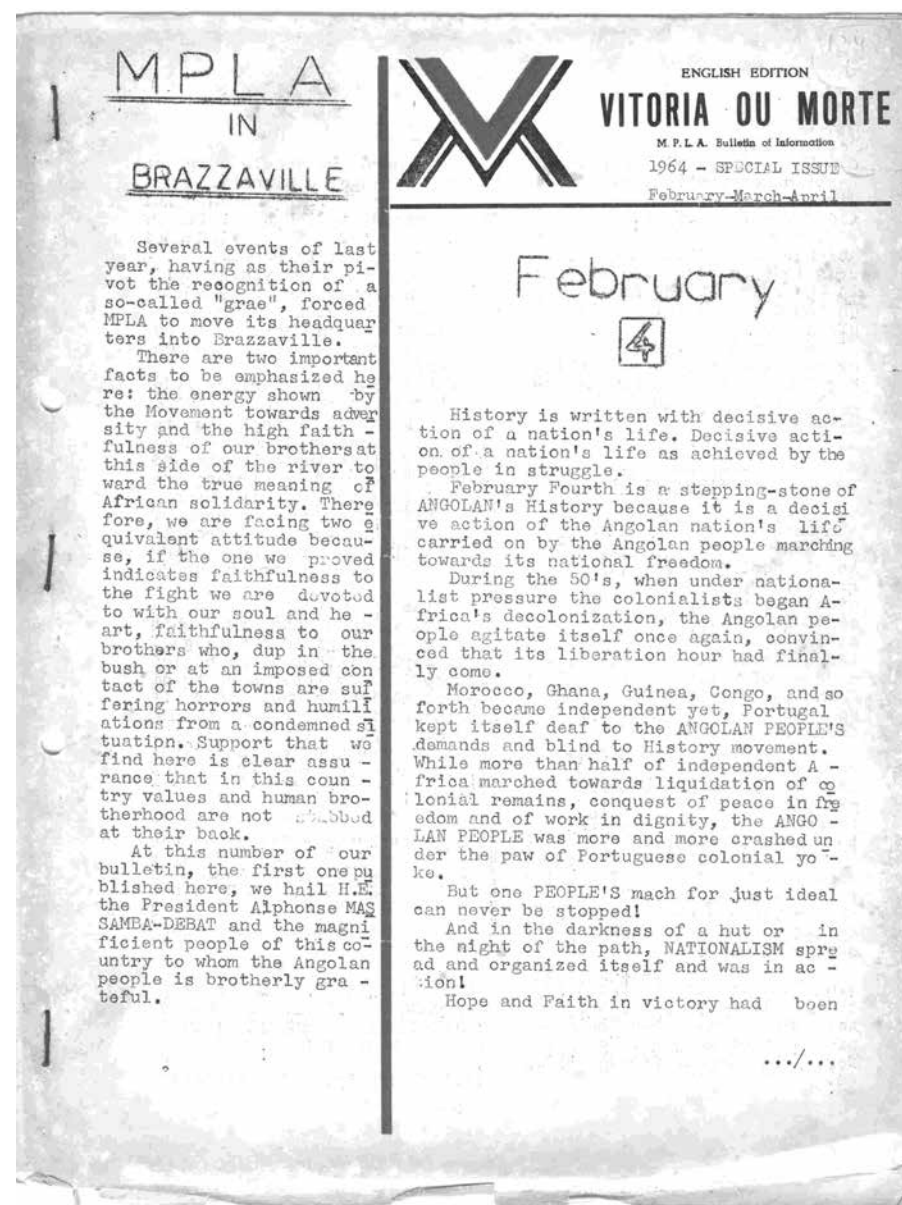
Primeiro número de "Juventude e Revolução" - Boletim da JMPLA (Setembro 1964)



"Boletim do Militante" nº 3 (Setembro 1964)



Capa de "Vitória ou Morte". Nº especial sobre o 4 de Fevereiro (em francês)



1ª página de "Vitória ou Morte". Nº especial sobre o 4 de Fevereiro (em inglês)

Correspondência de Nomes de Cidades e Países

ANGOLA

| | | |
|-----------------|---|----------------------|
| 31 de Janeiro | - | Quinzale (Uige) |
| Bessa Monteiro | - | Quindeje (Zaire) |
| Nova Lisboa | - | Huambo (Huambo) |
| Porto Alexandre | - | Tômbwa (Namibe) |
| Sá da Bandeira | - | Lubango (Huila) |
| São Salvador | - | Mbanza Kongo (Zaire) |

REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO

| | | |
|----------------|---|---------------|
| Elisabethville | - | Lubumbashi |
| Jadotville | - | Likasi |
| Léopoldville | - | Kinshasa |
| Luluaburgo | - | Kananga |
| Stanleyville | - | Kisangani |
| Thysville | - | Mbanza Ngungu |

PAÍSES

| | | |
|-----------------------------|---|---|
| Ceylão | - | Sri Lanka |
| Congo belga | - | Congo-Léo, Congo-Kinshasa, Zaire, República Democrática do Congo |
| Dahomey | - | Benim |
| Niassalândia | - | Malawi |
| República Árabe Unida (RAU) | - | Egipto |
| Rodésia do Norte | - | Zâmbia |
| Rodésia do Sul | - | Zimbabwe |
| Zanzibar + Tanganika | - | Tanzânia |

Índice Remissivo*

A

- Abdoulaye, Diallo 229, 259
ACOA - American Committee on Africa 619
Açureira, Miranda. *Ver Assoreira, Miranda*
Adam, Maurice 78, 79
Adão, Samba 718
Adeleina, António 471-2
Adolfo, Dias 63
Adoula, Cyrille 89, 195-200, 212, 223,
239-40, 324, 337, 351-2, 365, 377,
379, 382, 424, 430, 446, 482-5,
495-9, 513-4, 523-4, 525, 528, 541,
544-5, 548, 550, 555-8, 585, 595,
598, 600, 609, 613-4, 627, 646, 651,
658, 687, 690-1, 712, 723
Adriano, Januário João 356
Adula, Cirilo. *Ver Adoula, Cyrille*
Afana, Osende 736
Afonso, Victor 214
Afonso, Zadoc 703
Afonso, Zeferino 708
Agostinho, José 228
Agostinho, Moisés Cassule 370
Agostinho, Zembeteu 601
Aguiar, Augusto Lopes de 63, 371
Aguiar, José de 232, 302, 371
Ahidjo, Amadou 337
Albano, Jorge 506
Albert, Matundu 232
Alberto, Agostinho 658
Alberto, Angelino 271-2, 293-4
Albino, Firmino 658
Aleixo, Américo 105
Alexandre, António 63, 116, 219, 221, 225,
298, 344
Alexandre, José 370
Alexandre, Manuel 631
Alfredo, Abel 658
Alfredo, Estêvão 708
ALIAZO - Aliança dos Originários do Zombo
183-4, 279, 369, 555, 628
Alidor, Francisco 148
Aliliano, Moisés 632
Almada, Fidelis Cabral de 546-7
Almeida, Deolinda de. *Ver Rodrigues, Deolinda*
Almeida, Jerónimo de 47, 101, 116
Almeida, João António de 356
Almeida, Luís José de 25, 28-30, 59, 106,
340, 342-6, 363, 370, 444-5, 645
Almeida, Roberto de 303
Almirante, Gomes 632
Alphonse, Msimba 133
Alphonse, Pashi 147
Amado, Filipe 340, 357
AMANGOLA - Amigos do manifesto
Angolano 705
Amaro, António Domingos 36, 58, 87, 166,
298, 386, 405
Ambrósio, António dos Santos 541, 600,
678-9, 691
Ambrósio, Mubemba 636
American Committee on Africa. *Ver ACOA*
Amony, Constantin 601
Anapaz, Mariana 116, 140, 146, 302, 370,
457
ANC - African National Congress 687
Andrade, Fernando da Costa 546, 590
Andrade, Joaquim Pinto de 19, 75-6, 428,
511, 540, 739
Andrade, Joaquina 370
Andrade, Jorgelino 342
Andrade, Júlio de 340
Andrade, Mário Pinto de 31, 37, 71, 85-6,
171, 179, 184, 201, 213, 220, 223,
229, 232, 237, 254, 261, 267, 274,

*Neste volume o Índice Remissivo não abrange o texto de Introdução.

- 291-2, 296, 300-1, 308, 312, 320, 339-46, 367, 369-70, 380-2, 391, 402-7, 488, 504, 513, 515, 528, 554, 661, 684-6, 712, 721-2, 733-4
- André, Mvila 214
André, Vita 535, 711
Antoine, Menga 232
Antoine, Minga 405-6, 430
António, Agostinho 229
António, Armando 371, 631
António, Bernardo 601
António, Fernando 632
António, Ferreira 356
António, João 229, 298
António, Jorge 229
António, Luciano 601
António, Manuel 633
António, Santos 356
António, Sozinho 633
Araújo, Augusto Germano 59, 87, 357, 406
Arriaga, Kaulza de 19
Arsénio. *Ver Mesquita, Arsénio José Lourenço*
Assembleia Mundial da Juventude (Aarhus, Julho 1962) 626
Associação de Jornalistas Afro-Asiáticos 146, 150, 165
Associação dos Assorongos de Angola 709
Associação dos Estudantes Africanos 26, 28-9
Assoreira, Miranda 149, 151, 162
Augusto, César 506
Augusto, José César 356, 634
Augusto, Monteiro 232
Augusto, Sousa 229
Azevedo, Custódio de 689
Azevedo, José Lima de. *Ver Lima de Azevedo, José*
Azevedo Júnior, Luiz de 62, 67, 146, 198, 212-3, 316, 334, 339, 370, 450-1, 593, 631, 645, 684, 736
- B**
- Bacho, José 634
Badinka, K. A. 50
- Bala, Jean-Pierre 217
Balombo, Mendonça 293
Bango, António 601
Baptista, Álvaro 229
Baptista, Inácio João 633
Baptista, João 596
Baptista, Santiago 633
Baptista, Zacarias João 357
Barata, Manuel 635
Barros, Arthur 471
Barros, Francisco Ramos 370, 430-1, 539, 631
Bastos, Augusto Thadeu Pereira 46, 101
Batsa, Kofi 531
Baya, António Miguel 22, 201, 302, 371, 396-401, 403-4, 406, 431, 448, 455, 463, 524, 617, 645, 736
Belo, Octávio 664
Ben Bella, Ahmed 21, 50, 86, 171, 173, 197, 199, 202, 274-5, 390, 483, 501, 532, 685, 721
Benedito, João Gonçalves 50, 52, 124, 143, 370, 431, 463, 505-6, 592-3, 632-3, 709, 714
Benedito, Miguel 228
Benguela, Victor 658
Benigno. *Ver Vieira Lopes, Benigno*
Bernardo, Francisco 568
Bernardo, José Domingos. *Ver Domingos, José Bernardo*
Bernardo, Manuel 299
Bernardo, Mateus 582
Bernardo, Nataniel 601
Bernardo, Samuel 506
Bissafi, Afonso 633, 717-8
Boal, Manuel Rodrigues 37, 307-8, 405
Boavida, Américo 76, 213, 229, 307-8, 391, 404-5, 734
Bode, João 634
Boigny, Houphouet 229
Bomboko, Ferraz 52, 284
Bomboko, Justin 185, 257, 343, 628
Bonda, Pascoal 634
Bopilu, Noel 601
- Borges, Augusto João 36, 166, 403
Boso 735
Bossier, Willem 720, 723
Bourguiba, Habib 202
Bragança, Aquino de 685
Brandão, Pais 193
Braz, Emílio de 506, 632
Brito, Manuel 62
Brot fur die Welt 26
Buika, François 356
Buity, Matias 371, 430-1, 634
Bungo, Zacarias 634
Bwiji, Alberto 601
- C**
- Cabral, Amílcar 512, 514, 645, 655, 685
Cabral, Fidelis. *Ver Almada, Fidelis Cabral de*
Cabral, Vasco 294-5
Cadete, Aristides Mateus 356, 371, 396, 398-9, 403-4, 406-7, 431, 506, 519, 592, 597, 631
Caetano, Augusto 568
Caetano, Jacob 151, 153, 166, 228, 303, 371, 431-2, 506, 568
Caiado, Mendes 537
Cajindungo 156
Caleia, António Tiago 359
Canhoca, Domingos 298
Canhonga, João 148
Capache, Miguel 518, 635
Caparongo, Lázaro 632
Capita, António 635
Capita, João 709, 710
Cardoso, Joaquim 228, 371, 491, 506, 633
Cardoso, Moisés (Kamy) 489, 494, 631
Cardoso, Paulo 658
Cardoso, Zacarias 100-1
Carlos, Adriano 633
Carlos, Manuel Fernandes 148
Carneiro, Januário da Costa 356
Carneiro, Maria 370, 457
Carneiro, Teresa 340, 342
Carnoth, Carlos Manuel 592, 691
- Carnoth, Manuel. *Ver Carnoth, Carlos Manuel*
Carreira, Henrique Teles (Iko) 145, 164, 216, 221, 228-9, 370, 379, 395, 431, 463, 631, 717, 736
Carreira, Iko. *Ver Carreira, Henrique Teles (Iko)*
Carreira, Maria Ilda Teles 59
Carvalho, Job de 600, 636
Carvalho, José Mendes de 371, 503, 505, 519-20, 529, 532, 633, 665
Casimiro, José 356, 633
Casimiro, Miguel 708
Casimiro, Nicolau 635
Cassanga. *Ver Kassanga, Marcos*
Cassanji, Manuel 298
Cassule, Agostinho Moisés 356, 370, 430
Castro, Daniel Gomes de 122
Castro, Fidel de 369
Catoala, Inácio. *Ver Katuala, Inácio*
CEA - Centro de Estudos Angolanos 18, 573, 575-81, 702
Célestin, Ngungu 518
Centro de Estudos Angolanos. *Ver CEA*
Certa. *Ver Macedo, António Rebelo de*
César, Augusto Manuel 632
Chatoula, Albert 222
Che Guevara, Ernesto 520
Chen Yi 447
Chikomba, Ievenare 601
Chikoti, Mateus 666
Chimpolo, Zacarias 518
Chimuiza, José 601
Chipenda, Daniel Júlio 58, 87, 167, 213, 232, 263-4, 271, 303, 317, 324-5, 327, 335, 337, 339-40, 346-7, 351, 362, 364, 370-1, 378, 396, 430-1, 445, 451, 485, 524, 568, 586, 594-5, 631, 670-1, 686, 695
Chipenda, Jessé 293
Chipenda, José Belo 46-7, 101, 115-6
Chivala, Samuel. *Ver Tshivala, Samuel*
Chona, M. 532, 686
Chu En Lai 447
CIA - Central Intelligence Agency 548, 556
Cirilo. *Ver Silva, Cirilo da Conceição*

- Cisoka, Manteigas Luís 708
- Citangua, Ernesto 708
- CLSTP - Comité de Libertação de São Tomé e Príncipe 512, 514, 625
- CNA - Comissão Nacional de Angola 589-92
- Cochi, João 595
- Comissão Nacional de Angola. *Ver CNA*
- Conceição, Ciel da 356, 370, 396, 398-9, 402-3, 406, 431, 461-2, 506, 631, 670-1, 686, 695
- Conceição, Salvador da 506, 631
- CONCP - Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas 18, 20, 81, 141, 201, 320, 323-4, 391, 405, 429, 488, 511-5, 625, 685, 688
- Conde, Bartolomeu 634
- Condes, Pais Pedro 355, 506
- Condessa, António José 302, 324-5, 327, 335, 337, 339, 346-7, 351, 371, 378, 396, 430-1, 445, 451, 485-6, 594, 631, 734
- Conferência Afro-Asiática (Bandung, Abril 1955) 447
- Conferência Afro-Asiática dos Escritores (Cairo, Março 1962) 626
- Conferência constituinte da Associação de Jornalistas Afro-Asiáticos (Djakarta, Abr. 1963) 140, 146, 150
- Conferência constituinte da OUA (Addis Abeba, 18 Maio 1963) 67, 163, 165, 171, 173, 175-6, 178-81, 186-7, 195, 200, 206, 208-10, 222-4, 236, 242-3, 248-50, 261, 273, 310, 327, 329, 338, 352, 367, 369, 375, 377, 391, 413, 482, 495-6, 516, 544, 550, 556, 567, 570, 600, 620, 626, 678
- Conferência da Juventude Jugoslava 387
- Conferência da OUA (Lagos, Fev. 1964) 453, 456, 501, 503, 505, 507-8, 510, 516, 524, 527, 531, 566-7, 588, 604, 616, 619, 620-1, 626, 644
- Conferência das Mulheres da África Ocidental (Conakry, Jun. 1961) 626
- Conferência da União Africana e Malgaxe 86
- Conferência de Addis Abeba. *Ver Conferência constituinte da OUA (Addis Abeba, 18 Maio 1963)*
- Conferência de Chefes de Estado (Lagos, Jan. 1962) 463, 625
- Conferência de Dakar (Ag. 1963). *Ver Conferência dos Ministros dos Negócios Estrangeiros Africanos (Dakar, Ag. 1963)*
- Conferência de Dar-es-Salam 403, 644
- Conferência de Estados Africanos Não-Independentes 547
- Conferência de Quadros do MPLA (Brazzaville, 3-10 Jan. 1964) 299, 300, 302-3, 309, 312, 317, 327, 354, 370, 372-3, 382, 393-4, 396, 399, 402-3, 405, 408-10, 412, 414, 423-4, 426-8, 431-2, 434-6, 444, 446, 448-9, 451, 453, 456-8, 464, 479, 516, 526-7, 535, 538, 560-1, 563, 598, 661, 676, 687, 715-6
- Conferência de Solidariedade Afro-asiática (Argel, Mar. 1963) 626
- Conferência de Solidariedade Afro-asiática (Conakry, Abr. 1960) 626
- Conferência de Solidariedade Afro-asiática (Moshi, Abr. 1963) 626
- Conferência do PAFMECSA 76, 91
- Conferência dos Artistas e Escritores Negros (Paris, 1957) 626
- Conferência dos Artistas e Escritores Negros (Roma, 1959) 626
- Conferência dos Chefes de Estado Africanos (Addis Abeba). *Ver Conferência constituinte da OUA (Addis Abeba, 18 Maio 1963)*
- Conferência dos Chefes de Estado Africanos (Addis Abeba, 18 Maio 1963). *Ver Conferência constituinte da OUA (Addis Abeba, 18 Maio 1963)*
- Conferência dos Chefes de Estado Africanos e Malgache (Monróvia, Mai. 1961) 625
- Conferência dos Chefes de Estado da UAM (Cotonou, Ag. 63) 626
- Conferência dos Chefes de Estado da UAM (Libreville, Set. 62) 626
- Conferência dos Chefes de Estado e de Governo da OUA (Cairo, Jul. 1964) 620, 644-6, 651, 654, 685-6, 692, 722
- Conferência dos Chefes de Estado e de Governo dos Países Não Alinhados (Cairo, Out. 1964) 682-4, 704
- Conferência dos Combatentes da Liberdade (Winneba, Jun. 1961) 626
- Conferência dos Combatentes da Liberdade (Winneba, Jun. 1962) 626, 628
- Conferência dos Jornalistas (Indonésia, Abr. 1963) 33
- Conferência dos Juristas Afro-Asiáticos (Conakry, Out. 1962) 626
- Conferência dos Ministros dos Negócios Estrangeiros Africanos (Dakar, Ag. 1963) 273, 275, 296, 302, 310, 326, 332-3, 336-7, 342, 354-5, 391, 413, 451, 453-5, 496, 499-500, 527, 544-5, 567, 583-4, 586-7, 626, 644
- Conferência dos Ministros dos Negócios Estrangeiros Africanos (Lagos, Fev. 1964). *Ver Conferência da OUA (Lagos, Fev. 1964)*
- Conferência dos Movimentos Nacionalistas Angolanos 206, 207
- Conferência dos Países Não-alinhados (Belgrado, Set. 1961) 625
- Conferência Mundial da Mulher 387
- Conferência Nacional do MPLA (Léopoldville, 1-3 Dez. 1962) 18, 20-1, 37, 41-2, 48-9, 55, 61, 63, 68-9, 75, 77, 81-2, 117, 120-1, 131, 141, 148, 171, 176, 185, 227, 236, 244, 249-50, 267, 269, 288-9, 301-2, 342, 344, 362, 373, 378-82, 385, 387-90, 392-3, 395, 401-2, 409, 412, 415, 420, 422, 427-8, 456, 457-8, 525, 715
- Conferência Panafricana (Cairo, 1962) 626, 712
- Conferência Panafricana (Tunis, Jan. 1960) 282, 414, 626
- Conferência Panafricana da Juventude (Conakry, Maio 1962) 626
- Congo, José 616, 713
- Congresso da UGEAN (Rabat, Set. 1963) 564, 606, 662-4
- Congresso Nacional (Goa) 625
- Congresso Nacional da UNTA (1-4 Fev. 1964) 464-72, 587
- Congresso Nacional do Partido Democrático da Guiné 32
- Conselho de Libertação de Goa 625
- Conselho Mundial da Paz 502
- Conselho Nacional da Juventude Congoleza 132, 134, 135
- Convenção Política de Goa 128
- Cornélio, António João 356, 506
- Corpo Voluntário Angolano de Assistência aos Refugiados. *Ver CVAAR - Corpo Voluntário Angolano de Assistência aos Refugiados*
- Correia, Andrade 151, 162, 228
- Correia, Sebastião 149, 151, 634
- COSEC - Conferência Internacional de Estudantes 602-3, 626
- Cosme, Manuel Domingos (Cdte) 163, 599
- Costa, Álvaro Fonseca 356
- Costa, Daniel da 711
- Costa, Domingos da 594
- Costa, Eugénio Veríssimo da 521-2
- Costa, José da 631
- Costa, Maindo João da 355
- Costa, Maria Ruth Neto e. *Ver Neto, Ruth*
- Costa, Salvador da Conceição e 228, 506
- Costa, Santos 38, 65, 84
- Costa, Sozinho da 228
- Coxe, João Gonçalves 210
- Cristovão, Fortunato 632
- Cristovão, João 634
- Cristovão, Miguel 568
- Cruz, Maria Eugénia 22, 80, 140, 165, 167
- Cruz, Viriato da 22, 35-6, 41, 45, 64-5, 80, 85, 88-9, 118-9, 140, 146, 150-1,

165, 217-8, 220-2, 225-8, 236, 245,
249, 257, 277, 280, 288-9, 291, 298,
302, 308, 341, 343-6, 369, 378-80,
399, 402-5, 504, 513, 516, 525, 528,
530-1, 533, 543, 589, 596, 604, 618,
647, 649, 685, 687
CSA - Confederação Sindical Africana 470
CUNA 250, 313, 449, 526, 534, 594-5, 610
Custódio, Manuel 117, 120, 122
CVAAR - Corpo Voluntário Angolano de
Assistência aos Refugiados 25-30, 62,
92-3, 95-6, 143, 146-8, 166-70, 177,
181, 194, 263, 283, 300, 302, 308,
313-6, 322, 327-8, 330-1, 335, 337,
339, 352
CVAAR - Corpo Voluntário de Assistência aos
Angolanos Refugiados 370, 378, 384,
388, 392-3, 408, 411, 422, 431, 486-7,
499, 535-6, 539, 583, 592, 626-7,
667, 673, 690-1, 709-10, 718

D

Dambi, Pedro de Oliveira 595
Damião, Domingos 631
Damião, Sebastião 506, 633
Davezies, Robert 731
Davidson, Basil 531
Daycola, Jean-Claude 79
Débat, Alphonse Massamba 430
Delgado, Humberto 38, 82-3, 148
Diallo, Simon Mingiedi. *Ver Mingiedi, Simon Diallo*
Dias, Isaías Colombo 299
Dias, José Sebastião 582
Diasonama, André 471
Dibala. *Ver Sá, Rui Filomeno de*
Dinis, Artur 506, 634
Diogo, J. 22
Diogo, Lázaro António 359, 615-6
Diorei, Hamani 202
Disasi, Guido R. 266
Dito, Fernando 596-7
Dombe, François 471-2

Dombele, Bernard 232, 471, 531-2, 587, 595
Dombele, Ferdinand 214
Dombelo, Maurice 214
Domingos, António 355
Domingos, Bento Garcia 536
Domingos, Joaquim 151, 162, 633
Domingos, José Bernardo 35, 119, 140,
147-8, 167, 218, 221-2, 225-9, 236,
245, 249, 298, 344, 378, 402-3
Domingos, Miranda Marcelino. *Ver Marcelino, Miranda*
Domingos, Pedro 229
Dongala, Domingos 299
Dongala, Emile Mbide 232
Dossau, Antoine 471
Duarte, Abílio 488, 664
Duarte, Florentino 587, 616, 620
Duarte, Manuel 87
Dumba, Eduardo 601

E

Eber, John 488
Eduardo, Álvaro Castro 634
Eduardo, Álvaro Kapela 633
Eduardo, Johnny 214, 275, 721
Eduardo, José. *Ver Santos, José Eduardo dos*
Eduardo, Milokwa Casimiro 232
Eduardo, Pinock John 214
Eduardo, Pinock Johnny 685
Eduardo, Thomas 471
ELNA - Exército de Libertação Nacional de
Angola 585, 615, 617, 654, 657, 659
Emile Mbide Dongala. *Ver Mbidi, Emile Dongala*
Emílio, André 708
Emmanuel, Loureiro. *Ver Loureiro, Emmanuel*
Encontro dos Jornalistas do Mediterrâneo
(Set. 1963) 626
EPLA - Exército Popular de Libertação de
Angola 17, 23-4, 49, 53-4, 60, 73,
79, 122, 137-8, 142, 147-8, 151, 154-6,
158-9, 161, 166, 172, 177, 253-4,
265, 284-5, 299, 300, 302, 308, 316,

325, 345-6, 359-60, 371, 383-4, 388,
397-9, 401, 405-6, 408, 417, 421,
432, 452, 460, 536, 622-3, 709-10,
719, 733

Estago, Nicolau 633
Exército Popular de Libertação de Angola.
Ver EPLA

F

Faty, André 634
Faty, Felix 635
Faustino, Fernando 356
FDLA - Frente Democrática de Libertação de
Angola 173-4, 215-6, 219-20, 230-1,
235-6, 240, 242-3, 246-53, 257,
259-63, 267-9, 271-3, 277, 288-91,
303, 305-6, 308, 310, 342-3, 369-70,
372, 380-1, 391, 403, 405, 414-5,
449, 452, 467, 484-5, 497-9, 520,
524, 526, 528, 557, 595, 628
Federação Sindical Panafricana 538
Feliciano, Domingos 148
Fernandes, Abílio 371, 430
Fernandes, António 151, 159, 359
Fernandes, Eduardo 517
Fernandes, Faustino 631
Fernandes, Flávio 371, 396, 407-8, 431, 632
Fernando, Aníbal 632
Ferreira, José 228, 371, 431, 461-2, 486, 489,
491, 506, 515, 596, 634
Ferreira, José Rodrigues 383
Ferreira, Lourenço José 228, 370, 430, 593
Ferreira, Neves 211
Ferreira, Tomás Francisco 163, 606
Figueiredo, Capapelo 359
Figueiredo, Elísio de 101
Figueiredo, Fidelino Loy de 590, 640-1
FLING - Frente de Libertação Nacional da
Guiné 201, 342
FLN - Front de Libération National (Algérie)
484
Floribert, Filipe 356, 371, 396-401, 403-4,
406-8, 431, 506, 634

FMI - Fundo Monetário Internacional 109
FNLA - Frente Nacional de Libertação de
Angola 133, 164, 183-4, 187, 190-1,
201, 209-10, 212, 218, 224-6, 242,
247, 251-2, 255-8, 261-2, 265, 276-80,
283, 291, 325-6, 333, 335-6, 342-3,
345-6, 350-2, 365, 367, 369, 372,
376-7, 379, 411-3, 415, 452-3, 455,
459, 468, 482, 484-5, 496-9, 510,
514, 516, 524-5, 527-9, 543, 548-9,
555-8, 586-7, 589, 591-2, 604, 606-7,
616-9, 628, 636, 639-41, 643, 646-7,
651-2, 654, 659, 675-8, 686-8, 693,
699, 721-2
Fonseca, Manuel 635
Fortes, Armindo 46, 115
Fouka, Thomas 708
Foundou, Georges Mansianga 316
FRAIN - Frente Revolucionária Africana pela
Independência Nacional das Colónias
Portuguesas 625
França, António dos Santos 87
Francisco, Eduardo Manuel 632
Francisco, Job Manuel 356
Francisco, Jorge Albano 631
Franco, Bahamonde 110, 113, 115, 369
Freitas, Armindo de 232, 302, 406, 452
Freitas, Georges Manteya de 151, 218, 221,
225, 298, 303, 378
Freitas, Jorge. *Ver Freitas, Georges Manteya de*
FRELIMO - Frente de Libertação de
Moçambique 488, 512, 514, 625,
685
Frente Democrática para a Libertação de
Angola. *Ver FDLA*
Frente Nacional de Libertação de Angola.
Ver FNLA
Fret, José 664
FUA - Frente de Unidade Angolana 77, 81,
84, 101, 102, 105, 106, 107, 108,
142, 147, 166, 237, 484
Fuka, Antoine 471
Fuzinga, Augusten 601

G

Gabriel, Xaúmba 148
Gadimpovi, Pedro 214
Garcia, Daniel 356
Garcia, Manuel Pedro 229
Garcia, Martins 356
Garrido, Sebastião 87, 356, 506, 634
Gaspar, António Adão 635
Gaspar, João 356
Gaspar, Maria Luísa 25, 43, 340, 342, 345, 346, 362, 363
Gaspar, Oliveira Sebastião 568, 569
Gaspar Júnior, Sebastião 568, 569
Gaston, Benjamim 635
Gbenye, Christophe 266
Gizenga, Antoine 365, 498
Gomes, Alberto 231, 709
Gomes, António 518
Gomes, João 151, 153, 162, 593, 632
Gomes, José 228, 600
Gomes, Pedro Vicente 518
Gonçalves, André 633
Gonçalves, João 149, 151, 162, 506, 633, 634
Gonçalves, João António 229
Gonçalves, José Manuel 656
Gonçalves, Pierre Marie 471
Gosmo, Manuel 597
Goulart, João 656
Gourgel, Fernando Pio Amaral 214, 593, 617, 667, 711
Gouveia, Carlos 596, 632, 711
Governo Revolucionário de Angola no Exílio. *Ver GRAE*
Graça, Desidério da 25, 41, 85, 164, 221, 353-4, 362, 370, 395, 430
Graça, Mateus da 713
GRAE - Governo Revolucionário de Angola no Exílio 199-200, 209, 211-4, 217-9, 223-4, 229, 242, 246, 250-2, 255, 258, 274, 296-8, 305, 310, 314, 325, 329, 333, 335-6, 350-1, 372, 384, 386, 404, 409, 411, 413-4, 420, 429, 454, 459, 479, 482, 484-5, 501,

513-4, 516, 527-31, 555, 585, 593-4, 604, 616, 618-9, 628, 636-41, 643-52, 654-60, 666, 673, 677, 684-8, 691-4, 699, 704-5, 709, 721-3, 757

Grenfell, David 351
Guinapo, Armando 357

H

Haller, Maria de Jesus 488
Hassan II 92, 141, 199, 324, 382
Henda (Cdte). *Ver Carvalho, José Mendes de*
Hoji, Keve. *Ver Lara, Lúcio*
Howe, Russel Waren 278
Humberto, João 148
Hurts, Jorge de Andrade 29, 347
Hussler, Georg 29

I

Ilídio, David José 355
Ilunga, Berton 601
Ima, Januário 635
Imala, André 601
Inácio, Catuala Manuel. *Ver Katuala, Inácio Manuel*
Inácio, Jacob Hosi 708
Inácio, José 658
Infeliz, Jacinto 632
Inglês, Manuel Pereira 616
Inoke, Laure 601
Isaac, Estêvão 666

J

Jacob. *Ver Caetano, Jacob*
James, Daniel 79
JDA - Juventude Democrata de Angola 133, 134
Jemesse, Gongga 229
Jesus, Luzia de 340, 342
Jesus, Manuel Pereira de 356
JFNLA - Juventude da Frente Nacional de Libertação de Angola 133

JMNR - Jeunesse du Mouvement National de la Révolution 667, 700

JMPLA - Juventude do Movimento Popular de Libertação de Angola 41, 58, 116, 131-4, 144, 147, 166-7, 177, 180-1, 263-5, 270-1, 302, 308, 318-9, 325, 327, 337, 370, 385, 387, 393, 402-4, 431, 458-60, 487, 535, 539-40, 573, 603, 605-6, 613-5, 647, 649-50, 668, 673, 695, 700-1, 703-4

João, António 149, 151, 162, 633

João, Cornélio António 633

João, Jacob Caetano. *Ver Caetano, Jacob*

João, Manuel 298

Joaquim, David Domingos 356

Joaquim, Filipe 370

Joaquim, Vicente 356, 634

Job, Fernando Mussunda 592, 713

Johnson, Lyndon B. 108

José, António Pascoal 355

José, Manuel 299

Júnior, Jacob Caetano 228

Júnior, Luiz de Azevedo. *Ver Azevedo Júnior, Luiz de*

Júnior, Paulo. *Ver Miguel Júnior, Paulo*

Júnior, Paulo Miguel 228, 431, 633

Júnior, Sebastião Gaspar. *Ver Gaspar Júnior, Sebastião*

Junqueira, Alberto 149, 156-7, 161-2

Junqueira, Alfredo 632

JUPA - Juventude de União das Populações de Angola 133, 458-9

Juventude da União das Populações de Angola. *Ver JUPA*

Juventude Democrata de Angola. *Ver JDA*

K

Kabilo, Muke 601

Kabuite, Honoré 601

Kafala, Rafael 631

Kafundanga, José 148

Kahongo, Jean 601

Kalanda, Mabika 149, 195, 200, 223, 257

Kalayani, Marie-Rose 78

Kaleia, José (Cdte) 597, 599

Kalundungo, José 646, 652, 654, 657, 687-8, 708

Kalwuiji, Jerome 601

Kambanza, Domingos Sebastião 633

Kambona, Oscar 229, 514

Kamitatu, Cléophas 184, 195, 414, 628, 677

Kamy, Moisés Cardoso. *Ver Cardoso, Moisés (Kamy)*

Kanga, Eduard 210-1

Kangjai, Litanin 601

Kangombe, Martins 708

Kanyombo, Johon 601

Kapela, Emmanuel 79

Kapitao, Antoine 79

Kapitao, Jean 79

Kapitao, Jean-Baptiste 471

Kasa-Vubu. *Ver Kasavubu, Joseph*

Kasapa, Jean 601

Kasavubu, Joseph 91-2, 195, 322, 324, 337, 595, 654, 678, 689, 713

Kassanga, Marcos 34, 174

Kassinda, André Martin 34, 174

Kassoma, Neves 708

Kassule, Moisés 634

Katoala, Inácio 633

Katoko, João Cabando 149, 151, 162

Katuala, Inácio Manuel 356, 371, 396-400, 403, 406-7, 431, 506

Katy, Emile. *Ver Lara, Lúcio*

Kaunda, Kenneth 532

Kavienge, Roger 601

Kawema, Isaías 703

Kaziluki, Augustin 216-7

Keita, Modibo 202

Keniatta, Jomo 115

Kennedy, John 108

Keto, Véronique 472

Kiala, Afonso 357

Kiangala, André Monteiro 210

Kiano, Eduardo 302, 709-10

Kidd, Jacob 633

Kiese, Ferdinand 471

Kinombe, Kikaya 599, 624

Kiwewa, Antoine 62

Koinage 203
Koji, Jaime 601
Kounzika, Emmanuel. *Ver Kunzika, Emmanuel*
Kukia, Clément 471
Kumba, João 634
Kunfunda, Henri 232
Kunfunda, Thomas 471-2
Kunzika, Emmanuel 214, 342, 510, 586-7, 642, 660
Kuvinga, José 599, 624
Kyta, Toto Toto 533

L

Lamba, Mathieu 601
Lança, Carlos 274
Lara, Ernesto 84
Lara, Lúcio 22, 31, 38-9, 41, 44, 58, 60, 65, 71, 76, 84, 92, 94, 144, 147, 151, 164-6, 174, 212, 221, 229, 247, 252, 293-4, 303, 307, 320, 323, 334, 339, 362, 370, 381, 395-7, 399-402, 404, 406-8, 430-1, 446, 449, 463-5, 482-3, 490-1, 501, 505, 517, 519-20, 523, 525, 529-30, 547, 552, 559, 561, 565, 571, 597, 631, 670, 689, 712-3, 717, 727-31, 733, 735-6
Lara, Ruth 39
Larhizi, M. 382
Lázaro, Salomão 708, 713
Leão, Mateus Miguel 359
Legum, Colin 280
Lello, José (Cdte) 597, 599, 634
Lemos 265
Lenge, João 231
Lengema, Carlos 666
Lengue 216, 534, 595, 689, 710
Levi, Malite 601
LGTA - Liga Geral dos Trabalhadores de Angola 655, 722
Liahuca, José João *Ver Liahuka, José João*
Liahuka, José João 459, 587, 596, 616, 636, 639, 645, 654, 657, 687, 708.

Liahuka, Maria Virgínia de Amorim 708
Liga de Goa 625
Lima, Jorge 340
Lima, Manuel dos Santos 24, 31, 37, 41, 53, 82, 140, 142, 144, 148, 166, 213, 221, 223, 229, 244-5, 308, 342, 370, 379, 380, 382, 384, 391, 405-6, 734
Lima de Azevedo, José 546, 590, 656
Lissouba, Pascal 430
Lobota, Francisco 634
Loliki, E. 259
Lopes, António 506
Lopes, Benigno Vieira. *Ver Vieira Lopes, Benigno*
Lopes, Cruz Sebastião 582
Lopes, Domingos 632
Lopes, Gonçalo Luís 151, 162
Lopes, João 582
Lopes, João Vieira. *Ver Vieira Lopes, João*
Lopes, Joaquim Dias 717
Loureiro, Emmanuel 232, 246, 269, 520
Lourenço, Abel 356, 506, 634
Lourenço, António Daniel Damião 356
Lourenço, Damião 634
Lourenço, João 356, 506
Lourenço, Mesquito Arsénio José. *Ver Mesquita, Arsénio José Lourenço*
Louro, António 656
Lubanzadio, Julienne 79
Lubota, Francisco 717
Lucienga (Cdte) 665, 714
Luemba, Gustavo 635
Luís, Gonçalo 149, 151, 162
Luís, Gonçalves 568
Luiz, Domingos 616
Lukipu, Alexandre 521
Lumumba, Patrice 266, 473, 476, 541, 545
Lundav, Sebastien 79
Lundoloki, Jean-Pierre 472
Lunete, Mussuele 601
Lusachy, Mathieu 601
Lussala, Daniel 371
Lutonadio, Pedro 79
Lutu, Agnès 79

Luvualu, Maurice 472
Luvualu, Pascal 216, 232, 465, 471-2, 485, 510, 587, 595, 689
Luyindula, Simon 232, 471
Luzolo, Miguel 232, 472

M

MAC - Movimento Anti-Colonialista 625
Macedo, António Rebelo de 363, 370, 735
Macedo, Henrique 193
Macedo, Joaquim 193
Machado, Francisco de Assis 371
Machado, Ilídio 428
Machas, Mathieu 601
Mafu, Simon 601
Mafuta, Madeleine 472
Magalhães, António 63
Mahinga, João 149, 151, 162
Mainhertz, Bernard 658
Major, Jaime Campos 359
Maka, Dia 148
Makangu, James 471
Makaya, Francisco 598, 624
Makina, Jean 601
Makodia, Emmanuel 78, 471
Malala, Disimacia 601
Maldoror, Sara 33
Malheiro, Garcia Faustino 210
Maluta, Gaston 471
Mandazi (Cdte) 659
Mangumbo, Manuel 359
Manhertz, Bernhard 655
Manhertz, Ernhard 722
Manico, João José 632
Mankenda, Samuel 79
Mankou, Eugène 686
Manuel, Alexandre José 356
Manuel, António 632, 634
Manuel, Castro 634
Manuel, David 355
Manuel, Domingos 299, 708
Manuel, Filipe Joaquim 357
Manuel, Gomes 632
Manuel, Jacinto 541, 600, 632, 636, 679, 691
Manuel, Jacinto Domingos 533
Manuel, José 298, 582, 631-4
Manuel, José Sebastião 359
Manuel, Miguel 357, 632
Manuel, Muenu 601
Manuel, Pedro 371, 396, 407, 431, 632
Mao Tsé Tung 448
Maquengo, José 633
Marcelino, António Barata 211
Marcelino, Miranda 123-5, 151-2, 159-60, 162-63, 736
Marcos, João 537, 631
Marcum, John 258
Maria, Adolfo 106
Maria de Jesus. *Ver Haller, Maria de Jesus*
Maroff, Aschar 337
Marques, Elias 536-7
Martin, Sanda 214, 660
Martins, César 371
Martins, Cesário 63
Martins, Feliciano 340, 342
Martins, Filipe 370, 396-8, 400-2, 404, 407-8, 431
Martins, Inocêncio 303, 371
Massambo, Pedro 708
Masseмба-Débat 480
Mateus, Domingos 568, 634
Mateus, Samuel 229
Mateus, Vasco 533
Matias, Paulo 228
Matos, Norton de 104
Matumona, Antoine 184, 279
Matussura 635
Maurice, Nicolet 64
Mavuba, Emmanuel 471
Mavunza, Ferdinand 471
Mayembe, Francisco 213, 231-2, 391, 534
Mbala, Jean-Pierre 250, 262, 381
Mbay, André 601
Mbidi, Emile Dongala 79, 232, 471
Mbuila, Policarpo 371, 431
Mbumbo, Inácio 599

- Mbundo, Inácio 624
MCF - Movement for Colonial Freedom 281, 488
MDIA - Movimento de Defesa dos Interesses de Angola 135-6, 207-9, 215-7, 219, 223, 235-6, 248, 250, 253, 259-60, 273, 275, 290, 381, 610
Medina, Antoine 246
Melinda, Odette Mafuta 79
Melo, Aníbal de 31, 41, 145, 164-5, 213, 221, 370, 395, 431, 571-2, 595, 597, 631, 734, 736
Mendelson, John 488
Mendes, António 371
Mendes, Daniel 518-9, 634
Mendes, José (Cdte Henda) 731, 736.
Ver Carvalho, José Mendes de
Menehungo, Gomes João 124
Menehungo, Julieta João 124
Menezes, António 228, 263-4, 371, 430
Menezes, António de 633
Menezes, Hugo de 505
Menga, Alphonse 303
Meno, Pascoal 124
Mesquita, Arsénio José Lourenço 356, 371, 431-2, 592-3, 600, 636, 679, 691
Miala, Garcia Ne 246
Miguéis, Matias 22-3, 35, 41, 45, 64-5, 80, 85, 88, 118-9, 139-40, 142, 146, 150, 165, 167, 218, 221-2, 225-8, 236, 245, 249, 298, 302, 344, 378, 382, 399, 402-5, 596, 645, 685
Miguel (Soba) 371
Miguel, Correia Manuel 229
Miguel, Domingos 615
Miguel, João Domingos 632
Miguel, José 36, 120, 122, 166, 219, 221-2, 225-8, 236, 249, 298, 303, 344, 378, 402-3
Miguel, Luís 36, 117, 120, 122, 166
Miguel, Manuel 229, 232
Miguel, Manuel (Soba) 63
Miguel, Samuel 631
Miguel, Timóteo 58, 264, 370, 631
Miguel Júnior, Paulo 371
Milton, Mvulu Pierre 232, 595
Milton, Putuilu José 210-1
Mingiedi, Simon Diallo 207, 217
Miranda, António 537, 632
Miranda, Fernando 151, 162, 228, 633
Miranda, Muinga. *Ver Muinga, Miranda*
MJOA - Movimento da Juventude Operária Angolana 78, 469
MLEC - Movimento de Libertação do Enclave de Cabinda 223, 290, 628
MLGC - Movimento de Libertação da Guiné e Cabo Verde 625
MNA - Movimento Nacional Angolano 174, 213, 215-6, 219, 223, 231-2, 235-6, 240, 248, 253, 259-62, 273, 290-1, 380-1, 391, 415, 534, 610
MNC/Lumumba - Movimento Nacional Congolês/Lumumba 266, 557
Mocumbi, Pascoal 488, 531
Mondlane, Eduardo 512, 514, 531
Monteiro, António Marques 632
Monteiro, Augusto 232
Monteiro, Carlos Alberto 370, 396, 431
Monteiro, Carlos Alberto (Totoy) 396-8, 401, 403-4, 407-8, 631
Monteiro, Garcia Henrique 210
Monteiro, Morais 229, 299
Morais, Adolfo de 371, 431
Morais, Cristóvão de 546
Morais, Manuel 632, 679, 691
Moreira, Adriano 102, 105-6, 108
Mourão, Fernando 656
Mpiasa, Joseph 79
Mpika, André 174, 316, 318, 321, 340
Mputwilu, José 246
Mubau, Pascoal 149, 151, 153, 156
Mubemba, António 541, 600, 632, 679, 691
Muchima, François 601
Muchinenu, Jeanen 601
Muchishi, Gabriel 601
Muinga, Miranda 43, 568-9, 632
Muhunga, Ambroise 297
Mukapa, Jeorge 601
Mukolombi, Damien 601
Mukumbi, Pascoal 531
Mulele, Pierre 530
Mulinda, António 601
Mulonga, Basile 601
Mulumbi, Joel 601
Munongo, Godefroid 689-90
Mupe, François 601
Mushitu, Pierre 601
Mutemba, Antanase 601
Muwutu, Lesesu 601
N
Nações Unidas. *Ver ONU*
NATO - North Atlantic Treaty Organization. *Ver OTAN*
Ndimba, Baptista. *Ver Ndimba, Manuel Baptiste*
Ndimba, Manuel Baptiste 210, 246
Ndiwu, André Jules 79
Ndongala, Garcia 471
Ndundu, Vital 585
Nekongo, João Zombo 371, 631, 679, 691
Nelumba, Maria 370, 430, 457
Nelumba, Simão 370, 430, 431, 709
Neto, Agostinho 18, 25-9, 37-8, 41, 47-8, 68, 82, 85-6, 89-92, 99-100, 116-7, 119, 122-3, 126, 139, 142, 148-9, 166, 182, 185, 187, 190, 196, 210, 212-3, 216, 220-1, 222-3, 229, 232, 2389-40, 243, 252-3, 257, 259, 263, 267, 277, 280, 286-7, 289-90, 292-3, 299, 301, 303, 307, 311, 334-6, 338, 341-6, 350, 355, 365, 370, 379, 382, 395-7, 405, 430, 432, 448-50, 453, 456-7, 460-1, 473-4, 479, 486-9, 500-3, 512-4, 519, 522, 524, 528, 531, 554, 557, 565, 581-2, 596, 616-7, 628, 631, 641, 643, 666, 695, 721
Neto, Ana Simão 115
Neto, Andrade Pedro 615
Neto, António Africano 400, 403, 405
Neto, Irene 303
Neto, José Sobrinho 632
Neto, Lucila Ivelize S. 635
Neto, Mateus 116
Neto, Rosário 213-4, 617
Neto, Ruth 29, 59
Neves, António 633
Neves, Joseph Carlos 79
Neves, Manuel Joaquim Mendes das 214
Ngoma, Joaquim 371, 431
Ngoma, Zacarias Ilário 521
Ngonga 371
Ngugo, Meleka 601
Nguimbi, António 521
NGWIZAKO - Ngwizani a Kongo 210-1, 215, 219, 223, 232, 235, 240-1, 246, 248, 250, 253, 259-62, 273, 275, 290, 381, 415, 555, 595
NGWIZANI. *Ver NGWIZAKO*
NKrumah, Kwame 67, 185, 202, 414, 430, 504-5, 524, 531-2, 626, 628, 677
Nkumba, Johnny Fletcher. *Ver Benedito, João Gonçalves*
Nogueira, Franco 197
Nolo, Daniel 231
Norbert, Kiatalwa 214
Nordmann, Joe 482
Nsikalangu, Adolphe 471
Nsingy, Laurent 318, 340
Ntchiendo, Roque Manuel. *Ver Tchiendo, Roque Manuel*
NTOBAKO 271, 484, 595
Nunes, António 87
Nunes, Jovita 264, 738
Nyamuna, Laurent 601
Nyani, Marcolino 708
Nyerere, Julius 202, 229
Nzumba, Sidonie 471
Nzuzi, Pascal 471
O
OAS - Organization de l'Armée Secrète (Argélia) 104, 112
Octávio, Fernando 346, 664
Odakw, Samuel 259

Odete, Cristina 370, 431, 457-8, 635
 OIT - Organização Internacional do Trabalho 466
 Oliveira, Ambris de 634
 Oliveira, Domingos de 228, 506, 634, 736
 OMA - Organização da Mulher Angolana 58, 116, 148, 177, 302, 310, 370, 385, 387, 392, 431, 457-8, 518, 595, 626, 668-9, 673, 681-2
 OMS - Organização Mundial da Saúde 670
 ONU - Organização das Nações Unidas 18-20, 46, 86, 102, 109, 113, 119, 127, 137-8, 173, 176, 208, 286, 337, 374, 390-1, 411, 413, 429, 454, 466-7, 469, 476, 478-9, 524, 531-2, 575, 603, 617, 626, 659-60, 683-5
 Carta das Nações Unidas 129, 283, 622, 683
 Comité dos Sete 18, 19
 Comité Especial 209
 Conselho de Segurança 21, 119-20, 173, 273, 286, 413
 Declaração Universal dos Direitos do Homem 208, 283, 547, 622
 Organização da Unidade Africana. *Ver OUA*
 Osakwe 259
 OTAN - Organização do Tratado do Atlântico Norte 19, 102, 110, 113, 280, 304, 412, 467, 474, 573, 591, 625, 672-3, 696
 OUA - Organização da Unidade Africana 209, 258, 262, 276-7, 324, 332-3, 336-7, 347, 352, 377, 391, 412-3, 420, 422, 429-30, 451-2, 454-5, 464, 468, 477-9, 484, 486, 495, 497-8, 501, 503, 508, 510, 514, 516-7, 524, 539, 543-5, 566-7, 570, 583, 598, 600, 603, 607, 621, 627, 629-30, 637, 646-7, 651-2, 654-7, 659-60, 675, 677, 679, 684-6, 688, 693, 699, 700
 Carta da Unidade Africana 190-1, 196, 203, 215, 241, 248, 259, 333, 338, 483, 495

Comissão de Conciliação 227, 229, 237, 242, 247, 250, 252-3, 259-63, 267, 287, 290-1, 296, 310, 326, 328, 342-3, 351-2, 367, 369, 372, 375-7, 379-81, 390-1, 402, 413-4, 422, 454, 477, 484, 513, 544-5, 584, 591, 643-4, 659, 721
 Comissão dos Três 671, 674-5, 678, 685-7, 699
 Comité de Coordenação para a Libertação de África 181, 202, 206, 223-5, 226-7, 255, 258, 275-7, 286, 332, 350, 375, 390, 414, 452-3, 459, 482-3, 485, 495-6, 503, 507, 548-9, 566-7, 604, 643, 652, 693-4, 699, 704
 Comité dos Nove 187, 209, 242, 247-8, 259-61, 342, 455-6, 468, 483, 497, 499, 502, 505, 508, 514, 524, 531, 548, 551, 557-8, 583-4, 587-9, 598, 600, 613, 616, 678, 687, 693-4, 704-5, 712
 Missão de Bons Ofícios 219, 239, 255-60, 273, 275-80, 286, 332-6, 452-3, 455, 468, 483, 496-500, 524, 528, 548, 557, 583, 629

P

Paca, Maneco 51
 Pacato, Sebastião 356
 Paciência, Afonso 634
 PAFMECSA - Movimento Panafricano da África Central, Oriental e Austral 76, 91, 203
 PAIGC - Partido Africano para a Independência da Guiné e de Cabo Verde 128, 201, 488, 512, 514, 546, 547, 558, 625, 645, 685
 Paím, Gelim 634
 Pais, Conde 633
 Pakato, Sebastião 594
 Panzo, Eduardo 634
 Panzo, Luiz 632
 Partido Democrático de Angola. *Ver PDA*
 Partido do Povo de Goa 625

Pascoal, Aleixo José 371, 430, 534-5, 537
 Pascoal, José 506, 709, 711
 Pascoal, José António 371, 431, 633
 Passos, Alberto de Jesus 340, 342, 346
 Passos, Emília 340, 342
 Paulo, Adão João 359
 Paulo, Amadeu João 359
 Paulo, João 299, 356, 582
 Paulo, Joaquim José 632
 Paulo, Sunda 307
 PDA - Partido Democrático Angolano 30, 34, 89, 150, 183-6, 188, 209-10, 224, 242, 250-2, 257, 278-80, 282, 296, 342-3, 376, 510, 527-8, 555, 586-7, 595, 617, 628, 640-1, 658, 660, 675-7
 PDG - Partido Democrático da Guiné 32
 Pedalé. *Ver Tonha, Pedro Maria*
 Pedro, Adriano 679
 Pedro, Adriano Carlos João 356, 371, 396, 398, 402, 431
 Pedro, Alexandre Magno 708
 Pedro, Chamilo João 356
 Pedro, Guilherme 632
 Pedro, João 298
 Pedro, João Baptista 313
 Pedro, José 299, 633
 Pedro, Maria Florinda 708
 Pedro, Mário 356
 Pedro, Muetsshenu 601
 Pedro VII 210
 Pereira, Aristides 512, 531
 Pereira, Carlos Veiga 341
 Pereira, Carolina 340, 342
 Pereira, João Baptista Traves. *Ver Traves, João Baptista*
 Pereira, José Maria 656
 Pereira, Luís 172
 Pereira, Luís Augusto 149, 151, 162
 Pestana, Carlos 370
 Peterson, Emmanuel 617
 PIDE - Polícia Internacional e de Defesa do Estado 39, 127, 166, 192, 341, 350, 469, 475, 540, 546, 590, 656, 703

Pimentel, José Marques 122, 142, 263-4, 370, 431, 631, 701
 Pinheiro, Patrícia 274
 Pinheiro, Patrícia McGowan 50
 Pinto, Matos 536-7
 Piocqua, Manbwana 586
 Pires, Inocêncio da Câmara 33, 75, 463, 595
 Pires, Jorge 42, 76, 78
 PLUA - Partido de Luta Unida dos Africanos de Angola 127
 Policarpo, Mbuila 633
 Pongi, Mateus 518
 Pongo, Pedro 536
 Punza, Manuel Quarta 370, 633, 710

Q

Quarta, Manuel. *Ver Punza, Manuel Quarta*
 Quashie, A. 686
 Quingando, José 713
 Quixi, António 631

R

Ramos, António 633
 Ramos, Barros 506
 Ramos, Oliveira 632
 Rangel, Francisco 263-4, 370, 431, 631
 Raptis, Michel 616
 Reunião da CONCP (Lagos, Fev.1964) 512-4
 Reunião de Dakar (Ag. 1963). *Ver Reunião do Conselho de Ministros (Dakar, Ag. 1963)*
 Reunião de Dar-es-Salam (Jun. 1963). *Ver Reunião do Comité de Libertação da OUA (Dar-es-Salam, Jun. 1963)*
 Reunião do Comité de Libertação da OUA (Dar-es-Salam, Jun. 1963) 181, 187, 212-3, 219, 223, 227, 237, 239, 242, 248, 252-3, 255, 257, 259-60, 290, 310, 332, 342, 375, 390, 402, 483, 503, 514, 544, 565-6, 583, 591, 604, 619

- Reunião do Comité dos Nove (Dar-es-Salam, Jun. 1963). *Ver Reunião do Comité de Libertação da OUA (Dar-es-Salam, Jun. 1963)*
- Reunião do Conselho de Ministros (Dakar, Ag. 1963) 277, 332, 336, 343, 495, 693
- Reunião do Conselho de Ministros da OUA (Dakar) 332-6
- Ribeiro, Alberto do Carmo Bento 340, 342, 345-7
- Roberto, Holden 81, 134, 155, 195-6, 212-4, 223, 257, 274-82, 287, 289-91, 312, 324-7, 333, 336, 341-5, 347, 351-2, 362, 365, 367, 369, 376-7, 379-80, 406, 446, 451, 457, 459, 468, 482-6, 505, 507, 510, 513-4, 516, 523-5, 527-8, 530, 534, 543-5, 548-9, 554-5, 582, 585, 593-7, 599, 600, 603, 606-7, 609, 613-4, 617-9, 628, 636, 639, 643, 645, 649-50, 654-5, 657-60, 679, 685-8, 691, 693, 706, 708, 711-2, 721-3
- Rocha, Carlos 33, 371, 431
- Rocha, Maria da 370, 430-1, 457-8
- Rodrigues, Deolinda 31, 142, 216, 221, 301, 303, 307, 339, 370, 399, 464, 595, 631, 710
- Rodrigues, Joaquim 172
- Rodrigues, Marques 229
- Roger, Mendes 709
- Rouleau, Eric 278
- Rúbio, Carlos da Paixão Franco 59, 340, 342, 346
- Rusk, Dean 108
- S**
- Sá, Rui Filomeno de 357, 370, 431, 506
- Sacala, Inácio Zau 229
- Sacilombo, Júlio Baião 708
- Sacramento, Ivette 342
- Sacramento, Octávio. *Ver Sousa, Octávio Sacramento de*
- Sahnoun, Mohamed 259, 686, 721
- Salazar, António de Oliveira 17, 19-20, 48-9, 66, 80, 82-3, 98, 104-5, 108-9, 111-5, 127-8, 137-8, 147, 166, 187, 191, 266, 286, 341, 360, 366, 467, 549, 573, 611, 619, 674, 714
- Samba, Sozinho 601
- Sambo, Próspero 635
- Sami, Augusto de Azevedo 709, 710
- Samose, Mendonça 708
- Santiago, Mário 87
- Santiago, Mário Afonso 264, 738
- Santos, António dos 371, 632, 678-9, 691
- Santos, Domingos dos 393
- Santos, Eduardo Macedo dos 37-8, 84, 85, 97, 143, 145, 274, 301, 370, 431, 463, 631, 645, 684, 686-7, 737
- Santos, Fernando João Dos 582
- Santos, Henrique de Carvalho dos 59, 357, 406
- Santos, Joaquim dos 582
- Santos, José Eduardo dos 87, 116, 264
- Santos, Kasakanga José dos 210
- Santos, Marcelino dos 512, 685
- Santos, Maria Judith dos 370, 396-8, 400-1, 404, 407, 431, 457-8
- Santos, Tomaz dos 120, 122
- SARA - Serviços de Assistência aos Refugiados Angolanos 636, 639, 645, 654, 657, 659, 687
- Saúde, Noé da Silva 303
- Sava, Jean 601
- Savimbi, Jonas Malheiro 34, 213-4, 293, 297-8, 342, 586-7, 595-7, 616-7, 636-7, 639-40, 645, 649, 654, 687-8, 708, 734
- Schmidt, Carlo 27
- Sebastião, Alberto J. 359
- Sebastião, Ângelo 632
- Sebastião, Gabriel 631
- Sebastião, José Gaspar 149, 151, 162
- Sebastião, José Maria 635
- Sebastião, Lenge Zoao 471
- Sebastião, Luciano 581
- Seke, Léonard 471
- Seminário dos Estudantes Angolanos (Genebra, 1964) 539, 586, 590, 592, 605, 646
- Seminário dos Jovens Trabalhadores sobre as colónias portuguesas (Casablanca, Abril 1962) 626
- Seminário Nacional da Juventude Angolana (Léopoldville, Abr. 1963) 126, 131-5, 166, 387, 459, 592
- Seminário sobre o êxodo rural (Cotonou, Nov. 1962) 626
- Sene, Alioune 259
- Senghor, Leopold Sédar 119-20, 202
- Serafim, Inácio 632
- Serrote, João 54
- Silakanku, Carlos 617
- Silva, Afonso Kelele da 536
- Silva, Cirilo da Conceição 223, 228, 264, 371, 396, 398, 400-1, 404, 407, 431, 573, 594-5, 597
- Silva, Domingos da (guerrilheiro) 149
- Silva, Domingos Francisco da (Rev.) 23, 31, 53, 63, 71, 116, 147-8, 151, 162, 164, 191, 194, 197, 199, 213, 216, 221, 239-40, 274, 302, 370, 395, 430, 432, 449, 451, 457, 463, 572, 631, 689-91, 733-4, 736
- Silva, Domingos Mateus da 568
- Silva, Mateus Domingos da 357
- Silva, Miguel da 351, 585
- Silva, Osvaldo Lopes da 294
- Silva, Pedro Lopes da 294
- Silva, Peres da 664
- Silva, Samuel 214
- Silvestre 406
- Simão, Joana 115
- Singi, François 471
- Sipata, Alberto 658
- Sitole, M. 532
- Slimane 733, 734
- Slimane (Cdte) 185, 382, 628
- Smith, Ian 549, 674
- Sobrinho, Pedro 303
- Sony, Roberto 601
- Sousa, Ivette Aragão y 25
- Sousa, Octávio Sacramento de 59, 340, 342
- Sousa, Pedro 356
- Sousa, Ribeiro de 634
- Souza, Maria Ivette 340
- Sozinho, Brito 311, 313, 371, 431, 449, 738
- SPD - Partido Social-Democrata Alemão 27, 28
- Spencer, Nicolau 37, 134-5, 356, 371, 396, 431, 506, 518, 534, 537, 631, 735
- Spiele, Maurice Philippe 307, 309
- Stanslau, Balu 356
- Stasnislaus, Barros 634
- Suami, Mateus André 60, 79-80
- Suca-Hata, Bernardo 634
- Suka, Bernardo 228
- Sukarno 114
- Sukarno, Ahmed 618
- Swali, Muzelenu 601
- T**
- Tabaka, P. 523
- Talamungongo 284, 581-2
- Tando, Domingos 43
- Taty, Alexandre 214, 585, 587, 597, 616, 631, 636
- Tavares, Graça da Silva 22, 45, 63-6, 119, 340, 342, 344-5, 378, 445
- Tavira, Noémia 58, 200-1, 203, 213, 300, 310, 391
- Tchiendo, Roque Manuel 228, 371, 396-7, 400-2, 404, 407-8, 431, 461, 486, 634, 701
- Tchiunfo, Jacques Casimiro 357
- Teixeira, Armando 631
- Teixeira, Matias 645
- Telli, Diallo 202, 501, 685-6
- Thuong, Nguyen 446
- Tiétié, Augustine 472
- Tito, José 216, 231-2
- Tito, Josef Bros 685
- Toca. *Ver Condessa, António José*

Tomás, António Jacinto 154, 161
Tomaz, Tshimika 371
Tonha, Pedro Maria 634, 680
Totoy. *Ver Monteiro, Carlos Alberto*
Touré, Boubakar 664
Touré, Sékou 202, 501, 685-6
Traça, Gentil Monteiro Abel 97, 170, 593
Travassos, Armando 633
Trinta, Samuel 708
Trujillo, Rafael 655, 722
Tsheleka, Iarkos 601
Tshiaka, Reny 601
Tshihiluka, Antanase 601
Tshihiluka, Ferdinand 601
Tshiji, Rafel 601
Tshikwa, Petelo 601
Tshilunda, André 601
Tshimpuati, Jorge 634
Tshimpy, Edouard 231
Tshinema, Pius 601
Tshinyamu, Raimundo 601
Tshipinda, Jacques 601
Tshiringueno, Paulo 303, 371, 430
Tshisesu, Jacques 601
Tshituwenu, Gaston 601
Tshivala, Samuel 601, 708
Tshiyako, Alberto 534
Tshombé, Moïse 658, 683, 688, 690, 713, 714

U

UAM - União Africana e Malgaxe 86, 91, 178, 391, 531, 626
UDENAMO - União Democrática Nacional de Moçambique 625
UGEAN - União Geral dos Estudantes da África Negra sob Dominação Colonial Portuguesa 345-6, 387, 511, 539, 542, 544, 546, 564, 589-91, 602-3, 606-7, 661-4
UGTA - União Geral dos Trabalhadores Angolanos 52
UIE 626, 663

UNEA - União Nacional dos Estudantes Angolanos 539, 602
União Africana e Malgaxe. *Ver UAM*
União das Populações de Angola. *Ver UPA*
União Nacional dos Trabalhadores Angolanos. *Ver UNTA*
UNTA - União Nacional dos Trabalhadores Angolanos 78, 174, 215-6, 219, 232, 235-6, 240-1, 248, 253, 259-62, 273, 290-1, 380-1, 415, 464-7, 471-2, 485, 510, 534, 537-8, 587, 595, 625
UPA - União das Populações de Angola 30, 34, 52, 89, 99-100, 106-7, 115, 134, 148-53, 155-6, 158-66, 173, 183-6, 188-9, 193, 197, 201, 203-5, 209-10, 213, 224, 242, 250-2, 257, 278-84, 286, 289-90, 293, 296, 298, 302-3, 315-6, 324, 342-4, 356, 365, 367, 369, 376, 378-9, 383, 385, 388, 398, 403, 407, 414, 418, 451, 456, 459, 482, 484-7, 504, 510-1, 519, 527-8, 530, 533-6, 539, 554-5, 558, 581, 585-6, 593-6, 599-600, 603-4, 606, 610, 614, 628, 636, 640-1, 645, 666, 668, 670, 675-7, 679, 709, 712-3, 717
UPC - União das Populações dos Camarões 531, 736
URGP 201
USPA - União Sindical Panafricana 470
UTONA - União dos Trabalhadores e Operários Negros de Angola 537-8
Uwa, Samuel 536

V

Valentim, Jorge 587, 616
Van Dúnem, Pedro 87, 263-4
Van Dúnen, Teodora 340, 342
Vaz, Rebocho 102, 105, 109
Ventura, João Manuel 148
Vergès (Advogado) 32, 150
Veríssimo, Eugénio 521-2, 634
Verwoed, Hendrik 49, 549
Viana, Ângela Maria 39

Viana, Gentil Ferreira 32-3, 37-9, 58, 140, 143-4, 201, 332, 343, 348-50, 353-4, 391, 403-5, 737
Vicente, Pedro. *Ver Gomes, Pedro Vicente*
Vicente, Sebastião 62
Vidal, Moanda 585
Videira, Manuel 37, 41, 84, 97, 370
Viegas, Artur 635
Vieira Lopes, Benigno 85, 144, 357, 371, 394, 430, 506, 634
Vieira Lopes, João 119, 307, 370
Vita, Moanda 62
Vumi 586

W

Waajite, Paul 601
Wachuku, Jaja A. 256, 259, 556-7
Wamana, Charles 601
Wamuke, Sylyven 601
War on Want 626
WAY - Assembleia Mundial da Juventude 126, 132-5, 166, 387, 459, 626
WCCH 28
Welensky, Roy 49, 549
Williams, Mennen 224, 556-7
Wischnowski 28
Wund (bispo) 28
WUS - World University Service 620

X

Xavier, Francisco 632
Xico, Pedro Manuel 149, 151, 153, 162

Y

Youlou, Fulbert 206, 213, 223, 238-9, 249, 267, 269, 290, 369, 381, 721-2
Yumbu, G. 190-1
Yuvula, Ernest 472

Z

Zangilo, Goumive 601
Ziki, Emmanuel 214
Zoa, Boniface 311
Zombo, Canga 582

steps to ensure that you will take
baba and I look forward very much to
there.

with my very best wishes for success in
struggle,

Yours very sincerely,

Kwame Nkrumah
(KWAME NKURUMAH)

Leopoldville, 18 de Julho de 1963



Boletim do Militante MPI N

LIBERTÉ POUR LE R.P. PINTO DE ANDRADE PRÉSIDENT D'HONNEUR DU M.P.L.A.



MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO
DE L'ANGOLA EN EXIL
«G.R.A.R.»
B. P. 2488 - Téléphone 4555
Brazzaville (République du Congo)

Elisabethivi

43/64 [REDACTED] SBD/SBD/-
FRONTE DEMOCRÁTICA PARA A
LIBERTACÃO DE ANGOLA

AS ORGANIZACOES ANIMAD MOTIVACIONAS

TO DA DEFESA DOS INTERESSES DO ANGOLA "M.P.L.A."
FRONTE NACIONAL ANGOLANO "M.P.L.A."
FRONTE DE LIBERTACAO DE ANGOLA "M.P.L.A."

le peuple du Congo et du monde.
L'après-midi, à Brazzaville
à la suite de la conférence de presse.

Je suis ravi de
recevoir de vous et de
C.V.A.A.R.
et secrétaire général de
l'organisation para a libertação



— vieta de Andrade, ancien chancelier de l'archevêché de Louvain, a été emprisonné une
— le 1963.

PRÉSIDENCE
DE LA RÉPUBLIQUE
DIRECTION DU CABINET

RÉPUBLIQUE DU CONGO
UNITE - TRAVAIL - PROGRES

N^o 7 973
11

Brazzaville, le 9 JUIL. 1963

Le Président de la République
Chef du Gouvernement

CORPO VOLUNTÁRIO ANGOLANO DE ASSISTENCIA AOS REFUGIADOS
CORPS VOLONTAIRE ANGOLAIS D'ASSISTANCE AUX REFUGIES
Organisation philanthropique d'Aide Méthodique aux Réfugiés Angolais
Siège (provisoire) 47, Avenue Touthoux de Tabora - Rue Pasteur 85b
LEOPOLDVILLE Monsieur le Représentant du Congo (ex-Belge)

António de Melo
Brazzaville

Notre rencontre à Brazzaville, en ré-
ponse à la lettre que je vous avais adressée, apparaît
comme un témoignage de notre attachement à l'unité
africaine, qui doit guider désormais tous
nos efforts, si nous voulons rester fidèles à l'esprit d'
la Conférence de Brazzaville.

Par décision du Premier Ministre de Léopoldville, arrêtée le 27
Octobre 1963, le siège du CORPS VOLONTAIRE ANGOLAIS D'ASSISTANCE AUX REFUGIES
est transféré de Léopoldville à Brazzaville.

MPLA
IN
BRAZZAVILLE



ENGLISH EDITION
VITORIA OU MORTE

M.P.L.A. Bulletin of Information
1964 - SPECIAL ISSUE
February 26 - April 1



February



Several events of last
year, having as their
purpose the recognition of
the MPLA, forced
to move its headquarters
into Brazzaville.
These events are too important
to be emphasized by
the press shown by

no concessões quinze
culores.

Vitoria ou Morte.

António de Melo

sending you for attention the attached
special message I have addressed to all
States and Governments in Africa concerning
the situation. You will agree no doubt that it is
now that we should have a common stand
towards the important issue confronting Africa now.

Abbé Fulbert UYUQUE

27.2.64

